



# TOM CLANCY

A SOMA DE  
TODOS OS MEDOS



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

TOM CLANCY

# **A SOMA DE TODOS OS MEDOS**

Formatação de LeYtor

CIRCULO DO LIVRO LTDA.  
Caixa postal 7413  
01065-970 São Paulo, Brasil  
Edição integral

Copyright © 1991 Jack Ryan Enterprises, Ltd. © 1992 Tom  
Clancy

Título original: *The Sum of All Fears*

Tradução: A. B. Pinheiro de Lemos

Capa: Murilo Martins

Obra licenciada para o Círculo do Livro Ltda. pela Distribuidora  
Record de Serviços de Imprensa S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composição: Círculo do Livro Impressão e acabamento: Gráfica  
Círculo

ISBN 85-332-1082-5

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1  
98 00 99 97

# AGRADECIMENTOS

Como sempre acontece, há pessoas a quem agradecer.

Russ, por suas aulas de física, penosamente pacientes (os erros são meus, não dele);

Barry, por suas percepções;

Steve, por sua orientação;

Ralph, por sua análise;

John, pelo aspecto jurídico;

Fred, pelo acesso;

Gerry, por sua amizade;

Muitos outros que ouviram minhas intermináveis perguntas e idéias — até as estúpidas;

E todos os homens de boa vontade que esperam, como eu, que se possa finalmente dobrar a esquina, e se mostraram dispostos a conversar a respeito.

*Para Mike e Peggy Rodgers, um marujo e sua dama e todos os homens e mulheres das Forças Armadas dos Estados Unidos, porque as idéias mais nobres sempre foram protegidas por guerreiros.*

"Ora, você pode pegar o mais bravo marujo, o mais intrépido aviador e o mais audacioso soldado, reunindo-os a uma mesa — o que você tem? *A soma de seus medos.*"

— WINSTON CHURCHILL

"Os dois contendores se encontraram, com todas as suas tropas, no campo de Camlan, para negociar. Os dois lados estavam bem armados e desesperadamente desconfiados de que o outro lado tentaria algum estratagema. As negociações corriam de um modo favorável, até que um dos cavaleiros foi picado por uma áspide e sacou a espada para matá-la. Os outros viram a espada ser desembainhada, e no mesmo instante se atacaram. Seguiu-se uma terrível carnificina. A crônica... ressalta o ponto de que a carnificina foi excessiva, em grande parte porque a batalha ocorreu sem preparativos e premeditação."

— HERMAN KAHN, *On Thermonuclear War*

# PRÓLOGO

## A FLECHA QUEBRADA

"Como o lobo no redil." Ao relatar o ataque sírio às colinas de Golan, ocupadas pelos israelenses, às quatorze horas, horário local, do sábado 6 de outubro de 1973, a maioria dos comentaristas recordou automaticamente a famosa frase de Lorde Byron. Também não há muita dúvida de que é justamente o que os comandantes sírios de propensões mais literárias tinham em mente quando deram os retoques finais nos planos das operações que lançariam mais tanques e canhões contra os israelenses do que qualquer dos glorificados generais *panzer* de Hitler jamais sequer sonhou ter à sua disposição.

Contudo, as ovelhas encontradas pelo exército sírio, naquele sombrio dia de outubro, eram mais parecidas com carneiros de enormes chifres no cio do outono do que com o tipo dócil que aparece nos versos pastorais. Em inferioridade numérica, mais ou menos na base de nove para um, as duas brigadas israelenses em Golan eram unidades de elite. A 7ª Brigada manteve o norte de Golan e mal se mexeu, sua rede defensiva um delicado equilíbrio de rigidez e flexibilidade. Os baluartes individuais foram defendidos com a maior obstinação, canalizando as infiltrações sírias para os desfiladeiros rochosos, onde as tropas inimigas poderiam ser isoladas e esmagadas pelos blindados israelenses, que se mantinham à espera por trás da Linha Púrpura. Quando os reforços começaram a chegar, no segundo dia, a situação ainda continuava sob controle... mas por pouco. Ao final do quarto dia, o exército de tanques sírio que atacara a 7ª Brigada se transformara em ruínas fumegantes.

A Brigada Barak ("Raio") defendia as colinas meridionais e foi menos afortunada. Ali, o terreno era menos apropriado à defesa, e ali também os sírios parecem ter sido comandados com mais competência. Em algumas horas, a Barak foi rompida em diversos



fragmentos. Embora cada fragmento provasse mais tarde ser tão perigoso quanto um ninho de víboras, as vanguardas sírias apressaram-se em aproveitar as aberturas e partiram em disparada para seu objetivo estratégico, o mar da Galiléia. A situação que se desenvolveu durante as trinta e seis horas seguintes foi o mais difícil teste das forças israelenses desde 1948.

Os reforços começaram a chegar no segundo dia. Tiveram de ser lançados na área de combate fragmentados — tapando buracos, bloqueando estradas, e até mesmo concentrando unidades que haviam se dispersado sob a pressão desesperada da batalha, fugindo diante do avanço árabe, o que acontecia pela primeira vez na história israelense. Só no terceiro dia é que os israelenses conseguiram concentrar seu punho blindado, primeiro envolvendo, e depois liquidando as três penetrações profundas dos sírios. Seguiu-se sem pausa a mudança para operações ofensivas. Os sírios foram rechaçados de volta à sua capital, por um violento contra-ataque, deixando para trás um campo coalhado de tanques incendiados e cadáveres dilacerados. Ao final desses dias, os soldados da Barak e da 7<sup>ª</sup> ouviram pela rede de rádio de suas unidades uma mensagem do alto comando das Forças de Defesa de Israel: *Vocês salvaram o povo de Israel.*

E foi de fato o que aconteceu. Contudo, fora de Israel, exceto nas escolas em que os homens aprendem a profissão das armas, essa batalha épica foi estranhamente esquecida. Como na Guerra dos Seis Dias, em 1967, foram as operações mais desenvoltas no Sinai que atraíram o entusiasmo e admiração do mundo: a travessia de Suez, a Batalha da Fazenda "Chinesa", o cerco do 3<sup>º</sup> Exército egípcio — e isso apesar das terríveis implicações da luta em Golan, um lugar muito mais próximo do território israelense. Ainda assim, os sobreviventes dessas duas brigadas sabiam o que haviam feito, e seus oficiais podiam se satisfazer com o conhecimento de que, entre os soldados profissionais, que sabem da extensão de competência e coragem que uma resistência assim exige, sua Batalha das Colinas seria lembrada junto com as Termópilas, Bastogne e Gloucester Hill.

Cada guerra tem muitas ironias, no entanto, e a Guerra de Outubro não foi exceção. Como costuma acontecer com as mais

gloriosas batalhas defensivas, aquela foi em grande parte desnecessária. Os israelenses haviam interpretado de forma errônea os relatórios dos serviços secretos; se tivessem agido de acordo com as informações apenas doze horas antes, poderiam executar os planos existentes e transferir reforços para as colinas de Golan, horas antes do início da ofensiva. Se isso acontecesse, não haveria nenhuma resistência heróica. Não haveria necessidade de que os soldados que guarneciam seus tanques e os homens da infantaria morressem em tão grande quantidade que se passariam semanas antes que os verdadeiros dados das baixas fossem liberados para uma nação orgulhosa, mas tristemente ferida. Se houvesse uma ação em decorrência das informações, os sírios seriam massacrados antes da Linha Púrpura, apesar de sua espetacular concentração de tanques e canhões... e há pouca glória no massacre. Esse fracasso do serviço secreto nunca foi explicado de modo adequado. O lendário Mossad fracassou totalmente, ao não perceber os planos dos árabes? Ou os líderes políticos israelenses não deram atenção aos avisos que receberam? Essas indagações foram formuladas na imprensa internacional, como não podia deixar de ser, mais particularmente em relação à ofensiva do Egito, com a travessia de Suez, que rompeu a gabada Linha Bar-Lev.

Igualmente grave, só que menos reconhecido, foi um erro mais fundamental, cometido anos antes pelo estado-maior israelense, quase sempre previdente. Apesar de todo o seu poder de fogo, o exército israelense não era fortemente equipado com artilharia de tubo, em particular pelos padrões soviéticos. Em vez de uma grande concentração de canhões de campanha móveis, os israelenses preferiram se basear num grande número de morteiros de curto alcance e no ataque aéreo. Isso deixou os artilheiros israelenses em Golan numa inferioridade de doze para um, sujeitos ao fogo implacável das baterias inimigas, e incapazes de proporcionar um apoio apropriado aos defensores assediados. Esse erro custou muitas vidas.

Como ocorre com a maioria dos erros graves, este foi cometido pelos homens dos serviços secretos, pelos melhores motivos. O mesmo caça de ataque que entrava em ação em Golan podia

despejar aço e morte sobre Suez apenas uma hora depois. A FAI foi a primeira força aérea moderna a dispensar uma atenção sistemática ao "tempo de retorno". As equipes de terra estavam treinadas para agirem com a mesma rapidez dos mecânicos de carros de corrida num *pit stop*, e sua velocidade e eficiência dobravam o poder de ataque de cada avião, convertendo a FAI num instrumento extremamente flexível e contundente. E fazer um Phantom ou Skyhawk voar o dobro de vezes parecia ser mais valioso do que uma dúzia de canhões de campanha móveis.

Mas os planejadores israelenses não levaram em plena consideração que eram os soviéticos que armavam os árabes, e assim incutiriam nos clientes suas filosofias táticas. Empenhados em enfrentar o poder aéreo da Otan, que sempre pareceu melhor do que o seu, os projetistas dos mísseis soviéticos terra-ar (SAM) sempre figuraram entre os melhores do mundo. Os planejadores *russos* encararam a Guerra de Outubro como uma esplêndida oportunidade de testar suas mais novas armas e doutrinas táticas. Não a desprezaram. Os soviéticos deram a seus clientes árabes uma rede de SAM como as forças norte-vietnamitas ou do Pacto de Varsóvia nem se atreviam a sonhar na ocasião, uma barreira quase ininterrupta de baterias de mísseis e sistemas de radar interligados, disposta em profundidade, além dos novos SAMs móveis, que podiam avançar com as vanguardas blindadas, ampliando a "bolha" da proteção antiaérea, sob a qual a ação em terra poderia prosseguir sem interferências. Os oficiais e soldados que deveriam operar esses sistemas haviam sido treinados de forma meticulosa, muitos na própria União Soviética, com o total benefício de tudo o que os soviéticos e vietnamitas aprenderam das táticas e tecnologias americanas, que os israelenses esperavam corretamente imitar. Entre todos os soldados árabes na Guerra de Outubro, apenas esses realizariam seus objetivos fixados antes do combate. Durante dois dias, eles neutralizaram de maneira eficaz a FAI. Se as operações em terra transcorressem de acordo com os planos, isso seria suficiente.

E é nesse ponto que a história tem seu início apropriado. A situação nas colinas de Golan foi imediatamente avaliada como grave. As informações escassas e confusas provenientes das duas

brigadas atordoadas levaram o alto comando israelense a acreditar que se perdera o controle tático da ação. Parecia que o maior pesadelo acabara ocorrendo: haviam sido apanhados fatalmente despreparados; os *kibbutzim* do norte eram vulneráveis; os civis, seus *filhos*, se encontravam no caminho de uma força blindada síria, que poderia descer das colinas de um momento para outro. A reação inicial dos oficiais de operações do estado-maior foi bem próxima do pânico.

Mas o pânico é algo para o qual os bons oficiais de operações também planejam. No caso de uma nação cujos inimigos tinham o objetivo declarado de promover sua aniquilação física, não havia medida defensiva que pudesse ser considerada extrema. Já em 1968, os israelenses, como seus equivalentes americanos e na Otan, baseavam seu plano final na opção nuclear. As três horas e cinquenta e cinco minutos, horário local, no dia 7 de outubro, apenas quatorze horas depois do início dos combates, as ordens de alerta para a Operação Josué foram transmitidas por telex à base da FAI nos arredores de Beersheba.

Israel não tinha muitas armas nucleares na ocasião... e nega ter qualquer uma até hoje. Não que fossem necessárias muitas, se a situação chegasse a esse ponto. Em Beersheba, num dos incontáveis depósitos subterrâneos de bombas, havia doze objetos de aparência comum, que não podiam ser distinguidos dos muitos outros itens destinados ao uso da aviação tática, exceto pelas etiquetas em listras prateadas e vermelhas nos lados. Não tinham barbatanas, não havia nada de excepcional no formato aerodinâmico do exterior de alumínio marrom, com algumas juntas quase imperceptíveis e uns poucos elos. Havia um motivo para isso. Para um observador destreinado ou superficial, poderiam passar facilmente por tanques de combustível ou tubos de napalm, e tais objetos quase nunca merecem um segundo olhar. Mas cada um daqueles objetos era uma bomba de fissão de plutônio, com uma carga nominal de sessenta quilotons, mais do que suficiente para abrir uma cratera no coração de uma grande cidade, ou matar milhares de soldados no campo, ou até mesmo, com o acréscimo de invólucros de cobalto — guardados em separado, mas podendo ser acrescentados à fuselagem de um

momento para outro — envenenar uma área para todos os tipos de vida por muitos e muitos anos.

Naquela manhã, a atividade em Beersheba foi frenética. O pessoal da reserva ainda chegava à base, das devoções do dia anterior e de visitas à família por todo o pequeno país. Os homens de serviço se encontravam no plantão há tempo demais para o perigoso trabalho de equipar os aviões com o armamento letal. Até os homens recém-chegados haviam dormido muito pouco. Uma equipe de homens do serviço de material bélico, por razões de segurança não informada da natureza de sua missão, estava equipando uma esquadrilha de caças de ataque Skyhawk A-4 com armas nucleares, sob os olhos de dois oficiais, conhecidos como "vigilantes", pois essa era sua função, manter uma vigilância visual de tudo o que se relacionava com armas nucleares. As bombas foram transportadas em carrinhos para baixo de cada um dos quatro aviões, levantadas com todo cuidado por um guincho, depois presas por correntes no lugar apropriado. Os homens menos exaustos da equipe de terra poderiam ter notado que os artefatos de detonação e as barbatanas ainda não haviam sido instalados nas bombas. Se isso aconteceu, eles sem dúvida concluíram que o oficial designado para a tarefa estava atrasado... como acontecia com quase tudo naquela manhã fria e fatídica. O nariz de cada arma era ocupado por equipamento eletrônico. O mecanismo -de detonação e a cápsula de material nuclear — conhecidos coletivamente como "o pacote da física" — já se encontravam nas bombas, é claro. As armas israelenses, ao contrário das americanas, não eram projetadas para serem transportadas por aviões em estado de alerta em tempo de paz. Também careciam das sofisticadas salvaguardas instaladas nas armas americanas pelos técnicos na fábrica de montagem da Pantex, nos arredores da cidade de Amarillo, Texas. Os sistemas de detonação estavam contidos em dois blocos, um para ser preso no nariz, outro embutido nas barbatanas. Eram guardados separados das bombas. Em tudo e por tudo, eram armas bem pouco sofisticadas pelos padrões americanos ou soviéticos, no mesmo sentido em que uma pistola é muito menos sofisticada do que uma metralhadora, mas se torna igualmente letal a curta distância.

Depois que os blocos do nariz e barbatana eram instalados e ativados, o único procedimento de ativação restante era a instalação de um painel especial na carlinga de cada caça, e a fixação do plugue de energia do avião para a bomba. A esta altura, a bomba seria "liberada para controle local", entregue aos cuidados de um jovem e agressivo piloto, cuja missão era então elevar-se numa manobra conhecida como "O Loop do Idiota", lançando a bomba num curso balístico que provavelmente lhe permitiria e a seu avião escapar ilesos, quando a bomba detonasse.

Dependendo das exigências do momento e da autorização dos "vigilantes", o chefe do material bélico da base de Beersheba tinha a opção de instalar logo os artefatos de detonação. Felizmente, esse oficial não se sentia atraído pela perspectiva de ter *nukes* meio vivas numa linha de vôo, que algum árabe afortunado poderia atacar a qualquer momento. Um homem religioso, apesar de todos os perigos com que seu país se defrontava naquela madrugada fria, ele murmurou uma prece silenciosa de agradecimento, quando as cabeças mais frias prevaleceram em Tel Aviv, e deram a ordem para que Josué fosse suspensa. Os veteranos pilotos que voariam na missão de ataque voltaram à sala de instruções de sua esquadrilha, e esqueceram as instruções recebidas. O oficial no comando do material bélico ordenou imediatamente que as bombas fossem removidas e levadas de volta ao depósito.

A equipe de terra, exausta, começou a remover as armas, no momento em que outras equipes chegavam à pista, trazendo foguetes Zuni, com a missão de rearmar os Skyhawk. A ordem de ataque já fora transmitida: *Golan*. Atacar as colunas blindadas sírias que avançavam para o setor da Barak da Linha Púrpura, procedentes de Kafr Shams. Os homens se espremeram por baixo de cada avião, duas equipes ao mesmo tempo, cada uma tentando fazer o seu trabalho, a primeira empenhada em remover bombas que nem sabiam que eram bombas, enquanto a outra pendurava os Zunis nas asas.

Havia mais do que quatro aviões de ataque sendo preparados em Beersheba, é claro. A primeira missão sobre Suez, lançada no

início da madrugada, retornava naquele instante... o que restava dela. O avião de reconhecimento

Phantom RF-4C se perdera, e seu caça de escolta F-4E voltou com um vazamento de combustível, de perfurações nos tanques, nas asas, e um dos dois motores parado. O piloto já transmitira o aviso pelo rádio: havia algum novo tipo de míssil terra-ar, talvez o novo SA-6; seus sistemas de rastreamento de radar não haviam se registrado no receptor de ameaças do Phantom; o aparelho de reconhecimento não tivera qualquer sinal de alerta; e apenas a sorte lhe permitira escapar aos quatro mísseis lançados contra seu avião. Esse fato foi prontamente comunicado ao alto comando da FAI, antes mesmo que o avião pousasse na pista, com a maior cautela. O piloto recebeu a ordem de taxiar até a extremidade da rampa, perto do lugar em que se encontravam os Skyhawks. Acompanhou o jipe, na direção dos caminhões dos bombeiros à espera. No momento em que parou, porém, o pneu principal estourou. A longarina danificada vergou, e vinte toneladas de caça arriaram na pista, como pratos de uma mesa desabada. O combustível vazando se incendiou, e um fogo pequeno mas mortífero envolveu o aparelho. Um instante depois, a munição de 20 mm do canhão do caça começou a explodir, e um dos dois tripulantes berrava dentro da massa de chamas. Os bombeiros entraram em ação. Os dois oficiais "vigilantes" eram os mais próximos, e correram para as chamas, a fim de tentarem salvar o piloto. Todos os três foram atingidos por fragmentos da munição explodindo, enquanto um bombeiro avançava friamente pelas chamas para o segundo tripulante, conseguindo retirá-lo, chamuscado mas vivo. Outros bombeiros pegaram os "vigilantes" e o piloto, levando seus corpos ensangüentados para uma ambulância.

O fogo próximo distraiu a atenção dos homens do material bélico sob os Skyhawks. Uma bomba, a que estava no aparelho número três, caiu um momento antes do previsto, esmagando as pernas do supervisor da equipe no guincho. Em meio à confusão e gritos, a equipe perdeu a noção do que estava sendo feito. O ferido foi levado às pressas para o hospital da base, enquanto as três armas nucleares desmontadas eram carregadas em seus carrinhos de volta ao depósito... e no caos de uma base aérea no primeiro dia

de uma guerra total passou despercebido que o berço de um dos carrinhos estava vazio. Os chefes da linha de vôo chegaram um momento depois, a fim de iniciarem a checagem abreviada para a decolagem, logo seguidos pelo jipe que vinha do galpão de instruções. Quatro pilotos saltaram do jipe, cada um trazendo o capacete numa das mãos e um mapa tático na outra, cada um ansioso em atacar o mais depressa possível os inimigos de seu país.

— Mas o que é isso? — gritou o tenente Mordecai Zadin, de dezoito anos, chamado de Motti pelos amigos, alto e magro, com a falta de jeito típica de sua idade.

— Tanque cheio, ao que parece — respondeu o chefe da linha. Era um reservista que possuía uma oficina mecânica em Haifa, um homem gentil e competente, de cinqüenta anos.

— Mas que merda! — exclamou o piloto, quase tremendo de excitação. — Não preciso de um tanque extra para ir a Golan e voltar!

— Posso tirá-lo, mas precisarei de alguns minutos.

Motti avaliou a situação por um momento. Um *sabra* de um *kibbutz* do norte, piloto há apenas cinco meses, ele via o resto de seus companheiros se acomodando nos aviões. Os sírios atacavam na direção da casa de seus pais, e ele experimentou um súbito horror diante da possibilidade de ficar para trás naquela primeira missão de combate.

— Que se foda! — berrou ele. — Pode tirar quando eu voltar!

Zadin subiu a escada como um raio. O chefe seguiu-o, ajustou as correias no piloto, verificou os instrumentos, por cima de seu ombro.

— Está pronto, Motti. Tome cuidado.

— Tenha um chá preparado quando eu voltar.

O jovem sorriu, com toda a ferocidade que uma criança pode demonstrar. O chefe da linha bateu com a mão em seu capacete.

— Só quero que traga meu avião de volta, *menchkin. Mazeltov.*

O chefe desceu para a pista e removeu a escada. Fez uma última verificação visual do aparelho, à procura de qualquer coisa errada, enquanto o piloto ligava o motor. Zadin acionou os controles de vôo, deixou o manete em ponto morto, enquanto checava os



indicadores de gasolina e temperatura do motor. Tudo estava como deveria. Ele olhou para o líder do vôo e acenou com a mão, para indicar que se achava pronto. Puxou a coberta manual, lançou um último olhar para o chefe da linha, fez uma saudação de despedida.

Aos dezoito anos, Zadin não era um piloto particularmente jovem, pelos padrões da FAI. Selecionado por suas reações rápidas e agressividade de garoto, fora identificado como um provável candidato quatro anos antes, e se empenhara ao máximo para conquistar seu lugar na melhor força aérea do mundo. Motti adorava voar, queria ser piloto desde que era pequeno e vira um avião de treinamento Bf-109, que um destino irônico dera a Israel para iniciar sua força aérea. E amava seu Skyhawk. Era um avião de piloto. Não um monstro eletrônico como o Phantom, o A-4 era uma ave de rapina, pequeno e reagindo prontamente a seus comandos no manche. Agora, voaria numa missão de combate. Não sentia o menor medo. Nunca lhe ocorrera temer por sua vida — como qualquer adolescente, tinha certeza de sua imortalidade, e os aviadores de combate são escolhidos pela ausência de fragilidade humana. Contudo, ele destacava aquele dia. Nunca vira uma aurora tão bonita. Sentia-se excepcionalmente alerta, consciente de tudo: o café forte e saboroso na hora de acordar; o cheiro de poeira no ar matutino em Beersheba; agora os cheiros de óleo e couro na carlinga; a estática nos circuitos de seu rádio; e o comichar das mãos nos controles. Jamais conhecera um dia assim, e nunca ocorreu a Motti Zadin que o destino não lhe daria outro.

A formação de quatro aviões taxiou em perfeita ordem para o fim da pista zero-um. Parecia um bom presságio, decolar para o norte, na direção de um inimigo que se encontrava a apenas quinze minutos de distância. Ao comando do líder do vôo — ele próprio tinha apenas vinte e um anos — todos os quatro pilotos pararam seus aviões, soltaram os freios, e depois arremeteram pelo ar frio e sereno da manhã. Em poucos segundos, todos haviam decolado, subiram para mil e quinhentos metros, tomando o cuidado de evitar o tráfego aéreo civil do aeroporto internacional Ben-Gurion, que no louco esquema das coisas no Oriente Médio ainda permanecia em plena atividade.

O capitão deu as ordens lacônicas habituais, como se fosse um vôo de treinamento: verificar motor, material bélico, sistemas elétricos. Os quinze minutos para se voar de Beersheba a Golan passaram depressa. Os olhos de Zadin se contraíram no esforço para avistar a escarpa vulcânica pela qual seu irmão mais velho morrera, ao tentar tomá-la dos sírios, apenas seis anos antes. Os sírios não a tomariam de volta, disse Motti a si mesmo.

— Esquadrilha, virar à direita para curso zero-quatro-três. Os alvos são colunas de tanques quatro quilômetros a leste da linha. Fiquem atentos a SAMs e artilharia antiaérea.

— Comando, quatro, tenho tanques no solo, em um — informou Zadin, calmamente. — Parecem os nossos Centurions.

— Boa vista, Quatro — respondeu o capitão. — São amigos.

— Recebi um bip, *tenho um aviso de lançamento!* — gritou alguém. Os olhos esquadrinharam o ar, à procura do perigo.

— *Merda!* — berrou alguém. — SAMs em doze, subindo!

— Já avistei — respondeu o capitão. — Esquadrilha, à esquerda e direita, romper formação... *agora!*

Os quatro Skyhawks dispersaram-se. Havia uma dúzia de mísseis SA-2 a vários quilômetros de distância, como postes telefônicos voadores, aproximando-se a uma velocidade de Mach-3. Os SAMs também se dispersaram para a esquerda e direita, mas desajeitados, e dois explodiram numa colisão em pleno ar. Motti virou para a direita, puxando o manche para a barriga, num mergulho na direção do solo, enquanto amaldiçoava o peso extra na asa. Ótimo, os mísseis não poderiam rastreá-lo lá embaixo. Ele nivelou a apenas trinta metros acima dos rochedos, ainda seguindo na direção dos sírios, a quatrocentos nós, fazendo o ar vibrar, enquanto sobrevoava ruidosamente os soldados sitiados da Barak, que aclamaram sua passagem.

A missão era de emergência, não um ataque coerente, Motti já sabia. Não tinha importância. Destruiria alguns tanques sírios. Não precisava saber exatamente a que unidade pertenciam, desde que fossem sírios. Ele avistou outro A-4 e entrou em formação, no instante em que iniciou o vôo de disparo. Esquadrinhou à frente e viu-os, os T-62s sírios, no formato de domos. Zadin ligou os

controles de disparo sem olhar. O visor apareceu diante de seus olhos.

— Mais SAMs se aproximando.

Era a voz do capitão, ainda calma. O coração de Motti parou por uma fração de segundo: um enxame de mísseis, menores — seriam os SA-6s de que nos falaram?, ele especulou por um instante — passavam por cima dos rochedos, avançando em sua direção. Ele verificou o equipamento ESM; não registrara os mísseis atacantes. Não havia qualquer aviso além do que lhe diziam seus olhos. Instintivamente, Motti procurou por altitude para manobrar. Quatro mísseis o seguiram. A três quilômetros de distância. Ele subiu para a direita, desceu em espiral, virou para a esquerda. A manobra enganou três mísseis, mas o quarto continuou a segui-lo. Explodiu um instante depois, a apenas trinta metros de seu avião.

O Skyhawk reagiu como se tivesse sido chutado para o lado, por dez metros ou mais. Motti esforçou-se em manter o controle, conseguindo nivelar um pouco acima dos rochedos. Um olhar rápido provocou-lhe um calafrio. Vários pedaços da asa de bombordo haviam sido arrancados. Bips de advertência soavam em seus fones, os instrumentos de vôo informavam um múltiplo desastre: sistema hidráulico desativado, rádio fora do ar, gerador desligado. Mas ainda dispunha dos controles de vôo manuais, e suas armas poderiam ser disparadas com a energia da bateria de reserva. Foi nesse instante que ele avistou seus alvos: uma bateria de mísseis SA-6, quatro veículos de lançamento, um furgão de radar Straight Flush, e um caminhão pesado de recarregamento, tudo a quatro quilômetros de distância. Seus olhos aguçados puderam até avistar os sírios trabalhando com os mísseis, ajeitando um no tubo de lançamento.

Os sírios também o avistaram, e começou então um duelo que não foi menos épico por sua brevidade.

Motti reduziu a velocidade ao máximo a que se atrevia, com os controles precários, centrou o alvo em seu visor. Levava quarenta e oito foguetes Zunis. Eram disparados em salvas de quatro. A dois quilômetros, ele abriu fogo contra a área do alvo. Os sírios conseguiram de alguma forma lançar outro SAM. Não deveria haver escapatória, mas o SA-6 possuía um detonador de proximidade de

radar, e os Zunis passando o acionaram, fazendo com que o míssil explodisse a meio quilômetro de distância, inofensivamente. Motti sorriu exultante por baixo da máscara, enquanto disparava os foguetes, e logo depois o canhão de 20mm, contra a massa de homens e veículos.

A terceira salva atingiu o alvo, depois a quarta também. Zadin disparou seus foguetes em toda a área do alvo. A bateria de mísseis transformou-se num inferno de diesel, propulsor dos foguetes e ogivas explodindo. Uma enorme bola de fogo surgiu no caminho de Motti, que a atravessou com um selvagem grito de júbilo, os inimigos destruídos, os companheiros vingados.

Zadin teve apenas um momento de triunfo. As enormes chapas de alumínio que formavam a asa esquerda do avião estavam sendo arrancadas pelo turbilhão do ar a quatrocentos nós. O A-4 começou a estremecer de forma incontrolável. Quando Motti virou para a esquerda, a fim de voltar para a base, a asa ruiu por completo. O Skyhawk desintegrou-se em pleno ar. Levou apenas alguns segundos para que o guerreiro adolescente fosse esmagado contra a rocha basáltica das colinas de Golan, nem o primeiro nem o último a morrer ali. Nenhum outro de sua esquadrilha de quatro sobreviveu.

Quase nada restou da bateria de SAM. Todos os seis veículos foram explodidos em fragmentos. Dos noventa homens que os tripulavam, o maior pedaço recuperado foi o tronco sem cabeça do comandante da bateria. Tanto ele como Zadin haviam servido bem a seus países, mas como muitas vezes ocorre, o comportamento que em outro tempo ou lugar poderia inspirar versos heróicos de um Virgílio ou Tennyson permaneceu ignorado. Três dias depois, a mãe de Zadin recebeu a notícia por telegrama, sendo informada mais uma vez que todo o Estado de Israel partilhava a sua dor, como se tal coisa fosse possível para uma mulher que perdera dois filhos.

Mas a nota de rodapé persistente para esse fragmento desconhecido da história foi o fato de que a bomba desarmada despreendeu-se do caça em desintegração e continuou em seu vôo mais para o leste, caindo longe dos destroços do avião, enterrando-se a cinquenta metros da casa de um camponês druso. Só três dias depois os israelenses descobriram que sua bomba desaparecera, e

apenas no dia seguinte ao término da Guerra de Outubro é que foram capazes de reconstituir os detalhes de sua perda. Isso deixou os israelenses com um problema insolúvel, até mesmo para suas imaginações. A bomba estava em algum lugar por trás das linhas sírias... mas onde? Qual dos quatro aviões a levará? Onde cairá? Não podiam pedir aos sírios que a procurassem. E podiam contar aos americanos, dos quais haviam obtido o "material nuclear especial", com extrema habilidade, um fato sempre negado?

E assim a bomba permaneceu em local ignorado, a não ser pelo camponês druso, que a cobriu com dois metros de terra e continuou a lavrar seu terreno rochoso.

# 1

## A MAIS LONGA JORNADA...

Arnold van Damm estava esparramado em sua cadeira giratória de executivo, com toda a elegância de uma boneca de trapos jogada num canto. Jack nunca o vira usar um paletó, a não ser na presença do presidente dos Estados Unidos, e mesmo assim nem sempre. Em ocasiões formais, que exigissem o uso de *black-tie*, Ryan especulou se Arnie precisaria de um agente do Serviço Secreto, parado ao seu lado com uma arma. A gravata fora afrouxada sobre o colarinho desabotoado, e ele especulou se alguma vez estivera ajustada no lugar. As mangas da camisa azul listrada de Arnie estavam enroladas, sujas nos cotovelos, porque quase sempre ele lia os documentos com os antebraços plantados sobre a mesa cronicamente atulhada. O que já não acontecia quando falava com alguém. Nas conversas mais importantes, o homem inclinava-se para trás, apoiando os pés numa gaveta da mesa. Mal chegado aos cinqüenta anos, Van Damm tinha cabelos grisalhos ralos, um rosto tão vincado quanto um mapa antigo, mas os olhos azuis-claros sempre se mantinham alertas, e a mente aguçada registrava tudo o que acontecia dentro ou além de seu campo de visão. Era uma qualidade indispensável à função de chefe da assessoria do presidente.

Ele despejou Diet Coke numa enorme caneca de café, que tinha um emblema da Casa Branca num lado e o nome "Arnie" gravado no outro, e olhou para o vice-diretor da CIA com uma mistura de cautela e afeição.

— Está com sede?

— Posso tomar uma Coca de verdade, se tiver alguma aí embaixo — respondeu Jack, sorrindo.

A mão esquerda de Van Damm baixou além de sua vista, um momento depois uma lata de alumínio entrou numa trajetória balística, que terminaria no colo de Ryan, se ele não a pegasse

antes. Abrir a lata nas circunstâncias era um exercício arriscado, mas Jack ostensivamente apontou-a para Van Damm ao puxar a argola na tampa. Quer se gostasse ou não do homem, pensou Ryan, não se podia negar que ele tinha classe. Não era afetado por seu cargo, a não ser quando isso se tornava necessário. E aquela não era uma ocasião para isso. Arnold van Damm só bancava o importante para o pessoal de fora. Com o círculo íntimo, não precisava de uma encenação.

— O Chefe quer saber o que está acontecendo por lá — disse o chefe da assessoria, iniciando a conversa.

— Eu também. — Charles Alden, o assessor de segurança nacional do presidente, entrou na sala. — Desculpe o atraso, Arnie.

— Nós também, senhores — respondeu Jack. — Há alguns anos que isso não muda. Querem saber o melhor que temos?

— Claro — declarou Alden.

— Na próxima vez em que for a Moscou, procure por um enorme coelho branco, de colete e relógio de algibeira. Se ele lhe oferecer uma excursão a uma toca de coelho, aceite e depois me informe sobre o que descobriu lá embaixo. — O tom de Ryan era de solenidade irônica. — Não sou um desses idiotas de extrema direita, que anseiam por um retorno à Guerra Fria, mas pelo menos os russos eram previsíveis naquele tempo. Os pobres coitados estão começando a agir como nós agora. São totalmente imprevisíveis. O mais engraçado é que agora posso compreender como sempre fomos um pé-no-saco para o KGB. A dinâmica política por lá está mudando numa base cotidiana. Narmonov é o lutador político mais esperto do mundo, mas surge outra crise cada vez que ele vai trabalhar.

— Que tipo ele é? — perguntou Van Damm. — Já estive com o homem. Alden se encontrara com Narmonov, o que ainda não acontecera com

Van Damm.

— Só uma vez — advertiu Ryan.

Alden acomodou-se em outra cadeira de braços.

— Escute, Jack, recebemos a sua ficha. O Chefe também. E quase que o persuadi a respeitá-lo. Duas Estrelas de Informação,

por aquele caso do submarino, e aquela história com Gerasimov. Já ouvi falar de águas profundas, meu caro, mas nunca tão profundas assim. Não é de admirar que Al Trent pense que você é o máximo.

A Estrela de Informação era a mais alta condecoração da CIA por desempenho no campo. Jack, na verdade, tinha três. Mas a citação pela terceira se achava trancada num cofre, e era algo tão secreto que nem o novo presidente sabia, jamais saberia.

— Portanto, Jack, trate de provar. Conte-nos tudo.

— Ele é um desses homens excepcionais que vicejam no caos. Já conheci médicos assim. Há alguns, bem raros, que continuam a trabalhar nas salas de emergência, cuidando de traumas e coisas assim, mesmo depois que todos os outros se consumiram. Alguns se destacam sob a pressão e o estresse, Arnie. Ele é assim. Não creio que realmente goste, mas é bom nisso. Deve possuir a constituição física de um touro...

— É o que acontece com a maioria dos políticos — comentou Van Damm.

— Sorte deles. Seja como for, será que Narmonov sabe de fato para onde está indo? Acho que a resposta é sim e não. Ele tem alguma noção do rumo para o qual conduz seu país, mas não sabe como chegar lá, nem o que fará exatamente quando chegar. Esse é o tipo de coragem que o homem possui.

— Ou seja, você gosta do cara. Não era uma pergunta.

— Ele poderia ter acabado com a minha vida com a mesma facilidade com que se abre uma lata de Coca, mas não o fez. É verdade — admitiu Ryan, sorrindo —, isso me leva a gostar um pouco dele. Você precisaria ser um idiota para não admirá-lo. Mesmo que continuássemos a ser inimigos, ele ainda imporia respeito.

— Quer dizer que não somos inimigos? — indagou Alden, com um sorriso irônico.

— Como poderíamos ser? — Jack exibiu uma surpresa simulada. — O presidente afirmou que isso pertence ao passado.

O chefe da assessoria resmungou:

— Os políticos falam muito. É para isso que são pagos. Narmonov vai conseguir superar os obstáculos?



Ryan olhou pela janela, em repulsa, principalmente por sua incapacidade para responder á pergunta.

— Pensem da seguinte maneira: Andrei Il'ych é o operador político mais hábil que eles já tiveram. Só que está andando na corda bamba. Claro, ele é o melhor que existe, mas lembram quando Karl Wallenda era o melhor na corda bamba? Ele acabou como uma mancha vermelha no chão, porque teve um dia ruim, e na sua posição só se comete um erro. Andrei Il'ych se encontra na mesma situação. Ele vai conseguir? Há oito anos que as pessoas perguntam isso! Nós achamos que sim... eu acho que sim... mas... mas, no final das contas, Arnie, esse é um território inexplorado. Nunca o pisamos antes. Nem ele. Até mesmo um homem do tempo dispõe de uma base de dados para ajudá-lo. Nossos dois melhores historiadores russos são Jake Kantrowitz, de Princeton, e Derek Andrews, de Berkeley, e os dois divergem no momento em cento e oitenta graus. Tivemos os dois em Langley, há duas semanas. Pessoalmente, estou mais inclinado para a avaliação de Jake, mas nosso principal analista russo acha que Andrews está certo. Isso é o melhor que temos. Se quer encontrar alguém pontificando, leia os jornais.

Van Damm soltou um grunhido e seguiu em frente:

— Qual é o segundo maior problema?

— A questão das nacionalidades — respondeu Jack. — Mas não precisa que eu lhe diga isso. Como a União Soviética vai se fragmentar... que repúblicas restarão... quando e como, de forma pacífica ou violenta? Narmonov enfrenta esse problema numa base diária. E é um problema que chegou para ficar.

— E o que venho dizendo há cerca de um ano — comentou Alden. — Quanto tempo para as coisas acontecerem?

— Vamos com calma. Fui eu quem disse que a Alemanha Oriental levaria pelo menos um ano para mudar... era o sujeito mais otimista na ocasião, mas errei em onze meses. Qualquer coisa que eu ou algum outro disser não passará de um mero palpite.

— Outras áreas problemáticas? — indagou Van Damm.

— Há sempre o Oriente Médio...

Ryan viu os olhos do homem se iluminarem.

— Queremos cuidar disso em breve.

— Então lhe desejo sorte. Temos trabalhado nisso desde que Nixon e Kissinger deram uma recuada, em 1973. Esfriou um pouco, mas os problemas fundamentais persistem, e mais cedo ou mais tarde haverá um degelo. Imagino que a boa notícia é que Narmonov não quer se envolver. Talvez tenha de apoiar seus velhos amigos, e vender-lhes armas é uma boa maneira de ganhar dinheiro, mas se a situação explodir, ele não vai pressionar, como acontecia antigamente. Aprendemos isso com o Iraque. Ele pode continuar a entregar armas... acho que não o fará, mas é possível... só que não fará coisa alguma além disso para apoiar *um* ataque árabe a Israel. Não vai deslocar seus navios, não porá as tropas em estado de alerta. Duvido que esteja disposto a apoiá-los se tomarem a iniciativa do ataque. Andrei Il'yich diz que as armas são para a defesa, e acho que fala sério, apesar das notícias que estamos recebendo dos israelenses.

— Acha mesmo isso? — indagou Alden. — O Departamento de Estado pensa de maneira diferente.

— O Departamento de Estado está errado — declarou Ryan, incisivo.

— E seu chefe também — ressaltou Van Damm.

— Neste caso, senhor, devo respeitosamente discordar da avaliação de meu diretor.

Alden balançou a cabeça.

— Entendo agora por que Trent gosta de você. Não fala como um burocrata. Como conseguiu sobreviver tanto tempo, dizendo o que pensa?

— Talvez eu seja um símbolo. — Ryan soltou uma risada, mas logo voltou a ficar sério. — Pensem um pouco. Com toda aquela loucura étnica que ele enfrenta, assumir uma participação ativa acarreta tanto perigos quanto vantagens. Por isso, ele vai preferir se limitar à venda de armas por moedas fortes, e mesmo assim só quando a barra estiver limpa. É um negócio, não passará disso.

— Portanto, se pudermos encontrar um meio de resolver o problema...? — especulou Alden.

— Ele pode até ajudar. Na pior das hipóteses, ficará de lado, lamentando não estar no jogo. Mas como pretende resolver o problema?

— Aplicando um pouco de pressão sobre Israel — respondeu Van Damm, com a maior simplicidade.

— Isso seria uma estupidez, por dois motivos. E um erro pressionar Israel enquanto suas preocupações de segurança não forem atenuadas, e as preocupações de segurança não serão atenuadas enquanto não se resolverem algumas das questões fundamentais.

— Por exemplo?

— Por exemplo, a origem de todo esse conflito. O *fator que todo mundo ignora*.

— E religiosa, embora os idiotas acreditem nas mesmas coisas! — resmungou Van Damm. — Li o Corão no mês passado, e é a mesma coisa que aprendi na escola de catecismo!

— Tem toda razão — concordou Ryan. — Mas... e daí? Católicos e protestantes acreditam que Cristo é filho de Deus, mas isso não impediu a explosão na Irlanda do Norte. O lugar mais seguro do mundo para alguém ser judeu. Os cristãos se mantêm tão ocupados a matarem uns aos outros que não dispõem de tempo para serem anti-semitas. Por menores que possam nos parecer as diferenças religiosas nesses lugares, Arnie, para eles parecem causa bastante para matar por isso. E não precisam ser maiores do que isso, companheiro.

— É verdade, eu acho — admitiu o chefe da assessoria presidencial, relutante. Ele pensou por um momento. — Está se referindo a Jerusalém?

— Bingo! — Ryan acabou de tomar a Coca e amassou a lata, antes de jogá-la na cesta de lixo de Van Damm. — A cidade é sagrada para três religiões... pense nelas como três tribos... mas fisicamente pertence a apenas uma. E esta se encontra em guerra com uma das outras. A natureza instável da região aconselha a colocação de algumas tropas armadas no local... mas tropas de quem? Não podemos esquecer que alguns loucos islâmicos dispararam contra Meca há pouco tempo. Se puser uma força de

segurança árabe em Jerusalém, estará criando uma ameaça à segurança para Israel. Se a situação continuar como está, com apenas uma força israelense, é uma ofensa para os árabes. E pode esquecer a ONU. Os judeus não aceitariam, porque nunca se deram muito bem ali. Os árabes também não aceitariam, porque há cristãos demais. E também não aceitaríamos, porque a ONU não gosta tanto assim de nós. A única organização internacional disponível conta com a desconfiança de todos. Impasse.

— O presidente quer realmente fazer alguma coisa a respeito — insistiu Van Damm.

*Precisamos fazer alguma coisa para dar a impressão de que ESTAMOS FAZENDO ALGUMA COISA.*

— No próximo encontro com o papa, ele pode pedir uma interferência de alto nível.

O sorriso irreverente de Jack ficou congelado por um instante. Van Damm pensou que ele advertia a si mesmo a não falar mal do presidente, de quem não gostava. Mas depois o rosto de Ryan tornou-se impassível. Arnie não o conhecia bastante bem para identificar aquela expressão.

— Espere um pouco...

O chefe da assessoria soltou uma risadinha. Não haveria mal nenhum se o presidente se encontrasse com o papa. Sempre agradava aos eleitores, e depois o presidente poderia ter um jantar com a B'nai B'rith, coberto pela imprensa, a fim de demonstrar que gostava de todas as religiões. Na verdade, como Van Damm sabia, o presidente só ia à igreja pelo espetáculo, agora que seus filhos estavam crescidos. Era um aspecto da vida dos mais divertidos. A União Soviética retornava à religião, em busca dos valores sociais, mas a esquerda política americana há muito que se afastara da religião, e não tinha a menor intenção de voltar, a fim de não encontrar os mesmos valores que os russos procuravam. Van Damm iniciara sua carreira como um crente da esquerda, mas fora curado de tudo isso por vinte e cinco anos de experiência no governo. Agora, desconfiava dos ideólogos dos dois lados, com igual fervor. Era do tipo de procurar soluções que só tinham um atrativo: podiam

dar certo. Seu devaneio sobre a política afastou-o da conversa por um momento.

— Está pensando em alguma coisa, Jack? — perguntou Alden.

— Somos todos "homens do livro", não é? — murmurou Ryan, divisando os contornos de um novo pensamento no nevoeiro.

— E daí?

— O Vaticano é um país real, com uma posição diplomática real, mas sem forças armadas. Seus guardas são suíços... e a Suíça é neutra... nem mesmo pertence à ONU. Os árabes operam com os bancos suíços, vão se divertir ali... fico imaginando se ele aceitaria...

O rosto de Ryan tornou-se impassível, e Van Damm constatou que seus olhos piscavam como uma lâmpada. Era sempre fascinante observar uma idéia nascendo, mas não tanto quando não se tinha a menor noção do que era.

— *Quem* aceitaria o quê? — indagou o chefe da assessoria, com alguma irritação.

Alden apenas esperou. Ryan apressou-se em explicar:

— Uma grande parte dessa confusão envolve Lugares Santos, não é mesmo? Eu poderia falar com alguns dos meus homens em Langley. Temos um excelente relacionamento...

Van Damm recostou-se na cadeira.

— Que tipo de contatos vocês têm? Está se referindo ao núncio? Ryan sacudiu a cabeça.

— O núncio é uma excelente pessoa, o cardeal Giancatti, mas só está aqui como uma formalidade. Já circula em Washington há bastante tempo para saber disso, Arnie. Se quer conversar com pessoas que estão por dentro das coisas, então deve procurar o padre Riley, em Georgetown. Foi ele quem me ensinou quando fiz meu doutorado. Éramos muito ligados. Ele tem um canal de comunicação direta com o superior-geral.

— A quem está se referindo?

— Ao superior-geral da Companhia de Jesus, o chefe dos jesuítas, *um* espanhol, chamado Francisco Alcalde. Ele e padre Tim foram professores juntos na Universidade de São Roberto Bellarmino, em Roma. Ambos são historiadores, e padre Tim é seu representante extra-oficial aqui. Não conhece o padre Riley?

— Não. Vale a pena?

— Claro que vale. Um dos melhores professores que já tive. Conhece Washington por dentro e por fora. E ainda tem bons contatos na matriz.

Ryan sorriu, mas a piada se perdeu em Van Danim.

— Pode marcar um almoço discreto? — perguntou Alden. — Não aqui.

— O Cosmos Club, em Georgetown. O padre Tim é sócio. O University Club seria mais próximo, mas...

— Certo. Ele é capaz de manter um segredo?

— Um *jesuíta* guardar um segredo? — Ryan riu. — Você não é católico, não é mesmo?

— Para quando pode marcar o almoço?

— Amanhã ou depois, está bem?

— E a lealdade dele? — interveio Van Damm.

— Padre Tim é cidadão americano, e nunca foi um risco de segurança. Mas é também um padre, e prestou juramento ao que considera naturalmente uma autoridade superior à Constituição. Podemos confiar que ele cumprirá todas as suas obrigações, mas não devemos esquecer que obrigações são essas. E também não pode lhe dar ordens.

— Marque o almoço — disse Alden. — Parece que devo mesmo conhecer o cara, em quaisquer circunstâncias. Diga a ele que será um simples almoço de conhecimento. Marque o mais depressa possível. Deixarei em aberto o almoço amanhã e no dia seguinte.

— Pois não, senhor — murmurou Ryan, levantando-se.

O Cosmos Club, em Washington, fica localizado na esquina das avenidas Massachusetts e Flórida. Era o antigo solar de Sumner Welles, e Ryan achava-o despojado sem os quatrocentos acres de terreno ondulante, um estábulo com cavalos puro-sangue, e talvez uma raposa residente, que o proprietário caçaria, embora sem muito afinco. Era um ambiente que a casa nunca possuía, e Ryan especulou por que fora construída ali, naquele estilo, em evidente contradição com as realidades de Washington, por um homem que conhecia tão bem como a cidade funcionava. Lançado como um

clube de intelectuais — o ingresso era na base da "realização", não do dinheiro — o Cosmos era conhecido em Washington como um lugar de conversa erudita e a pior comida, numa cidade de restaurantes indistintos. Ryan conduziu Alden a uma pequena sala particular no segundo andar.

O padre Timothy Riley, S. J., já os esperava, um cachimbo de urze preso entre os dentes, folheando a edição do Post daquela manhã. Havia um copo junto de sua mão direita, com um resquício de xerez no fundo. O padre Tim usava uma camisa amarrotada e um paletó que precisava ser passado, não o uniforme formal de sacerdote, que guardava para as reuniões importantes, feito sob medida por uma das melhores alfaiatarias da Wisconsin Avenue. Mas o colarinho clerical católico era engomado e brilhante, e Jack pensou subitamente que, apesar de todos os seus anos de educação católica, não sabia de que eram feitas aquelas coisas. Seria de celulóide, como os colarinhos destacáveis do tempo de seu avô? De qualquer forma, a rigidez evidente devia ser um lembrete ao portador de seu lugar neste mundo, e no próximo.

— Olá, Jack.

— Oi, padre. Este é Charles Alden, padre Tim Riley.

Foram trocados apertos de mão, escolhidos os lugares à mesa. Um garçom anotou os pedidos de drinques e fechou a porta ao se retirar.

— Como vai no novo trabalho, Jack? — perguntou Riley.

— Os horizontes continuam a se alargar — admitiu Ryan.

Ele deixou a conversa parar por aí. O padre já sabia dos problemas que Jack enfrentava em Langley.

— Tivemos uma idéia sobre o Oriente Médio, e Jack sugeriu que você seria o melhor homem para nos ajudar a analisar as possibilidades — explicou Alden, indo direto ao que interessava.

Ele teve de parar quando o garçom trouxe os drinques e os cardápios. Depois, seu discurso sobre a idéia prolongou-se por vários minutos.

— É muito interessante — comentou Riley, depois que tudo estava na mesa.

— Qual é a sua opinião sobre o conceito? — indagou o assessor de segurança nacional.

— Interessante...

O padre ficou em silêncio por um momento.

— Acha que o papa...

Ryan deteve Alden com um aceno de mão. Riley não era um homem que pudesse ser apressado quando estava pensando. Afinal, era um historiador, e como tal não conhecia a urgência dos médicos.

— Não resta a menor dúvida de que é elegante — comentou Riley, depois de trinta segundos. — Só que os gregos vão constituir um grande problema.

— Os gregos? — repetiu Ryan, surpreso. — Como assim?

— As pessoas realmente belicosas neste momento são os ortodoxos gregos. Nós e eles brigamos durante a metade do tempo, pelas questões administrativas mais triviais. Os rabinos e imãs têm sido na verdade mais cordiais do que os sacerdotes cristãos. Essa é a parte curiosa nos religiosos, sempre é difícil prever como reagirão. De qualquer maneira, os problemas entre os gregos e romanos são basicamente administrativos... quem fica com a custódia de que lugar, esse tipo de coisa. Houve uma grande polêmica sobre Belém no ano passado, quem celebraria a missa da meia-noite na igreja da Natividade. Não acham que é terrivelmente desapontador?

— Está querendo dizer que não vai dar certo porque as duas Igrejas Católicas não podem...

— Eu disse que podia ser um problema, doutor Alden. Não falei que não daria certo. — Riley recaiu no silêncio por mais um instante. — Terá de ajustar a tróica... mas tendo em vista a natureza da operação, creio que poderemos obter o tipo certo de cooperação. E, de qualquer maneira, terá de atrair os ortodoxos gregos. Afinal, eles e os muçulmanos se dão muito bem.

— Por quê? — indagou Alden.

— Quando Maomé foi expulso de Meca pelos pagãos pré-muçulmanos, recebeu asilo no Mosteiro de Santa Catarina, no Sinai... é um santuário ortodoxo grego. Aceitaram-no quando ele precisava de um amigo. Maomé era um homem honrado; aquele mosteiro contou com a proteção dos muçulmanos desde então. Mais



de mil anos se passaram e o lugar nunca foi molestado, apesar de todas as coisas horríveis que aconteceram na região. Há muito a admirar no Islã, como deve saber. Nós, no Ocidente, muitas vezes ignoramos isso, por causa dos loucos que se intitulam muçulmanos... como se já não tivéssemos o mesmo problema no cristianismo. Há muita nobreza ali, e eles possuem uma tradição de erudição que impõe respeito. Só que ninguém por aqui sabe muita coisa a respeito.

— Mais algum problema conceituai? — perguntou Jack. O padre Tim riu.

— A Conferência de Viena! Como pôde se esquecer disso, Jack?

— Do que estão falando? — resmungou Alden, contrariado.

— Foi em 1815. Todos sabem disso! Depois do acerto final das Guerras Napoleônicas, os suíços tiveram de prometer que nunca mais exportariam mercenários. Tenho certeza de que poderemos usar isso. Desculpe, doutor Alden. O destacamento de guarda do papa é composto por mercenários suíços. Eles também formaram numa ocasião a guarda do rei francês... e todos foram mortos defendendo o rei Luís e Maria Antonieta. A mesma coisa quase aconteceu também uma vez com os guardas do papa, mas eles resistiram pelo tempo suficiente para que um pequeno destacamento evacuasse o Santo Padre para um lugar seguro, Castel Gandolfo, se não me engano. Os mercenários já foram o principal produto suíço de exportação, e eram temidos em todos os lugares a que iam. Os guardas suíços do Vaticano servem agora quase que exclusivamente para o espetáculo, é claro, mas já houve uma época em que a necessidade deles era bastante concreta. Seja como for, os mercenários suíços possuíam uma reputação tão terrível que uma das resoluções secundárias da Conferência de Viena, que encerrou as Guerras Napoleônicas, obrigou os suíços a prometerem que não permitiriam mais que seus cidadãos lutassem em qualquer lugar, a não ser em seu próprio país e no Vaticano. Mas, como acabei de dizer, trata-se de um problema trivial. Os suíços teriam o maior prazer em ajudar a resolver esse problema. Só poderia aumentar seu prestígio numa região em que há muito dinheiro.

— É isso mesmo — comentou Jack. — Ainda mais se lhes fornecermos o equipamento. Tanques M-1, carros de combate Bradley, comunicações celulares...

— Pare com isso, Jack — disse Riley.

— Não será possível de outra maneira, padre. A natureza da missão exigirá armamentos pesados... pelo impacto psicológico, se não por qualquer outro motivo. É preciso demonstrar que se fala sério. A partir do momento em que se fizer isso, o resto da força poderá usar as fantasias de Michelangelo, carregar alabardas e sorrir para as câmeras... mas ainda é necessário usar um Smith & Wesson para vencer quatro ases, especialmente por lá. Riley aceitou a argumentação.

— Gosto da elegância do conceito, senhores. Apela para a nobreza. Todos os envolvidos alegam acreditar em Deus, com um nome ou outro. Apelando a eles em seu nome... não é essa a chave para tudo? A Cidade de Deus. Quando precisam de uma resposta?

— Não é uma questão de alta prioridade — respondeu Alden.

Riley entendeu a mensagem. Era uma questão de interesse oficial da Casa Branca, mas não algo que precisasse ter um andamento acelerado. Também não era uma coisa que pudesse ser esquecida sob uma pilha de documentos na mesa de alguém. Em vez disso, era uma indagação por um canal extra-oficial, a ser manipulada com a rapidez possível e absoluta discrição.

— Terá de passar pela burocracia. Não podemos nunca esquecer que o Vaticano possui a mais antiga burocracia em operação contínua do mundo.

— Foi por isso que procuramos você — ressaltou Ryan. — O superior geral pode passar por cima de toda essa bosta.

— Isso não é maneira de falar sobre os príncipes da Igreja, Jack! Riley quase explodiu numa gargalhada.

— Já esqueceu que sou católico? Sei como são essas coisas.

— Com toda discrição — enfatizou Alden.

— Claro — concordou Riley.

Dez minutos depois, o padre Timothy Riley embarcava em seu carro, para a curta viagem de volta a seu escritório em Georgetown.

Sua mente já funcionava a toda velocidade. Ryan acertara em cheio ao destacar as ligações do Padre Tim e sua importância. Riley compunha sua mensagem em grego da Ática, a língua dos filósofos, que nunca fora falada por mais de cinquenta mil pessoas, mas na qual estudara Platão e Aristóteles, no Seminário Woodstock, em Maryland, muitos anos antes.

Chegando a seu escritório, ele instruiu a secretária a não lhe transferir qualquer ligação, fechou a porta e ativou seu computador pessoal. Primeiro, inseriu um disco que permitia o uso de caracteres gregos. Riley não era um exímio datilógrafo — dispor de uma secretária e um computador acaba depressa com essa habilidade — e levou uma hora para produzir o documento de que precisava. Imprimiu-o em espaço duplo, deu um total de nove páginas. Em seguida, Riley abriu uma gaveta da escrivaninha e discou seu código para um cofre pequeno, mas seguro, escondido no que parecia ser um arquivo de gavetas. Ali, como Ryan há muito desconfiava, havia um livro de códigos, meticulosamente feito a mão, por um jovem sacerdote da assessoria pessoal do superior-geral. Riley teve de rir. Não era o tipo de coisa que se associasse ao sacerdócio. Em 1944, quando o almirante Chester Nimitz sugerira ao cardeal Francis Spellman, vigário-geral católico das forças armadas dos Estados Unidos, que talvez as ilhas Marianas precisassem de um novo bispo, o cardeal pegara seu livro de códigos e usara a rede de comunicações da marinha americana para designar o novo bispo. Como acontece em qualquer outra organização, a Igreja Católica precisa de vez em quando de um sistema de comunicações seguro, e o serviço de códigos do Vaticano funcionava há séculos. A chave do código para aquele dia era um longo trecho do discurso de Aristóteles sobre *Ser qua Ser*, com sete palavras removidas e quatro soletradas de maneira grotescamente errada. Um programa comercial de codificação cuidara do resto. Depois, ele teve de imprimir uma nova cópia, e guardou-a. Desligou o computador, apagando todo e qualquer registro do comunicado. Riley despachou o documento por fax para o Vaticano, e retalhou seu texto em seguida. Levava três horas de trabalho árduo para fazer tudo. Ao informar à secretária que estava pronto para retornar às atividades

normais, descobriu que teria de trabalhar pela noite afora. Ao contrário de um executivo comum, Riley não praguejou.

— Não gosto disso — murmurou Leary, por trás do binóculo.

— Nem eu — concordou Paulson.

Sua visão da cena pelo visor telescópico era menos panorâmica e muito mais focalizada. Nada na situação parecia favorável. O alvo vinha sendo procurado pelo FBI há mais de dez anos. Implicado nas mortes de dois agentes especiais do FBI e um delegado federal dos Estados Unidos, John Russell (também conhecido como Matt Murphy, Richard Burton ou Urso Vermelho) desaparecera no seio acolhedor de uma organização que se intitulava Sociedade Guerreira da Nação Sioux. Havia bem pouco de guerreiro em John Russell. Nascido em Minnesota, muito longe da reserva sioux, ele fora um delinqüente insignificante, cuja única grande condenação o levava à prisão. Fora ali que ele descobrira sua etnia, e passara a pensar como sua imagem deturpada de um nativo americano — a qual, na opinião de Paulson, tinha mais a ver com Mikhail Bakunin do que com Cochise ou Toohoolhoolzote. Juntando-se a outro grupo nascido na prisão, o Movimento Índio Americano, Russell envolvera-se em meia dúzia de atos niilistas, terminando com as mortes dos três agentes federais, desaparecendo em seguida. Mais cedo ou mais tarde, porém, todos acabavam se estrepando, e hoje era a vez de John Russell. Assumindo o risco de contrabandear drogas para o Canadá, a fim de ganhar dinheiro, a Sociedade Guerreira cometera seu erro, permitindo que seus planos chegassem ao conhecimento de um informante federal.

Estavam nos remanescentes de uma cidade-fantasma rural, a dez quilômetros da fronteira canadense. A Equipe de Resgate de Reféns do FBI, como sempre sem quaisquer reféns para resgatar, atuava em seu papel de Swat do serviço. Os dez homens empenhados na missão, sob o supervisor Dennis Black, encontravam-se sob o controle administrativo do agente especial no comando do escritório local. Era nesse ponto que o costumeiro profissionalismo do FBI derrapava. O AEC local organizara um elaborado plano de emboscada, que começara mal e quase

terminara em desastre, com três agentes já em hospitais, devido a desastres de automóveis, e mais dois com graves ferimentos a bala. Em compensação, sabia-se que um dos alvos morrera, e talvez outro estivesse ferido, mas ninguém tinha certeza no momento. Os demais — três ou quatro, também não se tinha certeza do número — estavam entrincheirados no que fora outrora um motel. O que sabiam com certeza era que o motel dispunha de um telefone que ainda funcionava, ou os alvos, o mais provável, tinham um "tijolo" celular, e usaram-no para chamar a imprensa. O que acontecia agora era uma confusão tão espetacular que mereceria a admiração de Phineas T. Barnum. O AEC local tentava salvar o que restava de sua reputação profissional, empenhando-se em tirar proveito da presença dos repórteres. Só que não levava em consideração que lidar com repórteres calejados, procedentes de lugares tão distantes como Denver e Chicago, não era a mesma coisa que tratar com os repórteres locais, recém-saídos da escola de jornalismo. Era muito difícil controlar os profissionais veteranos.

— Bill Shaw vai servir os colhões desse cara no desjejum amanhã — comentou Leary.

— Isso nos será de grande valia — resmungou Paulson. — Além do mais, que colhões?

— O que vocês descobriram? — perguntou Black, pelo circuito de rádio seguro.

— Movimento, mas sem qualquer identificação positiva — respondeu Leary. — Iluminação deficiente. Aqueles caras podem ser estúpidos, mas não são loucos.

— Os alvos pediram a uma repórter de tevê que se adiantasse com uma câmera, e o AEC concordou.

— Dennis, você tem...

Paulson quase baixou o visor ao ouvir a informação.

— Já tentei — respondeu Black. — Mas ele diz que está no comando. O negociador do FBI, um psiquiatra com uma experiência árdua em tais casos, ainda se encontrava a duas horas de distância, e o AEC queria uma matéria para o noticioso do início da noite. Black tinha vontade de esganar o homem, mas é claro que não podia fazê-lo.

— Não se pode prender o cara por incompetência — murmurou Leary, com a mão sobre o microfone.

*A única coisa que esses filhos da puta não têm é um refém. Então por que não lhes entregar um? Isso proporcionara alguma coisa para o negociador fazer.*

— Fale alguma coisa, Dennis — pediu Paulson.

— As regras de contato estão em vigor, sob a minha autoridade — disse o supervisor e agente especial Black. — A repórter tem vinte e oito anos, loura, olhos azuis, cerca de um metro e setenta. O cinegrafista é preto, um metro e noventa. Eu lhe disse o que fazer. O cara é inteligente, e ainda por cima joga futebol americano.

— Ótimo, Dennis.

— Há quanto tempo está na arma, Paulson? — perguntou Black. As normas diziam que um atirador de tocaia não podia permanecer em alerta total na arma por mais de trinta minutos; era o momento em que o observador e o atirador trocavam de posição. Dennis Black achava que alguém deveria agir de acordo com as normas.

— Há cerca de quinze minutos, Dennis. Estou bem... acabo de focalizar os repórteres.

Estavam bem perto, a cerca de cento e cinqüenta metros da porta da frente do prédio. A iluminação era precária. O sol desceria além da linha do horizonte dentro de noventa minutos. Fora um dia nublado. Um vento quente do sudoeste soprava pela pradaria. A poeira ardia nos olhos. Pior ainda, o vento passava dos quarenta nós e soprava diretamente para sua linha de visão. Era o tipo de vento que podia desviar sua mira em até dez centímetros.

— A equipe está de prontidão — avisou Black. — Acabamos de receber a autorização de ação no momento necessário.

— Pelo menos o cara não é um imbecil rematado — comentou Leary pelo rádio.

Ele estava irritado demais para se importar se o AEC ouvia ou não. Era mais provável que o imbecil estivesse engasgado de novo.

Tanto o observador quanto o atirador usavam trajes de camuflagem. Haviam levado duas horas para alcançarem a posição, mas agora se encontravam efetivamente invisíveis, a camuflagem

fundindo-os nas árvores mirradas e na relva da pradaria que havia ali. Leary observou a aproximação dos repórteres. A mulher era bonita, ele pensou, embora os cabelos e maquiagem devessem ter sofrido com o vento forte e seco. O homem com a câmera dava a impressão de que podia ser um defensor dos Vikings, talvez bastante rápido e duro para abrir passagem para o jogador sensacional que era Tony Wills. Leary voltou a se concentrar.

— O cara com a câmera usa um colete, a mulher não.

*Sua sacana estúpida!*, pensou Leary. *Tenho certeza de que Dennis lhe contou do que esses filhos da puta são capazes!*

— Dennis disse que o cara era esperto. — Paulson apontava o rifle para o prédio. — Movimento na porta!

— Vamos todos tentar ser espertos — murmurou Leary.

— Alvo Um na mira — anunciou Paulson. — Russell está saindo. Atirador Um no alvo.

— Também o pegamos! — acrescentaram três vozes ao mesmo tempo. John Russell era enorme. Tinha um metro e noventa e cinco de altura, com mais de cento e dez quilos de um corpo que outrora fora atlético, mas agora era uma estrutura dominada pela gordura e degradação. Usava jeans, mas estava sem camisa, uma fita prendia os cabelos pretos compridos. Tinha tatuagens no peito, algumas profissionais, mas a maioria da variedade feita na prisão, com cuspe e lápis. Era o tipo de homem que a polícia preferia enfrentar com uma arma na mão. Adiantou-se com uma arrogância indolente, que prenunciava sua disposição de ignorar as regras.

— Alvo Um empunha um revólver grande, de aço azulado — informou Leary ao resto da equipe. Parece um *N-Frame Smith...* — Eu... hum... Dennis, há alguma coisa estranha nele...

—O que é? — perguntou Black no mesmo instante.

—Mike tem razão — disse Paulson, examinando o rosto através do visor.

—Ele tem algum plano, Dennis. Está drogado. Mande aqueles repórteres voltarem!

Mas já era tarde demais para isso. Paulson manteve o visor focalizado na cabeça de Russell. Ele não era mais uma pessoa. Tornara-se um alvo. A equipe atuava agora sob a norma da

autorização de ação. Pelo menos isso fora uma atitude correta do AEC. Significava que se alguma coisa saísse errada, a equipe de resgate estava livre para tomar qualquer iniciativa que seu líder julgasse apropriada. Além disso, as normas especiais de contato para os atiradores de tocaia eram explícitas. Se o alvo parecia ameaçar qualquer agente ou civil com uma força mortífera, então o dedo indicador direito de Paulson podia aplicar a pressão de quatro libras e três onças no gatilho de precisão do rifle.

— Vamos todos permanecer calmos, pelo amor de Deus! — balbuciou o atirador.

Seu visor telescópico Unertl tinha uma retícula de fios cruzados e mira taqueométrica. Paulson reavaliou automaticamente a distância, depois aquietou-se, enquanto o cérebro continuava a calcular a influência do vento. Ele apontava para a cabeça de Russell, direto no ouvido, um excelente ponto de alvo.

Era um espetáculo horrivelmente cômico para se assistir. A repórter sorria, movimentando o microfone para frente e para trás. O corpulento câmera focalizava sua minicâmera, com uma luz forte acesa, a energia vindo de uma bateria na cintura. Russell falava com veemência, mas Leary e Paulson não podiam ouvir uma única palavra do que ele dizia, contra o vento. A expressão em seu rosto era furiosa desde o início, e não melhorou. Não demorou muito para que a mão esquerda se fechasse numa bola, enquanto os dedos da direita se comprimiam contra o revólver. O vento agitava a blusa de seda sobre o peito sem sutiã da repórter. Leary lembrou que Russell tinha uma reputação de atleta sexual, supostamente pelo lado brutal. Mas havia um estranho vazio em seu rosto. Suas expressões iam da ausência de emoção ao arrebatado, uma instabilidade induzida quimicamente, e aumentada pela tensão de se encontrar acuado por agentes do FBI. Ele se acalmou de repente, mas não era uma calma normal.

*Aquele idiota do AEC!, praguejou Leary para si mesmo. Deveríamos ter recuado e esperado que eles saíssem. A situação estava estabilizada. Eles não iam mesmo a qualquer lugar. Poderíamos negociar pelo telefone, esperar que eles saíssem...*

— Problema!



A mão livre de Russell agarrou a parte superior do braço da repórter. Ela tentou se desvencilhar e recuar, mas possuía apenas uma fração da força necessária para isso. O câmara se mexeu. Uma das mãos deixou a Sony. Era um homem alto e forte, poderia conseguir alguma coisa, mas seu movimento apenas provocou Russell. A mão do alvo que empunhava a arma se movimentou.

— No alvo! No alvo! No alvo! — exclamou Paulson, em tom de urgência. *Pare, seu idiota, PARE AGORA!* Não podia deixar que o revólver subisse demais. Seu cérebro estava em disparada, avaliando a situação. Era um Smith & Wesson grande, talvez um 44. Abria ferimentos enormes, sangrentos. Talvez o alvo estivesse apenas enfatizando suas palavras, mas Paulson não sabia bem se importava que palavras eram. Era provável que Russell dissesse ao preto com a câmara para ficar quieto; o revólver parecia apontar mais na direção da mulher, mas continuava a subir e...

O estampido do rifle parou o tempo, como uma fotografia. O dedo de Paulson se deslocara, aparentemente por iniciativa própria, mas o fato é que o treinamento prevalecera. O rifle deu o coice, a mão do atirador já se movimentava para acionar o ferrolho e tornar a carregar. O vento escolhera um péssimo momento para uma rajada, desviando o tiro de Paulson, embora por apenas uma fração, para a direita. Em vez de perfurar o centro da cabeça de Russell, a bala acertou bem à frente do ouvido. Fragmentou-se ao atingir o osso. O rosto do alvo foi explosivamente arrancado do crânio. Nariz, olhos e testa desapareceram numa neblina vermelha. Só a boca restou, aberta e gritando, enquanto o sangue jorrava da cabeça de Russell, como água saindo de um chuveiro desentupido. Morrendo, mas não morto, Russell disparou um tiro contra o câmara, antes de tombar para a frente, contra a repórter. No instante seguinte, o câmara também caiu, e só a repórter permaneceu de pé, sem ter tido tempo ainda para ficar chocada com o sangue e tecido em suas roupas e rosto. As mãos de Russell comprimiram por um momento um rosto que não mais existia, depois ficaram quietas. Os fones do rádio de Paulson berraram ATAQUEM! ATAQUEM!, mas ele mal percebeu. Inseriu a segunda bala na câmara, e avistou um rosto na janela do prédio. Reconheceu-o de fotografias. Era um alvo, um

bandido. E havia uma arma ali, parecia uma velha Winchester de alavanca. E a arma estava em movimento. O segundo tiro de Paulson foi melhor do que o primeiro, bem no meio da testa do Alvo Dois, alguém chamado William Ames.

O tempo voltou a correr. Os membros da equipe de resgate avançaram em disparada, vestindo macacões pretos Nomex e coletes à prova de balas. Dois arrastaram a repórter para longe. Dois outros levaram a câmera, que segurava a Sony comprimida contra o peito. Outro jogou uma granada de clarão ofuscante pela janela quebrada, enquanto Dennis Black e os três membros restantes da equipe mergulhavam pela porta aberta. Não houve mais tiros. Quinze segundos depois, o rádio tornou a funcionar.

— Aqui é o líder da equipe. Revista do prédio concluída. Dois alvos no chão e mortos. Alvo Dois é William Ames. Alvo Três é Ernest Thorn, parece que está morto há algum tempo, de dois tiros no peito. Armas dos alvos foram neutralizadas. Local seguro. Repito, local seguro.

— Santo Deus!

Era a primeira participação de Leary num tiroteio, depois de dez anos no FBI. Paulson ficou de joelhos, depois de suspender a arma, dobrou as duas hastes de apoio do rifle, levantou-se e correu para o prédio. O AEC local chegou na sua frente, a automática de serviço na mão, parando sobre o corpo de John Russell estendido no chão. Ainda bem que a frente da cabeça de Russell estava escondida. Cada gota do sangue que ele tinha antes se encontrava agora espalhada sobre a calçada rachada de cimento.

— Bom trabalho! — declarou o AEC a todos.

Esse foi seu último erro num dia em que já cometera muitos.

— Seu bosta idiota! — berrou Paulson, empurrando-o contra a parede pintada. — Essas pessoas estão mortas por sua causa!

Leary meteu-se entre os dois, afastando Paulson do surpreso agente veterano. Dennis Black aproximou-se, o rosto inexpressivo.

— Trate de limpar essa confusão — disse ele ao AEC, levando seus homens dali, antes que acontecesse algo mais. — Como está aquela repórter?

O câmara estava deitado de costas, com a Sony nos olhos. A repórter estava de joelhos, vomitando. Tinha bons motivos para isso. Um agente já limpava seu rosto, mas a blusa cara era uma enorme mancha vermelha, que povoaria seus pesadelos por muitas semanas subseqüentes.

— Você está bem? — perguntou Dennis. — Desligue essa droga!

O câmara pôs a Sony no chão, apagando a luz. Sacudiu a cabeça e apalpou um ponto logo abaixo das costelas.

— Obrigado pelo conselho, irmão. Devo mandar uma carta ao pessoal que fabrica este colete. Juro que eu...

E ele parou de falar abruptamente. A compreensão do que acontecera o envolveu, e o choque começou.

— Oh, Deus! Ai, Jesus misericordioso!

Paulson foi até o Chevy Carryall e trancou o rifle na caixa rígida. Leary e outro agente o acompanharam, dizendo-lhe que fizera exatamente o que era certo. Assim continuariam até que Paulson superasse o período de estresse. Não era a primeira vez que ele matava alguém; embora todos os incidentes fossem diferentes, no fundo eram iguais, coisas a serem lamentadas. As conseqüências de um tiroteio não incluem um comercial.

A repórter sofria a histeria pós-traumática normal. Tirou a blusa encharcada de sangue, esquecendo-se de que não havia nada por baixo. Um agente envolveu-a com uma manta, ajudou-a a recuperar o controle. Mais jornalistas convergiam para o local, mais se encaminhavam para o prédio. Dennis Black reuniu seu pessoal, para recolher suas armas e ajudar com os dois civis. A repórter recuperou-se em poucos minutos. Perguntou se fora realmente necessário, soube então que seu câmara levava um tiro, que fora detido pelo colete Second Chance, que o FBI recomendara que os dois usassem, mas que ela rejeitara. Entrou em seguida na fase de exultação, tão feliz quanto podia se sentir ao constatar que ainda era capaz de respirar. Não demorou muito para que o choque voltasse, mas era uma jornalista brilhante, apesar da juventude e inexperiência, e já aprendera algo importante. Na próxima vez, acataria quando alguém lhe desse um bom conselho; os pesadelos

serviriam apenas para ressaltar a importância da lição. Em trinta minutos, ela estava outra vez de pé, sem qualquer ajuda, usando um equipamento de apoio, fazendo um relato objetivo, embora ainda um pouco trêmulo, do que acontecera. Mas foram as imagens que impressionariam o pessoal em Black Rock, o quartel-general da CBS. O câmara receberia uma carta pessoal do diretor da Divisão de Jornalismo. As imagens tinham tudo: drama, morte, uma repórter corajosa (e atraente), e seriam a matéria principal do noticiário daquela noite, num dia afora aquilo sem grandes acontecimentos, repetida no noticiário da manhã seguinte. Nas duas ocasiões, o âncora advertiria solenemente os espectadores que as cenas a que assistiriam em seguida poderiam perturbar os mais sensíveis... só para ter certeza de que todos compreenderiam que algo particularmente suculento estava para aparecer na tela. Como todos tiveram mais de uma oportunidade de assistir à transmissão, alguns ligaram seus gravadores na segunda apresentação. Um deles foi o líder da Sociedade Guerreira. Seu nome era Marvin Russell.

Tudo começara de maneira bastante inocente. O estômago estava embrulhado quando acordara. Os trabalhos matutinos tornavam-se um pouco mais cansativos. Não se sentia muito bem. *Já passou dos trinta anos*, ele disse a si mesmo. *Não é mais um garoto*. Mas sempre fora vigoroso. Talvez não passasse de um resfriado, um vírus, os efeitos persistentes da água ruim, algum verme no estômago. Precisava sair daquela. Acrescentou peso à mochila, passou a andar com um pente carregado no rifle. Tornara-se indolente, isso era tudo. E se podia remediar com a maior facilidade. Não era nada, se não fosse um homem determinado.

Durante um mês ou pouco mais, deu certo. E verdade que se sentia ainda mais cansado, mas isso era de se esperar com o peso extra de cinco quilos que agora carregava. Encarou a fadiga adicional como a prova de sua virtude de guerreiro, retornou aos alimentos mais simples, forçou-se a adotar melhores hábitos de dormir e sentiu melhora. As dores musculares não eram diferentes da época em que ingressara em sua vida tão exigente, e dormia o sonho sem sonhos dos justos. O que já era forte, tornou-se ainda

mais forte, enquanto a mente concentrada dava ordens a um corpo recalcitrante. Não podia derrotar algum micróbio invisível? Não levava a melhor sobre organismos muito maiores e mais formidáveis? O pensamento era menos um desafio, e mais uma pequena diversão. Como acontece com a maioria dos homens determinados, sua competição era exclusivamente interna, o corpo resistindo ao que a mente ordenava.

Mas nunca desapareceu por completo. Embora o corpo se tornasse mais esguio e duro, as dores e a náusea persistiram. Ele foi se tornando mais e mais irritado, e a irritação aflorou inicialmente em piadas a respeito. Quando os colegas mais velhos perceberam seu desconforto, ele comentou que era o enjôo matutino das grávidas, provocando acessos de riso. Suportou o desconforto por mais um mês, depois descobriu que era necessário reduzir sua carga para manter o lugar na frente, com os líderes. Pela primeira vez na vida, tênues dúvidas surgiram, como fiapos de nuvem no céu claro de sua auto-imagem determinada. Não era mais uma diversão.

Ele resistiu por mais um mês, jamais abrandando sua rotina, exceto pela hora adicional de sono, que impôs ao seu regime afora isso incansável. Mesmo assim, seu estado piorou... isto é, não exatamente piorou, mas não melhorou nem um pouco. Talvez fosse a passagem dos anos, ele acabou admitindo para si mesmo. Afinal, era apenas um homem, por mais que se empenhasse em aperfeiçoar a forma física. Não havia nenhuma desgraça nisso, por mais determinado que ele tivesse sido para evitar que acontecesse.

Ao final, ele começou a resmungar a respeito. Os companheiros se mostraram compreensivos. Eram todos mais jovens, muitos serviam a seu líder há cinco anos ou mais. Reverenciavam-no por sua capacidade de resistência, e se essa resistência diminuía um pouco, o que isso podia significar, exceto que era humano, no final das contas, e ainda mais admirável por causa disso? Um ou outro sugeriu remédios caseiros, mas finalmente um amigo íntimo e companheiro disse-lhe que era tolo por não procurar um dos médicos locais... e o marido de sua irmã era dos bons, formado numa escola de medicina britânica. Por mais determinado que

estivesse a evitar essa renúncia à sua personalidade, era tempo de aceitar o que ele sabia ser um bom conselho.

O médico era tão bom quanto fora apregoadado. Sentado por trás de sua escrivaninha, num jaleco branco engomado, ele registrou a história médica completa, depois efetuou um exame preliminar. Não havia nada de ostensivamente errado. O médico falou em estresse — algo sobre o qual o paciente não precisava de preleções — e ressaltou que ao longo dos anos o estresse cobrava um tributo cada vez maior àqueles que o suportavam. Falou sobre bons hábitos alimentares, como o exercício podia ser exagerado, como o repouso era importante. Concluiu que o problema era uma combinação de diversas coisas pequenas, inclusive o que devia ser um pequeno mas incômodo distúrbio intestinal, e receitou um medicamento para melhorá-lo. O médico encerrou sua preleção com um monólogo sobre os pacientes que eram orgulhosos demais para fazerem o que lhes era benéfico, e como se mostravam tolos por isso. O paciente balançou a cabeça em aprovação, concedendo ao médico o devido respeito. Suas preleções aos subordinados não eram muito diferentes, e sentia-se determinado, como sempre, a fazer as coisas exatamente da maneira certa.

O medicamento funcionou por uma semana mais ou menos. O estômago quase voltou ao normal. Sem dúvida melhorou, mas ele notou contrariado que já não era o mesmo de antes. Ou será que não? Teve de admitir para si mesmo que era difícil recordar coisas tão triviais, como a maneira que se sentia ao acordar. Afinal, a mente concentrava-se nas grandes idéias, como a missão e seu propósito, incumbindo o corpo de cuidar de suas próprias necessidades, e deixá-la em paz. A mente não deveria ser incomodada. Dava ordens e esperava que fossem cumpridas. Não precisava de distrações daquele tipo. Como o propósito podia conviver com distrações? Ele determinara o propósito de sua vida há muitos e muitos anos.

Mas o problema se recusava a desaparecer, e ele teve de voltar ao médico. Foi realizado um exame mais meticoloso. Ele deixou que seu corpo fosse apalpado e sondado, o sangue extraído por uma agulha, em vez dos instrumentos mais violentos para os quais se

preparara. Talvez fosse algo quase grave, comunicou-lhe o médico, uma infecção sistêmica branda, por exemplo. Havia medicamentos para tratar disso. A malária, outrora endêmica na região, por exemplo, tinha efeitos debilitantes similares, só que mais graves, assim como diversas outras doenças, que antigamente eram sérias, mas agora podiam ser derrotadas com facilidade pelas forças à disposição da medicina moderna. Os exames indicariam qual era o problema, e o médico estava determinado a curá-lo. Conhecia o propósito na vida do paciente, e partilhava-o, de uma perspectiva mais segura e distante.

Ele voltou ao consultório do médico dois dias depois. Percebeu logo que havia algo errado. Já vira muitas vezes aquela expressão no rosto de seu oficial de informações. Algo inesperado. Algo para interferir com os planos. O médico começou a falar devagar, procurando as palavras certas, tentando encontrar uma maneira de tornar a mensagem mais fácil, mas o paciente não queria saber disso. Optara por levar uma vicia perigosa, e exigiu que a informação fosse tão direta quanto a teria dado. O médico acenou com a cabeça, respeitoso, e respondeu do modo que lhe fora pedido. O homem recebeu a notícia calmamente. Estava acostumado a desapontamentos de muitos tipos. Sabia o que se encontrava ao final de cada vida, muitas vezes ajudara outros a chegarem lá. Tudo bem. Agora surgia em seu caminho também, algo a ser evitado, se possível, mas existente mesmo assim, talvez próximo, talvez não. Ele indagou o que se podia fazer, e a resposta foi menos ruim do que imaginara. O médico não o insultou com palavras de conforto, mas leu a mente do paciente e explicou os fatos com objetividade. Havia coisas a serem feitas. Poderiam ter êxito. Ou não. Só o tempo diria. Sua força física ajudaria muito, assim como sua determinação inabalável. Um estado de espírito apropriado, explicou o médico, era da maior importância. O paciente quase sorriu ao ouvir isso, mas se conteve. Era melhor exibir a coragem de um estóico do que a esperança de um tolo. E o que era a morte, no final das contas? Não levara uma vida dedicada à justiça? A vontade de Deus? Não sacrificara sua vida para um propósito maior e mais digno?

Mas não era bem assim. Não era um homem que planejasse com a possibilidade do fracasso. Escolhera um objetivo para sua vida, e anos antes decidira alcançá-lo independente do custo, para si mesmo ou para os outros. Sacrificara nesse altar tudo o que poderia ter, os sonhos dos pais falecidos, a educação que eles esperavam que fosse usada para a melhoria de si mesmo e dos outros, uma vida normal e confortável, com uma mulher que poderia lhe dar filhos... rejeitara tudo isso em favor de um caminho de trabalho árduo, perigo, e absoluta determinação em alcançar o objetivo único e magnífico.

E agora? Fora tudo por nada? Sua vida terminaria sem um sentido? Nunca veria o dia pelo qual vivera? Deus era tão cruel assim? Todos esses pensamentos desfilaram por sua consciência, enquanto o rosto permanecia neutro, os olhos velados, como sempre. Não. Não deixaria que tal acontecesse. Deus não podia tê-lo abandonado. Veria o dia... ou pelo menos veria sua iminência. Sua vida teria um sentido, no final das contas. Não fora tudo por nada, nem seria por nada o futuro que ainda podia lhe restar. Nesse ponto também ele estava determinado.

Ismael Qati seguiria as ordens do médico, de fazer o que tinha de ser feito para prolongar seu tempo, e talvez derrotasse aquele inimigo interno, tão insidioso e desprezível quanto os externos. Enquanto isso, redobraria seus esforços, iria aos limites da resistência física, pediria a Deus por orientação, procuraria por um sinal de sua vontade. Como já lutara contra seus outros inimigos, também lutaria contra aquele, com coragem e total dedicação. Afinal, jamais conhecera a misericórdia em sua vida, e não começaria a demonstrá-la agora. Se tivesse de enfrentar a morte, as mortes de outros seriam ainda mais terríveis do que o habitual. Mas não atacaria às cegas. Faria o que tinha de fazer. Continuaria como antes, aguardando a oportunidade que sua fé lhe dizia que devia se encontrar em algum lugar um pouco além de seu campo de visão, entre ele e o final de sua trilha. Sua determinação sempre fora orientada pela inteligência. Era isso que explicava sua eficiência.



## 2

# LABIRINTOS

A mensagem de Georgetown foi entregue num escritório romano poucos minutos depois da transmissão. Ali, como acontece em qualquer burocracia, o funcionário do plantão noturno (o que os serviços secretos chamam de oficial de vigia) simplesmente largou-a na caixa apropriada, voltando a se concentrar nos estudos para um exame sobre os discursos metafísicos de São Tomás de Aquino. Um jovem sacerdote jesuíta chamado Hermann Schörner, secretário particular de Francisco Alcalde, superior-geral da Companhia de Jesus, chegou na manhã seguinte pontualmente às sete horas, e começou a separar a correspondência noturna. O fax dos Estados Unidos era o terceiro da pilha, e fez o jovem clérigo parar. As mensagens codificadas eram uma parte rotineira de seu trabalho, mas não tão comuns assim. O prefixo do código, no alto da mensagem, indicava a origem e a prioridade. O padre Schörner apressou-se em separar o resto da correspondência, e depois voltou a cuidar do documento.

O procedimento era uma inversão exata do que o padre Riley fizera, só que Schörner era um exímio datilografo. Usou um *scanner* ótico para transcrever o texto num computador pessoal, depois acionou o programa de decodificação. As irregularidades na cópia em *fac-símile* fizeram com que alguns trechos ficassem truncados, mas isso foi corrigido com a maior facilidade, e um texto claro — ainda em grego da Ática, é claro — saiu da impressora de tinta preta. Foram precisos apenas vinte minutos, em contraste com as três horas que Riley levava. O jovem sacerdote preparou o café da manhã, para si mesmo e para seu chefe, depois leu a mensagem, tomando a sua segunda xícara do dia. Era extraordinária, refletiu Schörner.

O reverendo Francisco Alcalde era um homem idoso, mas excepcionalmente vigoroso. Aos 66 anos, ainda jogava tênis muito

bem, e sabia-se que costumava esquiara com o Santo Padre. Esguio, com mais de um metro e noventa de altura, tinha uma abundante cabeleira grisalha, aparada por cima dos olhos fundos, que lembravam os de uma coruja. Alcaide possuía sólidas credenciais intelectuais. Dominava onze línguas e, se não fosse um sacerdote, poderia ter se tornado o mais eminente historiador medieval da Europa. Mas era, acima de tudo, um sacerdote cujos deveres administrativos prevaleciam sobre seu desejo pelo ensino e o ministério pastoral. Dentro de poucos anos, deixaria seu posto de superior-geral da maior e mais poderosa ordem do catolicismo romano, e voltaria a ser um professor universitário, iluminando as mentes jovens e deixando o *campus* para celebrar a missa numa pequena paróquia das classes operárias, onde poderia se absorver nas necessidades humanas comuns. Não sendo um homem perfeito, com freqüência lutava com o orgulho que acompanhava sua inteligência, tentando e nem sempre conseguindo cultivar a humildade necessária à sua vocação. Bom, ele pensava, suspirando, a perfeição era um objetivo que nunca se poderia alcançar, e sorria ao humor da percepção

— *Guten Morgen, Hermann!* — disse ele, passando pela porta.

— *Bongiorno* — respondeu o padre alemão, para acrescentar em grego: — Uma coisa interessante esta manhã.

As sobrancelhas hirsutas se contraíram ao ouvir isso, e Alcaide sacudiu a cabeça na direção de sua sala. Schörner seguiu-o com o café.

— A quadra de tênis está reservada para as quatro horas — informou Schörner, enquanto servia o café na xícara de seu chefe.

— Só para você poder me humilhar mais uma vez?

Gracejava-se de vez em quando que Schörner poderia se tornar um profissional, contribuindo com seus ganhos para a Sociedade, cujos membros tinham de fazer um voto de pobreza.

— Mas o que achou tão interessante? — acrescentou Alcaide.

— De Timothy Riley, em Washington.

Schörner entregou o documento. Alcaide pôs os óculos e começou a ler, devagar. Deixou o café sem tocar e, ao terminar a

mensagem, leu tudo de novo. A erudição era a sua vida, e ele raramente falava de alguma coisa sem a devida reflexão.

— Extraordinário! Já ouvi falar desse Ryan antes... ele não é do serviço secreto?

— Vice-diretor da CIA. Nós o educamos. Colégio de Boston, Universidade de Georgetown. É principalmente um burocrata, mas já esteve envolvido em diversas operações no campo. Não sabemos de todos os detalhes, mas tudo indica que nenhuma foi imprópria. Temos um pequeno dossiê sobre ele. E o padre Riley fala muito bem do doutor Ryan.

— Entendo... — Alcalde ponderou por um momento. Ele e Riley eram amigos há trinta anos. — Ele acha que a proposta pode ser genuína. E você, Hermann?

— Em termos potenciais, é uma dádiva de Deus. O comentário foi feito sem ironia.

— Tem razão. Só que urgente. Qual é a posição do presidente americano?

— Eu diria que ele ainda não foi informado, mas será em breve. Quanto a seu caráter? — Schörner deu de ombros. — Podia ser um homem melhor.

— Qual de nós não poderia ser também? — indagou Alcalde, olhando para a parede.

— Tem razão, padre.

— Como está minha agenda para hoje?

Schörner fez um relato dos compromissos de memória.

— Muito bem, Hermann... ligue para o cardeal D'Antônio e diga-lhe que tenho algo importante. Ajeite a agenda da melhor forma que puder. Este é um assunto que exige atenção imediata. Ligue também para Timothy, agradeça por mim, e avise que já comecei a trabalhar na questão.

Ryan acordou com relutância às cinco e meia. O sol era um brilho laranja-rosado que iluminava as árvores, a quinze quilômetros de distância, nas praias orientais de Maryland. Seu primeiro curso de ação considerado foi fechar as cortinas. Cathy não precisava ir ao Hopkins naquele dia, embora ele só se lembrasse do motivo depois

de percorrer a metade do caminho para o banheiro. Sua ação seguinte foi tomar as duas cápsulas de Tylenol. Bebera demais na noite anterior, já pelo terceiro dia consecutivo, lembrou a si mesmo. Mas qual era a alternativa? O sono lhe era cada vez mais difícil, apesar das horas de trabalho que se tornavam cada vez mais longas, e da fadiga que...

— Droga! — exclamou ele, contemplando-se no espelho. Sua aparência era horrível. Foi para a cozinha, a fim de tomar um café. Tudo ficava melhor depois do café. O estômago contraiu-se numa bola tensa e ressentida, quando ele viu as garrafas, ainda no balcão. Uma garrafa e meia, ele lembrou a si mesmo. Não duas. Não tomara duas garrafas inteiras. Uma já estava aberta. Não fora tão ruim assim. Ryan ligou a cafeteira elétrica, e encaminhou-se para a garagem. Ali, entrou na caminhonete e guiou até o portão, a fim de pegar o jornal. Não era tão longe que não pudesse ir a pé, mas afinal, ele disse a si mesmo, não estava vestido. Era esse o motivo. O rádio do carro se encontrava sintonizado numa emissora que só transmitia notícias, e ele teve as primeiras revelações sobre o que o mundo andava fazendo. Os resultados esportivos. Os Orioles haviam perdido de novo. Precisava levar o pequeno Jack a uma partida. Prometera, depois do último jogo do filho que perdera. E quando fará isso?, ele perguntou a si mesmo. Em abril próximo? Droga!

Ora, tinha praticamente toda a temporada pela frente. As aulas ainda nem haviam terminado. Daria um jeito. Com toda certeza. Ryan largou a edição matutina do *Post* no assento do carro, voltou para a casa. O café estava pronto. A primeira boa notícia do dia. Ryan serviu-se de uma caneca, e concluiu que era melhor não comer nada. Mais uma vez. O que era péssimo, uma parte de sua mente advertiu. O estômago já se encontrava nas piores condições, e duas canecas de café puro, sem nada para acompanhar, em nada ajudariam. Ele concentrou a mente no jornal, a fim de sufocar essa voz.

Não se costumava imaginar como os serviços secretos dependiam dos meios de comunicação para obter suas informações. Em parte, era uma questão funcional. Afinal, estavam no mesmo ramo, e os serviços secretos não possuíam o monopólio do mercado

da inteligência. De forma mais precisa, refletiu Ryan, os jornalistas não pagavam às pessoas para obterem informações. Suas fontes confidenciais eram impulsionadas pela consciência ou pela raiva a vazarem as informações de que dispunham, e esse era o melhor tipo de informação; qualquer agente secreto podia dizer isso. Nada como a raiva ou os princípios para levar uma pessoa a revelar tudo o que sabia. E embora os meios de comunicação estivessem repletos de preguiçosos, uns poucos espertos eram atraídos pelo bom dinheiro que acompanhava o ofício de coleta de notícias. Ryan aprendera que matérias assinadas devia ler devagar e com todo cuidado. E também registrava as datas. Como vice-diretor da CIA, sabia que chefes de departamentos eram fortes, e quais eram fracos. O *Post* oferecia melhores informações, por exemplo, do que sua seção alemã. O Oriente Médio continuava quieto. O problema do Iraque finalmente estava sendo resolvido. O novo acordo já fora acertado. *Agora, se pudéssemos fazer alguma coisa sobre o lado israelense...* Seria maravilhoso, pensou ele, deixar toda a região em sossego. E Ryan achava que era possível. A confrontação Leste-Oeste, que começara antes de seu nascimento, pertencia agora à história; e quem acreditaria nisso? Ryan tornou a encher a caneca de café, sem olhar, algo que até uma ressaca lhe permitia fazer. E tudo em poucos anos... menos tempo, na verdade, do que ele tinha na Agência. Quem poderia imaginar?

Era tão espantoso que Ryan especulou por quanto tempo as pessoas escreveriam livros a respeito. Por gerações, no mínimo. Na próxima semana, um representante do KGB visitaria Langley, em busca de conselhos sobre a supervisão parlamentar. Ryan fora contra — e a viagem estava sendo tratada com o maior sigilo — porque a Agência ainda tinha russos a seu serviço, e o conhecimento de que o KGB e a CIA haviam estabelecido contatos oficiais, por qualquer coisa, os deixaria apavorados (também era verdade, admitiu Ryan para si mesmo, que ainda havia americanos a serviço do KGB... provavelmente). Era um velho amigo que viria, Sergei Golovko. Amigo, pensou Ryan, soltando um grunhido, enquanto virava para a página de esportes. O problema do matutino era que nunca dava os resultados dos jogos da noite anterior...

O retorno de Jack ao banheiro foi mais civilizado. Já se achava desperto agora, embora o estômago parecesse ainda menos feliz com o mundo. Dois tabletes de antiácido ajudaram. E o Tylenol começava a fazer efeito. Trataria de reforçar o efeito com mais duas cápsulas, quando estivesse no trabalho. Às seis e quinze, ele estava barbeado, de banho tomado e vestido. Beijou a esposa ainda dormindo antes de sair — foi recompensado com um vago *hum* — e abriu a porta da frente, a tempo de ver o carro passando pelo portão. Incomodava Ryan vagamente que seu motorista precisasse acordar muito mais cedo para chegar ali na hora. Incomodava-o um pouco mais quem era seu motorista.

— Bom dia, Doc — disse John Clark, com um sorriso mal-humorado. Ryan sentou no banco da frente. Havia mais espaço para as pernas, e ele achou que insultaria o homem se sentasse atrás.

— Oi, John — respondeu Jack.

*Tomou outro porre ontem à noite, hem, Doc?,* pensou Clark. *Isso é demais. Para alguém tão inteligente, como pode se mostrar tão estúpido? E também não tem feito suas corridas, hem?* O que era evidente, pelo cinto apertado do vice-diretor. Bom, ele teria de aprender, como Clark aprendera, que noitadas e bebida demais eram coisas para garotos estúpidos. John Clark tornara-se um exemplo de virtude saudável antes de chegar à idade de Ryan. Calculava que isso salvara sua vida pelo menos uma vez.

— Uma noite tranqüila — comentou Clark, saindo para a rua.

— Isso é ótimo.

Ryan pegou a caixa de despachos e discou o código. Esperou até que a luz piscasse verde, antes de abri-la. Clark tinha razão, não havia muita coisa ali. Na metade do caminho para Washington, ele já lera tudo e fizera algumas anotações.

— Vai visitar Carol e as crianças esta noite? — perguntou Clark, enquanto seguiam pela Rota 3 de Maryland.

— Vou, sim. Não é esta a noite?

— É.

Era uma rotina semanal. Carol Zimmer era a viúva laociana de um sargento da força aérea americana, Buck Zimmer, e Ryan prometera cuidar da família, depois da morte de Buck. Poucas

peças sabiam disso — e menos ainda tinham conhecimento da missão em que Buck morrera —, mas proporcionava uma enorme satisfação a Ryan.

Carol possuía agora uma loja 7-Eleven entre Washington e Annapolis. Dava à família uma renda firme e respeitável, quando somada à pensão do marido e ao fundo educacional que Ryan instituíra. Todos os oito filhos teriam a garantia de um diploma universitário quando chegasse o momento... o que já acontecia, para o filho mais velho. Só que levaria um longo tempo para que isso acabasse. O caçula ainda usava fraldas.

— Aqueles pilantras voltaram? — perguntou Jack.

Clark simplesmente virou-se e sorriu. Por vários meses depois que Carol assumira a loja, alguns arruaceiros locais haviam-na molestado. Protestavam contra a presença de uma laociana e seus filhos mestiços, possuindo uma loja, na área semi-rural. Ao final, ela mencionara o assunto para Clark. John lhes dera um aviso, mas eles eram obtusos demais para acatarem. Talvez o confundissem com um policial de folga, alguém que não precisava ser levado a sério. John e seu amigo que falava espanhol resolveram o problema. Depois que o líder da turma saíra do hospital, os garotos nunca mais se aproximaram da loja. A polícia local se mostrara compreensiva, e o movimento da loja tivera um aumento imediato de vinte por cento. *Será que algum dia o joelho daquele cara vai endireitar?*, especulou Clark, com um sorriso pensativo. *Talvez agora ele aprenda um ofício honesto...*

— Como estão as crianças?

— Sabe, é meio difícil se acostumar à idéia de ter um garoto na universidade, Doc. Um pouco duro para Sandy também... Doc?

— O que é, John?

— Perdoe-me por dizer isso, mas está parecendo um pouco abalado. Precisa se recuperar.

— É o que Cathy diz.

Ocorreu a Jack dizer a Clark que cuidasse de sua própria vida, mas não se falava uma coisa assim para um homem como Clark, que era ainda por cima um amigo. Além do mais ele tinha toda razão.

— Os médicos geralmente estão certos — ressaltou John.

— Sei disso. Mas estou assim porque... a pressão ainda é muito grande no escritório. Algumas coisas vêm acontecendo...

— O exercício elimina os efeitos da bebida. Você é um dos homens mais inteligentes que já conheci. Pois aja com inteligência. Fim do conselho.

Clark deu de ombros e voltou a concentrar sua atenção no tráfego matutino.

— Sabe, John, se você tivesse resolvido estudar medicina, seria um médico dos mais competentes — comentou Jack, rindo.

— Como assim?

— Com o seu jeito para tratar com doentes, as pessoas não teriam medo do que dissesse.

— Sou o homem mais calmo que conheço — protestou Clark.

— Também acho... mas porque ninguém jamais viveu pelo tempo suficiente para que se tornasse furioso de verdade. Já estão mortos no momento em que você fica um pouco aborrecido.

E era por isso que Clark se tornara o motorista de Ryan. Jack manobrou sua transferência da diretoria de operações, convertendo-o num agente de segurança e proteção. O diretor Cabot eliminara vinte por cento da força de campo, e os primeiros foram os que tinham experiência paramilitar. A competência de Clark era valiosa demais para se perder, e Ryan violara duas normas e contornara uma terceira para conseguir evitar seu afastamento, com a ajuda e cumplicidade de Nancy Cummings e de um amigo na diretoria de administração. Além do mais, Jack sentia-se seguro na companhia daquele homem, e ele podia treinar os novos garotos na unidade de segurança e proteção. Ele era até um excelente motorista e, como sempre, conduziu Ryan à garagem subterrânea bem a tempo.

O Buick da Agência entrou em sua vaga, Ryan saltou, pegando suas chaves. A do elevador executivo era a última, e dois minutos depois ele chegou ao sétimo andar, avançando pelo corredor até sua sala. O gabinete do vice-diretor ficava ao lado da suíte estreita e comprida do diretor, que ainda não chegara. Era um lugar surpreendentemente pequeno e modesto para o segundo homem do principal serviço de informações do país, dando para o



estacionamento dos visitantes, além do qual se avistava o denso bosque de pinheiros que separava o conjunto da Agência da auto-estrada George Washington e do vale do rio Potomac, mais além. Ryan mantivera Nancy Cummings de seu período anterior como vice-diretor. Clark também sentou naquele gabinete, examinando os despachos relacionados com suas funções, em preparativo para a conferência de segurança e proteção daquela manhã — tratavam principalmente do grupo terrorista que estivesse fazendo mais estardalhaço na ocasião. Nunca houvera qualquer atentado contra algum dos altos executivos da Agência, mas a história não era uma preocupação institucional. O futuro era... e nem mesmo a CIA tinha uma base conclusiva para prevê-lo. Ryan encontrou em sua mesa uma pilha impecável de material muito delicado para a caixa de despachos no carro. Preparou-se para a reunião matutina com os chefes de departamentos, que presidia junto com o diretor. Havia uma cafeteira no gabinete. Ao lado, estava uma caneca limpa, mas nunca usada, que pertencera ao homem que o levara para a Agência, o vice-almirante James Greer. Nancy providenciava isso, e Ryan jamais iniciava um dia de trabalho em Langley sem pensar em seu falecido chefe. Muito bem. Ele esfregou o rosto e os olhos, começou a trabalhar. Que coisas novas e interessantes o mundo reservava para aquele dia?

O lenhador, como quase todos em seu ofício, era enorme e forte. Mais de um metro e noventa de altura e cem quilos de antigo astro do futebol americano, ingressara nos fuzileiros em vez de ir para a universidade — poderia ter ido, pensou ele, poderia ter aproveitado as bolsas de estudos oferecidas por Oklahoma e Pitt, mas decidira em contrário. E sabia que nunca gostaria de deixar o Oregon para sempre. Um diploma universitário acarretaria isso. Talvez se tornasse um atleta profissional e depois... viraria um executivo? Não. Desde a infância que ele amava a vida ao ar livre. Ganhava um bom dinheiro, criava a família numa cidade pequena e acolhedora, e era o melhor homem da companhia para derrubar uma árvore com perfeição. E sempre pegava os serviços especiais.

Ele puxou a corda da enorme serra de cadeia, manejada por dois homens. A uma ordem silenciosa, o ajudante pegou sua extremidade no chão, enquanto o lenhador fazia a mesma coisa. A árvore já fora entalhada com um machado de gume duplo. Trabalharam devagar, com todo cuidado. O lenhador olhava a serra, enquanto o outro vigiava a árvore. Havia uma arte em fazer tudo da maneira certa. Era uma questão de honra para ele não desperdiçar um único centímetro de madeira que não fosse necessário. Ao contrário dos caras lá na serraria, embora lhe dissessem que não tocariam naquela árvore. Retiraram a serra depois de concluir o primeiro corte, iniciaram o segundo sem urna pausa para respirar. Desta vez levou quatro minutos. O lenhador se encontrava agora num estado de alerta tenso. Sentiu uma lutada de vento no rosto, e parou para se certificar de que soprava como ele queria. Por maior que fosse uma árvore, não passava de um brinquedo para um vento forte... ainda mais se cortada quase pela metade...

Balançava no topo agora... quase na hora. Ele retirou a serra e olhou para o ajudante. *Observe meus olhos, observe minhas mãos!* O garoto acenou com a cabeça, compenetrado. Mais um palmo seria suficiente, o lenhador sabia. E completaram o que restava bem devagar. Aquela era a parte perigosa. O pessoal da segurança monitorava o vento e... agora!

O lenhador removeu a serra e largou-a no chão. O ajudante entendeu a deixa, fez a mesma coisa, e também recuou uns dez metros. Os dois ficaram observando a base da árvore. Se houvesse um movimento brusco ali, seria o aviso de perigo.

Mas isso não aconteceu. Como sempre, pareceu angustiosamente lento. Aquela era a parte que o Sierra Club gostava de filmar, e o lenhador podia compreender por quê. Bem devagar, angustiante, como se a árvore soubesse que estava morrendo, tentasse evitá-lo, perdesse a batalha, e o rangido da madeira era um gemido de desespero. Era verdade, ele pensou, assim parecia, mas não se podia esquecer que não passava de uma droga de uma árvore. O corte foi se alargando, enquanto ele observava, e a árvore caiu. O topo se movia muito depressa agora, mas o perigo era na base, e foi esse o ponto que ele continuou a observar. No momento

em que o tronco passava pela marca dos quarenta e cinco graus, a madeira se partiu por completo. O corpo da árvore deu um coice então, elevando-se mais de um metro acima do toco, como o estertor da morte de um homem. E depois o barulho. O intenso zunido dos galhos superiores cortando o ar. Ele tentou calcular rapidamente com que rapidez o topo se deslocava. Talvez a velocidade do som? Não, não tão depressa assim... e de repente... BUMBA! A árvore saltou, mas de leve, ao bater no solo úmido. E depois ficou imóvel. Era apenas madeira agora. O que sempre era um pouco triste. Fora uma linda árvore.

O emissário japonês se aproximou, o lenhador ficou surpreso ao vê-lo. O homem tocou na árvore, murmurou alguma coisa, que devia ser uma oração. O que deixou o lenhador ainda mais espantado, parecia algo que um índio faria... interessante, pensou o lenhador. Ele não sabia que o xintoísmo era uma religião animista, muito parecida com as crenças dos nativos americanos. Falando com o espírito da árvore? Talvez. Depois, o pequeno japonês se aproximou do lenhador, fez uma reverência polida e disse:

— Você tem muita habilidade.

— Obrigado, senhor.

O lenhador acenou com a cabeça. Era o primeiro japonês que conhecia pessoalmente. Parecia um bom sujeito. E dizer uma oração para a árvore... isso era classe, refletiu o lenhador.

— Uma pena matar uma coisa tão magnífica.

— Acho que sim. E verdade que pretendem pôr essa árvore numa igreja?

— E, sim. Não temos mais árvores assim, e precisamos de quatro vigas enormes. Vinte metros cada. Espero que essa árvore dê para fazer todas. — O japonês tornou a olhar para o gigante caído. — Todas as vigas devem sair de uma única árvore. É a tradição do templo.

— Posso imaginar. O templo é muito antigo?

— Tem mil e duzentos anos. As vigas antigas... foram danificadas por um terremoto há dois anos, e devem ser substituídas o mais depressa possível. Com alguma sorte, as novas vigas devem

durar o mesmo tempo. Espero que durem. E uma árvore excepcional.

Sob a supervisão do japonês, a árvore caída foi cortada em segmentos manuseáveis... e não ficaram tão manuseáveis assim. Muito equipamento especial tivera de ser reunido para cuidar daquele monstro, e a Georgia-Pacific estava cobrando um preço enorme pelo trabalho. Mas isso não era problema. Os japoneses, tendo escolhido a árvore, pagaram sem pestanejar. O emissário até pediu desculpas pelo fato de não querer que a serraria da GP trabalhasse na árvore. Era uma questão religiosa, ele explicou, de forma pausada e clara, não havia a menor intenção de ofender os trabalhadores americanos. O executivo da GP concordou. Tudo bem para ele. A árvore pertencia agora aos japoneses. Deixá-la-ia secar ao ar por algum tempo, antes de embarcá-la num navio de transporte de madeira, com bandeira americana, para a viagem através do Pacífico. Ao chegar a seu destino, seria trabalhada com toda habilidade e a devida cerimônia religiosa — e manualmente, o executivo da GP ficou perplexo ao ser informado — para seu novo e especial propósito. Nenhum deles podia imaginar que a árvore nunca alcançaria o Japão.

O termo *trouble-shooter*, que se pode traduzir literalmente como aquele que resolve problemas a tiros, era particularmente constrangedor para um agente da lei, pensou Murray. É verdade que podia sentir, ao se recostar na cadeira de couro, a automática Smith & Wesson de 10 mm presa em sua cintura. Deveria tê-la deixado na gaveta da escrivaninha, mas gostava da sensação de sua presença. Um homem do revólver durante a maior parte de sua carreira, ele logo aprendera a amar o poder compacto da Smith. E Bill compreendia. Pela primeira vez na memória recente, o diretor do FBI era um agente de carreira, que começara nas ruas, prendendo bandidos. Na verdade, Murray e Shaw haviam começado na mesma divisão de campo. Bill era um pouco mais eficiente na área administrativa, mas que ninguém o tomasse por um mero burocrata do quartel-general. Shaw atraía pela primeira vez a atenção dos altos escalões ao enfrentar sozinho dois assaltantes de banco

armados, antes que a cavalaria tivesse tempo de chegar. Nunca disparara sua arma com raiva, é claro — só uma porcentagem mínima dos agentes do FBI fazia isso às vezes — mas convencera aqueles bandidos de que poderia liquidar os dois. Havia aço por baixo do veludo delicado, e um cérebro excepcional. E era por isso que Dan Murray, um vice-diretor assistente, não se importava de trabalhar como o solucionador de problemas pessoais de Shaw.

— O que vamos fazer com esse camarada? — perguntou Shaw, com uma discreta repulsa.

Murray acabara de apresentar seu relatório sobre o Caso Guerreiro. Tomou um gole do café e deu de ombros.

— Bill, o homem é um gênio em casos de corrupção... o melhor que já tivemos. Ele apenas não sabe como cuidar do lado da força de uma operação. Saiu de sua área neste caso. Por sorte, não houve qualquer dano permanente.

E Murray estava certo. Os jornalistas haviam tratado o FBI surpreendentemente bem por salvar a vida da repórter. O mais espantoso era o fato de os jornalistas não terem compreendido, em primeiro lugar, que a repórter não deveria estar naquela arena em particular. Em conseqüência, sentiam-se gratos ao AEC local por permitir a presença da equipe de tevê no local, e gratos aos agentes de resgate de reféns por salvar os dois, quando a situação enveredara por um curso perigoso. O FBI se preocupava mais com suas relações públicas do que qualquer outra agência do governo, e o problema de Shaw era que a demissão do AEC Walt Hoskins poderia não repercutir bem. Murray insistiu:

— Ele aprendeu sua lição. Walt não tem nada de estúpido, Bill.

— E prender o governador no ano passado foi um golpe e tanto, não é mesmo?

Shaw fez uma careta. Hoskins era mesmo um gênio em casos de corrupção política. Um governador estadual agora contemplava a vida de uma prisão federal por sua causa. Fora assim que Hoskins se tornara um agente especial no comando.

— Tem alguma idéia, Dan?

— Vamos transferi-lo para Denver — respondeu Murray, com um brilho malicioso nos olhos. — E mais do que apropriado. Ele

passa de um pequeno escritório de campo para a chefia dos casos de corrupção numa grande divisão. E uma promoção que o tira do comando de operações normais e o leva de volta ao que faz melhor... e se são procedentes os rumores que chegam de Denver, ele terá muito trabalho a realizar ali. Talvez um senador e um deputado federal... talvez até mais. As indicações preliminares sobre o projeto da água mostram que é um caso de grandes proporções, Bill... como vinte milhões de dólares trocando de mãos.

Shaw assoviou ao ouvir isso, respeitoso.

— Tudo isso para um senador e um deputado federal?

— Como eu disse antes, talvez mais. A última informação é de que alguns ecologistas também estão sendo subornados... dentro e fora do governo. Quem nós temos em melhores condições de desemaranhar um novelo desse tamanho? Walt possui um faro para essas coisas. Não é capaz de sacar uma arma sem se machucar, mas é um sabujo implacável. — Murray fechou a pasta em suas mãos. — Seja como for, você me pediu para analisar a situação e apresentar uma recomendação. Mande-o para Denver ou aposente-o. Mike Delaney está disposto a voltar para estas bandas... seu filho vai começar na GW no outono, e ele quer ensinar na academia. Isso lhe dá uma abertura. Tudo certinho, sem problemas, mas a decisão é sua, diretor.

—Obrigado, senhor Murray — respondeu Shaw, solenemente, para depois se desmanchar num sorriso. — Lembra quando só tínhamos que nos preocupar em perseguir assaltantes de bancos? Detesto essas porcarias de administração!

— Talvez não devêssemos ter capturado tantos — comentou Dan.

— Ainda estaríamos trabalhando em Filadélfia, à beira do rio, tomando uma cerveja com a turma à noite. Por que as pessoas brindam ao sucesso? Só serve para estragar a vida.

— Estamos ambos falando como velhos peidorrentos.

— É que ambos somos velhos peidorrentos, Bill. Mas pelo menos eu não ando por toda parte com um destacamento de proteção.

— Seu filho da puta! — Shaw engasgou e derramou café na gravata. Depois de um momento, acrescentou, rindo: — Porra, Dan, veja o que me fez fazer!

— É um mau sinal quando um homem não consegue segurar direito seu café, diretor.

— Caia fora! E prepare logo as ordens, antes que eu o mande de volta para as ruas.

— Oh, não, por favor, isso não, qualquer coisa menos isso! — Murray parou de rir, recuperou a seriedade por um momento. — O que Kenny anda fazendo agora?

— Acaba de receber o comando de seu submarino, o *Maine*. E Bonnie passa bem com a criança... deve nascer em dezembro. Dan...

— O que é, Bill?

— Boa idéia sobre Hoskins. Eu precisava de uma saída para esse caso. Obrigado.

— Não foi nada, Bill. Walt vai adorar. Eu bem que gostaria que todos os problemas fossem tão fáceis assim.

— Está acompanhando a Sociedade Guerreira?

— Freddy Warder vem trabalhando no caso. Talvez possamos prender todos esses filhos da puta dentro de poucos meses.

E ambos sabiam que isso seria ótimo. Não restavam muitos grupos terroristas internos. Reduzir ao mínimo o número deles, até o final do ano, seria outro golpe espetacular.

Amanhecia nas terras áridas de Dakota. Marvin Russell ajoelhou sobre a pele de um bisão, virado para a aurora. Vestia jeans, mas tinha o peito nu e estava descalço. Não era um homem alto, mas ninguém duvidava da força que irradiava. Durante a sua primeira e única temporada na prisão — por roubo — aprendera a fazer musculação. Começara como um *hobby*, para descarregar um pouco do excesso de energia, desenvolvera-se com a compreensão de que a força física era a única forma de autodefesa com a qual um homem na penitenciária podia contar, e desabrochava no atributo que ele passara a associar a um guerreiro da nação sioux. Tinha um metro e setenta e dois de altura, sustentando noventa quilos de

sólidos músculos. Os braços tinham o diâmetro das coxas de alguns homens, a cintura era de bailarina, e os ombros de um astro do futebol americano. Era também um pouco louco, mas Marvin Russell não sabia disso.

A vida não oferecera muitas oportunidades a ele ou ao irmão. O pai fora um alcoólatra, que só trabalhava de vez em quando e não muito bem, como mecânico de automóvel, ganhando um dinheiro que transferia de forma irregular e imediata para o botequim mais próximo. As lembranças da infância de Marvin eram amargas: vergonha pelo estado de embriaguez quase permanente do pai, e vergonha ainda maior pelo que a mãe fazia enquanto o marido estava apagado na sala. A comida saía da pensão paga pelo governo, desde que a família voltara de Minnesota para a reserva. A instrução vinha de professores que se desesperavam por conseguir qualquer coisa. O povoado era um amontoado irregular de casas pré-fabricadas do governo, destacando-se como espectros em meio a perpétuas nuvens de poeira que sopravam pela pradaria. Nenhum dos meninos Russell jamais possuía uma luva de beisebol. Nem haviam conhecido o Natal como outra coisa que não uma ou duas semanas em que a escola permanecia fechada. Ambos cresceram num vácuo de negligência, e desde cedo aprenderam a se defender sozinhos.

A princípio, isso até que fora bom, pois a autoconfiança era a característica de seu povo. Mas todas as crianças precisam de orientação, e orientação foi algo que os pais Russell se mostraram incapazes de oferecer. Os meninos aprenderam a atirar e a caçar antes de aprenderem a ler. Muitas vezes o jantar era alguma coisa que haviam trazido para casa, com buracos de calibre 22. Quase com a mesma frequência, eram eles que preparavam as refeições. Embora não fossem os únicos jovens pobres e negligenciados no povoado, sem dúvida eram os que se encontravam mais no fundo do poço. Alguns garotos locais superaram seus antecedentes, mas o salto da miséria para a adequação fora demais para os irmãos Russell. Desde o momento em que começaram a guiar — muito antes da idade legal — passaram a pegar a dilapidada *pickup* do pai, viajando por cento e cinquenta quilômetros ou mais, nas noites



claras e frescas, até pequenas cidades distantes, onde podiam obter algumas das coisas que os pais não eram capazes de lhes dar. Surpreendentemente, na primeira vez em que foram apanhados — por outro sioux, empunhando uma espingarda — suportaram a surra com bravura, e foram despachados de volta para casa com equimoses e um sermão. Aprenderam a lição. A partir daquele momento, só roubariam brancos.

Logo foram apanhados nisso também, em flagrante, dentro de uma loja, por um agente da polícia tribal. Foi o infortúnio deles que qualquer crime cometido em propriedade federal fosse um caso federal, e que o novo juiz distrital fosse um homem com mais compaixão do que percepção. Uma lição dura nesta altura poderia — ou talvez não — mudar o rumo de suas vidas; em vez disso, porém, eles receberam apenas uma absolvição administrativa e conselhos. Uma jovem muito compenetrada, com um diploma da Universidade de Wisconsin, explicou-lhes ao longo de meses que nunca teriam uma auto-imagem benéfica se vivessem de roubar o que pertencia aos outros. Teriam mais orgulho pessoal se encontrassem algo digno para fazer. Saindo dessas sessões a especular como a nação sioux se deixara derrotar pelos brancos idiotas, eles aprenderam a planejar seus crimes com mais cuidado.

Mas não com o cuidado suficiente, já que a conselheira não podia lhes oferecer a competência de pós-graduação que os rapazes Russell teriam adquirido na prisão. E por isso eles foram apanhados de novo, um ano depois, mas desta vez fora da reserva, e foram condenados a um ano e meio de prisão, porque estavam assaltando uma loja de armas.

A prisão fora a experiência mais assustadora de suas vidas. Acostumados à terra tão aberta e vasta quanto o céu do oeste, passariam mais de um ano de suas vidas numa cela menor do que o governo federal julgava apropriado para um texugo num jardim zoológico, e cercados por pessoas muito piores do que suas idéias mais exageradas da própria agressividade. Na primeira noite na prisão, eles aprenderam pelos gritos que o estupro não era um crime infligido exclusivamente às mulheres. Precisando de proteção, foram quase que imediatamente arrebatados para os braços protetores dos

outros nativos americanos que se encontravam presos ali, membros do Movimento Índio Americano.

Nunca haviam pensado muito em seus ancestrais. Em termos subliminares, talvez sentissem que sua coletividade não exibia as qualidades que haviam assistido nas raras ocasiões em que a tevê da família funcionara, e talvez houvesse uma vaga vergonha por sempre terem sido diferentes. Aprenderam a desdenhar os filmes sobre o Velho Oeste, como não podia deixar de ser, pois os atores "índios" eram quase sempre brancos ou mexicanos, dizendo palavras que refletiam os pensamentos dos roteiristas de Hollywood, que tinham tanto conhecimento do Velho Oeste quanto da Antártida, mas mesmo assim as mensagens deixaram uma imagem negativa do que eram e de que raízes provinham. O Movimento Índio Americano mudara isso. Tudo era culpa do Homem Branco. Adotando idéias que eram uma mistura da antropologia em voga na Costa Leste, uma pitada de Jean-Jacques Rousseau, mais que um pouco do *western* de John Ford (que mais, afinal, constituía o registro cultural americano?), e muito de história incompreendida, os irmãos Russell passaram a considerar que seus ancestrais eram de uma nobre estirpe, caçadores-guerreiros ideais, que haviam vivido em harmonia com a natureza e os deuses. O fato de que os nativos americanos viviam de forma tão pacífica quanto os europeus — a palavra "sioux", no dialeto índio, significa "serpente", e não foi uma designação dada com afeto — e só começaram a vaguear pelas Grandes Planícies na última década do século 18 ficou esquecido, assim como as violentas guerras tribais. Os tempos antigos eram muito melhores. Eram donos de sua terra, seguiam o búfalo, caçavam, levavam uma vida saudável e satisfatória sob as estrelas, e de vez em quando travavam curtos e heróicos combates entre si — um tanto parecidos com as justas medievais. Até mesmo a tortura dos cativos era explicada como uma oportunidade para os guerreiros exibirem sua coragem estóica, sob a admiração de seus sádicos assassinos.

Todo homem anseia pela nobreza de espírito, e não foi culpa de Marvin Russell que a primeira oportunidade para isso viesse dos companheiros de prisão. Ele e o irmão aprenderam sobre os deuses

da terra e do céu, crenças que lhes haviam sido cruelmente suprimidas, substituídas pelas falsas crenças dos brancos. Aprenderam sobre a fraternidade das planícies, como os brancos roubaram o que lhes pertencia por direito, mataram o búfalo que fora sua subsistência, dividiram, reprimiram, massacraram, e finalmente aprisionaram seu povo, deixando-lhe pouco mais que o alcoolismo e o desespero. Como acontece com todas as mentiras bem-sucedidas, a base daquela era uma grande parcela de verdade.

Marvin Russell saudou o primeiro raio alaranjado do sol, cantando alguma coisa que podia ou não ser autêntica — ninguém mais sabia com certeza, muito menos ele. Mas a prisão não fora uma experiência totalmente negativa. Ele entrara com a terceira série do curso primário, e saíra com a equivalência da escola secundária. Marvin Russell nunca fora um idiota, e não era culpa sua se fora traído por um sistema escolar público que o consignava ao fracasso antes mesmo do nascimento. Lia livros regularmente, tudo o que podia encontrar sobre a história de seu povo. Nem tudo, é verdade. Era bastante seletivo na tendência editorial dos livros que pegava. Qualquer coisa desfavorável a seu povo, por mais insignificante que fosse, refletia o preconceito dos brancos. Os sioux não eram bêbados antes da chegada dos brancos, não viviam em pequenas aldeias miseráveis, e certamente não maltratavam suas crianças. Tudo isso fora invenção do homem branco.

Mas como mudar as coisas?, ele perguntou ao sol. A luminosa bola de gás se tornara vermelha, com a poeira soprando naquele verão quente e seco, e a imagem que surgiu a Marvin foi a do rosto do irmão. A imagem do filme paralisada no noticiário da tevê. A emissora local fizera coisas com a fita que a rede não fizera. Cada imagem do incidente fora examinada em separado. A bala atingindo o rosto de John, dois quadros do rosto do irmão se desprendendo da cabeça. E depois a conseqüência macabra da passagem da bala pela cabeça. O estampido do tiro — maldito fosse aquele negro e seu colete à prova de balas! — e as mãos subindo, como uma cena de um filme de Roger Corman. Marvin assistira cinco vezes e cada detalhe de cada imagem se encontrava tão fixado em sua memória que sabia que nunca mais seria capaz de esquecer.

Só mais um índio morto.

— É verdade, vi alguns índios bons — dissera em uma ocasião o general William Tecumseh (um nome nativo americano!) Sherman.  
— Estavam mortos.

John Russell estava morto, assassinado como tantos outros, sem a oportunidade de um combate honrado, fuzilado como o animal que o nativo americano era para os brancos. Mas ainda mais brutalmente do que a maioria. Marvin tinha certeza de que o tiro fora encenado com todo cuidado. As câmeras rodando. Aquela repórter vagabunda com suas roupas elegantes. Ela precisava de uma lição sobre o que era o quê, e os assassinos do FBI resolveram lhe dar. Exatamente como a cavalaria antiga em Sand Creek, Wounded Knee e uma centena de outros campos de batalha, anônimos e esquecidos.

E assim Marvin Russell fitava o sol, um dos deuses de seu povo, e procurava por respostas. A resposta não se encontrava ali, o sol lhe disse. Seus companheiros não eram confiáveis. John morrera aprendendo isso. Tentando levantar dinheiro com drogas! Consumindo drogas! Como se o uísque que o homem branco usara para destruir seu povo já não fosse suficiente. Os outros "guerreiros" eram criaturas de seu ambiente criado pelos brancos. Não sabiam que já haviam sido destruídos por isso. Intitulavam-se guerreiros sioux, mas não passavam de bêbados, criminosos insignificantes, que se esforçavam mas nada conseguiam fazer com sucesso, mesmo nessa área tão pouco exigente. Num raro relance de honestidade — como alguém podia ser desonesto diante de um dos seus deuses? — Marvin admitiu para si mesmo que eram inferiores a ele. Como fora seu irmão. Uma estupidez aderir àquela tola busca por dinheiro das drogas. E ineficaz. O que haviam conseguido? Mataram um agente do FBI e um delegado federal dos Estados Unidos, mas isso acontecera no passado. E desde então? Desde então haviam se limitado a falar sobre seu momento de glória. Mas que tipo de momento fora? O que haviam conseguido com isso? Nada. A reserva ainda estava ali. O álcool ainda prevalecia. A desesperança ainda existia. Alguém sequer notara quem eles eram e o que faziam? Não. Só tinham conseguido enfurecer as forças que continuavam a

oprimi-los. E agora a Sociedade Guerreira era caçada, até mesmo na reserva, os homens não mais viviam como guerreiros, mas sim como animais caçados. Mas deveriam ser os caçadores, o sol lhe disse, não a presa.

Marvin se agitou com o pensamento. Ele deveria ser o caçador. Os brancos deveriam temê-lo. Outrora fora assim, mas não era mais. Ele deveria ser o lobo no redil, mas as ovelhas brancas se tornaram tão fortes que nem tomavam conhecimento da existência do lobo, e se escondiam por trás de formidáveis cães, que já não se contentavam em ficar com os rebanhos, mas caçavam os lobos, até que estes e não as ovelhas passaram a ser criaturas assustadas e nervosas, prisioneiras em seu próprio território.

Por isso, ele precisava deixar seu território.

Tinha de encontrar seus irmãos lobos. Tinha de encontrar lobos para os quais a caçada ainda era real.

### 3

## UM PROTESTO PASSIVO

Aquele era o dia. O seu dia. O capitão Benjamin Zadin fizera uma carreira rápida na polícia nacional israelense. O mais jovem capitão da força, era o último de três filhos, pai de dois filhos, David e Mordecai, e até recentemente estivera à beira do suicídio. A morte de sua amada mãe e a partida da esposa bela mas adúltera haviam ocorrido em apenas uma semana, e isso acontecera apenas dois meses antes. Apesar de ter feito tudo o que sempre planejara fazer, ele se defrontara de repente com uma vida que parecia vazia e inútil. Sua posição e salário, o respeito dos subordinados, a inteligência e lucidez manifestas em momentos de crise e tensão, a folha de serviço militar em patrulhas difíceis e perigosas na fronteira, tudo se reduzia a nada na comparação com uma casa vazia, povoada apenas por lembranças angustiantes.

Embora Israel seja considerado freqüentemente como "o Estado judaico", esse nome disfarça o fato de que apenas uma fração da população do país é ativamente religiosa. Benny Zadin nunca o fora, apesar das súplicas da mãe. Em vez disso, gostava da vida agitada de um moderno hedonista, e não via o interior de uma *shul* desde o Bar Mitzvah. Falava e lia hebraico porque tinha de fazê-lo — era a língua nacional — mas as normas de sua herança constituíam para ele um curioso anacronismo, um aspecto atrasado da vida, no que era de resto o mais moderno dos países. Sua esposa apenas acentuara isso. Podia-se medir o fervor religioso de Israel, ele gracejava muitas vezes, pelas roupas de banho em suas muitas praias. A esposa era de origem norueguesa. Uma loura alta e esguia, Elin Zadin parecia tão judia quanto Eva Braun — e essa era uma piada dos dois — e ainda gostava de exhibir seu corpo com o mais sumário dos biquínis, às vezes até com apenas a metade. O casamento fora apaixonado e arrebatado. Ele sabia que a esposa sempre teria outros interesses, e de vez em quando também tinha

suas aventuras, mas a partida abrupta dela para outro homem o surpreendera — mais do que isso, a maneira como ocorrera o deixara atordoado demais para chorar ou suplicar, simplesmente o deixara sozinho numa casa que continha também várias armas carregadas, cujo uso, ele sabia, podia acabar sua angústia com a maior facilidade. Só os filhos haviam impedido que recorresse a isso. Não podia traí-los como fora traído, era homem demais para chegar a esse ponto. Mas a angústia fora — e ainda era — muito intensa.

Israel é um país muito pequeno para se ter segredos. Notou-se no mesmo instante que Elin fora viver com outro homem, e a notícia logo chegou à delegacia de Benny, onde os homens podiam perceber pela expressão vazia que o espírito de seu comandante fora abalado. Alguns especularam quando e como ele se recuperaria, mas depois de uma semana a questão mudou, pois surgiram dúvidas se isso seria possível. Foi nesta altura que um dos sargentos de Zadin resolveu tomar uma providência. Apareceu na porta de seu capitão numa noite de quinta-feira, levando o rabino Israel Kohn. Nessa mesma noite, Benjamin Zadin redescobriu Deus. Mais do que isso, ele disse a si mesmo, contemplando a rua da Corrente, na Velha Jerusalém, que sabia de novo o que significava ser um judeu. O que lhe acontecera era a punição de Deus, nada mais, nada menos. Punição por ignorar as palavras de sua mãe, punição por seu adultério, pelas festas desvairadas com a esposa e outras pessoas, por vinte anos de pensamentos e atos perniciosos, enquanto fingia ser um bravo e íntegro comandante da polícia e de soldados. Mas hoje ele mudaria tudo isso. Hoje ele violaria a lei do homem para expiar seus pecados contra a Palavra de Deus.

Ainda era o início da manhã do que prometia ser um dia escaldante, com um vento seco de leste, soprando da Arábia. Contava com quarenta homens dispostos, todos armados com uma mistura de rifles automáticos, pistolas de gás e outras armas que disparavam "balas de borracha", mais acuradamente chamadas de mísseis, feitas de um material plástico flexível que podiam derrubar um homem adulto e, se o atirador fosse cuidadoso, parar um coração pelo trauma. Sua polícia era necessária para permitir que a lei fosse violada — o que não era a idéia dos superiores imediatos do

capitão Zadin — e evitar a interferência de outros dispostos a violar uma lei maior, para impedi-lo de cumprir o seu dever. Afinal, fora esse o argumento que o rabino Kohn usara. E de quem era essa lei? Era uma questão de metafísica, algo complicado demais para um simples oficial de polícia. Muito mais simples, como o rabino explicara, era a idéia de que o local do Templo de Salomão era o lar espiritual do judaísmo e dos judeus. O local no Monte do Templo fora escolhido por Deus, e não tinha importância se homens contestavam esse fato. Era tempo de os judeus reclamarem o que Deus lhes concedera. Um grupo de dez rabinos conservadores e hasídicos delimitariam hoje o lugar em que o novo templo seria reconstruído, exatamente de acordo com as Sagradas Escrituras. O capitão Zadin tinha ordens para impedir sua passagem pelo Portão da Corrente, não deixar que fizessem o seu trabalho, mas ignoraria essas ordens, e seus homens fariam o que ele mandasse, protegendo os rabinos dos árabes que podiam estar aguardando com as mesmas intenções que os policiais deveriam ter.

Ele ficou surpreso ao constatar que os árabes já se encontravam ali tão cedo. Não eram melhores do que animais, na verdade, aquele povo que matara David e Motti. Os pais haviam contado a todos os filhos como fora ser um judeu na Palestina na década de 1930, os ataques, o terror, a inveja, o ódio declarado, como os britânicos se recusaram a proteger aqueles que lutaram a seu lado na África do Norte... contra os que haviam se aliado aos nazistas. Os judeus não podiam contar com ninguém, a não ser consigo mesmos e com seu Deus, e manter a fé em seu Deus implicava em reconstruir seu Templo no monte rochoso em que Abraão sacramentara a aliança entre seu povo e o Senhor. O governo não compreendia isso, ou estava disposto a fazer política com o destino do único país do mundo em que os judeus estavam realmente seguros. Seu dever como um judeu suplantava isso, mesmo que não o soubesse até bem pouco tempo atrás.

O rabino Kohn apareceu no momento combinado. Veio em companhia do rabino Eleazar Goldmark, um sobrevivente tatuado de Auschwitz, onde aprendera a importância da fé diante da própria morte. Os dois carregavam um feixe de estacas e um cordão de



agrimensor. Fariam as medições, e daquele dia em diante turmas de homens em revezamento guardariam o local, até forcarem o governo de Israel a remover de lá as obscenidades árabes. Uma onda de apoio popular por todo o país e um fluxo de dinheiro da Europa e da América permitiriam que o projeto fosse concluído em cinco anos... e depois ninguém mais poderia falar em tirar aquela terra daqueles a quem o próprio Deus as concedera.

— Merda! — murmurou alguém por trás do capitão Zadin, mas um olhar duro do comandante calou quem quer que tivesse blasfemado no momento do destino.

Benny acenou com a cabeça para os dois rabinos, que seguiram em frente. Os policiais seguiram seu capitão, cinqüenta metros atrás. Zadin orou pela segurança de Kohn e Goldmark, mas sabia que o perigo que eles enfrentavam era plenamente aceito, como Abraão aceitara a morte do filho como uma condição da Lei de Deus.

Mas a fé que levava Zadin àquele momento o ofuscara para o que deveria ser o fato óbvio de que Israel era de fato um país pequeno demais para segredos, e que os outros judeus que consideravam Kohn e Goldmark como meras versões dos aiatolás fundamentalistas do Irã sabiam o que estava acontecendo, e em decorrência a notícia se espalhara. Equipes de tevê se encontravam reunidas na praça ao pé do Muro das Lamentações. Alguns usavam os capacetes de operários, na expectativa da chuva de pedras que parecia ser inevitável. Talvez fosse melhor assim, pensou o capitão Zadin, enquanto seguia os rabinos para o topo do Monte do Templo. O mundo deveria saber o que estava acontecendo. Inconscientemente, ele acelerou os passos, a fim de chegar mais perto de Kohn e Goldmark. Eles podiam aceitar a idéia de martírio, mas seu dever era protegê-los. A mão direita de Benny desceu para o coldre na cintura, certificando-se de que a aba se achava solta. Poderia precisar em breve de sua arma.

Os árabes estavam ali. Foi um desapontamento descobrir que eram muitos, como pulgas, como ratos, num lugar que não lhes pertencia. Mas tudo bem, desde que não tentassem interferir. Só que tentariam, e Zadin sabia disso. Opunham-se à vontade de Deus. Esse era o infortúnio deles.

O rádio de Zadin estalou, mas ele ignorou-o. Seria apenas seu comandante, indagando o que ele estava fazendo e ordenando que desistisse. Não hoje. Kohn e Goldmark avançaram destemidos para os árabes que bloqueavam sua passagem. Zadin quase chorou pela coragem e fé dos dois, especulando como o Senhor demonstraria seu favor, torcendo para que lhes fosse concedida a graça de continuarem vivos. Por trás dele, cerca da metade de seus homens o apoiava, o que era possível porque Benny alterara o destacamento com esse objetivo. Sabia, mesmo sem olhar, que eles não usavam os escudos Lexan; em vez disso, puxavam a trava de segurança das armas em seus ombros para a posição de disparo. Era difícil esperar pelo momento, era difícil prever a primeira nuvem de pedras, que seriam arremessadas a qualquer instante agora.

*Por favor, Deus, deixe-os viver. Proteja-os, por favor. Poupe-os como poupou Isaque.*

Zadin se encontrava agora a menos de cinquenta metros atrás dos dois corajosos rabinos, um nascido na Polônia, sobrevivente dos infames campos de extermínio, onde sua esposa e filho haviam morrido, onde mantivera de alguma forma seu espírito e aprendera a importância da fé; outro nascido nos Estados Unidos, um homem que viera para Israel, lutara em suas guerras, e só depois se voltara para Deus, como acontecera com o próprio Benny, apenas uns poucos dias antes.

Os dois se achavam a uns dez metros dos árabes sujos e soturnos quando aconteceu. Os árabes eram os únicos que podiam ver que seus rostos se mantinham serenos, que aceitavam qualquer coisa que a manhã pudesse lhes reservar, e só os árabes viram o choque e a perplexidade no rosto do polonês, e a angústia atordoada no rosto do americano, à compreensão do que o destino tinha em mente.

A uma ordem, a primeira fileira de árabes, todos adolescentes, com uma longa história de confrontação, sentou no chão. A centena de jovens por trás fez a mesma coisa. E depois a fileira da frente começou a bater palmas. E a cantar. Benny levou um momento para entender, embora fosse tão fluente em árabe quanto qualquer palestino.

*Venceremos,  
Venceremos,  
Um dia venceremos.*

As equipes de tevê vinham logo atrás dos policiais. Vários riram em surpresa, pela selvagem ironia da situação. Um deles era o correspondente da CNN Pete Franks, que resumiu para todos:

— *Filhos da PUTA!*

Foi nesse momento que Franks compreendeu que o mundo mudara mais uma vez. Ele estivera em Moscou, para a primeira reunião democrática do Soviete Supremo, em Manágua, na noite em que os sandinistas perderam a eleição que consideravam segura, e em Pequim, testemunhando a destruição da Deusa da Liberdade. E agora isso?, pensou ele. *Os árabes finalmente se tornaram espertos. Puta merda!*

— Espero que esteja filmando tudo, Mickey.

— Eles estão mesmo cantando o que eu penso que estão cantando?

— E o que parece. Vamos chegar mais perto.

O líder dos árabes era um estudante de sociologia de vinte anos, Hashimi Moussa. Tinha um braço coberto por cicatrizes permanentes, causadas por um cassetete israelense, e perdera metade dos dentes, em consequência de uma bala de borracha, disparada por alguém que sentia uma raiva especial naquele dia em particular. Ninguém contestava sua coragem. Eleja a provar, acima e além de qualquer dúvida. Enfrentara a morte uma dúzia de vezes antes que sua posição de liderança estivesse assegurada, mas agora a exercia, as pessoas o escutavam, e podia pôr em prática uma idéia que acalentara por cinco intermináveis e pacientes anos. Levava três dias para persuadir os outros, depois da sorte fantástica de um amigo judeu, repugnado com os conservadores religiosos de seu país, falar um pouco demais sobre os planos para aquele dia. Talvez fosse o destino, pensou Hashimi, a vontade de Alá, ou mera sorte. O que quer que fosse, aquele era o momento pelo qual ele vivera desde os quinze anos, quando tomara conhecimento de Gandhi e

King, e como haviam derrotado a força bruta com uma coragem despojada e passiva. Agora, suas convicções seriam submetidas a um teste.

Benny só podia ver que o caminho fora bloqueado. O rabino Kohn disse alguma coisa ao rabino Goldmark, mas nenhum dos dois voltou ao ponto em que os policiais haviam parado, porque o recuo agora seria uma admissão de derrota. Se estavam muito chocados ou muito furiosos pelo que viam, ele nunca saberia. O capitão Zadin virou-se para seus homens.

— Gás!

Ele planejara essa parte com antecedência. Os quatro homens com as armas de gás eram todos religiosos. Apontaram suas armas e dispararam ao mesmo tempo para a multidão. O projéteis de gás eram perigosos, e foi extraordinário que ninguém ficasse ferido. Em poucos segundos, nuvens cinzentas de gás lacrimogêneo desabrocharam entre os árabes sentados. A uma ordem, porém, cada um pôs uma máscara para se proteger. Isso impediu-os de cantar, mas não de bater palmas, nem abalou sua determinação, e apenas enfureceu o capitão Zadin ainda mais, quando o vento leste soprou o gás para longe dos árabes, na direção de seus homens. Um momento depois, homens com luvas isolantes pegaram os projéteis quentes e os arremessaram de volta para a polícia. Em um minuto, os árabes puderam remover as máscaras e passou a haver riso em seu canto.

Zadin ordenou então que as balas de borracha fossem disparadas. Tinha seis homens equipados com essas armas, e de uma distância de cinquenta metros podiam forçar qualquer homem a correr em busca de cobertura. A primeira rajada foi perfeita, atingindo seis árabes na linha de frente. Dois gritaram de dor. Um desmaiou, mas ninguém saiu do lugar, exceto para socorrer o ferido. A rajada seguinte visou os rostos, não mais os peitos, e Zadin teve a satisfação de ver um rosto explodir numa nuvem vermelha.

O líder — Zadin reconheceu o rosto de confrontações anteriores — deu uma ordem que o capitão israelense não conseguiu ouvir. Mas o significado tornou-se claro no mesmo instante. O canto tornou-se mais alto. Outra rajada de balas de borracha foi disparada.

Um dos atiradores estava furioso, o comandante dos policiais percebeu agora. O árabe que levava um tiro no rosto foi atingido por outro no topo da cabeça, e seu corpo ficou inerte no chão. Deveria ter advertido Benny que já perdera o controle de seus homens; pior ainda, estava perdendo o controle de si mesmo.

Hashimi não viu a morte de seu companheiro. A paixão do momento era irresistível. A consternação nos rostos dos dois rabinos invasores era manifesta. Ele não podia ver os rostos dos policiais por trás das máscaras, mas suas ações e movimentos deixavam evidentes os sentimentos. Num excepcional momento de lucidez, ele compreendeu que estava vencendo, e gritou de novo para que seu pessoal redobrasse os esforços. E foi o que eles fizeram, mesmo diante dos tiros e da morte.

O capitão Benjamin Zadin tirou o capacete, avançou decidido para os árabes, passou pelos dois rabinos, dominado subitamente por uma decisão incompreensível. A vontade de Deus seria transtornada pelo canto discordante de alguns selvagens asquerosos?

— Essa não! — murmurou Pete Franks, os olhos lacrimejando do gás que soprara contra seu rosto.

— Estou registrando tudo! — avisou o câmara, dando um *zoom* no comandante dos policiais israelenses que continuava a avançar. Algo vai acontecer... o cara parece descontrolado, Pete!

*Oh, Deus!*, pensou Franks. Ele também era judeu, sentia-se estranhamente em casa naquela terra árida mas amada, sabia que havia um fato histórico ocorrendo diante de seus olhos, mais uma vez, já compunha os dois ou três minutos do relato verbal que acompanharia as imagens que seu câmara gravava para a posteridade, e especulava se não haveria outro prêmio Emmy em seu futuro, por realizar tão bem aquele trabalho árduo e perigoso.

Aconteceu muito depressa, até depressa demais, enquanto o capitão avançava direto para o líder árabe. Hashimi já sabia que um amigo fora morto, o crânio arrebatado pelo que deveria ser uma arma não-letal. Orou silenciosamente pela alma do companheiro, esperando que Alá compreendesse a coragem necessária para enfrentar a morte daquela maneira. Ele entenderia. Hashimi tinha

certeza. O israelense se aproximando era um rosto conhecido. Zadin, era esse o seu nome, um homem com quem já se defrontara muitas vezes, apenas mais um rosto israelense, quase sempre oculto por trás de uma máscara Lexan, com uma arma na mão, mais um homem incapaz de considerar os árabes como pessoas, para quem um muçulmano era o lançador de um foguete ou de um coquetel Molotov. Pois hoje ele aprenderia algo diferente, Hashimi disse a si mesmo. Hoje ele veria um homem de coragem e convicção.

Benny Zadin viu um animal, como uma mula teimosa, como... o quê? Não tinha certeza do que via, mas não era um homem, não era um israelense. Haviam mudado de tática, isso era tudo, e a tática agora era de mulher. Pensavam que impediriam assim o seu propósito? Exatamente como a esposa lhe dissera que o deixava por uma cama de um homem melhor, que ele podia ficar com as crianças, que suas ameaças de espancá-la não passavam de palavras vazias, que não seria capaz de fazer isso, que não era bastante homem para assumir o comando de sua própria casa. Ele contemplou aquele lindo rosto vazio, e se perguntou por que não lhe dera uma lição; ela ficara parada ali, a menos de um metro de distância, fitando-o, com um sorriso... e depois rira de sua incapacidade de fazer o que a virilidade determinava. Fora assim que a fraqueza passiva derrotara a força.

Mas não desta vez.

— Saia da frente! — ordenou Zadin, em árabe.

— Não.

— Vou matá-lo.

— Não vai passar.

— Benny! — gritou um policial de cabeça fria.

Mas já era tarde demais. Pois era demais para Benjamin Zadin, as mortes de seus irmãos às mãos dos árabes, a maneira como a esposa o deixara, e agora aqueles homens se interpondo em seu caminho. Num rápido movimento, ele sacou a automática de serviço e deu um tiro na testa de Hashimi. O jovem árabe tombou para a frente, o canto e as palmas cessaram. Um dos manifestantes fez menção de se levantar, mas dois outros o seguraram e o mantiveram imóvel. Outros começaram a orar pelos dois companheiros mortos.

Zadin apontou a arma para um desses, mas embora o dedo comprimisse o gatilho, algo impediu-o de chegar ao ponto de disparo. Era a expressão nos olhos, a coragem, algo além do desafio. Determinação, talvez... e compaixão, pois a expressão no rosto de Zadin era de uma angústia que transcendia à dor, enquanto o horror do que fizera se abatia sobre sua consciência. Violara a fé que possuía. Matara a sangue frio. Tirara a vida de alguém que não ameaçava a vida de nenhum homem. Tornara-se um assassino. Zadin virou-se para os dois rabinos, procurando por algo, ele não sabia o quê, e o que quer que procurasse simplesmente não se encontrava ali. Ao virar-se, o canto recomeçou. O sargento Moshe Levin adiantou-se, tirou a arma do capitão.

— Vamos embora, Benny. Você deve sair daqui.

— O que eu fiz?

— Já está feito, Benny. Venha comigo.

Levin começou a levar seu comandante para longe, mas teve de se virar e contemplar o resultado do trabalho daquela manhã. O corpo de Hashimi se achava estendido no chão, uma poça de sangue espalhando-se pelas pedras do calçamento. Não deveria ter acontecido assim. Levin abriu a boca, aturdido, balançou a cabeça de um lado para outro. E foi nesse momento que os discípulos de Hashimi compreenderam que seu líder vencera.

O telefone de Ryan tocou às duas horas e três minutos da madrugada, pelo horário de verão da Costa Leste dos Estados Unidos. Ele conseguiu atender antes do segundo toque da campainha.

— Alô?

— Aqui é Saunders, do centro de operações. Ligue a tevê. Dentro de quatro minutos, a CNN vai apresentar algo quente.

— Fale-me a respeito.

A mão de Ryan tateou à procura do controle remoto, ele ligou o aparelho de tevê no quarto.

— Não vai acreditar, senhor. Copiamos da transmissão por satélite da CNN e Atlanta vai jogar na rede imediatamente. Não sei como conseguiu passar pelos censores israelenses. Seja como for...

— Está começando.

Ryan esfregou os olhos bem a tempo. Mantivera a tevê sem som, para não incomodar a esposa. E não havia mesmo necessidade de qualquer comentário.

— Santo Deus!

— E a única coisa que se pode dizer, senhor — concordou o oficial de vigia.

— Mande meu carro imediatamente, ligue para o diretor e avise-o. Entre em contato com o oficial de plantão na sala de comunicações da Casa Branca. Ele alertará as pessoas no seu lado. Precisamos acionar as seções de Israel, Jordânia... todas as seções da região. E providencie para que o Departamento de Estado...

— Eles também têm seu...

— Sei disso, mas avise-os mesmo assim. Nunca presuma nada em seu trabalho, está certo?

— Certo, senhor. Mais alguma coisa?

— Claro. Providencie-me mais quatro horas de sono. Ryan desligou o telefone.

— Jack... isso foi...

Cathy estava sentando na cama. Despertara a tempo de assistir à repetição da cena.

— Foi, sim, meu bem.

— E o que isso significa?

— Significa que os árabes acabaram de descobrir uma maneira de destruir Israel.

*A menos que possamos salvar o lugar.*

Noventa minutos depois, Ryan ligou a máquina West Bend por trás de sua mesa, antes de voltar aos relatórios da equipe do plantão noturno. Seria um dia para muito café. Fizera a barba no carro, durante o percurso, e um olhar no espelho indicou que não fora um trabalho dos melhores. Jack esperou que a cafeteira pingasse uma xícara cheia, antes de seguir para o gabinete do diretor. Charles Alden estava ali, junto com Cabot.

— Bom dia — disse o assessor de segurança nacional.



— O que pode haver de bom num dia como este? — respondeu o vice-diretor, com a voz rouca. — O presidente já sabe?

— Não. Não quis incomodá-lo enquanto não tivermos mais detalhes. Falarei quando ele acordar... por volta das seis horas. Marcus, o que você acha agora de seus amigos israelenses?

— Já descobrimos mais alguma coisa, Jack? — perguntou Cabot a seu subordinado.

— O autor do disparo é um capitão da polícia israelense, a julgar pela insígnia. Ainda não sabemos o nome, nem os antecedentes. Os israelenses o esconderam em algum lugar, não estão dizendo nada. Pela gravação, parece que há dois mortos, sem a menor sombra de dúvida, provavelmente mais alguns com pequenos ferimentos. O chefe da estação não tem nada para nos comunicar, exceto que aconteceu de fato, o que já sabíamos pela gravação. Ninguém parece saber onde se encontra a equipe de tevê. Não tínhamos ninguém no local quando ocorreu, por isso devemos nos basear exclusivamente na cobertura da imprensa.

*Mais uma vez*, pensou Ryan, embora sem fazer o comentário. A manhã já era bastante terrível.

— O Monte do Templo foi isolado, guardado agora pelo exército israelense, ninguém entra nem sai, fecharam também o acesso ao Muro das Lamentações. Pode ser algo sem precedentes. Nossa embaixada ainda não se manifestou, aguarda instruções daqui. O mesmo acontece com as outras. Nenhuma reação oficial da Europa por enquanto, mas creio que isso deve mudar durante a próxima hora. O expediente por lá já começou, e eles receberam as mesmas imagens pelo serviço Sky News.

— Já são quase quatro horas — murmurou Alden, cansado, olhando para o relógio. — Dentro de três horas, as pessoas terão seu café da manhã perturbado... pois é uma coisa terrível para se assistir pela manhã. Senhores, estou convencido de que este caso terá as maiores repercussões. Ryan, você acertou em cheio. Lembro o que disse no mês passado.

— Mais cedo ou mais tarde, os árabes tinham de se tornar espertos — comentou Jack.

Alden acenou com a cabeça em concordância. Era muita generosidade da parte dele, pensou Jack. Alden dissera a mesma coisa em um de seus livros, vários anos antes.

— Acho que Israel pode agüentar isso, eles sempre... Jack não deixou o diretor continuar:

— Não há a menor possibilidade, chefe. — Alguém precisava esclarecer Cabot. — É o que Napoleão disse sobre o moral e o físico. Israel depende absolutamente de ter o moral alto. Toda a sua distinção está no fato de ser a única democracia na região, serem os caras imaculados. Esse conceito acabou há três horas. Agora eles parecem com Buli... ou qualquer outro nome que ele tinha... em Selma, Alabama, só que ele usou mangueiras de água. A comunidade dos direitos civis ficará furiosa.

Jack tomou um gole de café, antes de acrescentar:

— E uma simples questão de justiça. Quando os árabes jogavam pedras e coquetéis Molotov, a polícia podia dizer que usava a força em reação à força. Não desta vez. Os dois mortos estavam sentados, não ameaçavam ninguém.

— E o ato isolado de um homem transtornado! — protestou Cabot, irritado.

— Não é bem assim, senhor. O que foi morto com um tiro de pistola pode ter sido, mas a primeira vítima foi liquidada por duas balas de borracha, a uma distância de mais de vinte metros... com dois tiros disparados da mesma arma. Isso é um atentado a sangue frio, não um acidente.

— Temos certeza de que ele morreu mesmo? — indagou Alden.

— Minha mulher é médica, e o homem pareceu morto para ela. O corpo teve espasmos e depois ficou inerte, uma provável indicação de morte por um maciço trauma cerebral. Eles não podem dizer que o homem tropeçou e caiu do meio-fio. E isso muda a situação. Se os palestinos forem espertos, dobrarão suas apostas. Manterão essa tática, aguardando a reação internacional. Se fizerem isso, não poderão perder.

— Concordo com Ryan — declarou Alden. — Haverá uma resolução da ONU antes do jantar. Teremos de aceitá-la, e isso pode

mostrar aos árabes que a não-violência é melhor do que as pedras. O que dirão os israelenses? Como reagirão?

Alden já sabia qual era a resposta. O objetivo era esclarecer o diretor, e por isso Ryan encarregou-se de responder:

— Primeiro, tentarão criar uma cortina de fumaça. A esta altura, devem estar se censurando por não terem interceptado a gravação, mas já é tarde demais para isso. Foi quase que certamente um incidente imprevisto... ou seja, o governo israelense deve estar quase tão surpreso quanto nós... caso contrário teriam detido a equipe de tevê. O capitão de polícia deve estar sendo submetido a uma lavagem cerebral. Até a hora do almoço, dirão que ele é louco... o que provavelmente é verdade... e que foi um ato isolado. Como eles farão o controle dos danos é previsível, mas...

— Não dará certo — interveio Alden. — O presidente terá de fazer uma declaração por volta das nove horas. Não podemos dizer que foi um "trágico incidente". Afinal, foi o assassinato a sangue frio de um manifestante desarmado por um agente do Estado.

— Escute, Charlie, foi apenas um acidente isolado — insistiu Cabot.

— É possível, mas eu venho prevendo isso há cinco anos. — O assessor de segurança nacional levantou-se, foi até a janela. — Marcus, a única coisa que manteve Israel unido, durante os últimos trinta anos, foi a estupidez dos árabes. Ou eles nunca reconheceram que a legitimidade israelense baseava-se exclusivamente em sua posição moral, ou não tiveram a perspicácia de se importarem com isso. Israel se defronta agora com uma contradição ética inadmissível. Se é de fato uma democracia que respeita os direitos de seus cidadãos, deve conceder maiores direitos aos árabes. Mas isso significa pôr em risco a integridade política, que depende de acalmar os elementos religiosos radicais... e essa turma está cagando e andando para os direitos dos árabes, entende? Mas se eles cederem aos fanáticos religiosos e se calarem, tentando atenuar a gravidade do incidente, então não formam uma democracia, o que pode pôr em risco o apoio político dos Estados Unidos, sem o qual não podem sobreviver, em termos econômicos e militares. O mesmo dilema se aplica a nós. Nosso apoio a Israel baseia-se na

legitimidade política do país como uma democracia liberal em pleno vigor, só que essa legitimidade acaba de se evaporar. Um país cuja polícia assassina pessoas desarmadas não tem legitimidade, Marcus. Não podemos mais apoiar um Estado de Israel que faz coisas assim, como não pudemos apoiar Somoza, Marcos ou qualquer outro ditador de lata...

— Não venha com essa, Charlie! Israel não é...

— Sei disso, Marcus. Não é mesmo. Mas a única maneira de provar isso é mudar, corresponder ao que eles sempre alegaram ser. Se tentarem abafar o caso, Marcus, estão perdidos. Vão querer se apoiar em seu *lobby* político, e descobrirão que não existe mais. Se a situação chegar a esse ponto, vão embaraçar nosso governo ainda mais do que já fizeram. Poderemos enfrentar a possível necessidade de condená-los abertamente. E também não podemos fazer isso. Precisamos encontrar uma alternativa.

Alden virou-se da janela e acrescentou:

— Ryan, aquela sua idéia passa a primeiro plano. Falarei com o presidente e com o secretário de Estado. A única maneira pela qual podemos tirar Israel desse impasse é providenciar algum plano de paz viável. Ligue para seu amigo em Georgetown, e diga-lhe que não é mais um estudo. Chame de Projeto "Peregrinação". Preciso de manhã de um bom esboço do que queremos fazer, e como pode ser realizado.

— É muito pouco tempo, senhor — protestou Ryan.

— Pois então não me deixe detê-lo aqui por mais tempo, Jack. Se não agirmos depressa, só Deus sabe o que pode acontecer. Conhece Scott Adler, no Departamento de Estado.

— Já nos falamos algumas vezes.

— Ele é o melhor homem de Brent Talbot. Sugiro que se reúna com ele, depois de conversar com seus amigos. Adler pode lhe dar cobertura no Departamento de Estado. Não podemos confiar que aquela burocracia faça alguma coisa depressa. E é melhor também arrumar sua mala, pois ficará muito ocupado. Quero fatos, posições, e uma avaliação precisa, o mais depressa possível... e quero que tudo seja feito no escuro, como se fosse uma mina de carvão. — O

último comentário era dirigido a Cabot. — Se queremos que dê certo, não podemos arriscar nenhum vazamento.

— Sim, senhor — respondeu Ryan. Cabot limitou-se a acenar com a cabeça.

Jack nunca estivera antes na residência do corpo docente em Georgetown. Ocorreu-lhe que era estranho, mas tratou de afastar o pensamento, enquanto o desjejum era servido. A mesa dava para um estacionamento.

— Você tinha razão, Jack — comentou Riley. — Não foi a melhor maneira de acordar.

— Qual é a notícia de Roma?

— Eles gostaram da idéia — respondeu o reitor da Universidade de Georgetown.

— Até que ponto?

— Fala sério?

— Alden me disse há duas horas que o projeto está agora em primeiro plano.

Riley recebeu a notícia com um aceno de cabeça.

— Tentando salvar Israel, Jack?

Ryan não sabia quanto humor havia na pergunta, e seu estado físico não permitia a frivolidade.

— Padre, tudo o que estou fazendo é obedecer... a ordens, entende?

— Claro que entendo. Conheço essa situação. E não poderia lançar a idéia em momento mais oportuno.

— É possível, mas vamos deixar o Prêmio Nobel para outra ocasião, está bem?

— Termine o desjejum. Ainda podemos fazer contato com todo mundo por lá antes do almoço, e você parece em péssimo estado.

— E me sinto péssimo — admitiu Ryan.

— Todo mundo deveria parar de beber aos quarenta anos — comentou Riley. — Depois dos quarenta, não se consegue mais agüentar.

— Você não parou.

— Sou um padre, tenho de beber. O que exatamente está procurando?

— Se pudermos obter uma aceitação preliminar dos principais participantes, tentaremos acelerar as negociações, mas esta parte da equação deve ser discreta. O presidente precisa de uma avaliação imediata de suas opções. É o que estou fazendo.

— Israel vai participar?

— Se não o fizer, vai se foder... desculpe, mas é justamente essa a situação.

— Tem toda razão, é claro, mas eles terão o bom senso de reconhecer sua posição?

— Limito-me a coletar e avaliar informações, padre. As pessoas vivem me pedindo para adivinhar o futuro, mas não sei como fazê-lo. Sei apenas o que assistimos na tevê, e vai provocar a maior tempestade desde Hiroxima. Estamos absolutamente convencidos de que devemos tentar fazer alguma coisa, antes que incendeie toda a região.

— Trate de comer. Preciso pensar por alguns minutos, e penso melhor quando estou mastigando alguma coisa.

Era um bom conselho, Ryan percebeu alguns minutos depois. A comida absorveu o café ácido em seu estômago, e sua energia o ajudaria a enfrentar o dia. Uma hora depois, ele se deslocava de novo, desta vez a caminho do Departamento de Estado. Na hora do almoço, voltou para casa, a fim de fazer uma mala, e conseguiu cochilar por três horas durante o percurso. Foi para o gabinete de Alden, na Casa Branca, para uma reunião que se prolongou pela noite afora. Alden já assumira o comando ali, e a reunião abrangeu muitos aspectos da crise. Antes do amanhecer, Jack seguiu para a base de Andrews da força aérea. Pôde ligar para a esposa da sala VIP. Jack esperava levar o filho para assistir a um jogo no fim de semana, só que agora não haveria um fim de semana para ele. Um último mensageiro veio da CIA, Departamento de Estado e Casa Branca, entregando duzentas páginas de dados que ele teria de ler durante a travessia do Atlântico.

## 4

# TERRA PROMETIDA

A base Ramstein, da força aérea dos Estados Unidos, fica num vale alemão, um fato que Ryan achou um pouco inquietante. A sua noção de um aeroporto apropriado era numa área plana, até onde a vista podia alcançar. Sabia que não fazia muita diferença, mas era um dos confortos das viagens aéreas a que se acostumara. A base abrigava todo um grupo de esquadrilhas de caças-bombardeiros F-16, cada aparelho em seu abrigo individual à prova de bombas e cercado por árvores — o povo alemão tinha uma obsessão pelo verde que impressionaria até os mais ambiciosos ecologistas americanos. Era um desses casos extraordinários em que os desejos dos defensores de árvores coincidiam exatamente com as necessidades militares. Era muito difícil avistar do alto os abrigos dos aviões, e alguns desses abrigos — construídos pelos franceses — tinham até árvores por cima, tornando a camuflagem bastante satisfatória, em termos estéticos e militares. A base também abrigava uns poucos aviões executivos grandes, inclusive um 707 no qual haviam pintado na fuselagem as palavras "Estados Unidos da América". Parecendo uma versão menor do transporte pessoal do presidente americano, era conhecido como "Miss Piggy", servindo ao comandante das unidades da força aérea dos Estados Unidos na Europa. Ryan não pôde deixar de sorrir. Ali estavam mais de setenta aviões de caça, cujo objetivo era a destruição das forças soviéticas que agora se retiravam da Alemanha, alojados numa instalação admirável em termos ecológicos, que também abrigava um avião chamado *Miss Piggy*. O mundo era mesmo louco.

Por outro lado, viajar pela força aérea garantia uma excelente hospitalidade e um tratamento VIP à altura do termo, neste caso num atraente prédio chamado Cannon Hotel. O comandante da base, um coronel, estava à espera de seu avião executivo, um Gulfstream VC-20B, levando-o para os alojamentos dos Visitantes

Eminentes, onde um armário continha uma boa coleção de garrafas de bebida, a fim de ajudá-lo a superar o cansaço da viagem, com nove horas de sono, ampliadas pelo álcool. Ainda bem, porque o serviço de televisão disponível só oferecia um canal. Ao despertar, por volta das seis horas da manhã, horário local, ele estava quase em sincronia com o fuso horário. Faminto, depois de sobreviver a outro acesso do choque de viagem. Ou pelo menos assim esperava.

Jack não sentia disposição para correr. Foi o que disse a si mesmo. Na verdade, sabia que não seria capaz de correr meio quilômetro, mesmo com uma arma apontada para sua cabeça. Por isso, limitou-se a andar, em ritmo acelerado. Logo se descobriu ultrapassado pelos fanáticos do exercício matutino, muitos dos quais deviam ser pilotos dos caças, pois eram jovens e esguios. A neblina da manhã pairava sobre as árvores, plantadas quase até a beira das estradas de asfalto preto. Fazia muito mais frio do que em casa, com o ar perturbado a intervalos de poucos minutos pelo ruído dissonante dos jatos — "o som da liberdade" — o símbolo audível da força militar que garantira a paz na Europa por mais de quarenta anos, mas agora ressentido pelos pais e mães. As atitudes mudam tão depressa quanto os tempos. O poder americano alcançara seu objetivo, e agora se tornava uma coisa do passado, pelo menos em relação à Alemanha. A fronteira alemã interna desaparecera. As cercas e torres de guarda haviam sido derrubadas. As minas não mais existiam. A faixa de terra que permanecera intocável por duas gerações, a fim de trair as pegadas de desertores, estava agora plantada com relva e flores. As instalações no leste outrora examinadas em fotos de satélites, ou sobre as quais as agências secretas ocidentais tentavam obter informações à custa de muito dinheiro e sangue, eram agora percorridas por turistas armados com câmeras curiosas, entre os quais havia agentes, mais chocados do que divertidos com as rápidas mudanças que chegaram e passaram, como o degelo da primavera. *Eu sabia que estava certo sobre este lugar, pensava alguém. Ou então: Como conseguimos explodir este lugar desta maneira?*

Ryan balançou a cabeça. Era mais do que espantoso. A questão das duas Alemanhas fora o centro do conflito Leste-Oeste desde o



seu nascimento, parecera ser a única coisa inalterável no mundo, o alvo de muitos memorandos e avaliações de informações secretas, gerara uma quantidade tão grande de textos que daria para encher todo o Pentágono de papel. Todo o esforço, todo o exame meticuloso de minúcias, as pequenas divergências... tudo se fora. E seria em breve esquecido. Nem mesmo os historiadores teriam energia para estudar todos os dados que haviam sido considerados importantes — cruciais, vitais, dignos das vidas de muitos homens — e que agora eram pouco mais que uma nota de rodapé extensa, ao final da Segunda Guerra Mundial. Era o caso daquela base. Destinada a abrigar os aparelhos que varreriam do céu os aviões russos e esmagariam um ataque soviético, era agora um anacronismo dispendioso, cujos alojamentos passariam a abrigar famílias alemãs. Ryan se perguntou o que fariam com os abrigos subterrâneos de aviões como os que existiam ali... Talvez aproveitassem para fazer adegas de vinho. O vinho era excelente.

— Pare!

Ryan estacou abruptamente, e virou-se para ver de onde partira o som. Era uma mulher, da polícia de segurança da força aérea. Ou melhor, uma garota, constatou Ryan, embora seu rifle M-16 não conhecesse nem se importasse com os acessórios do corpo humano.

— Fiz alguma coisa errada?

— Sua identificação, por favor.

A moça era bastante atraente, e tinha comportamento profissional. Também contava com um apoio no meio das árvores. Ryan entregou sua credencial da CIA.

— Nunca vi um documento desses, senhor.

— Cheguei ontem à noite, no VC-20. Estou na hospedaria, quarto 109. Pode verificar com o gabinete do coronel Parker.

— Estamos em alerta de segurança, senhor — explicou a moça, pegando seu rádio.

— Sei que tem de cumprir seu trabalho, senhorita... desculpe, sargento Wilson. Meu avião só partirá às dez horas.

Jack encostou-se numa árvore. Era uma manhã muito bonita para se irritar com qualquer coisa, mesmo que fossem duas pessoas armadas que não sabiam quem ele era.

— Entendido. — A sargento Becky Wilson desligou seu rádio. — O coronel está à sua procura, senhor.

— Na volta, viro à esquerda quando chegar ao Burger King?

— Isso mesmo, senhor. — Ela devolveu a identificação com um sorriso.

— Obrigado, sargento. Desculpe incomodá-la.

— Quer uma carona de volta, senhor? O coronel está à sua espera.

— Prefiro andar. Ele pode esperar mais um pouco. Levantou cedo.

Ryan afastou-se da sargento, que agora tinha de ponderar sobre a importância de um homem que mantinha o comandante de sua base à espera no Cannon. Ryan levou dez minutos, mas não perdera o senso de direção, apesar do ambiente desconhecido e de uma diferença de seis horas nos fusos horários.

— Bom dia, senhor! — disse, ao pular o muro do estacionamento.

— Marquei um desjejum com o pessoal do Comusafe. Gostaríamos de ouvir suas opiniões sobre o que está acontecendo na Europa.

Jack riu.

— Ótimo! Também estou interessado em saber o que vocês pensam. Ele foi para o quarto, a fim de trocar de roupa. O *que os leva a pensar que sei mais do que eles?* Antes da partida de seu avião, ele descobriu quatro coisas que ainda não sabia. As forças soviéticas retirando-se do que era antes conhecido como Alemanha Oriental sentiam-se infelizes com o fato de não haver um lugar para onde pudessem se retirar. Elementos do antigo exército alemão oriental sentiam-se ainda mais infelizes com a reforma compulsória do que Washington imaginara; provavelmente tinham aliados entre os ex-membros da já desativada Stasi. Finalmente, embora doze membros da Facção do Exército Vermelho fossem presos na Alemanha Oriental, muitos outros haviam recebido a mensagem e desaparecido, antes de serem detidos também pela *Bundeskriminalant*, a polícia federal alemã. Isso explicava o alerta de segurança em Ramstein, Ryan foi informado.

O VC-20B decolou da base pouco depois de dez horas da manhã, seguindo para o sul. Pobres terroristas, pensou Ryan, devotando suas vidas, energia e intelecto a algo que estava desaparecendo mais depressa do que os campos alemães lá embaixo. Como crianças cuja mãe morrera. Escondiam-se na Tchecoslováquia e na República Democrática Alemã, alheios ao iminente falecimento dos dois Estados comunistas. Onde se esconderiam agora? Na Rússia? Não havia a menor possibilidade. Polônia? Só rindo. O mundo mudara para eles, parecia prestes a mudar de novo, pensou Ryan, com um sorriso melancólico. E mais alguns de seus amigos estavam prestes a testemunhar a mudança do mundo. Talvez, ele se corrigiu. Talvez...

— Como vai, Sergei Nikolayevich? — dissera Ryan, no momento em que o homem entrara em seu gabinete, uma semana antes.

— Ivan Emmetovich — corrigira o russo, estendendo a mão. Ryan lembrara a última vez em que haviam se encontrado pessoalmente, na pista do aeroporto Sheremetyevo, em Moscou. Golovko tinha uma arma na mão naquela ocasião. Não fora um bom dia para ninguém, mas era divertido, como sempre, pensar no desenrolar dos acontecimentos. Golovko, por quase ter impedido a maior deserção da história soviética, era agora primeiro vice-presidente do Comitê de Segurança do Estado. Se tivesse obtido êxito, talvez não fosse tão longe, mas por ser muito bom, embora não o suficiente, fora notado por seu presidente, e sua carreira tivera um súbito avanço.

— Não estou impressionado.

Golovko corra os olhos pela sala com uma expressão de desaprovação, vendo as paredes lisas. Ryan tinha um único quadro decente, emprestado de um depósito do governo, além da foto não exatamente obrigatória do presidente Fowler, por cima do cabide em que pendurava seu paletó.

— Tenho uma vista melhor, Sergei Nikolayevich. Diga-me uma coisa: a estátua de Feliks ainda se encontra no meio da praça?

— Por enquanto. — Golovko sorria. — Seu diretor saiu da cidade, pelo que presumo.

— É verdade. O presidente concluiu que precisava de alguns conselhos.

— Sobre o quê? — indagara Golovko, com um sorriso irônico.

— Não tenho a menor idéia — respondera Ryan, soltando uma risada. *Uma porção de coisas*, Ryan não dissera.

— As coisas são difíceis, hem? Para nós dois.

O novo presidente do KGB também não era um profissional do ramo... o que nada tinha de excepcional, diga-se de passagem. Na maioria das vezes, o diretor da sinistra agência fora um homem do Partido, mas o Partido também se tornava algo que pertencia ao passado, e Narmonov escolhera um perito em computadores, que deveria levar novas idéias para a principal organização de espionagem da União Soviética. Isso a tornaria mais eficiente. Ryan sabia que Golovko tinha agora um PC da IBM por trás de sua escrivaninha, em Moscou.

— Sergei, eu costumava dizer que se o mundo fizesse sentido, eu ficaria desempregado. E veja o que está acontecendo agora. Aceita um café?

— Seria ótimo, Jack.

Um momento depois, ele manifestara sua aprovação ao café.

— Nancy o prepara para mim todas as manhãs. Mas vamos aos negócios. Em que posso ajudá-lo?

— Já ouvi essa pergunta muitas vezes, mas nunca num ambiente como este. — Havia um riso latente no visitante de Ryan.

— Por Deus, Jack, nunca se pergunta se tudo isso não será um sonho induzido por drogas?

— Não pode ser. Eu me cortei outro dia ao fazer a barba e não acordei. Golovko murmurara em russo alguma coisa que Ryan não ouvira direito, mas que seus tradutores entenderiam ao ouvirem a gravação.

— Sou o encarregado de relatar nossas atividades aos parlamentares. Seu diretor foi bastante gentil ao responder favoravelmente a nosso pedido de conselho.

Ryan não pudera resistir a essa abertura.

— Não há problema, Sergei Nikolayevich. Pode filtrar todas as suas informações por meu intermédio. Terei o maior prazer em lhe

dizer como deve apresentá-las.

Golovko absorvera bem a insinuação.

— Obrigado, mas nosso presidente pode não compreender.

Pondo as piadas de lado, estava na hora de tratar de negócios.

— Queremos uma permuta. Era o início das negociações.

— E o que desejam de nós?

— Informações sobre os terroristas que financiavam.

— Não podemos concordar — respondera Golovko, incisivo.

— Claro que podem.

O russo recorrera a um chavão.

— Um serviço de informações não pode trair confidências, e continuar a operar.

— É mesmo? Diga isso a Castro na próxima vez em que o encontrar.

— Você está cada vez melhor, Jack.

— Obrigado, Sergei. Meu governo está bastante satisfeito com a recente declaração de seu presidente sobre o terrorismo. Pessoalmente, gosto muito dele. E você sabe disso. Estamos mudando o mundo, meu caro. Vamos limpar mais alguma sujeira. Você nunca aprovou o apoio de seu governo a esses canalhas.

— O que o faz pensar assim?

— Ora, Sergei, você é um profissional. Não há a menor possibilidade de aprovar pessoalmente as ações de criminosos indisciplinados. Também me sinto assim, é claro, mas meu caso é pessoal.

Ryan recostara-se na cadeira, com uma expressão dura. Jamais esqueceria Sean Miller e os outros membros do Exército de Libertação do Ulster que haviam efetuado duas tentativas de matar Jack Ryan e sua família. Apenas três semanas antes, depois de anos a esgotar todos os recursos legais, depois de três petições ao Supremo Tribunal Federal, depois de manifestações e apelos ao governador de Maryland e ao presidente dos Estados Unidos por uma clemência executiva, Miller e seus companheiros, um a um, haviam entrado na câmara de gás em Baltimore, sendo retirados uma hora depois, mortos. E *que Deus tenha misericórdia de suas almas*, pensara Ryan. *Se é que Deus tem um estômago bastante*

*forte*. Um capítulo em sua vida se achava agora encerrado para sempre.

— E o recente incidente...?

— Os índios? Isso serve apenas para reforçar meu argumento. Aqueles "revolucionários" traficavam drogas para ganhar dinheiro. Acabariam se virando contra vocês, as pessoas que costumavam financiá-los. Dentro de poucos anos, eles constituirão um problema maior para vocês do que jamais foram para nós.

Era um prognóstico absolutamente correto, e os dois sabiam disso. A conexão terroristas-drogas era algo com que os soviéticos já começavam a se preocupar. A livre iniciativa se desenvolvia mais depressa no setor criminoso da Rússia do que em qualquer outro. O que era tão desconcertante para Ryan quanto para Golovko.

— E então, o que me diz?

Golovko inclinara a cabeça para o lado.

— Discutirei o assunto com o presidente. Ele vai aprovar.

— Lembra o que eu disse em Moscou, há cerca de dois anos? Quem precisa de diplomatas para conduzir negociações quando tem pessoas de verdade para resolver os problemas?

— Eu esperava uma citação de Kipling ou outra coisa também poética — comentara o russo, secamente. — Mas como lida com o seu congresso?

Ryan soltara uma risadinha.

— A versão abreviada é simples: conte a verdade.

— Eu precisava voar onze mil quilômetros para ouvir você dizer isso?

— Escolha um punhado de pessoas de confiança em seu parlamento, pessoas que saberão ficar de boca fechada, e que contem com a plena confiança do resto dos parlamentares... essa é a parte difícil... e informe-as de tudo o que precisem saber. Terá de fixar regras de campo...

— Regras de campo?

— Um termo de beisebol, Sergei. São as regras especiais que se aplicam a um campo específico.

Os olhos de Golovko se iluminaram.

— E um termo muito útil.

— Todos devem concordar com as regras, que nunca podem ser violadas. Ryan fizera uma pausa. Falava outra vez como um professor universitário e não era justo tratar assim um colega de profissão. Golovko franzira o cenho. Essa era a parte difícil, jamais violar as regras. A atividade de informações nem sempre era tão definida. Além disso, a conspiração era parte da alma russa.

— Deu certo para nós — acrescentara Ryan.

*Ou será que não?*, especulava Ryan. *Sergei sabe se deu ou não... ora, ele sabe algumas coisas que eu ignoro. Poderia me dizer se tivemos grandes vazamentos no Capitólio desde Peter Henderson... mas ao mesmo tempo ele sabe que nos infiltramos em muitas de suas operações, apesar da obsessiva paixão soviética pelo sigilo absoluto.* Os próprios soviéticos haviam admitido publicamente: a hemorragia de desertores do KGB, ao longo dos anos, prejudicara dezenas de operações planejadas de forma meticulosa, contra os Estados Unidos e o Ocidente. Na União Soviética, assim como nos Estados Unidos, o sigilo se destinava a proteger tanto o fracasso quanto o sucesso.

— Tudo se reduz a uma questão de confiança — acrescentara Ryan, depois de outro momento de silêncio. — As pessoas em seu parlamento são patriotas. Se não amassem seu país, por que iriam aturar todos os aspectos desagradáveis da vida pública? O mesmo acontece aqui.

— Pelo poder — respondera Golovko, no mesmo instante.

— Não, Sergei, isso não impressiona os mais inteligentes, com quem você vai lidar. E verdade que sempre haverá uns poucos idiotas. Também os temos aqui. Não são uma espécie em extinção. Mas há sempre aqueles que são bastante espertos para compreenderem que o poder que acompanha o serviço público não passa de uma ilusão. O dever inerente tem sempre uma magnitude maior. Pode ter certeza, Sergei, que de um modo geral estará lidando com pessoas tão inteligentes e honestas quanto você.

Golovko balançara a cabeça ao elogio, de um profissional para outro. Calculara certo poucos minutos antes, Ryan parecia mesmo cada vez melhor. Começava a pensar que ele e Ryan não eram mais

realmente inimigos. Concorrentes, talvez, mas não inimigos. Havia mais do que respeito profissional entre os dois agora.

Ryan lançara um olhar afável para o visitante, sorrindo interiormente por tê-lo surpreendido. E torcendo para que uma das pessoas que Golovko selecionasse para a supervisão fosse Oleg Kirilovich Kadishev, codinome "Vela de Fortuna". Conhecido pelos meios de comunicação como um dos mais brilhantes parlamentares soviéticos, num corpo legislativo tumultuado que se esforçava em construir um novo país, sua reputação de inteligência e integridade não correspondia ao fato de que estivera na folha de pagamento da CIA por muitos anos, o melhor de todos os agentes recrutados por Mary Pat Foley. O jogo continua, pensara Ryan. As regras eram diferentes. O mundo era diferente. Mas o jogo continuava. Provavelmente sempre continuaria, refletira, lamentando vagamente que isso ocorresse. Mas, afinal, os Estados Unidos espionavam até Israel — era o que se chamava de "manter um olho nas coisas"; *nunca* se dizia que era "realizar uma operação". O pessoal da supervisão no congresso americano teria vazado essa informação no mesmo instante em que fosse informado. *Ah, Sergei, você tem uma porção de coisas novas para aprender*1.

Os dois foram almoçar. Ryan levava o visitante para o refeitório executivo, onde Sergei descobrira que a comida era um pouco melhor que os padrões do KGB — algo que Ryan não teria acreditado. Também descobrira que os principais executivos da CIA queriam conhecê-lo. Os chefes de diretoria e seus principais vices se encontravam ali, em fila, para apertar sua mão, tirar uma fotografia a seu lado. Ao final, tiraram uma foto do grupo, antes que Golovko descesse pelo elevador executivo, voltando a seu carro. Depois, uma turma da seção de Ciência & Tecnologia, junto com o pessoal da segurança, varrera cada palmo de todos os corredores e salas que Golovko e seu guarda-costas haviam percorrido. Nada encontrando, efetuaram outra varredura. E mais outra, até que se chegou à conclusão de que ele não aproveitara a oportunidade para plantar alguma coisa. Um dos homens de C&T lamentara que as coisas não eram mais como antes.



Ryan sorriu agora, lembrando o comentário. As coisas estavam acontecendo depressa demais. Ele se acomodou na poltrona, apertou o cinto de segurança. O VC-20 aproximava-se dos Alpes, e o ar podia estar turbulento ali.

— Quer um jornal, senhor? — perguntou a atendente. Era uma moça, para variar, e bonita ainda por cima. Também casada e grávida. Uma sargento grávida. Ryan sentiu-se constrangido por ser servido por alguém assim.

— Que jornal você tem?

— O *International Trib.*

— Ótimo.

Ryan pegou o jornal... e quase ficou sufocado. Lá estava, bem na primeira página. Algum idiota vazara uma das fotos. Golovko, Ryan, os diretores, de Ciência & Tecnologia, Operações, Administração, Registros e Análise de Informações, durante o almoço. É verdade que não era secreta a identidade de nenhum dos americanos, mas mesmo assim...

— A foto não saiu muito bem, senhor — comentou a sargento, sorrindo. Ryan não conseguiu se sentir infeliz.

— Quando deve nascer, sargento?

— Dentro de cinco meses, senhor.

— Vai criar seu filho num mundo muito melhor do que aquele em que vivemos. Por que não senta e relaxa? Não sou bastante liberado para ser servido por uma mulher grávida.

O *International Herald-Tribune* é um empreendimento conjunto do *New York Times* e do *Washington Post*. A única maneira segura de os americanos em viagem pela Europa tomarem conhecimento dos resultados das competições esportivas e acompanharem as principais tiras de quadrinhos, o jornal já ampliara sua distribuição para o que fora outrora o Bloco Soviético, a fim de atender aos executivos e turistas americanos que inundavam as antigas nações comunistas. Os moradores locais também o liam, como uma maneira de melhorar seu inglês, mas também para saber o que acontecia nos Estados Unidos, mais do que nunca um fascínio para pessoas aprendendo a emular algo que haviam sido criadas para odiar. Ainda

por cima, era uma excelente fonte de informações, melhor do que qualquer outra jamais disponível nesses países. Não demorara muito para que todos passassem a comprá-lo, e a direção americana do jornal já expandia as operações, para aumentar ainda mais a circulação.

Um desses leitores regulares era Günther Bock. Ele vivia em Sofia, Bulgária, tendo deixado a Alemanha — a parte oriental — um tanto às pressas, alguns meses antes, depois do aviso de um antigo amigo na Stasi. Com a esposa, Petra, Bock fora um líder de unidade no grupo Baader-Meinhof, e depois que este fora desbaratado pela polícia alemã ocidental, na Facção do Exército Vermelho. Duas quase prisões pela *Bundeskriminalant* o assustaram tanto que cruzara a fronteira tcheca, seguindo depois para a RDA, onde se acomodara numa semi-aposentadoria. Com uma nova identidade, novos documentos, um emprego regular — ele nunca aparecia no trabalho, mas tinha uma ficha completa no *Ordnung* —, Bock se julgara seguro. Nem ele nem Petra contavam com a revolta popular que derrubara o governo da República Democrática Alemã, mas os dois concluíram que poderiam sobreviver a essa mudança no anonimato. Também não contaram com o motim popular que levou à invasão do quartel-general da Stasi. O incidente resultará na destruição de milhões de documentos, literalmente, mas não de todos. Muitos dos amotinados eram agentes do *Bundesnachrichtendienst*, o serviço de informações alemão ocidental, que integravam a vanguarda dos invasores, e sabiam exatamente que salas deveriam saquear. Dentro de poucos dias, membros da Facção do Exército Vermelho começaram a desaparecer. Fora difícil constatar isso, a princípio. O sistema telefônico da RDA era tão decrépito que a comunicação por seu intermédio nunca fora fácil, e por óbvias razões de segurança os antigos associados não residiam nas mesmas áreas; mas quando outro casal não apareceu num jantar combinado, Günther e Petra pressentiram que havia algum problema. Tarde demais. Enquanto o marido fazia planos apressados para deixar o país, cinco comandos do GSG-9, fortemente armados, derrubaram a frágil porta do apartamento de Bock em Berlim Oriental. Encontraram Petra amamentando uma das filhas gêmeas, mas qualquer que fosse a

compaixão que a cena tão comovente pudesse despertar nos comandos, não podia deixar de ser atenuada pela lembrança de que Petra Bock assassinara três cidadãos alemães ocidentais, um deles com extrema brutalidade.

Petra se achava agora numa prisão de segurança máxima, cumprindo uma pena de prisão perpétua, num país em que isso significava que só se saía da prisão num caixão. As filhas gêmeas haviam sido adotadas por um capitão da polícia de Munique e sua mulher estéril.

Era muito estranho, pensava Günther, o quanto isso o amargurava. Afinal, era um revolucionário. Conspirara e matara por sua causa. Era um absurdo que se permitisse ficar furioso pela prisão da esposa... e a perda das filhas. Mas... mas elas tinham o nariz e os olhos de Petra, e sorriam para ele. Nunca seriam ensinadas a odiá-lo, Günther sabia. Nunca seriam sequer informadas de quem ele e Petra haviam sido. Ele se dedicara a algo maior e mais grandioso do que a mera existência física. Junto com seus companheiros, tomara a decisão consciente e racional de construir um mundo melhor e mais justo para o homem comum; e, no entanto... ele e Petra haviam decidido, também de uma maneira consciente e racional, ter crianças que aprenderiam os caminhos dos pais, a próxima geração dos Bock, que aproveitaria os frutos dos esforços heróicos dos dois. E Günther sentia-se furioso ao pensar que isso poderia não acontecer.

Pior ainda era sua perplexidade. O que acontecera era absolutamente impossível. *Unmöglich. Unglaublich.* O povo, o *Volk* comum da RDA, se levantara, como se também fossem revolucionários, renunciando a seu Estado socialista quase perfeito, optando em vez disso pela fusão com a monstruosidade exploradora engendrada pelas potências imperialistas. Fora seduzido pelos aparelhos elétricos Blaupunkt, e pelos automóveis Mercedes, e... o que mais? Günther Bock, sinceramente, não conseguia entender. Apesar de sua inteligência excepcional, os acontecimentos não se ligavam num padrão coerente. O fato de o povo de seu país ter examinado o "socialismo científico" e concluído que não dava certo, nunca poderia dar... era um salto de imaginação grande demais para

ele. Empenhara tanto de sua vida pelo marxismo que nunca seria capaz de repudiá-lo. Sem o marxismo, afinal, era um criminoso, apenas um assassino. Só o seu heróico *ethos* revolucionário elevava as suas atividades acima dos atos de um bandido. Mas esse *ethos* revolucionário fora sumariamente rejeitado por seus próprios beneficiários. O que era simplesmente impossível. *Unmöglich*.

Não era justo que tantas coisas impossíveis se acumulassem, umas sobre as outras. Ao abrir o jornal que comprara vinte minutos antes, numa banca a sete quarteirões de sua atual residência, a foto na primeira página atraiu sua atenção, como fora a intenção do editor.

*CIA festeja o KGB*, dizia a legenda.

— *Was ist das denn für Quatsch?* — murmurou Günther.

"Em mais uma reviravolta extraordinária, numa época extraordinária, a CIA recebeu o primeiro vice-presidente do KGB, numa reunião para análise de 'questões de preocupação mútua' para os dois maiores impérios de informações do mundo...", dizia o texto. "Fontes informadas confirmam que a mais nova área de cooperação Leste-Oeste incluirá a partilha de informações sobre a vinculação cada vez maior entre os terroristas internacionais e o tráfico internacional de drogas. A CIA e o KGB trabalharão juntos para..."

Bock largou o jornal e olhou pela janela. Sabia o que era ser um animal caçado. Todos os revolucionários o sabiam. Era o caminho que ele escolhera, junto com Petra e todos os seus amigos. A missão era evidente. Testariam sua astúcia e competência contra os inimigos. As forças da luz contra as forças das trevas. E verdade que eram as forças da luz que precisavam fugir e se esconder, mas isso não passava de uma questão secundária. Mais cedo ou mais tarde, a situação seria invertida, quando o povo percebesse a verdade e ficasse do lado dos revolucionários. Exceto por um pequeno problema. O povo optara por seguir outro caminho. E o mundo terrorista estava perdendo rapidamente todos os lugares escuros em que as forças da luz podiam se esconder.

Viera para a Bulgária por dois motivos. Entre todos os países do bloco soviético, a Bulgária era o mais atrasado, e por causa disso conseguira a mais ordenada transição do regime comunista. Na

verdade, os comunistas ainda dirigiam o país, embora sob nomes diferentes, e ainda era um lugar seguro, ou pelo menos neutro. O serviço secreto búlgaro, outrora a fonte de assassinos designados para ajudar o KGB, cujas mãos acabaram se tornando limpas demais para tal atividade, ainda era povoado por amigos de confiança. *Amigos de confiança*, pensou Günther. Mas os búlgaros ainda eram dominados por seus amos russos — associados, agora — e se o KGB estivesse mesmo cooperando com a CIA... O número de lugares seguros ficara reduzido em mais um dígito.

Günther Bock deveria sentir um calafrio pelo aumento do perigo pessoal. Em vez disso, porém, seu rosto ficou vermelho, pulsando em raiva. Como um revolucionário, muitas vezes se gabara que todas as mãos do mundo se viravam contra ele... mas sempre que apregoava isso, era com a certeza interior de que isso não acontecia, jamais seria o caso. Agora, sua proclamação se tornava realidade. Ainda havia lugares para onde podia fugir, ainda havia contatos em que podia confiar. Mas quantos? E quanto tempo passaria antes que associados de confiança se curvassem às mudanças no mundo? Os soviéticos haviam traído a si mesmos e ao socialismo internacional. Os alemães. Os poloneses. Os tchecos, os húngaros, os romenos. Quem seriam os próximos?

Será que eles não podiam perceber? Era tudo uma armadilha, alguma conspiração incrível das forças contra-revolucionárias. Uma mentira. Estavam jogando fora o que poderia ser... deveria ser... era... a ordem social perfeita da liberdade estruturada da carência, com uma eficiência ordenada, justiça e igualdade. Da...

Seria possível que tudo fosse uma mentira? Um terrível erro? Ele e Petra haviam matado aqueles exploradores covardes por nada?

Mas isso não importava, não é mesmo? Não para Günther Bock, não naquele momento. Muito em breve ele seria caçado de novo. Mais um território seguro estava prestes a se tornar uma reserva de caça para seus inimigos. Se os búlgaros partilhassem seus registros com os russos, se os russos tivessem uns poucos homens no escritório certo, com as credenciais certas e o acesso certo, era possível que seu endereço e nova identidade já se encontrassem a caminho de Washington, e de lá seguiriam para o quartel-general do

BND. Dentro de uma semana, ele poderia estar numa cela próxima da que era ocupada por Petra.

Petra, com seus cabelos castanhos-claros e risonhos olhos azuis. Uma moça tão brava quanto qualquer homem podia desejar. Aparentemente fria com as vítimas, maravilhosamente quente com os camaradas. A melhor mãe que Erika e Ursel podiam ter, tão excepcional nessa tarefa quanto o fora em tudo o mais que já tentara. Traída por supostos amigos, enjaulada como um animal, privada de sua prole. Sua amada Petra, companheira, amante, esposa, crente. Privada de sua vida. E agora ele estava sendo tangido para longe de Petra. Tinha de haver uma maneira de fazer com que as coisas voltassem a ser como antes.

Primeiro, porém, ele precisava escapar.

Bock largou o jornal e arrumou a cozinha. Depois que pôs tudo em ordem, arrumou uma única mala e deixou o apartamento. O elevador enguiçara de novo, e desceu pela escada os quatro andares até a rua. Pegou um bonde. Chegou ao aeroporto noventa minutos depois. Seu passaporte era diplomático. Na verdade, tinha seis passaportes, cuidadosamente escondidos no forro da mala de fabricação russa. Sempre um homem cauteloso, três dos passaportes eram as duplicatas numéricas de outros pertencentes a diplomatas búlgaros autênticos, desconhecidos da seção do Ministério do Exterior que cuidava dos registros. Isso lhe garantia o livre acesso ao mais importante aliado do terrorista internacional: o transporte aéreo. Antes da hora do almoço, seu avião levantou vôo da pista, seguindo para o sul.

O vôo de Ryan pousou num aeroporto militar nos arredores de Roma, pouco antes de meio-dia, horário local. Por coincidência, o avião foi parar logo atrás de outro VC-20B, do 89º Grupo de Esquadrilhas, que chegara de Moscou alguns minutos antes. A limusine preta na pista esperava pelos dois aviões.

Scott Adler, subsecretário de Estado, cumprimentou Ryan, no instante em que ele desembarcou, com um sorriso discreto.

— E então? — indagou Ryan, em meio aos sons do aeroporto.

— Temos o sinal verde.

— Droga! — exclamou Ryan, enquanto apertava a mão de Adler. — Quantos milagres mais podemos esperar para este ano?

— Quantos você quer?

Adler era diplomata de carreira que se empenhara a fundo para subir na hierarquia da divisão russa do Departamento de Estado. Fluente em sua língua, bem versado em sua política, passado e presente, ele compreendia os soviéticos como poucos homens no governo... inclusive os russos.

— Sabe qual é a parte mais difícil nisso tudo?

— Acostumar-se a ouvir *da* em vez de *nyet*, certo?

— Tira toda a diversão das negociações. A diplomacia pode ser um pé-no-saco quando os dois lados se mostram razoáveis.

Adler soltou uma risada, enquanto o carro partia.

— Isso deve ser uma experiência nova para nós dois — comentou Jack, sem rir.

Ele virou-se e observou "seu" avião ser preparado para uma decolagem imediata. Ele e Adler seguiriam juntos pelo resto da viagem.

Foram para o centro de Roma com a forte escolta habitual. A Brigada Vermelha, quase exterminada poucos anos antes, voltara à atividade; e mesmo que isso não tivesse acontecido, os italianos sempre se desvelavam na proteção às autoridades estrangeiras. No banco da frente, no lado direito, sentava um homem de aparência sisuda, armado com uma Beretta. Havia dois carros na frente, dois atrás, e motociclistas em quantidade suficiente para uma competição de *motocross*. O progresso acelerado pelas ruas antigas de Roma fez Ryan desejar estar de volta ao avião. Cada motorista italiano, ao que parecia, tinha ambições de competir no circuito de Fórmula Um. Jack se sentiria mais seguro num carro com Clark, guiando um veículo discreto, num percurso casual, mas em sua atual posição as disposições de segurança eram cerimoniais, além de práticas. Havia uma outra consideração, é claro...

— Nada como a discrição — murmurou Jack para Adler.

— Tente não se angustiar. Cada vez que venho a Roma, é a mesma coisa. É a sua primeira vez?

— E, sim... a primeira vez em Roma. Não consigo imaginar por que nunca visitei a cidade... sempre desejei, pela história e tudo o mais.

— Tem uma porção de coisas — concordou Adler. — Acha que podemos fazer mais um pouco?

Ryan virou-se para o colega. Fazer história era um pensamento novo para ele. Para não mencionar perigoso.

— Não é essa a minha função, Scott.

— Se der certo, você sabe o que acontecerá.

— Para ser franco, nunca me dei ao trabalho de pensar a respeito.

— Pois deveria. Nenhuma boa ação jamais fica sem punição.

— Está querendo dizer que o secretário Talbot...?

— Não, não ele. Com toda certeza, não meu chefe.

Ryan olhou para frente, a tempo de avistar um caminhão se desviar por pouco do cortejo. O policial italiano na extrema direita da escolta de motocicletas não se desviara um milímetro sequer do seu curso.

— Não estou nisso por crédito. Apenas tive uma idéia, mais nada. E agora sou apenas o homem na vanguarda.

Adler balançou a cabeça e se manteve calado. *Por Deus, como você conseguiu durar tanto tempo no serviço público?*

Os uniformes listrados dos guardas suíços haviam sido desenhados por Michelangelo. Como as túnicas vermelhas dos guardas reais britânicos, eram anacronismos de uma era distante, quando fazia sentido os soldados usarem uniformes de cores berrantes; e mais por sua atração para os turistas do que por qualquer motivo prático. Os homens e suas armas pareciam *exóticos*. Os guardas do Vaticano carregavam alabardas, machados de cabo comprido e aparência mortífera, feitos originalmente para os soldados de infantaria derrubarem de suas montarias os cavaleiros com armaduras... quase sempre aleijando o cavalo que o inimigo montava; os cavalos não costumavam revidar, e a guerra é sempre uma coisa prática. Depois de desmontado, um cavaleiro com armadura era despachado com o mesmo esforço exigido para se romper uma lagosta... e mais ou menos com o mesmo remorso. As



peças achavam que as armas medievais eram românticas, pensou Ryan, mas não havia nada de romântico no que faziam. Um rifle moderno podia abrir buracos na anatomia de um homem. Aquelas armas eram feitas para desmembrar. Os dois métodos matavam, é claro, mas pelo menos o rifle permitia um funeral mais decente.

Os guardas suíços também tinham rifles — rifles suíços, fabricados pela SIG. Nem todos usavam trajes da Renascença, e desde o atentado contra João Paulo II muitos guardas haviam recebido treinamento adicional, discreto, como não poderia deixar de ser, já que tal treinamento não se ajustava à imagem do Vaticano. Ryan se perguntou qual seria a política do Vaticano sobre o uso de força letal, se o chefe dos guardas se irritava com as regras impostas de cima, por pessoas que não sabiam avaliar a natureza da ameaça e a necessidade de uma ação protetora decidida. Mas eles faziam o melhor possível, dentro de suas restrições, resmungando entre si e manifestando suas opiniões sempre que surgia um momento oportuno, como todos os demais naquele ofício.

Um bispo recebeu-os, um irlandês chamado Seamus O'Toole, cujos cabelos pretos abundantes faziam um terrível contraste com o hábito. Ryan foi o primeiro a sair do carro, e seu primeiro pensamento foi uma indagação: deveria ou não beijar o anel de O'Toole? Não sabia. Não se encontrava com um bispo de verdade desde que fora crismado... e isso acontecera há muito tempo, quando ele ainda estudava na sexta série, em Baltimore. O'Toole resolveu habilmente esse problema, ao segurar a mão de Ryan e sacudi-la com o maior entusiasmo.

— Há tantos irlandeses no mundo! — exclamou ele, com um sorriso largo.

— Alguém precisa manter as coisas em ordem, excelência.

— Tem toda a razão!

O'Toole cumprimentou Adler em seguida. Scott era judeu, e não tinha a menor intenção de beijar o anel de ninguém.

— Queiram me acompanhar, senhores.

O bispo O'Toole conduziu-os para um prédio cuja história poderia justificar três alentados volumes, mais um livro ilustrado por sua arte e arquitetura. Jack mal notou os dois detectores de metal

por que passaram, no terceiro andar. Leonardo da Vinci poderia ser o autor da obra, tamanha era a habilidade com que estavam ocultos nos umbrais das portas. Exatamente como na Casa Branca. Nem todos os guardas suíços usavam uniformes. Algumas pessoas circulando à paisana pelos corredores eram muito jovens para serem burocratas; mas apesar de tudo isso, a impressão geral era intermediária entre visitar um antigo museu de arte e um claustro. Os clérigos usavam batinas, e as freiras — ali se encontravam também, em profusão — não usavam o traje semicivil adotado por suas equivalentes americanas. Ryan e Adler foram estacionados por um momento numa sala de espera, mais para poderem apreciar o ambiente do que como uma inconveniência, Jack teve certeza. Uma *Madonna* de Ticiano adornava a parede oposta, e Ryan admirou-a, enquanto o bispo O'Toole ia anunciar os visitantes.

— Por Deus, será que alguma vez ele pintou um quadro pequeno? — murmurou Ryan.

Adler riu.

— Ele sabia como captar um rosto, uma expressão e um momento, não é mesmo? Está pronto?

— Estou — respondeu Ryan.

Ele sentia-se estranhamente confiante.

— Senhores! — chamou O'Toole, da porta. — Podem me acompanhar, por favor?

Eles passaram por mais uma ante-sala. Esta tinha duas mesas de secretárias, ambas desocupadas, e outro conjunto de portas, que pareciam ter mais de quatro metros de altura.

O gabinete do cardeal Giovanni D'Antônio teria sido usado nos Estados Unidos para bailes ou cerimônias formais do governo. O teto era coberto por afrescos, as paredes por seda azul, e o assoalho antigo de madeira de lei ressaltado por tapetes, tão grandes que ocupariam por completo uma sala de estar média. Os móveis eram provavelmente os itens de fabricação mais recente, o que deveria ser no mínimo dois séculos, um tecido de brocado esticado sobre as almofadas, com folhas de ouro nas pernas curvas de madeira. Um serviço de café de prata indicou a Ryan onde deveria sentar.

O cardeal saiu de sua mesa e adiantou-se, sorrindo como um rei poderia tê-lo feito uns poucos séculos antes, ao saudar um ministro favorito. D'Antônio era um homem de baixa estatura, e obviamente alguém que desfrutava de uma boa alimentação. Devia ter quase vinte quilos de excesso de peso. O ar na sala informava que era um homem que fumava, algo que deveria ter abandonado, já que se aproximava rapidamente dos setenta anos de idade. O rosto idoso e balofo possuía uma dignidade simples. Filho de um pescador siciliano, D'Antônio tinha olhos castanhos maliciosos, sugerindo um caráter rude, que cinqüenta anos de serviços à Igreja não haviam apagado por completo. Ryan conhecia seus antecedentes e pôde facilmente imaginá-lo a puxar as redes, ao lado do pai, num passado distante. A simplicidade era também um disfarce útil para um diplomata, e era justamente essa a profissão de D'Antônio, qualquer que pudesse ter sido sua vocação. Um lingüista, como muitos dirigentes do Vaticano, era um homem que passara trinta anos praticando seu ofício. A ausência de poder militar, que prejudicava seus esforços para fazer o mundo mudar, apenas lhe ensinara a astúcia. No jargão da comunidade de informações, ele era um agente de influência, bem recebido em muitos cenários, sempre disposto a escutar ou oferecer um conselho. Como não podia deixar de ser, cumprimentou Adler primeiro.

— É um prazer tornar a vê-lo, Scott.

— Eminência, o prazer é meu, como sempre.

Adler apertou a mão oferecida e exibiu seu sorriso de diplomata.

— E você é o doutor Ryan. Tenho ouvido muitas coisas a seu respeito.

— Obrigado, eminência.

— Sentem-se, por favor. — D'Antônio indicou um sofá, tão bonito que Ryan relutou em apoiar seu peso ali. — Café?

— Queremos, sim, obrigado — respondeu Adler, pelos dois. O bispo O'Toole serviu o café, depois sentou-se para tomar as anotações necessárias.

— Foi muita gentileza concordar em nos receber num prazo tão curto — acrescentou Adler.

— Ora, não foi nada.

Ryan olhou espantado quando o cardeal enfiou a mão dentro da batina e tirou um tubo de charuto. Um instrumento que parecia de prata, mas devia ser de aço inoxidável. Efetuou a cirurgia necessária no charuto, que foi aceso em seguida com um isqueiro de ouro. Não houve sequer um pedido de desculpa pelos pecados da carne. Era como se o cardeal desligasse de repente o interruptor da "dignidade", a fim de deixar os visitantes mais à vontade. E mais provável, pensou Ryan, que ele apenas funcione melhor com um charuto na mão. Bismarck também se sentia assim.

— Já está a par das linhas gerais de nosso conceito — começou Adler.

— Si. Devo dizer que o considero muito interessante. Já sabem, é claro, que o Santo Padre propôs algo similar há algum tempo.

Ryan levantou os olhos ao ouvir isso. Não sabia.

— Quando essa iniciativa ocorreu, fiz um estudo de seus méritos — comentou Adler. — O ponto fraco era a incapacidade de tratar das questões de segurança, mas agora temos essa oportunidade, na esteira da situação iraquiana. Além disso, deve compreender, nosso conceito não é exatamente...

— Seu conceito nos é aceitável — declarou D'Antônio, acenando com o charuto. — Como poderia ser de outra forma?

— Era justamente isso o que queríamos ouvir, eminência. — Adler pegou seu café. — Não tem restrições?

— Vai nos encontrar bastante flexíveis, desde que haja uma boa vontade genuína entre as partes ativas. Se houver igualdade total entre os participantes, podemos concordar incondicionalmente com a proposta. — Os olhos idosos faiscaram. — Mas podem garantir a igualdade de tratamento?

— Creio que podemos — declarou Adler, muito sério.

— Acho que deve ser possível, caso contrário somos todos charlatães. O que me diz dos soviéticos?

— Não vão interferir. Na verdade, esperamos até um apoio ostensivo. De qualquer forma, com os muitos problemas que eles enfrentam...

— Tem razão. Eles serão beneficiados pela redução da discórdia na região, a estabilidade em vários mercados, e a boa vontade internacional em geral.

*É espantoso, pensou Ryan. É incrível a facilidade com que as pessoas absorveram as mudanças no mundo. Como se já fossem esperadas. E não eram. Por ninguém. Se alguém sugerisse a possibilidade dez anos atrás, seria internado num hospício.*

— Tem toda a razão. — O subsecretário de Estado largou a xícara de café. — Agora, sobre a questão do anúncio...

Outro aceno do charuto.

— Claro que vão querer que seja feito pelo Santo Padre.

— Muito perceptivo — comentou Adler.

— Ainda não sou completamente senil — respondeu o cardeal.

— E os vazamentos para a imprensa?

— Preferimos que não haja nenhum.

— Isso se pode conseguir facilmente nesta cidade, mas o que acontece na sua? Quem tem conhecimento da iniciativa?

— Bem poucos — disse Ryan, abrindo a boca pela primeira vez desde que sentara. — Até agora, não há problemas.

— Mas em sua próxima escala...?

D'Antônio ainda não fora informado da próxima escala, mas era óbvia.

— Pode ser um problema — respondeu Ryan, cauteloso. — Veremos.

— O Santo Padre e eu estaremos orando pelo sucesso de vocês.

— Talvez desta vez suas orações sejam atendidas — disse Adler. Cinquenta minutos depois, o VC-20B tornou a decolar. Elevou-se através da costa italiana, depois virou para sudoeste, a fim de tornar a cruzar a Itália, a caminho do destino seguinte.

— Puxa, como foi rápido! — comentou Jack, quando se apagou o aviso dos cintos de segurança.

Ele manteve seu cinto afivelado, é claro. Adler acendeu um cigarro e soprou a fumaça para a janela no seu lado da cabine.

— Jack, é uma dessas situações em que temos de agir depressa, ou não se consegue nada. — Ele virou-se e sorriu. — São raras, mas acontecem.

O comissário de bordo aproximou-se para entregar aos dois cópias de um documento que acabara de chegar pelo fax do avião.

— Mas o que é isso? — resmungou Ryan, irritado. — O que está acontecendo?

Em Washington, as pessoas nem sempre têm tempo para ler os jornais, pelo menos não todos os jornais. Para ajudar as pessoas no serviço público a tomarem conhecimento do que a imprensa está dizendo sobre as coisas, existe um sumário interno diário, chamado *The Early Bird*. As primeiras edições de todos os grandes jornais americanos são levadas para Washington pelos vôos comerciais normais, e antes do amanhecer são examinadas, em busca de matérias relacionadas com as operações do governo. O material relevante é recortado e copiado, depois distribuído aos milhares a diversas seções, cujos assessores repetem o processo, destacando as matérias de interesse direto de seus superiores. Esse processo é particularmente difícil na Casa Branca, cujos assessores, por princípio, se interessam por tudo.

A dra. Elizabeth Elliot era assessora especial do presidente dos Estados Unidos para assuntos de segurança nacional. Uma subordinada imediata do dr. Charles Alden, cujo título era o mesmo, mas sem o "especial", Liz, também conhecida como "E. E.", vestia um elegante costume de linho. A moda atual determinava que as roupas do "poder" das mulheres não deviam ser masculinizadas, mas sim femininas, a idéia sendo a de que até o mais obtuso dos homens poderia perceber a diferença entre ele e as mulheres, e assim não havia muito sentido em tentar esconder a verdade; e a verdade também era que a dra. Elliot não era fisicamente desgraciosa, e gostava de se vestir para enfatizar o fato. Alta, com um metro e setenta e três, e com um corpo esguio, mantido por longas horas de trabalho e uma alimentação deficiente, ela não gostava de ficar em segundo plano em relação a Charles Alden. Além do mais, Alden era um *Yalie*. Até recentemente, ela fora professora de ciência política em Bennington, e ressentia-se do fato de Yale ser considerada mais prestigiosa, pelas autoridades que faziam tais julgamentos, quaisquer que fossem.

Os horários de trabalho na Casa Branca eram mais fáceis do que ocorria poucos anos antes, pelo menos na área da segurança nacional. O presidente Fowler não sentia a necessidade de um relatório das informações de segurança como a primeira coisa que lia pela manhã. A situação mundial era mais pacífica do que qualquer de seus predecessores conhecera, e os principais problemas de Fowler eram de política interna. Os comentários a respeito podiam ser obtidos através dos noticiários matutinos da tevê, a que Fowler sempre assistia, com dois ou mais aparelhos sintonizados em emissoras diferentes, algo que irritava a esposa e ainda deixava os assessores confusos. Isso significava que o dr. Alden não precisava chegar antes das oito horas da manhã, recebendo então seu relatório, para informar o presidente numa reunião às nove e meia. O presidente Fowler não gostava de lidar diretamente com os agentes de informações da CIA. Em conseqüência, era E. E. quem tinha de chegar pouco depois das seis horas, a fim de verificar os despachos e mensagens durante a noite, conferenciar com os oficiais de vigia da CIA (ela também não gostava deles) e seus equivalentes no Departamento de Estado e no Departamento da Defesa. Também tinha de ler *The Early Bird* e destacar os itens de interesse para seu chefe, o respeitável dr. Charles Alden.

*Como se eu fosse uma secretária ignorante e retardada,* pensava ela, furiosa.

Alden, em sua opinião, era uma contradição lógica. Um liberal que falava duro, um conquistador que defendia os direitos das mulheres, um homem gentil e atencioso que provavelmente gostava de usá-la como uma funcionária subalterna. O fato de ele ser também um eminente observador e um previsor espantosamente acurado dos acontecimentos, autor de uma dúzia de livros — todos ponderados e perceptivos —, não tinha a menor importância. Ele ocupava o cargo que pertencia a ela. Fora-lhe prometido, quando Fowler ainda era um candidato sem grandes possibilidades. O acordo que pusera Alden em sua sala de esquina na ala Oeste e a ela no porão era apenas mais outro desses atos que as figuras políticas usam como pretextos para quebrar a palavra empenhada, sem mais nada além de um pedido de desculpas sumário. O vice-presidente

exigira e obtivera a concessão na convenção; também conseguira o que deveria ser a sala dela, no andar principal, para um de seus próprios homens, relegando-a à mais prestigiada das masmorras. Em troca disso, o vice-presidente se tornara um jogador da equipe, e todos consideravam que sua campanha incansável é que fizera a diferença. Ele conquistara a Califórnia, e sem a Califórnia a apoiá-lo J. Robert Fowler ainda seria governador do Ohio. Por isso, Liz ficara com uma sala mínima no porão, bancando a secretária e/ou assistente administrativa de um maldito *Yalie*, que aparecia uma vez por mês nos programas de entrevistas dominicais e confraternizava com chefes de Estado, usando-a como mera servidora.

A dra. Elizabeth Elliot se encontrava em seu ânimo normal do início da manhã, que era o pior possível, como qualquer pessoa na Casa Branca podia confirmar. Ela deixou sua sala e foi para a cantina da Casa Branca, a fim de pegar mais café. O café forte só serviu para deixar seu ânimo ainda mais irritado, um pensamento que a fez parar de repente e forçar um sorriso para si mesma, algo que nunca se dera ao trabalho de exibir para qualquer dos agentes de segurança que verificavam seu passe todas as manhãs, na entrada pelo andar térreo, no lado oeste. Afinal, eram apenas tiras, e tiras não eram pessoas com quem alguém devesse se preocupar. A comida era servida por taifeiros da marinha, que só tinham uma coisa boa, o fato de serem quase todos de minorias, com muitos filipinos, um fato que ela considerava um resquício vergonhoso do período americano de exploração colonial. As secretárias permanentes e o resto do pessoal de apoio não eram políticos, daí não passavam de meros burocratas, insignificantes. As pessoas importantes naquele prédio eram as políticas. O pouco charme de E. É. Ihes era reservado. Os agentes do Serviço Secreto observavam seus movimentos com o mesmo interesse que poderiam conceder ao cachorro do presidente, que ele não tinha. Tanto os agentes como os profissionais que dirigiam a Casa Branca, apesar das chegadas e partidas de muitos egos estufados em forma humana, consideravam-na como apenas mais uma de muitas pessoas elevadas politicamente que acabariam se afastando, no momento oportuno, enquanto eles permaneceriam, cumprindo fielmente seus



deveres, de acordo com o juramento feito ao assumirem seus cargos. O sistema de castas da Casa Branca era antigo, cada pessoa considerando as outras como inferiores.

Elliot voltou à sua sala e pôs o café em cima da mesa, a fim de se espreguiçar. A cadeira giratória era confortável — as disposições físicas ali eram de primeira classe, muito melhor do que em Bennington — mas as semanas intermináveis de acordar cedo e dormir tarde haviam cobrado seu tributo físico, além dos efeitos sobre seu caráter. Ela disse a si mesma que deveria voltar a fazer ginástica. Ou pelo menos andar. Muita gente em serviço aproveitava parte da hora do almoço para subir e descer pelo centro comercial próximo. Os mais vigorosos até corriam. Algumas mulheres costumavam correr em companhia dos oficiais militares destacados para a Casa Branca, em particular as solteiras, sem dúvida atraídas pelos cabelos curtos e mentalidades simplistas que eram típicos do serviço uniformizado. Mas E. E. não dispunha de tempo para tal coisa, e por isso se contentava com um estica-mento antes de sentar, com uma imprecação murmurada. Chefe de departamento na mais importante instituição feminina de ensino superior dos Estados Unidos, e agora bancava a secretária de uma porcaria de *Yalie*. Mas se amargar nunca resolvia coisa alguma, e ela tratou de voltar ao trabalho.

Já estava na metade do *Bird*, passou para outra página, enquanto pegava sua caneta marca-texto. As matérias eram dispostas de forma irregular. Quase todas estavam tortas nas páginas, de uma maneira irritante, ainda mais para uma pessoa patologicamente perfeccionista como E. E. No alto da página onze havia uma pequena matéria do *Hortford Courant*. "Caso de paternidade de Alden", dizia o título.

A caneca de café parou em pleno ar.  
O quê?

"Uma ação judicial será iniciada esta semana, em New Haven, pela sra. Marsha Blum, alegando que sua filha recém-nascida teve como pai o professor Charles Alden, ex-diretor do Departamento de História de Yale, e no momento assessor de segurança nacional do

presidente Fowler. Afirmando que teve um relacionamento de dois anos com o dr. Alden, a sra. Blum, que fez o doutorado em história russa, está processando Alden pelo não-pagamento de pensão para a filha..."

— Aquele bode velho devasso... — murmurou Elliot para si mesma.

E era verdade. O pensamento ocorreu-lhe num momento de intensa lucidez. Tinha de ser. As aventuras amorosas de Alden já eram o tema de comentários humorísticos no *Post*. Charlie perseguia saias, calças compridas, qualquer traje que tivesse uma mulher dentro.

*Marsha Blum... Judia? Provavelmente. O sacana comeu uma de suas alunas de doutorado. Por que será que ela não fez um aborto, e se livrou do problema? Aposto que ele a chutou, e ela ficou furiosa...*

*Ei, ele deve voar para a Arábia Saudita ainda hoje... Não podemos deixar que isso aconteça...*

Mas que idiota! Sem qualquer aviso, absolutamente nenhum. Ele não falou com ninguém a respeito. Eu saberia. Segredos assim só resistem pelo tempo necessário para serem repetidos no banheiro. E se ele próprio não soubesse? A tal de Blum poderia estar furiosa com Charlie a esse ponto? Isso provocou um sorriso. *Claro que podia.*

Elliot tirou o fone do gancho... e hesitou por um momento. Não se ligava para o quarto do presidente assim. Não por qualquer coisa. Ainda mais quando se podia obter um proveito pessoal com o que acontecesse.

Por outro lado...

O que diria o vice-presidente? Na verdade, Alden era um homem dele. Mas o vice-presidente era bastante puritano. Não advertira Charlie a ser discreto em suas aventuras amorosas? Isso mesmo, acontecera há três meses. O supremo pecado político. Ele fora apanhado. E não com a mão na botija. Isso provocou uma risada. Trepando com uma garota de seus seminários! Mas que

idiota! E era esse o cara que dizia ao presidente como devia conduzir os negócios de Estado. Isso quase provocou uma gargalhada.

Avaliação dos danos.

As feministas ficariam furiosas. Ignorariam a estupidez de Blum de não cuidar de sua gravidez indesejável — seria mesmo? — ao estilo feminista. Afinal, opção não era isso? Ela fizera sua opção, e ponto final. Para a comunidade feminista, seria apenas um caso de porco machista que explorara uma irmã, e agora era empregado por um presidente supostamente pró-feministas.

A turma contra o aborto também desaprovava... com uma veemência ainda maior. Eles haviam feito recentemente algo inteligente, quase milagroso, na opinião de Elizabeth Elliot. Dois irredutíveis senadores conservadores apresentaram um projeto para obrigar os "pais ilegítimos" a sustentar sua prole irregular. Se o aborto fosse proibido, finalmente ocorrera àqueles Neanderthais que alguém precisava fazer alguma coisa sobre as crianças indesejáveis. Além disso, esse bando entrara em outro acesso de moralidade, e já criticava a administração Fowler por uma série de motivos. Para os fanáticos da direita, Alden seria apenas outro devasso irresponsável, um branco — tanto melhor — e ainda por cima no governo que abominavam.

E. E. considerou todos os ângulos por vários minutos, forçando-se a ser imparcial, analisando as opções, pensando pelo lado de Alden. O que ele poderia fazer? Negar que a filha era sua? Um exame genético poderia comprovar a paternidade, e isso era algo para o qual Alden provavelmente não teria coragem. Se ele admitisse... bom, era evidente que ele não podia casar com a garota (a notícia dizia que ela tinha apenas 24 anos). Sustentar a criança seria uma admissão da paternidade, uma tremenda violação da integridade acadêmica. Afinal, os professores não deveriam levar suas alunas para a cama. O fato de que acontecia, como E. E. sabia muito bem, não era relevante. Como acontece na política, a regra nos círculos acadêmicos era evitar a descoberta. O que podia ser o tema de uma anedota hilariante na mesa do almoço de professores tornava-se uma infâmia na imprensa.

*Charlie está perdido, e o momento não podia ser mais oportuno...* E. E. apertou o número para o quarto lá em cima.

— O presidente, por favor. Aqui é a doutora Elliot.

Uma pausa, enquanto o agente do Serviço Secreto perguntava se o presidente atenderia. *Oh, Deus, espero não ter ligado no momento em que ele estava cagando!* Mas era tarde demais para se preocupar com isso.

A mão saiu do bocal no outro lado da linha. Elliot ouviu o zumbido do barbeador do presidente, depois uma voz ríspida:

— O que é, Elizabeth?

— Senhor presidente, tenho um pequeno problema do qual acho que deve tomar conhecimento imediatamente.

— Imediatamente?

— Agora, senhor. É potencialmente prejudicial. Vai querer também a presença de Arnie.

— Não é sobre a proposta que estamos...

— Não, senhor presidente. Outra coisa. Não estou exagerando. É potencialmente da maior gravidade.

— Está bem. Suba dentro de cinco minutos. Presumo que pode esperar que eu escove os dentes?

Uma pequena amostra de humor presidencial.

— Cinco minutos, senhor.

A ligação foi cortada. Elliot repôs o fone no gancho devagar. Cinco minutos. Ela gostaria de ter mais tempo. Tirou apressada o estojo de maquiagem de uma gaveta da escrivaninha, seguiu para o banheiro mais próximo. Uma rápida olhada no espelho... não, primeiro tinha de cuidar do café da manhã. E o estômago lhe dizia que um tablete antiácido também seria uma boa idéia. Ela fez isso, depois verificou o rosto e os cabelos. Tudo bem, concluiu. Apenas alguns pequenos retoques nas faces...

Elizabeth Elliot, Ph.D., voltou à sua sala, levou mais trinta segundos para se controlar, depois pegou *The Early Bird* e se encaminhou para o elevador. Já estava no porão, a porta aberta. Era guarnecido por um agente do Serviço Secreto, que sorriu como bom dia para a sacana arrogante, só porque tinha uma polidez inveterada, até mesmo para pessoas como E. E.

— Para onde?

A dra. Elliot ofereceu seu sorriso mais encantador.

— Vamos subir — disse ela ao surpreso agente.

## 5

# MUDANÇAS E GUARDAS

Ryan ficou nos alojamentos VIP na embaixada dos Estados Unidos, esperando que os ponteiros do relógio se deslocassem. Estava tomando o lugar do dr. Alden em Riad, mas como visitaria um príncipe, e os príncipes não gostam que suas agendas sejam alteradas, tanto quanto qualquer outro homem, tinha de esperar enquanto o relógio simulava o tempo de vôo de Alden através do mundo, até o lugar em que ele se encontrava. Depois de três horas, ele se cansou de assistir tevê por satélite, e saiu para dar uma volta, acompanhado por um discreto segurança. Normalmente, Ryan teria aproveitado os serviços do homem como guia turístico, mas não hoje. Queria agora que seu cérebro permanecesse neutro. Era a primeira vez que visitava Israel, e queria que as impressões fossem pessoais, enquanto a mente avaliava o que assistira na tevê.

Fazia calor ali, nas ruas de Tel Aviv, e seria mais quente ainda no lugar para onde estava indo. As ruas se encontravam repletas de pessoas apressadas, fazendo compras ou trabalhando. Havia a quantidade esperada de guardas, mas era destoante a presença de alguns civis empunhando uma submetralhadora Uzi, com toda certeza indo ou voltando de uma reunião de reservistas. Era o tipo de coisa que chocaria um fanático americano contra as armas de fogo (ou deixaria exultante um fanático a favor). Ryan calculou que a ostentação de armas provavelmente dissuadia qualquer ladrão de bolsas e os crimes nas ruas. O crime civil comum, ele sabia, era bastante raro no país. O que já não acontecia com os atentados a bomba terroristas e outros atos menos agradáveis. E a situação vinha se agravando, em vez de melhorar. O que também não era novidade.

A Terra Santa, sagrada para cristãos, muçulmanos e judeus, pensou ele. Historicamente, tivera o infortúnio de ficar na encruzilhada entre a Europa e a África por um lado — os impérios

romano, grego e egípcio — e a Ásia pelo outro — os babilônios, assírios e persas —, e um fato constante na história militar é o de que uma encruzilhada é sempre disputada por alguém. A ascensão do cristianismo, seguida sete séculos depois pela ascensão do Islã, não mudara muito a situação, embora redefinisse de certa forma os lados, e acrescentasse um significado religioso mais amplo à encruzilhada que já era disputada há três milênios. E contribuíra para que as guerras se tornassem ainda mais encarniçadas.

Era fácil ser cínico a respeito. A primeira Cruzada, em 1096, na opinião de Ryan, fora promovida basicamente por extras. Cavaleiros e nobres eram pessoas inflamadas e produziam mais prole do que seus castelos e catedrais associados podiam sustentar. O filho de um nobre não podia se tornar lavrador, e os que não eram eliminados pelas doenças infantis tinham de ir para *algum* lugar. E quando o papa Urbano II transmitira a sua mensagem de que os infiéis dominavam a terra de Cristo, tornara possível aos homens lançarem uma guerra de agressão, a fim de reivindicarem uma terra de importância religiosa e conquistarem feudos em que reinar, camponeses para oprimir, e rotas comerciais para o Oriente, que guarneceriam para cobrar tributo às caravanas. Qualquer que pudesse ser o objetivo mais importante, provavelmente diferia de um coração para outro, mas todos pensavam nas duas coisas. Jack especulou quantos tipos diferentes de pés haviam passado por aquelas ruas, como conciliaram seus objetivos pessoais, políticos e comerciais com a causa supostamente santa. Não restava a menor dúvida de que o mesmo acontecera com os muçulmanos, é claro, já que três séculos depois de Maomé os venais haviam ingressado nas fileiras dos devotos, exatamente como acontecera com o cristianismo. No meio disso tudo se encontravam os judeus, os que não haviam sido dispersados pelos romanos, ou aqueles que voltaram. Era bem provável que os judeus tivessem sido tratados com mais brutalidade pelos cristãos no início do segundo milênio, outra coisa que mudara desde então, talvez mais de uma vez.

*Como um osso, um osso imortal, disputado por bandos intermináveis de cães famintos.*

Mas o motivo para que o osso nunca fosse destruído, a razão para que os cães continuassem a voltar, ao longo dos séculos, era o que a terra representava. Muita história. Dezenas de figuras históricas haviam passado por ali, inclusive o Filho de Deus, como a parte católica de Ryan acreditava. Além do significado do próprio local, aquela estreita ponte de terra entre continentes e culturas gerara pensamentos, ideais e esperanças que persistiam nas mentes dos homens, personificados de certa forma na areia e pedras de uma região bastante hostil, que só um escorpião podia amar de verdade. Jack refletiu que havia cinco grandes religiões no mundo, das quais apenas três haviam se espalhado além de seu ponto de origem. Essas três haviam nascido num raio de poucos quilômetros do lugar em que ele se encontrava.

*Portanto, é natural que seja este o lugar em que travam guerras.*

A blasfêmia era atordoante. O monoteísmo nascera ali, não é mesmo? Começando com os judeus, desenvolvido pelos cristãos e muçulmanos, aquele era o lugar em que a idéia vicejara. O povo judeu israelita parecia um termo muito estranho — defendera sua fé com uma inabalável obstinação, ao longo de milhares de anos, sobrevivendo a tudo o que os animistas e pagãos podiam lhe lançar, e depois enfrentando as mais terríveis provações às mãos de religiões que cresceram à base de suas idéias. Não parecia muito justo — ou melhor, não era absolutamente justo — mas as guerras religiosas eram as mais bárbaras de todas. Se alguém lutava pelo próprio Deus, então podia fazer quase tudo. Os inimigos numa guerra assim também lutavam contra Deus, uma coisa odiosa e abominável. Contestar a autoridade da própria Autoridade... ora, cada soldado podia se considerar como a espada vingadora de Deus. Não podia haver comedimento. As ações para punir o inimigo/pecador eram sancionadas tão completamente quanto qualquer coisa podia ser. A pilhagem, o saque, a matança, todos os crimes mais vis do homem, se tornariam algo mais que um direito — passavam a ser um dever, uma Causa Santa, não eram absolutamente pecados. Não era apenas ser pago para fazer coisas terríveis, não era apenas pecar porque o pecado era agradável, mas



ouvir que se podia escapar impune literalmente a qualquer coisa, porque Deus se encontrava do seu lado. Até levavam isso para a sepultura. Na Inglaterra, os cavaleiros que haviam servido nas Cruzadas eram sepultados sob efígies de pedra cujas pernas eram cruzadas, em vez de assentadas lado a lado, o símbolo de um santo cruzado, para que toda a eternidade pudesse saber que serviram seu tempo em nome de Deus, molhando as espadas no sangue de crianças, violentando qualquer coisa que pudesse atrair seus olhos solitários, e roubando tudo o que não estivesse bem fincado no solo. Todos os lados. Os judeus como vítimas na maioria das ocasiões, mas também desfrutando a sua parte no lado do punho da espada sempre que tinham a oportunidade, porque todos os homens são iguais em suas virtudes e vícios.

*Os desgraçados deviam adorar,* pensou Jack, desolado, observando um guarda de trânsito resolver uma discussão numa esquina movimentada. *Mas devia haver autênticos homens de bem naquele tempo. O que eles faziam? O que pensavam? E o que será que Deus pensava?*

Mas Ryan não era um padre, nem um rabino, nem um imã. Ryan era um veterano agente do serviço secreto, um instrumento de seu país, um observador e relator da informação. Ele continuou a olhar ao redor, e por enquanto esqueceu a história.

As pessoas vestiam-se ali para o calor opressivo, e a intensa movimentação nas ruas fê-lo pensar em Manhattan. Muitas levavam rádios portáteis. Ele passou por um restaurante com mesas à beira da calçada, e avistou não menos que dez pessoas ouvindo um noticiário pelo rádio. Jack não pôde deixar de sorrir. Era o seu tipo de gente. Quando guiava, o rádio do carro ficava sempre sintonizado numa emissora de Washington que só transmitia notícias. Seus olhos faiscaram. O nível de alerta era tão difuso que ele levou alguns minutos para percebê-lo. Como os olhos de seu segurança. Sempre à procura de qualquer possibilidade de perigo. O que fazia sentido. O incidente no Monte do Templo não desencadeara uma onda de violência, mas essa onda era esperada — não surpreendeu a Ryan que as pessoas em seu campo de visão deixassem de reconhecer que a maior ameaça vinha da ausência de violência. Israel tinha uma

miopia de perspectiva que não era difícil de compreender. Os israelenses, cercados por países que tinham todos os motivos para desejar a imolação do Estado judaico, haviam elevado a paranóia a uma forma de arte, e a segurança nacional a uma obsessão. Mil e novecentos anos depois de Masada e da diáspora, voltaram a uma terra que haviam consagrado, fugindo da opressão e do genocídio... só para atraírem mais da mesma coisa. A diferença era o fato de que agora empunhavam a espada, e haviam aprendido a usá-la muito bem. Mas isso também era um beco sem saída. As guerras eram para terminar na paz, mas nenhuma de suas guerras jamais terminara. Apenas pararam, foram interrompidas, não mais do que isso. Para Israel, a paz não passara de um intervalo, um tempo para sepultar os mortos e treinar a próxima classe de combatentes. Os judeus tinham fugido do quase extermínio às mãos dos cristãos, apostando sua existência na capacidade de derrotar as nações muçulmanas que manifestaram ao mesmo tempo seu desejo de concluir o que Hitler começara. E era bem provável que Deus pensasse exatamente o que pensara durante as Cruzadas. Infelizmente, abrir os mares e parar o sol no céu pareciam ser coisas do Antigo Testamento. Os homens deveriam acertar as divergências agora. Mas os homens nem sempre fazem o que deveriam. Quando Thomas More escrevera a *Utopia*, o Estado em que os homens agiam por princípios morais em todas as circunstâncias, dera ao lugar e ao livro o mesmo nome. O significado de "Utopia" é "Nenhum lugar". Jack sacudiu a cabeça e virou a esquina para outra rua de prédios pintados de branco.

— Olá, doutor Ryan.

O homem tinha cinqüenta e poucos anos, era mais baixo do que Jack, e mais corpulento. A barba cheia, aparada de forma impecável, começava a ficar grisalha, tornando-o menos parecido com um judeu e mais com um comandante de unidade no exército assírio de Senaqueribe. Uma adaga ou uma maça não ficariam deslocadas em sua mão. Se ele não estivesse sorrindo, Ryan teria desejado John Clark a seu lado.

— Olá, Avi. Nunca imaginei que poderia encontrá-lo aqui.

O general Abraham Ben Jakob era o equivalente de Ryan no Mossad, diretor-assistente da agência israelense de espionagem no exterior. Um jogador sério no ofício, Avi fora um oficial de carreira do exército até 1968, um pára-quedista com muita experiência de operações especiais, cujo talento fora descoberto por Rafi Eitan, que o levava para a comunidade de informações. Seu caminho cruzara com o de Ryan meia dúzia de vezes, durante os últimos anos, mas sempre em Washington. Ryan sentia o maior respeito por Ben Jakob como um profissional. Não tinha certeza do que Avi pensava a seu respeito. O general Ben Jakob era muito eficiente na ocultação de seus pensamentos e sentimentos.

— Quais são as novidades de Washington, Jack?

— Tudo o que sei é o que assisti pela CNN na embaixada. Nada de oficial ainda, e mesmo que fosse, Avi, você conhece as regras melhor do que eu. Há algum bom lugar para se comer por aqui?

Fora tudo planejado, é claro. Dois minutos e um século depois, estavam na sala dos fundos de um sossegado restaurante familiar, onde os seguranças dos dois poderiam ficar de olho nas coisas. Ben Jakob pediu duas Heinekens.

— Para onde você vai, eles não servem cerveja.

— Desagradável, Avi, muito desagradável — respondeu Ryan, depois do primeiro gole.

— Vai tomar o lugar de Alden em Riad, pelo que sei.

— Como alguém como eu pode jamais tomar o lugar do doutor Alden em qualquer parte?

— Fará sua exposição mais ou menos na mesma ocasião em que Adler faz a sua. Estamos interessados em ouvi-la.

— Neste caso, acho que não se importarão em esperar um pouco.

— Nenhuma prévia, nem mesmo de um profissional para outro?

— Especialmente não de um profissional para outro. — Jack tomava a cerveja direto da garrafa. Constatou que o cardápio era em hebraico e acrescentou: — Acho que terei de deixá-lo pedir... Mas que idiota rematado!

*Já me deixaram com uma batata quente nas mãos antes, mas túnica uma batata tão grande!*

— Alden. — Não era uma pergunta. — Ele é da minha idade. Já deveria saber que as mulheres experientes são mais confiáveis e hábeis.

Mesmo em assuntos do coração, sua terminologia era profissional.

— Ele pode até prestar mais atenção à esposa. Ben Jakob sorriu.

— Estou sempre esquecendo como você é católico.

— Não é isso, Avi. Que lunático pode querer mais de uma mulher em sua vida? — indagou Ryan, impassível.

— Ele saiu de cena. Essa é a avaliação de nossa embaixada. *Mas o que isso significa?*

— É possível. Ninguém pediu minha opinião. Respeito sinceramente o cara. Ele dá bons conselhos ao presidente. Sempre nos escuta, e quando discorda da Agência, em geral tem um bom motivo para isso. Pegou-me em falta num caso há seis meses. O homem é brilhante. Mas badalar desse jeito... bom, acho que todos nós temos os nossos defeitos. Mas é um motivo idiota para perder um cargo desses. Não ser capaz de manter a calça no lugar.

*E que ocasião!*, pensou Jack, irritado.

— Pessoas assim não podem estar a serviço do governo. É muito fácil lhes arrancar concessões.

— Os russos estão abandonando as chamadas armadilhas de mel... e a garota não era judia? Uma das suas, Avi?

— *Doutor Ryan!* Acha que eu faria uma coisa dessas?

Se um urso pudesse rir, teria soado como a explosão de Avi Ben Jakob.

— Não pode ser uma operação sua. E evidente que não houve tentativa de chantagem.

Jack quase passou dos limites com esse comentário. Os olhos do general se contraíram.

— Não foi uma operação nossa. Acha que somos loucos? A doutora Elliot substituirá Alden.

Ryan levantou os olhos da cerveja. Não pensara nisso. *Oh, merda...*

— Tanto sua amiga quanto nossa — ressaltou Ben Jakob.

— De quantos ministros do governo você já discordou nos últimos vinte anos, Avi?

— De nenhum, é claro.

Ryan soltou um grunhido e terminou de tomar a cerveja.

— O que foi mesmo que você disse antes, naquela parte de um profissional para outro?

— Ambos fazemos a mesma coisa. Às vezes, quando temos sorte, eles nos escutam.

— E algumas das vezes em que eles nos escutam, somos nós que estamos errados...

O general Ben Jakob não alterou seu olhar firme e relaxado, fixado no rosto de Ryan, ao ouvir isso. Era mais um sinal da crescente maturidade de Ryan. Ele gostava sinceramente de Ryan, como homem e como profissional, mas as simpatias e antipatias pessoais não tinham muito lugar naquele ofício. Algo fundamental estava acontecendo. Scott Adler estivera em Moscou. Ele e Ryan visitaram o cardeal D'Antônio, no Vaticano. Pelo plano original, Ryan deveria secundar Adler ali, com o ministro do Exterior israelense, mas o surpreendente *faux pas* de Alden mudara isso.

Mesmo para um profissional de informações, Avi Ben Jakob era um homem excepcionalmente bem-informado. Ryan tergiversava na questão se Israel era ou não o mais confiável aliado americano no Oriente Médio. Era o que se poderia esperar de um historiador, refletiu Avi. Independente do que Ryan pensava, a maioria dos americanos considerava Israel assim; em consequência, os israelenses recebiam mais informações do círculo do governo americano do que de qualquer outro país — mais até que os britânicos, que mantinham um relacionamento formal com a comunidade de informações americana.

Essas fontes haviam informado a agentes de Ben Jakob que Ryan se encontrava por trás do que estava acontecendo. O que parecia extremamente improvável. Jack era muito inteligente, quase tanto quanto Alden, por exemplo, mas também definira seu papel como um servidor, não como um amo, um executor de política, não um criador. Além disso, o presidente americano não gostava de Ryan, e não escondera o fato de seu círculo íntimo. Avi sabia

também que se dizia que Elizabeth Elliot o odiava. Por algo que acontecera antes da eleição, uma afronta imaginada, uma palavra áspera. Mas os ministros do governo eram notoriamente melindrosos. *Não como Ryan e eu*, pensou Ben Jakob. Tanto ele quanto Ryan haviam enfrentado a morte mais de uma vez, e era provável que fosse esse o vínculo que os unia. Não precisavam concordar em tudo. Havia respeito entre os dois.

Moscou, Roma, Tel Aviv, Riad. O que se podia deduzir disso? Scott Adler era um homem escolhido pelo Secretário de Estado Talbot, um diplomata de carreira dos mais competentes. Talbot era também brilhante. O presidente Fowler podia não impressionar muito, mas selecionara membros do gabinete e assessores pessoais do maior gabarito. A exceção de Elizabeth Elliot, corrigiu-se Avi. Talbot usava o subsecretário Adler para ser a vanguarda das missões mais importantes. E quando Talbot entrava nas negociações formais, Adler sempre ficava ao seu lado.

O mais espantoso, sem dúvida, era o fato de que nenhum dos informantes do Mossad tinha a menor indicação do que estava acontecendo. *Algo importante no Oriente Médio*, disseram eles. *Não se sabe o quê... mas dizem que Jack Ryan, da Agência, tem algo a ver com isso...* Fim do relatório.

Deveria ser irritante, mas Avi já se acostumara a isso. O serviço secreto era um jogo em que nunca se viam todas as cartas. O irmão de Ben Jakob era um pediatra com problemas similares. Uma criança doente raramente lhe dizia qual era o problema. E verdade que seu irmão sempre podia indagar, apontar, apalpar...

— Preciso dizer alguma coisa a meus superiores, Jack — comentou o general Ben Jakob, em tom queixoso.

— Ora, general, deixe disso. — Jack virou-se e acenou para pedir outra cerveja. — Afinal, o que aconteceu no Monte?

— O homem estava... transtornado. No hospital, é vigiado o tempo todo, para se impedir que cometa suicídio. A esposa acabara de abandoná-lo, ele caiu sob a influência de um fanático religioso, e... — Ben Jakob deu de ombros. — Foi um espetáculo terrível.

— É verdade, Avi. Tem alguma idéia da situação crítica em que vocês se meteram?

— Ora, Jack, temos lidado com esse problema há...

— Foi o que pensei. Você é muito inteligente, Avi, mas não sabe o que está acontecendo desta vez. Não faz a menor idéia.

— Pois então me diga.

— Não é a minha intenção, e você sabe disso. Mas o que aconteceu há dois dias mudou as coisas para sempre, general. Deve saber disso.

— Mudou para quê?

— Terá de esperar. Também tenho ordens a cumprir.

— Seu país nos ameaça?

— Ameaçar? Isso jamais acontecerá, Avi. Como poderia?

Ryan advertiu a si mesmo que estava falando demais. Esse *cara é ótimo*, ele pensou.

— Mas não podem determinar a política para nós. Jack reprimiu sua resposta.

— E muito esperto, general, mas ainda tenho minhas ordens. Terá de esperar. Lamento que seu pessoal em Washington não possa ajudá-lo, mas eu também não posso.

Ben Jakob mudou de tática mais uma vez.

— Estou até lhe pagando o almoço, e meu país não é tão rico quanto o seu. Jack riu do seu tom.

— Uma boa cerveja também, e como você disse, não posso tomar outra igual no lugar para onde você diz que estou indo. Se é que irei mesmo para lá...

— Sua tripulação já apresentou o plano de vôo. Verifiquei.

— E o que se pode esperar do sigilo. — Jack pegou a nova garrafa de cerveja com um sorriso para o garçom. — Avi, espere mais um pouco. Acha mesmo que faríamos qualquer coisa que pudesse comprometer a segurança de seu país?

*Adio, sim!*, pensou o general, só que não podia dizer isso. O que o levou a permanecer calado. Mas Ryan não se impressionou, e aproveitou o silêncio para mudar de assunto.

— Soube que você é avô agora.

— Isso mesmo. Minha filha acrescentou alguns fios brancos à minha barba. Teve uma filha, Leah.

— Tem minha palavra: Leah poderá contar com um país seguro para crescer, Avi.

— E quem providenciará isso?

— As mesmas pessoas de sempre.

Ryan deu-se os parabéns pela resposta. O pobre coitado parecia mesmo desesperado por informações, e era triste que Avi deixasse isso tão patente. *Mas ate os melhores podem ser acuados no canto...*

Ben Jakob fez uma anotação mental para atualizar a ficha de Ryan. Queria dispor de melhores informações na próxima vez em que se encontrassem. O general era um homem que não gostava de perder em coisa alguma.

\* \* \*

O dr. Charles Alden correu os olhos por sua sala. Seu afastamento não seria imediato, o que seria prejudicial à administração Fowler. Seu pedido de demissão, assinado e em cima da mesa, tinha a data do fim do mês. Mas isso era apenas pelas aparências. A partir daquele dia mesmo, seus deveres estavam suspensos. Viria ao escritório, leria os relatórios, escreveria suas anotações, mas Elizabeth Elliot é que passaria a comandar tudo. O presidente se mostrara pesaroso, mas frio como sempre. *Lamento perdê-lo, Charlie, lamento sinceramente, ainda mais agora, mas receio que não haja outro jeito...* Ele conseguira manter a dignidade no Gabinete Oval, apesar da raiva que sentira. Até Arnie van Damm fora bastante humano para murmurar: "Mas que merda, Charlie!" Embora irritado com os prejuízos políticos para seu chefe, Van Damm pelo menos temperara sua raiva com um pouco de humanidade e simpatia. Mas não Bob Fowler, o defensor dos pobres e desamparados.

Fora pior com Liz. Aquela sacana arrogante, com seu silêncio e olhos eloqüentes. Receberia o crédito pelo que fizera. Sabia disso, e já se deleitava.

O comunicado seria feito pela manhã. A notícia já vazara para a imprensa. Por quem, qualquer palpite servia. Elliot, demonstrando



sua satisfação? Arnie van Damm, num rápido esforço de controle dos danos? Alguém de uma dúzia de outros?

A transição do poder para a obscuridade ocorre muito depressa em Washington. A expressão embaraçada no rosto de sua secretária. Os sorrisos forçados dos outros burocratas na ala Oeste. Mas a obscuridade só surge depois de um incêndio de publicidade para anunciar o fato: como o clarão de uma estrela explodindo, a morte pública é precedida por uma fanfarra clamorosa. Um trabalho dos meios de comunicação. O telefone não parará de tocar. Havia vinte repórteres diante de sua casa naquela manhã, as câmeras de prontidão, as luzes fortes em seu rosto. E ele já sabia do que se tratava antes mesmo da primeira pergunta.

Aquela sacana idiota! Com seus olhos de vaca, tetas de vaca, quadris largos de vaca. Como ele pudera ser tão estúpido?

O professor Charles Winston Alden sentou em sua dispendiosa cadeira, olhou para a dispendiosa escrivãzinha. A cabeça latejava com uma dor que atribuía ao estresse e à raiva. E tinha razão. Mas não reconhecia o fato de que sua pressão era quase o dobro do que deveria ser, um fato acentuado pela pressão do momento. Também não levava em consideração o fato de que deixara de tomar o medicamento contra a hipertensão durante a última semana. Um típico professor, sempre esquecia as pequenas coisas, enquanto sua mente metódica dissecava os problemas mais intrincados.

E por isso foi uma surpresa. Começou numa fraqueza existente em parte do Círculo de William, o cinturão sangüíneo do cérebro. Projetado para injetar sangue em qualquer parte do cérebro, como um meio de contornar vasos que pudessem ter sido obstruídos pela idade, uma grande quantidade de sangue passava por ali. Vinte anos de pressão alta, e vinte anos de só tomar o medicamento quando se lembrava que tinha uma consulta iminente com o médico, junto com o estresse adicional de ver sua carreira interrompida por uma aviltante desgraça pessoal, culminaram numa ruptura do vaso, no lado direito da cabeça. O que fora uma enxaqueca lancinante converteu-se na própria morte. Os olhos de Alden se arregalaram, as mãos subiram para segurar o crânio, como num esforço para mantê-lo unido. Era tarde demais para isso. A ruptura se alargou,

permitindo a passagem de mais sangue. Isso privou partes importantes do cérebro do oxigênio necessário para funcionar, e também aumentou ainda mais a pressão dentro do crânio, ao ponto em que outras células cerebrais foram comprimidas até a extinção.

Embora paralisado, Alden não perdeu a consciência por algum tempo, e sua mente brilhante registrou o evento com extraordinária lucidez. Já incapaz de se mexer, ele compreendeu que a morte era inevitável. *Tão perto*, pensou ele, a mente disparando para superar a morte. *Trinta e cinco anos para chegar até aqui. Todos aqueles livros. Todos aqueles seminários. Os jovens e brilhantes estudantes. O circuito de conferências. As entrevistas. As campanhas. Tudo para chegar aqui. E estava muito perto de realizar algo importante. Oh, Deus, morrer agora, morrer desse jeito!* Mas ele sabia que a morte chegara, tinha de aceitá-la. Esperava que alguém o perdoasse. Não fora tão mau assim, não é mesmo? Tentara com afincos fazer uma diferença, tornar o mundo um lugar melhor, e agora, na véspera de algo realmente importante... seria muito melhor para todos se aquilo acontecesse enquanto montava naquela vaca idiota... melhor ainda, ele refletiu, num momento final, se seus estudos e seu intelecto fossem o seu único passa...

A desgraça de Alden e sua demissão de fato fizeram com que se levasse mais tempo para descobrir sua morte. Em vez dos constantes contatos da secretária, a intervalos de poucos minutos, passou quase uma hora antes que ela o procurasse. Como a secretária interceptava todas as ligações para ele, nenhuma foi transferida. Não faria mesmo qualquer diferença, embora a secretária acalentasse um sentimento de culpa por muitos meses. Ao final do expediente, quando se preparava para ir embora, ela decidiu que deveria se despedir. Tocou o interfone e não obteve resposta. Franzindo a testa, esperou por um momento, tornou a tocar. Ainda nada. Levantou-se e foi até a porta, bateu. Acabou abrindo-a, e soltou um grito tão alto que foi ouvido pelos agentes do Serviço Secreto fora do Gabinete Oval, no canto oposto do prédio. Quem chegou primeiro foi Helen D'Agustino, uma agente da segurança pessoal do presidente, que caminhava pelos corredores para esticar os músculos, depois de passar quase o dia inteira sentada.

— Merda!

E no mesmo instante ela sacou seu revólver do serviço. Nunca vira tanto sangue em sua vida, tudo saindo pelo ouvido direito de Alden, espalhando-se sobre a mesa. Helen gritou um alerta pelo transmissor de rádio. Só podia ter sido um tiro na cabeça. Seus olhos atentos vasculharam a sala, à frente da mira do Smith & Wesson Modelo 19. *Janelas intactas*. Ela concluiu o circuito da sala. *Ninguém aqui. Então, o que aconteceu?*

Ela estendeu a mão esquerda, procurando a pulsação na carótida de Alden. Claro que não havia nenhuma, mas o treinamento determinava que ela deveria verificar. Fora daquela sala, todas as saídas da Casa Branca haviam sido bloqueadas, os agentes tinham suas armas na mão, os visitantes se achavam paralisados. Efetuava-se uma revista meticulosa em todo o prédio.

— Mas que droga! — exclamou Pete Connor, ao entrar na sala.

— A revista foi concluída — informou uma voz, através dos fones em seus ouvidos. — O prédio está limpo, Hawk seguro.

"Hawk", o "Falcão", era o codinome do presidente para o Serviço Secreto. Revelava o senso de humor institucional dos agentes, por sua associação com o nome do presidente e a irônica dissonância com sua política.

— Ambulância dentro de dois minutos! — acrescentou o centro de comunicações.

Eles podiam obter uma ambulância mais depressa do que um helicóptero.

— Pode relaxar, Daga — disse Connor. — Acho que o homem sofreu um derrame.

— Saiam da frente!

Era um enfermeiro do corpo médico da marinha. Os agentes do Serviço Secreto eram treinados em primeiros socorros, mas sempre havia uma equipe médica de prontidão na Casa Branca, e o enfermeiro foi o primeiro a chegar ao local. Trazia uma mochila médica de campanha, mas nem se deu ao trabalho de abri-la. Percebeu no mesmo instante que havia sangue demais sobre a mesa, e que a superfície já coagulava. O enfermeiro achou melhor não mexer no corpo — era uma cena de crime em potencial, e o

pessoal do Serviço Secreto o instruíra sobre as regras em casos assim — mas constatou que a maior parte do sangue saíra pelo ouvido direito do dr. Alden. Um filete escorrera também do esquerdo, e a lividez cadavérica já era patente nas partes do rosto que podia ver. Os diagnósticos não costumavam ser tão fáceis.

— Ele está morto provavelmente há uma hora. Hemorragia cerebral. Derrame. O cara não era hipertenso?

— Acho que era — respondeu a agente especial D'Agustino, depois de um momento.

— Será preciso fazer uma autópsia para confirmar, mas foi disso que ele morreu.

Um médico chegou em seguida. Era capitão da marinha e confirmou o diagnóstico.

— Aqui é Connor. Avise à ambulância que não precisa se apressar. "Peregrino" está morto, ao que parece de causas naturais. Repito, "Peregrino" está morto.

A autópsia procuraria muitas coisas, é claro. Veneno. Possível contaminação da comida ou água. Mas o ambiente na Casa Branca era monitorado numa base contínua. D'Agustino e Connor trocaram um olhar. Isso mesmo, ele sofria de pressão alta, e não restava a menor dúvida de que tivera um dia terrível. Dos piores que alguém podia ter.

— Como ele está?

Cabeças se viraram. Era Hawk, o presidente em pessoa, com um anel literal de agentes a cercá-lo, passando pela porta. E a dra. Elliot logo atrás. D'Agustino fez a anotação mental de que precisavam escolher um novo codinome para ela. Especulou se "Harpia" bastaria. Não gostava da sacana. Ninguém gostava, no destacamento da segurança presidencial. Mas não eram pagos para gostar dela; nem mesmo, diga-se de passagem, para gostar do presidente.

— Ele está morto, senhor presidente — respondeu o médico. — Parece que sofreu um derrame maciço.

O presidente recebeu a notícia sem qualquer reação visível. Os agentes do Serviço Secreto lembraram que ele acompanhara a esposa numa batalha de muitos anos contra a esclerose múltipla, até

perdê-la, quando ainda era governador de Ohio. Devia ter drenado o homem de todas as emoções, pensaram eles, querendo ser justos. Mas talvez ainda restassem algumas emoções. O presidente soltou um grunhido, fez uma careta, balançou a cabeça e recuou.

Liz Elliot tomou seu lugar, espiando por cima do ombro de um agente. Helen D'Agustino examinou seu rosto, enquanto Elliot se inclinava para a frente, a fim de observar melhor a cena. Elliot gostava de usar maquilagem, Daga sabia, e observou a nova assessora de segurança nacional empalidecer por baixo da pintura. Sem dúvida era uma cena horrível, D'Agustino sabia. Parecia que um balde de tinta vermelha fora derramado sobre a mesa.

— Oh, Deus! — sussurrou a dra. Elliot.

— Saiam da frente, por favor! — pediu uma nova voz. Era um agente com uma maça. Ele empurrou Liz Elliot para o lado, bruscamente. Daga notou que ela se encontrava chocada demais para se irritar com isso, que o seu rosto continuava muito branco, os olhos desfocados. Ela pode pensar que é uma sacana dura, pensou a agente especial D'Agustino, mas não é tão dura assim quanto imagina. O pensamento proporcionou uma súbita satisfação à agente.

*Sentindo uma fraqueza nos joelhos, hem, Liz?* Helen D'Agustino, um mês depois de sair da academia do Serviço Secreto, realizava uma discreta vigilância quando o alvo — um falsário — identificara-a e, por alguma razão que ela jamais entendera, atacara-a com uma enorme pistola automática. Até disparara um tiro em sua direção. Não mais do que isso, porém. Ela ganhara seu apelido, Daga, por sacar o S&W e acertar três tiros no pobre coitado, a uma distância de onze metros, como se fosse um alvo de papelão no estande de tiro. Fora muito fácil. E ela nunca sonhara a respeito. Por isso, Daga integrava a equipe de tiro do Serviço Secreto quando esta vencera uma competição de tiro ao alvo com os comandos de elite da Força Delta do exército. Daga era dura. E parecia evidente que Liz Elliot não era, por mais arrogante que pudesse ser. Não ocorreu à agente especial Helen D'Agustino naquele momento que Liz Elliot era a principal assessora de Hawk para a segurança nacional.

Fora um encontro tranqüilo, o primeiro assim de que Günther Bock se lembrava. Sem a retórica inflamada que os soldados revolucionários tanto amavam. Seu velho companheiro, Ismael Qati, era normalmente um incendiário, eloqüente em cinco línguas, mas Bock refletiu que ele parecia contido naquele momento, sob todos os aspectos. Os gestos largos que enfatizavam suas palavras eram mais comedidos agora, e Bock se perguntou se o homem não estaria passando mal.

— Lamentei ao receber a notícia sobre sua esposa — comentou Qati, passando brevemente para os assuntos pessoais.

— Obrigado, meu amigo. — Bock decidiu tirar o melhor proveito do comentário. — Mas é uma coisa de nada em comparação com o que seu povo tem sofrido. Sempre há reverses.

Houvera mais do que uns poucos naquele caso, e ambos sabiam disso. Sua melhor arma sempre foram as sólidas informações secretas. Mas as de Bock haviam secado. Durante anos, a Facção do Exército Vermelho obtivera todos os tipos de informações. De sua própria gente infiltrada no governo alemão ocidental. Dados úteis do serviço secreto alemão oriental, assim como de todos os clones do amo comum do Bloco Soviético, o KGB. Não restava a menor dúvida de que muitas informações vinham de Moscou, através de nações menores, por razões políticas que Bock jamais questionara. Afinal, o socialismo internacional é uma luta com numerosos movimentos táticos. Era assim, ele tratou de se corrigir.

Tudo isso acabara agora, a ajuda que lhe permitia agir. Os serviços secretos do Bloco Soviético haviam entregue seus camaradas revolucionários como se fossem cães sarnentos. Os tchecos e húngaros literalmente *venderam* informações sobre eles ao Ocidente! Os alemães orientais revelaram tudo, em nome da cooperação e fraternidade da Grande Alemanha. A Alemanha Oriental — a República Democrática Alemã — não mais existia. Não passava agora de um mero apêndice da Alemanha capitalista. E os russos... Qualquer apoio indireto antes recebido dos russos acabara, possivelmente para sempre. Com a extinção do socialismo na Europa, suas fontes em várias instituições governamentais haviam saído de cena, se tornado agentes duplos, ou apenas cessado de

fornecer informações, tendo perdido a fé num futuro socialista. Abruptamente, desaparecera a melhor e mais útil arma dos guerreiros revolucionários europeus.

Felizmente, era diferente ali, diferente para Qati. Os israelenses eram tão tolos quanto iníquos. A única coisa constante no mundo, Bock e Qati sabiam, era a incapacidade dos judeus de tomarem qualquer tipo de iniciativa política significativa. Por mais formidáveis que fossem na guerra, sempre haviam sido irremediavelmente ineptos na paz. Acrescente-se a isso sua capacidade de impor a política a seus próprios amos como se não quisessem a paz de jeito nenhum. Bock não era um estudioso da história mundial, mas duvidava que houvesse qualquer precedente para um comportamento assim. A revolta permanente dos árabes nativos e dos palestinos cativos nos territórios ocupados era uma ferida sangrando na alma de Israel. Outrora capazes de se infiltrarem nos grupos árabes à vontade, a polícia israelense e as agências de segurança interna estavam sendo pouco a pouco excluídas, à medida que o apoio popular à rebelião se tornava mais e mais consolidado nas mentes de seus inimigos. Pelo menos Qati tinha uma operação em andamento para comandar. Bock invejava-o por isso, por pior que pudesse ser a situação tática. Outra vantagem de Qati era a eficiência do inimigo. Há duas gerações que os serviços secretos israelenses travavam sua guerra nas sombras contra os guerreiros da liberdade árabes. Durante esse tempo, os tolos haviam morrido sob as armas do Mossad. Os que ainda viviam, como Qati, eram os sobreviventes, os fortes, espertos, dedicados produtos de um processo darwiniano de seleção.

— Como está lidando com os informantes? — perguntou Bock.

— Descobrimos um na semana passada — respondeu Qati, com um sorriso cruel. — Ele identificou seu controlador antes de morrer. Agora, nós o mantemos sob vigilância.

Bock acenou com a cabeça. Outrora o controlador israelense já teria sido assassinado, mas Qati aprendera. Observando-o — com todo o cuidado, de uma forma intermitente — poderiam identificar outros agentes infiltrados.

— E os russos?

A pergunta despertou uma forte reação.

— Os porcos! Não nos dão nada de valor. Estamos sozinhos. Sempre estivemos.

O rosto de Qati exibiu um dos raros momentos de animação naquele dia. Chegou e passou, e o rosto do árabe retornou à fadiga envolvente.

— Parece cansado, meu amigo.

— Foi um longo dia. Para você também, eu acho. Bock bocejou e espreguiçou.

— Até amanhã?

Qati levantou-se com um aceno de cabeça, guiando o visitante para seu quarto. Bock pegou sua mão antes de se retirar. Conheciam-se há quase vinte anos. Qati voltou à sala, saiu da casa. Seu pessoal de segurança se encontrava no lugar e alerta. Qati falou com eles rapidamente, como sempre, porque a lealdade resultava da atenção às necessidades de cada pessoa. Depois, foi para a cama. Antes de deitar, fez as orações noturnas. Perturbava-o vagamente que seu amigo Günther fosse um descrente. Por mais bravo, esperto e dedicado que ele fosse, não tinha fé, e Qati não compreendia como qualquer homem podia seguir em frente sem isso.

*Seguir em frente? Será que ele vai seguir em frente?*, Qati perguntou a si mesmo, ao deitar. As pernas e braços doloridos finalmente conheceram o descanso; a dor não acabou, mas pelo menos mudou. Bock estava liquidado, não é mesmo? Teria sido melhor para ele se Petra tivesse morrido nas mãos do GSG-9. Deviam ter querido matá-la, aqueles comandos alemães, mas o rumor era de que ela fora encontrada com um bebê mamando em cada seio, e não se podia ser um homem e matar uma mulher nessa situação. O próprio Qati, apesar de todo seu ódio aos israelenses, não seria capaz de fazer isso. Seria uma ofensa a Deus. Petra, ele pensou, sorrindo no escuro. Ele a possuía uma vez, quando Günther se encontrava ausente. Ela sentia-se solitária, e ele estava com o sangue quente de uma recente operação bem-sucedida no Líbano, a morte de um assessor israelense da milícia cristã. Assim, partilharam seu fervor revolucionário durante duas horas ardentes.

*Será que Günther sabe? Petra lhe contou?*



Talvez ela tivesse contado. Não importava. Bock não era desse tipo de homem, não como um árabe, para quem isso seria um insulto mortal. Os europeus eram indiferentes nessas coisas. Era uma curiosidade para Qati que eles fossem assim, mas havia muitas curiosidades na vida. Bock era um amigo de verdade. Disso ele tinha certeza. A chama ardia na alma de Günther com a mesma sinceridade e intensidade com que ardia na sua. Era lamentável que os acontecimentos na Europa tivessem tornado a vida tão difícil para o amigo. Sua mulher presa. As filhas roubadas. O mero pensamento enregelava o sangue de Qati. Fora uma loucura os dois terem trazido crianças para o mundo. Qati jamais casara, e só raramente desfrutava a companhia de mulheres. No Líbano, dez anos antes, todas aquelas européias, algumas ainda adolescentes. Ele se lembrou com um sorriso suave. Coisas que nenhuma garota árabe jamais aprenderia a fazer. Eram ardentes, querendo demonstrar toda a sua dedicação. Qati sabia que o haviam usado, tão certamente quanto as usara. Mas era mais jovem naquele tempo, com as paixões de um jovem.

Essas paixões haviam desaparecido. Ele se perguntou se algum dia voltariam. Esperava que sim. Esperava principalmente recuperar-se o suficiente para ter energia para mais uma coisa. O tratamento corria bem, dizia o médico. Ele o tolerava muito melhor do que a maioria. Se sempre se sentia cansado, se os acessos incapacitantes de náusea ainda ocorriam de vez em quando, não devia ficar desanimado. Isso era normal... não, o processo normal de recuperação não era tão "bom" assim. Havia uma esperança concreta, assegurava o médico, em cada visita. Não se tratava apenas de uma coisa que qualquer médico dizia para encorajar um paciente, o doutor lhe garantira na semana passada. Ele estava de fato indo muito bem. Tinha uma boa possibilidade.

O importante, Qati sabia, era que ele tinha alguma coisa por que viver. Tinha um propósito. E era isso, Qati estava absolutamente convencido, que o mantinha vivo.

— Qual é a situação?

— Trate de seguir em frente — respondeu o dr. Cabot, pela ligação segura via satélite. — Charlie sofreu um derrame em sua sala. — Uma pausa. — Talvez a melhor coisa que poderia acontecer ao pobre coitado.

— Liz Elliot está assumindo?

— Isso mesmo.

Ryan comprimiu os lábios numa careta, como se tivesse acabado de tomar um medicamento horrível. Olhou para o relógio. Cabot levantara cedo para fazer a ligação e transmitir as instruções. Ele e seu chefe não eram exatamente amigos, mas a importância daquela missão superara isso. Talvez a mesma coisa acontecesse com E. E., disse Ryan a si mesmo.

— Certo, chefe. Decolo dentro de noventa minutos, e apresentamos a proposta simultaneamente, de acordo com o plano.

— Boa sorte, Jack.

— Obrigado, diretor.

Ryan apertou o botão de desligar no painel do telefone seguro. Saiu da sala de comunicações e voltou a seu quarto. Já arrumara a mala. Só lhe restava dar o laço na gravata. O paletó iria pendurado no ombro. Fazia muito calor ali, seria ainda mais quente no lugar para onde viajaria. Teria de pôr o paletó ao chegar lá. Era o que se esperava, uma dessas curiosas regras formais de comportamento que exigiam o máximo de desconforto para se alcançar o grau apropriado de decoro. Ryan pegou a mala e deixou o quarto.

— Vamos sincronizar nossos relógios?

Adler esperava no corredor e fez a pergunta com uma risada.

— Até que não é má idéia, Scott.

— Faz sentido... mais ou menos.

— Acho que sim. Bom, tenho de pegar um avião.

— Não pode partir sem você.

— Uma das vantagens do serviço público, não é?

Ryan olhou para um lado e outro do corredor. Estava vazio, mas ele se perguntou se os israelenses haviam conseguido instalar microfones ali. Se assim fosse, o Muzak poderia interferir com seus equipamentos eletrônicos.

— O que você acha, Scott?

— Cinquenta por cento de chance.

— Tão bom assim?

— Exatamente. — Adler sorriu. — Foi uma boa idéia que você teve, Jack.

— Não apenas minha. E, de qualquer maneira, jamais receberei o crédito. Ninguém saberá.

— Nós saberemos. E, agora, vamos trabalhar.

— Informe-se sobre a reação deles. Boa sorte.

— Acho que *mazdtov* é a expressão apropriada. — Adler pegou a mão de Ryan. — Boa viagem.

A limusine da embaixada levou Ryan até o avião, cujos motores já estavam ligados. Recebeu prioridade na autorização para taxiar, e levantou vôo menos de cinco minutos depois que ele embarcou. O VC-20B seguiu para o sul, descendo pelo território em forma de adaga que era Israel, depois virou para leste, sobrevoando o golfo de Aqaba e entrando no espaço aéreo da Arábia Saudita.

Como era seu costume, Ryan ficou olhando pela janela. Sua mente repassou o que deveria fazer, mas isso fora ensaiado durante uma semana, e o cérebro poderia cuidar de tudo calmamente, enquanto ele olhava. O ar era claro, o céu virtualmente sem nuvens, enquanto sobrevoavam o que era, por toda a aparência, uma região árida de areia e rocha. A pouca cor existente vinha das moitas raquíticas, pequenas demais para serem avistadas individualmente, e o efeito geral era o de um rosto com a barba por fazer. Jack sabia que grande parte de Israel também parecia assim, como o Sinai, onde todas aquelas batalhas de tanques haviam sido travadas, e descobriu-se a especular por que homens decidiam morrer por uma terra assim. Mas era o que acontecia, há quase tanto tempo quanto o homem existia no planeta. As primeiras guerras humanas organizadas foram lutadas ali, e não haviam parado desde então. Pelo menos ainda não.

Riad, a capital da Arábia Saudita, fica mais ou menos no centro do país, que é tão grande quanto todos os Estados Unidos a leste do Mississippi. O avião executivo efetuou uma descida relativamente rápida, o que era possível pela modesta quantidade de tráfego aéreo ali e o ar tranqüilo, sem turbulências. Em poucos minutos, o

Gulfstream taxiava no aeroporto internacional de Riad, a caminho do terminal de carga, enquanto o comissário de bordo abria a porta da frente.

Depois de duas horas no ar-condicionado, Jack experimentou a sensação de que entrara numa fornalha. A temperatura à sombra era acima de 43°C, e não havia qualquer sombra. Pior ainda, o sol se refletia da pavimentação, como se fosse de um espelho, com tanta intensidade que o rosto de Ryan começou a arder. Ali estavam, para recebê-lo, o subchefe da missão na embaixada e os seguranças habituais. Um momento depois, ele entrou suando em outra limusine de embaixada.

— Fez boa viagem, senhor? — perguntou o subchefe.

— Não foi das piores. Tudo pronto aqui?

— Tudo, senhor.

Até que era agradável ser tratado de "senhor", pensou Jack.

— Pois então vamos logo.

— Minhas instruções são para acompanhá-lo até a porta.

— Certo.

— Talvez esteja interessado em saber que fomos procurados pela imprensa. Washington manteve tudo abafado.

— A situação vai mudar dentro de cinco horas.

Riad era uma cidade limpa, embora muito diferente das metrópoles ocidentais. O contraste com as cidades israelenses era extraordinário. Quase tudo era novo. A apenas duas horas de distância, mas pelo ar. Aquele lugar nunca fora uma encruzilhada, como a Palestina. As antigas rotas comerciais passavam ao largo do calor brutal da Arábia. As cidades comerciais e pesqueiras litorâneas haviam conhecido a prosperidade por milênios, mas o povo nômade do interior levava uma existência simples, unido apenas pela fé islâmica, que por sua vez se assentara nas cidades sagradas de Meca e Medina. Duas coisas haviam mudado essa situação. Os britânicos, na Primeira Guerra Mundial, usaram aquela região como uma diversão contra a Turquia Otomana, atraindo suas forças para ali, e afastando-as dos locais em que poderiam ser de maior utilidade para seus aliados na Alemanha e Áustria-Hungria. Depois, na década de 1930, o petróleo fora descoberto. O petróleo em

quantidade tão vasta que fazia o Texas parecer insignificante. Com isso, primeiro o mundo árabe mudara, e depois o mundo inteiro.

Desde o início, o relacionamento entre os sauditas e o Ocidente fora delicado. Os sauditas ainda eram uma insólita mistura do primitivo e do sofisticado. Algumas pessoas naquela península ainda se encontravam a uma única geração da vida nômade, que não era muito diferente da que levavam Os nômades da Idade do Bronze. Ao mesmo tempo, havia uma admirável tradição de estudos corânicos, um código que era rigoroso, mas escrupulosamente justo, e muito parecido com as tradições talmúdicas do judaísmo. Num breve período de tempo, aquelas pessoas se acostumaram a uma riqueza incalculável. Encaradas como perdulárias cômicas pelo Ocidente "sofisticado", constituíam apenas o mais recente registro numa longa relação de nações *nouveaux riches*, uma relação em que os Estados Unidos não haviam ingressado há tanto tempo assim. Ele próprio um *nouveau riche*, Ryan sorriu compreensivamente ao contemplar alguns prédios. As pessoas com dinheiro "antigo" — ganho por ancestrais arrogantes, cujo comportamento rude há muito que fora convenientemente esquecido — sempre se sentiam contrafeitas na presença dos que ganhavam seus confortos, em vez de herdá-los. Como acontecia com os indivíduos, também ocorria com as nações. Os sauditas e seus irmãos árabes ainda estavam aprendendo como ser uma nação, ainda mais rica e influente, mas o processo era emocionante, para eles e seus amigos. Tiveram algumas lições fáceis, outras muito difíceis, a mais recente com seus vizinhos ao norte. De um modo geral, haviam aprendido bem, e agora Ryan torcia para que o próximo passo fosse dado com a mesma facilidade. Uma nação alcança a grandeza ajudando outras a promover a paz, não por demonstrar proezas na guerra ou comércio. Para aprender isso, os Estados Unidos haviam levado algum tempo, de Washington a Theodore Roosevelt, cujo Prêmio Nobel da Paz adornava a sala da Casa Branca que ainda tinha seu nome. *Levamos quase cento e vinte anos*, pensou Jack, enquanto o carro virava uma esquina e diminuía a velocidade. *Teddy ganhou o Prêmio por arbitrar alguma insignificante disputa de fronteira, e estamos pedindo a essa gente para nos ajudar a superar o mais perigoso ponto de ebulição do*

*mundo, depois de apenas cinqüenta anos como uma nação. Que motivo temos para desdenhar essa gente?*

Há uma coreografia para as cerimônias de Estado formais, tão delicada e rigorosa quanto qualquer bale. O carro — antes era uma carruagem — chega. A porta é aberta por um funcionário — que antes era chamado de lacaio. A Autoridade espera numa solidão digna, enquanto o Visitante desembarca. O Visitante acena com a cabeça para o lacaio, se é polido, e Ryan era. Outro funcionário, mais graduado, primeiro saúda o Visitante, depois o conduz à Autoridade. Nos dois lados da entrada, há guardas oficiais, neste caso soldados uniformizados e armados. Os fotógrafos haviam sido excluídos, por razões óbvias. Momentos assim seriam mais confortáveis em temperaturas abaixo de 38°C, mas pelo menos ali havia a sombra de um toldo, enquanto Ryan era conduzido à sua Autoridade.

— Seja bem-vindo ao meu país, doutor Ryan.

O príncipe Ali ibn Sheik estendeu a mão firme para Jack.

— Obrigado, alteza.

— Pode fazer a gentileza de me acompanhar?

— Com prazer, senhor.

*Antes que eu acabe derretendo.*

Ali levou Jack e o subchefe para o interior do prédio, onde eles se separaram. Era um palácio — Riad tinha alguns palácios, já que havia tantos príncipes reais — mas Ryan refletiu que "palácio funcional" poderia ser um termo mais acurado. Era menor que os equivalentes britânicos que Jack visitara, e mais limpo, ele constatou, com alguma surpresa. Provavelmente por causa do ar mais limpo e mais seco da região, que contrastava com a atmosfera úmida e fuliginosa de Londres. Também estava equipado com ar-condicionado. A temperatura no interior devia ser inferior a 30°C, o que de alguma forma parecia confortável para Jack. O príncipe vestia uma túnica solta, com um pano no alto da cabeça preso por um par de aros circulares... e como se chamavam? Deveria ter se informado sobre essas coisas, pensou Ryan, tarde demais. Alden é que deveria estar ali. Charlie conhecia aquela região muito melhor

do que ele... mas Charlie Alden morrera, e Jack continuava o jogo em seu lugar.

Ali ibn Sheik era conhecido do Departamento de Estado e da CIA como o Príncipe-Sem-Pasta. Mais alto, mais esguio e mais jovem do que Ryan, ele aconselhava o rei da Arábia Saudita sobre os assuntos de política externa e serviço secreto. Era bem provável que o serviço secreto saudita — treinado pelos britânicos — lhe estivesse subordinado, mas isso não era tão evidente quanto deveria, sem dúvida outro legado dos britânicos, que encaravam a necessidade de sigilo com muito mais seriedade que os americanos. Embora a ficha de Ali fosse extensa, versava principalmente sobre seus antecedentes. Educado em Cambridge, ele se tornara um oficial do exército, continuando seus estudos profissionais em Leavenworth e no quartel Carlyle, nos Estados Unidos. Em Carlyle, fora o mais jovem de sua turma, um coronel aos 27 anos, pois ser um príncipe real proporcionava um notável impulso à carreira, e concluía o curso como o terceiro colocado, num grupo em que os dez primeiros foram comandar uma divisão ou assumir um posto equivalente. O general do exército que informara Ryan sobre Ali lembrava afetuosamente de seu colega de turma, como um jovem de grandes dotes intelectuais e um excepcional potencial de comando. Ali desempenhara um papel de extrema importância em persuadir o rei a aceitar a ajuda americana durante a guerra iraquiana. Era considerado como um jogador sério, que sabia tomar decisões rápidas, e era mais rápido ainda em manifestar o desagrado pelo desperdício de seu tempo, apesar das maneiras corteses.

O gabinete do príncipe era facilmente identificado pelos dois guardas diante da porta dupla. Um terceiro homem abriu a porta, fazendo uma reverência enquanto eles passavam.

— Já ouvi falar muito a seu respeito — comentou Ali, em tom casual.

— Espero que tenham sido coisas boas — respondeu Ryan, tentando se sentir à vontade.

Ali virou-se para ele, com um sorriso malicioso.

— Temos alguns amigos comuns na Inglaterra, Sir John. Ainda se mantém eficiente com as armas pequenas?

— Não tenho mais tempo para isso, senhor.

Ali indicou uma cadeira para Jack.

— Sempre se deve encontrar tempo para algumas coisas.

Os dois sentaram, as coisas tornaram-se formais. Um criado apareceu com uma bandeja de prata, serviu café para os dois, antes de se retirar.

— Lamento sinceramente a notícia sobre o doutor Alden. Um homem tão extraordinário se deixar envolver por uma situação tão tola... Que Deus tenha misericórdia de sua alma. Por outro lado, há algum tempo que estou ansioso em conhecê-lo, doutor Ryan.

Jack tomou um gole do café. Era amargo, horrivelmente forte.

— Obrigado, alteza. E também devo agradecer por concordar em me receber, em vez de alguém mais graduado.

— Os esforços mais eficazes na diplomacia começam muitas vezes de um modo informal. Mas em que posso ajudá-lo?

Ali sorriu e recostou-se na cadeira. Os dedos da mão esquerda apoiaram a barba. Os olhos eram muito escuros, a expressão parecia relaxada, mas o clima que predominava agora na sala era de absoluto profissionalismo. E isso num instante, refletiu Ryan.

— Meu país deseja explorar um meio de... isto é, temos as linhas gerais de um plano para aliviar as tensões nesta região.

— Com Israel, é claro. Adler, posso presumir, está apresentando a mesma proposta aos israelenses neste momento?

— Correto, alteza.

— Isso é dramático — comentou o príncipe, com um sorriso divertido. — Continue.

Jack iniciou a sua argumentação:

— Senhor, nossa primeira consideração nesta questão deve ser a segurança física do Estado de Israel. Antes que nós dois tivéssemos nascido, os Estados Unidos e outros países ficaram de braços cruzados e quase nada fizeram para impedir o extermínio de seis milhões de judeus. O sentimento de culpa decorrente dessa infâmia pesa muito em meu país.

Ali balançou a cabeça, com uma expressão solene, antes de falar:



— Jamais entendi isso. Talvez vocês pudessem ter feito melhor, mas as decisões estratégicas de Roosevelt e Churchill durante a guerra foram tomadas de boa fé. A questão dos navios lotados de judeus que ninguém queria receber, antes da eclosão da guerra, é muito diferente, sem dúvida. Acho de fato muito estranho que seu país não concedesse asilo àqueles pobres coitados. Basicamente, no entanto, ninguém percebeu o que estava acontecendo, nem os judeus, nem os gentios; e quando se tornou evidente o que ocorria, Hitler já tinha o controle físico da Europa, e não era possível nenhuma intervenção direta de sua parte. Seus líderes decidiram na ocasião que a melhor maneira de acabar com o massacre era ganhar a guerra o mais depressa possível. O que era lógico. Poderiam ter feito uma questão política do *Endlösung*, creio que era esse o termo, mas concluíram que seria ineficaz, do ponto de vista prático. Isso, em retrospecto, provavelmente era incorreto, mas a decisão não foi tomada de má fé.

Ali fez uma pausa, dando tempo para que a aula de história fosse absorvida, depois continuou:

— Seja como for, compreendemos e aceitamos, em termos condicionais, as razões por trás de seu objetivo nacional de preservar o Estado de Israel. Nossa aceitação, como tenho certeza que deve entender, está condicionada ao seu reconhecimento dos direitos de outros povos. Esta parte do mundo não é composta por judeus e selvagens.

— E isso, senhor, é a base de nossa proposta — respondeu Ryan. — Se pudermos encontrar uma fórmula que reconheça esses outros direitos, aceitaríamos um plano em que os Estados Unidos garantam a segurança israelense?

Jack não teve tempo de prender a respiração à espera da resposta.

— Claro. Já não deixamos isso patente? Quem mais pode garantir a paz, além dos Estados Unidos? Se precisarem instalar tropas em Israel para fazer com que eles se sintam seguros, se precisarem assinar um tratado para formalizarem sua garantia, essas são coisas que podemos aceitar... mas o que me diz dos direitos árabes?

— Qual é sua opinião sobre a maneira como devemos tratar esses direitos? — indagou Jack.

O príncipe Ali ficou surpreso com a pergunta. A missão de Ryan não era apresentar o plano americano? Quase teve um acesso de raiva, mas era sagaz demais para se permitir tal demonstração. Não era uma armadilha que ele via. Era uma mudança fundamental na política americana.

— Doutor Ryan, fez essa pergunta por um motivo, mas mesmo assim foi uma questão retórica. Creio que lhe cabe respondê-la.

A resposta prolongou-se por três minutos. Ali balançou a cabeça, com uma expressão pesarosa.

— Provavelmente acharíamos isso aceitável, doutor Ryan, mas os israelenses jamais concordariam... para ser mais preciso, eles rejeitariam pelo mesmo motivo que nos levaria a aceitar. Deveriam concordar, é claro, mas não o farão.

— É aceitável para o seu governo, senhor?

— Deve compreender que eu precisaria consultar os outros, mas creio que nossa reação seria favorável.

— Alguma objeção?

O príncipe fez uma pausa para terminar de tomar o café. Olhou por cima da cabeça de Ryan para alguma coisa na parede oposta.

— Poderíamos sugerir diversas alterações, nenhuma delas substantiva para a tese central de seu plano. Para ser franco, tenho a impressão de que as negociações para resolver essas questões secundárias seriam fáceis e rápidas, já que não se trata de problemas relevantes para as outras partes interessadas.

— E quem seria a escolha de vocês para o representante muçulmano? Ali inclinou-se para a frente.

— E muito simples. Qualquer um poderia responder. O imã da Mesquita de Al-Aqusa é um eminente estudioso e lingüista. Seu nome é Ahmed ibn Yussif. Ahmed é consultado por estudiosos de todo o Islã que querem saber suas opiniões sobre questões de teologia. Sunitas, Shi'a, todos aceitam suas opiniões. Ele é até palestino por nascimento.

— Tão fácil assim?

Ryan fechou os olhos e deixou escapar um suspiro. Adivinhara o nome. Yussif não era exatamente um moderado político, e clamara pela expulsão de Israel da Margem Ocidental. Mas também denunciara o terrorismo, em termos teológicos. Não era absolutamente perfeito, mas se os muçulmanos podiam aceitá-lo, tornava-se perfeito.

— Está muito confiante, doutor Ryan. — Ali sacudiu a cabeça. — Confiante demais. Reconheço que seu plano é mais justo do que qualquer coisa que eu e meu governo esperávamos, mas jamais se concretizará.

Ali fez outra pausa, fitando Ryan nos olhos.

— Agora, devo lhe perguntar se é uma proposta séria, ou apenas algo para dar a aparência de justiça.

— Alteza, o presidente Fowler vai falar na assembléia-geral da ONU na próxima quinta-feira. Apresentará este mesmo plano, ao vivo e em cores. Estou autorizado a fazer um convite a seu governo para participar das negociações formais do tratado no Vaticano.

O príncipe ficou tão surpreso que falou como um americano:

— Acha mesmo que esse negócio pode dar certo?

— Alteza, vamos pelo menos tentar com todo o empenho.

Ali levantou-se e foi até sua mesa. Pegou um telefone, apertou um botão e falou depressa, de forma incompreensível para Ryan. Ele teve um momento súbito e inebriante de fantasia. A língua árabe, assim como a hebraica, era da direita para a esquerda, em vez de da esquerda para a direita, e Ryan especulou como o cérebro de uma pessoa podia lidar com isso.

*Filho da puta!*, pensou Jack. *Poderia dar certo!* Ali desligou e virou-se para o visitante.

— Creio que está na hora de falarmos com Sua Majestade.

— Tão depressa?

— Uma vantagem de nossa forma de governo é que um ministro que deseja acesso a outro precisa apenas ligar para um primo ou tio. Somos uma família no negócio. Confio que seu presidente seja um homem de palavra.

— O discurso na ONU já está escrito. Eu o vi. Ele espera sofrer toda a pressão do *lobby* israelense nos Estados Unidos. Está

preparado para isso.

— Já os vi em ação, doutor Ryan. Mesmo quando lutávamos por nossas vidas, ao lado de soldados americanos, eles negaram as armas de que precisávamos para nossa segurança. Acha que isso vai mudar?

— O comunismo soviético chegou ao fim. O Pacto de Varsóvia acabou. Muitas coisas que moldavam o mundo em que fui criado desapareceram... e desapareceram para sempre. Chegou o momento de nos livrarmos do resto do turbilhão que ainda persiste no mundo. Indaga se conseguiremos fazer... por que não? Senhor, o único fator constante na existência humana é a mudança.

Jack sabia que se mostrava absurdamente confiante, e se perguntou como Scott Adler estaria se saindo em Jerusalém. Adler não era um orador que berrasse para multidões, mas sabia como usar a palavra. Isso não se fazia com os israelenses há tanto tempo que Jack não sabia quando fora a última ocasião em que se tentara... se é que o fora alguma vez. Mas o presidente estava empenhado. Se os israelenses tentassem impedir, poderiam muito bem descobrir como o mundo era solitário.

— Esqueceu Deus, doutor Ryan. Jack sorriu.

— Não, alteza, não esqueci. É justamente essa a questão, não concorda? O príncipe Ali sentiu vontade de sorrir, mas não o fez. Ainda não era o momento. Ele apontou para a porta.

— Nosso carro está esperando.

No depósito do exército em New Cumberland, Pensilvânia, a instalação para guardar estandartes e bandeiras que datava da época da Revolução, um general-de-brigada e um antiquário profissional estenderam sobre uma mesa o empoeirado estandarte regimental outrora carregado pelo 10º de Cavalaria dos Estados Unidos. O general se perguntou se ainda restava no estandarte algo da poeira da campanha do coronel John Grierson contra os apaches. Aquele estandarte iria para o regimento. Não seria de muito uso. Talvez saísse uma vez por ano do armário, mas daquele padrão se faria um novo. O fato de isso estar acontecendo já era insólito. Numa era de cortes no orçamento, uma nova unidade estava sendo

formada. Não que o general objetasse. O 10º tinha uma história notável, mas nunca recebera o reconhecimento de Hollywood, por exemplo, que fizera apenas um filme sobre os regimentos negros. Pois o 10º era uma das quatro unidades de negros — o 9º e o 10º de Cavalaria, o 24º e o 25º de Infantaria —, cada um das quais desempenhara seu papel na conquista do Oeste. Aquele estandarte regimental datava de 1866. O símbolo central era um búfalo, já que os índios que lutaram contra os soldados do 10º achavam que seus cabelos eram parecidos com a pelagem áspera de um bisão americano. Os soldados negros estavam presentes na derrota de Gerônimo, e salvaram a pele de Teddy Roosevelt na carga em San Juan Hill, o general sabia. Já era tempo de receberem algum reconhecimento oficial; e qual era o problema se o presidente assim determinara por razões políticas? O 10º tinha uma história honrosa, apesar da política.

— Vai levar uma semana — anunciou o civil. — Cuidarei disso pessoalmente. Fico imaginando o que Grierson pensaria do arsenal dos Búfalos hoje.

— E considerável — admitiu o general.

Ele comandara o 11º Regimento de Cavalaria Blindada alguns anos antes. A Cavalaria Negra ainda se encontrava na Alemanha, embora ele se perguntasse por quanto tempo mais permaneceria ali. Mas o historiador tinha razão. Com cento e vinte e nove tanques, duzentos e vinte e oito transportes de pessoal blindados, vinte e quatro canhões de propulsão própria, oitenta e três helicópteros e cinco mil soldados, um moderno regimento de cavalaria blindada era na verdade uma brigada reforçada, que se deslocava muito depressa e tinha um tremendo impacto ofensivo.

— Onde eles ficarão baseados?

— O regimento será formado no forte Stewart. Depois disso, ainda não sei direito. Talvez seja agregado ao 18º Corpo Aerotransportado.

— Vão tostar ao sol, hem?

— Provavelmente. Mas o regimento sabe tudo sobre desertos, não é mesmo?

O general apalpou o tecido do estandarte. Isso mesmo, ainda havia poeira ali, do Texas, Novo México e Arizona. Ele especulou se os soldados que seguiriam aquele estandarte saberiam que sua unidade estava renascendo. Talvez sim.

## 6

# MANOBRAS

A cerimônia de transferência de comando da marinha, quase inalterada desde o tempo de John Paul Jones, foi concluída no tempo previsto, às onze e vinte e quatro. Fora realizada duas semanas antes do esperado, a fim de que o comandante que deixava o cargo pudesse assumir mais depressa as novas funções no Pentágono, o que teria evitado com o maior prazer. O Comandante Jim Rosselli acompanhara o *Maine* durante os últimos dezoito meses de sua construção, na Divisão Naval da General Dynamics, em Groton, Connecticut, através do lançamento e equipagem final, nos testes do construtor e nos testes de aceitação, durante os estágios de ingresso no serviço ativo, nas manobras de ensaio, durante um dia inteiro de prática de disparo de mísseis em Port Canaveral, ao longo do Canal do Panamá na viagem até a base de submarinos de mísseis em Bangor, no Estado de Washington. Sua última missão fora levar o barco — o *Maine* era enorme, mas no jargão da marinha americana ainda era apenas um "barco" — em sua primeira patrulha de dissuasão, no golfo do Alasca. Tudo isso estava acabado agora. Quatro dias depois de voltar ao porto, ele encerrara sua associação com o barco, entregando-o a seu substituto, comandante Harry Ricks. Era um pouco mais complicado do que isso, é claro. Os submarinos de mísseis, desde o primeiro, o *George Washington* — há muito convertido em lâminas de barbear e outros úteis artigos de consumo —, tinham duas tripulações completas, chamadas "Azul" e "Ouro". A idéia era de que os barcos de mísseis podiam passar mais tempo no mar se as tripulações fossem trocadas. O sistema era dispendioso, mas funcionava com eficácia. A classe "Ohio" de submarinos equipados com mísseis balísticos passava em média mais de dois terços de seu tempo no mar, com patrulhas ininterruptas de setenta dias, com períodos de reabastecimento e reparos de vinte e cinco dias. Portanto, Rosselli entregara a Ricks a

metade do comando do enorme submarino, e o pleno comando da tripulação

"Ouro", que agora desocupava o navio para a tripulação "Azul", que efetuará a próxima patrulha.

A cerimônia concluída, Rosselli retirou-se pela última vez para seu camarote. Como "dono das pranchas", na função de comandante, ele tinha direito a alguns *souvenirs*, a seu pedido. Um pedaço das pranchas de teca do convés, perfuradas para o jogo de *cribbage*, era parte da tradição. O fato do comandante jamais ter jogado *cribbage* em sua vida, depois de uma única tentativa fracassada, era irrelevante. Essas tradições não chegavam a ser tão antigas quanto o capitão John Paul Jones, mas eram igualmente firmes. O gorro com "Comandante" e "Dono das Pranchas", bordado em ouro atrás, fazia parte de sua coleção permanente, assim como uma placa do navio, uma fotografia assinada por toda a tripulação, e diversos outros presentes.

— Ah, como eu gostaria de ter uma dessas! — comentou Ricks.

— São realmente bonitas, comandante — murmurou Rosselli, com um sorriso ansioso.

Não era justo. Só os melhores oficiais podiam fazer o que ele fizera. Comandara um barco de ataque rápido, o *Honolulu*, cuja reputação de um submarino de sorte persistira durante os dois anos e meio de seu comando. Depois, assumira a tripulação "Ouro" do *Tecumseh*, onde tornara a se destacar. Aquele terceiro — e excepcional — comando fora necessariamente abreviado. Sua função fora supervisionar a construção em Groton, depois "afinar" o barco para a primeira dupla de comandantes efetivos. Só comandara de fato o barco durante... quanto tempo? Cem dias, por aí. Apenas o tempo suficiente para conhecer a garota.

— Não está tornando as coisas mais fáceis para você, Rosey — comentou o comandante da flotilha, Bart Mancuso, agora um contra-almirante.

Rosselli tentou imprimir algum humor à sua voz:

— Ei, Bart, de um carcamano para outro, demonstre alguma compaixão, está bem?



— Entendido, *paisan*. Não deve mesmo ser fácil. Rosselli virou-se para Ricks.

— A melhor tripulação que já tive. O imediato será um comandante sensacional quando chegar o momento. O barco é perfeito. Tudo funciona. O período de reparos é uma perda de tempo. O único problema é na despensa do salão de oficiais. Algum eletricista no estaleiro cruzou os cabos, e os disjuntores não estão rotulados direito. Regs diz que devemos trocar os fios, em vez de mudar os rótulos. E isso é tudo. Mais nada.

— E a central de energia?

— Não podia haver melhor, no pessoal e equipamento. Já viu os resultados do Orse, não é mesmo?

— Já, sim.

O submarino alcançara quase a perfeição no Exame de Salvaguardas de Reator Operacional, o Orse, que constituía o Santo Graal da comunidade nuclear.

— Sonar?

— O equipamento é o melhor da esquadra... recebemos o novo modelo, antes que se tornasse padrão. Fiz um acordo com o pessoal no SubGru Dois, antes de sermos equipados. Um dos seus velhos companheiros, Bart, Doutor Ron Jones. Ele está com a Sonosystems, até viajou conosco por uma semana. O analisador de sinais parece até magia. O departamento de torpedos precisa de algum trabalho, mas não muito. Acho que eles podem reduzir mais trinta segundos em seu tempo médio. Um chefe jovem... e diga-se de passagem, todo esse departamento é bem jovem. Ainda não assentaram, mas também não são muito mais lentos do que o pessoal que eu tinha no *Tecumseh*. Se dispusesse de mais algum tempo, eu poderia deixá-los no ponto.

— Não tem problema — disse Ricks, tranqüilo. — E afinal, Jim, tenho de fazer alguma coisa. Quantos contatos teve na patrulha?

— Um classe *Akula*, o *Almirante Lunin*. Captei-o três vezes, nunca a menos de sessenta mil metros. Se ele nos farejou... não, isso não aconteceu. Nunca se virou em nossa direção. Em uma das ocasiões, nós o tivemos na tela durante dezesseis horas. As

condições eram ideais e resolvi... — Rosselli sorriu. — ... segui-lo por algum tempo, por uma longa distância.

— Uma vez um cara de ataque, sempre um cara de ataque — comentou Ricks, com um sorriso.

Ele era um homem que sempre fora cauteloso, e a idéia não o atraía, mas aquele não era o momento de criticar.

— Teve então um bom perfil dele — interveio Mancuso, para demonstrar que não se sentia ofendido com a ação de Rosselli. — Um bom barco, não é?

— O Akula? Muito bom. Mas não o suficiente. Eu não começaria a me preocupar, até encontrarmos uma maneira de rastreá-los. Tentei quando tinha o *Honolulu*, contra Richie Seitz, no Alabama. Não houve jeito. A única vez em que isso aconteceu. Acho que Deus poderia encontrar um Ohio, mas precisaria estar num bom dia.

Rosselli não estava brincando. Os submarinos de mísseis da classe Ohio eram mais do que apenas quietos. O nível de ruído irradiado era na verdade mais baixo que o nível de ruído do oceano, algo como um sussurro num concerto de rock. Para ouvi-los, era necessário chegar muito perto, mas para impedir que isso acontecesse, os Ohios contavam com os melhores sistemas de sonar já projetados. A marinha fizera tudo certo com essa classe. O contrato original especificara uma velocidade máxima de 26-7 nós. O primeiro Ohio desenvolvia 28,5. Nos testes do construtor, o *Maine* alcançara 29,1, graças a uma nova tinta de superpolímero. A hélice de sete pás permitia quase vinte nós sem qualquer cavitação ruidosa, e o reator operava em quase todos os regimes na base da circulação natural, prevenindo a necessidade de bombear água, potencialmente geradora de ruídos. A obsessão da marinha por controle de ruídos alcançara o auge nessa classe de submarinos. Até as lâminas do liquidificador da cozinha eram revestidas com uma camada de vinil, a fim de evitar o barulho de metal contra metal. O que o Rolls-Royce era para os carros, a Ohio era para os submarinos.

— Ele é todo seu agora, Harry — disse Rosselli.

— Ninguém poderia tê-lo preparado melhor do que você, Jim. Vamos embora. O clube dos oficiais está aberto, e eu lhe pagarei uma cerveja.

— Está bem — murmurou o ex-comandante do submarino, com uma voz rouca.

Na saída, os tripulantes fizeram fila para apertar sua mão pela última vez. Quando Rosselli chegou à escada, havia lágrimas em seus olhos. Ao descer pela borda, as lágrimas escorriam pelas faces. Mancuso compreendeu. Acontecera-lhe a mesma coisa. Um bom comandante desenvolvia um amor sincero por seu barco e seus homens, e para Rosselli era ainda pior. Ele tivera oportunidades extras de comando, e isso fazia com que se tornasse ainda mais difícil deixar o último. Como Mancuso, tudo o que Rosselli podia esperar, dali para a frente, era uma função de estado-maior, comandando uma escrivania, nunca mais voltaria a ocupar o posto que parecia de divindade, o de comandante de uma embarcação de guerra. Ainda poderia viajar em barcos, é claro, avaliar comandantes, conferir idéias e táticas, mas dali por diante seria um visitante tolerado, jamais acolhido a bordo com satisfação. E o mais desagradável é que teria de evitar qualquer visita a seu antigo comando, para que a tripulação não comparasse o seu estilo com o do novo comandante, possivelmente minando a autoridade do novo homem. Era assim que deveria ter sido para os imigrantes, refletiu Mancuso, como fora para seus ancestrais, lançando um último olhar para a Itália, sabendo que nunca mais voltariam, que suas vidas mudariam de forma irremediável.

Os três homens embarcaram no carro oficial de Mancuso para a viagem até a recepção no clube dos oficiais. Rosselli ajeitou seus *souvenirs* no chão, tirou um lenço do bolso para enxugar os olhos. *Não é justo, simplesmente não é justo. Deixar o comando de um barco assim para ser uma droga de telefonista no Estado-Maior. Como se pode chamar isso de promoção?* Rosselli assoou o nariz, e pensou no serviço em terra que o resto de sua carreira ativa lhe reservava.

Mancuso desviou os olhos, num respeito discreto.

Ricks limitou-se a balançar a cabeça. Não havia necessidade de ficar tão emocionado com aquilo. Ele já fazia suas anotações mentais. O departamento de torpedos ainda não alcançara a velocidade ideal, hem? Pois ele tomara as providências necessárias.

E o imediato era supostamente sensacional. Que comandante deixava de elogiar seu imediato? Se o cara pensava que já estava pronto para o comando, isso significava que poderia estar um pouco ansioso, talvez não desse um apoio total, talvez quisesse bancar o importante. Ricks já tivera um homem assim. Esses imediatos precisavam com frequência de sutis lembretes de quem mandava. E Ricks sabia como fazer isso. A boa notícia, a mais importante de todas, era a da central de energia. Ricks era um produto da obsessão pelo reator nuclear da marinha. Era uma coisa pela qual o comandante da flotilha, Mancuso, parecia indiferente, calculava Ricks. E era provável que o mesmo acontecesse com Rosselli. Já tinham passado pelo Orse... e daí? Em seus barcos, o pessoal da engenharia tinha de estar preparado para um Orse todos os dias. Um problema daqueles Ohios era o fato de os sistemas funcionarem tão bem que as pessoas não se preocupavam muito com as coisas. E isso se tornaria ainda mais verdadeiro depois do Orse. A complacência era o arauto do desastre. E aqueles caras da ofensiva, com sua mentalidade estúpida! *Rastrear* um Akula, pelo amor de Deus! Mesmo a sessenta mil metros, o que aquele lunático pensava que estava fazendo?

O lema de Ricks era o da comunidade da espera: "Nós nos escondemos com orgulho" (a versão menos polida era "Cagões do Mar").

Se não podem encontrá-lo, não podem lhe fazer mal. Essa turma não saía por aí à procura de encrencas. Sua função era se esquivar. Afinal, os submarinos de mísseis não eram absolutamente barcos de combate. E o fato de Mancuso não ter repreendido Rosselli de imediato era espantoso para Ricks.

Ele tinha de considerar, no entanto, que Mancuso não repreendera Rosselli. E até o elogiara.

Mancuso era o seu comandante de flotilha, e tinha duas medalhas por serviços distintos, as DSMs. Não era justo que Ricks fosse um tipo defensivo subordinado a um adepto do ataque rápido, mas era o que acontecia. Pessoalmente um homem de ofensiva, era óbvio que ele queria comandantes agressivos. E Mancuso era o cara que fazia seus relatórios de competência. Não era essa a verdade

fundamental da equação? Ricks era ambicioso. Queria o comando de uma flotilha, depois uma passagem pelo Pentágono, receberia sua estrela de contra-almirante, o comando de um grupo de submarinos — o que era baseado em Pearl Harbor seria ótimo, pois ele gostava do Havaí — e ficaria preparado para outro turno no Pentágono. Ricks era um homem que definira sua carreira quando ainda não passava de um tenente. Enquanto fizesse exatamente de acordo com as normas, mais rigoroso do que qualquer outro, permaneceria em seu curso determinado.

Só que não planejava trabalhar sob o comando de um homem com a mentalidade agressiva. Teria de se adaptar. Mas ele sabia como fazer isso. Se aquele Akula aparecesse em sua próxima patrulha, faria a mesma coisa que Rosselli... mas ainda melhor, é claro. Teria de fazê-lo. Seria o que Mancuso esperava, e Ricks sabia que se encontrava em competição direta com treze outros comandantes. Para chegar ao comando da flotilha, tinha de ser o melhor dos quatorze. Para ser o melhor, tinha de fazer coisas que impressionassem o comandante da flotilha. Muito bem, para manter sua carreira em ascensão, como acontecia há vinte anos, precisava fazer algumas coisas novas e diferentes. Ricks preferiria não se expor a isso, mas sua carreira vinha em primeiro lugar, não é mesmo? Sabia que estava fadado a ter uma bandeira de almirante no canto de sua sala no Pentágono algum dia... talvez muito em breve. Faria o ajustamento necessário. Com uma bandeira de almirante vinha um carro oficial, motorista, sua vaga particular no imenso estacionamento do Pentágono, e mais postos que poderiam promover sua carreira, até culminar, se tivesse um pouco de sorte, com o comando de operações navais — melhor ainda, diretor de reatores navais, que era tecnicamente subordinado ao CON, mas permitia uma permanência de oito anos na função. Ele sabia que era mais apropriado para esse posto, o que fixava a política para toda a comunidade nuclear. O DRN escrevia O Livro. Tudo o que ele tinha de fazer era segui-lo. Como a Bíblia era o caminho da salvação para o cristão e o judeu, O Livro era o caminho para o almirantado. Ricks conhecia O Livro e além disso era um engenheiro brilhante.

J. Robert Fowler era humano, no final das contas, pensou Ryan. A reunião foi realizada lá em cima, no andar dos aposentos particulares da Casa Branca, porque o ar-condicionado da ala Oeste se encontrava em reparos, e o sol forte entrando pelas janelas do Gabinete Oval o tornava inabitável. Por isso, usaram uma sala no andar superior, que abrigava com freqüência a fila do bufê nos jantares "informais" na Casa Branca que o presidente gostava de oferecer, para grupos "íntimos" de cinquenta ou mais pessoas. As cadeiras antigas estavam arrumadas em torno da mesa de jantar enorme, numa sala com as paredes decoradas por um mural de cenas históricas. Além disso, era um ambiente para se ficar em mangas de camisa. Fowler era um homem que se sentia contrafeito com os ornamentos de seu cargo. Um antigo promotor federal, um advogado que jamais defendera um único criminoso, até entrar na política, com os dois pés e sem olhar para trás, acostumara-se a um ambiente de trabalho informal, parecia preferir uma gravata afrouxada no colarinho e as mangas da camisa enroladas até os cotovelos. Parecia muito estranho para Ryan, que sabia que o presidente também era presunçoso e rigoroso no relacionamento com os subordinados. Mais estranho ainda, o presidente entrara na sala com a seção de esportes do *Baltimore Sun*, que preferia à cobertura esportiva dos jornais locais. O presidente Fowler era um fã ardoroso do futebol americano. Os primeiros jogos de preparação para o campeonato da liga nacional já pertenciam à história, e agora ele calculava as possibilidades das equipes na iminente temporada. O vice-diretor da Agência deu de ombros, e continuou de paletó. Havia tanta complexidade naquele homem quanto em qualquer outro, Jack sabia, e as complexidades não eram previsíveis.

O presidente limpou discretamente sua agenda para a reunião daquela tarde. Sentado à cabeceira da mesa, diretamente por baixo de uma grade de ar-condicionado, Fowler sorria, enquanto os participantes da reunião sentavam. A sua esquerda, estava G. Dennis Bunker, secretário de Defesa. Ex-presidente-executivo da Aerospace, Inc., Bunker era um antigo piloto de caça da força aérea americana que voara com missões nos primeiros dias do Vietnã, deixara o serviço para fundar uma companhia, que desenvolvera

para um conglomerado de bilhões de dólares, espalhando-se por todo o sul da Califórnia. Vendera isso e todos os seus outros interesses comerciais, mantendo apenas um empreendimento sob seu controle — os Chargers de San Diego. Houvera muitos gracejos a respeito durante as audiências de confirmação, e se especulara jovialmente que Fowler gostava de Bunker principalmente pelo amor de seu secretário de Defesa ao futebol americano. Bunker era uma raridade na administração Fowler, tão próximo de um falcão quanto qualquer outro ali, um jogador informado na área da defesa, cujas preleções para os homens de uniforme eram escutadas com atenção. Deixara a força aérea como um capitão, mas ganhara três condecorações por levar seu caça-bombardeiro F-105 em missões nos arredores de Hanói. Dennis Bunker participara pessoalmente da guerra. Podia falar de táticas com comandantes, e estratégias com generais. Tanto os militares quanto os políticos respeitavam o secretário de Defesa, o que raramente acontecia.

Ao lado de Bunker, sentava Brent Talbot, o secretário de Estado. Um ex-professor de ciência política na Northwestern University, Talbot era um antigo amigo e aliado do presidente. Com setenta anos, impressionante com os cabelos brancos sobre o rosto pálido e inteligente, Talbot era menos um acadêmico e mais um cavalheiro antiquado, embora com um instinto de matador. Depois de anos integrando o comitê de assessoria presidencial para assuntos externos, assim como várias outras comissões, ele se encontrava agora numa posição em que poderia criar seu impacto. O típico homem por dentro que sempre ficava de fora, ele finalmente escolhera um vencedor em Fowler. Era também um homem de genuína visão. As mudanças no relacionamento Leste-Oeste representavam para o secretário de Estado uma oportunidade histórica de mudar a face do mundo, e ele queria seu nome nas mudanças.

À direita do presidente, sentava o chefe da assessoria Arnold van Damm. Afinal, aquela era uma reunião política, e o conselho político era de suprema importância. Depois de Van Damm, estava Elizabeth Elliot, a nova assessora de segurança nacional. Parecia bastante austera hoje, notou Ryan, usando um costume elegante,

com uma gravata fina pendurada no pescoço esguio e atraente. Ao seu lado sentava Marcus Cabot, diretor da CIA e superior imediato de Ryan.

O pessoal do segundo escalão se encontrava mais distante do centro do poder, como não podia deixar de ser. Ryan e Adler se encontravam na outra extremidade da mesa, tanto para separá-los do presidente quanto para permitir que houvesse uma visibilidade maior dos participantes mais graduados da reunião, quando comessem a falar.

— Este é o seu ano, Dennis? — perguntou o presidente ao secretário de Defesa.

— Pode apostar que sim! — respondeu Bunker. — Já esperei demais, mas com os meus dois novos defensores vamos chegar à final em Denver.

— Então vai enfrentar os Vikings lá — comentou Talbot. — Dennis, você teve a oportunidade da primeira escolha. Por que não pegou Tony Wills?

— Tenho três bons jogadores em sua posição, mas precisava de defensores, e aquele garoto do Alabama é o melhor que já vi.

— Pois saiba que vai se arrepender — garantiu o secretário de Estado. Tony Wills saíra da Northwestern. Um típico estudante americano, com

uma bolsa de estudos Rhodes, ganhador do troféu Heisman, e o garoto que quase sozinho ressuscitara o prestígio da Northwestern no futebol universitário, Wills fora o aluno que Talbot mais apreciara. Um jovem excepcional sob todos os aspectos, já havia pessoas falando em seu futuro na política. Ryan achava isso prematuro, mesmo na paisagem política em constante transformação dos Estados Unidos.

— Ele vai acabar com vocês no terceiro jogo da temporada, e fará a mesma coisa no Super Bowl, se seu time chegar a esse ponto, Dennis, o que duvido muito.

— Veremos! — exclamou Bunker.

O presidente riu, enquanto arrumava seus papéis. Liz Elliot tentou e não conseguiu disfarçar sua desaprovação, Jack percebeu, a sete metros de distância. Seus papéis já estavam arrumados, a



caneta em posição para escrever anotações, o rosto impaciente com a conversa de vestiário, no seu lado da mesa. Bom, ela tinha o cargo com que sonhara, mesmo que fosse preciso uma morte — Ryan já fora informado dos detalhes, a esta altura — para obtê-lo.

— Creio que devemos dar início à reunião — declarou o presidente Fowler. O barulho na sala cessou no mesmo instante. — Senhor Adler, pode nos relatar o que aconteceu em sua viagem?

— Obrigado, senhor presidente. Eu diria que a maioria das peças está ajustada. O Vaticano concorda incondicionalmente com os termos da proposta, e está disposto a ser o anfitrião das negociações a qualquer momento.

— Como Israel reagiu? — indagou Liz Elliot, para mostrar que estava por dentro das coisas.

— Poderia ter sido melhor — respondeu Adler, num tom neutro. — Eles vão participar, mas espero uma séria resistência.

— Séria até que ponto?

— Eles farão qualquer coisa para evitar um compromisso. Não ficaram muito satisfeitos com a idéia.

— Isso não tem nada de inesperado, senhor presidente — comentou Talbot.

— E os sauditas? — Fowler perguntou a Ryan.

— Senhor, minha conclusão é de que eles aceitam. O príncipe Ali se mostrou bastante otimista. Passamos uma hora com o rei, cuja reação foi cautelosa, mas positiva. A preocupação deles é de que os israelenses não concordem, por maior que seja a nossa pressão. Também se preocupam com a possibilidade de serem relegados a um segundo plano. Deixando isso de lado por enquanto, senhor presidente, os sauditas parecem dispostos a aceitar o plano nos termos em que foi elaborado, assim como sua participação na execução. Sugeriram algumas alterações, que descrevi em meu relatório. Como pode verificar, nenhuma envolve questões substantivas e críticas. Na verdade, duas até parecem representar melhoras positivas.

— E os soviéticos?

— Scott cuidou disso — explicou o secretário Talbot. — Eles concordam, mas também acham que os israelenses não vão

cooperar. O presidente Narmonov enviou-nos uma mensagem anteontem, comunicando que o plano é perfeitamente compatível com a política de seu governo. Estão dispostos a endossar o plano, até o ponto de limitar a venda de armas para outras nações na região, entregando apenas o suficiente para cobrir suas necessidades defensivas.

— Será mesmo? — indagou Ryan, num súbito impulso.

— Isso acaba com uma de suas predições — comentou Cabot, soltando uma risada.

— Como assim? — perguntou Fowler.

— Senhor presidente, a venda de armas para aquela região constitui uma grande receita para os soviéticos. A redução das vendas lhes custaria bilhões em moedas fortes, de que tanto precisam.

Ryan recostou-se na cadeira e assoviou.

— Isso é surpreendente.

— Eles também querem ter algumas pessoas nas negociações. O que parece bastante justo. O aspecto de vendas de armas do tratado... se chegarmos a esse ponto... será acertado com um acordo paralelo entre os Estados Unidos e os soviéticos.

Liz Elliot sorriu para Ryan. Ela previra esse desenvolvimento.

— Em troca, os soviéticos querem alguma ajuda em produtos agrícolas, e uns poucos créditos comerciais — acrescentou Talbot. — E um preço barato. A cooperação soviética neste caso é de extrema importância para nós, e o prestígio decorrente do tratado será importante para eles. E um acordo razoável para os dois lados. Além do mais, temos todo aquele trigo estocado, sem servir para nada.

— Quer dizer que o único obstáculo é Israel? — indagou Fowler para a mesa em geral, sendo respondido com acenos de cabeça. — Até que ponto é sério?

— Jack — disse Cabot, virando-se para seu vice-diretor —, qual foi a reação de Avi Ben Jakob?

— Almoçamos no dia anterior à minha viagem para a Arábia Saudita. Ele parecia muito infeliz. Não sei exatamente o que ele sabia. Não lhe dei muita coisa para alertar seu governo e...

— O que significa "não muita coisa", Ryan? — perguntou Elliot, bruscamente.

— Nada — respondeu Ryan. — Eu lhe disse para esperar. O pessoal da comunidade de informações não gosta disso. Tenho a impressão de que ele sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não o quê.

— As reações que eu tive na reunião ali foram de surpresa — declarou Adler, em apoio a Ryan. — Eles esperavam alguma coisa, mas não o que apresentei.

O secretário de Estado inclinou-se para a frente.

— Senhor presidente, Israel vive há duas gerações sob a ficção de que eles e só eles são responsáveis por sua segurança nacional. Tornou-se quase uma crença religiosa por lá... e apesar do fato de lhes entregarmos todos os anos vastas quantidades de armamentos e outras concessões, a política do governo é viver como se isso fosse verdade. Seu medo institucional é de que se hipotecarem a segurança nacional à boa vontade de outros, vão se tornar vulneráveis à interrupção dessa boa vontade.

— A gente acaba cansando de ouvir isso — comentou Liz Elliot, friamente. *Talvez não se cansasse se seis milhões de seus parentes tivessem sido convertidos em poluição da atmosfera*, pensou Ryan. *Como podemos deixar de ser sensíveis às lembranças do Holocausto?*

— Creio que podemos considerar como certo que um tratado de defesa bilateral entre os Estados Unidos e Israel será aprovado pelo senado — disse Arnie van Damm, falando pela primeira vez.

— Com que rapidez podemos enviar as unidades necessárias para o território israelense? — indagou Fowler.

— Seria preciso cerca de cinco semanas, a partir do momento em que for dada a autorização, senhor — respondeu o secretário de Defesa. — O 10º Regimento de Cavalaria Blindado está sendo formado neste momento. E basicamente uma unidade com a força de uma brigada, e poderá derrotar... digamos "destruir"... qualquer divisão blindada que os árabes lançarem numa ofensiva. Acrescentaremos uma unidade de fuzileiros como ostentação. Além disso, com o acordo para a utilização do porto de Haifa, teremos

quase sempre um grupo de batalha de porta-aviões no Mediterrâneo oriental. Com o grupo de esquadrilhas de F-16 baseado na Sicília, teremos um efetivo considerável. Os militares também vão gostar, pois passarão a dispor de uma vasta área para treinamento. Usaremos nossa base no Negev da mesma maneira como usamos o centro nacional de treinamento no forte Irwin. A melhor maneira de manter a unidade coesa e pronta para o combate é promover um treinamento constante. Esse tipo de operação será dispendioso, não resta a menor dúvida, mas...

— Mas pagaremos o preço — declarou Fowler, interrompendo Bunker, gentilmente. — Mais do que vale a despesa, e não teremos problemas no Capitólio para manter o financiamento, não é mesmo, Arnie?

— Qualquer deputado que se opuser a essa medida terá uma carreira política curta — asseverou o chefe da assessoria, confiante.

— Portanto, tudo se reduz a superar a oposição israelense? — indagou Fowler.

— Correto, senhor presidente — respondeu Talbot, por todos.

— Qual é a melhor maneira de se conseguir isso?

A indagação presidencial era retórica. A resposta já fora delineada. O atual governo israelense, como todos os precedentes na última década, era uma precária coalizão de interesses disparatados. Uma pressão do tipo certo de Washington poderia derrubá-lo.

— E qual será a posição do resto do mundo? — acrescentou o presidente.

— Os países da Otan não criarão nenhuma dificuldade — respondeu Elliot, antes que Talbot pudesse falar. — O resto da ONU aceitará tudo, mesmo com relutância. Desde que os sauditas concordem, o mundo islâmico vai aderir. Se Israel resistir, ficará isolado, como nunca esteve.

— Não me agrada pressioná-los demais — comentou Ryan.

— Doutor Ryan, isso não é da sua competência — disse Elliot, suavemente. Umhas poucas cabeças se inclinaram ligeiramente, alguns olhos se contraíram, mas ninguém se levantou em defesa de Jack.

— E verdade, doutora Elliot — respondeu Ryan, depois de um momento de silêncio constrangido. — E também verdade que pressão demais pode ter um efeito oposto ao que o presidente pretende. E ainda há uma dimensão moral que precisa ser levada em consideração.

— Doutor Ryan, o que estamos discutindo é justamente a dimensão moral

— interveio o presidente. — E os termos dessa dimensão moral são bem simples: já houve guerra demais por lá, chegou o momento de acabar com isso para sempre. Nosso plano é um meio de alcançar esse objetivo.

*Nosso plano*, pensou Ryan. Os olhos de Van Damm faiscaram por um momento, logo voltaram a se mostrar impassíveis. Jack compreendeu que se encontrava tão sozinho naquela sala quanto o presidente tencionava deixar Israel. Ele baixou os olhos para seus papéis, manteve a boca fechada. *Dimensão moral porra nenhuma!*, pensou, furioso. *Tudo não passa do desejo de deixar pegadas nas areias do tempo, e das vantagens políticas de ser considerado como O Grande Pacificador.* Mas não era o momento para o ceticismo, e o plano continuava a ser meritório, embora não fosse mais de Ryan.

— Se tivermos de pressioná-los, como deveremos agir? — indagou o presidente Fowler, jovialmente. — Nada de muito rigoroso, apenas uma mensagem discreta e compreensível.

— Uma grande remessa de peças sobressalentes de aviões estará pronta para o embarque na próxima semana — informou o secretário de Defesa.

— Eles vão substituir o sistema de radar em todos os seus caças F-15. Há outras coisas também, mas o sistema de radar é muito importante para eles. É o mais moderno que existe. Ainda o estamos instalando em nossos próprios aviões. O mesmo acontece com o novo sistema de mísseis do F-16. A força aérea é a grande jóia de Israel. Se formos obrigados a adiar a remessa, por razões técnicas, eles entenderão o recado com absoluta clareza.

— Pode-se fazer isso com toda a discrição? — perguntou Elliot.

— Podemos fazê-los saber que de nada adiantará protestar — respondeu Van Damm. — Se o discurso na ONU transcorrer sem

problemas, como deve acontecer, podemos prevenir o *lobby* deles em nosso Congresso.

— Talvez seja preferível dourar a pílula, permitindo que eles recebam mais armamentos, em vez de entravar sistemas que já possuem.

Era a última tentativa de Ryan, mas Elliot jogou-lhe um balde de água fria.

— Não temos condições de fazer isso. O chefe da assessoria concordou:

— Não será possível arrancar mais dólares do orçamento para a defesa, nem mesmo para Israel. O dinheiro simplesmente não existe.

— Eu preferia avisá-los com antecedência... se realmente pretendemos pressioná-los — disse o secretário de Estado.

Liz Elliot sacudiu a cabeça.

— Não. Se eles precisam receber o recado, é melhor que seja pela maneira mais difícil. Gostam de bancar os duros. Vão compreender.

— Muito bem. — O presidente fez uma última anotação em seu bloco.

— Esperaremos até o discurso, na semana que vem. Mudarei o discurso para incluir um convite a negociações formais em Roma, dentro de duas semanas, a contar de ontem. Deixamos claro para Israel que deve entrar no jogo, ou terá de arcar com as conseqüências, e desta vez não estamos brincando. Daremos esse recado da maneira como o secretário Bunker sugeriu, e faremos isso de surpresa. Mais alguma coisa?

— Vazamentos? — murmurou Van Damm.

— Pode ocorrer algum em Israel? — perguntou Elliot a Scott Adler.

— Eu disse a eles que o assunto era extremamente delicado, mas...

— Brent, ligue para o ministro do Exterior, e diga que haverá conseqüências se por acaso se manifestarem antes do discurso.

— Pois não, senhor presidente.

— E no que se refere a este grupo, não haverá vazamentos. —  
A ordem presidencial foi disparada contra o outro lado da mesa. —  
Reunião encerrada.

Ryan pegou seus papéis e deixou a sala. Marcus Cabot foi ao seu encontro no corredor um momento depois.

— Devia saber quando é melhor ficar de boca fechada, Jack.

— Escute, diretor, se nós os pressionarmos demais...

— Conseguiremos o que queremos.

— Acho que é um erro, e dos mais estúpidos ainda por cima. De qualquer forma, conseguiremos o que queremos. Pode demorar mais alguns meses, mas acabaremos conseguindo. Não precisamos ameaçá-los.

— O presidente quer que seja feito assim.

Cabot encerrou a discussão pelo expediente de se afastar.

— Sim, senhor — murmurou Jack, para o ar.

As outras pessoas saíram. Talbot ofereceu a Ryan uma piscadela e um aceno de cabeça. Os outros, à exceção de Adler, evitaram o contato visual. Adler aproximou-se depois de um sussurro de seu chefe.

— Boa tentativa, Jack. Você quase conseguiu sua demissão há poucos minutos.

Ryan ficou surpreso. Não deveria dizer o que pensava?

— Escute aqui, Scott, se não tenho permissão para...

— Não tem permissão para irritar o presidente, não neste caso. Não tem o posto para impor um conselho adverso. Brent estava disposto a fazer essa argumentação, mas você interferiu... e perdeu, não lhe deixou espaço para manobrar. Por isso, fique de boca fechada na próxima vez, está bem?

— Obrigado pelo apoio — respondeu Jack, com alguma irritação.

— Estragou tudo, Jack. Disse a coisa certa da maneira errada. Aprenda com isso, está bem? — Adler fez uma pausa. — O chefe também mandou dizer "bom trabalho" por sua atuação em Riad. Se aprendesse a ficar de boca fechada, diz ele, seria muito mais eficiente.

— Obrigado.

E claro que Adler tinha razão. Ryan sabia disso.

— Para onde você vai?

— Para casa. Não tenho mais nada a fazer no escritório hoje.

— Venha conosco. Brent quer conversar com você. Teremos um jantar leve em minha casa.

Adler conduziu Jack para o elevador.

— E então? — indagou o presidente, ainda na sala em que se fizera a reunião.

— Eu diria que as perspectivas são excelentes — respondeu Van Damm. — Ainda mais se pudermos consumir esta operação antes das eleições.

— Seria ótimo ter algumas cadeiras extras no Congresso — comentou Fowler.

Os dois primeiros anos de sua administração não haviam sido fáceis. Problemas de orçamento, aliados a uma economia que parecia não ser capaz de decidir o que queria fazer, prejudicaram seus programas e impuseram seu estilo administrativo brusco, com mais pontos de interrogação do que pontos de exclamação. As eleições para o Congresso em novembro seriam a primeira reação autêntica do povo a seu novo presidente, e as primeiras pesquisas eram bastante problemáticas. Tudo indicava que o partido do presidente perderia cadeiras nas eleições intermediárias, mas ele não podia perder muitas.

— E uma pena termos de pressionar os israelenses, mas...

— Em termos políticos, valerá a pena... se conseguirmos concretizar o tratado.

— E possível — assegurou Elliot, encostada no umbral da porta.

— Se cumprirmos todos os prazos, podemos ter os tratados aprovados pelo Senado até dezesseis de outubro.

— Você é muito ambiciosa, Liz — comentou Arnold. — Bom, tenho trabalho a fazer. Se me dá licença, senhor presidente...

— Até amanhã, Arnie.

Fowler foi até as janelas que davam para a Pennsylvania Avenue. O calor escaldante do início de agosto subia em ondas tremeluzentes das ruas e calçadas. No outro lado da rua, no Lafayette Park, ainda havia dois cartazes contra as armas nucleares.



Isso arrancou um sorriso e um grunhido desdenhoso de Fowler. Aqueles *hippies* estúpidos não sabiam que as bombas atômicas pertenciam ao passado? O presidente virou-se.

— Quer jantar comigo, Elizabeth? A dra. Elliot sorriu para seu chefe.

— Adoraria, Bob.

A única coisa boa no envolvimento de seu irmão com as drogas era o fato de ele ter deixado quase cem mil dólares em dinheiro, numa mala velha. Marvin Russell pegou esse dinheiro e foi para Minneapolis, onde comprou roupas apresentáveis, um jogo de malas decentes, e uma passagem. Uma das muitas coisas que aprendera na prisão era a metodologia apropriada para obter uma identidade alternativa. Possuía três, completas, inclusive com passaportes, de que a polícia não tinha o menor conhecimento. Também aprendera como se devia agir com o máximo de discrição. Suas roupas eram apresentáveis, mas não vistosas. Comprou uma passagem de lista de espera num vôo que sabia que não estaria lotado, poupando assim umas poucas centenas de dólares. Aqueles noventa e um mil e quinhentos e quarenta e cinco dólares tinham de durar por muito tempo, e a vida era cara no lugar para onde ia. A vida ali podia também ser muito barata, ele sabia, mas não em termos de dinheiro. Um guerreiro podia enfrentar isso, ele decidira há muito tempo.

Depois de uma escala em Frankfurt, ele seguiu para o sul. Russell não era nenhum tolo, e participara uma ocasião de uma espécie de conferência internacional... até sacrificara um jogo completo de identidade para essa viagem, quatro anos antes. Fizera alguns contatos na conferência. Mais importante ainda, aprendera os procedimentos de contato. A comunidade terrorista internacional era cuidadosa. Tinha de ser, com todas as forças reunidas contra ela. Russell nem soube de sua sorte — dos três telefones de contato de que se lembrava, um ficara comprometido desde então, e dois membros da Brigada Vermelha já haviam sido presos por causa disso. Ele usou um dos outros, e esse número ainda funcionava. O contato levou-o a um jantar em Atenas, onde ele foi investigado e

recebeu autorização para continuar a viagem. Russell voltou apressado ao hotel — a comida local não combinava com seu sistema digestivo — e sentou para esperar que o telefone tocasse. Dizer que se sentia nervoso era muito aquém da realidade. Apesar de toda a sua cautela, Marvin sabia que era vulnerável. Sem ter sequer um canivete para se defender — viajar com armas era perigoso demais — sabia que seria um alvo fácil para qualquer agente policial com um revólver. E se a linha de contato estivesse queimada? Se fosse esse o caso, seria preso ali, ou atraído para uma emboscada preparada com todo o cuidado, da qual teria sorte se escapasse vivo. Os tiras europeus não se preocupavam tanto com os direitos constitucionais quanto os americanos... mas esse pensamento teve uma morte rápida. Com que gentileza o FBI tratara seu irmão?

*Merda!* Mais um guerreiro sioux abatido a tiros como um cão. Nem mesmo tivera tempo de entoar sua Canção da Morte. Pagariam por isso. Mas apenas se ele vivesse por tempo suficiente, corrigiu-se Marvin Russell.

Ele sentou junto da janela, as luzes por trás apagadas, observando o tráfego, atento à aproximação da polícia, esperando que o telefone tocasse. Como faria para que eles pagassem? Não sabia, e no fundo não se importava. Bastava que houvesse alguma coisa que pudesse fazer. O cinturão com o dinheiro estava apertado em torno de sua cintura. Uma desvantagem de sua condição física era que não havia muita flacidez na barriga para disfarçar o cinturão. Mas não podia correr o risco de perder o dinheiro... sem isso, onde estaria? Ficar atento ao dinheiro era um pé-no-saco. Marcos na Alemanha. Dracmas ou qualquer coisa parecida ali na Grécia. Por sorte, podia-se comprar as passagens de avião com dólares. Ele viajava em aviões de companhias americanas por esse motivo, não porque gostasse de contemplar a bandeira dos Estados Unidos pintada na cauda do aparelho. O telefone tocou. Russell atendeu.

— Alô?

— Amanhã, às nove e meia, na frente do hotel, pronto para viajar. Entendido?

— Nove e meia. Entendido.

A ligação foi cortada antes que ele pudesse falar mais alguma coisa.

— Muito bem — disse Russell para si mesmo.

Ele se levantou e foi até a cama. Trancara a porta, pusera uma cadeira sob a maçaneta. Pensou um pouco sobre a situação. Se fosse uma armadilha, eles o pegariam como um pato no outono bem na frente do hotel, ou talvez o levassem de carro e acionassem a armadilha longe dos civis... o que era mais provável, concluiu Marvin. Mas certamente não se dariam ao trabalho de marcar um encontro e depois arrombar sua porta no hotel. Provavelmente não. Não era sempre difícil prever o que os tiras poderiam fazer? Por isso, ele dormiu de jeans e camisa, o cinturão do dinheiro na cintura. Afinal, ainda precisava se preocupar com os ladrões...

O sol nascia ali tão cedo quanto em sua terra. Russell despertou com a primeira claridade rosa-alaranjada. Ao se registrar no hotel, pedira um quarto virado para o leste. Fez suas orações para o sol, e preparou-se para a viagem. Mandou que trouxessem o café da manhã ao quarto — custava alguns dracmas a mais, mas não merecia pelo menos esse conforto? — e arrumou as poucas coisas que tirara da mala. Às nove horas, já estava completamente pronto e completamente nervoso. Se alguma coisa ia acontecer, seria dentro de trinta minutos. Podia muito bem estar morto antes do almoço, numa terra estranha, longe dos espíritos de seu povo. Mandariam seu corpo de volta aos dakotas? Provavelmente não. Apenas desapareceria da face da Terra. As ações que atribuía aos policiais eram as mesmas que ele próprio faria, mas uma boa tática para um guerreiro era diferente para os tiras, não é mesmo? Russell ficou andando pelo quarto, a todo instante olhando pela janela para os automóveis e os vendedores ambulantes na rua. Qualquer um daqueles homens que vendiam berloques ou Cocas aos turistas podia muito bem ser um tira. Não, mais de um, talvez uns dez. Os tiras não apreciavam uma luta justa, não é mesmo? Atiravam de emboscada e atacavam em matilhas.

Nove e quinze. Os números no relógio digital avançavam com uma combinação de indolência e vigor, o que dependia da frequência com que Russell os verificava. Estava na hora. Ele pegou as malas e

deixou o quarto, sem olhar para trás. Era uma curta caminhada até o elevador, ao qual chegou num instante, com uma rapidez que tornou a atizar a paranóia de Russell. Um minuto depois ele se encontrava no saguão. Um carregador se ofereceu para pegar suas malas, mas Russell recusou, e foi até a recepção. A única coisa que ainda havia em sua conta era o café da manhã, que ele pagou com o restante de seu dinheiro local. Sobravam uns poucos minutos. Ele se aproximou da banca de jornais, a fim de comprar qualquer coisa em inglês. O que estava acontecendo no mundo? Foi um estranho momento de curiosidade para Marvin, cujo mundo era restrito, povoado por ameaças, reações e evasivas. O que era o mundo?, ele se perguntou. Era o que ele podia ver no momento, pouco mais do que isso, uma bolha de espaço definida pelo que era transmitido por seus sentidos. Em sua terra, podia contemplar horizontes distantes e um vasto domo do céu. Ali, a realidade era limitada por muros, e estendia-se apenas por trinta metros, de um horizonte a outro. E ele teve um súbito acesso de ansiedade, sabendo o que era ser um animal caçado, e fez um esforço para se livrar da sensação. Olhou para o relógio: 9h28m. Chegara o momento.

Russell saiu para o ponto de táxi, especulando sobre o que poderia acontecer agora. Pôs as duas malas no chão, tentando parecer tão descontraído quanto era possível, no conhecimento de que podia haver armas apontadas para sua cabeça naquele instante. Morreria como John? Uma bala na cabeça, sem qualquer aviso, nem mesmo com a dignidade que um animal poderia ter? Não era maneira de morrer, e o mero pensamento deixou-o nauseado. Contraindo as mãos, em punhos poderosos, a fim de controlar o tremor, enquanto um carro se aproximava. O motorista fitava-o. Era aquilo. Russell pegou as malas e encaminhou-se para o carro.

— Senhor Drake?

Era o nome com que Russell viajava agora. O motorista não era o mesmo homem com quem ele se encontrara ao jantar. Russell compreendeu no mesmo instante que lidava com profissionais, que punham tudo em compartimentos. Era um bom sinal.

— Isso mesmo — respondeu Russell, com um sorriso que se transformou numa careta. O motorista saltou e abriu o porta-malas

do carro. Russell guardou sua bagagem ali, foi até a porta de passageiros, sentou no banco da frente. Se era uma armadilha, poderia esganar o motorista antes de morrer. Já seria alguma coisa.

Cinquenta metros além, o sargento Spiridon Papanicolaou, da polícia nacional helênica, sentava num velho Opel, disfarçado em táxi. Parado ali, com um extravagante bigode preto e mastigando um pão, ele parecia qualquer coisa, menos um policial. Tinha no porta-luvas uma pequena automática, mas não era muito eficiente em seu uso, como a maioria dos policiais europeus. A câmera Nikon, num encaixe por baixo do banco, era a sua única arma de verdade. Seu trabalho era de vigilância, sob o comando do Ministério da Ordem Pública. Sua memória para rostos era fotográfica — a câmera servia para as pessoas que careciam do talento de que tanto se orgulhava, com justa razão. Seu método de operação exigia grande paciência, mas isso era algo que não faltava a Papanicolaou. Sempre que seus superiores recebiam alguma informação sobre uma possível operação terrorista na área de Atenas, ele rondava os hotéis, aeroportos e docas. Não era o único agente a fazer isso, mas era o melhor. Tinha um faro para a coisa, como seu pai tivera um faro para os cardumes. E odiava terroristas. Na verdade, odiava todas as variedades de criminosos, mas os terroristas eram os piores, e se irritava com a oscilação do interesse de seu governo em expulsar os filhos da puta assassinos daquele antigo e nobre país. No momento, o interesse se encontrava em alta outra vez. Uma semana antes, houvera a informação de que alguém da FPLP teria sido avistado nas proximidades do Partenon. Quatro homens de sua equipe se encontravam de plantão no aeroporto. Alguns outros vigiavam as docas, mas Papanicolaou gostava de ficar com os hotéis. Eles tinham de se hospedar em algum lugar. Nunca os melhores hotéis, pois chamariam muita atenção. Nunca os piores... aqueles filhos da puta gostavam

de um grau modesto de conforto. Do tipo intermediário, os confortáveis hotéis familiares, em ruas secundárias, com muitos estudantes em viagem, cuja rápida entrada e saída dificultava o reconhecimento de um rosto em particular. Mas Papanicolaou tinha

os olhos do pai. Podia reconhecer um rosto por meio segundo de exposição, a setenta metros de distância.

E o motorista daquele Fiat azul era um "rosto". Ele não podia se lembrar se tinha um nome acrescentado, mas recordava-se de ter visto o rosto em algum lugar. Talvez o arquivo dos "Desconhecidos", uma das centenas de fotografias enviadas pela Interpol e o pessoal do serviço secreto militar, cuja sede pelo sangue dos terroristas era ainda mais frustrada pela política do governo. Aquele era o país de Leônidas e Xenofonte, Ulisses e Aquiles. A Grécia — Hélade para o sargento — era o lar de guerreiros épicos e o berço da liberdade e democracia, não um lugar em que a escória estrangeira pudesse matar com impunidade...

*Quem e o outro?*, especulou Papanicolaou. *Veste-se como um americano... mas tem feições estranhas.* Ele levantou a câmera num movimento discreto, deu o máximo de zoom, e bateu três chapas rapidamente, antes de guardar a máquina. O Fiat estava andando... bom, verificaria para onde ia. O sargento acendeu a luz de que estava em serviço, e saiu da fila de táxis.

Russell recostou-se no banco. Não se deu ao trabalho de pôr o cinto de segurança. Se precisasse escapar do carro, não queria ser retardado por aquele detalhe. O motorista era dos bons, ziguezagueando pelo tráfego, que era bastante agitado ali. Não disse uma só palavra. O que estava ótimo para Russell. O americano inclinou a cabeça para o lado, esquadrinhou o que havia à frente, à procura de uma possível armadilha. Correu os olhos pelo interior do carro. Não havia lugares óbvios para esconder uma arma. Nem microfones visíveis ou equipamento de rádio. O que não significava coisa alguma, mas ele procurou assim mesmo. Finalmente fingiu relaxar, pendeu a cabeça de um jeito que lhe permitia olhar para a frente e também para trás, pelo espelho no lado direito. Seus instintos de caçador se achavam alertas naquela manhã. Havia perigo potencial por toda parte.

O motorista foi seguindo por um percurso que parecia a esmo. Era difícil para Russell ter certeza, é claro. As ruas daquela cidade eram anteriores às carruagens, para não falar em automóveis, e as concessões posteriores aos veículos rodantes ficaram muito aquém

de converter Atenas numa Los Angeles. Embora os carros na rua fossem pequenos, o tráfego parecia um engarrafamento constante e anárquico, sempre em movimento. Russell queria saber para onde iam, mas não havia sentido em perguntar. Não seria capaz de distinguir entre uma resposta verdadeira e uma mentira... e mesmo que recebesse uma resposta honesta, provavelmente nada significaria para ele. Para o melhor ou para o pior, achava-se comprometido com aquele curso de ação, Russell sabia. O que não o deixava mais tranqüilo, mas negar a verdade seria mentir para si mesmo, e Russell não era desse tipo. O melhor que podia fazer era permanecer alerta. E foi o que ele fez.

*O aeroporto,* pensou Papanicolaou. Era sem dúvida conveniente. Além de seus companheiros de pelotão, havia pelo menos mais vinte agentes policiais ali, armados com pistolas e submetralhadoras. Deveria ser fácil. Bastava aproximar alguns homens à paisana, enquanto dois guardas de uniforme e fortemente armados passavam, e imobilizá-los, com rapidez e eficiência. Os dois suspeitos seriam levados para uma sala, a fim de se verificar se eram mesmo quem ele pensava; e se não fossem... seu capitão ficaria furioso. Sinto muito, ele diria, mas combinam com uma descrição que recebemos dos... quem quer que pudesse arcar com a culpa de forma mais conveniente; talvez os franceses ou os italianos... e sempre se deve ter o maior cuidado com as viagens aéreas. E dariam um jeito de passar as passagens dos dois homens para a primeira classe. Sempre funcionava.

Por outro lado, se aquele rosto era de fato o que Papanicolaou pensava, então ele teria apanhado seu terceiro terrorista no ano. Talvez até o quarto. Só porque o outro se vestia como um americano não significava que não podia ser um terrorista. Quatro em apenas oito meses... não, apenas sete meses, o sargento corrigiu-se. Não era tão ruim assim para um policial um tanto excêntrico, que gostava de trabalhar sozinho. Papanicolaou permitiu que seu carro se aproximasse mais um pouco. Não queria perder aqueles peixes no tráfego.

Russell observou que havia uma porção de táxis. Atendiam principalmente aos turistas, mas também a pessoas que não

gostavam de guiar no tráfego local... *Aquele é esquisito*. Ele levou um momento para perceber por quê. Mas é claro, logo concluiu, estava com a luz na capota acesa, mas só levava o motorista. A maioria dos outros tinha passageiros, e os que seguiam vazios estavam com a luz apagada. Devia ser a luz que indicava que o táxi se encontrava em serviço. Só que aquele não tinha nenhum passageiro. O motorista de Russell virou à direita na esquina seguinte, na direção de algo que era quase uma estrada de verdade. A maioria dos táxis não fez a volta. Russell não sabia, mas seguiam para museus ou centros comerciais. O táxi vazio, mas com a luz acesa, também virou a esquina, cinqüenta metros atrás.

— Estamos sendo seguidos — anunciou Marvin, calmamente. — Tem algum amigo vigiando nossa retaguarda?

— Não. — Os olhos do motorista se desviaram no mesmo instante para o espelho retrovisor. — Qual deles você acha?

— Eu não "acho", companheiro. E o táxi cinqüenta metros atrás, no lado direito, um branco sujo. Não conheço a marca do carro. Ele já virou duas esquinas atrás da gente. Devia prestar mais atenção.

Russell especulou se seria a armadilha que temia. Calculou que poderia matar o motorista com a maior facilidade. Um cara pequeno, de pescoço fino, que poderia torcer sem qualquer esforço, como o pescoço de um pombo. Isso mesmo, não seria difícil.

— Obrigado pela informação — murmurou o motorista, depois de identificar o táxi. — E tem razão, eu deveria estar mais atento.

*Mas será que a desatenção não foi proposital? Veremos.* O motorista virou outra esquina, ao acaso. O táxi foi atrás.

— Está correto, meu amigo — murmurou o motorista, pensativo. — Como descobriu?

— Presto atenção às coisas.

— Entendo... bom, isso muda um pouco os nossos planos.

A mente do motorista funcionava à toda. Ao contrário de Russell, ele sabia que não se tratava de uma armadilha. Não podia afiançar a boa fé do homem que transportava, mas tinha certeza de que nenhum agente secreto ou policial lhe daria aquele aviso. Isto é, provavelmente não. Mas havia uma maneira de conferir isso. E



também ele estava com raiva dos gregos. Um de seus camaradas desaparecera das ruas do Pireu em abril, para reaparecer na Inglaterra poucos dias depois. Esse amigo se encontrava agora na prisão Parkhurst, na ilha de Wight. Houvera um tempo em que podiam operar com relativa impunidade na Grécia, quase sempre usando o país como um ponto de trânsito seguro. Ele sabia que realizar operações de fato ali fora um erro — só ter o país como um ponto de partida para incursões contra o inimigo já era bastante valioso, uma vantagem que não deveria ter sido desperdiçada — mas isso não atenuava sua raiva da polícia grega.

— Talvez seja necessário tomar uma providência. Russell olhou para o motorista.

— Não tenho nenhuma arma.

— Eu tenho, mas preferia não usá-la. Você é bastante forte?

À guisa de resposta, Russell estendeu a mão esquerda e apertou o joelho direito do motorista.

— Já vi que é — disse o motorista, mantendo a voz sob controle. — Se me aleijar, não poderei guiar. — *Como poderemos fazer isso...?* — Já matou alguém?

— Já — mentiu Russell. Nunca matara pessoalmente um homem, mas já matara muitas outras coisas. — Posso liquidá-lo.

O motorista acenou com a cabeça e aumentou a velocidade, saindo da cidade. Precisava descobrir...

Papanicolaou franziu o cenho. Eles não estavam indo para o aeroporto. Uma pena. Ainda bem que não dera o aviso. Mas tudo bem. Ele ficou mais para trás, na esteira de outros veículos. A pintura do Fiat permitia que fosse reconhecido com a maior facilidade; e como o tráfego já não era tão intenso, podia ser mais cauteloso. Talvez estivessem indo para uma casa segura. Se assim fosse, teria de tomar muito cuidado. Por outro lado, obteria uma informação valiosa. Localizar uma casa segura era quase a melhor coisa que poderia fazer. Depois, a turma de choque assumiria o caso. Ou o serviço secreto poderia montar uma operação de vigilância, identificar mais e mais rostos, antes de fechar o cerco, para prender três ou mais dos filhos da puta. Talvez até houvesse uma condecoração e uma promoção ao final de tudo. Outra vez ele

pensou em dar um aviso pelo rádio, mas... mas o que realmente sabia? Não estava deixando que o excitação o dominasse? Tinha uma identificação provável de um rosto sem nome. Seus olhos poderiam tê-lo enganado? O rosto seria de outro, não quem ele pensava? Talvez um criminoso comum?

Spiridon Papanicolaou resmungou uma imprecisão contra o destino e a sorte, seus olhos treinados sempre fixados no carro. Entravam na parte antiga de Atenas, com suas ruas estreitas. Não era uma área elegante, mas um bairro das classes trabalhadoras, com ruas estreitas e vazias em geral. As pessoas com empregos trabalhavam naquele momento. As donas de casa faziam compras em lojas locais. As crianças brincavam nos parques. Muitas pessoas tiravam férias nas ilhas, as ruas pareciam mais vazias do que se poderia esperar. O Fiat diminuiu a velocidade de repente, virou à direita, numa das muitas ruas transversais anônimas.

— Pronto?

— Pronto.

O carro parou por um instante. Russell já tirara o paletó e a gravata, ainda especulando se aquele não seria o ato final da armadilha, mas a verdade é que não mais se importava. O que tinha de acontecer, aconteceria. Ele flexionou as mãos, enquanto voltava pela rua.

O sargento Spiridon Papanicolaou aumentou a velocidade para se aproximar da esquina. Se continuassem por aquele labirinto de ruas estreitas, não poderia manter o contato visual sem chegar mais perto. E se o tivessem identificado, pediria ajuda. Afinal, o trabalho da polícia era imprevisível. Ao se aproximar da esquina, ele avistou um homem parado na rua transversal, olhando para um jornal. Não era nenhum dos dois que vinha seguindo. Não usava paletó, embora se mantivesse com o rosto virado, e seu jeito de ficar postado ali tinha alguma coisa de cinema. O sargento sorriu irônico ao pensar nisso... mas o sorriso foi interrompido no instante seguinte.

Assim que entrou na rua transversal, Papanicolaou viu o Fiat, a não mais que vinte metros de distância, e recuando depressa em sua direção. O policial pisou no freio e parou seu táxi, começava a pensar em dar marcha à ré também quando um braço se estendeu

pela frente de seu rosto. Ele tirou a mão do volante para agarrá-lo, mas a mão poderosa apertou seu queixo, enquanto a outra o agarrava pela nuca. Seu instinto de virar e ver o que acontecia foi acompanhado pela mão, que torceu sua cabeça para a esquerda. Papanicolaou viu o rosto do americano... e depois sentiu as vértebras serem forçadas por uma fração de segundo, antes de estalarem com um som audível, que anunciou sua morte de maneira tão certa e irremediável quanto uma bala. E só então ele compreendeu. O homem tinha estranhas feições, como algo saído de um filme, como algo...

Russell pulou para o lado e acenou. O Fiat avançou um pouco, tomando distância, depois deu ré e bateu no táxi com toda força. A cabeça do motorista pendeu para a frente, sobre o pescoço fraturado. Provavelmente o homem já estava morto, Russell sabia, mas isso não era problema. Ou melhor, era, sim. Ele procurou uma pulsação, depois se certificou de que o pescoço fora mesmo partido — virou a cabeça, para confirmar o rompimento da espinha — antes de se encaminhar para o Fiat. Sorriu para si mesmo ao embarcar. *Puxa, não foi tão difícil assim...*

— Ele está morto. Vamos sair daqui.

— Tem certeza?

— Parti seu pescoço como se fosse um palito. Ele morreu mesmo, cara. Foi fácil. Um pescocinho de nada.

— Como o meu?

O motorista virou-se e sorriu. Teria de se desfazer do carro, mas a alegria da fuga e a satisfação pela morte eram suficientes no momento. E encontrara um camarada, dos mais valorosos.

— Como é mesmo o seu nome?

— Marvin.

— Sou Ibrahim.

O discurso do presidente foi um triunfo. O homem sabia como apresentar uma boa *performance*, pensou Ryan, enquanto os aplausos ressoavam pela assembléia geral da ONU, em Nova York. Seu sorriso gracioso, embora um tanto frio, agradecia aos representantes reunidos de cento e sessenta ou mais países. As

câmeras focalizaram a delegação israelense, cujos aplausos eram mais superficiais que os dos representantes dos estados árabes... era evidente que não houvera tempo para informar a todos. Os soviéticos se destacaram, juntando-se aos que aplaudiam de pé. Jack levantou o controle remoto e desligou a televisão, antes que o comentarista da ABC pudesse resumir o que o presidente dissera. Ryan tinha um resumo do discurso em sua mesa, e fizera suas próprias anotações. Momentos antes, os convites haviam sido transmitidos por telex pelo Vaticano a todos os ministérios do Exterior envolvidos. Todos iriam a Roma dentro de dez dias. O esboço do tratado já se encontrava à espera. Ações rápidas e discretas de embaixadores e subsecretários de Estado americanos haviam informado a outros governos o que estava acontecendo, e a reação fora de aprovação. Os israelenses sabiam de tudo. Havia sido permitidos vazamentos por canais indiretos na direção desejada. Se eles resistissem... muito bem, Bunker tinha o controle sobre a remessa das peças sobressalentes para os aviões, e os israelenses ainda se sentiam chocados demais para reagirem. Para ser mais preciso, haviam sido informados de que não deveriam reagir, se queriam os novos sistemas de radar. Já havia iniciativas do *lobby* israelense, que tinha suas próprias fontes no governo dos Estados Unidos, e iniciava contatos discretos com elementos fundamentais no Congresso. Mas Fowler informara as lideranças no Congresso dois dias antes, e a reação inicial ao plano fora extremamente favorável. O presidente e o relator do comitê de relações exteriores do Senado prometeram a aprovação dos esboços dos dois tratados em uma semana. Vai acontecer, pensou Jack. Podia dar certo. E não faria mal algum. Estava em jogo toda a boa vontade gerada pelos Estados Unidos em sua aventura no golfo Pérsico. Os árabes considerariam como uma mudança fundamental na política americana — o que era um fato. Os Estados Unidos davam um basta a Israel. Os israelenses veriam da mesma maneira, mas isso não era realmente verdade. A paz seria garantida pela única maneira possível, através do poder militar e político americano. O fim do confronto Leste-Oeste permitira que os Estados Unidos, agindo de acordo com as outras grandes potências, ditassem uma

paz justa. *O que achamos que é uma paz justa*, corrigiu-se Ryan. *Espero que dê certo.*

Era tarde demais para qualquer outra coisa. Afinal, fora idéia sua, o Plano Fowler. Precisavam romper o círculo, encontrar uma saída da armadilha. Os Estados Unidos eram o único país que merecia a confiança dos dois lados, conquistada com o sangue americano por um lado, e por enormes quantidades de dinheiro pelo outro. Os americanos tinham de garantir a paz, e a paz devia se basear em algo que parecesse como justiça reconhecível por todos os envolvidos. A equação era ao mesmo tempo simples e complexa. Os princípios podiam ser expressos num único parágrafo curto. Os detalhes da execução exigiriam um pequeno livro. O custo monetário... bom, a legislação apropriada passaria pelo Congresso, apesar de suas dimensões. A Arábia Saudita arcaria com um quarto do custo, uma concessão obtida pelo secretário Talbot apenas quatro dias antes. Em troca, os sauditas comprariam mais uma remessa de armamentos de alta tecnologia, numa operação conduzida por Dennis Bunker. Os dois haviam negociado suas partes com excepcional habilidade, Ryan sabia. Quaisquer que fossem os defeitos do presidente, seus dois principais membros do gabinete — dois amigos íntimos — formavam a melhor dupla que ele já vira a serviço do governo. E haviam servido muito bem a seu presidente e ao país durante a última semana.

— Vai dar certo — murmurou Jack para si mesmo, na privacidade de seu escritório. — Talvez, talvez, talvez.

Ele olhou para o relógio. Teria um relatório a respeito dentro de três horas.

Qati olhava para a televisão com o cenho franzido. *Seria possível? A história dizia que não, mas...*

Mas os sauditas haviam cortado o suprimento de dinheiro, seduzidos pela ajuda que os americanos lhes prestaram contra o Iraque. E sua organização apostara no pior cavalo nesse caso. Seu pessoal já sentia o aperto financeiro, embora sempre houvesse o cuidado de investir os recursos recebidos durante a geração anterior. Os banqueiros suíços e outros europeus garantiam um fluxo firme de

dinheiro, e o aperto era mais psicológico do que real, mas para a mente árabe o psicológico era o real, assim como para qualquer mente dotada de astúcia política.

A chave para tudo, Qati sabia, era se os americanos pressionariam ou não os sionistas. Isso jamais acontecera. Havia permitido que os israelenses atacassem um navio de guerra americano, matando marinheiros americanos... e os perdoaram antes que a hemorragia estancasse, antes que a última vítima morresse. Enquanto as forças militares americanas precisavam se empenhar a fundo para arrancar cada dólar de recursos do seu Congresso, esse mesmo corpo desfibrado de prostituídos políticos entregava todas as armas que os judeus quisessem. Os Estados Unidos nunca haviam pressionado Israel, de qualquer maneira significativa. Essa não era a chave para a sua existência?, pensou Qati. Enquanto não houvesse paz no Oriente Médio, ele tinha uma missão: a destruição do Estado judaico. Sem isso...

Mas os problemas no Oriente Médio eram anteriores ao seu nascimento. Podiam acabar, mas só quando...

Mas era o momento da verdade, refletiu Qati, esticando os membros cansados e doloridos. Que perspectivas ele tinha de destruir Israel? Não do exterior. Enquanto os americanos apoiassem os judeus, e enquanto os Estados árabes não fossem capazes de se unir...

E os russos? Os malditos russos haviam se levantado como cães suplicantes ao final do discurso de Fowler.

Era possível. O pensamento não era menos ameaçador para Qati do que o primeiro diagnóstico de seu câncer. Ele recostou-se na cadeira e fechou os olhos. E se os americanos pressionassem os judeus? E se os russos apoiassem aquele novo e absurdo plano? E se os israelenses cedessem à pressão? E se os palestinos achassem que eram aceitáveis as concessões exigidas de Israel? Poderia dar certo. O Estado sionista poderia continuar a existir. Os palestinos podiam encontrar a satisfação em sua nova terra. Poderia surgir um *modus vivendi*.

Significaria que todo o propósito de sua vida fora em vão. Significaria que todas as coisas por que se empenhara, todo o

sacrifício e abnegação, não tinham o menor sentido. Seus guerreiros da liberdade haviam lutado e morrido durante uma geração... por uma causa que talvez se perdesse para sempre.

Traído pelos outros árabes, cujo dinheiro e apoio político sustentara seus homens.

Traído pelos russos, cujo apoio e armas sustentaram seu movimento desde o início.

Traído pelos americanos... a pior de todas as traições. Por lhes tirar o inimigo.

Traído por Israel... por aceitar algo que se assemelhava a uma paz justa. Não era absolutamente justa, é claro. Enquanto um único sionista vivesse em terras árabes, não haveria justiça.

Poderia ser traído também pelos palestinos? E se eles aceitassem o plano? De onde viriam seus dedicados guerreiros?

*Traído por todos?*

Não, Deus não podia permitir que isso acontecesse. Deus era misericordioso, concedia sua luz aos fiéis.

Não, aquilo não podia realmente acontecer. Não era possível. Coisas demais precisavam se ajustar para que aquela visão infernal se tornasse realidade. Já não houvera muitos planos de paz para a região? Incontáveis visões. E para onde levaram? Até mesmo as conversações Carter-Sadat-Begin, nos Estados Unidos, quando os americanos impuseram a seus aliados putativos concessões mais sérias, haviam definhado e morrido porque Israel não admitira um acordo justo para os palestinos. Não daria certo, Qati tinha certeza. Talvez não pudesse contar com os russos. Talvez não pudesse contar com os sauditas. Certamente não podia contar com os americanos. Mas podia contar com Israel. Os judeus eram muitos estúpidos, arrogantes e míopes para perceberem que sua melhor esperança de segurança a longo prazo só poderia ser encontrada numa paz justa. A ironia ocorreu-lhe com tremendo impacto, o suficiente para arrancar um sorriso. Tinha de ser o plano de Deus, que seu movimento fosse salvaguardado pelos inimigos mais encarniçados. A obstinação dos judeus, seus pescoços rígidos jamais se curvavam àquele plano. E se era isso o que se precisava para que a guerra continuasse, então o próprio fato, com toda sua ironia, só podia ser

um sinal de Deus de que a causa que guiava Qati e seus homens era mesmo a Causa Santa em que acreditavam.

— Nunca! Jamais me curvarei a essa infâmia! — berrou o ministro da Defesa. Era uma *performance* dramática, até mesmo para ele. Baterá com o punho na mesa com força suficiente para derrubar seu copo com água, e a poça ameaçava escorrer pela beirada e pingar em seu colo. Ele ignorou-a, determinado, enquanto corria os olhos azuis inflamados pelos presentes.

— E se Fowler estiver sendo sério em suas ameaças?

— Então acabaremos com sua carreira! — bradou o ministro da Defesa.

— Podemos fazer isso. Já pusemos na linha antes muitos políticos americanos.

— Mais do que conseguimos aqui — comentou o ministro do Exterior, *sotto você*, para seu vizinho de mesa.

— O que foi que disse?

— Que talvez não seja possível neste caso, Rafi. — David Ashkenazi tomou um gole de seu copo antes de continuar: — Nosso embaixador em Washington informa que seu pessoal constatou no Capitólio que existe um grande apoio ao plano de Fowler. O embaixador saudita ofereceu uma grande festa no último fim de semana às lideranças do Congresso americano. E se saiu muito bem, segundo nossas fontes. Certo, Avi?

— Correto, ministro — respondeu o general Ben Jakob. Seu chefe se encontrava ausente do país no momento, e ele falava pelo Mossad.

— Os sauditas e os demais Estados "moderados" do Golfo estão dispostos a encerrar seu estado de guerra declarado, instituir relações ministeriais conosco, em preparativo para o pleno reconhecimento, numa data posterior não especificada, e financiar parte dos custos americanos para estacionar suas tropas e aviões aqui... e ainda, posso acrescentar, arcar com todo o custo da força de paz e da reabilitação econômica de nossos amigos palestinos.

— Como podemos dizer não a isso? — indagou secamente o ministro do Exterior. — Está surpreso com o apoio no Congresso



americano?

— Tudo não passa de um truque! — insistiu o ministro da Defesa.

— Se é isso mesmo, então trata-se de um truque muito esperto — comentou Ben Jakob.

— Acredita nessa tolice, Avi? Logo você?

Ben Jakob fora o melhor comandante de batalhão de Rafi Mandei no Sinai, muitos anos antes.

— Não sei, Rafi.

O vice-diretor do Mossad nunca se sentira mais consciente de sua posição como vice. Não era fácil falar em nome de seu chefe.

— Sua avaliação? — pediu o primeiro-ministro, gentilmente. Alguém na mesa, ele concluía, precisava manter a calma.

— Os americanos estão sendo absolutamente sinceros — respondeu Avi.

— Sua disposição em proporcionar uma garantia física... o tratado de defesa mútua, o envio de tropas para cá... é genuína. De um ponto de vista estritamente militar...

— Eu falo pela defesa de Israel! — protestou Mandei.

Ben Jakob virou-se para fitar com firmeza seu antigo comandante.

— Rafi, você sempre foi meu superior, mas também matei minha quota de inimigos, e sabe disso muito bem.

Avi fez uma pausa, a fim de permitir que o resto da mesa absorvesse isso. Quando continuou, foi com a voz tranqüila, comedida e imparcial, deixando que a razão prevalecesse sobre as emoções, que não eram menos fortes que as de Mandei.

— As unidades militares americanas representam o compromisso mais sério. Estamos falando de um aumento de cerca de vinte e cinco por cento da capacidade de ataque de nossa força aérea, e aquela unidade de tanques é mais poderosa do que nossa brigada mais forte. Além disso, não vejo como esse compromisso poderá algum dia ser cancelado. Para que isso acontecesse... mas nossos amigos nos Estados Unidos nunca deixariam que ocorresse.

— Já fomos abandonados antes! — ressaltou Mandei, friamente. — Somos os únicos responsáveis por nossa defesa.

— Rafi, meu amigo, para onde isso nos levou? — indagou o ministro do Exterior. — Você e eu também lutamos juntos, e não apenas nesta sala. Será que isso nunca terá fim?

— É melhor não ter nenhum tratado do que aceitar um péssimo tratado!

— Concordo — disse o primeiro-ministro. — Mas até que ponto esse tratado seria péssimo?

— Todos já lemos o esboço. Vou propor algumas pequenas mudanças, mas creio que chegou o momento, meus amigos — declarou o ministro do Exterior. — Meu conselho é aceitarmos o Plano Fowler, sob certas condições.

O ministro do Exterior descreveu as condições.

— Os americanos concordariam com isso, Avi?

— Vão se queixar dos custos, mas nossos amigos no Congresso darão um jeito, quer o presidente Fowler aceite ou não. Reconhecerão nossas concessões históricas, e desejarão fazer com que nos sintamos seguros dentro de nossas fronteiras.

— Neste caso vou renunciar! — bradou Rafi Mandei.

— Não, Rafi, não vai — declarou o primeiro-ministro, um pouco cansado das atitudes melodramáticas. — Se renunciar, vai cair fora. Quer o meu lugar algum dia, e nunca o terá se deixar o gabinete agora.

Mandei ficou vermelho com a repreensão. O primeiro-ministro correu os olhos pela sala.

— Então qual é a posição do governo?

O telefone de Jack tocou quarenta minutos depois. Ele atendeu, notando que era a linha mais segura, a direta, que passava por cima de Nancy Cummings.

— Ryan. — Ele escutou por um momento, tomou algumas anotações. — Obrigado.

O vice-diretor desligou, levantou-se, passou para a sala de Nancy, virou à esquerda, atravessou a porta para a sala mais ampla de Marcus Cabot. Ele estava estendido no sofá no outro lado. Como o juiz Arthur Moore, seu antecessor, Cabot gostava de fumar um charuto de vez em quando. Tirara os sapatos e lia uma pasta de

arquivo com uma faixa listrada nas margens. Apenas mais uma pasta secreta, num prédio em que abundavam. A pasta foi baixada, e Cabot, parecendo um vulcão rosado e roliço, olhou para Ryan se aproximando.

— O que é, Jack?

— Acabo de receber um telefonema de nosso amigo em Israel. Eles irão a Roma, e o gabinete votou pela aceitação dos termos do tratado, com umas poucas modificações.

— Quais são?

Ryan entregou suas anotações. Cabot examinou-as e acrescentou:

— Você e Talbot estavam certos.

— E verdade... e eu deveria ter deixado que ele jogasse a carta no meu lugar.

— Você previu tudo, menos uma coisa.

Cabot levantou-se, calçou os sapatos pretos, foi até sua mesa. Ali, pegou um telefone.

— Avise ao presidente que irei encontrá-lo na Casa Branca assim que ele voltar de Nova York. Quero também a presença de Talbot e Bunker. Diga a ele que temos o sinal verde.

Ele desligou. Sorriu em torno do charuto preso nos dentes, tentando parecer com George Patton, que não fumava, ao que Ryan sabia.

— O que acha de tudo isso?

— Quanto tempo calcula que será necessário para a conclusão?

— Com o trabalho preparatório que você e Adler fizeram, mais os acréscimos de Talbot e Bunker... talvez duas semanas. Não será tão rápido quanto Carter em Camp David, porque há muitos diplomatas profissionais envolvidos, mas dentro de quatorze dias o presidente pode embarcar em seu sete-quatro-sete para Roma, a fim de assinar os documentos.

— Quer que eu o acompanhe à Casa Branca?

— Não precisa. Posso cuidar de tudo.

— Está certo.

Não era nada inesperado. Ryan deixou a sala da mesma maneira como entrara.

# 7

## A CIDADE DE DEUS

As câmeras estavam no lugar. Os transportes Galaxy C-5B da força aérea haviam carregado os mais modernos furgões de transmissão de tevê na base aérea de Andrews e levado para o aeroporto Leonardo da Vinci. Não era tanto para a cerimônia de assinatura — se chegassem a esse ponto, preocupavam-se os comentaristas — mas sim para o que os gozadores já chamavam de espetáculo antes do jogo. Os equipamentos digitais que tanto melhoravam a definição da imagem, recém-saídos da linha de produção, achavam os produtores, mostrariam melhor a coleção de arte que adornava as paredes do Vaticano na mesma quantidade das árvores nos parques nacionais. Carpinteiros locais e especialistas de Nova York e Atlanta trabalharam sem parar na construção das cabines especiais de onde os âncoras das redes de televisão transmitiriam. Os noticiários matutinos das três redes estavam sendo gerados diretamente do Vaticano. A CNN também se encontrava presente, assim como a NHK, a BBC e quase todas as outras redes de televisão do mundo, disputando espaço na enorme *piazza* que se estende diante da basílica, iniciada em 1503 por Bramante, completada por Rafael, Michelangelo e Bernini. Um breve mas violento vendaval lançara respingos do chafariz central na cabine do âncora da *Deutsche Welle* e provocara um curto no equipamento de cem mil marcos. Autoridades do Vaticano finalmente protestaram que não haveria espaço para todas as pessoas testemunharem o evento — pelo qual rezavam — mas a esta altura já era tarde demais. Alguém lembrou que nos tempos romanos aquele fora o local do Circus Maximus, e de um modo geral se concordou que aquele era o circo mais espetacular dos últimos anos. Só que o "circo" romano era principalmente para corridas de bigas.

O pessoal da tevê estava adorando a estada em Roma. As equipes de *Today* e *Good Morning America* podiam, para variar,

levantar indecentemente tarde, em vez de antes da passagem do jornalista, para iniciar as transmissões depois do almoço (!!!) e terminar a tempo para as compras da tarde, seguidas pelo jantar num dos muitos excelentes restaurantes de Roma. O pessoal de pesquisa vasculhava livros de referências para remotas locações históricas, como o Coliseu — o nome correto era Anfiteatro Flaviano, descobriu um cara metuculoso dos arquivos — onde as pessoas se extasiavam com o substituto romano do futebol americano: o combate, até a morte, homem contra homem, homem contra besta, besta contra cristão, e diversas outras combinações. Mas era o Fórum o foco simbólico de seu tempo em Roma. Ali estavam as ruínas do centro cívico de Roma, onde Cícero e Cipião haviam andado e falado, se reunido com partidários e oponentes, o lugar procurado por visitantes ao longo dos séculos. Roma, Cidade Eterna, mãe de um vasto império, desempenhando mais um papel no cenário internacional. Em seu centro ficava o Vaticano, apenas um punhado de quilômetros quadrados, mas mesmo assim um Estado soberano.

— Quantas divisões tem o papa? — disse um âncora, citando Stalin, para depois se lançar a um discurso sobre como a Igreja e seus valores haviam sobrevivido ao marxismo-leninismo, ao ponto em que a União Soviética decidira restabelecer relações diplomáticas com a Santa Sé, e tinha seu noticiário noturno, *Vremya*, sendo gerado de uma cabine a menos de cinqüenta metros da sua.

Foi dispensada uma atenção especial às duas outras religiões presentes nas negociações. Na cerimônia de chegada, o papa recordara um incidente dos primeiros dias do Islã. Uma comissão de bispos católicos viajara à Arábia, essencialmente numa missão de coleta de informações, para descobrir o que

Maomé andava fazendo. Depois do primeiro encontro cordial, o bispo mais velho indagara onde ele e seus companheiros podiam celebrar a missa. Maomé no mesmo instante oferecera o uso da mesquita em que se encontravam. Afinal, ressaltara o Profeta, esta não é uma casa consagrada a Deus? O Santo Padre dispensou a mesma cortesia aos israelenses. Nos dois casos, houve algum constrangimento para os religiosos mais conservadores presentes,

mas o Santo Padre superou a tudo com um discurso, tipicamente pronunciado em três línguas:

— Em nome do Deus a quem todos conhecemos por nomes diferentes, mas que apesar disso é o mesmo Deus de todos os homens, oferecemos nossa cidade a serviço dos homens de boa vontade. Partilhamos muitas crenças. Cremos num Deus de misericórdia e amor. Cremos na natureza espiritual do homem. Cremos no supremo valor da fé, e nas manifestações dessa fé em caridade e fraternidade. A nossos irmãos de terras distantes, apresentamos saudações e oferecemos nossas orações para que sua fé encontre um caminho para a justiça e a paz de Deus, o que todos de nossas fés desejamos.

Um âncora do jornal matutino comentou, fora do microfone:

— Estou começando a pensar que este circo pode ser sério.

Mas a cobertura não parou por aí, é claro. No interesse da justiça, equilíbrio, controvérsia, uma compreensão adequada dos eventos e a venda de comerciais, a cobertura de tevê incluiu o líder de um grupo paramilitar judeu, que recordou vociferante a expulsão dos judeus da península Ibérica por Fernando e Isabel, as Centenas Negras do czar, e obviamente o Holocausto de Hitler — que enfatizou ao máximo por causa da reunificação alemã — e concluiu que os judeus seriam tolos por confiar em qualquer coisa além das armas em suas mãos fortes. De Qum, o aiatolá Daryaei, o líder religioso do Irã e por muito tempo um inimigo de tudo o que os americanos faziam, condenou os infiéis, consignando cada um e todos à sua versão pessoal do inferno, mas a tradução tornou a compreensão difícil para os espectadores americanos, e sua arenga grandiloqüente foi logo cortada. Um autodenominado "cristão carismático" da América do Sul teve o máximo de tempo no ar. Primeiro denunciou o catolicismo romano como a quintessência do Anticristo, depois repetiu a sua notória alegação de que Deus nem sequer *escutava* as orações dos judeus, muito menos dos infiéis muçulmanos, aos quais chamou de maometanos, como um insulto adicional desnecessário.

Mas, de certa forma, todos esses demagogos foram ignorados... ou mais corretamente, suas opiniões foram ignoradas. As redes de

tevé receberam milhares de telefonemas irados, protestando contra a concessão de qualquer tempo no ar a esses fanáticos. O que deixou na maior satisfação os executivos de tevé. Significava que as pessoas voltariam a sintonizar os mesmos programas, à procura de novas afrontas. O fanático sul-americano constatou no mesmo instante uma redução em seus envelopes com contribuições. A B'Nai B'rith se apressou em condenar o rabino fora-da-reserva. O líder da Liga das Nações Islâmicas, também um clérigo eminente, denunciou o imã radical como um herege contra as palavras do Profeta, a quem citou longamente em sua argumentação. As redes de tevé apresentaram também todos os comentários opostos, demonstrando assim equilíbrio suficiente para pacificar alguns espectadores e enfurecer outros.

Não demorou muito para que uma coluna de jornal comentasse que os milhares de correspondentes cobrindo a conferência já a chamavam de Copa da Paz, em reconhecimento à configuração circular da piazza San Pietro. Os mais perceptivos compreenderam que era uma evidência da tensão dos repórteres, com uma história para cobrir, mas sem nada para informar. A segurança na conferência era absoluta. Os participantes que chegavam e partiam eram transportados por aparelhos militares, através de bases aéreas militares. Os repórteres e fotógrafos, com suas teleobjetivas, eram mantidos tão distantes da ação quanto possível, e de um modo geral tateavam no escuro. Os guardas suíços do Vaticano, embora vestidos nos macacões vistosos da Renascença, não deixavam passar um camundongo por suas linhas; e por outro lado, quando acontecia algo significativo — por exemplo, o ministro da Defesa suíço entrando discretamente por uma porta secundária — ninguém notava.

As pesquisas de opinião pública em diversos países indicavam a esperança generalizada de que aquela era a grande oportunidade. Um mundo cansado da discórdia e arrastado na onda eufórica de alívio pelas recentes mudanças nas relações Leste-Oeste sentia que o momento chegara. Os comentários advertiam que não houvera outra questão mais difícil na história recente, mas as pessoas no mundo inteiro oravam em cem línguas e um milhão de igrejas para

que a conferência representasse o fim da mais perigosa disputa no planeta. Para seu crédito, as redes de tevê também informavam isso.

Os diplomatas profissionais, alguns deles os céticos mais empedernidos, que não viam o interior de uma igreja desde a infância, sentiam o peso dessa pressão, como nunca antes haviam conhecido. Informações de funcionários do Vaticano falavam em solitários passeios noturnos pela nave da basílica de São Pedro, caminhadas pelas varandas abertas em noites estreladas, longas conversas de alguns participantes com o Santo Padre. Mas nada mais. Os âncoras com régios salários das redes de tevê olhavam uns para os outros em silêncio contrafeito. O pessoal de jornais e revistas brigava pelas menores notícias e roubava qualquer boa idéia, só para produzir alguma matéria. Desde a maratona de Carter em Camp David que não se realizavam negociações tão importantes com tão pouco noticiário.

E o mundo prendia a respiração.

O velho usava um fez vermelho com um remate branco. Não eram muitos os que mantinham os trajes característicos, mas ele continuava a se vestir como seus ancestrais. A vida era árdua para o druso, e seu único conforto era a religião, que observava com todo o rigor, apesar dos 66 anos.

Os drusos pertencem a uma seita religiosa do Oriente Médio que combina aspectos do Islã, cristianismo e judaísmo, fundada por Alhakim bi'amrillahi, califa do Egito no século 11, que se considerara a encarnação de Deus. Vivendo quase todos no Líbano, Síria e Israel, eles ocupam um nicho precário nas sociedades dos três países. Ao contrário dos muçulmanos israelenses, podem servir nas forças armadas do Estado judaico, um fato que gera desconfiança do governo que dirige os drusos sírios. Embora alguns drusos tenham ascendido a postos de comando no exército sírio, todos lembravam que um desses oficiais, um coronel no comando de um regimento, fora executado logo depois da guerra de 1973, por ter sido forçado a abandonar uma encruzilhada estratégica. Apesar de ele ter lutado bem e com bravura, em termos estritamente militares, e ter a sorte em retirar de maneira ordenada o que restava de seu comando, a



perda da encruzilhada custara ao exército sírio duas brigadas de tanques, e por isso o coronel acabara sendo sumariamente executado... por ser desafortunado, e provavelmente por ser um druso.

O velho camponês não conhecia todos os detalhes por trás dessa história, mas sabia o bastante. Os muçulmanos sírios haviam matado outro druso na ocasião, e muitos mais desde então. Por isso, ele não confiava em ninguém do exército ou governo sírio. O que não significava que ele sentisse alguma afeição por Israel. Em 1975, um canhão israelense de 175 mm bombardeara sua área, à procura de um depósito de munição dos sírios, e os fragmentos de uma explosão feriram mortalmente sua esposa de quarenta anos, acrescentando a solidão à sua quota de sofrimento. O que era para Israel uma constante história, era para aquele camponês simples um fato da vida, imediato e fatal. O destino decidira que ele deveria viver entre dois exércitos, que consideravam a sua existência física como uma mera inconveniência. Não era um homem que jamais tivesse pedido muito da vida. Possuía uma pequena propriedade, que cultivava, algumas ovelhas e cabras, uma casa simples, construída com pedras que retirara de seu campo rochoso. Tudo o que ele queria era viver. Não era pedir muito, ele pensara outrora, mas 66 anos de vida turbulenta haviam provado que estava errado, muitas e muitas vezes. Orara por misericórdia de seu Deus, por justiça, por apenas uns poucos confortos — sempre soubera que jamais alcançaria a riqueza — a fim de que sua vida e a da esposa fossem um pouco mais fáceis. Mas isso nunca acontecera. Dos cinco filhos que a esposa lhe dera, apenas um sobrevivera até a adolescência, e este fora recrutado pelo exército sírio a tempo para a guerra de 1973. O filho tivera mais sorte do que toda a família jamais conhecera: quando seu caminhão BTR-60 fora atingido por um tanque israelense, ele fora arremessado por cima do toldo, perdendo apenas um olho e uma das mãos no processo. Vivo, mas meio cego, ele casara e dera netos ao pai, levando uma vida modestamente bem-sucedida como comerciante e agiota. Podia não ser uma grande bênção, mas parecia ao velho camponês, em

contraste com tudo o mais que lhe acontecera na vida, a única alegria que já conhecera.

O camponês cultivava seus legumes e apascentava seus poucos animais no terreno rochoso perto da fronteira sírio-libanesa. Não perseverava, não resistia de fato, e até a sobrevivência era um termo exagerado para expressar sua existência. A vida para ele não passava de um hábito que não podia romper, uma sucessão interminável de dias em que se sentia cada vez mais cansado. A cada primavera, quando suas ovelhas geravam novos cordeiros, ele orava para não viver até o dia em que seriam chacinados... mas também se ressentia ao pensar que aqueles animais mansos e estúpidos poderiam durar mais do que ele.

Outra aurora. O camponês não tinha nem precisava de um despertador. Assim que o céu clareava, os sinos em suas ovelhas e cabras começavam a badalar. Ele abriu os olhos, e outra vez teve consciência da dor nos braços e pernas. Esticou-se na cama, levantou devagar. Em poucos minutos, já se lavara, raspava a rala barba grisalha, comera o pão duro, tomara o café forte e adocicado, iniciando mais um dia de trabalho árduo. O camponês cuidava da plantação pela manhã, antes que o calor do dia se tornasse insuportável. Tinha uma horta de tamanho considerável, porque a venda dos excedentes no mercado local proporcionava dinheiro para as poucas coisas que considerava como luxos. Até mesmo isso exigia um tremendo esforço. O trabalho castigava-lhe os membros artríticos, e manter os animais longe dos brotos tenros era mais uma praga em sua vida; mas as ovelhas e cabras também podiam ser vendidas por dinheiro, e sem esse dinheiro há muito que ele teria passado fome. A verdade é que ele comia bem do suor do rosto encarquilhado, e poderia comer ainda mais se não se sentisse tão solitário. E a solidão o tornara parcimonioso. Até as ferramentas com que trabalhava a terra eram velhas. Ele saiu para o campo, o sol ainda baixo no horizonte, a fim de destruir as ervas daninhas, que a cada dia ressurgiam entre seus legumes. Se ao menos pudesse treinar uma cabra para fazer isso, pensou ele, repetindo palavras do pai e avô. Seria ótimo contar com uma cabra que comesse as ervas daninhas, mas não suas plantas. Mas uma cabra não era mais

inteligente do que um torrão de terra, exceto quando se tratava de fazer uma coisa que não devia. O esforço de três horas a levantar a enxada e arrancar as ervas daninhas começou pelo mesmo canto da plantação, ele subiu por um canteiro desceu por outro, com um ritmo firme, que parecia contradizer sua idade e enfermidade.

*Temmm!*

O que era aquilo? O camponês empertigou-se, limpou um pouco do suor no rosto. No meio do trabalho da manhã, já começando a ansiar pelo descanso que acompanhava os cuidados com as ovelhas... Não era uma pedra. Ele usou a picareta para remover a terra de cima... ah, aquilo.

As pessoas muitas vezes se espantam com o processo. Os camponeses do mundo inteiro sempre gracejaram, desde que a agricultura começou, pela maneira como os campos agrícolas produzem pedras. Os muros de pedras ao longo das estradas da Nova Inglaterra constituem um testemunho do processo aparentemente misterioso. A água era a responsável. A água caindo como chuva se infiltra no solo. No inverno, a água se transforma em gelo, expandindo-se ao se tornar sólida. Ao se expandir, faz pressão para cima, não para baixo, porque para cima é mais fácil. Essa ação desloca pedras no solo para a superfície, e assim os campos produzem pedras, algo bastante comum na região síria de Golan, cujo solo é de vulcanismo, geologicamente recente, e cujos invernos, para surpresa de muitos, podem ser gelados.

Mas aquilo não era uma pedra.

Era metálico, pardo, como terra, constatou o camponês. Caíra ali naquele dia... o mesmo dia em que seu filho fora...

*O que vou fazer com essa porcaria?*, especulou o camponês. Era uma bomba, com certeza. Ele não era tão tolo que pudesse ignorar isso. Era um mistério como fora parar ali. O camponês não vira qualquer avião, sírio ou israelense, lançar bombas nas proximidades de seu sítio, mas isso não importava. Não podia negar que estava ali. Para ele, podia muito bem ser uma pedra, uma enorme pedra castanha, grande demais para desenterrar e levar para a beira do campo, com tamanho suficiente para interromper dois canteiros de cenouras. Não tinha medo da coisa. Afinal, não

explodira, o que significava que estava quebrada. As bombas em perfeita ordem caíam dos aviões e explodiam ao baterem no solo. Aquela simplesmente abriu sua pequena cratera, que ele cobriu de terra no dia seguinte, sem saber na ocasião dos ferimentos do filho.

*Por que ela não podia ter continuado dois metros abaixo da superfície, o lugar a que pertencia?*, pensou o camponês. Mas esse nunca fora o padrão de sua vida, não é mesmo? Ao contrário; não era verdade que qualquer coisa que pudesse prejudicá-lo sempre acabava por encontrá-lo? O camponês se perguntou por que Deus fora tão cruel com ele. Não dizia todas as suas orações, não seguia todas as regras rigorosas dos drusos? O que pedira alguma vez? De quem eram os pecados que expiava?

Bom, não havia mais sentido em formular essas indagações, àquela altura da vida. No momento, tinha trabalho a fazer. Continuou a arrancar as ervas daninhas, postando-se sobre a ponta exposta da bomba para arrancar algumas, seguiu pelo canteiro. O filho o visitaria dentro de um ou dois dias, deixando que o velho visse e se sentisse radiante com os netos, a única alegria incondicional de sua vida. Pediria o conselho do filho, que fora um soldado, entendia dessas coisas.

Era o tipo de semana que qualquer servidor público detestava. Algo importante estava acontecendo num fuso horário diferente. Havia uma diferença de seis horas, e parecia estranho a Jack se sentir aflito pelo *jet lag* sem ter viajado para qualquer lugar.

— Como vão as coisas por lá? — indagou Clark, do banco do motorista.

— Muito bem. — Jack folheou os documentos. — Os sauditas e israelenses até concordaram sobre alguma coisa ontem. Ambos queriam mudar algo, e propuseram a mesma mudança.

Jack soltou uma risada. Fora casual; se soubessem antes, os dois lados teriam alterado suas posições.

— Deve ter sido um bocado embaraçoso para alguém! — Clark riu também, pensando a mesma coisa que seu chefe. Ainda estava escuro, e a única coisa boa em levantar tão cedo era encontrar as estradas vazias.

— Você gostou mesmo dos sauditas, não é?

— Já estive lá alguma vez?

— Além da guerra? Muitas vezes, Jack. Entrei no Irã por lá em 1979 e 1980, passei muito tempo com os sauditas, aprendi a língua.

— O que achou do lugar?

— Gostei. Vim a conhecer um cara bastante bem, um major do exército deles... um agente, como eu. Não tinha grande experiência de campo, mas sabia muita coisa dos livros. E era bastante inteligente para saber que ainda tinha muito o que aprender, escutava com atenção quando eu lhe dizia as coisas. Convidou-me a visitar sua casa umas duas ou três vezes. Tinha dois filhos pequenos, garotos bonitos. Um pilota caças agora. Mas é estranho como eles tratam suas mulheres. Não dá para entender.

Clark fez uma pausa, enquanto mudava de faixa de rolamento, a fim de ultrapassar um caminhão.

— Em termos profissionais, eles foram muito cooperativos. Seja como for, gostei do que vi. Eles são diferentes de nós, mas e daí? O mundo não é cheio de americanos.

— E o que me diz dos israelenses? — perguntou Jack, enquanto fechava a caixa de documentos.

— Trabalhei com eles uma ou duas vezes... aliás, mais do que isso, principalmente no Líbano. Os agentes são autênticos profissionais, uns filhos da puta presunçosos e arrogantes, mas os que conheci tinham muitos motivos para a presunção. Mentalidade de fortaleza, como... ahn... mentalidade de nós-e-eles, entende? O que também é compreensível. — Clark virou-se. — Esse é o grande problema, não é?

— Como assim?

— Arrancá-los dessa posição. Pode não ser fácil.

— Não é mesmo. Eu bem que gostaria que eles despertassem para a realidade do mundo hoje.

— Precisa compreender, Doc. Todos eles pensam como soldados na linha de frente. O que se podia esperar? Afinal, o país inteiro é como uma zona de tiro livre para o outro lado. Eles têm a mesma maneira de pensar que a gente tinha no Vietnã. Só há dois tipos de pessoas... as nossas e o resto do mundo.

John Clark fez uma pausa, balançando a cabeça.

— Sabe quantas vezes tentei explicar isso aos garotos na Fazenda? Mentalidade de sobrevivência básica. Os israelenses pensam assim porque não podem pensar de qualquer outra maneira. Os nazistas mataram milhões de judeus e nós não fizemos nada... muito bem, talvez não pudéssemos fazer coisa alguma, por causa da situação naquele tempo. Mas também me pergunto se Hitler era um alvo tão difícil assim, se no começo nos empenhamos para valer na idéia de acabar com ele. Concordo com você que é preciso olhar além disso, mas deve lembrar que estamos pedindo muita coisa.

— Talvez você devesse estar presente quando me encontrei com Avi — comentou Jack, com um bocejo.

— O general Ben Jakob? É considerado um filho da puta duro e sério. Respeitado por seus subordinados. O que diz muita coisa. Lamento não estar lá, chefe, mas aquelas duas semanas de pescaria eram justamente o que eu precisava.

— Estou ouvindo, senhor Clark.

— Ei, tenho de ir a Quantico esta tarde para um novo teste com a pistola. Se não se importa que eu diga, cara, dá a impressão de que precisa de alguma distração. Por que não vai comigo? Tenho uma linda Beretta para distraí-lo.

Jack pensou a respeito. Parecia uma boa idéia. Mais do que isso, sensacional. Mas... Mas tinha muito trabalho para fazer.

— Não tenho tempo, John.

— Não é uma boa, senhor. Não faz exercício, bebe demais, e está com uma aparência de merda, doutor Ryan. Essa é minha opinião profissional.

*Mais ou menos o que Cathy me disse ontem à noite, mas Clark nem imagina como estou mal.* Jack olhou pela janela para as luzes das casas, cujos moradores, servidores do governo, começavam a despertar.

— Tem toda a razão. Preciso fazer alguma coisa a respeito, mas hoje não disponho de tempo.

— Que tal fazermos uma pequena corrida amanhã, na hora do almoço?

— Tenho um almoço marcado com os chefes de diretorias — respondeu Jack, esquivando-se.

Clark ficou calado, concentrou-se em guiar. Quando o pobre coitado, tão estúpido, aprenderia? Um cara tão esperto não podia deixar que o trabalho o corroesse.

O presidente acordou para descobrir uma montanha desgrenhada de cabelos louros em seu peito, um braço delgado e feminino estendido por cima. Havia maneiras piores de despertar. Ele se perguntou por que esperara tanto tempo. Ela se mostrara claramente disponível para ele há... oh, Deus, há anos! Na casa dos quarenta anos, mas ainda esbelta e bonita, tanto quanto qualquer homem podia querer, e o presidente era um homem, com as necessidades de um homem. Sua esposa, Marian, resistira por anos, lutando bravamente contra a esclerose múltipla, que acabara lhe tirando a vida, mas só depois de destruir o que fora antes uma personalidade animada, encantadora, inteligente, exuberante, a luz de sua vida, pensou Fowler. A personalidade que ele tivera outrora fora em grande parte uma criação de Marian, e também tivera uma morte prolongada. Um mecanismo de defesa, ele sabia. Todos aqueles meses intermináveis. Tivera de ser forte para ela, proporcionar-lhe a reserva estoíca de energia, sem a qual Marian teria morrido muito antes. Mas agir dessa forma convertera Bob Fowler num autômato. Havia apenas uma quantidade limitada de personalidade, força e coragem dentro de um homem, e à medida que a vida de Marian se escoava, o mesmo acontecera com sua humanidade. E talvez mais do que isso, Fowler admitiu para si mesmo.

A conseqüência invertida fora sua transformação num político melhor. Em seus melhores anos como governador e na campanha presidencial, exibira a razão calma, objetiva e intelectual que os eleitores tanto desejavam, para grande surpresa dos sábios, gurus ou qualquer outra coisa que se quisesse chamar os comentaristas que pensavam que sabiam muito, mas nunca tentavam descobrir nada pessoalmente. Também ajudara o fato de seu antecessor ter

realizado uma campanha inexplicavelmente estúpida, mas Fowler achava que ganharia de qualquer maneira.

A vitória, quase dois novembros atrás, convertera-o no primeiro presidente desde — Cleveland, não era? — sem uma esposa. E também sem muita personalidade. O Presidente Tecnocrata, como o chamaram os editorialistas. O fato de ele ser advogado por profissão parecia não ter a menor importância para os meios de comunicação. Depois que aplicavam um rótulo simples com que todos podiam concordar, eles o convertiam em verdade, quer fosse ou não adequado. O Homem de Gelo.

*Se ao menos Marian pudesse ter vivido para ver isso...* Marian sabia que ele não era feito de gelo. Havia aqueles que se lembravam de como Bob Fowler fora antes, um veemente advogado de júri, defensor dos direitos civis, o flagelo do crime organizado. O homem que limpava Cleveland. Não por muito tempo, é claro, pois todas essas vitórias, como as que se conquistavam na política, eram transitórias. Ele recordou o nascimento de cada um de seus filhos, o orgulho da paternidade, o amor da esposa por ele e pelas duas crianças, os jantares tranquilos em restaurantes à luz de velas. Recordou como conhecera Marian, numa partida de futebol americano, na escola secundária, e ela adorara o espetáculo, tanto quanto ele. Trinta anos de casamento, que começara quando ambos ainda eram estudantes, os três últimos anos um pesadelo incessante, enquanto a doença, que se manifestara quando ela beirava os quarenta anos, assumia um curso dramático, quando Marian se aproximava dos cinquenta anos, com a deterioração inexorável, até o final, a morte demorando muito a chegar, mas também vindo cedo demais, e a esta altura ele se encontrava tão exausto que nem podia derramar lágrimas. E, depois, os anos de solidão.

Mas talvez isso tivesse acabado.

*Graças a Deus pelo Serviço Secreto*, pensou Fowler. Na mansão do governador em Columbus, a história teria vazado num instante. Mas não ali. Do lado de fora de sua porta, havia dois agentes armados, e um pouco além, no corredor, o subtenente do exército com a pasta de couro que era conhecida como Futebol, uma



designação que não agradava ao presidente, mas havia coisas que nem ele podia mudar. De qualquer forma, a assessora de segurança nacional podia partilhar sua cama, e o pessoal da Casa Branca guardava o segredo. O que era extraordinário, ele pensou.

Fowler contemplou sua amante. Elizabeth era inegavelmente bonita. A pele era pálida porque seus hábitos de trabalho lhe negavam a luz do sol, mas ele preferia as mulheres com a pele bem alva. As cobertas estavam tortas, por causa dos movimentos da noite anterior, e ele pôde examinar as costas de Elizabeth; a pele era lisa e macia. Sentia sua respiração relaxada no peito, o braço esquerdo da amante a enlaçá-lo. Passou a mão pelas costas de Elizabeth, foi recompensado com um murmúrio de satisfação, e um ligeiro aumento na pressão do abraço adormecido.

Houve uma discreta batida na porta. O presidente puxou as cobertas e tossiu. Depois de uma contagem de cinco, a porta foi aberta, e um agente entrou com uma bandeja de café. Entregou também alguns documentos, e se retirou em seguida. Fowler sabia que não podia confiar nos funcionários da Casa Branca a esse ponto, mas o Serviço Secreto era de fato a versão americana da Guarda Pretoriana. O homem não deixou transparecer nenhuma emoção, limitando-se a um aceno de cabeça à guisa de bom-dia para o Chefe, como os agentes se referiam a ele. A devoção que lhe dispensavam era quase servil. Embora fossem homens e mulheres instruídos, tinham uma perspectiva simples da vida, e Fowler sabia que havia lugar no mundo para gente assim. Alguém, muitas vezes alguém bastante competente, tinha de executar as decisões e ordens de seus superiores. Os agentes sempre armados prestavam o juramento de protegê-lo, até interpondo seus corpos entre o presidente e qualquer perigo — a manobra era conhecida como "pegar a bala" — e espantava Fowler que pessoas inteligentes pudessem se condicionar para fazer algo tão altruisticamente estúpido. Mas era em seu benefício. Assim como a discricção deles. Havia a piada de que era muito difícil encontrar serviçais tão bons. E era verdade: só sendo presidente dos Estados Unidos é que se conseguia esse tipo de servidor.

Fowler pegou a bandeja e despejou café em uma xícara. Puro. Depois do primeiro gole, usou um controle remoto para ligar o aparelho de tevê. Estava sintonizado na CNN, e a matéria principal, como não podia deixar de ser, era Roma, onde já se chegara às duas horas da tarde.

— Hum...

Elizabeth mexeu a cabeça, os cabelos espalharam-se pelo peito de Fowler. Ela sempre acordava mais devagar. Fowler passou um dedo por sua espinha, ganhando um último aperto, antes que ela abrisse os olhos, levantando a cabeça, num violento sobressalto.

— *Bob!*

— O que é?

— Alguém esteve aqui!

Ela apontou para a bandeja com as xícaras, sabendo que Fowler não fora buscá-la.

— Café?

— *Bob!*

— As pessoas no outro lado da porta sabem que você está aqui, Elizabeth. O que pensa que estamos escondendo... e de quem? É bem provável que haja microfones aqui.

Ele nunca dissera isso antes. Não sabia com certeza, e conscientemente se abstera de perguntar, mas era algo lógico de se esperar. A paranóia institucional do Serviço Secreto negava aos agentes a capacidade de confiar em Elizabeth ou qualquer outra pessoa, à exceção do presidente. Assim, se ela tentasse matá-lo, eles precisavam saber, a fim de que os agentes no outro lado da porta pudessem entrar com suas armas na mão e salvar "Hawx" de sua amante. Era bem provável que houvesse microfones. E câmeras também? Mão, provavelmente não haveria câmeras, mas parecia quase certa a existência de microfones. Fowler descobriu que esse pensamento era um tanto estimulante, um fato em que os editorialistas jamais teriam acreditado. Não o Homem de Gelo.

— Oh, Deus!

Liz Elliot nunca pensara nisso. Sentou na cama, os seios pendendo sedutores diante dos olhos de Fowler. Mas ele nunca fora o tipo de homem matutino. As manhãs eram para o trabalho.

— Sou o presidente, Elizabeth — ressaltou Fowler.

A possibilidade de câmeras também ocorreu a ela, levando-a a arrumar as cobertas apressadamente. Fowler sorriu por aquela tolice.

— Quer um café?

Elizabeth Elliot quase riu. Ali estava ela, na cama do presidente, completamente nua, com guardas armados no outro lado da porta. *Mas Bob deixara alguém entrar no quarto!* O homem era incrível. Será que nem mesmo a cobrira? Ela podia perguntar, mas decidiu não fazê-lo, temendo que Fowler exibisse seu senso de humor distorcido, que se tornava melhor quando era um pouco cruel. E, no entanto... Alguma vez tivera um amante tão bom quanto ele? Na primeira vez... devia ter sido há anos, mas ele se mostrara tão paciente, tão... respeitoso. Tão fácil de conduzir. Elliot deu um sorriso secreto para si mesma. Ele podia ser orientado a fazer exatamente o que ela queria, quando ela queria, e sempre fazia muito bem, pois gostava de proporcionar prazer a uma mulher. Por quê?, ela especulou. Talvez ele quisesse ser lembrado. Afinal, era um político, e todos sempre ansiavam por umas poucas linhas nos livros de história. Pois Fowler as teria, de um jeito ou de outro. Cada presidente tinha, até mesmo Grant e Harding eram lembrados, e com tudo o que estava acontecendo... Mesmo ali ele ansiava em ser lembrado, e por isso fazia o que a mulher queria, se a mulher tivesse o espírito para pedir.

— Aumente o som — pediu Liz.

Fowler atendeu no mesmo instante, o que a deixou satisfeita. Sempre ansioso em agradar, até mesmo naquilo. Então por que ele permitira que algum criado entrasse com o café? Não era possível compreender aquele homem. Ele já estava lendo os faxes enviados de Roma.

— O plano vai dar certo. Espero que suas malas já estejam preparadas, Elizabeth.

— Hem?

— Os sauditas e israelenses concordaram num ponto importante ontem à noite... segundo Brent... mas isso é incrível! Ele teve reuniões separadas com os dois lados, e ambos sugeriram a

mesma coisa... e para evitar que soubessem disso, declarou que provavelmente seria aceitável... e depois confirmou em novas reuniões! Sensacional! — Fowler bateu na página com o dorso da mão. — Brent está fazendo um excelente serviço. E o tal de Ryan também é ótimo. Pode ser um chato pretensioso, mas sua idéia...

— Essa não, Bob! Nem mesmo foi uma idéia original. Ryan apenas repetiu algumas coisas que outras pessoas vinham dizendo há anos. Era novidade para Arnie, mas os interesses de Arnie param na cerca da Casa Branca. Dar crédito a Ryan por isso é como dizer que ele providenciou um lindo pôr-do-sol para você.

— Talvez. — O presidente achava que havia mais do que isso no conceito-proposta do vice-diretor da CIA, mas não valia a pena perturbar Elizabeth com isso. — Ryan fez um ótimo trabalho com os sauditas, lembra?

— Teria sido muito mais eficaz se ficasse de boca fechada. Muito bem, ele fez um bom sumário para os sauditas. Não é exatamente um grande momento na política externa americana, não é mesmo? E fazer isso é o seu trabalho. Brent e Dennis é que estão realmente cuidando de tudo, não Ryan.

— Acho que tem razão. Brent e Dennis é que estão arrancando os compromissos finais na conferência... Brent diz que tudo pode terminar em mais três dias, talvez quatro.

O presidente largou os documentos. Estava na hora de levantar e se preparar para o dia de trabalho, mas antes ele passou a mão por uma curva em particular no lençol, apenas para fazê-la saber que...

— Pare com isso!

Liz riu para tornar o protesto jovial. Ele obedeceu, como sempre. Para atenuar o golpe, ela inclinou-se para um beijo, que foi dado, com mau hálito e tudo, sem a menor hesitação.

— O que é aquilo? — perguntou um motorista de caminhão no terminal da serraria. Havia quatro enormes reboques em fila, longe das pilhas de árvores abatidas sendo preparadas para o embarque para o Japão. — Já estavam aqui na última vez em que apareci.

— Vão para o Japão — explicou o despachante, examinando o manifesto entregue pelo motorista.

— E o que por aqui não vai?

— Algo especial. Eles estão pagando para deixar aqueles toros assim, o aluguel dos reboques e tudo o mais. Ouvi dizer que os toros vão ser convertidos em vigas para uma igreja ou templo, qualquer coisa assim. Olhe bem... estão acorrentados. Amarrados com uma corda de seda também, mas com as correntes para ficarem juntos. Alguma coisa relacionada com a tradição do templo. Não será fácil carregá-los no navio desse jeito.

— Alugar os reboques só para manter os troncos num lugar especial? E tudo acorrentado junto? Puxa, eles têm mais dinheiro do que miolos, não acha?

— Por que deveríamos nos importar com isso? — indagou o despachante, cansado de responder à mesma pergunta cada vez que um motorista entrava em sua sala.

Era onde estavam sentados. A idéia, pensou o despachante, era deixar os toros secarem ao ar. Mas quem tivera essa idéia não estava pensando com muita clareza. Aquele era o verão mais úmido em muito tempo, numa região conhecida pela precipitação pluviométrica. Os toros, impregnados de umidade quando a árvore fora derrubada, estavam apenas ficando encharcados com mais chuva, ali no pátio. Os cotos dos galhos, aparados ainda na floresta, também não ajudavam. A chuva entrava pelos capilares expostos, infiltrava-se no tronco. Era bem provável que os toros estivessem mais pesados agora do que no momento do corte. Talvez devessem estender uma lona por cima, pensou o despachante, mas só serviria para reter a umidade. Além disso, a ordem era para deixar que os toros ficassem assim nos reboques. Estava chovendo agora. O pátio se transformara num lodaçal, a lama era revirada por todos os caminhões que passavam. Bom, os japoneses deviam ter seus planos para secar e trabalhar os toros. Suas ordens impediam que se fizesse qualquer coisa ali, e eram eles que pagavam. Mesmo ao serem carregados no navio, deveriam ficar por cima, os últimos embarcados no *George McReady* para a travessia do Pacífico. E era inevitável que também ficassem úmidos desse jeito. Se por acaso se tornassem ainda mais úmidos, refletiu o despachante, seria preciso

muito cuidado ao manuseá-los. Se caíssem na água, mal conseguiriam flutuar.

O camponês sabia que os netos se sentiam embaraçados por ele ser um homem rude. Resistiam a seus abraços e beijos, provavelmente haviam se queixado um pouco antes que o pai os trouxesse, mas ele não se importava. As crianças de hoje careciam do respeito de sua geração. Talvez fosse esse o preço por maiores oportunidades. O ciclo dos tempos estava se rompendo. Sua vida fora pouco diferente da de dez gerações de ancestrais, mas o filho se saía melhor, apesar das lesões, e os netos ficariam ainda melhores. Os meninos tinham orgulho do pai. Se os colegas de escola comentavam adversamente sua religião drusa, eles podiam ressaltar que o pai lutara contra os odiados sionistas e saía ferido, até matara alguns israelenses. O governo sírio não era totalmente ingrato com seus veteranos feridos. O filho do camponês tinha seu negócio modesto, e as autoridades do governo não o perseguiram, como poderia acontecer se ele não fosse um veterano. Casara tarde, o que era excepcional naquela região. A esposa era bastante bonita, e respeitosa — tratava bem o camponês, talvez em gratidão pelo fato de ele nunca ter demonstrado o menor interesse em se mudar para sua pequena casa. O camponês sentia um enorme orgulho pelos netos, meninos fortes e saudáveis, voluntariosos e rebeldes, como todos os meninos deviam ser. O filho do camponês também se orgulhava, um homem cada vez mais próspero. Ele e o pai deixaram a casa depois da refeição do meio-dia. O filho olhou para a horta de que cuidara no passado, sentindo uma pontada de culpa ao pensar que o pai ainda trabalhava ali, todos os dias. Mas já não propusera abrigar o pai em sua casa? Já não se oferecera para dar algum dinheiro ao velho? Tudo fora rejeitado. O pai não tinha muita coisa, mas conservava seu orgulho obstinado.

— A horta parece muito bem este ano.

— A chuva foi boa — explicou o camponês. — As ovelhas tiveram muitas crias. Não foi um mau ano. E para você?

— Meu melhor ano, pai. Gostaria que não precisasse trabalhar tanto.

— Ora... — Um aceno com a mão. — Que outra vida eu conheço? Este é o meu lugar.

*A coragem do homem*, pensou o filho. E o velho tinha mesmo muita coragem. Resistia. Apesar de tudo. Não conseguira dar muita coisa ao filho, mas legara sua coragem estóica. Ao se descobrir estendido no chão, nas colinas de Golan, a vinte metros dos destroços fumegantes do caminhão em que viajava, ele poderia deixar que a morte chegasse, o filho sabia, sem um olho, a mão esquerda uma massa sangrenta que os médicos não seriam capazes de reparar. Poderia continuar caído ali e morrer, mas sabia que desistir não era algo que o pai teria feito. E por isso se levantara, caminhara seis quilômetros até a estação de primeiros socorros do batalhão, chegando ainda com seu rifle, e só aceitando os cuidados médicos depois de apresentar seu relatório. Recebera uma condecoração por isso, e o comandante do batalhão tornara a sua vida um pouco mais fácil, ao lhe dar algum dinheiro para abrir sua própria loja, e providenciando para que as autoridades locais soubessem que deveria ser tratado com todo o respeito. O coronel lhe dera o dinheiro, mas o pai dera a coragem. Se ao menos ele aceitasse agora uma pequena ajuda...

— Preciso do seu conselho, filho. Era uma novidade.

— Claro, pai.

— Venha comigo. Quero lhe mostrar uma coisa.

Ele conduziu o filho até os canteiros de cenouras. Com a ponta do pé, removeu a terra e...

— Pare! — o filho quase berrou. Segurou o braço do pai e puxou-o para trás. — Há quanto tempo isto está aqui?

— Desde o dia em que você foi ferido.

A mão direita do filho subiu para a venda sobre o olho que faltava, e por um momento assustador lhe voltou todo o terror do dia. O clarão ofuscante, voando pelo ar, os companheiros gritando, enquanto queimavam até a morte. Os israelenses eram os culpados. Um de seus canhões matara sua mãe, e agora... aquilo?

E o que era aquilo? Ele ordenou que o pai se mantivesse a distância, e voltou para um exame mais atento. Avançou com todo o cuidado, como se atravessasse um campo minado. Seu serviço no

exército fora com os engenheiros de combate; embora sua unidade fosse lançada em combate com a infantaria, o trabalho básico era o de preparar um campo minado. A coisa ali era grande, parecia uma bomba de mil quilos. Só podia ser israelense, ele concluiu pela cor. Virou-se para o pai.

— Está aqui desde então?

— Isso mesmo. Abriu um buraco, que eu cobri com terra. A geada deve ter empurrado para cima. Há algum perigo? Não é uma bomba desarmada?

— Essas coisas nunca deixam de ser perigosas, pai. E com todo esse tamanho, se explodir pode destruir a casa... com você lá dentro!

O fazendeiro gesticulou desdenhoso para a coisa.

— Se tivesse que explodir, teria acontecido quando caiu.

— Não é verdade! E tem de me ouvir agora! Não deve mais chegar perto desta coisa!

— E como cuidarei de minha horta? — indagou o camponês, com a maior simplicidade.

— Darei um jeito para que seja removida. E depois poderá cuidar de sua horta.

O filho pensou a respeito. Seria um problema. E não dos menores. O exército sírio não dispunha de um grupo especializado em desarmar bombas que não haviam explodido. O método era detoná-las no lugar, o que era bastante sensato, só que seu pai não sobreviveria à destruição da casa. Sua esposa não toleraria o sogro morando junto, e ele não podia ajudar o pai a reconstruir, não com uma só mão. A bomba precisava ser removida, mas quem faria isso?

— Deve prometer que nunca mais entrará nesta horta! — anunciou o filho, com firmeza.

— Está bem. — O camponês não tinha a menor intenção de cumprir a ordem do filho. — Quando pode providenciar a remoção?

— Não sei. Preciso de alguns dias para ver o que posso fazer.

O camponês acenou com a cabeça. Talvez acatasse as instruções do filho, no final das contas, pelo menos a de não se aproximar da bomba morta. E só podia estar morta, apesar do que dissera o filho. O camponês conhecia alguma coisa de seu destino.



Se a bomba quisesse matá-lo, já teria explodido a esta altura. Que outro infortúnio o poupou?

Os jornalistas finalmente encontraram alguma coisa em que cravar os dentes. Dmitrios Stavarkos, Patriarca de Constantinopla, chegou de carro — recusava-se a voar em helicópteros — em plena luz do dia.

— Uma freira de barba? — indagou um câmera, com o microfone ligado, enquanto dava um zoom.

Os guardas suíços na porta assumiram posição de sentido, o bispo O'Toole conduziu o novo visitante para o interior do prédio.

— Grego — comentou o âncora no mesmo instante. — Ortodoxo grego, deve ser um bispo ou algo assim. O que ele está fazendo aqui?

— O que sabemos sobre a Igreja Ortodoxa Grega? — perguntou seu produtor.

— Eles não trabalham para o papa — informou um dos presentes. — Permitem o casamento de seus padres. Os israelenses meteram um deles na prisão, por entregar armas aos árabes, se não me engano.

— Quer dizer que os gregos se dão bem com os árabes, mas não com o papa? E onde ficam os israelenses?

— Não sei — admitiu o produtor. — Talvez seja uma boa idéia descobrir.

— Portanto, temos agora quatro grupos religiosos envolvidos.

— O Vaticano está realmente envolvido ou apenas ofereceu o lugar como um território neutro? — indagou o âncora.

Como a maioria dos âncoras, ele se saía melhor quando lia o texto no ponto eletrônico.

— Quando isso já aconteceu antes? — disse o câmera. — Se você quer ser "neutro", tem de ir a Genebra.

Ele gostava de Genebra.

— Quem se importa?

Uma das pesquisadoras entrou na cabine. O produtor informou-a sobre o recém-chegado.

— Onde está a porra daquele consultor? — resmungou o âncora.

— Podem passar a fita para mim? — pediu a pesquisadora.

O pessoal da sala de controle atendeu-a, ela parou a imagem no monitor.

— Dmitrios Stavarkos. É o Patriarca de Constantinopla... Istambul para você, Rick. É o líder de todas as igrejas ortodoxas, uma espécie de papa. As igrejas ortodoxas grega, russa e búlgara têm seu próprio chefe, mas todos se subordinam ao patriarca. Algo mais ou menos assim.

— Eles não permitem o casamento de seus padres?

— Dos padres, sim... mas, pelo que me lembro, se você se torna bispo ou mais alto, tem de ser celibatário...

— Uma sacanagem — comentou Rick.

— Stavarkos liderou a batalha com os católicos pela igreja da Natividade no ano passado... e venceu, pelo que me lembro. Sacaneou alguns bispos católicos. O que estará fazendo aqui?

— Você é que deveria nos dizer isso, Angie! — protestou o âncora, irritado.

— Não jogue água fora da bacia, Rick.

Angie Miriles estava cansada de aturar o temperamental jornalista. Ela tomou seu café em silêncio, por um ou dois minutos, antes de anunciar:

— Acho que já sei o que é.

— Importa-se de nos contar?

— Seja bem-vindo!

O cardeal D'Antônio beijou as faces de Stavarkos. Achava a barba do homem repulsiva, mas não havia nada que pudesse fazer para evitá-la. O cardeal conduziu o patriarca para a sala da conferência. Havia ali dezesseis pessoas, agrupadas em torno da mesa, com uma cadeira vazia na extremidade. Stavarkos ocupou-a.

— Obrigado por vir se juntar a nós — disse o secretário Talbot.

— Não se rejeita um convite desses — respondeu o patriarca.

— Leu o material que enviamos?

Fora entregue por um mensageiro especial.

— E um plano muito ambicioso — comentou Stavarkos, cauteloso.

— Pode aceitar seu papel no acordo?

Estava indo muito depressa, pensou o patriarca. Mas...

— Posso, sim. Exijo autoridade plenipotenciária sobre todos os santuários cristãos na Terra Santa. Se isso for concedido, então participarei com o maior prazer do acordo.

D'Antônio conseguiu manter o rosto impassível. Controlou a respiração e rezou depressa pela intervenção divina. Nunca foi capaz de determinar se a recebeu ou não.

— Já é muito tarde para uma exigência tão radical. — As cabeças se viraram. Quem falava era Dmitri Popov, vice-ministro do Exterior da União Soviética. — E é também inadmissível procurar uma vantagem unilateral, quanto todos aqui já fizeram tantas concessões. Vai se opor ao acordo só por causa disso?

Stavarkos não estava acostumado a uma repreensão tão direta.

— A questão dos santuários cristãos não é de relevância direta para o acordo, Santidade—ressaltou o secretário Talbot. — Achemos desapontadora a sua disposição condicionada de participar.

— Talvez eu não tenha entendido direito o material — admitiu Stavarkos, cobrindo os flancos. — Não poderiam esclarecer qual seria exatamente a minha posição?

— Não é possível — resmungou o âncora.

— Por que não? — insistiu Angie Miriles. — O que mais faz sentido?

— Seria um exagero.

— Concordo, mas o que mais se ajusta à cena?

— Só acreditarei quando puder ver com meus próprios olhos.

— Talvez não veja. Stavarkos não gosta muito da Igreja Católica Romana. A batalha que travaram no último Natal foi encarniçada.

— Por que não noticiamos isso?

— Porque estávamos ocupados demais a falar sobre a queda nas vendas de Natal — respondeu Angie. *Seu idiota*, ela pensou, mas não disse.

— Quer dizer que seria uma comissão separada? A idéia não agradava a Stavarkos.

— O Metropolita deseja enviar seu próprio representante — explicou Popov. Dmitri Popov ainda acreditava em Marx em vez de Deus, mas a Igreja

Ortodoxa Russa era *russa*, e a participação russa no acordo tinha de ser concreta, por menor que fosse aquele aspecto.

— Devo dizer que acho essa questão um tanto estranha — acrescentou ele. — O acordo fica em suspenso até se determinar que igreja cristã é a mais influente? Nosso propósito aqui é desarmar um ponto de explosão em potencial para a guerra entre judeus e muçulmanos, e os cristãos vão atrapalhar?

Popov fez a indagação para o teto... de forma um tanto teatral, pensou D'Antônio.

— Creio que é melhor deixar essa questão secundária para um comitê separado de clérigos cristãos — acabou sugerindo o cardeal D'Antônio. — Dou a minha palavra diante de Deus que as disputas sectárias estão chegando ao fim!

*Já ouvi isso antes*, lembrou Stavarkos... e, no entanto... E, no entanto, como pude me permitir ser tão mesquinho? Ele recordou o que as Escrituras ensinavam, e que acreditava em cada palavra ali. *Estou bancando o tolo, ainda por cima na presença dos romanos e russos!* Uma consideração adicional era o fato de que os turcos apenas toleravam sua presença em Istambul — Constantinopla! — e aquilo lhe oferecia uma oportunidade de adquirir um enorme prestígio para suas igrejas e seu cargo.

— Perdoem-me, por favor. Permiti que alguns lamentáveis incidentes influenciassem meu melhor julgamento. Claro que apoiarei o acordo, e confiarei que meus irmãos cumpram sua palavra.

Brent Talbot recostou-se na cadeira e sussurrou sua própria oração de agradecimento. Orar não era um hábito do secretário de Estado, mas ali, naquele ambiente, como se poderia evitar?

— Neste caso, creio que temos um acordo.

Talbot correu os olhos pela mesa, e as cabeças acenaram, uma a uma, algumas com entusiasmo, algumas com resignação. Mas

todas acenaram em concordância. Era o acordo.

— Senhor Adler, quando os documentos estarão prontos para serem rubricados? — perguntou D'Antônio.

— Dentro de duas horas, eminência.

— Alteza — disse Talbot, levantando-se —, Eminências, Senhores Ministros... nós conseguimos.

Por mais estranho que pudesse parecer, eles mal se davam conta do que haviam realizado. O processo se prolongara por bastante tempo e, como acontece com todas as negociações assim, se transformara em realidade, e o objetivo passara a ser algo separado. Agora, subitamente, encontravam-se na posição que todos pretendiam alcançar, e o espanto pelo fato lhes incutiu um senso de irrealidade, que prevalecia sobre as percepções, apesar de toda a experiência coletiva em formular e consumir objetivos de política externa. Os participantes se levantaram, como Talbot, e o movimento, a oportunidade de esticar as pernas, alterou de novo as percepções. Um a um, eles foram absorvendo o que haviam feito. Mais importante ainda, compreenderam que era uma realidade. O impossível acabara de acontecer.

David Askenazi contornou a mesa até o príncipe Ali, que conduzira a parte de seu país nas negociações, e estendeu a mão. Não era o suficiente. O príncipe deu um abraço fraternal no ministro.

— Diante de Deus, haverá paz entre nós, David.

— Depois de tanto tempo, Ali — respondeu o antigo comandante de tanque israelense.

Como um tenente, Askenazi lutara na campanha de Suez em 1956, como capitão em 1967, e seu batalhão da reserva reforçara as colinas de Golan em 1973. Os dois ficaram surpresos pelos aplausos que irromperam nesse momento. O israelense começou a chorar, o que o deixou profundamente embaraçado.

— Não precisa se sentir envergonhado — disse Ali. — Sua coragem pessoal é bem conhecida, ministro. E nada mais justo que um soldado faça a paz, David.

— Tantas mortes... todos aqueles jovens... nos dois lados, Ali. Todos aqueles meninos...

— Isso nunca mais acontecerá.

— Dmitri, sua ajuda foi extraordinária — disse Talbot ao russo, no outro lado da mesa.

— Não acha extraordinário o que pode acontecer quando cooperamos? O que ocorreu a Talbot, já ocorrera a Askenazi:

— Duas gerações inteiras desperdiçadas, Dmitri. Todo esse tempo perdido.

— Não podemos recuperar o tempo perdido, mas podemos ter a sabedoria para não perder mais tempo. — O russo sorriu, insinuante. — Para momentos como este, deveria haver vodca.

Talbot sacudiu a cabeça na direção do príncipe Ali.

— Nem todos bebemos.

— Como eles podem viver sem vodca? — comentou Popov, rindo.

— Um dos mistérios da vida, Dmitri. E, agora, ambos temos mensagens a transmitir.

— É verdade, meu amigo.

Para a fúria dos correspondentes em Roma, a primeira pessoa a ter acesso à notícia foi uma repórter do *Washington Post*. Era inevitável. Ela tinha uma fonte, uma sargento da força aérea que cuidava da manutenção eletrônica do VC-25A, a nova versão militar do Boeing 747 presidencial. A sargento fora instruída pela repórter. Todos sabiam que o presidente viajaria para Roma. Era só uma questão de quando. Assim que a sargento soube para onde estava indo, telefonou ostensivamente para sua casa, a fim de verificar se seu melhor uniforme já voltara da lavanderia. O fato de ela ter discado o número errado era um engano aceitável. E foi apenas por acaso que a repórter ouviu o recado em sua secretária eletrônica. Essa era a história que ela usaria se fosse apanhada, o que não aconteceu, nem se esperava que pudesse acontecer.

Uma hora depois, no encontro de rotina do secretário de imprensa do presidente com os correspondentes na Casa Branca, a repórter do Post anunciou uma "informação não confirmada" de que Fowler estava prestes a viajar para Roma... isso significava que as negociações do tratado haviam chegado a um impasse ou ao sucesso? O secretário de imprensa foi apanhado de surpresa.

Acabara de saber, dez minutos antes, que voaria para Roma. Como sempre, fora-lhe exigido o sigilo total — uma advertência que tinha tanto peso quanto um raio de sol num dia nublado. Mas ele deu um jeito de manifestar surpresa pela pergunta, o que surpreendeu a repórter, que esperava ampliar o vazamento. A declaração de "sem comentários", porém, não tinha bastante convicção, e os correspondentes na Casa Branca farejaram sangue. Todos tinham cópias da agenda presidencial, mas não conseguiram encontrar ninguém que pudesse confirmá-la, como era de se esperar.

Os assessores do presidente já estavam telefonando para cancelar reuniões e compromissos. Nem mesmo o presidente podia permitir que pessoas importantes fossem incomodadas sem aviso; e embora estas pudessem guardar segredo, nem todos os seus assistentes e secretárias eram capazes da mesma coisa. Era um caso clássico do fenômeno de que depende a imprensa livre. As pessoas que sabem as coisas podem revelá-las. Ainda mais quando são secretas. Uma hora depois, a confirmação fora obtida de quatro fontes separadas. O presidente Fowler cancelara todos os compromissos do dia. O presidente viajaria para algum lugar, e não seria para Peoria. Era o suficiente para que todas as redes de tevê transmitissem boletins extras, preparados às pressas, que entraram no ar interrompendo programas de prêmios, e passando direto para os comerciais, negando a milhões de pessoas o conhecimento da palavra ou frase certa, mas informando-as da melhor maneira de manter as roupas limpas, apesar das manchas de gordura.

Era o final da tarde em Roma, um dia de verão úmido e abafado, quando o centro de imprensa foi informado de que três, e apenas três, câmeras — e nenhum correspondente — teriam permissão para entrar no prédio, cujo exterior vinha sendo submetido a um meticuloso escrutínio há semanas. Nos furgões próximos das cabines de transmissão, os âncoras de plantão das redes foram maquilados e levados para suas cadeiras, com os fones nos ouvidos, esperando por um aviso de seus diretores.

A imagem que apareceu ao mesmo tempo nos monitores na cabine e nos aparelhos de tevê no mundo inteiro mostrava a sala da

conferência. Era uma mesa grande, em que todos os lugares se achavam ocupados. A cabeceira sentava o papa, tendo à sua frente uma pasta grande, com a capa vermelha de couro de bezerro — os repórteres jamais saberiam do pânico momentâneo que irrompeu quando alguém descobriu que não sabia que tipo de couro era, e teve de consultar o fornecedor; felizmente, ninguém objetava a couro de bezerro.

Ficara combinado que nenhuma declaração seria feita ali. As declarações preliminares seriam feitas nas capitais dos países participantes, e os discursos mais floreados eram preparados para a cerimônia formal de assinatura. Um porta-voz do Vaticano entregou um comunicado por escrito a todos os correspondentes de tevê. Dizia, em suma, que fora negociado um esboço de tratado para um acerto final das disputas no Oriente Médio, e que esse esboço já estava pronto para ser rubricado pelos representantes das nações interessadas. Os documentos do tratado formal seriam assinados pelos chefes de Estado e/ou ministros do Exterior, dentro de alguns dias. O texto do tratado não podia ainda ser divulgado, nem qualquer dos seus dispositivos. O que não agradou muito aos correspondentes, em grande parte porque compreenderam que os detalhes do tratado seriam revelados pelos ministérios do Exterior nas respectivas capitais dos países envolvidos, a outros repórteres.

A pasta vermelha foi passada de um lugar para outro. A ordem dos rubricantes, ressaltava o comunicado do Vaticano, fora determinada por sorteio — o ministro do Exterior israelense foi o primeiro, seguido pelo delegado soviético, o suíço, o americano, o saudita, e os representantes do Vaticano. Cada um usou uma caneta-tinteiro e um mata-borrão curvo foi aplicado em cada rubrica pelo padre que levava o documento de um lugar para outro. Não era uma cerimônia das mais espetaculares, e foi logo concluída. Houve apertos de mãos, e um momento prolongado de aplausos mútuos. E acabou.

— Por Deus! — murmurou Jack, observando a imagem na tevê mudar. Ele baixou os olhos para o fax do esboço do tratado. Não era muito diferente de seu conceito original. Os sauditas haviam feito mudanças, assim como os israelenses, os soviéticos, os suíços, sem



falar no Departamento de Estado, mas a idéia original era sua... isto é, levando-se em consideração que ele tomara idéias emprestadas de muitos outros. Havia bem poucas idéias genuinamente originais. O que ele fizera, na verdade, fora organizá-las, e aproveitar um momento oportuno, em termos históricos, para apresentar a sugestão. Isso era tudo. E mesmo assim, foi o momento de maior orgulho de sua vida. Era uma pena que não houvesse ninguém ali para lhe dar os parabéns.

Na Casa Branca, a melhor redatora do presidente Fowler já trabalhava no primeiro esboço de seu discurso. O presidente americano teria o lugar de destaque na cerimônia, porque a idéia fora sua; afinal, seu discurso na ONU é que levava todos a se reunirem em Roma. O papa também falaria... todos falariam, pensou a redatora, o que constituía um problema para ela, já que cada discurso deveria ser original, sem repetições. Ela refletiu que provavelmente ainda estaria trabalhando no discurso, enquanto atravessava o Atlântico no VC-25A, digitando em seu *laptop*. Mas era para isso que lhe pagavam, e a Força Aérea Um dispunha de uma impressora a *laser*.

Lá em cima, no Gabinete Oval, o presidente examinava sua agenda alterada às pressas. Um comitê dos novos escoteiros ficaria desapontado, assim como a Rainha do Queijo do Wisconsin, ou qualquer que fosse seu título, e diversos empresários, cuja importância em suas respectivas áreas desaparecia no momento em que entravam no gabinete presidencial. Sua secretária da agenda já se comunicava com as pessoas. Algumas visitas de enorme importância seriam espremidas em cada minuto vago nas próximas trinta e seis horas. Isso faria com que o dia e meio do presidente fosse frenético, mas era parte do cargo.

— E então?

Fowler levantou os olhos para deparar com Elizabeth Elliot a lhe sorrir, através da porta aberta para a ante-sala da secretária.

*E então, não era isso o que você queria? Sua presidência será lembrada para sempre como aquela em que os problemas do Oriente Médio foram resolvidos de uma vez por todas. Se* — Liz

admitiu para si mesma, num raro momento de lucidez objetiva — *tudo der certo, o que não se pode considerar como um fato consumado em problemas desse tipo.*

— Nós prestamos um serviço ao mundo inteiro, Elizabeth.

Por "nós", ele estava na verdade querendo dizer "eu", Liz sabia, mas era justo. Fora Bob Fowler quem suportara os meses de campanha, junto com suas funções executivas em Columbus, beijando bebês e bajulando pessoas influentes, recebendo legiões de repórteres, cujos rostos mudavam mais depressa do que as perguntas brutalmente repetitivas. Fora uma corrida de resistência para chegar àquela pequena sala, a sede do poder executivo. Era um processo que de alguma forma não quebrava os homens — era uma pena que fossem apenas os homens, pensou Liz — que conseguiam entrar ali. Mas o prêmio por todo o esforço, o trabalho interminável, era que a pessoa que ocupava aquela cadeira passava a receber o crédito. Era uma convenção histórica simples a de que as pessoas presumissem que era o presidente quem orientava tudo, quem tomava as decisões. Por causa disso, era o presidente quem recebia os elogios e as críticas. O presidente era responsável por tudo o que corria bem, e por tudo o que corria mal. Na maior parte, isso abrangia as questões internas, as porcentagens de desemprego, as taxas de juros, a inflação (no atacado e varejo), e também os poderosos indicadores econômicos; mas em raras ocasiões acontecia algo realmente importante, algo que mudava o mundo. Reagan, Elliot admitiu para si mesma, seria lembrado pela história como o homem que por acaso se encontrava no cargo quando os russos decidiram retirar suas apostas no marxismo, e Bush fora o homem que colhera os resultados políticos dessa decisão. Nixon fora o homem que abrira a porta à China, e Carter quem chegara muito perto do objetivo pelo qual Fowler seria agora lembrado. Os eleitores americanos podiam escolher seus líderes políticos pelas questões que falavam a seus bolsos, mas a história era feita de coisas mais importantes. O que valia a um homem uns poucos parágrafos num livro de história geral e volumes específicos de análise profunda eram as mudanças fundamentais na disposição do mundo político. Era o que de fato contava. Os historiadores lembravam os que

promoviam eventos políticos — Bismarck, não Edison — tratando as mudanças técnicas na sociedade como se fossem impulsionadas por fatores políticos, e não o contrário, como ela achava que podia ser igualmente provável. Mas os historiadores aplicavam suas próprias regras e convenções, que não tinham muito a ver com a realidade, porque a realidade era uma coisa grande demais para se apreender, até mesmo para acadêmicos trabalhando anos depois dos eventos. Os políticos jogavam de acordo com essas regras, o que lhes convinha, pois significava que os historiadores se lembrariam deles quando algo memorável ocorresse.

— Um serviço ao mundo? — repetiu Elliot, depois de uma pausa prolongada. — Um serviço ao mundo. Gosto disso. Chamaram Wilson de "o homem que nos manteve fora da guerra". Você será lembrado como aquele que acabou com a guerra.

Fowler e Elliot sabiam que poucos meses depois de ser reeleito com essa plataforma, Wilson levava os Estados Unidos à sua primeira guerra de fato no exterior, a guerra para acabar com todas as guerras, como diziam os otimistas, muito antes do Holocausto e dos pesadelos nucleares. Mas desta vez, no entanto, pensavam os dois, era mais do que mero otimismo, e a visão transcendental de Wilson do que o mundo podia ser se encontrava finalmente ao alcance das figuras políticas, que moldavam o mundo de acordo com seus desejos.

\* \* \*

O homem era um druso, um infiel, mas apesar disso era respeitado. Exibia as cicatrizes de sua batalha pessoal com os sionistas. Entrara em combate, e fora condecorado por sua coragem. Perdera a mãe para as armas inumanas dos sionistas. E apoiava o movimento sempre que lhe pediam. Qati era um homem que nunca perdera o contato com os elementos fundamentais. Quando menino, lera o *Pequeno livro vermelho*, do presidente Mao. Era irrelevante o fato de Mao ser um infiel do pior tipo — recusara-se até a reconhecer a idéia de um Deus e perseguia aqueles que o cultuavam. O revolucionário era um peixe que nadava num mar de

camponeses, e manter a boa vontade dos camponeses — ou, neste caso, um pequeno comerciante — era a base de qualquer sucesso que pudesse alcançar. Aquele druso contribuíra com o dinheiro de que pudera dispor, uma ocasião abrigara em sua casa um guerreiro da liberdade ferido. Tais dívidas não eram esquecidas. Qati levantou-se de sua escrivaninha para cumprimentar o homem com um aperto de mão caloroso e beijos superficiais.

— Seja bem-vindo, meu amigo.

— Obrigado por me receber, comandante.

O comerciante parecia bastante nervoso, e Qati se perguntou por quê.

— Por favor, Abdullah, pegue uma cadeira — disse ele. — E sirva café para nosso visitante.

— E muito generoso.

— Ora, você é nosso camarada. Sua amizade não vacilou em... quantos anos? O comerciante deu de ombros, sorrindo interiormente por constatar que logo teria uma retribuição por seu investimento. Sentia medo de Qati e seu pessoal, e era por isso que nunca os desafiava. Por outro lado, mantinha as autoridades sírias informadas do que fizera por eles, porque também era cauteloso com essa gente. A mera sobrevivência naquela parte do mundo era uma forma de arte, e um jogo de azar.

— Vim pedir seu conselho — anunciou ele, depois do primeiro gole de café.

— Pode contar com ele. — Qati inclinou-se para a frente em sua cadeira. — Terei o maior prazer em ajudar. Qual é o problema, meu amigo?

— E meu pai.

— Com que idade ele está agora?

O camponês oferecia presentes ocasionais a seus homens, quase sempre um cordeiro. Apenas um camponês, e um camponês infiel ainda por cima, mas partilhava o mesmo inimigo com Qati e seus homens.

— Sessenta e seis anos. Conhece a horta de meu pai?

— Conheço, sim. Estive lá há alguns anos, pouco depois que sua mãe foi morta pelos sionistas.

— Há uma bomba israelense em sua horta.  
— Uma bomba? Deve estar se referindo a uma granada.  
— Não, comandante. É mesmo uma bomba. O que se pode ver dela tem meio metro de comprimento.

— Entendo... e se os sírios soubessem...

— Como sabe, eles explodem as bombas no local em que as encontram. A casa de meu pai seria destruída. — O comerciante levantou o antebraço esquerdo. — Não posso ajudar a reconstruí-la, e meu pai é velho demais para cuidar disso sozinho. Vim até aqui para lhe perguntar como se pode remover a bomba.

— Veio ao lugar certo. Sabe há quanto tempo está lá?

— Meu pai diz que caiu no mesmo dia em que isto me aconteceu. — O comerciante tornou a gesticular com o braço mutilado.

— Então, com certeza, Alá sorriu para sua família nesse dia. E *que sorriso*, pensou o comerciante, acenando com a cabeça.

— Tem sido o nosso mais fiel amigo. Claro que podemos ajudá-lo. Tenho um homem muito eficiente no trabalho de desarmar e remover bombas israelenses... e ele ainda tira o que tem dentro, a fim de produzir bombas para nós. — Qati fez uma pausa, levantou um dedo em advertência. — Nunca deve repetir isso.

O visitante remexeu-se um pouco.

— Da minha parte, comandante, pode matar todos os que desejar, e se puder fazer isso de uma bomba que os porcos jogaram na horta de meu pai, vou orar por sua segurança e sucesso.

— Por favor, meu amigo, peço que me desculpe. Não tive a menor intenção de ofendê-lo. Mas devo dizer as coisas, e espero que compreenda.

A mensagem de Qati foi plenamente compreendida.

— Nunca vou traí-lo! — declarou o comerciante, veemente.

— Sei disso. — Era o momento de demonstrar fé no mar de camponeses. — Amanhã mandarei meu homem à casa de seu pai.  
*Insh'Alá.*

— Fico lhe devendo, comandante.

*Algum dia entre hoje e o ano-novo*, pensou o druso.

## 8

# O PROCESSO DE PANDORA

O Boeing 747 adaptado decolou da base aérea de Andrews pouco antes do pôr-do-sol. O presidente Fowler tivera um dia e meio de muito trabalho, com muitas reuniões e recebendo visitantes que não podia desmarcar. Teria dois dias ainda piores; até mesmo os presidentes são sujeitos aos caprichos da existência humana comum, e naquele caso a viagem de oito horas até Roma se somaria a uma diferença de seis horas nos fusos horários. O *jet lag* seria terrível. Fowler era um viajante bastante experiente para saber disso. A fim de atenuar um pouco o problema, ele alterara seu padrão de sono no dia anterior, e por isso sentia-se bastante cansado para dormir durante a maior parte da viagem. O VC-25A dispunha de todas as acomodações necessárias que a Boeing e a força aérea dos Estados Unidos podiam providenciar para tornar o vôo confortável. Um avião de vôo tranquilo, o VC-25A dispunha de uma suíte presidencial perto da proa. A cama — na verdade, um sofá conversível — era de bom tamanho, e o colchão fora escolhido de acordo com sua preferência pessoal. O aparelho era bastante grande para que houvesse uma separação adequada entre os jornalistas e o pessoal da administração — tinha cerca de sessenta e cinco metros de comprimento. A imprensa ficava isolada numa seção na popa. Enquanto seu secretário de imprensa lidava com os repórteres, Fowler podia desfrutar da companhia discreta de sua assessora de segurança nacional. Pete Connor e Helen D'Agustino trocaram um olhar que poderia parecer impassível a qualquer observador, mas que dizia muita coisa na fraternidade fechada do Serviço Secreto. O agente de segurança da força aérea destacado para guardar a porta limitou-se a olhar para a antepara, tentando disfarçar um sorriso.

— O que achou de nosso visitante, Ibrahim? — perguntou Qati.

— Ele é forte, destemido e muito esperto, mas não sei que uso poderíamos ter para ele — respondeu Ibrahim Ghosn, relatando em seguida a história do policial grego.

— Quebrou o pescoço?

Pelo menos o homem não era um vegetal... se é que o policial morreu, se não se tratava de um ardil dos americanos, gregos, israelenses, ou só Deus sabia quem.

— Como se fosse um graveto.

— Seus contatos na América?

— São poucos. Ele é procurado pela polícia nacional. Seu grupo, alega ele, matou três agentes, e o irmão foi recentemente emboscado e assassinado.

— Ele é ambicioso na escolha de inimigos. Sua educação?

— Deficiente, em termos formais, mas ele é inteligente.

— Habilidades?

— Poucas que sejam de proveito para nós.

— Mas ele é americano — ressaltou Qati. — Quantos assim já tivemos? Ghosn acenou com a cabeça.

— Tem razão, comandante.

— Há alguma possibilidade de que ele seja um infiltrador?

— Mínima, mas sempre devemos ser cautelosos.

— Veremos. Agora, tenho uma coisa que preciso que você faça. Qati explicou sobre a bomba.

— Outra? — Ghosn era um especialista no assunto, mas nunca se sentira atraído pelo trabalho. — Conheço o sítio... aquele velho idiota. Já sei, já sei que o filho lutou contra os israelenses, e que você gosta do mutilado.

— Esse mutilado salvou a vida de um camarada. Fazi teria sangrado até a morte, se ele não o abrigasse em sua pequena loja. Não precisava fazer. Era um momento em que os sírios estavam furiosos com a gente.

— Está bem. Não tenho mesmo nada para fazer pelo resto do dia. Vou precisar de um caminhão e alguns homens.

— Diz que esse novo amigo é forte. Leve-o com você.

— Como quiser, comandante.

— E tome cuidado.

— *Insh'Alá.*

Ghosn quase se formara na Universidade Americana de Beirute — e quase porque um dos seus professores fora seqüestrado, e dois outros aproveitaram o fato como um pretexto para deixar o país. Assim, Ghosn não obtivera as últimas nove horas de crédito de que precisava para ter o diploma de engenheiro. Não que realmente precisasse. Fora um dos primeiros da turma, e aprendera muito bem nos livros, sem ter de escutar as explicações dos professores. Passara bastante tempo em laboratórios de sua própria escolha. Ghosn nunca fora um soldado da linha de frente no movimento. Embora soubesse usar pequenas armas, sua habilidade com explosivos e artefatos eletrônicos era valiosa demais para se pôr em risco. Era também jovem na aparência, bonito, com a pele clara, e por isso viajava com freqüência. Uma espécie de batedor, costumava fazer o levantamento de locais de futuras operações, usando os olhos e a memória de engenheiro para desenhar mapas, determinar as necessidades em equipamentos, e proporcionar o apoio técnico para o pessoal de operações, que o tratava com muito mais respeito do que um forasteiro poderia imaginar. Não havia a menor dúvida quanto à sua coragem. Ele provara sua bravura mais de uma vez, desarmando bombas e granadas que não haviam explodido, deixadas pelos israelenses no Líbano, e depois reaproveitando os explosivos recuperados em suas próprias bombas. Ibrahim Ghosn teria sido um acréscimo acolhido com a maior satisfação em qualquer uma de uma dúzia de organizações profissionais, em qualquer parte do mundo. Um talentoso engenheiro, mesmo que autodidata, era também um palestino cuja família deixara Israel no momento da fundação do país, esperando confiante o retorno breve, assim que os exércitos árabes da época liquidassem os invasores, o que aconteceria depressa e com a maior facilidade. Mas essa feliz circunstância não se concretizara, e suas memórias de infância eram de acampamentos apinhados e insalubres, em que o ódio a Israel era um credo tão importante quanto o Islã. Não poderia ser de outra forma. Desdenhados pelos israelenses como as pessoas que voluntariamente deixaram seu país, ignorados pelas outras nações árabes que poderiam tornar suas vidas muito mais fáceis, Ghosn e



os outros em sua situação não passavam de meros peões num grande jogo, cujos participantes jamais concordavam sobre as regras. O ódio a Israel e seus aliados surgia com a mesma naturalidade com que se respirava, e encontrar meios de acabar com a vida de tal gente era a missão que ele tinha na vida. Nunca lhe ocorrera perguntar por quê.

Ghosn pegou as chaves de um caminhão GAZ-66, de fabricação tcheca. Não era confiável como um Mercedes, mas muito mais fácil de obter — neste caso, fora entregue à sua organização, através dos sírios, anos antes. Uma cobertura triangular fora construída sobre a traseira. Ghosn pôs o americano na cabine, junto com ele e o motorista. Dois homens seguiam na traseira, quando o caminhão deixou o acampamento.

Marvin Russell examinou o terreno com o interesse de um caçador em território novo. O calor era opressivo, mas não pior do que em Badlands quando soprava um vento forte no verão, e a vegetação — ou sua ausência — não era tão diferente da reserva de sua juventude. O que parecia para outros tão desolado, era apenas mais um lugar poeirento para um americano criado num lugar assim. Só que ali não havia as terríveis tempestades de areia — e os tornados que geravam — das Grandes Planícies americanas. As colinas eram também mais altas do que em Badlands. Russell nunca vira montanhas antes. Conheceu-as ali, altas, secas e bastante quentes para provocar a hesitação de um montanhista. Ou da maioria dos montanhistas, pensou Marvin Russell. Ele poderia escalá-las. Estava em boa forma física, muito melhor do que aqueles árabes.

Os árabes, por outro lado, pareciam ser crentes nas armas de fogo. Havia muitas, principalmente os AK-47s russos, mas ele logo avistou também canhões antiaéreos e as estranhas baterias de mísseis terra-ar, tanques e canhões de propulsão própria, pertencentes ao exército sírio. Ghosn notou o interesse de seu hóspede e começou a dar explicações.

— Estas armas se encontram aqui para manter os israelenses a distância — disse ele, dando a explicação de acordo com suas crenças.

— Seu país arma os israelenses, e os russos nos armam. — Ele não acrescentou que os fornecimentos russos eram cada vez mais escassos.

— Já foram atacados, Ibrahim?

— Muitas vezes, Marvin. Eles mandam seus aviões. Mandam seus comandos. Já mataram milhares do meu povo. Expulsaram-nos de nossa terra. Somos obrigados a viver em acampamentos que...

— Já sei como é. São chamados de reservas no lugar de onde venho. — Era algo que Ghosn não sabia. — Eles chegaram à nossa terra, a terra de nossos ancestrais, exterminaram o búfalo, mandaram seu exército, e nos massacraram. Atacavam principalmente os acampamentos com mulheres e crianças. Tentamos reagir. Matamos um regimento inteiro, sob o comando do general Custer, num lugar chamado Little Big Horn... é o nome de um rio... liderados por Cavalo Doido. Mas eles não pararam de chegar. Eram muitos, soldados demais, com armas demais, tomaram as nossas melhores terras, e nos deixaram na merda. Obrigaram-nos a viver como mendigos. Não, isso não é certo. Como animais, como se nem mesmo fôssemos pessoas, porque parecemos diferentes, falamos diferente, temos uma religião diferente. Fizeram tudo isso porque estávamos num lugar que eles queriam possuir, e trataram de nos expulsar, como se varressem o lixo.

— Eu não sabia disso — comentou Ghosn, espantado por descobrir que seu povo não era o único tratado assim pelos americanos e seus vassalos israelenses. — Quando isso aconteceu?

— Há um século. Começou, na verdade, por volta de 1865. Lutamos, fizemos o melhor que podíamos, mas nunca tivemos muita chance. Não tínhamos amigos, entende? Não tínhamos amigos como vocês têm. Ninguém nos deu armas e tanques. E por isso eles mataram os mais bravos. Encurralavam os líderes e os assassinavam... Cavalo Doido e Touro Sentado morreram assim. E depois nos cercaram e nos fizeram passar fome, até que tivemos de nos render. E nos deram lugares áridos para viver, mandavam comida apenas para nos manter vivos, mas não o suficiente para que ficássemos fortes. E quando alguns de nós tentaram reagir, tentaram ser homens... ora, já lhe contei o que fizeram com meu

irmão. Mataram-no numa emboscada, como se fosse um animal. E fizeram isso na presença da televisão, a fim de que as pessoas soubessem o que acontece quando um índio se torna homem de verdade.

O homem era mesmo um camarada, concluiu Ghosn. Não era um infiltrador, e sua história não era muito diferente da história de um palestino. Espantoso.

— Por que veio para cá, Marvin?

— Tinha de cair fora antes que me pegassem. Não me orgulho disso, mas o que mais podia fazer... deveria esperar até que me emboscassem? — Russell deu de ombros. — Achei que era melhor ir para algum lugar, encontrar pessoas como eu, talvez aprender algumas coisas, aprender como revidar, talvez ensinar meu povo a reagir. — Russell sacudiu a cabeça. — Talvez seja tudo inútil, mas não vou desistir... pode compreender isso?

— Claro que compreendo, meu amigo. Antes mesmo que eu nascesse, já era assim com meu povo. Mas você deve também compreender outra coisa: não é inútil. Enquanto você resistir e reagir, sempre haverá esperança. É por isso que eles o caçam... porque têm medo de você!

— Espero que esteja certo. — Russell olhou pela janela aberta e a areia ardeu em seus olhos, a onze mil quilômetros de sua terra. — Mas o que vamos fazer?

— Quando lutavam contra os americanos, como seus guerreiros conseguiam armas?

— Usávamos basicamente o que eles deixavam para trás.

— A mesma coisa acontece conosco, Marvin.

Fowler acordou no meio da travessia do Atlântico. Era algo sem precedentes, ele pensou. Nunca antes conseguira ter uma experiência assim num avião. Especulou se algum presidente americano já fizera isso, ou se fizera a caminho de uma visita ao papa, ou com sua assessora de segurança nacional. Ele olhou pelas janelas. Estava bastante claro para uma latitude tão ao norte — o avião se encontrava próximo da Groenlândia — e ele se perguntou por um momento se já era de manhã ou ainda noite. O que era

quase uma indagação metafísica a bordo de um avião, que mudava de hora muito mais depressa do que um relógio era capaz.

Sua missão também era metafísica. Aquilo seria lembrado. Fowler conhecia a história. Era algo singular. Jamais acontecera antes. Talvez fosse o início do processo, talvez fosse o fim, mas o que ele estava fazendo podia ser expressado com simplicidade. Ele poria um ponto final à guerra. O nome de J. Robert Fowler seria associado àquele tratado. Era uma iniciativa de sua administração presidencial. O discurso na ONU convocara as nações do mundo ao Vaticano. Seus subordinados conduziram as negociações. Seu nome seria o primeiro nos documentos do tratado. Suas forças armadas garantiriam a paz. Conquistara seu lugar na história. Era a imortalidade, do tipo que todos os homens queriam, mas poucos obtinham. Era de admirar que se sentisse tão excitado?, ele perguntou a si mesmo, de uma maneira objetiva.

O maior medo de um presidente desaparecera. Ele se fizera essa pergunta desde o primeiro momento, desde o primeiro pensamento fugaz de seu objetivo, quando ainda era um promotor, lutando contra o *capo* da família de Cleveland da Cosa Nostra — *se fosse o presidente, o que faria se tivesse de apertar o botão?* Seria capaz de fazê-lo? Poderia decidir que a segurança de seu país exigia as mortes de milhares — milhões — de outros seres humanos? Provavelmente não, ele refletiu. Era um homem bom demais para isso. Sua função era proteger o povo, mostrar-lhe o caminho, conduzi-lo por uma trilha benéfica. Era possível que nem sempre as pessoas compreendessem que ele estava certo e elas erradas, que sua visão era a correta, a lógica. Fowler sabia que era frio e isento nessas questões, mas estava sempre certo. Disso tinha certeza. Precisava ter certeza, de si mesmo e de suas motivações. Se alguma vez estivesse errado, ele sabia, sua convicção seria mera arrogância, e já enfrentara essa acusação muitas vezes. A única coisa de que não tinha certeza era sobre sua capacidade de enfrentar uma guerra nuclear.

Mas esse problema não mais existia, não é mesmo? Embora ele nunca admitisse publicamente, Reagan e Bush haviam acabado com esse risco, forçando os soviéticos a encararem suas próprias

contradições, e no processo mudarem seus rumos. E tudo acontecera em paz, porque os homens eram de fato mais lógicos do que os animais. Continuaría a haver pontos críticos, mas não escapariam ao controle, enquanto ele continuasse a trabalhar direito... e a viagem que fazia agora acabaria com o problema mais perigoso que restava no mundo, um problema que nenhuma administração recente conseguira resolver. O que Nixon e Kissinger não haviam conseguido, o que desafiara os ingentes esforços de Carter, as tentativas sem muito empenho de Reagan, e as manobras bem-intencionadas de Bush e de seu próprio antecessor, aquilo em que todos haviam fracassado, Bob Fowler realizara. Era um pensamento com que podia se deleitar. Não apenas encontraria seu lugar nos livros de história, mas também faria com que se tornasse muito mais fácil a condução do resto de seu mandato. Também sacramentaria seu segundo mandato, com uma maioria de quarenta e cinco estados, um sólido controle do Congresso, garantindo o resto de seus extensos programas sociais. Com realizações históricas como aquela, adquiria-se o prestígio internacional e uma imensa influência interna. Era o poder do melhor tipo, conquistado da melhor maneira, da espécie de que se poderia tirar o melhor proveito possível. Com o golpe de uma caneta — várias canetas, na verdade, pois era esse o costume — Fowler tornava-se grande, um gigante entre os homens de bem, um homem de bem entre os poderosos. Não mais de uma vez em cada geração um homem sozinho alcançava um momento assim. Talvez apenas um em cada século. E ninguém podia tirar.

O avião viajava a treze mil metros de altitude, deslocando-se a uma velocidade de seiscentos e trinta e três nós. A posição de sua cabine lhe permitia olhar para a frente, como um presidente deveria fazer, e para baixo, contemplando um mundo cujos problemas ele administrava tão bem. A viagem era tranqüila, e Bob Fowler ia fazer história. Ele olhou para Elizabeth, deitada de costas, a mão direita levantada em torno da cabeça, as cobertas baixadas até a cintura, deixando à mostra os seios adoráveis. Enquanto a maioria dos outros passageiros se remexia em suas poltronas, tentando dormir um pouco, Fowler olhava. Não queria dormir agora. Nunca se sentira

mais como um homem, um grande homem, sem dúvida, mas naquele momento apenas um homem. Ele passou a mão pelos seios de Elizabeth. Ela arregalou os olhos e sorriu, como se em seus sonhos tivesse lido os pensamentos do presidente.

*Igualzinho à minha terra*, pensou Russell. A casa era feita de pedra, em vez de tijolos, e o telhado era plano, em vez de inclinado, mas a poeira era a mesma, assim como a horta, pequena e patética. E o homem poderia muito bem ser um sioux, pelo cansaço em seus olhos, as costas encurvadas, as mãos velhas e encarquilhadas, de alguém derrotado pelos outros.

— Deve ser este o lugar — murmurou ele, enquanto o caminhão diminuía a velocidade.

— O filho do velho lutou contra os israelenses, foi gravemente ferido. Os dois são nossos amigos.

— E é preciso sempre ajudar os amigos — concordou Marvin.

O caminhão parou, e Russell teve de descer primeiro, para que Ghosn pudesse sair.

— Venha comigo. Vou apresentá-lo.

Foi surpreendentemente formal para o americano. Ele não entendeu uma só palavra, é claro, mas nem precisava. O respeito de seu amigo Ghosn pelo velho era uma coisa boa de se ver. Depois de algumas frases, o camponês olhou para Russell e inclinou a cabeça, o que deixou o americano embaraçado. Marvin pegou sua mão, gentilmente, sacudiu a à maneira de seu povo, murmurando palavras que Ghosn traduziu. Em seguida, o camponês conduziu-os à horta.

— Mas o que é isso? — indagou Marvin, ao ver a bomba.

— Uma Mark 84 americana, uma bomba de uma tonelada, ao que parece — respondeu Ghosn, calmamente.

No instante seguinte, porém, ele compreendeu que estava errado... o nariz não combinava... é verdade que se encontrava achatado e distorcido... mas mesmo assim era muito estranho... Ele agradeceu ao camponês, e acenou para que voltassem ao caminhão.

— Primeiro, precisamos desenterrá-la. Com todo o cuidado... com o maior cuidado.

— Posso cuidar disso — assegurou Russell.

Ele foi até o caminhão e escolheu uma pá dobrável, feita especialmente para os militares.

— Temos pessoas...

O americano não deixou Ghosn continuar.

— Deixe-me fazer o trabalho. Terei todo o cuidado.

— Não toque nela. Use a pá para escavar ao redor, mas use as mãos para remover a terra de cima da bomba. Estou avisando, Marvin, é muito perigoso.

— Então é melhor você se afastar.

Russell virou-se, sorrindo. Tinha de mostrar àquele homem que era corajoso. Matar o tira fora fácil, não constituía um desafio. Agora era diferente.

— E deixar meu camarada em perigo? — indagou Ghosn, retórico. Ele sabia que era essa a atitude inteligente, o que teria feito se seu próprio pessoal efetuasse a escavação, porque seus conhecimentos eram valiosos demais para serem arriscados de uma forma estúpida; mas não podia demonstrar fraqueza na presença do americano, não é mesmo? Além do mais, teria a oportunidade de observar se o homem era mesmo tão corajoso quanto parecia.

Ghosn não ficou desapontado. Russell tirou a camisa e ficou de joelhos para escavar em torno da periferia da bomba. Tomou cuidado até para não estragar a horta, muito mais do que os homens de Ghosn teriam feito. Levou quase uma hora para escavar uma cova rasa em torno do artefato, empilhando a terra em quatro montes meticulosos. Ghosn já sabia que havia algo estranho ali. Não era uma Mark 84. Tinha mais ou menos o mesmo tamanho, mas o formato era diferente, e o invólucro da bomba era... era esquisito. A Mark 84 era envolta por aço fundido, que se transformava, quando o explosivo detonava, em um milhão de fragmentos afiados como navalha, para dilacerar todos os homens em seu raio de ação. Mas não aquela bomba. Em dois lugares visíveis, o invólucro rompera, e dava para se perceber que não era bastante espesso para aquele tipo de bomba. O que seria então?

Russell adiantou-se e usou as mãos para remover a terra da superfície da bomba. Era cuidadoso e meticuloso. O americano

suava muito, mas não reduziu seus esforços em momento algum. Os músculos nos braços ondulavam, e Ghosn admirou-o por isso. O homem possuía uma força física como ele nunca vira. Nem mesmo os pára-quedistas israelenses pareciam tão formidáveis. Ele escavou duas ou três toneladas de terra, e apesar disso o esforço mal transparecia, os movimentos eram firmes e vigorosos, como uma máquina.

— Pare um pouco — pediu Ghosn. — Preciso pegar minhas ferramentas.

— Está bem — respondeu Russell, sentando, a olhar fixamente para a bomba.

Ghosn voltou com uma mochila e um cantil, que entregou ao americano.

— Obrigado, cara. Está um pouco quente aqui. — Russell bebeu meio litro de água. — E agora?

Ghosn tirou um pincel da mochila, começou a limpar a terra que ainda estava grudada na bomba.

— Você deve se afastar agora — advertiu ele.

— Tudo bem, Ibrahim. Eu ficarei, se você não se importa.

— Esta é a parte perigosa.

— Você ficou comigo — lembrou Russell.

— Como quiser. Estou agora procurando pelo detonador.

— Não fica na frente?

— Não. Geralmente há um na frente... parece estar faltando, pois ali só tem uma tampa de atarraxar... um no meio, e outro atrás.

— Por que não tem barbatanas? — indagou Russell. — As bombas não têm sempre barbatanas, como uma flecha?

— Devem ter caído quando a bomba bateu no solo. Muitas vezes encontramos bombas assim, porque as barbatanas se desprenderam e foram arremessadas para longe.

— Quer que eu descubra a parte posterior?

— Com cuidado, Marvin, muito cuidado. Por favor.

— Certo.

Russell contornou o amigo, e recomeçou a remover a terra, na parte posterior da bomba. Notou que Ghosn era um sacana frio. Marvin sentia-se apavorado como nunca antes, tão perto de uma



tremenda carga de explosivos, mas não podia e não deixaria transparecer qualquer coisa que se parecesse com medo. Ibrahim podia ser um homem insignificante, de pescoço fino, mas tinha muita coragem, mexendo com uma bomba daquele jeito. Ele percebeu que Ghosn removia a terra como se usasse o pincel nos peitos de uma mulher, e também assumiu uma cautela similar em seu trabalho. Dez minutos depois, ele descobrira a parte posterior da bomba.

— Ibrahim...

— O que é, Marvin? — indagou Ghosn, sem olhar.

— Não há nada aqui atrás. Só tem um buraco.

Ghosn levantou o pincel e virou-se para olhar. Era muito estranho. Mas ele tinha outras coisas para fazer.

— Obrigado. Pode parar agora. Ainda não encontrei um detonador. Russell recuou, sentou num monte de terra, esvaziou o resto do cantil.

Pensou um pouco, e seguiu até o caminhão. Os três homens estavam parados ali, junto com o camponês — o camponês observando ao lado da casa, os outros se abrigando por detrás do muro de pedra. Russell jogou o cantil vazio para um homem, que lhe entregou outro cheio, da mesma forma. Ele fez o sinal de polegar levantado para todos, e voltou para junto da bomba.

— Recue um pouco e tome um gole d'água — sugeriu Marvin.

— Boa idéia — concordou Ghosn, largando o pincel ao lado da bomba.

— Já descobriu alguma coisa?

— Um plugue de ligação, nada mais.

O que também era muito estranho, pensou Ghosn, abrindo o cantil. Não havia marcas gravadas por fora da bomba, apenas uma etiqueta em listras prateadas e vermelhas, perto do nariz. Os códigos de cores eram comuns nas bombas, mas ele nunca vira aquele antes. Afinal, o que era aquela coisa? Talvez uma FAE ou alguma coisa diferente? Algo antigo e obsoleto, diferente de tudo o que já encontrara. Não podia esquecer que caíra em 1973. Talvez algo que há muito saíra de serviço. O que podia ser terrível. Se fosse algo que nunca vira antes, podia ter um sistema de detonação que

ele não conhecia. Seu manual para lidar com aquelas coisas era de origem russa, embora escrito em árabe. Ghosn há muito que o gravara na memória, mas não havia nenhuma descrição de qualquer coisa assim. O que era assustador. Ghosn tomou um gole comprido do cantil, depois despejou um pouco de água no rosto.

— Procure se acalmar, cara — murmurou Russell, percebendo a tensão do árabe.

— Este trabalho nunca é fácil, meu amigo, e é sempre assustador.

— Você parecia muito frio, Ibrahim.

Não era uma mentira. Enquanto removia a terra, ele parecia quase um médico, fazendo algo muito difícil, refletiu Russell, mas fazendo assim mesmo. O sacana tinha muita coragem, pensou Russell de novo. Ghosn virou-se para ele e sorriu.

— Tudo isso não passa de mentira. A verdade é que estou apavorado. Detesto fazer esse trabalho.

— Você tem muito colhão, cara, e não é sacanagem.

— Obrigado. Agora devo voltar ao trabalho, enquanto ainda posso. E você deve se afastar.

Russell cuspiu na terra.

— Não fode.

— Com "ela", seria muito difícil. — Ghosn sorriu. — E se obtiver alguma reação, pode não gostar.

— Acho que quando essas sacanas gozam, a terra treme de verdade! Ghosn conhecia bastante o idioma americano para recuar e desatar na gargalhada.

— Por favor, Marvin, não diga coisas assim quando, eu estiver trabalhando! *Gosto desse cara!*, disse Ghosn a si mesmo. *Nos somos muito sérios, não temos humor. Gosto muito desse americano!* Ele teve de esperar alguns minutos, antes de se acalmar o suficiente para retomar o trabalho.

Outra hora a limpar a terra nada revelou. Havia soldas na bomba, até uma espécie de escotilha... algo que nunca vira antes. Mas nenhum detonador. Se houvesse algum, só podia estar por baixo. Russell removera mais terra, permitindo que Ghosn

continuasse em sua busca, mas ainda assim nada foi encontrado. Ele decidiu examinar a parte posterior.

— Há uma lanterna na mochila...

— Certo.

Russell pegou a lanterna e entregou-a. Ghosn deitou no chão, contorceu-se para olhar pelo buraco. Estava escuro, ele acendeu a lanterna... Avistou fiação elétrica, e algo mais, alguma espécie de estrutura de metal... como se fosse uma treliça. Calculou que podia ver por uns oitenta centímetros... e se aquilo fosse uma bomba de verdade, não haveria tanto espaço vazio. Portanto... Ghosn jogou a lanterna para o americano.

— Acabamos de desperdiçar cinco horas — anunciou ele.

— Como assim?

— Não sei o que é esta coisa, mas não é uma bomba.

Ele sentou e teve um breve ataque de tremedeira, que não durou muito.

— O que é então?

— Algum tipo de artefato eletrônico, talvez um sistema de alerta. Pode ser também um foguete para transmissão de imagens... com a lente montada por baixo. Mas isso não importa. O que interessa é que não se trata de uma bomba.

— E o que fazemos agora?

— Vamos levar essa coisa. Pode ser valiosa. Talvez algo que poderemos vender aos russos ou sírios.

— Quer dizer que o velho se preocupou por nada?

— Isso mesmo.

Ghosn se levantou e os dois foram para o caminhão.

— Está tudo seguro agora — assegurou Ghosn ao camponês. Era melhor dizer o que ele queria saber. Por que confundi-lo com os fatos? O camponês beijou as mãos sujas de terra de Ghosn, e também as do americano, o que deixou Russell ainda mais embaraçado.

O motorista fez a volta com o caminhão, entrou na horta de ré, tomando cuidado para só danificar canteiros de legumes o mínimo necessário. Russell observou os dois homens encherem meia dúzia de sacos com areia, ajeitando-os no caminhão. Em seguida, eles

ajeitaram uma tipóia em torno da bomba, começaram a levantá-la com um guincho. A bomba — ou o que quer que fosse — era mais pesada do que se imaginara, e Russell teve de dar uma ajuda, demonstrando mais uma vez sua força, ao içá-la sozinho. Os árabes baixaram a bomba para o ninho de sacos de areia. Prenderam-na no lugar com algumas cordas, e estava tudo pronto.

O camponês não quis deixá-los partir. Serviu chá e pão, insistindo em alimentar os homens, antes que fossem embora. Ghosn aceitou a hospitalidade do velho com a humildade apropriada. Quatro cordeiros foram acrescentados à carga do caminhão antes de partirem.

— Foi uma coisa boa o que você fez — comentou Russell.

— Talvez — murmurou Ghosn, cansado.

A tensão era muito mais extenuante do que o trabalho propriamente dito, embora o americano parecesse absorver muito bem as duas coisas. Duas horas depois eles estavam de volta ao vale de Bekaa. A bomba — Ghosn não sabia de que outro jeito chamar — foi largada de qualquer maneira na frente da oficina, e o grupo de cinco homens foi se banquetear com um cordeiro. Para surpresa de Ghosn, o americano jamais comera cordeiro antes, e foi devidamente apresentado à tradicional iguaria árabe.

— Tenho uma coisa interessante, Bill — anunciou Murray, entrando na sala do diretor.

— O que é, Danny? — indagou Shaw, levantando os olhos de sua agenda.

— Um policial foi assassinado em Atenas, e eles acham que o responsável é um americano.

Murray transmitiu a Shaw os detalhes técnicos.

— Quebrou o pescoço do homem com as próprias mãos? — perguntou Bill.

— Isso mesmo. E verdade que o policial era bem pequeno, mas mesmo assim...

— Deixe-me dar uma olhada.

Murray entregou a fotografia, e Shaw indagou:

— Conhecemos esse sujeito, Danny? Não é a melhor fotografia do mundo.

— Al Denton acha que pode ser Marvin Russell. Ele está usando o computador no *slide* original. Não havia impressões digitais, nem qualquer outro material com que o laboratório pudesse trabalhar. O carro foi registrado em nome de uma terceira pessoa, que desapareceu, provavelmente nunca existiu. O motorista é desconhecido. Seja como for, combina com a descrição de Russell, baixo e forte, os malares e a tonalidade da pele parecem indicar um índio. Não resta a menor dúvida de que as roupas são americanas. Assim como a mala.

— Então acha que ele deixou o país depois que pegamos seu irmão... um movimento esperto. Ele era o mais inteligente dos dois, não era?

— Bastante inteligente para se ligar a um árabe.

— Acha mesmo? — Shaw examinou o outro rosto na fotografia.

— Pode ser grego, ou qualquer mediterrâneo. A pele é um pouco clara para um árabe, mas o rosto é comum, e você disse que era desconhecido. Já investigou, Dan?

— Já, sim. — Murray acenou com a cabeça. — Verifiquei no arquivo. Um informante confidencial nos contou que Marvin fez uma viagem ao leste há alguns anos, e teve contatos com a FPLP. Atenas é um lugar conveniente para renovar a associação. Terreno neutro.

— E também um bom lugar para se acertar uma operação de tráfico de drogas — sugeriu Shaw. — Quais são as últimas informações a respeito do Irmão Marvin?

— Não há muita coisa. Nosso melhor informante por lá voltou à prisão... teve uma briga com dois guardas da reserva e levou a pior.

Shaw soltou um grunhido. O problema com os informantes confidenciais era o fato de a maioria ser de criminosos, que faziam coisas ilegais e passavam temporadas regulares na cadeia. O que ao mesmo tempo determinava sua confiabilidade e os tornava temporariamente inúteis. Mas eram essas as regras do jogo.

— Muito bem — disse o diretor do FBI. — Você quer fazer alguma coisa. O que é?

— Com uma pequena pressão, podemos soltar o informante, pelas regras de bom comportamento, e levá-lo de volta à Sociedade dos Guerreiros. Se for uma conexão terrorista, é melhor começarmos a investigar logo. A mesma coisa se for uma operação de drogas. A Interpol já informou que não tem nenhum registro do motorista. Seu rosto não consta dos arquivos por conexões com o terrorismo ou o tráfico de drogas. Os gregos também chegaram a um beco sem saída. As informações sobre o carro não levaram a parte alguma. Eles só têm um sargento morto, e dois rostos sem nomes. Enviar a foto para nós foi a última tentativa. Acharam que era um americano...

— Hotel? — indagou o diretor, sempre um investigador.

— Eles já o identificaram... isto é, sabem que são dois, lado a lado, e que é um deles. Dez pessoas com passaportes americanos saíram naquele dia, mas ambos são hotéis pequenos, com muita gente entrando e saindo, não descobriram nada útil para propósitos de identificação. O pessoal do hotel é muito esquecido. Esse tipo de lugar. E quem pode garantir que nosso amigo esteve lá? Os gregos querem que investiguemos os nomes nos registros dos hotéis.

Bill Shaw devolveu a foto.

— Isso é muito simples. Pode verificar.

— Já está sendo feito.

— Vamos presumir que esses dois tiveram alguma coisa a ver com o assassinato. Muito bem, é preciso seguir seu melhor palpite. Comunique à procuradoria-geral que nosso informante pagou sua dívida com a sociedade. Já está na hora de acabarmos com esses "guerreiros" de uma vez por todas.

Shaw se destacara no contraterrorismo, e essa classe de criminosos ainda era o seu maior ódio.

— Usarei a conexão de drogas no caso. Devemos soltá-lo dentro de duas semanas, mais ou menos.

— Certo, Dan.

— Quando o presidente viaja para Roma?

— Muito em breve. Uma coisa sensacional, não acha?

— Claro que sim. Seria bom que Kenny procurasse logo outro trabalho. A paz está próxima.

Shaw sorriu.

— Quem poderia imaginar? Mas sempre podemos lhe arrumar um emblema e um revólver, para que ele possa ganhar a vida honestamente.

A segurança presidencial era completada com o vôo discreto de quatro caças Tomcat da marinha, que seguiam o VC-25A a uma distância de oito quilômetros, enquanto um avião de vigilância de radar cuidava para que nada se aproximasse do Força Aérea Um. O tráfego comercial normal fora afastado, e o aeroporto militar para pouso fora meticulosamente vasculhado. A limusine blindada do presidente já esperava na pista, trazida poucas horas antes por um C-141B da força aérea, e havia soldados e policiais italianos em quantidade suficiente para desencorajar um regimento de terroristas. O presidente Fowler saiu de seu banheiro particular barbeado e lavado, com um rosto viçoso, a gravata com um nó impecável, oferecendo o sorriso mais jovial que Pete e Daga já tinham visto. *Não podia ser de outra forma*, pensou Connor. Ele não tinha preocupações moralistas como D'Agustino. O presidente era um homem, um homem solitário, como a maioria dos presidentes... e ainda mais pela perda da esposa. Elliot podia ser uma sacana arrogante, mas ninguém podia negar que era atraente, e se era isso o que se precisava para atenuar a pressão e tensão do cargo, então tudo bem. O presidente precisava relaxar, caso contrário seus deveres o consumiriam — como já acontecera com outros — e isso seria péssimo para o país. Enquanto Hawk não violasse nenhuma lei importante, Connor e D'Agustino protegeriam sua privacidade e seus prazeres. Pete compreendia. Daga apenas desejava que ele tivesse melhor gosto. E. E. deixara os aposentos pouco antes, e vestira uma roupa bastante elegante. Ela foi se juntar ao presidente à mesa de refeições, para café e pão antes do pouso. Era inegável que se tratava de uma mulher atraente, em particular naquela manhã. Talvez, pensou a agente especial Helen D'Agustino, ela fosse uma boa trepada. Sem dúvida ela e o presidente eram as pessoas mais descansadas no avião. Os nojentos da imprensa — o Serviço Secreto tem uma aversão institucional aos repórteres — haviam se

contorcido em suas poltronas durante todo o vôo, e pareciam amarfanhados, apesar das expressões animadas. A pessoa mais angustiada era a redatora do presidente, que trabalhara durante toda a noite, fazendo pausas apenas para o café, até que finalmente entregara o discurso a Arnie van Damm, vinte minutos antes do pouso. Fowler deu uma olhada, enquanto tomava café, e adorou.

— Callie, está maravilhoso!

O presidente lançou um olhar radiante para sua exausta redatora, que possuía a elegância literária de uma poeta. Fowler espantou a todos os presentes ao abraçar a jovem — que ainda tinha vinte e poucos anos —, o que trouxe lágrimas aos olhos de Callie Weston.

— Trate de descansar e se divertir em Roma — acrescentou Fowler.

— Será um prazer, senhor presidente.

O avião parou no lugar designado. A escada móvel foi instalada no mesmo instante. Um tapete vermelho foi desenrolado, descendo a escada, até o tapete mais comprido, que levava ao pódio. O presidente e o primeiro-ministro da Itália foram para seus lugares determinados, junto com o embaixador americano e os habituais seguidores, inclusive o exausto pessoal do cerimonial, que tivera de planejar aquela cerimônia literalmente no ar. A porta do avião foi aberta por um sargento da força aérea, os agentes do Serviço Secreto olharam para fora, desconfiados, à procura de qualquer sinal de problemas, trocaram olhares com os agentes da equipe que viera na frente. Quando o presidente apareceu, a banda da força aérea italiana tocou a fanfarra de chegada, diferente da música tradicional americana, *Ruffles and Flourishes*.

O presidente desceu os degraus sozinho, indo da realidade para a imortalidade, refletiu ele. Os repórteres notaram que seus passos eram elásticos e relaxados, e invejaram-no pelos alojamentos confortáveis, em que podia dormir numa solidão suntuosa. O sono era a única cura certa para o *jet kg*, e era evidente que o presidente tivera um vôo repousante. O terno de Brooks Brothers acabara de ser passado — o Força Aérea Um atendia a todas as necessidades —, os sapatos faiscavam, todo ele estava impecável, a própria



perfeição. Fowler aproximou-se do embaixador americano e de sua esposa, que o conduziram ao presidente italiano. A banda tocou *The Star-Spangled Banner*. Em seguida foi realizada a tradicional revista das tropas, e um breve discurso de chegada, que apenas insinuou a eloquência que em breve se seguiria. No total, vinte minutos transcorreram antes que o presidente embarcasse em seu carro, junto com o embaixador, a dra. Elliot, e seus seguranças pessoais.

— É a primeira que gostei — comentou Fowler, avaliando a cerimônia. Todos concordaram que os italianos haviam conduzido a cerimônia com a maior elegância.

— Elizabeth, quero que você me acompanhe. Há alguns aspectos do acordo que preciso repassar. Também quero falar com Brent. Virando-se para o embaixador, Fowler acrescentou: — Como ele está?

— Exausto, mas muito satisfeito — respondeu o embaixador Coates. — A última sessão das negociações prolongou-se por mais de vinte horas.

— O que a imprensa local está dizendo? — perguntou E. E.

— Todos estão eufóricos. Este é um grande dia para o mundo inteiro. *Está acontecendo em minha área, serei uma testemunha!*, pensou Jed Coates.

*Não é com frequência que se vê a história sendo feita.*

— Foi ótimo.

O Centro Nacional de Comando Militar — CNCM — fica localizado no Círculo D do Pentágono, perto da Entrada do Rio. Uma das poucas instalações do governo que parecem de fato com sua interpretação de Hollywood, é uma arena mais ou menos do tamanho e proporções de uma quadra de basquete, com uma altura de dois andares. O CNCM é, em suma, a central telefônica das forças armadas dos Estados Unidos. Não é a única — a alternativa mais próxima é o forte Ritchie, nas colinas de Maryland —, já que sua destruição seria muito fácil, mas é a de localização mais conveniente. É uma escala regular para VIPs que querem conhecer as partes mais atraentes do Pentágono, para grande irritação da equipe, para a qual é apenas o lugar em que trabalha.

Ao lado do CNCM há uma sala menor, em que se pode ver um conjunto de computadores pessoais IBM PC/AT — antigos, com disquetes de 5,25 polegadas — que constituem a Linha Quente, o elo de comunicação direta entre os presidentes americano e soviético. O "nódulo" do CNCM para essa ligação não era o único, mas era o primeiro. Esse fato não era muito conhecido nos Estados Unidos, mas fora deliberadamente comunicado aos soviéticos. Alguma forma de comunicação direta entre os dois países seria necessária mesmo durante uma guerra nuclear, e deixar os soviéticos saberem que a única conexão prontamente disponível se encontrava ali poderia servir, alguns *experts* haviam concluído três décadas antes, como uma apólice de seguro de vida para a área.

Tudo isso não passava de besteira, gerada pelos teóricos, na opinião do comandante James Rosselli, da marinha americana. O fato de ninguém questionar a sério era outro exemplo da bosta que cobria e fedia em Washington, em geral, e no Pentágono, em particular. Com todos os absurdos que ocorriam dentro dos limites da Interestadual 495, a rodovia de contorno de Washington, era apenas mais uma coisa aceita como evangelho, apesar de não fazer o menor sentido. Para "Rosey" Rosselli, Washington, D.C., era uma área de oitocentos quilômetros quadrados cercada pela realidade. Ele tinha dúvidas se as leis da física se aplicavam ali. Há muito que desistira de procurar as leis da lógica.

*Serviço conjunto*, resmungou Rosey para si mesmo. O mais recente esforço do Congresso para reformular as forças armadas — algo que o Congresso parecia totalmente incapaz de fazer em relação a si mesmo, pensava Rosey — fora a determinação de que todos os oficiais que aspiravam às patentes mais altas — e quem não aspirava? deveriam passar algum tempo em estreita associação com seus equivalentes nas outras armas. Ninguém jamais esclarecera a Rosselli como a companhia de um oficial de artilharia de campanha poderia convertê-lo num melhor comandante de submarino, mas também os outros não especulavam a respeito. Era simplesmente aceito como um artigo de fé que a convivência era boa para alguma coisa, e por isso os melhores e mais brilhantes oficiais eram afastados de suas especializações profissionais e

lançados em coisas que ignoravam por completo. Não que aprendessem suas novas funções, mas podiam saber o suficiente para serem perigosos, além de gastarem uma verba considerável no processo. Era essa a noção do Congresso de reformulação das forças armadas.

— Café, comandante? — perguntou um cabo do exército.

— Desde que seja descafeinado — respondeu Rosey. *Se minha disposição piorar ainda mais, posso começar a agredir as pessoas.*

O trabalho ali servia para projetar a carreira. Rosselli sabia disso, e também sabia que se encontrava ali em parte por sua própria culpa. Era um oficial de submarinos, mas também já servira no serviço secreto da marinha. Passara algum tempo no centro de informações da marinha, em Suitland, Maryland, perto da base Andrews da força aérea. Pelo menos agora tinha um percurso melhor — conseguira alojamentos oficiais na base Boiling da força aérea, e a viagem até o Pentágono era relativamente fácil, pela Interestadual 295/395, até sua vaga reservada no estacionamento, outra vantagem do serviço no CNCM, e pela qual valia a pena derramar sangue.

Houvera uma época em que o serviço ali fora relativamente emocionante. Rosselli ainda se lembrava da ocasião em que os soviéticos haviam derrubado o 747 coreano cheio de passageiros e outros incidentes. Devia ter sido maravilhosamente caótico durante a guerra do Iraque... isto é, quando o oficial de vigia não estava respondendo a intermináveis indagações sobre "o que está acontecendo?", a qualquer um que descobrisse a linha direta. E agora?

Agora, ele olhava para o aparelho de tevê em sua mesa, enquanto o presidente se preparava para desativar a maior bomba diplomática que ainda restava no mundo. Não demoraria muito para que o trabalho de Rosselli envolvesse basicamente os avisos de colisões no mar, acidentes de avião, ou a história de algum soldado estúpido que se deixara atropelar por um tanque. Eram problemas graves, mas não questões de grande interesse profissional. E ali estava ele. Já concluía todo o seu trabalho burocrático. Jim Rosselli era competente nisso — aprendera a despachar papéis na marinha,

e ali contava com uma equipe magnífica para ajudá-lo — e pelo resto do dia ficaria sentado, à espera de que acontecesse alguma coisa. O problema era que Rosselli sempre fora um homem que fazia coisas, não alguém que se limitasse a esperar... e quem queria que ocorresse um desastre?

— Vai ser um dia tranqüilo.

O comentário foi do subcomandante de Rosselli, um piloto de F-15 da força aérea, o tenente-coronel Richard Barnes.

— Acho que tem razão, Rocky.

*Justamente o que eu queria ouvir!* Rosselli consultou o relógio. O turno era de doze horas, ainda faltavam cinco para acabar.

— Vai ser um mundo bastante tranqüilo.

— Não acredito.

Barnes olhou para a tela. *Bom, pelo menos derrubei meus dois MiGs sobre o golfo Pérsico. Não foi uma perda de tempo total.*

Rosselli levantou-se e decidiu fazer uma ronda. Os oficiais de plantão acharam que era para verificar o que faziam, certificar-se de que não estavam ociosos. Um alto funcionário civil continuou, ostensivamente, a fazer as palavras cruzadas do Post. Era o seu intervalo para o "almoço" e preferia comer ali, em vez de ir a uma das lanchonetes vazias. Pelo menos ali podia ficar assistindo à tevê. Rosselli resolveu desviar-se para a esquerda, foi até a sala da Linha Quente, onde teve um pouco de sorte, para variar. Uma mensagem foi anunciada por uma campainha. A mensagem recebida parecia uma confusão de palavras desconexas, mas a máquina de decodificação converteu-a no texto russo mais claro, que um fuzileiro traduziu:

*Então você pensa que conhece o verdadeiro significado do medo?*

*Você pode pensar que conhece, mas eu duvido.*

*Quando senta num abrigo, com bombas caindo por cima,*

*E as casas ao seu redor ardem como tochas,*

*Concordo que experimenta horror e medo,*

*Pois momentos assim são terríveis, enquanto duram.*

*Mas soa o aviso de que o perigo passou,*

*E você respira fundo, a angústia desaparece.  
Mas o medo real é uma pedra no fundo de seu peito.  
Entende agora? Uma pedra. Apenas isso, nada mais*

— Ilya Selvinski — informou o tenente dos fuzileiros.

— Como?

— Ilya Selvinski, poeta russo, escreveu poemas famosos durante a Segunda Guerra Mundial. Conheço esse, o título é *Sprakh*, "Medo". É muito bom. — O jovem oficial sorriu. — Meu equivalente no outro lado é bastante literário. Por isso...

TRANSMISSÃO RECEBIDA, bateu o tenente. O RESTO DO POEMA É AINDA MELHOR, ALEKSEI. AGUARDE RESPOSTA.

— O que você manda em resposta? — perguntou Rosselli.

— Hoje... talvez alguma coisa de Emily Dickinson. Era uma sacana mórbida, sempre falando da morte e coisas assim. Não, melhor ainda... Edgar Allan Poe. Gostam muito dele por lá. Hum, o quê...?

O tenente abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou um livro.

— Não prepara com antecedência? — indagou Rosselli. O fuzileiro sorriu para seu chefe.

— Não, senhor. Seria trapacear. Costumávamos fazer assim, mas mudamos as regras há cerca de dois anos, quando as coisas se acalmaram. Agora, é uma espécie de jogo. Ele manda um poema, e eu tenho de responder com versos correspondentes de um poeta americano. Ajuda a passar o tempo, Comandante, e é bom para desenvolver ainda mais o conhecimento da língua, nos dois lados. Traduzir poesia não é brincadeira... um bom exercício.

O lado soviético transmitia suas mensagens em russo, e o americano em inglês, o que exigia tradutores habilitados nos dois terminais.

— Há muitas mensagens de verdade?

— Nunca vi muita coisa além das mensagens de teste, comandante. Às vezes conferimos os boletins meteorológicos quando o secretário de Estado voa até lá. Já conversamos até sobre hóquei, quando a seleção nacional deles veio jogar aqui, em agosto passado, mas em geral é a coisa mais insípida do mundo, e é por

isso que trocamos poemas. De outro modo, há muito que já teríamos pirado. É uma pena que não possamos conversar sobre outras coisas, mas regras são regras.

— Tem razão. Eles disseram alguma coisa sobre o tratado em Roma?

— Nem uma palavra. Não entramos nesses assuntos, senhor.

— Entendo...

Rosselli observou o tenente escolher uma estrofe de "Annabel Lee". Ficou surpreso. Esperava alguma coisa de "O Corvo". *Nunca mais...*

O dia da chegada foi de descanso e cerimônia... e mistério. Os termos do tratado ainda não haviam vazado, e as agências noticiosas, sabendo que algo "histórico" acontecera, estavam frenéticas para descobrir o que exatamente. Tudo em vão. Os chefes de Estado de Israel, Arábia Saudita, Suíça, União Soviética, Estados Unidos da América, e do país anfitrião, Itália, acomodaram-se em torno de uma mesa magnífica do século 15, junto com seus principais diplomatas e representantes do Vaticano e da Igreja Ortodoxa Oriental. Em deferência aos sauditas, os brindes foram feitos com água ou suco de laranja, o que foi a única nota discordante da noite. Andrei Il'ych Narmonov, o presidente soviético, estava particularmente efusivo. A participação de seu país no tratado era uma questão de grande importância, e a inclusão da Igreja Ortodoxa Russa na Comissão para os Santuários Cristãos teria um grande impacto político em Moscou. O jantar prolongou-se por três horas. Os participantes se despediram à vista das câmeras no outro lado da avenida, e mais uma vez os jornalistas ficaram impressionados com o clima de camaradagem. Joviais, Fowler e Narmonov seguiram juntos para o hotel do primeiro, e aproveitaram pela segunda vez a oportunidade para discutir assuntos de interesse bilateral.

— Vocês estão atrasados na desativação de seus mísseis — comentou Fowler, depois das cortesias iniciais, atenuando a censura com o oferecimento de um copo de vinho.

— Obrigado, senhor presidente. Como avisamos a seu pessoal na semana passada, constatamos que nossas instalações para guardar os refugos eram inadequadas. Não podemos desmontar aquelas porcarias com a rapidez necessária, e nossos amantes da natureza no Parlamento protestam contra nosso método de neutralizar os estoques de propulsor.

Fowler ofereceu um sorriso de simpatia.

— Conheço o problema, senhor presidente.

O movimento ecológico assumira um grande vigor na União Soviética na primavera anterior, com o Parlamento russo aprovando novas leis, baseadas nos estatutos americanos, só que muito mais rigorosas. O mais espantoso era o fato de que o governo central soviético estava respeitando essas leis, só que Fowler não podia dizer isso. O pesadelo ecológico infligido ao país por mais de setenta anos de marxismo exigiria uma geração inteira de leis rigorosas para ser reparado.

— Isso poderá afetar o prazo final para o cumprimento dos termos do tratado?

— Não. Tem minha palavra, Robert — declarou Narmonov, solene.

— Os mísseis serão destruídos até primeiro de março, nem que tenhamos de explodi-los.

— Isso é suficiente para mim, Andrei.

O tratado de redução, firmado na administração anterior, determinava uma redução de cinquenta por cento nos mísseis intercontinentais até a primavera seguinte. Todos os mísseis Minuteman-II dos Estados Unidos haviam sido marcados para destruição, e as obrigações americanas pelo tratado estavam sendo cumpridas com absoluto rigor. Como já acontecera antes pelo Tratado de Forças Nucleares de Médio Alcance, os mísseis excedentes eram desmontados, e os estágios esmagados ou destruídos por outros meios, na presença de testemunhas. A imprensa cobrira as primeiras destruições, depois se cansara. Os silos de mísseis, também sob inspeção, haviam sido despojados de seus equipamentos eletrônicos; no caso das estruturas americanas, quinze já haviam sido declaradas como excedentes e vendidas — em

quatro casos, para fazendeiros, que as converteram em silos de verdade. Um conglomerado japonês que tinha muitos interesses em Dakota do Norte comprara um *bunker* de comando, convertendo-o numa adega para o pavilhão de caça que seus executivos usavam a cada outono.

Os inspetores americanos no lado soviético informavam que os russos tentavam com o maior afinco, mas que a fábrica construída para a desmontagem de seus mísseis fora mal projetada, e em decorrência havia um atraso soviético de trinta por cento. Havia cem mísseis em reboques no lado de fora da fábrica, os respectivos silos já destruídos, por explosivos. Embora os soviéticos tivessem removido e queimado os programas de orientação na presença dos inspetores americanos, havia persistentes avaliações do serviço de informações de que tudo não passava de um embuste — alguns alegavam que os reboques eram eréteis, podiam disparar os mísseis. A desconfiança dos soviéticos era um hábito arraigado demais na comunidade de informações americana para que alguns o superassem, o que também devia acontecer entre os russos, pensou Fowler.

— Este tratado é um grande passo à frente, Robert — declarou Narmonov, depois de um gole do vinho; agora que se encontravam a sós, podiam relaxar como cavalheiros, pensou o russo, com um sorriso insinuante. — Você e seu pessoal estão de parabéns.

— Sua ajuda foi fundamental para o sucesso, Andrei — respondeu Fowler, generoso.

Era uma mentira, mas uma mentira política, o que ambos compreendiam. Na verdade, não era uma mentira, mas nenhum dos dois sabia disso.

— Um ponto crítico a menos com que nos preocuparmos. Como éramos cegos!

— Tem toda razão, meu amigo, mas isso pertence ao passado. Como seu pessoal está reagindo diante da Alemanha?

— O exército não ficou muito satisfeito, como pode imaginar...

— Nem o meu — interrompeu-o Fowler, gentilmente. — Os soldados são como cachorros, úteis, sem dúvida, mas devem saber



quem é que manda. Como cachorros, podem esquecer isso de vez em quando, e precisam ser lembrados.

Narmonov balançou a cabeça, pensativo, ao ouvir a tradução. Era espantoso como aquele homem se mostrava arrogante. Exatamente como diziam os relatórios que recebera do serviço de informações, refletiu o presidente soviético. E condescendente ainda por cima. Mas o fato é que o americano contava com o luxo de um sólido sistema político, Andrei Il'yich concluiu. Permitia que Fowler se sentisse tão seguro, enquanto ele, Narmonov, precisava lutar todos os dias com um sistema que ainda não se consolidara em pedra. Nem mesmo em madeira, pensou o russo, desolado. Era mesmo um luxo pensar nos soldados como cachorros que podiam ser intimidados. Será que ele não sabia que os cachorros também tinham dentes? Os americanos eram muito estranhos. Durante todo o regime comunista na União Soviética, eles haviam se irritado com a força política do Exército Vermelho... quando não era nenhuma, depois que Tukhachevski fora eliminado por Stalin. Mas agora descartavam todas essas histórias, enquanto a dissolução do controle rigoroso do marxismo-leninismo permitia que os soldados ficassem livres para pensar em coisas que teriam acarretado sua execução poucos anos antes. Mas aquele não era o momento de tirar as ilusões dos americanos, não é mesmo?

— Diga-me uma coisa, Robert: essa idéia do tratado... de onde veio exatamente?

Narmonov conhecia a verdade, mas queria testar a capacidade de Fowler como um mentiroso.

— De muitos lugares, como ocorre com idéias assim — respondeu o presidente americano, jovial. — A força básica foi Charles Alden... o pobre coitado. Quando os israelenses tiveram aquele terrível incidente, ele acionou seu plano no mesmo instante e... deu certo, não é mesmo?

O russo tornou a acenar com a cabeça, fazendo anotações mentais. Fowler mentia com habilidade, esquivando-se à substância da pergunta para dar uma resposta verdadeira, mas evasiva. Krutchov tinha razão, como ele já sabia. Os políticos do mundo inteiro não são muito diferentes. Era algo a lembrar sobre Fowler. Ele

não gostava de partilhar o crédito, e não hesitava em mentir na presença de um igual, mesmo numa questão tão insignificante. Narmonov sentiu-se vagamente desapontado. Não que esperasse qualquer coisa a mais, mas Fowler poderia pelo menos demonstrar um pouco de generosidade e humanidade. Afinal, nada perderia com isso. Mas se mostrara tão mesquinho quanto um *apparatchik* local do Partido. Por trás de um rosto impassível de jogador de pôquer, que seria muito apreciado em Las Vegas, Narmonov indagou mentalmente: *Que tipo de homem é você, Robert?*

— Já é tarde, meu amigo — disse Narmonov. — Até amanhã de tarde? Fowler levantou-se.

— Até amanhã de tarde, Andrei.

Bob Fowler acompanhou o russo até a porta, viu-o se afastar, depois tornou a entrar na suíte. Tirou sua lista do bolso, para se certificar de que fizera todas as perguntas.

— E então?

— Sobre o problema dos mísseis, ele confirmou exatamente tudo o que os nossos inspetores disseram. Isso deve satisfazer o nosso pessoal. — Uma careta; não seria suficiente. — Acho que ele está preocupado com seus militares.

A dra. Elliot sentou.

— Mais alguma coisa?

O presidente serviu-lhe um copo de vinho, depois sentou ao lado de sua assessora de segurança nacional.

— As cortesias normais. Ele é um homem muito ocupado... e muito preocupado. Mas já sabíamos disso, não é?

Liz girou o vinho no copo e fungou. Não gostava de vinho italiano, mas aquele não era tão ruim assim.

— Estive pensando, Robert...

— Em quê, Elizabeth?

— No que aconteceu com Charlie... precisamos fazer alguma coisa. Não é justo que ele deva desaparecer desse jeito. Afinal, não foi ele quem deslançou a idéia do tratado?

— Foi, sim — concordou Fowler, tomando um gole de seu vinho.

— Tem toda a razão, Elizabeth. Foi realmente um esforço dele.

— Acho que devemos deixar isso vaziar... discretamente, é claro. Pelo menos...

— Isso mesmo, ele deve ser lembrado por outra coisa além de uma aluna grávida. E muita generosidade sua, Elizabeth. — Fowler bateu com seu copo no dela. — Você cuida dos jornalistas. Vai divulgar os detalhes do tratado amanhã?

— Vou, sim, acho que por volta de nove horas.

— Depois que acabar, chame alguns jornalistas para uma conversa particular, e lhes fale sobre os antecedentes. Talvez Charlie passe a ter um repouso um pouco mais tranquilo.

— Não é problema, senhor presidente.

Exorcizar aquele demônio em particular fora bastante fácil, não é? Haveria alguma coisa de que ela não pudesse persuadi-lo?

— Um grande dia amanhã.

— O maior, Bob, o maior. — Elliot recostou-se e afrouxou a echarpe em sua garganta. — Nunca pensei que viveria um momento como este.

— Pois eu pensei — comentou Fowler, os olhos faiscando.

Houve uma momentânea pontada de consciência. Esperara desfrutar aquele instante ao lado de outra pessoa, mas assim era o destino, não é mesmo? O destino. O mundo era muito estranho. Mas ele não tinha controle sobre isso, não é mesmo? E o destino determinara que estaria ali, naquele momento específico, com Elizabeth. Não era uma iniciativa sua, não é mesmo? Portanto, concluiu, não havia razão para se sentir culpado. E como poderia ser culpado? Estava transformando o mundo num lugar melhor, mais seguro, mais pacífico. Como se poderia anexar qualquer culpa a isso?

Elliot fechou os olhos, enquanto a mão do presidente acariciava seu pescoço oferecido. Nunca, nem mesmo em seus sonhos mais delirantes, imaginara um momento assim.

Todo o andar do hotel estava reservado para a comitiva presidencial, assim como os dois andares por baixo. Guardas italianos e americanos postavam-se em todas as entradas, assim como em diversos lugares nos outros prédios ao longo da rua. Mas o

corredor além da suíte de Fowler era um domínio exclusivo do destacamento de proteção presidencial. Connor e D'Agustino efetuaram uma verificação final, antes de se retirarem para a noite. Havia dez agentes à vista, e outros dez se encontravam por trás de diversas portas fechadas. Três dos agentes visíveis usavam mochilas pretas estendidas através do peito. Eram conhecidas oficialmente como bolsas de ação rápida, BAR, e cada uma continha uma submetralhadora Uzi, que podia ser extraída e disparada em cerca de um segundo e meio. Quem quer que *chegasse* até aquele ponto teria uma recepção calorosa.

— Vejo que Hawk e Harpia estão discutindo problemas de Estado — comentou Daga, em voz baixa.

— Nunca pensei que você fosse tão pudica, Helen — respondeu Pete Connor, com um sorriso insinuante.

— Não é da minha conta, mas antigamente as pessoas no outro lado da porta tinham de ser eunucos ou algo parecido.

— Continue a falar assim e Papai Noel vai deixar carvão na sua meia.

— Eu me contentaria com aquela nova automática que o FBI adotou — disse Daga, rindo. — Eles são como adolescentes. É indecente.

— Daga...

— Já sei, ele é o Chefe, já é crescidinho, devemos olhar para o outro lado. Relaxe, Pete. Acha que vou dizer alguma coisa a um repórter?

Ela abriu a porta para a escada de incêndio, e avistou três agentes ali, dois dos quais com as BAR de prontidão.

— E eu queria também lhe oferecer um drinque... — acrescentou Connor, impassível.

Era uma piada. Ele e Daga não bebiam quando estavam de serviço, e quase sempre se encontravam de serviço. Não que ele jamais tivesse pensado em levá-la para a cama. Era divorciado, como ela, mas nunca daria certo, e ponto final. Ela também sabia disso, e sorriu para Connor.

— Bem que estou precisando... fui criada com o que eles servem aqui. Que trabalho miserável é o nosso! — Um último olhar

pelo corredor. — Todo mundo se acha nos lugares, Pete. Creio que podemos dar a noite por encerrada.

— Você gosta mesmo da dez milímetros?

— Atirei com uma na semana passada, em Greenbelt. Acertei num possível alvo logo na primeira tentativa. Não vai além disso, querido.

Connor parou abruptamente, desatou a rir.

— Santo Deus, Daga!

— As pessoas podem notar? — D'Agustino revirou os olhos. — Entende o que eu quis dizer, Pete?

— Quem já ouviu falar de uma carcamana puritana?

Helen D'Agustino deu uma cotovelada nas costelas do agente sênior, e encaminhou-se para o elevador. Pete tinha razão. Estava se transformando numa horrível puritana, e nunca fora assim. Uma mulher ardente, cuja única tentativa de casamento fracassara porque uma única casa não era bastante grande para dois egos agressivos — pelo menos não para dois egos italianos —, sabia que estava permitindo que os preconceitos influenciassem seu julgamento. Não era uma coisa saudável, mesmo se tratando de algo trivial e que nada tinha a ver com seu trabalho. O que Hawk fazia nos momentos de folga só a ele interessava, mas a expressão em seus olhos... Ele estava apaixonado pela sacana. Daga especulou se algum outro presidente jamais permitira que isso acontecesse. Era provável, ela concluiu. Afinal, eram apenas homens, e todos os homens às vezes pensavam com os testículos, em vez do cérebro. O fato de o presidente se tornar laçao de uma mulher tão superficial... era isso o que a irritava. O que era estranho e incoerente, ela admitiu para si mesma. Afinal, não podia haver mulheres mais liberadas do que ela. Por que então aquela situação a incomodava? Mas fora um dia cansativo demais para se preocupar com essas coisas. Precisava dormir, e sabia que só podia dispor de cinco ou seis horas antes de voltar ao serviço. *ESSAS malditas viagens ao exterior...*

— Então o que é? — perguntou Qati, pouco depois do amanhecer. Ele se ausentara durante o dia anterior, a fim de se

reunir com outros líderes guerrilheiros, e também para ir ao médico, Ghosn sabia, embora não pudesse perguntar para quê.

— Não tenho certeza — respondeu o engenheiro. — Acho que é um foguete com equipamentos eletrônicos, ou algo parecido.

— Isso é útil — declarou o comandante.

Apesar da reaproximação entre Leste e Oeste, ou qualquer que fosse a palavra usada, os negócios continuavam. Os russos ainda tinham militares, e esses militares tinham armas. As contramedidas para essas armas eram sempre de interesse. Os equipamentos israelenses eram bastante apreciados, já que os americanos os copiavam. Até mesmo um equipamento antigo indicava como os engenheiros israelenses raciocinavam diante dos problemas, e podiam oferecer pistas para equipamentos mais novos.

— Tem razão. Acho que poderemos vender a nossos amigos russos.

— Como o americano se comportou? — perguntou Qati.

— Muito bem. Gosto dele, Ismael. E o compreendo melhor agora. Ghosn explicou por quê. Qati balançou a cabeça.

— O que acha que devemos fazer com ele? O engenheiro deu de ombros.

— Quem sabe um treinamento com armas? Vamos ver se ele se integra com os homens.

— Está certo. Vou verificar esta manhã até que ponto ele conhece as técnicas de combate. E quando você pretende desmontar essa coisa?

— Planejava fazer isso hoje.

— Excelente. Não deixe que eu o retarde.

— Como está se sentindo, comandante?

Qati franziu o rosto. Sentia-se horrível, mas dizia a si mesmo que era em parte uma decorrência da possibilidade de um tratado com os israelenses. Poderia se concretizar? A história dizia que não, mas houvera tantas mudanças... Talvez alguma espécie de acordo entre os sionistas e os sauditas... mas o que se podia esperar, depois da guerra do Iraque? Os americanos haviam cumprido sua parte, e agora apresentavam a conta. Desapontador, mas não inesperado, e qualquer coisa que os americanos fizessem agora serviria para

desviar as atenções da última atrocidade israelense. Aqueles homens que se diziam árabes haviam se comportado como mulheres, aceitando submissos o fogo e a morte... Qati sacudiu a cabeça. Não se lutava assim. Por isso, os americanos fariam alguma coisa para neutralizar o impacto político do massacre israelense, e os sauditas tratariam de cooperar, como cães subservientes que eram. Mas o que quer que estivesse sendo tramado, dificilmente poderia afetar a luta palestina. Deveria se sentir melhor muito em breve, concluiu Qati.

— Não tem a menor importância. Avise-me assim que determinar exatamente o que é.

Ghosn compreendeu que fora dispensado e se retirou. Estava preocupado com seu comandante. O homem se encontrava doente — soubera disso por intermédio do cunhado, mas ignorava a gravidade da doença. Fosse como fosse, tinha um trabalho a fazer.

A oficina era uma estrutura de aparência vergonhosa, com paredes de madeira e um telhado de aço corrugado. Se parecesse mais resistente, algum piloto israelense de F-16 já a teria destruído anos antes.

A bomba — Ghosn ainda pensava na coisa por esse nome — estava no chão de terra. Tinha uma cobertura triangular, com uma corrente para deslocá-la, se fosse necessário, mas no dia anterior dois homens haviam-na ajeitado de acordo com suas instruções. Ghosn acendeu as luzes — gostava de uma área de trabalho bem iluminada — e contemplou... a bomba.

*Por que continuo a chamá-la assim?*, ele se perguntou. Sacudiu a cabeça. O lugar óbvio para começar a trabalhar era a tampa de acesso. Não seria fácil. O impacto no solo entortara a bomba, sem dúvida afetando as dobradiças internas... mas ele dispunha de todo o tempo que quisesse.

Ghosn selecionou uma chave de fenda em sua caixa de ferramentas e pôs-se a trabalhar.

O presidente Fowler dormiu até tarde. Ainda se sentia fatigado do vôo e... Ele quase riu para si mesmo no espelho. Santo Deus, três vezes em menos de vinte e quatro horas... não fora isso? Ele tentou

fazer as contas mentalmente, mas o esforço era maior do que a sua capacidade antes do café da manhã. De qualquer forma, três vezes em sucessão relativamente curta. Há muito tempo que não conseguia isso! Mas também descansara. O corpo se encontrava sob controle e relaxado, depois do banho de chuveiro matutino, enquanto o aparelho de barba raspava o creme em seu rosto, revelando um homem com feições mais jovens e mais esguias, que condiziam com o brilho nos olhos. Três minutos depois, ele escolheu uma gravata listrada, combinando com a camisa branca e o terno cinza. Nada de sombrio, mas seriedade era a ordem do dia. Deixaria que os religiosos ofuscassem as câmeras com sua seda vermelha. Seu discurso seria ainda mais impressionante se apresentado com a aparência de um executivo-político, que era a sua imagem, apesar de jamais ter dirigido qualquer empresa, em toda a sua vida. Um homem sério, Bob Fowler... com um enfoque comum, sem dúvida, mas um homem sério, em quem se podia confiar, contar que faria A Coisa Certa.

*E é justamente o que vou provar hoje*, disse o presidente dos Estados Unidos a si mesmo, diante de outro espelho, enquanto ajustava a gravata. Ele virou a cabeça ao ouvir uma batida na porta.

— Entre.

— Bom dia, senhor presidente — disse o agente especial Connor.

— Como está hoje, Pete? — indagou Fowler, tornando a se virar para o espelho... o nó não ficara direito, e ele começou tudo de novo.

— Muito bem, obrigado, senhor. Está fazendo um lindo dia lá fora.

— Vocês nunca descansam. E também não aproveitam para conhecer os lugares. A culpa é minha, não é mesmo? — *Pronto*, pensou Fowler, *agora ficou perfeito*.

— Não há problema, senhor presidente. Somos todos voluntários. O que vai querer para o café da manhã, senhor?

— Bom dia, senhor presidente! — A dra. Elliot entrou, por trás de Connor. — E hoje o dia!

Bob Fowler virou-se com um sorriso.



— Claro que é! Quer me acompanhar no café da manhã, Elizabeth?

— Adoraria. Tenho de apresentar o relatório da manhã... é curto, para variar.

— Pete, traga o desjejum para duas pessoas... e com bastante coisa, porque estou faminto.

— Apenas café para mim — disse Liz ao agente.

Connor percebeu o tom de sua voz, mas não reagiu além de um aceno de cabeça, antes de se retirar.

— Bob, você está maravilhoso! — acrescentou ela, quando ficaram a sós.

— Você também, Elizabeth.

E era verdade. Ela usava o seu costume mais caro, que era também o mais austero, embora ainda bastante feminino. Sentou e apresentou seu relatório.

— A CIA acha que os japoneses estão planejando alguma coisa — informou ela, ao final.

— O quê?

— Ouviram rumores de algo para a próxima rodada de negociações comerciais, diz Ryan. O primeiro-ministro teria feito um comentário agressivo.

— O que exatamente?

— "Esta é a última vez em que somos cortados de nosso devido papel no cenário internacional, e farei com que paguem por isso" — leu a dra. Elliot. — Ryan acha que é importante.

— E qual é sua opinião?

— Acho que Ryan está sendo paranóico outra vez. Ele foi afastado das negociações do tratado, e tenta nos lembrar como é importante. Marcus concorda com minha avaliação, mas encaminhou o relatório num acesso de objetividade.

O tom de Liz era de intensa ironia.

— Não acha que Cabot é um desapontamento? — indagou Fowler, enquanto folheava o relatório.

— Parece que ele não é muito eficaz na hora de dizer a seu pessoal quem é que manda. Foi aprisionado pela burocracia, especialmente por Ryan.

— Não gosta mesmo dele, hem? — comentou o presidente.

— Ele é arrogante, é...

— Elizabeth, ele tem uma ficha das mais impressionantes. Também não gosto de Ryan como pessoa, mas como agente de informações ele já realizou coisas extraordinárias.

— É algo que pertence ao passado, um James Bond... ou pensa que é. Muito bem, ele fez coisas importantes, mas tudo isso já é história. Precisamos agora de alguém com uma visão mais ampla.

— O Congresso não aceitaria — disse o presidente, enquanto o carrinho com o desjejum passava pela porta.

A comida fora testada à procura de radiatividade, examinada para se verificar se continha artefatos eletrônicos, e farejada em busca de explosivos... o que, pensou o presidente, impunha a maior tensão aos cachorros, que provavelmente gostavam de presunto tanto quanto ele.

— Obrigado, mas pode deixar que nós mesmos nos servimos.

— Fowler dispensou o taifeiro da marinha, antes de continuar: — O Congresso adora esse sujeito.

Ele não precisava acrescentar que Ryan, como vice-diretor da CIA, não era apenas um nomeado do presidente. Também passara por uma audiência de confirmação no Senado dos Estados Unidos. Pessoas assim não eram descartadas com facilidade. Tinha de haver um motivo.

— Nunca entendi isso. Em particular no caso de Trent. Entre todas as pessoas que apóiam Ryan, por que ele também?

— Pergunte a ele — sugeriu Fowler, enquanto passava manteiga em suas panquecas.

— Já perguntei. Ele dançou em torno da pergunta, como uma *prima ballerina* do New York Ballet.

O presidente caiu na gargalhada.

— Por Deus, mulher, nunca deixe que alguém a escute dizendo isso!

— Ora, Robert, ambos respeitamos as preferências sexuais do respeitável senhor Trent, mas ele não passa de um bicha filho-da-puta... e ambos sabemos disso.

— Tem razão. Mas o que está querendo me dizer, Elizabeth?

— Já é tempo de Cabot pôr Ryan em seu lugar.

— Quanto disso é inveja pela participação de Ryan no tratado, Elizabeth? Os olhos de Elliot faiscaram de raiva, mas o presidente olhava para seu prato. Ela respirou fundo antes de falar, tentou decidir se fora ou não uma provocação. Provavelmente não, mas o presidente não era do tipo que se impressionasse com as emoções em casos assim.

— Já discutimos isso, Bob. Ryan se limitou a juntar algumas idéias que outras pessoas tiveram. Não passa de um agente de informações. E tudo o que eles fazem é relatar o que outras pessoas fazem!

— Ele tem feito mais do que isso.

Fowler podia perceber para onde a conversa levava, mas era divertido entrar num jogo com ela.

— Muito bem, ele matou pessoas! E isso que o torna especial? Puro James Bond! Você até deixou que executassem aqueles...

— Elizabeth, aqueles terroristas também mataram sete agentes do Serviço Secreto. Minha vida depende dessa gente, e seria ingratitude e rematada idiotice comutar as sentenças de pessoas que mataram seus colegas.

O presidente quase franziu o rosto — *e aquele princípio defendido com tanto vigor, Bob?*, uma voz lhe perguntou —, mas conseguiu se controlar.

— E agora você não pode fazer mais nada, ou as pessoas dirão que deixou de fazer uma vez por interesse pessoal — ressaltou Elliot. — Permitiu que o acusassem e manobrassem.

Fora uma provocação, ela concluiu, mas respondida com firmeza, embora Fowler não estivesse aceitando sua argumentação.

— Elizabeth, posso ser o único ex-promotor americano que não acredita na pena capital, mas... vivemos numa democracia, e o povo apóia a idéia. — Ele levantou os olhos da refeição. — Aquelas pessoas eram terroristas. Não posso dizer que me sinto feliz por ter permitido que fossem executadas, mas se alguém mereceu, foram eles. O momento não era oportuno para fazer uma declaração sobre a questão. Talvez no meu segundo mandato. Temos de esperar pelo

caso certo. A política é a arte do possível. Isso significa uma coisa de cada vez, Elizabeth. E você sabe disso tão bem quanto eu.

— Se não fizer alguma coisa, vai acordar um dia para descobrir que Ryan está dirigindo a CIA em seu lugar. Ele é competente, reconheço, mas pertence ao passado. É a pessoa errada para a época em que vivemos.

*Puxa, como você é uma mulher invejosa!*, pensou Fowler. *Mas todos temos nossas fraquezas.* E era tempo de parar a brincadeira. De nada serviria ofendê-la profundamente.

— Em que está pensando?

— Podemos afastá-lo.

— Pensarei a respeito... mas não vamos estragar o dia com uma discussão assim, está bem, Elizabeth? Como planeja dar a notícia dos termos do tratado?

Elliot recostou-se e tomou um gole do café. Censurou a si mesma por agir muito cedo e com uma veemência excessiva naquele caso. Não era o momento, não era o lugar. Dispunha de todo o tempo do mundo para fazer sua manobra, e sabia que teria de realizá-la com o máximo de habilidade.

— Acho que vou distribuir uma cópia do tratado.

— Eles são capazes de ler tão depressa? — comentou Fowler, rindo, pois achava que a imprensa estava repleta de ignorantes.

— Devia ver as especulações. A matéria principal do *Times* foi passada por fax esta manhã. Eles estão frenéticos. Vão aceitar tudo. Além do mais, preparei algumas anotações para eles.

— Faça como achar melhor — disse o presidente, terminando de comer o presunto.

Ele consultou o relógio. O momento oportuno era tudo. Havia uma diferença de seis horas entre Roma e Washington. Isso significava que o tratado não poderia ser assinado até duas horas da tarde, no mínimo, a fim de pegar os noticiários matutinos das redes. Mas o povo americano tinha de ser preparado para a notícia, o que significava que as redes de tevê precisavam tomar conhecimento dos detalhes até três horas da madrugada, pelo horário de Nova York, a fim de absorver tudo plenamente. Liz daria as informações as nove horas, pelo horário de Roma, dentro de vinte minutos.

— E vai ressaltar a participação de Charlie?

— Claro. Nada mais justo que ele receba a maior parte do crédito.

E *vamos esquecer a participação de Ryan no processo*, pensou Fowler, mas sem fazer qualquer comentário. *Mas não foi Charlie quem realmente deslanchou o plano?* Fowler lamentou vagamente por Ryan. Embora também achasse que o vice-diretor pertencia ao passado, fora informado de tudo o que o homem já fizera, e ficara impressionado. Arnie van Damm também tinha muita consideração por Ryan, e Arnie era o melhor juiz de caráter na administração. Mas Elizabeth era sua assessora de segurança nacional, e não podia deixar que ela e o vice-diretor se esganassem, não é mesmo? Não, não podia. Era simples assim.

— Quero que os deixe deslumbrados, Elizabeth.

— Não será difícil.

Ela sorriu e se retirou.

A tarefa provou ser muito mais difícil do que ele esperava. Ghosn pensou em pedir ajuda, mas decidiu contra. Parte de sua aura na organização decorria do fato de trabalhar sozinho com aquelas coisas, exceto pelo trabalho braçal, para o qual pedia de vez em quando alguns homens fortes.

A bomba/artefato era de uma construção muito mais resistente do que imaginara. Sob as luzes fortes da oficina, ele se demorou a lavar a bomba com água, e encontrou vários itens inexplicáveis. Havia diversos pontos aparafusados, fechados com plugues. Ao remover um desses plugues, ele encontrou outra tomada elétrica. Ainda mais surpreendente, o invólucro da bomba era mais espesso do que calculara.

Já desmontara antes um tubo de equipamentos eletrônicos israelense; embora fosse quase por completo de alumínio, havia vários trechos de fibra de vidro ou plástico, que eram transparentes, para a radiação eletrônica.

Ele começara pela escotilha de acesso, mas descobrira ser quase impossível abri-la, e tentara encontrar outro ponto mais fácil. Mas não havia nada mais fácil. Ghosn voltou então á escotilha,

frustrado porque não tivera nenhum progresso depois de várias horas de trabalho.

Ghosn sentou e acendeu um cigarro. *O que você é?*, ele perguntou ao objeto.

Era muito parecido com uma bomba, ele concluiu. O invólucro pesado — por que não percebera antes que era tão pesado, pesado demais para um foguete de equipamentos eletrônicos... mas não podia ser uma bomba, não é mesmo? Não havia espoletas, não havia detonador, ele só vira no interior fiação elétrica e conectores. *Tinha de ser* alguma espécie de artefato eletrônico. Ghosn apagou o cigarro no chão de terra e foi até sua bancada de trabalho.

Disponha de uma ampla variedade de ferramentas, inclusive uma serra rotativa, acionada por gasolina, para cortar aço. Era uma ferramenta para ser manipulada por dois homens, mas ele decidiu usá-la sozinho, na escotilha, que devia ser menos resistente que o resto do invólucro. Ajustou a profundidade do corte para nove milímetros e ligou a serra, ajeitando-a na escotilha. O som da serra era terrível, tornou-se ainda pior quando a lâmina de ponta de diamante fez contato com o aço, mas o peso da serra era suficiente para impedir que saltasse para longe da bomba. Ghosn trabalhou lentamente pela beira da escotilha de acesso. Levou vinte minutos para concluir o primeiro corte. Parou a serra e largou-a de lado, sondou o corte com um arame fino.

*Finalmente!*, ele disse a si mesmo. Conseguira passar. Acertara em seu palpite. O resto do invólucro parecia ter... quatro centímetros ou por aí, mas a escotilha tinha apenas um quarto disso. Ghosn sentia-se tão feliz por ter realizado alguma *coisa* que não se perguntou por que um artefato eletrônico precisava de um centímetro inteiro de aço para protegê-lo. Antes de recomeçar, ele pôs a proteção nos ouvidos, que já ressoavam do abuso do primeiro corte. Não queria que uma dor de cabeça tornasse o trabalho ainda pior do que já era.

Os *slides* de "Boletim Especial" apareceram em todas as redes de tevê a intervalos de poucos segundos. Os âncoras das redes, que haviam se levantado cedo — isto é, pelos padrões de sua estada em

Roma —, receberam os esclarecimentos da dra. Elliot, e correram para suas cabines literalmente ofegantes, entregando as anotações aos respectivos produtores e pesquisadores.

— Eu sabia! — exclamou Angela Miriles. — Rick, eu lhe disse!

— Angie, estou lhe devendo um almoço, um jantar, e talvez até o café da manhã, em qualquer restaurante que escolher.

— E eu vou cobrar.

A pesquisadora riu. O sacana tinha condições de pagar.

— Como vamos fazer isso? — indagou o produtor.

— Vou improvisar. Dê-me dois minutos e poderemos entrar no ar.

— Merda! — murmurou Angie para si mesma.

Rick não gostava de improvisar. Mas gostava de furar os repórteres dos jornais, e o momento era mais do que oportuno. Agüenta firme, *New York Times!* Ele sentou imóvel apenas pelo tempo suficiente para a maquilagem, depois virou-se para as câmeras. O sabichão da rede — e que sabichão!, pensou Miriles — foi se juntar a Rick na cabine.

— Cinco! — disse o assistente do diretor. — Quatro, três, dois, um! Ele sacudiu a mão para o âncora.

— E verdade — anunciou Rick. — Dentro de quatro horas, o presidente dos Estados Unidos, o presidente da União Soviética, o rei da Arábia Saudita, e os primeiros-ministros de Israel e Suíça, mais os chefes de dois grandes grupos religiosos, assinarão um tratado que oferece a esperança de um acordo completo para as áreas em disputa no Oriente Médio. Os detalhes do tratado são espantosos.

Ele continuou por três minutos ininterruptos, falando depressa, como se disputasse uma corrida com seus equivalentes nas outras redes.

— Nunca houve nada assim na memória viva, é outro milagre... não, outro marco na estrada para a paz mundial. Dick?

O âncora virou-se para seu comentarista, um ex-embaixador em Israel.

— Rick, estou lendo o documento há meia hora, e ainda não acredito. Talvez seja um milagre. E sem dúvida foi escolhido o lugar

certo para isso. As concessões feitas pelo governo israelense são espantosas, mas também o são as garantias oferecidas pelos Estados Unidos para assegurar a paz. O sigilo das negociações é ainda mais impressionante. Se estes detalhes vazassem recentemente, há dois dias, por exemplo, toda a coisa poderia desmoronar diante de nossos olhos, mas aqui e agora, Rick, aqui e agora, eu acredito. É verdade. Você disse certo. É verdade. Está mesmo acontecendo, e dentro de poucas horas veremos o mundo mudar mais uma vez. Isso jamais teria acontecido sem a cooperação sem precedentes da União Soviética, e é claro que temos uma dívida de gratidão com o acuado presidente soviético, Andrei Narmonov.

— O que você acha da concessão feita por todos os grupos religiosos?

— Simplesmente incrível. Rick, tem havido guerras religiosas naquela região praticamente por toda a história registrada. Mas devemos ressaltar aqui que o arquiteto do tratado foi o falecido doutor Charles Alden. Uma pessoa dos altos escalões da administração foi generosa no louvor ao homem que morreu há poucas semanas, e morreu em desgraça. E uma cruel ironia que o homem que realmente identificou o problema básico na região, como a incompatibilidade artificial das religiões, todas as quais começaram nesta mesma região tumultuada, que esse homem não esteja aqui para ver sua visão se transformar em realidade. Alden, ao que tudo indica, foi a força propulsora por trás desse acordo, e só podemos torcer para que a história se lembre de que, apesar do momento e das circunstâncias de sua morte, foi o doutor Charles Alden, de Yale, quem ajudou a fazer com que este milagre ocorresse.

O ex-embaixador era também um *Yalie*, e fora colega de turma de Charlie Alden.

— O que me diz dos outros? — perguntou o âncora.

— Rick, quando algo dessa magnitude acontece... e isso é bem raro... há sempre muitas pessoas que desempenharam seus papéis individuais, e todos esses papéis são importantes. O Tratado do Vaticano também foi obra do secretário Brent Talbot, apoiado com a maior competência por seu subsecretário, Scott Adler, que é, diga-se



de passagem, um brilhante diplomata técnico e braço-direito de Talbot. Ao mesmo tempo, foi o presidente Fowler quem aprovou a iniciativa, quem recorreu à pressão quando era necessária, e levou adiante a visão de Charlie, depois de sua morte. Nenhum presidente jamais teve a coragem política e a visão extraordinária de arriscar sua reputação política numa iniciativa tão improvável. Se fracassássemos nisso, mal dá para imaginar as conseqüências políticas, mas Fowler conseguiu alcançar o sucesso. Este é um grande dia para a diplomacia americana, um grande dia para a compreensão Leste-Oeste, e talvez o maior momento para a paz mundial, em toda a história da humanidade.

— Eu não poderia dizer melhor, Dick. O que me diz da posição do Senado, que tem de aprovar o Tratado do Vaticano, e também o Tratado de Defesa Bilateral entre Estados Unidos e Israel?

O comentarista sorriu e sacudiu a cabeça.

— Tudo vai passar tão depressa pelo Senado dos Estados Unidos que o presidente já pode preparar a caneta para sancionar os projetos. A única coisa que pode retardar a aprovação é a retórica que ouviremos nos comitês e no plenário do Senado.

— Mas o custo de estacionar tropas americanas...

— Rick, temos forças armadas com o propósito de preservar a paz. E a função delas, e para cumprir sua função naquele lugar, os Estados Unidos pagarão qualquer custo que se torne necessário. Não é um sacrifício para o contribuinte americano. É um privilégio, uma honra histórica, pôr o sinete da força americana sobre a paz mundial. Rick, é isso que os Estados Unidos representam. E é claro que o faremos.

— E isto é tudo, por enquanto — disse Rick, virando-se para a Câmara Um. — Voltaremos dentro de duas horas e meia para a cobertura ao vivo do Tratado do Vaticano. Agora, voltamos a Nova York. Aqui é Rick Cousins, direto do Vaticano.

— Filho da puta! — balbuciou Ryan.

Desta vez, infelizmente, a tevê despertara sua mulher, que acompanhava os acontecimentos na tela com o maior interesse.

— Jack, até que ponto você... — Cathy levantou-se para preparar o café da manhã. — Afinal, esteve lá e...

— Meu bem, eu participei. Não posso dizer até que ponto.

Jack sabia que deveria estar furioso pelo fato de o crédito pela proposta inicial ser atribuído a Alden, mas Charlie fora um bom sujeito, apesar de exibir sua cota de fraquezas humanas. Além do mais, Alden insistira na idéia, quando precisava de um empurrão. E a história descobrirá alguma coisa do que realmente aconteceu, como sempre faz, ele disse a si mesmo. Os verdadeiros jogadores sabiam. Ele sabia. Estava acostumado a ficar nos bastidores, a fazer coisas que os outros não faziam e das quais não podiam tomar conhecimento. Ele virou-se para a esposa e sorriu.

E Cathy também sabia. Ouvira-o especular em voz alta, alguns meses antes. Jack não sabia que murmurava para si mesmo enquanto fazia a barba, e pensava que não a acordava quando levantava tão cedo, mas ela nunca deixara de perceber sua saída de casa, mesmo quando se mantinha de olhos fechados. Cathy gostava da maneira como ele a beijava, julgando-a adormecida, e não queria estragar isso. E ele já tinha problemas suficientes. Jack era seu, e as virtudes do homem não eram um mistério para sua esposa.

*Não é justo, pensou a dra. Ryan. Foi idéia de Jack... ou pelo menos parte dela.* Quantas outras coisas ela não sabia? Era uma pergunta que Caroline Muller Ryan raramente se formulava. Mas não podia fingir que os pesadelos de Jack não eram reais. Ele tinha dificuldades para dormir, andava bebendo demais, e seu pouco sono era repleto de coisas sobre as quais ela nunca poderia interrogá-lo. E uma parte a assustava. O que seu marido fizera? Que sentimento de culpa carregava?

*Culpa?*, Cathy perguntou a si mesma. Por que ela se perguntara isso?

Ghosn conseguiu remover a tampa depois de três horas. Precisou mudar urna lâmina na serra, mas o atraso resultou principalmente do fato de que deveria ter pedido a alguém para ajudá-lo, mas era orgulhoso demais para isso. De qualquer forma, já acabara, e um pé-de-cabra concluiria o trabalho. O engenheiro

pegou uma lanterna e examinou a coisa. Descobriu mais um mistério.

O interior do artefato era uma estrutura de treliça de metal — seria titânio? — que segurava no lugar uma massa cilíndrica... presa com parafusos enormes. Ghosn usou a lanterna para olhar em torno do cilindro, viu mais fios, todos ligados ao cilindro. Avistou a beira de um artefato eletrônico grande... alguma espécie de transmissor-receptor, ele pensou. Ah! Então era mesmo um tipo de... mas por que então...? E de repente ele compreendeu que não estava percebendo alguma coisa... alguma coisa importante. Mas o quê? As indicações no cilindro eram em hebraico, e ele não conhecia muito bem essa outra língua semítica, não podia entender o significado do que estava inscrito ali. A estrutura que sustentava o cilindro, ele constatou, era projetada em parte para absorver choques... e funcionara de forma admirável. A estrutura ficara bastante distorcida, mas o cilindro parecia intacto, em grande parte. Um pouco amassado, é verdade, mas não rachara... O que quer que houvesse dentro do cilindro, precisava ser protegido contra choques. Isso significava que era frágil, e significava também que fazia parte de algum artefato eletrônico delicado. Por isso, ele voltou à idéia de que era um foguete eletrônico. Ghosn estava concentrado demais para perceber que sua mente excluía outras opções; que seu cérebro de engenheiro se encontrava tão absorto na tarefa imediata que ignorava as possibilidades e indicações que oferecia. O que quer que fosse, no entanto, precisava primeiro removê-lo. Ele escolheu uma chave de fenda, e começou a trabalhar nos parafusos que prendiam o cilindro.

Fowler sentou numa cadeira do século 16 e ficou observando o pessoal do cerimonial flutuar de um lado para o outro, como faisões, incapazes de decidirem se andavam ou voavam. Costumava-se pensar que cerimônias como aquela eram dirigidas sem quaisquer dificuldades por profissionais que planejavam tudo com antecedência. Fowler sabia que não era bem assim. E verdade que tudo corria suavemente quando havia tempo suficiente — alguns meses — para definir todos os detalhes. Mas aquela cerimônia tivera

de ser preparada apenas com alguns dias de antecedência, não meses, e os dez ou mais chefes do cerimonial mal conseguiam definir quem mandava entre eles. Curiosamente, o russo e o suíço eram os mais calmos. Diante dos olhos do presidente americano, foram eles que se reuniram e fizeram uma rápida aliança, depois apresentaram seu plano — qualquer que fosse — aos outros, que no mesmo instante aderiram e passaram a pô-lo em prática. Como uma boa equipe de futebol americano, pensou o presidente, sorrindo. O representante do Vaticano era velho demais para um trabalho como aquele. O homem — um bispo, pensou Fowler, talvez um monsenhor — tinha mais de sessenta anos, e sofria de um ataque de ansiedade que poderia matá-lo. Ao final, o russo chamou-o para uma conversa particular de dois minutos, houve uma troca de acenos de cabeça e um aperto de mão, e depois todos passaram a agir como se tivessem um propósito comum. Fowler decidiu que precisava descobrir o nome do russo. Parecia um autêntico profissional. Mais importante ainda, era muito absorvente observá-lo, o que relaxou o presidente, num momento em que precisava de relaxamento.

Finalmente — com apenas cinco minutos de atraso, o que era um milagre, refletiu Fowler, reprimindo um sorriso — os diversos chefes de Estado levantaram-se, convocados como convidados de um casamento pela sogra nervosa, e foram informados que lugar deveriam ocupar na fila. Houve uma nova troca de apertos de mão superficiais, acompanhados por alguns gracejos, que sofreram pela ausência de tradutores. O rei saudita parecia irritado com o atraso. O que era de se esperar, pensou Fowler. O rei provavelmente tinha outras coisas em mente. Já havia ameaças de morte contra ele. Mas não havia medo no rosto do homem, constatou Bob Fowler. Podia ser um homem sisudo, mas tinha o porte e a coragem — e a classe, o presidente americano admitiu para si mesmo — inerentes ao título. Fora ele quem primeiro concordara em participar das negociações, depois de uma conversa de duas horas com Ryan. O que era uma pena, não é mesmo? Ryan substituíra Charlie Alden, assumindo sua missão de um momento para outro, e cumprindo-a como se estivesse plenamente preparado. O presidente franziu o cenho ao se lembrar disso. Permitira-se esquecer como haviam sido frenéticas as

manobras iniciais. Scott Adler em Moscou, Roma e Jerusalém, e Jack Ryan em Roma e Riad. Haviam se saído muito bem, e nenhum dos dois jamais receberia o crédito devido. Assim eram as regras da história, concluiu o presidente Fowler. Se quisessem o crédito, deveriam ter tentado conquistar o seu cargo.

Dois guardas suíços de libré abriram as enormes portas de bronze, revelando a presença corpulenta do cardeal Giovanni D'Antônio. Os refletores de tevê envolviam-no com um halo artificial, que quase provocou uma gargalhada do presidente dos Estados Unidos da América. A procissão entrou na sala.

Quem quer que tivesse construído aquela coisa, pensou Ghosn, sabia como projetar para a força bruta. Era estranho, refletiu ele. Os equipamentos israelenses sempre tinham uma certa delicadeza... não, essa palavra estava errada. Os israelenses eram engenheiros competentes, hábeis e objetivos. Faziam as coisas tão fortes quanto precisavam ser, não mais, não menos. Até mesmo os equipamentos especiais revelavam percepção e meticulosidade. Mas aquela coisa... havia ali um certo exagero. Fora projetada e montada às pressas. Era quase tosca, na verdade. Pelo que ele se sentia grato. Tornava a desmontagem mais fácil. Ninguém pensara em incluir um mecanismo de autodestruição, que ele teria de descobrir primeiro... e os sionistas estavam cada vez mais hábeis nisso! Um subsistema assim quase matara Ghosn, apenas cinco meses antes, mas não havia nenhum ali. Os parafusos que mantinham o cilindro no lugar estavam emperrados, mas ainda retos, o que significava que seria preciso apenas uma boa pressão para soltá-los. Ele esguichou óleo em cada um, e depois de quinze minutos de espera e dois cigarros, ajustou a chave de fenda no primeiro. As voltas iniciais foram difíceis, mas não demorou muito para que o parafuso fosse retirado. Restavam cinco.

Seria uma longa tarde. Os discursos começaram. O papa foi o primeiro, já que era o anfitrião, e sua retórica foi surpreendentemente comedida, extraindo discretas lições das Escrituras, mais uma vez focalizando as semelhanças entre as três religiões presentes. Os fones nos ouvidos proporcionavam aos

chefes de Estado e líderes religiosos presentes traduções simultâneas, o que era desnecessário, pois cada um recebera cópias escritas dos diversos discursos. Os homens em torno da mesa faziam um esforço para não bocejar, pois discursos eram apenas discursos, no final das contas, e os políticos têm dificuldades para escutar as palavras de outros, mesmo sendo chefes de Estado. Fowler tinha a maior dificuldade. Seria o último a falar. Verificou o relógio furtivamente, mantendo o rosto impassível, enquanto ponderava sobre os noventa minutos que ainda faltavam para chegar sua vez.

Demorou mais quarenta minutos, mas todos os parafusos foram removidos. Enormes, pesados, inoxidáveis. Aquela coisa fora construída para durar, pensou Ghosn, mas isso simplesmente funcionava em seu benefício. Agora, precisava retirar o cilindro. Fez outro exame cuidadoso, à procura de mecanismos contra interferência — a cautela era a única defesa num trabalho como o seu —, e tateou pelo interior do tubo. A única coisa conectada era o sistema de radar; havia três outras conexões de plugues, mas todas se achavam vazias. Em sua fadiga, não ocorreu a Ghosn que era estranho que todos os três estivessem virados para ele, facilmente acessíveis. O cilindro se encontrava emperrado no lugar pelas distorções na estrutura, mas seria apenas uma questão de aplicar força suficiente para soltá-lo.

Andrei Il'yich Narmonov falou pouco. Sua declaração, refletiu Fowler, foi simples e distinta, revelando uma modéstia admirável, o que sem dúvida causaria comentários dos observadores.

Ghosn fixara um bloco adicional e um guincho na estrutura triangular. O cilindro, de forma bastante conveniente, tinha um gancho para ser içado. Ainda bem que os israelenses não gostavam de desperdiçar energia, tanto quanto ele. O restante do tubo era menos pesado do que ele calculara, mas em um minuto o cilindro foi içado a um ponto em que a fricção com a estrutura de rede levantava todo o objeto. O que não podia durar muito. Ghosn esguichou mais óleo na estrutura interna, ficou esperando que a

gravidade prevalecesse... mas depois de um minuto perdeu a paciência, encontrou uma abertura bastante grande para uma alavanca, e começou a afastar a estrutura das paredes do cilindro, uma fração de milímetro de cada vez. Em quatro minutos, houve um rangido de metal protestando, e o tubo se desprende e caiu. Era agora apenas uma questão de puxar a corrente e levantar o cilindro.

O cilindro era pintado de verde e também tinha uma escotilha de acesso, o que não era de surpreender. Ghosn determinou o tipo de chave de fenda de que precisava e pôs-se a trabalhar nos quatro parafusos que prendiam essa escotilha. Estavam bem firmes, mas logo cederam à sua pressão. Ghosn ia mais depressa agora, dominado pelo excitamento que sempre prevalecia quase ao final de um trabalho, embora o bom senso o aconselhasse a relaxar.

Finalmente, era a vez de Fowler.

O presidente dos Estados Unidos encaminhou-se para o pódio, com uma pasta de couro marrom nas mãos. Sua camisa estava bem engomada, parecendo até madeira compensada, e já esfolava o pescoço, mas ele não se importava. Aquele era o momento para o qual se preparara durante toda a sua vida. Olhou direto para a câmara, com uma expressão séria, mas não grave, exultante, mas não jovial, orgulhoso, mas não arrogante. Acenou com a cabeça para os presentes, e começou a falar:

— Santo Padre, Sua Majestade, Senhor Presidente, Senhores Primeiros-Ministros, e todas as pessoas de nosso mundo conturbado, mas cheio de esperança. Estamos reunidos nesta cidade antiga, uma cidade que conheceu a guerra e a paz ao longo de mais de três mil anos, uma cidade de onde surgiu uma das grandes civilizações do mundo, e que é hoje a sede de uma fé religiosa ainda maior. Todos viemos de longe, de desertos e de montanhas, das vastas planícies européias e de uma cidade à beira de um rio largo, mas ao contrário de muitos estrangeiros que visitaram esta cidade antiga, todos viemos em paz. Viemos com um único propósito: pôr fim à guerra e ao sofrimento, levar as bênçãos da paz a mais uma região conturbada de um mundo agora emergindo de uma história banhada

em sangue, mas iluminada pelos ideais que nos distinguiram dos animais, como uma criação à imagem de Deus.

Ele só baixava os olhos para virar as páginas. Sabia como fazer um discurso. Tivera muita prática, ao longo dos últimos trinta anos, e fazia aquele com a mesma confiança com que se dirigira a uma centena de júris, medindo as palavras e cadências, acrescentando um conteúdo emocional que contradizia sua imagem de Homem de Gelo, usando a voz como um instrumento musical, algo físico, subordinado e parte de sua imensa vontade pessoal.

— Esta cidade, este Estado do Vaticano, é consagrado ao serviço de Deus e do homem, e hoje realiza esse propósito melhor do que em qualquer outra ocasião. Pois hoje, meus concidadãos do mundo, hoje alcançamos outra parte do sonho que todos os homens e mulheres partilham, onde quer que vivam. Com a ajuda de suas orações, através de uma visão que nos foi dada há muitos séculos, chegamos à percepção de que a paz é melhor do que a guerra, um objetivo digno de esforços ainda mais poderosos, exigindo uma coragem muito maior do que a necessária para o derramamento de sangue humano. Afastar-se da guerra, encaminhar-se para a paz, é a medida de nossa força.

"Hoje é uma honra para mim, e um privilégio que todos nós partilhamos, anunciar ao mundo um tratado para pôr um ponto final à discórdia que profanou um lugar sagrado para todos nós. Com este acordo, haverá uma solução baseada na justiça e fé, e na palavra do Deus a quem todos conhecemos por nomes diferentes, mas que conhece cada um de nós.

"Este tratado reconhece os direitos de todos os homens e mulheres da região à segurança, à liberdade de religião, à liberdade de expressão, à dignidade básica, contida no conhecimento de que somos todos criações de Deus, que cada um de nós é único, mas que somos todos iguais a seus olhos..."

A última escotilha foi aberta. Ghosn fechou os olhos e sussurrou uma prece fatigada de agradecimento. Trabalhava há horas, sem ter feito a refeição do meio-dia. Pôs a escotilha no chão, deixando os parafusos na superfície côncava, a fim de não perdê-los. Sempre um



engenheiro, Ghosn era meticuloso e arrumado em tudo o que fazia. Dentro da escotilha ele notou, com admiração, que havia um laque plástico, ainda intacto. Pôde ver os sinais da umidade e do tempo. E, por isso, não podia mais haver qualquer dúvida de que se tratava de um sofisticado artefato eletrônico. Ghosn tocou-o gentilmente. Não era pressurizado. Ele usou uma pequena faca para cortar o plástico e removê-lo, com todo o cuidado. Olhou pela primeira vez para o interior do cilindro, e foi como se uma mão de gelo apertasse subitamente seu coração. Contemplava uma esfera distorcida de amarelo-cinza... como massa de pão suja.

Era uma bomba.

Ou pelo menos um mecanismo de autodestruição. E dos mais potentes, cinqüenta quilos de explosivos...

Ghosn recuou, experimentando uma repentina necessidade de urinar. Tateou à procura de um cigarro, só conseguiu acendê-lo na terceira tentativa. Como deixara de perceber... o quê? O que perdera? Nada. Fora tão cuidadoso quanto sempre costumava. Os israelenses ainda não o haviam matado. Seus engenheiros podiam ser espertos, mas ele também era.

*Paciência*, recomendou Ghosn a si mesmo. Iniciou um novo exame do exterior do cilindro. Havia o fio ainda preso ao sistema de radar, e três pontos de ligação adicionais, todos vazios.

*O que eu não sei desta coisa?*

*Sistema de radar, invólucro pesado, escotilha de acesso... esfera explosiva ligada com...*

Ghosn inclinou-se outra vez para a frente, a fim de examinar o objeto. A intervalos regulares e simétricos na esfera havia detonadores... cujos fios estavam...

*Não é possível. Não, não pode ser isso!*

Ghosn removeu os detonadores, um a um, desligando os fios. ajeitou-os sobre uma manta, devagar, com todo o cuidado, pois detonadores eram as coisas mais imprevisíveis que o homem fazia. O explosivo, por outro lado, era tão seguro que se podia arrancar um pedaço e pôr no fogo para ferver água. Ele usou a faca para desprender os pesados blocos de explosivo.

— Há uma lenda antiga, de Pandora, a mulher da mitologia que recebeu uma caixa. Embora lhe fosse dito que não deveria abri-la, ela acabou por fazê-lo, tolamente, admitindo a discórdia, a guerra e a morte em nosso mundo. Pandora ficou desesperada por seu feito, até que encontrou, restando sozinho no fundo da caixa quase vazia, o espírito da esperança. Todos já testemunhamos demais da guerra e discórdia, mas agora finalmente estamos usando a esperança. Foi um longo caminho, um caminho sangrento, um caminho marcado pelo desespero, mas sempre foi um caminho para cima, porque a esperança é a visão coletiva da humanidade do que pode e deve ser, e a esperança nos conduziu a este ponto.

"Essa lenda antiga pode ter sua origem no paganismo, mas sua verdade é manifesta hoje. Neste dia, guardamos de volta na caixa a guerra, a discórdia e a morte desnecessária. Fechamos a caixa sobre o conflito, deixando em nosso poder a esperança, a última e mais importante dádiva de Pandora a toda a humanidade. Este dia é a realização do sonho de toda a humanidade. "Neste dia, aceitamos das mãos de Deus a dádiva da paz. Obrigado." O presidente sorriu efusivo para as câmeras, e retornou à sua cadeira, em meio aos aplausos mais do que polidos de seus pares. Estava na hora de assinar o tratado. O momento era aquele, e depois de ser o último orador, Fowler seria o primeiro a assinar. O momento logo chegou, e J. Robert Fowler entrou para a história.

Ele já não trabalhava mais tão devagar. Foi tirando os blocos, sabendo que estava sendo temerário e pródigo, mas agora sabia — ou pensava que sabia — o que tinha nas mãos.

E lá estava, uma bola de metal, uma esfera reluzente, coberta de níquel, não corroída nem danificada pelos anos na horta do druso, protegida pelo lacre de plástico dos engenheiros israelenses. Não era um objeto grande, não muito maior do que uma bola com que uma criança poderia brincar. Ghosn sabia o que faria em seguida. Estendeu a mão pela massa de explosivos divididos, os dedos encostando na superfície reluzente de níquel.

A bola de metal era quente ao contato.

— *Allahu akhbar!*

## RESOLUÇÃO

— Isso é interessante.

— É uma oportunidade excepcional — concordou Ryan.

— Até que ponto é confiável... até que ponto é digna de confiança? — indagou Cabot.

Ryan sorriu para seu chefe.

— Senhor, essa é sempre a dúvida. Deve lembrar como o jogo funciona. Nunca se tem certeza de qualquer coisa... isto é, em geral se leva anos para adquirir a certeza. Este jogo só tem umas poucas regras, e ninguém jamais sabe qual é a contagem. De qualquer forma, isto é mais do que uma simples deserção.

O nome dele era Oleg Yurievich Lyalin — Cabot ainda não sabia disso — e fora um "Ilegal" do KGB, que trabalhava sem o escudo da imunidade diplomática e cuja cobertura era a de representante de um conglomerado industrial soviético. Lyalin dirigia uma rede de agentes com o codinome de Cardo, em operação no Japão.

— Esse homem é um autêntico agente de campo. Tem uma rede melhor que a do *Rezident* do KGB em Tóquio, e sua melhor fonte está dentro do próprio gabinete japonês.

— E daí?

— E daí que ele nos oferece o uso de sua rede.

— Isso é tão importante quanto estou começando a pensar que é? — perguntou o diretor a seu vice.

— Chefe, raramente temos uma oportunidade como esta. Nunca contamos com uma operação de maior envergadura no Japão. Carecemos de uma quantidade suficiente de pessoas que falam japonês... mesmo aqui, para traduzir seus documentos... e nossas prioridades sempre foram para outros lugares. Por isso, levaríamos anos apenas para criar a infra-estrutura necessária para conduzir operações ali. Mas os russos já trabalhavam no Japão antes mesmo de os bolcheviques assumirem o poder. A razão é histórica:

japoneses e russos travam guerras há muito tempo, e eles sempre consideraram o Japão como um rival estratégico... e por esse motivo deram grande ênfase às operações ali, antes mesmo que a tecnologia japonesa se tornasse tão importante para eles. O que o homem está fazendo, em suma, é nos entregar as operações russas a um preço de barganha, o estoque, as contas a receber, a instalação física, tudo. Não se pode conseguir melhor do que isso.

— Mas o que ele está pedindo...

— O dinheiro? Qual é o problema? Não é um milésimo de um por cento do que vale para o nosso país.

— Ele quer um milhão de dólares por mês! — protestou Cabot.

E *livre de impostos!*, pensou o diretor da CIA, mas não acrescentou. Ryan fez um esforço para não sorrir.

— Então o filho da puta é ganancioso, não é mesmo? Qual era o nosso déficit comercial com o Japão na última contagem? — indagou Jack, alteando uma sobancelha. — Ele nos oferece o que quisermos, pelo tempo que quisermos. Tudo o que temos de fazer em troca é providenciar para buscá-lo e trazê-lo para cá, junto com a família, no momento em que for necessário. Ele não quer voltar a Moscou. Tem quarenta e cinco anos, e é essa a idade em que eles começam a pensar no futuro. Terá de voltar para casa dentro de dez anos... para o quê? Viveu no Japão quase que ininterruptamente durante os últimos treze anos. Gosta de carros, gosta do luxo, não está disposto a entrar na fila da batata. Gosta de nós. Praticamente só não gosta dos japoneses... nem um pouco. Acha que não vai sequer trair seu país, porque não nos entregará qualquer coisa que não transmita a eles, e parte do acordo impõe que não seja obrigado a fazer nada contra a Mãe Rússia. Muito bem, posso aceitar isso. — Ryan fez uma pausa, rindo. — É o capitalismo. O homem está abrindo um serviço de informações de elite, e são informações que podemos muito bem aproveitar.

— Ele está cobrando muito alto.

— Vale a pena, senhor. As informações valerão bilhões em nossas negociações comerciais, e bilhões em impostos federais como consequência. Já estive no negócio de investimentos, senhor, foi assim que ganhei meu dinheiro. Oportunidades de investimento

como esta só surgem de dez em dez anos. A diretoria de operações quer comandá-la. Concordo. Teríamos de ser loucos para dizer não a esse homem. Seu pacote de apresentação... mas já leu o material, não é mesmo?

O pacote de apresentação era constituído pelas minutas da última reunião do gabinete japonês, cada palavra, grunhido e assovio. Era algo extremamente valioso para a análise psicológica, mesmo que por nada mais. A natureza das conversas nas reuniões do gabinete poderia revelar aos analistas americanos uma porção de coisas sobre a maneira como os japoneses pensavam e tomavam decisões. Eram dados muitas vezes deduzidos, mas nunca confirmados.

— Foi bastante esclarecedor, especialmente o que disseram a respeito do presidente. Não encaminhei essa parte. Não havia sentido em deixá-lo irritado num momento como esse. Muito bem... a operação está aprovada, Jack. Como dirigimos essas coisas?

— O codinome que escolhemos é Mushashi. Foi um famoso samurai, mestre em duelos, diga-se de passagem. A operação será chamada de Niitaka. Usaremos nomes japoneses pela razão óbvia...

— Jack decidiu explicar; Cabot podia ser brilhante, mas era novo na comunidade de informações — ... no caso de um compromisso ou vazamento de nosso lado, queremos dar a impressão de que a nossa fonte é japonesa, não russa. Esses nomes serão usados aqui no prédio. Para o pessoal de fora a quem permitirmos tomar conhecimento, usaremos um codinome diferente. Esse será gerado por computador, e mudará todos os meses.

— E o verdadeiro nome do agente?

— Diretor, a decisão é sua. Tem o direito de conhecê-lo. Não lhe disse até agora deliberadamente, porque queria que tivesse primeiro um panorama geral da situação. Em termos históricos, a decisão é meio a meio, alguns diretores querem saber, outros preferem ignorar. É um princípio das operações de informações que é menos provável haver qualquer tipo de vazamento quanto menos pessoas souberem das coisas. O almirante Greer dizia que a primeira lei das operações secretas é que a probabilidade de uma operação ser

queimada era proporcional ao *quadrado* das pessoas a par dos fatos. E sua a decisão, senhor.

Cabot acenou com a cabeça, pensativo. Decidiu temporizar.

— Você gostava de Greer, não é?

— Como se fosse um pai, senhor. Depois que perdi meu pai num desastre de avião, o almirante mais ou menos me adotou. — Ou melhor, eu o adotei, pensou Ryan. — Sobre Mushashi, provavelmente vai querer pensar na situação.

— E se a Casa Branca quiser saber dos detalhes? — indagou Cabot.

— Diretor, apesar do que Mushashi pensa, seus empregadores vão considerar que é alta traição o que ele está fazendo, o que é um crime capital por lá. Narmonov é um bom sujeito e tudo o mais, mas os soviéticos já executaram quarenta pessoas por espionagem, ao que sabemos. Isso incluiu Cartola, Andarilho e um homem chamado Tolkachev, todos eles agentes nossos bastante produtivos. Tentamos promover uma troca nos três casos, mas eles foram executados antes mesmo que as negociações começassem. O processo de apelações na União Soviética é um tanto sumário. O fato puro e simples, senhor, é que se o nosso homem for queimado, deverá ser logo fuzilado. E por isso que temos tanto cuidado com a identidade do agente. Se cometermos algum deslize, as pessoas morrem, mesmo com a *glasnost*. A maioria dos presidentes compreende isso. E mais uma coisa.

— O que é?

— Ele nos disse algo mais. Quer que todos os seus relatórios sejam entregues pessoalmente, não por telegrama. Se não concordarmos, ele não vai entrar no jogo. Tecnicamente, isso não é problema. Já fizemos a mesma coisa antes, com agentes desse calibre. A natureza de suas informações não exige uma transmissão imediata. Há vôos diários para e do Japão, através da United, Northwest, e até da Ali Japan Airlines, direto para o aeroporto internacional Dulles.

— Mas...

O rosto de Cabot estava contraído.

— E isso mesmo — confirmou Jack, balançando a cabeça. — Ele não confia na segurança de nossas comunicações.

— Não acha...?

— Não sei. Tivemos bem pouco sucesso na infiltração nos códigos soviéticos durante os últimos anos. A ASN presume que tem os mesmos problemas que nós. Tais suposições são perigosas. Já tivemos indicações, antes, de que nossos sinais não são absolutamente seguros, mas o aviso vem agora de alguém muito bem situado. Acho que devemos levá-lo a sério.

— Até que ponto isso pode ser assustador?

— Pode ser terrível — respondeu Jack, incisivo. — Diretor, por razões óbvias, temos diversos sistemas de comunicação. Contamos com o Mercury lá embaixo para cuidar de todo o nosso material. O resto do governo usa principalmente o sistema da ASN; Walker e Pelton comprometeram seus sistemas há muito tempo. Agora, o general Olson, lá em forte Meade, diz que repararam tudo, mas por causa das despesas ainda não adotaram plenamente o sistema Tapdance, que vinham desenvolvendo. Podemos alertar a ASN outra vez... acho que vão ignorar de novo a advertência, mas temos de avisá-los... e, no nosso lado, creio que é tempo de agir. Para começar, senhor, precisamos pensar numa reavaliação de Mercury.

Era onexo de comunicação da CIA, localizado alguns andares abaixo do gabinete do diretor, e que usava seus próprios sistemas de codificação.

— Sai muito caro — comentou Cabot, muito sério. — Com nossos problemas de orçamento...

— Não tão caro quanto um comprometimento sistemático de nossas mensagens. Não há *nada* tão vital quanto nexos seguros para as comunicações. Sem isso, não importa o que mais possamos ter. Já desenvolvemos o nosso próprio sistema. Só precisamos agora de autorização dos recursos para pô-lo em funcionamento.

— Fale-me a respeito. Ainda não estou a par.

— Essencialmente, é a nossa versão de Tapdance. Trata-se de uma tabela com transposições guardadas em disco-laser CD ROM. As transposições são geradas de ruído de rádio atmosférico, depois supercodificadas com ruído de um momento posterior do mesmo

dia... o ruído atmosférico é bastante aleatório, e usando dois conjuntos separados do ruído, mais um algoritmo aleatório gerado por computador para misturá-los, chega-se ao máximo do aleatório, segundo os matemáticos. As transposições são geradas por computador e alimentadas para os discos-laser no tempo real. Usamos um disco diferente para cada dia do ano. Cada disco é único, só tem duas cópias, uma para a estação, a outra em Mercury... sem *backups*. O leitor de disco-laser que usamos nos dois lados parece normal, mas tem um *laser* especial, que ao mesmo tempo em que lê os códigos de transposição do disco, também os apaga do plástico. Depois que o disco é consumido, ou o dia termina... e o dia sempre termina primeiro, porque estamos falando em bilhões de caracteres por disco... o disco é destruído, sendo cozido num forno de microondas. Isso leva dois minutos. Deve ser muito seguro. Só pode ocorrer um comprometimento em três estágios: primeiro, quando os discos são fabricados; segundo, no armazenamento aqui; e terceiro, no armazenamento em cada estação. O comprometimento de uma estação não compromete qualquer outra. Não podemos fazer discos à prova de interferência... já tentamos, e seria muito dispendioso, além de deixá-los extremamente vulneráveis a danos acidentais. O lado negativo é que precisaremos contratar e investigar cerca de vinte novos técnicos de comunicações. O sistema é de uso relativamente complicado, sendo esse o motivo para o aumento do número de comunicadores. A parcela maior da despesa seria aqui. Os homens de campo com quem conversamos já manifestaram sua preferência pelo novo sistema.

— E quanto custaria?

— Cinquenta milhões de dólares. Precisamos aumentar o tamanho do Mercury e instalar a fábrica. Dispomos do espaço, mas as máquinas são caras. A partir do momento em que recebermos a verba, talvez pudéssemos ter tudo pronto e em pleno funcionamento em apenas três meses.

— Entendo a sua posição. Provavelmente vale a pena, mas obter o dinheiro...



— Com sua permissão, senhor, eu poderia conversar a respeito com o senhor Trent.

— Hum... — Cabot baixou os olhos para sua mesa. — Muito bem, pode sondá-lo, mas com todo o cuidado. Falarei com o presidente quando ele voltar. E confiarei em você no caso de Mushashi. Além de você, quem mais sabe o seu verdadeiro nome?

— O diretor de operações, o chefe da estação de Tóquio e o controlador. O diretor de operações era Harry Wren; se não era totalmente um homem

de Cabot, pelo menos fora Cabot quem o escolhera para o cargo. Wren se encontrava a caminho da Europa naquele momento. Um ano antes, Jack pensara que a escolha fora um erro, mas Wren estava se saindo bem. É verdade que ele também escolhera um vice extraordinário, ou melhor, uma dupla de vices: os famosos Ed e Mary Pat Foley, um dos quais — Ryan nunca fora capaz de definir qual — seria sua escolha para a diretoria de operações. Ed era o homem de organização, e Mary Pat era o lado *cowboy* da melhor dupla de marido e mulher com que a Agência já contara. A promoção de Mary Pat a executiva sênior seria algo sem precedentes no mundo inteiro, e provavelmente valeria alguns votos no Congresso. Ela estava grávida outra vez, do terceiro filho, mas ninguém esperava que isso pudesse afastar a Supermoça da ação. Afinal, a Agência dispunha de uma creche, inclusive com trancas de código nas portas, seguranças bem-armados, e os melhores equipamentos de recreação infantil que Jack já vira.

— Parece muito promissor, Jack. Lamento ter passado o fax para o presidente tão cedo. Deveria ter esperado.

— Não houve problema nenhum, senhor. A informação foi meticulosamente conferida.

— Não se esqueça de me dizer o que Trent acha da verba.

— Claro, senhor.

Jack voltou para sua sala. Estava ficando cada vez melhor naquilo, pensou o vice-diretor. No final das contas, Cabot não era tão difícil assim de se manipular.

Ghosh levou todo o tempo necessário para pensar. Aquele não era um momento para excitação, nem para qualquer ação precipitada. Sentou num canto da oficina, fumando um cigarro atrás do outro, por várias horas, durante todo o tempo olhando para a bola de metal reluzente no chão de terra. *Até que ponto seria radiativa?*, seu cérebro não parava de especular. Mas era um pouco tarde para se preocupar com isso. Se aquela pesada esfera irradiava raios gama, ele podia se considerar um homem morto, outra parte de seu cérebro já concluía. Aquele era um momento para pensar e avaliar. Foi necessária uma suprema força de vontade para continuar sentado ali, mas ele conseguiu.

Pela primeira vez em muitos anos, sentiu-se envergonhado de sua instrução. Tinha amplos conhecimentos de engenharia elétrica e mecânica, mas quase não se dera ao trabalho de abrir um livro sobre engenharia nuclear. Que possível uso teria para tal coisa?, ele se perguntara, nas raras ocasiões em que considerara a perspectiva de adquirir informações sobre essa área. Obviamente nenhum. Por isso, ele se limitara a expandir e aprofundar os conhecimentos nas áreas de interesse direto: sistemas de detonação elétricos e mecânicos, equipamentos eletrônicos defensivos, características físicas de explosivos, as capacidades dos sistemas de sensores de explosivos. Era um técnico excepcional nessa última categoria. Lia tudo o que podia encontrar sobre os instrumentos usados para detectar explosivos em aeroportos e outras áreas de interesse.

*Primeiro*, disse Ghosh a si mesmo, enquanto acendia o 54" cigarro do dia, *todos os livros que puder encontrar sobre materiais nucleares, suas propriedades físicas e químicas; tecnologia da bomba, física da bomba; sinais radiológicos... os israelenses devem saber que a bomba está desaparecida desde 1973!*, pensou ele, espantado. *Então por quê...? Claro. As colinas de Golan são de origem vulcânica. A rocha por baixo e o solo em que esses pobres camponeses tentam cultivar seus legumes são em grande parte basálticos, e o basalto tem uma contagem de radiação secundária relativamente alta... a bomba se encontrava enterrada a dois ou três metros em solo rochoso, e quaisquer emissões que gerasse se perderiam na contagem secundária...*

*Estou são e salvo!*, compreendeu Ghosn.

*Mas claro! Se a arrua fosse "quente", teria um escudo melhor!*

*Louvado seja Alá por isso!*

*Posso... posso?* Era essa a questão, não é mesmo?

*Por que não?*

— Por que não? — Ghosn repetiu a indagação em voz alta. — Por que não? Tenho todas as peças necessárias, avariadas, é verdade, mas...

Ghosn apagou o cigarro na terra, ao lado dos outros, e levantou-se. Seu corpo foi sacudido pela tosse — sabia que os cigarros o estavam matando... mais perigosos do que aquilo... mas ajudavam a pensar.

O engenheiro levantou a esfera. O que faria com aquilo? Por enquanto, guardou-a num canto, cobrindo com uma caixa de ferramentas. Saiu da oficina e encaminhou-se para o jipe. A viagem até o quartel-general levou quinze minutos.

— Preciso falar com o comandante — avisou Ghosn ao chefe da guarda.

— Ele acaba de se retirar para a noite.

Toda a guarda se empenhava cada vez mais em resguardar o comandante.

— Ele vai me receber.

Ghosn passou pelo chefe da guarda e entrou no prédio. Os aposentos de Qati eram no segundo andar. Ghosn subiu os degraus, passou por outro guarda, e abriu a porta do quarto. Ouviu o som de vômito no banheiro adjacente.

— Quem está aí? — indagou uma voz irritada. — Já disse que não quero ser incomodado!

— Sou eu, Ghosn. Precisamos conversar.

— Não pode esperar?

Qati apareceu na porta iluminada. Seu rosto estava pálido. As palavras saíram como uma indagação, não como uma ordem, o que revelou a Ibrahim mais do que ele jamais soubera sobre o estado físico do comandante. Talvez aquilo fizesse com que se sentisse melhor.

— Meu amigo, preciso lhe mostrar uma coisa. E preciso mostrar ainda esta noite.

Ghosn fez o maior esforço para manter a voz sob controle, livre de qualquer excitação.

— É importante? — Quase um gemido.

— E, sim.

— Fale-me a respeito.

Ghosn balançou a cabeça, ao mesmo tempo em que cocava a orelha.

— É algo interessante. Aquela bomba israelense tem alguns novos sistemas de detonação. Quase me matou. Precisamos alertar nossos companheiros a respeito.

— Bomba? Mas pensei... — Qati fez uma pausa. Seu rosto desanuviou-se por um momento, a expressão formulou uma indagação. — Esta noite, você disse?

— Eu mesmo guiarei.

A força de caráter de Qati prevaleceu.

— Está certo. Vou me vestir. Ghosn esperou lá embaixo.

— O comandante e eu vamos sair para ver uma coisa.

— Mohammed! — chamou o chefe da guarda. Ghosn interrompeu-o:

— Levarei o comandante pessoalmente. Não há problema de segurança em minha oficina.

— Mas...

— Mas você se preocupa como uma velha! Se os israelenses fossem tão espertos, você já estaria morto, e o comandante também!

Estava muito escuro para ver a expressão do guarda, mas Ghosn pôde sentir a raiva que se irradiava do homem, um veterano combatente da linha de frente.

— Veremos o que diz o comandante!

— Qual é o problema agora? — perguntou Qati da porta, enfiando a camisa para dentro da calça.

— Eu mesmo guiarei, comandante. Não precisamos de uma força de segurança para isso.

— Como achar melhor, Ibrahim.

Qati encaminhou-se para o jipe e embarcou. Ghosn sentou ao volante e deu a partida, passando pelos atônitos guardas da segurança.

— O que exatamente você descobriu?

— E mesmo uma bomba, no final das contas, não um foguete de equipamentos eletrônicos — respondeu o engenheiro.

— E daí? Já recuperamos dezenas dessas malditas bombas! O que há de tão especial nesta?

— É mais fácil lhe mostrar. — Ghosn guiava depressa, atento ao caminho. — Se achar que desperdicei seu tempo... quando acabarmos, pode acabar com a minha vida.

Qati virou a cabeça bruscamente, ao ouvir isso. O pensamento já lhe ocorrera, mas era um líder bom demais para isso. Ghosn podia não ser um guerreiro, mas era muito competente no que fazia. Seus serviços à organização eram tão valiosos quanto os de qualquer outro homem. O comandante permaneceu em silêncio durante o resto da viagem, desejando que os medicamentos que tomava lhe permitissem comer... isto é, reter o que comia.

Quinze minutos depois, Ghosn estacionou o jipe a cinquenta metros da oficina, e levou seu comandante até o prédio por um caminho indireto. A esta altura, Qati sentia-se completamente confuso e mais do que apenas irritado. Quando as luzes foram acesas, ele avistou o invólucro da bomba.

— O que há de especial nisso?

— Venha até aqui.

Ghosn levou-o para o canto da oficina. Abaixou-se e levantou a caixa de ferramentas.

— Veja!

— O que é isso?

Parecia uma bala de canhão, uma pequena esfera. Ghosn estava apreciando a situação. Qati sentia-se furioso, mas isso mudaria em breve.

— É plutônio.

O comandante virou a cabeça abruptamente, como se impulsionada por uma mola de aço.

— O quê? Mas como...

Ghosn levantou a mão. Falou baixo, mas incisivo:

— O que tenho certeza, comandante, é que isso é a parte explosiva de uma bomba atômica. Uma bomba atômica israelense.

— Impossível! — sussurrou Qati.

— Toque nela — sugeriu Ghosn.

O comandante inclinou-se e encostou um dedo.

— E quente. Por quê?

— Pela desintegração das partículas alfa. Uma forma de radiação que não é perniciosa... neste caso, pelo menos. Isso é plutônio, o elemento explosivo de uma bomba atômica. Não pode ser outra coisa.

— Tem certeza?

— Absoluta. Só pode ser o que estou dizendo. — Ghosn foi até o invólucro da bomba, e levantou algumas peças eletrônicas. — Estas coisas parecem teias de aranha de vidro, não é mesmo? São chamadas de interruptores de criptônio, e desempenham sua função com uma precisão total. Esse tipo de precisão só é necessário para uma única aplicação dentro de um invólucro de bomba. Estes blocos explosivos, os intactos, já percebeu que alguns são hexagonais, outros pentagonais? Isso é necessário para formar uma esfera explosiva perfeita. Uma carga moldada, como a de um RPG, só que o foco é para dentro. Esses blocos explosivos se destinam a esmagar aquela esfera ao tamanho de uma noz.

— Mas isso é metal! Não é possível o que você diz!

— Comandante, não sei tanto quanto deveria sobre essas coisas, mas conheço um pouco. Quando os explosivos são detonados, comprimem essa esfera de metal como se fosse borracha. E possível... sabe o que o RPG faz com o metal num tanque, não é? Há explosivo suficiente aqui para cem projéteis de RPG. Esmagariam o metal, como eu disse. Quando ocorre a compressão, a proximidade dos átomos desencadeia uma reação em cadeia nuclear. Pense um pouco, comandante: a bomba caiu na horta do velho no primeiro dia da Guerra de Outubro. Os israelenses estavam apavorados com a força do ataque sírio, e ficaram na maior surpresa com a eficácia dos foguetes russos. O avião foi derrubado, a bomba se perdeu. As circunstâncias exatas não importam. O que

importa, Ismael, é que temos os componentes de uma bomba nuclear.

Ghosn pegou outro cigarro e acendeu-o.

— E você poderia...

— Possivelmente.

O rosto de Qati foi subitamente aliviado da dor que sofria há mais de um mês.

— Alá é mesmo generoso.

— E verdade, comandante. Precisamos pensar a respeito disso com muito cuidado. E a segurança...

Qati acenou com a cabeça.

— Tem toda a razão. Fez bem em me trazer sozinho até aqui. Nesta questão, não podemos confiar em ninguém... absolutamente ninguém... — Qati deixou que a voz definhasse, antes de se virar para o engenheiro. — O que precisa fazer?

— Minha primeira necessidade é de informação... livros, comandante. E sabe para onde devo ir se quiser obtê-los?

— Rússia?

Ghosn sacudiu a cabeça, negativamente.

— Israel, comandante. Onde mais?

O deputado Alan Trent encontrou-se com Ryan numa sala de audiência da Câmara. Era usada para audiências secretas, sendo varrida todos os dias à procura de microfones.

— Como a vida o está tratando, Jack? — perguntou o deputado.

— Não tenho queixas especiais, Al. O presidente teve um bom dia.

— E verdade, teve mesmo... o mundo inteiro teve. O país tem com você uma dívida de gratidão, doutor Ryan.

O sorriso de Jack estava impregnado de ironia.

— Não vamos deixar que ninguém saiba disso, está bem? — Trent deu de ombros.

— As regras do jogo. Você já deveria ter se acostumado, a esta altura. Muito bem. O que o traz aqui com um aviso tão curto?

— Temos uma nova operação em andamento. Chama-se Niitaka.

O vice-diretor explicou-a por vários minutos. Em data posterior, teria de entregar alguma documentação. Agora, no entanto, só era preciso a notificação da operação e seu propósito.

— Um milhão de dólares por mês. Isso é tudo o que ele quer?  
— Trent soltou uma gargalhada.

— O diretor ficou consternado — comentou Jack.

— Sempre gostei de Marcus, mas ele é um filho da puta de mão fechada. Temos dois críticos declarados do Japão no comitê de supervisão, Jack. Não vai ser fácil controlá-los nesta questão.

— Três, contando com você, Al. Trent pareceu magoado.

— Eu, um crítico do Japão? Só porque havia duas fábricas de televisores no meu distrito, e um grande fabricante de autopeças despediu a metade do seu pessoal? Por que eu deveria me irritar com isso? Deixe-me ver as minutas da reunião do gabinete.

Ryan abriu a pasta.

— Não pode copiá-las, não pode citá-las. Esta é uma operação a longo prazo, Al, e...

— Jack, não vim para esta cidade de uma granja de criação de galinhas, lembra? Você virou um filho da puta sem o menor humor. Qual é o problema?

— Trabalho demais — explicou Jack, enquanto entregava os documentos. Al Trent era um leitor dinâmico e folheou as páginas com uma rapidez absurda. Seu rosto assumiu uma expressão neutra, e ele se tornou o que era acima de tudo, um político frio e calculista. Estava bem para o lado esquerdo do espectro, mas ao contrário da maioria do seu tipo, Trent deixava que sua ideologia parasse à beira d'água. Além disso, reservava sua paixão para o plenário da Câmara e a cama de sua casa. Fora daí, era friamente analítico.

— Fowler vai subir pelas paredes quando der uma olhada nisto. Eles são muito arrogantes. Você já participou de reuniões do gabinete. Alguma vez ouviu coisas assim?

— Só em questões políticas. Também fiquei surpreso com o tom da linguagem, mas não devemos nos esquecer que pode ser uma característica cultural.

O deputado levantou os olhos por um instante.



— Tem razão. Por baixo da patina de boas maneiras, eles podem ser furiosos e loucos, mais ou menos como os britânicos, só que isto aqui é demais... E um material explosivo, Jack. Quem recrutou o homem?

— A dança do acasalamento habitual. Ele aparece em diversas recepções, o chefe da estação em Tóquio fareja uma possibilidade, deixa em banho-maria por algumas semanas, depois faz a abertura. O russo entregou o pacote e suas exigências contratuais.

— Por que Operação Niitaka, por falar nisso? Já não ouvi isso antes em algum lugar?

— Eu mesmo escolhi. Quando a força de ataque japonesa seguia para Pearl Harbor, o código de execução da missão era "Escalem o monte Niitaka". Não se esqueça de que você é o único que conhece essa palavra. Teremos um ciclo mensal de mudança de identificação. E uma operação bastante quente para aplicarmos o tratamento completo.

— Tem razão. Mas o que acontece se o cara for um agente provocador?

— Já especulamos a respeito. E possível, mas improvável. Para o KGB fazer isso... seria uma violação das regras como as entendemos agora, não é mesmo?

— Ei, espere um pouco! — Trent releu a última página. — Que história é essa sobre comunicações?

— O que quer que seja, é assustador. Ryan explicou o que queria fazer.

— Cinqüenta milhões? Tem certeza?

— Esse é o custo inicial para a instalação. Há também a necessidade de novos técnicos. O custo anual, depois da instalação, ficará em tomo de quinze milhões.

— Parece bastante razoável. — Trent balançou a cabeça. — A ASN está pedindo muito mais para implantar seu novo sistema.

— Eles têm uma infra-estrutura maior com que se preocupar. A cifra que lhe dei deve ser mantida. Mercury é bastante pequeno.

— E quando vai precisar da verba?

Trent sabia que Ryan indicava números objetivos. Era uma decorrência de sua experiência no mundo dos negócios, Al sabia,

algo bastante raro no serviço público.

— Na semana passada seria ótimo, senhor. Trent acenou com a cabeça.

— Verei o que posso fazer. E vai querer no "preto", não é mesmo?

— Tão escuro quanto uma meia-noite nublada.

— Droga! Já conversei com Olson a respeito. Seus assessores técnicos fazem a dança da chuva, e ele sempre se deixa levar. E se...

— Isso mesmo, e se todas as nossas comunicações estiverem comprometidas. — Jack não deu a entonação de uma pergunta. — Graças a Deus pela *glasnost*, hem?

— Marcus compreende as implicações?

— Expliquei a ele esta manhã. Ele compreende. Cabot pode não ter toda a experiência que você e eu gostaríamos que ele tivesse, Al, mas aprende depressa. Já tive chefes piores.

— Você é muito leal — comentou Trent. — Deve ser um resquício do tempo em que foi fuzileiro. Mas você daria um bom diretor.

— Isso nunca vai acontecer.

— E verdade. E agora que Liz Elliot é assessora de segurança nacional, você terá de se precaver. Sabe disso.

— Claro que sei.

— O que fez para deixá-la tão irritada? Não que isso seja tão difícil assim.

— Foi logo depois da convenção — explicou Ryan. — Fui a Chicago para apresentar um relatório a Cabot. Ela me pegou cansado de algumas viagens longas, e quis me dar uns apertos. Revidei na mesma hora.

— Aprenda a ser gentil com ela — sugeriu Trent.

— O almirante Greer disse a mesma coisa. Trent devolveu os papéis a Ryan.

— Mas é difícil, não é mesmo?

— Muito difícil.

— Mas aprenda mesmo assim. O melhor conselho que posso lhe dar. *Provavelmente uma total perda de tempo, é claro.*

— Obrigado, senhor.

— O pedido chega no momento oportuno, diga-se de passagem. O resto do comitê ficará bastante impressionado com a nova operação. Os críticos do Japão dirão a seus amigos no comitê de apropriações que a Agência está realmente fazendo algo útil. O dinheiro sairá em duas semanas, se tivermos um pouco de sorte. Afinal, cinqüenta milhões de dólares... isso não é nada. Obrigado por me procurar.

Ryan trancou sua pasta e levantou-se.

— E sempre um prazer. — Trent apertou sua mão.

— Você é um bom homem, Ryan. É uma pena que seja tão íntegro. Jack riu.

— Todos temos as nossas desvantagens, Al.

Ryan voltou a Langley para guardar os documentos da Niitaka no cofre, e encerrou seu trabalho por aquele dia. Ele e Clark desceram pelo elevador até a garagem, e deixaram o prédio uma hora mais cedo, algo que sempre acontecia a intervalos de duas semanas. Quarenta minutos depois, pararam no estacionamento de um 7-Eleven, entre Washington e Annapolis.

— Olá, Doc Ryan! — exclamou Carol Zimmer, de detrás da caixa registradora.

Um de seus filhos a substituiu ali, e ela levou Ryan para a sala dos fundos. John Clark fez uma revista na loja. Não estava preocupado com a segurança de Ryan, mas tinha preocupações persistentes sobre a maneira como alguns arruaceiros locais consideravam o empreendimento Zimmer. Ele e Chavez haviam dado um jeito no líder da turma, na presença de três dos seus sequazes, um dos quais tentara interferir. Chavez demonstrara misericórdia com o rapaz, que não precisara passar a noite no hospital. E isso, na opinião de Clark, era um sinal da crescente maturidade de Chavez.

— Como estão os negócios? — perguntou Jack, na sala dos fundos.

— Temos um aumento de vinte e seis por cento nas vendas, em relação ao mesmo período do ano passado.

Carol Zimmer nascera no Laos, há menos de quarenta anos, fora resgatada de uma fortificação no alto de uma colina por um

helicóptero das operações especiais da força aérea, no momento em que o exército norte-vietnamita invadia esse último posto avançado do poder americano no norte do Laos. Ela tinha dezesseis anos na ocasião, a última filha viva de um chefe dos Hmongs que servira aos interesses americanos e aos seus próprios — fora um agente voluntário — com coragem e competência, até a morte. Carol casara com Buck Zimmer, um sargento da força aérea, que morrera em outro helicóptero, depois de mais uma traição. Fora nessa ocasião que Ryan interviera. Não perdera o senso para os negócios, apesar dos anos no serviço público. Escolhera um bom local para a loja, e agora, o destino assim decidira a família não precisara recorrer ao fundo educacional que ele instituíra para o primeiro filho que entrara na universidade. Com uma palavra gentil de Ryan ao padre Tim Riley, o rapaz ganhara uma bolsa plena em Georgetown, e já fazia o preparatório de medicina. Como a maioria dos asiáticos, Carol tinha uma reverência pelo saber que beirava o fanatismo religioso, algo que transmitira a todos os filhos. Ela também dirigia a loja com a precisão mecanicista que um sargento prussiano esperava de seu pelotão de infantaria. Cathy Ryan poderia efetuar um procedimento cirúrgico no balcão. Era tão limpo assim. Jack sorriu ao pensamento. Talvez Laurence Alvin Zimmer Júnior fizesse isso.

Ryan passou os olhos pelos livros. Seu certificado de contador não fora renovado, mas ele ainda era capaz de entender um balanço.

— Quer jantar conosco?

— Não posso, Carol. Tenho de voltar para casa. Meu filho vai participar de uma partida de beisebol pelo campeonato infantil esta noite. Está tudo bem? Sem problemas... nem mesmo aqueles desordeiros?

— Eles não voltaram. O senhor Clark assustou-os tanto que sumiram para sempre!

— Se algum dia voltarem, quero que me avise imediatamente.

— Claro. Aprendi a lição.

— Ótimo. Cuide-se bem. Ryan levantou-se.

— Doc Ryan...

— O que é?

— A força aérea diz que Buck morreu num acidente. Nunca perguntei a ninguém, mas pergunto agora: foi acidente, não foi?

— Carol, Buck perdeu a vida fazendo o seu trabalho, salvar vidas. Eu estava lá. E o senhor Clark também.

— Os que fizeram Buck morrer...?

— Não tem nada a temer deles — respondeu Ryan, calmamente. — Absolutamente nada.

Jack percebeu o reconhecimento nos olhos de Carol. Sua capacidade lingüística era modesta, mas ela compreendeu o que significava a resposta.

— Obrigada, Doc Ryan. Não vou perguntar de novo, mas precisava saber.

— Tudo bem.

Ryan estava surpreso por ela ter esperado tanto tempo.

O alto-falante embutido na antepara soou de repente:

— Com, sonar. Tenho um ruído de rotina no curso zero-quatro-sete, contato designado Sierra-5. Sem informações adicionais no momento. Avisaremos.

— Certo. — O comandante Ricks virou-se para a mesa de plotagem. — Grupo de rastreamento, inicie TMA.

O comandante correu os olhos pela sala. Os instrumentos indicavam uma velocidade de sete nós, uma profundidade de cento e vinte metros, e um curso três-zero-três. O contato era pelo través de boreste.

O guarda-marinha que comandava o grupo de rastreamento consultou imediatamente o minicomputador Hewlett-Packard, localizado no canto posterior de boreste do centro de ataque.

— Certo — anunciou ele. — Tenho um ângulo traçado... um pouco indefinido... computando agora. — A máquina levou dois segundos para fazer isso. — Muito bem, tenho uma indicação de distância agora... é uma zona de convergência, entre três-cinco e quatro-cinco mil metros se ele está em ZC-1, cinco-cinco e seis-um mil metros para ZC-2.

— E quase fácil demais — comentou o imediato para o comandante.

— Tem toda a razão — disse Ricks. — Desative o computador.

O capitão-de-corveta Wally Clagett, imediato da tripulação "Ouro" do *Maine*, foi até o computador e desligou-o.

— Temos a baixa do computador HP... parece que vai levar horas para reparar — anunciou ele. — E uma pena.

— Muito obrigado — murmurou o guarda-marinha Ken Shaw para o contramestre curvado ao seu lado, sobre a mesa de cartas.

— Mantenha o controle, senhor Shaw — disse o suboficial em resposta.

— Cuidaremos de tudo. E neste momento não precisa mesmo daquela coisa, senhor.

— Vamos manter o silêncio no centro de ataque! — determinou o comandante Ricks.

O curso do submarino era para noroeste. Os operadores de sonar enviavam informações para o centro de ataque. Dez minutos depois, o grupo de rastreamento tomou sua decisão.

— Comandante — anunciou o guarda-marinha Shaw —, a estimativa de contato Sierra-5 é na primeira ZC, a distância parece três-nove mil metros, curso geral para sul, velocidade entre oito e dez nós.

— Pode fazer melhor do que isso! — protestou bruscamente o comandante.

— Com, sonar, Sierra-5 parece classe Akula soviética de ataque, identificação preliminar de alvo é Akula número seis, o *Almirante Lunin*. Espere...

— Um momento de silêncio. — ... possível mudança de situação de Sierra-5, possível volta. Com, temos uma mudança de situação definitiva. Sierra-5 está agora de través, posição definida do alvo de través.

— Comandante — disse o imediato —, isso maximiza a eficácia de seus equipamentos de reboque.

— Certo. Sonar, com, quero uma verificação de nossos ruídos.

— Sonar verificando, senhor. Aguarde. — Alguns segundos se passaram. Com, estamos fazendo alguma espécie de ruído... não tenho certeza do que, um estrépito, talvez alguma coisa nos tanques

de lastro da popa. Não aparecia antes, senhor. Definitivamente na popa... definitivamente metálico.

— Com, sala de manobra, temos alguma coisa fora do normal aqui. Posso ouvir alguma coisa da popa, talvez nos tanques de lastro.

— Comandante, anunciou Shaw —, Sierra-5 se encontra agora num curso recíproco. Curso do alvo é agora sudeste, mais ou menos um-três-zero.

— Talvez ele possa nos ouvir — resmungou Ricks. — Vamos subir através da camada. Passe a profundidade para trinta metros.

— Trinta metros, senhor — repetiu o oficial de mergulho no mesmo instante. — Timão, cinco graus para cima nos planos da hélice.

— Cinco graus para cima nos planos da hélice, senhor. Chegando a trinta metros.

— Com, manobrando o ruído desapareceu. Parou quando assumimos o ângulo de subida.

O imediato, ao lado do comandante, murmurou:

— O que isso pode significar?

— Provavelmente significa que algum idiota lá no estaleiro deixou sua caixa de ferramentas no tanque de lastro. Já aconteceu uma vez com um amigo meu. — Ricks sentia muita raiva agora, mas se era preciso passar por tais incidentes, aquele era o momento oportuno. — Quando chegarmos acima da camada, quero ir para o norte, com um zero hidrográfico.

— Senhor, eu esperaria. Sabemos onde a ZC está. Deixemos que ele saia de lá, depois poderemos manobrar, enquanto ele não pode nos ouvir. Deixe-o pensar que se esquivou, antes de começarmos com os truques. É bem provável que ele pense que não o rastreamos. Com uma manobra radical, estaríamos arriscando nossa posição.

Ricks pensou a respeito por um momento.

— Não. Já cancelamos o ruído na popa, provavelmente já nos afastamos de seu alcance, e quando estivermos acima da camada poderemos nos perder no ruído da superfície e manobrar como quisermos. O sonar dele não é tão bom assim. Ele nem mesmo sabe

ainda o que somos. Apenas se limita a farejar alguma coisa. Dessa maneira, poderemos aumentar a distância entre nós.

— Está bem, senhor — respondeu o imediato, neutro.

O *Maine* nivelou a trinta metros, muito acima da camada termoclinal, o limite entre a água da superfície relativamente quente e a água fria mais profunda. Isso mudou as condições acústicas de forma drástica, e deveria eliminar, na avaliação de Ricks, qualquer possibilidade de que o Akula o rastreasse.

— Com, sonar, contato perdido com Sierra-5.

— Muito bem, tenho o com — anunciou Ricks.

— Comandante tem o com — reconheceu o oficial de convés.

— Leme dez graus esquerda, chegando a novo curso três-cinco-zero.

— Leme dez graus esquerda, senhor, indo para novo curso três-cinco-zero. Senhor, meu leme está dez graus esquerda.

— Certo. Casa de máquinas, com, passar para dez nós.

— Casa de máquinas, senhor, passar para dez nós. Desenvolvendo lentamente.

O *Maine* firmou num curso norte e aumentou a velocidade. Demorou dez minutos para que seu equipamento de sonar rebocado nivelasse e voltasse ser útil. Durante esse período, o submarino americano ficou mais ou menos cego.

— Com, manobra, temos aquele ruído de novo! — anunciou o alto-falante.

— Diminuir para cinco... tudo à frente um terço!

— Tudo à frente um terço, senhor. Casa de máquinas responde tudo à frente um terço.

— Manobra, com. O que me diz do ruído?

— Ainda persiste, senhor.

— Vamos dar um minuto — calculou Ricks. — Sonar, com. Pegou alguma coisa em Sierra-5?

— Negativo, senhor. Sem contatos neste momento.

Ricks tomou um gole de café, e observou o relógio na antepara por três minutos.

— Manobra, com. Como está o ruído?

— Não mudou, senhor. Ainda persiste.



— Droga! Imediato, reduza em um nó.

Claggett obedeceu. O comandante estava perdendo, ele concluiu. O que não era nada bom. Outros dez minutos passaram. O ruído inquietante na popa diminuiu, mas não desapareceu.

— Com, sonar! Contato curso zero-um-cinco, apareceu de repente. E Sierra-5, senhor. Com certeza classe Akula, *Almirante Lunin*. Avaliação como contato direto de curso, situação de proa. Provavelmente acaba de passar pela camada, senhor.

— Ele nos pegou? — indagou Ricks.

— Provavelmente, senhor — respondeu o operador de sonar.

— Parem! — determinou outra voz. O comodoro Mancuso entrou na sala. — Muito bem, vamos concluir o exercício a esta altura. Os oficiais querem me acompanhar, por favor?

Todos deixaram escapar um suspiro coletivo quando as luzes se acenderam. A sala ficava num prédio grande e quadrado, muito diferente do formato de um submarino, embora diversas outras salas duplicassem as instalações mais importantes de um submarino de vigia da classe Ohio. Mancuso levou a equipe do centro de ataque para uma sala de reuniões, e fechou a porta.

— Péssimo movimento tático, comandante. — Bart Mancuso não era conhecido por sua diplomacia. — Imediato, que conselho deu a seu comandante?

Claggett repetiu-o, palavra por palavra.

— Comandante, por que rejeitou esse conselho?

— Senhor, calculei que nossa vantagem acústica era suficiente para me permitir assim, a fim de alcançar uma separação máxima do alvo.

— Wally?

Mancuso virou-se para o comandante da Equipe Vermelha, comandante Wally Chambers, que estava prestes a assumir o comando do *Key West*. Chambre trabalhara sob Mancuso no Dallas, e tinha todas as condições para se ornar um excelente comandante de ataque. E até acabara de comprovar isso. Foi bastante previsível, comandante. Além disso, ao continuar no curso e mudar a profundidade, apresentou a fonte de ruído ao meu equipamento e também me proporcionou uma superfície de casco que o identificou

com certeza como um submarino. Teria sido melhor virar de proa, mantendo a profundidade, e reduzindo a velocidade. Assim, eu só teria uma vaga indicação. Se diminuísse, eu nunca o teria identificado. Como não o fez, notei seu pulo para cima da camada, e corri por baixo, assim que deixei a ZC, Não sabia que o tinha, comandante, até que me deu aviso, mas me permitiu saber, e me deixou chegar perto. Flutuei minha cauda por cima da camada, enquanto permanecia por baixo. Havia um bom duto de superfície, e peguei em dois-nove mil metros. Podia ouvi-lo, mas você não podia me ouvir. Foi então apenas uma questão de continuar a corrida, até me encontrar bastante próximo para uma solução de alta probabilidade. Estava perdido. O objetivo do exercício foi lhe mostrar o que aconteceu quando perdeu sua vantagem acústica. — Mancuso deu tempo para que isso fosse absorvido, antes de acrescentar: — Muito bem, não foi justo, hem? Mas quem disse que a vida é justa?

— O Akula é um bom barco, mas até que ponto seu sonar é eficiente?

— Presumimos que é tão bom quanto um 688 da segunda geração. *Não há a menor possibilidade*, Ricks pensou.

— Que outras surpresas posso esperar?

— Boa pergunta. A resposta é que não sabemos. E se você não sabe, presume que eles são tão bons quanto você.

*Não há a menor possibilidade*, pensou Ricks de novo.

*Talvez ainda melhor*, pensou Mancuso, mas não acrescentou.

— Muito bem — disse o comodoro à guarnição reunida do centro de ataque. — Tratem de avaliar seus dados agora, e faremos uma conferência final dentro de trinta minutos.

Ricks observou o comandante Mancuso deixar a sala, partilhando uma risada com Chambers. Mancuso era um condutor de submarinos competente e esperto, mas ainda era um jóquei do ataque rápido, que não servia para o comando de uma flotilha de vigilância porque não pensava da maneira certa. Chamar o seu antigo companheiro da Esquadra do Atlântico, outro jóquei de ataque rápido... era assim que se fazia, era verdade, mas Ricks tinha a certeza de que não era a coisa certa.

Fora um teste irrealista. Ricks não tinha a menor dúvida quanto a isso. Rosselli não dissera a ambos que o *Maine* era tão quieto quanto um buraco negro? Merda! Aquela fora sua primeira oportunidade de demonstrar ao comodoro do que era capaz, e não conseguira causar uma impressão favorável por causa de um teste artificial e injusto, e também por causa de alguns idiotas entre seus homens... os mesmos de que Rosselli tanto se orgulhava.

— Senhor Shaw, vamos ver seus registros de TMA.

— Aqui estão, senhor.

O guarda-marinha Shaw, que se formara na escola de submarinos em Groton menos de dois meses antes, estava de pé no canto, estendendo a carta e as anotações com as mãos tensas. Ricks arrebatou-as, abriu tudo sobre uma mesa. Seus olhos esquadriharam as páginas.

— Relaxado. Poderia ter feito isso pelo menos um minuto mais depressa.

— Sim, senhor.

Shaw não sabia como poderia ter trabalhado mais depressa, mas o comandante assim dizia, e o comandante sempre tinha razão.

— Isso poderia ter feito a diferença — acrescentou Ricks, a voz cortante, o tom de irritação reprimido, mas ainda assim perceptível.

— Lamento, senhor.

Esse foi o primeiro erro genuíno do guarda-marinha Shaw. Ricks empertigou-se, mas mesmo assim precisou inclinar a cabeça. O que também não melhorou sua disposição.

— "Lamento" não altera as conseqüências. "Lamento" põe em risco nosso barco e nossa missão. "Lamento" é a resposta de um oficial insatisfatório. Entendido, senhor Shaw?

— Entendido, senhor.

— Ótimo! — A palavra saiu como uma imprecisão. — Vamos cuidar para que isso nunca mais aconteça.

O resto da meia hora foi consumido a repassar os registros do exercício. Os oficiais substituíram a sala por outra maior, onde reconstituíam o exercício, sendo informados do que a Equipe Vermelha vira e fizera. Claggett retardou a passagem de Ricks.

— Comandante, foi um pouco duro com Shaw.

— Como assim? — indagou Ricks, numa surpresa irritada.

— Ele não cometeu qualquer erro. Eu mesmo não seria capaz de realizar aquele rastreamento mais do que trinta segundos mais depressa. O contramestre que o acompanhava vem fazendo TMAs há cinco anos. Dava aulas na escola de submarinos. E fiquei observando os dois. Eles se saíram bem.

— Está querendo dizer que o erro foi culpa minha? — perguntou Ricks, numa voz enganadoramente gentil.

— Sim, senhor — respondeu o imediato, com a honestidade com que fora ensinado.

— Isso é um fato?

E Ricks passou pela porta sem dizer mais nada.

Dizer que Petra Hassler-Bock sentia-se infeliz seria uma atenuação de proporções épicas. Uma mulher de trinta e tantos anos, vivera mais de quinze anos em fuga, escondendo-se da polícia alemã ocidental antes que as coisas se tornassem perigosas demais, o que precipitara sua fuga para a Zona Oriental — ou melhor, o que fora a Zona Oriental, pensou o investigador da *Bundeskriminalamt*, sorrindo para si mesmo. E ali ela vicejara, o que era espantoso. Cada foto na grossa pasta mostrava uma mulher atraente, exuberante, risonha, com um rosto jovem, sem rugas, emoldurado por lindos cabelos castanhos. Aquele mesmo rosto observara friamente três pessoas morrerem, uma depois de vários dias de agonia de esquartejamento, lembrou o detetive. Esse assassinato fora parte de uma importante manobra política —. ocorrera na época da votação para decidir se os americanos podiam ou não instalar seus mísseis Pershing-2 e Cruise na Alemanha, e a Facção do Exército Vermelho queria aterrorizar as pessoas para verem as coisas à sua maneira. Não dera certo, é claro, o que transformara a morte da vítima num exercício de terror.

— Diga-me uma coisa, Petra: você gostou de matar Wilhelm Manstein? — perguntou o detetive.

— Ele era um porco — respondeu ela, num tom de desafio. — Um porco balofo, suado e mulherengo.

Fora assim que o apanharam, o detetive sabia. Petra arquitetara o seqüestro, inicialmente atraindo a atenção de Manstein, depois mantendo um relacionamento breve, mas ardente. Manstein não era um exemplo dos mais atraentes da virilidade alemã, é verdade, mas a idéia de Petra sobre a liberação das mulheres era um tanto mais vigorosa e profunda do que a norma nos países ocidentais. Os membros mais violentos do Baader-Meinhof e da FEV eram as mulheres. Talvez fosse uma reação à mentalidade *Kinder-Kücher-Kirche* dos machos alemães, como diziam alguns psicólogos, mas a mulher à sua frente era a assassina mais fria e assustadora que ele já conhecera. As primeiras partes do corpo despachadas pelo correio para a família de Manstein haviam sido aquelas que mais a ofenderam. Manstein ainda vivera por dez dias depois disso, segundo o relatório do patologista, proporcionando uma diversão sangrenta e ruidosa para aquela mulher, ainda jovem na ocasião.

— Cuidou muito bem do serviço, não é? Mas imagino que Günther ficou um tanto apreensivo com sua paixão, não é? Afinal, você passou... quanto tempo? Foram cinco noites com Herr Manstein antes do seqüestro? Gostou também dessa parte, *mein Schatz*?

O insulto doeu, o detetive percebeu. Petra fora outrora atraente, mas não era mais. Como uma flor um dia depois do corte, deixara de ser uma coisa viva. A pele estava pálida, as olheiras enormes, e perdera pelo menos oito quilos. O desafio ardeu em seus olhos, mas apenas por um breve instante.

— Imagino que gostou, entregando-se a ele, deixando-o fazer o que queria. Deve ter gostado tanto que ele voltou. Não era apenas uma isca, não é mesmo? Não pode ter sido apenas uma encenação. Herr Manstein era um devasso perceptivo. Tinha muita experiência, e só freqüentava as prostitutas mais hábeis. Diga-me, Petra, como adquiriu tanta habilidade? Praticou antes com Günther... ou com outros? Tudo em nome da justiça revolucionária, é claro, ou da revolucionária *Kameradschaft, nicht wahr*? Você não passa de uma vagabunda ordinária, Petra. Até as putas têm moral, mas você não. E a sua amada causa revolucionária...

O detetive soltou uma risada desdenhosa.

— *Doch!* Que causa! Qual é a sensação de ser rejeitada por todo o *Volk* alemão?

Ela se remexeu na cadeira, mas não foi capaz de reagir.

— Qual é o problema, Petra? Não tem palavras heróicas agora? Sempre falou sobre suas visões de liberdade e democracia, não é? Está desapontada agora que temos uma autêntica democracia... e as pessoas detestam você e todos da sua laia? Diga-me, Petra, qual é a sensação de ser rejeitada? Totalmente rejeitada. E você sabe que é verdade. Sabe que não é uma invenção. Observava as pessoas na rua, de suas janelas, não é mesmo, você e Günther? Uma das manifestações foi bem na frente do seu apartamento, não é mesmo? O que você pensou enquanto olhava, Petra? O que você e Günther disseram um ao outro? Disseram que era um truque contra-revolucionário?

O detetive sacudiu a cabeça, inclinando-se para a frente, a fim de fitar aqueles olhos vazios, sem vida, desfrutando seu trabalho, como ela fizera no passado.

— Diga-me, Petra, como explica os votos? Foram eleições livres. Você sabe disso, é claro. Tudo o que defendia, por que trabalhou e assassinou... tudo um erro, tudo por *nadai* Mas não foi uma perda total, não é mesmo? Pelo menos permitiu que você fizesse amor com Wilhelm Manstein.

O detetive recostou-se na cadeira, acendeu um pequeno charuto. Soprou a fumaça para o teto.

— E agora, Petra? Espero que tenha gostado daquela pequena aventura amorosa, *mein Schatz*. Nunca deixará esta prisão viva. Nunca, Petra. Ninguém jamais sentirá pena de você, nem mesmo quando ficar confinada a uma cadeira de rodas. Oh, não! Vão se lembrar de seus crimes, e dirão que é melhor deixá-la aqui, junto com todas as outras bestas sanguinárias. Não há esperança para você. Vai morrer neste prédio, Petra.

Petra Hassler-Bock levantou a cabeça abruptamente ao ouvir isso. Os olhos se arregalaram por um instante, como se ela tencionasse dizer alguma coisa, mas isso logo passou. O detetive continuou, em tom de conversa:

— Perdemos a pista de Günther, por falar nisso. Quase o pegamos na Bulgária... deixamos de encontrá-lo por trinta horas. Os russos, entende, estão nos entregando suas fichas sobre você e seus amigos. Todos os meses que passou naqueles campos de treinamento. Seja como for, Günther ainda está fugindo. No Líbano, é o que pensamos, provavelmente metido em algum buraco com seus antigos amigos naquele ninho de ratos. Eles serão os próximos. Os americanos, russos e israelenses estão cooperando agora, sabia? E parte do tal tratado. E isso não é maravilhoso? Acho que vamos pegar Günther ali... com alguma sorte, ele tentará reagir ou fará qualquer besteira assim, e poderemos lhe trazer uma foto de seu cadáver... Fotos, é isso mesmo! Já estava quase esquecendo! Tenho uma coisa para lhe mostrar.

O detetive inseriu uma fita num aparelho de videocassete e ligou a televisão. Levou um momento para a imagem entrar em foco, no que era obviamente uma filmagem de amador, feita com a câmera na mão. Mostrava meninas gêmeas, vestindo trajes vermelhos, iguais, de camponesas, sentadas lado a lado num tapete típico de um típico apartamento alemão — tudo estava absolutamente *in Ordnung*, até as revistas na mesa se achavam arrumadas de forma impecável. E, depois, a ação começou.

— *Komm, Erika! Komm, Ursel!* — exortou uma voz de mulher.

As duas meninas se levantaram, e cambalearam na direção da mulher. A câmera acompanhou seus passos hesitantes e trôpegos até os braços da mulher, — *Mutti, Mutti!* — disseram as duas.

O detetive desligou a televisão.

— Elas já estão falando e andando. Ist das nicht wunderbar? Sua nova mãe as ama muito, Petra. Achei que você gostaria de ver esse filme. Bom, isso é tudo por hoje.

O detetive apertou um botão oculto, e uma guarda apareceu para levar a prisioneira algemada de volta à sua cela.

A cela era simples, um cubículo de tijolos pintados de branco. Não havia janela para o exterior, e a porta era de aço maciço, exceto por uma portinhola de vigia e uma abertura para passar a comida. Petra não sabia da câmera de tevê que espiava através do que parecia ser outro tijolo apenas, perto do teto, mas era na verdade

um pequeno painel de plástico transparente à luz vermelha e infravermelha. Petra Hassler-Bock manteve a compostura por todo o caminho de volta à cela, e até que a porta foi fechada às suas costas.

E só então começou a desmoronar.

Os olhos fundos de Petra baixaram para o chão — que também era pintado de branco — arregalados e horrorizados demais a princípio para as lágrimas, contemplando o pesadelo em que sua vida se transformara. Não podia ser real, parte dela dizia com uma confiança que beirava a loucura. Tudo em que acreditara, tudo por que se empenhara... perdido! Günther, perdido. As gêmeas, perdidas. A causa, perdida. Sua vida, perdida.

Os detetives da *Bundeskriminalamt* interrogavam-na apenas por diversão. Ela sabia disso. Nunca a haviam pressionado a sério em busca de informações, mas havia uma razão para isso. Ela nada tinha de valor para lhes revelar. Havia-lhe mostrado as cópias das fichas do quartel-general da Stasi. Quase tudo o que seus antigos irmãos socialistas tinham sobre ela — muito mais do que imaginara — se encontrava agora nas mãos dos alemães *ocidentais*. Nomes, endereços, telefones, registros de mais de vinte anos, coisas a seu respeito que ela própria esquecera, coisas sobre Günther que ela nunca soubera. Tudo em poder da BKA.

Estava tudo acabado. Tudo perdido.

Petra engasgou e começou a chorar. Até mesmo Erika e Ursel, suas gêmeas, o produto de seu próprio corpo, a evidência física de sua fé no futuro, de seu amor por Günther. Dando os primeiros passos no apartamento de estranhos. Chamando alguma estranha de *Mutti*, mãe. A esposa de um capitão da BKA — era o que haviam-lhe dito. Petra chorou por meia hora, sem emitir qualquer som, sabendo que não podia deixar de haver um microfone na cela, aquela maldita caixa branca que-lhe negava o sono.

Tudo perdido.

A vida... ali? A primeira e única vez em que estivera no pátio de exercício, junto com as outras presas, tiveram de arrancar duas de cima dela. Podia lembrar seus gritos, enquanto as guardas a levavam para a enfermaria — puta, assassina, animal... Viver ali por



quarenta anos ou mais, sozinha, esperando para enlouquecer, esperando que o corpo enfraquecesse, se deteriorasse. Para ela, vida significava *vida*. Disso tinha certeza. Não haveria compaixão para ela. O detetive deixara isso bem claro. Absolutamente nenhuma compaixão. Nem amigos. Perdida e esquecida... exceto pelo ódio.

Ela tomou sua decisão com toda a calma. À maneira dos prisioneiros no mundo inteiro, encontrara um meio de obter um pedaço de metal com uma beira cortante. Na verdade, era um segmento da lâmina com que lhe permitiam raspar as pernas uma vez por mês. Tirou-o do esconderijo, depois afastou o lençol — também branco — do colchão. Era um colchão como qualquer outro, com cerca de dez centímetros de espessura, coberto por um tecido listrado. O remate era um cordão de pano, endurecido, com o tecido do colchão esticado e costurado ao redor, para ter resistência. Com o pedaço de lâmina, Petra começou a desprender o remate. Levou três horas e uma quantidade de sangue que não foi pequena, pois o segmento de lâmina era mínimo, e cortou seus dedos muitas vezes, mas finalmente obteve dois metros de corda improvisada. Converteu uma das extremidades da corda num laço. Amarrou a outra extremidade na armação da lâmpada por cima da porta. Teve de subir na cadeira para fazer isso, mas de qualquer forma precisaria subir na cadeira. Fez três tentativas antes de conseguir o nó certo. Não queria deixar muita folga na corda.

Satisfeita com o resultado, ela continuou sem qualquer pausa. Petra Hassler-Bock tirou o vestido e o sutiã. Em seguida, ajoelhou-se na cadeira, de costas para a porta, na posição certa, pôs o laço no pescoço, apertou-o. Depois levantou as pernas, usando o sutiã para prendê-las entre suas costas e a porta. Não queria vacilar em sua decisão. Precisava demonstrar sua coragem, sua devoção. Sem esperar por uma prece ou lamento, suas mãos empurraram a cadeira para longe. O corpo caiu uns cinco centímetros, antes que a corda improvisada detivesse a queda e esticasse. O corpo rebelou-se contra sua vontade neste momento. As pernas levantadas fizeram força contra o sutiã que as prendia, entre a parte posterior das coxas e o metal da porta, mas ao resistirem à pressão apenas

conseguiram afastar Petra da porta, por uma fração, e isso aumentou seu estrangulamento na parte superior do pescoço.

Ela ficou surpresa com a dor. O laço fraturou a laringe, antes de escorregar para um ponto por baixo do queixo. Os olhos se arregalaram, fixados nos tijolos brancos da parede no outro lado. Foi nesse instante que o pânico a dominou. A ideologia tem seus limites. Ela não podia morrer, não queria morrer, não queria...

Os dedos subiram para a garanta. Era um erro. Lutaram para se enfiar sob o remate *do* colchão, mas era muito fino, cortava fundo a pele macia de seu pescoço, de tal forma que não conseguia meter um único dedo por baixo. Ainda assim ela lutou, sabendo que dispunha apenas de meros segundos antes que a perda de sangue no cérebro... tudo se tornava vago agora, a visão começava a sofrer. Não podia mais ver as linhas da argamassa entre os tijolos alinhados ao impecável estilo alemão na parede do outro lado. As mãos continuaram a tentar, cravando-se nos vasos sanguíneos da superfície da garganta, extraindo sangue, o que fez o laço escorregar, apertando ainda mais, cortando a circulação pela carótida quase que por completo. A boca se escancarou e ela tentou gritar, não, não queria morrer, não... precisava de ajuda. Ninguém podia ouvi-la? Ninguém podia ajudá-la? Tarde demais, apenas dois segundos, talvez só um, talvez nem mesmo isso, o último resquício de consciência lhe disse que se pelo menos conseguisse afrouxar o sutiã que prendia suas pernas, poderia ficar de pé e...

O detetive assistia à cena na tela de tevê. Viu as mãos de Petra se estenderem para o sutiã, tentando alcançar o fecho, antes de descaírem, agitando-se por mais uns poucos segundos, até ficarem inertes. *Tão perto*, pensou ele. *Tão perto de salvar a si mesma*. Era uma pena. Ela fora uma moça bonita, mas optara por assassinar e torturar, e também optara por morrer. Se mudara de idéia ao final... não era o que acontecia com todos? Bom, nem todos... aquilo era apenas uma prova reiterada de que os brutais eram covardes, no final das contas, *nicht wahr?*

*Aber natürlich.*

— A televisão está quebrada — disse ele, desligando o aparelho. — E melhor providenciar uma nova, para ficar de olho na

prisioneira Hassler-Bock.

— Levará pelo menos uma hora — informou a supervisora.

— E tempo suficiente.

O detetive removeu a fita cassete do mesmo aparelho que usara para exibir a comovente cena familiar. Guardou-a na mesma pasta com a outra. Trancou a pasta e levantou-se. Não havia um sorriso em seu rosto, mas havia uma expressão de satisfação. Não era culpa sua que o *Bundestag* e o *Bundesrat* fossem incapazes de aprovar uma simples e eficiente pena de morte. Isso acontecia por causa dos nazistas, é claro. Malditos bárbaros. Mas até os bárbaros não eram idiotas rematados. Não haviam destruído as auto-estradas ao final da guerra, não é mesmo? Claro que não. Assim, só porque os nazistas haviam executado pessoas... ora, algumas não passavam de assassinos comuns, que qualquer governo civilizado da época teria executado. E se havia alguém que merecia a morte, era Petra Hassler-Bock. Assassinato por tortura. Morte por enforcamento. O desenlace, refletiu o detetive, era bastante justo. O caso de homicídio de Wilhelm Manstein estivera aos seus cuidados desde o início. Ele se encontrava presente quando os órgãos genitais do homem haviam chegado pelo correio. Acompanhara a autópsia, comparecera ao funeral, e se lembrava das noites insones, quando não conseguia remover da mente os horrendos espetáculos. Talvez agora pudesse fazê-lo. A justiça fora lenta, mas se consumara. Com um pouco de sorte, aquelas duas meninas bonitas cresceriam como cidadãs decentes, e ninguém jamais saberia quem e o que fora a sua mãe biológica.

O detetive deixou a prisão e encaminhou-se para seu carro. Não queria estar perto da prisão quando o corpo fosse descoberto. Caso encerrado.

— Oi, cara.

— Ouvi falar que você é bom com armas, Marvin — disse Ghosn ao amigo.

— Nada demais. Atiro desde que era garoto. Era assim que providenciava o jantar no lugar de onde vim.

— Demonstrou que atira melhor do que o nosso instrutor.

— Seus alvos são muito maiores do que um coelho, e não se mexem. Eu costumava acertar coelhos em disparada com minha .22. Se tem de atirar no que come, aprende bem depressa a acertar no que mira. Como está indo o seu trabalho com aquela bomba?

— Muito trabalho para pouco proveito — respondeu Ghosn.

— Talvez você possa fazer um rádio com todo aquele material elétrico — sugeriu o americano.

Talvez algo útil.

## ÚLTIMAS RESISTÊNCIAS

Voar para oeste é sempre mais fácil do que voar para leste. O corpo humano se ajusta mais facilmente a um dia mais longo do que a outro mais curto, e a combinação de boa comida e bom vinho torna tudo ainda mais fácil. O Força Aérea Um dispunha de uma sala de reuniões de bom tamanho, que podia ser usada para todos os tipos de funções. Neste caso, era um jantar para altos funcionários da administração e membros seletos da imprensa. A comida, como sempre, era magnífica. O Força Aérea Um talvez fosse o único avião no mundo que servia outra coisa além de refeições e tevê. Seus comissários de bordo compram diariamente alimentos frescos, que muitas vezes são preparados a seiscentos nós de velocidade e treze mil metros de altitude. Mais de um dos cozinheiros já deixaram o serviço militar para se tornarem *chefs* em algum clube campestre ou restaurante de luxo. Ter cozinhado para o presidente dos Estados Unidos da América é sempre um destaque no currículo de qualquer *chef*.

O vinho, naquele caso, era de Nova York, um Chablis particularmente bom, que se sabia que o presidente apreciava, quando não estava bebendo cerveja. O 747 adaptado tinha três caixas cheias no compartimento de bagagem. Dois sargentos em jalecos brancos mantinham todos os copos cheios, enquanto os pratos eram servidos e retirados. O clima era descontraído, e a conversa informal; os jornalistas tinham de tomar muito cuidado, ou jamais tornariam a comer ali.

— Senhor presidente — perguntou *The New York Times* —, com que rapidez acha que o tratado será implementado?

— Já começou, enquanto conversamos. Os representantes do exército suíço já se encontram em Jerusalém para avaliar a situação. O secretário Bunker está se reunindo com o governo israelense para providenciar a chegada das forças americanas na região. Esperamos

que tudo comece a se ajustar em seus lugares dentro de duas semanas.

— E as pessoas que terão de desocupar suas casas? — indagou *The Chicago Tribune*.

— Será uma grande inconveniência, sem dúvida, mas as novas casas serão construídas rapidamente, com a nossa ajuda. Os israelenses já pediram e receberão créditos para adquirir casas pré-fabricadas nos Estados Unidos. Também financiaremos a instalação ali de uma fábrica desse tipo, para que eles continuem por conta própria. Milhares de pessoas serão transferidas. Será algo penoso, mas estamos cuidando para que o processo se torne o mais fácil possível.

— Ao mesmo tempo — interveio Liz Elliot —, não vamos esquecer que qualidade de vida é mais do que ter um teto sobre sua cabeça. A paz tem um preço, mas também traz seus benefícios. Aquelas pessoas conhecerão a segurança genuína pela primeira vez em suas vidas.

— Desculpe, senhor presidente — disse o repórter do *Tribuna*.

— Não tive a intenção de fazer uma crítica. Creio que todos concordamos que este tratado é uma dádiva divina. — Cabeças acenaram ao redor da mesa. — Mas sua execução é uma história importante, e nossos leitores vão querer saber tudo a respeito.

— As transferências de pessoal serão a parte mais difícil — respondeu Fowler, calmamente. — Devemos saudar o governo israelense por ter concordado, e devemos fazer o melhor que pudermos para que o processo seja tão indolor quanto for humanamente possível.

— E que unidades americanas serão enviadas para defender Israel? — perguntou outro repórter.

— Fico contente que tenha perguntado isso — disse Fowler.

E era verdade. O interrogador anterior ignorara o obstáculo em potencial à implementação do tratado — o Knesset israelense ratificaria os acordos?

— Como já deve ter ouvido — continuou o presidente —, estamos restabelecendo uma nova unidade do exército, o 10º Regimento de Cavalaria dos Estados Unidos. Está sendo formado no

forte Stewart, Geórgia, e determinei que navios da Esquadra de Reserva da Defesa Nacional fossem mobilizados para levar o regimento a Israel, o mais depressa possível. O 10º de Cavalaria é uma unidade famosa, com uma história eminente. Foi uma das unidades negras que os estudiosos do Velho Oeste ignoraram quase que por completo. Como o acaso decidiu... — o acaso nada tinha a ver com aquilo — ... o primeiro comandante será um afro-americano, coronel Marion Diggs, eminente soldado, formado em West Point e tudo o mais. Esta será a força de terra. O componente aéreo será um grupo de esquadrilhas completo de caças-bombardeiros F-16, além de um destacamento dos aviões-radar AWACS, mais o pessoal de apoio habitual. Finalmente, os israelenses vão nos ceder instalações portuárias em Haifa, e teremos quase sempre uma força-tarefa da marinha e uma unidade expedicionária dos fuzileiros no Mediterrâneo oriental, para apoiar todo o resto.

— Mas com os cortes...

— Dennis Bunker teve a idéia do 10º de Cavalaria, e juro que gostaria de dizer que é minha. Quanto ao resto, tentaremos encaixar de alguma forma ou outra no resto do orçamento da defesa.

— É realmente necessário, senhor presidente? Afinal, com todas as batalhas do orçamento, em particular na questão da defesa, precisamos mesmo...

— Claro que precisamos — a assessora de segurança nacional interrompeu bruscamente o repórter. *Seu idiota*, dizia a expressão de Elliot. — Israel tem considerações sérias e reais de segurança, e nosso compromisso de preservar a segurança israelense é a condição *sine qua non* deste acordo.

— Essa não, Marty! — sussurrou outro repórter.

— Compensaremos a despesa adicional em outras áreas — acrescentou o presidente. — Sei que estou voltando a mais um *round* de disputa ideológica sobre a maneira como pagamos o custo do governo, mas creio que demonstramos neste caso que o custo do governo compensa. Se tivermos de elevar um pouco os impostos para manter a paz mundial, então o povo americano vai compreender e apoiar.

Os repórteres anotaram o comentário. O presidente ia propor mais um aumento de impostos. Já houvera o Dividendo da Paz I e II. Aquele seria o primeiro Imposto da Paz, refletiu uma repórter, com um sorriso irônico. E passaria pelo Congresso, junto com todo o resto. O sorriso tinha outra causa também. Ela notara a expressão nos olhos do presidente quando ele olhava para a assessora de segurança nacional. Já especulara a respeito antes. Tentara encontrar Liz Elliot em casa duas vezes, pouco antes da viagem para Roma, e em ambas as ocasiões fora a secretária eletrônica que atendera na linha particular. Poderia ter investigado isso, vigiado a casa de Elliot na Kalorama Road, registrando com que freqüência a assessora de segurança nacional dormia em casa ou não. O presidente era viúvo, e sua vida pessoal não tinha importância pública, desde que fosse discreto e não interferisse com a condução dos negócios de Estado. A repórter calculou que fora a única que percebera. Mas talvez fosse uma boa coisa, ela concluiu, que o presidente e sua assessora de segurança nacional fossem tão íntimos. Era só pensar como tudo correria bem com o Tratado do Vaticano...

O general Abraham Ben Jakob leu o texto do tratado na privacidade de seu escritório. Não era um homem que tinha com freqüência qualquer dificuldade para definir seus pensamentos. Esse era um luxo que lhe era proporcionado pela paranóia, ele sabia. Durante toda a sua vida adulta — uma vida que começara aos dezesseis anos em seu caso, a primeira vez em que empunhara armas na defesa de seu país — o mundo fora um lugar extremamente simples de se compreender: havia os israelenses e havia os outros. A maioria dos outros era de inimigos ou inimigos em potencial. Uns poucos dos outros eram associados ou talvez amigos, mas a amizade para Israel era quase sempre uma coisa unilateral. Avi dirigira cinco operações nos Estados Unidos, "contra" os americanos. "Contra" era um termo relativo, é claro. Jamais tencionara prejudicar os Estados Unidos, apenas queria saber algumas coisas que o governo americano conhecia, ou obter algo que o governo americano possuía e de que Israel precisava. Era



verdade que a informação nunca seria usada contra os Estados Unidos, nem os armamentos militares, mas os americanos não gostavam que roubassem seus segredos, o que era compreensível. Mas isso não perturbava absolutamente o general Ben Jakob. Sua missão na vida era proteger o Estado de Israel, não ser agradável às pessoas. Os americanos compreendiam isso. Os americanos partilhavam de vez em quando informações secretas com o Mossad. O que quase sempre ocorria numa base informal. E, em raras ocasiões, o Mossad fornecia informações aos americanos. Era tudo muito civilizado — na verdade, não era muito diferente de duas empresas concorrentes, que partilhavam os mesmos adversários e os mesmos mercados, e às vezes cooperavam, mas jamais confiavam plenamente uma na outra.

Esse relacionamento mudaria agora. Tinha de mudar. Os Estados Unidos agora empenhavam suas próprias tropas na defesa israelense. Isso fazia com que os americanos fossem em parte responsáveis pela defesa de Israel — e, na reciprocidade, fazia com que Israel se tornasse responsável pela segurança dos americanos (algo que a imprensa americana ainda não percebera). Esse era o departamento do Mossad. A partilha de informações teria de se tornar muito mais ampla do que até agora. Avi não gostava disso. Apesar da euforia do momento, os Estados Unidos não eram um país ao qual se pudesse confiar segredos, em particular os que eram obtidos depois de muito esforço, às vezes até com sangue, pelos agentes sob seu comando. Muito em breve os americanos enviariam um representante de sua comunidade de informações para definir os detalhes. Ryan seria o escolhido, é claro. Avi começou a tomar anotações. Precisava de tantas informações quanto pudesse obter sobre Ryan, a fim de poder negociar o acordo mais favorável possível com os americanos.

Ryan... seria mesmo verdade que fora ele quem iniciara todo aquele processo? Havia uma dúvida, pensou Ben Jakob. O governo americano negara, mas Ryan não era um favorito do presidente Fowler, nem de sua assessora de segurança nacional, Elizabeth Elliot. As informações sobre ela eram incontestáveis. Quando professora de ciência política em Bennington, ela convidara

representantes da OLP para apresentarem sua posição sobre o Oriente Médio — em nome da justiça e do equilíbrio! Podia ser pior. Ela não era Vanessa Redgrave, dançando com uma AK-47 por cima da cabeça, refletiu Avi. Mas a "objetividade" da sacana se estendera ao ponto de escutar polidamente os representantes das pessoas que haviam atacado crianças israelenses em Malalot, e atletas israelenses em Munique. Como a maioria dos membros do governo americano, ela esquecera qual era o princípio. Mas Ryan não era assim...

*O Tratado era obra dele.* Suas fontes estavam certas. Fowler e Elliot nunca teriam uma idéia assim. Nunca lhes ocorreria usar a religião como a chave para resolver o problema.

O Tratado. Ele voltou a se concentrar nisso, verificando suas anotações. Como o governo se deixara ser manobrado àquela situação?

*Venceremos...*

Era simples assim, não é mesmo? Os telefonemas e telegramas em pânico dos amigos americanos de Israel, a maneira com que já começavam a saltar do navio, como se...

Mas como poderia ser de outra forma?, Avi perguntou a si mesmo. De qualquer forma, o Tratado do Vaticano era algo consumado. Provavelmente algo consumado, ele ressalvou. A erupção na população israelense já se iniciara, e os próximos dias seriam agitados. Os motivos para isso eram bastante simples de se compreender.

Israel estava, essencialmente, desocupando a Margem Ocidental. Unidades do exército permaneceriam ali, junto com unidades americanas ainda baseadas na Alemanha e no Japão, mas a Margem Ocidental se tornaria um Estado palestino, desmilitarizado, suas fronteiras garantidas pela ONU, o que era provavelmente um lindo pedaço de pergaminho emoldurado, refletiu Ben Jakob. A garantia real seria de Israel e Estados Unidos. A Arábia Saudita e os outros Estados do golfo Pérsico pagariam a reabilitação econômica dos palestinos. O acesso a Jerusalém também seria garantido — seria ali que se concentraria a maior parte das tropas israelenses, com bases grandes e seguras, e o direito de patrulhar à

vontade. A cidade de Jerusalém se tornaria um domínio do Vaticano. Um prefeito eleito... ele especulou se o israelense agora no posto permaneceria... Por que não? Afinal, era o mais imparcial dos homens. Cuidaria da administração civil, mas as questões internacionais e religiosas seriam conduzidas sob a autoridade do Vaticano, por uma tróica de três clérigos. A segurança local de Jerusalém seria entregue a um regimento motorizado suíço. Avi poderia ter desdenhado essa idéia, mas sabia que os suíços haviam servido de modelo para o exército israelense, e os suíços deveriam realizar o treinamento com o regimento americano. O 10º de Cavalaria era formado por soldados regulares de elite. No papel, era tudo perfeito.

Como geralmente acontecia com as coisas no papel. Nas ruas de Israel, no entanto, as manifestações enfurecidas já haviam começado. Milhares de cidadãos israelenses seriam deslocados. Dois policiais e um soldado tinham sido feridos... por israelenses. Os árabes mantinham-se a distância. Uma comissão separada, dirigida por um saudita, tentaria determinar que família árabe possuía que terreno — uma situação que Israel confundira por completo, ao capturar a terra que podia ou não ser possuída por árabes, e... Mas isso não era problema de Avi, pelo que agradecia a Deus. Seu nome era Abraham, não Salomão.

*Pode dar certo?*, ele especulou.

*Não pode dar certo*, disse Qati a si mesmo. A notícia de que fora assinado um tratado o lançara num acesso de náusea por dez horas. Agora, ao ler o tratado, sentia-se às portas da morte.

*Paz? E, no entanto, Israel continuará a existir?* Como ficavam então os seus sacrifícios, as centenas e milhares de guerreiros da liberdade, imolados pelos canhões e bombas israelenses? Pelo que haviam morrido? Pelo que Qati sacrificara sua vida? Seria melhor ter morrido, pensou Qati. Negara-se tudo. Poderia ter levado uma vida normal, com uma esposa e filhos, uma casa e um bom trabalho, poderia ser um médico ou engenheiro, banqueiro ou comerciante. Possuía a inteligência para ter êxito em qualquer coisa que a mente escolhesse como digna de seu empenho... mas não, escolhera o

mais difícil dos caminhos. Seu objetivo era construir uma nova nação, criar um lar para seu povo, proporcionar a dignidade humana que todos mereciam. Liderar seu povo. Derrotar os invasores.

Ser lembrado.

Era por isso que ele ansiava. Qualquer um podia reconhecer a injustiça, mas remediá-la lhe garantiria ser lembrado como um homem que mudara o curso da história humana, mesmo que fosse apenas um pouco, mesmo que fosse apenas para uma pequena nação...

O que não era verdade, Qati admitiu para si mesmo. A realização de sua missão implicava em desafiar as grandes nações, os americanos e europeus que impunham seus preconceitos à sua antiga pátria, e homens que faziam isso eram lembrados como homens pequenos. Se ele fosse bem-sucedido, seria lembrado entre os grandes, pois grandes feitos definem grandes homens, e os grandes homens eram aqueles de que a história se lembrava. Mas os feitos de quem seriam lembrados agora? Quem conquistara o quê... ou quem?

Não era possível, afirmou o comandante para si mesmo. Contudo, o estômago lhe dizia outra coisa, enquanto lia o texto do tratado, com suas palavras secas e precisas. O povo palestino, seu nobre e corajoso povo, poderia se deixar seduzir por aquela infâmia?

Qati levantou-se e voltou a seu banheiro particular, a fim de vomitar mais uma vez. Isso, uma parte do cérebro lhe disse, enquanto se debruçava sobre o vaso, era a resposta à sua indagação. Depois de algum tempo, ele se empertigou, tomou um copo d'água para tirar o gosto horrível da boca, mas havia um outro gosto que não saía com tanta facilidade.

No outro lado da rua, em mais uma casa segura da organização, Günther Bock escutava o serviço de rádio alemão para o exterior da *Deutsche Welle*. Apesar de suas convicções políticas e independente do lugar em que se encontrasse, Bock nunca deixava de pensar em si mesmo como um alemão. Um alemão revolucionário-socialista, é verdade, mas um alemão. Fora outro dia quente em sua verdadeira pátria, informava o rádio, com céu claro,

um bom dia para se passear pela margem do Reno, de mãos dadas com Petra, e... Uma breve notícia fez com que seu coração parasse.

— A assassina condenada Petra Hassler-Bock foi encontrada morta por enforcamento em sua cela, esta tarde, vítima de aparente suicídio. Esposa do terrorista fugitivo Günther Bock, Petra Hassler-Bock foi condenada pelo brutal assassinato de Wilhelm Manstein, depois de ser presa em Berlim e sentenciada à prisão perpétua. Petra Hassler-Bock tinha trinta e oito anos.

O locutor fez uma pausa e passou para outra notícia:

— A recuperação do time de futebol de Dresden surpreendeu a muitos observadores. Comandados pelo grande atacante Willi Scheer...

Os olhos de Bock se arregalaram na escuridão de seu quarto. Incapaz de sequer fitar o dial do rádio, seu rosto se desviou para a janela aberta, ele contemplou as estrelas da noite.

*Petra, morta?*

Sabia que era verdade, sabia que não podia dizer a si mesmo que era impossível. Era até possível demais... inevitável, na verdade. *Aparente suicídio!* Claro, da mesma forma como os membros do Baader-Meinhof haviam *aparentemente* cometido suicídio, um deles atirando na própria cabeça... três vezes. "Foi uma autêntica pressão da morte no revólver", era a piada que circulava na ocasião entre a comunidade policial da Alemanha Ocidental.

Haviam assassinado sua esposa, Bock tinha certeza. Sua bela Petra morrera. Sua melhor amiga, sua mais sincera camarada, sua paixão. Morta. Não deveria afetá-lo tão profundamente, Günther sabia.

O que mais poderia esperar? Claro que tinham de matá-la. Ela era ao mesmo tempo um vínculo com o passado e um vínculo potencialmente perigoso com a Alemanha socialista do futuro. Ao matá-la, asseguravam ainda mais a estabilidade política da nova Alemanha, *Das Vierte Reich*.

— Petra — ele sussurrou para si mesmo.

Ela era mais do que uma figura política, mais do que uma revolucionária. Günther lembrou cada contorno de seu rosto, cada curva de seu corpo jovem. Lembrou a espera pelo nascimento das

crianças, e o sorriso com que ela o recebera depois de dar à luz Erika e Ursel. As meninas também estavam perdidas, totalmente afastadas dele, como se tivessem morrido.

Não era um momento para ficar sozinho. Bock vestiu-se e atravessou a rua. Qati, ele ficou satisfeito ao descobrir, ainda continuava acordado, embora exibisse uma horrível aparência.

— Qual é o problema, meu amigo? — indagou o comandante.

— Petra morreu.

Qati demonstrou uma aflição sincera no rosto.

— O que aconteceu?

— A notícia diz que ela foi encontrada morta em sua cela... enforcada. Sua Petra, pensou Bock, num choque retardado, estrangulada pelo gracioso pescoço. A imagem era angustiante demais para a contemplação. Ele já testemunhara aquele tipo de morte. Junto com Petra, executara um inimigo de classe dessa maneira, e observara seu rosto empalidecer, depois escurecer, e... A imagem era insuportável. Não podia se permitir ver Petra desse jeito. Qati baixou a cabeça em pesar.

— Que Alá tenha misericórdia de nossa amada camarada.

Bock conseguiu não franzir o cenho. Nem ele nem Petra jamais haviam acreditado em Deus, mas Qati era bem-intencionado em sua prece, embora não fosse nada mais que um desperdício de fôlego. No mínimo, era uma manifestação de simpatia e boa vontade... e amizade. Bock precisava disso naquele momento, por isso ignorou a irrelevância e respirou fundo.

— É um péssimo dia para a nossa causa, Ismael.

— Pior do que imagina. Esse maldito tratado...

— Já sei, já sei — murmurou Bock.

— O que você acha?

Uma coisa em que Qati podia confiar era a honestidade de Günther. O alemão era objetivo em tudo.

Bock pegou um cigarro na mesa do comandante, acendeu-o com o isqueiro que estava ao lado. Não sentou, preferindo andar de um lado para outro da sala. Precisava se movimentar para provar a si mesmo que continuava vivo, enquanto ordenava a mente para analisar a questão de maneira objetiva.

— Devemos considerar isso como uma mera parte de um plano maior. Quando os russos traíram o socialismo internacional, desencadearam uma série de eventos destinados a consolidar o controle das classes capitalistas sobre a maior parte do mundo. Pensei que os soviéticos propiciavam isso apenas como uma manobra de hábil estratégia, a fim de conseguirem ajuda econômica... deve compreender que os russos são um povo atrasado, Ismael. Nem mesmo conseguiram fazer com que o comunismo funcionasse. E verdade que o comunismo foi inventado por um alemão.

Bock fez uma careta irônica ao dizer isso (diplomaticamente, não acrescentou que Marx era um judeu). Depois de uma breve pausa, continuou com uma voz fria e analítica. Sentia-se grato pela oportunidade de fechar a porta por um momento às suas emoções, e falar como o revolucionário de antigamente.

— Eu estava enganado. Não foi absolutamente uma questão de tática. É uma traição total. Os elementos progressistas na União Soviética foram neutralizados ainda mais completamente do que na RDA. A reaproximação com os americanos é genuína. Estão trocando a pureza ideológica pela prosperidade temporária, é verdade, mas não existe nenhum plano de sua parte de retorno ao socialismo.

O alemão fez outra pausa.

— Os americanos, por sua vez, estão cobrando um preço pela ajuda que oferecem. Obrigaram os soviéticos a negarem apoio ao Iraque, a reduzir o apoio para vocês e seus irmãos árabes, e finalmente a aceitar o plano de garantir Israel de uma vez por todas. E evidente que o *lobby* de Israel nos Estados Unidos vem planejando essa manobra há algum tempo. O que a torna diferente é a aquiescência soviética. Temos de enfrentar agora não apenas a América, mas uma conspiração em escala global. Não temos amigos, Ismael. Estamos sozinhos.

— Diz que estamos derrotados?

— Não! — Os olhos de Bock flamejaram por um instante. — Se pararmos agora... eles já dispõem de uma vantagem considerável, meu amigo. Dê-lhes mais uma, e aproveitarão a atual situação para caçar a todos nós. Seu relacionamento com os russos é tão ruim

quanto sempre foi. Ficará pior. Daqui a pouco os russos começarão a cooperar com os americanos e sionistas.

— Quem poderia jamais imaginar que os americanos e os russos...

— Ninguém. Ninguém, à exceção dos que criaram essa situação, a elite dominante americana e seus cães comprados, Narmonov e seus lacaios. Eles foram extremamente hábeis, meu amigo. Devíamos ter percebido o que estava para acontecer, mas nada notamos. Você não percebeu nada aqui. Eu não percebi na Europa. O fracasso foi nosso.

Qati disse a si mesmo que a verdade era justamente o que precisava ouvir, mas seu estômago proclamava o contrário.

— Que idéias você tem para remediar a situação? — indagou o comandante.

— Estamos diante da aliança de dois amigos bastante improváveis e seus acólitos. E preciso encontrar uma maneira de destruir a aliança. Em termos históricos, quando uma aliança é rompida, os dois ex-aliados se tornam ainda mais desconfiados um do outro do que antes da aliança ser formada.

— Como fazer isso? Bock deu de ombros.

— Não sei. Isso vai exigir tempo... As oportunidades existem. Devem existir. Há muitas pessoas que sentem como nós, muitas pessoas ainda na Alemanha que sentem como eu.

— Mas diz que deve começar entre a América e a Rússia? — insistiu Qati, interessado como sempre nos devaneios do amigo.

— É para isso que deve levar. Se houver um meio de começar por aí, tanto melhor, mas isso parece improvável.

— Talvez não tão improvável quanto você imagina, Günther — disse Qati a si mesmo, sem perceber que falara em voz alta.

— Como assim?

— Não é nada. Conversaremos a respeito mais tarde. Estou cansado, meu amigo.

— Perdoe-me por incomodá-lo, Ismael.

— Vingaremos Petra, meu amigo. Eles pagarão por seus crimes.

— Obrigado.



Bock se retirou. Dois minutos depois, estava de volta a seu quarto. O rádio continuava ligado, agora tocando música tradicional. Tudo lhe voltou então, com um tremendo impacto. Mas não derramou nenhuma lágrima. Sentia apenas uma tremenda raiva. A morte de Petra era uma tragédia pessoal angustiante, mas todo o seu *mundo* de idéias fora traído. A morte da esposa não passava de uma doença mais profunda e virulenta. O mundo inteiro pagaria pelo assassinato de Petra, se ele pudesse dar um jeito. Tudo em nome da justiça revolucionária, é claro.

O sono demorou a chegar para Qati. Surpreendentemente, parte do problema era o sentimento de culpa. Também tinha recordações de Petra Hassler e seu corpo flexível — ela ainda não era casada com Günther na ocasião — e o pensamento de que ela morreria, de que fora encontrada na extremidade de uma corda alemã... Como ela morreria? Suicídio, não fora o que dissera o noticiário? Qati acreditava. Eram frágeis, aqueles europeus. Inteligentes, mas frágeis. Conheciam a paixão da luta, mas não conheciam a resistência. Sua vantagem era a visão mais ampla. O que decorria de seu ambiente mais cosmopolita e de uma educação geralmente superior. Enquanto Qati e seu povo tendiam a focalizar de uma forma exagerada seu problema imediato, os camaradas europeus podiam analisar as questões mais amplas com maior clareza. O momento de lucidez perceptiva veio como uma surpresa. Qati e seu pessoal sempre haviam considerado os europeus como camaradas, mas não como iguais, como diletantes no negócio da revolução. Era um erro. Os europeus sempre enfrentaram uma tarefa revolucionária mais árdua porque careciam do mar de descontentamento do qual Qati e seus colegas extraíam os recrutas. O fato de terem menos sucesso em seus alvos era uma decorrência de circunstâncias objetivas, não um reflexo de sua inteligência ou dedicação.

Bock daria um excepcional chefe de operações porque via as coisas com clareza.

E *agora?*, Qati se perguntou. Era preciso tempo para refletir a respeito. Não era uma questão que devesse ter uma resposta

precipitada. Pensaria nisso por vários dias... talvez uma semana inteira, concluiu o comandante, enquanto tentava dormir.

— ... tenho o grande privilégio e honra de introduzir o presidente dos Estados Unidos.

Os membros reunidos do Congresso levantaram-se ao mesmo tempo, no plenário apinhado da Câmara. Na primeira fila estavam os membros do gabinete, os chefes do Estado-Maior das forças armadas, e os ministros do Supremo Tribunal Federal, que também se levantaram. Havia mais gente nos balcões, inclusive os embaixadores saudita e israelense, lado a lado, pela primeira vez na história. As câmeras de tevê deram um panorâmica da vasta sala, em que já se fizera tanto a história quanto a infâmia. Os aplausos ressoaram de parede a parede, até que as mãos ficaram vermelhas de tanto bater palmas.

O presidente Fowler pôs suas anotações na pequena estante. Virou-se para apertar as mãos do presidente da Câmara, do presidente do Senado, e de seu vice-presidente, Roger Durling. Na euforia do momento, ninguém notaria que Durling foi o último a ser cumprimentado. Em seguida, Fowler virou-se para sorrir e acenar para a multidão ali reunida, e o ruído tornou a aumentar. Fowler recorreu a todos os gestos de seu repertório. O aceno com uma das mãos, o aceno com as duas mãos, mãos na altura dos ombros, mãos acima da cabeça. A reação foi de fato bipartidária, o que era extraordinário, refletiu Fowler. Seus inimigos mais veementes na Câmara e Senado mostravam-se vigorosos em seu entusiasmo, e ele sabia que eram sinceros. Ainda havia o verdadeiro patriotismo no Congresso, para surpresa de todos. Finalmente, ele acenou para pedir silêncio, e os aplausos se desvaneceram, com evidente relutância.

— Meus compatriotas americanos, vim a esta casa para relatar os recentes acontecimentos na Europa e Oriente Médio, e apresentar ao Senado dos Estados Unidos dois documentos de tratados que contarão, assim espero, com sua aprovação rápida e entusiástica.

Mais aplausos.

— Com estes tratados, os Estados Unidos, atuando em cooperação com muitas outras nações... algumas antigas nações amigas, de absoluta confiança, e algumas novas e valiosas... ajudaram a promover a paz numa região que muito contribuiu para proporcionar paz ao mundo, mas que conheceu bem pouca paz. Pode-se vasculhar toda a história humana. Pode-se traçar a evolução do espírito humano. Todo o progresso humano, todas as luzes brilhantes que iluminaram o nosso caminho desde o barbarismo, todos os grandes homens e mulheres de bem que rezaram, sonharam, esperaram e se empenharam por este momento... este momento, esta oportunidade, esta culminação, é a última página na história do conflito humano. Alcançamos não um ponto de partida, mas sim um ponto de parada. Nós...

Mais aplausos interromperam o presidente. Ele ficou um pouco irritado, não tendo planejado aquela interrupção. Sorriu, acenando por silêncio.

— Nós alcançamos um ponto final. Tenho a honra de lhes comunicar que a América liderou o progresso pela estrada da justiça e paz. — Aplausos. — Nada mais condizente que isso ocorresse...

Cathy Ryan murmurou:

— Não acha um pouco pomposo?

— Um pouco. — Jack soltou um grunhido em sua poltrona e estendeu a mão para o vinho. — Mas é assim que as coisas são, meu bem. Há regras para esse tipo de coisa, assim como existem na ópera. Deve-se seguir a fórmula. Além do mais, é um grande... mais do que isso, um colossal acontecimento. A paz está irrompendo outra vez.

— Quando você vai partir? — perguntou Cathy.

— Em breve.

Na televisão, Fowler continuava a falar:

— Claro que há um preço que devemos pagar por isso, mas a história exige responsabilidade daqueles que a forjam. E nossa missão garantir a paz. Devemos enviar homens e mulheres americanos para proteger o Estado de Israel. Juramos defender esse pequeno e corajoso país contra todos os inimigos.

— Que inimigos são esses? — indagou Cathy.

— A Síria ainda não está muito feliz com o tratado. Nem o Irã. Em relação ao Líbano, a verdade é que não existe nenhum Líbano, no sentido real da palavra. E apenas um lugar no mapa em que as pessoas morrem. A Líbia e todos aqueles grupos terroristas. Ainda há inimigos com que se preocupar.

Ryan esvaziou o copo, e foi até a cozinha para tornar a enchê-lo. Era uma pena desperdiçar um vinho tão bom, pensou ele. Da maneira como o entornava, poderia beber qualquer coisa...

— Haverá também um custo monetário — dizia Fowler, quando Ryan voltou à sala.

— Os impostos vão subir de novo — comentou Cathy, irritada.

— O que você esperava?

*Cinqüenta milhões são culpa minha, é claro. Um bilhão aqui, um bilhão ali...*

— Isso vai mesmo fazer alguma diferença, Jack?

— Deve fazer. Descobriremos se todos aqueles líderes religiosos acreditam no que dizem, ou se não passam de vigaristas. O que fizemos foi guindá-los a uma posição de destaque, meu bem... Onde terão de aplicar seus "princípios". Ou eles cuidam das coisas de acordo com suas crenças, ou se revelam como charlatões.

— E...?

— Não creio que sejam charlatões. Acho que serão fiéis ao que sempre pregaram. Não podem deixar de ser.

— E muito em breve você não terá qualquer trabalho real para fazer, não é? Jack percebeu o tom esperançoso na voz da mulher.

— Não sei nada sobre isso.

Depois do discurso do presidente, vieram os comentários. Falou em oposição o rabino Solomon Mendelew, um idoso nova-iorquino que era um dos mais fervorosos — alguns diriam fanáticos — partidários de Israel. Por mais estranho que pudesse parecer, ele nunca estivera em Israel. Jack não sabia o motivo para isso, e fez uma anotação mental para descobrir no dia seguinte. Mendelew liderava um pequeno mas eficaz segmento do *lobby* israelense. Quase ficara sozinho ao manifestar sua aprovação — isto é, pelo menos compreensão — às mortes no Monte do Templo. O rabino

tinha barba e usava um solidéu preto por cima do que parecia ser um terno bastante amarrotado.

— Isto é uma traição ao Estado de Israel — declarou ele, depois de ouvir a primeira pergunta, surpreendentemente falando de forma serena e objetiva. — Ao forçar Israel a devolver o que legitimamente lhe pertencia, os Estados Unidos traíram o direito histórico do povo judeu à terra de seus antepassados, e também comprometeram gravemente a segurança física do país. Cidadãos israelenses serão obrigados a deixar suas casas sob a mira de armas, como aconteceu há cinquenta anos.

— Ei, espere um pouco! — protestou outro comentarista, com veemência.

— Por Deus, como essas pessoas são arrebatadas! — murmurou Jack.

— Perdi pessoas da minha família no Holocausto — disse Mendeleev, a voz ainda controlada. — O fundamento do Estado de Israel é proporcionar aos judeus um lugar em que podem se sentir seguros.

— Mas o presidente está enviando soldados americanos...

— Mandamos soldados americanos para o Vietnã — ressaltou o rabino Mendeleev. — Fizemos promessas ali, e havia também um tratado em jogo. A única segurança possível de Israel é dentro de fronteiras defensáveis, por trás de seus próprios soldados. O que os Estados Unidos fizeram neste caso foi pressionar o país a aceitar o acordo. Fowler cortou os suprimentos defensivos para Israel, como um meio de "dar um recado". O recado foi transmitido e recebido: ou vocês cedem, ou ficarão isolados. Foi isso o que aconteceu. Posso prová-lo, e testemunharei perante o comitê de relações exteriores do Senado, se me chamarem.

— Essa não! — murmurou Jack.

— Scott Adler, o subsecretário de Estado, transmitiu pessoalmente o recado, enquanto Jack Ryan, o vice-diretor da CIA, fazia o seu discurso de

venda na Arábia Saudita. Ryan prometeu ao rei saudita que os Estados Unidos poriam Israel de joelhos. Tudo isso já é bastante

lamentável, mas para Adler, um judeu, fazer o que fez... Mendeleev sacudiu a cabeça.

— Esse cara tem boas fontes.

— É verdade o que ele diz, Jack?

— Não exatamente, mas deveria ser secreto o que fizemos por lá. Não deveria ser do conhecimento geral que eu deixei o país.

— Eu sabia que você tinha viajado para o exterior...

— Mas não para onde. Não tem importância. Ele pode criar algum clamor, mas não fará a menor diferença.

As manifestações começaram no dia seguinte. Apostariam tudo nisso. Era o último e desesperado recurso. Os dois líderes eram judeus russos que só recentemente haviam recebido permissão para deixar um país que ostensivamente tinha pouco amor por eles. Ao chegarem à sua verdadeira pátria, foram se instalar na Margem Ocidental, aquela parte da Palestina que fora tomada da Jordânia pela força das armas na Guerra dos Seis Dias, em 1967. Seus apartamentos pré-fabricados — pequenos, pelos padrões americanos, mas incompreensivelmente luxuosos pelos padrões russos — ficavam numa das centenas de encostas rochosas que caracterizavam a região. Era um lugar novo e estranho para eles, mas era o lar, e o lar era algo por que as pessoas lutam para defender. O filho de Anatoli — ele assumira o nome de Nathan — já era um oficial de carreira no exército israelense. O mesmo acontecia com a filha de David. A chegada a Israel, tão pouco tempo antes, parecera a todos como a verdadeira salvação... e agora recebiam a ordem de deixar suas casas? Outra vez? Suas vidas já haviam recebido choques recentes em demasia. Aquele era a gota d'água.

Todo o conjunto habitacional era ocupado por imigrantes russos, e foi fácil para Anatoli e David formarem um *kollektiv* local, organizando as coisas da maneira adequada. Encontraram um rabino ortodoxo — a única coisa de que não dispunham em sua pequena comunidade — para proporcionar a orientação religiosa, e iniciaram sua marcha na direção do Knesset, por trás de um mar de bandeiras e um sagrado Tora. Mesmo num país tão pequeno, isso levava algum tempo, mas a marcha era de tal natureza que atraiu a atenção

inevitável dos meios de comunicação. Quando os suados e exaustos manifestantes chegaram a seu destino, o mundo inteiro já tinha conhecimento de sua marcha e propósito.

O Knesset israelense não é um dos mais sóbrios e tranquilos parlamentos do mundo. Os homens e mulheres que ali têm assento variam da extrema direita à extrema esquerda, havendo bem pouco espaço para os moderados intermediários. Vozes se alteiam com frequência, punhos são muitas vezes levantados e esmurram qualquer superfície disponível, tudo sob a fotografia em preto-e-branco de Theodor Herzl, um austríaco cujo ideal do sionismo, em meados do século 19, foi a visão orientadora para o que ele esperava que seria uma pátria segura para seu povo maltratado e perseguido. A paixão dos parlamentares é tão intensa que muitos observadores especulam como é possível, num país em que quase todos pertencem às reservas militares e por isso têm uma arma automática em seu poder, que alguns membros do Knesset ainda não tenham sido fuzilados em suas cadeiras, no curso de algum debate acalorado. Qualquer um pode tentar adivinhar o que Theodor Herzl pensaria daquelas discussões. Era a maldição de Israel que os debates fossem tão veementes, que o governo se encontrasse tão polarizado, em bases políticas e religiosas. Quase todas as subseitas religiosas dispunham de sua área especial de influência, e assim contavam com sua representação parlamentar. Era uma fórmula que fazia com que a assembléia francesa, quase sempre tão fragmentada, parecesse bem organizada, e há uma geração negava a Israel um governo estável, com uma política nacional coerente.

Os manifestantes, com a adesão de muitos outros, chegaram uma hora antes do início dos debates sobre os tratados. Já era possível — provável — que o governo caísse, e os cidadãos recém-chegados mandaram emissários a todos os membros do Knesset que conseguiram localizar. Os membros que concordavam com eles saíram do prédio e fizeram discursos inflamados, condenando os tratados.

— Não gosto disso — comentou Liz Elliot, olhando para a tevê, em sua sala. A agitação política em Israel era muito mais forte do

que ela previra, e chamara Ryan para uma avaliação da situação.

— É a única coisa que não podíamos controlar, não é mesmo?

— murmurou Ryan.

— Está sendo de grande ajuda, Ryan.

Os dados de uma pesquisa estavam em cima da mesa de Elliot. A mais respeitada firma de sondagem de opinião pública de Israel entrevistara cinco mil pessoas, e os números encontrados eram de trinta e oito por cento a favor do tratado, quarenta e um por cento contra, e vinte e um por cento ainda indecisos. Os números combinavam mais ou menos com a constituição do Knesset, cujos elementos de extrema direita superavam por pequena margem os de esquerda, e cujo centro precário sempre se fragmentava em pequenos agrupamentos, todos esperando uma boa oferta de um lado ou de outro que ampliasse sua importância política.

— Scott Adler discorreu sobre tudo isso há semanas. Sabíamos, para começar, que o governo israelense se encontrava em situação precária. E quando, nos últimos vinte anos, a sua situação não foi precária?

— Mas se o primeiro-ministro não puder providenciar...

— Então voltamos ao Plano B. Não queria pressionar o governo deles? Pois seu desejo será atendido.

Era uma coisa que não fora plenamente considerada, pensou Ryan, mas a verdade é que nem mesmo a plena consideração teria ajudado. O governo de Israel era um modelo de anarquia em ação há uma geração. Os planos foram desenvolvidos na suposição de que o tratado, assim que se tornasse um *fait accompli*, seria ratificado pelo Knesset. Não haviam pedido a opinião de Ryan a respeito, embora ele ainda julgasse que era uma justa avaliação.

— O adido político na embaixada diz que o equilíbrio do poder talvez seja o pequeno partido controlado por nosso amigo Mendeleev — ressaltou Elliot, tentando se manter calma.

— É possível — admitiu Jack.

— Mas isso é um absurdo! — protestou Elliot. — O velho peidorrento nem mesmo vive lá...

— É uma questão religiosa. Já verifiquei. Ele não quer voltar até a chegada do Messias.



— Santo Deus! — exclamou a assessora de segurança nacional.

— Exatamente. Você entendeu. — Ryan soltou uma risada, e foi contemplado com um olhar furioso. — Escute, Liz, o homem tem suas crenças religiosas pessoais. Podemos achar que são um tanto absurdas, mas a Constituição exige que as toleremos e *respeitemos*. E assim que fazemos as coisas neste país, lembra?

Elliot acenou com o punho para o aparelho de tevê.

— Mas esse rabino maluco está estragando tudo! Não *há alguma coisa* que possamos fazer?

— Por exemplo?

Havia mais do que apenas pânico na atitude de Elliot.

— Não sei... *alguma coisa*...

Ela deixou que a voz definhasse, oferecendo uma abertura ao visitante. Ryan inclinou-se para a frente, até contar com toda a atenção de Elliot.

— O precedente histórico que está procurando, doutora Elliot, é o seguinte: "será que ninguém vai me livrar desse sacerdote incômodo?" Se tenta me dizer alguma coisa, vamos ser objetivos e francos, está bem? Por acaso propõe uma interferência no parlamento de um país democrático amigo, ou que façamos algo ilegal dentro das fronteiras dos Estados Unidos da América?

Uma pausa, enquanto os olhos de Elliot se contraíam mais um pouco.

— Nenhuma das duas coisas vai acontecer, doutora Elliot. Deixaremos que eles tomem sua decisão. Se sequer pensa em me dizer para interferir com os processos democráticos de Israel, o presidente receberá meu pedido de demissão tão depressa quanto eu puder guiar até aqui para entregá-lo. Se está desejando em voz alta que façamos alguma coisa contra aquele velhinho em Nova York, lembre-se de que tais desejos se enquadram em pelo menos dois estatutos de conspiração criminosa. Meu dever como um cidadão comum, para não falar como funcionário do governo de meu país, é comunicar as suspeitas de violação das leis às agências legais apropriadas.

— Porra! Eu nunca disse...

— Apenas caiu na mais perigosa armadilha do serviço público, madame. Começou a pensar que seus desejos de transformar o mundo num lugar melhor suplantam os princípios pelos quais nosso governo deve atuar. Não posso impedi-la de acalentar tais pensamentos, mas posso lhe garantir que minha agência não terá qualquer participação, não enquanto eu estiver lá.

Parecia demais com um sermão, mas Ryan achava que ela estava precisando. Elizabeth Elliot acalentava o mais perigoso dos pensamentos.

— *Eu nunca disse isso!*

*Não me venha com merda agora.*

— Muito bem, nunca disse nem pensou nisso. Eu estava enganado. Peço desculpas. Vamos deixar que os israelenses ratifiquem ou não os tratados. Eles têm um governo democrático. E o direito de decidir. Nós temos o direito de empurrá-los na direção certa, de dizer-lhes que a manutenção de nosso nível de ajuda vai depender da concordância deles, mas não podemos interferir diretamente com seus processos governamentais. Há algumas linhas que a "pessoa" não pode transpor, mesmo que essa pessoa seja o governo dos Estados Unidos.

A assessora de segurança nacional conseguiu exibir um sorriso.

— Obrigada por sua opinião sobre a questão da política governamental apropriada, doutor Ryan. Isso é tudo.

— Eu é que agradeço, doutora Elliot. Minha avaliação, diga-se de passagem, é que devemos deixar as coisas como estão. Os tratados serão aprovados, apesar do que está assistindo pela televisão.

— Por quê?

— Os tratados são bons para Israel, em qualquer sentido objetivo. As pessoas acabarão compreendendo isso, assim que tiverem a oportunidade de digerir as informações, e transmitirão suas opiniões a seus representantes. Israel é de fato uma democracia, e as democracias em geral fazem o que é melhor. História, entende? A democracia tornou-se popular no mundo inteiro porque funciona. Se entrarmos em pânico e lançarmos alguma ação precipitada, só vamos agravar ainda mais a situação. Se deixarmos o

processo funcionar como deve, é bem provável que ocorra o que é certo.

— Provável?

— Não há certezas na vida; há apenas probabilidades. — Por que nem todos compreendiam isso?, especulou Ryan. — Mas a interferência acarreta uma probabilidade maior de fracasso do que não fazer nada. Não fazer absolutamente nada é muitas vezes a atitude correta. E o que acontece neste caso. Vamos deixar que o sistema israelense funcione. Acho que vai funcionar. Essa é a minha opinião.

— Obrigada por sua avaliação — disse ela, virando o rosto.

— Foi um prazer, como sempre.

Elliot esperou até ouvir a porta fechar, antes de se virar de novo para olhar.

— Seu filho da puta arrogante, vou liquidá-lo por isso! — murmurou ela. Ryan retornou a seu carro. *Você foi longe demais*, ele disse a si mesmo.

*Não, não foi. Ela começava a pensar assim, e precisava bater a porta naquele momento.* Era o mais perigoso pensamento que uma pessoa no governo podia ter. Eleja testemunhara isso antes. Alguma coisa terrível acontecia com as pessoas em Washington, D.C. Chegavam à cidade quase sempre transbordando de ideais, e os nobres pensamentos evaporavam muito depressa no que era de fato um ambiente abafado e úmido. Alguns diziam que eram dominados pelo sistema. Ryan pensava que era uma espécie de poluição ambiental. O próprio clima de Washington corroía a alma.

*E o que o torna imune, Jack?*

Ryan analisou essa perspectiva, alheio ao olhar de Clark pelo espelho retrovisor, enquanto seguiam na direção do rio. O que o tornara diferente era o fato de que nunca cedera, nem uma única vez... ou será que não? Havia coisas que ele poderia ter feito de maneira diferente. Havia outras coisas que não haviam corrido tão bem quanto ele poderia desejar.

*Você não é absolutamente diferente. Apenas pensa que é.*

*Enquanto eu puder encarar as perguntas e respostas, estou seguro. Com toda a certeza.*

— E então?

— Posso fazer muitas coisas — respondeu Ghosn. — Mas não sozinho. Precisarei de ajuda.

— E a segurança?

— E uma questão importante. Tenho de fazer uma avaliação profunda das possibilidades. Ao final, saberei as necessidades com precisão. Mas já sei que precisarei de ajuda em algumas áreas.

— Por exemplo? — indagou o comandante.

— Os explosivos.

— Mas é um perito nessas coisas! — protestou Qati.

— Comandante, esta tarefa exige uma precisão como nunca antes fomos obrigados a ter. Não podemos usar explosivos plásticos comuns, por exemplo, pelo simples motivo de que são plásticos... mudam de forma. Os blocos explosivos devem ser rígidos como pedra, devem ser moldados com uma exatidão de milésimo de milímetro, e a forma deve ser determinada matematicamente. O lado teórico é algo que eu poderia assimilar, mas levaria meses. Prefiro dedicar meu tempo a reconstituir o material nuclear... e...

— E o quê?

— Creio que posso melhorar a bomba, comandante.

— Melhorar? Como?

— Se minhas avaliações iniciais estão corretas, esse tipo de arma pode ser adaptado para se tornar não uma bomba, mas um gatilho.

— Um gatilho para quê?

— Uma bomba de fusão termonuclear, uma bomba de hidrogênio, Ismael. O rendimento da arma pode ser aumentado por um fator de dez, talvez de cem. Poderíamos destruir Israel, ou pelo menos uma grande parte.

O comandante fez uma pausa para algumas respirações, assimilando essa informação. Quando falou, a voz estava suave:

— Mas precisa de ajuda. Onde poderia ser o melhor lugar?

— Günther talvez tenha contatos valiosos na Alemanha. — Ghosn pensou Por um momento, antes de acrescentar: — Se é que ele merece confiança.

— Tenho pensado muito a respeito. Tenho certeza de que podemos confiar em Günther.

Qati explicou por que pensava assim.

— Mas como podemos saber se a história é verdadeira? — indagou Ghosn. — Como você, comandante, não acredito em coincidências.

— Saiu uma fotografia num jornal alemão. Parecia genuína.

Um tablóide alemão conseguira obter uma foto em preto-e-branco que mostrava os resultados de um enforcamento, em todo o seu esplendor macabro. O fato de Petra estar nua da cintura para cima garantia sua publicação. Um fim assim para uma terrorista assassina era suculento demais para ser negado aos machos alemães, um dos quais fora castrado por aquela mulher.

— O problema é que devemos reduzir ao mínimo o número de pessoas que sabem o que estamos fazendo, caso contrário... desculpe, Ismael.

— Mas precisamos de ajuda. É claro que compreendo sua posição. — Qati sorriu. — Está correto. E tempo de discutir os planos com nosso amigo. Você propõe explodir a bomba em Israel?

— Onde mais poderia ser? Não cabe a mim formular tais planos, mas presumi...

— Ainda não pensei sobre isso. Uma coisa de cada vez, Ibrahim. Quando você vai viajar para Israel?

— Planejava seguir na próxima semana ou por aí.

— Vamos esperar até ver o que acontece com o tal tratado. — Qati pensou um pouco. — Inicie seus estudos. Seguiremos devagar nessa questão. Primeiro, você deve determinar o que precisa. Depois, tentaremos providenciar tudo, na locação mais segura que pudermos encontrar.

Levou uma eternidade, ao que parecia, mas a eternidade em termos históricos pode ser um período de tempo variando de cinco minutos a cinco anos. Neste caso, levou menos de três dias para que a parte importante acontecesse. Mais cinqüenta mil manifestantes chegaram ao Knesset. Liderada por veteranos de todas as guerras de Israel, a nova multidão apoiava os tratados. Houve mais gritos e punhos sacudidos, mas por uma vez não ocorreu violência

manifesta, a polícia conseguindo manter separados os dois grupos exaltados. Em vez de brigarem, as pessoas se empenharam em gritar mais alto do que as outras.

O gabinete tornou a se reunir, em sessão fechada, ao mesmo tempo ignorando e atendendo ao clamor além das janelas. O ministro da Defesa manteve-se surpreendentemente quieto durante as discussões. Ao ser indagado, ele concordou que os armamentos adicionais prometidos pelos americanos seriam de extrema utilidade: mais quarenta e oito caças bombardeiros F-16; e, pela primeira vez, veículos de combate Bradley M-2/3, mísseis antitanque Hellfire, e o acesso à nova e revolucionária tecnologia de canhões de tanques que os Estados Unidos estavam desenvolvendo. Os americanos absorveriam a maior parte do custo de construção de um centro de treinamento de alta tecnologia no Negev, similar a seu Centro Nacional de Treinamento em forte Irwin, Califórnia, onde o 10<sup>o</sup> de Cavalaria treinaria constantemente como a "ForOp", ou força de oposição contra as unidades israelenses. O ministro da Defesa sabia do efeito desse centro de treinamento para o exército americano, que se encontrava em seu mais alto nível de profissionalismo desde a Segunda Guerra Mundial. Com o novo material e a base de treinamento, ele calculava que a eficácia real das forças de defesa de Israel aumentaria em cinquenta por cento. A isso, ele acrescentava o grupo de esquadrilhas de F-16 da força aérea americana e o regimento de tanques, os quais ficariam, como era determinado por uma cláusula secreta do Tratado de Defesa Mútua, sob o comando israelense em tempo de emergência — uma situação que seria definida por Israel. Era algo totalmente sem precedentes na história americana, ressaltou o ministro do Exterior.

— Nossa segurança será prejudicada ou beneficiada pelos tratados? — indagou o primeiro-ministro.

— Será relativamente beneficiada — admitiu o ministro da Defesa.

— Então vai declarar isso?

O ministro da Defesa refletiu por um momento, os olhos fixos no homem sentado à cabeceira da mesa. *Vai me apoiar quando eu*

*tentar conquistar o cargo de primeiro-ministro?*, perguntavam seus olhos.

O primeiro-ministro acenou com a cabeça.

— Eu falarei à multidão. Podemos conviver com esses tratados.

O discurso não pacificou a todos, mas foi suficiente para convencer um terço dos manifestantes contrários a voltar para casa. Os elementos moderados, de importância crucial no parlamento israelense, observaram os acontecimentos, consultaram sua consciência, e tomaram sua decisão. Os tratados foram ratificados por uma margem mínima. Antes mesmo que o Senado dos Estados Unidos tivesse uma oportunidade de aprovar os tratados nos comitês das forças armadas e de relações exteriores, a execução dos dois acordos foi iniciada.

## ROBÔS-SOLDADOS

Não se esperava que parecessem humanos. Os guardas suíços mediam mais de um metro e oitenta e cinco de altura, e nenhum pesava menos de oitenta e cinco quilos. Suas excelentes condições físicas eram evidentes. O acampamento da guarda, nos arredores da cidade, no que fora uma colônia judaica menos de duas semanas antes, contava com um ginásio de alta tecnologia, e os homens eram "encorajados" a malhar, até que a pele exposta parecia esticada como um tambor. Os antebraços, à mostra sob as mangas enroladas, eram mais grossos do que as pernas da maioria dos homens, e a maioria já se mostrava bronzeada sob os cabelos louros. Quase todos tinham olhos azuis, sempre ocultos por trás de óculos escuros, no caso dos oficiais, e de escudos pintados de Lexan para os demais.

Usavam uniformes de faxina ou de camuflagem urbana, um padrão curioso de preto, branco e várias tonalidades de cinza, que lhes permitia se misturarem com as construções de pedra e estuque caiado de branco de Jerusalém, de uma maneira estranhamente eficaz, ainda mais à noite. As botas eram parecidas, sem a elegância engraxada que os soldados exibem numa parada. Os capacetes eram de Kevlar, cobertos com pano do mesmo padrão. Por cima dos uniformes, os homens usavam coletes à prova de balas camuflados, de projeto americano, que pareciam aumentar ainda mais a sua massa física. Por cima dos coletes, ficavam os armamentos. Cada homem sempre carregava quatro granadas de fragmentação e duas de fumaça, mais um cantil de um litro, estojo de primeiros socorros e bolsas de munição, com uma carga total mínima de doze quilos aproximados.

Circulavam pela cidade em grupos de cinco, um sargento e quatro soldados, com doze grupos em cada setor de vigilância. Cada homem levava um rifle SIG, dois dos quais tinham lançadores de



granadas por baixo dos canos. O sargento também tinha uma pistola, e dois homens em cada grupo levavam rádios. Os grupos em patrulha mantinham um contato permanente pelo rádio, e praticavam regularmente manobras de apoio mútuo.

Metade dos homens em serviço em cada setor circulava a pé, enquanto a outra metade seguia por toda parte, devagar e de forma ameaçadora, em HMMWVs de fabricação americana. Essencialmente um jipe ampliado, cada veículo, conhecido como "colibri", tinha pelo menos uma metralhadora montada, e alguns dispunham de minicanhões de seis canos, com blindagem de Kevlar para proteger a guarnição de inimigos eventuais. Ao som autoritário de suas buzinas, todos saíam da frente.

No posto de comando, havia diversos veículos de combate blindados — carros blindados de fabricação inglesa que mal conseguiam circular pelas ruas estreitas da cidade antiga. Sempre de plantão no posto, havia uma unidade com o efetivo de um pelotão, comandada por um capitão. Era a unidade de reação de emergência. Os homens tinham armas pesadas, como o Carl Gustav M-2 sueco, sem coice, a coisa certa para abrir um buraco em qualquer prédio. Eram apoiados por uma unidade de engenharia, com uma grande quantidade de explosivos de alta potência; os "sapadores" praticavam ostensivamente com a demolição das colônias que Israel concordara em abandonar. Na verdade, todo o regimento praticava sua eficiência de combate nesses locais, e as pessoas tinham permissão para observar, a algumas centenas de metros de distância, no que se tornava depressa uma atração turística. Já havia comerciantes árabes produzindo camisas com a inscrição de "Robô-soldado!" para qualquer um que quisesse comprar. O faro comercial desses mercadores não ficou sem recompensa.

Os guardas suíços não sorriam, nem falavam com ninguém que os abordasse, o que não lhes era difícil. Os jornalistas eram encorajados a se encontrarem com o comandante, coronel Jacques Schwindler, e de vez em quando tinham permissão para conversar com seus comandados, nos alojamentos e campos de treinamento, mas nunca nas ruas. Algum contato com os habitantes locais era inevitável. Os soldados estavam aprendendo um árabe rudimentar, e

o inglês bastava para todos os demais. De vez em quando aplicavam multas de tráfego, embora isso fosse basicamente uma função da polícia civil local, que ainda estava sendo formada — com o apoio dos israelenses, que se retiravam dessa incumbência. Muito raramente, um guarda suíço interferia numa briga de rua ou outro distúrbio. Na maioria das vezes, a simples visão do grupo de cinco homens reduzia as pessoas ao silêncio respeitoso e civilidade dócil. A missão dos suíços era a intimidação, e não houve necessidade de muitos dias para as pessoas perceberem como eram eficientes nisso. Ao mesmo tempo, suas operações dependiam acima de tudo de algo que não era físico.

No ombro direito de cada uniforme havia um emblema. Era no formato de um escudo. O centro era a cruz branca sobre fundo vermelho dos suíços, a fim de indicar a origem dos soldados. Ao redor, ficavam a estrela e o crescente do Islã, a estrela-de-davi de seis pontas judaica, e a cruz cristã. Havia três versões do emblema, a fim de que cada símbolo religioso tivesse uma oportunidade igual de ficar por cima. Era do conhecimento público que os emblemas eram distribuídos ao acaso, e a simbologia indicava que a bandeira suíça protegia a todos igualmente.

Os soldados sempre acatavam os líderes religiosos. O coronel Schwindler reunia-se todos os dias com a tróica religiosa que governava a cidade. Pensava-se que só eles formulavam a política, mas Schwindler era um homem inteligente e ponderado, cujas sugestões desde o início tiveram o maior peso com o imã, o rabino e o patriarca. Schwindler também viajara às capitais de todas as nações do Oriente Médio. Os suíços haviam escolhido bem — ele era conhecido como o melhor coronel de seu exército. Um homem honesto e escrupulosamente justo, adquirira uma reputação invejável. Já havia na parede de seu escritório uma espada revestida em ouro, um presente do rei da Arábia Saudita. Um garanhão igualmente magnífico estava alojado no acampamento da guarda. Schwindler não sabia montar.

Cabia à tróica governar a cidade. Demonstraram ser mais eficientes do que qualquer um atrevera-se a esperar. Escolhidos por sua devoção e erudição, cada um logo impressionou os outros. Ficou

acertado de início que a cada semana haveria um serviço de orações, público, específico de cada uma das religiões representadas, a que os outros compareceriam, não para participar, mas para indicar o respeito que era a base de seu propósito coletivo. A sugestão original foi do imã, e inesperadamente provou ser o método mais eficaz de abrandar as divergências internas, e também dar o exemplo para os cidadãos da cidade sob seus cuidados. Isso não significava que não havia discórdias. Mas eram invariavelmente dificuldades entre dois dos membros, e nesses casos o terceiro não envolvido servia como mediador. Era do interesse de todos alcançar um acordo pacífico e razoável. "O Senhor Deus" — um termo que os três podiam usar sem preconceito — exigia a boa vontade deles, e depois de algumas dificuldades iniciais, essa boa vontade prevaleceu. Enquanto tomavam café, depois da conclusão de uma discussão sobre a programação de acesso a um santuário ou outro, o patriarca grego comentou, rindo, que talvez aquele fosse o primeiro milagre que já testemunhara. Não, respondeu o rabino, não era milagre que os homens de Deus devessem ter a convicção de obedecer a seus princípios religiosos. Todos ao mesmo tempo?, indagou o imã com um sorriso, talvez não fosse um milagre, mas sem dúvida era preciso um milênio para se conseguir. Não vamos iniciar uma nova discussão, protestou o grego, com uma sonora gargalhada, a propósito da solução de outra... e agora gostaria que vocês me ajudassem a encontrar um meio de tratar com meus companheiros cristãos!

Nas ruas, quando os clérigos de uma fé se encontravam com os de outra, sempre havia troca de cumprimentos, para dar o exemplo a todos. Os guardas suíços batiam continência para todos, e quando falavam com os mais graduados, sempre tiravam os óculos ou capacetes, a fim de demonstrar respeito público.

Essa era a única humanidade que os guardas suíços tinham permissão para exhibir. Dizia-se que nem mesmo suavam.

— Os filhos da puta são mesmo assustadores — comentou Ryan, parado numa esquina, em mangas de camisa.

Turistas americanos tiravam fotografias. Os judeus ainda pareciam um pouco ressentidos. Os árabes sorriam. Os cristãos

havam deixado Jerusalém em grande escala por causa da crescente violência, e agora mal começavam a voltar. Todos saíam da frente, enquanto os cinco homens desciam pela rua, quase marchando, as cabeças com capacetes virando para a esquerda e direita.

— Parecem de fato robôs — acrescentou Ryan.

— Não houve nenhum ataque a eles desde a primeira semana — comentou Avi. — Absolutamente nenhum.

— Eu não gostaria de me meter com eles — murmurou Clark.

Na primeira semana, como se fosse uma determinação da Providência, um jovem árabe matara uma senhora idosa israelense a facadas — fora um assalto de rua, em vez de um crime com significado político — e cometera o erro de fazê-lo à vista de um soldado suíço, que o perseguira e subjugara com um golpe de artes marciais, que parecia saído das telas de cinema. O árabe fora levado à tróica, que lhe oferecera a opção de um julgamento pela lei israelense ou islâmica. Ele cometera outro erro ao escolher a segunda. Depois de uma semana num hospital israelense, recuperando-se dos ferimentos, enfrentara um julgamento de acordo com a palavra do Corão, presidido pelo imã Ahmed ibn Yussif. Um dia depois, fora levado de avião para Riad, Arábia Saudita, conduzido a uma praça pública, obrigado a manifestar por três vezes seu arrependimento pelo que fizera, e decapitado publicamente com uma espada. Ryan se perguntou como se dizia *pour encourager les autres* em hebraico, grego e árabe. Os israelenses ficaram espantados com a rapidez e rigor da justiça, mas os muçulmanos se limitaram a dar de ombros e ressaltar que o Corão tinha um código penal rigoroso, e que demonstrara ser bastante eficaz, ao longo dos anos.

— Seu povo ainda se sente um pouco infeliz com a situação, não é mesmo? Avi franziu o cenho. Ryan o confrontava com a necessidade de expressar sua opinião pessoal ou falar a verdade.

— Eles se sentiriam mais seguros com os nossos pára-quedistas aqui... de homem para homem, Ryan?

A verdade prevalecia, como sempre acontecia com Avi.

— Claro.

— Eles aprenderão. Talvez demore mais algumas semanas, mas acabarão se acostumando. Os árabes gostam dos suíços, e a chave para a paz nestas ruas é como nossos amigos árabes se sentem. E agora pode me dizer uma coisa?

A cabeça de Clark deslocou-se uma fração ao ouvir isso.

— Talvez — respondeu Ryan, olhando a rua.

— Quanto você teve a ver com isso?

— Absolutamente nada — respondeu Ryan, com uma frieza neutra que se assemelhava ao comportamento dos soldados. — Já esqueceu que foi idéia de Charlie Alden? Fui apenas um mensageiro.

— Foi o que Elizabeth Elliot contou a todo mundo. Avi não precisava dizer mais nada.

— Não faria a pergunta se não soubesse da resposta, Avi. Então por que perguntar?

— Foi tudo muito hábil.

O general Ben Jakob sentou a uma mesa do bar na esquina e acenou para o garçom. Pediu duas cervejas, antes de voltar a falar. Clark e o outro segurança não estavam bebendo.

— Seu presidente nos pressionou demais. Ameaçou não nos mandar mais armas...

— Talvez ele pudesse ser mais suave, mas eu não formulo a política, Avi. Seu pessoal é que provocou isso, ao assassinar aqueles manifestantes. Reabriu uma parte de nossa própria história que desejamos esquecer. Neutralizou o *lobby* de vocês em nosso Congresso... deve se lembrar que muitas dessas pessoas se encontravam no outro lado do movimento pelos direitos civis. Vocês nos forçaram a entrar em ação. E sabe disso, Avi. Além do mais...

Ryan parou de falar abruptamente.

— Além do mais o quê?

— Avi, a coisa pode dar certo. Olhe só ao redor! — disse Jack, enquanto as cervejas chegavam.

Ele estava com tanta sede que fez sua cerveja desaparecer num instante.

— Há uma possibilidade mínima — admitiu Ben Jakob.

— As informações que vocês obtêm da Síria são melhores do que as nossas - ressaltou Ryan. — Soube que eles começaram a

fazer comentários favoráveis ao acordo... com extrema discrição, admito. Estou certo?

— Se há sinceridade — resmungou Avi.

— Sabe qual é a coisa mais difícil na paz?

Os olhos de Ben Jakob focalizaram um muro distante, enquanto ele cogitava sobre... o quê?

— Acreditar que é possível?

Jack confirmou com um aceno de cabeça.

— Essa é uma área em que levamos vantagem sobre vocês, meu amigo. Já passamos por tudo isso.

— É verdade, mas os soviéticos nunca disseram... nunca proclamaram... por duas gerações que queriam exterminar vocês da face da Terra. Diga ao nobre presidente Fowler que não é fácil esquecer essas preocupações.

Jack suspirou.

— Já disse. Não sou seu inimigo, Avi.

— Nem é meu aliado.

— Aliado? Somos agora, general. Os tratados estão em vigor. Meu trabalho é fornecer informações e análise para meu governo, general. A política é formulada por pessoas acima de mim, mais inteligentes do que eu.

Ryan disse a última frase com uma ironia impassível.

— É mesmo? E quem poderiam ser? — O general Ben Jakob sorriu para o homem mais jovem. Baixou um pouco a voz ao acrescentar: — Está no ofício há... nem chega a ter dez anos, Jack. Aquela operação do submarino, o que você fez em Moscou, seu papel na última eleição...

Ryan tentou controlar sua reação, mas não conseguiu.

— Santo Deus, Avi! *Como ele descobrira aquilo?*

— Não pode usar o nome do Senhor em vão, doutor Ryan — ironizou o subchefe do Mossad. — Esta é a Cidade de Deus. Aqueles suíços poderiam fuzilá-lo por isso. Diga à adorável senhorita Elliot que se ela pressionar demais, ainda temos amigos em seus meios de comunicação, e uma história assim...

Avi sorriu.

— Se o seu pessoal mencionar isso a Liz, Avi, ela não saberá do que estão falando.

— Essa não!

— Tem a minha palavra, senhor.

Foi a vez do general Ben Jakob ficar surpreso.

— É difícil de acreditar.

Jack terminou de tomar sua cerveja.

— Já disse o que posso, Avi. Alguma vez lhe ocorreu que sua informação pode ter vindo de uma fonte que não é absolutamente confiável? Uma coisa posso lhe garantir: não tenho conhecimento pessoal do fato a que você se referiu. Se houve qualquer acordo, eu fiquei por fora. Reconheço que tenho motivos para acreditar que pode ter acontecido alguma coisa, e posso até especular sobre o que foi, mas se um dia tiver de sentar diante de um juiz e responder a perguntas, tudo o que posso dizer é que não sei de nada. E você, meu amigo, não pode chantagear alguém com algo que a pessoa ignora. Antes de mais nada, precisaria ter uma excelente argumentação para convencer os outros de que algo de fato aconteceu.

— O que Moore e Ritter armaram foi mesmo extraordinário, não acha? Ryan largou na mesa o copo vazio.

— Essas coisas nunca ocorrem na vida real, general. É material para o cinema. Talvez a sua informação seja um tanto exagerada, Avi. É o que costuma acontecer com as informações mais espetaculares. A realidade nunca acompanha a arte, no final das contas.

Era uma boa argumentação. Ryan sorriu para reforçá-la.

— Doutor Ryan, em 1972, a facção do Setembro Negro da Organização de Libertação da Palestina contratou o Exército Vermelho Japonês para cometer um atentado no aeroporto Ben Gurion, o que eles fizeram, matando principalmente peregrinos protestantes americanos de sua ilha de Porto Rico. O único terrorista capturado vivo por nossas forças de segurança disse aos interrogadores que seus companheiros mortos e as vítimas se tornariam uma constelação de estrelas no céu. Na prisão, ele supostamente se converteu ao judaísmo, e até se circuncidou com

os dentes, o que demonstra sua incrível flexibilidade. Portanto, nunca mais me diga que alguma coisa é absurda demais para ser verdade. Trabalho nisso há mais de vinte anos, e a única coisa de que tenho certeza é que ainda não vi tudo.

— Nem mesmo eu sou tão paranóico, Avi.

— Nunca sofreu um Holocausto, doutor Ryan.

— Acha mesmo? Cromwell e a Grande Fome da Batata não contam? Pule desse cavalo, general. Estamos colocando tropas americanas aqui. Se a situação chegar a esse ponto, haverá sangue americano no Negev, em Golan ou qualquer outro lugar.

— E se...

— Está sempre indagando o se, Avi. E se isso ou se aquilo acontecer, general, voarei para cá pessoalmente. Já fui fuzileiro. Sabe que fui ferido em combate. Não haverá um segundo Holocausto. Não enquanto eu viver. Meus compatriotas não permitirão que aconteça de novo. Se americanos precisarem morrer para proteger este país, então americanos morrerão nessa missão.

— Vocês disseram isso ao Vietnã. — Ben Jakob notou que os olhos de Clark faiscaram nesse momento. — Tem alguma explicação?

— General, não sou um alto funcionário, mas apenas um soldado raso com algumas pretensões — interveio Clark, com a voz contida. — Mas tenho mais tempo de combate do que qualquer um neste seu país, e posso lhe dizer, senhor, que a coisa que mais me assusta aqui é constatar que vocês sempre fazem as mesmas besteiras que cometemos por lá... nós aprendemos, vocês não. E o que o doutor Ryan diz é certo. Ele virá. E eu também, se for necessário. Também já matei minha cota de inimigos.

— Outro fuzileiro? — indagou Avi, jovialmente, embora soubesse dos fatos.

— Quase isso — respondeu Clark. Uma pausa e ele acrescentou, sorrindo: — E me mantive em forma, como se costuma dizer.

— E o que me diz de seu colega?

Avi sacudiu a cabeça na direção de Chavez, que estava parado na esquina, observando a rua.



— E tão bom quanto eu. E o mesmo acontece com aqueles garotos da cavalaria. Mas essa conversa sobre guerra não passa de besteira. E os dois sabem disso. Se quer segurança, senhor, resolva os problemas internos. A paz se seguirá, tão certa quanto um arco-íris depois da tempestade.

— Aprenda com seus erros...

— Tínhamos uma extensão de seis mil e quinhentos quilômetros para defender, general. Não é tão longe assim daqui ao Mediterrâneo. É melhor aprender com nossos erros. E a boa notícia é que vocês têm uma oportunidade de promover a paz muito melhor do que nós jamais tivemos.

— Mas uma imposição...

— Se der certo, senhor, vai nos agradecer por isso. Se não der certo, temos uma porção de gente para apoiá-los quando a merda bater no ventilador.

Clark notou que Ding deixara seu posto no outro lado da rua, e agora parecia circular a esmo, como um turista.

— Inclusive você?

— Pode apostar que sim, general.

Clark estava totalmente alerta agora, observando as pessoas na rua. O que Chavez avistara? O que ele perdera?

*Quem são eles?*, especulou Ghosn. Demorou um segundo. *General Abraliam Ben Jakob, vice-diretor do Mossad*, respondeu seu cérebro, depois de consultar todas as fotografias de reconhecimento que memorizara. *Conversando com um americano. Gostaria de saber quem é...* Ghosn virou a cabeça devagar, de forma casual. O americano devia ter vários seguranças... o que estava perto era óbvio. Um sujeito de aparência séria, e velho... devia estar se aproximando dos cinquenta anos. Um homem duro... não duro, mas alerta. Podia-se controlar o rosto, mas não os olhos... ah, o homem tornou a pôr os óculos escuros. Mais de um. Tinha de haver mais de um, sem falar nos seguranças israelenses. Ghosn sabia que deixara seus olhos fixos um pouco além da conta, mas...

— Desculpe.

Um homem esbarrara nele, um pouco mais baixo e mais magro do que Ghosn. Pele escura, talvez até um irmão árabe, mas falara em inglês. O contato foi desfeito antes mesmo que Ghosn tivesse tempo de perceber que fora revistado, de forma rápida e eficiente. O homem se afastou. Ghosn não sabia se fora mesmo o que parecia, um esbarrão casual, ou se fora verificado por um agente israelense, americano, ou qualquer outro. Mas não carregava nenhuma arma, nem mesmo um canivete, apenas uma sacola cheia de livros.

Clark viu Ding dar o sinal de que estava tudo certo, um sinal comum, como se afugentasse um mosquito de seu pescoço. Então por que o reconhecimento visual do alvo — qualquer um que se interessasse por seu protegido era um alvo —, por que ele parará e olhara? Clark virou-se. Havia uma garota bonita a duas mesas de distância. Não era árabe nem israelense, mas alguma européia, de língua germânica, ao que parecia, talvez uma holandesa. Uma garota bonita do tipo que sempre atraía olhares. Talvez ele e os outros dois homens apenas estivessem na linha entre quem olhara e o objetivo do olhar. Talvez. Para um agente de proteção, o equilíbrio entre a percepção e a paranóia era praticamente impossível, mesmo quando se entendia o ambiente tático, e Clark não tinha tais ilusões ali. Por outro lado, haviam escolhido um bar ao acaso, numa rua ao acaso, e o fato de que Ryan se encontrava ali, e que Ben Jakob e ele haviam resolvido conversar... ninguém dispunha de informações tão boas, e ninguém dispunha de homens em quantidade suficiente para cobrir toda uma cidade — à exceção, talvez, dos russos em Moscou — a ponto de constituir uma ameaça concreta. Mas por que o reconhecimento visual?

Seja como for, Clark registrara o rosto, que entrara em seu arquivo mental, junto com centenas de outros.

Ghosn prosseguiu em sua patrulha. Comprara todos os livros de que precisava, e agora observava os soldados suíços, como se movimentavam, até que ponto pareciam duros. Avi Ben Jakob, pensou ele. Uma oportunidade perdida. Alvos assim não apareciam todos os dias. Ele continuou a descer pela rua de calçamento de pedras, os olhos vazios, dando a impressão de que esquadrihavam

a esmo. Viraria à direita na próxima esquina, aumentaria o ritmo dos passos, tentaria chegar à frente dos suíços, antes que alcançassem a próxima rua transversal. A um só tempo admirava o que via neles e lamentava tudo o que via.

— Bom trabalho — comentou Ben Jakob para Clark. — Seu subordinado é bem treinado.

— Ele promete. — Enquanto Clark observava, Ding Chavez retornou a seu posto de vigia, no outro lado da rua. — Conhece o rosto?

— Não. Meu pessoal provavelmente tirou uma foto. Vamos verificar, mas devia ser um jovem com impulsos sexuais normais.

Ben Jakob acenou com a cabeça na direção da holandesa, se era mesmo essa a nacionalidade da moça.

Clark estava surpreso com o fato de os israelenses não terem tomado nenhuma iniciativa. Uma sacola de compras podia conter qualquer coisa. E "qualquer coisa" tinha em geral conotações negativas naquele ambiente. Oh, Deus, como detestava aquele trabalho. Cuidar de si mesmo era uma coisa. Podia usar a mobilidade, caminhos aleatórios, andar em ritmos irregulares, sempre atento a rotas de fuga ou oportunidades de emboscadas. Mas Ryan, embora pudesse ter instintos similares — em termos táticos, achava Clark, o vice-diretor era bastante rápido —, tinha um exagerado senso de fé na competência de seus dois seguranças.

— E então, Avi? — indagou Ryan.

— A primeira parte de sua tropa de cavalaria está se instalando. Nosso Pessoal de tanques gostou do seu coronel Diggs. Devo dizer que acho o símbolo regimental meio esquisito... um bisão não passa de uma vaca selvagem, no final das contas — arrematou Avi, rindo.

— Como acontece com um tanque, Avi, provavelmente não vai querer ficar na frente de um bisão. — Ryan especulou o que aconteceria quando o 10<sup>o</sup> de Cavalaria iniciasse os exercícios de treinamento com os israelenses. De um modo geral, acreditava-se no exército americano que os israelenses eram superestimados, e Diggs tinha a reputação de ser um tático competente. — Parece que

posso comunicar ao presidente que a situação local apresenta sinais promissores concretos.

— Haverá dificuldades.

— Claro que haverá. O milênio só chega dentro de alguns anos, Avi. Mas achava que as coisas correriam tão bem tão depressa?

— Não, não achava.

Ben Jakob tirou do bolso o dinheiro para pagar a conta, e os dois se levantaram. Clark percebeu a deixa e encaminhou-se para o lugar em que Chavez estava.

— E então?

— Apenas aquele cara. Uma sacola de compras pesada, mas pareciam livros... compêndios escolares, para ser mais preciso. Havia uma nota de venda num deles. Acreditaria se eu lhe dissesse que eram livros sobre física nuclear? Pelo menos aquele cujo título eu li. Grande, grosso e pesado. Talvez ele seja um estudante de pós-graduação ou algo parecido, e aquela garota ali é bem atraente.

— Vamos manter a mente concentrada no trabalho, senhor Chavez.

— Ela não é o meu tipo, senhor Clark.

— O que achou dos suíços?

— Parecem grandes atletas. Não gostaria de enfrentar um deles, a menos que pudesse escolher o terreno e o momento. — Chavez fez uma pausa. — Notou que o cara que revistei os observava com a maior atenção?

— Não.

— Pois foi o que aconteceu... e dava a impressão de que sabia o que estava fazendo... — Domingo Chavez pensou por um instante. — Suponho que as pessoas por aqui estão acostumadas a ver soldados. Seja como for, o olhar do cara era profissional. Foi isso o que notei em primeiro lugar, não a maneira como ele olhou para você e o Doc. O cara tinha olhos de perito, entende?

— E que mais?

— Os passos eram ágeis, parecia em boa forma. Só que as mãos pareciam macias, não duras como as de um soldado. Muito velho para um universitário, mas talvez não para um estudante de pós-graduação. — Chavez fez outra pausa. — Jesus Cristo, como é

paranóico este nosso ofício! Ele não levava qualquer arma. As mãos não davam a impressão de ser do tipo de artes marciais. Apenas desceu a rua observando aqueles soldados suíços, olhou para o lugar em que o Doc e seu amigo sentavam, depois seguiu em frente. Fim da história.

Havia ocasiões em que Chavez gostaria de ter optado pela permanência no exército. A esta altura, já teria feito seus cursos e sido promovido, em vez de fazer cursos noturnos na George Mason, enquanto bancava o guarda-costas de Ryan. Mas pelo menos Ryan era um bom sujeito, e trabalhar com Clark era... interessante. Mas aquele serviço era uma vida muito estranha.

— Está na hora de partirmos — avisou Clark.

— Entendido.

A mão de Ding verificou a automática, por baixo da camisa folgada. Os guardas israelenses já subiam pela rua.

Ghosn alcançou-os como planejava. Os suíços ajudaram. Um idoso sacerdote muçulmano detivera o sargento para fazer uma pergunta. Havia um problema com a tradução. O imã não falava inglês, e o árabe do soldado suíço ainda era primitivo. Era uma oportunidade boa demais para desperdiçar.

— Com licença — disse Ghosn ao imã. — Posso ajudar na tradução? Ele escutou as palavras rápidas em sua língua nativa, depois virou-se para o soldado.

— O imã é da Arábia Saudita. E a primeira vez que vem a Jerusalém desde que era menino, e quer saber como chegar ao gabinete da tróica.

Ao reconhecer a posição do sacerdote, o sargento tirou o capacete e inclinou a cabeça, respeitoso.

— Por favor, diga-lhe que será uma honra para nós escoltá-lo até lá.

— Ah, aí está você! — interveio outra voz. Era obviamente um israelense, falando um árabe com sotaque, mas refinado. E ele acrescentou em inglês: — Bom dia, sargento.

— Saudações, rabino Ravenstein — respondeu o soldado. — Conhece esse homem?

— E o imã Mohammed Al Faisal, um eminente estudioso e historiador de Medina.

— É mesmo tudo o que me disseram? — perguntou Al Faisal a Ravenstein, diretamente.

— Tudo isso e muito mais! — respondeu o rabino.

— Com licença — interveio Ghosn.

— Quem é você? — indagou Ravenstein.

— Um estudante. Estava tentando ajudar no problema da língua.

— Ah, entendo... — disse Ravenstein. — Foi muita gentileza sua. Mohammed veio estudar um manuscrito que encontramos numa escavação. E um comentário muçulmano sobre um Tora muito antigo, do século 10, uma descoberta fantástica. Sargento, posso cuidar de tudo daqui por diante. E também lhe agradeço, meu jovem.

— Precisa de escolta, senhor? — perguntou o sargento. — Estamos indo na mesma direção.

— Não, obrigado. Somos ambos velhos demais para acompanhar o ritmo de vocês.

— Está certo. — O sargento bateu continência. — Bom dia.

Os suíços afastaram-se. As poucas pessoas que haviam observado a breve cena apontavam e sorriam.

— O comentário é do próprio Al Qalda, e parece citar a obra de Nuchem de Acre — disse Ravenstein. — O estado de preservação é incrível.

— Então tenho de ver o mais depressa possível!

Os dois estudiosos começaram a descer a rua, tão depressa quanto suas pernas idosas lhes permitiam, indiferentes a tudo a seu redor.

O rosto de Ghosn não se alterou. Demonstrara espanto e diversão em benefício dos soldados suíços, agora já no meio da quadra, acompanhados por uma escolta de crianças. Sua disciplina lhe permitiu desviar-se para um lado da rua, virar na esquina seguinte e desaparecer por uma viela estreita, mas sentia-se deprimido pelo que acabara de testemunhar.

Mohammed Al Faisal era um dos cinco maiores sábios islâmicos, um historiador muito respeitado, e um membro distante da família real saudita, apesar de sua natureza despretensiosa. Exceto pela idade — o homem beirava os oitenta anos —, poderia integrar a tríada que governava Jerusalém... isso e o fato de que queriam um sacerdote de descendência palestina, por motivos políticos. Nunca fora amigo de Israel, e sempre se destacara como um dos mais conservadores dos líderes religiosos sauditas. Será que ele também se deixara fascinar pelo tratado?

Pior ainda, o suíço tratara o homem com extremo respeito. Pior de tudo, o rabino israelense fizera a mesma coisa. As pessoas na rua, quase todas palestinas, haviam observado com um ar divertido e... o quê? Tolerância? Aceitação, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Os israelenses tinham garantido há muito tempo que respeitariam seus vizinhos árabes, mas essa promessa nem mesmo fora escrita na areia, por toda sua permanência.

Ravenstein nunca fora assim, é claro. Outro estudioso, vivendo em seu pequeno mundo de coisas e idéias mortas, muitas vezes aconselhara a moderação no trato com os árabes, sempre conduzira suas escavações arqueológicas com consultas a muçulmanos... e agora...

E agora era uma ponte psicológica entre o mundo judeu e o árabe. Pessoas assim continuariam a fazer o que sempre haviam feito, só que agora não era mais uma aberração, não é mesmo?

Paz. Era possível. Podia acontecer. Não era apenas mais um sonho absurdo imposto à região por forasteiros. E era impressionante como as pessoas comuns se adaptavam depressa. Os israelenses deixavam suas casas. Os suíços já haviam ocupado uma colônia e demolido várias outras. A comissão saudita já iniciara os trabalhos, empenhando-se em devolver os terrenos a seus legítimos proprietários. Planejava-se a instalação de uma grande universidade árabe nos arredores de Jerusalém, a ser construída com dinheiro saudita. Tudo progredia tão depressa! Israelenses ainda resistiam, mas menos do que ele previra. Mais uma semana, ele ouvira de vinte pessoas, e os turistas inundariam a cidade — as reservas de hotel chegavam tão depressa quanto os telefones

permitiam a transmissão. Já se planejava a construção de dois novos e enormes hotéis, a fim de absorver o fluxo, e só com o turismo os palestinos ali colheriam fantásticos benefícios econômicos. Eles já proclamavam uma completa vitória política sobre Israel, e coletivamente resolveram ser magnânimos no triunfo — o que fazia sentido em termos financeiros, e os palestinos possuíam o senso comercial mais desenvolvido no mundo árabe.

Mas Israel ainda sobrevivia.

Ghosn parou num café com cadeiras na calçada, sentou a uma mesa, largou a sacola no chão, e pediu um copo de suco. Contemplou a rua estreita enquanto esperava. Havia judeus e muçulmanos. Os turistas em breve inundariam a cidade; a primeira onda já se lançava sobre os aeroportos locais. Muçulmanos, é claro, para orarem no Domo da Rocha. Americanos com seu dinheiro, até japoneses, curiosos em conhecerem uma terra ainda mais antiga do que a sua. A prosperidade alcançaria em breve a Palestina.

A prosperidade era a serva da paz, e a assassina do descontentamento.

Mas prosperidade não era o que Ibrahim Ghosn desejava para seu povo ou sua terra. Em última análise, talvez, mas só depois que as condições prévias anteriores fossem cumpridas. Ele pagou o suco de laranja com dinheiro americano e deixou o café. Pegou um táxi pouco depois. Entrara em Israel pelo Egito. Partiria pela Jordânia, de onde seguiria para o Líbano. Tinha um trabalho a realizar, e esperava que os livros que levava na sacola contivessem as informações necessárias.

Ben Goodley era um estudante de pós-graduação da Escola de Administração Pública Kennedy, de Harvard. Um jovem inteligente e bem apessoado, com 27 anos, também possuía ambição suficiente para igualar toda a família homenageada no nome de sua escola. Sua tese de doutorado analisara a loucura do Vietnã sob o prisma das ações de inteligência, e fora bastante controvertida para que seu professor a encaminhasse a Liz Elliot, pedindo um comentário. A única ressalva que a assessora de segurança nacional fazia a Goodley era o fato de ele ser homem. Mas ninguém era perfeito.



— Mas qual é exatamente o tipo de pesquisa que você deseja realizar? — perguntou ela.

— Doutora, quero analisar a natureza das decisões de inteligência em relação às recentes mudanças na Europa e Oriente Médio. O problema é ter acesso a certas áreas.

— E qual é o seu objetivo final... pretende se tornar professor, escrever, entrar para o serviço do governo, ou o quê?

— O serviço do governo, é claro. O momento histórico exige, em minha opinião, que as pessoas certas adotem a ação certa. Minha tese deixou isso bem claro, mostrando como temos sido mal servidos pela comunidade de informações, quase que continuamente, desde a década de 1960. Toda a mentalidade institucional ali assume uma direção errada. Pelo menos... — ele se recostou, tentando parecer à vontade — ... é assim que parece com freqüência a quem está de fora.

— E por que acha que isso acontece?

— O recrutamento é um problema. A maneira como a CIA, por exemplo, seleciona o pessoal determina como obtém e analisa os dados. Eles criam urna gigantesca profecia de auto-realização. Onde está sua objetividade? Onde está sua capacidade de perceber as tendências? Previram 1989? Claro que não. O que estão perdendo agora? Provavelmente uma porção de coisas. Podia ser bastante favorável obter um controle sobre questões importantes, antes que se transformem em pontos de crise.

— Concordo. — Elizabeth observou os ombros do jovem descaírem unia fração, enquanto ele deixava escapar um discreto suspiro. Decidiu brincar com ele mais um pouco, apenas o suficiente para fazê-lo saber para quem trabalharia. — Fico imaginando o que poderíamos fazer com você...?

Ela deixou os olhos se desviarem para a parede no outro lado.

— Marcus Cabot tem uma vaga para assistente de pesquisa. Terá de se submeter a uma investigação de segurança, e precisará assinar uma declaração rigorosa de não-revelação de fatos. Não poderá publicar coisa alguma sem a devida autorização.

— É quase uma censura prévia — ressaltou Goodley. — E a garantia constitucional?

— O governo deve guardar alguns segredos, a fim de poder funcionar. Pode ter acesso a algumas informações extraordinárias. Seu objetivo é ser editado, ou é o que você disse? O serviço do governo exige alguns sacrifícios.

— Bom...

— Haverá algumas oportunidades importantes na CIA durante os próximos anos — prometeu Elliot.

— Entendo... — murmurou Goodley, falando a verdade. — Nunca tive a menor intenção de publicar informações confidenciais, é claro.

— Sei disso. E creio que poderei providenciar tudo através de meu gabinete. Gostei muito de sua tese. E quero uma mente como a sua trabalhando para o governo, se puder concordar com as restrições necessárias.

— Neste caso, acho que posso aceitá-las.

— Ótimo! — Elliot sorriu. — Você é agora um bolsista da Casa Branca. Minha secretária o levará ao serviço de segurança. Terá de preencher uma porção de formulários.

— Já tenho uma garantia "secreta".

— Precisaré mais do que isso. Deveré obter uma garantia PAE/AEO... o que significa "programas de acesso especial/acesso especial obrigatório". Geralmente demora alguns meses...

— Meses?

— Eu disse "geralmente". Podemos acelerar uma parte. Sugiro que comece a procurar um apartamento. O estipêndio é suficiente?

— É, sim.

— Muito bem. Falarei com Marcus em Langley. Vai querer conhecê-lo. — A expressão de Goodley era radiante, enquanto a assessora de segurança nacional acrescentava: — E um prazer tê-lo no time.

O novo bolsista da Casa Branca entendeu a deixa e levantou-se.

— Tentarei não desapontá-la.

Elliot observou-o se retirar. Era muito fácil seduzir as pessoas, ela sabia. O sexo era um instrumento útil para isso, mas o poder e a ambição eram muito melhores. Ela já o comprovara. E agora sorriu para si mesma.

— Uma bomba atômica? — indagou Bock.

— É o que parece — respondeu Qati.

— Quem mais sabe?

— Foi Ghosn quem descobriu. Só ele.

— Pode ser usada?

*E por que você me contou?*

— Ficou bastante avariada e precisa ser reparada. Ibrahim está agora colhendo as informações necessárias para avaliar a tarefa. Acha que é possível.

Günther recostou-se.

— Isso não é alguma armadilha elaborada? Um truque israelense, ou até mesmo americano?

— Se for, é dos mais hábeis.

Qati explicou as circunstâncias da descoberta da bomba.

— O ano de 1973... parece que tudo se ajusta. Lembro como os sírios chegaram perto de destruir os israelenses... — Bock ficou em silêncio por um momento. Balançou a cabeça. — Como usar uma coisa assim...

— E esse o problema, Günther.

— Ainda é muito cedo para formular a questão. Primeiro, é preciso determinar se a arma pode ser reparada. Segundo, é preciso determinar sua carga explosiva... não, antes disso deve determinar o tamanho, o peso e a possibilidade de transporte. E a consideração mais importante. Depois disso é que vem a carga... presumirei que...

— Ele se calou por um instante. -Presumir? Sei pouca coisa sobre essas armas. Não devem ser muito pesadas. Podem ser disparadas por canhões com menos de vinte centímetros de diâmetro. Sei pelo menos isso.

— Esta é muito maior, meu amigo.

— Não deveria ter me contado isso, Ismael. Num caso assim, a segurança é tudo. Não pode confiar em ninguém com um conhecimento assim. As pessoas falam, as pessoas se gabam. Pode haver agentes infiltrados em sua organização.

— Era necessário. Ghosn sabe que vai precisar de alguma ajuda. Que contatos você tem na RDA?

— De que tipo?

Qati explicou, e o alemão respondeu:

— Conheço alguns engenheiros, pessoas que trabalhavam no programa nuclear da RDA... um programa morto.

— Por quê?

— Honecker planejava construir vários reatores do tipo russo. Com a reunificação da Alemanha, os ativistas ecológicos examinaram o projeto e... Pode imaginar o resto. O projeto russo não tem uma reputação das melhores, entende? — Bock soltou um grunhido. — Como eu sempre lhe disse, os russos são um povo atrasado. Seus reatores, pelo que alguém me contou, serviam basicamente para a produção de material nuclear para armas...

— E...

— E é provável que houvesse um programa de armas nucleares em andamento na RDA. Não acha curioso que eu nunca tenha pensado a respeito? O que exatamente quer que eu faça, Ismael?

— Preciso que viaje até a Alemanha e descubra algumas pessoas... preferimos que seja apenas uma, se for possível, por razões óbvias... para nos ajudar.

*Voltar à Alemanha?*, pensou Bock.

— Vou precisar...

Qati jogou um envelope no colo do amigo.

— Beirute é uma encruzilhada há séculos. Esses documentos de viagem são melhores do que os genuínos.

— Terá de se transferir para outra locação imediatamente. Se eu for apanhado, terá de presumir que vão me arrancar todas as informações do meu conhecimento. Quebraram Petra. Podem fazer isso comigo ou qualquer outra pessoa.

— Rezarei por sua segurança. Há um número de telefone dentro desse envelope. Quando você voltar, já estaremos em outro lugar.

— Quando devo partir?

— Amanhã.

# 12

## FUNILEIROS

— Aumento para dez centavos — disse Ryan, depois de ver a carta.

— Está blefando — murmurou Chavez.

— Nunca blefo — garantiu Jack.

— Estou fora.

Clark empurrou suas cartas para o meio da mesa.

— E o que todos dizem — comentou o sargento da força aérea.

— Os seus dez e mais vinte e cinco.

— Eu pago — anunciou Chavez.

— Trinca de valetes.

— Ganha da minha de oito — resmungou o sargento.

— Mas não de um *straight*, Doc. — Ding terminou de tomar sua cerveja. — Puxa, com essa mão, estou com um lucro de cinco dólares.

— Jamais conte os seus lucros na mesa, filho — aconselhou Clark, muito sério.

— Nunca fui disso. — Chavez sorriu. — Mas gosto desse jogo.

— Sempre pensei que os soldados fossem péssimos jogadores — observou o sargento da força aérea, contrariado.

Ele estava perdendo três dólares, embora fosse um excelente jogador de pôquer. Tinha de praticar contra os políticos nos longos vôos, quando eles precisavam de um bom carteador.

— Uma das primeiras coisas que a gente aprende na CIA é marcar cartas — disse Clark, enquanto ia buscar outra rodada de drinques.

— Sempre achei que deveria ter feito o curso na Fazenda. — Ryan estava mais ou menos em casa, mas cada vez que recebia uma boa mão, Chavez tinha uma melhor. — Na próxima vez, vou deixar você jogar com minha mulher.

— Ela joga bem? — perguntou Chavez.

— É cirurgia. Tira a carta de baixo tão depressa que poderia enganar até um profissional. Joga cartas como uma espécie de exercício de habilidade — explicou Ryan, com um sorriso. — Nunca a deixo dar as cartas.

— A senhora Ryan jamais faria uma coisa assim — assegurou Clark, ao tornar a sentar.

— E sua vez de dar as cartas — informou Ding.

Clark começou a embaralhar, algo que também fazia muito bem.

— Qual é sua opinião, Doc?

— Sobre Jerusalém? Melhor do que eu esperava. O que você achou?

— Na última vez em que estive lá... acho que foi em 1984... era terrível. Dava para sentir o cheiro... da encrenca. Não se via coisa alguma, mas sentia-se que a coisa fermentava. Podia-se sentir que as pessoas observavam cada passo seu. Agora? Não resta a menor dúvida de que esfriou bastante. O que me dizem de um *stud poker* de cinco cartas?

— A escolha é de quem está com o baralho — respondeu o sargento da força aérea.

Clark deu ns cartas fechadas, depois a primeira mão de cartas abertas.

— Nove de espadas para a força aérea. Cinco de ouros para nosso amigo latino. Dama de paus para o Doc, e o carteador tem... o que acham disso? O carteador tem um ás. As aposta vinte e cinco centavos.

— E então, John? — insistiu Ryan, depois da primeira rodada de apostas.

— Deposita muita fé em minha capacidade de observação, Jack. Saberemos com certeza dentro de dois meses, mas eu diria que está tudo correndo bem.

— Ele deu mais quatro cartas. — Possível *straight*... possível *straight* para a força aérea. Pode apostar, meu caro senhor.

— Mais vinte e cinco centavos. — O sargento sentia que sua sorte chegara.

— Os caras da segurança israelense afrouxaram um pouco.

— Como assim?

— Doutor Ryan, os israelenses sabem de tudo sobre segurança. Cada vez que voamos até aqui, eles erguem um verdadeiro muro em torno do pássaro, entende? Desta vez o muro não foi tão alto. Conversei com alguns, e eles fie disseram que estão mais relaxados... não em termos oficiais, mas pessoalmente, entende? Antes, era difícil até puxar conversa. Acho que fez uma grande diferença.

Ryan sorriu, enquanto decidia sair da mão. Seus oito, dama e dois não o levariam a nada. Nunca falhava. Sempre se conseguia obter melhores dados de sargentos do que de generais.

— O que temos aqui é essencialmente uma cópia israelense de uma bomba de fissão americana Mark-12 — explicou Ghosn, folheando seu livro até a página certa. — É um projeto de fissão ampliada.

— O que isso significa? — perguntou Qati.

— Significa que o trítio é esguichado no núcleo no momento em que começa o ato de detonação. Isso gera mais nêutrons, e aumenta de maneira considerável a eficiência da reação. Em decorrência, é preciso apenas uma pequena quantidade de material fissionável...

— Mas?

Qati percebera que o "mas" era inevitável. Ghosn recostou-se e olhou para o núcleo do artefato.

— Mas o mecanismo para inserir o material de expansão foi destruído pelo impacto. Os interruptores de criptônio para os explosivos convencionais não são mais confiáveis, e devem ser substituídos. Temos blocos explosivos intactos em quantidade suficiente para determinar a configuração apropriada, mas a fabricação de novos será muito difícil. Infelizmente, não posso me basear numa simples reversão de engenharia em toda a arma. Preciso duplicar o projeto original, primeiro em termos teóricos, determinar o que se pode e o que não se pode fazer, depois reinventar os processos de fabricação. Tem alguma idéia cio custo original para esta bomba?

— Não — admitiu Qati, certo de que se encontrava prestes a descobrir.

— Mais do que custa para fazer pessoas pousarem na lua. As mentes mais brilhantes na história humana participaram desse processo: Einstein, Fermi, Bohr, Oppenheimer, Teller, Alvarez, Von Neumann, Lawrence... e uma centena de outros! Os gigantes da física neste século. Gigantes.

— Está me dizendo que não é capaz de fazê-lo? Ghosn sorriu.

— Não, comandante, estou lhe dizendo que posso. O que é o trabalho do gênio na primeira vez, torna-se o trabalho de um funileiro daí por diante. É preciso gênio na primeira vez porque foi a primeira vez, e também porque a tecnologia era bastante primitiva. Todos os cálculos tinham de ser feitos manualmente no início, em enormes calculadoras mecânicas. Todo o trabalho da primeira bomba de hidrogênio foi realizado nos primeiros e primitivos computadores... Eniac, creio que era esse o nome.

Ghosn soltou uma risada. Era de fato absurdo.

— Um videogame tem mais capacidade de computação do que o Eniac jamais conseguiu. Posso efetuar os cálculos num computador pessoal em segundos, e duplicar o que Einstein levou meses para realizar. Mas o mais importante é que eles não sabiam se era realmente possível. Mas é, e eu sei disso! Eles registraram tudo o que fizeram. Tenho um padrão. Não posso fazer uma reversão de engenharia completa, mas posso usar isso como um modelo teórico. Em dois ou três anos, eu poderia cuidar de tudo sozinho.

— Acha que dispomos de dois ou três anos?

Ghosn sacudiu a cabeça. Já relatara o que testemunhara em Jerusalém.

— Não, comandante. Claro que não temos.

Qati explicou o que mandara o amigo alemão fazer.

— Isso é ótimo. Para onde iremos?

Berlim era outra vez a capital da Alemanha. Pelo plano de Bock, isso tornaria a acontecer, mas não naquele tipo de Alemanha. Ele viera de avião da Itália — via Grécia, e antes via Síria — e passara



pelo controle de passaportes sem a menor dificuldade. A partir daí, simplesmente alugara um carro, deixando Berlim pela estrada E-74, para o norte, na direção de Greifswald.

Günther alugara um Mercedes-Benz. Racionalizara isso, dizendo a si mesmo que era a melhor cobertura para um executivo, e além do mais não alugara o maior disponível. Houve momentos em que pensou que teria sido melhor se alugasse uma bicicleta. Aquela estrada fora negligenciada pelo governo da RDA, e agora que o governo federal assumira o controle, a estrada era povoada quase que ininterruptamente por equipes de reparos. Nem era preciso dizer que o outro lado da estrada já fora consertado. Sua visão periférica registrava centenas de enormes e potentes Mercedes e BMWs seguindo para o sul, na direção de Berlim, com os capitalistas do Ocidente, ansiosos em reconquistar economicamente o que ruíra sob a traição política.

Bock passou por Greifswald, e seguiu para leste, na direção da pequena cidade de Kemnitz. Os esforços de recuperação rodoviária ainda não haviam alcançado as estradas secundárias. Depois de cair em meia dúzia de buracos, Günther resolveu parar e consultar o mapa. Avançou três quilômetros, deu uma série de voltas, terminando no que fora outrora um bairro exclusivo de profissionais. Havia um Trabant estacionado no caminho da casa que ele procurava. O gramado ainda era impecavelmente aparado, e a casa bem-cuidada, até as cortinas nas janelas — afinal, aquilo era a Alemanha — mas havia um clima de abandono e depressão, mais sentido do que visto. Bock estacionou seu carro a uma quadra de distância, e voltou até a casa por um caminho indireto.

— Gostaria de falar com Herr Doktor Fromm — disse ele à mulher que abriu a porta, provavelmente Frau Fromm.

— A quem devo anunciar? — indagou ela, formalmente.

Era uma mulher de quarenta e poucos anos, a pele esticada nas faces rígidas, com rugas demais irradiando-se dos olhos azuis opacos e dos lábios tensos e lívidos. Ela examinou o homem em seu degrau da frente com algum interesse, talvez um pouco de esperança. Bock não tinha a menor idéia do motivo para isso, mas tratou de aproveitar a oportunidade.

— Um velho amigo. — Bock sorriu para reforçar a imagem. — Posso lhe fazer uma surpresa?

Ela hesitou por um instante, depois a expressão se alterou e as boas maneiras prevaleceram.

— Entre, por favor.

Bock esperou na sala de estar, e compreendeu que sua impressão era certa... mas não lhe ocorreu por que era certa. O interior da casa lembrava-o de seu próprio apartamento em Berlim. Os mesmos móveis de fabricação especial, que antes pareciam tão bons, em contraste com o que era disponível para os cidadãos comuns na República Democrática Alemã, agora já não impressionavam tanto. Talvez fosse por causa do Mercedes que guiava, Bock disse a si mesmo, enquanto ouvia passos se aproximando. Não, não era por isso. Era a poeira. Frau Fromm não andava limpando a casa como uma boa *Hausfrau* alemã fazia. Um sinal indubitável de que havia algo muito errado.

— Pois não? — disse o dr. Manfred Fromm, como uma pergunta, antes que seus olhos se arregalassem num reconhecimento retardado. — Ah, que prazer tornar a vê-lo!

— Não sabia se se lembraria de seu velho amigo Hans — falou Bock, com uma risada, estendendo a mão. — Faz muito tempo, Manfred.

— É verdade, muito tempo, *Junge!* Vamos para o meu escritório.

Os dois homens deixaram a sala sob o olhar inquisitivo de Frau Fromm. O dr. Fromm fechou a porta do escritório, antes de falar:

— Lamento por sua esposa. Foi terrível o que aconteceu.

— Isso pertence ao passado. Como vão as coisas?

— Ainda não soube? Os Verdes nos atacaram. Estamos para ser fechados. O Doktor Manfred Fromm era, no papel, o vice-diretor assistente da usina de energia nuclear de Lubmin/Nord. A usina fora construída vinte anos antes, usando o projeto soviético do VVER Modelo 230, que podia ser primitivo, mas era adequado com uma competente equipe alemã de operações. ! Como todos os projetos soviéticos da época, o reator era um produtor de plutônio. Ao

contrário de Chernobil, no entanto, possuía um domo de contenção. Não era nem muito eficiente nem inseguro demais, mas oferecia o benefício de produzir material nuclear para armas, além de gerar oitocentos e dezesseis megawatts de energia elétrica, com seus dois reatores em funcionamento.

— Os Verdes — repetiu Bock, num murmúrio. — Eles.

O Partido Verde era uma conseqüência do espírito nacional alemão, que venerava todas as coisas vivas por um lado, enquanto por outro empenhava-se em destruí-las. Formado pelos elementos radicais — ou coerentes — do movimento ecológico, lutara contra muitas coisas que também incomodavam o bloco comunista. Mas enquanto fracassara na tentativa de impedir a instalação de armas nucleares de curto alcance — o que mais tarde se conseguira através do tratado que eliminava essas armas nos dois lados da linha de confrontação —, obtinha agora o sucesso em promover a forma mais pura de inferno político no que fora outrora a República Democrática Alemã. O pesadelo de poluição no lado oriental era agora a obsessão dos Verdes, e no alto da lista se encontrava a indústria de energia nuclear, que eles classificavam de abominavelmente insegura. Bock lembrou a si mesmo que os Verdes nunca estiveram de fato sob um controle político adequado-O partido nunca seria uma grande força na política alemã, e agora era explorado pelo mesmo governo que antes se irritava com suas iniciativas. Outrora os Verdes haviam protestado com vigor contra a poluição no Ruhr e no Reno da Krupp, além de se manifestarem contra a disposição de armas nucleares da Otan, mas agora faziam uma cruzada, na parte oriental, mais fervorosa do que Barbarossa jamais tentara na Terra Santa. Suas queixas incessantes sobre a confusão no setor oriental estavam garantindo que o socialismo não voltasse tão cedo à Alemanha. Era o suficiente para levar os dois homens a especularem se os Verdes não haviam sido uma sutil artimanha dos capitalistas desde o início.

Fromm e os Bock tinham se conhecido cinco anos antes. A Facção do Exército Vermelho formulara um plano para sabotar um reator alemão ocidental, e queria conselhos técnicos sobre a maneira de fazer isso com mais eficiência. Embora jamais fosse revelado ao

público, o plano só fora frustrado no último minuto. Se a informação fosse divulgada, o sucesso da BND constituiria uma ameaça à indústria nuclear da Alemanha.

— Falta menos de um ano para que nos fechem para sempre. Só trabalho agora três dias por semana. Fui substituído por um *expert* técnico do lado ocidental. Ele me permite "aconselhá-lo".

— Deve haver mais do que isso, Manfred — comentou Bock.

Fromm também fora o engenheiro-chefe do projeto militar mais apreciado de Erich Honecker. Embora aliados na Fraternidade Socialista Universal, os russos e alemães nunca poderiam ser verdadeiros amigos. A disputa entre as nações estendia-se por mil anos, e enquanto a Alemanha pelo menos dera a partida no socialismo, os russos haviam fracassado por completo. Em consequência da desconfiança, os militares alemães orientais jamais puderam contar com um poderio que sequer se aproximasse da força muito maior da Alemanha Ocidental. Até o fim, os russos temeram os alemães, mesmo os que estavam do seu lado, antes de permitirem, incompreensivelmente, a reunificação do país. Erich Honecker concluíra que essa desconfiança podia ter desdobramentos estratégicos, e traçara planos para guardar uma parte do plutônio produzido em Greifswald e outros lugares. Manfred Fromm sabia tanto sobre o projeto de uma bomba nuclear quanto qualquer russo ou americano, embora nunca fosse capaz de pôr em prática seus conhecimentos. O estoque de plutônio acumulado em segredo durante dez anos fora entregue aos russos, como um gesto derradeiro de lealdade marxista, para que não caísse em poder do governo da Alemanha Federal. O último ato honrado resultará em recriminações furiosas... o suficiente para que o material em um dos depósitos nunca fosse devolvido. Quaisquer ligações que Fromm e seus colegas tivessem outrora com os soviéticos haviam sido rompidas por completo.

— Mas recebi uma boa oferta — acrescentou Fromm, pegando um envelope de papel pardo em sua atravancada escrivaninha. — Querem que eu vá para a Argentina. Meus equivalentes do lado ocidental já se encontram 'á há anos, assim como a maioria do pessoal com quem trabalhei aqui.

— O que eles oferecem?

Fromm soltou uma risada desdenhosa.

— Um milhão de marcos por ano, até que o projeto seja concluído. Sem problemas de impostos, conta numerada, todos os atrativos normais.

Fromm falou sem qualquer emoção. Aquilo era inteiramente impossível. Não poderia trabalhar para fascistas, da mesma forma que não podia respirar dentro d'água. Seu avô, um dos espartacistas originais, morrera num dos primeiros campos de trabalhos forçados, depois da ascensão de Hitler ao poder. O pai participara de uma célula comunista clandestina, e integrara uma rede de espionagem. Sobrevivera à guerra, apesar da caçada sistemática da Gestapo e da *Sicherheitsdienst*, e fora um honrado membro local do Partido até o dia de sua morte. Fromm aprendera o marxismo-leninismo quando ainda começava a andar, e a eliminação de sua profissão não o deixara enamorado do novo sistema político, que fora ensinado a desprezar. Perdera o emprego, nunca realizara sua ambição principal, e agora era tratado como um contínuo por algum engenheiro-assistente de faces rosadas de Göttingen. Pior do que tudo, a esposa queria que ele aceitasse o emprego na Argentina, e promovia um inferno adicional em sua vida, enquanto ele se recusasse a considerar a proposta. Ao final, ele teve de perguntar:

— Por que veio até aqui, Günther? O país inteiro está à sua procura, e corre muito perigo, apesar desse excelente disfarce.

Bock sorriu, confiante.

— Não é espantoso o que cabelos diferentes e óculos podem fazer por uma pessoa?

— Isso não responde à minha pergunta.

— Tenho amigos que precisam de seus conhecimentos.

— Que amigos são esses? — indagou Fromm, desconfiado.

— São politicamente aceitáveis para mim e para você. Não esqueci Petra.

— Foi um bom plano o que preparamos, hem? O que saiu errado?

— Havia uma espiã entre nós. Por causa dela, mudaram as disposições de segurança na usina três dias antes de nossa ação.

— Uma Verde?

Bock permitiu-se um sorriso amargurado.

— *Ja*. Ela tinha idéias diferentes sobre possíveis baixas civis e danos ao meio ambiente.

Petra se encarregara do fuzilamento. Não havia nada pior do que uma espiã, e nada mais apropriado que Petra cuidasse da execução.

— Parte do meio ambiente, hem? Que poético!

Era a primeira tentativa de jovialidade de Fromm, e com o mesmo sucesso de todas as outras que fizera no passado. Manfred Fromm era um homem totalmente desprovido de humor.

— Não posso lhe oferecer dinheiro. Na verdade, não posso nem revelar coisa alguma. Deve decidir apenas com base no que falei.

Bock não tinha um revólver, mas tinha uma faca. Especulou se Manfred conhecia as alternativas com que se defrontava. Provavelmente não. Apesar de sua pureza ideológica, Fromm era um tecnocrata, de visão restrita.

— Quando partimos?

— Está sendo vigiado?

— Não. Tive de viajar à Suíça para falar sobre a "oferta de emprego". Tais coisas não podem ser discutidas neste país, por mais unido e feliz que tenha se tornado. E tomei pessoalmente as providências para a viagem. Acho que não estou sendo vigiado.

— Neste caso, podemos partir imediatamente. Não precisa levar coisa alguma.

— O que digo à minha mulher?

Fromm se perguntou no mesmo instante por que deveria se preocupar com isso. Afinal, seu casamento nada tinha de feliz.

— Isso é problema seu.

— Deixe-me levar algumas coisas. Será mais fácil assim. Quanto tempo...?

— Não sei.

Levou meia hora. Fromm explicou à esposa que se ausentaria por alguns dias, para novas discussões sobre a oferta de emprego. Ela deu-lhe um beijo esperançoso. A Argentina podia ser um bom lugar, e melhor ainda seria viver bem em qualquer parte. Talvez

aquele velho amigo fosse capaz de inculcar um pouco de bom senso no marido. Afinal, ele guiava um Mercedes. Devia saber o que o futuro realmente reservava.

Três horas depois, Bock e Fromm embarcaram num vôo para Roma. Depois de uma hora de espera no aeroporto local, seguiram para a Turquia, e de lá para Damasco, onde se hospedaram num hotel, para um descanso necessário.

No entender de Ghosn, Marvin Russell parecia ainda mais formidável do que antes. Perdera no suor o pouco excesso de peso que podia ter, e seus exercícios diários com os soldados do movimento só contribuía para aumentar ainda mais um corpo já musculoso, enquanto o sol o bronzeava a tal ponto que quase podia ser tomado por um árabe. A única coisa dissonante era sua religião. Os camaradas informavam que ele era um autêntico pagão, um infiel, que orava para o sol, entre outras coisas. O que deixava os muçulmanos inquietos, mas as pessoas se empenhavam, gentilmente, em lhe mostrar a fé verdadeira do Islã, e diziam que ele escutava com o devido respeito. Também informavam que ele era infalível com qualquer arma, a qualquer distância; que era o mais letal combatente no corpo-a-corpo que já haviam conhecido — quase aleijara um instrutor — e que possuía habilidades no campo que impressionariam uma raposa. Um guerreiro natural, esperto e astuto, era a avaliação geral. Tirando suas excentricidades religiosas, os outros gostavam dele, admiravam-no.

— Marvin, se você ficar ainda mais forte, vai me deixar assustado! — comentou Ghosn para o amigo americano, rindo.

— Ibrahim, foi a melhor coisa que já fiz, vir para cá. Nunca imaginei que houvesse outras pessoas tão fodidas quanto meu povo... mas vocês são melhores para revidar. Vocês têm muita coragem. — Ghosn ficou surpreso ao ouvir isso, de um homem que partira o pescoço de um policial como se fosse um palito, enquanto Marvin acrescentava: — Quero muito ajudar, por qualquer forma que eu puder.

— Há sempre um lugar para um verdadeiro guerreiro. — Se ele conhecesse melhor a língua, pensou Ghosn, daria um excelente

instrutor. — Bom, agora tenho de partir.

— Para onde vai?

— Um lugar que temos a leste daqui. — Era ao norte. — Um trabalho especial que tenho de fazer.

— Com aquela coisa que escavamos? — perguntou Russell, casualmente. Quase casualmente demais, pensou Ghosn, mas isso não era possível, não é? Cautela era uma coisa, paranóia outra.

— Outra coisa. Desculpe, meu amigo, mas devemos encarar a sério a questão da segurança.

Marvin acenou com a cabeça.

— Tudo bem, cara. Foi isso que matou meu irmão, negligenciar a segurança. Até sua volta.

Ghosn pegou seu carro e deixou o acampamento. Seguiu pela estrada para Damasco durante uma hora. Os estrangeiros muitas vezes deixavam de perceber como o Oriente Médio era pequeno — ou pelo menos as partes importantes. A viagem de Jerusalém para Damasco, por exemplo, levaria apenas duas horas em boas estradas, embora as duas cidades fossem como dois mundos separados em termos políticos... ou tivessem sido, Ghosn lembrou a si mesmo. Ele ouvira recentemente alguns rumores ominosos procedentes da Síria. Seria possível que até seu governo começasse a se cansar da luta? Era fácil dizer que se tratava de algo impossível, mas essa palavra não tinha mais o mesmo significado anterior.

A cinco quilômetros de Damasco, ele avistou o outro carro, esperando no local combinado. Seguiu adiante por mais duzentos metros, atento a qualquer sinal de vigilância, antes de concluir que era seguro voltar. Um minuto depois, ele parou perto do outro carro. Os dois homens saltaram, como haviam sido instruídos, e o motorista, um membro da organização, foi embora.

— Bom dia, Günther.

— Bom dia, Ibrahim. Este é meu amigo Manfred.

Os dois homens embarcaram no banco traseiro, e Ghosn deu a partida no mesmo instante. Ele olhou para o recém-chegado pelo espelho retrovisor. Era mais velho do que Bock, mais magro, com os olhos fundos. Vestia-se mal para o ambiente, e suava como um porco. Ibrahim estendeu para trás uma garrafa de plástico com



água. O recém-chegado limpou a tampa com um lenço, antes de beber. *Os árabes não têm bastante higiene para você?*, pensou Ghosn. Mas isso não era da sua conta, não é mesmo?

A viagem até o novo local demorou duas horas. Deliberadamente, Ghosn deu uma volta comprida, embora soubesse que o sol manteria um observador cuidadoso informado da direção. Ele não sabia que tipo de treinamento tinha o tal de Manfred; era prudente presumir que ele sabia de tudo, mas também era prudente usar todas as medidas de cautela normais. Ao chegarem a seu destino, apenas um soldado treinado em reconhecimento seria capaz de reproduzir o percurso.

Qati escolhera muito bem. Até poucos meses atrás, o lugar fora um centro de comando da Hezbollah. Escavado numa encosta íngreme, o telhado de ferro corrugado era coberto de terra, em que haviam plantado os escassos arbustos locais. Só um homem muito hábil, que soubesse exatamente o que procurava, poderia localizá-lo, o que era extremamente improvável. A Hezbollah era bastante eficiente em extirpar os informantes de seu meio. Um caminho de terra passava pelo local, seguindo até uma fazenda abandonada, cuja terra se tornara esgotada demais até para o cultivo de ópio e haxixe, que eram as duas principais colheitas da região. Dentro da estrutura, havia uma área de cem metros quadrados com chão de concreto, permitindo até o estacionamento de alguns veículos. O único ponto desfavorável era o fato de que o lugar seria uma armadilha mortal no caso de um terremoto, uma ocorrência que não era desconhecida na região, refletiu Ghosn. Ele parou o carro entre duas colunas, fora de vista. Ao saltar, puxou a rede de camuflagem por trás. Não se podia negar, Qati escolhera muito bem.

O equilíbrio mais difícil, como sempre, era escolher entre os dois aspectos da segurança. Por um lado, quanto mais pessoas soubessem que algo estava acontecendo, pior era. Por outro, havia necessidade de pelo menos algumas pessoas para proporcionar uma guarda. Qati trouxera quase toda a sua guarda pessoal, dez homens de incontestáveis lealdade e competência. Conheciam Ghosn e Bock de vista, e seu líder se adiantou para cumprimentar Manfred.

— Este é nosso novo amigo — informou Ghosn ao homem, que examinou atentamente o rosto do alemão, e depois se afastou.

— *Was gibt's hier?* — perguntou Fromm, num alemão tenso.

— O que temos aqui é muito interessante — respondeu Ghosn, em inglês. Manfred percebeu a lição.

— *Kommen Sie mit, bitte.*

Ghosn conduziu-os até uma porta. Havia um homem com um rifle do lado de fora, o que fazia muito mais sentido do que uma tranca. O engenheiro fez um gesto de cabeça para o homem, que respondeu com um aceno brusco. Ghosn entrou na frente, e puxou um cordão para acender a iluminação fluorescente. Havia uma enorme bancada de trabalho de metal, coberta por uma lona. Ghosn removeu a lona sem dizer nada. Estava se cansando dos gestos dramáticos. Era tempo de começar a fazer as coisas.

— *Gott im Himmel!*

— Eu nunca tinha visto — admitiu Bock. — Então é assim que parece? Fromm pôs os óculos e examinou atentamente o mecanismo, talvez por

um minuto, antes de levantar o rosto.

— Projeto americano, mas não fabricação americana. — Ele apontou. — Um tipo diferente de fiação. Um artefato tosco, de trinta anos... não, mais antigo do que isso no projeto, mas não na fabricação. Esses circuitos impressos são... da década de 1960, talvez do início da década de 1970. Soviética? Do depósito no Azerbaijão?

Ghosn limitou-se a sacudir a cabeça.

— Israelense? *Ist das möglich?*

Essa pergunta recebeu um aceno de cabeça.

— Mais do que possível, meu amigo. Está aqui.

— Bomba de gravidade. Injeção de trítio no núcleo para aumentar a produção... cinqüenta a setenta quilotons, eu diria... radar e detonação de impacto. Foi lançada, mas não explodiu. Por quê?

— Ao que tudo indica, nunca foi armada — respondeu Ghosn.  
— Tudo o que recuperamos está aqui.

Ele já estava impressionado com Manfred. Fromm passou os dedos pelo interior do invólucro, procurando por conectores.

— Tem razão. Muito interessante... — Houve uma pausa prolongada. — Sabe que é bem provável que possa ser reparada... e até mesmo...

— Até mesmo o quê? — indagou Ghosn, conhecendo a resposta.

— Esse projeto pode ser convertido num artefato de disparo.

— Para quê? — perguntou Bock.

— Para uma bomba de hidrogênio — respondeu Ghosn. — Eu já desconfiava disso.

— Extremamente pesada, sem a eficiência de um projeto moderno. Como eles dizem, tosca mas eficaz... — Fromm levantou o rosto. — Quer minha ajuda para repará-la?

— Vai ajudar? — indagou Ghosn.

— Dez anos... mais, durante vinte anos estudei e pensei... Como será usada?

— Isso o perturba?

— Não será usada na Alemanha?

— Claro que não — respondeu Ghosn, quase irritado.

Afinal, que disputa a organização tinha com a Alemanha? Algo na mente de Bock, no entanto, aflorou de repente. Ele fechou os olhos por um momento, a fim de gravar o pensamento na memória.

— Está certo, eu ajudarei — respondeu Manfred.

— Será bem pago — prometeu Ghosn.

Ele compreendeu tarde demais que isso era um erro. Mas não importava mais, não é?

— Não faço essas coisas por dinheiro! — protestou Fromm, indignado. — Pensa que sou um mercenário?

— Desculpe. Não tive a menor intenção de insultá-lo. Um trabalhador especializado sempre deve ser recompensado por seu tempo. Não somos mendigos, entende?

Nem eu, Fromm quase disse, antes que seu bom senso prevalecesse. Aqueles não eram os argentinos, não é mesmo? Não eram fascistas, nem capitalistas, eram camaradas revolucionários que também enfrentavam dificuldades políticas... embora ele tivesse

certeza de que tinham uma situação financeira bastante favorável. Os soviéticos nunca haviam dado armas aos árabes. Mesmo no tempo de Brezhnev e Andropov, vendiam em troca de moedas fortes, e se isso parecera justo aos soviéticos quando ainda tinham a verdadeira fé... então...

— Perdoe-me. Apenas enunciei um fato, e também não tive a intenção de ofendê-los. Sei que não são mendigos. São soldados revolucionários, guerreiros da liberdade, e será uma honra ajudá-los por qualquer forma que eu puder. — Manfred acenou com a mão. Fique á vontade para me pagar o que julgar justo... — Seria uma quantia substancial, mais do que apenas um milhão de marcos! — ... mas deve compreender, por favor, que não me vendo por dinheiro.

— E um prazer conhecer um homem honrado — disse Ghosn, com uma expressão de satisfação.

Bock achou que os dois haviam exagerado, mas não interferiu. Já desconfiava como Fromm seria pago.

— Muito bem — acrescentou Ghosn. — Por onde começamos?

— Primeiro, pensamos. Preciso de papel e lápis.

— E quem é você? — perguntou Ryan.

— Ben Goodley, senhor.

— De Boston?

O sotaque era característico.

— Sim, senhor. Escola Kennedy. Fiz pós-graduação, e agora sou um bolsista da Casa Branca.

— Nancy? — murmurou Ryan, olhando para sua secretária.

— O diretor incluiu-o em sua agenda, doutor Ryan.

— Muito bem, doutor Goodley, vamos entrar — convidou Ryan, sorrindo. Clark sentou, depois de avaliar o estranho.

— Aceita um café?

— Tem descafeinado? — indagou Goodley.

— Se quer trabalhar aqui, garoto, é melhor se acostumar à coisa de verdade. Sente-se. Tem certeza de que não vai querer um café?

— Não, obrigado, senhor.

— Está certo. — Ryan serviu-se de sua caneca habitual, e foi sentar atrás da mesa. — O que vem fazer neste palácio dos enigmas?

— A versão curta é que estou procurando por um emprego. Minha tese de doutorado foi sobre as operações de informações, sua história e perspectivas. Preciso saber algumas coisas para concluir meu trabalho em Kennedy, e depois quero descobrir se posso fazer a coisa de verdade.

Jack acenou com a cabeça. Aquilo parecia bastante familiar.

— Autorizações de segurança?

— TS, PAE/AED. Essas são novas. Já tinha uma "secreta", porque parte de meu trabalho em Kennedy envolvia a pesquisa em alguns arquivos confidenciais, principalmente em Washington, mas algumas coisas em Boston ainda são confidenciais. Até participei da equipe que estudou a crise dos mísseis cubanos.

— O trabalho do doutor Nicholas Bledsoe?

— Isso mesmo.

— Não concordei com todas as conclusões de Nick, mas não se pode deixar de reconhecer que foi uma pesquisa extraordinária.

Jack levantou a caneca em saudação. Goodley escrevera quase a metade da monografia, inclusive as conclusões.

— Do que discordou... se me permite perguntar?

— A ação de Kruchov foi fundamentalmente irracional. Acho... e os registros confirmam isso... que a instalação dos mísseis em Cuba foi um ato impulsivo, em vez de raciocinado.

— Discordo. O trabalho ressaltou que a principal preocupação soviética eram os nossos IRBMs na Europa, em particular os que havia na Turquia. Parece lógico concluir que tudo foi uma manobra para alcançar uma situação estável nas forças em disposição.

— Seu trabalho não relatou tudo — comentou Jack.

— Por exemplo? — indagou Goodley, disfarçando sua irritação.

— Por exemplo, as informações que recebíamos de Penkovski e outros. Esses documentos ainda são secretos, e assim permanecerão por mais vinte anos.

— Cinquenta anos não é muito tempo?

— Claro que é — concordou Ryan. — Mas há uma razão. Algumas dessas informações ainda são... não exatamente atuais, mas revelariam algumas manobras que não queremos que sejam reveladas.

— Não acha que isso é um tanto radical? — indagou Goodley, tão imparcial quanto podia se mostrar.

— Digamos que tínhamos o agente "Banana" operando naquela ocasião. Muito bem, ele está morto agora... morreu de velhice, digamos... mas talvez o agente "Pêra" tenha sido recrutado por ele, e ainda continua atuando. Se os soviéticos descobrissem quem era "Banana", isso poderia lhes proporcionar uma pista. Além disso, é preciso pensar também em certos métodos de transferência de mensagens. As pessoas vêm jogando beisebol há cento e cinquenta anos, mas um *change-up* (a bola arremessada do mesmo jeito que a anterior, mas com uma velocidade menor) ainda é um *change-up*. Eu costumava pensar da mesma maneira que você, Ben. A gente acaba aprendendo que a maioria das coisas que são feitas aqui têm um motivo.

*Capturado pelo sistema*, pensou Goodley.

— Por falar nisso, já notou que a última leva de gravações de Kruchoy provou de forma cabal que Nick Bledsoe estava errado em alguns de seus argumentos... e provou também mais uma coisa?

— O quê?

— Digamos que John Kennedy tinha informações concretas na primavera de 1961, um material de primeira, e que Kruchoy queria mudar o sistema. Em 1958 ele esvaziou de maneira eficaz o Exército Vermelho, e tentava reformar o Partido. Digamos que Kennedy tinha informações concretas a respeito, e que foi avisado por um passarinho de que se desse um pouco de corda aos russos, talvez pudéssemos ter uma reaproximação na década de 1960. Ou seja, a *glasnost* trinta anos antes. Digamos que tudo isso aconteceu, mas o presidente frustrou tudo ao decidir, por razões políticas, que era desvantajoso dar um pouco de corda a Nikita... Isso significaria que toda a década de 1960 foi um grande erro. O Vietnã, as outras coisas, tudo foi uma gigantesca cagada.

— Não acredito. Já estudei os arquivos. Não é coerente com tudo o que sabemos sobre...

— Coerência num político? — interrompeu-o Ryan. — Aí está um conceito revolucionário.

— Se está querendo dizer que realmente aconteceu...

— Foi hipotético — declarou Jack, alteando uma sobrancelha.

Ora, ele pensou, a informação se encontrava à disposição de quem quisesse coligir os fatos. O fato de que isso jamais acontecera era apenas outra manifestação de um problema mais amplo e mais perturbador. Mas a parte que o preocupava estava bem aqui, naquele prédio. Deixaria a história aos historiadores... até que algum dia ele decidisse retornar às suas fileiras profissionais. *E quando isso vai acontecer, Jack?*

— Ninguém jamais acreditaria.

— A maioria das pessoas também acredita que Lyndon Johnson perdeu as primárias de New Hampshire para Eugene McCarthy por causa da Ofensiva do Tet. Seja bem-vindo ao mundo das informações secretas, doutor Goodley. Sabe qual é a parte mais difícil no reconhecimento da verdade?

— Qual é?

— Saber que alguma coisa acabou de lhe dar um chute no rabo. Não é tão fácil quanto pode imaginar.

— E o rompimento do Pacto de Varsóvia?

— Tem razão — concordou Ryan. — Tínhamos todos os tipos de indicadores, e ignoramos. Isto é, não foi exatamente assim. Muitos jovens na DI... a Diretoria de Inteligência... — explicou Jack, desnecessariamente, no que pareceu a Goodley uma atitude condescendente— ... faziam o maior clamor, mas os chefes de seção zombaram.

— E qual foi sua posição, senhor?

— Se o diretor concordar, podemos deixá-lo saber de uma parte do que aconteceu. A maior parte, na verdade. Quase todos os nossos agentes e controladores se enganaram. Todos poderíamos nos ter saído melhor, e isso se aplica a mim tanto quanto aos outros. Se tenho uma fraqueza, é a de um foco excessivamente tático.

— Árvores em vez da floresta?

— Isso mesmo — admitiu Ryan. — E a grande armadilha aqui, mas saber disso nem sempre ajuda muito.

— Acho que é por isso que me mandaram para cá — comentou Goodley. Jack sorriu.

— Não é muito diferente da maneira como comecei aqui. Bem-vindo a bordo. Por onde deseja começar, doutor Goodley?

Ben já tinha uma idéia definida a respeito. Se Ryan não era capaz de perceber, o problema não era seu, não é mesmo?

\* \* \*

— Onde vai obter os computadores? — perguntou Bock. Fromm se isolara, com papel e lápis.

— Israel para começar, talvez Jordânia ou Turquia — respondeu Ghosn.

— Vai sair muito caro — advertiu Bock.

— Já verifiquei as ferramentas controladas por computador. Tem razão, são mesmo caras. — Mas *não tão* caras assim. Ocorreu a Ghosn que ele tinha acesso a depósitos em moedas fortes que deixariam aquele infiel espantado. — Vamos ver o que seu amigo precisa. O que quer que seja, daremos um jeito para providenciar.



# 13

## PROCESSO

*Por que aceitei esse cargo?*

Roger Durling era um homem orgulhoso. O transtornado ganhador do que deveria ser uma cadeira segura no Senado, depois o mais jovem governador na história da Califórnia, ele sabia que o orgulho era uma fraqueza, mas também sabia que havia muita coisa para justificá-lo.

*Poderia ter esperado uns poucos anos, talvez retornado ao Senado, abrindo meu próprio caminho para a Casa Branca, em vez de fazer um acordo e entregar a eleição a Fowler... em troca disto.*

"Isto" era o Força Aérea Dois, o sinal de rádio para qualquer avião em que o vice-presidente voasse. O contraste implícito com o "Força Aérea Um" fazia com que se tornasse mais uma piada referente ao que era supostamente o segundo posto político mais importante nos Estados Unidos, embora a observação de John Nance Garner fosse mais apropriada: "Uma escarradeira". O cargo de vice-presidente, na opinião de Durling, fora um dos poucos erros cometidos pelos fundadores da nação. E já fora pior. Originalmente, o vice-presidente deveria ser o candidato derrotado, que depois de perder as eleições assumia, como um patriota, seu cargo num governo que não comandava e presidia o Senado, esquecendo as divergências políticas para servir ao país. Os estudiosos nunca haviam de fato examinado como James Madison pudera ser tão tolo assim, mas o erro fora logo corrigido, através da 12ª Emenda, em 1803. Mesmo numa época em que os cavalheiros, preparando-se para um duelo, tratavam um ao outro de "senhor", aquilo levava o altruísmo longe demais. Por isso, a lei fora mudada, e o vice-presidente era agora um apêndice, em vez de um inimigo derrotado. O fato de tantos vice-presidentes terem assumido o cargo máximo era menos uma questão de desígnio e mais de mero acaso. E o fato

de tantos terem se saído muito bem — Andrew Johnson, Theodore Roosevelt, Harry Truman — era milagroso.

De qualquer forma, era um caso que nunca o beneficiaria. Bob Fowler era fisicamente saudável e politicamente mais seguro do que qualquer outro presidente desde... Eisenhower? Talvez mesmo desde Franklin Delano Roosevelt. O papel de importância, quase de igualdade, atribuído ao vice-presidente, um processo iniciado por Carter com Walter Mondale — algo de um modo geral ignorado, mas muito construtivo — era agora uma coisa do passado. Fowler não precisava mais de Durling. O presidente deixara isso bem claro.

E por isso Durling fora relegado a funções subsidiárias... nem mesmo secundárias. Fowler voava num 747 adaptado, reservado para o seu uso exclusivo. Roger Durling voava em qualquer avião que pudesse estar disponível, neste caso um dos Gulfstreams VC-20B, que eram usados por qualquer um que tivesse as credenciais certas. Senadores e deputados em viagens oficiais as obtinham, se integrassem os comitês certos, ou se o presidente precisasse afagar seus egos.

*Está sendo mesquinho,* Durling disse a si mesmo. *E sendo mesquinho, justifica todas as sacanagens que tem de aturar.*

Seu erro de julgamento fora pelo menos tão grande quanto o de Madison, refletiu o vice-presidente, enquanto o avião taxiava para decolar. Ao concluir que uma personalidade política poria o país acima de sua própria ambição, Madison fora apenas otimista. Durling, por outro lado, ignorara uma realidade política evidente, a de que a diferença real em importância entre o presidente e o vice-presidente era muito maior do que a diferença entre Fowler e qualquer um de uma dúzia de presidentes de comitês do Senado ou Câmara. O presidente precisava negociar com o Congresso para obter a aprovação de qualquer projeto. Não precisava negociar com seu vice-presidente.

Como se permitira ficar nessa situação? Isso valeu um grunhido irônico, embora a indagação já tivesse ocorrido mil vezes a Durling. Patriotismo, é claro, ou pelo menos a sua versão política. Entregara a Califórnia, e sem a Califórnia ele e Fowler ainda seriam governadores. A única concessão substantiva que conseguira — a

indicação de Charlie Alden para o cargo de assessor de segurança nacional — terminara em frustração, embora ele tivesse sido o fator decisivo na transferência da presidência de um partido para outro. E sua recompensa por isso era a de cuidar dos detalhes mais insignificantes do poder executivo, fazer discursos que raramente alcançavam o noticiário, embora os de diversos altos funcionários do gabinete merecessem destaque, discursos para manter a fidelidade do partido, discursos para lançar novas idéias — geralmente ruins, quase nunca suas — e esperar que um raio o procurasse, em vez do presidente. Hoje, ele faria uma palestra sobre a necessidade de aumentar os impostos, a fim de pagar a paz no Oriente Médio. Que maravilhosa oportunidade política!, pensou ele. Roger Durling defenderia a necessidade de mais impostos em St. Louis, diante de uma convenção de gerentes de compras, e tinha certeza de que os aplausos seriam estrondosos.

Mas aceitara o cargo, dera sua palavra de que cumpriria os deveres do ofício, e se fizesse menos, o que seria?

O aparelho passou pelos hangares e por diversos outros aviões, inclusive o PCAEN, o 747 preparado para se tornar o Posto de Comando Aéreo de Emergência Nacional, mais dramaticamente conhecido como "O Avião do Juízo Final". Sempre a duas horas de vôo de qualquer lugar em que o presidente pudesse estar (um tremendo problema quando o presidente visitava a Rússia ou a China), era o único lugar seguro que o primeiro mandatário da nação podia ocupar no caso de uma crise nuclear... mas essa perspectiva deixara de existir, não é mesmo? Durling avistou pessoas entrando e saindo do avião. Os recursos para aquilo ainda não haviam sido reduzidos — afinal, o aparelho integrava a frota pessoal do presidente — e o avião continuava sendo mantido sempre pronto para uma decolagem de emergência. Ele se perguntou quando isso poderia mudar. Tudo o mais estava mudando.

— Estamos prontos para a partida — anunciou o sargento que o atendia. — Já afivelou o cinto, senhor?

— Pode apostar que sim! — exclamou Durling, sorrindo. — Vamos logo iniciar o espetáculo!

No Força Aérea Um, ele sabia, as pessoas muitas vezes demonstravam sua confiança no avião e na tripulação ao não afivelarem o cinto de segurança. O que era mais uma prova de que seu avião não passava do segundo melhor, embora não pudesse reclamar pelo fato do sargento ser um profissional. Além do mais, Roger Durling era importante para aquele homem. O vice-presidente refletiu que isso tornava aquele sargento da força aérea dos Estados Unidos um homem muito mais honrado do que a maioria das pessoas na política, mas isso não chegava a constituir uma grande surpresa, não é mesmo?

— Então vamos partir.

— *De novo?* — indagou Ryan.

— Sim, senhor — respondeu a voz no outro lado da linha.

— Está certo. Dê-me alguns minutos.

— Pois não, senhor.

Ryan terminou de tomar seu café e foi até a sala de Cabot. Ficou surpreso ao encontrar Goodley ali outra vez. O rapaz mantinha-se à distância da fumaça do charuto do diretor, e até mesmo Jack achou que Marcus exagerava na encenação de Patton, ou quem quer que fosse que tentava parecer.

— O que é, Jack?

— Camelot — respondeu Jack, com uma irritação visível. — O pessoal da Casa Branca tirou o corpo fora mais uma vez. E querem que eu vá participar.

— E você está tão ocupado assim?

— Conversamos a respeito há quatro meses, senhor. É importante que as pessoas na Casa Branca...

— O presidente e seus assessores estão ocupados com outras coisas — explicou o diretor, cansado.

— Senhor, essas coisas são marcadas com semanas de antecedência, e é a quarta vez consecutiva que...

— Sei disso, Jack.

Ryan manteve-se firme.

— Diretor, alguém tem de explicar a eles como isso é importante.

— Já tentei, que droga! — explodiu Cabot. Ryan sabia que ele tentara mesmo.

— Já tentou por intermédio do secretário Talbot, ou talvez de Dennis Bunker?

*Pelo menos o presidente os escuta*, pensou Jack, mas não acrescentou. Nem precisava. Cabot entendeu o recado.

— Escute, Jack, não podemos dar ordens ao presidente. Só podemos oferecer conselhos. Nem sempre ele os aceita. De qualquer forma, você é muito bom nisso. Dennis gosta de jogar com você.

— Certo, senhor, mas não é minha função... será que eles costumam ler as notas de aviso?

— Charlie Alden lia. Imagino que Liz Elliot também leia.

— Aposto que sim — comentou Ryan, friamente, ignorando a presença de Goodley. — Senhor, eles estão sendo irresponsáveis.

— Isso é um pouco forte, Jack.

— E um pouco verdade, diretor — insistiu Jack, tão calmamente quanto podia.

— Posso saber o que é "Camelot"? — indagou Ben Goodley.

— É um jogo — respondeu Cabot. — Em geral, de administração de crise.

— Ah, sim... como Saga e Global?

— Isso mesmo — confirmou Ryan. — O presidente nunca participa. O motivo é que não podemos arriscar o conhecimento de como ele agiria numa situação determinada... e não precisa me dizer que é extremamente bizantino, mas sempre foi assim. O assessor de segurança nacional ou algum outro alto funcionário toma o seu lugar, e o presidente deve ser informado de tudo o que acontece. Só que o presidente Fowler acha que não precisa se incomodar com isso, è agora o seu pessoal começa a agir da mesma maneira estúpida.

Jack estava tão irritado que usou as palavras "presidente Fowler" e "estúpido" na mesma frase.

— Mas isso é realmente necessário? — indagou Goodley. — Parece-me um anacronismo.

— Você tem seguro de carro, Ben? — perguntou Jack.

— Claro que tenho.

— Alguma vez sofreu um acidente de carro?

— Não que fosse culpa minha.

— Então por que se incomodar com o seguro? — O próprio Jack respondeu: — Porque é um seguro, certo? Não espera que vá precisar, não quer precisar nunca, mas porque pode precisar, gasta o dinheiro... ou tempo, neste caso... para tê-lo.

Goodley fez um gesto desdenhoso.

— Ora, é uma situação completamente diferente.

— Tem toda a razão. Num carro, é apenas o seu rabo que está em jogo. — Ryan interrompeu o sermão. — Muito bem, diretor, passarei o resto do dia fora.

— Suas objeções e recomendações estão anotadas, Jack. Tratarei do assunto na primeira oportunidade... antes de você se retirar, sobre Niitaka...

Ryan parou abruptamente, lançou um olhar frio para Cabot.

— O senhor Goodley não tem autorização de acesso a essa palavra, senhor, muito menos ao arquivo.

— Não estamos discutindo a substância do caso. Quando as pessoas lá embaixo... — Ryan ficou grato por ele não dizer Mercury — ... estarão prontas para... ahn... as operações modificadas? Quero melhorar a transferência de dados.

— Seis semanas. Até lá, temos de usar os outros métodos que discutimos. O diretor da CIA acenou com a cabeça.

— Muito bem. A Casa Branca está muito interessada nisso, Jack. Bom trabalho para todos os envolvidos.

— Fico satisfeito em saber disso, senhor. Até amanhã. Jack se retirou.

— Niitaka? — repetiu Goodley, depois que a porta foi fechada.

— Parece japonês.

— Lamento, Goodley, mas trate de esquecer essa palavra.

Cabot só a pronunciara para lembrar a Ryan de seu lugar, e a parte honrada do homem já se arrependia de tê-lo feito.

— Claro, senhor. Posso fazer uma pergunta sem qualquer relação?

— Pode.

— Ryan é mesmo tão bom quanto as pessoas dizem?

Cabot apagou o resto do charuto no cinzeiro, para alívio do visitante.

— Ele tem uma ficha extraordinária.

— E verdade? Já ouvi falar a respeito. Essa é a razão da minha presença aqui, analisar os tipos de personalidade que realmente fazem uma diferença. Ou seja, como alguém cresce no serviço? Ryan subiu muito depressa aqui. Gostaria de saber como ele conseguiu isso.

— Conseguiu com mais acertos do que erros, enfrentando situações difíceis, e com algumas missões no campo que até eu mal posso acreditar — respondeu Cabot, depois de pensar por um momento. — E nunca, mas nunca mesmo, poderá revelar isso a quem quer que seja, doutor Goodley.

— Compreendo, senhor. Eu poderia dar uma olhada em sua ficha pessoal? O diretor franziu as sobrancelhas.

— Tudo o que existe ali é confidencial. Qualquer coisa que tentar escrever a respeito...

— Desculpe, senhor, mas já sei disso. Tudo o que escrevo está sujeito a uma revisão de segurança. Assinei um documento de aceitação. Mas é importante que eu entenda como uma pessoa se ajusta aqui, e Ryan parece um caso ideal para a análise do processo. Foi por isso que a Casa Branca me mandou para cá. Devo lhes relatar minhas conclusões.

Cabot ficou em silêncio por um momento.

— Sendo assim, acho que não há problema.

\* \* \*

O carro de Ryan chegou à Entrada do Rio do Pentágono. Ele foi recebido por um general da força aérea e conduzido para o interior do conjunto, contornando o detector de metal. Dois minutos depois se encontrava numa das muitas salas subterrâneas sob e ao redor daqueles horríveis prédios governamentais.

— Olá, Jack — disse Dennis Bunker, do outro lado da sala.

— Senhor secretário. — Jack acenou com a cabeça, enquanto ocupava a cadeira da assessora de segurança nacional. — Qual é o problema?

— Além do fato de que Liz Elliot decidiu não nos honrar com a sua presença? — O secretário de Defesa soltou uma risada, mas logo voltou a ficar sério. — Houve um ataque a um de nossos cruzadores no Mediterrâneo oriental. As informações ainda são insuficientes, mas já sabemos que o navio foi gravemente avariado, e, pode estar afundando. Presumimos pesadas baixas.

— O que sabemos? — indagou Jack, entrando no jogo. Ele pôs um crachá de código de cor, indicando o papel de que se empenhava. Um cartão pendurado do teto, por cima de sua cabeça, tinha o mesmo propósito.

— Não muita coisa.

Bunker virou o rosto quando um tenente da marinha entrou na sala.

— Senhor, o *Kidd* informa que o *Valley Forge* explodiu e afundou há cinco minutos, em decorrência dos danos iniciais. Não há mais do que vinte sobreviventes, e as operações de resgate estão em andamento.

— Qual é a causa da perda? — perguntou Ryan.

— Desconhecida, senhor. O *Kidd* se encontrava a cinquenta quilômetros do *Valley Forge* na ocasião do incidente. Seu helicóptero se encontra no local neste momento. O comandante da Sexta Esquadra colocou todos os seus navios em alerta máximo. O *Theodore Roosevelt* está lançando aviões para sobrevoarem a área.

— Conheço o comandante aéreo no *TR*, Robby Jackson — disse Ryan, sem se dirigir a ninguém em particular.

Não que isso tivesse alguma importância. O *Theodore Roosevelt* se encontrava na verdade em Norfolk, e Robby ainda se preparava para o seu próximo cruzeiro. Os nomes no jogo de guerra eram genéricos, e o conhecimento pessoal dos jogadores não importava, já que não eram supostamente pessoas reais. Mas se tudo fosse real, Robby era o comandante do grupo aéreo no *Theodore Roosevelt*, e seu avião seria o primeiro a decolar. Valia lembrar esse



fato, pois aquilo podia ser um jogo, mas seu propósito era dos mais sérios.

— Quais são as informações anteriores? — perguntou Jack. Ele não se lembrava de todos os dados sobre o roteiro que estava em jogo.

Um comandante da marinha, que servia como o narrador do jogo, relatou:

— A CIA informa um possível motim na União Soviética, por parte de unidades do Exército Vermelho no Cazaquistão, e distúrbios em duas bases navais ali.

— Unidades soviéticas nas proximidades do *Valley Forge*? — indagou Bunker.

— Possivelmente um submarino — respondeu o oficial da marinha.

— Mensagem urgente — anunciou o alto-falante na parede. O *Kidd* informa que acaba de destruir um míssil terra-terra com seu sistema de defesa. Danos superficiais ao navio, sem baixas.

Jack foi até o canto para se servir de uma xícara de café. Sorriu ao fazê-lo. Aqueles jogos eram divertidos, não podia deixar de reconhecer. Gostava deles. E eram também realistas. Ele fora afastado da rotina de um dia normal, metido numa sala abafada, recebendo informações confusas e fragmentadas, e não tinha a menor idéia do que deveria estar acontecendo. Isso era realidade. A piada antiga: Como os administradores de crise se parecem com cogumelos? São mantidos no escuro e alimentados com bosta.

— Senhor, temos uma mensagem chegando na Linha Quente... *Muito bem, pensou Ryan, é esse tipo de jogo hoje. O Pentágono deve ter atualizado o roteiro. Vamos ver se ainda e' possível explodir o mundo...*

— Mais concreto? — perguntou Qati.

— Muito mais concreto — respondeu Fromm. — Cada máquina pesa várias toneladas, e devem ser mantidas absolutamente estáveis. A sala deve ser absolutamente estável, e ficar absolutamente lacrada. Deve ser limpa como um hospital... não, muito mais do que qualquer hospital que já conheceu.

Ele baixou os olhos para sua lista, pensando: *Não mais limpa do que um hospital alemão, é claro.*

— Temos em seguida a questão da eletricidade. Vamos precisar de três geradores de apoio grandes, e pelo menos dois SEIs...

— Dois o quê? — indagou Qati.

— Dois sistemas de energia ininterrupta — explicou Ghosn. — Manteremos um dos geradores de apoio sempre ligado, não é mesmo?

— Correto — confirmou Fromm. — Como se trata de uma operação primitiva, tentaremos não usar mais que uma máquina de cada vez. O grande problema da eletricidade é garantir um circuito firme. Por isso, passamos a corrente da linha pelos SEIs, como precaução contra as variações. Os sistemas de computador das máquinas são extremamente sensíveis. Próximo item: operadores habilitados.

— Isso será muito difícil — comentou Ghosn.

O alemão sorriu, espantando a todos os presentes.

— Nem tanto. Será mais fácil do que imaginam.

— Acha mesmo? — perguntou Qati. *Uma boa notícia daquele infiel?*

— Devemos precisar de cinco homens altamente treinados, mas tenho certeza de que existem alguns na região.

— Onde? Não há nenhuma oficina na região que...

— Claro que há. As pessoas por aqui não usam óculos?

— Mas...

— E isso mesmo! — exclamou Ghosn, revirando os olhos, impressionado.

— O grau de precisão não é diferente do que se precisa para fazer lentes para óculos — explicou Fromm a Qati. — As máquinas são de um padrão muito parecido, apenas maiores, e o que queremos fazer é simplesmente produzir curvas precisas e previsíveis num material rígido. As bombas nucleares são produzidas com especificações rigorosas. Assim como os óculos. Nosso objeto desejado é maior, mas os princípios são os mesmos, e com as máquinas adequadas é apenas uma questão de escala, não de

substância. Sendo assim, pode me providenciar fabricantes competentes de lentes?

— Não vejo por que não — respondeu Qati, disfarçando sua irritação.

— Devem ser muito habilidosos — insistiu Fromm, como um mestre-escola. — Os melhores que puder encontrar, pessoas com uma longa experiência, talvez com treinamento na Alemanha ou na Inglaterra.

— Haverá um problema de segurança — ressaltou Ghosn.

— E por quê? — indagou Fromm, com uma surpresa simulada, que pareceu aos outros o cúmulo da arrogância.

— Daremos um jeito — garantiu Qati.

— Item seguinte: precisamos de mesas resistentes para instalar as máquinas.

*A metade da viagem*, pensou o capitão-de-corveta Walter Claggett. Dentro de mais quarenta e cinco dias, o *Mame* afloraria à superfície além do estreito Juan de Fuça, faria contato com o rebocador, e seguiria para Bangor, onde se realizaria o processo de transferência para a tripulação "Azul", que faria o próximo ciclo de patrulha preventiva. *E não podia ser mais demorada.*

Walter Claggett — os amigos o chamavam de Holandês, um apelido que começara na academia naval, por um motivo que ele não mais recordava; Claggett era negro — tinha 36 anos, e fora avisado, antes de partir, que estava sendo analisado para uma promoção a comandante, que não tardaria a ter a oportunidade de comandar um submarino. O que seria maravilhoso para ele. Suas duas tentativas de casamento haviam terminado em fracasso, o que não era incomum para submarinistas — ainda bem que não tivera filhos em qualquer das uniões —, e a marinha era a sua vida. Sentia-se feliz em passar todo o seu tempo no mar, aproveitando as folgas na praia. Estar no mar, cortar as águas escuras no controle de uma imponente nave de guerra, isso era a melhor de todas as coisas para Claggett. A companhia de bons homens, o respeito conquistado numa profissão tão exigente, a capacidade adquirida de saber em cada momento qual era a coisa certa a fazer, as conversas relaxadas

no salão dos oficiais, a responsabilidade de aconselhar seus homens — Claggett apreciava todos os aspectos de sua carreira.

Era apenas seu comandante que ele não podia suportar.

*Como o comandante Harry Ricks conseguira chegar tão longe?* Claggett se perguntou, pela vigésima vez naquela semana. O homem era brilhante. Podia desenhar um sistema de reator de submarino no verso de um envelope, ou talvez mesmo projetá-lo em sua cabeça, num raro devaneio. Sabia coisas sobre projetos de submarinos que nunca sequer haviam sido imaginadas pelos construtores navais. Podia discutir os aspectos positivos e negativos de um periscópio com o diretor da seção de ótica da marinha, e conhecia mais sobre os instrumentos de navegação por satélite do que a Nasa, a TRW ou quem quer que dirigisse esse programa. Com toda a certeza, sabia mais sobre os sistemas de orientação dos mísseis balísticos Trident-II D-5, lançados do mar, do que qualquer outra pessoa fora da divisão de sistemas de mísseis da Lockheed. Durante o jantar, duas semanas antes, ele recitara uma página inteira do manual de manutenção. De um ponto de vista técnico, Ricks podia ser o oficial mais bem preparado em toda a marinha dos Estados Unidos.

Harry Ricks era o produto típico da marinha nuclear. Como um engenheiro, era incomparável. Os aspectos técnicos de sua função eram quase instintivos para ele. Claggett era bom, e sabia disso; sabia também que nunca seria tão bom quanto Harry Ricks.

*O problema é que ele não conhece porra nenhuma de navegação de submarinos e submarinistas,* refletiu Claggett, desolado. Era incrível, mas era verdade: Ricks tinha pouca sensibilidade para a arte da navegação, e absolutamente nenhuma para os tripulantes.

— Senhor — disse Claggett, falando bem devagar —, ele é um ótimo chefe. Pode ser jovem, mas é competente.

— Ele não é capaz de controlar seu pessoal — respondeu Ricks.

— Não entendo o que está querendo dizer com isso, comandante.

— Seus métodos de treinamento não são como deveriam ser.

— Ele é um pouco anticonvencional, mas reduziu em seis segundos o tempo médio de recarga. Os peixes estão em perfeitas condições funcionais, mesmo os que vieram de terra com problemas. O compartimento está arrumado. O que mais podemos pedir ao homem?

— Eu não peço. Determino. Ordeno. Espero que as coisas sejam feitas à minha maneira. A maneira certa. E assim serão feitas.

A voz de Ricks era perigosamente suave. Não havia o menor sentido em irritar o comandante em questões como aquela, ainda mais quando ele as considerava dessa maneira, mas a função de Claggett como imediato era a de se interpor entre a tripulação e o comandante, especialmente quando este estava errado.

— Senhor, devo respeitosamente discordar. Acho que devemos olhar para os resultados, e os resultados neste caso são quase perfeitos. Um bom chefe é aquele que aumenta a eficiência. Se o reprimir, haverá um efeito negativo nele e em seu departamento.

— Imediato, espero o apoio de todos os meus oficiais, o seu em particular. Claggett empertigou-se na cadeira, como se tivesse recebido um golpe físico. Fez um grande esforço para manter a voz sob controle:

— Comandante, tem o meu apoio e lealdade. Não é minha função ser um robô. Devo oferecer alternativas. Pelo menos foi o que me ensinaram no curso de imediatos.

Claggett arrependeu-se da última frase antes mesmo de pronunciá-la, mas saiu assim mesmo. A cabine do comandante era bem pequena, e no mesmo instante tornou-se ainda menor.

*Foi uma tolice dizer isso, capitão-de-corveta Walter Martin Claggett,* pensou Ricks, mantendo o rosto impassível.

— Faremos agora outro exercício com o reator.

— Mais um? Tão cedo?

*Pelo amor de Deus, o último foi absolutamente PERFEITO. Quase perfeito,* corrigiu-se Claggett. *Os garotos poderiam ter poupado dez ou quinze segundos em algum ponto.* O imediato só não sabia em que ponto isso seria possível.

— A eficiência deve ser a meta de todos, imediato.

— Tem razão, senhor, mas eles já são eficientes. O Orse que fizemos pouco antes da partida do comandante Rosselli por pouco não bateu o recorde da flotilha, e o último exercício foi ainda melhor!

— Não importa quão bons sejam os resultados de um exercício, sempre exigimos o melhor. No próximo Orse, imediato, quero o recorde da flotilha.

*Ele quer o recorde da marinha, o recorde mundial, talvez até um certificado de Deus,* pensou Claggett. *Atos do que isso, quer o recorde em sua ficha!* O telefone tocou. Ricks atendeu.

— Comandante falando... certo, já estou a caminho. — Ele desligou. — Contato de sonar.

Claggett passou pela porta em dois segundos, o comandante logo atrás.

— O que é? — Claggett perguntou primeiro. Como imediato, ele era também o oficial de acesso para as manobras táticas.

— Levei dois minutos para reconhecer — respondeu o operador de sonar principal. — Um contato irregular. Creio que é um 688, no curso aproximado um-nove-cinco. Curso direto de contato, senhor.

— Volte atrás — ordenou Ricks. O operador de sonar passou para outra tela — a sua tinha marcas de

lápiz de cera, e ele não queria removê-las por enquanto — e voltou a imagem em alguns minutos.

— Está vendo aqui, comandante? Bastante irregular... mais ou menos neste ponto começou a se firmar. Foi quando eu chamei.

O comandante apontou para a tela.

— Deveria ter chamado aqui, suboficial. Foram dois minutos desperdiçados. Preste mais atenção na próxima vez.

— Sim, senhor. O que mais podia dizer um operador de sonar de segunda classe, com

vinte e três anos? Ricks deixou a sala do sonar. Claggett seguiu-o, dando uma palmadinha no ombro do operador de sonar na passagem. *Mas que droga, comandante!*

— Curso dois-sete-zero, velocidade cinco, profundidade cento e cinqüenta — anunciou o oficial de convés. — Estamos sob a camada. Mantendo contato Sierra-Onze, em curso um-nove-cinco, a boreste.

Guarnição de controle de fogo a postos. Temos peixes nos tubos um, três e quatro. Tubo dois está vazio para manutenção. Portas fechadas, tubos secos.

— Fale-me de Sierra-Onze — ordenou Ricks.

— Curso de contato direto. Ele está abaixo da camada, distância indeterminada.

— Condições ambientais?

— Calmaria no teto, uma camada moderada a cerca de trinta metros. Temos boa água isotérmica ao nosso redor. Condições de sonar são excelentes.

— Primeiro registro de Sierra-Onze a mais de dez mil metros. — O aviso era do guarda-marinha Shaw, no grupo de rastreamento.

— Piloto, sonar, avaliamos que contato Sierra-Onze é um classe 688, americano. Posso estimar velocidade em cerca de quatorze-quinze nós, senhor.

— Grande! — exclamou Claggett para Ricks. — Pegamos um Los Angeles em mais de dez nós! Isso vai deixar alguém furioso...

— Sonar, piloto, quero dados concretos, não palpites — disse Ricks.

— Comandante, ele se saiu muito bem ao reconhecer o contato nesse cenário — protestou Claggett. O verão no golfo do Alasca significava barcos de pesca e baleias, em grandes quantidades, emitindo ruídos e povoando o sonar. — É um excelente operador de sonar.

— Nós o pagamos para ser bom, imediato. Não concedemos medalhas por realizar o trabalho devido. Quero uma reconstituição posterior, para verificar se não houve um sinal anterior que ele perdeu.

*Qualquer um pode encontrar qualquer coisa numa reconstituição,* pensou Claggett.

— Piloto, sonar, estou captando uma contagem de pá de hélice bastante tênue... parece indicar quatorze nós, mais um, menos um, senhor.

— Muito bem. Assim está melhor, sonar.

— Ahn... Comandante... pode estar um pouco mais próximo que dez mil... não muito, mas um pouco. Curso está se firmando...

melhor estimativa agora, nove mil e quinhentos metros, curso aproximado três-zero-cinco — informou Shaw em seguida, esperando que o céu desabasse sobre sua cabeça.

— Quer dizer que ele não está a mais de dez mil metros agora?

— Não, senhor. Parece nove e quinhentos.

— Avise-me quando mudar de idéia de novo — disse Ricks. — Reduzir a velocidade a quatro nós.

— Reduzir a velocidade a quatro nós, senhor — repetiu o oficial de convés.

— Vamos deixá-lo passar à nossa frente? — indagou Claggett.

— Isso mesmo — respondeu o comandante, com um aceno de cabeça.

— Temos uma posição de disparo — informou o oficial de armamentos. O imediato conferiu seu relógio. Não ficaria melhor do que isso.

— Ótimo — respondeu Ricks. — Fico contente em saber.

— Velocidade é agora de quatro nós.

— Muito bem, nós o pegamos. Sierra-Onze está no ângulo dois zero-um, distância nove mil e cem metros, curso três-zero-zero, profundidade quinhentos.

— Na mosca — comentou Claggett.

*E verdade que ele está facilitando as coisas no seguir tão depressa.*

— É verdade. Isso vai ficar ótimo no relatório da patrulha.

\* \* \*

— A situação é crítica — comentou Ryan. — Não me agrada o rumo dos acontecimentos.

— Nem a mim — concordou Bunker. — Recomendo o lançamento de armas do grupo de batalha *TR*.

— Estou de acordo, e assim aconselharei ao presidente.

Ryan fez a ligação. Pelas regras do jogo, o presidente estaria a bordo do Força Aérea Um, em algum lugar sobre o Pacífico, retornando de um país não especificado, na Orla do Pacífico. O papel de tomada de decisões do presidente estava sendo desempenhado



por um comitê, em outra parte do pentágono. Jack fez sua recomendação, aguardou a resposta.

— Só para se defender, Dennis.

— Essa não! — protestou Bunker. — Ele me escuta! Jack sorriu.

— Sei disso, mas não desta vez. Nenhuma ação ofensiva, só se pode agir para defender os navios no grupo.

O secretário de Defesa virou-se para o oficial de combate e disse:

— Transmita o seguinte ao *Theodore Roosevelt*: espero patrulhas aéreas de combate em ação. Devem me comunicar qualquer coisa a mais de trezentos quilômetros. A menos de trezentos, o comandante do grupo de batalha está livre para agir de acordo com seu critério. Para os submarinos, o raio da bolha é de oitenta... oito-zero... quilômetros. Dentro disso, podem disparar.

— Isso é criativo — comentou Ryan.

— Temos o ataque ao *Valley Forge*.

A melhor estimativa, no momento, era a de que fora um ataque de míssil de surpresa de um submarino soviético. Parecia que algumas unidades da esquadra russa estavam agindo de forma independente, ou pelo menos não se encontravam sob as ordens vindas de Moscou. E não demorou muito para que a situação se agravasse ainda mais.

— Mensagem na Linha Quente. Acaba de ocorrer um ataque de força terrestre contra um Regimento de Foguetes Estratégicos... base SS-18, na Ásia Central.

— Lançar todos os bombardeiros disponíveis no ar imediatamente! Jack, avise ao presidente que acabei de dar essa ordem!

— Rompimento da ligação com o comando — anunciou o alto-falante. — Contato de rádio com Força Aérea Um foi interrompido.

— Mais detalhes! — pediu Jack.

— E tudo o que temos, senhor.

— Onde está o vice-presidente neste momento? — indagou Ryan.

— A bordo do Alternativa PCAEN, mil quilômetros ao sul de Bermuda. PCAEN Um está seiscentos quilômetros à frente do Força

Aérea Um, preparando-se para pousar no Alasca, onde será efetuada a transferência.

— Bastante perto da Rússia para que seja possível uma interceptação... mas não provável... — Bunker pensou, em voz alta. — A menos que tenham passado por um navio de guerra soviético equipado com SAMs... O vice-presidente está temporariamente no comando.

— Senhor, eu...

— A decisão é minha, Jack. O presidente saiu do circuito, ou seus meios de comunicação estão cortados. O secretário de Defesa decide que o vice-presidente está no comando, até que as comunicações sejam restabelecidas e confirmadas pelo código de autenticação. As forças entraram agora em prontidão de combate, sob minha autoridade.

Uma coisa não se podia deixar de reconhecer em Dennis Bunker, pensou Ryan: o homem nunca parará de ser um piloto de caça. Toma decisões e as mantém com firmeza. E, também, geralmente estava certo, como acontecia agora.

A ficha de Ryan era volumosa. A pasta tinha quase quinze centímetros de espessura, constatou Goodley, na privacidade de seu cubículo no sétimo andar. Pouco mais de um centímetro era de antecedentes e formulários de segurança. O registro acadêmico era de fato impressionante, em particular sua tese de doutorado em história na Universidade de Georgetown. É verdade que Georgetown não era Harvard, mas ainda assim era uma instituição das mais respeitáveis, pensou Goodley. Seu primeiro trabalho na Agência fora como integrante do programa universitário do almirante James Greer, e seu primeiro relatório, "Agentes e Agências", versava sobre o terrorismo. Uma estranha coincidência, refletiu Goodley, tendo em vista o que acontecera mais tarde.

Os documentos sobre a confrontação de Ryan em Londres ocupavam trinta páginas, em espaço dois, ocupadas principalmente por sumários de relatórios policiais e umas poucas fotos da imprensa. Goodley começou a tomar anotações. *Cowboy*, ele escreveu primeiro. Metendo-se em coisas assim. O acadêmico

balançou a cabeça. Vinte minutos depois, ele leu o sumário do segundo relatório de Ryan na CIA, o que previa com toda a confiança que os terroristas provavelmente nunca operariam nos Estados Unidos... apresentado dias antes do atentado contra sua família.

*Palpite errado neste caso, hem, Ryan?* Goodley riu para si mesmo. Apesar de tão brilhante, como diziam que era, ele cometia erros, como todas as pessoas...

Ryan também cometera uns poucos erros quando operava na Inglaterra. Não previra que Chernenko sucederia Andropov, embora previsse que Narmonov era o homem em ascensão, muito antes de quase todo mundo, à exceção de Kantrowitz, em Princeton, que fora o primeiro a perceber as qualidades de astro em Andrei 11'yeh. Goodley lembrou que ainda não se formara nessa ocasião, andava trepando com aquela garota de Wellesley, Debra Frost... o que teria acontecido com ela...?

— Filho de uma puta... — sussurrou Ben, alguns minutos depois. — Filho de uma puta...

*Outubro Vermelho*, um submarino soviético de mísseis balísticos... desertando. Ryan fora um dos primeiros a desconfiar... Ryan, um analista na estação de Londres... dirigira a operação no mar! *Matara* um marinheiro russo. Aquela parte do *cowboy* outra vez. Não podia simplesmente prender o homem, tinha de matá-lo, como uma cena do cinema...

*Essa não! Um submarino russo desertam... e mantiveram o caso em segredo... ah, o barco foi posteriormente afundado em águas profundas.*

De volta a Londres depois disso, por mais alguns meses, antes de retornar para ser o assistente especial de Greer e seu aparente herdeiro. Algum trabalho interessante com o pessoal de controle de armamentos...

*Isso não pode estar certo. O presidente do KGB morreu num desastre de avião...*

Goodley agora tomava anotações furiosas. Liz Elliot não podia saber nada daquilo, não é mesmo?

*Você não está procurando coisas boas a respeito de Ryan, o bolsista da Casa Branca lembrou a si mesmo. Elliot não dissera isso expressamente, é claro, mas insinuara de uma maneira que ele pudesse compreender... ou pensar que compreendia, corrigiu-se Goodley. Ele percebeu subitamente como aquele jogo podia ser perigoso.*

Ryan mata pessoas. Atirou e matou pelo menos três. Não se percebia isso pela conversa com o homem. A vida não era um *western*. As pessoas não andavam com revólveres com marcas na coronha. Goodley não ficou todo arrepiado, mas advertiu a si mesmo que Ryan era um homem com quem se precisava ter cautela. Nunca antes ele conhecera alguém que já matara outros homens, e não era bastante tolo para considerar tais pessoas como heróicas ou superiores a outros homens, mas era algo que não se podia esquecer, não é mesmo?

Havia trechos em branco por ocasião da morte de James Greer, ele notou... não fora nessa época que aconteceram todas aquelas coisas na Colômbia? Ele fez mais algumas anotações. Ryan se tornara o diretor interino, mas logo depois Fowler assumira, o juiz Arthur Moore e Robert Ritter se afastaram para abrir caminho à nova administração presidencial, e Ryan fora confirmado pelo Senado como vice-diretor da CIA. Ali estava a ficha profissional. Goodley encerrou essa parte, passou para o lado financeiro e pessoal...

— Péssimo curso de ação... — comentou Ryan. — Com vinte minutos de atraso.

— Acho que tem razão.

— Tarde demais. O que fizemos de errado?

— Não sei — respondeu Bunker. — Digo ao grupo do *TR* para romper o contato e recuar?

Ryan olhou para o mapa na parede oposta.

— Talvez, mas acuamos Andrei Il'yich num canto... temos que deixá-lo escapar.

— Como? De que maneira poderíamos fazer isso sem ficarmos também acuados?

— Acho que houve um problema com este roteiro... mas não sei direito o quê...

— Vamos sacudir essa banheira com toda a força — pensou Ricks, em voz alta.

— Como assim, comandante? — perguntou Claggett.

— Posição no tubo dois?

— Vazio — respondeu o oficial de armamentos. — Foi marcado para inspeção de manutenção.

— Está tudo certo?

— Está, sim, senhor. A inspeção foi concluída meia hora antes de efetuarmos o contato.

— Ótimo... — Ricks sorriu. — Quero um torpedo disparado do tubo dois. Vamos efetuar um lançamento transiente para dar um susto neles e acordá-los!

*Essa não!*, pensou Claggett. Era quase alguma coisa que Mancuso ou Rosselli teriam feito. Quase...

— Senhor, é a maneira mais ruidosa de conseguir isso. Podemos sacudi-lo o suficiente com um chamado de "Tango", através de Gertrude.

— Armamentos, temos um alvo em Sierra-Onze?

*Mancuso quer comandantes agressivos, pois vou lhe mostrar o que é agressividade...*

— Sim, senhor! — respondeu o oficial de armamentos no mesmo instante.

— Iniciar procedimentos de disparo. Preparar para disparar um torpedo pelo tubo dois.

— Senhor, confirmo que o tubo dois está vazio. Armas nos tubos um, três e quatro estão seguras.

Foi feito um chamado para a sala dos torpedos, a fim de confirmar o que os mostradores eletrônicos anunciavam. Na sala de torpedos, o chefe deu uma olhada pela pequena escotilha de vidro, a fim de se certificar de que não lançariam coisa alguma.

— Tubo dois está vazio pela inspeção visual. Ar de alta pressão no tubo — avisou o chefe pelo circuito de comunicações. — Estamos prontos para disparar.

— Abrir porta externa.

- Abrir porta externa, senhor. Porta externa aberta.
- Armamentos?
- Alvo fixado.
- Preparar e.... *disparar!*

O oficial de armamentos apertou o botão apropriado. O *Maine* estremeceu com a súbita vibração do ar de alta pressão deixando o tubo de torpedo e entrando no mar.

A bordo do *Omaha*, a seis mil metros de distância, um operador de sonar vinha tentando decidir nos últimos minutos se o traço em sua tela era algo mais do que uma interferência quando um ponto apareceu de repente.

— Piloto, sonar, transiente, transiente. Transiente mecânico na direção zero-oito-oito, pela popa!

— Mas o que é isso? — indagou o oficial do convés, que era o navegador do barco, em sua terceira semana de serviço no novo posto.

— O que tem aí atrás?

— Transiente, transiente... lançamento de transiente na direção zero-oito-oito! Repito, *lançamento de transiente pela popa!*

— Tudo à frente! — ordenou o tenente, subitamente pálido, a voz um pouco alta demais. — Assumir postos de combate! Prontidão na sala de combate!

Ele pegou o fone para chamar o comandante, mas o alarme geral já soava. Um momento depois, o comandante entrou correndo no centro de ataque, descalço, a túnica ainda desabotoada.

— Que porra está acontecendo?

— Senhor, temos um lançamento de transiente pela popa... Sonar, com, o que mais temos?

— Nada, senhor, nada depois do transiente. Foi um lançamento de transiente, ar comprimido na água, mas... soou um pouco esquisito, senhor. Nada aparece na água.

— Leme todo a direita! — ordenou o oficial de convés, ignorando a presença do comandante. Ainda não fora substituído e manobrar o barco era responsabilidade sua. — Profundidade de trinta metros. Sala de combate, lançar um chamariz, agora!

— Leme todo à direita, senhor. Meu leme está todo à direita, senhor, sem curso determinado — informou o timoneiro. — Velocidade vinte nós e acelerando.

— Muito bem. Entrar no curso zero-um-zero.

— Senhor, entrando no novo curso zero-um-zero!

— Quem está nesta área? — indagou o comandante, em voz relaxada, embora não se sentisse relaxado.

— O *Maine* se encontra em algum lugar por aqui — respondeu o navegador.

— Harry Ricks. — *Aquele idiota*, ele pensou, mas não disse, porque seria prejudicial à disciplina. — Sonar, me fale!

— Piloto, sonar, não há nada na água. Se houvesse um torpedo, eu já o teria registrado, senhor.

— Navegador, baixar velocidade para um terço.

— Senhor, um terço à frente.

— Acho que os deixamos apavorados — comentou Ricks, pairando sobre a tela do sonar.

Segundos depois do lançamento simulado, o 688 na tela silenciara a central de energia, e agora havia também o ruído de um chamariz.

— Energia reduzida, senhor, contagem de pá descendo.

— Ele sabe agora que não há nada em seu encalço. Vamos fazer uma chamada por Gertrude.

— *Aquele idiota!* — resmungou o comandante do *Omaha*. — Será que ele não sabe que pode haver algum Akula por aqui?

— Ele não aparece, senhor. Temos apenas uma porção de barcos pesqueiros.

— Muito bem. Deixaremos o *Maine* dar sua risadinha. — O comandante fez uma careta. — A culpa foi minha. Deveríamos estar seguindo a dez em vez de quinze nós. Providencie.

— Certo, senhor. Para onde?

— O vigia deve estar atento para o norte. Siga para sudeste.

— Certo.

— Boa reação, navegador. Poderíamos ter nos esquivado ao peixe. Lições?

— Já disse, senhor. Estávamos indo depressa demais.

— Aprenda com os erros de seu comandante, senhor Auburn.

— Sempre, senhor.

O comandante bateu de leve no ombro do homem mais moço ao sair.

A trinta e seis mil metros de distância, o *Almirante Lunin* deslocava-se a três nós, um pouco acima da camada termoclinal, o sonar pendurado por baixo.

— E então? — indagou o comandante.

— Tivemos o súbito ruído em um-três-zero — respondeu o oficial de sonar, apontando para a tela —, e depois mais nada. Quinze segundos depois, outro ruído aqui... à frente do primeiro. A indicação é de um americano da classe Los Angeles a pleno vapor, depois reduzindo e desaparecendo de nossas telas.

— Um exercício, Yevgeni... o primeiro transiente era um submarino americano de mísseis... da classe Ohio. O que você acha disso? — perguntou o comandante Valentin Borissovich Dubinin.

— Ninguém jamais detectou um Ohio em águas profundas...

— Para todas as coisas, há sempre uma primeira vez.

— E agora?

— Vamos pairar e esperar. O Ohio está mais quieto do que uma baleia adormecida, mas pelo menos sabemos agora que há um na área. Não vamos em seu encalço. Foi muita tolice dos americanos fazerem um ruído dessa maneira. Nunca vi isso acontecer antes.

— O jogo mudou, comandante — comentou o oficial de sonar. E mudara muito. Agora, ele nem precisava mais dizer "Camarada Comandante".

— E verdade, Yevgeni. Agora é um jogo de verdade. Ninguém precisa sair machucado, e podemos testar nossas habilidades, como nas Olimpíadas.

— Críticas?

— Eu teria me aproximado mais um pouco antes do disparo, senhor — disse o oficial de armamentos. — Aposto como ele poderia



se esquivar.

— Concordo, mas estávamos apenas tentando assustá-lo — declarou Ricks, calmamente.

*Então qual foi o propósito desse exercício?,* pensou Claggett. *Ah, claro, demonstrar como você é agressivo.*

— Creio que conseguimos isso — acrescentou o imediato, em apoio a seu comandante.

Havia sorrisos por toda a sala de controle. Submarinos de vigia e de ataque muitas vezes se empenhavam em jogos, quase sempre planejados previamente. Como sempre, o Ohio vencera aquele também. É verdade que sabiam que o *Omaha* se encontrava por perto, e que procurava por um Akula russo que os P-3s haviam perdido ao largo das Aleútas, poucos dias antes. Mas o submarino russo da classe "Tubarão" não podia ser ouvido em parte alguma.

— Oficial de convés, siga para o sul. Temos um ponto com aquele lançamento de transiente. Vamos seguir para o local em que estava o *Omaha*.

— Certo, senhor.

— Bom trabalho, pessoal. Ricks voltou para sua cabine.

— Novo curso?

— Sul — disse Dubinin. — Ele vai para a área já varrida pelo Los Angeles. Manteremos a posição um pouco acima da camada, deixando a "cauda" por baixo, para tentar retomar o contato.

Não havia muita possibilidade, o comandante sabia, mas a sorte favorece quem ousa. Ou algo parecido. O submarino deveria retornar ao porto dentro de mais uma semana, e supostamente o novo equipamento de sonar que deveria receber durante a revisão programada era uma grande melhoria em relação ao atual. Ele se encontrava por ali, ao sul do Alasca, há três semanas. O submarino que detectara, o *Maine* ou o *Nevada*, se seus relatórios secretos eram corretos, concluiria aquela patrulha, faria um reabastecimento, realizaria outra, novo reabastecimento, e depois mais uma patrulha em fevereiro, que coincidiria com sua nova missão, depois da revisão. Assim, na próxima vez em que se encontrasse na área, ele se confrontaria com o mesmo comandante, o que cometeria um erro

agora. Depois da revisão, o *Almirante Lunin* seria mais silencioso, teria um sonar melhor, e Dubinin já começava a especular quando poderia realizar seu jogo contra os americanos... Não seria tão agradável assim, ele refletiu. Todo o tempo que passara para chegar àquele ponto, os anos maravilhosos aprendendo seu ofício na Esquadra do Norte sob Marko Ramius. Era uma pena que um oficial tão extraordinário tivesse morrido num acidente. Mas o serviço no mar era perigoso, sempre fora, sempre seria. Marko desembarcara sua tripulação, antes de afundar... Dubinin sacudiu a cabeça. Hoje, ele poderia ter obtido ajuda dos americanos. Poderia? Claro que sim, da mesma forma como um navio americano obteria ajuda de um soviético. As mudanças em seu país e no mundo faziam com que Dubinin se sentisse muito melhor em relação a seu trabalho. Sempre fora um jogo exigente de habilidade, mas agora seu propósito mortal mudara. Era verdade que os submarinos nucleares americanos ainda apontavam seus foguetes para seu país, assim como os soviéticos apontavam os seus para os Estados Unidos, mas talvez isso também acabasse em breve. Até lá, ele continuaria a fazer seu trabalho, mas parecia irônico que justamente no momento em que a marinha soviética se encontrava no limiar de se tornar competitiva — a classe Akula era mais ou menos igual à classe Los Angeles do primeiro estágio, em termos mecânicos — a necessidade para isso estivesse diminuindo. Talvez como um amistoso jogo de cartas?, ele se perguntou. A comparação não era tão ruim assim...

— Velocidade, comandante? Dubinin pensou por um momento.

— Assuma uma distância de vinte milhas náuticas e uma velocidade de alvo de cinco nós. Faremos sete nós, é melhor. Dessa forma poderemos permanecer bem quietos, e talvez ainda alcançá-lo... a intervalos de duas horas faremos uma volta, a fim de obter a capacidade máxima do sonar... Isso mesmo, é esse o plano.

*Na próxima vez, Yevgeni, teremos dois novos oficiais de sonar para apoiá-lo,* pensou Dubinin. A escola da força soviética de submarinos liberara uma porção de jovens oficiais, que estavam agora recebendo treinamento especializado. O efetivo de oficiais de submarinos dobraria, sem contar com os novos equipamentos, que fariam uma grande diferença em sua capacidade no jogo.

— Estragamos tudo — disse Bunker. — Eu estraguei. Dei ao presidente um mau conselho.

— Não foi o único — admitiu Ryan, enquanto se espreguiçava.

— Mas esse roteiro era realista... realmente realista?

Descobri-se que a trama era a de que um líder soviético, muito pressionado, tentava obter o controle de seus militares, e usava como recurso dar a impressão de que alguns renegados entraram em ação.

— Não é provável, mas é possível.

— Todas as coisas são possíveis — comentou Jack. — O que acha que os jogos de guerra deles dizem a nosso respeito?

Bunker riu.

— Nada bom, tenho certeza.

Ao final, os Estados Unidos tiveram de aceitar a perda de seu cruzador, o *Valley Forge*, em troca do submarino da classe Charlie que o helicóptero do *Kidd* encontrara e afundara. Isso não era considerado como uma troca igual, mas sim como perder uma torre pelo cavalo do outro jogador. As forças soviéticas haviam entrado em alerta na Alemanha Oriental, e as forças mais fracas da Otan ficaram inseguras de sua capacidade de enfrentá-las. Em decorrência, os soviéticos obtiveram uma concessão no programa de retirada das tropas. Ryan achava que todo o roteiro era artificial demais, mas isso acontecia com frequência, e de qualquer forma o objetivo do jogo era verificar como se podia administrar uma crise improvável. Neste caso, haviam se saído mal, agindo com muita rapidez em áreas que não eram essenciais, e muito devagar nas que importavam, mas que não foram reconhecidas assim na ocasião.

A lição, como sempre, era a seguinte: não cometam erros. Isso era algo sabido por qualquer aluno do primeiro grau, é claro, e todos os homens cometiam erros, mas a diferença entre um aluno do primeiro grau e uma alta autoridade do governo era o fato de que os erros oficiais tinham muito mais peso. Esse fato era uma lição inteiramente diferente, que não se aprendia com frequência.

# 14

## REVELAÇÃO

— O que descobriu?

— Ele é um homem muito interessante — respondeu Goodley. Fez algumas coisas na CIA que são quase inacreditáveis.

— Já conheço a história do submarino, e a deserção do chefe do KGB — disse Liz Elliot. — O que mais?

— Ele é muito bem considerado por pessoas da comunidade internacional de informações, como Sir Basil Charleston, da Inglaterra, por exemplo... mas neste caso é fácil compreender por que gostam dele por lá... mas o mesmo acontece nos países da Otan, em particular na França. Ryan descobriu algo que permitiu á DGSE prender uma porção de gente da *Action Directe*.

Goodley sentia-se um tanto contrafeito no papel de delator designado. A assessora de segurança nacional não gostava de esperar, mas não havia sentido em pressionar o jovem acadêmico, não é mesmo? Ela exibiu um sorriso irônico ao perguntar:

— Devo presumir que você começou a admirar o homem?

— Ele tem feito um bom trabalho, mas também comete seus erros. Sua estimativa da queda da Alemanha Oriental e do progresso da reunificação foi bastante distorcida.

Ele não fora capaz de descobrir que isso acontecera também com quase todo mundo. O próprio Goodley adivinhara a questão quase com precisão, quando ainda estava na Escola Kennedy, e o ensaio que publicara numa obscura revista fora outra coisa que lhe valera a atenção da Casa Branca. O bolsista da Casa Branca fez outra pausa.

— E que mais? — insistiu Elliot.

— E há alguns aspectos obscuros em sua vida pessoal.

*Finalmente!*

— Quais são?

— Ryan foi investigado pela CVM por possíveis negociações com ações a base de informações privilegiadas, antes de ingressar na CIA. Parece que havia uma empresa de *software* prestes a fechar um contrato com a marinha. Ryan soube disso antes de qualquer outro, e ganhou muito dinheiro. A CVM descobriu... porque os executivos da companhia também foram investigados... e examinou a posição de Ryan. Ele conseguiu escapar graças a um detalhe técnico.

— Explique — ordenou Liz.

— A fim de se resguardarem, os diretores da empresa providenciaram a publicação de uma notícia a respeito num jornal financeiro, bem pequena apenas uma coluna, mas o suficiente para comprovar que a informação em que eles e Ryan se basearam para a operação era tecnicamente de domínio público. Fez com que tudo se tornasse legal. O mais interessante é o que Ryan fez com o dinheiro, depois que as atenções foram atraídas para o incidente. Retirou-o de sua conta na corretora... e dividiu-o em quatro fundos ao portador, com quatro administradores diferentes. — Goodley fez outra pausa. — Sabe quanto Ryan vale agora?

— Não. Quanto?

— Mais de quinze milhões de dólares. É de longe o cara mais rico na Agência. Seu patrimônio está um tanto subvalorizado. Eu diria que ele vale perto de vinte milhões, mas continua a manter o mesmo método de contabilidade que usava antes de ingressar na CIA, e não se pode criticá-lo nesse ponto. Como se calcula o valor líquido é um tanto metafísico, não acha? Os contadores têm meios diferentes de fazerem as coisas. Seja como for, ele dividiu o dinheiro em contas separadas. E há pouco tempo transferiu tudo para um fundo educacional.

— Para seus filhos?

— Não — respondeu Goodley. — Os beneficiários... espere, deixe-me voltar um pouco atrás. Ele usou parte do dinheiro para abrir uma loja... uma 7-Eleven... para uma viúva e seus filhos. O resto do dinheiro foi aplicado em bônus do Tesouro e algumas ações *blue-chips* para educar os filhos da viúva.

— Quem é ela?

— Seu nome é Carol Zimmer. Laociana de nascimento, é viúva de um sargento da força aérea que morreu num acidente de treinamento. Ryan vem cuidando da família desde então. Até deixou o escritório para acompanhar o parto da criança mais nova... uma menina, diga-se de passagem. Ryan visita a família periodicamente.

— Entendo... — Elliot não entendia, mas era o que se costumava dizer. — Alguma ligação profissional?

— Não. A senhora Zimmer, como eu disse, era laociana. Seu pai foi um daqueles chefes tribais que a CIA apoiou contra os norte-vietnamitas. Todo o grupo foi exterminado. Não descobri como ela conseguiu escapar. Casou com um sargento da força aérea e veio para os Estados Unidos. Ele morreu num acidente em algum lugar, recentemente. Não há nada na ficha de Ryan que indique qualquer ligação prévia com a família. A conexão do Laos é possível... para a CIA, é claro... mas Ryan não pertencia ao governo na ocasião, ainda estava na universidade. Não há nada na ficha que possa sugerir uma ligação de qualquer tipo. Apenas um dia, poucos meses antes da última eleição presidencial, ele instituiu o fundo educacional, e desde então visita a família uma vez por semana, em média. Ah, sim, havia mais uma coisa.

— O quê?

— Descobri isso num cruzamento com outra ficha. Houve alguns problemas na tal loja, alguns desordeiros locais andavam perturbando a família Zimmer. O principal segurança de Ryan é um agente da CIA chamado Clark. Já foi agente de campo, e agora passou para a área de proteção. Não consegui pegar sua ficha. Seja como for, esse Clark agrediu obviamente dois garotos da turma de desordeiros. Mandou um para o hospital. Conferi num recorte de jornal. Era uma notícia pequena... do tipo de cidadãos preocupados com a violência. Clark e outro cara da CIA... o jornal identificou-os como funcionários federais, sem qualquer referência à CIA... teriam sido atacados por quatro assaltantes. Esse tal de Clark não deve ser fácil. O líder da gangue teve o joelho quebrado, e foi hospitalizado. Outro ficou apenas inconsciente, e os demais não fizeram nada, além de mijarem nas calças. A polícia local tratou o assunto como

um problema de gangue... isto é, um ex-problema de gangue. Não foram apresentadas acusações formais

— O que mais você sabe sobre esse Clark?

— Já o vi algumas vezes. Um sujeito grandalhão, de quarenta e tantos anos, reservado, parece até meio tímido. Mas se move... pode imaginar como ele se move? Já fiz um curso de caratê. O instrutor era um antigo Boina-Verde, um veterano do Vietnã, todas essas coisas. Desse jeito. Ele se move como um atleta, elástico, sem desperdiçar movimentos, mas seus olhos não param. Sempre se deslocando ao redor. Ele olha você de lado, e conclui se é uma ameaça ou não... — Goodley fez uma pausa. Nesse momento, compreendeu o que Clark realmente era. Independente do que mais fosse, Ben Goodley não era um tolo. — É um cara perigoso.

— Como assim?

Liz Elliot não tinha a menor idéia do que ele estava falando.

— Desculpe. Aprendi isso com meu instrutor de caratê em Cambridge. Os que são de fato perigosos não parecem perigosos. Quase não se percebe a presença deles na sala. Meu instrutor foi assaltado na estação do metrô em Harvard. Isto é, tentaram assaltá-lo. Ele deixou três garotos sangrando na plataforma. Pensaram que ele fosse um zelador ou qualquer coisa assim... ele é um afro-americano, com cerca de cinqüenta anos agora. Parece um zelador, pela maneira como se veste, alguém que não é absolutamente perigoso. Clark é assim, igualzinho a meu velho *sensei*... Muito interessante. Ele está na proteção, e parece que esse pessoal é muito bom no que faz. Mas especulo que Ryan descobriu que alguns desordeiros estavam perturbando a senhora Zimmer, e mandou seu segurança dar um jeito. A polícia do condado de Anne Arundel achou que isso era ótimo.

— Conclusões?

— Ryan tem realizado alguns trabalhos extraordinários, mas também cometeu erros grandes. Basicamente, é uma criatura do passado. Ainda é um raro da Guerra Fria. Tem problemas com a Administração, como aconteceu há poucos dias, quando você não compareceu ao jogo Camelot. Ele acha que você não leva suas

funções muito a sério, que é irresponsabilidade não participar daqueles jogos de guerra.

— Ele disse isso?

— Uma citação quase literal. Eu me encontrava na sala com Cabot quando ele entrou e descarregou sua irritação.

Elliot sacudiu a cabeça.

— É um Guerreiro Frio falando. Se o presidente fizer o trabalho certo, se eu fizer o trabalho certo, não haverá crises para administrar. E essa é a essência da questão, não é mesmo?

— E até agora parece que vocês estão se saindo muito bem — observou Goodley.

A assessora de segurança nacional olhou para suas anotações, ignorando o comentário.

As paredes estavam no lugar, impermeabilizadas com placas de plástico. O sistema de ar-condicionado já funcionava, removendo a poeira e umidade do ar. Fromm trabalhava agora com as mesas de máquinas. Mesas era um termo que não expressava direito a realidade. Eram projetadas para suportar várias toneladas cada uma, e tinham macacos em cada perna resistente. O alemão empenhava-se em nivelar cada máquina, com a ajuda de níveis de bolha de ar embutidos nas estruturas.

— Perfeito — declarou ele, depois de três horas de trabalho. Tinha de ser perfeito. Agora estava. Sob cada mesa, havia fundações reforçadas de concreto de um metro inteiro. Depois de niveladas, as pernas das mesas seriam aparafusadas no lugar, tornando-se uma parte sólida do chão.

— As ferramentas devem ficar tão rígidas? — perguntou Ghosn. Fromm sacudiu a cabeça.

— Ao contrário. As ferramentas devem flutuar num colchão de ar.

— Mas disse que cada uma pesava pelo menos uma tonelada!

— Fazê-las flutuar num colchão de ar é trivial... já deve ter visto fotografias de um *hovercraft* com mais de cem toneladas. Fazê-las flutuar é necessário para reduzir as vibrações do solo.

— Que tolerâncias estamos procurando? — perguntou Ghosn.



— Mais ou menos as de que se precisa para um telescópio astronômico — explicou o alemão.

— Mas as bombas originais... Fromm não o deixou continuar:

— As bombas originais americanas lançadas em Hiroxima e Nagasaki não passavam de toscos artefatos. Desperdiçaram quase toda a sua massa de reação, em particular a arma de Hiroxima... não se pode mais fabricar uma arma tão tosca, assim como ninguém faria uma bomba com um pavio, não é mesmo? De qualquer forma, não se pode mais usar um projeto tão desperdiçador. Depois das primeiras bombas, os engenheiros americanos tiveram de enfrentar o problema de suprimentos limitados de material físsil. Aqueles poucos quilos de plutônio constituem o material mais caro do mundo. A instalação necessária para produzi-lo, através do bombardeio nuclear, custaria bilhões, depois tem o custo adicional da separação, outra instalação, outros bilhões. Só a América dispunha do dinheiro para realizar o projeto inicial. Todos no mundo conheciam a fissão nuclear... não era segredo, não existem segredos de verdade na física, não é mesmo?... Mas só a América contava com o dinheiro e os recursos necessários para fazer a tentativa. E as pessoas. Que pessoas eles tinham! Por isso, as primeiras bombas... eles fabricaram três, diga-se de passagem... foram projetadas para usar todo o material disponível; e como o critério básico era a confiabilidade, as bombas foram feitas para serem toscas, mas eficazes. E precisavam do maior avião jo mundo para transportá-las. Mas depois a guerra foi vencida, e o planejamento da bomba tornou-se um estudo profissional, não mais um projeto frenético de guerra, *ja?* O reator de plutônio que eles têm em Hanford produzia apenas umas poucas dezenas de quilos de plutônio por ano na ocasião, e os americanos precisavam aprender a usar o material com mais eficiência. A bomba Mark-12 foi um dos primeiros projetos realmente avançados, e os israelenses a melhoraram mais um pouco. A bomba tem cinco vezes mais rendimento que o artefato de Hiroxima, com menos de um quinto da massa de reação... uma melhoria de vinte e cinco vezes na eficiência, *ja?* E podemos melhorar isso por um fator de quase dez. Uma equipe de especialistas, com as instalações apropriadas, poderia aumentar

ainda mais a nossa eficiência, por um fator de... talvez quatro. As ogivas modernas são as mais elegantes, as mais fascinantes...

— Dois megatons? — indagou Ghosn. Seria mesmo possível?

— Não podemos fazê-lo aqui — informou Fromm, com um pesar evidente. — As informações disponíveis são insuficientes. A física é simples, mas há dificuldades de engenharia, e não existem artigos publicados para nos ajudar no processo. Não se esqueça de que até hoje ainda se realizam testes com ogivas para tornar as bombas cada vez menores e mais eficientes. Devem-se fazer experiências nesse campo como em qualquer outro, e não podemos experimentar. Também não dispomos de tempo nem dinheiro para treinar técnicos que executarão o projeto. Eu poderia formular o projeto teórico para um artefato de mais de um megaton, mas na verdade só teria uma probabilidade de cinquenta por cento de sucesso. Talvez um pouco mais, só que não seria um empreendimento viável sem um programa apropriado de testes experimentais.

— O que pode fazer então? — perguntou Qati.

— Posso converter isto numa arma com um rendimento nominal entre quatrocentos e quinhentos quilotons. Terá mais ou menos um metro cúbico de tamanho, e pesará em torno de meia tonelada. — Fromm fez uma pausa, examinando as expressões nos rostos à sua frente. — Não será um artefato elegante, ficará muito volumoso e pesado. E será também bastante potente.

Seria um projeto muito superior a qualquer coisa que os técnicos americanos ou russos haviam conseguido produzir nos primeiros quinze anos da era nuclear, o que não era tão ruim assim, pensou Fromm.

— Contenção explosiva? — perguntou Ghosn.

— É verdade. — Aquele jovem árabe era muito inteligente, pensou Fromm. — As primeiras bombas usavam invólucros de aço maciço. A nossa usará explosivos... algo volumoso, mas leve, e igualmente eficaz. Injetaremos trítio no núcleo no momento da ignição. Como no projeto israelense original, isso vai gerar grandes quantidades de nêutrons para expandir a reação de fissão; essa reação, por sua vez, vai lançar nêutrons adicionais em outro

suprimento de trítio, causando uma reação de fusão. A previsão de energia é de aproximadamente cinqüenta quilotons da primária e quatrocentos da secundária

— Quanto trítio?

Embora não fosse uma substância difícil de se obter em pequenas quantidades — relojoeiros e fabricantes de visores de armas usavam-na, mas apenas em quantidades microscópicas —, Ghosh sabia que os suprimentos acima de dez miligramas eram virtualmente inacessíveis, como acabara de descobrir. O trítio — não o plutônio, apesar do que Fromm dissera — era o material em disponibilidade comercial mais caro do planeta. Podia-se comprar trítio, mas não plutônio.

— Tenho cinqüenta gramas — anunciou Fromm, presunçoso. — Muito mais do que precisaremos usar.

— Cinqüenta *gramas!* — exclamou Ghosh. — *Cinqüenta?*

— Nosso complexo de reator produzia material nuclear especial para o nosso próprio projeto de bomba. Quando o governo socialista caiu, foi decidido que o plutônio seria entregue aos soviéticos... lealdade à causa socialista internacional, entendem? Os soviéticos não entenderam dessa maneira. A reação deles... — Fromm fez uma pausa. — ... disseram... ora, deixarei isso à imaginação de vocês. A reação foi tão forte que resolvi esconder a nossa produção de trítio. Como sabem, é um material de grande valor comercial... minha apólice de seguro, pode-se dizer assim.

— Onde?

— No porão de minha casa, escondido em algumas baterias de níquel e hidrogênio.

Qati não gostou disso, nem um pouco. O comandante árabe não era um homem que gozasse de boa saúde, o alemão podia perceber isso, o que não o ajudou a disfarçar seus sentimentos.

— De qualquer maneira — acrescentou Fromm —, preciso voltar à Alemanha para providenciar as ferramentas.

— Pode obtê-las?

— A cinco quilômetros de minha casa fica o Instituto de Astrofísica Karl Marx. Supostamente fabricávamos telescópios astronômicos ali, telescópios visuais e de raios X. Mas isso nunca

aconteceu. Uma boa "cobertura" desperdiçada, não acham? Na oficina, em caixotes marcados *Instrumentos Astrofísicos*, há seis máquinas de cinco eixos, de alta precisão... do melhor tipo. — Fromm exibiu um sorriso insinuante, antes de acrescentar: — Cincinnati Milacron, dos Estados Unidos da América. Exatamente o que os americanos usam em suas instalações de produção de Oak Ridge, Rocky Flats e Pantex.

— E os operadores? — perguntou Ghosn.

— Estávamos treinando vinte, dezesseis homens e quatro mulheres, todos com grau universitário... Não, isso seria muito perigoso. Além do mais, não é realmente necessário. As máquinas são de uso simples. Nós mesmos poderíamos operá-las, mas isso exigiria muito tempo. Qualquer fabricante de lentes habilidoso... ou mesmo um armeiro, diga-se de passagem... pode operá-las. O que há cinqüenta anos valia um Prêmio Nobel, agora é o trabalho de um competente operador de máquinas. E essa a natureza do progresso, *ja?*

— Pode ser, mas também pode não ser — disse Yevgeni.

Ele estava de serviço há vinte e quatro horas consecutivas, e apenas seis horas de sono difícil separavam isso de outro plantão, ainda mais longo.

A descoberta, se é que acontecera de fato, exigira toda a competência de Dubinin. Ele previra que o submarino americano de mísseis seguira para o sul, e que sua velocidade de cruzeiro era de cinco nós. Em seguida, vieram as considerações ambientais. Teria de permanecer próximo, dentro do alcance de curso direto, mas sem chegar a uma zona de convergência de radar. As ZCs eram anulares, áreas formadas em torno de uma embarcação. O som que descia de um ponto dentro da zona de convergência era refratado pela temperatura e pressão da água, viajando de um lado para outro até a superfície, numa trilha helicoidal, a intervalos semi-regulares, que por sua vez dependiam das condições ambientais. Ao permanecer fora da zona de convergência, em relação à posição em que julgava que se encontrava o alvo, ele podia se esquivar a um meio de detecção. Fazer isso significa que ele tinha de permanecer dentro da

distância teórica de direção direta, a área em que o som simplesmente viajava de uma forma radial a partir da fonte. Para conseguir isso sem detecção, ele devia permanecer no lado superior da camada termoclinal — calculava que o americano ficaria por baixo — enquanto deixava que o sonar rebocado pairasse por baixo. Dessa maneira, seus ruídos de máquina provavelmente seriam defletidos para longe do submarino americano.

O problema tático de Dubinin decorria de suas desvantagens. O submarino americano era mais silencioso do que o seu, e possuía não apenas melhores sonares, mas também melhores operadores de sonar. O primeiro-tenente Yevgeni Nikolayevich Rykov era um jovem e brilhante oficial, mas era o único operador de sonar a bordo que podia com justiça ser comparado a seus equivalentes americanos, e o garoto estava definhando por falta de sono. A única vantagem do comandante Dubinin era ele próprio. Afinal, era um excelente tático, e sabia disso. E seu equivalente americano não era, pensou Dubinin, e não sabia disso. Havia uma desvantagem final. Ao permanecer por cima da camada, ele tornava mais fácil a contradetecção de uma patrulha aérea americana, mas Dubinin sentia-se disposto a correr esse risco. O que tinha pela frente era um prêmio como nenhum comandante de submarino russo jamais conquistara.

O comandante e o tenente observaram uma demonstração de "cachoeira", vendo não um feixe de luz, mas sim uma linha vertical, desconexa, mal visível, que não era tão brilhante quanto deveria ser. O americano da classe Ohio era mais silencioso do que o ruído normal do oceano, e os dois homens especularam se de alguma forma as condições ambientais estariam lhes mostrando a sombra acústica daquele que era o mais sofisticado dos submarinos de mísseis. Era bem provável, pensou Dubinin, que a fadiga estivesse fazendo jogos alucinatórios com suas mentes.

— Precisamos de um transiente — murmurou Rykov, pegando o chá. — Uma ferramenta caindo, uma escotilha batida... um erro, um erro...

*Ew poderia localizá-lo... poderia descer abaixo da camada e atingi-lo com unia rajada de energia de sonar ativa, para descobrir...*

*NÃO!* Dubinin virou-se e quase praguejou. *Paciência, Valentin. Eles são pacientes, devemos ser pacientes também.*

— Yevgeni Nikolayevich, você parece cansado.

— Posso descansar em Petropavlovsk, comandante. Dormirei por uma semana, verei minha esposa... isto é, não dormirei durante a semana inteira — ele arrematou com um sorriso exausto. O rosto do tenente era iluminado pelo clarão amarelo da tela. — Mas não perderei uma oportunidade como esta!

— Não haverá transientes acidentais.

— Sei disso, comandante. Essas malditas tripulações americanas... sei que é ele, tenho certeza de que é um Ohio! O que mais poderia ser?

— Imaginação, Yevgeni, imaginação e um desejo intenso de nossa parte. O tenente Rykov virou-se.

— Acho que meu comandante sabe que não é isso!

— Acho que meu tenente está certo.

*Que jogo é este! Barco contra barco, mente contra mente. Xadrez em três dimensões, jogado num ambiente físico em constante transformação.* E os americanos eram os mestres do jogo. Dubinin sabia disso. Melhores equipamentos, melhores tripulações, melhor treinamento. E claro que os americanos também sabiam disso, e duas gerações de vantagem resultaram em arrogância, em vez de inovação... não em todos, mas com certeza em alguns. Um comandante hábil no submarino de mísseis estaria fazendo as coisas de maneira diferente... *Sc eu tivesse um submarino assim, ninguém no mundo poderia me descobrir!*

— Mais doze horas, depois devemos romper o contato e voltar para casa.

— E uma pena — murmurou Rykov, sem falar a sério. Seis semanas no mar era mais do que suficiente para ele.

— Tornar sua profundidade dois-zero metros — disse o oficial do convés.

— Tornar minha profundidade dois-zero metros, senhor — respondeu o oficial de mergulho. — Dez graus para cima nos planos de água.

O exercício de disparo de mísseis começara. Uma ocorrência regular, visava a garantir a competência da tripulação e dessensibilizá-la para a missão de combate primária, o lançamento de vinte e quatro mísseis UGM-93 Trident-II D-5, cada um com dez veículos de reingresso Mark 5, com uma carga nominal de quatrocentos quilotons. Um total de duzentas e quarenta ogivas, com uma carga líquida total de noventa e seis megatons. Mas havia mais do que isso, já que as armas nucleares baseavam-se na lógica interligada de diversas leis físicas. As pequenas armas utilizavam sua carga com uma eficiência maior do que as maiores. E o mais importante de tudo, o Mark 5 tinha uma acurácia comprovada de mais ou menos cinquenta metros de ECP ("Erro Circular Provável"), significando que depois de um vôo de mais de quatro mil milhas náuticas, a metade das ogivas caíria num raio de cinquenta metros de seus alvos, e quase todas num raio de cem metros. A margem de "erro" era muito menor do que a cratera que se esperava da ogiva. Por causa disso, o D-5 era o primeiro míssil balístico lançado do mar com capacidade de contraforça. Era projetado para neutralizar um ataque inicial. Com o disparo normal de dois-para-um, o *Maine* podia eliminar cento e vinte mísseis soviéticos e/ou casamatas de controle de mísseis, mais ou menos dez por cento da atual força soviética de ICBM, que também era configurada como urna contraforça.

No centro de controle de mísseis — CCM — na popa da enorme sala de mísseis, um suboficial acendeu seu painel. Todos os vinte e quatro pássaros se encontravam em posição. O equipamento de navegação de bordo fornecia dados para o sistema de orientação de cada míssil. Os dados seriam atualizados dentro de poucos minutos, pelos satélites de navegação em órbita. A fim de atingir um alvo, o míssil precisava saber não apenas onde se encontrava o alvo, mas também o seu próprio ponto de partida. O Sistema de Posicionamento Global NAVSTAR podia fazer isso com uma tolerância de menos de cinco metros. O suboficial observou as luzes de posição mudarem, enquanto os mísseis eram interrogados por seus computadores e informavam sua prontidão.

Em torno do submarino, a pressão da água sobre o casco diminuía a um ritmo de 2,2 toneladas por pé quadrado a cada cem

pés de ascensão na direção da superfície. O casco do *Maine* expandiu-se um pouco, à medida que a pressão era atenuada, e havia uma quantidade mínima de ruído, do aço relaxando da compressão.

Era apenas um rangido, quase inaudível mesmo pelos sistemas do sonar, e sedutoramente parecido com o chamado de uma baleia. Rykov estava tão tonto de fadiga que o teria perdido se surgisse uns poucos minutos depois; mas embora os devaneios começassem a prevalecer, a mente ainda conservava bastante perspicácia para registrar o som.

— Comandante... ruído de casco estalando... bem aqui! — Seu dedo apontou para a tela, na base da sombra que ele e Dubinin vinham examinando. — Está se tornando raso.

Dubinin correu para a sala de controle.

— Preparar para mudança de profundidade.

Ele pôs os fones que o ligavam ao tenente Rykov.

— Yevgeni Nikolayevitch, a manobra deve ser realizada bem e depressa. Descerei abaixo da camada no momento em que o americano chegar em cima.

— Não, comandante, pode esperar. O sonar dele penderá por baixo durante um momento, como aconteceria com o nosso!

— Mas que merda! — Dubinin quase riu. — Perdoe-me, tenente. Por isso, uma garrafa de Starka.

Era a melhor vodca fabricada na Rússia.

— Minha esposa e eu beberemos à sua saúde... Estou obtendo um ângulo de leitura... Estimativa do alvo cinco graus de depressão de nosso sonar... Comandante, se eu puder mantê-lo, no momento em que o perdermos através da camada...

— Certo. Uma estimativa de distância rápida.

Seria imperfeito, mas já seria alguma coisa. Dubinin deu as ordens a seu oficial de rastreamento.

— Dois graus... ruídos de casco desapareceram... é muito difícil de manter, mas ele está ocultando os ruídos naturais um pouco mais agora... *desapareceu!* Passou pela camada agora!

— Um, dois, três... — contou Dubinin.



O americano devia estar realizando um exercício de lançamento de mísseis, ou subindo para receber comunicações; em qualquer caso, iria para vinte metros de profundidade, e seu equipamento rebocado... quinhentos metros de extensão... velocidade cinco nós, e... agora!

— Timão, cinco graus para baixo nos planos de proa. Estamos descendo abaixo da camada. *Starpom*, anotar temperatura da água exterior. Gentilmente, timão, gentilmente...

O *Almirante Lunin* inclinou a proa e deslizou para baixo da fronteira ondulante que assinalava a diferença entre a água da superfície relativamente quente e a água profunda mais fria.

— Distância? — perguntou Dubinin a seu oficial de rastreamento.

— Estimativa entre cinco e nove mil metros, comandante! E o melhor que posso fazer com os dados.

— Bom trabalho, Kolya! Esplêndido!

— Estamos abaixo da camada agora, temperatura da água caiu cinco graus!

— avisou o *Starpom*.

— Planos de proa para zero, nivelar.

— Planos para zero, comandante... ângulo zero no barco.

Se houvesse altura suficiente, Dubinin daria um pulo de alegria. Acabara de realizar o que nenhum outro comandante de submarino soviético — e se as informações secretas estavam certas, apenas um punhado de americanos

— jamais conseguira. Estabelecera contato e *rastrear* um submarino americano da classe Ohio da esquadra de mísseis balísticos. Numa situação de guerra, poderia disparar os sinais de cálculo de distância com o sonar ativo e lançar torpedos. Espreitara a caça mais esquiva do mundo, e chegara bastante perto para o tiro de misericórdia. Sua pele se arrepiou no excitação do momento. Nada no mundo podia se comparar àquela sensação. Absolutamente nada.

— *Ryl nepravo* — disse ele em seguida. — Leme à direita, novo curso três-zero-zero. Aumentar a velocidade lentamente para dez nós.

— Mas comandante... — começou a protestar seu *Starpom*, o imediato.

— Estamos rompendo o contato. Ele continuará no exercício pelo menos por trinta minutos. É improvável que possamos nos esquivar à contradeteção quando o exercício for concluído. É melhor partir agora. Não queremos que ele saiba o que fizemos. Voltaremos a nos encontrar com este. De qualquer forma, nossa missão está cumprida. Conseguimos rastreá-lo, e nos aproximamos o suficiente para desfechar um ataque. Em Petropavlovsk, homens, haverá muita bebida à espera, e seu comandante é quem vai pagar! E agora vamos deixar a área discretamente, a fim de que ele nem saiba que estivemos aqui.

O comandante Robert Jefferson Jackson desejava ser mais jovem, desejava que seus cabelos ainda fossem completamente pretos, que pudesse ser outra vez um rapaz recém-saído de Pensacola, pronto para realizar seu primeiro vôo num daqueles impressionantes aviões de caça, parados como enormes aves de rapina, ao longo da linha de decolagem, na base aeronaval de Oceana. O fato de que todos os vinte e quatro F-14D Tomcats na área imediata lhe pertenciam não era tão satisfatório quanto o conhecimento de que um era seu, e somente seu. Em vez disso, como comandante do grupo aéreo, ele "possuía" duas esquadrilhas de Tomcat, mais duas de Hornets F/A-18, uma de Intruder A-6E (um avião de ataque médio), outra de caçadores de submarinos S-3, e finalmente os não tão graciosos petroleiros, os Prowlers de guerra eletrônica, e os helicópteros de busca e salvamento. Um total de setenta e oito pássaros, no valor total de... quanto? Um bilhão de dólares? Muito mais, se fosse considerado o custo de substituição. Havia também os três mil homens que voavam e cuidavam da manutenção dos aparelhos, cada um de valor inestimável, é claro. Ele era o responsável por tudo isso. Era muito mais divertido ser um piloto de caça novo, que conduzia seu avião individual, e deixava as preocupações para a administração. Robby era agora a administração, o cara sobre o qual os garotos conversavam em suas cabines. Não queriam ser chamados a seu gabinete, porque seria

como falar com o diretor da escola. Não gostavam realmente de voar com ele, porque (A) era velho demais para ainda ser bom (era o que pensavam), e (B) ele lhes diria o que achava que estavam fazendo errado (os pilotos de caças não são de admitir seus erros, exceto entre eles próprios).

Havia uma certa ironia na situação. Seu trabalho anterior fora no Pentágono, cuidando de papéis. Rezara e ansiara pela liberação daquele cargo, cujo principal excitação cotidiano era encontrar uma boa vaga no estacionamento. Obtivera então o comando de seu grupo de esquadrilhas... e ficara assoberbado com mais besteiras burocráticas do que jamais enfrentara em toda a sua vida. Mas pelo menos podia voar duas vezes por semana... se tivesse sorte. Hoje era um dia assim. Seu suboficial encarregado do expediente lhe ofereceu um sorriso quando se encaminhou para a porta.

— Cuide da loja, Sub.

— Certo, comandante. Estarei aqui quando voltar. Jackson parou abruptamente.

— Pode arrumar alguém para roubar toda a papelada.

— Verei o que posso fazer, senhor.

Um carro oficial levou-o à linha de decolagem. Jack já usava seu traje de vôo Nomex, velho e malcheiroso, a cor verde-oliva desbotada de muitas lavagens, puída nos cotovelos e fundilhos, de muitos anos de uso. Ele podia e devia ter um traje novo, mas os pilotos são criaturas supersticiosas; Robby e seu traje de vôo haviam passado por muitas coisas juntos.

— Ei, comandante! — chamou um de seus líderes de esquadrilha.

O comandante Bud Sanchez era mais baixo do que Jackson. A pele azeitonada e o bigode à Bismarck acentuavam os olhos brilhantes e um sorriso saído diretamente de um comercial de pasta de dentes. Sanchez, comandante da VF-1, voaria naquele dia com Jackson. Já haviam voado juntos, quando Jackson comandava a VF-41, baseada no *John F. Kennedy*.

— Seu pássaro já está preparado — acrescentou Sanchez. — Pronto para chutar alguns rabos?

— Quem é a oposição hoje?

— Alguns malucos partindo de Cherry Point, em 18-Deltas. Já temos um Hummer em órbita a cento e cinquenta quilômetros, e o exercício é PABCO, contra intrusos em baixa altitude. — PABCO significava Patrulha de Barreira de Combate Aéreo. A missão era impedir que aviões atacantes cruzassem uma linha que não deveriam ultrapassar. — Disposto a enfrentar um pesado ACM? Aqueles fuzileiros pareciam um pouco arrogantes pelo telefone.

— Ainda está para nascer o fuzileiro que não poderei dominar — respondeu Robby, enquanto tirava da prateleira o capacete, que tinha pintado seu naipe da sorte, Espadas.

— Ei, RIOs — gritou Sanchez —, parem de ficar namorando e vamos logo partir!

— Já estou a caminho, Bud.

Michael "Lobo" Alexander contornou a fileira de armários, seguido pelo oficial de interceptação de radar de Jackson, Henry "Shredder" Walters. Ambos tinham menos de trinta anos, ambos eram tenentes. No vestiário, os homens se tratavam pelos nomes, não por seus postos. Robby adorava a camaradagem da vida de esquadrilha tanto quanto amava seu país.

Lá fora, os chefes de aviões — suboficiais —, que eram responsáveis pela manutenção dos aparelhos, conduziram os oficiais a seus respectivos pássaros e os ajudaram a embarcar. (Na área perigosa de um convés de vôo de porta-aviões, os pilotos são virtualmente levados pela mão por suboficiais e sargentos, a fim de que não se perderem nem se machucarem.) O pássaro de Jackson tinha o duplo-zero de identificação pintado no nariz. Por baixo da carlinga, estava pintado "COM. R. J. Jackson 'ESPADAS'", para que todos soubessem que aquele era o pássaro do comandante do grupo. Sob as letras, havia uma bandeira representando um caça MiG-29, que um iraquiano cometera o erro de pilotar bem perto do Tomcat de Jackson, há não muito tempo. Não chegara a ser grande coisa — o outro piloto esquecera de conferir sua tela de radar, e pagara o preço por isso — mas uma vitória era uma vitória, e era para derrubar os aviões inimigos que os pilotos de caça viviam.

Cinco minutos depois, todos os quatro homens estavam em seus lugares, com os motores girando.

— Como está você hoje de manhã, Shredder? — perguntou Jackson, pelo interfone.

— Pronto para acabar com alguns fuzileiros, comandante. Tudo parece ótimo aqui atrás. Será que esta coisa vai voar hoje?

— Acho que chegou a hora de descobrir. — Jackson ligou o rádio. — Bud, aqui é Espadas. Estamos prontos.

— Certo, Espadas. Siga na frente.

Os dois pilotos olharam ao redor, receberam o sinal de que estava tudo bem de seus chefes de avião, tornaram a olhar ao redor.

— Espadas tem a vanguarda — disse Jackson, soltando os freios.

— Rolando agora.

— Olá, *mein Schatz* — disse Manfred Fromm à esposa. Traudl correu para abraçá-lo.

— Onde você esteve?

— Não posso dizer.

Havia um brilho insinuante nos olhos de Fromm, que cantarolou alguns acordes da canção de Lloyd Weber *Don't Cry for Me, Argentina*.

— Eu sabia que você acabaria aceitando! — exclamou Traudl radiante.

— Não deve falar a respeito.

Para confirmar as suspeitas da esposa, Manfred entregou-lhe cinco maços de dinheiro, com dez mil marcos em cada. *Isso deve manter a sacana mercenária quieta e feliz.*

— E só passarei esta noite aqui — acrescentou ele. — Tenho de tratar de alguns negócios, e deve compreender...

— Claro que compreendo, Manfred! — Ela tornou a abraçá-lo, com o dinheiro na mão. — Se ao menos tivesse telefonado...

Os arranjos haviam sido absurdamente fáceis. Um navio destinado a Latakia, Síria, partiria de Roterdã dentro de setenta horas. Ele e Bock haviam providenciado para que uma empresa comercial de transporte pusesse as ferramentas num contêiner, que seria embarcado no navio e descarregado na Síria seis dias depois. Teria sido muito mais rápido mandar as ferramentas de avião, ou

mesmo de trem para um porto grego ou italiano, de onde seguiria muito mais depressa pelo mar até o porto sírio. Mas Roterdã era o porto mais movimentado do mundo, os inspetores da alfândega com excesso de trabalho, só se preocupando em procurar tóxicos. Os cães farejadores poderiam passar por aquele contêiner específico sem pararem.

Fromm deixou a esposa na cozinha preparando um café. Levaria alguns minutos, e isso era tudo de que ele precisava. Desceu para o porão. No canto, tão distante do *boiler* quanto possível, havia uma pilha de lenha bem arrumada, com quatro caixas pretas de metal por cima. Cada uma pesava cerca de dez quilos. Fromm carregou uma de cada vez — na segunda viagem, Pegou um par de luvas na gaveta de sua escrivaninha, a fim de proteger as mãos — e colocou-as na mala de seu BMW alugado. Quando o café ficou Pronto, ele já concluía o trabalho.

— Está com um belo bronzeado — comentou Traudl, trazendo a bandeja da cozinha.

Mentalmente, ela já gastara um quarto do dinheiro que o marido entregara Portanto, Manfred vira a luz. Ela tinha certeza de que isso acabaria acontecendo, mais cedo ou mais tarde. Melhor que fosse mais cedo. Ela seria especialmente agradável para ele naquela noite.

— Günther?

Bock não gostava de deixar Fromm sozinho, mas também tinha uma missão a cumprir. E que constituía um risco muito maior. Era um conceito operacional de alto risco, ele refletiu, mesmo que os perigos reais estivessem no estágio de planejamento, o que era ao mesmo tempo algo insólito e um alívio.

Erwin Keitel vivia de uma pensão, e não era das mais generosas, diga-se de passagem. A necessidade disso derivava de dois fatos. Primeiro, ele era um ex-tenente-coronel da Stasi, o serviço de informações e contra-informações da extinta República Democrática Alemã; segundo, ele sempre gostara de seu trabalho de trinta e dois anos. Enquanto a maioria dos seus antigos colegas aceitara as mudanças no país, e de um modo geral pusera a

identidade alemã acima de qualquer ideologia que outrora defendessem — relatando tudo o que sabiam, literalmente, à *Bundesnachrichtendienst* —, Keitel decidira que não trabalharia para os capitalistas. Isso o convertia num dos cidadãos "politicamente desempregados" da Alemanha reunificada. Sua pensão era uma questão de conveniência. O novo governo alemão respeitava, até certo ponto, as obrigações do governo anterior. Era o mais conveniente em termos políticos, já que a nova Alemanha lutava com fatos que não podiam ser reconciliados. Era mais fácil conceder uma pensão a Keitel do que deixá-lo encostado num órgão oficial, o que seria humilhante. Ou pelo menos essa era a opinião do governo. Keitel não pensava assim. Se o mundo fizesse algum sentido, ele teria sido executado ou exilado — para onde exatamente seria exilado, Keitel não tinha a menor idéia. Considerara a possibilidade de procurar os russos — tinha bons contatos no KGB — mas essa idéia sofrerá uma morte rápida. Os soviéticos lavaram as mãos de tudo o que se relacionava com a RDA, temendo a traição de pessoas cuja fidelidade ao socialismo internacional — ou o que quer que fosse que os russos defendiam agora, Keitel não podia imaginar o que era — era menor que a fidelidade a seu novo país. Keitel sentou ao lado de Bock, num reservado no canto de uma tranqüila Gasthaus, no que fora antes Berlim Oriental.

— Isso é muito perigoso, meu amigo.

— Sei disso, Erwin.

Bock acenou, pedindo duas canecas de cerveja. O serviço era mais rápido do que alguns anos antes, mas os dois homens ignoraram isso.

— Não tenho palavras para expressar como me sinto pelo que fizeram com Petra — disse Keitel, depois que a garçonete se afastou.

— Sabe exatamente o que aconteceu? — perguntou Bock, a voz calma, sem deixar transparecer qualquer emoção.

— O detetive que cuidava do caso visitou-a na prisão... ele fazia isso com freqüência... mas não para um interrogatório. Fizeram um esforço consciente para levá-la ao descontrole. Deve compreender, Günther, que a coragem num homem ou numa mulher é uma qualidade finita. Não foi fraqueza da parte dela. Qualquer pessoa

pode desmoronar. É apenas uma questão de tempo. E eles a observaram morrer.

— E mesmo?

O rosto de Bock não se alterou, mas as articulações dos dedos segurando a alça da caneca ficaram esbranquiçadas.

— Havia uma câmera de televisão oculta na cela. Gravaram o suicídio em videoteipe. Observaram-na se matar, não fizeram nada para impedir.

Bock não falou coisa alguma, e o bar era muito escuro para se perceber como seu rosto empalideceu. Era como se uma lutada quente de uma fornalha o envolvesse, seguida por uma rajada do Pólo Norte. Ele fechou os olhos por um breve instante, a fim de se controlar. Petra não gostaria que ele se deixasse dominar pela emoção num momento assim. Tornou a abrir os olhos para fixar o amigo.

— Isso é um fato?

— Sei o nome do detetive. Sei o seu endereço. Ainda tenho amigos.

— Sei disso, Erwin, tenho certeza. Preciso de sua ajuda para fazer uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Sabe, é claro, o que nos levou a esta situação.

— Isso depende da maneira como você está pensando, Günther. As pessoas me desapontaram na medida em que se deixaram seduzir, mas as pessoas comuns sempre carecem da disciplina para saber o que é melhor para elas. A verdadeira causa de nosso infortúnio nacional...

— Exatamente... os americanos e os russos.

— *Mein lieber* Günther, nem mesmo uma Alemanha reunificada pode...

— Pode, sim. Se queremos refazer o mundo à nossa imagem, Erwin, nossos dois opressores devem ser profundamente feridos.

— Mas como?

— Há um meio. Pode acreditar em mim quanto a isso, pelo menos por enquanto?



Keitel tomou o resto da cerveja e recostou-se. Ajudara a treinar Bock. Aos cinquenta e seis anos, era tarde demais para que mudasse suas idéias sobre o mundo, e ainda era um bom juiz de caracteres. Bock era um homem como ele. Sempre fora um operador clandestino cuidadoso, implacável e bastante eficaz.

— O que fazer com o nosso amigo detetive? Bock sacudiu a cabeça.

— Por mais satisfação que isso pudesse me proporcionar, este não é um momento para vingança pessoal. Temos um movimento e um país para salvar.

*Mais do que um, na verdade,* pensou Bock, mas ainda não era a ocasião Para falar sobre isso. O que adquiria forma em sua mente era um grande golpe, uma manobra espetacular que poderia — ele era honesto demais, em termos intelectuais, para dizer que era uma certeza, até para si mesmo— mudar o mundo para contornos mais maleáveis. O que exatamente aconteceria depois, quem podia saber? Isso não teria a menor importância, se ele e seus amigos não fossem capazes de dar o primeiro e ousado passo.

— Há quanto tempo nos conhecemos... quinze, vinte anos? — Keitel sorriu. — *Aber natürlich.* Claro que posso confiar em você.

— Em quantos outros podemos confiar?

— Quantos precisamos?

— Não mais do que dez, mas precisaremos de um total de dez.

O rosto de Keitel permaneceu impassível. *Oito homens em quem possamos confiar absolutamente...?*

— São muitos para a segurança, Günther. Que tipo de homens? Bock explicou, e Keitel acrescentou:

— Sei por onde começar. Deve ser possível... homens da minha idade... e alguns mais moços, da sua idade. As habilidades físicas que você exige não são difíceis de conseguir, mas deve lembrar que uma grande parte está além de nosso controle.

— Como dizem alguns amigos meus, isso está nas mãos de Deus — comentou Günther, com um sorriso.

— Bárbaros — resmungou Keitel, desdenhoso. — Jamais gostei deles.

— *Ja doch*, eles nem mesmo tomam cerveja. — Bock sorriu de novo. — Mas são fortes, Erwin, são determinados, e são fiéis à causa.

— Que causa?

— A que ambos partilhamos no momento. De quanto tempo você precisa?

— Duas semanas. Poderá me encontrar...

— Não. — Bock sacudiu a cabeça. — Arriscado demais. Pode viajar? Está sendo vigiado?

— Vigiado? Todos os meus subordinados trocaram de fidelidade, e o BND sabe que o KGB não quer se envolver comigo. Não desperdiçariam tempo e recursos para me vigiar. Sou um castrado, entende?

— E que castrado, Erwin. — Bock entregou algum dinheiro. — Vamos nos encontrar em Chipre, dentro de duas semanas. Cuide para não ser seguido.

— Pode deixar comigo. Não esqueci como se fazem essas coisas, meu amigo.

Fromm acordou ao amanhecer. Vestiu-se sem pressa, tomando cuidado para não despertar Traudl. Ela fora mais esposa nas últimas doze horas do que nos doze meses anteriores, e sua consciência lhe disse que o quase fracasso no casamento não fora exclusivamente por culpa de Traudl. Ficou surpreso ao encontrar o desjejum à sua espera na mesa.

— Quando vai voltar?

— Não sei com certeza. Provavelmente só daqui a vários meses.

— Tanto assim?

— *Mein Schatz*, o motivo para a minha viagem é que eles precisam do

que eu sei, e estou sendo bem pago por isso — Fromm fez a anotação mental de pedir a Qati para enviar recursos adicionais. Enquanto continuasse a receber dinheiro, ela não ficaria nervosa.

— Eu não poderia ir com você? — indagou Traudl, demonstrando uma afeição genuína por seu homem.

— Não é lugar para uma mulher. — O que era bastante honesto para permitir que sua consciência relaxasse um pouco. Ele terminou de tomar o café. — Tenho de partir agora.

— Procure voltar o mais depressa que puder.

Manfred Fromm beijou a esposa e saiu de casa. O BMW não fora afetado nem um pouco pelos cinqüenta quilos de peso na mala. Ele acenou para Traudl pela última vez, antes de dar a partida. Lançou um derradeiro olhar para a casa, pelo espelho retrovisor, pensando, corretamente, que talvez não tornasse a vê-la.

Sua parada seguinte foi no Instituto de Astrofísica Karl Marx. Os prédios de um só andar já apresentavam sinais de negligência, e surpreendeu-o que os vândalos ainda não tivessem quebrado as janelas. O caminhão já chegara. Fromm usou suas chaves para entrar na oficina. As ferramentas continuavam ali, ainda nos caixotes lacrados, que tinham a indicação de *Instrumentos Astrofísicos*. Foi apenas uma questão de assinar alguns formulários, que ele datilografara na tarde anterior. O motorista do caminhão sabia operar a empilhadeira, e colocou os caixotes no contêiner. Fromm tirou as baterias da mala do BMW, e ajeitou-as numa pequena caixa, que foi carregada por último. O motorista levou mais uma hora para acorrentar tudo nos lugares, e depois foi embora. Ele e "Herr Professor Fromm" tornariam a se encontrar nos arredores de Roterdã.

Fromm foi se encontrar com Bock em Greifswald. Seguiram para oeste no carro de Bock, que era melhor motorista.

— Como foram as coisas em casa?

— Traudl gostou muito do dinheiro — informou Fromm.

— Mandaremos mais para ela, a intervalos regulares... a cada duas semanas, eu acho.

— Ótimo. Eu ia mesmo conversar com Qati sobre isso.

— Cuidamos de nossos amigos — comentou Bock, enquanto passavam pelo que fora outrora uma travessia de fronteira, agora apenas uma campina.

— Quanto tempo para o processo de fabricação?

— Três meses... talvez quatro. Poderíamos ir mais depressa, mas deve lembrar que nunca fiz isso com o material de verdade, só

trabalhei em simulações. Não há absolutamente nenhuma margem para erros. Ficaré pronta em meados de janeiro. A esta altura, será de vocês para usarem como quiserem.

Fromm especulava, como não podia deixar de ser, sobre os planos que Bock e os outros tinham para a bomba, mas isso não era realmente da sua conta, não é mesmo? *Doch.*

## DESENVOLVIMENTO

Ghosn podia apenas balançar a cabeça. Sabia objetivamente que era o resultado das profundas mudanças políticas na Europa, a efetiva eliminação das fronteiras na esteira da unificação econômica, o colapso do Pacto de Varsóvia e a corrida precipitada para ingressar na nova família européia. Mesmo assim, era espantoso que a parte mais difícil de tirar aquelas cinco máquinas da Alemanha e levá-las até aquele vale fora encontrar um caminhão adequado em Latakia, um problema dos mais complicados, já que o transporte pela estrada até a oficina fora incompreensivelmente ignorado por todos — inclusive, Ghosn pensou com alguma satisfação, pelo alemão. Fromm agora observava com toda a atenção, enquanto alguns homens se esforçavam para levar a última ferramenta para sua mesa. Por mais arrogante que ele fosse, não se podia deixar de reconhecer que Fromm era um competente tecnologista. Até as mesas haviam sido construídas no tamanho exatamente certo, com dez centímetros de espaço extra em torno de cada ferramenta, a fim de que se pudesse pôr ali as anotações. Os geradores de apoio já estavam instalados e testados, assim como os reguladores de voltagem. Era agora apenas uma questão de montar as máquinas e calibrá-las, o que levaria cerca de uma semana.

Bock e Qati observavam os procedimentos do outro lado do prédio, tomando cuidado para não atrapalharem.

— Já tenho o esboço de um plano operacional — disse Günther.

— Quer dizer que não destina a bomba a Israel? — Seria Qati quem aprovaria ou desaprovava o plano, mas estava disposto a escutar seu amigo alemão. — Já pode me dizer alguma coisa?

— Claro.

Bock relatou sua idéia.

— Interessante. E a questão da segurança?

— Um problema é nosso amigo Manfred... ou melhor, sua esposa. Ela sabe o que o marido faz, sabe que ele se encontra fora do país.

— Eu pensaria que haveria mais riscos do que vantagens em matá-la.

— Normalmente seria assim, mas todos os cientistas companheiros de Fromm também deixaram o país... com as esposas, na maioria dos casos. Se ela simplesmente desaparecesse, os vizinhos pensariam que foi se encontrar com o marido. A ausência dele acarreta o risco de um comentário dela, por mais casual que seja, de que Manfred viajou para fazer algum trabalho. Alguém pode notar.

— Ela sabe qual era o antigo trabalho do marido?

— Manfred é muito preocupado com a segurança, mas devemos presumir que ela sabe. Que mulher ignora o que o marido faz?

— Continue — murmurou Qati, cansado.

— A descoberta de seu corpo levaria a polícia a procurar pelo marido, o que também seria um problema. Ela deve desaparecer. Assim, vai parecer que foi ao encontro do marido.

— Em vez do contrário, ao final do projeto — comentou Qati, com um raro sorriso.

— Isso mesmo.

— Que tipo de mulher ela é?

— Uma megera gananciosa, não uma crente — respondeu Bock, que era um ateu, o que divertiu Qati.

— Como pretende fazer isso? Bock explicou rapidamente.

— Também servirá para confirmar a confiabilidade de nosso pessoal para essa parte do projeto. Deixarei os detalhes aos cuidados de meus amigos.

— Não seria possível uma farsa? Nunca se é cuidadoso demais num empreendimento como este.

— Gostaria de ter um videotape da eliminação? Algo inequívoco? Bock já fizera isso antes.

— E bárbaro, mas lamentavelmente necessário — disse Qati.

— Cuidarei disso quando for a Chipre.

— Precisaré de segurança para essa viagem, meu amigo.

— Acho que sim. Obrigado.

Bock sabia o que isso significava. Se sua captura parecesse iminente... ora, ele tinha uma profissão que acarretava grandes riscos, e Qati precisava tomar todo o cuidado. A própria proposta operacional de Günther tornava isso ainda mais imperativo.

— Todas as máquinas têm niveladores — comentou Ghosn, irritado, a quinze metros de distância. — E excelentes... por que todo o trabalho com as mesas?

— Meu jovem amigo, isso é algo que só podemos fazer uma vez. Gostaria de correr qualquer risco?

Ghosn acenou com a cabeça-. O homem tinha razão, mesmo sendo um filho da puta condescendente.

— E o trítio?

— Naquelas baterias. Mantive-as num lugar fresco. O trítio é liberado pelo aquecimento. O procedimento para sua recuperação é delicado, mas simples.

— Sei como fazê-lo.

Ghosn recordou experiências similares no laboratório da universidade. Fromm entregou-lhe uma cópia do manual da primeira máquina.

— Agora, nós dois temos coisas novas a aprender, a fim de podermos ensinar aos operadores.

O comandante Dubinin sentou no gabinete do Mestre Construtor do estaleiro. Conhecido como Estaleiro Número 19, Leninskaya Komsomola, ou simplesmente Komsomol'sk, era o estaleiro em que o *Almirante Lunin* fora construído. Um ex-comandante de submarino, o homem preferia o título de Mestre Construtor ao de Superintendente, e trocara a placa na porta de SU(1 sala ao assumir o cargo, dois anos antes. Era um tradicionalista, mas também um brilhante engenheiro. E hoje era um homem feliz.

— Durante sua ausência, consegui algo maravilhoso!

— O que foi, almirante?

— O protótipo de uma nova bomba de alimentação do reator. E grande, desajeitada, e uma desgraçada de ferro batido para se

instalar e fazer a manutenção, mas é...

— Silenciosa?

— Como um ladrão — declarou o almirante, sorrindo. — Reduz o barulho irradiado de sua bomba atual por um fator de cinqüenta.

— É mesmo? E de quem roubamos isso? O Mestre Construtor soltou uma risada.

— Você não precisa saber, Valentin Borissov. Agora, quero que me conte uma coisa: ouvi dizer que fez algo da maior habilidade há dez dias.

Dubinín sorriu.

— Almirante, é uma coisa que não posso...

— Pode, sim. Falei com o comandante de sua flotilha. Como conseguiu chegar tão perto do *Nevada*?

— Acho que era o *Maine*. — O pessoal de informações discordava, mas ele preferia acatar seu instinto. — A cerca de oito mil metros. Nós o identificamos por um transiente mecânico feito durante um exercício, depois o seguimos à base de alguns palpites...

— Essa não! A humildade pode ser exagerada, comandante. Continue.

— E depois de localizarmos o que julgávamos ser nosso alvo, ele confirmou com um transiente do casco. Acho que ele subiu para realizar um exercício de disparo de foguetes. A esta altura, tendo em vista a nossa programação operacional e a situação tática, resolvi romper o contato, enquanto ainda era possível fazê-lo sem a contradetecção.

— Essa foi a mais hábil de todas as suas manobras — declarou o Mestre Construtor, apontando um dedo para o visitante. — Não poderia tomar uma decisão melhor, porque na próxima vez em que sair será o submarino mais silencioso que já lançamos ao mar.

— Eles ainda levam vantagem sobre nós — ressaltou Dubinín, honestamente.

— E verdade, mas para variar a vantagem será menos do que a diferença entre um comandante e outro, que é como deve ser. Ambos estudamos com Marko Ramius. Se ao menos ele estivesse aqui para ver isso...

Dubinín balançou a cabeça em concordância.



— Tem razão. Nas atuais circunstâncias políticas, é na verdade um jogo de habilidade, não mais um jogo de rancor.

— Eu gostaria de ser bastante jovem para entrar nesse jogo — comentou o Mestre Construtor.

— E o novo sonar?

— Temos o projeto do Laboratório Severomorsk, um dispositivo com a abertura maior. Representa uma melhoria de cerca de quarenta por cento na sensibilidade. De um modo geral, você estará igual a um americano da classe Los Angeles, em quase todos os aspectos.

*Exceto pela tripulação*, pensou Dubinin, mas não disse. Ainda se passariam anos antes que seu país adquirisse a capacidade de treinar homens como os barcos ocidentais faziam. A esta altura, Dubinin não teria mais um comando no mar, mas... Dentro de três meses, ele teria o melhor submarino que a nação já entregara a um de seus comandantes. Se conseguisse persuadir seu comandante de flotilha a lhe conceder um quadro de oficiais maior, poderia deixar em terra os mais ineptos de seus tripulantes, e iniciar um regime de treinamento eficaz para o resto. Treinar e comandar a tripulação era sua função. Era o comandante do *Almirante Lunin*. Assumia o crédito pelo que corria bem, e a culpa pelo que saía errado. Seu destino se encontrava em suas próprias mãos, e que homem podia pedir mais do que isso?

*No próximo ano, Maine, quando as inclementes tempestades de inverno varrerem o Pacífico Norte, voltaremos a nos encontrar.*

— Não houve um único contato — declarou o comandante Ricks, na sala dos oficiais.

— Exceto pelo *Omaha* — comentou o imediato Claggett, enquanto examinava alguns papéis. — E ele estava com muita pressa.

— Ivan nem sequer tenta mais uma aproximação. Parece que saiu de circulação.

Era quase um lamento do navegador.

— E por que eles tentariam nos descobrir? — ressaltou Ricks. — Isto é, tirando aquele Akula que se perdeu...

— Não faz tanto tempo assim que o localizamos — lembrou o navegador.

— Talvez na próxima vez possamos bater algumas chapas do casco — sugeriu um tenente.

Houve uma risada geral. Alguns dos comandantes mais ousados de submarinos de ataque, em raras ocasiões, haviam manobrado bastante perto de alguns submarinos soviéticos para tirar fotografias de seus cascos. Mas isso era coisa do passado. Os russos tinham se tornado muito melhores no jogo do submarino do que apenas dez anos antes. O fato de serem o número dois os obrigava a se empenharem com mais afinco.

— Agora, vamos ao exercício de engenharia — anunciou Ricks.

O imediato notou que os rostos em torno da mesa não se alteraram. Os oficiais estavam aprendendo a não resmungar nem revirar os olhos. Ricks tinha um senso de humor bastante limitado.

— Olá, Robby!

Joshua Painter levantou-se de sua cadeira giratória, e adiantou-se para apertar a mão do visitante.

— Bom dia, senhor.

— Sente-se. — Um taifeiro serviu café aos dois. — Como está o grupo?

— Creio que ficará em condições a tempo, senhor.

O almirante Joshua Painter, da marinha americana, era o supremo comandante aliado do Atlântico, comandante-em-chefe das forças navais do Atlântico, e comandante-em-chefe da esquadra americana do Atlântico —. pagavam-lhe apenas um salário pelos três cargos, embora dispusesse de três equipes de Estado-Maior para pensar por ele. Um aviador de carreira —. principalmente caças —, alcançara o auge de sua carreira. Não seria escolhido para chefe de operações navais. Alguém com menos antagonismos políticos obteria esse cargo, mas Painter não se importava. Pela organização um tanto excêntrica das forças armadas, o CON e os chefes de outras forças eram apenas assessores do secretário de Defesa. Era o secretário de Defesa quem dava as ordens para os CECs de área — os comandantes-em-chefe. SECLANT-CECLANT-CECLANTEA podia

ser um comando difícil, incômodo e inchado, mas era um *comando*. Painter possuía navios de verdade, aviões de verdade, e fuzileiros de verdade, tinha a autoridade para lhes determinar para onde ir e o que fazer. Duas esquadras completas, a II e a VI, estavam sob sua autoridade: sete porta-aviões, um encouraçado — embora um aviador, Painter gostava de encouraçados; seu avô comandara um —, mais de uma centena de contratorpedeiros e cruzadores, sessenta submarinos, uma divisão e meia de fuzileiros, milhares de aviões de combate. O fato era que somente um país no mundo tinha mais poder de combate que Joshua Painter, e esse país não era mais uma séria ameaça estratégica, nesses dias de amizade internacional. Ele não precisava mais aguardar pela possibilidade de guerra. Painter era um homem feliz. Um homem que voara missões sobre o Vietnã, testemunhara o poderio americano passar do pique no período posterior à Segunda Guerra Mundial para o nadir na década de 1970, recuperando-se de novo, até que os Estados Unidos eram outra vez o país mais poderoso do mundo. Desempenhara seu papel nos melhores momentos e também nos piores, e agora o melhor momento era ainda melhor. Robby Jackson era um dos homens para os quais a sua marinha seria entregue.

— Que história é essa que ouvi sobre pilotos soviéticos outra vez na Líbia? — perguntou Jackson.

— Eles nunca foram embora, não é mesmo? — perguntou Painter, retórico.

— Nosso amigo quer as armas mais novas deles, e paga em dinheiro vivo. Eles precisam do dinheiro. É um negócio. Simples assim.

— Era de se imaginar que ele tivesse aprendido a lição — comentou Robby, balançando a cabeça.

— Talvez ele aprenda agora... muito em breve. Deve se sentir muito solitário, sendo o último dos exaltados. Talvez seja por isso que esteja se armando, enquanto ainda pode. E o que diz o pessoal de informações.

— E os russos?

— Muitos instrutores e pessoal técnico por lá, sob contrato, especialmente aviadores e os caras do SAM.

— E bom saber. Se nosso amigo tentar alguma coisa, terá um bom material para se esconder por trás.

— Não bastante bom para deter você, Robby.

— Bastante bom para me obrigar a escrever algumas cartas.

Jackson já escrevera mais do que o suficiente dessas cartas. Como o comandante do grupo, podia esperar naquele cruzeiro — como em todos os outros que já realizara — por mortes entre seus homens.

Ao seu conhecimento, nenhum porta-aviões jamais partira para uma expedição, em tempo de paz ou de guerra, sem algumas baixas, e como o "dono" do grupo de esquadrilhas, as mortes eram de sua responsabilidade. *Seria maravilhoso se fosse a primeira vez*, pensou Jackson. Além do fato de que seria um destaque em sua ficha, não ter de comunicar a uma esposa ou pais que Johnny perdera a vida a serviço de seu país... possível, mas não provável, Robby disse a si mesmo. A aviação naval era muito perigosa. Passando dos quarenta anos agora, sabendo que a imortalidade era algo entre um mito e uma piada, ele já se descobrira a observar os pilotos nas salas de instruções das esquadrilhas e especular quais daqueles rostos jovens, bonitos e orgulhosos não estariam mais presentes quando o *TR* voltasse a atracar, em Virgínia Capes, cuja esposa atraente e grávida encontraria um capelão e outro aviador na sua porta, pouco antes do almoço, junto com uma esposa da esquadrilha, para segurar sua mão enquanto o mundo acabava em fogo e sangue distantes. Um possível conflito com os líbios era apenas mais uma ameaça num universo em que a morte era uma residente permanente. Estava velho demais para essa vida, Jackson admitiu para si mesmo. Ainda era um piloto de caça tão bom quanto qualquer outro — já era bem maduro para continuar a se intitular o melhor do mundo, exceto quando bebia com os companheiros — mas os aspectos mais tristes da vida o alcançavam, e em breve seria o momento de seguir adiante, talvez se tornando almirante, se tivesse sorte, apenas voando de vez em quando para mostrar que ainda sabia como, e tentando tomar as decisões certas para reduzir ao mínimo as visitas indesejáveis.

— Problemas? — indagou Painter.

— Peças sobressalentes — respondeu Jackson. — Está ficando cada vez mais difícil manter todos os pássaros no ar.

— Fazemos o melhor possível.

— Sei disso, senhor. E sei também que a situação vai se agravar, se é verdade o que leio nos jornais.

Como a possibilidade de três porta-aviões serem retirados do serviço ativo, junto com suas esquadrilhas. Será que as pessoas nunca aprendiam?

— Cada vez que ganhamos uma guerra, somos punidos por isso — comentou o CECLANT. — Pelo menos ganhar esta não nos custou muita coisa. Mas não se preocupe, haverá um lugar para você quando chegar o momento. E o meu melhor comandante de grupo.

— Obrigado, senhor. Não me importo de ouvir coisas assim. Painter riu.

— Eu também não me importava.

\* \* \*

— Há um ditado inglês — comentou Golovko. — "Com amigos assim quem precisa de inimigos?" O que mais sabemos?

— Parecia que eles haviam entregue todo o seu estoque de plutônio— disse o homem. Um representante do instituto de pesquisa e desenvolvimento de armas em Sarova, ao sul de Gorki, ele era menos um engenheiro bélico e mais um cientista que conferia o que as pessoas andavam fazendo fora da União Soviética. — Fiz os cálculos pessoalmente. É possível, em teoria, que eles tenham produzido mais do material, mas o que nos entregaram ultrapassa por pouco a produção de plutônio em instalações similares aqui na União Soviética. Acho que recebemos tudo.

— Já li tudo isso. Por que veio me procurar?

— O estudo original ignora uma coisa.

— E o que poderia ser? — perguntou o primeiro vice-presidente do KGB, o Comitê para a Segurança do Estado.

— Trítio.

— E o que é isso?

Golovko não se lembrava. Não era um perito em materiais nucleares, sendo mais enfiado em operações diplomáticas e secretas. Há anos que o homem de Sarova não dava aulas de física básica.

— O hidrogênio é a mais simples das matérias. Um átomo de hidrogênio contém um próton, com uma carga positiva, e um elétron, com uma carga negativa. Se for acrescentado um nêutron... que não tem carga elétrica... ao átomo de hidrogênio, obtém-se um deutério. Acrescente-se outro, e se tem o trítio. Possui três vezes o peso atômico do hidrogênio, por causa dos nêutrons adicionais. Em termos simples, os nêutrons são a substância das armas atômicas. Quando são liberados dos átomos anfitriões, irradiam-se para o exterior, bombardeando outros núcleos atômicos, liberando mais nêutrons. Isso causa uma reação em cadeia, liberando vastas quantidades de energia. O trítio é útil porque o átomo de hidrogênio não deve conter qualquer nêutron, muito menos dois. É instável, e tende a se romper num ritmo determinado. A vida média do trítio é de doze, treze anos. Assim, se o trítio é inserido num artefato de fissão, os nêutrons adicionais que acrescenta à reação inicial de fissão aceleram ou "expandem" a fissão, na massa de reação de plutônio ou urânio, por um fator entre cinco e quarenta, permitindo um uso muito mais eficiente dos materiais pesados de fissão, como plutônio ou urânio enriquecido. Segundo, quantidades adicionais de trítio colocadas no local adequado, perto do artefato de fissão... neste caso chamado de "primário"... iniciam uma reação de fusão. Há outros meios de se conseguir isso, é claro. As substâncias químicas melhores são o lítio-deutérico e o lítio-hidreto, mais estáveis, mas o trítio ainda é extremamente útil para certas aplicações de armas.

— E como se produz trítio?

— Essencialmente, pondo-se grandes quantidades de lítio-alumínio num reator nuclear, e permitindo o fluxo dos nêutrons térmicos... é um termo de engenharia para indicar o tráfego de partículas de um lado para outro... para irradiar e transformar o lítio em trítio, pela captura de alguns dos nêutrons-

Aparece como bolhas pequenas, facetadas, dentro do metal. Creio que os alemães também produziam trítio em Greifswald.

— Por que pensa assim? Quais são as evidências?

— Analisamos o plutônio que eles nos mandaram. O plutônio tem dois isótopos, plutônio-239 e 240. Pelas proporções relativas, pode-se determinar o fluxo de nêutrons no reator. A amostra alemã tem pouco do 240. Algo estava atenuando o fluxo de nêutrons. Esse algo era provavelmente... quase com certeza... trítio.

— Como pode ter certeza?

— A física envolvida neste caso é complexa, mas fácil de compreender. Já a verdade, é até possível, em muitos casos, identificar a instalação que produziu uma amostra de plutônio, pela análise da proporção de diversos materiais. Minha equipe e eu temos certeza de nossas conclusões.

— Essas instalações não se encontravam sob inspeção internacional? Não havia controles sobre a produção de trítio?

— Os alemães conseguiram se esquivar a algumas inspeções de plutônio, e não existem controles internacionais sobre o trítio. E mesmo que houvesse controles assim, seria uma brincadeira de criança esconder a produção de trítio.

Golovko praguejou baixinho.

— E quanto poderia ser a produção? O cientista deu de ombros.

— É impossível determinar. A usina está sendo fechada. Não temos mais acesso.

— O trítio não tem outros usos?

— Tem, sim. Comercialmente, é muito valioso. E fosforescente... brilha no escuro. Por isso, é usado em mostradores de relógios, visores de armas, painéis de instrumentos, as mais diversas aplicações. O valor comercial é da ordem de cinquenta mil dólares americanos por grama.

Golovko ficou surpreso consigo mesmo pela divagação.

— Voltemos atrás, por favor. Disse que nossos fraternais camaradas socialistas da República Democrática Alemã trabalhavam para fabricar não apenas bombas atômicas, mas também bombas de hidrogênio?

— E bem provável.

— E um elemento desse plano ficou inexplicado?

— Correto... isto é, possivelmente correto.

— E provável?

Era como arrancar uma confissão de uma criança, pensou o primeiro vice-presidente do KGB.

— *Da.* No lugar deles, com as diretivas recebidas de Erich Honecker, é sem dúvida algo que eu teria feito. Além disso, era muito simples, em termos técnicos. Afinal, nós lhes demos a tecnologia de reator.

— Afinal, em que estávamos pensando? — murmurou Golovko, para si mesmo.

— E cometemos o mesmo erro com os chineses, não é?

— Será que ninguém...

O cientista não o deixou continuar.

— Claro que houve avisos. Do meu instituto e de Kyshtym. Ninguém deu atenção. Acharam que era politicamente conveniente pôr essa tecnologia à disposição de nossos aliados.

A última palavra foi pronunciada sem qualquer alteração na voz.

— E acha que devemos fazer alguma coisa?

— Creio que podemos conversar com os nossos colegas no Ministério do Exterior, mas me parece necessário tomar uma providência substantiva. Foi por isso que vim procurá-lo.

— Portanto, em sua opinião, os alemães... isto é, os novos alemães... podem ter um estoque de material fissionável e esse trítio, com o qual poderiam fazer seu arsenal nuclear?

— E uma possibilidade real. Como sabe, há uma quantidade considerável de cientistas nucleares alemães que neste momento trabalham na América do Sul. O melhor de todos os mundos possíveis para eles. Realizam o que pode muito bem ser pesquisa relacionada com armas a doze mil quilômetros de sua terra, aprendendo o que precisam aprender num local distante, na folha de pagamento de outros. Se é de fato o que acontece, seria apenas um empreendimento comercial? Suponho que essa possibilidade existe, mas me parece mais provável que seu governo tenha algum conhecimento do assunto. Como o governo não tomou nenhuma iniciativa para impedi-los, pode-se presumir que ele aprova essa



atividade. A razão mais provável para tal aprovação é a possível aplicação do conhecimento adquirido nos interesses nacionais alemães.

Golovko franziu o cenho. O visitante acabara de converter três possibilidades numa ameaça. Estava pensando como um oficial de informações, e dos mais paranóicos, ainda por cima. Mas esses eram com freqüência os melhores.

— O que mais você tem?

— Trinta nomes possíveis. — O cientista estendeu uma pasta de arquivo. — Conversamos com o nosso pessoal... os que ajudaram a instalar a usina em Greifswald. Com base em suas recordações, estas são as pessoas com mais probabilidade de integrarem o projeto, se é que existe. Meia dúzia deles são lembrados como brilhantes, em condições de trabalharem conosco em Sarova.

— Algum deles fez indagações ostensivas sobre...

— Não, e não seria necessário. Física é física. Fissão é fissão. As leis da ciência não respeitam as normas do sigilo oficial. Não se pode esconder a natureza, e é justamente com isso que lidamos aqui. Se essas pessoas podem operar um reator, então as melhores podem projetar armas nucleares, dispondo dos materiais necessários... e nosso projeto de reator lhes proporcionou a capacidade de produzir os materiais apropriados. Creio que é algo que precisa ser investigado... para descobrir o que eles fizeram, o que têm. E esse o meu conselho.

— Tenho algumas pessoas muito eficientes na Diretoria T — disse Golovko — Depois de digerirmos essas informações, algumas irão conversar com você.

Sarova ficava a apenas poucas horas de distância, de trem.

— Está certo. Já tive reuniões com alguns de seus analistas de tecnologia. Uns poucos são de fato muito bons. Espero que ainda tenham bons contatos na Alemanha.

Golovko não respondeu. Ainda tinha muitos contatos na Alemanha, mas quantos deles haviam se tornado duplos? Efetuara recentemente uma avaliação de confiabilidade de antigos agentes infiltrados na Stasi, e concluíra que nenhum merecia confiança — ou melhor, que aqueles em que se podia confiar não mais ocupavam

posições de qualquer utilidade, e mesmo esses... Ele decidiu de imediato que aquela operação seria exclusivamente russa.

— Se eles dispuserem dos materiais, de quanto tempo precisariam para fabricar armas?

— Tendo em vista seu nível de competência técnica, e o fato de que têm acesso aos sistemas americanos, através da Otan, não há razão para que já não tenham armas de fabricação própria em seu arsenal. E não seriam armas toscas, diga-se de passagem. Na posição deles, contando com materiais nucleares especiais, eu poderia facilmente produzir armas de dois estágios, poucos meses depois da reunificação. As armas mais sofisticadas, de três estágios... talvez em mais um ano.

— Onde faria isso?

— Na Alemanha Oriental, é claro. A segurança é melhor. Onde exatamente? — O homem pensou por um momento. — Procure por um lugar com máquinas de extrema precisão, do tipo associado a instrumentos óticos. O telescópio de raios X que acabamos de lançar em órbita foi uma decorrência direta da pesquisa da bomba-H. O controle de raios X é muito importante na arma de múltiplos estágios. Aprendemos muito sobre a tecnologia americana da bomba através de estudos publicados sobre os raios X para as observações astrofísicas. Como eu disse, é física. Não se pode esconder, depois de descobrir; e uma vez descoberto, fica à disposição de todos os que possuem a inteligência e o desejo de aproveitar os conhecimentos.

— Isso é maravilhosamente tranquilizador — comentou Golovko, irritado. Mas com quem poderia estar irritado... com aquele homem por falar a verdade, ou com a Natureza por se deixar descobrir com tanta facilidade? — Desculpe, professor. Muito obrigado por dispor de seu tempo para nos chamar a atenção para esse problema.

— Meu pai é um professor de matemática. Passou toda a sua vida em Kiev. E se lembra dos alemães.

Golovko acompanhou o homem até a porta, depois voltou e ficou olhando pela janela.

*Por que permitimos que se ramificassem? Eles ainda querem terra? Lebensraum? Ainda querem ser a potência europeia dominante? Ou você está sendo paranóico, Sergei?* Ele era pago para ser paranóico. Golovko sentou e pegou o telefone.

— É uma coisa pequena, e se é necessária, não precisa dizer mais nada — declarou Keitel, em resposta à pergunta.

— E os homens?

— Tenho o que preciso, e são todos de confiança. Já trabalharam no exterior, principalmente na África. São experientes. Três coronéis, seis tenentes-coronéis, dois majores... todos reformados, como eu.

— A confiabilidade é da maior importância — lembrou Bock.

— Sei disso, Günther. Cada um desses homens poderia se tornar um general. Cada um tem credenciais impecáveis do Partido. Por que acha que foram reformados? Nossa Nova Alemanha não pode confiar neles.

— Agentes provocadores?

— Sou o oficial de informações aqui. Não lhe digo qual é o seu trabalho. Não me diga o meu. Por favor, meu amigo, ou confia em mim ou não confia. Essa decisão é sua.

— Tem razão, Erwin. Desculpe. É que essa missão é de suprema importância.

— Sei disso, Günther.

— Em quanto tempo pode agir?

— Cinco dias... prefiro levar mais tempo, mas estou preparado para agir mais depressa. O problema é dispor do corpo de maneira adequada.

Bock acenou com a cabeça. Era algo com que nunca tivera de se preocupar. A Facção do Exército Vermelho raramente se preocupava com isso... exceto no caso da Verde traidora que abortara uma operação. Mas isso fora mais por acaso do que por desígnio. Ela fora enterrada numa floresta nacional... por ironia, na verdade, não porque ele pensasse nisso, devolvendo-a à ecologia que tanto amava. A idéia fora de Petra.

— Como vou lhe entregar o videotape?

— Alguém virá encontrá-lo aqui. Não eu, outra pessoa. Permaneça no mesmo hotel, por duas semanas, a contar de hoje. Será procurado. Esconda a fita num livro.

— Está bem. — Keitel pensou que Bock estava exagerando. As manobras furtivas constituíam um jogo que os amadores apreciavam mais do que os profissionais, para os quais era apenas um trabalho. Por que simplesmente não pôr a gravação dentro de uma caixa de cassete de filme? — Precisarei em breve de mais recursos.

Bock entregou um envelope.

— Aqui tem cem mil marcos.

— Isso dá. Daqui a duas semanas.

Keitel deixou Bock para pagar a conta, e foi embora. Günther pediu outra cerveja, contemplando o mar, de azul-cobalto, sob o céu claro. Navios passavam no horizonte... um era de guerra, de que país ele não podia determinar àquela distância, os outros eram mercantes, seguindo de um porto desconhecido para outro.

Num dia assim, com um sol quente e uma brisa fresca soprando do mar...Ali perto havia uma praia de areia branca, onde crianças e namorados podiam aproveitar a água. Ele pensou em Petra, Erika e Ursel. Ninguém que passasse por ali poderia adivinhar pela expressão do seu rosto. As feridas abertas pela perda haviam ficado para trás. Já chorara e sentira raiva suficiente para exorcizá-las, mas no íntimo persistiam as emoções mais fortes da fúria fria e vingança. Era um dia maravilhoso, e ele não tinha ninguém com quem partilhá-lo. E todos os lindos dias que viessem depois sempre o encontrariam sozinho. Nunca haveria outra Petra para ele. Podia encontrar uma garota aqui para usar, como uma espécie de exercício biológico, mas isso não mudaria as coisas. Permaneceria sozinho pelo resto de sua vida. Não era um pensamento agradável. Sem amor, sem filhas, sem futuro pessoal. Ao seu redor, o terraço do bar estava cheio pela metade, quase todos eram europeus, em férias com suas famílias, rindo e gargalhando, enquanto tomavam cerveja, vinho ou coquetéis locais, pensando nas diversões que a noite poderia oferecer, os jantares íntimos, os lençóis frescos de algodão depois, o riso e a afeição — todas as coisas que o mundo negara a Günther Bock.

Ele odiou a todos, sentado ali sozinho, os olhos esquadrihando a cena, como poderia ter feito num zoológico, observando os animais. Bock detestava-os pelos risos e gargalhadas... e por seus futuros. Não era justo. Ele tivera um propósito na vida, um objetivo por que se empenhar. Eles tinham empregos. Durante cinqüenta ou mais semanas por ano saíam de casa e seguiam para o local de trabalho, faziam qualquer coisa sem importância, voltavam para casa, e como bons europeus guardavam dinheiro para a aventura anual no Egeu, em Maiorca, na América, ou qualquer outro lugar em que houvesse sol, ar puro e uma praia. Por mais inúteis que fossem suas vidas, possuíam a felicidade que a vida negara ao homem solitário sentado à sombra de um guarda-sol branco, tornando a olhar para o mar e tomando um gole de cerveja. Não era justo, não era absolutamente justo. Ele devotara sua vida ao bem-estar daquela gente... e tinham a vida que ele esperara lhes proporcionar, enquanto ele próprio tinha menos do que nada.

Exceto por sua missão.

Bock decidiu que não mentiria para si mesmo naquela questão, assim como não mentia aos outros. Ele os odiava. Odiava a todos. Se ele não tinha um futuro, por que eles deveriam ter? Se a felicidade era uma estranha para ele, por que deveria ser a companheira deles? Odiava-os porque haviam rejeitado a ele e a Petra, a Qati e a todos os outros que lutavam contra a injustiça e a opressão. Ao fazerem isso, optaram pelo mal em detrimento do bem... e por isso estavam condenados. Ele era mais do que eles, Bock sabia, era melhor do que eles jamais poderiam ter a esperança de se tornarem. Podia desprezar a todos e a suas vidas mesquinhas e inúteis, e qualquer coisa que fizesse com eles por eles, Günther ainda tentava acreditar — era uma decisão que lhe cabia exclusivamente. Se alguns saíssem feridos, seria uma pena. Mas não eram realmente pessoas. Não passavam de sombras vazias do que poderiam ser pessoas se levassem vidas com algum propósito. Não haviam rejeitado a ele, mas sim a si próprios, procurando a felicidade derivada... da vida que levavam. O caminho indolente. Como gado. Bock imaginou-os, as cabeças abaixadas em cochos, emitindo grunhidos de satisfação no estábulo, enquanto ele os

examinava. Se alguns tinham de morrer — e alguns teriam de morrer —, por que isso deveria perturbá-lo? De jeito nenhum, concluiu Günther.

— *Senhor* presidente...

— O que é, Elizabeth? — perguntou Fowler, rindo.

— Quando foi a última vez que alguém lhe disse que é um amante maravilhoso?

— Posso garantir que nunca ouvi isso nas reuniões do gabinete. Fowler falava para o topo da cabeça de Elliot, aninhada em seu peito. O braço esquerdo de Liz envolvia-o, a mão esquerda acarinhava seus cabelos louros. A verdade é que ele era mesmo bom naquilo, pensou o presidente. Tinha paciência, o que considerava o talento mais importante para o negócio. Apesar da liberação e dos direitos iguais, ainda era uma função do homem fazer com que a mulher se sentisse acalentada e respeitada.

— Nem na sala de imprensa — acrescentou ele.

— Pois está ouvindo agora de sua assessora de segurança nacional.

— Obrigado, doutora Elliot.

Os dois riram. Elizabeth estendeu a cabeça para beijá-lo, roçando os seios por seu peito no processo.

— Não imagina o que você significa para mim, Bob.

— Acho que posso imaginar. Elliot sacudiu a cabeça.

— Todos aqueles anos áridos na vida acadêmica... Nunca tinha tempo, estava sempre ocupada demais. Completamente absorvida em ser uma professora. Tanto tempo desperdiçado...

Um suspiro.

— Espero que eu tenha sido alguém por quem valeu a pena esperar.

— Você foi, e continua a ser.

Ela se virou, ajeitando a cabeça no ombro do Fowler, puxando a mão dele por seu peito, até encontrar um lugar conveniente. A outra mão de Fowler encontrou um ponto similar, e as mãos de Elliot mantiveram as duas onde estavam.

*O que digo em seguida?*, Liz se perguntou. Falara a verdade. Bob Fowler era um amante gentil, paciente e talentoso. Era também verdade que ao ouvir algo assim, qualquer homem, até mesmo um presidente, ficava sob controle. *Nada, por enquanto*, ela decidiu. Havia tempo para desfrutá-lo mais um pouco, e tempo para analisar seus próprios sentimentos, os olhos abertos e fixos num retângulo escuro na parede, que era um belo quadro a óleo, cujo autor ela nunca se dera ao trabalho de verificar, uma paisagem do Oeste americano, as planícies terminando nos contrafortes das Montanhas Rochosas. As mãos de Fowler se mexeram, com extrema gentileza, não chegando a excitá-la de novo, mas proporcionando sutis ondas de prazer, que ela aceitou passivamente, de vez em quando ajustando a posição da cabeça para indicar que continuava acordada.

Começava a amar aquele homem. Não era estranho? Ela fez uma pausa, especulando se era ou não era. Havia muito o que gostar e admirar nele. Havia também muito para confundir. Ele era uma mistura irreconciliável de frieza e calor, e seu senso de humor desafiava a compreensão. Gostava profundamente de muitas coisas, mas sua profundidade de sentimento parecia sempre motivada por uma compreensão lógica das questões e princípios, em vez da paixão genuína. Ele se mostrava muitas vezes surpreso — sinceramente — por outros não partilharem seus sentimentos sobre algumas questões, da mesma maneira que os professores de matemática nunca se enfureciam, mas ficavam tristes e perplexos porque outros não eram capazes de perceber a beleza e simetria de seus cálculos. Fowler também era capaz de uma crueldade extraordinária, de ser absolutamente implacável, agindo sem qualquer vestígio de rancor. As pessoas se interpunham em seu caminho; se pudesse destruí-las, ele não hesitava. Era como a dialogação em *O poderoso chefão*. Nunca era pessoal, apenas negócio. Talvez ele tivesse aprendido com os *mafiosi* que mandara para a prisão, especulou Liz. O mesmo homem podia tratar seus partidários sinceros com uma frieza indiferente e recompensar a eficiência e lealdade com... como ela podia descrever? A gratidão de um contador.

E, no entanto, ele era também um homem maravilhosamente terno na cama. Liz franziu a testa, virada para a parede. Não havia como compreendê-lo, não é mesmo?

— Leu aquele relatório sobre o Japão? — perguntou o presidente, voltando a tratar de negócios, no momento em que Elliot se encontrava à beira de uma conclusão.

— Li, sim. E fico contente que você tenha levantado o assunto. Algo desconcertante me surgiu no escritório outro dia.

— Sobre o quê?

Fowler demonstrou seu interesse ao mexer as mãos de uma maneira um pouco mais deliberada, como se quisesse persuadi-la a fornecer a informação que ela vinha ansiando em revelar há algum tempo.

— Ryan.

— Ele de novo? O que foi agora?

— As informações que recebemos sobre operações financeiras impróprias eram procedentes, mas parece que ele escapou graças a um detalhe técnico. Seria o suficiente para mantê-lo fora desta administração, mas como ele nos foi deixado como herança...

— Há detalhes técnicos e detalhes técnicos. O que mais você tem?

— Improriedade sexual, e possível uso de pessoal da Agência para acertar contas pessoais.

— Improriedade sexual... vergonhoso... Elliot riu. Ele gostou disso.

— Pode haver uma criança envolvida.

Fowler não gostou disso. Era um homem empenhado a sério pelos direitos das crianças. Suas mãos ficaram imóveis.

— O que sabemos?

— Não o suficiente... mas deve ser investigado — murmurou Liz, dando um jeito para que as mãos de Fowler voltassem a se movimentar.

— Muito bem, mande o FBI realizar uma investigação discreta — determinou o presidente, encerrando a questão.

— Não vai funcionar.

— Por quê?



— Ryan tem um relacionamento muito estreito com o FBI. Eles podem hesitar, tentar atenuar o problema.

— Bill Shaw não é desse tipo. E o melhor policial que já conheci... nem mesmo eu posso obrigá-lo a fazer coisas, e é assim que deve ser.

A lógica e o princípio de novo. O homem era impossível de prever.

— Shaw trabalhou pessoalmente no Caso Ryan... isto é, aquele atentado dos terroristas. Um envolvimento pessoal anterior do chefe da agência encarregada da investigação...

— Tem razão.

Não ficaria bem, pensou Fowler. Conflito de interesses e tudo o mais.

— E o braço-direito de Shaw é o tal de Murray. Ele e Ryan são muito amigos. Um grunhido.

— O que faremos então?

— Alguém do gabinete do procurador-geral seria o melhor, na minha opinião.

— Por que não o Serviço Secreto? — indagou Fowler, conhecendo a resposta, mas especulando se ela sabia.

— Ficaria parecendo uma caça às bruxas.

— Bom argumento. Muito bem, o gabinete do procurador-geral. Fale com Greg amanhã.

— Certo, Bob. — Estava na hora de mudar de assunto. Ela puxou uma das mãos de Fowler e beijou-a. — Sabe, em ocasiões como esta sinto muita falta de um cigarro...

— Fumar depois do sexo? — perguntou ele, com um abraço mais firme.

— Quando você faz amor comigo, Bob, é como se eu pegasse fogo... Ela virou o rosto para fitá-lo nos olhos.

— Que tal se eu reacendesse esse fogo?

— Dizem que o presidente dos Estados Unidos é o homem mais poderoso do mundo.

— Faça o melhor que posso, Elizabeth.

Meia hora depois, Elliot concluiu que era verdade. Estava começando a amá-lo. E depois se perguntou o que ele sentia por

ela...

**ALIMENTANDO O FOGO**

— *Guten Abend, Frau Fromm* — disse o homem.

— E quem é você?

— Peter Wiegler, do *Berliner Tageblatt*. Gostaria de lhe falar por um momento.

— Sobre o quê?

— *A ber...*

Ele gesticulou para a chuva sob a qual estava parado. Ela se lembrou de que era civilizada, no final das contas, até mesmo com um jornalista.

— Claro, claro... Entre, por favor.

— Obrigado.

O homem saiu da chuva e tirou a capa, que ela pendurou num gancho. Era um capitão da primeira diretoria (exterior) do KGB, um jovem e promissor oficial de trinta anos, talentoso para línguas, com um diploma de psicologia e outro de engenharia. Já definira quem era Traudl Fromm. O Audi novo estacionado lá fora era confortável, mas não luxuoso, suas roupas — também novas — muito elegantes, mas não exageradas. Era uma mulher orgulhosa e relativamente gananciosa, mas também parcimoniosa. Curiosa, mas cautelosa. Escondia alguma coisa, mas também era bastante esperta para saber que repeli-lo só serviria para gerar mais suspeita do que qualquer explicação que pudesse dar. Ele sentou numa poltrona e esperou pelo próximo movimento. Ela não ofereceu café. Esperava que a entrevista fosse breve. O capitão se perguntou se aquela terceira pessoa em sua lista de dez nomes poderia ter algo para comunicar ao Centro em Moscou.

— Seu marido está associado à usina de energia nuclear de Greifswald-Nord?

— Estava. Como sabe, resolveram fechar a usina.

— E verdade. Eu gostaria de saber o que você e ele pensam a respeito. O doutor Fromm está em casa?

— Não, não está — respondeu ela, contrafeita. "Wiegler" não teve qualquer reação visível.

— Posso saber onde ele está?

— Viajou a negócios.

— Eu não poderia voltar dentro de alguns dias para conversar com ele?

— Talvez. Pode ligar antes?

Foi a maneira como ela falou que o oficial do KGB notou. Escondia alguma coisa, e o capitão sabia que tinha de ser algo... Houve outra batida na porta. Traudl Fromm foi atender.

— *Guten Abend, Frau Fromm* — disse uma voz. — Trazemos um recado de Manfred.

O capitão ouviu a voz, e algo dentro de sua cabeça entrou em alerta. Disse a si mesmo para não reagir. Aquilo era a Alemanha, e tudo estava *in Ordnung*. Além do mais, podia descobrir alguma coisa...

— Tenho um visitante no momento — respondeu Traudl.

As palavras seguintes foram pronunciadas num sussurro. O capitão ouviu passos se aproximando, e esperou um pouco, antes de se virar para olhar. Foi um erro fatal.

O rosto que ele viu ali poderia muito bem ter saído de um dos incontáveis filmes sobre a Segunda Guerra Mundial que estava acostumado a ver desde criança, apenas faltava o uniforme com remates pretos e prateados de um oficial da SS. Era um rosto firme, de meia-idade, com olhos azuis-claros totalmente destituídos de emoção. Um rosto profissional, que o avaliou tão depressa quanto ele... Era hora de...

— Olá. Eu já ia embora.

— Quem é ele?

Traudl não teve tempo de responder.

— Sou um repórter do... — Era tarde demais. Uma pistola surgiu do nada. — *Was gibt's hier?*

— Onde está seu carro? — perguntou o homem por trás da arma.

— Estacionei mais abaixo. Eu...  
— Com tanta vaga aqui na frente? Os repórteres são preguiçosos. Quem é você?  
— Sou um repórter do...  
— Acho que não.  
— Esse também — disse o homem que se encontrava por trás.  
O capitão conhecia aquele rosto de algum lugar... Disse a si mesmo para não entrar em pânico. O que também foi um erro.  
— Escutem com atenção. Vocês vão fazer uma pequena viagem. Se cooperarem, nós os traremos de volta para cá dentro de três horas. Se não cooperarem, as coisas podem sair mal para os dois. *Verstehen Sie?*

Só podiam ser agentes secretos, pensou o capitão, um palpite correto. E só podiam ser alemães, o que significava que jogariam de acordo com as regras, ele disse a si mesmo, cometendo o último erro do que fora uma carreira promissora.

O mensageiro chegou de Chipre no horário previsto, entregando seu pacote a outro homem, num dos cinco pontos de transferência predeterminados, todos sob vigilância há doze horas. O segundo homem andou por dois quarteirões, pegou sua motocicleta Yamaha e partiu para o campo, guiando tão depressa quanto possível, numa região em que todos os motociclistas eram comprovadamente loucos. Duas horas depois, ele entregou o pacote, certo de que não fora seguido, e continuou em frente por mais trinta minutos, antes de dar a volta, retornando ao ponto de origem.

Günther Bock pegou o pacote e ficou irritado ao constatar que parecia um cassete de filme — *Carruagens de fogo* — em vez do livro oco que solicitara. Talvez Erwin estivesse enviando uma mensagem junto. Ele inseriu a fita no videocassete e ligou a televisão, assistindo aos primeiros minutos do filme, com legendas em francês. Não demorou muito para compreender que a mensagem de Keitel era um trabalho de profissional. Avançou cerca de noventa minutos do filme, antes que a imagem mudasse.

O quê?

— Quem é você? — perguntou uma voz, asperamente, fora da câmara.

— Sou Peter Wiegler, repórter do...

O resto foi um grito. O equipamento usado era tosco, apenas um fio arrancado de um abajur ou de um eletrodoméstico, o isolamento retirado na extremidade, deixando à mostra uns poucos centímetros de cobre. Poucos compreendiam como os instrumentos toscos podiam ser eficazes, especialmente se o usuário tivesse algum grau de sofisticação. O homem que se dizia chamar Peter Wiegler gritou como se a garganta fosse se romper do esforço. Já mordera todo o lábio inferior, nos esforços para se manter em silêncio. A única vantagem de usar a eletricidade era o fato de não ser sangrenta, apenas barulhenta.

— Deve compreender que está sendo tolo. Sua coragem é impressionante, mas desperdiçada aqui. A coragem só tem sentido quando há esperança de salvação. Já revistamos seu carro. Temos seus passaportes. Sabemos que não é alemão. O que você é então? Polonês? Russo? O quê?

O jovem abriu os olhos, respirou fundo antes de falar.

— Sou um repórter investigativo do *Berliner Tageblatt*. Atingiram-no com outra descarga elétrica, e desta vez ele desmaiou.

Bock viu as costas de um homem se aproximando da vítima, para conferir os olhos e a pulsação. O torturador parecia usar um traje protetor de guerra química, mas sem capuz e luvas. Devia fazer muito calor lá dentro, pensou Bock.

— E evidente que se trata de um oficial de informações treinado. Provavelmente russo. Não é circuncidado, as obturações são de aço inoxidável, não muito bem-feitas. O que significa, é claro, um dentista do Bloco Oriental. Uma pena, porque o rapaz é muito corajoso.

A voz era admiravelmente clínica, refletiu Bock.

— Que drogas nós temos? — perguntou outra voz.

— Um bom tranqüilizante. Agora?

— Agora. Não exagere.

— Certo.

O homem saiu da frente da câmara, depois voltou com uma seringa. Segurou o braço da vítima, injetou a droga numa veia na parte interna do cotovelo. Levou três minutos para que o homem do KGB recuperasse os sentidos, o suficiente para que a droga investisse contra as funções cerebrais.

— Lamento sermos obrigados a fazer isso com você — disse a voz, desta vez em russo. — Passou no teste.

— Que teste... — A resposta foi em russo, apenas duas palavras antes que o cérebro se controlasse e o fizesse parar. — Por que está me falando em russo?

— Porque era isso o que desejávamos saber. Boa noite. Os olhos da vítima se arregalaram quando uma pistola de pequeno calibre apareceu, foi encostada em seu peito, e disparada. A câmara recuou um pouco, para mostrar mais da sala. Um lençol de plástico — na verdade, três — cobria o chão, a fim de aparar o sangue e outras coisas sob a cadeira de metal. O ferimento de bala ficou manchado de marcas pretas de pólvora, saliente, da inserção dos gases da arma por baixo da pele. Não houve muita hemorragia. Os ferimentos no coração nunca produziam muito sangue. Em poucos segundos, o corpo parou de tremer.

— Poderíamos levar mais tempo para extrair informações adicionais, mas já temos o que precisamos, como explicarei mais adiante.

Era a voz de Keitel, fora do raio da câmara.

— Agora, Traudl...

Trouxeram-na para a frente da câmara, as mãos amarradas diante do corpo, a boca fechada com fita adesiva, os olhos arregalados em terror, inteiramente nua. Ela tentava dizer alguma coisa através da mordaca, mas ninguém ali estava interessado. A gravação tinha um dia e meio, Günther podia determinar pelo outro aparelho de tevê ligado no canto da sala, sintonizado num noticiário. Toda a *performance* era um *tour de force* profissional, destinado a atender às suas exigências.

Bock quase que pôde ouvir o homem pensando: *Como faremos isso?* Por um instante, Günther quase se arrependeu das instruções que dera a Keitel. Mas a prova tinha de ser incontestável. Os

mágicos e outros peritos no ilusionismo eram consultores freqüentes das agências de informações... mas algumas coisas não podiam ser simuladas, e ele tinha certeza de que podia confiar em Keitel para fazer as coisas terríveis e perigosas. Era uma necessidade objetiva que a fita fosse bastante clara.

Outro homem passou uma corda por uma viga no teto, levantou as mãos de Traudl, depois encostou a pistola em sua axila, e disparou um único tiro. Pelo menos ele não era um sádico, pensou Bock. Pessoas assim não eram confiáveis. De qualquer forma, era muito triste assistir. A bala perfurou o coração, mas ela estava excitada demais para morrer depressa, lutando por mais de meio minuto, os olhos ainda arregalados, esforçando-se para respirar, tentando falar, provavelmente suplicando por ajuda, perguntando por quê... E depois a mulher ficou inerte, um homem verificou a pulsação no pescoço, depois baixou-a lentamente para o chão. Haviam sido tão gentis quanto era possível nas circunstâncias. O atirador falou sem olhar para a câmera:

— Espero que esteja satisfeito. Não gostei disso.

— Nem deveria gostar — declarou Bock para a tela. O russo foi retirado da cadeira e estendido ao lado de Traudl Fromm. Enquanto os corpos eram esquartejados, Keitel falava, uma distração útil, pois a cena se tornava cada vez mais macabra. Bock não era melindroso em muitas coisas, mas perturbava sua psique quando corpos humanos eram abusados depois da morte. Necessário ou não, parecia-lhe gratuito.

— O russo é com certeza um oficial de informações, como constatou. Seu automóvel era de uma locadora de Berlim, e será levado amanhã até Madgeburg, onde será devolvido. Estava estacionado a alguma distância da casa, um procedimento normal para um profissional, é claro, mas denunciador em caso de captura. Encontramos no carro uma lista de nomes, todos da indústria de energia nuclear da RDA. Parece que nossos camaradas russos se tornaram subitamente interessados pelo projeto da bomba de Honecker. Uma pena que não contássemos com mais uns poucos anos para concluir o projeto, não é mesmo? Lamento as complicações envolvidas, mas levamos vários dias para acertar as



providências de dar um sumiço no corpo, e não sabíamos que Frau Fromm tinha uma "visita" quando batemos em sua porta. A esta altura, já era tarde demais. Além do mais, a chuva proporcionava as condições ideais para o seqüestro.

Dois homens trabalhavam em cada corpo. Todos usavam os trajes protetores, agora com os capuzes e luvas, sem dúvida para protegê-los do cheiro e também resguardar suas identidades. Como num matadouro, espalhavam serragem para absorver a grande quantidade de sangue derramado. Bock sabia por experiência como aqueles assassinatos podiam criar sujeira. Eles trabalhavam depressa, usando ferramentas industriais de corte, enquanto Keitel continuava a falar. Braços e pernas foram separados dos troncos, depois as cabeças, suspensas para a câmera. Ninguém podia simular aquilo. Keitel assassinara de fato dois seres humanos. O esquitejamento na frente de uma câmera de televisão fazia com que se tornasse absolutamente certo, além de facilitar o sumiço dos corpos. As partes foram empilhadas com todo o cuidado, para serem embrulhadas com plástico. Um dos homens começou a varrer a serragem encharcada de sangue numa pilha, para ser metida em outro saco plástico.

— As partes dos corpos serão queimadas em dois lugares, bem distantes um do outro. Isso será feito muito antes de você receber a gravação. Assim termina a nossa mensagem. Aguardamos novas instruções.

E a fita voltou à dramatização dos Jogos Olímpicos de 1920... ou seria 1924?, especulou Bock. Não que isso tivesse qualquer importância.

— Pois não, coronel?

— Um dos meus oficiais deixou de se comunicar.

O coronel era da Diretoria T, o ramo técnico da Primeira Diretoria. Tinha doutorado em engenharia, e sua especialização pessoal eram os sistemas de mísseis. Operara nos Estados Unidos e França, obtendo segredos de diversas armas, antes de ser promovido a seu cargo atual.

— Detalhes?

— Capitão Yevgeni Stepanovich Feodorov, trinta anos, casado, um jovem e excelente oficial, na lista de promoções para major. Foi um dos três homens enviados à Alemanha, de acordo com suas determinações, para verificar as instalações nucleares. Era um dos meus melhores homens.

— Há quanto tempo? — perguntou Golovko.

— Seis dias. Ele voou para Berlim, via Paris, na semana passada. Tinha documentos alemães, dos melhores lá de baixo, e uma lista de dez nomes para investigar. Suas instruções eram para manter absoluta discrição, a menos que descobrisse algo importante. Neste caso, deveria fazer contato com a estação de Berlim... ou o que sobrou dela. Acertamos um contato periódico, é claro. Ele não se comunicou na data marcada, e dei o alerta depois de vinte e quatro horas.

— É possível que ele tenha sido apenas negligente?

— Não esse rapaz — respondeu o coronel, incisivo. — O nome não significa nada para você?

— Feodorov... o pai não era...?

— Isso mesmo, Stepan Yurievich. Yevgeni é seu filho caçula.

— Santo Deus! Foi Stepan quem me treinou. Alguma possibilidade de...?

— Deserção? — O coronel sacudiu a cabeça, furioso. — Absolutamente nenhuma. A esposa integra o coro da ópera. Eles se conheceram na universidade, e casaram muito jovens, apesar das objeções dos pais de ambas as partes. É uma união de amor, como todos gostaríamos de ter. Ela é uma moça de beleza extraordinária, a voz parece de um anjo. Só um *zhopnik* deixaria uma mulher assim. E há a criança. Por todas as informações, ele é um bom pai.

Golovko percebeu para onde aquilo levava.

— Acha então que ele foi preso?

— Não tive nenhuma indicação a respeito. Talvez possa dar um jeito de verificar. Temo o pior.

O coronel franziu o cenho, baixando os olhos para o tapete. Não queria ser o incumbido de dar a notícia a Natalia Feodorova.

— É difícil de acreditar — murmurou Golovko.

— Sergei Nikolayevich, se suas suspeitas estão corretas, então esse programa que nos empenhamos em investigar é uma questão da maior importância para eles, não é mesmo? Talvez tenhamos confirmado algo, da maneira mais dispendiosa possível.

O general Sergei Nikolayevich Golovko manteve-se em silêncio por vários segundos. *Não deveria acontecer assim*, ele disse a si mesmo. *As operações de informações devem ser conduzidas de forma civilizada. Matar os agentes uns dos outros e uma coisa que pertence ao passado distante. Não fazemos mais esse tipo de coisa, há anos que não fazemos... décadas...*

— Nenhuma das alternativas merece credibilidade, não é? O coronel sacudiu a cabeça.

— Não. A possibilidade mais viável é a de que nosso homem tenha tropeçado em algo real e extremamente sensível. E não acha que um programa secreto de armas nucleares é sensível a esse ponto?

— Contestável, mas é, sim.

O coronel demonstrava o tipo de lealdade a seu pessoal que o KGB esperava, notou Golovko. Também pensava em alternativas, e apresentava sua melhor estimativa da situação.

— Já mandou o seu pessoal técnico a Sarova?

— Depois de amanhã. Meu melhor homem estava doente, acaba de sair do hospital... fraturou a perna numa queda de escada.

— Mande carregá-lo até lá, se for necessário. Quero a estimativa mais sofrível de produção de plutônio nas usinas da RDA. Mande outro homem a Kyshtym para conferir as informações de Sarova. Providencie outras pessoas para enviar à Alemanha. Recomeçaremos a investigação com mais cuidado. Dois homens juntos, e o homem de apoio deve estar armado... isso é perigoso.

— General, é preciso muito tempo e dinheiro para treinar meu pessoal de campo. Levarei dois anos para substituir Feodorov, dois anos completos. Não se pode simplesmente tirar um oficial de outro ramo e usá-lo neste tipo de trabalho. As pessoas devem compreender o que estão procurando. Não podemos deixar de resguardar um patrimônio assim.

— Tem razão. Falarei com o nosso presidente, e providenciarei o envio de oficiais experientes... talvez algumas pessoas da Academia... que tal credenciá-los como agentes da polícia alemã?

— Gosto disso, Sergei Nikolayevich.

— Obrigado, Pavel Ivanovich. E sobre Feodorov?

— Talvez ele apareça? Trinta dias até ser declarado desaparecido, e depois falarei com sua esposa. Muito bem, vou reunir meu pessoal, e começar a planejar a próxima fase da operação. Quando terei uma lista dos oficiais de escolta?

— Amanhã de manhã.

— Certo, general. Obrigado por seu tempo.

Golovko apertou a mão do homem, e permaneceu de pé até a porta ser fechada. Tinha dez minutos antes da próxima reunião.

— Merda! — murmurou ele.

— Mais atrasos?

Fromm não foi capaz de esconder sua irritação.

— Estamos ganhando tempo! O material com que vamos trabalhar possui características similares ao aço inoxidável. Precisamos também fabricar fôrmas para o processo de moldagem. Veja aqui.

Fromm desdobrou as plantas de trabalho.

— Temos aqui um cilindro dobrado de plutônio. Em torno do plutônio, há um cilindro de berílio, que é uma verdadeira dádiva para nossos propósitos. É muito leve, muito rígido, uma janela de raios X, e um refletor de nêutrons. Infelizmente, é também um tanto difícil de processar. Devemos usar ferramentas de boronitreto cúbico, essencialmente um análogo ao diamante industrial. Ferramentas de aço ou carbono produziram resultados que não seriam do seu agrado. Precisamos pensar ainda nas condições de salubridade.

— O berílio não é tóxico — disse Ghosn. — Já verifiquei.

— Tem razão, mas a poeira resultante do processamento converte-se em óxido de berílio, que ao ser aspirado se converte em hidróxido de berílio, e *isso* causa beriliose, que é sempre fatal.

Fromm fez uma pausa, olhando fixamente para Ghosn como um professor, antes de continuar:

— Em torno do berílio, há um cilindro de tungstênio-rênio, de que precisamos por sua densidade. Compraremos doze quilos sob a forma de pó, que concrecionaremos em segmentos do cilindro. Sabe o que é a concreção? E aquecer o suficiente para que tenha uma forma. Fundir e moldar é muito difícil, e desnecessário para nossos propósitos. Em torno disso, vai a montagem explosiva de lente. E estou falando apenas da primária, Ghosn, nem sequer um quarto de nossa carga total de energia.

— E a precisão indispensável...

— Exatamente. Pense nisso como o maior anel ou colar do mundo. O que vamos produzir aqui deve ter um remate tão esmerado quanto a mais linda jóia que você já viu... ou talvez como um instrumento óptico de precisão.

— O tungstênio-rênio?

— Disponível em qualquer grande empresa que usa material elétrico. É usado em filamentos especiais para tubos de vácuo, tem diversas outras aplicações, e é mais fácil de manipular do que o tungstênio puro.

— Berílio... ah, sim, é usado em giroscópios e outros instrumentos... trinta quilos.

— Vinte e cinco... não, trinta. Você não faz idéia do quanto somos afortunados.

— Como assim?

— O plutônio israelense é estabilizado por gálio. O plutônio tem quatro transformações básicas abaixo do ponto de fundição, e possui o curioso hábito, em determinados regimes de temperatura, de mudar sua densidade por um fator de mais de vinte por cento. É um metal de múltiplos estados.

— Em outras palavras, uma massa subcrítica pode...

— Exatamente. O que parece uma massa subcrítica pode, em determinadas circunstâncias, converter-se em criticalidade. Não vai explodir, mas o fluxo de gamas e nêutrons seria letal, dentro de um raio de... ora, qualquer ponto, de dez a trinta metros, dependendo das circunstâncias. Isso foi descoberto durante o Projeto Manhattan. Eles tiveram... não, não foi uma questão de sorte. Eram cientistas brilhantes, e assim que tiveram um grama de plutônio resolveram

investigar suas propriedades. Se esperassem, ou simplesmente presumissem que sabiam mais do que na realidade... então...

— Eu não tinha idéia — admitiu Ghosn. *Deus misericordioso...*

— Nem tudo está nos livros, meu jovem amigo, ou, melhor dizendo, nem todos os livros contêm todas as informações. Seja com for, com o acréscimo do gálio, o plutônio se torna uma massa estável. E bastante seguro para se trabalhar, desde que sejam adotadas as precauções apropriadas.

— Portanto, começamos pela fabricação das chapas de aço inoxidável de acordo com as especificações, depois fazemos os moldes... moldes de revestimento, é claro.

Fromm acenou com a cabeça.

— Correto. E muito bons, *mein junge*.

— Depois que os moldes estiverem prontos, trabalharemos o material da bomba... Muito bem, temos ótimos operadores.

Haviam "recrutado" — era esse o termo que usavam — dez homens, todos palestinos, de oficinas óticas locais, treinando-os no uso das máquinas.

Todas as máquinas eram como Fromm dissera. Dois anos antes, eram as mais modernas, idênticas aos equipamentos usados na usina americana Y-12, em Oak Ridge, Tennessee. As tolerâncias eram medidas por interferometria de *laser*, e as cabeças de rotação dos instrumentos eram controladas por computador, em três dimensões, através de cinco eixos de movimento. As instruções eram passadas aos computadores através das informações nas telas. O projeto fora processado num minicomputador, e desenhado numa máquina de alto custo.

Ghosn e Fromm chamaram os operadores, e puseram-nos para trabalhar na primeira tarefa, a produção de chapas de aço inoxidável para a primária de plutônio, que atearia o fogo termonuclear.

— Agora — disse Fromm —, para as lentes explosivas...

— Já ouvi falar muito a seu respeito — comentou Bock.

— Espero que coisas boas — respondeu Marvin Russell, com um sorriso cauteloso.

*Meu primeiro índio*, pensou Bock. Ele sentia-se estranhamente desapontado. Exceto pelos maldades, o homem podia muito bem passar por um caucasiano, e mesmo com os maldades parecia um eslavo, talvez com alguma ascendência eslava... A cor que havia, era basicamente do sol. O resto do homem era formidável, pelo tamanho e a força evidente.

— Soube que matou um policial na Grécia torcendo seu pescoço.

— Não sei por que as pessoas dão tanta importância a isso — disse Russell, com uma sinceridade cansada. — Ele não passava de um merdinha magricela, e sei como me defender.

Bock sorriu e balançou a cabeça.

— Compreendo como se sente, mas não há como negar que seu método foi impressionante. Tenho ouvido muitas coisas boas a seu respeito, senhor Russell, e...

— Pode me chamar de Marvin. É como todo mundo me chama. Bock sorriu de novo.

— Como quiser, Marvin. Sou Günther. Destacam em particular sua habilidade com armas.

— Não é grande coisa — disse Russell, genuinamente perplexo. — Qualquer pessoa pode aprender a atirar.

— Gosta daqui?

— Gosto muito. Estas pessoas... têm coragem, entende? Não são de desistir. Empenham-se a fundo no que fazem. Admiro isso. E o que fizeram por mim, Günther, é como se fosse uma família.

— Somos uma família, Marvin. Partilhamos tudo, o bom e o mau. Todos temos os mesmos inimigos.

— Sei disso.

— Podemos precisar de sua ajuda para uma coisa, Marvin. Algo da maior importância.

— Tudo bem.

— O que isso significa?

— Significa "sim", Günther.

— Nem perguntou o que era — ressaltou o alemão.

— Está certo. — Marvin sorriu. — Diga-me o que é.

— Precisamos voltar aos Estados Unidos dentro de poucos meses. Até que ponto isso é perigoso para você?

— Depende. Já cumpri meu tempo... na prisão. Sabe disso. Minhas impressões digitais estão arquivadas na polícia, mas não existe um retrato meu... isto é, o que consta do arquivo é muito antigo. Mudei desde então. Estão à minha procura nas Dakotas, provavelmente. Se me mandar para lá, pode ser um pouco arriscado.

— Não será nem perto de lá, Marvin.

— Então não deve ser um grande problema, dependendo do que quer que eu faça.

— Como se sente diante da perspectiva de matar pessoas... americanos? Bock observou-lhe atentamente o rosto.

— Americanos? — Marvin soltou uma risada desdenhosa. — Ei, cara, eu é que sou americano, certo? Eles roubaram meu país, exatamente como aconteceu com o pessoal aqui, certo? Quer que eu faça alguma coisa para você, muito bem, posso fazer, se me der um motivo. Não mato por diversão, não sou um psicopata. Mas se você tem uma razão, claro que posso fazer o que está querendo.

— Talvez mais de uma...

— Ouvi quando você disse "pessoas", Günther. Não sou tão estúpido para pensar que "pessoas" se refere a um cara apenas. Você quer liquidar alguns tiras, talvez mesmo agentes do FBI. Muito bem, eu o ajudarei a matar todos os que quiser. Mas há uma coisa que você precisa saber.

— O que é?

— O outro lado não é estúpido. Não se esqueça de que pegaram meu irmão. São caras sérios.

— Nós também somos sérios.

— Já percebi isso, cara. O que pode me dizer sobre o trabalho?

— Como assim, Marvin? — perguntou Bock, tão casualmente quanto podia.

— Fui criado lá, cara, lembra? Conheço coisas que talvez você ignore. Certo, você tem o problema de segurança e tudo isso, não vai me contar nada agora. Tudo bem, não tem problema. Mas pode precisar de minha ajuda mais tarde. Os caras aqui são legais,



espertos e todo o resto, mas não sabem porra nenhuma sobre a América... isto é, não sabem o que é preciso para circular e fazer as coisas. Se você vai caçar, precisa conhecer o terreno. Eu conheço o terreno.

— É por isso que queremos sua ajuda — assegurou Bock, como se já tivesse pensado nessa parte desde o início.

A verdade é que não pensara, e agora especulava como aquele homem poderia ser mais útil.

Andrei Il'yich Narmonov considerava-se o comandante da maior nave estatal do mundo. Isso era a boa notícia. A má notícia era o fato de que a nave tinha um vazamento no fundo, o leme quebrado, e motores irregulares. Para não mencionar uma tripulação amotinada. Sua sala no Kremlin era grande, com bastante espaço para andar de um lado para outro, algo que ele se descobrira fazendo com algum excesso ultimamente. Isso, ele pensou, era o sinal de um homem indeciso, e o Presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas não podia se dar a esse luxo, ainda mais quando tinha um visitante importante.

União das Repúblicas *Soberanas* Soviéticas, pensou ele. Embora a mudança do nome oficial ainda não estivesse aprovada, era assim que seu povo começava a pensar. *E é esse o problema.*

A nave estatal estava se desfazendo. Não havia precedentes para isso. A dissolução do Império Britânico era o exemplo que muitos gostavam de usar, mas não era a mesma coisa, não é? Nem o era qualquer outro exemplo. O que antes fora inebriante para ele, era agora mais do que assustador. Era ele quem tinha de tomar as decisões concretas, e não contava com um modelo histórico para seguir. Encontrava-se completamente por sua própria conta, mais sozinho do que qualquer outro homem jamais estivera, com uma tarefa maior do que qualquer outro homem jamais enfrentara. Louvado no Ocidente como um refinado tático político, pensava em si mesmo como uma interminável sucessão de crises. *Não foi Gladstone?*, pensou ele. *Não foi Gladstone quem descreveu seu cargo como sendo o de um homem em cima de uma balsa nas corredeiras, desviando-se dos rochedos com uma vara? Muito*

*apropriado, mas muito apropriado mesmo!* Narmonov e seu país estavam sendo arrastados pelas forças irresistíveis da história, para algum lugar rio abaixo que era uma enorme catarata, uma queda que poderia destruir tudo... mas ele se achava ocupado demais com os rochedos e a vara para se preocupar com o que havia pela frente. Era isso o que significava ser um tático político. Ele devotava toda a sua energia criativa à sobrevivência cotidiana, e perdia de vista a próxima semana... até mesmo depois de amanhã...

— Andrei Il'ych, você está emagrecendo — comentou Oleg Kirilovich Kadishev de sua poltrona de couro.

— Andar faz bem ao meu coração — respondeu o presidente, irônico.

— Neste caso, não gostaria de integrar nossa equipe olímpica? Narmonov parou por um momento.

— Seria ótimo competir apenas contra estrangeiros. Eles pensam que eu sou brilhante. Infelizmente, nosso povo não partilha dessa opinião.

— O que posso fazer para ajudar meu presidente?

— Preciso de sua ajuda, da ajuda daqueles que estão na direita.

Foi a vez de Kadishev de sorrir. A imprensa — a ocidental, e também a soviética — nunca entendia isso da maneira certa. A ala *esquerda* na União Soviética era constituída pela linha dura do Partido. Durante mais de oitenta anos, a reforma no país sempre viera da direita. Todos os homens executados por Stalin, só porque queriam um mínimo de liberdade pessoal, sempre foram denunciados como desviacionistas da *direita*. Mas os auto-intitulados "progressistas" do Ocidente se situavam sempre na esquerda da política, e chamavam seus inimigos reacionários de "conservadores", de um modo geral identificando-os como a *direita* política. Parecia exigir demais da imaginação dos jornalistas ocidentais que ajustassem sua polaridade ideológica a uma realidade política diferente. Os recém-liberados jornalistas soviéticos haviam se limitado a copiar os colegas ocidentais, usando as descrições estrangeiras para confundir ainda mais o que já era um cenário político caótico. O mesmo acontecia com os políticos "progressistas" ocidentais, que defendiam tantas das experiências da União

Soviética em seus países — todas as experiências que haviam sido levadas aos limites, provando ser algo pior do que meros fracassos. Talvez o humor mais negro disponível em todo o mundo fosse a crítica de elementos esquerdistas do Ocidente, alguns dos quais já comentavam que os *atrasados* russos haviam fracassado porque demonstraram ser incapazes de converter o socialismo num governo humanista — enquanto os *avançados* governos ocidentais podiam realizar isso (o próprio Marx não dissera isso?). Tais pessoas, pensou Kadishev, balançando a cabeça, aturdido, não eram menos idealistas que os primeiros Sovietes Revolucionários, e igualmente estúpidas. Os russos haviam apenas levado os ideais revolucionários a seus limites lógicos, e encontraram ali somente o vazio e o desastre. Agora que começavam a voltar — um movimento que exigia coragem política e moral como o mundo raramente testemunhara —, o Ocidente *ainda* não compreendia o que estava acontecendo! *Kruchov tinha mesmo razão*, refletiu o parlamentar. *Os políticos são iguais no mundo inteiro. Quase todos idiotas.*

— Andrei Il'yich, nem sempre concordamos sobre os métodos, mas sempre concordamos sobre os objetivos. Sei que enfrenta problemas com os nossos amigos no outro lado.

— E com o seu lado — ressaltou o presidente Narmonov, mais incisivo do que deveria ser.

— E com o meu lado, é verdade — admitiu Kadishev, calmamente. — Andrei Il'yich, acha que devemos concordar com você em tudo?

Narmonov virou-se, os olhos arregalados e furiosos.

— Por favor, não isso, não hoje.

— Como podemos ajudá-lo?

*Esta' perdendo o controle de suas emoções, camarada presidente? Um mau sinal, meu amigo...*

— Preciso de seu apoio na questão étnica. Não podemos permitir a dissolução de toda a União.

Kadishev sacudiu a cabeça, vigorosamente.

— Isso é inevitável. Permitir a saída dos bálticos e dos azeris elimina muitos problemas.

— Precisamos do petróleo azerbaijano. Se abrirmos mão disso, nossa situação econômica vai se agravar. Se deixarmos os bálticos caírem fora, o impulso vai nos privar da metade do país.

— Metade de nossa população, é verdade, mas apenas vinte por cento de nosso território. E a maioria dos nossos problemas.

— E o que vai acontecer com os povos que se afastarem? Nós os lançaríamos no caos e na guerra civil. Quantos morrerão? Quantas mortes pesarão em nossas consciências?

— É uma consequência normal da descolonização. Não podemos evitar. Se tentarmos, estaremos fomentando a guerra civil dentro de nossas próprias fronteiras. Isso nos obrigaria a entregar poder demais nas mãos das forças de segurança, o que é muito perigoso. Não confio no exército, tanto quanto você.

— O exército não desfechará um golpe. Não há bonapartistas no Exército Vermelho.

— Tem uma confiança maior do que a minha na lealdade do exército. Creio que eles percebem uma oportunidade histórica singular. O Partido conteve os militares desde a crise de Tukhachevski. Os soldados têm uma boa memória, e podem estar pensando que chegou a oportunidade.

— Todas essas pessoas já morreram! — protestou Narmonov, irritado. — E seus filhos também!

Afinal, mais de cinquenta anos haviam passado. Os poucos com uma lembrança direta dos expurgos se encontravam em cadeiras de rodas ou vivendo de pensões.

— Mas não seus netos, e não podemos deixar de considerar também a memória institucional.

Kadishev recostou-se e analisou um novo pensamento, que aflorara em sua cabeça quase que totalmente formado. *Seria possível...?*

— Eles têm preocupações, é verdade, e essas preocupações são um pouco diferentes das minhas. Divergimos sobre a maneira de tratar o problema, não na questão do controle. Não tenho certeza do julgamento dos militares, mas estou convencido de sua lealdade.

— Talvez esteja correto, mas eu não sou tão otimista.

— Com sua ajuda, podemos apresentar uma frente unida às forças da dissolução. Isso vai desencorajá-las. E nos permitirá atravessar uns poucos anos de normalização. Depois, poderemos aceitar um afastamento ordenado das repúblicas, dentro de uma comunidade autêntica... ou associação, como preferir chamar... para nos manter ligados em termos econômicos, embora separados politicamente.

*O homem está desesperado, compreendeu Kadishev. Esta realmente desmoronando sob a pressão. O homem que se movimenta na arena política com o ímpeto de um atacante da seleção de hóquei apresenta sinais de fadiga... ele poderá sobreviver sem a minha ajuda?*

Provavelmente, concluiu Kadishev. Provavelmente. O que era uma pena, pensou o homem mais jovem. Kadishev era o líder de fato das forças da esquerda", as forças que queriam fragmentar todo o país e o governo que O controlava, levando o resto da nação — baseada na Federação Russa — para o século 21, pela garganta. Se Narmonov caísse... se fosse incapaz de continuar, então quem...

*Ora, eu, é claro!*

Os americanos o apoiariam?

*Como poderiam deixar de apoiar o Agente Vela da CIA?*

Kadishev trabalhava para os americanos desde que fora recrutado por Mary Patrícia Foley, há cerca de seis anos. Não considerava uma traição. Trabalhava para a melhoria de seu país, e achava que estava tendo êxito. Fornecera informações aos americanos sobre o funcionamento interno do governo soviético, algumas do mais alto valor, outras que eles poderiam obter através de seus próprios repórteres. Sabia que o consideravam como a mais valiosa fonte de informações políticas na União Soviética, ainda mais agora que ele controlava quarenta por cento dos votos no novo e tumultuado parlamento, o Congresso dos Delegados do Povo. *Trinta e nove por cento*, ele disse a si mesmo. *E preciso ser honesto*. Talvez pudesse conquistar mais oito por cento, se agisse da maneira certa. Havia muitas tonalidades de lealdade política entre os dois mil e quinhentos delegados. Democratas genuínos, nacionalistas russos de tendências democráticas e socialistas, radicais de esquerda e direita.

Havia também um centro cauteloso de políticos, alguns sinceramente preocupados com o curso que seu país podia tomar, outros procurando apenas manter sua posição política pessoal. Para quantos ele poderia apelar? Quantos poderia conquistar?

*Não o suficiente...*

Mas havia mais um trunfo que ele podia jogar, não é mesmo? *Da.* Se tivesse a audácia para jogá-lo.

— Andrei Il'yich — disse ele, num tom apaziguador —, você me pede para renunciar a um princípio importante, a fim de ajudá-lo a alcançar um objetivo que partilhamos... mas chegando a isso através de um curso de que desconfio. É um problema muito difícil. Nem mesmo tenho certeza se posso oferecer o apoio de que precisa. Meus camaradas podem muito bem me virar as costas.

Isso só serviu para deixar Narmonov ainda mais agitado.

— Essa não! Sei como eles confiam em você e em seu julgamento! E *não são os únicos que confiam em mim*, pensou Kadishev.

Como acontece com a maioria das investigações, aquela baseava-se principalmente em papéis. Ernest Wellington era um jovem advogado, e bastante ambicioso. Como advogado, poderia ter se candidatado a uma vaga no FBI e aprendido direito o ofício de investigador, mas considerava-se um advogado em vez de um policial. Além disso, gostava de política, e o FBI orgulhava-se de evitar as disputas políticas, sempre que possível. Wellington não tinha tais inibições. Gostava de política, considerava que era o sangue vital do serviço público, e sabia que era o caminho para o progresso rápido, dentro e fora do governo. Os contatos que fazia agora multiplicariam por cinco o seu valor para uma centena de firmas de advocacia, além de torná-lo conhecido no Departamento de Justiça. Muito em breve estaria disputando um cargo de "assistente especial". Depois disso — dentro de uns cinco anos — teria uma oportunidade como chefe de seção, talvez mesmo como procurador federal numa grande cidade, ou chefe de um grupo especial de trabalho do departamento. Isso abria a porta para a vida política, em que Ernest Wellington podia se tornar um jogador de

verdade no Grande Jogo de Washington. Em tudo e por tudo, eram de fato perspectivas inebriantes para um homem ambicioso de vinte e sete anos, formado com destaque na faculdade de direito de Harvard, que rejeitara ostensivamente ofertas lucrativas de firmas de prestígio, preferindo devotar os seus primeiros anos profissionais ao serviço público.

Wellington tinha uma pilha de papéis em sua mesa. Sua sala ficava no que era quase um sótão, no prédio do Departamento de Justiça. A vista da única janela era do estacionamento, que ficava no centro da estrutura, típica da era da Depressão. Era pequena, e o ar-condicionado estava com defeito, mas era só sua. Não se entende bem, mas os advogados evitam tempo no tribunal da mesma maneira como os jactanciosos evitam os testes genuínos de capacidade. Se ele aceitasse uma das ofertas das firmas de advocacia de Nova York — a melhor era de mais de cem mil dólares por ano —, sua verdadeira função seria a de leitor de provas, no fundo apenas um secretário glorificado, relendo contratos à procura de erros de datilografia e possíveis falhas. O início de carreira no Departamento de Justiça era um pouco diferente. Enquanto numa promotoria ele poderia ser lançado abruptamente num tribunal, para afundar ou nadar, ali ele examinava os registros, em busca de incoerências, nuances, possíveis violações técnicas da lei, como se fosse um editor de um bom autor de novelas de mistério. Wellington começou a tomar anotações.

John Patrick Ryan. Vice-diretor da CIA, nomeado pelo presidente — a política em ação — e confirmado menos de dois anos antes. Já servira como vice-diretor em Exercício, na diretoria de informações, depois da morte do vice-almirante James Greer. Antes disso, fora assistente especial do vice-diretor Greer, e durante algum tempo representante especial de sua diretoria na Inglaterra. Ryan fora professor de história na Academia Naval, fizera pós-graduação na Universidade de Georgetown, trabalhara como corretor no escritório de Baltimore da Merrill Lynch. Fora também, por um breve período, segundo-tenente no corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos. Era obviamente um homem que gostava de mudanças de carreira, pensou Wellington, anotando todas as datas importantes.

Riqueza pessoal. A declaração de bens exigida se encontrava na pasta, quase em cima. Ryan tinha um patrimônio e tanto. De onde saía o dinheiro? Essa análise consumiu várias horas. No seu tempo de corretor, J. P. Ryan fora um autêntico *cowboy*. Apostara mais de cem mil dólares na Chicago & North Western Railroad, na ocasião em que os empregados assumiram o controle da empresa, e obtivera um lucro por isso... de mais de seis milhões de dólares. Fora a sua única grande tacada — as oportunidades de sessenta Para um não eram tão comuns assim, não é mesmo? — mas algumas outras mereciam ser anotadas. Alcançando um patrimônio líquido de oito milhões de dólares, ele encerrara sua atuação como corretor e fora para Georgetown, a fim de fazer o doutorado em história. Continuara a especular no mercado numa base amadora — o que não era muito certo, não é mesmo? — até ingressar no serviço público. Sua carteira era agora administrada por diversos conselheiros financeiros... e seus métodos de contabilidade eram excepcionalmente conservadores. O patrimônio líquido atual de Ryan parecia ser de vinte milhões, talvez um pouco mais. As contas eram registradas de uma maneira superficial. Ryan só se preocupava com as declarações de rendimentos trimestrais. Havia uma grande possibilidade de operações intermediárias, mas o esquema era rigorosamente legal. Era quase impossível provar alguma ilegalidade, a menos que se grampeassem os telefones de seus corretores, o que não era muito fácil de conseguir.

Ryan fora investigado pela CVM, mas isso fora na verdade uma manobra da comissão para poder investigar a firma cujas ações ele comprara. O sumário escrito em burocratês informava que não fora cometida qualquer violação técnica, mas Wellington observou que esse julgamento era mais técnico do que substantivo. Ryan resistira à proposta de assinar uma autorização de auditoria em suas contas pessoais, o que era compreensível, e o governo não insistira na questão. Isso era menos compreensível, mas explicável, já que Ryan não era o alvo real da investigação; alguém chegara à conclusão de que era bem provável que tudo não passara de uma coincidência. Ryan, no entanto, retirara esse dinheiro de sua conta principal... *Acordo de cavalheiros?*, escreveu Wellington em seu bloco de



anotações. Talvez. Se perguntado, Ryan poderia responder que assim agira por um sentimento de culpa excessivamente escrupuloso. O dinheiro fora aplicado em bônus do Tesouro, renovados automaticamente, durante anos, sem serem tocados, até que tudo fora usado para... *Isto é muito interessante...*

*Por que um fundo educacional? Quem era Carol Zimmer? Que interesse Ryan tinha nos filhos dela? Qual o significado?*

Era espantoso, como sempre, que tanto papel pudesse revelar tão pouco. Talvez, refletiu Wellington, fosse esse o verdadeiro objetivo de todos os formulários e papelada do governo, dar a impressão de muita substância, ao mesmo tempo em que revelava bem pouco. Ele riu. Esse era também o sentido da maioria dos documentos legais, não é mesmo? A duzentos dólares por hora, os advogados adoravam discutir a colocação de vírgulas e outras questões similares, da maior importância. Wellington fez uma pausa, reciclando o cérebro. Deixara passar algo bastante óbvio.

Ryan não era apreciado pela administração Fowler. Por que então fora nomeado para vice-diretor da CIA? Política? Mas a política era o motivo pelo qual se escolhiam pessoas desqualificadas para... Ryan tinha ligações políticas? Sua ficha não indicava nenhuma. Wellington folheou os papéis e encontrou uma carta assinada por Alan Trent e Sam Fellows, do comitê especial da Câmara. Era uma dupla estranha, um *gay* e um mórmon. Ryan recebera a confirmação com muito mais facilidade do que Marcus Cabot, até mais fácil do que Bunker e Talbot, os dois astros do gabinete do presidente Fowler. Em parte porque se tratava de um membro do segundo escalão, mas isso não explicava tudo. Significava que ele tinha ligações políticas, e excelentes- Por quê? Que ligações? Trent e Fellows... *sobre o que esses dois podiam concordar?*

Era certo que Fowler e seu pessoal não gostavam de Ryan, pois de outra forma o procurador-geral não teria designado Wellington para o caso. Caso? gra esse o termo certo para suas atividades? Se havia mesmo um caso, por que não estava sendo tratado pelo FBI? Política, obviamente. Ryan trabalhara em estreito contato com o FBI em muitas coisas... mas...

William Connor Shaw, diretor do FBI, em exaltado como o homem mais honesto no governo. Politicamente ingênuo, é claro, mas o homem porejava integridade, o que não era uma qualidade tão ruim assim numa agência policial, não é mesmo? O Congresso pensava assim. Até já se falava em eliminar os procuradores especiais, de tão limpo que o FBI se tornara, e ainda mais depois que os procuradores especiais haviam arruinado o... Mas o FBI estava sendo segregado daquele caso.

Um caso interessante, não é mesmo? Um homem podia fazer seu nome com algo assim.

## PROCESSAMENTO

Os dias eram mais curtos agora, pensou Jack. Não estava tão atrasado assim, apenas os dias encurtavam. A órbita da Terra em torno do sol, e a maneira como o eixo de rotação não era perpendicular ao plano da... eclíptica? Algo assim. O motorista largou-o diante da porta da frente, e ele se encaminhou para lá, cansado, especulando quando fora a última vez, fora dos fins de semana, em que vira sua casa à luz do dia, e não delineada pela luz elétrica. Praticamente a única boa notícia era o fato de que não trazia trabalho para casa... mas isso também não era verdade, não é? Trazia documentos para casa, mas era mais fácil limpar a mesa do que limpar sua mente.

Ryan ouviu os sons de uma casa normal, a tevê ligada em Nickelodeon. A máquina de lavar roupa fazia barulho, teria de mandar consertar. Ele entrou na sala para se anunciar.

— Papai! — Jack Jr. correu para abraçá-lo, o gesto acompanhado por um olhar queixoso. — Prometeu que me levaria a um jogo de beisebol, papai!

Oh, merda... As crianças já tinham voltado da escola, e não podia restar mais que uma dúzia de partidas locais em Baltimore. Ele tinha, tinha... *Quando?* Quando encontraria tempo? O projeto do novo centro de comunicações ainda se encontrava no meio da execução, era a sua obra, o empreiteiro estava com uma semana de atraso, e precisava dar um jeito de acelerar, se quisesse aprontar tudo para o momento devido...

— Vou tentar, Jack — prometeu Ryan ao filho, que ainda era muito pequeno para compreender qualquer outra obrigação além da promessa de um pai.

— Você prometeu, papai!

— Sei disso.

*Merda!* Jack fez uma anotação mental. Precisava tomar alguma providência

— Hora de deitar — anunciou Cathy. — Amanhã é dia de aula. Ryan abraçou e beijou os filhos, mas o exercício de afeição apenas criou um ponto vazio em sua consciência. Em que tipo de pai ele estava se transformando? A primeira comunhão de Jack Jr. seria em abril ou maio próximo, e quem podia dizer se ele estaria em casa para assisti-la? Era melhor descobrir a data certa, a fim de poder programá-la em sua agenda desde já. Tentar programar. Jack lembrou a si mesmo que pequenas coisas como promessas às crianças eram...

*Pequenas coisas?*

*Oh, Deus, como isso pôde acontecer? Para onde foi minha vida?*

Ele observou as crianças seguirem para seus quartos, depois foi até a cozinha. Seu jantar estava no forno. Ele pôs o prato na mesa da cozinha, antes de ir até a geladeira. Comprava em caixas agora. Era muito mais conveniente, e seu gosto em matéria de vinho se tornara menos seletivo ultimamente. As caixas de papelão continham um Mylar... australiano, não é mesmo? Mais ou menos no ponto em que se encontravam os vinhos da Califórnia, vinte anos antes. A safra em questão tinha um forte sabor de uva, a fim de disfarçar suas inadequações, com o conteúdo alcoólico apropriado, a única coisa que importava, no final das contas. Jack olhou para o relógio na parede. Se tivesse sorte, poderia ter seis horas e meia, talvez sete horas de sono, antes que um novo dia começasse. Precisava do vinho para dormir. No escritório, vivia de café, e seu organismo se tornara saturado de cafeína. Houvera um tempo em que era capaz de cochilar à sua mesa, mas isso não mais acontecia. As onze horas da manhã o organismo se achava em forma, e no final da tarde seu corpo apresentava mostras de fadiga e alerta, o que às vezes o levava a especular se não estaria enlouquecendo um pouco. Bom, enquanto levantasse para si mesmo essa questão...

Ele terminou o jantar em poucos minutos. Uma pena que o forno tivesse deixado a comida ressecada. Cathy preparara pessoalmente aquele jantar. Ele deveria... planejara chegar em casa numa hora razoável, mas... Sempre acontecia alguma coisa, não é

mesmo? Ao se levantar, sentiu uma estranha pontada de desconforto no estômago. A caminho da sala de estar, abriu a porta do armário no vestíbulo para tirar um pacote de antiácidos do bolso do casaco. Mastigou-os e engoliu com vinho, começando a tomar o terceiro copo em menos de trinta minutos em casa.

Cathy não estava ali, embora tivesse deixado alguns papéis na mesinha ao lado de sua poltrona costumeira. Jack prestou atenção, teve a impressão de ouvir o chuveiro aberto. Ótimo. Ele pegou o controle remoto da tevê e ligou na CNN, a fim de ouvir outro noticiário. A matéria principal era sobre Jerusalém.

Ryan recostou-se na poltrona, permitiu-se um sorriso. Estava dando certo. A matéria era sobre o ressurgimento do turismo. Os lojistas estocavam na expectativa do melhor Natal em uma década. Afinal, explicou um judeu que optara por permanecer na cidade de Belém, Jesus era um rapaz judeu de uma boa família. Seu sócio árabe conduziu a câmera numa excursão pela loja. *Sócio árabe?*, pensou Jack. *£ por que não?*

*Está valendo a pena*, declarou Ryan a si mesmo. *E você ajudou a realizar isso. Ajudou a fazer com que acontecesse. Salvou vidas, e não tem importância se ninguém mais sabe disso. Você sabe. Deus sabe. Não é suficiente?*

Não, Jack disse a si mesmo, num súbito relance de honestidade. E daí se a idéia não fora totalmente original? Alguma idéia jamais era? Fora seu pensamento que reunira tudo, seus contatos que levaram o Vaticano a embarcar na iniciativa, seu... Merecia algo por isso, algum reconhecimento, o suficiente para um pequeno rodapé em algum livro de história, mas será que teria?

Jack fungou, olhando o copo de vinho. Não havia a menor possibilidade. Liz Elliott, aquela sacana esperta, dizendo a todo mundo que a idéia fora de Charlie Alden. Se Jack algum dia tentasse corrigir a situação, ficaria parecendo um canalha, tentando roubar o crédito de um morto... e um bom homem, apesar do erro que cometera com a tal garota Blum. *Anime-se, Jack. Você ainda está vivo. Tem uma esposa, tem filhos.*

Ainda assim, não era justo, não é mesmo? Justo? Por que ele esperara que a vida fosse justa? Estaria se transformando em mais

um *deles*? Outra pessoa como Liz Elliott, alguém ganancioso e mesquinho, com um ego inversamente proporcional ao caráter. Muitas vezes se preocupava e especulava sobre o processo, como uma pessoa podia se tornar corrompida. Temera os métodos ostensivos, chegando à conclusão de que uma causa ou missão podia ser tão vital que era possível perder a perspectiva de coisas importantes, como o valor de uma única vida humana, mesmo que fosse a vida de um inimigo. Nunca perdera essa perspectiva, no entanto, e sabia que jamais perderia. Eram as coisas mais sutis que o estavam consumindo. Convertia-se num funcionário público, preocupado com crédito, posição e influência.

Ele fechou os olhos para lembrar a si mesmo o que já possuía: uma esposa, dois filhos, independência financeira, conquistas que ninguém jamais poderia lhe tirar.

*Está se transformando num deles...*

Lutara — e até matara — para defender sua família. Talvez Elliott se sentisse ofendida por isso, mas em momentos tranquilos assim Jack recordava outras ocasiões, com um sorriso sombrio. A menos de duzentos metros do lugar em que sentava agora, acertara três balas no peito de um terrorista — aço no alvo! —, validando todas as coisas que lhe haviam ensinado em Quântico. O fato de que seu coração batia mil vezes por segundo, de que chegara Perto de urinar na calça, de que precisara reprimir o vômito, tudo isso não Passava de coisas insignificantes. Fizera o que tinha de fazer, e por isso a esposa e os filhos continuavam vivos. Era um homem que demonstrara sua Virilidade por todos os meios possíveis — conquistando e casando com uma garota maravilhosa, gerando duas crianças enviadas por Deus, defendendo sua família com competência e coragem. A cada vez que o destino lhe apresentara um desafio, Jack o enfrentara e superara.

*Isso mesmo*, ele pensou, sorrindo para a tevê. *Que se foda Liz Elliott*. Foi um pensamento divertido. Quem poderia querer trepar com ela? Aquela sacana fria e magricela, com sua arrogância e... o que mais? A mente de Ryan fez uma pausa, procurando a resposta para a indagação. O que mais? Ela era fraca, não era? Fraca e tímida. Por trás de toda sua bazófia e aparente dureza, o que havia

realmente? Era bem provável que não fosse muita coisa. Ele já vira antes aquele tipo de pessoa no cargo de assessor de segurança nacional. Fria, relutando em dançar conforme a música. Liz Elliott. Quem poderia querer trepar com ela? Não era muito inteligente, e não tinha nada para apoiar a pouca inteligência que possuía. Ainda bem para ela que o presidente contava com Bunker e Talbot para se apoiar.

*Você é melhor do que todos eles.* Era um pensamento satisfatório para acompanhar o final do vinho no copo. *Por que não tomar outro? Afinal, esse vinho não é tão ruim assim, não é mesmo?*

Quando voltou da cozinha, Ryan encontrou Cathy na sala, examinando as fichas de seus pacientes, na poltrona de encosto alto de que gostava.

— Quer um copo de vinho, meu bem? A dra. Caroline Ryan sacudiu a cabeça.

— Tenho dois procedimentos amanhã.

Jack deu a volta para sentar na outra poltrona, quase sem olhar para a esposa, mas não pôde deixar de observá-la pelo canto dos olhos.

— Puxa!

Cathy levantou os olhos das fichas, sorrindo. O rosto estava maquilado com perfeição. Jack se perguntou como ela conseguira não desarrumar os cabelos no chuveiro.

— Onde conseguiu isso?

— Escolhi num catálogo.

— Da Fredericks?

A dra. Caroline Muller Ryan vestia um penhoar preto que era uma obra-prima de sensualidade. Jack não podia determinar o que prendia o traje no lugar. Por baixo, havia algo transparente e... muito bonito. Só a cor era estranha, porque Cathy sempre usava camisolas brancas. Ele jamais esquecerá o branco deslumbrante que ela usara na noite de núpcias. Não que ela fosse virgem na ocasião, mas de alguma forma a seda branca a fizera parecer assim... e isso era outra lembrança que jamais lhe tirariam, pensou Jack. Ela nunca mais tornara a pôr aquela camisola, dizendo que era uma coisa que

só se podia usar uma vez, como o vestido de noiva. O que fiz para merecer essa garota maravilhosa?, Jack se perguntou.

— A que devo essa honra, Cathy?

— Estive pensando...

— No quê?

— O pequeno Jack tem sete anos. Sally está com dez. Quero outro.

— Outro o quê? — indagou Jack, largando o copo.

— Outro bebê, seu pateta!

— Por quê?

— Porque posso, e porque quero ter outro filho. Lamento se isso o incomoda — acrescentou ela, com um sorriso insinuante. — O esforço, é claro.

— Acho que posso agüentar.

— Tenho de me levantar às quatro e meia, Jack. Minha primeira operação será antes das sete horas.

— E daí?

— E daí... — Ela se levantou e aproximou-se do marido. Inclinou-se para beijá-lo. — Espero você lá em cima.

Ryan continuou sentado por mais um ou dois minutos, tomou o resto do vinho, desligou a tevê, sorrindo para si mesmo. Verificou se a casa estava toda trancada, e o sistema de alarme ligado. Entrou no banheiro para escovar os dentes. Um exame sub-reptício na gaveta de Cathy revelou um termômetro e um pequeno cartão, com datas e temperaturas. Portanto, ela não estava brincando. Vinha pensando a respeito e, como sempre acontecia, mantivera em segredo. Mas tudo bem, não é mesmo? Claro que sim.

Jack entrou no quarto, tirou e pendurou as roupas, pôs um roupão, antes de ir se juntar à esposa, na cama. Ela estendeu os braços para envolvê-lo pelo pescoço, e ele a beijou.

— Tem certeza de que quer isso, meu bem?

— Isso o incomoda?

— Cathy, para agradá-la... qualquer coisa que você quiser, e que eu possa obter e dar, meu bem. Absolutamente qualquer coisa.

*Eu gostaria que você bebesse menos,* pensou Cathy. Mas não disse nada. Não era o momento. Ela sentiu as mãos do marido



através do penhoar. Jack tinha mãos fortes, mas gentis, que agora acariciaram seu corpo, por cima do traje. Era vulgar, de mau gosto, mas toda mulher tinha o direito de ser vulgar e de mau gosto de vez em quando, até mesmo uma professora-assistente de cirurgia oftalmológica no Instituto de Olhos Wilmer, do Hospital Johns Hopkins. A boca de Jack tinha gosto de pasta de dentes e vinho branco ordinário, mas o resto recendia como um homem, o homem que transformara sua vida num sonho... quase toda um sonho. Ele trabalhava demais, bebia demais, não dormia o suficiente mas, além de tudo era o seu homem. E não faziam mais homens assim, apesar das fraquezas, ausência e tudo o mais.

Cathy emitiu os ruídos apropriados quando Jack encontrou os botões. Ele entendeu o recado, mas seus dedos eram desajeitados. Lamentavelmente, os botões eram pequenos, dentro de casas mínimas, mas por trás deles se encontravam os seios de Cathy, uma garantia de que ele jamais desistiria. Cathy respirou fundo, sentindo a fragrância do talco predileto. Não gostava de perfume. Uma mulher gerava todos os cheiros de que um homem precisava, em sua opinião. Pronto. Agora as mãos de Jack encontraram sua pele nua, macia e ainda jovem. Não era velha aos 36 anos, ainda estava na idade de 'er mais um filho. Mais um era tudo por que ansiava, sentir outra vez uma vida se desenvolvendo dentro de seu corpo. Aceitaria de bom grado os distúrbios do estômago, a bexiga comprimida, o estranho desconforto que servia apenas para ressaltar a maravilha e o milagre da nova vida. A dor do parto, não era agradável, de jeito nenhum, mas ser capaz de resistir, com Jack a seu lado, como acontecera com o pequeno Jack e com Sally, era o mais profundo ato de amor que ela já conhecera. Era isso o que significava ser uma mulher, poder trazer uma vida ao mundo, conceder a um homem o único tipo de imortalidade que existia, da mesma forma que ele concedia a ela.

E, além do mais, pensou Cathy, com uma risadinha reprimida, como uma forma de exercício, engravidar seria melhor do que correr.

As mãos de Jack removeram por completo o penhoar, ajeitaram-na na cama. Ele era bom nisso, sempre fora, desde a primeira e nervosa ocasião, e naquele momento ela soubera que

Jack pediria sua mão... depois de provar as outras partes. Outra risadinha do passado e presente, enquanto as mãos de Jack deslizavam por sua pele, agora ao mesmo tempo quente e fria ao contato. E quando ele pedira, quando tomara coragem, ela vira em seus olhos o medo, o terror da possibilidade de rejeição, quando fora ela quem se preocupara — até chorara uma vez — durante uma semana, pensando que ele poderia não pedi-la em casamento, poderia mudar de idéia, poderia encontrar outra. Antes mesmo do primeiro ato de amor, Cathy já sabia. Aquele era o seu homem. Jack era o homem com quem partilharia sua vida, de quem teria filhos, a quem amaria até a morte, talvez mesmo além, se os padres estavam certos. Não era por seu tamanho nem pela força, nem mesmo pela bravura, que ele demonstrara duas vezes à sua vista — e mais do que isso, ela desconfiava, em outros lugares, algo que jamais saberia com certeza —, era pela bondade, gentileza, e um tipo de força que só os perceptivos conheciam. Seu marido era sob alguns aspectos um homem comum, em outros extraordinário, mas em todos era um homem, com todas as forças e poucas fraquezas...

E naquela noite ele lhe daria outra criança. Seu ciclo, previsível como sempre, fora confirmado pela temperatura da manhã. Era na verdade mais uma probabilidade estatística, admitiu Cathy, mas uma probabilidade das mais elevadas em seu caso. Não devo ser muito clínica, não com Jack, muito menos num momento como este.

Sua pele parecia arder agora. Jack era mesmo muito bom naquilo. Seus beijos eram ao mesmo tempo ardentes e gentis, as mãos de uma habilidade espantosa. Ele estava desmanchando seus cabelos, mas não tinha importância. As toucas cirúrgicas faziam com que permanentes fossem um desperdício de tempo e dinheiro. Através da fragrância do talco surgiram agora os cheiros mais significativos de uma mulher que estava quase pronta. Normalmente, ela era mais participante nas atividades, mas naquela noite deixava que Jack assumisse o comando total, procurando por sua pele macia... as partes interessantes. Ele gostava disso de vez em quando. Também gostava quando ela desempenhava um papel mais ativo. E havia mais de uma maneira de fazer isso. Surgia quase sempre como uma surpresa. Cathy arqueou as costas e gemeu na

primeira vez, sem chegar a dizer qualquer coisa. Não era necessário. Estavam casados há tempo suficiente para que Jack conhecesse todos os sinais. Ela beijou-o com força, cravou as unhas em seus ombros. Esse sinal significava *agora!*

Mas nada aconteceu.

Ela pegou a mão de Jack, beijou-a, estendeu-a para baixo, a fim de que ele soubesse que estava pronta.

Jack parecia excepcionalmente tenso. Muito bem, ela o estava apressando... por que não deixar... afinal, permitira que ele assumisse o comando, e se mudasse agora... Ela levou a mão de Jack de volta ao seio, e não ficou desapontada. Prestou mais atenção a ele agora. Ou tentou. A capacidade de excitá-la permanecia inalterada. Cathy gritou de novo, beijou-o com toda força, fazendo-o saber que era seu homem, que seu mundo se concentrava nele, e vice-versa. Mas ainda assim as costas e os ombros de Jack continuavam tensos. Qual era o problema?

Cathy mexeu as mãos, passando-as pelo peito dele, puxando gentilmente os cabelos pretos. Isso sempre o excitava... ainda mais quando as mãos seguiam a trilha de cabelos até...

*O quê?*

— Jack, qual é o problema?

A impressão foi de que transcorreu uma eternidade antes que ela o ouvisse falar:

— Não sei.

Jack rolou para o lado, afastando-se da mulher, ficou estendido de costas, os olhos fixados no teto.

— Cansado?

— Acho que é isso. — As palavras saíram um pouco engroladas.  
— Desculpe, querida.

*Droga! Droga! Droga!* Mas antes que ela pudesse pensar em dizer mais alguma coisa, Jack fechou os olhos.

*Ele está trabalhando demais, bebendo muito.* Mas não é justo! Aquele era o dia, era o momento certo, e...

*Você está sendo egoísta.*

Cathy levantou-se, pegou o penhoar no chão. Pendurou-o antes de pegar uma camisola mais apropriada para dormir, foi até o

banheiro.

*Ele é um homem, não uma máquina. Está cansado. Vem trabalhando demais. Todos têm um péssimo dia. As vezes ele quer, e é você que não se sente disposta, e às vezes isso o deixa um pouco irritado, não é culpa dele, nem sua. Você tem um casamento maravilhoso, mas não perfeito. Jack pode ser o melhor homem que já conheceu, mas também não é perfeito.*

*Mas eu queria...*

*Quero outro filho, e este é o momento certo!*

Os olhos de Cathy se encheram de lágrimas de desapontamento. Sabia que estava sendo injusta. Mas ainda assim se sentia desapontada. E um pouco zangada.

\* \* \*

— Não posso faltar ao serviço, comodoro.

— Ora, Ron, espera que um velho companheiro como eu o deixe na mão?

— E justamente o que receio.

Mancuso soltou uma risada. Seu motorista guardou a bagagem na mala do Plymouth da marinha, enquanto ele e Jones se acomodavam no banco traseiro.

— Como está a família?

— Muito bem, obrigado, comodoro...

— Pode me chamar de Bart agora, doutor Jones. Afinal, acabei de ser promovido a almirante.

— Está certo — disse o dr. Ron Jones. — Bart. Gosto disso. Só não quero que me chame de Indy. Vamos ver... A família. Kim voltou a estudar, para fazer seu doutorado. As crianças estão na escola... creche, qualquer coisa... e eu virei a porra de um homem de negócios.

— Empresário, creio que é o termo mais correto — comentou Mancuso.

— Muito bem, seja técnico. Isso mesmo, sou dono de uma grande parcela da companhia. Mas ainda sujo as mãos. Tenho um cara para cuidar de toda a contabilidade. Ainda gosto de fazer um

trabalho de verdade. No mês passado estive no *Tennessee*, checando um novo sistema. — Jones olhou para o motorista. — Posso falar sobre essas coisas aqui?

— O suboficial Vincent tem um certificado de segurança maior do que o meu. Não é mesmo?

— É, sim, senhor — respondeu o motorista, seguindo na direção de Bangor. — O almirante está sempre certo.

— Você tem um problema, Bart.

— De que tamanho?

— Um problema sem precedentes, meu comandante — disse Jones, voltando ao tempo em que ele e Mancuso haviam feito algumas coisas excepcionais a bordo do *Dallas*. — Nunca aconteceu antes.

Mancuso leu em seus olhos.

— Tem fotos dos garotos? Jones acenou com a cabeça.

— Claro que tenho. Como estão Mike e Dominic?

— Mike vai para a academia da força aérea.

— Avise a ele que o oxigênio apodrece o cérebro.

— E Dominic está pensando na CalTech.

— E mesmo? Posso ajudá-lo.

O resto da viagem foi ocupado por uma conversa irrelevante. Mancuso entrou na sua sala, esperou que Jones passasse, fechou a porta à prova de som, depois de pedir café a seu atendente.

— Qual é o problema, Ron?

Jones hesitou apenas por um segundo, antes de responder:

— Acho que alguém estava rastreando o *Maine*.

— Rastrear um Ohio? Essa não!

— Onde ele está agora?

— Saindo para o mar. Com a tripulação Azul. Faz contato com um 688 depois que passar pelo estreito, para uma verificação de ruídos, depois segue para a área de patrulha.

Mancuso podia discutir quase tudo com Jones. A companhia dele era consultora de tecnologia de sonar para todos os submarinos e plataformas anti-submarinos da marinha americana, o que incluía necessariamente uma porção de informações operacionais.

— Tem alguns homens da tripulação Ouro aqui na base, neste momento?

— O comandante partiu em férias. O imediato está aqui, Claggett. Conhece-o?

— Ele não serviu no *Norfolk*? Um cara negro?

— Isso mesmo.

— Ouvi boas coisas a seu respeito. Ele teve um excelente desempenho quando comandava um grupo de trabalho num porta-aviões. Eu guiava um P-3 na ocasião.

— Ele é mesmo bom. No próximo ano, deverá assumir o comando de um submarino.

— E quem é seu comandante?

— Harry Ricks. Já ouviu falar dele também?

Jones olhou para baixo, murmurando alguma coisa incompreensível.

— Tenho um novo cara trabalhando para mim, um suboficial reformado, cuja última viagem foi com Ricks. Ele é tão ruim quanto ouço dizer?

— Ricks é um magnífico engenheiro — respondeu Mancuso. — Falo sério. E um gênio nessas coisas.

— E você também é, Bart. Mas até que ponto Ricks sabe guiar?

— Quer um café, Ron? — indagou Mancuso, gesticulando para o bule.

— Pode querer o comandante Claggett aqui, senhor. — Jones levantou-se e foi servir seu café. — Desde quando se tornou diplomata?

— Responsabilidades do comando, Ron. Nunca falei aos forasteiros sobre aquelas loucuras que você fez no *Dallas*.

Jones virou-se e riu.

— Muito bem, você me pegou nessa. Tenho a análise de sonar em minha pasta. Preciso ver os registros de curso e profundidade, essas coisas. Creio que há uma boa possibilidade de o *Maine* ter sido seguido, e isso não é brincadeira, Bart.

Mancuso pegou o telefone.

— Descubra o capitão-de-corveta Claggett. Preciso dele em meu gabinete imediatamente. Obrigado. Ron, você tem certeza...

— Fiz a análise pessoalmente. Um dos meus homens deu uma olhada inicial, e farejou algo errado. Passei cinquenta horas estudando os dados. Uma possibilidade em três, talvez mais, de que foi rastreado.

Bart Mancuso largou a xícara de café.

— E difícil de acreditar.

— Sei disso. O próprio fato pode estar distorcendo minha análise. E realmente inacreditável.

Era um artigo de fé na marinha dos Estados Unidos que sua frota de submarinos de mísseis balísticos nunca fora, nem uma única vez, rastreada quando se encontrava em patrulha. Como acontece com a maioria dos artigos de fé, no entanto, havia condições.

A localização das bases americanas de submarinos de mísseis não era um segredo. Até os entregadores de encomendas postais sabiam onde encontrá-las. Na busca de custo-eficiência, a marinha usava principalmente agentes de segurança civis em suas bases. Só que os fuzileiros eram usados sempre que havia armas nucleares. Onde quer que se encontrassem fuzileiros, podia-se ter certeza de que havia armas nucleares. Era o que se chamava de medida de segurança. Os barcos de mísseis eram inconfundivelmente diferentes dos submarinos menores de ataque. Os nomes das embarcações constavam do registro da marinha, e os tripulantes usavam bonés identificando-os pelo nome e número no casco. Com as informações à disposição de todos, os soviéticos sabiam onde posicionar seus próprios submarinos de ataque para acompanhar os submarinos americanos de mísseis, quando saíam para o mar.

A princípio, isso não era um problema. As primeiras classes de submarinos soviéticos de ataque rápido eram equipadas com sonares "Helen Keller", que não podiam ver nem ouvir, e os próprios barcos eram mais barulhentos do que automóveis sem o silencioso. Tudo isso mudara com o advento da classe Victor-III, que se aproximava de um antigo americano da classe 594 em níveis de barulho irradiado, e começava a se aproximar da adequação em desempenho de radar. Os submarinos Victor-III apareciam de vez em quando no estreito Juan de Fuca — e em outros lugares —, ficavam à espera da saída de um submarino de mísseis americano,

e, em alguns casos, já que as entradas da enseada são águas tipicamente restritas, faziam contato e o mantinham. Isso incluía ocasionalmente as projeções de sonar ativo, irritantes e incômodas para as tripulações dos submarinos americanos. Em decorrência, muitas vezes os submarinos americanos de ataque acompanhavam os submarinos de mísseis na saída para o mar. Sua missão era forçar os submarinos soviéticos a se desviarem. Isso era realizado pelo simples expediente de oferecer um alvo adicional ao sonar, confundindo a situação tática, ou às vezes forçando o submarino soviético a sair da trilha, pelo que se chamava de "empurrão". Na verdade, os submarinos americanos de mísseis só haviam sido rastreados em águas rasas, perto de enseadas conhecidas, e por breves períodos. Assim que os submarinos americanos alcançavam águas profundas, sua tática era aumentar a velocidade para reduzir o desempenho do sonar no submarino em rastreamento, manobrar evasivamente, e depois ficar quieto. A esta altura — em todas as ocasiões — o submarino americano rompia o contato. O submarino soviético perdia a pista, tornava-se a presa, em vez de o caçador. Os submarinos de mísseis, tipicamente, tinham departamentos de torpedos muito bem treinados, e os comandantes mais agressivos mantinham todos os quatro tubos carregados com torpedos Mark 48, visando o submarino soviético por uma vez cego, enquanto o observavam se afastar, em confusão vulnerável.

O fato puro e simples era o de que os submarinos americanos de mísseis eram invulneráveis em suas áreas de patrulha. Quando os submarinos de ataque eram enviados para caçá-los, precisava-se tomar muito cuidado com as operações nas profundezas — muito parecido com o controle de tráfego aéreo da aviação comercial —, a fim de evitar que ocorresse uma colisão acidental. Os barcos americanos de ataque rápido, até os mais avançados, da classe 688, raramente conseguiam rastrear os submarinos de mísseis. Os casos em que Ohios haviam sido rastreados podiam ser contados nos dedos de uma só mão. Quase todos envolviam um erro crasso, cometido pelos comandantes dos barcos de mísseis, a suprema "marca negra na ficha", e mesmo assim só um excelente e afortunado comandante de submarino de ataque conseguira se



afastar depois, sem ser contradetectado. O *Omaha* contava com um dos melhores comandantes da esquadra do Pacífico, mas não conseguira encontrar o *Maine*, apesar das boas informações fornecidas — melhores do que qualquer coisa que um comandante soviético jamais teria.

— Bom dia, senhor — disse Claggett, ao passar pela porta. Eu estava aqui embaixo, no departamento de pessoal.

— Comandante, este é o doutor Ron Jones.

— Este é o Jones que tanto gosta de gabar, senhor? — perguntou Claggett, apertando a mão do civil.

— Nenhuma das histórias é verdadeira — garantiu Jones. Claggett sentiu um calafrio quando percebeu as expressões.

— Alguém morreu ou algo assim?

— Sente-se — disse Mancuso. — Ron acha que vocês podem ter sido rastreados em sua última patrulha.

— Porra nenhuma! — protestou Claggett. — Desculpe, senhor.

— Parece bastante confiante — comentou Jones.

— O *Maine* e o nosso melhor submarino, doutor Jones. Somos um buraco negro. Não irradiamos som, e sugamos todo ruído ao nosso redor.

— Conhece o refrão, comandante. Agora podemos falar de maneira objetiva? — Ron abriu sua pasta e tirou um grosso maço de impressos de computador. — Mais ou menos na metade de sua patrulha.

— Ah, sim. Foi na ocasião em que surpreendemos o *Omaha*.

— Não é a isso que estou me referindo — disse Jones, encontrando a página certa. — O *Omaha* estava na frente de vocês. — Ainda não acredito, mas darei uma olhada no que tem.

As páginas de computador eram essencialmente um gráfico de duas "cataratas" de sonar. Indicavam a hora e as referências de curso. Um jogo separado apresentava os dados ambientais, principalmente a temperatura da água.

— Vocês tinham muito movimento com que se preocupar — observou Jones, apontando para as anotações nas páginas. — Quatorze barcos de pesca, meia dúzia de navios mercantes de grande calado, e vejo que as jubartes andavam dizimando os

cardumes de krill. Assim, seu pessoal de sonar tinha muito o que fazer, talvez uma sobrecarga de trabalho. E tinham uma camada bem definida.

— É verdade — admitiu Claggett.

— O que é isto? — indagou Jones, apontando para uma explosão de ruído no gráfico.

— Estávamos rastreando o *Omaha*, e o comandante decidiu sacudi-los com um disparo de ar.

— É mesmo? — murmurou Jones. — Isso explica a reação dele. Acho que trocaram a cueca e seguiram para o norte. Por falar nisso, vocês nunca me deixariam assustado com isso.

— É mesmo?

— Posso garantir — disse Jones. — Sempre presto muita atenção ao que vai atrás de nós. Não se esqueça de que já saí em Ohios, comandante. Vocês podem ser rastreados. Qualquer um pode. E não apenas por uma plataforma. Veja aqui.

A página era uma cacofonia de pontos gerados pelo computador, que de um modo geral parecia mostrar apenas ruídos aleatórios, como se uma convenção de formigas circulasse por cima durante horas. Como acontece com todos os eventos de fato casuais, aquele apresentava irregularidades, lugares pelos quais as formigas nunca passaram, por um motivo ou outro, ou lugares em que um grande número se concentrara e logo em seguida se dispersara.

— Esta linha de direção — disse Jones. — O padrão ressurgiu oito vezes, e só volta quando a camada diminui.

O comandante Claggett franziu o cenho.

— Oito vezes? Estas duas podem ser reverberações dos barcos de pesca, ou contatos distantes de ZC. — Ele folheou as páginas. Claggett era um grande conhecedor de sonar. — Este é bem tênue.

— Foi por isso que seu pessoal não o percebeu, nem a bordo, nem aqui — disse Jones. — E é justamente o motivo pelo qual tenho um contrato de revisão do trabalho de vocês. Quem estava por lá?

— Comodoro? — indagou Claggett, recebendo um aceno de cabeça em resposta. — Havia um classe Akula em algum lugar por lá. Os P-3s o perderam ao sul de Kodiak, por isso ele devia estar

dentro de mais ou menos mil quilômetros de nós. O que não significa que seja ele.

— Qual?

— O *Almirante Lunin* — respondeu Claggett.

— Comandante Dubinin?

— Puxa, você está mesmo a par das coisas — comentou Mancuso. — Dizem que ele é muito bom.

— Não podia deixar de ser. Temos um amigo comum. O comandante Claggett está autorizado a ter acesso a essa informação?

— Não. Lamento, Claggett, mas é confidencial.

— Ele devia saber — disse Jones. — Essa besteira de sigilo está indo longe demais, Bart.

— Regras são regras.

— Tem razão. Seja como for, foi a última que atraiu minha atenção. — Ron folheou as páginas até o fim. — Estavam subindo à profundidade de antena...

— Isso mesmo. Para fazer um exercício de lançamento de mísseis.

— Fizeram ruídos de casco.

— Subimos depressa, e o casco é feito de aço, não de elástico — disse Claggett, com alguma irritação. — E daí?

— O casco passou pela camada mais depressa do que a "cauda". Seu equipamento rebocado captou isto.

Claggett e Mancuso ficaram quietos. O registro era uma linha vertical imprecisa, mas numa frequência que indicava a assinatura acústica de um submarino soviético. Não era de jeito nenhum uma prova conclusiva, mas se encontrava na esteira do curso do *Maine*, como todas as outras coisas que Jones mostrara.

— Se eu fosse um apostador, o que não é o caso, poderia lhe oferecer dois para um como durante o tempo em que se encontravam abaixo da camada, alguém podia estar por cima, deixando sua cauda pender por baixo. Ele captou seu transiente do casco, percebeu que subia para águas rasas, e desceu além da camada, no exato momento em que vocês afloravam. Uma manobra hábil, mas o ângulo de subida de vocês fez com que a cauda

permanecesse abaixo por mais tempo do que deveria, e foi daí que veio a assinatura.

— Mas não há nada depois disso.

— Absolutamente nada — admitiu Jones. — Não voltou mais. Desse ponto até o final das gravações, há apenas ruídos casuais e contatos identificados.

— É bastante inconsistente, Ron — comentou Mancuso, empertigando-se para esticar as costas.

— Sei disso. Foi o motivo que me fez voar até aqui. Por escrito, ninguém aceitaria.

— O que sabe sobre o sonar russo que ignoramos?

— Está se tornando melhor... chegando ao ponto em que nos encontrávamos há dez ou doze anos. Prestam mais atenção à faixa aberta do que nós... o que vai mudar agora. Convenci o Pentágono a fazer outra análise do sistema de integração de faixa aberta que a Texas Instruments vem desenvolvendo. Comandante, voltando ao que disse antes, sobre o buraco negro. Opera pelos dois lados. Não se pode ver um buraco negro, mas se pode *detectá-lo*. E se alguém rastreasse um Ohio pelo que deveria estar ali, mas não está?

— Ruído ambiental?

— Isso mesmo. — Jones balançou a cabeça. — Abre um buraco negro. Cria uma mancha negra em que não há ruído. Se ele puder isolar uma linha de direção em seu equipamento, se contar com bons filtros, além de um competente operador de sonar, creio que é possível... se alguma outra coisa lhe proporcionar uma pista.

— Isso é bastante improvável. Jones aceitou a ressalva.

— Mas não impossível. Conferi os números. Não é grande coisa, mas também não é impossível. Além disso, podemos agora rastrear abaixo do ambiente. Talvez eles possam também. Ouvi dizer que eles começaram a produzir uma cauda de grande abertura... a que foi projetada pelo pessoal nos arredores de Murmansk. Tão boa quanto era a BQR-15.

— Não acredito — disse Mancuso.

— Pois eu acredito, comandante. Não é uma tecnologia nova. O que sabemos sobre o *Lunin*?

— Passa por uma revisão neste momento. Vejamos... — Mancuso virou-se para examinar a carta de projeção polar na parede de sua sala. — Se foi ele, e depois seguiu direto para a base... e' *possível*, em termos técnicos, mas você está presumindo muita coisa.

— Estou dizendo que esse pássaro se encontrava nas proximidades quando foi efetuado aquele disparo de ar, que vocês seguiram para o sul, e ele também, que vocês lhe ofereceram um transiente de casco, ao que ele reagiu, e em seguida rompeu contato por sua própria iniciativa. Os dados são mínimos, mas se ajustam... talvez, reconheço, talvez. É para isso que me pagam.

— Elogiei Ricks por sacudir o *Omaha* daquele jeito — comentou Mancuso, depois de um momento. — Quero comandantes agressivos.

Jones riu, para romper a tensão na sala.

— Posso perguntar por quê, Bart?

— Claggett sabe daquele trabalho que fizemos na praia.

— Foi um tanto emocionante — murmurou Jones.

— Uma chance em três...

— A probabilidade aumenta se você presumir que o outro comandante é muito hábil. Dubinin teve um grande mestre.

— Do que estão falando? — indagou Claggett, com alguma irritação.

— Sabe que temos todos os tipos de dados sobre os russos da classe Tufão, e muito mais ainda sobre os seus torpedos. Alguma vez se perguntou como obtivemos todos esses dados, comandante?

— Pare com isso, Ron!

— Não violei nenhuma regra. Além do mais, ele precisa saber.

— Não posso dar a informação, e você sabe disso.

— Está certo, Bart. — Jones fez uma pausa. — Comandante, pode especular sobre a maneira como obtivemos todas aquelas informações de repente, numa só tacada. E pode até acertar em seu palpite.

Claggett ouvira alguns rumores, como o motivo pelo qual a doca Oito-Dez em Norfolk passara tanto tempo fechada, alguns anos antes. Circulara uma história, comentada apenas nos salões de

oficiais de submarinos no mar, muito abaixo da superfície, que de alguma forma a marinha americana se apoderara de um submarino de mísseis russo, como um reator muito estranho aparecera na escola de energia nuclear da marinha em Idaho para testes, desaparecendo logo em seguida, como plantas completas e até algumas peças de torpedos soviéticos surgiram em Groton como num passe de mágica, e como dois disparos noturnos da base da força aérea em Vandenberg não pareciam ser absolutamente de mísseis americanos. Muitas informações operacionais haviam sido distribuídas à esquadra, um material de primeira, que parecia ter partido de alguém que sabia do que estava falando — o que nem sempre acontecia com as informações do serviço secreto naval sobre táticas e treinamento de submarinos soviéticos. Claggett só precisava olhar o uniforme de Mancuso para ver a fita que indicava uma DSM, a mais alta condecoração dos Estados Unidos em tempo de paz. A fita tinha uma estrela, indicando que a medalha do serviço eminente fora concedida duas vezes. Mancuso era um tanto jovem para comandante de flotilha, e bastante jovem para ser promovido a contra-almirante. E ali estava um ex-praça que navegara com Mancuso, e agora o tratava por *Bart*. Ele acenou com a cabeça para o dr. Jones.

— Já tenho o quadro. Obrigado.

— Acha que houve um erro do operador?

Jones franziu o cenho. Não conhecia tanta coisa assim sobre Harry Ricks.

— Principalmente azar. Ou pode-se até falar em sorte. Nada de mau aconteceu, e aprendemos alguma coisa. Sabemos mais sobre o Akula do que antes. Um conjunto de insólitas circunstâncias se uniu. Não deve ocorrer de novo nos próximos cem anos. Seu comandante foi uma vítima das circunstâncias, e o outro cara... se é que houve outro cara... foi muito esperto. O mais importante nos erros, porém, é que se aprende com eles, certo?

— Harry volta dentro de dez dias — informou Mancuso. — Pode estar aqui nessa ocasião?

— Sinto muito — respondeu Jones, balançando a cabeça. — Tenho de ir à Inglaterra. Partirei no *Turbident*, para alguns dias de

descanso. Os britânicos têm um novo processador que precisamos examinar, e eu me ofereci como voluntário para essa missão.

— Não vai me pedir que apresente esse problema a meu comandante, senhor, não é mesmo? — indagou Claggett, depois de um momento de reflexão.

— Claro que não... está tentando me dizer alguma coisa? Claggett assumiu uma expressão de infelicidade.

— Senhor, ele é meu chefe, e não é um chefe ruim, mas é um pouco positivo em seu pensamento.

*Um comentário dos mais hábeis, pensou Jones. Não é um chefe ruim... e é um pouco positivo. Ele acaba de chamar seu chefe de idiota, de uma maneira que ninguém pode considerar desleal.* Ron se perguntou como seria o tal de Ricks, o hiperengenheiro nuclear. A boa notícia era o fato de que seu imediato tinha a cabeça no lugar. E um comandante esperto sempre escutava seu imediato.

— Como vai o senhor Chambers, Bart?

— Acaba de assumir o *Key West*. Pegou um garoto que você treinou para seu principal operador de sonar. Billy Zerwinski acaba de ser promovido a suboficial.

— É mesmo? Bom para ele. Sempre achei que o senhor Chambers ia subir, mas Billy Z como suboficial? O que está acontecendo com a minha marinha?

\* \* \*

— Está demorando uma eternidade — comentou Qati, mal-humorado. Sua pele estava de um branco pastoso. O homem estava sofrendo outra vez do tratamento com drogas.

— Não é bem assim — protestou Fromm, a voz firme. — Eu lhe disse vários meses, e serão vários meses. Na primeira vez em que isso foi feito, levaram três anos, tendo à disposição todos os recursos da nação mais rica do mundo. Farei para você em um oitavo desse tempo, e com um orçamento insignificante. Dentro de poucos dias, começaremos a trabalhar no rádio. Será muito mais fácil.

— E o plutônio? — perguntou Ghosn.

— Será o último metal em que vamos trabalhar... e tenho certeza de que sabe por quê.

— Sei, sim, Herr Fromm, e devemos ter o maior cuidado, já que ao se trabalhar com uma massa crítica é preciso ter toda a cautela para que não se torne crítica enquanto é formada. — Ghosn permitiu que sua irritação transparecesse, para variar. Sentia-se cansado. Há dezoito horas consecutivas que trabalhava, supervisionando os operadores.

— E o trítio?

— Será a última coisa. Outra vez, a razão óbvia. E relativamente instável, e queremos que o nosso trítio seja tão puro quanto possível.

— Tem razão.

Ghosn bocejou. Não prestara muita atenção à resposta, e não se deu ao trabalho de especular por que Fromm respondera daquele jeito.

Por sua vez, Fromm fez uma anotação mental. Paládio. Precisava de uma pequena quantidade de paládio. Como pudera esquecer isso? Ele resmungou para si mesmo. Muitas horas de trabalho, um clima miserável, operadores e associados soturnos. Um pequeno preço a pagar, é claro, por aquela oportunidade. Estava fazendo o que apenas um punhado de homens já fizera, e fazia de uma maneira que se podia comparar ao trabalho de Fermi e dos outros em 1944-45. Ele se descobriu a especular ociosamente como a arma seria utilizada, mas admitiu para si mesmo que, no fundo, não se importava. Bom, ele tinha outro trabalho a fazer.

O alemão atravessou a sala, até o lugar em que se encontravam as fresadoras. Outra equipe de técnicos estava em ação ali. A peça de berílio na máquina agora tinha a forma mais intrincada e fora a mais difícil de programar, com curvas côncavas, convexas e outras complexas. A máquina era controlada por computador, mas ainda assim era preciso mantê-la sob constante observação, através dos painéis de Lexan, que isolavam a área de fresa do mundo exterior. A área era ventilada para cima, num purificador de ar eletrostático. Não havia sentido em simplesmente lançar a poeira metálica no ar exterior — fazer isso constituiria um tremendo risco de segurança.



Por cima das placas eletrostáticas, havia uma massa sólida de dois metros de terra. O berílio não era radiativo, mas o plutônio era, e dali a pouco o plutônio seria trabalhado naquela mesma máquina. O berílio era ao mesmo tempo necessário e representava uma boa prática para os trabalhos posteriores.

A fresadora era tudo o que Fromm esperara quando a encomendara, vários anos antes. Os instrumentos orientados por computador eram monitorados por *lasers*, produzindo um grau de perfeição que não poderia ser alcançado tão depressa cinco anos antes. A superfície do berílio já estava facetada pela máquina, parecendo com o remate de um ferrolho de rifle da melhor qualidade, mas aquele era apenas o primeiro estágio do trabalho. A leitura dos dados na máquina indicava tolerâncias medidas em angstroms. A ponta da ferramenta girava a vinte e cinco mil rpm, não tanto raspando, mas queimando as irregularidades. Instrumentos separados mantinham uma vigilância de computador no trabalho em andamento, ao mesmo tempo medindo as tolerâncias e esperando que a broca apresentasse sinais de desgaste, quando a máquina pararia automaticamente, acionando uma nova ferramenta. A tecnologia era maravilhosa. O que fora antes o trabalho de mestres operadores especialmente treinados, sob a supervisão de ganhadores do Prêmio Nobel, era agora realizado por microchips.

O invólucro do artefato já fora fabricado. De forma elipsoidal, tinha noventa e oito centímetros de comprimento, com cinquenta e dois centímetros na largura máxima. Feito de aço com um centímetro de espessura, tinha de ser forte, mas não muito, apenas o suficiente para conter um vácuo. Também já se encontravam prontos para a instalação os blocos curvos de espuma de polietileno e poliuretano, porque um artefato daquele tipo precisava das propriedades especiais desses materiais, os mais fortes e mais frágeis ao mesmo tempo. Havia se adiantado em algumas áreas, é claro, mas não havia sentido em desperdiçar tempo ou mãos ociosas. Em outra máquina, os operadores praticavam mais uma vez numa chapa de aço inoxidável que simulava o cilindro dobrado de plutônio da massa de reação primária. Era a sétima vez que faziam

aquilo. Apesar da sofisticação das máquinas, as duas primeiras provas haviam saído muito mal, como era de se esperar. Na quinta, a maior parte do processo já se achava definido, e a sexta tentativa oferecera um produto bastante bom para se trabalhar... mas não o suficiente para Fromm. O alemão tinha um modelo mental simples para a tarefa global, o mesmo formulado pela Nasa para descrever o primeiro pouso na lua. A fim de que o artefato tivesse o desempenho desejado, era necessário haver uma série complexa de eventos individuais, numa seqüência inumanamente precisa. Ele encarava o processo como a passagem por uma sucessão de portões. Quanto mais largos fossem os portões, mais fácil seria passar depressa por eles. As tolerâncias a mais ou a menos refletiam-se numa ligeira obstrução dos portões individuais. Fromm queria tolerâncias zero. Queria que cada peça da arma estivesse de acordo com os critérios do seu projeto, de forma tão exata quanto a tecnologia disponível tornasse possível. Quanto mais perto da perfeição pudesse chegar, mais provável era que o artefato se desempenhasse exatamente como previra... ou ainda melhor, uma parte dele pensava. Incapaz de experimentar, incapaz de encontrar soluções empíricas para complexos problemas teóricos, ele exagerara na engenharia da arma, determinando uma provisão de energia que era várias ordens de magnitude além do que era realmente necessário para a carga projetada. Isso explicava a vasta quantidade de trítio que planejava usar, mais de cinco vezes acima do necessário, num sentido teórico. O que acarretava problemas, é claro. Seu suprimento de trítio já tinha vários anos, e algumas partes haviam se deteriorado em  $^3\text{He}$ , um isótopo indesejável de hélio, mas filtrando o trítio através do paládio ele separara o trítio, garantindo uma carga total apropriada. Os fabricantes de bombas americanos e soviéticos podiam usar muito menos, graças às suas experiências, mas Fromm também contava com uma vantagem. Não precisava se preocupar com uma vida longa para seu artefato, o que era um trunfo que seus equivalentes soviéticos e americanos não tinham. Era a sua única vantagem, e Fromm pretendia aproveitá-la ao máximo. Como acontece com quase todas as partes de um projeto de bomba, era uma vantagem que também tinha seus

inconvenientes, mas Fromm sabia que tinha um controle total sobre seu artefato. *Paládio*, ele disse a si mesmo. *Não devo me esquecer.* Mas dispunha de bastante tempo.

— Pronto.

O chefe da equipe acenou para que Fromm examinasse. A chapa de aço inoxidável saiu da máquina sem qualquer dificuldade, e ele entregou-a a Fromm. Tinha trinta centímetros de comprimento. A forma era complexa, a que se obteria com um copo grande, dobrando-se a parte superior para fora, e a inferior na direção da base. Não poderia ser usado para água, porque havia um buraco no centro do que poderia ter sido o fundo — na verdade caberia, pensou Fromm, um segundo depois, só que no sentido inverso. A chapa pesava cerca de três quilos, e cada superfície era lisa como um espelho. Ele levantou a peça contra a luz, a fim de verificar imperfeições e irregularidades. Seus olhos não eram tão bons assim. Era mais fácil constatar a qualidade do acabamento em termos matemáticos do que visuais. A superfície, informava a máquina, era acurada até um milésimo de um micron, ou uma fração de um único comprimento de onda de luz.

— É uma jóia — comentou Ghosn, parado atrás de Fromm. O operador ficou radiante.

— Adequada — foi o julgamento de Fromm. Ele olhou para o operador. — Quando fizer mais cinco peças igualmente boas, ficarei satisfeito. Cada segmento de metal deve possuir esta qualidade. Comece outra.

Fromm entregou a peça a Ghosn e afastou-se.

— Infiel — resmungou baixinho o operador.

— Tem toda a razão — concordou Ghosn. — Mas é também o homem mais eficiente que já conheci.

— Eu preferia trabalhar para um judeu.

— Este trabalho saiu magnífico — comentou Ghosn, para mudar de assunto.

— Eu não teria acreditado que fosse possível polir o metal com tanta precisão. Esta máquina é incrível. Eu poderia fazer qualquer coisa com ela.

— Isso é ótimo — disse Ghosn, sorrindo. — Pois faça outra peça igual a esta.

—Você é quem manda.

Ghosn foi até a sala de Qati. O comandante olhava para um prato de alimentos simples, mas se mostrava incapaz de tocá-lo, com medo de vomitar.

— Talvez isto o faça se sentir melhor — disse Ghosn.

— E o que é isto? — perguntou Ghosn, pegando a peça.

— É assim que o plutônio vai ficar.

— Parece vidro...

— Mais liso ainda. Liso o bastante para um espelho de *laser*. Eu poderia informar a acurácia da superfície, mas tenho certeza de que nunca pensou em nada tão pequeno, em toda a sua vida. Fromm é um gênio.

— É um homem arrogante, autoritário...

— E verdade, comandante, ele é tudo isso, mas também é exatamente o homem de que precisamos. Eu nunca poderia ter feito isso pessoalmente. Talvez, em um ou dois anos, talvez eu fosse capaz de reconstituir a bomba israelense em algo que funcionaria... os problemas eram muito mais complexos do que eu imaginava há poucas semanas. Mas esse Fromm... o que estou aprendendo com ele! Ao concluirmos, eu serei capaz de fazer tudo de novo, sozinho!

— É mesmo?

— Comandante, sabe o que é a engenharia? E como cozinhar. Se você tem a receita certa, o livro certo, e os ingredientes certos, qualquer um pode fazer. Não resta dúvida de que esta é uma tarefa difícil, mas o princípio se mantém. E preciso saber como usar as várias fórmulas matemáticas, mas todas também estão nos livros. E apenas uma questão de instrução. Com computadores, os instrumentos adequados... e um professor, como esse filho da puta do Fromm é...

— Então por que não temos mais...

— A parte difícil é obter os ingredientes, em particular o plutônio ou U-235. Isso exige um reator nuclear de um tipo específico, ou a nova tecnologia de centrifugação. Ambos representam um enorme investimento, e são instalações difíceis de

se ocultar. E isso também explica as extraordinárias medidas de segurança adotadas para a manipulação e transporte de bombas e seus componentes. A história tão apregoada de que é difícil fabricar as bombas não passa de uma mentira.

## PROGRESSO

Wellington tinha três homens trabalhando para ele. Cada um era um investigador experiente, acostumado a casos de grande sensibilidade política, que exigiam absoluta discrição. Seu trabalho era determinar prováveis áreas de investigação de campo, depois avaliar e correlacionar as informações que levavam à sua sala, no Departamento de Justiça. A parte arriscada era recolher as informações sem que o alvo da investigação percebesse qualquer coisa, e Wellington refletiu corretamente que essa parte da missão seria ainda mais difícil com um alvo como Ryan. O vice-diretor da CIA não seria nada se não fosse perceptivo. Seu trabalho anterior o qualificara como um homem que podia ouvir a relva crescer e ler folhas de chá, disputando com os melhores. Isso significava que era preciso ir devagar... mas não devagar demais. Também parecia ao jovem advogado que o propósito de sua investigação não era produzir dados apropriados a um grande júri, o que lhe proporcionava um pouco mais de liberdade de movimentos do que teria de outra forma. Ele duvidava que Ryan pudesse ser tão tolo ao ponto de violar qualquer lei. As regras da CVM haviam sido arranhadas, talvez contornadas, mas por uma análise dos documentos da investigação da comissão era evidente que a ação de Ryan fora de boa fé, na plena expectativa de que não violara qualquer estatuto, o que talvez se pudesse contestar. O julgamento sobre a participação de Ryan podia ter sido técnico, mas a lei era técnica. A Comissão de Valores Mobiliários poderia ter pressionado, talvez mesmo obtido um indiciamento, mas jamais conseguiria uma condenação... talvez pudessem ter forçado um acordo e/ou uma decisão de aquiescência, mas Wellington duvidava disso também. Haviam sugerido isso como um sinal de boa fé, mas ele respondera com um categórico não. Ryan não era homem de tolerar qualquer pressão. Aquele homem já matara pessoas. O que não assustava

Wellington. Era apenas um indicador da força de caráter do homem. Ryan era um filho da puta duro e formidável, que enfrentava as coisas, quando era necessário.

*Essa é a sua fraqueza,* disse Wellington a si mesmo. Ele prefere enfrentar as coisas. Carece de sutileza. Era uma falha comum dos honestos, e uma lamentável fraqueza num ambiente político.

Ryan, no entanto, tinha protetores políticos. Trent e Fellows eram os políticos mais astutos que se podia imaginar...

*Um interessante problema tático...*

Wellington considerava como dupla a sua tarefa: descobrir alguma coisa que pudesse ser usada contra Ryan, e alguma coisa que também neutralizasse seus aliados políticos.

*Carol Zimmer.* Wellington fechou uma pasta e abriu outra.

Havia uma fotografia do Serviço de Imigração e Naturalização. Devia ter sido tirada há anos — ela era uma criança-noiva, no sentido mais literal da expressão, ao chegar aos Estados Unidos, uma coisinha linda, com um rosto de boneca. Uma foto mais recente, tirada por seu investigador de campo, mostrava uma mulher madura, ainda abaixo dos quarenta anos, o rosto agora exibindo algumas rugas, quando antes era liso como porcelana. Se alguma diferença havia, ela parecia ainda mais bela do que antes. A expressão tímida e quase acuada na primeira foto — compreensível, já que fora tirada depois de sua fuga do Laos — fora substituída pela de uma mulher segura em sua vida. Tinha um sorriso gracioso, pensou Wellington.

O advogado lembrou-se de uma colega de turma na faculdade de direito, Cynthia Yu. *Ela era uma trepada e tanto... quase, com aqueles olhos, a coquete oriental...*

*Poderia ser isso?*

Algo tão simples?

Ryan era casado. Esposa, Caroline Muller Ryan, cirurgia oftalmológica. Foto: uma típica americana da elite, só que era católica, esguia e atraente, mãe de duas crianças.

*Ora, só porque um homem tem uma esposa bonita...*

Ryan instituíra um fundo educacional... Wellington abriu outra pasta. Uma cópia do documento.

Ryan, ele constatou, fizera tudo sozinho, através de um advogado... não o seu advogado regular! Um cara de Washington. E Caroline Ryan não assinara os documentos... será que sequer sabia? A informação em sua mesa sugeria que ela não sabia.

Wellington verificou em seguida o registro de nascimento da mais nova criança Zimmer. O marido morreria num "acidente de treinamento de rotina"... a data era equívoca. Ela podia ter engravidado na própria semana em que o marido morreria. Mas também podia ser que não. Era a sétima criança... ou oitava? Nunca se sabia ao certo com essa gente, não é mesmo? A gestação podia ser de nove meses, ou menos.

Os primeiros filhos geralmente nasciam mais tarde. Os últimos, com freqüência, mais cedo. Peso da criança ao nascer... dois quilos e meio... menos do que a média, mas também ela era asiática, uma gente pequena... tinham bebês menores do que o normal? Wellington fez suas anotações, reconhecendo que tinha uma série de possibilidades, mas nenhum fato concreto.

Mas ele estava mesmo procurando por fatos?

Os dois desordeiros. Os seguranças de Ryan, Clark e Chavez, haviam aleijado um deles. Seu investigador verificara isso com o departamento de polícia do condado de Anne Arundel. Os policiais locais aceitaram a história de Clark. Os desordeiros em questão tinham longas fichas na polícia, embora por coisas pequenas, algumas condenações com *sursis*, umas poucas sessões com conselheiros juvenis. Os policiais ficaram na maior satisfação pelo que acontecera.

— Tudo bem para mim se ele tivesse liquidado aquele pequeno filho da puta — dissera um sargento da polícia, com uma risada, registrada na gravação do investigador. — O tal de Clark parecia um cara muito sério. E seu chute de lado também foi sério. Se aqueles marginais foram bastante estúpidos para se meterem com eles, o que se pode fazer? E um mundo duro, entende? E dois outros membros da gangue confirmaram a história que Clark nos contou. O caso está encerrado.

Mas *por que* Ryan mandara seus dois seguranças atrás da gangue?



*E/e não matou para proteger sua família? Este é uni cara que não tolera o perigo Porá... amigos... família... amantes?*

*E possível.*

— Hum... — murmurou Wellington.

O vice-diretor está se desviando um pouco do caminho, ele pensou. Nada de ilegal, apenas malcheiroso. E também atípico do santo doutor John Patrick Ryan. Quando sua amante é incomodada pelos membros de uma gangue local, ele simplesmente lança seus seguranças contra os desordeiros, como um *capo* da Máfia poderia fazer, como um alto funcionário do serviço público que nenhum policial jamais se atreveria a perturbar.

Isso seria suficiente?

Não.

Ele precisava de algo mais. Uma evidência, algum tipo de evidência. Não o suficiente para um grande júri... mas suficiente para... o quê? Iniciar uma investigação oficial. Claro. E tais investigações nunca eram secretas, não é mesmo? Uns poucos sussurros, uns poucos rumores. Muito fácil. Primeiro, no entanto, Wellington precisava encontrar alguma base.

— Há quem diga que este jogo pode ser uma prévia do Super Bowl, a decisão do campeonato nacional. Três semanas depois de iniciada a temporada, no Metrodome. As duas equipes parecem as prováveis vencedoras de suas chaves. Os Chargers de San Diego enfrentam os Vikings de Minnesota.

— A temporada de estréia de Tony Wills começou ainda mais espetacular do que sua carreira no futebol universitário — comentou o negro. — Apenas duas partidas, e ele já tem trezentas e seis jardas, em quarenta e seis investidas... o que dá 6,7 jardas a cada vez que ele pega na bola... e isso contra os Bears e os Falcons, duas excelentes defesas. Alguém será capaz de deter Tony Wills?

— E ele ainda tem cento e vinte e cinco jardas em suas nove recepções de passes. Não é de admirar que todos estejam maravilhados com esse garoto.

— Sem falar em seu doutorado na Universidade de Oxford. — O negro soltou uma risada. — Um típico acadêmico americano, bolsista

Rhodes, o homem que sozinho pôs a Northwestern University de volta no mapa, a dois passos do Rose Bowl. Acha que ele é mais rápido do que uma bala?

— É o que vamos descobrir. Aquele estreante na defesa dos Chargers, Maxim Bradley, é a melhor coisa que já vi desde que Dick Butkus saiu de Illinois, o melhor jogador de defesa que o Alabama já produziu... e essa é a escola de Tommy Nobis, Cornelius Bennett, e alguns outros grandes profissionais. Não é por nada que o chamam de Secretário da Defesa.

Já era a maior piada na liga, uma referência ao dono do time, Dennis Bunker, o secretário da Defesa dos Estados Unidos.

— Tim, vamos ter um grande jogo!

— Eu deveria ter ido — murmurou Brent Talbot. — Dennis foi.

— Se eu tentasse impedir que ele assistisse aos jogos de seu time, Dennis renunciaria — comentou o presidente Fowler. — Além do mais, ele usou seu próprio avião.

Dennis Bunker possuía um pequeno jato particular. Permitia que outros o pilotassem, mas ainda mantinha em vigor um breve de piloto comercial. Era um dos motivos para que os militares o respeitassem. Era capaz de comandar quase tudo em que voava, já tendo sido um destacado aviador de combate.

— Qual é a cotação para o jogo?

— Três a um para os Vikings — respondeu o presidente. — Mas só porque vão jogar em seu campo. Os dois times estão no mesmo nível. Vi Wills contra os Falcons na semana passada. O garoto é sensacional.

— Tony é de fato espetacular. Inteligente, uma atitude maravilhosa, passa muito tempo com crianças.

— O que acha de usá-lo como porta-voz na campanha contra as drogas?

— Tony já fez isso em Chicago. Posso falar com ele, se você quiser. Fowler virou-se.

— Pois então fale, Brent.

Por trás deles, Pete Connor e Helen D'Agustino relaxavam num sofá. O presidente Fowler sabia que ambos eram fãs de futebol americano, e a sala de tevê presidencial era grande e confortável.

— Alguém quer uma cerveja? — perguntou Fowler. Ele não podia assistir a um jogo sem tomar uma cerveja.

— Vou buscar — disse D'Agustino, encaminhando-se para a geladeira na sala ao lado.

Era a coisa mais estranha naquele homem tão complexo, pensou Daga. Ele parecia, vestia-se, andava e agia como um aristocrata. Era um autêntico intelectual, com a arrogância inerente. Mas na frente de um aparelho de tevê, assistindo a uma partida de futebol americano — Fowler só assistia aos jogos de beisebol quando seus deveres presidenciais assim exigiam —, ele não passava de um homem comum, com uma tigela de pipoca, e uma, duas ou três cervejas. É verdade que mesmo ali o seu "alguém quer uma cerveja?" era uma ordem. Seus seguranças não podiam beber em serviço, e Talbot era abstinente. Daga pegou uma Diet Coke.

— Obrigado — disse Fowler, quando ela lhe entregou o copo de cerveja. Ele se mostrava ainda mais polido quando assistia a uma partida de futebol americano. Talvez, pensou D'Agustino, porque fosse algo que costumava fazer com a esposa. Ela torcia para que isso fosse verdade. Proporcionava ao homem a humanidade de que ele precisava acima de todas as coisas.

— Ei, Bradley acertou Wills com tanta força que ouvimos até aqui em cima!

Na tela, os dois homens se levantaram e pareceram trocar algumas palavras veementes, mas provavelmente era uma risada mútua.

— E melhor esses dois se conhecerem bem depressa, Tim, pois vão se encontrar com muita freqüência. Os dois times se posicionam de novo. Esse Bradley é um defensor muito esperto. Ele se deslocou do centro para preencher a abertura que sabia que ia aparecer.

— Ele sabe muito bem das coisas para um estreante nos profissionais — comentou o outro locutor.

— Esse garoto Bradley tem uma bunda linda — ressaltou Daga, em voz baixa.

— Esse negócio de libertação feminina está indo longe demais, Helen — comentou Pete, sorrindo.

Ele mudou de posição no sofá, a fim de aliviar a pressão do revólver em seu rim.

Günther Bock e Marvin Russell estavam parados na calçada, diante do terreno da Casa Branca, em meio a uma multidão de cerca de uma centena de turistas, a maioria dos quais apontava câmeras para a mansão presidencial. Haviam chegado à cidade na noite anterior, e no dia seguinte fariam uma excursão ao Capitólio. Ambos usavam bonés, para se protegerem do que ainda parecia ser um sol de verão. Bock tinha uma câmera pendurada no pescoço, com uma correia de Mickey Mouse. Tirara algumas fotos, principalmente para se identificar com os turistas. As observações reais vinham de seus olhos treinados. Aquele era um alvo muito mais difícil do que as pessoas imaginavam. Os prédios em torno da Casa Branca eram bastante grandes para que atiradores de elite encontrassem posições excelentes, em que ficavam ocultos de quem se encontrava lá embaixo. Ele sabia que provavelmente estava sob vigilância naquele momento, mas não dispunham de tempo nem dinheiro para comparar seu rosto com todas as fotos que tinham nos arquivos, e ele se dera ao trabalho de alterar sua aparência o suficiente para não ter essa preocupação.

O helicóptero do presidente se aproximou e pousou a apenas cem metros do lugar em que ele se postava. Um homem com um SAM portátil teria uma boa possibilidade de derrubá-lo... exceto pelas considerações práticas. Estar ali no momento propício era muito mais difícil do que parecia. O ideal seria um pequeno caminhão, talvez com um buraco aberto no teto, pelo qual o homem poderia se erguer, disparar o míssil, e tentar a fuga. Exceto pelos atiradores de vigia nos prédios ao redor, e Bock não tinha ilusões de que eles poderiam errar o alvo. Os americanos haviam inventado o tiro de precisão, e seu presidente contaria com os serviços dos melhores. Também era certo que no meio daquele bando de turistas havia agentes do Serviço Secreto, e era improvável que ele pudesse identificá-los.

A bomba poderia ser transportada até ali e detonada num caminhão... dependendo das medidas protetoras sobre as quais

Ghosh o advertira. Ele podia também levar a bomba de caminhão até as imediações do Capitólio, talvez na ocasião em que o presidente americano estivesse fazendo seu discurso sobre o estado da União no início do período legislativo... se a arma já estivesse pronta a esta altura. O que não era certo. E havia também " problema de transportar a arma até ali — três semanas, no mínimo. Latakia para Roterdã, depois outro navio para um porto americano. Baltimore era o porto grande mais próximo. Norfolk/Newport News era o seguinte. Ambos movimentavam muita carga em contêineres. Poderiam trazer de avião, mas as cargas aéreas eram quase sempre examinadas por raios X, e não havia como correr esse risco.

A idéia era pegar o presidente num fim de semana. Quase que tinha de ser um fim de semana para que todo o resto funcionasse. Todo o resto. Bock sabia que estava violando um dos seus mais importantes preceitos operacionais — a simplicidade. Mas para que sua operação tivesse possibilidade de dar certo, precisava providenciar mais de um incidente, e teria de ser num fim de semana. Só que o presidente americano passava apenas a metade do seu tempo nos fins de semana na Casa Branca, e seus movimentos entre Washington, Ohio e outros lugares eram imprevisíveis. As medidas de segurança mais simples à disposição do presidente dos Estados Unidos eram as que eles usavam: sua agenda, embora divulgada, era irregular e os detalhes precisos guardados em segredo. Bock precisava de pelo menos uma semana de antecedência para providenciar as outras disposições — e isso era otimista —, mas seria quase impossível obter esse prazo de sete dias. Na verdade, seria muito mais simples planejar um assassinato comum, com armas convencionais. Um pequeno avião, por exemplo, podia ser armado com mísseis SA-7... provavelmente não. O helicóptero do presidente contava sem dúvida com os melhores equipamentos infravermelhos de interferência disponíveis...

*Uma chance. Você tem apenas uma chance.*

*E se formos pacientes? E se guardarmos a bomba por um ano, trazendo-a para cá por ocasião do próximo discurso sobre o estado da União? Levar a bomba para as proximidades do Capitólio, a fim de destruir o prédio e todos que se encontrassem em seu interior,*

não deveria ser difícil. Ele já soubera — e constataria no dia seguinte — que o Capitólio era um prédio de construção clássica, com muita pedra, mas pouca estrutura de ferro... talvez tudo o que precisassem fosse de paciência.

Mas isso não aconteceria. Qati não permitiria. Havia a questão da segurança e a consideração ainda mais importante de que Qati se considerava um homem agonizante, e os homens agonizantes não se destacavam por sua paciência.

E será que funcionaria em qualquer circunstância? Com que cuidado os americanos guardavam as áreas em que a presença do presidente era previsível com tanta antecedência? Haveria sensores radiológicos na área?

*Você os instalaria, não é mesmo?*

Só uma chance. Você nunca mais será capaz de repetir isso. Pelo menos uma semana de antecedência ou nunca conseguirá coisa alguma além de um assassinato em massa.

Deve haver um lugar sem a provável presença de sensores radiológicos. Isso eliminava Washington.

Bock começou a se afastar da cerca preta de ferro. O rosto não deixava transparecer a raiva que sentia.

— Vamos voltar ao hotel? — perguntou Russell.

— Por que não?

Afinal, os dois sentiam-se exaustos da viagem.

— Ótimo. Quero assistir ao jogo. Essa é praticamente a única coisa que Fowler e eu temos em comum.

— E que coisa é essa?

— O futebol americano. — Russell riu. — Conhece o futebol americano? Pois vou lhe explicar como é.

Quinze minutos depois, eles estavam em seu quarto no hotel. Russell ligou a tevê no canal local da NBC.

— Foi um tempo sensacional, Tom. Os Vikings tinham de converter seis *third-downs*, e dois deles exigiram medições.

— E um deles não devia valer — comentou o presidente Fowler.

— O árbitro não pensou assim — protestou Talbot, rindo.

— Estão contendo Tony Wills em apenas três jardas em cada passagem, e uma dessas foi sua carga de vinte jardas que pegou os Chargers desprevenidos.

— Muito trabalho para três pontos, Tim, mas eles conseguiram os três.

— E agora os Chargers terão sua oportunidade no ataque. A defesa dos Vikings é um pouco problemática, com dois de seus jogadores com pequenas contusões. Aposto que eles não vão agüentar.

O *quarterback* dos Chargers recebeu a primeira bola, recuou cinco passos, e arremessou-a para o atacante no flanco, através do meio do campo, mas a mão de alguém desviou o curso, e a bola acabou caindo no rosto surpreso do último defensor dos Vikings, que a pegou e foi cair a quarenta jardas.

Bock achou o jogo emocionante, de uma maneira meio distante, mas quase que totalmente incompreensível. Russell tentou explicar, mas não ajudou muito. Günther consolou-se com uma cerveja, estendido na cama, enquanto a mente repassava o que observara. Sabia que queria que seu plano se realizasse, mas os detalhes exatos — em particular ali na América — estavam parecendo mais difíceis do que calculara. Se ao menos...

— O que foi mesmo que eles disseram?

— O secretário de Defesa — respondeu Russell.

— Uma piada? Marvin virou-se.

— Uma espécie de piada. É assim que chamam um defensor, Maxim Bradley, da Universidade do Alabama. Mas o verdadeiro secretário da Defesa é o dono do time. Dennis Bunker... lá está ele.

A câmera mostrou Bunker em um dos camarotes do estádio. *Que coisa extraordinária!*, pensou Günther.

— O que é esse Super Bowl de que estão falando?

— É a decisão do campeonato. Há um torneio entre as melhores equipes, e a partida decisiva é chamada de Super Bowl.

— Como a Copa do Mundo?

— Mais ou menos assim, só que o Super Bowl ocorre todos os anos. Este ano... na verdade, no próximo ano, ao final de janeiro...

será no estádio novo que construíram em Denver. O Skydome, creio que é esse o nome.

— E esperam que esses dois times disputem a partida decisiva? Russell deu de ombros.

— É o que todos estão dizendo. A temporada normal dura dezesseis semanas, depois mais três semanas no turno final, e outra semana de espera pelo Super Bowl.

— Quem vai a esse último jogo?

— Uma porção de gente. É o grande jogo da temporada. Todos querem assistir. Conseguir ingressos não é fácil. Esses dois times parecem os melhores para chegar à final, mas é realmente imprevisível, entende?

— O presidente Fowler é fã do futebol americano?

— E o que dizem. Parece que ele assiste a muitas partidas dos Redskins, aqui em Washington.

— E a segurança?

— É rigorosa. Ele fica instalado num dos camarotes especiais. Acham que o mantêm seguro com vidros à prova de bala e coisas assim.

*O mie era uma besteira*, pensou Bock. E verdade que era mais fácil garantir um estádio do que podia parecer ao observador casual. Uma arma pesada só podia ser disparada de uma rampa de acesso, e sua descoberta seria relativamente fácil. Por outro lado...

Bock fechou os olhos. Pensava de uma maneira desorganizada, vacilando entre o enfoque convencional e o anticonvencional do problema. Também se permitiu focalizar a coisa errada. Matar o presidente americano era desejável, mas não essencial. O essencial era matar o maior número possível de pessoas, da maneira mais espetacular imaginável, depois coordenar com outras atividades para fomentar...

*Pense!* Concentre-se na verdadeira missão.

— A cobertura da televisão a esses jogos é impressionante — comentou Bock, depois de um minuto.

— E verdade. Usam todos os recursos, ligação por satélites, e não sei mais o quê.



Russell concentrava-se no jogo. Os Vikings haviam conseguido uma coisa chamada *touchdown*, e a contagem era agora de dez a zero, mas agora parecia que o outro time se deslocava rapidamente na outra direção.

— O jogo alguma vez foi interrompido por um distúrbio? Marvin virou a cabeça.

— Como? Ah, sim... Durante a guerra com o Iraque adotaram rigorosas medidas de segurança... e lembra do filme, não é?

— Que filme?

— *Domingo negro*, acho que era esse o título... alguns caras do Oriente Médio tentaram explodir o estádio. — Marvin soltou uma risada. — Já fizeram isso, cara. Pelo menos em Hollywood. Usaram um pequeno dirigível. Foi Por isso que durante o Super Bowl, quando estávamos em guerra com Iraque, não deixaram o dirigível da tevê se aproximar do estádio.

— Está havendo algum jogo em Denver hoje?

— Não. Haverá uma partida ali amanhã de noite, entre Broncos e Seahawks. Não será um grande jogo. Os Broncos estão reformulando seu time.

— Entendo...

Bock deixou o quarto e foi pedir à recepção para que providenciasse passagens de avião até Denver para a manhã seguinte.

Cathy levantou-se para se despedir do marido. Até preparou o desjejum. Sua solicitude nos últimos dias não fizera com que Jack se sentisse melhor. Muito ao contrário. Mas ele nada podia dizer a respeito, não é mesmo? Nem mesmo sobre a maneira como ela exagerava, endireitando sua gravata e beijando-o na porta. O sorriso, a expressão afetuosa, tudo por um marido que não era capaz de cumprir seus deveres conjugais, pensou Jack, a caminho do carro. O mesmo tipo de atenção sufocante que se dispensava ao mesmo pobre coitado numa cadeira de rodas.

— Bom dia, Doc.

— Oi, John.

— Assistiu ao jogo de ontem entre os Vikings e os Chargers?

— Não. Levei meu filho para ver os Orioles. Eles perderam de seis a um. O sucesso seguia Jack por toda parte, mas pelo menos ele cumprira a promessa ao filho. Não era alguma coisa?

— Vinte e quatro a vinte e um na prorrogação. Aquele garoto Wills é incrível. Pararam-no em noventa e seis jardas, mas depois ele deu uma arrancada de vinte jardas e decidiu a partida.

— Você apostou algum dinheiro no jogo?

— Cinco dólares no escritório, mas com uma diferença de três pontos. O fundo educacional ganhou essa grana.

Foi um motivo para Ryan rir. O jogo era ilegal na CIA, assim como em todos os outros escritórios do governo, mas qualquer tentativa séria de impor a proibição às apostas no futebol americano poderia desencadear uma revolução — o mesmo acontecia no FBI, Jack tinha certeza, o órgão encarregado de impor o cumprimento das leis sobre o jogo em escala interestadual — e o sistema semi-oficial não permitia as diferenças de meio ponto. Quando havia um empate, o dinheiro ia para a obra beneficente da Agência, o Fundo de Ajuda Educacional. Era algo que até o inspetor-geral da CIA preferia ignorar... e ele também gostava de fazer suas apostas, tanto quanto qualquer outro.

— Parece que pelo menos você dormiu um pouco, Jack — comentou Clark, enquanto seguiam para a Rota 50.

— Oito horas.

Jack tentara outra oportunidade na noite anterior, mas Cathy dissera que não. *Você está muito cansado, Jack. Isso é tudo. Tem trabalhado demais, e quero que se cuide melhor, esta' bem?*

*Como se eu fosse um maranhão com excesso de trabalho...*

— Bom para você, Jack. Ou foi sua mulher que exigiu?

Ryan olhou para a estrada à frente.

— Onde está a caixa?

— Aqui.

Ryan abriu-a e começou a examinar os despachos do fim de semana.

Pegaram um voo direto, no início da manhã, do aeroporto nacional de Washington para o aeroporto internacional Stapleton, de

Denver. Fazia um dia claro na maior parte do país. Bock sentou junto da janela e ficou observando o país, em sua primeira visita aos Estados Unidos. Como a maioria dos europeus, ele sentiu-se surpreso, quase intimidado, pelo tamanho e diversidade. As colinas cobertas por bosques de Appalachia; os campos agrícolas do Kansas, com os enormes círculos dos sistemas de irrigação; a maneira desconcertante como as grandes planícies terminavam e começavam as Montanhas Rochosas, quase à vista de Denver. Com toda a certeza, Marvin comentaria, assim que chegassem, como tudo aquilo pertencera a seu povo. Uma grande besteira. Eles eram bárbaros nômades, seguindo as manadas de bisões, ou o que quer que existisse ali antes do advento da civilização. Os Estados Unidos podiam ser o grande inimigo, mas constituíam um país civilizado, o que o tornava ainda mais perigoso. Quando o avião pousou, Bock não agüentava mais de vontade de fumar. Dez minutos depois do desembarque, eles já haviam alugado um carro e estudavam um mapa. Bock sentia-se um pouco tonto da escassez de oxigênio ali. Quase mil e quinhentos metros de altitude. Era de admirar que os homens fossem capazes de jogar futebol americano num lugar assim.

Chegaram depois do tráfego intenso da manhã, e a viagem até o estádio foi simples. A sudoeste da cidade, o novo Skydome era uma estrutura que se destacava, com amplo terreno ao redor para estacionamento. Bock parou o carro perto de uma bilheteria, e decidiu que o acesso mais simples seria o melhor.

— Pode me arrumar dois ingressos para a partida desta noite?

— Claro. Ainda restam algumas centenas. Onde vai querer?

— Infelizmente, não conheço o estádio.

— Deve ser novo aqui — comentou a mulher, com um sorriso cordial. — Só temos agora na arquibancada superior, seções sessenta e seis e sessenta e oito.

— Duas, por favor. Posso pagar em dinheiro?

— Claro que sim. De onde você é?

— Dinamarca.

— É mesmo? Pois seja bem-vindo a Denver. Espero que goste do jogo.

— Posso dar uma olhada antes no estádio, para saber onde fica o meu lugar?

— Os regulamentos proíbem, mas ninguém vai se importar.

— Obrigado.

Bock retribuiu o sorriso da idiota risonha.

— Eles ainda têm lugares para esta noite? — indagou Marvin Russell. — É incrível!

— Vamos dar uma olhada para saber onde ficam.

Bock passou pelo portão aberto mais próximo, perto dos enormes caminhões da ABC, que continham os equipamentos para a transmissão via satélite do jogo daquela noite. Constatou que o estádio tinha ligações para os equipamentos de transmissão. O que significava que os caminhões de tevê ficariam sempre no mesmo lugar, perto do portão 5. Lá dentro, ele avistou uma equipe de técnicos instalando equipamentos. Subiu pela rampa mais próxima, seguindo deliberadamente pelo caminho errado.

O estádio tinha lugares para sessenta mil pessoas, talvez um pouco mais. Havia três níveis de arquibancadas além dos camarotes, alguns dos quais pareciam luxuosos. Em termos estruturais, era impressionante. A construção era de concreto maciço reforçado, a arquibancada superior em cantiléver. Não havia colunas para bloquear a vista dos espectadores. Um excelente estádio. Um alvo magnífico. Além do estacionamento, ao norte, havia uma sucessão interminável de prédios de apartamentos baixos. A leste, havia um centro de administração pública. O estádio não ficava no centro da cidade, mas nada se podia fazer quanto a isso. Bock encontrou e sentou em seu lugar, orientando-se pela bússola e o equipamento de tevê. A localização do último era muito fácil. Uma bandeira da ABC estava sendo pendurada por baixo de um dos camarotes reservados à imprensa.

— Ei!

— Pois não? — murmurou Bock, olhando para um guarda.

— Você não deveria estar aqui.

— Desculpe. — Ele mostrou os ingressos. — Acabei de comprá-los, e queria saber onde ficavam, a fim de poder escolher o melhor

lugar para estacionar. Nunca assisti antes a uma partida de futebol americano.

Bock falou com um sotaque carregado. Os americanos, pelo que estava informado, sempre eram simpáticos com as pessoas de sotaque europeu.

— Deve estacionar na área A ou B. Procure chegar cedo, antes das cinco. Não vai querer se meter no tráfego da hora do *rush*. Costuma haver engarrafamentos.

Günther acenou com a cabeça.

— Obrigado. Já vou embora.

— Não há problema, senhor. É uma questão de segurança, entende? As pessoas ficam vagueando por aqui, podem se machucar e querer nos processar.

Bock e Russell se retiraram. Contornaram a arquibancada inferior, só para que Günther pudesse se certificar de que memorizara a configuração. Mas ele logo descobriu que isso era desnecessário, ao encontrar a planta do estádio impressa num pequeno cartão.

— Viu o que queria? — perguntou Marvin, quando voltaram ao carro-

— Acho que sim.

— Sabe, isso é muito sutil — murmurou o americano, pensando em voz alta.

— Como assim?

— Aproveitar a tevê. A coisa mais estúpida nos revolucionários é que eles ignoram o aspecto psicológico. Não é preciso matar uma porção de pessoas, basta deixar todo mundo apavorado. Não acha que é suficiente?

Bock parou na saída do estacionamento, olhando para seu companheiro.

— Já aprendeu muito, meu amigo.

Isso é um bocado quente — comentou Ryan, folheando as páginas.

— Lu não imaginava que a situação fosse tão grave — concordou Mary Patrícia Foley.

- Como está se sentindo? Os olhos da agente faiscaram.
  - Clyde desceu. Só está esperando pelo rompimento da bolsa.
- Jack levantou os olhos.
- Clyde?
  - E como estou chamando ele... ela... qualquer coisa.
  - Continua a fazer seus exercícios?
  - Rocky Balboa deveria estar na forma em que me encontro.
- Ed pintou o quarto do bebê. O berço já foi montado. Está tudo pronto, Jack.
- Quanto tempo você vai tirar de licença?
  - Quatro semanas, talvez seis.
  - Posso querer que analise um pouco desta coisa em casa — disse Ryan, demorando-se na página dois.
  - Desde que me pague — respondeu Mary Pat, rindo.
  - Qual é a sua opinião, MP?
  - Acho que "Vela" é a nossa melhor fonte. Se ele diz isso, provavelmente é verdade.
  - Não recebemos nenhuma insinuação a respeito de qualquer outra fonte...
  - E por isso que recruta bons agentes de infiltração.
  - Tem razão.

O relatório do agente Vela não chegava a ser devastador, mas era como o primeiro rumor que alerta as pessoas para a iminência de um grande terremoto. Desde que os russos haviam removido a rolha da garrafa, a União Soviética desenvolvera um caso imediato de esquizofrenia política. O termo errado, refletiu Ryan. Distúrbio de múltipla personalidade, talvez. Havia cinco áreas políticas identificáveis: os autênticos crentes comunistas, que achavam que qualquer desvio do Caminho Verdadeiro era um erro (a turma do Para-a-frente-em-busca-do-passado, como eram conhecidos); os socialistas progressistas, que queriam criar o socialismo com um rosto humano (algo que fracassara em Massachusetts, pensou Jack, irônico); os moderados, que queriam Um pouco de capitalismo de livre mercado, apoiado num sólido sistema de segurança (o pior dos dois mundos, como qualquer economista podia dizer); os reformistas, que queriam liberdade e muito capitalismo (mas

ninguém sabia ainda o que era capitalismo, exceto por um setor criminoso em rápida expansão); e, na extrema direita, os que queriam um governo autoritário de direita (o que mantivera o comunismo durante os setenta anos anteriores). Os grupos nos dois extremos do espectro contavam talvez com dez por cento do Congresso dos Delegados do Povo. Os restantes oitenta por cento dos votos dividiam-se de forma mais ou menos igual entre as três posições vagamente centristas. Como era natural, várias questões disputavam as lealdades — a ecologia era um tema particularmente quente e causador de divisões — e a maior incógnita era o incipiente rompimento das repúblicas, que sempre se rebelaram contra o regime russo, ainda mais com as imposições políticas de Moscou. Havia ainda subdivisões em cada um dos cinco agrupamentos políticos. Por exemplo, a direita política falava muito no momento em convidar o mais provável herdeiro presuntivo da coroa Romanov para uma visita a Moscou — não para assumir o comando do país, mas apenas para aceitar um pedido de desculpas semi-oficial pelo assassinato de seus ancestrais. Ou pelo menos era essa a história de cobertura. Quem quer que aventara essa idéia, na opinião de Jack, era o mais ingênuo filho da puta desde que Alice descera pelo buraco do coelho, ou um político com uma mentalidade perigosamente simplista. A boa notícia, informava a estação da CIA em Paris, era que o Príncipe de Todos os Russos possuía uma noção melhor de política e de sua segurança pessoal do que seus patrocinadores.

A má notícia era que a situação política e econômica na União Soviética parecia totalmente desesperançada. O relatório de Vela fazia com que parecesse ainda mais sombria. Andrei Il'ych Narmonov estava desesperado, suas opções se esgotando, perdendo os aliados, ficando sem idéias, o tempo se escoando, desaparecendo a margem para manobras. Segundo o relatório, preocupava-se de uma forma exagerada com a questão das nacionalidades, ao ponto de tentar reforçar sua posição no sistema de segurança — MVD, K.GB, e os militares — a fim de manter o império unido pela força. Mas os militares, dizia Vela, sentiam-se ao mesmo tempo infelizes

com a missão, e infelizes com a maneira meio tímida com que Narmonov planejava executá-la.

Houvera especulações sobre os militares soviéticos e suas supostas ambições políticas desde o tempo de Lênin. Não era novidade. Stalin passara uma foice por seu corpo de oficiais ao final da década de 1930; de um modo geral, concordava-se que o marechal Tukhachevski não representava de fato uma ameaça política, que fora apenas mais um caso da paranóia maligna de Stalin. Kruchov fizera a mesma coisa ao final da década de 1950, mas sem as execuções em massa; isso ocorrera porque Kruchov queria poupar o dinheiro dos tanques, concentrando-se em vez disso nas armas nucleares. Narmonov também afastara alguns generais e coronéis; neste caso, a iniciativa fora exclusivamente para diminuir as despesas militares oficiais. Mas também desta vez, as reduções militares foram acompanhadas por um renascimento político. Pela primeira vez, existia no país um autêntico movimento político de oposição, e o fato puro e simples era que o exército soviético dispunha de todas as armas. Para neutralizar essa possibilidade inquietante, há gerações que existia a Terceira Diretoria do KGB — oficiais do KGB que usavam uniformes militares e cuja função era vigiar tudo. Mas a Terceira Diretoria era agora uma mera sombra do passado. Os militares persuadiram Narmonov a eliminá-la, com uma condição prévia para seu objetivo de criar uma força realmente profissional, leal ao país e a nova Constituição.

Os historiadores invariavelmente consideravam a era em que viviam como sendo de transição. Por uma vez, refletiu Jack, estavam certos. Se aquela não era uma época de transição, então se tornava difícil imaginar o que podia ser. No caso dos soviéticos, eles se encontravam equilibrados entre dois mundos políticos e econômicos, cambaleando, quase perdendo o equilíbrio, sem saberem para que lado ir. E isso tornava sua situação política perigosamente vulnerável a... o quê?

*Praticamente qualquer coisa.*

Vela dizia que Narmonov estava sendo pressionado a fazer um acordo com os militares, que ele alegava integrarem a turma do Para-a-frente-em-busca-do-passado. O primeiro grupo. Existia o



perigo, proclamava ele, de que a União Soviética retornasse a um estado quase militar, que reprimia seus elementos progressistas; que Narmonov perdera a coragem.

— Ele diz que teve várias reuniões pessoais com Andrei Il'yich — ressaltou Mary Pat. — Não podemos ter uma fonte melhor.

— Tem razão — disse Ryan. — Não acha inquietante?

— Não estou muito preocupada com um retorno ao regime marxista. O que me assusta...

— Já sei. A possibilidade de uma guerra civil.

*Uma guerra civil num país com trinta mil ogivas nucleares. Aí esta' um pensamento animador.*

— Nossa posição tem sido a de dar a Narmonov tanta corda quanta ele precisa. Mas se nosso homem estiver certo, essa pode ser a política errada.

— Qual é a opinião de Ed?

— A mesma que a minha. Confiamos em Kadishev. Eu o recrutei. Ed e eu analisamos todos os relatórios que ele enviou. Ele sempre entrega a mercadoria. E inteligente, bem situado, perceptivo, um filho da puta corajoso. Quando foi a última vez que ele nos transmitiu uma informação podre?

— Não me lembro de uma única vez em que isso tenha acontecido.

— Nem eu, Jack.

Ryan recostou-se em sua cadeira.

— Não imagina como eu adoro esses problemas fáceis... Tenho minhas dúvidas, MP. Quando me encontrei com Narmonov... o cara é esperto, duro, um filho da puta bastante ágil. E tem coragem.

Jack parou de falar. *Mais do que pode dizer de si mesmo, meu rapaz.*

— Todos nós temos limitações. E até os corajosos podem amolecer. — A Sra. Foley sorriu. — A metáfora errada. As pessoas perdem o ânimo. A tensão, was a fio na sela. A realidade nos corrói. Por que acha que estou tirando "dia folga"? A gravidez me proporciona um ótimo pretexto. Cuidar de um recém-nascido não chega a ser um piquenique, mas estou me afastando por um mês para as coisas fundamentais, a vida real, não o material com que

lidamos aqui todos os dias. E uma vantagem que temos sobre os homens Doc. Vocês não podem se afastar como as mulheres. Esse pode ser o problema de Andrei Il'ych. A quem ele pode recorrer em busca de conselho? Onde pode pedir ajuda? Já se encontra no posto há muito tempo. Enfrenta urna situação em deterioração, e começa a perder o ânimo. E o que Vela nos diz, e está coerente com os fatos.

— Só que não ouvimos nada a respeito de mais ninguém.

— Mas ele é o nosso melhor homem para as informações internas.

— O que completa o círculo da argumentação, Mary Pat.

— Doc, tem o relatório e a minha opinião.

— É verdade.

Jack largou o documento em cima da mesa.

— O que vai dizer a eles?

"Eles" era o mais alto escalão do poder executivo: Fowler, Elliot, Talbot.

— Acho que acompanho a sua avaliação. Não a aceito totalmente, mas não tenho nada para me opor à sua posição. Além do mais, na última vez em que fiquei contra você, constatou-se que era eu quem estava errado.

— Sabe, você é um grande chefe.

— E você é maravilhosa por me paparicar desse jeito.

— Todo mundo tem seus dias ruins. — A sra. Foley levantou-se, desajeitada. — Deixe-me voltar à minha sala.

Jack também se levantou e adiantou-se para abrir a porta.

— Quando deve nascer? Ela sorriu.

— Em 31 de outubro... Dia das Bruxas. Mas sempre me atraso, e eles nascem enormes.

— Cuide-se bem.

Jack observou-a se afastar, depois foi falar com o diretor.

— E melhor dar uma olhada nisto.

— Narmonov? Fui avisado de que chegou outro relatório de Vela.

— É um fato, senhor.

— Quem vai fazer a análise?

— Eu mesmo, senhor. Mas quero antes fazer algumas verificações.

— Desço amanhã para uma reunião. Gostaria de levar o material.

— Aprontarei tudo esta noite.

— Ótimo. Obrigado, Jack.

*Este e o lugar,* disse Günther a si mesmo, no meio do primeiro quarto de tempo. O estádio acomodava sessenta e dois mil e setecentos e vinte espectadores pagantes. Bock calculou mais mil pessoas vendendo sanduíches e refrigerantes. O jogo não deveria ser importante, mas era evidente que os americanos davam tanta importância a seu futebol quanto os europeus ao deles. Havia uma quantidade surpreendente de pessoas com os rostos pintados — com as cores da equipe local, é claro. Vários homens estavam sem camisa, os peitos pintados como se fossem as blusas dos jogadores, inclusive com os números enormes que os americanos usavam. Havia também diversas faixas e bandeiras penduradas nas grades da arquibancada superior. Havia mulheres à beira do campo, selecionadas por sua capacidade de dançar e outros atributos físicos, conduzindo os torcedores a aclamações. Bock descobriu um curioso tipo de manifestação chamado A Onda.

E também tomou conhecimento da soberania da televisão americana. Aquela multidão enorme e ruidosa aceitava submissa a interrupção do jogo para que a ABC pudesse apresentar os comerciais — o que teria provocado um motim na mais civilizada torcida europeia de futebol. A tevê era até usada para dirimir as dúvidas da partida. Havia diversos árbitros espalhados pelo campo, em camisas listradas, supervisionados pelas câmeras. Russell apontou um árbitro que tinha a função específica de conferir as jogadas no videoteipe, a fim de confirmar o acerto ou erro das decisões dos outros árbitros. E para supervisionar tudo isso, duas enormes telas de tevê tornavam as mesmas repetições visíveis para os milhares de torcedores. Se tais coisas fossem experimentadas na Europa, haveria árbitros e torcedores mortos ao final de cada partida. A combinação de entusiasmo esfuziante e civilização que se

encontrava ali era algo admirável para Bock. O jogo não era tão interessante, embora ele notasse que Russell parecia se divertir imensamente. A tremenda violência do futebol americano era interrompida por longos períodos de inatividade. As explosões ocasionais eram atenuadas pelo fato de que cada jogador usava tanto equipamento protetor que seria preciso uma pistola para infligir algum dano real. E todos eram enormes. Não devia haver nenhum homem lá embaixo com menos de cem quilos. Teria sido fácil classificá-los de idiotas e desajeitados, mas as manobras e correrias no campo demonstravam uma rapidez e agilidade que nunca se poderia adivinhar. Mas as regras do jogo eram incompreensíveis. De qualquer forma, Bock nunca apreciara as competições esportivas. Jogara futebol quando garoto, mas isso ficara no passado distante.

Günther tornou a concentrar sua atenção no estádio. Era uma estrutura maciça e impressionante, com um teto de aço em arcada. Os assentos tinham almofadas rudimentares. Havia uma quantidade adequada de banheiros, e muitos estandes de concessionários, em que se podia comprar a fraca cerveja americana. Um total de sessenta e cinco mil pessoas ali, contando os guardas, concessionários, técnicos de tevê. Apartamentos nas proximidades... Ele concluiu que precisava se instruir sobre os efeitos das armas nucleares para chegar a uma estimativa apropriada das baixas esperadas. Com toda a certeza, cem mil pessoas. Provavelmente mais. O suficiente. Ele especulou quantos dos mesmos torcedores estariam ali. Talvez a maioria. Sentados em seus lugares confortáveis, tomando cerveja gelada, comendo cachorro-quente e amendoim. Bock estivera envolvido em dois acidentes aéreos. Um avião explodido em pleno ar, e uma tentativa de seqüestro que não dera certo. Ele fantasiara na ocasião sobre as vítimas, sentadas em confortáveis poltronas, comendo suas medíocres refeições, assistindo ao filme, sem saberem que suas vidas se achavam sob o total controle de outras pessoas, que nem conheciam. Sem saberem. Era o melhor de tudo, como ele podia saber, enquanto os outros não sabiam. Dispor desse controle sobre a vida humana. Era como ser Deus, pensou Bock, os olhos esquadrihando a multidão. Um Deus

particularmente cruel e insensível, sem dúvida, mas a história não era cruel e insensível?

Isso mesmo, aquele era o lugar.

## DESENVOLVIMENTO

— Comodoro, confesso que tenho a maior dificuldade para acreditar nisso — declarou Ricks, tão calmamente quanto podia.

Ele estava bronzeado e revigorado de sua viagem ao Havaí. Passara por Pearl Harbor, como não podia deixar de ser, a fim de conhecer a base de submarinos que havia ali, sonhando com o comando da flotilha. Eram submarinos de ataque rápido, mas se um camarada como Mancuso podia assumir o comando de uma flotilha de submarinos de mísseis, então o inverso também seria justo.

— O doutor Jones é muito competente — insistiu Bart Mancuso.

— Não duvido, mas nosso próprio pessoal examinou as gravações. Era o procedimento operacional normal, há mais de trinta anos. As gravações das patrulhas dos submarinos de mísseis eram sempre analisadas por uma equipe de peritos em terra, como uma revisão das conclusões da tripulação. Queriam ter certeza de que ninguém poderia seguir um barco de mísseis.

— Esse Jones foi um grande operador de sonar, mas agora é um fornecedor, e tem de justificar seus honorários de alguma forma, não é mesmo? — continuou Ricks. — Não estou dizendo que ele é desonesto. Sua função é procurar anomalias, e neste caso ele reuniu uma série de coincidências numa hipótese. Isso é tudo o que existe. Os dados são equívocos... quase que inteiramente especulativos... mas a conclusão é de que para que isso seja verdade, temos de presumir que os mesmos tripulantes que rastrearam um 688 foram incapazes de detectar um barco russo. E plausível?

— É um bom argumento, Harry. Jones não disse que é certo. Em sua opinião, a possibilidade é de uma em três.

Ricks sacudiu a cabeça.

— Eu diria uma em mil... e estaria sendo generoso.

— Pelo que isso pode valer, a flotilha concorda com você, e há três dias o pessoal de OP-02 esteve aqui para dizer a mesma coisa.

*Então por que estamos tendo esta conversa?*, Ricks teve vontade de perguntar, mas não podia.

— O barco não passou por uma verificação de ruído ao sair?

Mancuso assentiu.

— Isso mesmo, por um 688 saindo da revisão, com todos os sinos e apitos.

—E o que aconteceu?

— Ainda é um buraco negro. O barco de ataque perdeu-o a uma distância de três mil metros, a cinco nós.

— E qual é então a conclusão? — indagou Ricks, tão casualmente quanto podia.

Aquilo entraria em sua ficha, por isso era da maior importância. Foi a vez de Mancuso se remexer na cadeira. Ainda não decidira. O burocrata que era parte dele dizia que fizera tudo certo. Escutara o fornecedor, transmitira os dados à cadeia de comando, chegando até os peritos do Pentágono. Todas as análises haviam sido positivas: o dr. Jones se mostrava exageradamente paranóico. O problema era que Mancuso navegara com Jones por três anos extraordinários, no Dallas, e nunca o vira dar um palpite errado. Nem uma única vez. O Akula estivera, sem dúvida, em algum ponto do golfo do Alasca. Desde o momento em que o avião de patrulha P-3 o perdera, até o instante em que aparecera diante de sua base, o *Almirante Lunin* simplesmente sumira do planeta. Onde estivera? Traçando-se círculos de velocidade e tempo, era possível que tivesse passado pela área de patrulha do *Maine*, possível que tivesse se afastado do *Maine* na ocasião propícia, retornando à sua base. Mas também era possível — e bem provável — que nunca se encontrasse na mesma área do submarino de mísseis americano. O *Maine* não o detectara, nem o *Omaha*. Como um submarino russo podia ter se esquivado à detecção por dois submarinos tão modernos?

Era quase impossível.

— Sabe o que me preocupa? — perguntou Mancuso.

— O que é?

— Operamos com submarinos de mísseis há mais de trinta anos. Nunca fomos rastreados em águas profundas. Quando eu era imediato no *Hammerhead*, realizamos exercícios contra o *Geórgia* e

tivemos êxito. Nunca tentei rastrear um Ohio quando comandava o *Dallas*, e o único exercício que efetuei contra o *Pulaski* foi a coisa mais difícil que já realizei. Mas rastreei Deltas, Tufões, tudo o que os russos lançaram ao mar. Até tirei fotos de casco de Victors. Somos muito bons nisso... — O comandante da flotilha franziu o cenho. — Harry, estamos acostumados a ser os melhores.

Ricks continuou a falar com absoluto controle:

— Não deixamos de ser os melhores, Bart. Os únicos que chegam perto de nós são os britânicos, e acham que não chegam a ser adversários à altura. Ninguém mais entra em nossa categoria. Tenho uma idéia.

— Qual é?

— Está preocupado com o senhor Akula. Muito bem, posso compreender. E um bom barco, como um submarino do último estágio da classe 637, sem dúvida a melhor coisa que eles já lançaram no mar. Temos ordens em vigor Para nos esquivarmos de tudo que se aproximar de nosso caminho... mas você concedeu um elogio por escrito a Rosselli por ter rastreado esse mesmo Akula. Provavelmente sofreu alguma pressão do alto comando por isso.

— Acertou em cheio, Harry. Algumas pessoas torceram o nariz, mas se não gostam da maneira como comando minha flotilha, podem arrumar outro para o meu lugar.

— O que sabemos sobre o *Almirante Lunin*?

— Está no estaleiro para uma revisão neste momento, deve voltar ao mar no final de janeiro.

— A julgar pelo desempenho passado, deve sair um pouco mais silencioso.

— Provavelmente. A informação é de que terá um novo sonar, cerca de dez anos atrás do nosso.

— E isso não leva em consideração os operadores. Ainda não é um adversário à altura para nós, nem de longe. E podemos provar isso.

— Como? — perguntou Mancuso.

— Por que não recomendar à flotilha que qualquer barco que encontrar um Akula deve rastreá-lo agressivamente? Vamos deixar que a turma do ataque rápido tente chegar perto. Mas se um



submarino de mísseis se aproximar o bastante para rastreá-lo sem o risco de contradetecção, vamos permitir isso também. Acho que precisamos de melhores dados sobre esse pássaro. Se constitui uma ameaça, vamos melhorar as informações de que dispomos a seu respeito.

— O alto comando não vai gostar, Harry.

Mas Mancuso já gostava da idéia, e Ricks podia percebê-lo. Ele soltou uma risada desdenhosa.

— E daí? Somos os melhores, Bart. Você sabe disso. Eu sei. Eles sabem. Podemos fixar alguns limites razoáveis.

— Por exemplo?

— Qual foi a distância maior em que alguém já rastreou um Ohio?

— Quatro mil metros, Mike Heimbach no *Scranton*, contra Frank Kemeny no *Tennessee*. Kemeny detectou Heimbach primeiro... a diferença na detecção foi de cerca de um minuto. Tudo mais perto foi um teste previamente combinado.

— Muito bem, vamos multiplicar isso por um fator de... cinco, digamos. E mais do que seguro, Bart. Mike Heimbach tinha um barco novo, o primeiro exemplar do novo sistema de integração de sonar, além de três operadores extras da Flotilha Seis, pelo que me lembro.

Mancuso confirmou com um aceno de cabeça.

— Certo, foi um teste deliberado, e eles exageraram tudo, para verificar se alguém podia detectar um Ohio. Água isotérmica, abaixo da cama, tudo mesmo.

— E ainda assim o *Tennessee* levou a melhor — ressaltou Ricks.

— Frank tinha ordens para facilitar as coisas, e mesmo assim ele detectou primeiro. Pelo que me recordo, teve uma solução três minutos antes de Mike.

— É verdade. — Mancuso pensou por um momento. — Vamos determinar uma separação de vinte e cinco mil metros. Nada mais próximo do que isso.

— Ótimo. Sei que posso rastrear um Akula a essa distância. Tenho um excelente departamento de sonar... todos nós temos. Se eu encontrar esse cara, ficarei pairando por lá, recolhendo todos os

dados de assinatura que puder obter. Traçarei um círculo de vinte e cinco mil metros ao seu redor, e permanecerei por fora. Não há a menor possibilidade de contradetecção.

— Há cinco anos, o alto comando teria fuzilado nós dois por essa conversa —comentou Mancuso.

— O mundo mudou. Podemos chegar perto de um 688, Bart, mas o que isso prova? Se estamos de fato preocupados com a vulnerabilidade dos barcos de mísseis, por que nos esquivamos de uma verificação?

— Tem certeza de que pode cuidar disso?

— Mas claro que posso! Escreverei a proposta para seu estado-maior de operações, e poderá encaminhá-la ao alto comando.

— Já sabe que vai acabar em Washington.

— Chega de "esconder com orgulho", não é mesmo? O que somos nós, um bando de velhinhas assustadas? Ora, Bart, sou o comandante de um barco de *guerra!* Alguém quer me dizer que sou vulnerável, pois vou provar que isso não passa de besteira. Ninguém jamais me rastreou. Ninguém jamais o fará, e estou disposto a provar isso.

A entrevista não transcorrera absolutamente como Mancuso esperava. Ricks falava como um autêntico piloto de submarino. Era o tipo de conversa que Mancuso gostava de ouvir.

— Tem certeza de que quer mesmo enfrentar a situação? Vai haver muita confusão. E você sofrerá alguma pressão.

— Você também.

— Sou o comandante da flotilha. Devo agüentar as pressões.

— Correrei os riscos, Bart. Muito bem, terei de treinar ao máximo o meu pessoal, especialmente a turma do sonar, grupo de rastreamento, e assim por diante. Mas tenho tempo, e conto com uma excelente tripulação.

— Muito bem. Escreva a proposta. Darei um endosso favorável, e mandarei adiante.

— Está vendo como é fácil?

Ricks sorriu. Se você queria ser o número um numa flotilha de bons comandantes, pensou ele, precisa se sobressair na multidão. O pessoal da OP-02 no Pentágono ficaria preocupado, mas veria que a

sugestão era de Harry Ricks, e todos conheciam sua reputação como um operador competente e cuidadoso. Nessa base, e contando ainda com o endosso de Mancuso, a proposta acabaria sendo aprovada, depois de alguma hesitação. Harry Ricks: o melhor engenheiro de submarino da marinha, e um homem disposto a reforçar sua eficiência com feitos. Não era uma má imagem. E com certeza seria uma imagem notada e lembrada.

— Como estava o Haváí? — perguntou Mancuso, surpreso e muito satisfeito com o comandante (tripulação Ouro) do *Maine*.

— Isto é muito interessante. O Instituto de Astrofísica Karl Marx.

O coronel do KGB entregou as fotografias em preto-e-branco a Golovko. O primeiro vice-presidente do Comitê de Segurança do Estado examinou-as.

— Prédio vazio?

— Quase. Lá dentro encontramos isto. E um recibo de entrega de cinco máquinas operatrizes americanas. Excelentes, e muito caras.

— Usadas para quê?

— Para a fabricação de muitas coisas, como espelhos telescópicos, o que se ajusta com perfeição à cobertura do instituto. Esses mesmos instrumentos, dizem os nossos amigos em Sarova, são usados para moldar componentes de armas nucleares.

— Fale-me do instituto.

— Uma grande parte parece ser absolutamente legítima. Seu diretor era o mais eminente cosmologista da RDA. Foi absorvido pelo Instituto Max Planck, de Berlim. Planejam construir um vasto complexo de telescópio no Chile, e projetam um satélite de observação de raios X com a Agência Espacial Européia. Cabe ressaltar que os telescópios de raios X têm uma relação bastante estreita com a pesquisa de armas nucleares.

— Como se determina a diferença entre pesquisa científica e...

— Não se pode determinar — admitiu o coronel. — Fiz uma verificação. Nós mesmos vazamos informações a respeito.

— Como?

— Saíram alguns artigos em diversas publicações profissionais sobre a física estelar. Um deles começa assim: "Imagine o centro de uma estrela com um fluxo de raios X tal e tal". Só havia um problema: a estrela que o autor descreveu tem um fluxo muito maior que o núcleo de qualquer estrela... por quatorze ordens de magnitude.

— Não estou entendendo.

Golovko tinha a maior dificuldade em absorver todo aquele jargão científico.

— Ele descreveu um ambiente físico em que a atividade era cem mil *bilhões* de vezes maior do que a intensidade dentro de *qualquer* estrela. Na verdade, descrevia o interior de uma bomba termonuclear no momento da detonação.

— E como isso passou pelos censores? — indagou Golovko, espantado.

— General, até que ponto acha que vão os conhecimentos científicos de nossos censores? Ao ler "imagine o centro de uma estrela", ele concluiu que não era absolutamente uma questão de segurança de estado. O artigo foi publicado há quinze anos. Houve outros. Na semana passada, descobri como são inúteis nossas medidas de segurança. Pode imaginar como é do lado dos americanos. Felizmente, é preciso ser muito inteligente para assimilar todos os dados. Mas não é impossível. Conversei com uma equipe de jovens engenheiros em Kyshtym. Com uma pequena pressão daqui, podemos iniciar um estudo amplo sobre a abertura desmedida da literatura científica. Isso levaria de cinco a seis meses. Não afetaria diretamente este projeto em particular, mas creio que seria um estudo da maior utilidade. É bem provável que tenhamos subestimado sistematicamente o perigo de armas nucleares no Terceiro Mundo.

— Isso não é verdade — protestou Golovko. — Sabemos que...

— General, ajudei a escrever o estudo a respeito há três anos. Posso lhe garantir que fui excessivamente otimista em minhas avaliações.

Golovko pensou na questão por alguns segundos.

— Pyotr Ivan'ch, você é um homem honesto.

— Sou um homem assustado, general.

— Voltemos à Alemanha.

— Certo. Entre as pessoas que desconfiamos terem alguma participação no projeto da bomba da RDA, há três com o paradeiro desconhecido. Os três homens e suas famílias desapareceram. Os demais encontraram outros trabalhos. Dois podem estar envolvidos em pesquisa nuclear com aplicações em armas, mas como se pode ter certeza? Onde se situa a linha divisória entre a física pacífica e a atividade relacionada com armas? Eu não sei.

— E os três desaparecidos?

— Ao que tudo indica, um deles se encontra na América do Sul. Os outros dois sumiram por completo. Estou recomendando o início de uma grande operação para descobrir o que está acontecendo na Argentina.

— E a posição dos americanos?

— Nada definido. Calculo que eles estão no escuro tanto quanto nós. — O coronel fez uma pausa. — É difícil aceitar que eles possam ter algum interesse na proliferação de armas nucleares. É contrário à política de seu governo.

— Pois então explique Israel.

— Os israelenses obtiveram material nuclear dos americanos há mais de vinte anos, plutônio da usina à margem do rio Savannah, e urânio enriquecido de um depósito na Pensilvânia. Nos dois casos, as transferências foram aparentemente ilegais. Os próprios americanos iniciaram uma investigação. Acham que o Mossad israelense realizou uma das maiores operações da história, ajudado por cidadãos judeus americanos em posições essenciais. Não houve nenhum processo. As informações obtidas eram de fontes que não podiam ser reveladas no tribunal, e foi considerado politicamente desaconselhável revelar os vazamentos de segurança numa atividade tão delicada do governo. Tudo foi conduzido na maior discrição. Os americanos e europeus têm sido relaxados na venda de tecnologia nuclear a diversos países... capitalismo em ação, há muito dinheiro envolvido... mas nós também não cometemos o mesmo erro, com a China e a Alemanha? Não, não acredito que os

americanos tenham mais interesse do que nós em ver armas nucleares de fabricação alemã.

— O próximo passo?

— Não sei, general. Já nos aprofundamos ao máximo, sem o risco de detecção, em todas as pistas. Acho que precisamos investigar a atividade na América do Sul. Depois, podemos fazer algumas indagações cuidadosas no sistema militar alemão, em busca de qualquer indicação sobre um programa nuclear ali.

— Se houvesse, já saberíamos a esta altura. — Golovko franziu o cenho. — Santo Deus, eu disse mesmo isso? Qual poderia ser o provável meio de lançamento?

— Avião. Não há necessidade de mísseis balísticos. Da Alemanha Oriental a Moscou, não é tão longe assim. E eles conhecem nossa capacidade de defesa aérea, não é mesmo? Muitos dos nossos equipamentos estão superados.

— Quantas outras boas notícias você vai me dar esta tarde, Pyotr? — O coronel exibiu um sorriso desolado.

— *Nu*, e todos aqueles idiotas no Ocidente apregoam como o mundo se tornou seguro.

\* \* \*

O processo de concreção para o tungstênio-rênio era a própria simplicidade. Usaram uma fornalha de frequência de rádio, muito parecida com um forno de microondas. Depois que se tornou um branco ofuscante de tão quente — mas não quente o suficiente para derreter o tungstênio, que tinha uma elevada tolerância térmica — foi aplicada pressão, e a combinação de calor e pressão converteu-o numa massa, que podia não ser metalicamente sólida, mas era bastante firme para ser tratada como tal. Um total de doze segmentos curvos foram fabricados, um depois de outro. Exigiram um acabamento para modestas tolerâncias de forma e lisura, depois foram postos de lado, em seu canto da prateleira.

A enorme fresadora estava trabalhando no último e maior componente de berílio, um hiperbolóide metálico, com cerca de cinquenta centímetros de extensão, e uma largura máxima de vinte.

A forma excêntrica dificultava o trabalho, mesmo com a ajuda do computador, mas isso era inevitável.

— Como vê, o fluxo inicial de nêutrons será uma simples expansão esférica da Primária, mas será contido pelo berílio — explicou Fromm a Qati. — Esses elementos metálicos refletem os nêutrons. Giram aproximadamente a vinte por cento da velocidade da luz, e os deixaremos com uma única saída, através deste cone. Dentro da hiperbolóide, estará este cilindro de lítio de trítio enriquecido.

— Acontece tão depressa? — indagou o comandante. — Os explosivos destruirão tudo.

— É preciso uma nova maneira de pensar. Por mais rápidas que sejam as ações dos explosivos, deve se lembrar de que só necessitamos de três sacudidelas da bomba para completar o processo de detonação.

— Três o quê?

— Sacudidelas. — Fromm permitiu-se um dos seus raros sorrisos. — Sabe o que é um nanossegundo... é um bilionésimo de segundo, *ja?* Nesse período, um raio de luz percorre apenas trinta centímetros. O tempo que leva para um raio de luz ir daqui para aqui.

Ele separou as mãos por cerca de trinta centímetros. Qati acenou com a cabeça. Era sem dúvida um tempo muito curto.

— Ótimo. Uma "sacudidela" é constituída por dez nanossegundos. O tempo para a luz percorrer três metros. O termo foi inventado pelos americanos na década de 1940. Significa o tempo para uma ovelha sacudir o rabo... uma piada técnica, entende? Em outras palavras, em três sacudidelas, o tempo necessário para um raio de luz percorrer cerca de nove metros, a bomba iniciou e completou o processo de detonação. Isso é muitos milhares de vezes o tempo exigido para os explosivos químicos fazerem qualquer coisa.

— Entendo — murmurou Qati, ao mesmo tempo uma verdade e uma mentira.

Ele deixou a sala, permitindo que Fromm retornasse a seus devaneios macabros. Günther o esperava lá fora.

— E então?

— Já tenho a parte americana do plano — anunciou Bock. Ele abriu um mapa e ajeitou-o no chão. — Poremos a bomba aqui.

— Que lugar é esse?

Bock respondeu à pergunta.

— Quantos? — indagou o comandante em seguida.

— Mais de sessenta mil aqui. Se a carga da bomba for a prometida, o raio letal vai abranger tudo isto. O total de mortos ficará entre cem e cento e vinte mil.

— Isso é tudo? Para uma bomba nuclear, isso é tudo?

— Ismael, trata-se apenas de um artefato explosivo de grandes proporções. Qati fechou os olhos e praguejou baixinho. Fora informado apenas um minuto antes que era algo inteiramente fora de sua experiência, agora ouvia o inverso. O comandante era bastante inteligente para compreender que os dois peritos estavam corretos.

— Por que este lugar? Bock explicou os motivos.

— Seria maravilhoso matar o presidente deles.

— Maravilhoso, sim, mas não necessariamente benéfico. Poderíamos levar a bomba para Washington, mas avalio que os riscos de detecção seriam muito elevados. Comandante, meu plano deve levar em consideração que temos apenas um artefato, apenas uma chance. Por isso, devemos reduzir ao mínimo possível o risco de descoberta e escolher o alvo por conveniência, mais do que qualquer outro fator.

— E o lado alemão da operação?

— É a parte mais fácil.

— Vai dar certo? — indagou Qati, olhando para as colinas áridas do Líbano.

— Deve dar. A chance é de sessenta por cento.

*No mínimo, punirá os americanos e os russos,* pensou o comandante. Uma questão era inevitável em seguida: *Isso sem suficiente?* O rosto de Qati assumiu uma expressão dura, enquanto ele considerava a resposta.

Mas havia mais de uma dúvida. Qati se considerava um homem agonizante. O processo da doença tinha altos e baixos, como uma



maré inexorável, mas uma maré que nunca retornava ao ponto em que se encontrava um ano ou um mês antes. Embora se sentisse bem hoje, sabia que isso era relativo. Havia tanta possibilidade de que sua vida terminasse no ano seguinte quanto havia de que o plano de Bock tivesse êxito. Poderia se permitir morrer, sem fazer tudo o que podia para ver sua missão cumprida?

Não, e se sua morte era provável, que importância tinha a vida de outros? Não eram todos infiéis?

*Günther é um autentico infiel. Marvin Russell é outro, um pagão. As pessoas que você se propõe matar... não são descrentes. Formam o Povo do Livro, seguidores extraviados de Jesus, o Profeta, mas também pessoas que acreditam no único Deus.*

Mas os judeus também pertenciam ao Povo do Livro. O Corão assim o proclamava. Eram os ancestrais espirituais do Islã, tão filhos de Abraão quanto os árabes. Havia muita coisa na religião deles que era igual à sua. A guerra que travava contra Israel não era por causa da religião. Era por causa de seu povo, expulso de sua própria terra, deslocado por outro povo, que também alegava ser motivado por um imperativo religioso, quando na verdade era outra coisa.

Qati encarou suas crenças, com todas as contradições. Israel era o inimigo. Os americanos eram inimigos. Os russos eram inimigos. Essa era a sua teologia pessoal; podia alegar ser um muçulmano, mas o que dominava sua vida não tinha muito a ver com Deus, por mais que proclamasse o oposto a seus seguidores.

— Continue com seu planejamento, Günther.

# 20

## COMPETIÇÃO

Na metade da temporada, os Vikings e os Chargers continuavam se destacando. Compensando a derrota para Minnesota, San Diego se vingou na semana seguinte, num jogo em casa contra Indianápolis, que massacrou por quarenta e cinco a três, enquanto os Vikings passavam pelas maiores dificuldades na partida com os Giants, na noite de segunda-feira, obtendo a vitória pela margem apertada de vinte e um a dezessete. Tony Wills alcançou as mil jardas de avanço no terceiro quarto do oitavo jogo da temporada, e já era considerado por todos como o grande estreante do ano, além de se tornar o porta-voz da liga na Campanha Contra o Abuso de Substâncias (CCAS), promovida pelo presidente Fowler. Os Vikings tropeçaram nos Forty-Niners, perdendo de vinte e quatro a dezesseis, o que contrabalançava os sete a um de San Diego, mas seu concorrente mais próximo na divisão central da liga — a divisão "Preto e Azul" — eram os Bears, vencidos por quatro a três. A igualdade na liga já passara. O único desafio mais sério na Conferência Americana vinha, como sempre, dos Dolphins e Raiders, que seriam adversários dos Chargers quase ao final da temporada.

Nada disso representava qualquer conforto para Ryan. O sono era sempre difícil, apesar da fadiga envolvente, que parecia definir em que sua vida se tornara. Antes, quando os pensamentos atormentavam sua noite, ele ia até as janelas de frente para a baía de Chesapeake, e ficava observando a passagem de navios e barcos, a poucos quilômetros de distância. Agora, ele sentava e lia. Sentia as pernas cansadas e fracas, às vezes precisava de um esforço consciente para se manter de pé. O estômago rebelava-se contra a acidez produzida pela tensão, e aumentava pela cafeína e álcool. Precisava de sono, dormir para relaxar os músculos, um sono sem sonhos para remover sua mente das decisões cotidianas. Precisava de exercício. Precisava de muitas coisas. Precisava ser um homem

de novo. Em vez disso, continuava insone, com uma mente que não parava de repassar os pensamentos do dia e os fracassos da noite.

Jack sabia que Liz Elliot o odiava. Até pensava que conhecia o motivo, aquele primeiro encontro, alguns anos antes, em Chicago, quando ela estava je mau humor e ele também, houvera uma troca de palavras ásperas no momento da apresentação. A diferença era que ele tendia a esquecer as afrontas — pelo menos a maioria —, o que não acontecia com Elliot; e ela tinha acesso direto ao presidente. Por causa de Elliot, a participação dele no Tratado do Vaticano jamais seria conhecida. A única coisa que já fizera que não estava maculada por seu trabalho na Agência — Ryan orgulhava-se de tudo o que realizara na CIA, mas sabia que eram coisas restritas, em termos políticos e estratégicos, visando à melhoria de seu país, enquanto o Tratado do Vaticano fora pela melhoria do mundo inteiro. A única percepção digna de um orgulho absoluto. Perdida, creditada a outros. Jack não queria o crédito exclusivo. Afinal, não fora exclusivamente um trabalho seu, mas queria uma menção justa, como um dos participantes. Seria pedir demais? Quatorze horas por dia, a maior parte em carros, as três vezes em que arriscara a vida por seu país... para quê? Para que alguma sacana política de Bennington pudesse rasgar suas avaliações.

*Liz, você nem estaria aí se não fosse por mim e o que eu fiz, nem mesmo seu chefe, o Homem de Gelo, Jonathan Robert Fowler, de Ohio!*

Mas eles não podiam saber disso. Jack dera sua palavra. Dera sua palavra a quê? Para quê?

O pior de tudo, porém, era que agora o afetava, de uma maneira nova e totalmente inesperada. Tornara a desapontar a esposa naquela noite. Era incompreensível para ele. Como acionar um interruptor e não obter luz, como girar a chave do carro e...

Como não ser um homem. Essa era a descrição simples.

*Eu sou um homem. Fiz todas as coisas que um homem pode fazer. Tente explicar isso à sua mulher, idiota!*

*Lutei por minha família, por meu país, matei por minha família e meu país. Conquistei o respeito entre os melhores dos homens. Fiz coisas que nunca podem ser reveladas, guardei os segredos que*

*precisavam ser guardados. Servi tão bem a meu país quanto qualquer outro homem poderia servir.*

*Então por que está olhando para a água às duas horas da madrugada, imbecil?*

*Fiz uma diferençai, protestou a mente de Jack.*

*Quem sabe? Quem se importa?*

*Mas o que dizer dos meus amigos?*

*De muito eles lhe adiantam... além do mais, que amigos? Quando foi a última vez que viu Skip Tyler ou Robby Jackson? Seus amigos em Langley... por que não Mes confia seus problemas?*

A aurora surgiu como uma surpresa, mas não tanto uma surpresa quanto a descoberta de que dormira de fato, sentado sozinho na sala de estar. Jack levantou-se, sentindo os músculos doloridos, o que não fora aliviado pelas horas que Passara sem estar desperto. Não dormira, ele disse a si mesmo, a caminho do banheiro. Apenas não ficara desperto. O sono era repouso, e ele sentia-se exausto, a cabeça latejando do vinho ordinário da noite anterior. A única boa notícia — se é que podia considerá-la assim — foi o fato de que Cathy não levantou Jack preparou seu próprio café, e aguardava na porta quando Clark chegou

— Outro grande fim de semana, estou vendo — comentou Clark, quando Jack entrou no carro.

— Et tu, John?

— Se quer me dar um esporro, senhor, vá em frente. Parecia um saco de bosta há dois meses, e ficou pior, em vez de melhorar. Quando foi a última vez que tirou umas férias, ausentou-se por mais que um ou dois dias, fingiu que era uma pessoa de verdade, em vez de uma porra de burocrata do governo, que tem medo de ninguém notar se ele se afastar do serviço?

— Clark, você tem um jeito todo especial de animar minhas manhãs.

— Ei, cara, sou apenas um segurança, mas não se emputeça se levo a sério a parte de proteção, está bem? — John levou o carro para o acostamento e parou. — Já vi isso antes, Doc. As pessoas se queimam. É o que está lhe acontecendo. Queima a vela pelas duas extremidades, e também pelo meio. Já é uma coisa difícil quando se

está na casa dos vinte anos, e você não tem mais essa idade, caso ninguém tenha se dado ao trabalho de informá-lo.

— Estou plenamente consciente das enfermidades que surgem com a idade. Ryan tentou um sorriso irônico que não era grande coisa, que Clark estava exagerando.

Só que não deu certo. Ocorreu de repente a John que não vira a esposa na porta. Problemas domésticos? Não podia perguntar sobre isso, não é mesmo? O que via no rosto de Ryan já era bastante terrível. Não se tratava apenas de fadiga. Era um cansaço que vinha de dentro, toda a merda que ele agüentava da cadeia de comando, a tensão de conter o diretor Cabot em quase tudo. Cabot... não era um mau sujeito, tinha boas intenções, mas a verdade pura e simples era a de que ele não tinha a menor idéia do que fazia. Por isso, o Congresso dependia de Ryan, as diretorias de operações e informações dependiam de Ryan por liderança e coordenação. Ele não podia se esquivar às suas responsabilidades, e não tinha o bom senso de compreender que havia realmente coisas que podia deixar aos cuidados de outros. Os chefes de diretorias podiam assumir mais encargos, mas permitiam que Ryan fizesse tudo. Um berro do gabinete do vice-diretor poderia endireitar as coisas, mas será que Cabot o apoiaria... ou aqueles safados da Casa Branca pensariam que era um sinal de que Jack tentava assumir o comando?

*A porra da política!*, pensou Clark, enquanto levava o cano de volta à estrada. Política do escritório, política dos políticos. E havia algo errado em casa também. Clark não sabia o quê, mas tinha certeza de que havia algum problema.

*Doc, você e um cara bom demais para isso!*

— Posso dar um conselho?

— Fale — respondeu Jack, examinando os despachos.

— Tire duas semanas, vá ao Disneyworld, Club Med, encontre uma praia, passeie por ela. Saia da cidade por algum tempo.

— As crianças estão na escola.

— Pois então tire-as da escola, pelo amor de Deus! Melhor ainda, deixe-as em casa, viaje apenas com sua mulher. Não, você não é desse tipo. Leve-as para verem o Mickey.

—Não posso. Estão na escola...

— Estão na escola primária, Doc, não fazendo a faculdade. Perder duas semanas de recreio e deixar de aprender a soletrar "estripulia" não vai prejudicar seu desenvolvimento intelectual. Precisa se afastar, recarregar as baterias, cheirar as porras das rosas!

— Estou com trabalho demais, John.

— Escute o que estou dizendo! Sabe quantos amigos já enterrei? Sabe com quantas pessoas já saí que nunca tiveram a oportunidade de ter uma esposa, filhos e uma bela casa na beira da praia? Uma porção, companheiro, muitos e muitos, que nunca sequer chegaram perto de ter essas coisas. Você tem tudo isso, mas se esforça ao máximo para acabar morto... e é justamente o que vai acabar acontecendo, Doc. De um jeito ou de outro, não dou dez anos.

— Tenho um trabalho a realizar!

— Não é bastante importante para arruinar a porra de sua vida, seu idiota! Será que não entende isso?

— E quem vai cuidar das coisas?

— Senhor, pode ser difícil de substituir quando se encontra no melhor da forma, mas do jeito como está agora, aquele garoto Goodley pode fazer seu trabalho muito bem. — E isso, Clark percebeu, atingiu o alvo. — Qual pensa que é a sua eficiência neste momento?

— Faça-me um favor: limite-se a guiar o carro.

Havia outro relatório de Vela à sua espera, de acordo com as frases codificadas nos despachos da manhã, assim como outro relatório de Niitaka. Seria um dia movimentado.

Justamente o que eu precisava, pensou Jack, fechando os olhos para um descanso de um momento.

E piorou ainda mais. Ryan ficou surpreso ao se descobrir no escritório, mais surpreso por constatar que a fadiga derrotara o café da manhã, permitindo-lhe dormir durante cerca de quarenta minutos da viagem. Ele aceitou o olhar de eu-não-disse de Clark e subiu para o sétimo andar. Um mensageiro trouxe duas pastas importantes, junto com um aviso do diretor Cabot de que chegaria atrasado. O

homem mantinha um horário de banqueiro. Os espões devem trabalhar mais, pensou Jack. *Eu pelo menos trabalho.*

Niitaka veio primeiro. Os japoneses, dizia o relatório, planejavam repudiar um acordo de concessões comerciais firmado seis meses antes. A explicação seria de "circunstâncias lamentáveis e imprevistas", e uma parte podia ser verdadeira, pensou Ryan, enquanto lia — os japoneses tinham tantos problemas políticos internos quanto qualquer outro país —, mas havia algo mais: eles pretendiam coordenar alguma coisa no México... algo relacionado com a visita oficial de seu primeiro-ministro a Washington, em fevereiro próximo. Em vez de comprar produtos agrícolas americanos, optariam por adquiri-los mais baratos do México, usando isso como uma pressão para a redução das barreiras tarifárias para aquele país. Esse era o plano, de qualquer forma. Não tinham certeza se poderiam obter a concessão do México, e planejavam... .. um suborno?

— Santo Deus! — balbuciou Ryan.

O Partido Revolucionário Institucional do México — o PRI — não era exatamente um modelo de integridade, mas aquilo...? Seria acertado em negociações na Cidade do México. Se obtivessem a concessão, o acesso comercial ao mercado mexicano, em troca da abertura do Japão aos produtos agrícolas mexicanos, seria então reduzida a quantidade de produtos americanos que haviam se comprometido a comprar em fevereiro passado. Era um bom negócio. O Japão obteria alimentos um pouco mais baratos do que nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que abria um novo mercado. A desculpa para os fazendeiros americanos se relacionaria com defensivos agrícolas, que a organização sanitária decidiria, para surpresa de todos, não serem condizentes com a saúde pública.

O suborno seria na proporção do objetivo. Vinte e cinco milhões de dólares, a serem pagos de uma maneira indireta, quase legal. Quando o presidente mexicano deixasse o cargo, no ano seguinte, presidiria uma nova corporação que... não, eles comprariam uma empresa que eleja possuía pelo justo valor de mercado e o manteriam na diretoria, inflacionando o valor do negócio e pagando

um salário considerável por sua óbvia competência em relações públicas.

— Boa separação — pensou Ryan, em voz alta.

Era quase cômico, e a parte engraçada era que podia até ser legal nos Estados Unidos, se alguém contratasse um advogado bastante esperto. Talvez nem precisasse tanto. Muitas pessoas do Departamento de Estado e Departamento do Comércio haviam sido contratadas por grupos japoneses logo depois de deixarem o serviço do governo.

Exceto por uma pequena coisa: o que Ryan tinha nas mãos era prova de conspiração. De certa forma, os japoneses eram tolos: pensavam que alguns conselhos eram sacrossantos, que algumas palavras pronunciadas em voz alta jamais seriam ouvidas fora das quatro paredes. Não sabiam que um certo ministro do gabinete tinha uma certa amante, que por sua vez tinha uma ganância proporcional à sua capacidade de afrouxar a língua de um homem; e que os americanos tinham agora acesso a todas essas informações, cortesia de um oficial do KGB...

— Pense, rapaz.

Se pudessem obter uma prova concreta, e apresentar a Fowler... Mas como? Não se podia citar o relatório de um espião no tribunal... um russo, um oficial do KGB trabalhando num terceiro país.

Mas não seria um tribunal público, com as regras das provas, não é mesmo? Fowler poderia discutir o assunto numa reunião particular com o primeiro-ministro deles. O telefone tocou.

— O que é, Nancy?

— O diretor acaba de ligar. Está gripado.

— Sorte dele. Obrigado. — Depois de desligar, Ryan acrescentou: — Gripado porra nenhuma.

O homem era mesmo preguiçoso.

... Fowler poderia agir de duas maneiras: 1) um encontro pessoal, dizer a ele que sabemos o que está tentando, afirmar que não vamos apoiá-lo, que informaremos às pessoas devidas no Congresso, e... ou 2) apenas vazar para a imprensa.



A segunda opção teria todos os tipos de conseqüências perniciosas, uma das quais, não a menor, seria no México. Fowler não gostava do presidente mexicano, e gostava ainda menos do PRI. Independente do que mais se pudesse dizer a respeito de Fowler, ele era um homem honesto, que detestava a corrupção em todas as suas formas.

A primeira opção... Ryan teria de comunicar aquilo a Al Trent, não é mesmo? Deixara Trent a par da nova operação, mas Trent tinha um poder de decisão nas questões financeiras, e Fowler se preocuparia que ele pudesse vazar naquele caso. Por outro lado, podia legalmente deixar de informar Trent? Ryan tornou a pegar o telefone.

— Nancy, pode avisar ao consultor jurídico que preciso falar com ele? Obrigado.

Em seguida, Vela. *O que o sr. Kadishev tem a dizer hoje?*, pensou Ryan.

— Santo Deus!

Ryan forçou-se a relaxar. Leu o relatório todo, parou, leu de novo. Pegou o telefone, e apertou o botão para falar com Mary Pat Foley. O telefone tocou por trinta segundos antes que alguém atendesse.

— Alô?

— Quem está falando?

— Com quem deseja falar?

— Aqui é o vice-diretor Ryan. Onde está Mary Pat?

— Em trabalho de parto, senhor. Desculpe, não sabia que era o senhor. — Uma pausa e a voz de homem acrescentou: — Ed está com ela.

— Obrigado. — Ryan desligou. — Merda!

Por outro lado, ele não podia se irritar por isso, não é? Ele se levantou e foi até a sala da secretária.

— Nancy, Mary Pat entrou em trabalho de parto — informou à sra. Cummings.

— Mas que maravilha... isto é, não é tão maravilhoso, não tem nada de divertido. Flores?

— Algo bonito... conhece essas coisas melhor do que eu. Ponha no meu American Express.

— Espere até termos certeza de que está tudo bem, certo?

— Claro.

Ryan voltou à sua sala, e perguntou a si mesmo:

— E agora?

*Sabe o que tem de fazer. A única dúvida é se quer ou não fazer.*

Jack tornou a pegar o telefone, e apertou outro botão de ligação direta.

— Elizabeth Elliot — disse ela, atendendo na linha direta, que só era conhecida por poucas pessoas no governo.

— Jack Ryan.

A voz fria se tornou ainda mais fria.

— O que é?

— Preciso falar com o presidente.

— Sobre o quê?

— Não pelo telefone.

— É um telefone seguro, Ryan!

— Não bastante seguro. Quando posso ir? É importante.

— Importante até que ponto?

— Importante o suficiente para alterar a agenda dele, Liz! — respondeu Ryan, em tom brusco. — Acha que estou brincando aqui?

— Acalme-se e espere. — Ryan ouviu páginas sendo viradas, antes que ela acrescentasse: — Esteja aqui dentro de quarenta minutos. Pode ter quinze minutos. Darei um jeito na agenda.

— Obrigado, doutora Elliot.

Ryan fez um esforço para não bater o telefone. *Mulher desgraçada!* Ele tornou a se levantar. Clark voltara à sala de Nancy.

— Prepare o carro.

— Para onde vamos? — indagou Clark, levantando-se.

— Para o centro. — Jack virou-se. — Nancy, ligue para o diretor. Avise que estou levando um problema para o Chefe e, com todo o respeito, ele deve estar presente.

Seria bastante inconveniente. A casa de Cabot ficava a uma hora de carro, em pleno campo.

— Sim, senhor.

Uma das poucas coisas com que ele podia contar era o profissionalismo de Nancy Cummings.

— Preciso de três cópias disto. Tire mais uma para o diretor, e devolva o original para a guarda segura.

— Dois minutos — garantiu Nancy.

— Está bem.

Jack foi ao banheiro. Contemplando-se no espelho, constatou que Clark tinha razão, como sempre. Sua aparência era horrível. Mas nada podia fazer quanto a isso.

— Pronto?

— A sua espera, Doc.

Clark já tinha os documentos numa pasta de couro com zíper. A perversidade da vida não arrefeceu naquela manhã de segunda-feira. Em algum lugar perto da saída para a 1-66, um idiota conseguira causar um acidente, provocando uma retenção no tráfego. O que deveria ser uma viagem de dez ou quinze minutos, levou trinta e cinco. Até mesmo as altas autoridades do governo sofrem com o tráfego de Washington. O carro da Agência parou bem a tempo na Entrada Executiva Oeste. Jack teve de fazer um esforço para não entrar correndo na Casa Branca, só porque alguém podia notar. Os repórteres também usavam aquela entrada. Um minuto depois, ele estava na sala de Liz Elliot.

— Qual é o problema? — indagou a assessora de segurança nacional.

— Prefiro relatar tudo só uma vez. Temos um relatório de um agente de infiltração que não vai lhe agradar.

— Deve me dizer alguma coisa — ressaltou Elliot, em tom razoável, para variar.

— Narmonov, seus militares, e armas nucleares. Ela acenou com a cabeça.

— Vamos embora.

Foi uma curta caminhada por dois corredores, passando por oito agentes do serviço secreto, que guardavam o gabinete do presidente, como uma matilha de lobos muito respeitosos.

— Espero que seja importante — disse o presidente Fowler, sem se levantar. — Suspendi uma reunião sobre o orçamento por causa

disso.

— Senhor presidente, temos um agente de infiltração altamente situado no governo soviético — começou Ryan.

— Sei disso. Já lhe pedi que não me revelasse seu nome, como deve se lembrar.

— É verdade, senhor. Mas vou dizer o nome agora. Oleg Kirilovich Kadishev. Seu codinome para nós é Vela. Ele foi recrutado há alguns anos por Mary Patrícia Foley, quando ela e o marido se encontravam em Moscou.

— Por que está me revelando isso? — perguntou Fowler.

— Para que possa avaliar o que ele diz. Já viu seus relatórios antes sob os códigos de "Fortificante" e "Pivô".

— Pivô...? Esse foi em setembro, falando sobre problemas com Narmonov... isto é, que ele enfrentava problemas com seu aparelho de segurança.

— Correto, senhor presidente.

*Ponto para você*, pensou Ryan. *Lembra o que mandamos*. Nem sempre era assim, Ryan sabia.

— Aposto que os problemas se agravaram, ou você não estaria aqui. Continue — ordenou Fowler, recostando-se na cadeira.

— Kadishev diz que teve uma reunião com Narmonov na semana passada... ao final da semana passada...

— Espere um instante. Kadishev... ele não é membro do parlamento, líder de um dos grupos de oposição?

— Também correto, senhor. Ele tem muitos encontros pessoais com Narmonov, motivo pelo qual é tão valioso para nós.

— Posso entender.

— No último encontro, diz ele, Narmonov declarou que seus problemas estão de fato se agravando. Permitiu que os militares e as forças de segurança aumentassem sua influência interna, mas parece que isso não é suficiente. Pode haver oposição à implementação do tratado de redução de armamentos. Segundo o relatório, os militares soviéticos querem manter todos os seus SS-18s, em vez de eliminarem seis regimentos deles, como ficou acertado. Nosso homem informa que Narmonov pode estar disposto

a ceder nesse ponto. Senhor, isso seria uma Colação do tratado, e é o motivo da minha presença aqui.

— Até que ponto é importante? — indagou Liz Elliot. — Pelo aspecto técnico, é claro.

— Jamais conseguimos deixar isso bem claro. O secretário Bunker compreende, mas o Congresso nunca foi capaz de apreender a situação. Como estamos no processo de redução das armas nucleares em pouco mais que a metade, mudamos a equação nuclear. Quando ambos os lados tinham dez mil RVs, era evidente para todos que a guerra nuclear seria uma coisa difícil de vencer... virtualmente impossível. Com tantas ogivas para serem disparadas, nunca se conseguiria interceptar todas, e sempre restaria o suficiente para desfechar um contra-ataque devastador. Com as reduções, no entanto, o cálculo muda. Agora, dependendo da composição de forças, esse ataque se torna teoricamente possível, e é por isso que a composição de forças foi definida com tanto cuidado nos documentos do tratado.

— Está querendo dizer que a redução torna as coisas mais perigosas, em vez de menos? — perguntou Fowler.

— Não, senhor, não exatamente. Eu sempre disse... consultei a equipe que negociou o tratado, há alguns anos, quando Ernie Allen a dirigia... que a melhoria estratégica final de uma redução de cinqüenta por cento era ilusória, mero simbolismo.

— Essa não! — protestou Elliot, em tom sarcástico. — É uma redução pela metade de...

— Doutora Elliot, poderia compreender a situação um pouco melhor se se desse ao trabalho de participar dos jogos de Camelot.

Ryan virou o rosto antes de notar a reação dela à censura. Mas Fowler percebeu o breve rubor, e quase sorriu divertido pelo constrangimento de Liz por ser repreendida na presença de seu amante. O presidente voltou a concentrar sua atenção em Ryan, certo de que ele e Elizabeth conversariam mais tarde sobre o assunto.

— É uma questão bastante técnica. Se não acreditam em mim, perguntem ao secretário Bunker ou ao general Fremont, no quartel-general do CAE. O fator decisivo é a composição de forças, não a

quantidade. Se eles conservarem esses regimentos extras de SS-18, a composição é alterada ao ponto em que os soviéticos passam a ter uma vantagem genuína. O efeito sobre o tratado é substantivo, não apenas numérico. Mas há mais.

— Pode falar — disse o presidente.

— Segundo o relatório, parece haver um conluio entre os militares e o KGB. Como sabem, enquanto os militares soviéticos possuem e mantêm os lançadores estratégicos, as ogivas sempre estiveram sob o controle do KGB. Kadishev acha que as duas organizações estão se tornando muito unidas, e também que a segurança das ogivas pode ser problemática.

— O que isso significa?

— Significa que está sendo negado o inventário das ogivas táticas.

— Armas nucleares desaparecidas?

— Pequenas. É possível, segundo ele diz.

— Em outras palavras — disse Fowler —, os militares podem estar chantageando Narmonov, e é possível que estejam escondendo algumas armas pequenas, como um trunfo?

*Nada mau, senhor presidente.*

— Correto, senhor.

Fowler ficou em silêncio por cerca de trinta segundos, analisando a perspectiva, o olhar perdido no espaço.

.— Até que ponto esse Kadishev é confiável?

— Ele trabalha para nós há cinco anos, senhor presidente. Suas informações têm sido muito valiosas para nós, e ele nunca nos enganou, que seja do meu conhecimento.

— É possível que ele tenha sido descoberto? — indagou Elliot.

— Possível, mas não provável. Temos meios de lidar com esse problema. Há frases em código combinadas que nos alertam para qualquer problema. Frases de boas notícias acompanham cada relatório, o que também aconteceu neste.

— E a confirmação do relatório por outras fontes?

— Lamento, doutora Elliot, mas não temos nada para confirmar.

— Veio até aqui com um relatório sem confirmação? — perguntou Elliot.

— Correto — admitiu Ryan, sem saber como parecia cansado.  
— Não há muitos agentes que poderiam fornecer informações a esse respeito. Este é um deles.

— O que pode fazer para confirmar? — indagou Fowler.

— Podemos fazer indagações discretas através de nossa rede, e com sua permissão, senhor, podemos abordar o problema com alguns serviços estrangeiros. Os britânicos têm alguém no Kremlin que lhes proporciona um excelente material. Conheço Sir Basil Charleston, e posso fazer um contato, mas isso implicaria em revelar alguma coisa do que sabemos. Não é possível. A esse nível, temos de oferecer uma compensação genuína. Nunca fizemos isso sem aprovação executiva.

— Posso compreender isso. Dê-me um dia para pensar a respeito. Marcus já está a par do problema?

— Não, senhor presidente. Ele está gripado. Normalmente, eu não viria aqui sem consultar o diretor primeiro, mas achei que gostaria de ser informado o mais depressa possível.

— Disse antes que os militares soviéticos eram mais politicamente confiáveis — comentou Elliot.

— Também correto, doutora Elliot. Uma ação como a relatada por Kadishev e completamente sem precedentes. Em termos históricos, nossas preocupações com as ambições políticas dos militares soviéticos têm sido tão infundadas quanto 'oram constantes. Ao que parece, isso pode ter mudado. A possibilidade de uma aliança entre os militares e o KGB é bastante inquietante.

— Quer dizer que estava errado antes? — insistiu Elliot.

— É uma possibilidade — admitiu Ryan.

— E agora? — indagou Fowler.

O que quer que eu diga, senhor presidente? Posso ter me enganado nisso também? Posso, sim. Tenho certeza de que este relatório é acurado? Não, não tenho, mas as implicações da informação me obrigaram a trazê-la à sua, atenção.

— Estou menos preocupada com a questão dos mísseis do que com as ogivas desaparecidas — comentou Elliot. — Se Narmonov está mesmo sofrendo uma chantagem... tudo é imprevisível.

— Kadishev é um rival político em potencial de Narmonov — ressaltou Fowler, especulativo. — Por que confiar nele?

— Tem reuniões regulares com as lideranças parlamentares, senhor. *Q* mesmo acontece com ele. A dinâmica política no Congresso dos Delegados do Povo é mais confusa do que no Capitólio. Além disso, há um respeito genuíno entre os dois. Kadishev apoiou Narmonov com mais frequência do que se opôs a ele. Podem ser rivais, mas também têm posições comuns em muitas questões fundamentais.

— Muito bem, quero essa informação confirmada por qualquer meio que puder, o mais depressa possível.

— Pois não, senhor presidente.

— Como está indo Goodley? — perguntou Elliot.

— É um garoto inteligente. E possui uma boa noção do Bloco Oriental. Li um ensaio que ele escreveu quando estava na Escola Kennedy. Era melhor do que nosso pessoal fez na ocasião.

— Aproveite-o neste caso — sugeriu Liz. — Uma mente fresca pode ser útil. Jack sacudiu a cabeça, enfático.

— E um assunto muito delicado para ele.

— Goodley é aquele bolsista presidencial de que me falou? — perguntou Fowler. — Ele é tão bom assim, Elizabeth?

— Acho que sim.

— Sob minha autoridade, Ryan, ponha-o a par do caso — ordenou o presidente.

— Sim, senhor.

— Mais alguma coisa?

— Senhor, se dispuser de mais um minuto, temos outro problema que surgiu no Japão.

Jack explicou por alguns minutos.

— Isso é um fato? — Fowler exibiu seu sorriso astucioso. — O que acha deles?

— Acho que gostam de fazer jogos — respondeu Ryan. — Não vejo as pessoas que precisam negociar com eles.

— Como poderemos descobrir se é verdade?

— Vem de uma boa fonte. É outra que mantemos em sigilo absoluto.



— Não seria ótimo se... Como poderemos descobrir se o negócio for fechado.

— Não sei, senhor presidente.

— Eu poderia enfiar algo assim pela goela dele. Estou me cansando desse impasse comercial, e mais ainda de ouvir mentiras. Encontre uma maneira de verificar.

— Tentaremos, senhor presidente.

— Obrigado por ter vindo.

O presidente não se levantou, nem estendeu a mão. Ryan levantou-se e foi embora.

—O que acha? — perguntou Fowler, enquanto dava uma olhada no relatório.

— Confirma o que Talbot diz sobre a vulnerabilidade de Narmonov... mas é ainda pior.

—Concordo. Ryan parece exausto.

— Ele não deveria ficar pulando a cerca.

— Hem? — murmurou o presidente, sem levantar os olhos.

— Tenho um relatório preliminar da investigação que o Departamento de Justiça vem efetuando. Parece que ele tem uma aventura extraconjugal, como desconfiávamos, e há uma criança envolvida. Ela é viúva de um homem da força aérea que morreu num acidente de treinamento. Ryan gasta muito dinheiro para cuidar da família, e sua esposa não sabe disso.

— Não preciso desse tipo de escândalo, nem de outro conquistador depois de Charlie.

*Ainda bem que não descobriram a nossa ligação,* ele não precisou dizer. De qualquer forma, era diferente. Alden fora um homem casado. Ryan ainda era. Fowler, não. Isso tornava a situação diferente.

—Como tem certeza disso, Elizabeth? Falou que tem um relatório preliminar?

— Isso mesmo.

— Aprofunde as investigações, e me informe do que descobrir. Liz acenou com a cabeça, e mudou de assunto:

— Essa crise com os militares soviéticos... é algo assustador.

— Muito assustador — concordou Fowler. — Conversaremos a respeito durante o almoço.

— Chegamos à metade do caminho — disse Fromm. — Posso pedir um favor?

— Que favor? — perguntou Ghosn, torcendo para que ele não fosse pedir para voltar à Alemanha e passar algum tempo com a esposa, pois isso seria desagradável.

— Há dois meses que não tomo um drinque. Ibrahim sorriu.

— Deve compreender que não tenho permissão para essas coisas.

— Mas as mesmas regras se aplicam a mim? — O alemão sorriu. — Afinal, sou um infiel.

Ghosn soltou uma risada exuberante.

— Tem razão. Falarei com Günther a respeito.

— Obrigado. Amanhã, podemos começar com o plutônio.

— Levará muito tempo?

— Um pouco, e ainda temos de preparar os blocos explosivos. Mas estamos dentro do prazo.

— E bom saber disso. *Doze de janeiro era o dia.*

\* \* \*

"Quem temos de bom no KGB?", especulou Ryan, de volta à sua sala. o grande problema no relatório de Vela estava no fato de que grande parte do KGB, talvez a maioria, era leal a Narmonov. A parte que podia não ser se encontrava na Segunda Diretoria, que cuidava da segurança interna do país. A Primeira Diretoria — também conhecida como Estrangeira — era incontestavelmente leal, ainda mais com Golovko como primeiro vice-presidente para ficar de olho em tudo. Aquele homem era um autêntico profissional, relativamente apolítico. Ryan teve uma idéia súbita e delirante, de que um telefonema direto poderia... não, ele precisava marcar um encontro... mas onde?

Não, isso era perigoso demais.

— Queria falar comigo?

Era Goodley, esticando a cabeça pela porta. Ryan acenou para que ele entrasse.

— Quer uma promoção?

— Como assim?

— Por determinação do presidente dos Estados Unidos, você deve ficar a par de um assunto da maior importância, mesmo eu achando que ainda não está preparado para isso. — Jack estendeu o relatório de Vela. — Leia.

— Por que eu, e por que disse...

— Também falei que fez um bom trabalho ao prever o rompimento do Pacto. Foi melhor do que qualquer coisa que fizemos aqui, diga-se de passagem.

— Importa-se se eu disser que é um homem estranho para se trabalhar?

— De que forma?

— Não gosta da minha atitude, mas elogia meu trabalho. Ryan recostou-se na cadeira, fechou os olhos.

— acredite ou não, Ben, nem sempre estou certo. Cometo erros. Já fiz até algumas besteiras enormes, mas sou bastante inteligente para saber disso; e porque sou tão inteligente, procuro pessoas com opiniões opostas às minhas, para me contrabalançar. É um bom hábito para se adquirir. Aprendi-o com o almirante Greer. Se tiver de aprender alguma coisa no seu tempo aqui, doutor Goodley, aprenda isso. Não podemos fazer besteiras aqui. Acontecem, de qualquer maneira, mas mesmo assim não podemos nos dar ao luxo de cometê-las. Aquele ensaio que você escreveu em Kennedy foi melhor do que o meu estudo na ocasião. Teoricamente, é possível que um dia você esteja certo de novo, quando eu estiver errado. Justo?

— Sim, senhor.

Goodley sentia-se um pouco surpreso com a declaração. Claro que ele estaria certo quando Ryan estivesse errado. Era por isso que se encontrava ali.

— Leia.

— Importa-se que eu fume? Jack arregalou os olhos.

— É um fumante?

— Deixei há dois anos, mas desde que vim para cá...

— Tente romper esse hábito, mas antes me dê um cigarro.

Acenderam os cigarros e ficaram fumando em silêncio, Goodley absorvido na leitura do relatório, enquanto Ryan o observava. O bolsista presidencial levantou os olhos.

— Merda...

— A primeira boa reação. O que você acha?

— É plausível.

Ryan balançou a cabeça.

— Foi o que acabei de dizer ao presidente, há uma hora. Não tenho certeza, mas não podia deixar de levar ao seu conhecimento.

— O que quer que eu faça?

— Quero pensar um pouco a respeito. O pessoal da seção russa vai remoer o problema por uns dois dias. Você e eu faremos nossas próprias análises, mas de uma forma diferente.

— Como assim?

— Você acha que é plausível, eu tenho minhas dúvidas. Portanto, você vai procurar razões para que não seja verdade, enquanto eu procuro razões para que seja. — Jack fez uma pausa.

— A Diretoria de Informações vai considerar a questão de um modo convencional. Eles são muito organizados lá embaixo. Não quero isso.

— Mas quer que eu...

— Quero que exercite esse cérebro. Acho que é inteligente, Ben. Quero que prove. Isso é uma ordem, diga-se de passagem.

Goodley refletiu a respeito por um momento. Não estava acostumado a receber ou acatar ordens.

— Não sei se posso fazê-lo.

— Por que não?

— E contrário às minhas opiniões. Não é assim que vejo a situação. Acho...

— Sua função comigo e com uma porção de pessoas aqui é formar a mente coletiva da CIA, certo? Parte disso é correto, temos de fato uma mente coletiva, o que acarreta algumas desvantagens. Também é verdade que sua maneira de pensar sempre contém algumas armadilhas. Se puder me provar que não é um prisioneiro

de suas opiniões, tanto quanto eu tento não ser das minhas, então tem um futuro aqui. A objetividade não é fácil. E preciso exercitá-la.

Era um desafio dos mais hábeis, pensou Goodley. Ele especulou em seguida se não teria julgado erroneamente o vice-diretor da CIA.

— Russell vai cooperar?

— Vai, sim, Ismael — respondeu Bock, tomando um gole da cerveja. Ele providenciara uma caixa da boa cerveja alemã de exportação para Fromm, e ficara com uma parte. — Acha que vamos detonar uma grande bomba convencional para eliminar a cobertura de televisão do jogo.

~- Esperto, mas não muito inteligente — comentou Qati. Ele também queria uma cerveja, mas não podia pedir. Além do mais, disse a si mesmo,

provavelmente deixaria seu estômago embrulhado, e há três dias consecutivos que gozava de saúde relativa.

— A perspectiva dele limita-se às questões táticas. Sob esse aspecto, porém ele é bastante útil. Sua ajuda será crucial na fase de operação.

— Fromm está realizando um bom trabalho.

— Como eu previa. É uma pena que ele não vá testemunhar o resultado final. O mesmo acontecerá com os operadores?

— Infelizmente, sim.

Qati franziu o cenho. Não era um homem que empalidecia à vista de sangue, mas também não era de matar desnecessariamente. Já precisara antes matar pessoas por razões de segurança, embora não muitas. Estava quase se tornando um hábito. Mas por que se preocupar com uns poucos, quando se planeja matar muitos mais?

— Já planejou para as conseqüências do fracasso ou descoberta? — perguntou Bock.

— Já, sim — respondeu Qati, com um sorriso insidioso, explicando em seguida.

— É bastante engenhoso. Um bom plano, para todas as contingências.

— Achei que você gostaria.

# 21

## CONEXÃO

Levou duas semanas, mas finalmente surgiu algo novo. Um oficial do KGB a serviço da CIA andou bisbilhotando e descobriu uma coisa: podia haver uma operação em progresso sobre armas nucleares na Alemanha. Algo dirigido fora do Centro em Moscou. O próprio Golovko supervisionava tudo. As pessoas na estação do KGB em Berlim estavam por fora. Fim do relatório.

— E então? — perguntou Ryan a Goodley. — O que você acha?

— Ajusta-se ao relatório de Vela. Se é correta a história sobre um falso inventário de armas nucleares táticas, faz sentido que tenha alguma relação com a retirada de suas forças avançadas. E sempre possível perder coisas em trânsito. Eu mesmo perdi duas caixas de livros quando me mudei para cá.

— Eu gostaria de pensar que as pessoas são mais cuidadosas com armas nucleares — comentou Ryan, secamente, notando que Goodley ainda tinha muito o que aprender. — O que mais?

— Tenho procurado dados para contestar o relatório. A alegação soviética para a incapacidade de desativar os SS-18s dentro do prazo é de que a fábrica que construíram com esse propósito é inadequada. Nossos inspetores no local não conseguem determinar se isso é verdade ou não... um problema de engenharia. Acho difícil acreditar que se os russos construíram a coisa... e eles vêm construindo SS-18s há muito tempo, não é?... não sejam capazes agora de projetar um lugar para desmontar as armas com toda a segurança. Dizem que o problema está nos sistemas de abastecimento, e nos termos dos documentos jo tratado. O SS-18 usa combustíveis líquidos e tem um corpo pressurizado... isto é, a estrutura do míssil depende da pressurização para permanecer rígida. Eles podem desabastecer nos silos, mas depois não conseguem extrair os pássaros sem danificá-los, e o tratado exige que sejam levados intactos para a instalação de desativação. Só que

essa instalação não foi projetada para a retirada do combustível, dizem eles. Alguma coisa sobre falha no projeto e possível contaminação ambiental. Os líquidos são perigosos, eles afirmam, e é preciso tomar todas as precauções para evitar que envenenem pessoas, a instalação fica a apenas três quilômetros de uma cidade, e assim por diante. — Goodley fez uma pausa. — A explicação é plausível, mas não se pode deixar de especular como as pessoas foram capazes de fazer tantas besteiras.

— Um problema estrutural — disse Jack. — É difícil para eles construir essas instalações em locais distantes, pelo simples motivo de que bem poucas pessoas possuem um carro, e transportar as pessoas de casa para o trabalho é muito mais complicado do que aqui. São essas sutilezas que nos levam à loucura no esforço de compreender os russos.

— Por outro lado, eles podem apontar um erro básico como esse, e aproveitá-lo para explicar todas as coisas.

— Ótimo, Ben — comentou Jack. — Agora você começa a pensar como um verdadeiro agente.

— Este é um lugar maluco para se trabalhar.

— Os combustíveis líquidos são mesmo terríveis, por falar nisso. Corrosivos, reativos, tóxicos. Lembra-se de todos os problemas que tivemos com os mísseis Titan-II?

— Não — admitiu Goodley.

— A manutenção é uma dificuldade. E preciso adotar as precauções mais meticulosas, mas ainda assim continua a haver vazamentos. Os vazamentos corroem os mísseis, lesionam o pessoal da manutenção...

— Já trocamos de posição nesse ponto? — indagou Goodley, jovialmente. Ryan sorriu, os olhos fechados.

— Não tenho certeza.

— Deveríamos dispor de dados melhores. Deveríamos ser capazes de descobrir as coisas.

— Houve um tempo em que também pensei assim. As pessoas esperam que saibamos de tudo o que há para saber sobre cada rocha, charco e personalidade no mundo inteiro. — Ryan abriu os olhos. — Não sabemos. Nunca soubemos. Nunca saberemos.

Desapontador, não é mesmo? A poderosa CIA. Temos um Problema de grande importância aqui, e só contamos com probabilidades, sem certezas. Como o presidente pode tomar uma decisão, se não somos capazes de lhe fornecer fatos, em vez de opiniões, mesmo que sejam as mais abalizadas? Já disse isso antes... até por escrito. Na maior parte do tempo, fornecemos às Pessoas apenas palpites oficiais. Sabe, é embaraçoso ter de apresentar algo assim.

Jack baixou os olhos para o relatório da Diretoria de Informações. As equipes de peritos russos remoeram os dados de Vela por uma semana, e concluíram que provavelmente eram verdadeiros, mas também podiam representar um mal-entendido. Jack tornou a fechar os olhos, desejando que sua dor de cabeça sumisse.

— Esse é o nosso problema estrutural. Analisamos várias probabilidades. Se você oferece às pessoas uma opinião firme, corre o risco de estar errado. Sabe? As pessoas lembram muito mais as ocasiões em que errou do que aquelas em que acertou. Por isso, a tendência é incluir todas as possibilidades. É até intelectualmente honesto. E uma boa manobra evasiva. O problema é que não oferece às pessoas o que elas pensam que precisam. No lado do usuário, as pessoas muitas vezes não precisam de probabilidades mais do que de certezas, só que nem sempre sabem disso. Pode levá-lo à loucura, Ben. A burocracia externa pede coisas que muitas vezes não podemos entregar, enquanto a nossa burocracia interna não gosta de expor o pescoço, tanto quanto todo mundo. Seja bem-vindo ao mundo real da comunidade de informações.

— Nunca imaginei que fosse um cético.

— Não sou um cético. Sou um realista. Sabemos algumas coisas. Ignoramos algumas coisas. As pessoas aqui não são robôs. São apenas pessoas procurando por respostas, mas encontrando em vez disso mais perguntas. Temos uma porção de gente boa neste prédio, mas a burocracia reprime as vozes individuais, e os fatos são descobertos com mais frequência por indivíduos do que por comitês.

— Houve uma batida na porta. — Entre.

— Doutor Ryan, sua secretária não está...

— Ela saiu para almoçar mais tarde.



— Tenho uma coisa para lhe entregar, senhor.

O homem estendeu o envelope. Ryan assinou o recibo e despachou o mensageiro.

— A velha e eficiente All Nippon Airlines — disse Ryan, depois de abrir o envelope. Era outro relatório de Niitaka. Ele se empertigou na cadeira. — Mas que merda!

— Problema? — indagou Goodley.

— Você não está autorizado a tomar conhecimento disto.

— Qual é o problema? — perguntou Narmonov.

Golovko estava na posição constrangedora de ter de anunciar um grande sucesso, com conseqüências desagradáveis.

— Presidente, há algum tempo que trabalhamos num projeto para nos infiltrarmos nos sistemas americanos de códigos. Tivemos alguns sucessos, em particular nos sistemas diplomáticos. Esta é uma mensagem que foi enviada a diversas embaixadas americanas. Descobrimos o texto todo.

— E o que diz?

\* \* \*

— Quem mandou isto?

— Escute, Jack — disse Cabot —, Liz Elliot ficou muito preocupada com o último relatório de Vela, e quer a opinião do Departamento de Estado.

— Mas isso é ótimo! O que descobrimos com isso foi que o KGB penetrou em nossos códigos diplomáticos. Niitaka leu a mesma mensagem que o nosso embaixador recebeu. Agora, Narmonov sabe com que estamos preocupados.

— A Casa Branca dirá que não é tão ruim assim. Prejudica em alguma coisa que ele saiba quais são nossas preocupações?

— A versão mais curta... claro que prejudica. Senhor, eu não sabia desta mensagem, e como foi que tomei conhecimento? Recebi o texto de um oficial do KGB em Tóquio. Será que mandamos a mensagem também para o Alto Volta?

— Eles pegaram tudo?

A voz de Jack tornou-se ácida:

- Quer conferir a tradução?
- Vá conversar com Olson.
- Já estou a caminho.

Quarenta minutos depois, Ryan e Clark entraram na ante-sala do gabinete do general Ronald Olson, diretor da Agência de Segurança Nacional. Localizada em Fort Meade, Maryland, entre Washington e Baltimore, tinha a atmosfera de outra Alcatraz, mas sem a vista aprazível da baía de San Francisco. O prédio principal era defendido por uma cerca dupla, patrulhado por cachorros à noite — algo com que nem mesmo a CIA perdia tempo, considerando que era teatral demais —, como prova objetiva da obsessão por segurança. O trabalho da ASN era formular e decifrar códigos, registrar e interpretar cada fragmento de ruído eletrônico no planeta. Jack deixou seu motorista lendo um exemplar da *Newsweek*, enquanto entrava na sala no último andar do homem que dirigia aquela organização em particular, várias vezes maior do que a CIA.

- Ron, você tem um grande problema.
- Qual, exatamente?

Jack entregou o despacho de Niitaka.

- Eu o adverti sobre isso.
- Quando esta mensagem saiu?
- Há setenta e duas horas.
- De Foggy Bottom?
- Correto. Foi lida em Moscou precisamente oito horas depois.

— O que significa que alguém no Departamento de Estado pode tê-la vazado, e a embaixada deles transmitiu por satélite — disse Olson.

— Ou o vazamento pode ter sido de um funcionário da seção de codificação, ou de qualquer uma dentre cinquenta representações no exterior...

— Ou pode significar que eles romperam todo o nosso sistema de codificação.

- Stripe é seguro, Jack.
- Por que simplesmente não expandiu Tapdance, Ron?
- Arrume-me os recursos e farei isso.

— Esse agente já tinha nos avisado de que eles haviam se infiltrado em nossos sistemas de códigos. Passaram a ler toda a nossa correspondência, Ron, e isto é uma boa prova.

O general manteve-se firme.

— É duvidosa, e você sabe disso.

— Pois nosso homem diz que quer a garantia pessoal do diretor de que não usamos e nunca usaremos os canais normais de comunicação para transmitir seu material. Como prova dessa necessidade, ele nos mandou esta mensagem, que obteve com um risco pessoal considerável. — Jack fez uma pausa. — Quantas pessoas usam esse sistema?

— Stripe é exclusivo do Departamento de Estado. Sistemas similares são usados pelo Departamento de Defesa. Mais ou menos a mesma máquina, mas com sistemas de teclado diferentes. A marinha o aprecia particularmente.

— General, temos a tecnologia dos sinais aleatórios disponível há mais de três anos. Sua primeira versão, Tapdance, usava gravações em cassete. Estamos passando para CD-ROM. Funciona, é fácil de usar. Teremos nosso sistema em plena operação dentro de mais duas semanas.

— E quer que o copiemos?

— É o que me parece mais sensato.

— Sabe o que meu pessoal vai dizer se copiarmos um sistema da CIA, Jack?

— Essa não! Já esqueceu que roubamos a idéia de vocês?

— Estamos trabalhando em algo similar, Jack, mais fácil de usar, um pouquinho mais seguro. Há problemas, mas meus garotos lá de baixo já estão quase prontos para experimentar.

*Quase prontos, pensou Ryan. isso significa qualquer momento entre três meses e três anos.*

— General, estou apresentando um aviso oficial. Temos indicações de que suas comunicações estão comprometidas.

— E daí?

— E daí que informarei isso ao Congresso e ao presidente.

— E muito mais provável que haja alguém no Departamento de Estado que tenha vazado esta informação. Além do mais, é possível

que você seja vítima de desinformação. O que esse agente nos fornece?

— Um material da maior utilidade... sobre nós e o Japão.

— Mas nada sobre a União Soviética?

Jack hesitou antes de responder, mas não podia haver a menor dúvida sobre a lealdade de Olson. Nem sobre sua inteligência.

— Correto.

— E diz que tem certeza de que não se trata de uma operação de falsa bandeira. Repito... tem certeza?

— Sabe muito bem como são as coisas, Ron. Qual é a certeza que se pode ter neste negócio?

— Antes de solicitar uma verba de duzentos milhões de dólares, preciso de algo melhor do que isso. Já aconteceu antes, e nós também fizemos a mesma coisa... se o outro lado tem um sistema em que você não consegue penetrar, trate de persuadi-lo a mudar. Dê a impressão de que houve uma infiltração.

— Isso podia ser verdade há cinquenta anos, mas não é mais.

— Repito, preciso de evidências melhores antes de falar com Trent. Não podemos montar um novo sistema tão depressa quanto você fez com Mercury. precisamos providenciar milhares de coisas. A manutenção é complexa e dispendiosa. Preciso de provas concretas, antes de expor meu pescoço desse jeito.

— Está certo, general. Eu já disse o que tinha de dizer.

— Vamos examinar o caso, Jack. Tenho uma equipe especial para isso, que estará analisando o problema amanhã de manhã. Agradeço a sua preocupação. Somos amigos, lembra?

— Desculpe, Ron. Tenho trabalhado demais.

— Talvez precise tirar uma folga. Parece cansado.

— É o que todo mundo me diz.

A parada seguinte de Ryan foi no FBI.

— Já soube — disse Dan Murray. — E tão grave assim?

— Acho que sim. Ron Olson não tem tanta certeza.

Jack não precisava explicar. Dentre todos os possíveis desastres que um governo podia enfrentar, à exceção da guerra, nenhum era pior do que sistemas de comunicações com vazamento. Tudo,

literalmente, dependia de métodos seguros de transferir informações de um lugar para outro. Guerras eram vencidas e perdidas por causa de uma única mensagem que vazava de um lado para outro. Uma das manobras mais extraordinárias da política externa americana, o Tratado Naval de Washington, fora o resultado da capacidade do Departamento de Estado de decifrar o tráfego codificado entre todos os diplomatas participantes e seus governos. Um governo que não tinha segredos não podia funcionar.

— Não podemos esquecer os Walkers, Pelton, todos os outros...  
— comentou Murray.

O KGB tivera o maior êxito no recrutamento de pessoas dentro das agências de comunicações americanas. Os escriturários de codificação ocupavam os cargos mais delicados nas embaixadas, mas eram tão mal remunerados e considerados que continuavam a ser chamados de "escriturários", nem ao menos eram "técnicos". Alguns se ressentiam. Alguns se ressentiam o bastante para concluírem que podiam ganhar dinheiro com o que sabiam. Todos acabavam descobrindo que as agências de informações pagavam muito mal (à exceção da CIA, que recompensava a traição com muito dinheiro), mas a esta altura sempre era tarde demais para voltar atrás. Depois de Walker, os russos descobriram como as máquinas americanas de codificação eram projetadas, e como funcionavam seus sistemas de teclado. Os elementos básicos das máquinas de codificação não haviam mudado muito nos últimos dez anos. A melhoria da tecnologia as tornara mais eficientes e mais confiáveis do que suas antecessoras de interruptores e discos, mas todas operavam numa área matemática chamada Teoria da Complexidade, desenvolvida por engenheiros telefônicos sessenta anos antes, a fim de prever o funcionamento de grandes sistemas de conexões. E os russos contavam com alguns dos melhores matemáticos teóricos do mundo. Muitos acreditavam que o conhecimento da estrutura das máquinas de codificação podia permitir que um matemático competente decifrasse todo um sistema. Algum russo desconhecido teria conseguido uma grande abertura teórica? Neste caso...

— Devemos presumir que há mais detalhes que não interceptamos. Acrescente isso à competência técnica deles, e pode compreender por que estou preocupado.

— Isso não nos afeta diretamente, graças a Deus. A maioria das comunicações codificadas do FBI era por contatos vocais. Podiam ser rompidas, mas os dados recuperados eram sensíveis ao tempo e ainda disfarçados pelo uso de codinomes e jargão, o que encobria em grande parte o que os agentes estavam fazendo. Além disso, a oposição tinha limites reais na quantidade de material que podia examinar.

— Seu pessoal pode fazer uma investigação, Dan?

— Claro. Pretende levar a coisa até o fim?

— Acho que não tenho outro jeito.

— Vai enfrentar duas grandes burocracias. Ryan encostou-se na porta.

— Não acha que minha causa é justa?

— Você nunca aprende, hem? — Murray balançou a cabeça, rindo.

— Esses americanos desgraçados! — exclamou Narmonov, furioso.

— Qual é o problema, Andrei Il'yich?

— Tem alguma idéia do que é tratar com um país estrangeiro desconfiado, Oleg Kirilovich?

— Ainda não — respondeu Kadishev. — Só lido com elementos internos desconfiados.

A abolição efetiva do Politburo eliminara o período de aprendizagem, durante o qual uma figura política soviética em ascensão podia tomar conhecimento da versão internacional da arte de governar. Agora, eles se encontravam na mesma situação que os americanos. E isso, refletiu Kadishev, era algo que não se podia esquecer.

— Qual é o problema? — indagou ele.

— Isto deve ser mantido em segredo absoluto, meu jovem amigo.

— Certo.

— Os americanos distribuíram um memorando às suas embaixadas, pedindo que efetuassem indagações discretas sobre a minha vulnerabilidade política.

— E mesmo?

Kadishev não se permitiu qualquer reação além dessas duas palavras. Ficou no mesmo instante aturdido com a dicotomia da situação. Seu relatório tivera o efeito desejado no governo americano, mas o fato de que Narmonov fora informado tornava possível a sua descoberta como um agente americano. Não era interessante?, ele perguntou a si mesmo, num momento de lúcida objetividade. Suas manobras passavam a ser um jogo, com uma possibilidade de queda tão grande quanto a de ascensão. Mas não devia esperar por isso? Afinal, não estava jogando pelo salário de um mês.

— Como sabemos disso?

— Não posso revelar.

— Eu compreendo. — *Ele me faz uma confidencia... mas não pode ser também unia hábil manobra de Andrei Il'ych?* — Mas temos certeza?

— Absoluta.

— Como posso ajudar?

— Preciso mesmo de sua ajuda, Oleg. E, mais uma vez, eu a peço.

— Esse problema com os americanos o deixa muito preocupado?

— Mas claro!

— Posso compreender que seja algo que deve ser levado em consideração, mas que interesse real eles podem ter em nossa política interna?

— Você conhece a resposta.

— Tem razão.

— Preciso de sua ajuda — reiterou Narmonov.

— Tenho de conversar com meus colegas.

— O mais depressa possível, por favor.

— Está bem.

Kadishev despediu-se e foi para seu carro. Ele mesmo guiava, o que era excepcional para uma alta autoridade soviética. Os tempos haviam mudado. As autoridades deviam ser agora pessoas comuns, o que significava que não contavam mais com as faixas exclusivas no centro das largas ruas de Moscou, além de terem perdido também a maioria dos outros privilégios tradicionais. O que era uma pena, pensou Kadishev, mas sem as outras mudanças que tornaram isso necessário, ele ainda seria uma voz solitária em alguma distante *oblast*, em vez do líder de uma importante facção no Congresso dos Delegados do Povo. Por isso, estava disposto a abrir mão da *dacha* no meio do bosque a leste de Moscou, o apartamento de luxo, motorista, limusine especial, e todas as outras coisas que antes eram inerentes aos dirigentes daquele vasto e infeliz país. Ele seguiu para seu escritório legislativo, onde pelo menos tinha uma vaga no estacionamento. Por trás da porta fechada de sua sala, escreveu uma carta curta, em sua máquina de escrever particular. Dobrou-a e guardou no bolso. Havia muito trabalho a fazer naquele dia. Ele desceu pela rua até o imenso saguão do Congresso, deixou o casaco na portaria. Era uma mulher que atendia ali. Ela pegou o casaco e entregou-lhe uma ficha numerada. Kadishev agradeceu, polidamente. Ao levar o casaco para o gancho numerado, a atendente tirou o bilhete do bolso interno, metendo-o no bolso de seu próprio casaco. Quatro horas depois, a mensagem chegou à embaixada americana.

— Ataque de pânico? — indagou Fellows.

— Pode-se chamar assim, senhores — respondeu Ryan.

— Muito bem, conte-nos o problema — pediu Trent, tomando um gole de chá.

— Já tivemos muitas indicações de que nossos elos de comunicações podem ter sido penetrados.

— Outra vez? — murmurou Trent, revirando os olhos.

— Ora, Al, todos nós já ouvimos essa cantilena antes — resmungou Fellows. — Detalhes, Jack, detalhes.

Ryan relatou os fatos.

— E qual é a posição da Casa Branca?



— Ainda não sei. Pretendo subir a rua depois que sair daqui. Para ser franco, preferi discutir o problema com vocês primeiro. Além do mais, precisava vir até aqui para falar de outro assunto.

Jack descreveu o relatório de Vela sobre os problemas de Narmonov.

— Há quanto tempo sabe disso?

— Duas semanas...

— E por que não fomos informados antes? — perguntou Trent.

— Porque estamos encontrando dificuldades para confirmar — explicou Jack.

— E o que mais pode dizer?

— Não fomos capazes de obter uma confirmação direta, Al. Há indicações de que o KGB se encontra empenhado em alguma coisa. Parece haver uma operação muito discreta na Alemanha, à procura de algumas armas nucleares táticas perdidas.

— Santo Deus! — exclamou Fellows. — O que está querendo dizer com "perdidas"?

— Não temos certeza. Se ligarmos o problema ao relatório de Vela, é possível alguma contabilidade criativa da parte do exército soviético.

— Sua opinião?

— Não sei, simplesmente não sei. Nossos analistas estão mais ou menos divididos... aqueles que se mostram dispostos a formular uma opinião.

— Sabemos que o exército deles não se sente muito feliz — murmurou Fellows. — A perda de verbas, perda de prestígio, perda de unidades e quartéis... mas tão infeliz assim?

— Uma perspectiva das mais agradáveis — acrescentou Trent.

— Uma luta pelo poder num país com todas aquelas armas nucleares... Até que ponto Vela tem sido confiável?

— Bastante. Cinco anos de serviços devotados.

— Ele não é membro do parlamento? — indagou Fellows.

— É, sim.

— Sem dúvida, um dos membros mais importantes, a julgar pelo material... tudo bem, acho que nenhum de nós dois quer saber o seu nome — disse Fellows.

Trent concordou com um aceno de cabeça.

— Provavelmente é alguém que conhecemos. — *Bom palpite, AI*, pensou Jack, mas não disse, enquanto Trent acrescentava: — Também está levando isso a sério?

— Estou, sim, senhor, e também me esforçando ao máximo para confirmar.

— Alguma novidade sobre Niitaka? — indagou Trent.

— Senhor, eu...

— Ouvi por aí que tem alguma relação com o México — comentou Trent.

— É evidente que o presidente quer meu apoio em algo. Está autorizado a nos contar. Juro, Jack, que o presidente autorizou.

Era uma violação técnica das regras, mas Ryan jamais soubera que Trent mentira, e descreveu esse relatório também.

— Aqueles sacaninhas! — murmurou Trent. — Sabe quantos votos me custou a aprovação daquele acordo comercial? E agora eles planejam rompê-lo! Quer dizer que fomos enganados de novo?

— Uma possibilidade, senhor.

— O que acha, Sam? Os fazendeiros em seu distrito usam todos aqueles defensivos agrícolas horríveis. Pode lhes custar caro.

— AI, o livre comércio é um princípio importante — comentou Fellows.

— E manter a porra da palavra empenhada também é!

— Não discuto, AI. — Fellows estava pensando em quantos de seus fazendeiros poderiam perder a receita da exportação esperada em decorrência do rompimento do acordo que tanto defendera no plenário da Câmara. — Como podemos confirmar isso?

— Ainda não sei.

— Que tal esconder um microfone no avião dele? — sugeriu Trent, com uma risada. — Se pudermos confirmar, eu gostaria de estar presente quando Fowler enfiar o acordo pelo rabo dele! Como perdi votos por causa disso! — O fato de que ele saíra vitorioso em seu distrito por uma margem de cinquenta e oito a quarenta e dois era irrelevante agora. — O presidente quer que o apoiemos neste caso. Problemas no seu lado do corredor, Sam?

— Provavelmente não.

— Prefiro me manter afastado do lado político da questão, senhores. Estou aqui apenas como um mensageiro, lembram?

— Jack Ryan, o último virgem. — Trent riu. — Boas informações, obrigado por ter vindo. Vamos saber se o presidente quer que autorizemos o novo e melhorado Tapdance.

— E Ron Olson? — indagou Trent.

— Está defendendo sua posição.

— Terá mais possibilidades, se ele pedir também, Jack — disse Fellows.

— Sei disso. Mas pelo menos teremos nosso sistema em funcionamento dentro de mais três semanas. Já começamos a acionar o primeiro jogo de discos, realizando os testes preliminares.

— Como assim?

— Usamos um computador para procurar o não-aleatório. O grande, o Cray YMP. Trouxemos um consultor do Laboratório de Inteligência Artificial do MIT para fazer um novo tipo de programa padrão. Em mais uma semana... talvez dez dias... saberemos se o sistema é tudo o que esperamos. E depois começaremos a operar.

— Espero sinceramente que você esteja errado neste caso — comentou Trent, ao final da reunião.

— Eu também, mas meu instinto diz o contrário.

\* \* \*

— E quanto vai custar? — perguntou Fowler, durante o almoço.

— Pelo que pude depreender, duzentos ou trezentos milhões.

— Não. Já temos problemas demais com o orçamento.

— Concordo — disse Liz Elliot. — Mas queria primeiro falar com você. É idéia de Ryan. Olson, na ASN, diz que não agüenta mais, garante que os sistemas são seguros, mas Ryan parece obcecado por esse novo sistema de codificação. Sabe que ele pressionou para conseguir a mesma coisa para a Agência... e até foi diretamente ao Congresso.

— É mesmo? — Fowler levantou os olhos do prato. — Ele não passou por aqui antes?

— Bob, ele apresentou seu pedido para o novo sistema da ASN a Trent e Fellows antes mesmo de me procurar!

— Quem ele pensa que é?

— Não canso de falar disso, Bob.

— Quero ele fora, Elizabeth. Fora. F-O-R-A. Cuide disso.

— Acho que já sei como posso fazê-lo.

As circunstâncias facilitaram. Um dos investigadores de Ernest Wellington vinha espreitando o 7-Eleven há uma semana. A loja da família Zimmer ficava à beira da Rota 50, entre Washington e Annapolis, perto de um grande conjunto habitacional, de onde vinha a maior parte de seu movimento. O investigador estacionou seu furgão no final de uma rua, numa posição de onde tinha uma ampla visão da loja e da casa da família, separadas por apenas cinquenta metros. O furgão era um típico veículo de vigilância secreta, construído sob encomenda por uma das várias firmas especializadas. A abertura no teto ocultava um sofisticado periscópio, cujas duas lentes estavam ligadas respectivamente a uma câmera de tevê e a uma Cannon de 35 mm. O investigador dispunha de uma pequena geladeira cheia de refrigerantes, uma enorme garrafa térmica com café, e um vaso sanitário químico. Pensava no apertado furgão como seu veículo espacial pessoal, e alguns de seus dispositivos de alta tecnologia eram no mínimo tão bons quanto os que a Nasa instalara no ônibus espacial.

— Bingo! — disse uma voz pelo rádio. — Veículo do alvo está pegando a saída. Desligando agora.

O homem no furgão pegou seu microfone.

— Certo. Câmbio e desligo.

Clark notara o Mercury dois dias antes. Um dos problemas nas viagens regulares para as comunidades suburbanas era o fato de os mesmos veículos aparecerem ocasionalmente, e ele concluiu que não passava disso. O Mercury nunca chegava perto, e nunca os seguia quando saíam da estrada principal. Neste caso, quando ele pegou a saída, o outro carro também não foi atrás. Clark transferiu sua atenção para outras coisas. Não notara que o homem usava um

microfone... mas aqueles novos aparelhos celulares eram quase imperceptíveis a tecnologia não era maravilhosa? Um bom carro de perseguição não precisava mais se anunciar. Clark entrou no estacionamento da 7-Eleven, esquadrinhando ao redor à procura de sinais de problemas. Não avistou nenhum. Clark e Ryan saltaram do carro ao mesmo tempo. A capa de Clark estava desabotoada, assim como o paletó do terno, a fim de permitir um fácil acesso à pistola Beretta 10 mm, num coldre no lado direito da cintura. O sol se punha, lançando um adorável clarão alaranjado pelo céu a oeste, fazia um calor inesperado para aquela época do ano, um tempo para mangas de camisa, que o fez lamentar a capa que usava. O tempo na área de Washington era tão previsivelmente imprevisível quanto em qualquer outro lugar do mundo.

— Olá, doutor Ryan — disse uma das crianças Zimmer. — Mamãe está na casa.

— Obrigado.

Ryan saiu da loja e seguiu pelo caminho de pedra para a residência Zimmer. Encontrou Carol nos fundos, com a criança caçula no balanço novo. Clark o seguia, alerta como sempre, sem perceber nada de diferente nos gramados ainda verdes e carros estacionados, uns poucos garotos jogando futebol americano. O tempo ameno no início de dezembro preocupava Clark. Estava convencido de que prenunciava um inverno dos mais rigorosos.

— Oi, Carol! — chamou Jack.

A sra. Zimmer observava atentamente a criança no balanço.

— Doc Ryan, o que acha do balanço novo?

Jack balançou a cabeça em aprovação, sentindo-se um pouco culpado. Deveria ter ajudado a montar o balanço. Era um especialista na montagem de brinquedos. Ele inclinou-se.

— Como vai esta menina?

— Não quer sair daqui, e já é hora do jantar — disse Carol. — Pode ajudar?

— Como estão todos?

— Peter também foi aceito na faculdade, no MIT, com uma bolsa completa!

— Mas isso é maravilhoso!

*Por Deus, como Buck ficaria orgulhoso pelo que seus filhos estavam se tornando!* Era pouco mais do que a obsessão asiática normal pela instrução, é verdade, o que também já acontecera com os judeus americanos, em seu tempo. Se uma oportunidade se apresenta, agarre-a pelos cabelos. Ele inclinou-se para a mais nova criança Zimmer, que estendeu os braços para tio Jack.

— Vamos, Jackie.

Ele pegou a menina no colo e ganhou um beijo por seu trabalho. E levantou os olhos quando ouviu o barulho.

— Peguei!

É um truque simples, e bastante eficaz. Mesmo que você saiba que está para acontecer, não pode fazer muito para evitar. O furgão tinha vários botões para tocar a buzina. Era um som que o cérebro humano reconhecia como um sinal de perigo, e instintivamente se olhava na direção de onde partira, a fim de verificar se havia algum motivo para preocupação. O investigador tocou a buzina, e Ryan olhou na direção do som, com uma menina no colo. Recebia o abraço da mulher e o beijo da criança, e agora tinha todo o rosto virado para a máquina fotográfica, que servia como apoio ao videoteipe. Muito simples. Ele pegara o tal de Ryan em flagrante. Era espantoso que um homem com uma esposa tão bonita pudesse sentir a necessidade de se divertir por fora, mas a vida era assim, não é mesmo? E com uma criança envolvida ainda por cima. Um segurança da CIA para manter tudo em ordem e seguro. *Mas que merda!*, pensou o investigador, enquanto o automático disparava a Cannon.

— Você fica para o jantar! Desta vez tem de ficar! Vamos comemorar a bolsa de Peter.

— Não pode recusar, Doc — comentou Clark.

— Está bem.

Ryan carregou Jacqueline Theresa Zimmer para a casa. Nem ele nem Clark notaram que o furgão estacionado a cinquenta metros de distância foi embora poucos minutos depois.

Era a parte mais delicada do processo. O plutônio foi ajeitado em cadinhos de cerâmica de sulfeto de cério. Os cadinhos foram levados para a fornalha elétrica. Fromm fechou e trancou a porta. Uma bomba de vácuo esvaziou o espaço, substituindo o ar por argônio.

— O ar tem oxigênio — explicou Fromm. — O argônio é um gás inerte. Não vamos correr riscos. O plutônio é altamente reativo e piróforo. Os cadinhos de cerâmica também são inertes e não-reativos. Usamos mais de um cadinho para evitar a possibilidade de formar uma massa crítica e iniciar uma reação atômica prematura.

— As transformações físicas? — indagou Ghosn.

— Correto.

— Quanto tempo?

Essa pergunta partiu de Qati.

— Duas horas. Não nos apressamos nesta parte. Ao serem retirados da fornalha, os cadinhos serão cobertos, é claro, e efetuaremos o despejo num espaço de gás inerte. Já sabe agora por que precisávamos deste tipo de fornalha.

— Não haverá perigo quando fizer o despejo? Fromm sacudiu a cabeça.

— Absolutamente nenhum, desde que sejamos cuidadosos. A configuração do molde impede totalmente a formação de uma massa crítica. Já fiz isso muitas vezes, em simulação. Houve acidentes, mas invariavelmente envolviam massas maiores de material físsil, e ocorreram antes que fossem compreendidos todos os riscos da manipulação do plutônio. Não há perigo. Vamos trabalhar devagar, e com extremo cuidado. Fingindo que é ouro.

— E o processo de acabamento?

— Três semanas, depois mais duas de montagem e testes dos componentes.

— A extração do trítio? — perguntou Ghosn. Fromm abaixou-se para olhar o interior da fornalha.

— Cuidarei disso imediatamente antes do final, e será a conclusão do exercício.

— Vê alguma semelhança? — indagou o investigador.

— É difícil dizer — respondeu Wellington.

— Seja como for, ele parece gostar da criança. É uma família simpática. Observei quando montavam o balanço, no fim de semana passado. A pequena... o nome é Jackie, por falar nisso, Jacqueline Theresa...

— E mesmo? Muito interessante. Wellington fez uma anotação.

— A garotinha adora o balanço.

— E parece gostar também do senhor Ryan.

— Acha que ele é mesmo o pai?

— É possível — murmurou Wellington, assistindo ao videoteipe e comparando as imagens na tela com as fotos. — A luz não estava muito boa.

— Posso pedir ao pessoal do laboratório para dar mais nitidez. Só que levaria alguns dias para o videoteipe. Eles teriam de trabalhar quadro por quadro.

— Acho que é uma boa idéia. Queremos algo sólido.

— E assim será. O que vai acontecer com ele?

— Acho que será estimulado a deixar o serviço público.

— Se fôssemos cidadãos particulares, isso seria considerado chantagem, invasão da privacidade...

— Mas não somos, e não é. Esse homem ocupa um cargo de alta segurança, e parece que sua vida pessoal não é como deveria ser.

— O que não é culpa nossa, não é mesmo?

— Claro que não.



**REPERCUSSÕES**

- Mas que droga, Ryan, não pode fazer isso!
  - Fazer o quê?
  - Passou por cima de mim e foi ao Capitólio.
  - Mas o que está querendo dizer? Tudo o que fiz foi sugerir a Trent e Fellows que podia haver um problema. É o que devo fazer.
  - Não está confirmado — insistiu o diretor.
  - Mas o que jamais foi plenamente confirmado?
  - Veja isto.
- Cabot estendeu uma pasta nova.
- Isto é Vela. Por que eu ainda não vi?
  - Apenas leia! — disse Cabot, em tom ríspido.
  - Confirma o vazamento...
- Era uma mensagem curta, e Jack leu num instante.
- Só que ele pensa que é um vazamento na embaixada em Moscou. Talvez um escriturário na seção de codificação.
  - Pura especulação de sua parte... tudo o que ele diz, no fundo, é que quer que seus relatórios sejam agora transportados em mãos. É a única coisa inequívoca em sua mensagem.
- Cabot tergiversou.
- Sei que já fizemos isso antes.
  - E verdade — admitiu Ryan.
- Seria mais fácil agora, com as linhas aéreas diretas de Nova York a Moscou.
- Qual é a linha do rato agora?
- Ryan franziu o cenho ao ouvir isso. Cabot gostava de usar o jargão da Agência, embora o termo "linha do rato", indicando a corrente de pessoas e métodos que transportavam um documento do agente ao controlador, estivesse fora de moda.
- E muito simples. Kadishev deixa a mensagem no bolso de um casaco. A atendente no Congresso pega a mensagem, e entrega a

um dos nossos numa passagem de raspão. Simples e direto. E também rápido. Nunca me agradou, mas funciona.

— Portanto, temos agora dois agentes importantes que não se sentem satisfeitos com nossos sistemas de comunicações, e tenho de voar até o Japão para me encontrar com um deles... pessoalmente.

— Não é tão excepcional assim que um agente queira se encontrar com alguém do comando da Agência, diretor. São pessoas ansiosas, e precisam saber que alguém dos altos escalões se importa com elas.

— Mas vou desperdiçar uma semana do meu tempo! — protestou Cabot.

— De qualquer maneira, terá de ir à Coréia no final de janeiro — lembrou Ryan. — Procure o nosso amigo na volta. Ele não exige um encontro imediato, apenas em breve.

Ryan voltou a se concentrar na mensagem de Vela, especulando por que Cabot se permitira o desvio para irrelevâncias. O motivo, sem dúvida, era o fato de o homem ser um diletante, e indolente ainda por cima, que detestava perder qualquer discussão.

A nova mensagem dizia que Narmonov estava mesmo muito preocupado com que o Ocidente pudesse descobrir como era desesperadora sua situação com os militares soviéticos e o KGB. Não havia informações adicionais sobre o desaparecimento de armas nucleares, mas muitos dados sobre novas mudanças nas lealdades parlamentares. Ryan teve a impressão de que era um relatório improvisado. Decidiu submetê-lo à análise de Mary Pat. Dentre todas as pessoas da Agência, ela era a única que realmente compreendia o homem.

— Presumo que vai levar ao conhecimento do presidente.

— Isso mesmo. Não há outro jeito.

— Se me permite uma sugestão, não se esqueça de dizer a ele que ainda não confirmamos nada do que Kadishev disse. Cabot levantou os olhos. — E daí?

— E daí que é a verdade, diretor. Quando só se tem uma fonte para algo, ainda mais sendo uma matéria aparentemente da maior importância, não se pode deixar de dar essa informação às pessoas.

— Acredito nele.  
— Eu não tenho a sua certeza.  
— O departamento russo aceita a história — ressaltou Cabot.  
— E verdade, eles endossaram, mas eu me sentiria muito melhor se tivéssemos uma confirmação independente.

— Tem alguma base concreta para duvidar da informação?

— Nada que possa lhe mostrar. Acontece apenas que já deveríamos ter obtido alguma confirmação a esta altura.

— Ou seja, espera que eu vá até a Casa Branca, apresente isto, e depois admita que pode estar errado?

Cabot apagou o charuto, para grande alívio de Jack.

— Sim, senhor.

— Não farei isso!

— Tem de fazer, senhor. E tem de fazer porque é a verdade. E essa a regra.

— Jack, pode se tornar um pouco irritante quando você insiste em me dizer quais são as regras da casa. Não se esqueça de que eu sou o diretor.

— Escute, Marcus — disse Ryan, fazendo um esforço para evitar que a exasperação transparecesse em sua voz —, o que esse sujeito nos manda é uma informação quente, que pode afetar, se for verdadeira, a maneira como lidamos com os soviéticos. Mas não foi confirmada. Parte de uma única pessoa, entende? E se ele estiver errado? E se interpretou mal alguma coisa? E se ele estiver mentindo?

— Temos algum motivo para acreditar nessa possibilidade?

— Absolutamente nenhum, diretor, mas numa questão tão importante... e prudente ou razoável alterar a política de nosso governo com base numa curta mensagem de uma única pessoa?

Essa era sempre a melhor maneira de persuadir Marcus Cabot, apelar para a prudência e a razão.

— Anotei o que você disse, Jack. Muito bem. Meu carro está esperando. Voltarei dentro de duas horas.

Cabot vestiu o paletó, e encaminhou-se para o elevador executivo. Seu carro já o esperava lá embaixo. Como diretor da CIA, ele tinha dois seguranças, um ao volante, o outro no lado do

passageiro no banco da frente. Afora isso, precisava enfrentar o mesmo tráfego de todas as pessoas. Ryan, pensou ele, enquanto o carro seguia pela George Washington Parkway, estava se tornando um pé-no-saco. Ele era novo ali, é verdade. Era inexperiente, tinha de admitir. E gostava de deixar os problemas do cotidiano aos cuidados de seus subordinados. Mas, afinal, era o diretor e não precisava cuidar de todos os detalhes insignificantes. Começava a se cansar de ouvir explicações sobre as regras de conduta uma ou duas vezes por semana, de sofrer a constante interferência de Ryan, de escutar uma análise detalhada cada vez que acontecia algo importante. Ao entrar na Casa Branca, Cabot sentia-se bastante irritado.

— Bom dia, Marcus — disse Liz Elliot, em sua sala.

— Bom dia. Acabamos de receber outra mensagem de Vela. O presidente precisa tomar conhecimento.

— O que Kadishev tem a dizer agora?

— Quem lhe disse o nome dele? — resmungou Cabot.

— Ryan... não sabia?

— Mas que droga! Ele não me contou nada!

— Sente-se, Marcus. Temos alguns minutos. Sente-se satisfeito com Ryan?

— As vezes ele esquece quem é o diretor e quem é o vice.

— Não acha que ele é um pouco arrogante?

— Um pouco — concordou Cabot, a voz fria.

— Ele é bom no que faz... dentro de certas limitações... mas pessoalmente começo a me cansar de sua atitude.

— Posso entender. Ele gosta de me dizer o que devo fazer... com isto, por exemplo.

— Ele não confia no seu julgamento? — indagou a assessora de segurança nacional, espetando sua agulha com todo o cuidado.

Cabot fitou-a nos olhos.

— Isso mesmo. É a atitude que ele transmite.

— Não conseguimos ainda mudar tudo o que sobrou da administração anterior. E verdade que ele é um profissional...

Elliot deixou a voz definhar.

— E eu não sou? — protestou Cabot.

— Claro que é, Marcus. Sabe que não foi essa a minha intenção.

— Desculpe, Liz. Você tem razão. As vezes ele me irrita. Isso é tudo.

— Vamos falar com o Chefe.

Cinco minutos depois, o presidente Fowler perguntou:

— Até que ponto isto é procedente?

— Como já soube, esse agente vem trabalhando para nós há mais de cinco anos, e suas informações foram invariavelmente acuradas.

— Já confirmou?

— Não completamente — respondeu Cabot. — E improvável que isso aconteça, mas nosso departamento russo acredita, e eu também.

— Ryan tinha dúvidas.

Cabot já não agüentava mais ouvir falar em Ryan.

— Eu não tenho, senhor presidente. Acho que Ryan tenta nos impressionar com suas novas opiniões sobre o governo soviético, quer provar que não é mais um guerreiro frio.

Outra vez Cabot se detinha em irrelevâncias, pensou Elliot. Fowler olhou para ela. — Elizabeth?

— Não resta a menor dúvida de que é plausível que o aparelho de segurança soviético esteja tentando alcançar uma melhor posição — disse ela, suave, em seu timbre mais insinuante. — Sentem-se infelizes com a liberalização, infelizes com a perda do seu poder, infelizes com o que consideram um fracasso de liderança por parte de Narmonov. Assim, a informação é coerente com diversos outros fatos de nosso conhecimento. Acho que devemos acreditar.

— Se for verdade, então precisamos reduzir nosso apoio a Narmonov. Não podemos ser cúmplices de um retorno a um regime mais centralizado, ainda mais se for uma decorrência de elementos que tão obviamente nos detestam.

— Concordo — disse Liz. — É melhor perder Narmonov. Se ele não é capaz de submeter os militares à sua vontade, então outro homem terá de fazê-lo. É verdade que devemos lhe dar uma chance

justa... o que será um pouco difícil. Não queremos jogar o país nas mãos dos seus militares, não é mesmo?

— Está brincando? — murmurou Fowler.

Eles estavam num passadiço dentro do enorme galpão em que os submarinos Trident eram preparados para o mar, observando a tripulação do Geórgia carregá-lo para seu próximo cruzeiro.

— Ele conseguiu se safar, hem, Bart? — murmurou Jones.

— Sua explicação fazia muito sentido, Ron.

— Quando foi a última vez que você me pegou num erro?

— Há sempre uma primeira vez para todas as coisas.

— O que não é o caso aqui, meu comandante — disse o doutor Jones, calmamente. — Tenho um pressentimento.

— Muito bem, quero que passe mais algum tempo no simulador com o pessoal do sonar.

— E justo. — Jones pensou por um momento. — Sabe, seria divertido sair, só mais uma vez...

Mancuso virou o rosto para fitá-lo.

— Está se oferecendo como voluntário?

— Não. Kim pode não compreender minha ausência por três meses. Duas semanas já é tempo suficiente. Até demais. Estou me tornando muito doméstico, Bart, velho e respeitável. Não sou mais jovem e vibrante como aqueles garotos.

— O que acha deles?

— Os caras do sonar? São competentes. E o grupo de rastreamento também. Foi Jim Rosselli que Ricks substituiu, não é mesmo?

— Correto.

— Ele os treinou muito bem. Podemos falar em particular?

— Claro.

— Ricks não é um bom comandante. É muito duro com os homens, exige demais, um sujeito difícil de satisfazer. Não é absolutamente como você era, Bart.

Mancuso esquivou-se ao elogio.

— Cada um tem o seu estilo.

— Sei disso, mas eu não gostaria de navegar com ele. Um de seus suboficiais pediu uma transferência. E mais meia dúzia de

homens.

— Todos tinham problemas familiares.

Mancuso aprovara as transferências, inclusive a do jovem chefe da sala de torpedos.

— Não tinham, não — declarou Jones. — Precisavam de pretextos, e alegaram isso.

— Sou o comandante da flotilha, Ron. Só posso avaliar os comandantes de cada submarino na base do desempenho. Ricks não chegou aqui sendo um perdedor.

— Você tem a visão de cima, eu tenho a de baixo. Pela minha perspectiva, esse homem não é um bom comandante. Eu não diria isso a mais ninguém, mas fomos colegas no mesmo barco. Já fui um peão, um simples marujo, mas você nunca me tratou assim. Você foi um bom chefe. Ricks não é. A tripulação não gosta do homem, não tem confiança nele.

— Ora, Ron, não posso permitir que algo assim afete meu julgamento.

— Já sei, já sei, a velha camaradagem de Annapolis. Como eu disse, não falarei a respeito com mais ninguém. Mas se eu estivesse naquele barco, tentaria uma transferência.

— Já naveguei com alguns comandantes de que não gostava. É apenas uma questão de estilo.

— E a sua opinião, comodoro. — Jones fez uma pausa. — Só peço que se lembre de uma coisa, está bem? Há muitas maneiras de impressionar um oficial superior, mas só há uma maneira de impressionar uma tripulação.

Fromm insistiu que não podiam se apressar. O molde há muito que esfriam, e foi aberto na atmosfera inerte da primeira máquina operatriz. A massa de metal mais ou menos formada foi ajeitada no lugar. Fromm conferiu pessoalmente os códigos de computador que diziam à máquina o que fazer, e apertou o primeiro botão. O sistema robótico foi ativado. O braço em movimento selecionou a broca apropriada, prendeu-a na haste rotativa, manobrou para o lugar certo. A área isolada foi inundada com o gás argônio, e o freon começou a ser aspergido sobre o plutônio, a fim de manter tudo no

ambiente isotérmico apropriado. Fromm observou a tela do computador, selecionando o programa inicial. A haste começou a girar, alcançando mais de mil rpm, e aproximou-se da massa de plutônio com um movimento que não era humano nem mecânico, mas algo inteiramente diferente, como o arremedo da ação de um homem. Enquanto eles observavam, por trás do escudo de Lexan, as primeiras raspas do metal prateado desprenderam-se da massa principal.

— Quanto estamos perdendo? — indagou Ghosn.

— No total, serão menos de vinte gramas — calculou Fromm. — Não há motivo para se preocupar.

Fromm olhou para outro mostrador, o que indicava as pressões relativas. A máquina se encontrava totalmente isolada do resto da sala, com a pressão interna um pouco menor do que a externa. O fato do argônio ser mais pesado do que o ar serviria para manter o oxigênio longe do plutônio. Isso prevenia uma possível combustão. A combustão geraria pó de plutônio, que era mesmo tão letal quanto Fromm assegurara. Um metal pesado tóxico, com o risco adicional de radiatividade — principalmente de alfas de baixa energia —, tornava a morte mais rápida e menos agradável. Os operadores adiantaram-se para assumir a supervisão do processo. Haviam trabalhado muito bem, pensou Fromm. As habilidades com que chegaram ali se desenvolveram com extraordinária rapidez, sob sua orientação. Eram quase tão bons quanto os homens que ele treinara na Alemanha, apesar da carência de instrução formal. Havia muito o que dizer em favor do trabalho prático em vez de teórico.

— Quanto tempo? — perguntou Qati.

— Quantas vezes preciso lhe dizer? Estamos dentro dos prazos previstos. Esta fase do projeto é a que consome mais tempo. O produto que fazemos agora deve ser perfeito. Absolutamente perfeito. Se esta parte do artefato deixar de funcionar, nada mais funcionará.

— Isso se aplica a tudo o que já fizemos! — ressaltou Ghosn.

— Correto, meu jovem amigo, mas é aqui que se torna mais fácil que algo saia errado. O metal é difícil de trabalhar, e as



transformações da fase metálica fazem com que seja ainda mais delicado. Agora, vamos examinar os blocos explosivos.

Ghosn estava certo. Tudo tinha de funcionar. Os explosivos haviam ficado sob sua responsabilidade quase exclusiva, depois que Fromm formulara as especificações. Usaram TNT comum, acrescentando um enrijecedor, um plástico que tornava o material bastante rígido, mas sem afetar suas propriedades químicas. Normalmente, os explosivos são plásticos e maleáveis por natureza. Essa propriedade precisava ser eliminada, já que a forma dos blocos era crucial para a maneira como seria irradiada sua energia explosiva. Ghosn moldara seiscentos blocos, cada um constituindo um segmento de um elipsóide completo. Setenta ficariam juntos, formando um anel explosivo, com um diâmetro externo de 35 cm. Cada bloco tinha um estopim, ativado por interruptores de criptônio. Todos os fios que saíam da fonte de energia para os interruptores precisavam ter exatamente o mesmo tamanho. Fromm levantou um dos blocos.

— Diz que todos estes são idênticos? — perguntou ele.

— Totalmente. Segui suas instruções com precisão.

— Pegue setenta ao acaso. Pegarei uma das chapas de aço inoxidável, e testaremos seu trabalho.

O local já se encontrava preparado, é claro. Era a cratera aberta por uma bomba americana Mark 84, lançada por um Phantom F-4 israelense, alguns anos antes. Os homens de Qati haviam erguido uma estrutura pré-fabricada de placas e vigas de madeira, com três camadas de sacos de areia no telhado, "ora acrescentada uma rede de camuflagem para reduzir a possibilidade de descoberta. A montagem do teste levou três horas. Um indicador eletrônico de tensão foi inserido na chapa de aço, com um fio estendido até a cratera mais próxima — a duzentos metros de distância —, onde Fromm esperava com um osciloscópio. Terminaram pouco antes do anoitecer.

— Estamos prontos — anunciou Ghosn.

— Prossiga — ordenou Fromm, concentrado no aparelho.

Ibrahim apertou o botão. A estrutura desintegrou-se diante de seus olhos. Uns poucos sacos de areia sobreviveram, voando pelo ar,

mas principalmente houve uma chuva de terra. No osciloscópio, a pressão máxima parou muito antes da onda da explosão passar por cima de suas cabeças. Bock e Qati ficaram um pouco desapontados com os efeitos físicos da explosão, a maior parte dos quais fora atenuada pelos sacos de areia. Uma detonação tão pequena seria suficiente para acionar um artefato nuclear?

— E então? — perguntou Ghosn, enquanto um homem corria para a cratera aprofundada.

— Dez por cento de margem — respondeu Fromm, levantando os olhos. Ele sorriu e acrescentou: — Dez por cento a mais.

— O que isso significa? — indagou Qati, subitamente preocupado que algo tivesse saído errado.

— Significa que meu jovem discípulo aprendeu muito bem suas lições. Quinze minutos depois, eles tiveram certeza. Foram precisos dois homens

para encontrar, e meia hora para remover o invólucro de tungstênio do núcleo. O que antes era uma massa de aço quase sólida, do tamanho do punho de um homem, tornara-se agora um cilindro distorcido, não mais largo do que um charuto. Se fosse plutônio, teria ocorrido uma reação nuclear. O alemão não tinha a menor dúvida quanto a isso. Ele pegou o metal e estendeu-o para Ibrahim.

— Herr Ghosn — disse ele, formalmente —, possui um grande talento para explosivos. É um excelente engenheiro. Na RDA, precisamos de três tentativas para acertar. Você conseguiu logo na primeira.

— Faremos outros testes?

Fromm acenou com a cabeça em concordância.

— Faremos outro amanhã. E testaremos todos os blocos de aço inoxidável,

— Foi para isso que os fabricamos — concordou Ghosn.

Na volta, Bock repassou seus cálculos. Segundo Fromm, a força da explosão final seria equivalente a mais de quatrocentos e cinqüenta mil toneladas de TNT. Por isso, ele baseava suas estimativas em apenas quatrocentas mil. Bock era sempre moderado em estimativas de baixas. O estádio e tudo em seu interior se

desintegrariam. Não, ele corrigiu a si mesmo, isso não era verdade. O estádio e tudo em seu interior seriam destruídos, mas haveria muitos escombros voando por centenas de metros, talvez milhares. O chão perto do artefato seria pulverizado em fragmentos de tamanho molecular. As partículas de poeira seriam então sugadas para a bola de fogo. Fragmentos residuais da bomba se acrescentariam à poeira em expansão, turbilhonando. Era isso a precipitação radiativa, ele aprendera, poeira com resíduos da bomba. A natureza da explosão — a detonação ocorrendo na superfície — aumentaria a precipitação, que seria levada pelo vento. A maior parte cairia num raio de trinta quilômetros do local da explosão. O resto ficaria ao sabor dos ventos, para cair em Chicago ou St. Louis, talvez mesmo em Washington. Quantos mais morreriam da precipitação?

Uma boa pergunta. Ele calculava que mais ou menos duzentas mil pessoas morreriam da explosão, certamente não mais do que isso. Outros cinquenta a cem mil morreriam dos efeitos secundários, inclusive as mortes a longo prazo de câncer, que levaria anos para se manifestar. Como Qati ressaltara antes, a contagem total de mortos era um tanto desapontadora. Era muito fácil pensar em bombas nucleares como engenhos mágicos de destruição, mas não era bem assim. Não passavam de bombas muito potentes, com alguns interessantes efeitos secundários. E também constituíam a melhor arma terrorista já inventada.

*Terrorista?*, Bock perguntou a si mesmo. E isso *o que sou?* Dependia, é claro, da posição de cada um. Bock há muito que aceitara um grau de respeito pelo julgamento dos outros. Aquele atentado seria a maior expressão disso.

— John, preciso de uma idéia — disse Ryan.

— Sobre o quê?

— Estou num beco sem saída. O primeiro-ministro japonês visitará o México em fevereiro, depois voará até aqui para se encontrar com o presidente. Queremos saber o que ele vai dizer no avião.

— Não tenho pernas para me disfarçar de aeromoça, Doc. Além do mais, nunca aprendi a fazer a cerimônia do chá. — O agente de

campo convertido em segurança fez uma pausa, depois acrescentou, sério: — Grampear um avião? Parece um grande desafio técnico.

— O que você sabe a respeito? John olhou para seu café.

— Já coloquei artefatos em locais de reuniões antes, mas sempre no solo. Com um avião, é preciso se preocupar com os ruídos ambientais. Deve também adivinhar onde o alvo tenciona sentar. E por se tratar de um avião presidencial, ainda há a questão da segurança. A parte técnica é provavelmente a mais difícil. A maior ameaça pessoal ao sujeito seria interna... a menos que ele faça uma escala em Detroit, certo? Cidade do México. Muito bem, as pessoas falam espanhol ali, e meu espanhol é muito bom. E levaria Ding, é claro... Que tipo de avião ele vai usar?

— Já verifiquei. Ele voará num 747 da JAL. O convés superior, por trás da carlinga, foi adaptado como uma confortável sala de reuniões. Também instalaram camas. Ele dormirá ali. O primeiro-ministro gosta de confraternizar com os pilotos. É muito experiente com viagens, dorme o máximo que pode, a »m de suportar o *jet lag*.

Clark balançou a cabeça.

— E preciso alguém para limpar as janelas. Não é provável que eles tenham a'j uma base de sua força aérea para cuidar de toda a manutenção, como nós fazemos. Se a JAL tem vôos regulares para a cidade, deve ter uma equipe de terra mexicana. Verificarei os dados sobre o 747... Como eu disse, essa é a parte fácil. É bem provável que eu obtenha o acesso. Posso até despachar Ding na frente, com documentos falsos para conseguir um emprego. O que tornaria tudo mais fácil. Posso presumir que a operação conta com a aprovação executiva?

— O presidente disse para encontrar um jeito. Ele terá de sancionar o plano final.

— Preciso conversar com o pessoal da C&T. — Clark referia-se à diretoria de Ciência e Tecnologia da CIA. — O grande problema é o ruído... Qual é a urgência, Doc?

— Muito grande, John.

— Certo. — Clark levantou-se. — Puxa, é ótimo voltar a ser um agente de campo. Estarei no prédio novo. Pode levar alguns dias

para determinar se é possível ou não. Significa que não poderei ir à Inglaterra?

— Isso o incomoda?

— Não. Prefiro ficar em casa.

— Ótimo. Preciso fazer algumas compras de Natal na Hamleys.

— Imagina como tem sorte porque seus filhos são pequenos?

As minhas garotas só querem roupas agora, e eu não sou capaz de escolher roupas de mulher que valham alguma coisa.

Clark tinha horror de comprar roupas femininas.

— Sally tem suas dúvidas agora, mas o pequeno Jack ainda acredita. Clark sacudiu a cabeça.

— Depois que se deixa de acreditar em Papai Noel, o mundo inteiro começa a desabar.

— E não é a verdade?

## 23

# OPINIÕES

— Jack, você está com uma aparência horrível — comentou Sir Basil Charleston.

— Se mais alguém me disser isso, acho que vou esganá-lo.

— A viagem não foi boa?

— Tivemos turbulência durante quase todo o tempo. E quase não dormi. Como qualquer um podia constatar por suas olheiras ainda mais escuras-

— Vamos ver se o almoço ajuda.

— E um lindo dia — observou Jack, enquanto subiam pela Westminster Road Bridge, na direção da Parliament.

Era um dia excepcional no início do inverno inglês, o céu azul, sem nuvens. Um vento firme soprava pelo Tâmis, mas Ryan não se importava. Usava um grosso capote e um cachecol em torno do pescoço, o vento frio no rosto servia para despertá-lo.

— Problemas no escritório, Bas? — acrescentou ele, depois de um momento-

— Encontramos um microfone oculto, um maldito microfone, dois andares abaixo do meu gabinete! Todo o prédio está sendo varrido.

— As coisas estão difíceis em toda parte. KGB?

— Não temos certeza — respondeu Charleston, enquanto atravessavam a ponte. — Um problema com a fachada, começou a desmoronar... aconteceu mesma coisa com a Scotland Yard, há alguns anos. Os operários trabalhando na reforma encontraram um fio inexplicável e o seguiram... Nossos amigos russos não reduziram suas atividades, e há outros serviços também. Houve algo parecido lá pelo seu lado?

— Não. Ajuda um pouco o fato de estarmos mais isolados do que a Century House. — Jack se referia ao fato de que o SIS, Serviço de Informações Secreto britânico, se localizava numa área

densamente povoada... havia bem perto um prédio de apartamentos, por exemplo... o que permitia que um microfone de baixa potência pudesse extrair dados. Era menos provável no quartel-general da Agência em Langley, que ficava isolado numa área cercada por bosques. Além disso, a construção era mais recente, o que permitira a instalação de proteções elaboradas contra fontes internas de rádio. — Deveriam fazer o que fizemos, e instalar guias de ondas.

— Isso custaria uma maldita fortuna, que não temos no momento.

— Ora, não importa, isso nos proporciona a oportunidade de dar um passeio. Se alguém pudesse nos ouvir aqui, já estaríamos perdidos.

— Nunca termina, não é mesmo? Ganhamos a Guerra Fria, mas nunca vai terminar.

— Que grego foi? Aquele cujo inferno pessoal era empurrar uma pedra enorme para o alto de uma colina, e cada vez que chegava lá o filho da puta rolava a pedra para baixo pela encosta do outro lado.

— Sísifo...? Ou Tântalo? Há muito tempo que me despedi de Oxford, Sir John. Seja como for, você tem razão. Chegamos ao topo de uma colina, e tudo o que vemos é outra maldita colina.

Continuaram a descer pela margem do rio, afastando-se da Parliament, mas na direção do almoço. Reuniões como aquela tinham regras. Não se podia tratar de negócios antes da conversa amena e de uma pausa sugestiva. Neste caso, havia alguns turistas americanos fora de época tirando fotos. Charleston e Ryan deram uma volta para evitá-los.

— Temos um problema, Bas.

— E qual é? — perguntou Charleston, sem se virar. Por trás deles, havia três seguranças. Outros dois seguiam à frente. Jack também não se virou.

— Temos um homem dentro do Kremlin. Costuma passar algum tempo com Narmonov. Diz que Andrei Il'ych está preocupado com a possibilidade de um golpe dos militares e do KGB. Diz que eles podem repudiar o tratado de armas estratégicas. Diz também que

alguns artefatos nucleares táticos Podem ter desaparecido de seus estoques na Alemanha.

— É mesmo? Uma notícia das mais animadoras. Até que ponto vai a Validade de sua fonte?

É excelente.

— Só posso dizer que é novidade para mim, doutor Ryan.

— O homem de vocês é bom? — perguntou Jack.

— Muito bom.

— E nada disso apareceu?

— Alguns rumores, é claro. Afinal, Narmonov não tem uma força total não é mesmo? Ainda mais depois daqueles terríveis problemas com os bálticos, georgianos e muçulmanos. Como é mesmo que os ianques dizem... "o forrador de papel de parede de um braço só"? Ele está ocupado assim, e muito mais. Teve de fazer um acordo com suas forças de segurança, mas um *coup d'e'tat*? — Charleston sacudiu a cabeça. — Não. As folhas de chá não parecem nos indicar isso.

— E justamente o que nosso homem está nos dizendo. E o tal problema nuclear?

— Receio que nosso homem não esteja muito bem situado para esse tipo de informação. Mais do lado civil, entende? — E Jack sabia que Basil não passaria disso. — Leva a sério a informação?

— Muito a sério. Não posso deixar de levar. Esse agente vem nos entregando um bom material há anos.

— Um dos recrutas da senhora Foley? — indagou Charleston, com urna risada. — Uma jovem maravilhosa. Soube que ela teve recentemente outra menina.

— Uma menina, Emily Sarah. Parece com a mãe. — Jack pensou que ele se esquivara com bastante habilidade à pergunta. — Mary Pat voltará ao trabalho logo depois do ano-novo.

— E vocês continuam a ter aquele berçário-fortaleza no térreo.

— Um dos melhores investimentos que já fizemos. Eu gostaria de ter sido o autor da idéia.

— Ah, os americanos! — Sir Basil riu. — Armas nucleares desaparecidas. Tem razão, é um assunto que não se pode deixar de levar a sério. Possível conluio entre o exército e o KGB, tendo como



trunfo armas nucleares táticas. Muito assustador, tenho de admitir, mas não ouvimos nada a respeito. Não acha que seria bem difícil manter segredo a respeito? Afinal, a chantagem não funciona muito bem se as pessoas não souberem que estão sendo chantageadas,

— Também ouvimos o rumor de que o KGB vem realizando alguma operação de orientação nuclear na Alemanha. Isso é tudo, apenas um rumor.

— Também ouvimos alguma coisa a respeito — disse Charleston, no momento em que desciam da margem para o *Tattersall Castle*, uma antiga barca a vapor há muito convertida num restaurante.

— E que mais?

— E conduzimos nossa própria operação. Parece que Erich Honecker tinha seu pequeno Projeto Manhattan em andamento. Felizmente, morreu no nascedouro. Ivan ficou bastante transtornado ao descobrir. A RDA devolveu um bom suprimento de plutônio a seus antigos colegas socialistas, pouco antes da mudança. Calculo que o KGB está investigando a mesma coisa.

— Por que não nos contou?

*Por Deus, Basil!*, pensou Jack. *Vocês não esquecem, hem?*

— Nada a dizer, Jack.

Charleston acenou com a cabeça para o *maitre*, que conduziu-os a uma mesa nos fundos. Os seguranças postaram-se entre seus protegidos e o resto da humanidade almoçando ali.

— Nossos amigos alemães têm se mostrado muito acessíveis. O projeto, eles garantem, foi arquivado, por completo e para sempre. Mandamos nosso pessoal técnico verificar tudo, e eles confirmaram o que disseram nossos colegas alemães.

— Quando foi isso?

— Há vários meses. Já comeu aqui, Jack? — perguntou Charleston, enquanto o garçom se aproximava.

— Não aqui, mas em outras barcas que viraram restaurante.

Basil pediu uma caneca de cerveja preta. Jack preferiu uma pilsen. Observaram o garçom se afastar.

— A operação do KGB é mais recente — comentou Ryan.

— Interessante... Pode ser a mesma coisa. Talvez eles sentissem a mesma preocupação que nós, apenas foram mais lentos na ação.

— Ao tratar de armas nucleares? — Ryan sacudiu a cabeça. — Nossos amigos russos são muito espertos, Bas, e prestam uma atenção muito maior do que nós às questões nucleares. E uma das coisas que admiro neles.

— Tem razão. Eles aprenderam sua lição com a China, não é? — Charleston largou o cardápio na mesa, e acenou para que o garçom trouxesse as cervejas. — Acha então que é um problema sério?

— Claro que acho.

— De um modo geral, Jack, seu julgamento é acertado. Obrigado — disse Basil ao garçom. Os dois fizeram os pedidos. — Acha que devemos dar uma olhada?

— Acho que pode ser uma boa idéia.

— Está certo. O que mais pode me dizer?

— Infelizmente, Bas, isso é tudo.

— Sua fonte deve ser ótima. — Sir Basil tomou um gole da cerveja. — Mas creio que você tem reservas.

— Tenho, sim, mas... ora, Basil, quando não temos reservas?

— Algum dado em contrário?

— Nenhum, apenas fomos totalmente incapazes de obter qualquer confirmação. Nossa fonte é tão boa que não pudemos confirmar em outras partes. Foi por isso que vim até aqui. Seu homem também deve ser ótimo, a julgar pelo que nos mandou. Quem quer que seja, pode ser a melhor oportunidade de conferir a informação de nosso agente.

— E se não conseguirmos confirmar?

— Provavelmente vamos aceitar de qualquer maneira. Era uma perspectiva que não agradava a Ryan.

— E suas reservas?

— Provavelmente não terão a menor importância. Por dois motivos. Primeiro, eu próprio não tenho certeza se são procedentes ou não. Segundo, nem todos se importam com o que eu penso.

— E foi por isso que não recebeu o crédito por sua participação no tratado?

Ryan sorriu, um tanto cansado, pois quase não dormira nas últimas trinta e seis horas.

— Eu me recuso a ficar surpreso por isso, e não vou perguntar como tirou esse coelho da cartola.

— Mas?

— Mas bem que gostaria que alguém vazasse para a imprensa ou algo assim! — Ryan permitiu-se uma risada.

— Lamento, mas não fazemos isso por aqui. Só vazei para uma pessoa,

— O primeiro-ministro?

— Sua alteza real. Vai jantar com ele esta noite, não é mesmo? Achei que ele gostaria de saber.

Jack pensou a respeito por um momento. O príncipe de Gales não deixaria que a informação seguisse adiante. O próprio Ryan nunca poderia lhe contar... mas...

— Obrigado, companheiro.

— Todos nós ansiamos por reconhecimento, de um jeito ou de outro. Mas isso nos é negado, por razões óbvias. Não é justo, mas não há outro jeito. Neste caso, violei uma das minhas regras. Se quer saber o motivo, posso explicar: o que você fez, Jack, foi maravilhoso. Se houvesse justiça no mundo, Sua Majestade o incluiria na Ordem do Mérito.

— Não pode contar a ela, Basil. Afinal, ela seria bem capaz de tomar a iniciativa.

— Tem razão... e isso poria à mostra o pequeno segredo, não é mesmo? A comida chegou, e eles tiveram de interromper a conversa outra vez.

— Não fui só eu. Sabe que Charlie Alden fez um bom trabalho, assim como Talbot, Bunker, Scott Adler e muitos outros.

— Sua modéstia continua bem ampla, Jack.

— Isso significa "estúpida", Bas?

Ryan obteve um sorriso, em vez de uma resposta. Os britânicos eram muito bons nessas coisas.

Fromm nunca teria acreditado. Havia produzido cinco peças de aço inoxidável com o tamanho e a configuração do plutônio.

Ghosn providenciara todos os blocos explosivos necessários. Testaram os explosivos nos cinco modelos, e em todos os testes os resultados foram satisfatórios. Era de fato um jovem muito talentoso. É verdade que ele tinha as plantas exatas para seguir, e Fromm as formulara com a ajuda de um excelente computador, mas mesmo assim acertar em algo tão difícil logo na primeira tentativa não era a norma na engenharia.

O plutônio estava sendo, submetido agora à primeira parte do processo de preparo. Parecia que tudo corria bem, a impressão era de que se tratava de um aço de alta qualidade forjado para ser uma peça de um motor de automóvel. Era um bom começo. O braço robótico da máquina removeu o plutônio da haste e guardou-o dentro de uma caixa lacrada. A caixa, é claro, estava cheia de argônio. O braço levou a caixa para uma porta. Fromm pegou-a e levou para o torno mecânico de ar comprimido. O processo foi invertido. Ele colocou a caixa dentro do espaço fechado de operação da máquina. As bombas de vácuo foram acionadas. Enquanto o ar era sugado por cima do espaço fechado, o argônio era bombeado pelo fundo. Quando a atmosfera interna se tornou totalmente inerte, o braço robótico desta ferramenta abriu a caixa e extraiu o plutônio. Os movimentos programados seguintes ajeitaram o plutônio numa haste. O grau de precisão era de importância absoluta. Sob a supervisão de Fromm, a haste foi ativada, a velocidade aumentando gradativamente até quinze mil rpm.

— Parece que... não!

Fromm praguejou. Pensara que estava tudo perfeito. A velocidade da haste foi diminuindo lentamente, efetuou-se um ajustamento mínimo. Fromm demorou-se a conferir o equilíbrio, depois tornou a acionar a máquina. Ficou perfeito desta vez. Ele foi acelerando até vinte e cinco mil rpm, e não houve qualquer problema.

— Fizeram um bom trabalho na primeira máquina — disse Fromm, olhando para trás.

— Quanta massa perdemos? — perguntou Ghosn.

— Dezoito-vírgula-cinco-dois-sete gramas. — Fromm desligou a haste e empertigou-se. — Não tenho palavras para louvar o

suficiente o trabalho dos operadores. Sugiro que esperemos até amanhã para iniciar o polimento final. Seria uma tolice nos apressarmos. Estamos todos exaustos, e acho que está na hora do jantar.

— Como quiser, Herr Fromm.

— Manfred — disse o alemão, surpreendendo o homem mais jovem. — Precisamos conversar, Ibrahim.

— Lá fora?

Ghosn seguiu à frente. A noite caía.

— Não devemos matar esses homens. São valiosos demais. E se surgir uma nova oportunidade?

— Mas você concordou...

— Nunca imaginei que as coisas corressem tão bem. Na minha programação, presumi que você e eu... não, serei sincero, presumi que eu teria de supervisionar tudo. Você, Ibrahim, me surpreendeu com a sua competência. O que fizemos aqui foi montar uma equipe magnífica. Devemos mantê-la.

*É onde mais poderemos obter dez quilos de plutônio?*, Ghosn sentiu vontade de perguntar.

— Acho que você tem razão, Manfred. Conversarei com o comandante. Mas não deve esquecer...

— Segurança. *Ich weiss esschon*. Não podemos correr riscos neste estágio. Apenas lhe peço, como uma questão de justiça... de reconhecimento profissional, *ja? ...* que haja essa consideração. Pode me entender?

— Claro que posso, Manfred, e concordo com você. — O alemão adquiria humanidade, pensou Ghosn. Uma pena que chegasse tão tarde. — De qualquer forma, também concordo com o seu desejo de um bom jantar, antes de começarmos a fase final. Esta noite há cordeiro fresco, e arrumamos uma cerveja alemã, Bitburger. Espero que goste.

— Uma boa pilsen regional. É uma pena que sua religião lhe negue esse prazer, Ibrahim.

— Esta noite, espero que Alá me perdoe pela indulgência.

O que era necessário, refletiu Ibrahim, para merecer confiança do infiel.

— Jack, parece que você anda trabalhando demais.

— É a viagem entre minha casa e o trabalho, senhor. Duas a três horas dentro de um carro todos os dias.

— Não pode encontrar uma casa mais perto do local de trabalho? — sugeriu Sua Alteza Real, gentilmente.

— Desistir de Peregrine Cliff? — Ryan sacudiu a cabeça. — E como ficaria para Cathy e o Johns Hopkins? Tenho de pensar também nas crianças, que precisariam trocar de escola. Não, não é essa a solução.

— Sem dúvida se lembra de que comentou, com alguma veemência, na primeira vez em que nos encontramos, sobre a minha condição física e psicológica. Duvido que eu parecesse tão horrível quanto você agora.

O príncipe recebera mais do que uma informação apenas de Sir Basil Charleston, Jack notou, e por causa disso não havia bebidas alcoólicas no jantar.

— Há rajadas quentes e frias no trabalho. Neste momento, o vento é muito quente.

— Truman, não é? "Se você não pode suportar o calor, saia da cozinha"?

— Mais ou menos isso, senhor, mas já vai esfriar. O problema é que algumas coisas estão acontecendo agora. E só isso. Também não era assim quando comandava seu barco?

— Era um trabalho muito mais saudável. E eu tinha de percorrer uma distância muito menor para chegar ao trabalho... cerca de cinco metros — arrematou o príncipe, rindo.

Ryan riu também, um tanto cansado.

— Deve ser ótimo. Para mim, essa é a distância para ver minha secretária.

— E a família?

Não havia sentido em mentir.

— Podia estar melhor. Meu trabalho não ajuda.

— Algo o perturba, Jack. É óbvio, e você sabe disso.

— Muita tensão. Tenho bebido em demasia, não faço exercício suficiente. O de sempre. Vai melhorar. Apenas tive um período de

dificuldades no escritório mais longo do que o habitual. Agradeço sua preocupação, senhor/ mas tenho certeza de que vai melhorar.

Jack quase convenceu a si mesmo de que era verdade. Quase.

— Aceito o que diz.

— E devo dizer também que é o melhor jantar que já tive em muito tempo. Quando será a próxima vez que visitará nosso lado do lago?

Jack sentiu-se satisfeito pela oportunidade de mudar de assunto.

— Ao final da primavera. Um criador do Wyoming terá alguns cavalos para mim. Pôneis de pólo, para ser mais preciso.

— Deve estar doido para gostar de um esporte assim. Lacrosse a cavalo.

— Isso me dará uma oportunidade de desfrutar o campo. Um lugar magnífico, o Wyoming. Planejo visitar Yellowstone também.

— Nunca estive lá — comentou Jack.

— Não gostaria de nos acompanhar? Posso ensiná-lo a montar.

— Talvez — admitiu Jack, especulando como pareceria em cima de um cavalo, e como poderia escapar do escritório durante uma semana. — Desde que não acene um daqueles martelos para cima de mim.

— Taco, Jack, taco. Não tentarei atraí-lo para o pólo. Provavelmente acabaria matando algum desafortunado cavalo. Presumo que conseguirá dispor do tempo.

— Posso tentar. Se tiver sorte, o mundo já terá se acalmado um pouco até lá.

— Já se tornou bem mais calmo, graças em grande parte ao seu trabalho.

— Senhor, Basil deve ter dado uma ênfase exagerada ao que eu fiz. Fui apenas uma engrenagem na máquina.

— A modéstia não deve ser exagerada. Acho desapontador que você não tenha recebido qualquer reconhecimento.

— Assim é a vida, não é mesmo?

Jack ficou surpreso pela maneira como saiu. Por uma vez, não fora capaz de ocultar por completo seus sentimentos.

— Pensei a mesma coisa. Tem toda a razão, Jack, a vida é assim, e a vida nem sempre é justa. Já pensou em mudar de trabalho... tirar uma licença, por exemplo?

Jack sorriu.

— Ora, não estou com uma aparência tão horrível a esse ponto. E precisam de mim no escritório.

Sua Alteza Real assumiu uma expressão de total seriedade.

— Somos amigos, Jack?

Ryan empertigou-se na cadeira.

— Não tenho muitos, mas é um deles.

— Confia em meu julgamento?

— Confio, sim, senhor.

— Então caia fora. Deixe aquilo. Sempre poderá voltar mais tarde. Uma pessoa com o seu talento nunca se afasta por completo. Sabe disso. Não me agrada sua aparência. Já está nisso há tempo demais. Tem alguma idéia do quanto é afortunado por *poder* sair? Possui uma liberdade de que eu não disponho. Use-a.

— Boa tentativa. Se estivesse na minha posição, não deixaria. E até pelo mesmo motivo. Não sou de abandonar as coisas. E o senhor também não é.

— O orgulho pode ser uma força destrutiva — ressaltou o príncipe. Jack inclinou-se para a frente.

— Não é orgulho, mas um fato. Eles precisam de mim. Gostaria que isso na<sup>o</sup> acontecesse, mas a verdade é que precisam. O problema é que não sabem.

— O novo diretor é tão ruim assim?

— Marcus não é má pessoa, mas é indolente. Gosta mais de sua posição do que das obrigações. Não creio que seja um problema limitado ao governo americano. Sei que não. E o senhor também sabe. O dever vem primeiro Talvez permaneça em seu cargo porque nasceu nele, mas eu continuo com o meu porque sou quem tem melhores condições de realizá-lo.

— E eles escutam o que você diz? — perguntou Sua Alteza, abruptamente Jack deu de ombros.

— Nem sempre. Às vezes estou enganado, mas tem de haver alguém ali para fazer a coisa certa, ou pelo menos tentar. E esse



alguém sou eu, senhor E por isso que não posso sair. Sabe disso tão bem quanto eu.

— Mesmo que lhe seja prejudicial?

— Correto.

— Seu senso do dever é admirável, Jack.

— Tive alguns ótimos mestres. O senhor não correu e se escondeu quando soube que era um alvo. Poderia ter feito isso...

— Não, não poderia. Se eu tivesse...

— Os bandidos teriam vencido — disse Jack, arrematando o pensamento. — Meu problema não é muito diferente, não é? Aprendi parte disso com o senhor. Surpreso?

— Estou, sim.

— Não foge das responsabilidades. Nem eu.

— Suas manobras verbais são muito hábeis, como sempre.

— Está vendo? Ainda não perdi a capacidade. Jack sentia-se bastante satisfeito consigo mesmo.

— Insisto que leve sua família para o Wyoming conosco.

— Sempre pode passar por cima de mim... e falar com Cathy. Sua Alteza riu.

— Talvez eu faça isso. Vai voltar amanhã?

— Vou, sim, senhor. Mas antes pretendo passar pela Hamleys para comprar alguns brinquedos.

— Trate de dormir um pouco, Jack. Voltaremos a discutir o problema de novo no próximo ano.

Eram cinco horas mais cedo em Washington. Liz Elliot olhou através de sua mesa para Bob Holtzman, que fazia a cobertura da Casa Branca. Como os funcionários permanentes ali, Holtzman testemunhara a chegada e partida de muitas pessoas, sobrevivendo a todas. Sua maior experiência no prédio era um certo paradoxo. Embora necessariamente cortado das melhores informações — Holtzman sabia que havia alguns segredos de que só tomaria conhecimento anos depois, tarde demais para fazer uma boa reportagem; eram coisas que passavam a ser o trabalho dos historiadores —, sua habilidade em perceber nuances e farejar rumores lhe valeria um lugar de destaque em qualquer agência de

informações. Mas seu jornal pagava muito melhor do que qualquer agência do governo, ainda mais porque ele já escrevera alguns *best sellers* sobre a vida nos mais altos escalões do governo.

— Isso é de fonte profunda?

— Exatamente — respondeu a assessora de segurança nacional.

Holtzman acenou com a cabeça, e começou a tomar anotações. Aquilo fixava as regras. Nada de citações diretas. Poderia se referir a Elizabeth Elliot como uma "alta autoridade da administração", ou falar no plural, "fontes fidedignas". Ele levantou os olhos de seu bloco de anotações — os gravadores não eram permitidos naquele tipo de entrevista — e esperou. Liz Elliot gostava de fazer seu drama. Era uma mulher inteligente, um tanto elitista — o que não era uma característica incomum nos altos escalões da Casa Branca — e com certeza a pessoa mais próxima do presidente, se ele estava interpretando os sinais direito. Mas isso não era da conta do público. A provável ligação amorosa entre o presidente e sua assessora de segurança nacional não era mais um segredo total. Os funcionários da Casa Branca mantinham-se tão discretos como sempre... mais até, na verdade. Ele estranhava que fossem assim. Afinal, Fowler não era o mais simpático dos homens. Talvez sentissem compaixão pelo que não podia deixar de ser um homem solitário. As circunstâncias da morte de sua esposa eram bem conhecidas, e provavelmente acrescentaram um ponto de porcentagem de votos de simpatia na última eleição. Talvez os funcionários achassem que ele mudaria com um romance firme em sua vida. Talvez fossem apenas bons profissionais. (O que os distinguiu dos nomeados políticos, pensou Holtzman. Nada era sagrado para eles.) Talvez Fowler e Elliot fossem cuidadosos. De qualquer forma, a imprensa já discutira o assunto em *The Confidential Source*, o bar no prédio do Clube Nacional da Imprensa, a apenas dois quarteirões de distância, chegando à conclusão de que a vida amorosa de Fowler não constituía um assunto de interesse público, enquanto não afetasse seu desempenho no cargo. Afinal, seu desempenho na política externa era excelente. A euforia pelo Tratado do Vaticano e suas conseqüências excepcionalmente favoráveis não se desvanecera.

Não se podia criticar um presidente que estava realizando um trabalho tão bom.

— Podemos ter um problema com os russos — começou Elliot.

— Hem?

Holtzman foi apanhado de surpresa, o que era raro.

— Temos motivos para acreditar que Narmonov enfrenta consideráveis dificuldades no trato com seus principais comandantes militares. Isso pode ter efeitos sobre o cumprimento final do tratado de armamentos.

— Como assim?

— Temos motivos para acreditar que os soviéticos resistirão à eliminação de alguns de seus estoques de SS-18. Eles já estão atrasados na destruição dos mísseis.

*Motivos para acreditar.* Duas vezes. Holtzman pensou a respeito por um fomento. Uma fonte muito sensível, provavelmente um espião, em vez de uma interceptação.

— Eles dizem que há um problema com a instalação para a destruição. E os inspetores que temos por lá parecem acreditar neles.

— Possivelmente a fábrica foi projetada com... como é mesmo que se pode dizer? Incompetência criativa.

— O que diz a Agência? — indagou Holtzman, escrevendo as anotações ao depressa quanto podia.

— Eles nos apresentaram o relatório inicial, mas até agora foram incapazes de nos fornecer uma posição concreta.

— E o que pensa Ryan? Ele conhece os soviéticos a fundo.

— Ryan foi um desapontamento — respondeu Liz. — Para ser franca, e isso é algo que você não pode dizer, não pode usar o nome dele... estamos realizando uma pequena investigação, que revelou alguns fatos inquietantes

— Por exemplo?

— Por exemplo, acho que estamos recebendo dados distorcidos. Por exemplo, acho que um alto funcionário da Agência tem uma ligação com urna pessoa que nasceu no exterior, e pode haver uma criança envolvida.

— Ryan?

A assessora de segurança nacional balançou a cabeça.

— Não posso confirmar nem negar. Lembre-se das regras.

— Não esquecerei.

Holtzman ficou um pouco irritado. Será que ela pensava que estava lidando com Jimmy Olsen?

— O problema é que parece que ele sabe que não gostamos do que vem nos dizendo, e por isso tenta distorcer os dados para nos agradar. Este é um momento em que precisamos de informações sólidas e objetivas de Langley, mas não estamos recebendo.

Holtzman acenou com a cabeça, pensativo. Não era exatamente um problema novo em Langley, só que Ryan nunca fora desse tipo. O repórter pôs esse assunto de lado.

— E Narmonov?

— Se é correto o que temos recebido, ele pode estar de saída, embora ainda não possamos prever se afastado pela esquerda ou pela direita. É possível que ele esteja se perdendo.

— O problema é tão grave?

— Tudo indica que sim. A parte de chantagem de suas forças de segurança é bastante inquietante. Mas com nossos problemas em Langley...

Liz levantou os braços.

— E logo no momento em que todo o resto corre tão bem. Posso presumir que há problemas com Cabot?

— Ele vem aprendendo seu trabalho muito bem. Se contasse com mais apoio, tudo estaria certo.

— Até que ponto está preocupada?

— Muito. Este é um momento em que precisamos de boas informações, mas não as temos recebido. E como podemos determinar o que fazer com Narmonov se não dispusermos de boas informações? E o que temos? — A exasperação de Liz era patente.

— Nosso herói circula por aí a fazer coisas que não têm qualquer relação com sua agência... passou por cima de seus superiores e foi discutir alguns assuntos no Capitólio... exagera num fato irrelevante, ao mesmo tempo em que recusa a análise competente de Cabot sobre uma questão da maior importância. E verdade que ele tem suas distrações...

*Nosso herói*, pensou Holtzman. *Uma escolha de palavras muito interessante Ela sente o ódio mais profundo do cara.* Holtzman conhecia o fato, mas não o motivo. Não havia razão para que Elliot tivesse ciúme dele. Ryan nunca demonstrara grande ambição, pelo menos não no sentido político. Era um homem de bem, por todos os aspectos. Holtzman recordou seu único *faux pas* público, uma confrontação com Al Trent, que devia ter sido encenada, como ele sempre achara. Ryan e Trent se davam muito bem. O que poderia ser tão importante para que promovessem a encenação? Ryan tinha duas condecorações por serviço destacado na comunidade de informações — o que ele fizera exatamente, Holtzman jamais conseguira descobrir. Apenas rumores, cinco versões diferentes de quatro histórias diferentes, provavelmente todas falsas. Ryan não era muito popular com a imprensa, porque nunca vazara coisa alguma. Levava o sigilo um pouco a sério demais. Por outro lado, também não tentava cortejar favores, e Holtzman respeitava qualquer pessoa que se abstinisse disso. De uma coisa ele tinha certeza: subestimara a aversão a Ryan na Administração Fowler.

*Estou sendo manipulado.* Isso era tão óbvio quanto um pavão no terreiro. Com bastante habilidade, é claro. A parte sobre os russos provavelmente era genuína. A incapacidade da CIA de obter informações vitais para a Casa Branca também não era exatamente uma novidade, não é mesmo? Devia ser verdade. Onde então estava a mentira? Talvez quisessem apenas vazar informações verdadeiras, mas sensíveis... à maneira normal. Não era a primeira vez que ele sabia de coisas naquela sala da ala oeste da Casa Branca.

Holtzman poderia não fazer uma reportagem com aquelas informações?

*De jeito nenhum, meu caro Bobby,* disse o repórter a si mesmo.

A viagem de volta foi tranqüila. Ryan dormiu tanto quanto pôde, enquanto o sargento que tomava conta da cabine lia as instruções para a montagem de alguns dos brinquedos que ele comprara.

— Oi, sargento. — O piloto estava na cabine, dando uma volta para esticar as pernas. — O que é isso?

— Nosso amigo aqui comprou algumas coisas para os garotos, major. O sargento entregou uma folha de instruções. Ponta 1 na Fenda A, use um parafuso de sete oitavos, aperte com uma chave de fenda, usando...

— Acho que prefiro consertar motores quebrados.

— Dá para entender — concordou o sargento. — Esse cara terá momentos difíceis pela frente.

## REVELAÇÃO

— Não gosto de ser usado — disse Holtzman, inclinado para trás, as mãos cruzadas na nuca.

Ele estava numa sala de reuniões com seu editor executivo, outro veterano observador de Washington, que adquirira sua reputação no frenesi que encerrara a presidência de Richard Nixon. Foram tempos inebriantes. Proporcionaram à imprensa americana um gosto de sangue, que nunca mais desaparecera. A única parte boa nisso, pensava Holtzman, era o fato de que os jornalistas nunca mais se tornaram chegados a ninguém. Qualquer político era um alvo em potencial para a ira virtuosa do sacerdócio investigativo da América. Era algo saudável embora a extensão a que se levava isso nem sempre o fosse.

— Isso é irrelevante — disse o editor. — Quem gosta? O que sabemos que é verdade?

— Podemos acreditar que a Casa Branca não vem recebendo bons dados. Não é novidade na CIA, embora a situação não seja tão grave quanto em outras ocasiões. O fato é que o desempenho da Agência melhorou um pouco... mas não podemos esquecer que Cabot cortou muitas cabeças. Também podemos acreditar no que ela diz sobre Narmonov e seus militares.

— E Ryan?

— Já o encontrei em reuniões sociais, nunca oficialmente. E um ótimo sujeito, com um grande senso de humor. Deve ter uma ficha espetacular... duas condecorações... pelo quê, não sabemos. Lutou contra Cabot quando este quis reduzir a diretoria de operações, evidentemente salvou alguns empregos. Subiu muito depressa. Al Trent gosta dele, apesar da confrontação que tiveram há alguns anos. Deve haver alguma história por trás dessa briga, mas Trent se recusou terminantemente a discutir o assunto, na única vez em que

o interroguei a respeito. Supostamente fizeram as pazes... e acredito nessa história tanto quanto acredito no coelhinho da Páscoa.

— Ele é do tipo de ter aventuras amorosas? — perguntou o editor em seguida.

— Que tipo é esse? Espera que alguém ostente uma condecoração por isso?

— Muito engraçadinho, Bob. Afinal, o que você quer saber?

— Publicamos ou não a história?

Os olhos do editor se arregalaram em surpresa.

— Está brincando? Como podemos não publicar uma história assim?

— Apenas não gosto de ser usado.

— Já falamos sobre isso. Também não gosto. Reconheço que é óbvio neste caso, mas ainda assim é uma história importante, e se não a publicarmos, o *Times* vai publicar. Quando pode aprontar a matéria?

— Num instante — prometeu Holtzman.

Agora ele sabia por que recusara uma promoção a editor executivo assistente. Não precisava do dinheiro; a renda de seus livros dispensava-o até da necessidade de trabalhar. Gostava de ser um jornalista, ainda tinha idealismo, ainda se importava com o que fazia. Era uma bênção adicional, ele refletiu, a dispensa da necessidade de tomada de decisões executivas.

A nova bomba de alimentação de água era mesmo tudo o que o Mestre Construtor garantia, notou o comandante Dubinin. Praticamente precisaram desmontar todo um compartimento para encaixá-la, além de abrir um buraco com maçarico no casco duplo do submarino. Ele ainda podia olhar para cima e avistar o céu, através do que deveria ser a cobertura de aço em curva, algo sempre inquietante para um oficial de submarino. Precisavam ter certeza de que a bomba funcionava de modo satisfatório, antes de soldarem o "remendo" na abertura pela qual fora instalada. Podia ser pior. Aquele submarino tinha um casco de aço. Os submarinos soviéticos feitos de titânio eram um problema para soldar.



A sala da bomba/gerador de vapor ficava logo atrás do compartimento do reator. A bomba circulava água pelo reator. O vapor saturado ia para o gerador, por onde corria através de uma interface. Ali, o calor fazia com que a água no arco "externo" ou não-radiativo se convertesse em vapor, para acionar as turbinas do submarino (que por sua vez acionavam a hélice, através de engrenagens de redução). O vapor do "arco interno", com a maior parte de sua energia perdida, passava então por um condensador, que era esfriado pela água do mar por fora do casco, e era bombeado como água de volta ao fundo do recipiente do reator para reaquecimento, continuando o ciclo. O gerador de vapor e o condensador constituíam uma só estrutura, grande, e a mesma bomba de múltiplos estágios cuidava de toda a circulação.

Esse único objeto mecânico era o calcanhar-de-aquiles acústico de todos os barcos de energia nuclear. A bomba tinha de fazer um intercâmbio de vastas quantidades de água, que era "quente" em termos térmicos e radiativos. Tanto trabalho mecânico sempre representava a emissão de uma grande quantidade de ruído. Até agora.

— E um projeto engenhoso — comentou Dubinin.

— Não podia deixar de ser. Os americanos passaram dez anos desenvolvendo-o para seus submarinos de mísseis, depois decidiram não usá-lo. A equipe que fez o projeto ficou desolada.

O comandante soltou um grunhido. Os novos projetos americanos de reator podiam usar a convecção-circulação natural. Mais uma vantagem técnica. Eles eram mesmo muito competentes. Enquanto os dois homens esperavam, o reator foi sendo acionado. As varetas de controle estavam sendo retiradas, e os nêutrons livres dos elementos do combustível começaram a interagir, iniciando uma reação em cadeia nuclear controlada. No painel de controle por trás do comandante e do almirante, técnicos anunciavam as leituras de temperatura em graus Kelvin, que começavam no zero absoluto, e usavam & medições em Celsius.

— A qualquer momento agora... — murmurou o Mestre Construtor.

— Nunca viu nenhuma em operação? — perguntou Dubinin.

— Nunca.

*Maravilhoso*, pensou o comandante, olhando para o céu. *É uma coisa horrível de se ver do interior de um submarino.*

— O que foi isso?

— A bomba acaba de entrar em ação.

— Está brincando.

Dubinín olhou para o enorme sistema. Não podia ser possível. Ele foi até o painel de instrumentos e...

O comandante Dubinín soltou uma risada.

— Funciona, comandante — informou o engenheiro-chefe.

— Continue a aumentar a potência — determinou Dubinín.

— Dez por cento agora, e subindo.

— Leve até um-dez.

— Comandante...

— Já sei, nunca passamos de cem.

A potência do reator estava fixada em cinqüenta mil cavalos-vapor, mas como acontece com a maioria das máquinas assim, era um cálculo moderado. Já chegara a quase cinqüenta e oito mil — uma vez, em testes do construtor, resultando em pequenos danos para as tubulações internas do gerador — e a potência máxima útil era de cinqüenta e quatro mil, novecentos e sessenta. Dubinín já a alcançara uma vez, depois de assumir o comando. Era uma coisa que um comandante de barco fazia, assim como um piloto de caça precisa descobrir pelo menos uma vez quão depressa pode conduzir seu avião pelo ar.

— Está bem — concordou o engenheiro.

— Fique atento, Ivan Stepanovich. Se surgir algum problema, reduza no mesmo instante.

Dubinín bateu de leve no ombro de seu engenheiro, e voltou para a frente do compartimento, torcendo para que os soldados tivessem realizado um bom trabalho. Mas ele deu de ombros ao pensamento. As soldas haviam sido radiografadas à procura de possíveis falhas. Não podia se preocupar com tudo, e contava com um excelente engenheiro-chefe para vigiar o funcionamento.

— Vinte por cento de potência.

O Mestre Construtor olhou ao redor. A bomba fora montada numa pequena estrutura própria, essencialmente uma mesa com pernas de molas, Impedia em grande parte a transmissão de qualquer ruído gerado pela bomba para o casco, e de lá para a água. E isso, ele pensou, não era uma concepção tão boa assim. Mas sempre havia coisas que podiam ser melhoradas. A construção de navios era uma das últimas autênticas formas de engenharia.

— Vinte e cinco.

— Posso ouvir algo agora — informou Dubinin.

— Velocidade equivalente?

— Com a carga normal do hotel... — Isso significava a potência exigida para operar os diversos sistemas do barco, variando do ar-condicionado as luzes de leitura. — ... dez nós.

A classe Akula exigia muita energia elétrica para os sistemas internos. Era em grande parte uma decorrência dos primitivos sistemas de ar-condicionado, que por si só consumiam dez por cento do que o reator gerava.

— Precisamos de dezessete por cento da energia para os sistemas do hotel antes de começarmos a acelerar. Os sistemas ocidentais são muito mais eficientes.

O Mestre Construtor acenou com a cabeça, mal-humorado.

— Eles dispõem de uma vasta indústria empenhada na engenharia ambiental. Ainda não contamos com a infra-estrutura para realizar as pesquisas apropriadas.

— Eles também têm um clima muito mais quente. Estive em Washington uma ocasião, em julho. Não podia ser pior.

— E mesmo tão ruim?

— O sujeito da embaixada que me levou numa excursão pela cidade disse que o local fora outrora um pântano pestilento. Até tiveram algumas epidemias de febre amarela por lá. Um clima miserável.

— Eu não sabia disso.

— Trinta por cento — avisou o engenheiro.

— Quando esteve lá? — perguntou o almirante.

— Há mais de dez anos, para as negociações sobre Incidentes no Mar. Minha primeira e última aventura diplomática. Algum idiota

do quartel-general achou que precisavam de um submarinista. Fui recrutado em Frunze para isso. Uma total perda de tempo.

— Como foi?

— Muito chato. Os americanos de submarinos são arrogantes. E não eram muito cordiais naquele tempo. — Dubinin fez uma pausa.

— Não, isso não é justo. O clima político era diferente. A hospitalidade foi cordial, mas reservada. Eles nos levaram a uma partida de beisebol.

— E o que aconteceu? O comandante sorriu.

— A comida e a cerveja eram agradáveis. O jogo era incompreensível, e suas explicações pioraram ainda mais.

— Quarenta por cento.

— Doze nós — disse Dubinin. — O ruído está aumentando...

— Mas?

— Mas é apenas uma fração do que a bomba antiga fazia. Meus homens têm de usar proteções nos ouvidos aqui. A toda velocidade, o ruído é terrível.

— Veremos. Aprendeu alguma coisa interessante em Washington? Outro grunhido.

— A não andar sozinho pelas ruas. Saí para dar um passeio, e vi uma pobre mulher ser atacada por um bandido. E quer saber de uma coisa? Isso aconteceu a poucos quarteirões da Casa Branca!

— E mesmo?

— O jovem marginal tentou passar correndo por mim com a bolsa da mulher. Como se fosse um filme. Uma coisa espantosa.

— Tentou?

— Já lhe contei alguma vez que fui um bom jogador de rúgbi? Derrubei-o talvez com um entusiasmo um tanto exagerado. Quebrei sua rótula, para sei mais preciso.

Dubinin sorriu, recordando as lesões que infligira ao miserável. As calçadas: o concreto eram muito mais duras do que campos gramados...

— Cinquenta por cento.

— O que aconteceu depois?

— O pessoal da embaixada ficou furioso. O embaixador berrou bastante. Pensei que iam me mandar direto de volta para casa. Mas

a polícia local falou em me dar uma medalha. O caso foi abafado, e nunca mais me pediram de novo para ser um diplomata. — Dubinin soltou uma risada. — Eu ganhei. Dezoito nós.

— Por que interferiu?

— Eu era jovem e tolo — explicou Dubinin. — Nunca me ocorreu que poderia ser algum truque da CIA... era essa a preocupação do embaixador. Só que não era truque nenhum, apenas um jovem criminoso e uma frágil negra. As vezes me pergunto se ele ainda consegue correr. E se era de fato alguém da CIA, então há um espião a menos com que nos preocuparmos.

— Sessenta por cento da potência, ainda muito firme — avisou o engenheiro. — Sem qualquer flutuação de pressão.

— Vinte e três nós. Os próximos quarenta por cento de potência não representam muita coisa para nós... e o ruído do fluxo pelo casco começa a aumentar neste ponto. Vá aumentando com todo o cuidado, Vanya.

— Certo, comandante.

— Qual é o máximo que você já desenvolveu?

— Trinta e dois na potência máxima nominal. Trinta e três na sobrecarga.

— Fala-se de uma nova tinta de casco...

— Aquela coisa inventada pelos ingleses? O serviço secreto diz que acrescenta mais um nó aos submarinos de caça americanos.

— É isso mesmo — confirmou o almirante. — Soube que temos a fórmula, mas a fabricação é muito difícil, e a aplicação apropriada ainda mais.

— Qualquer coisa acima de vinte e cinco acarreta o risco de perda das placas anecóicas do casco. Se isso tivesse acontecido uma vez quando eu era o *starpom* do *Sverdlovski Komsomolets*... — Dubinin sacudiu a cabeça. — Era como estar dentro de um tambor, pela maneira como aquelas placas de borracha ressoavam no casco.

— Infelizmente, não há muita coisa que possamos fazer a respeito disso.

— Potência de setenta e cinco por cento.

— Tire essas placas e terei mais um nó.

— Não as defende? Dubinin sacudiu a cabeça.

— Não. Se um torpedo entra na água, isso pode ser a diferença entre a vida e a morte.

A conversa parou nesse ponto. Em dez minutos, a potência alcançou cem por cento, cinqüenta mil cavalos-vapor. O ruído da bomba tornara-se bastante alto agora, mas ainda era possível ouvir uma pessoa falando. Com a bomba antiga, esse nível de potência era como escutar uma banda de rock, lembrou Dubinin, podia-se sentir o som vibrando em seu corpo. O que já não acontecia agora, e o apoio da bomba... O diretor do estaleiro prometera uma considerável redução no ruído irradiado. Não estava se gabando. Dez minutos depois, Dubinin já vira e ouvira tudo de que precisava.

— Reduzir a potência — ordenou ele.

— O que achou, Valentin Borissovich?

— O KGB roubou isso dos americanos?

— É a informação que eu tenho — respondeu o almirante.

— Sou capaz de beijar o próximo espião que encontrar.

O navio *George McReady* estava atracado no cais. Era grande, tinha dez anos, impulsionado por enormes motores marítimos de diesel, de baixa velocidade, e projetado como um cargueiro de madeira. Podia transportar trinta mil toneladas de madeira preparada ou, como era o caso agora, de toras. Os japoneses preferiam cuidar pessoalmente da maior parte do processamento. Mantinha o dinheiro do processamento em seu país, sem a necessidade de exportá-lo. Mas pelo menos um navio de bandeira americana estava sendo usado para fazer o transporte, uma concessão que exigira dez meses de negociações. O Japão podia ser um lugar divertido para se visitar, embora muito caro.

Sob os olhos vigilantes do imediato, os guindastes levantaram as toras dos caminhões e as baixaram para os porões. O processo foi extraordinariamente rápido. A automação no embarque e desembarque de cargas era provavelmente o desenvolvimento mais importante na navegação comercial. O *George M* podia ser carregado em menos de quarenta horas, e descarregado em trinta e seis, permitindo que o navio voltasse ao mar bem depressa, mas negando à tripulação a oportunidade de fazer muita coisa em

qualquer porto em que o navio atracasse. A perda de receita dos bares e outros negócios no cais, especializados em a tender aos marinheiros, não era um problema que preocupasse os armadores, que não ganhavam dinheiro quando seus cascos roçavam num píer.

— Pete, recebi o boletim meteorológico — anunciou o terceiro oficial. — Podia ser melhor.

O imediato olhou a carta.

— Essa não!

— E isso aí, um monstro siberiano se formando. Vamos ter uns dois dias difíceis. E é grande demais para que possamos contorná-lo.

O imediato assoviou ao conferir os números.

— Não se esqueça de traçar os cursos alternativos, Jimmy.

— Certo. Quanta carga?

— Só aqueles meninos ali.

O imediato apontou. Jimmy soltou um resmungo, depois pegou um binóculo para examinar melhor a carga.

— Ei, eles estão acorrentados juntos!

— E por isso que não podemos distribuí-los melhor lá embaixo.

— Incrível...

— Já falei com o contramestre. Teremos de amarrá-los com absoluta firmeza.

— Boa idéia, Pete. Se a tempestade se tornar o que estou esperando, será possível surfar quando a encontrarmos.

— O comandante ainda está na praia?

— Está, sim. Deve voltar às quatorze.

— O abastecimento foi concluído. O engenheiro-chefe terá seus diesels ligados às dezessete. Partida às dezoito e trinta?

— Isso mesmo.

— Droga! Um homem quase não tem mais tempo para dar uma trepada,

— Falarei com o comandante sobre o boletim do tempo. Pode nos atrasar no Japão.

— O comandante vai adorar.

— Não vamos todos?

— Ei, se ficar retido por lá durante algum tempo, talvez eu possa...

— Você e eu, companheiro.

O imediato sorriu. Os dois eram solteiros.

— Não é uma beleza? — indagou Fromm.

Ele se inclinou, contemplando a massa metálica através do visor de Lexan. O braço manipulador removera o plutônio da haste, deslocando-o para uma inspeção visual, que não era realmente necessária, mas como o plutônio precisava ser deslocado de qualquer maneira para a etapa seguinte do processo de acabamento, Fromm resolveu aproveitar para ver a coisa de perto. Ele focalizou uma lanterna pequena mas potente no metal, mas desligou-a em seguida. O reflexo das lâmpadas por cima proporcionava uma claridade suficiente.

— E de fato espantoso — concordou Ghosn.

O objeto podia muito bem passar por uma peça de vidro soprada, de tão liso. Na verdade, era até mais liso do que vidro. A uniformidade na superfície externa era tão exata que o maior efeito distorsivo vinha da gravidade. Quaisquer imperfeições que se pudesse encontrar ali eram pequenas demais para se perceberem a olho nu, e estavam com certeza abaixo dos índices de tolerância que Fromm fixara, ao formular o projeto no computador.

O exterior do cilindro dobrado era perfeito, refletindo a luz como se fosse alguma espécie de lente excêntrica. Enquanto o braço o girava em torno do eixo comprido, a disposição e o tamanho das luzes do teto refletidas não se deslocavam nem se alteravam. Até mesmo o alemão achou isso extraordinário.

— Eu nunca teria acreditado que seríamos capazes de fazer um trabalho tão bom — comentou Ghosn.

Fromm acenou com a cabeça.

— Tais coisas não eram possíveis até bem pouco tempo atrás. A tecnologia do torno de ar não chega a ter quinze anos, e os sistemas de controle de *laser* são ainda mais recentes. A principal aplicação comercial ainda é para os instrumentos ultradelicados, como os telescópios astronômicos, as lentes de alta precisão, peças especiais centrifugadas... — O alemão empertigou-se— Agora, devemos polir



também as superfícies internas. E sobre essas não poderemos fazer uma inspeção visual.

— Por que a parte externa primeiro?

— Dessa maneira podemos ter certeza de que a máquina está se desempenhando de forma apropriada. O *laser* vai controlar o trabalho na parte interna... e sabemos agora que oferece dados corretos.

Essa explicação não era realmente a correta, mas Fromm não queria dar a verdadeira: achava que aquele objeto era mesmo lindo. O jovem árabe podia não compreender. *Das ist die schwarze Kunst...* Era na verdade um tanto faustiano, não é mesmo?

E Ghosn pensou: *É muito estranho que algo com um formato tão maravilhoso possa...*

— Tudo continua a correr bem.

— Tem razão — concordou Fromm.

Ele gesticulou para o interior do compartimento. Quando operado de forma correta, o torno aparava algo que parecia um filamento metálico, só que ainda mais fino, visível principalmente por causa do reflexo. Era um filamento de grande valor, guardado para ser fundido de novo e um possível uso futuro.

— Uma boa ocasião para fazer uma pausa — disse Fromm, virando-se.

— Concordo.

Estavam trabalhando há quatorze horas. Ghosn dispensou os homens. Ele e Fromm saíram também, deixando a oficina aos cuidados dos dois guardas.

Os guardas não eram homens muito instruídos. Escolhidos entre a guarda pessoal do comandante, cada um era veterano de muitas operações de combate. Por mais estranho que pudesse parecer, a maioria dos combates fora contra outros árabes, e não contra os supostos inimigos sionistas. Havia uma plethora de grupos terroristas, e como cada um obtinha seu apoio da comunidade palestina, havia uma grande competição pelo estoque limitado de adeptos. Essa disputa entre os homens armados muitas vezes levava à confrontação e morte. No caso dos guardas, também demonstrava sua lealdade. Cada um dos homens no serviço de guarda era um

exímio atirador, bastante bom para competir com o novo acréscimo americano à organização, o infiel Russell.

Um dos guardas, Achmed, acendeu um cigarro e encostou-se na parede. Teria pela frente mais uma noite tediosa. Montar guarda lá fora, ou patrulhar a área em que Qati dormia, pelo menos lhe proporcionava uma variedade de coisas para observar. Podia-se imaginar que havia um agente israelense atrás de cada carro estacionado ou de cada janela, o que mantinha o guarda desperto e alerta. Mas isso não acontecia ali dentro. Ali vigiavam máquinas, sempre imóveis, no mesmo lugar. Como distração, e também no cumprimento do dever, os guardas vigiavam os operadores, seguiam-nos de um lado para outro da oficina, para e dos lugares em que comiam e dormiam, e até mesmo em seus trabalhos menos complicados. Embora não tivesse instrução, Achmed era inteligente, aprendia depressa, e achava que poderia substituir qualquer um daqueles operadores, se dispusesse de uns poucos meses para aprender direito o ofício. Era muito bom com armas, capaz de diagnosticar um problema ou reparar um visor defeituoso, tão depressa e tão bem quanto um armeiro.

Enquanto andava de um lado para outro, ele escutava o zumbido dos vários sistemas de ar, parando em cada circuito para olhar o painel que indicava a posição. Os painéis também eram controlados por geradores de apoio, verificando-se todas as noites se havia combustível suficiente nos tanques.

— Não acha que eles estão preocupados demais com os prazos? — comentou Achmed.

Ele continuou a andar, esperando que a luz do indicador apagassem. Junto com seu companheiro, parou para olhar a barra metálica que tanto interessara a Fromm e Ghosn.

— O que acha que isso é?

— Alguma coisa maravilhosa — respondeu Achmed. — Estão guardando segredo ao máximo possível.

— Acho que é parte de uma bomba atômica. Achmed virou-se para fitar o outro homem.

— Por que pensa assim?

— Um dos operadores disse que não poderia ser outra coisa.

— Não seria algo sensacional para dar a nossos amigos israelenses?

— Depois de todos os árabes que morreram nos últimos anos... aos israelenses, americanos, todos os outros... Tem razão, seria um grande presente. — Eles continuaram a andar, passando pelas máquinas paradas. — Por que será que estão com tanta pressa?

— Qualquer que seja o motivo, eles querem acabar a tempo. Achmed parou de novo, olhando para as inúmeras peças de metal e plástico na mesa de montagem. Uma bomba atômica?, ele perguntou a si mesmo. Mas algumas daquelas coisas pareciam... com canudos de refrigerante, bem finos, em feixes bem presos, um pouco tortos... Canudos de refrigerante... numa bomba atômica? Não era possível. Uma bomba atômica tinha de ser, o quê? Achmed admitiu para si mesmo que não tinha a menor idéia. Era capaz de ler o Corão, os jornais, e os manuais de armas. Não era culpa sua se jamais tivera a oportunidade de uma educação apropriada, como Ghosn, de quem ele gostava, de uma maneira distante e um tanto invejosa. Era uma coisa maravilhosa, a educação. Se ao menos seu pai fosse algo mais que um camponês deslocado, talvez um dono de loja, alguém que pudesse reservar algum dinheiro...

Na volta seguinte, ele viu a... lata de tinta? Era o que parecia. As aparas de metal do torno eram acumuladas no cadinho de freon. Achmed já observara o processo muitas vezes. As aparas — um filamento metálico muito fino — eram recolhidas mecanicamente e reunidas no recipiente, que parecia muito com uma lata de tinta, usando-se uma janela e grossas luvas de borracha. A lata era colocada em seguida numa câmara de porta dupla, transportada para a outra oficina, ao lado, sendo aberta numa câmara similar, e despejada num daqueles estranhos cadinhos.

— Vou sair para dar uma mijada — avisou seu companheiro.

— Aproveite o ar fresco — murmurou Achmed.

Achmed pegou sua arma, e observou o amigo passar pela porta dupla. Também daria uma volta lá fora, sozinho, quando chegasse o momento de verificar a segurança do perímetro. Era o guarda mais graduado, responsável pelos homens lá fora, além da segurança interna da oficina. Isso não é jeito para um homem viver, pensou

Achmed, metido num espaço lacrado, como se fosse uma estação espacial ou um submarino. Ele ansiava por uma instrução, mas não para trabalhar num escritório, sentado o dia inteiro, olhando para papéis. Nada disso. Seria um engenheiro, do tipo que construía estradas e pontes, o que era uma ambição que em outros tempos poderia ter realizado. Talvez seu filho se tornasse um engenheiro, se algum dia tivesse a oportunidade de casar e ter um filho. Algo com que sonhava. Seus sonhos eram mais limitados agora. Que tudo aquilo acabasse, pudesse largar as armas, levar uma vida real, esse era o seu desejo.

Mas os sionistas tinham de morrer primeiro.

Achmed estava sozinho na oficina, entediado demais. Lá fora, os guardas podiam pelo menos olhar para as estrelas. Alguma coisa para fazer, alguma coisa para fazer...

Ali estava a lata de tinta, dentro do compartimento. Parecia pronta para a transferência. Ele já observara os operadores fazerem aquilo muitas vezes. Mão tinha o menor problema. Achmed removeu a lata do compartimento e levou-a para a sala da fornalha. Punham dentro da fornalha elétrica e... era bastante simples, e ele sentiu-se contente por ser capaz de fazer algo diferente, talvez algo útil ao projeto, qualquer que fosse.

A lata era leve, talvez contivesse apenas ar, por tudo o que ele podia verificar. Estaria vazia? A parte de cima se achava presa com grampos e... não, ele decidiu, faria apenas o que os operadores faziam.

Achmed foi até a fornalha, abriu a porta, verificou se a energia estava desligada... aquela coisa ficava quente de verdade, ele sabia. Derretia metal! Ele pôs em seguida as grossas luvas de borracha que os operadores usavam e, esquecendo de ligar o sistema de fluxo de argônio, soltou os grampos na lata. Virou a lata para trás, a fim de poder ver como parecia. E viu.

No momento em que ele removeu a tampa, o ar carregado de oxigênio entrou na lata e atacou os filamentos de plutônio, alguns dos quais reagiram no mesmo instante, essencialmente explodindo em seu rosto. Houve um clarão, como se fosse da espoleta de um rifle, apenas uma lufada mínima de calor e luz, com certeza nada

que pudesse pôr em risco a vida de um homem, concluiu Achmed. Nem mesmo houve fumaça que ele percebesse imediatamente, embora espirrasse uma vez.

Apesar disso, Achmed foi dominado pelo terror. Fizera algo que não devia. o que o comandante pensaria dele? O que o comandante poderia fazer com ele? Achmed prestou atenção ao sistema de ar-condicionado, e teve a impressão de divisar um tênue filete de fumaça subindo para o exaustor. Ainda bem. As placas elétricas de coleta de poeira cuidariam do resto. Tudo o que tinha de fazer agora...

Isso mesmo. Ele tornou a fechar a lata, levou-a de volta à outra sala. Seu colega ainda não voltara. Ótimo. Achmed repôs a lata no lugar de onde a tirara, providenciando para que tudo parecesse como alguns minutos antes. Acendeu outro cigarro para relaxar, irritado consigo mesmo porque ainda não fora capaz de largar o vício. Começava a sentir dificuldades para correr.

Achmed não sabia que já era um cadáver, cuja morte ainda não fora registrada, e que o cigarro podia muito bem ser o próprio sopro da vida.

— Posso fazer — anunciou Clark, passando pela porta como John Wayne entrando no Álamo.

— Fale-me a respeito — pediu Jack, mostrando uma cadeira.

— Acabo de voltar de Dulles, onde conversei com algumas pessoas. Os 747s da JAL, preparados para o vôo através do Pacífico, têm uma disposição muito conveniente para nós. Há leitos na cabine superior, como um antigo vagão Pullman. O que nos ajuda muito. O compartimento tem uma ótima acústica, o que facilita a captação. — Ele abriu uma planta em cima da mesa. — Há uma mesa aqui, e outra aqui. Usamos dois microfones sem fio, e quatro canais de transmissão.

— Explique.

— Os microfones sem fio são unidirecionais. Transmitem para o transmissor SHF, que irradia para fora do avião.

— Por que quatro canais?

— O grande problema é neutralizar o ruído do avião, o zumbido do motor, o ar, todas essas coisas. Dois canais são para o som interior. Os outros dois são apenas para o ruído ambiental. Usamos estes para neutralizar o que não interessa. Temos pessoal em C&T que vem trabalhando nisso há algum tempo. Usa-se o ruído ambiental gravado para determinar qual é a interferência, depois basta mudar a fase para cancelá-la. Uma coisa muito simples, se você conta com o apoio certo de computador. Faremos isso. Certo? O transmissor vai numa garrafa. Viramos para uma janela. Fácil de fazer. Já verifiquei. Agora, vamos precisar de um avião de perseguição.

— Como assim?

— Um avião com o equipamento certo, talvez um jato executivo Gulfstream, um EC-135 seria ainda melhor. Eu recomendaria mais de um, voando em formação e depois rompendo-a.

— A que distância?

— Basta ficar longe de vista... até cinqüenta quilômetros, e não precisa ser na mesma altitude. E também não precisamos voar em formação com o alvo.

— Muito difícil de produzir?

— Bem simples. A parte mais difícil é a bateria, e ela cabe numa garrafa de bebida, como eu disse. Faremos de uma marca que geralmente se encontra numa *freeshop* de aeroporto... tenho um homem conferindo isso... uma garrafa de cerâmica, em vez de vidro. Talvez uma garrafa de Chivas. Os japoneses adoram seu *scotch*.

— Detecção? — indagou Ryan.

Clark riu, como um adolescente que acabara de levar a melhor sobre o professor.

— Construimos o sistema exclusivamente com componentes japoneses, e instalamos um receptor sintonizado com as frequências certas no avião. Ele viajará com o bando habitual de jornalistas. Deixarei o receptor na lata de lixo de um dos banheiros lá embaixo. Se a operação for descoberta, eles pensarão que o responsável foi um dos seus. Tudo indicará que foi um jornalista.

Ryan balançou a cabeça.

— Boa idéia, John.

— Achei que você gostaria. Quando o pássaro pousar, mandamos alguém recuperar a garrafa. Estará devidamente preparada... ou seja, daremos um jeito para que ninguém possa retirar a tampa. Talvez uma supercola.

— E como pretende subir a bordo na Cidade do México?

— Mandei Ding cuidar dessa parte. Já estava na hora de ele sentir o gosto pelas operações de planejamento, e esta é meio moleza. Meu espanhol é bastante bom para enganar qualquer mexicano.

— Voltemos ao equipamento de escuta. Não vamos receber no tempo real?

— Claro que não. — Clark sacudiu a cabeça. — O material chegará trancado, mas usaremos máquinas de alta velocidade para gravar, depois passaremos pelos computadores lá embaixo para obter uma cópia limpa. E uma salvaguarda operacional a mais. Os caras nos pássaros de perseguição não vão saber o que estão ouvindo, e apenas os pilotos precisam saber quem estão seguindo... talvez nem mesmo isso, diga-se de passagem. Ainda preciso conferir essa parte.

— Quanto tempo para produzir uma cópia limpa?

— Tudo será feito neste lado... umas duas horas, no máximo. Pelo menos foi o que me disse o pessoal de C&T. Sabe o que é o melhor em toda essa história?

— Conte-me.

— Os aviões representam praticamente o último lugar que não se pode grampear. Nosso pessoal de C&T vem trabalhando nisso há muito tempo. o que tornou possível a abertura veio da marinha... um projeto ultra-secreto. Ninguém sabe que podemos fazer isso. Os códigos de computador são bastante complexos. Muita gente está tentando, mas a abertura surgiu pelo lado teórico da matemática. Por intermédio de um cara na ASN. Repito, Sir John, ninguém sabe que isso é possível. O pessoal da segurança no avião estará dormindo. Se encontrarem o microfone, vão pensar que é uma tentativa de amador de fazer alguma coisa. O receptor que irá a bordo não permitirá a recuperação de nada aproveitável para ninguém, a não ser para nós...

— E mandaremos alguém para pegá-lo também, como apoio às transmissões para fora.

— Exatamente. Portanto, temos uma dupla redundância... ou tripla, nunca sei direito qual é a terminologia certa. Três canais separados para a informação, um no avião, e dois sendo irradiados para fora.

Ryan levantou sua caneca de café em saudação.

— Muito bem. Agora que o lado técnico parece resolvido, quero uma avaliação de viabilidade operacional.

— Já a dei, Jack. Puxa, como é sensacional ser um espião de novo! Com o devido respeito, cuidar para que seu rabo fique incólume não constitui um grande teste para minha capacidade.

—Eu também adoro você, John.

Ryan soltou uma gargalhada. Era a primeira vez em muito tempo pudessem concluir com êxito aquela operação, era possível que a sacana Elliot deixasse de encher seu saco. Talvez o presidente compreendesse ç as operações de campo com agentes reais ainda eram úteis. Seria uma pequena vitória.



## 25

# RESOLUÇÃO

— Qual é a história dessas coisas? — indagou o segundo oficial, olhando para o convés de carga.

— Parece que são as vigas para o telhado de um templo. Dos pequenos eu calculo — respondeu o primeiro oficial. — O mar ficará ainda mais agitado?

— Eu gostaria que pudéssemos ir mais devagar, Pete.

— Já falei a respeito com ele duas vezes. O comandante diz que tem horários a cumprir.

— Diga isso à porra do oceano.

— Ainda não tentei. A quem devo procurar?

O segundo oficial, que comandava o turno de vigia, soltou uma risada, um tanto irritada. O primeiro oficial — o imediato, o segundo homem na cadeia de comando — estava na cabine para verificar a situação. Isso era função do comandante, só que ele dormia em seu beliche.

O *George McReady* avançava por ondas de dez metros, tentando manter uma velocidade de vinte nós, mas não o conseguia, apesar da plena potência de cruzeiro em seus motores. O céu estava nublado, com aberturas ocasionais na camada de nuvens para que a lua cheia desse uma espiada. A tempestade se abatia sobre o navio, o vento se mantendo firme a sessenta nós, a turbulência do mar ainda aumentando. Era uma típica tempestade do Pacífico Norte, os dois oficiais já haviam concluído. Nada nela fazia qualquer sentido. A temperatura do ar era de 10 graus Fahrenheit, e os borrifos das ondas congelavam no vôo, chocando-se contra as janelas da cabine de comando como chumbo de espingarda na temporada de caça aos patos. A única coisa favorável na situação era o fato da turbulência se encontrar na proa. O *George M* era um cargueiro, não um navio de passageiros, e carecia de estabilizadores laterais. Na verdade, a viagem não era tão ruim assim. A superestrutura se localizava na

parte posterior do navio, e isso contribuía para reduzir a maior parte do movimento associado ao mar agitado. Também tinha o efeito de reduzir a percepção dos oficiais dos acontecimentos na parte anterior do navio, um problema acentuado ainda mais pela diminuição da visibilidade, por causa dos borrifos.

A viagem também tinha algumas características interessantes. Quando a proa se lançava contra uma onda especialmente grande, diminuía a velocidade do navio. Mas o tamanho do barco significava que a proa se tornava lenta mais depressa do que a popa, e enquanto as forças de desaceleração empenhavam para reduzir a velocidade do navio, o casco se rebelava, estremecendo todo. Na verdade, o casco se curvava por uns poucos centímetros, algo difícil de acreditar, até se testemunhar.

— Já servi num porta-aviões. Eles se contraem mais de trinta centímetros no meio. Uma vez estávamos...

— Olhe à frente, senhor! — gritou o timoneiro.

— Oh, merda! — resmungou o segundo oficial. — Uma onda desgarrada! Ali estava, abruptamente, uma onda de quinze metros de altura, a apenas cem metros da proa rombuda do *George M.* O evento não era inesperado, duas ondas podiam se encontrar e somar suas alturas por um momento, antes de se separarem... A proa subiu e desceu numa onda de tamanho médio, diante da muralha verde que avançava.

— Lá vamos nós!

Não havia tempo para a proa subir por aquela onda. A água esverdeada simplesmente passou por cima da proa, como se não estivesse ali, e continuou rolando na direção da popa, por cento e cinqüenta metros, até a superestrutura. Os dois oficiais ficaram observando, numa fascinação desligada. Não havia perigo real para o navio... ou pelo menos nenhum perigo imediato, os dois disseram a si mesmos. A enorme massa verde passou pelos mastros e equipamentos de manipulação de carga, avançando a uma velocidade de cinqüenta quilômetros horários. O navio já estremecia outra vez, a proa atingindo a parte inferior da onda, diminuindo a velocidade. Na verdade, a proa ainda se encontrava debaixo d'água, já que aquela onda era muito mais larga do que alta, mas a parte

superior estava prestes a atingir um penhasco de aço pintado de branco, perpendicular a seu eixo de progressão.

— Agüente firme! — gritou o segundo oficial para o timoneiro. A crista da onda não chegou a alcançar o nível da ponte de comando, mas atingiu as vigias dos alojamentos dos oficiais. Houve no mesmo instante uma cortina vertical branca de borrifos, que encobriu o mundo inteiro. O segundo único de duração pareceu se prolongar por um minuto, depois tudo se dissipou, o convés do navio continuava exatamente onde deveria estar, embora coberto por água do mar, lutando para se escoar através dos embornais. O *George M* teve um jogo de quinze graus, depois nivelou.

— Reduza a velocidade para dezesseis nós, sob a minha autoridade — declarou o imediato.

— Certo, senhor — respondeu o timoneiro.

— Não vamos despedaçar este navio enquanto eu estiver aqui em cima — acrescentou o imediato.

— Faz sentido para mim, Pete.

O segundo oficial encaminhou-se para o painel de alerta, á procura de uma luz indicadora de inundação ou qualquer outro problema a bordo. O Painel estava limpo. O navio fora projetado para enfrentar mares muito piores, mas a segurança no mar exigia uma vigilância permanente.

— Tudo bem aqui, Pete. O telefone interno tocou.

— Ponte de comando, primeiro oficial falando.

— O que foi isso? — perguntou o engenheiro-chefe.

— Parece que foi uma onda grande, chefe — respondeu Pete, lacônico — Algum problema?

— Sem brincadeira. Foi um tremendo choque na antepara anterior. Pensei que ia arrebentar minha janela. Parece que há uma vigia rachada. Acho que podemos diminuir um pouco a velocidade. Detesto ficar molhado na cama, entende?

— Já dei essa ordem.

— Ainda bem.

A ligação foi cortada.

— O que aconteceu?

Era o comandante, de pijama e roupão. Chegou a tempo de avistar a água acabando de se escoar do convés principal.

— Uma onda de mais de quinze metros. Reduzi a velocidade para dezesseis. Vinte é demais para as condições.

— Acho que você tem razão — resmungou o comandante. Cada hora extra no cais representava quinze mil dólares, e os proprietários não gostavam de despesas extras. — Torne a aumentar a velocidade assim que puder.

O comandante retirou-se antes que os pés descalços ficassem frios demais.

— Está bem — murmurou Pete, para o vão de porta vazio.

— Velocidade quinze ponto oito — informou o timoneiro.

— Certo.

Os dois oficiais se acomodaram e tomaram um gole de café. Não chegava a ser assustador, era apenas um pouco emocionante, e os borrifos iluminados pelo luar na proa constituíam até um belo espetáculo.

O imediato olhou para o convés. Levou um momento para perceber o que acontecera.

— Acenda os refletores.

— Qual é o problema?

O segundo oficial deslocou-se por dois passos, até o painel de controle, acendeu os refletores do convés.

— Pelo menos ainda temos um deles.

— Um dos... — O segundo oficial olhou para baixo. — Essa não! Os outros três...

O primeiro oficial balançou a cabeça. Como se podia descrever a força da água?

— E aquela corrente também. A onda partiu-a como se fosse um barbante-Impressionante.

O segundo oficial pegou um telefone e apertou um botão.

— Contramestre, nosso convés de carga acaba de ser varrido para o lado. Preciso de uma verificação dos danos na frente da superestrutura.

Ele não precisava dizer que a verificação deveria ser efetuada pelo interior da estrutura. Uma hora depois, ficou evidente que

tiveram sorte. A pancada da carga do convés atingira uma parte da superestrutura reforçada por grossas vigas de aço. Os danos eram insignificantes, algumas soldas e uma pintura reparariam tudo. Isso não alterava o fato de que alguém teria de derrubar outra árvore. Três das quatro toras haviam caído no mar, o templo japonês teria de esperar.

As três toras, ainda acorrentadas juntas, já estavam muito atrás do *George M.* Ainda eram verdes e começaram a absorver a água do mar, tornando-se ainda mais pesadas.

Cathy Ryan observou o carro do marido deixar a casa. Já passara pelo estágio de se sentir mal por causa dele. Estava agora magoada. Ele não falava a respeito — isto é, não tentava se explicar, não pedia desculpas, fingia que... fingia o quê? E durante uma parte do tempo dizia que não se sentia bem, andava cansado demais. Cathy queria conversar, mas não sabia como começar. O ego masculino era uma coisa frágil, a dra. Caroline Ryan sabia, e aquele devia ser seu ponto mais frágil. Só podia ser uma combinação de estresse, fadiga e bebida. Jack não era uma máquina. Estava se consumindo. Ela percebera os sintomas meses antes. A viagem diária de carro era um dos fatores. Duas horas e meia, às vezes três, dentro de um carro. Ter um motorista ajudava um pouco, mas não muito. Mais três horas por dia para Jack se manter ausente, pensando, trabalhando, fora de casa, que era o lugar a que pertencia.

*Estou ajudando ou piorando a situação?*, ela perguntou a si mesma. *Parte disso é culpa minha?*

Cathy entrou no banheiro e contemplou-se no espelho. Não era mais uma garota de faces rosadas, é verdade. Havia pequenos sulcos nos cantos da boca e em torno dos olhos. Deveria revisar o grau dos óculos. Começava a sentir dores de cabeça durante os procedimentos cirúrgicos, e sabia que podia ser um problema com os olhos — afinal, era uma cirurgia oftalmológica —, mas, como todo mundo, não dispunha de muito tempo, e sempre adiava a consulta a outro membro da equipe do Instituto Oftalmológico Wilmer. O que era uma estupidez, ela admitiu para si mesma. Ainda tinha olhos

muito bonitos. Pelo menos a cor não se alterara, embora o erro refrativo pudesse sofrer com a intensa concentração visual que seu trabalho exigia.

Ainda era bastante esbelta. Não faria mal algum, porém, se perdesse um ou dois quilos... melhor ainda, se pudesse transferir esse excesso para os seios. Era uma mulher de seios pequenos, de uma família de seios pequenos, num mundo que recompensava as mulheres com tetas que poderiam rivalizar com as de uma vaca. Sua piada habitual de que o tamanho do busto era inversamente proporcional ao tamanho do cérebro não passava de um mecanismo de defesa. Ansiava por seios maiores, como um homem sempre queria um pênis maior, mas Deus ou a genética não a escolhera para isso, e ela não queria se submeter à ignomínia vaidosa da cirurgia... inclusive Porque não gostava dos números nesse tipo de intervenção cirúrgica. Muitos casos de implante de silicone desenvolviam complicações.

O resto dela... os cabelos, é claro, sempre estavam desarrumados, mas a disciplina cirúrgica impedia-a de dispensar maior atenção a isso. Ainda eram louros, curtos e lisos, e Jack gostava de seus cabelos, quando encontrava tempo para notá-los. O rosto ainda era bonito, apesar das pequenas rugas. As pernas sempre haviam sido atraentes, e eram firmes de tanto que andava no Hopkins/Wilmer. Cathy concluiu que sua aparência não era de fazer os cachorros latirem quando passava. Ao contrário, até que ainda era atraente. Pelo menos era o que pensavam os médicos no hospital. E alguns dos seus alunos se apaixonavam por ela, como gostava de pensar. Era certo que nenhum aluno fazia qualquer tentativa de se esquivar às rondas em sua companhia.

Era também uma boa mãe. Embora Sally e o pequeno Jack muitas vezes ainda dormissem quando saía de casa, nunca deixara de cuidar deles. Corri Jack se ausentando com tanta freqüência, Cathy chegava ao extremo de treinar beisebol com ele durante a temporada (o que deixava o marido constrangido, com um forte sentimento de culpa, sempre que sabia). Cozinhas boas refeições quando tinha tempo. Qualquer coisa de que a casa precisasse, ela

fazia pessoalmente ou "subempreitava" — um termo de Jack — a outros.

Ainda amava o marido, e fazia-o saber disso. Possuía um ótimo senso de humor, pensou Cathy. Não permitia que a maioria das coisas a incomodasse. Nunca deixava de tocar em Jack, sempre que a oportunidade se apresentava; era médica, com um toque delicado. Conversava com ele, pedia sua opinião sobre uma coisa e outra, mostrava que se preocupava com ele, interessava-se pelo que ele pensava. Não podia haver a menor dúvida na mente de Jack de que ainda o considerava como seu homem, sob todos os aspectos. Na verdade, amava-o por todos os meios que uma esposa podia amar o marido. Cathy concluiu que não estava fazendo nada de errado.

Então por que ele não podia... não conseguia...?

O rosto no espelho parecia mais perplexo do que magoado, pensou ela. *O que mais posso fazer?*

Nada.

Cathy tentou pôr o problema de lado. Um novo dia começava. Precisava aprontar as crianças para a escola. Isso significava providenciar o desjejum antes que acordassem. Essa parte da vida não era justa, sem dúvida. Afinal, era uma cirurgia, mais do que isso, uma catedrática de cirurgia, mas os fatos simples da vida também diziam que era mãe, com os deveres de mãe que o marido não partilhava, pelo menos não no início de um dia de trabalho. Era o movimento de libertação feminina. Ela vestiu o roupão e desceu para a cozinha. Podia ser pior. Os dois filhos gostavam de mingau de aveia, e até preferiam o tipo instantâneo. Ela ferveu a água para fazer o mingau, deixou esquentando, enquanto subia para acordar as crianças. Dez minutos depois, Sally e o pequeno Jack estavam lavados e vestidos, a caminho da cozinha. Sally chegou primeiro, ligando a tevê no Canal Disney. Cathy dispunha de dez minutos de sossego para dar uma olhada no jornal da manhã e tomar seu café.

No canto inferior direito da primeira página havia uma matéria sobre a Rússia. *Talvez seja uma das coisas que estão perturbando Jack.* Ela decidiu ler. Talvez pudesse conversar com ele, descobrir por que estava tão... distraído. Seria apenas isso?

"... desapontado com a capacidade da CIA de fornecer os dados sobre o problema. Há também rumores de uma investigação em andamento. Uma alta autoridade da administração confirma os rumores de que um alto funcionário da CIA é suspeito de procedimentos financeiros indevidos e também je impropriedades sexuais. O nome desse alto funcionário não foi revelado, maS sabe-se que ocupa um cargo da maior importância e é responsável pela coordenação de informações para a administração..."

*Impropriedades sexuais?* O que isso significava? E quem seria ele? Ele.

*Ocupa um cargo da maior importância e é responsável...*

Era Jack. Era seu marido. Era a expressão que usavam para alguém em seu nível. Num momento de absoluta lucidez, ela compreendeu que só podia ser Jack.

*Jack... com aventuras amorosas? O meu Jack?*

Não era possível.

Ou seria?

Sua incapacidade de ter um desempenho, o cansaço, a bebida, as distrações? Seria possível que o motivo para que ele não... outra mulher o estaria excitando?

Não era possível. Não Jack. Não o seu Jack.

Mas por que então...? Ela ainda era atraente... todos achavam isso. Ainda era uma boa esposa... não havia a menor dúvida quanto a isso, não é mesmo? E Jack não estava doente. Ela teria percebido qualquer sintoma mais patente; era médica, e das mais competentes, tinha certeza de que não deixaria de constatar alguma coisa importante. Empenhava-se em ser boa com Jack, conversar com ele, fazer com que soubesse que o amava, e...

*Talvez não fosse provável, mas seria possível?*

Sim.

Não. Cathy largou o jornal e tomou um gole do café. Não era possível. Não o seu Jack.

Era a última hora da última etapa no processo de fabricação. Ghosn e Fromm observavam o torno com o que parecia desinteresse, mas nos dois casos era apenas excitação



controlado. O freon líquido sendo aspergido sobre o metal a girar impedia que vissem o produto, em processo final de produção. Isso não ajudava, embora ambos soubessem que de nada adiantaria ver. A parte da massa de plutônio sendo processada se achava oculta da vista deles por outro metal; e mesmo que isso não acontecesse, sabiam que seus olhos eram um instrumento deficiente demais para detectar imperfeições. Observavam os registros dos sistemas de computador da máquina. As tolerâncias indicadas se situavam dentro dos doze angstroms especificados por Herr Doktor Fromm. E não deviam acreditar no computador?

— Só mais alguns centímetros — murmurou Ghosn, enquanto Bock e Qati se juntavam a eles.

— Nunca me explicaram a parte secundária da unidade — comentou o comandante.

Ele adquirira o hábito de chamar a bomba de "a unidade". Fromm irou-se, não realmente grato pela distração, embora soubesse que assim deveria se sentir.

— O que deseja saber?

— Sei como a primária funciona, mas não a secundária — respondeu Qati

— Muito bem. O lado teórico da coisa é muito simples, depois que se compreende o princípio. Essa foi a parte difícil, descobrir o princípio. Pensou-se no começo que fazer a secundária funcionar era apenas uma questão de temperatura... é isso o que caracteriza o centro de uma estrela, *ja?* Na verdade, não é bem assim, os primeiros teóricos ignoraram o aspecto da pressão. Parece um tanto estranho em retrospectiva, mas isso acontece com frequência no trabalho pioneiro. A chave para fazer a secundária funcionar é aplicar a energia de tal maneira que essa energia se converte em pressão, ao mesmo tempo em que se usa seu intenso calor, e também alterar sua direção em noventa graus. Não é uma tarefa pequena quando se fala em redirecionar setenta quilotons de energia — comentou Fromm, presunçoso. — Contudo, não passa de ficção a crença de que é uma questão de grande dificuldade teórica fazer a secundária funcionar. A percepção de Ulam e Teller foi das mais simples, como ocorre com a maioria das grandes percepções.

Pressão é temperatura. O que eles descobriram... o segredo... é que não existe segredo. A partir do momento em que se compreende os princípios envolvidos, o que resta é apenas uma questão de engenharia. Realizar o trabalho da bomba exige muito em termos de computador, não técnicos. A parte difícil é a de tornar portátil. E isso é pura engenharia.

— E os canudos de refrigerante? — perguntou Bock, sabendo que seu compatriota queria ser interrogado a respeito, pois o filho da puta era presunçoso.

— Não posso afirmar, mas creio que se trata de minha inovação pessoal. O material é perfeito, leve, oco, facilmente retorcido na configuração apropriada. — Fromm foi até a mesa de montagem e voltou com um dos canudos.

— O material básico é polietileno. Como podem observar, revestimos o exterior com cobre, e o interior com ródio. A extensão do "canudo" é de sessenta centímetros, e o diâmetro interno de menos de três milímetros. Muitos milhares deles cercam a secundária, em feixes retorcidos em cento e oitenta graus, numa forma geométrica chamada hélice. Uma hélice é uma forma das [ mais úteis. Pode orientar a energia, ao mesmo tempo em que conserva sua capacidade de irradiar calor em todas as direções.

Dentro de cada engenheiro, pensou Qati, havia um professor frustrado.

— Mas o que eles fazem?

— *Também...* a primeira emissão da primária é uma radiação gama maciça. Logo atrás, estão os raios X. Nos dois casos, falamos de fótons de alta energia, partículas de *quantum* que carregam energia, mas que não possuem massa.

— Ondas de luz — comentou Bock, lembrando a física que aprendera na escola.

— Correto — confirmou Fromm. — Ondas de luz extremamente vigorosa?-de uma frequência diferente, mais alta. Agora, temos essa vasta quantidade de energia irradiando-se da primária. Algumas ondas podemos refletir ou desviar para a secundária, através dos canais que construímos. A maior Parte se perde, é claro, mas o fato é que teremos tanta energia que só precisamos de uma pequena

fração. Os raios X passam pelos canudos. Uma grande parte de sua energia é absorvida pelos revestimentos metálicos, enquanto as superfícies oblíquas refletem algumas mais além, permitindo uma absorção de energia adicional. O polietileno também absorve uma boa quantidade de energia. E o que acham que acontece?

— Absorvendo tanta energia, não pode deixar de explodir — disse Bock, antes que Qati pudesse responder.

— Muito bem, Herr Bock. Quando os canudos explodem... na verdade, convertem-se em plasma, e esse plasma se expande radialmente em relação aos eixos, assim convertendo a energia axial da primária em energia radial implodindo na secundária.

Uma luz se acendeu na cabeça de Qati.

— Brilhante... mas você perde metade da energia, a parte que se expande para fora.

— Sim e não. Ainda forma uma barreira de energia, e é disso que precisamos. Em seguida, as barbatanas de urânio em torno do corpo da secundária também são convertidas em plasma... do mesmo fluxo de energia, só que mais devagar que os canudos, por causa de sua massa. Esse plasma possui uma densidade muito maior, e é comprimido para o interior. Dentro do invólucro da secundária, há dois centímetros de vácuo, já que esse espaço será evacuado. Assim, temos um ponto de partida para o plasma, que corre para o interior.

— Ou seja — disse Qati —, você usa a energia da primária, redirecionada num ângulo reto, para desempenhar na secundária a mesma função que é realizada primeiro por explosivos químicos?

— Excelente, comandante! — respondeu Fromm, com uma condescendência mínima, mas o suficiente para ser notada. — Temos agora uma massa relativamente pesada de plasma pressionando para dentro. O vácuo lhe proporciona espaço para acelerar, antes de atingir a secundária. Isso comprime a secundária. A montagem da secundária é de lítio-deutérico e lítio-hidreto, ambos revestidos de trítio, cercados por urânio 238. Essa montagem é violentamente esmagada pelo plasma que implode. E também é bombardeada por nêutrons da primária. A combinação de calor, pressão e bombardeio de nêutrons faz com que o lítio se fissione em

trítio. O trítio inicia imediatamente o processo de fusão, gerando vastas quantidades de nêutrons de alta energia, junto com a energia liberada. Os nêutrons atacam o U-238, causando uma reação de fissão rápida, o que aumenta a carga total da secundária.

— A chave, como disse Herr Fromm — explicou Ghosn —, é a condução da energia.

— Os canudos — acrescentou Bock.

— E a mesma coisa — disse Ghosn. — Uma idéia brilhante. Como construir uma ponte de papel.

— E a carga da secundária? — perguntou Qati, que não chegava a entender de física, mas compreendia os números finais.

— A primária vai gerar cerca de setenta quilotons. A secundária vai gerar mais ou menos quatrocentos e sessenta e cinco quilotons. Os números são aproximados por causa das possíveis irregularidades dentro da arma, e também porque não podemos realizar um teste para medir os efeitos.

— Até que ponto se sente confiante no desempenho da arma?

— Tenho uma confiança total — garantiu Fromm.

— Mas sem testar, você disse...

— Comandante, eu sabia desde o início que não seria possível um programa apropriado de testes. E o mesmo problema que enfrentamos na RDA. Por esse motivo, o projeto é reforçado na engenharia, em alguns casos por um fator de quarenta por cento, em outros por um fator de mais de cem. Deve compreender que uma arma americana, britânica, francesa ou até mesmo soviética da mesma carga não teria um quinto do tamanho de nossa "unidade". Refinamentos de tamanho e eficiência só podem decorrer de amplos testes. A física do artefato é muito simples. Os refinamentos de engenharia só decorrem da prática. Como disse Herr Ghosn, é como a construção de uma ponte. As pontes romanas da antigüidade eram estruturas bastante ineficientes. Pelos padrões modernos, eles usaram pedra demais, e por causa disso tiveram trabalho demais para construí-las, *ja?* Ao longo dos anos, aprendemos a construir pontes com mais eficiência, usando menos materiais e menos mão-de-obra para realizar a mesma tarefa. Mas não devemos esquecer que algumas pontes romanas ainda estão de pé. Ainda são pontes,

mesmo que ineficientes. Este projeto de bomba, embora ineficiente e desperdiçando materiais, ainda é unia bomba, e funcionará como eu disse.

Todos viraram a cabeça quando soou o *bip* no torno. Uma luz indicadora piscou verde. A tarefa terminara. Fromm adiantou-se, dizendo aos técnicos que retirassem o freon do sistema. Cinco minutos depois, o objeto de tanto cuidado era visível. O braço manipulador ajustou-o para que pudesse ser visto. Estava pronto.

— Excelente! — exclamou Fromm. — Examinaremos o plutônio com todo o cuidado, e depois iniciaremos a montagem. *Meine Herren*, a parte difícil já ficou para trás.

Ele pensou que aquilo exigia uma cerveja, e fez outra anotação mental de que ainda não recebera o paládio. Detalhes, detalhes. Mas a engenharia era assim mesmo.

— O que está acontecendo, Dan? — perguntou Ryan, pelo telefone seguro. Ele não lera o jornal em casa, mas encontrara a matéria à espera em sua mesa, como parte de *The Bird*.

— Pode estar certo de que não saiu daqui, Jack. Deve ser por aí.

— Acabei de falar com o nosso diretor de segurança. Ele garante que não tem nenhuma investigação em andamento. E o que significa esse "alto funcionário"?

— Significa que o tal de Holtzman gosta de adjetivos. Escute, Jack, já fui longe demais. Não devo discutir as investigações em andamento, lembra?

— Não estou preocupado com isso. Alguém vazou material de uma fonte sigilosa. Se o mundo fizesse algum sentido, chamaríamos Holtzman para interrogatório!

A voz de Ryan estava exaltada.

— Quer se controlar um pouco, garoto?

O vice-diretor levantou os olhos do fone, e ordenou a si mesmo para respirar fundo. Não era culpa de Holtzman, não é mesmo?

— Está certo. Já me acalmei.

— Qualquer que seja a investigação, Jack, pode estar certo de que não é do FBI.

— Sério?

— Tem minha palavra.

— Obrigado, Dan.

Ryan acalmou-se ainda mais. Se não era o FBI, se não era a sua própria segurança interna, então era bem provável que parte da história não *passasse de ficção*.

— Quem poderia ter vazado? Jack soltou uma risada.

— Quem poderia ser? Dez ou quinze pessoas no Capitólio. Talvez cinco na Casa Branca, vinte... talvez quarenta aqui.

— Portanto, a outra parte pode ser apenas uma camuflagem, ou alguém que quer acertar contas. — Murray não falou como uma pergunta. Calculava que um terço dos vazamentos para a imprensa visavam a descarregar ressentimentos, de um jeito ou de outro. — A fonte é sensível?

— Já esqueceu que este telefone não é tão seguro assim?

— Entendido. Posso entrar em contato com Holtzman, de maneira discreta e informal. Ele é um bom sujeito, responsável, um autêntico profissional. Podemos ter uma conversa extra-oficial, informá-lo que talvez esteja pondo em risco pessoas e métodos.

— Tenho de pedir autorização a Marcus para isso.

— E eu tenho de falar com Bill, mas estou certo de que ele vai concordar.

— E eu conversarei com meu diretor. Voltaremos a nos falar. — Ryan desligou e foi para a sala do diretor.

— Já li a notícia — disse Cabot.

— O FBI não tem conhecimento dessa investigação, nem o nosso pessoal. Pelo que podemos presumir, a parte escandalosa da história é pura invenção, mas alguém vazou informações de Vela, e esse tipo de coisa pode provocar a morte de agentes.

— O que você sugere, Jack?

— Dan Murray e eu podemos procurar Holtzman, informalmente, e explicar que está pisando num terreno muito delicado. E pedimos a ele para se retratar.

— Pedir?

— Pedir. Não se dá ordens a repórteres. Isto é, a não ser que se pague os seus salários. Nunca fiz algo assim, mas Dan já fez. A idéia

foi dele.

— Tenho de consultar os escalões superiores — murmurou Marcus.

— Mas que droga, Marcus! Nós somos os escalões superiores!

— Um contato com a imprensa... isso tem de ser decidido em outra parte. — Muito bem... entre em seu carro, vá até lá e trate de pedir direitinho! Ryan virou-se e saiu da sala, furioso, antes que Cabot tivesse tempo de corar pelo insulto.

Ao percorrer os poucos metros de volta à sua sala, Jack sentiu que suas mãos tremiam. *Será que ele não pode me apoiar em coisa alguma?* Nada dava certo ultimamente. Jack bateu com o punho em sua mesa, e a dor fez com que recuperasse o controle. A pequena operação de Clark parecia seguir no rumo certo. Já era alguma coisa, e uma coisa era melhor do que nada.

Mas não muito. Jack olhou para a fotografia da esposa e filhos.

— Merda! — murmurou ele.

Não conseguia fazer com que Cabot o apoiasse em qualquer coisa, tornara-se um péssimo pai para os filhos, e sem dúvida não era grande coisa como marido ultimamente.

Liz Elliot leu a matéria na primeira página com a maior satisfação. Holtzman escrevera exatamente o que ela esperava. Era muito fácil manipular os repórteres. O que abria todo um mundo novo para ela, como descobria agora, com algum atraso. Com Marcus Cabot sendo tão fraco, e sem ninguém dentro da burocracia da CIA para apoiá-lo, ela teria também o controle efetivo da Agência. Não seria alguma coisa?

Afastar Ryan de seu cargo era agora mais do que um mero exercício de rancor, por mais desejável e simples que esse motivo pudesse ser. Ryan era o homem que dizia não a alguns pedidos da Casa Branca, que de vez em quando ia direto ao Congresso para tratar de questões internas... que a impedia de ter um contato mais estreito com a Agência. Com Ryan fora do caminho, ela poderia dar ordens — disfarçadas como "sugestões" — a Cabot, que as cumpriria com uma total ausência de resistência. Dennis Bunker ainda teria o Departamento de Defesa e seu estúpido time de futebol americano.

Brent Talbot teria o Departamento de Estado. Elizabeth Elliot teria o controle de todo o sistema de segurança nacional... porque também tinha o ouvido e todas as outras partes do presidente. O telefone tocou.

— O diretor Cabot está aqui.

— Mande-o entrar.

Liz levantou-se e foi até a porta.

— Bom dia, Marcus.

— Olá, doutora Elliot.

— O que o traz até aqui? — perguntou Liz, acenando para o sofá.

— Esta matéria de jornal.

— Já li — disse a assessora de segurança nacional.

— Quem vazou isto pode ter posto em risco uma fonte valiosa.

— Sei disso. Alguém do seu lado? Não estão efetuando uma investigação interna?

— Não.

— É mesmo? — A dra. Elliot recostou-se, mexendo em sua gravata azul de seda. — Quem poderá ser então?

— Não sabemos, Liz.

Cabot parecia ainda mais contrafeito do que ela esperara. Talvez, refletiu Liz, satisfeita, ele pensasse que era o alvo da investigação.

— Queremos conversar com Holtzman — acrescentou o diretor da CIA.

— Como assim?

— Nós e o FBI devemos falar com ele, informalmente, é claro, para fazê-lo saber que pode estar fazendo algo irresponsável.

— Quem teve essa idéia, Marcus?

— Ryan e Murray.

— É mesmo? — Ela fez uma pausa, como se considerasse a questão. — Não creio que seja uma boa idéia. Sabe como são os repórteres. Se quer persuadi-los de alguma coisa, deve fazê-lo de forma apropriada. Hum... posso cuidar do assunto, se você quiser.

— O problema é mesmo sério. Vela é muito valioso para nós. Cabot tendia a se repetir, quando ficava excitado.



— Sei disso. Ryan foi bastante incisivo em seu relatório, quando você estava doente. Ainda não confirmaram as informações?

Cabot balançou a cabeça.

— Não. Jack foi à Inglaterra para pedir aos britânicos que verificassem a situação, mas não esperamos nada por algum tempo.

— O que quer que eu diga a Holtzman?

— Diga a ele que talvez esteja pondo em risco uma fonte da maior importância. O homem pode morrer por causa de uma notícia assim, e as conseqüências políticas seriam de extrema gravidade.

— Tem razão, pode ter efeitos políticos indesejáveis na situação política deles, não é mesmo?

— Se Vela está certo, eles se encontram num tremendo turbilhão político. Revelar que sabemos o que sabemos pode se tornar um risco para ele. Não se esqueça de que...

Elliot interrompeu-o:

— Esse Kadishev é nossa principal posição alternativa. Se ele for "queimado", talvez não tenhamos uma posição alternativa. Foi bastante claro, Marcus. Obrigada. Cuidarei do problema pessoalmente.

— Isso deve ser suficiente — murmurou Cabot, depois de um momento de hesitação.

— Ótimo. Mais alguma coisa que eu precise saber esta manhã?

— Não. Só vim para tratar desse problema.

— Acho que é tempo de lhe mostrar uma coisa. Algo em que temos trabalhado por aqui. Muito sensível.

Marcus entendeu o recado e indagou, cauteloso:

— O que é?

— É absolutamente confidencial. — Elliot pegou um envelope pardo grande em sua mesa. — Absolutamente, Marcus. Não sai deste prédio, certo?

— Certo.

O diretor da CIA já sentia o maior interesse. Liz abriu o envelope e estendeu algumas fotografias. Cabot examinou-as.

— Quem é a mulher?

— Carol Zimmer. É viúva de um sargento da força aérea que morreu em algum acidente.

Elliot forneceu alguns detalhes adicionais.

— Ryan metido numa aventura extraconjugal? É difícil de acreditar.

— Alguma possibilidade de que possamos obter mais informações dentro da Agência?

— Se quer saber se podemos investigar por lá sem que ele saiba, eu diria que é praticamente impossível. — Cabot sacudiu a cabeça. — Não há jeito de arrancar qualquer coisa de seus dois seguranças, Clark e Chavez. São muito ligados. Grandes amigos.

— Ryan é amigo de seus seguranças? Fala sério?

Elliot estava surpresa. Era como alguém se mostrar solícito com os móveis.

— Clark é um veterano agente de campo. Chavez é um garoto, trabalhando como segurança enquanto termina o curso universitário, ansioso em se tornar um agente de campo. Já vi as fichas. Clark se aposentará dentro de poucos anos, e mantê-lo como segurança é uma questão de decência. Cumpriu algumas missões muito interessantes. Um bom agente, um bom agente.

Elliot não gostava disso, mas pelo que Cabot dizia, parecia que não se podia evitar.

— Queremos que Ryan seja afastado.

— Não será fácil. Gostam muito dele no Capitólio.

— Basta dizer que ele é insubordinado.

— Não vão aceitar no Capitólio. E você sabe disso. Se quer que ele seja despedido, o presidente tem de pedir sua renúncia.

Mas isso também não seria aceito no Capitólio, pensou Liz, e parecia evidente que Marcus Cabot não seria de grande ajuda. Mas nem ela esperava que fosse. Cabot era mole demais.

— Podemos cuidar de tudo por aqui, se você quiser.

— Provavelmente é uma boa idéia. Se souberem em Langley que tive qualquer participação, pode parecer que foi rancor. Não posso aceitar isso. Não seria bom para o moral.

— Está bem. — Liz levantou-se, no que foi imitada por Cabot. — Obrigada por ter vindo.

Dois minutos depois ela estava de volta à sua cadeira, apoiando os pés numa gaveta aberta. Aquela parte corria muito bem.

Exatamente como planejara. *Estou ficando boa nisso...*

— E então?

— Isto foi publicado num jornal de Washington hoje — disse Golovko. Eram sete horas da noite em Moscou, sob um céu escuro, fazia um frio como só existe em Moscou. E o fato de ter de relatar uma notícia que saíra num jornal americano não contribuía em nada para aquecer a noite.

Andrei Il'ych Narmonov pegou a tradução entregue pelo primeiro vice-presidente do KGB e leu a notícia. Ao terminar, ele largou as duas páginas m cima da mesa, desdenhoso.

— O que significa essa porcaria?

— Holtzman é um repórter de Washington muito importante. Tem acesso aos altos escalões da administração Fowler.

— E provavelmente escreve muita ficção, assim como nossos repórteres.

— Achamos que não. Em nossa opinião, o tom da matéria indica que ele recebeu informações de alguém na Casa Branca.

— É mesmo? — Narmonov tirou um lenço do bolso e assoou o nariz, amaldiçoando o resfriado causado pela súbita mudança de tempo. Se havia alguma coisa para a qual não tinha tempo agora era uma doença, por mais insignificante que fosse. — Ora, não acredito, falei com Fowler pessoalmente sobre as dificuldades na destruição dos mísseis, e esse disparate político não passa disso. Sabe que tive de dar um jeito nos exaltados de uniforme... os idiotas se excederam na região báltica. E o mesmo acontece com os americanos. E incrível para mim que eles levem essas bobagens a sério. Tenho certeza de que seus serviços de informações estão lhes dizendo a verdade... e a verdade é o que comuniquei a Fowler pessoalmente!

— Camarada presidente... — Golovko fez uma pausa. *Camarada* era um hábito difícil de romper. — Assim como temos elementos políticos que desconfiam dos americanos, eles também têm elementos que continuam a odiar e desconfiar de nós. As mudanças entre nós ocorreram muito depressa. Depressa demais para que muitos fossem capazes de assimilar. Acho que é plausível que possa haver dirigentes políticos americanos que acreditam nessa história.

— Fowler é vaidoso, muito mais fraco como um homem do que gostaria que as pessoas soubessem, pessoalmente inseguro... mas não é um idiota, e apenas um idiota acreditaria nisso, ainda mais depois de se encontrar e conversar comigo.

Narmonov devolveu a tradução a Golovko.

— Meus analistas pensam de maneira diferente. Achamos que é possível que os americanos realmente acreditem nisso.

— Agradeço a opinião deles, mas eu discordo.

— Se os americanos receberam um informe dizendo isso, significa que contam com um espião dentro de nosso governo.

— Não tenho a menor dúvida de que eles contam com gente assim... afinal, nós também não contamos?... mas não creio neste caso. O motivo é simples: nenhum espião poderia informar algo que eu não disse, correto? E eu não falei isso a ninguém. Não é verdade. O que você faz com um espião que mente para nós?

— Não é algo que nos agrade, meu presidente.

— E sem dúvida a mesma coisa se aplica aos americanos. — Narmonov fez uma pausa, depois sorriu. — Sabe o que poderia ser?

— Estamos sempre abertos a idéias.

— Pense como um político. Pode muito bem ser o sinal de uma luta pelo poder no governo americano. Nosso envolvimento seria então apenas incidental. Golovko pensou a respeito por um momento.

— Soubemos que há uma disputa... que Ryan, o vice-diretor da CIA, não é apreciado por Fowler...

— Ryan... ah, sim, lembro dele. Um adversário valoroso, Sergei Nikolaievich?

— É, sim.

— E honrado. Ele me deu sua palavra uma ocasião, e a manteve. — *Algo que um político jamais esqueceria*, pensou Golovko.

— Por que não estão satisfeitos com ele? — perguntou Narmonov.

— Parece que há um conflito de personalidades.

— Dá para acreditar. Fowler e sua vaidade. — Narmonov levantou os braços. — *Aí está*. Eu não daria um bom analista de

informações?

— O melhor — respondeu Golovko.

Ele não podia deixar de concordar, é claro. Além do mais, seu presidente dissera algo que os analistas não haviam examinado com o devido cuidado. Ele deixou a reunião com seu chefe de Estado com uma expressão perturbada. A deserção de Gerasimov, presidente do KGB, alguns anos antes — uma operação engendrada pelo próprio Ryan, se Golovko interpretava as indicações da maneira correta —, inevitavelmente prejudicara as operações do KGB no exterior. Seis redes completas nos Estados Unidos haviam sido desbaratadas, e mais oito na Europa Ocidental. Só agora as redes de substituição começavam a tomar seus lugares. Isso deixava grandes furos na capacidade do KGB de se infiltrar nas operações do governo americano. A única boa notícia era o fato de que estavam interceptando uma parcela das comunicações diplomáticas e militares americanas... até quatro ou cinco por cento, num mês favorável. Mas romper códigos não era um substituto à altura de agentes de infiltração. Havia algo muito estranho acontecendo. Golovko não sabia o que era. Talvez seu presidente estivesse certo. Talvez o caso fosse apenas de ondulações de uma luta interna de poder. Mas podia também ser outra coisa. E o fato de Golovko não saber o que era só agravava a situação.

— Consegui voltar a tempo — disse Clark. — Fizeram a varredura no carro hoje?

— Se é quarta-feira... — murmurou Jack.

Toda semana seu carro oficial era examinado, à procura de possíveis microfones ocultos.

— Podemos falar então?

— Claro.

— Chavez estava certo. É fácil, apenas uma questão de pôr uma generosa "mordida" na mão da pessoa certa. O homem regular da manutenção ficara doente no dia, nós dois seremos escolhidos para atender ao 747. Terei de bancar a criada, lavar as pias e latrinas, reabastecer o bar, essas coisas. Encontrará a avaliação

oficial em sua mesa amanhã, mas a versão resumida e que podemos fazer, e a probabilidade de descoberta é mínima.

— Sabe qual é o outro lado?

— Sei, sim. Grande Incidente Internacional. Eu teria uma aposentadoria antes do tempo. O que não seria um problema, Jack. Posso me aposentar no momento em que quiser. Mas seria lamentável para Ding. O garoto é muito promissor.

— E se você for descoberto?

— Digo no meu melhor espanhol que um repórter japonês me pediu para fazer isso, pagando uma porção de pesos. É essa a isca, Jack. Eles não vão se preocupar muito se pensarem que foi um dos seus. Seria embaraçoso, e tudo o mais.

— Você é um filho da puta insidioso e sorrateiro, John.

— Só quero servir a meu país, senhor. Ele desatou a rir. Alguns minutos depois, deixou a estrada principal. — Espero não estarmos atrasados.

— Demorei demais no escritório.

— Vi aquela matéria que saiu hoje no jornal. O que vamos fazer?

— A Casa Branca falará com Holtzman, pedindo-lhe que pare.

— Alguém está mergulhando a pena no tinteiro da companhia?

— Não, ao que sabemos. E o mesmo acontece no FBI.

— Camuflagem para a história real?

— E o que parece.

— Mas que merda! — murmurou Clark, ao entrar no estacionamento. Carol estava em casa, arrumando as coisas, depois do jantar. A árvore de

Natal da família Zimmer já fora armada. Clark começou a transportar os presentes. Jack comprara alguns na Inglaterra; Clark e Nancy Cummings ajudaram a embrulhá-los... Ryan não tinha o menor jeito para essas coisas. Infelizmente, entraram na casa a tempo de ouvir uma criança chorando.

— Não é nada demais, doutor Ryan — informou um dos garotos, na cozinha. — Jackie sofreu um pequeno acidente. Mamãe está no banheiro.

— Obrigado.

Jack encaminhou-se para o banheiro, tomando o cuidado de anunciar sua presença.

— Pode entrar — disse Carol.

Jack viu Carol debruçada sobre a banheira. Jacqueline chorava no tom monótono de uma criança que sabe que fez algo errado. Havia uma pilha de roupas de criança no chão de ladrilhos, e o ar recendia a flores esmagadas.

— O que aconteceu?

— Jackie achou que meu perfume era igual a seu perfume de brinquedo, despejou o vidro inteiro.

Carol virou a cabeça para fitá-lo. Ryan pegou a blusa da menina.

— Não é brincadeira.

— O vidro inteiro... de um perfume caro! Menina má!

O choro de Jacqueline aumentou de intensidade. Ela já devia ter levado umas palmadas. Ryan sentiu-se feliz por não ter chegado a tempo de testemunhar a surra. Disciplinava seus filhos, quando necessário, mas não gostava de ver outras crianças apanhando. Era um dos pontos fracos em seu caráter. Mesmo depois que Carol tirou a criança da banheira, o cheiro ainda não desaparecera.

— Puxa, como é forte! — comentou Jack.

Ele pegou Jackie no colo, mas nem assim a menina parou de chorar.

— Oitenta dólares! — exclamou Carol, mas só que agora sua raiva já se desvanecera. Tinha muita experiência com crianças, e sabia que as travessuras eram inevitáveis.

Jack levou a menina para a sala de estar. A atitude dela mudou quando viu a pilha de presentes.

— Você é bom demais — disse Carol.

— Ora, não é nada. Acontece apenas que saí hoje para fazer algumas compras, entende?

— Não veio aqui para o Natal, tem sua própria família.

— E verdade, Carol, mas não podia passar o Natal sem visitá-la. Clark entrou com uma última pilha. Eram os presentes dele, Jack constatou.

Um bom homem, o Clark.

— Não temos nada para você — disse Carol Zimmer.

— Claro que têm. Jackie já me deu um bom abraço.

— E o meu? — perguntou John.

Jack entregou a menina a ele. Era engraçado. Não eram poucos os homens que se sentiam cautelosos na presença de John Clark, só por sua aparência, mas as crianças Zimmer o consideravam como se fosse um enorme urso de pelúcia. Eles foram embora poucos minutos depois.

— Foi muita gentileza sua fazer isso, John — comentou Ryan, quando já se encontravam no carro.

— Não foi grande coisa. Pode imaginar como me diverti comprando coisas para as crianças? Quem pode gostar de comprar um sutiã de Bali para uma garota... foi o que Maggie pediu, incluiu na sua lista... um sutiã sensual, pelo amor de Deus! Como um pai pode entrar numa loja de departamentos e comprar uma coisa dessas para sua própria filha?

— Elas ficam um pouco crescidas para bonecas Barbie.

— Mas é uma pena, Doc, é uma pena! Jack virou-se para fitá-lo, rindo.

— Esse *sutiã*...

— E isso mesmo que você está pensando, Jack. Se algum dia eu descobrir, o garoto vai virar picadinho...

Ryan teve de rir, e sabia que podia se dar ao luxo de rir. Sua filha ainda não saía com rapazes. Seria difícil observá-la sair com um namorado, além de seu alcance protetor. Mais difícil ainda para um homem como John Clark.

— A mesma hora de sempre amanhã?

— Claro.

— Até amanhã, Doc.

Ryan entrou em sua casa quando faltavam cinco minutos para nove horas. Seu jantar se encontrava no lugar de sempre. Ele serviu-se do copo de vinho habitual, tomou um gole, tirou o sobretudo e pendurou no armário, antes de subir para trocar de roupa. Deparou com Cathy seguindo na direção oposta, e sorriu para ela. Não a beijou. Sentia-se cansado demais. Era esse o seu



problema. Se ao menos pudesse relaxar um pouco... Clark tinha razão,

apenas alguns dias para se descontraír. Isso era tudo o que precisava, Jack disse a si mesmo, enquanto trocava de roupa.

Cathy abriu a porta do armário para pegar algumas fichas médicas que deixara em seu casaco. Já estava se virando quando notou alguma coisa, não sabia direito o quê. Cathy Ryan inclinou-se para o armário, perplexa, antes de perceber o que era. Onde? Seu nariz farejou à direita e esquerda, de uma maneira que poderia parecer cômica, exceto pela expressão em seu rosto quando descobriu. O sobretudo de Jack, o mais caro, que lhe dera de presente no ano passado.

Não era o perfume que ela usava.

## INTEGRAÇÃO

A montagem começara com a aquisição de instrumentos adicionais. Um dia inteiro foi consumido a ajustar um pesado bloco de urânio gasto na extremidade interna do invólucro.

— E um trabalho tedioso, eu sei — explicou Fromm, quase como se pedisse desculpas. — Na América e em outros lugares, há moldes especiais, ferramentas projetadas para esse propósito específico, as pessoas montam várias armas individuais com o mesmo projeto, existem todas as vantagens com que nós não contamos.

— E aqui tudo deve ser igualmente meticuloso, comandante — acrescentou Ghosn.

— Meu jovem amigo está correto. A física é a mesma para todos nós.

— Então não deixe que nós o atrapalhem — disse Qati.

Fromm voltou ao trabalho no mesmo instante. Parte dele já contava o dinheiro que receberia, mas acima de tudo se preocupava com o trabalho imediato. Apenas a metade dos operadores trabalhara no pacote físico da bomba. O resto se ocupara inteiramente com a fabricação de outros acessórios, a maioria dos quais podia ser chamada de cavaletes. Serviriam para manter os componentes da bomba em seus lugares, e eram feitos principalmente de aço inoxidável, pois precisavam ser resistentes e compactos. Cada um foi posto no lugar de acordo com uma seqüência precisa, já que a bomba era mais complexa do que a maioria das máquinas, e exigia uma montagem segundo um conjunto rigoroso de instruções. Neste ponto, mais uma vez, o projeto foi facilitado pela qualidade do projeto e a precisão das máquinas operatrizes. Até os operadores ficaram espantados com a constatação de que todas as peças se ajustavam, e comentaram entre si que Fromm podia ser qualquer coisa — e sobre esse assunto

as especulações eram variadas e pitorescas — mas também não se podia negar que era um projetista de competência inumana. A parte mais difícil foi instalar os diversos blocos de urano. A colocação dos materiais mais leves e mais maleáveis foi muito mais fácil.

— E o procedimento para a transferência do trítio? — perguntou Ghosn

— Deixaremos por último, é claro — respondeu Fromm, recuando depois de conferir uma medição.

— Basta aquecer a bateria para liberar o gás, correto?

— Isso mesmo — confirmou Fromm, com um aceno de cabeça.

— Mas... não, não, não assim!

— O que eu fiz de errado?

— Isto deve ser torcido — disse Fromm ao operador, adiantando-se para fazer uma demonstração. — Deste jeito, entende?

— Obrigado.

— Os refletores elípticos pairam aqui...

— Obrigado. Já sei como se faz.

— Ainda bem.

Fromm acenou para Ghosn.

— Venha até aqui. Percebe agora como funciona? — Fromm apontou para as duas séries de superfícies elípticas que se ajustavam uma depois da outra, num total de dezenove, cada uma feita de um material diferente. — A energia da primária atinge a primeira série destas superfícies, destruindo uma de cada vez, mas no processo...

— Já entendi. E sempre mais fácil compreender o modelo físico do que absorver a noção através das plantas.

Aquela parte da arma derivava sua utilidade do fato de que as ondas de luz não têm massa, mas possuem momento. Não eram absolutamente ondas de "luz", no sentido técnico, mas como a energia era toda sob a forma de fótons, o mesmo princípio se aplicava. A energia imolaria as superfícies elípticas, mas no processo cada superfície transferiria uma porcentagem pequena mas confiável da energia em outra direção, aumentando a energia já direcionada nesse sentido pela própria primária.

— Seu cálculo de energia é exagerado, Herr Fromm — comentou Ghosn, não pela primeira vez.

O alemão deu de ombros.

— Deve ser mesmo. Se não podemos testar, temos de reforçar a parte mecânica. A primeira bomba americana... a que foi usada em Hiroxima... era um projeto não testado. Foi um desperdício de materiais e extremamente ineficiente, mas reforçada na parte mecânica. E funcionou. Com um programa de testes adequado...

Com um programa de testes adequado, ele poderia medir os efeitos empíricos, determinar o desempenho exato de cada componente, melhorar os que precisavam de melhoria, e reduzir o tamanho dos que eram grandes ou maciços demais para a tarefa, como fizeram os americanos, russos, britânicos e franceses, ao longo de décadas, refinando constantemente seus projetos, tornando-os mais e mais eficientes, e por causa disso menores, mais leves, mais simples, mais confiáveis, menos dispendiosos. A bomba era a suprema disciplina da engenharia, pensou Fromm, e ele sentia-se profundamente grato pela oportunidade de experimentar sua fabricação. O projeto era tosco e pesado, não chegava a ser uma obra-prima. Funcionaria — quanto a isso, ele tinha certeza —, mas se dispusesse de tempo poderia fazer algo muito melhor...

— Eu compreendo. Mas tenho certeza de que um homem de sua competência poderia reduzir esta unidade ao tamanho de um balde.

Era um enorme elogio.

— Obrigado, Herr Ghosn. Provavelmente não tão pequena assim, mas bastante pequena para ajustar no nariz de um foguete.

— Se nossos irmãos iraquianos contassem com mais tempo...

— Tem razão. Israel não mais existiria. Mas eles foram tolos, não é mesmo?

— Foram impacientes — disse Ibrahim, censurando-os silenciosamente por isso.

— É preciso ser frio e objetivo nessas coisas. Tais decisões devem ser tomadas com base na lógica, não na emoção.

— Concordo.

Achmed sentia-se muito mal. Desculpou-se e tirou uma licença, foi procurar o médico do comandante, por ordem do próprio Qati. Achmed tinha pouca experiência com médicos. Em sua opinião, era algo que devia ser evitado, se possível. Já participara de ações de combate, testemunhara a morte e ferimentos, mas nunca em si mesmo. Mas mesmo isso seria preferível à situação em que se encontrava no momento. Dava para entender o ferimento de uma bala ou granada, mas o que o deixara doente de uma forma tão rápida e inesperada?

O médico escutou a descrição de seus sintomas, fez algumas perguntas que nada tinham de tolas, e comentou que Achmed era um fumante — o que valeu um balanço de cabeça e uma risada do guerrilheiro, como se o cigarro nada tivesse a ver com o estado em que se encontrava. Isso era um absurdo, pensou Achmed. Afinal, ele corria seis quilômetros por dia... isto é, corria até bem pouco tempo atrás.

O exame físico foi realizado em seguida. O médico encostou um estetoscópio em seu peito e escutou. No mesmo instante, Achmed notou, os olhos do médico se tornaram cautelosos, de uma maneira não muito diferente de um bravo guerreiro que não queria deixar transparecer seus sentimentos.

— Inspire — ordenou o médico, sendo obedecido por Achmed.

— Agora, expire devagar.

O estetoscópio mudou de posição.

— Outra vez, por favor.

O procedimento foi repetido mais seis vezes, na frente e nas costas.

— O que eu tenho? — perguntou Achmed, ao final do exame.

— Não sei. Quero que procure alguém que compreenda melhor os problemas de pulmão.

— Não tenho tempo para isso.

— Então terá de encontrar. Falarei com o comandante, se for necessário. Achmed fez um esforço para não resmungar em protesto.

— Está bem.

\* \* \*

Era uma indicação da situação de Ryan o fato de sentir-se grato pela pouca atenção que a esposa vinha lhe dispensando. Ajudava. Afastava um pouco da pressão. Talvez Cathy compreendesse que ele precisava apenas ser deixado em paz por algum tempo. Haveria de compensá-la Jack prometeu a si mesmo. Faria isso com certeza, assim que tudo voltasse ao controle. Não tinha a menor dúvida quanto a isso, ou pelo menos dizia a si mesmo que não tinha, embora uma parte distante de sua mente não se sentisse tão certa e anunciasse o fato a uma consciência que preferia não escutar. Tentou reduzir a bebida, mas podia agora, ele refletiu, com a redução das exigências, tentar dormir mais um pouco, e o vinho o ajudava a dormir. Na primavera, quando o tempo esquentasse, passaria a manter uma rotina mais saudável. Era isso. Começaria a correr. Tiraria uma folga no trabalho, sairia na hora do almoço com o resto da turma do exercício, correria pelo perímetro interno da CIA. Clark seria um bom treinador. O homem parecia um rochedo. Melhor ele do que Chavez, que tinha uma forma física repulsivamente excepcional e se mostrava contrariado com os que não mantinham tão boas condições... sem dúvida uma herança do tempo que ele passara na infantaria, pensava Ryan. Ding aprenderia ao se aproximar da casa dos trinta anos. Esse número servia para regular, era o momento em que se deixava de ser jovem e se tornava necessário enfrentar o fato de que tudo tinha limites.

O Natal poderia ter sido melhor, ele pensou, sentado à sua mesa, no escritório. Mas caíra no meio da semana, o que significava que as crianças tiveram férias por duas semanas inteiras. Também significava que Cathy precisava faltar ao trabalho, o que sempre era difícil para ela. Gostava de seu trabalho, e por mais que amasse as crianças e fosse uma excelente mãe, sempre se ressentia do tempo ausente do Hopkins e seus pacientes. Em termos estritos, não era justo com ela, admitiu Jack para si mesmo. Cathy também era uma profissional, e das melhores, mas isso não evitava que estivesse sempre atrapalhada nos cuidados com as crianças, enquanto ele nunca tirava uma folga de seu trabalho para isso. Mas havia milhares

de cirurgias oftalmológicas, até mesmo umas poucas centenas de professores de cirurgia oftalmológica, mas apenas um vice-diretor da CIA. Talvez não fosse justo, mas era um fato.

E seria muito melhor se ele pudesse fazer alguma coisa, pensou Ryan. Deixar Elizabeth Elliot cuidar daquele repórter desgraçado fora um erro. Não que ele esperasse muito mais de Marcus Cabot. O homem era um preguiçoso. E ponto final. Gostava do prestígio que acompanhava seu cargo, mas não fazia coisa alguma. Ryan assumia a maior parte do trabalho, nada do crédito, e toda a culpa. Talvez isso mudasse. Ele tinha a operação mexicana sob seu controle exclusivo, e haveria de exigir o crédito por isso. Talvez as coisas melhorassem. Ele pegou a pasta da operação e decidiu repassar cada detalhe, conferir todas as contingências possíveis. Aquela operação daria certo, faria com que os escrotos da Casa Branca o respeitassem.

\* \* \*

— Vá para o seu quarto! — gritou Cathy para o pequeno Jack.

Era ao mesmo tempo uma ordem e uma admissão de fracasso. Depois ela saiu da sala, com lágrimas nos olhos. Comportava-se de maneira estúpida, brigando com as crianças, quando deveria confrontar o marido. Mas *como?* O que poderia dizer? E se... e se fosse verdade? O que faria então? Ela insistia em dizer a si mesma que não podia ser verdade, mas era difícil demais acreditar nessa possibilidade. De que outra forma explicar? Jack nunca fracassara em coisa alguma em sua vida. Cathy lembrava com orgulho o fato de que ele arriscara a vida por ela e as crianças. Ficara apavorada, a respiração congelada na garganta, caminhando pela praia, observando-o avançar para os homens armados, com a vida dele e a de outros em jogo. Como um homem que fizera isso podia trair sua esposa? Não fazia sentido.

Mas que outra explicação havia? Será que ele não a achava mais excitante? Se assim fosse, por que não? Ela não era bastante bonita? Não fazia tudo — e mais até — que uma esposa podia fazer? A mera rejeição já era terrível demais, mas ser posta de lado, saber

que a energia e vigor do marido serviam a outra mulher, desconhecida, que usava um perfume ordinário, era mais do que ela podia suportar.

Precisava confrontá-lo, esclarecer tudo, descobrir o que estava acontecendo.

Como?, ela perguntou a si mesma. Era esse o problema. Poderia conversar com alguém no Hopkins... talvez um psiquiatra? Obter um conselho profissional...?

E correr o risco de que o assunto vazasse, arriscar-se à vergonha de que todos soubessem? Caroline Ryan, professora, a bela e brilhante Cathy Ryan não é sequer capaz de segurar o próprio marido? O que acham que ela fez de errado?, indagariam os amigos, quando não estivesse presente. Todos concluiriam, com certeza, que a culpa não era dela, mas logo fariam uma pausa, embaraçados, e depois de um momento especulariam se ela não poderia ter se comportado de uma maneira diferente, por que não percebera os sinais, já que o fracasso de um casamento, no final das contas, quase nunca era culpa apenas de um parceiro, e Jack não era do tipo conquistador, não é mesmo? O constrangimento seria pior do que qualquer outra coisa em sua vida, ela pensou, esquecendo no momento as ocasiões em que fora muito pior.

Não fazia qualquer sentido. Mas ela não sabia o que fazer a respeito, embora ao mesmo tempo soubesse que não fazer nada era provavelmente o pior de tudo. Seria uma armadilha? Será que ela tinha alguma opção?

— Qual é o problema, mamãe? — perguntou Sally, com uma Barbie nas mãos.

— Nada, querida. Apenas deixe mamãe em paz por um momento, está bem?

— Jack diz que está arrependido, e quer saber se já pode sair do quarto.

— Pode!

Sally saiu correndo para avisar ao irmão. Seria tão simples? Podia perdoá-lo por quase tudo. Seria capaz de perdoá-lo por aquilo? Não porque quisesse perdoá-lo. Porque havia mais do que apenas seu orgulho envolvido. Havia também as crianças, e as



crianças precisavam de um pai, mesmo que negligente. Seu orgulho era mais importante do que as necessidades das crianças? O outro lado da questão... que tipo de família eles teriam se papai e mamãe não se dessem bem? Isso não era ainda mais destrutivo? E, afinal, ela sempre poderia encontrar...

... outro Jack?

Cathy recomeçou a chorar. Chorou por si mesma, por sua incapacidade de tomar uma decisão, pela injúria a seu caráter. Era o tipo de choro que não contribuía em nada para resolver o problema; ao contrário, só servia para agravá-lo. Uma parte queria que ele fosse embora. Outra parte queria-o de volta. E nenhuma das partes sabia o que fazer.

— Deve compreender que isso é absolutamente confidencial — declarou o investigador.

O homem à sua frente era baixo e gorducho, as mãos rosadas e macias. O bigode à Bismarck era obviamente uma tentativa de parecer mais viril. Na verdade, ele não impressionava muito, até que se observava melhor o seu rosto. Aqueles olhos escuros não deixavam escapar coisa alguma.

— Os médicos estão acostumados a assuntos confidenciais — respondeu Bernie Katz, devolvendo o documento de identidade. — Mas peço que seja rápido. Tenho de fazer uma ronda dentro de vinte minutos.

O investigador achava que sua missão tinha uma certa elegância, embora não estivesse muito convencido se a aprovava. O problema era que ter relações extraconjugais não chegava a ser um crime, embora costumasse desqualificar um homem para os cargos de segurança máxima. Afinal, se um homem podia violar uma promessa feita na igreja, então por que não violaria também outra feita apenas de papel?

Bernie Katz inclinou-se para trás, esperando com toda a paciência de que era capaz, e que não era muita. Era um cirurgião, acostumado a fazer coisas e tomar decisões, não esperar por outros. Uma das mãos cofiava o bigode, enquanto ele se balançava na cadeira.

— Conhece bem a doutora Caroline Ryan?

— Cathy? Trabalhamos juntos, de forma intermitente, há onze anos.

— O que pode me dizer a respeito dela?

— E uma brilhante cirurgia, em termos técnicos, com um julgamento excepcional, uma habilidade extraordinária. É uma das melhores instrutoras na equipe. E também uma boa amiga. Qual é o problema?

Os olhos de Katz, fixos no visitante, se contraíram.

— Desculpe, mas sou eu quem faz as perguntas.

— Estou vendo. Continue.

Katz falou com frieza, examinando o homem, atento à linguagem do corpo, expressão, atitude. Não gostava do que via.

— Ela fez comentários ultimamente... sobre problemas em casa, esse tipo de coisa?

— Espero que compreenda que sou um médico, e que não sou obrigado a revelar as coisas que me dizem.

— Cathy Ryan é sua paciente?

— Já a examinei no passado. Todos fazemos isso aqui.

— É um psiquiatra?

Katz quase berrou uma resposta. Como a maioria dos cirurgiões, tinha um temperamento explosivo.

— Já conhece a resposta.

O investigador levantou os olhos de suas anotações, e disse calmamente:

— Neste caso, o privilégio não se aplica. Agora, pode responder à pergunta, por favor?

— Não.

— Não o quê?

— Não, ela não fez nenhum comentário, ao que eu saiba.

— Comentários sobre o marido, o comportamento dele, mudanças na maneira como vem agindo?

— Não. Também conheço Jack muito bem. E gosto dele. Não pode haver a menor dúvida de que é um bom marido. Possuem dois filhos maravilhosos, e você conhece a história do que lhes aconteceu há alguns anos tão bem quanto eu, não é mesmo?

— Conheço, mas também sei que as pessoas mudam.

— Não eles.

O comentário de Katz tinha o fatalismo de uma sentença de morte.

— Parece ter muita certeza.

— Sou um médico. Vivo por meu julgamento. É absurdo o que você está insinuando.

— Não estou insinuando nada — disse o investigador, sabendo que era uma mentira, e sabendo que Katz sabia que era uma mentira.

Ele julgara o homem corretamente desde o primeiro momento. Katz era arrebatado e impetuoso, alguém que não guardaria um segredo que considerasse indigno de ser mantido. E devia também ser um médico excelente.

— Volto à minha pergunta original. Caroline Ryan tem agido de maneira diferente do que acontecia um ano atrás, por exemplo?

— Ela se tornou um ano mais velha. Eles têm filhos, as crianças estão crescendo, e podem ser muito incômodas. E talvez ela tenha engordado um ou dois quilos... não é tão ruim assim, ela se esforça para permanecer esbelta... e sente-se um pouco mais cansada do que deveria estar. Precisa fazer uma longa viagem entre sua casa e o hospital, o trabalho aqui é árduo, ainda mais para uma mulher com filhos.

— Isso é tudo, em sua opinião?

— Sou um cortador de olhos, não um conselheiro matrimonial. Não é a minha área.

— Por que disse que não é um conselheiro matrimonial? Afinal, não levantei essa questão.

*Um filho da puta espertinho, hem?,* pensou Katz, coçando o bigode. *Talvez tenha um diploma de psicologia... embora seja mais provável que e um autodidata. Os policiais são muito hábeis em ler as pessoas. Mas ate a mim?*

— Problema em casa para uma pessoa casada geralmente significa problema conjugal — disse Katz, falando bem devagar. — Não, nunca houve qualquer comentário a respeito.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Está bem. Obrigado por seu tempo, doutor Katz. Desculpe tê-lo incomodado. — Ele entregou um cartão. — Se ouvir qualquer coisa a respeito, eu agradeceria se me telefonasse.

— O que está acontecendo? — indagou Katz. — Se quer minha cooperação, tem que me dar uma resposta. Não espiono pessoas por diversão.

— Doutor, o marido dela ocupa um cargo importante e muito sensível no governo. E uma rotina investigarmos pessoas nessas condições, por razões de segurança nacional. Vocês fazem a mesma coisa, mesmo que não se dêem conta. Se um cirurgião aparece com bafo de álcool, por exemplo, notam o fato e tomam as providências necessárias, não é mesmo?

— Isso jamais acontece aqui — garantiu Katz.

— Mas notariam se acontecesse.

— Pode apostar que sim.

— Fico contente em ouvir isso. Como deve saber, John Ryan tem acesso a todos os tipos de informações secretas. Seríamos irresponsáveis se não ficássemos atentos a pessoas assim. Nós precisamos... O assunto é extremamente delicado, doutor Katz.

— Eu compreendo.

— Temos indicações de que o marido da doutora Ryan pode estar agindo... de maneira irregular. E precisamos verificar. Pode entender? Não podemos ignorar.

— Certo.

— Isso é tudo o que queremos saber.

— Muito bem.

— Obrigado por sua cooperação, senhor.

O investigador apertou a mão do médico e foi embora. Katz conseguiu não corar até o homem se retirar. Na verdade, não conhecia Jack tão bem assim. Haviam se encontrado em festas, talvez cinco ou seis vezes, trocaram algumas piadas, conversaram sobre beisebol, o tempo, ou talvez as relações internacionais. Jack nunca se esquivara a uma resposta, nunca dissera *não posso discutir esse assunto*, ou qualquer coisa parecida. Um sujeito muito

simpático, pensou Bernie. Um bom pai, por tudo o que sabia. Mas não o conhecia muito bem.

Katz, no entanto, conhecia Cathy tão bem quanto qualquer outro médico. Era uma pessoa absolutamente maravilhosa. Se um de seus filhos precisasse algum dia de uma cirurgia nos olhos, ela era uma das três pessoas no mundo a quem confiaria a intervenção, e esse era o maior elogio que Katz podia prestar a alguém. Ela o ajudara em diversos procedimentos cirúrgicos, e ele sempre retribuía. Quando um dos dois precisava de conselho, sempre pedia ao outro. Eram amigos e colegas. Se algum dia resolvessem deixar a faculdade Hopkins/Wilmer, montariam um consultório juntos, porque a sociedade médica é ainda mais difícil de manter do que um bom casamento. Poderia ter casado com ela, pensou Katz, se houvesse a oportunidade. Seria uma mulher fácil de amar. E não podia deixar de ser uma boa mãe. Cathy tinha uma quantidade desproporcional de crianças como pacientes, porque em alguns casos o cirurgião precisava de mãos pequenas, e as delas eram pequenas, graciosas, e *com* uma habilidade excepcional. Ela dispensava a maior atenção a Seus pequenos pacientes. As enfermeiras do andar a adoravam por isso. Todos a adoravam, diga-se de passagem. Sua equipe cirúrgica lhe dedicava uma lealdade total. Não havia ninguém que pudesse ser melhor do que Cathy. *Problemas em casa? Jack mantendo relações extraconjugais... magoando minha amiga?*

— Aquele filho da puta imprestável...

Ele estava atrasado outra vez, pensou Cathy. Já passava das nove. Será que ele nunca podia chegar em casa numa hora razoável? E se não podia, por que não?

— Oi, Cathy — disse Jack, a caminho do quarto. — Desculpe ter chegado tão tarde.

Depois que ele subiu, Cathy foi até o armário, e abriu a porta para verificar seu casaco. Nada. Jack mandara-o para a lavanderia no dia seguinte, alegando que tinha uma mancha. E era verdade, lembrou Cathy, mas, mas, mas...

O que fazer?

Ela quase recomeçou a chorar.

Cathy voltara à sua cadeira quando Jack desceu, encaminhando-se para a cozinha. Ele não percebeu a expressão da esposa, não notou o silêncio. Cathy permaneceu em seu lugar, sem realmente ver a imagem na televisão em que seus olhos se fixavam, enquanto a mente repassava tudo, procurando por uma resposta, mas encontrando apenas mais raiva.

Precisava de um conselho. Não queria que o casamento acabasse, não é mesmo? Podia sentir o processo pelo qual a emoção e a raiva predominavam sobre a razão e o amor. Sabia que deveria se preocupar com isso, deveria resistir ao processo, mas descobria-se incapaz de fazer qualquer das duas coisas, enquanto a raiva continuava a se alimentar de si mesma. Cathy foi até a cozinha, serviu-se de um drinque.

Não tinha nenhuma operação marcada para o dia seguinte. Podia tomar um drinque. Tornou a examinar o marido, e outra vez ele não percebeu. Não a notava? E por que não a notava? Ela já aturara demais. Muito bem, o tempo que passaram na Inglaterra fora maravilhoso, ela gostara muito de ensinar no Guy's Hospital; e não prejudicara nem um pouco sua posição no Hopkins. Mas a outra parte... ele passava tanto tempo ausente! Sempre viajando para a Rússia, quando estava envolvido com o tratado de redução de armamentos, além de muitas outras coisas, bancando o espião ou algo assim, deixando-a sozinha em casa com as crianças, obrigando-a a perder horas no trabalho. Perdera dois bons procedimentos por esse motivo, quando não conseguira arrumar uma *baby sitter*, e fora obrigada a transferir para Bernie algo que ela própria deveria fazer.

E o que Jack fizera durante todo esse tempo? Ela aceitara, em uma ocasião, o fato de que nem sequer podia perguntar. Mas o que ele andara fazendo? Talvez se divertindo? Mantendo um romance com uma sensual agente em algum lugar? Como nos filmes. Lá estava ele, em algum cenário exótico num bar discreto, pouco iluminado, reunido com uma agente, e uma coisa podia levar a outra...

Cathy acomodou-se diante da tevê e tomou seu drinque. E quase cuspiu tudo. Não estava acostumada a beber *bourbon* puro.

*Tudo isso não passa de um equívoco.*

Parecia que ocorria uma guerra dentro de sua mente, as forças do bem de um lado, as forças do mal do outro... ou seriam as forças da ingenuidade e da realidade? Ela não sabia, e sentia-se transtornada demais para julgar.

Mas não importava naquela noite, não é mesmo? Estava no período menstrual, e mesmo que Jack pedisse — o que não aconteceria, ela tinha certeza —, diria que não. E por que ele pediria, se vinha obtendo em outro lugar? Por que ela deveria dizer sim, se ele tinha outra? Por que aceitar as sobras? Por que se contentar em ser a segunda?

Ela tomou outro gole do drinque, desta vez com mais cuidado. *Preciso pedir conselho, conversar com alguém. Mas quem?* Talvez Bernie, ela concluiu. Podia confiar em Bernie. Assim que voltasse ao hospital. Dentro de dois dias.

— Isso resolve as preliminares.

— Claro que sim, chefe — disse o treinador. — Como vai o Pentágono, Dennis?

— Não é tão divertido quanto o que você tem aqui, Paul.

— Não é essa a opção? Diversão ou importância?

— Todos estão bem?

— E muito bem. Nunca estivemos tão saudáveis a esta altura da temporada, e temos folga esta semana para aprimorar a forma. Quero estar preparado para enfrentar os Vikings de novo.

— É o que também espero — disse o secretário Bunker, de seu gabinete. — Acha que desta vez conseguiremos deter Tony Wills?

— Podemos tentar. O garoto não é sensacional? Eu não via uma corrida assim desde Gayle Sayers. Não será fácil contê-lo.

— Não vamos ficar pensando com tanta antecedência. Quero estar em Denver dentro de poucas semanas.

— Vamos jogar uma partida de cada vez, Dennis, e você sabe disso. Apenas ainda não sabemos contra quem vamos jogar. Eu preferia que fosse contra Los Angeles. Podemos vencê-los com maior facilidade. — O treinador pensou por um momento. — E depois, provavelmente, teremos de enfrentar Miami na decisão da divisão. Será mais difícil, mas também podemos vencer.

- Também acho.
- Preciso assistir aos filmes.
- Está certo. Mas não se esqueça... um jogo de cada vez. Só precisamos de mais três vitórias.
- Avise ao presidente para se preparar para a viagem a Denver. Estaremos lá para vê-lo. Este é o ano de San Diego. Os Chargers irão à final.

Dubinin observou a água invadir a doca, com a abertura das comportas. O *Almirante Lunin* estava pronto. O novo dispositivo de sonar se achava enrolado em seu carretel, dentro da carenagem em forma de lágrima, por cima do leme. A hélice de sete pás de manganês e bronze fora revisado e polido, o casco restaurado à sua plena integridade impermeável. Seu submarino se encontrava preparado para o mar.

Assim como a tripulação. Ele se livrara de dezoito marujos recrutados, substituindo-os por dezoito novos oficiais. A redução radical da frota soviética de submarinos eliminara uma grande quantidade de postos para oficiais. Seria um desperdício de mão-de-obra especializada devolvê-los à vida civil — e, além disso, não havia empregos suficientes para eles — e por isso haviam sido retreinados e designados para os submarinos restantes, como especialistas técnicos. Seu departamento de sonar seria agora constituído quase que totalmente por oficiais — dois *michmani* ajudariam na manutenção — e todos eram autênticos *experts*. Surpreendentemente, havia poucos protestos entre eles. O classe Akula tinha acomodações bastante confortáveis, pelos padrões dos submarinos soviéticos, mas ainda mais importante era o fato de que os novos oficiais da tripulação haviam sido informados de sua missão, e do que o barco fizera — provavelmente fizera, Dubinin se corrigiu — no cruzeiro anterior. Era o tipo de coisa que atraía o desportista que havia neles. Para o submarinista, era o supremo teste de competência. Dariam o melhor de si para alcançar um objetivo assim.

Dubinin faria a mesma coisa. Cobrando uma porção de antigas dívidas profissionais, e apoiando-se na boa vontade do Mestre



Construtor do estaleiro, ele fizera milagres durante a revisão. Todas as roupas de cama haviam sido trocadas. O submarino fora limpo com uma precisão cirúrgica, e repintado em cores brilhantes e agradáveis. Dubinin se empenhara junto ao pessoal da intendência, e conseguira os melhores alimentos que se podia encontrar. Uma tripulação bem alimentada era uma tripulação feliz, e os homens reagiam melhor a um comandante que se esforçava por eles. Era esse o sentido do novo espírito profissional na marinha soviética. Valentin Borissovich Dubinin aprendera o ofício com o melhor mestre que sua marinha já tivera, e estava determinado a se tornar o novo Marko Ramius. Tinha o melhor barco, tinha a melhor tripulação, e naquele cruzeiro fixaria o padrão para toda a frota soviética do Pacífico.

E também teria sorte, é claro.

— Esta é a parte mecânica — disse Fromm. — Daqui por diante...

— Já sei, daqui por diante estaremos montando o artefato. Vejo que modificou um pouco o projeto...?

— É verdade. Dois reservatórios de trítio. Prefiro a tubulação de injeção mais curta. Em termos mecânicos, não é diferente. O momento não é crítico e a pressurização garante que funcionará direito.

— Também facilita carregar o trítio — comentou Ghosn. — Foi por isso que você fez a modificação.

— Correto.

O interior do artefato fazia Ghosn pensar no corpo parcialmente montado de alguma aeronave alienígena. Havia a delicadeza e precisão de componentes de uma aeronave, mas a configuração era quase desconcertante. Algo de um filme de ficção científica, refletiu Ghosn, fantasiando por um breve instante... mas aquilo também era ficção científica, ou fora até bem pouco tempo atrás. A primeira dissertação pública sobre armas nucleares não fora em H. G. Wells? Não se passara tanto tempo assim.

— Comandante, fui procurar seu médico — disse Achmed, no canto oposto.

— Ainda parece doente, meu amigo — comentou Qati. — Qual é o problema?

— Ele quer que eu consulte outro médico, em Damasco.

Qati não gostou da idéia. Não gostou nem um pouco. Mas Achmed era um companheiro que há anos servia ao movimento. Como podia dizer não a alguém que salvara sua vida em duas ocasiões, uma vez até se interpondo na frente de uma bala?

— Sabe o que está acontecendo por aqui...

— Comandante, eu morreria antes de falar deste lugar. Mesmo não sabendo o que é este... este projeto, eu morreria primeiro.

Não havia como duvidar do homem, e Qati sabia o que significava estar gravemente doente numa idade jovem e saudável. Não podia negar os cuidados médicos de que Achmed precisava, enquanto ele próprio visitava um médico regularmente. Como seus homens o respeitariam se ele fizesse uma coisa dessas?

— Dois homens irão com você. Eu os escolherei.

— Obrigado, comandante. E, por favor, perdoe minha fraqueza.

— Fraqueza? — Qati pôs a mão no ombro de Achmed. — Você é o mais forte entre nós! Precisamos que volte, precisamos de você saudável! Vá amanhã mesmo.

Achmed acenou com a cabeça e foi para outro canto, embaraçado e envergonhado por sua doença. Sabia que seu comandante enfrentava a morte. Só podia ser câncer, pela frequência com que ele ia ao médico. Mas independente do que era, o comandante não permitira que o detivesse. Um ato de coragem, pensou Achmed.

— Uma pausa para a noite? — indagou Ghosn. Fromm balançou a cabeça.

— Não. Vamos trabalhar por mais uma ou duas horas, e montar a cabeça explosiva. Devemos terminar antes de ficarmos exaustos demais.

Os dois levantaram os olhos quando Qati se aproximou.

— Ainda dentro dos prazos?

— Herr Qati, o que quer que tenha em mente, estaremos prontos um dia antes. Ibrahim nos ganhou esse dia com seu trabalho nos explosivos.

O alemão suspendeu um dos pequenos blocos hexagonais. Os estopins *já* haviam sido instalados, com os fios soltos. Fromm olhou para os outros dois, depois inclinou-se, ajeitando o primeiro bloco no lugar. Conferiu se a posição era exata, depois prendeu uma etiqueta numerada no fio e puxou-o para uma bandeja de plástico, com algumas divisórias, como se fosse uma bandeja de caixa de ferramentas. Qati ligou o fio num terminal, depois de verificar três vezes se o número no fio era o mesmo do terminal. Fromm observou atentamente. O processo demorou quatro minutos. Os componentes elétricos já haviam sido testados. Não poderiam ser testados de novo. A primeira parte da bomba estava agora viva.

## FUSÃO DE DADOS

— E mesmo como eu falei, Bart — declarou Jones, durante a viagem para o aeroporto.

— Tão grave assim?

— A tripulação o odeia... e de nada adiantou o treinamento a que foram submetidos. Testemunhei tudo, não se esqueça. Estive com o pessoal do sonar, no simulador, e ele se encontrava presente. Eu não gostaria de trabalhar para um homem assim. Ele quase gritou comigo.

— E mesmo? — murmurou Mancuso, surpreso.

— Ele disse uma coisa de que não gostei... algo completamente errado... e tratei de protestar. Precisava ver sua reação. Pensei que o homem ia ter um derrame, ou algo parecido. E ele estava errado, Bart. Foi registrado na minha gravação. Ele repreendeu seu pessoal por não perceber algo que não existia, entende? Era uma das minhas fitas de armadilha, os outros compreenderam que era forjada, mas ele não percebeu e ficou furioso. O departamento de sonar do barco é muito bom. Ele não sabe como usá-lo, mas gosta de ostentar que sabe. Depois que ele se retirou, os homens desataram a falar, entende? E não são os únicos que sofrem nas mãos dele. Soube que o pessoal da casa de máquinas está quase enlouquecendo no esforço para agradar ao palhaço. É verdade que eles se destacaram num Orse?

Mancuso acenou com a cabeça, apesar de não gostar de ouvir aquilo.

— Chegaram bem perto de bater o recorde.

— Pois saiba que o sujeito não quer um recorde, quer a perfeição. Quer reformular o que já é perfeito. Posso lhe garantir uma coisa: se eu estivesse naquele barco, a primeira coisa que faria, depois do primeiro cruzeiro, seria jogar a mochila pela vigia. Preferiria *desertar* a trabalhar com um homem assim. — Jones fez

uma pausa. Fora longe demais. — Percebi o sinal que seu imediato fez, até pensei que ele poderia controlar a situação, talvez extrapolando um pouco de suas funções. Devo admitir que me enganava. É um imediato dos mais leais. Ricks odeia um de seus oficiais, o garoto que faz o rastreamento. O suboficial que está treinando o garoto... Guarda-marinha Shaw, acho que é esse o seu nome... diz que ele é muito bom, mas o comandante monta nele como se fosse um cavalo prostrado.

— Isso é ótimo. O que acha que devo fazer?

— Não tenho a menor idéia, Bart. Fui reformado como suboficial, lembra? *Substituir o filho da puta*, pensou Jones, embora soubesse que isso era impossível. Só se podia substituir alguém no comando com um motivo.

— Conversarei com ele — prometeu Mancuso.

— Já ouvi falar muito de comandantes assim. Nunca acreditei nas histórias. Acho que fiquei mimado de trabalhar com você — comentou o dr. Jones enquanto se aproximavam do terminal. — Não mudou nem um pouco, e sabe disso, não é? Ainda escuta quando alguém fala com você.

— É preciso escutar, Ron. Ninguém pode saber de tudo.

— Pois eu tenho uma novidade para você: nem todos sabem disso. Tenho mais uma sugestão.

— Não deixar que ele saia para a caça?

— Se eu estivesse no seu lugar, não deixaria. — Jones abriu a porta. — Não quero que chova na parada, Bart. Essa é a minha avaliação profissional. Ricks não está à altura do jogo. Não é nem de longe um comandante como você foi.

*Como você foi.* Uma péssima escolha das palavras, pensou Mancuso, mas era verdade. No fundo, era muito mais fácil comandar um barco do que comandar uma flotilha... e também muito mais divertido.

— É melhor se apressar, se quer pegar o avião — disse Mancuso, estendendo a mão.

— É sempre um prazer encontrá-lo, Bart.

Mancuso observou-o entrar no terminal. Jones nunca lhe dera um mau conselho; e se mudara em alguma coisa, fora para se tornar

mais perceptivo. Uma pena que ele não tivesse permanecido na marinha e se candidatasse ao oficialato. Não, não era verdade, refletiu o comodoro. Ron daria um tremendo comandante, mas nunca teria essa oportunidade. O sistema não permitiria, e ponto final.

O motorista fez a volta, sem receber qualquer instrução, deixando Mancuso no banco traseiro absorto em seus pensamentos. O sistema não mudara o suficiente. Ele subira pelo caminho tradicional, passara um tempo como engenheiro, antes de obter um comando. Havia engenharia demais na marinha, e pouca liderança. Ele efetuara a transição, como a maioria dos comandantes... mas nem todos. Pessoas demais haviam subido com a convicção de que os outros não passavam de números, máquinas a serem reparadas, coisas para dar ordens, medindo gente por números, que eram compreendidos com mais facilidade do que os resultados concretos. Jim Rosselli não era assim. Bart Mancuso também não era. Mas Harry Ricks era.

*Muito bem. O que devo fazer?*

Em primeiro lugar, acima de tudo, ele não tinha qualquer base para substituir Ricks. Se a história partisse de qualquer outro que não Jones, Mancuso a teria descartado como um ressentimento pessoal. Jones era um observador confiável demais para isso. Mancuso analisou o que ouvira e comparou com o índice acima do normal de pedidos de transferência, as palavras um tanto equívocas de Claggett. O imediato se encontrava numa posição muito delicada, já selecionado para o comando... uma palavra desfavorável de Ricks e perderia a oportunidade; contra essa possibilidade, ele tinha lealdade à marinha. Sua função exigia lealdade ao comandante, ao mesmo tempo em que a marinha exigia a verdade. Era uma posição difícil para Claggett, e ele fizera tudo o que podia.

A responsabilidade era de Mancuso. Afinal, ele era o comandante da flotilha. Os barcos eram seus. Os comandantes e tripulações lhe pertenciam. Era ele quem analisava o desempenho dos comandantes. Era esse o problema, não é mesmo?

Mas estaria certo? Só havia informações incidentais e coincidências. E se Jones apenas antipatizasse com o homem? E se

os pedidos de transferência não passassem de uma anomalia estatística?

*Está tentando se esquivar ao problema, Bart. Eles lhe pagam para tomar as decisões mais difíceis. Os guardas-marinhas e suboficiais ficam com as decisões mais fáceis. É os comandantes mais experientes sempre sabem o que fazer.* Era uma das ficções mais engraçadas da marinha. Mancuso pegou o telefone do carro.

— Quero o imediato do *Maine* em meu gabinete dentro de meia hora.

— Pois não, senhor.

Mancuso fechou os olhos e cochilou pelo resto da viagem. Nada como um cochilo para desanuviar a mente. Sempre dava certo quando ele estava no *Dallas*.

Comida de hospital, pensou Cathy. Mesmo no Hopkins, ainda era comida de hospital. Devia haver uma escola especial para cozinheiros de hospital em algum lugar. O currículo seria devotado a eliminar quaisquer idéias novas que eles tivessem, além das habilidades que pudessem ter com temperos, conhecimento de receitas... Praticamente a única coisa que eles não conseguiam estragar era gelatina.

— Bernie, preciso de um conselho.

— Qual é o problema, Cath?

Ele já sabia do que se tratava, apenas pela expressão e o tom de voz de Cathy. Esperou, procurando se mostrar tão compreensivo quanto era capaz. Cathy era uma mulher orgulhosa, como tinha todo o direito de ser. Aquilo devia ser muito difícil para ela.

— É Jack.

As palavras saíram depressa, como se fosse por um espasmo, depois ela parou de falar. A angústia que Katz percebeu nos olhos dela era mais do que ele podia suportar.

— Você acha que ele...

— O quê?

— Não... isto é... como...

— Eu não deveria fazer isso, Cathy, mas você é uma amiga muito importante. Que se danem as regras! Um homem esteve aqui

na semana passada, Perguntando sobre você e Jack.

A mágoa se tornou ainda mais profunda.

— Como assim? Quem esteve aqui? De onde ele era?

— Alguém do governo, uma espécie de investigador. Sinto muito, Cathy mas ele me perguntou se havia... se você comentara que estava com problemas em casa. O homem investigava Jack, e queria saber se eu tinha conhecimento de algum comentário seu a respeito.

— O que você disse?

— Respondi que não sabia de nada. Disse que você é uma das melhores pessoas que conheço. E você é mesmo, Cathy. Não está sozinha. Tem amigos e se houver alguma coisa que eu possa fazer... que qualquer um de nós possa fazer... para ajudá-la, pode ter certeza de que todos nós teremos o maior prazer. Você é como uma pessoa da família, Cathy. Provavelmente se sente muito magoada, e também embarçada. Isso é bobagem, Cathy, uma tremenda bobagem. Sabe que é bobagem, não é mesmo?

Aqueles lindos olhos azuis ficaram encobertos pelas lágrimas, e nesse instante Katz ansiou pela oportunidade de matar Jack Ryan, talvez numa mesa de operações, com um bisturi bem pequeno e afiado.

— Ficar sozinha não ajuda em nada, Cathy. É para essas ocasiões que servem os amigos. Você não está sozinha.

— Não dá para acreditar, Bernie. Não posso acreditar.

— Vamos para a minha sala, onde poderemos conversar em particular. Afinal, a comida hoje está mesmo horrível.

Katz conduziu-a para fora do restaurante, certo de que ninguém perceberia coisa alguma. Dois minutos depois instalaram-se em sua sala. Ele tirou uma pilha de pastas de outra cadeira, e Cathy sentou ali.

— Ele vem se comportando de maneira diferente ultimamente.

— Acha que é realmente possível que tenha outra mulher?

A resposta demorou meio minuto. Katz observou-a olhar para cima e para baixo, antes de finalmente fitá-lo, confrontando a realidade.

— É possível. *Filho da puta!*



— Já conversou com ele a respeito?

Katz manteve a voz baixa e racional, mas não indiferente. Ela precisava de um amigo agora, e os amigos deviam partilhar a angústia para serem úteis. Um balanço de cabeça.

— Não. Não sei como fazê-lo.

— Mas sabe que tem de fazer isso.

— Sei.

Não tanto uma palavra, mais um gemido.

— Não será fácil. E não deve esquecer que talvez tudo não passe de um engano — disse Katz, com uma suave esperança na voz. — Apenas algum mal-entendido absurdo.

O que Bernie Katz não acreditava de jeito nenhum. Ela fitou-o, as lágrimas escorrendo.

— Há alguma coisa errada comigo, Bernie?

— Não! — Katz teve de fazer um esforço para não gritar. — Se há alguma pessoa melhor do que você neste hospital, Cathy, eu não a conheço! Não há nada de errado com você! Está me entendendo? O que quer que esteja acontecendo, *não é culpa sua!*

— Quero outro filho, Bernie, e não quero perder Jack...

— Se é realmente o que você deseja, então deve reconquistá-lo.

— Não consigo! Ele não está... não pode...

Cathy desmoronou por completo. Katz descobriu nesse instante que a raiva tem poucos limites. Ter de guardá-la, não poder descarregá-la num alvo, não ajudava, mas Cathy precisava de um amigo mais do que qualquer outra coisa.

— Claggett, toda esta conversa é confidencial.

O capitão-de-corveta Claggett tornou-se cauteloso no mesmo instante.

— Certo, comodoro.

— Fale-me sobre o comandante Ricks.

— Senhor, ele é meu comandante.

— Sei disso. Eu estou no comando da flotilha. Se há um problema com um dos meus comandantes, há *um* problema com um

dos meus barcos. Cada um desses barcos custa um bilhão, e preciso saber de todos os problemas. Entendido, comandante?

— Entendido, senhor.

— Fale. E uma ordem.

Claggett manteve-se empertigado na cadeira, falando depressa.

— Senhor, ele não seria capaz de levar uma criança de três anos ao banheiro. Trata os homens como se fossem robôs. Exige muito, mas nunca faz elogios, mesmo quando os homens se empenham ao máximo. Não foi assim que me ensinaram a ser um oficial. E ele não escuta, senhor. Não escuta a mim, não escuta os homens. Muito bem, ele é o comandante, possui o barco... mas um bom comandante sempre escuta.

— Esse é o motivo para as transferências?

— E, sim, senhor. Ele fez o chefe da sala dos torpedos passar por maus momentos... e acho que estava errado. O suboficial Getty estava demonstrando alguma iniciativa. Tinha as armas preparadas, seu pessoal bem treinado, mas o comandante Ricks não gostou da maneira como ele agia e repreendeu-o. Fui contra, mas o comandante não quis me ouvir. Por isso, Getty pediu transferência. o comandante ficou contente por se livrar dele e endossou o pedido.

— Tem confiança nele? — perguntou Mancuso.

— Tecnicamente, ele é muito bom. Na parte de engenharia, é brilhante. Apenas não conhece as pessoas, e não conhece tática.

— Ele me disse que quer provar o contrário. Acha que será capaz?

— Está indo longe demais agora, senhor. Não sei se tenho o direito de responder a essa pergunta.

Mancuso sabia que era verdade, mas assim mesmo insistiu:

— Você é candidato ao comando, Claggett. Precisa se acostumar a tomar decisões difíceis.

— Se ele é capaz? Sim, senhor. Temos um bom barco e uma boa tripulação. O que ele não puder fazer, o resto de nós fará por ele.

O comodoro balançou a cabeça, manteve-se em silêncio por um momento

— Se tiver algum problema com seu próximo relatório de desempenho Claggett, quero ser informado. Acho que pode ser um imediato melhor do que ele merece.

— Senhor, ele não é tão mau assim. Soube que é um bom pai e todo o resto. A esposa é maravilhosa. Acontece apenas que ele nunca aprendeu a tratar com as pessoas, e ninguém jamais se deu ao trabalho de ensiná-lo direito. Apesar disso, é um oficial competente. Se ele tivesse um pingão de humanidade, seria extraordinário.

— O que acha das ordens operacionais?

— Se farejarmos um Akula, devemos rastreá-lo... a uma distância segura e tudo o mais. Quer saber se isso me agrada? Claro que sim. Somos tão silenciosos, comodo, que não há com que se preocupar. Mas fiquei surpreso que Washington tenha aprovado. De qualquer forma, é apenas uma questão burocrática. Em suma, acho que qualquer um pode pilotar esse barco. Talvez o comandante Ricks não seja perfeito, mas se o nosso barco não quebrar, até Popeye poderia cumprir a missão.

Colocaram a montagem da secundária antes da primária. O conjunto de compostos de lítio foi arrumado num cilindro de metal mais ou menos do tamanho de uma bala de artilharia de 105 mm, com sessenta e cinco centímetros de altura e onze centímetros de diâmetro. Tinha até uma borda ressaltada na extremidade inferior, a fim de se ajustar com precisão no lugar certo. Havia um pequeno tubo curvo no fundo, ligado ao que seria em breve o tanque de trítio. As barbatanas de urânio 238 gasto ficavam no lado de fora do invólucro. Pareciam fileiras de bolachas grossas e pretas, pensou Fromm. Sua missão seria imolar o plasma. Por baixo do cilindro, estavam os primeiros feixes de "canudos de refrigerantes" — até mesmo Fromm os chamava assim agora, embora não fossem a mesma coisa, pois tinham o diâmetro errado. Com sessenta centímetros de comprimento, cada feixe de cem era preso por resistentes separadores de plástico, a extremidade inferior fazendo uma meia-volta, numa hélice, um formato parecido com o de uma escada em espiral. A parte difícil nesse segmento do projeto era

dispor as hélices para se aninharem juntas com perfeição. Aparentemente trivial, exigira dois dias inteiros para que Fromm efetuasse os cálculos; mas como acontecia com todos os aspectos de seu projeto, as peças se ajustaram nos lugares apropriados, até que o conjunto parecia uma massa reunida de... canudos de refrigerante. O que quase fez o alemão rir. Houve uma verificação, com fita métrica, micrômetro, e olho experiente — havia marcas de gradação em muitas das peças, um pequeno detalhe que deixara Ghosn profundamente impressionado. Depois que Fromm ficou satisfeito, eles seguiram em frente. Primeiro, vieram os blocos plásticos, cada um cortado de acordo com especificações precisas. Ghosn e Fromm realizavam todo o trabalho agora. De vagar, com todo o cuidado, ajustaram o primeiro bloco no lugar, dentro de flanges no interior do invólucro. Os feixes de canudos foram colocados em seguida, um de cada vez, ajustando-se com perfeição aos que se encontravam imediatamente por baixo. A cada passo, os dois homens paravam para conferir o trabalho. Fromm e Ghosn verificavam o serviço, verificavam as plantas, tornavam a verificar o serviço, depois consultavam de novo as plantas.

Para Bock e Qati, observando a alguns metros de distância, era a coisa mais aborrecida que já haviam visto.

— As pessoas que fazem esse trabalho na América e na Rússia devem morrer de tédio — comentou Bock, em voz baixa.

— E possível.

— Próximo feixe, número trinta e seis — disse Fromm.

— Trinta e seis — repetiu Ghosn, conferindo as etiquetas.

Ele pegou o feixe e pôs na posição. Ajustou-se com perfeição, constatou Qati, aproximando-se. As mãos hábeis do alemão deslocaram ligeiramente o feixe, a fim de que os ressaltos nos moldes plásticos se ajustassem às fendas nos moldes por baixo. Depois que Fromm ficou satisfeito, Ghosn foi examinar.

— Posição correta — disse Ibrahim, provavelmente pela centésima vez naquele dia.

— Concordo — declarou Fromm. Os dois prenderam o feixe no lugar.

— Parece a montagem de um fuzil — sussurrou Qati para Bock, enquanto se afastava da bancada de trabalho.

— Não. — Bock sacudiu a cabeça. — Pior do que isso. Mais como a montagem de um brinquedo de criança.

Os dois se olharam, e desataram a rir.

— Já chega! — exclamou Fromm, irritado. — Isto é um trabalho sério! Precisamos de silêncio! Feixe seguinte, número trinta e sete!

— Trinta e sete — repetiu Ghosn, obediente. Bock e Qati saíram juntos da sala.

— Observar uma mulher ter um bebê não pode ser tão horrível assim! — comentou Qati, furioso, quando chegaram lá fora.

Bock acendeu um cigarro.

— Não é. Posso garantir. As mulheres fazem o serviço muito mais depressa.

— Tem razão. Afinal, é um trabalho que não exige mão-de-obra especializada. — Qati tornou a rir. O humor logo desapareceu, o comandante ficou sério. — É uma pena.

— Concordo. Todos nos serviram muito bem. Quando?

— Muito em breve. — Qati fez uma pausa. — Günther, sua parte no P'ano... é muito perigosa.

Bock aspirou uma longa tragada, soprou a fumaça para o ar frio.

— O plano não é meu? Conheço os riscos.

— Não aprovo planos suicidas — comentou Qati, depois de um momento. — Nem eu. É perigoso, mas espero sobreviver. Se quiséssemos uma vida

Segura, Ismael, estaríamos trabalhando em escritórios... e nunca teríamos nos conhecido. O que nos une é o perigo e a missão. Perdi minha Petra, minhas filhas, mas ainda tenho minha missão. Não vou dizer que isso é suficiente mas não acha que é mais do que a maioria dos homens tem? — Günther levantou os olhos para as estrelas. — Tenho pensado muito a respeito, meu amigo. Como alguém muda o mundo? Não é na segurança. Os seguros, os tímidos, eles se beneficiam de nosso trabalho. Sentem raiva da vida, mas carecem da coragem para agir. Somos nós que agimos. Assumimos os riscos enfrentamos o perigo, nos sacrificamos pelos

outros. É nossa missão. E é muito tarde para mudar de idéia, meu amigo.

— E mais fácil para mim, Günther. Sou um homem agonizante.

— Sei disso. — Bock virou-se para fitar o amigo. — Somos todos agonizantes. Enganamos a morte, você e eu. Mas a morte acabará prevalecendo, e a morte que nos espera não será na cama. Você escolheu esse caminho, eu também. Podemos voltar atrás agora?

— Eu não posso, mas enfrentar a morte é difícil.

— Tem razão. — Bock jogou o cigarro no chão. — Mas pelo menos temos o privilégio de saber. O que não acontece com as pessoas pequenas. Ao optarem por não agir, estão optando por não saber. E a opção delas. Só se pode ser um agente do destino ou sua vítima. Todos têm essa opção. — Bock conduziu o amigo de volta ao prédio. — E nós fizemos nossa opção.

— Feixe trinta e oito! — ordenou Fromm, no momento em que eles entravam.

— Trinta e oito! — repetiu Ghosn.

— O que deseja, comodoro?

— Sente-se, Harry. Precisamos conversar sobre algumas coisas.

— Já tenho toda a tripulação preparada. O pessoal de sonar é quente. Mancuso fitou seu subordinado. *Em que momento uma atitude positiva de aquiescência se transforma em mentira?*, especulou ele.

— Estou um pouco preocupado com o índice de transferências em seu barco. Ricks não caiu na defensiva.

— Tivemos alguns homens com problemas de família. Não há sentido em manter gente que está com os pensamentos no lugar errado. Uma anomalia estatística. Já me aconteceu uma vez antes.

*Aposto que sim.*

— Como está o moral? — perguntou Mancuso em seguida.

— Viu os resultados de nossos exercícios e exames. Isso deve lhe dizer algo.

*O filho da puta é muito esperto.*

— Muito bem, Harry, serei claro. Você teve uma briga com o doutor Jones.

— E daí?

— E daí que conversei com ele a respeito.

— Até que ponto isto é formal?

— Tão informal quanto você quiser, Harry.

— Ótimo. Seu amigo Jones é um excelente técnico, mas parece ter esquecido o fato de que deixou a marinha como um suboficial. Se ele quer falar comigo como um igual, ajudaria se fizesse o esforço de realizar alguma coisa.

— Aquele homem tem um doutorado em física pela CalTech, Harry. Ricks assumiu uma expressão perplexa.

— E daí?

— E daí que ele é uma das pessoas mais inteligentes que conheço, e foi o melhor suboficial que já tive.

— Isso é ótimo, mas se os suboficiais fossem tão inteligentes quanto os oficiais, nós lhes pagaríamos mais.

Foi a suprema arrogância da declaração que deixou Bart Mancuso enfurecido.

— Comandante, quando eu dirigia o *Dallas*, sempre ouvia o que Jones dizia. Se a vida fosse um pouco diferente, ele estaria agora servindo como imediato, a caminho de comandar um submarino de ataque. Tenho certeza de que Ron daria um magnífico comandante.

Ricks descartou essa possibilidade.

— Nunca saberemos, não é mesmo? Sempre achei que aqueles que podem, fazem. Os que não podem, apresentam desculpas. Muito bem, ele é um excelente técnico. Não discuto isso. Fez um bom trabalho com meu departamento de sonar, pelo que me sinto grato, mas não vamos ficar muito impressionados com isso. Há muitos técnicos e muitos fornecedores.

Mancuso compreendeu que aquela conversa não levaria a parte alguma. Era tempo de fixar a lei.

— Escute, Harry, tenho ouvido rumores sobre o moral em seu barco. Vejo muitos pedidos de transferência, e isso me diz que pode haver um problema. Resolvo dar uma olhada, e minha impressão é confirmada. Você tem um problema, quer saiba ou não.

— Isso é bobagem, senhor. E como os idiotas que aconselham sobre alcoolismo. As pessoas sem problema de bebida dizem que não têm problema de bebida, mas os conselheiros insistem que a negação de um problema é a primeira indicação de sua existência. É um círculo vicioso. Se houvesse um problema de moral em meu barco, apareceria nos registros de desempenho. O que não acontece. Meus registros são ótimos. Comando submarinos como meio de vida. Sempre me situei entre os melhores desde que vesti este uniforme. Muito bem, meu estilo é diferente de outros. Não puxo o saco de ninguém, não sou de mimar os homens. Exijo o melhor desempenho, e trato de obtê-lo. Mostre-me um indicador concreto de que não venho trabalhando direito, e o escutarei. Mas até lá, senhor, acho tudo certo, e não tentarei consertar o que não está errado.

Bartolomeo Vito Mancuso, da marinha dos Estados Unidos, só não saiu de sua cadeira porque o sangue de seus ancestrais sicilianos fora um tanto aluído na América. Na velha terra, ele tinha certeza, seu tataravô teria levantado a *lupara* e aberto um buraco enorme e sangrento no peito de Ricks Por aquilo. Em vez disso, ele manteve o rosto impassível e, friamente, decidiu aquele momento que Ricks nunca passaria do posto de comandante. Tinha esse poder. Havia muitos comandantes trabalhando para ele. Apenas os dois Melhores, talvez três, conseguiriam chegar a almirante. Ricks não passaria do quarto no grupo. Podia ser desonesto, Mancuso disse a si mesmo, num momento de integridade objetiva, mas apesar disso era a atitude mais correta. Não se podia confiar àquele homem um comando superior ao que tinha agora, e era bem provável que ele já tivesse ido longe demais. Seria muito fácil. Ricks protestaria com veemência por ser classificado como o quart num grupo de quatorze, mas Mancuso diria simplesmente: *Desculpe, Harry Não estou dizendo que há qualquer coisa errada com você, mas apenas que Andy, Bill e Chuck são um pouco melhores, Teve azar por entrar numa flotilha de ases, Harry. Tenho de fazer uma avaliação honesta, e eles são melhores por uma fração.*

Ricks logo percebeu que cruzara uma linha, que não havia realmente conversas "extra-oficiais" na marinha. Desafiara o



comandante de sua flotilha, um homem já em ascensão nos altos escalões, que merecia a confiança do Pentágono e da burocracia de OP-02.

— Senhor, peço que me desculpe por ser tão positivo. Acontece apenas que ninguém gosta de ser repreendido quando...

Mancuso sorriu.

— Não há problema, Harry. Nós, italianos, também tendemos a ser um pouco veementes.

*Tarde demais, Harry...*

— Talvez esteja certo, senhor. Deixe-me pensar a respeito. Além do mais, se eu encontrar o Akula, poderei demonstrar o que meu pessoal é capaz de fazer.

*Um pouco tarde para falar sobre "meu pessoal", companheiro. Mas Mancuso tinha de lhe oferecer uma oportunidade, não é mesmo? Não uma grande oportunidade, apenas uma pequena. Se houvesse um milagre, então ele poderia reconsiderar. Poderia, Bart disse a si mesmo, se esse sacana arrogante decidir puxar meu saco no portão principal da base, ao meio-dia, no Quatro de Julho, enquanto a banda passa.*

— As reuniões como esta costumam ser constrangedoras para todos — acrescentou.

Ricks acabaria como um *expert* em engenharia, e dos bons, depois que Mancuso se livrasse dele. Não havia desgraça alguma em encerrar a carreira como comandante, não é mesmo? Pelo menos não para um bom homem.

— Mais nada? — indagou Golovko.

— Absolutamente nada — respondeu o coronel.

— E nosso oficial?

— Estive com sua viúva há dois dias. Comuniquei que ele estava morto, mas não podíamos recuperar o corpo. O impacto da notícia foi terrível. E sempre difícil ver um rosto tão adorável em lágrimas.

— E a pensão e outras disposições?

— Já estou providenciando.

— Ótimo. Esses burocratas miseráveis parecem não se importar com ninguém ou qualquer coisa. Se houver algum problema, quero

que me avise.

— Não tenho mais nada a sugerir no lado técnico da investigação — disse o coronel. — Pode investigar por outros meios?

— Ainda estamos reconstituindo nossa rede dentro do Ministério da Defesa deles. As indicações preliminares são de que não há nada, que a nova Alemanha repudiou todo o projeto da RDA. Há também uma indicação de que americanos e britânicos fizeram indagações similares, e saíram satisfeitos.

— É improvável, em minha opinião, que armas nucleares alemãs sejam uma questão de preocupação imediata para americanos ou ingleses.

— Tem razão. Vamos continuar, mas não espero descobrir qualquer coisa. Acho que é um buraco vazio.

— Neste caso, Sergei Nikolaievich, por que nosso homem foi assassinado?

— Ainda não temos certeza disso!

— Tem razão, talvez ele esteja agora trabalhando para os argentinos...

— Coronel, não se esqueça de seu lugar!

— Não esqueci. Assim como também não esqueci que sempre há um bom motivo quando alguém se dá ao trabalho de assassinar um agente secreto. Pelo menos três serviços de informações estão investigando. Nosso pessoal na Argentina ainda trabalha...

— Os cubanos?

— Correto. Era área de responsabilidade deles, e agora mal podemos contar com sua ajuda, não é mesmo?

O coronel fechou os olhos. O que acontecera com o KGB?

— Ainda acho que devemos insistir.

— Sua recomendação está anotada. A operação não foi encerrada. Exatamente o que podia fazer agora, pensou Golovko, depois que o coronel se retirou, exatamente que novos caminhos deveria explorar... ele não sabia. Uma boa parte de sua força de campo farejava em busca de pistas, mas ainda não havia nada. Aquela profissão miserável era muito parecida com o trabalho de polícia.

Marvin Russell empenhou-se em cumprir sua missão. Aquelas pessoas eram generosas, não restava a menor dúvida. Ele ainda tinha quase todo o dinheiro que levara. Até propusera seu uso, mas Qati não aceitara. Tinha uma pasta com quarenta mil dólares, em notas novas de vinte e cinquenta. Além do mais, ao chegar nos Estados Unidos também receberia uma transferência bancária direta de um banco inglês. Suas tarefas eram simples. Primeiro, precisava de novas identidades, para si mesmo e para os outros. O que seria brincadeira de criança. Não seria difícil nem mesmo obter as carteiras de motorista, quando se dispunha dos equipamentos apropriados, e poderia comprá-los a dinheiro. Instalaria tudo na casa segura. Só não podia entender por que as reservas de hotel, além da casa segura. Aquela gente gostava mesmo de complicar as coisas.

A caminho do aeroporto, ele fez uma pausa de um dia para visitar uma boa alfaiataria — Beirute podia estar em guerra, mas a vida ainda continuava. Ao embarcar no jato da British Airways para Heathrow, Russell parecia muito distinto. Três bons ternos, dois guardados na mala. Um corte de cabelo tradicional, sapatos caros, que apertavam seus pés.

— Uma revista, senhor? — perguntou a aeromoça.

— Obrigado — respondeu Russell, sorrindo.

— Americano?

— Isso mesmo. Voltando para casa.

— Deve ter passado por momentos difíceis no Líbano.

— E verdade. As coisas ficaram um pouco agitadas.

— Deseja um drinque?

— Uma cerveja seria ótimo.

Russell tornou a sorrir. Estava até usando o jargão dos executivos. O avião não chegava a ter um terço de ocupação, e parecia que aquela aeromoça pretendia adotá-lo. Talvez fosse o bronzeado, pensou ele.

— Aqui está, senhor. Vai passar algum tempo em Londres?

— Infelizmente, não. Seguirei direto para Chicago. Uma escala de apenas duas horas.

— É uma pena.

A aeromoça parecia desapontada por ele. Os britânicos, pensou Russell, eram muito simpáticos. Quase tão hospitaleiros quanto os árabes.

O último feixe foi instalado pouco depois de três horas da madrugada, horário local. Fromm não alterou em nada seu comportamento. Verificou-o com o mesmo cuidado com que examinara o primeiro, só prendendo-o no lugar depois que ficou plenamente satisfeito. Depois, ele se empertigou e se esticou.

— Chega!

— Concordo, Manfred.

— Amanhã, a esta hora, a montagem será concluída. O que resta é simples, no máximo quatorze horas de trabalho.

— Neste caso, vamos dormir um pouco.

Ao saírem do prédio, Ghosn piscou discretamente para o comandante. Qati observou-os se afastarem, antes de procurar o chefe da guarda.

— Onde está Achmed?

— Foi ao médico, lembra?

— Quando ele volta?

— Amanhã, talvez depois de amanhã, não tenho certeza.

— Certo. Teremos um trabalho especial para você em breve.

O guarda olhou para os homens que deixavam o prédio e acenou com a cabeça.

— Onde quer que escavemos o buraco?

## OBRIGAÇÕES CONTRATUAIS

O *jet lag* podia ser uma coisa terrível, pensou Marvin Russell. Ele deixara o aeroporto O'Hare, em Chicago, num Mercury alugado, seguira para oeste, até um motel a leste de Des Moines. Surpreendeu o recepcionista ao pagar em dinheiro por seu quarto, explicando que a carteira e os cartões de crédito haviam sido roubados. Tinha uma carteira nova para apoiar essa informação, e além disso o recepcionista apreciava dinheiro vivo tanto quanto qualquer negociante. O sono veio fácil naquela noite. Marvin acordou pouco depois das cinco, depois de dez horas de sono, comeu um lauto desjejum americano, por mais hospitaleiras que as pessoas fossem no Líbano, não sabiam comer; ele não entendia como podiam viver sem *bacon* — e partiu para o Colorado, na hora do almoço, já se encontrava no meio de Nebraska, repassando os planos e tarefas. O jantar foi na cidadezinha de Roggen, uma hora a nordeste de Denver. Exausto da viagem, ele procurou outro motel, passou a noite ali. Desta vez pôde assistir e desfrutar um pouco da tevê americana, inclusive uma recapitulação da temporada da liga de futebol americano, transmitida pela ESPN. Era surpreendente como sentira falta do futebol americano. Quase tão surpreendente quanto a falta de um drinque. Esse anseio foi reparado pela aquisição de uma garrafa de Jack Daniel's no caminho. Por volta de meia-noite, ele se achava meio embriagado, olhando ao redor, contente por estar de volta à América, e também contente pelo motivo de seu retorno. Era tempo de alguma retaliação. Russell não esquecera quem outrora possuía o Colorado, e não esquecera o massacre em Sand Creek.

Deveria ser esperado. As coisas haviam corrido muito bem, e a realidade nem sempre permite a perfeição. Um pequeno erro num dos acessórios da primária fora descoberto, era preciso remover esse

acessório e acertá-lo, um processo que acarretou um atraso de trinta horas, das quais quarenta minutos foram consumidos no acerto da peça, e o restante na desmontagem e remontagem da arma. Fromm, que deveria se mostrar filosófico, ficou lívido durante todo o processo, e insistiu em fazer o reparo pessoalmente. Depois, veio a árdua substituição dos blocos explosivos, ainda mais árdua porque o trabalho já fora feito uma vez.

— Apenas três milímetros — comentou Ghosn. Fora uma decorrência do ajuste errado de um dos controles. Como o trabalho era manual, os computadores não haviam registrado o erro. Uma das indicações de Fromm fora mal interpretada, e o fato passara despercebido na inspeção visual da primeira montagem. — E tínhamos aquele dia extra.

Fromm limitou-se a soltar um grunhido, por trás da máscara protetora, enquanto ele e Ghosn levantavam a montagem de plutônio e a colocavam no lugar com extremo cuidado. Cinco minutos depois, era evidente que a colocação estava correta. As barras de tungstênio-rênio ao lado se ajustaram nos lugares devidos, depois os segmentos de berílio, e finalmente o pesado hemisfério de urânio esgotado, que separava a primária da secundária. Mais cinqüenta blocos explosivos, e tudo ficou pronto. Fromm ordenou uma pausa "''''''fora um trabalho pesado e precisavam de um pequeno descanso. Os operadores já haviam se retirado, pois seus serviços não eram mais necessários.

— Já deveríamos ter acabado a esta altura — comentou o alemão, em voz baixa.

— É irracional esperar a perfeição, Manfred.

— O filho da puta ignorante nem foi capaz de ler direito!

— O número na planta estava borrado.

E isso *foi culpa sua*, Ghosn não precisava dizer.

— Enfia *ele deveria ter perguntado*'.

— Está bem, Manfred. Escolheu um mau momento para ser impaciente Ainda estamos no prazo.

Fromm sabia que o jovem árabe não podia compreender. Era a culminação das ambições de sua vida, e àquela altura já deveria ter sido concluído!

— Vamos recomeçar.

Foram necessárias mais dez horas até que o último dos setenta blocos explosivos estivesse no lugar. Ghosn prendeu o fio no terminal correspondente, e tudo acabou. Ele estendeu a mão para o alemão, que a apertou.

— Parabéns, Herr Doktor Fromm.

— Obrigado, Herr Ghosn. Só precisamos agora fechar o invólucro com a solda, providenciar o vácuo... ah, desculpe, o trítio. Como eu podia esquecer? Quem faz a solda?

— Eu farei. Sou muito bom nisso.

A metade superior do invólucro da bomba tinha um flange largo para garantir a segurança desse procedimento, e já fora conferida pelo ajustamento perfeito. Os operadores não apenas haviam efetuado um trabalho preciso na parte explosiva do artefato. Cada componente isolado — à exceção daquela única peça com uma diferença mínima fora cortado e moldado de acordo com as especificações de Fromm. O invólucro da bomba já fora verificado, ajustava-se com a perfeição da tampa posterior de um relógio.

— Cuidar do trítio é fácil.

— Sei disso. — Ghosn gesticulou para que o alemão se afastasse.

— Está satisfeito com a execução do projeto e a montagem?

— Absolutamente satisfeito — declarou Fromm, confiante. — Vai funcionar da forma exata como eu previ.

— Ótimo — disse Qati, esperando lá fora, com um dos seus guardas. Fromm virou-se, notando a presença do comandante, junto com um de seus onipresentes guardas. Eram homens sujos e esfarrapados, mas não podia deixar de admirá-los, Fromm disse a si mesmo, enquanto se virava para contemplar o vale escuro. A lua era minguante, mal dava para divisar a paisagem. Uma terra seca e árida. Não era culpa daqueles homens que parecessem tão rudes. Era um lugar inóspito. Mas o céu estava claro. Fromm levantou os olhos para as estrelas, na noite sem nuvens. Mais estrelas do que se podia avistar na Alemanha, em particular na parte oriental, com toda a sua poluição atmosférica. Ele pensou na astrofísica, o caminho que poderia ter trilhado, tão relacionado com o rumo que seguira.

Ghosn postou-se atrás do alemão. Olhou para Qati e acenou com a cabeça. O comandante fez o mesmo gesto para o guarda, que se chamava Abdullah.

— Só resta o trítio — disse Fromm, de costas para eles.

— Posso cuidar disso sozinho — assegurou Ghosn.

Fromm já ia dizer que havia mais uma coisa. Mas esperou por um momento, sem prestar atenção aos passos de Abdullah. Não houve qualquer som quando o guarda tirou uma pistola com silenciador do cinto e apontou para a cabeça de Fromm, à distância de um metro. Fromm começou a se virar, a fim de se certificar de que Ghosn sabia mesmo cuidar do trítio, mas não chegou a completar a volta. Abdullah tinha suas ordens. Deveria ser misericordioso, como fora com os operadores. Era uma pena que aquilo fosse necessário, pensou Qati, mas não havia outro jeito, e ponto final. Nenhuma consideração tinha importância para Abdullah, que se limitava a cumprir ordens, puxando o gatilho devagar, até disparar a arma. A bala entrou por trás do crânio de Fromm, saindo um instante depois pela testa. O alemão caiu no chão, uma massa amorfa. O sangue esguichou, mas para o lado, sem atingir as roupas de Abdullah. O guarda aguardou que o fluxo de sangue parasse, chamou dois companheiros para carregar o cadáver até o caminhão à espera. Fromm seria enterrado junto com os operadores. Pelo menos isso era apropriado, pensou Qati. Todos os técnicos no mesmo lugar.

— Uma pena — murmurou Ghosn.

— Também acho, mas será que ele ainda teria alguma utilidade para nós? Ibrahim sacudiu a cabeça.

— Não. Ele seria um perigo. Não podíamos confiar. Um infiel e mercenário. Ele cumpriu seu contrato.

— E o artefato?

— Vai funcionar. Verifiquei os números vinte vezes. É muito melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter feito.

— O que é esse trítio?

— Está nas baterias. Só preciso esquentá-las, e bombear o gás para os dois tanques. Já sabe o resto.

Qati riu.



— Você explicou, mas não sei.

— Essa parte é trabalho que se faz num laboratório de química de escola secundária, não mais do que isso. Muito simples.

— Por que Fromm deixou por último? Ghosn deu de ombros.

— Alguma coisa tem de ser a última. É uma tarefa bem fácil. Talvez seja por isso. Posso fazer agora, se quiser.

— Ótimo.

Qati ficou observando o procedimento. Uma depois da outra, Ghosn carregou as baterias para a fornalha, que ligou para um calor muito baixo. Um tubo de metal e uma bomba de vácuo extraíram o gás de cada bateria. Levou menos de uma hora.

— Fromm mentiu para nós — comentou Ghosn, ao terminar.

— Como assim? — indagou Qati, alarmado.

— Comandante, há quase quinze por cento a mais de trítio do que ele Prometeu. Tanto melhor.

O próximo passo foi ainda mais simples. Ghosn verificou com todo o cuidado se cada tanque estava bem vedado — era o sexto teste assim; o jovem engenheiro aprendera com seu mestre alemão — e depois transferiu o gás trítio. As válvulas foram fechadas e trancadas com contrapinos, a fim de não se abrirem com qualquer vibração em trânsito.

— Pronto — anunciou Ghosn.

Os guardas levantaram a tampa do invólucro, que foi depois abaixada para o lugar, por um guincho. Ajustou-se com precisão. Ghosn levou unia hora para fazer a solda. Outro teste confirmou que o invólucro da bomba estava inviolável. Ele ajustou na superfície uma bomba de vácuo Leybold

— O que exatamente precisa alcançar?

— Um milionésimo de uma atmosfera é o que especificamos.

— E pode conseguir isso? Não vai afetar... Ghosn falou como Fromm, surpreendendo os dois.

— Por favor, comandante. Tudo o que vai comprimir é ar. Não vai esmagá-lo, e não vai esmagar este invólucro de aço, entende? Levará algumas horas, e podemos também testar de novo a integridade do invólucro.

O que já fora feito cinco vezes. Mesmo sem ser soldado, o invólucro resistia bem. Agora uma peça de metal inteiriça, seria tão perfeita quanto a missão exigia.

— Podemos dormir um pouco. Não tem problema se deixarmos a bomba funcionando.

— Quando estará pronta para o transporte?

— Pela manhã. Quando o navio parte?

— Daqui a dois dias.

— Ótimo. — Ghosn sorriu amplamente. — Tempo de sobra.

Primeiro, Marvin visitou a agência local do Colorado Federal Bank and Trust Company. Espantou e deliciou o gerente da agência ao ligar para a Inglaterra e pedir a transferência de quinhentos mil dólares. Os computadores tornam tudo mais fácil. Em segundos, o gerente tinha a confirmação de que o sr. Robert Friend era mesmo um homem de posses como alegava.

— Pode me recomendar um bom corretor de imóveis local? — perguntou Russell ao solícito gerente.

— Nesta mesma rua, terceira porta à direita. Seus cheques já estarão prontos quando voltar.

O gerente observou-o sair, depois ligou para a esposa, que trabalhava na corretora. Ela esperava Russell na porta.

— Seja bem-vindo a Roggen, senhor Friend!

— Obrigado. E bom estar de volta.

— Esteve ausente?

— Passei algum tempo na Arábia Saudita — explicou Russell/Friend. —" Mas senti falta dos meus invernos.

— O que procura?

— Um rancho de tamanho médio. Não muito grande, não preciso... s'ou apenas eu. Pode até ser pequeno, desde que tenha uma boa terra.

—Nasceu nesta região?

— Não. Sou das Dakotas, mas preciso estar perto de Denver para o transporte... por causa do aeroporto. Viajo muito. Eu morava muito longe das coisas. — Quer ajuda para cuidar do rancho?

— Acho que vou precisar... um rancho que duas pessoas possam cuidar, talvez um casal. Quero ter uma propriedade perto da cidade, mas que seja também um lugar em que possa comer meu próprio bife.

— Posso entender seu desejo. E tenho duas propriedades que podem lhe agradar.

— Pois então vamos visitá-las! — exclamou Russell, sorrindo para a corretora. A segunda era perfeita. Ficava junto de uma rampa de acesso à estrada, duzentos hectares, uma casa antiga, com uma cozinha reformada, garagem para dois carros, e três construções anexas resistentes. Havia campo aberto em todas as direções, um laguinho cercado por algumas árvores, a menos de um quilômetro da casa, e muito espaço para o gado que Russell nunca veria.

— Este rancho foi posto à venda há cinco meses. O espólio do proprietário está pedindo quatrocentos, mas creio que poderemos comprar por trezentos e cinquenta.

— Está certo — disse Russell, verificando o acesso à Interestadual 76. — Avise a eles que se quiserem assinar o contrato esta semana, darei um adiantamento de cinquenta mil dólares em dinheiro, e pagarei o resto em quatro ou cinco semanas. Não há necessidade de financiamento. Pagarei tudo à vista, assim que for concluída a transferência do resto de meus recursos. Mas... quero me mudar imediatamente. Detesto ficar em hotéis, já passei tanto tempo assim que não agüento mais. Acha que pode dar um jeito?

A corretora fitou-o com uma expressão radiante.

— Creio que posso garantir.

— Ótimo. Como estão os Broncos este ano?

— Oito e oito. Estão se recuperando. Meu marido e eu temos ingressos para a temporada. Vai tentar conseguir ingressos para o Super Bowl?

— Gostaria muito.

— Será bem difícil.

— Encontrarei um meio.

Uma hora e um telefonema depois, a corretora pegou um cheque ao portador de cinquenta mil dólares com o marido, gerente da agência do banco. Russell recebeu recomendações sobre móveis

e eletrodomésticos. Uma hora mais tarde, ele comprara um furgão branco Ford, no revendedor local, e foi Para o rancho. Estacionou-o na frente de um dos estábulos. Passaria mais Uma noite no motel, depois se instalaria na casa. Não experimentou qualquer senso de realização. Ainda havia muita coisa a fazer.

Cathy Ryan descobriu-se a prestar mais atenção aos jornais agora. Sempre "formavam escândalos e vazamentos, coisas pelas quais ela desenvolvera um interesse de que antes carecia, em particular se as matérias eram assinadas por Robert Holtzman. Infelizmente, as novas notícias sobre problemas m CIA eram mais gerais, concentrando-se quase sempre nas mudanças na Unia Soviética, que ela não compreendia muito bem. Não era uma área pela qual se sentisse atraída... assim como Jack não se preocupava com os desenvolvimentos na cirurgia ocular, um assunto que fascinava a esposa. Depois de algum tempo, saiu um comentário sobre impropriedade financeira de um "alto funcionário". Era a segunda vez que se falava a respeito, e Cathy compreendeu que se fosse Jack, tinha todos os documentos em casa. Era um domingo, e Jack estava trabalhando mais uma vez, deixando-a sozinha com as crianças, que naquela manhã fria preferiam se distrair na frente da tevê Cathy Ryan foi dar uma olhada nos arquivos financeiros do marido.

Um desastre. A administração financeira era outra coisa que não interessava à dra. Caroline Ryan, e Jack assumia as funções mais ou menos por falta de alguém que cuidasse disso. Ela nem mesmo conhecia o sistema de arquivamento e teve certeza de que Jack nunca imaginara que fosse mexer naquela colossal confusão de documentos. No meio do processo, ela constatou que a carteira de ações da família estava indo muito bem naquele momento. Normalmente, Cathy via apenas as declarações de rendimentos, no final do ano. O dinheiro não lhe despertava grande interesse. A casa estava paga. Os fundos para a educação das crianças já haviam sido instituídos. A família Ryan vivia da receita conjunta dos dois doutores Ryan, o que permitia que os investimentos crescessem, ao mesmo tempo em que complicava a declaração de imposto de renda,

cuidada por Jack — que ainda tinha seu certificado de contador — com a ajuda do advogado da família. A mais recente declaração de renda líquida deixou-a aturdida. Cathy decidiu acrescentar os administradores dos investimentos à sua lista de cartões de Natal. Mas não era isso o que procurava. Só descobriu às duas e meia da tarde. A pasta tinha a indicação apenas de "Zimmer", e se encontrava na última gaveta que ela abriu, como não podia deixar de ser.

Era uma pasta bastante grossa. Cathy sentou de pernas cruzadas no chão, antes de abri-la, a cabeça já doendo do esforço visual e pela falta do Tylenol que deveria ter tomado, mas não o fizera. O primeiro documento era uma carta de Jack a um advogado — não o advogado regular, o que cuidava de testamentos, impostos e outras questões rotineiras — instruindo-o a abrir um fundo de investimentos educacional para sete crianças, um número alterado para oito, alguns meses depois. O fundo fora criado com um investimento inicial de mais de meio milhão de dólares, administrado como uma carteira de ações pelas mesmas pessoas que cuidavam de parte da conta da família Ryan. Cathy ficou surpresa ao constatar que Jack fazia recomendações para essa conta, algo com que não se preocupava na sua própria. E ele não perdera a competência financeira. O rendimento do fundo Zimmer era de vinte e três por cento. Outros cem mil dólares haviam sido investidos numa empresa — urna companhia do Subcapítulo-S, o que quer que isso significasse — ora, era urna loja 7-Eleven, ela compreendeu. Tinha sede em Maryland, e o endereço era...

*Fica a apenas uns poucos quilômetros daqui!* Era ao lado da Rota 50, o que significa que Jack passava por lá duas vezes por dia, indo e voltando do trabalho.

*Mas como é conveniente!*

E quem era Carol Zimmer? *Contas médicas? Obstetrícia?*

Dra. Marsha Rosen! *Eu a conheço!* Se Cathy não trabalhasse no Hopkins, teria usado Marsha Rosen em seus próprios partos; Rosen estudara em Yale, e tinha uma excelente reputação.

*Um bebê? Jacqueline Zimmer? Jacqueline?* O rosto de Cathy ficou vermelho, as lágrimas começaram a escorrer pelas faces.

*Seu desgraçado! Não pode me dar um bebê, mas deu uma menina a ela, não é mesmo?*

Ela conferiu a data, depois vasculhou a memória. Jack chegara muito tarde em casa naquele dia. Cathy se lembrava porque tivera de cancelar um compromisso para o jantar...

*Ele estava lá! Compareceu ao parto! De que outra prova eu preciso?* O triunfo da descoberta se converteu no mesmo instante no mais profundo desespero.

O mundo podia acabar com a maior facilidade, pensou Cathy. Bastava um pedaço de papel. E tudo acabava.

*Acabou mesmo?*

Como podia não ter acabado? Mesmo que Jack ainda quisesse... ela o queria?

E as crianças?, pensou Cathy. Ela fechou a pasta e guardou-a, sem se levantar.

— Você é médica — disse a si mesma. — Deve pensar antes de agir. As crianças precisavam de um pai. Mas que tipo de pai era ele? Passava treze a quatorze horas ausente diariamente, às vezes sete dias por semana. Conseguira levar o filho uma vez — só uma! — a um jogo de beisebol, apesar das súplicas constantes. Tinha sorte quando conseguia assistir à metade das partidas em que o pequeno Jack participava. Faltava a todas as funções na escola, as peças de Natal e o resto. Cathy ficara um pouco surpresa por ele estar em casa na manhã de Natal. Na noite anterior, montando os brinquedos, Jack se embriagara mais uma vez, e ela nem se dera ao trabalho de tentar atraí-lo. De que adiantaria? O presente para ela... o tipo de coisa que qualquer um podia providenciar em poucos minutos de procura nas lojas, algo sem grande importância...

Compras.

Cathy levantou-se e foi verificar a correspondência na mesa de Jack. As contas do cartão de crédito estavam na pilha. Ela abriu uma e encontrou uma porção de registros da... Hamleys, de Londres. Seiscentos dólares? Mas ele só trouxera um presente para o pequeno Jack, e dois pequenos para Sally. Seiscentos dólares!

*Compras de Natal para duas famílias, Jack?*

— De quantas provas mais você precisa, Cathy? — ela tornou a se perguntar, em voz alta. — Oh, Deus, Deus...

Ela não se mexeu por um longo tempo, não viu nem ouviu qualquer coisa além de sua própria angústia. Apenas a mãe que havia nela se mantinha atenta ao som dos filhos na sala.

Jack entrou em casa pouco antes das sete horas da noite, satisfeito consigo mesmo por conseguir chegar uma hora mais cedo, e ainda mais satisfeito porque a operação no México se achava agora definida. Tudo o que ainda precisava fazer era levar o plano à Casa Branca. Obtida a aprovação — Fowler concordaria; apesar dos riscos, da aversão às operações secretas e tudo o mais, era um perspectiva atraente demais para que um político a rejeitasse — e depois que Clark e Chavez trouxessem o material, sua cotação subiria. E as coisas mudariam. Seriam melhores. Poderia endireitar tudo. Para começar, planejava tirar umas férias. Já não era sem tempo. Uma semana de folga, talvez duas e se algum idiota da CIA aparecesse com relatórios para serem examinados' Ryan mataria o filho da puta. Queria liberdade do trabalho, e haveria de obtê-la. Duas boas semanas. Tiraria as crianças da escola, e todos iriam ver Mickey, como Clark sugerira. Faria as reservas no dia seguinte.

— Cheguei! — anunciou Jack.

Silêncio. O que era estranho. Ele desceu e encontrou as crianças diante da tevê. Assistiam televisão demais, mas era por culpa do pai. Mudaria isso também. Reduziria seu horário de trabalho. Era tempo de Marcus assumir a sua cota, em vez de continuar no horário de banqueiro e deixar toda a carga pesada com Jack.

— Onde está mamãe?

— Não sei — respondeu Sally, sem desviar os olhos da tela.

Ryan tornou a subir e entrou no quarto para trocar de roupa. Ainda não havia sinal de Cathy. Encontrou-a carregando um cesto de roupa lavada. Parou na sua frente, inclinando-se para beijá-la, mas ela recuou e balançou a cabeça. Muito bem, não era tão importante assim.

— O que tem para o jantar, meu bem? — perguntou ele, jovialmente.

— Não sei. Por que não prepara alguma coisa?

Foi o tom de voz, a maneira brusca com que ela respondeu, sem qualquer provocação.

— O que eu fiz? — indagou Jack.

Ele já se sentia surpreso, mas ainda não tivera tempo suficiente para absorver toda a atitude da mulher. A expressão em seus olhos era estranha, e sua voz deixou-o murcho quando respondeu à indagação:

— Nada, Jack, você não fez absolutamente nada.

Cathy passou por ele com o cesto e desapareceu na curva do corredor. Jack ficou parado ali, encostado na parede, a boca entreaberta, sem saber o que dizer e sem entender por que a esposa resolvera de repente desprezá-lo.

A viagem de Latakia ao Pireu levou apenas um dia e meio. Bock descobrira um navio seguindo para o porto certo, eliminando a necessidade do transbordo em Roterdã. Qati detestava qualquer alteração no plano, mas um exame meticuloso das previsões de transporte marítimo indicou que os cinco dias que se ganhava assim poderiam ser importantes, e ele acabou concordando. Qati e Ghosn observaram o guindaste levantar o contêiner e deslocá-lo para o convés do *Carmen Vita*, um cargueiro de bandeira grega que fazia a rota do Mediterrâneo. Zarpou<sup>1</sup> com a maré, ao final da tarde, e chegaria aos Estados Unidos dentro de onze dias. Poderiam ter fretado um avião a jato e resolvido logo o problema, pensou Qati, mas isso seria perigoso demais. Onze dias. Ele poderia consultar seu médico outra vez, e ainda teria tempo para voar até a América, e se certificar de que todas as providências eram satisfatórias. Os estivadores prenderam o contêiner no lugar. Ficaria bem protegido, no meio do navio, com outros contêineres por cima e pela popa, o que evitaria que fosse atingido diretamente pelas tempestades de inverno. Os dois homens foram para um bar no cais e esperaram que o navio zarpasse, depois voaram para Damasco, e de lá seguiram para seu quartel-general. A oficina em que fora montada a bomba já desaparecera — fora desativada, seria um termo melhor. Os cabos de energia haviam sido cortados, todos os acessos cobertos



de terra. Se alguém passasse com um caminhão pesado sobre o telhado oculto teria uma grande surpresa, mas isso era improvável. Era possível que pudessem usar a instalação de novo, e contra essa possibilidade mínima havia a inconveniência de remover as máquinas para enterrar em outro lugar. A simples cobertura da instalação era a alternativa mais lógica.

Russell voou para Chicago, a fim de pegar o primeiro jogo da rodada decisiva. Levou uma câmera, uma dispendiosa Nikon F4, e gastou dois rolos de filme colorido ASA-100 fotografando os caminhões da ABC — a equipe de *Monday Night Football* estava transmitindo a partida que seria realizada ali — antes de pegar um táxi de volta ao aeroporto. Teve sorte de pegar logo um vôo, o que lhe permitiu ouvir parte do jogo pelo rádio, durante a viagem de carro do aeroporto internacional Stapleton até sua nova casa, junto da Interestadual 76. Os Bears ganharam na prorrogação, vinte e três a vinte. Isso significava que Chicago poderia se dar ao luxo de perder a partida seguinte contra os Vikings, no Metrodome. Minnesota ficaria de *bye* na primeira semana das finais. Haveria tempo para que a distensão na virilha de Tony Wills ficasse plenamente curada, e esse estreante, ressaltou o locutor, estava quase alcançando a marca histórica de duas mil jardas de progressão no ataque, em sua primeira temporada na liga profissional, mais oitocentas jardas como recebedor. Russell conseguiu pegar quase toda a partida da AFC na Costa Oeste. Não houve surpresas na rodada, mas ainda persistia a emoção do futebol americano.

O *Maine* deixou a doca sem incidentes. Os rebocadores viraram o submarino, apontando-o para o caminho certo no canal, e continuaram nas proximidades, para o caso de haver qualquer necessidade de ajuda. O comandante Ricks postava-se na torre, debruçado na amurada. O imediato Claggett fazia o seu turno "e vigia na sala de controle. Era o navegador, na verdade, quem cuidava de todo, usando o periscópio para marcar posições, que o contramestre conferia na carta, certificando-se de que o submarino

se encontrava no meio do canal, e ^guindo na direção certa. A viagem seria prolongada. Por todo o barco, os homens continuavam a verificar os equipamentos. Os que não estavam de serviço, atavam em seus beliches e tentavam dormir. Muito em breve o *Maine* iniciaria os ^nos regulares de seis horas. Todos os homens realizavam um esforço consente de passar do ânimo de terra para o ânimo de mar. Famílias e amigos podiam muito bem estar em outro planeta. Durante os próximos dois meses o mundo inteiro deles estaria contido dentro do casco de aço do submarino.

Mancuso assistiu à partida, como sempre fazia, com todos os seus barcos. Era uma pena, ele pensou, que não houvesse qualquer jeito de retirar Ricks. do barco. Mas não havia a menor possibilidade. Teria uma reunião corri n alto comando dentro de poucos dias, a fim de tratar de questões de rotina. Aproveitaria para expressar suas apreensões em relação a Ricks. Não poderia ir muito longe naquela primeira vez, apenas revelaria suas dúvidas sobre o comandante da tripulação "Ouro". A natureza quase política da manobra irritava Mancuso, que gostava das coisas claras e objetivas, ao "estilo da marinha". Mas esse "estilo" tinha suas próprias regras de comportamento, e na ausência de causa concreta para ação, ele só podia agora manifestar sua preocupação com Ricks e sua maneira de dirigir o barco. Além do mais, o alto comando era dirigido por outro tipo de hiperengenharia, que provavelmente demonstraria a maior compreensão pela conduta de Ricks.

Mancuso tentou encontrar uma emoção para o momento, mas não conseguiu. A forma cinzenta foi diminuindo na distância, deslizando pelas águas serenas e oleosas da enseada, a caminho de sua quinta patrulha de dissuasão, como os submarinos americanos vinham fazendo há mais de trinta anos. O mundo podia mudar e uma porção de outras coisas também, mas as patrulhas continuavam. O *Maine* partia para manter a paz, através da ameaça da força mais inumana que a humanidade já conhecera. O comodoro balançou a cabeça. Era uma maneira absurda de conduzir as coisas. Era por isso que ele sempre fora um comandante agressivo. Mas funcionava, sempre funcionara, provavelmente continuaria a funcionar por muitos e muitos anos. E verdade que nem todos os

comandantes de barcos de mísseis eram iguais a Mush Morton, mas todos traziam seus barcos de volta.

Ele entrou no carro oficial azul-marinho, e mandou que o motorista o levasse ao escritório. O trabalho burocrático o aguardava.

Pelo menos as crianças não perceberam. Jack sentiu algum conforto por isso. As crianças viviam como espectadoras num mundo extremamente complexo, que exigia anos de aprendizagem para poder ser avaliado. Era por isso que percebiam principalmente as partes que não compreendiam, entre as quais não se incluíam um pai e uma mãe que não se falavam. Não duraria para sempre, é claro, mas podia durar o tempo suficiente para que os problemas fossem superados. Era o que deveria acontecer, pensou Jack. Mais do que isso, era certo.

Ele não sabia o que estava errado, e também não sabia o que podia fazer. O que devia fazer, sem dúvida, era chegar em casa num horário razoável talvez levar a mulher para jantar fora, num bom restaurante, e... mas isso não era possível com duas crianças na escola. Conseguir uma *baby sitter* n meio da semana e tão longe da cidade era inviável. Outra opção era chegar em casa e dedicar mais atenção á esposa, o que levaria...

Mas Jack não podia contar com sua capacidade de fazer isso, e mais um fracasso só serviria para agravar a situação.

Ele levantou os olhos de sua mesa, contemplando os pinheiros que se estendiam além da cerca que limitava o terreno da CIA. A simetria era perfeita. O trabalho prejudicava a vida familiar, e agora a vida familiar começava prejudicar o trabalho. Ou seja, não havia mais nada que fosse capaz de fazer direito. Não era sensacional? Ryan levantou-se e deixou o escritório, vagueando até o quiosque mais próximo. Ali chegando, comprou seu primeiro maço de cigarros em... cinco anos? Seis? Não importava. Ele tirou a parte superior do celofane e pegou um cigarro. Um dos luxos de ter uma sala particular era a possibilidade de fumar sem interferências. Sob esse aspecto, a CIA tornara-se igual a todas as repartições do governo, onde as pessoas, de um modo geral, só podiam fumar no banheiro.

Ele fingiu que não viu a expressão desaprovadora de Nancy ao voltar. Entrou em sua sala, vasculhou a escrivaninha à procura de um cinzeiro, antes de acender o cigarro.

Um minuto depois, no momento em que experimentou a vertigem inicial, ele concluiu que era um dos prazeres seguros da vida. O álcool era outro. Ingeria-se essas substâncias e se obtinha o efeito desejado, o que explicava a popularidade, apesar dos perigos à saúde que eram do conhecimento geral. O álcool e a nicotina, as duas coisas que tornavam uma vida intolerável em algo mais. Ao mesmo tempo em que a abreviavam.

Não era maravilhoso? Ryan quase riu de sua incrível estupidez. O que mais de si mesmo poderia destruir? Mas será que isso tinha alguma importância?

Seu trabalho tinha. Quanto a isso, não podia haver a menor dúvida. Fora o que o metera naquela enrascada, de um jeito ou de outro. Era o principal fator destrutivo em sua vida, mas não podia deixá-lo, assim como também não podia mudar qualquer outra coisa.

— Nancy, por favor, peça ao senhor Clark para vir até aqui. John apareceu dois minutos depois.

— Essa não, Doc! — exclamou Clark, no mesmo instante. — O que sua esposa vai dizer?

— Nada.

— Aposto que está errado nesse ponto. — Clark virou-se para abrir uma janela, a fim de arejar a sala. Deixara de fumar há muito tempo. Era o único vício que temia. Matara seu pai. — O que deseja?

— Como está o equipamento?

— Esperando o sinal verde para ser produzido.

— Pode começar.

— Já tem a autorização para a missão?

— Não, e nem preciso. Diremos que é parte do estudo de viabilidade, quanto tempo para preparar tudo?

— Três dias, pelo que eles dizem. Precisaremos de alguma cooperação da força aérea.

E o lado do computador? ~-O programa já foi definido. Pegaram gravações de seis aviões diferentes, e eliminaram os ruídos. Não precisaram de mais de duas ou três horas p-, fazer uma hora de gravação.

— Da Cidade do México para Washington leva...

— Dependendo do tempo, menos de quatro horas, no máximo. Cuidar da gravação inteira levará uma noite. Qual é a agenda do presidente?

— A chegada cerimonial será na tarde de segunda-feira. A primeira reunião para tratar de negócios está marcada para a manhã seguinte. Jantar oficial na noite de terça-feira.

— Você vai?

Ryan sacudiu a cabeça.

— Não. Teremos tudo acertado uma semana antes... não falta muito, não é mesmo? Falarei com o comando do 89º Grupo de Esquadrilhas, em Andrews. Eles estão sempre fazendo vôos de treinamento. Não será difícil encaixar o seu pessoal a bordo.

— Já escolhi três equipes para a recepção. Todos são ex-agentes dos serviços de informações da força aérea e da marinha. Conhecem o ofício.

— Está certo. Cuide de tudo.

— Pode deixar comigo, Doc.

Jack observou-o se retirar, enquanto acendia outro cigarro.

## ENCRUZILHADAS

O *Cartum Vita* passou pelo estreito de Gibraltar no prazo previsto, os diesels Pielstick mantendo uma velocidade constante de dezenove nós. A tripulação de quarenta oficiais e marujos (o navio não tinha mulheres na tripulação, embora três oficiais levassem as esposas na viagem) assentou na rotina normal no mar de turnos de vigia e manutenção. Estavam a sete dias de viagem de Virgínia Capes. No convés e no porão, havia uma grande quantidade de contêineres de tamanho padrão. Na verdade, havia dois tamanhos, e transportavam diversos tipos de carga, que o comandante e os tripulantes não conheciam, nem se importavam. Pelo sistema de contêineres, o navio era usado exclusivamente como um transportador contratado, da mesma forma que um caminhão podia ser. A tripulação só precisava se preocupar com o peso da carga, e isso era sempre regular, já que cada contêiner costumava ser carregado com o que um caminhão podia legalmente transportar por uma estrada pública.

A rota para o sul do navio também permitia que a travessia oceânica fosse tranqüila, sem incidentes. As tempestades de inverno seguiam um curso mais setentrional, e o comandante do navio, natural da Índia, sentia-se feliz por isso. Um homem relativamente jovem para um posto tão importante — tinha apenas trinta e sete anos —, sabia que o bom tempo permitia uma viagem rápida, com economia de combustível. Ele aspirava ao comando de um navio maior e mais suntuoso, e manter o *Carmen Vita* no horário e abaixo do orçamento era o caminho mais certo para alcançar seu objetivo.

Era o décimo dia consecutivo em que Clark não via a sra. Ryan. John Clark tinha uma boa memória para essas coisas, aguçada por anos de operações de campo de um tipo ou outro, em que um agente só permanecia vivo se registrasse tudo, quer parecesse ou

não importante. Ele nunca a vira pais do que duas vezes seguidas. Jack trabalhava num horário inconveniente, mas o mesmo acontecia com ela, com cirurgias de manhã bem cedo, pelo menos duas vezes por semana... e ela estava acordada naquela manhã. Clark avistou sua cabeça através da janela da cozinha, sentada a uma mesa, provavelmente tomando café e lendo o jornal ou assistindo à televisão. Mas ela não virou a cabeça para olhar o marido quando ele saiu, não é mesmo? Normalmente, ela se levantava para dar um beijo de despedida, como qualquer esposa. Dez dias consecutivos.

Não era um bom sinal. Qual seria o problema? Jack veio para o carro, a expressão sombria, olhando para baixo. Lá estava a careta outra vez.

— Bom dia, Doc! — cumprimentou-o Clark, jovialmente.

— Oi, John — foi a resposta desanimada.

Mais uma vez, ele não trazia o jornal. Começou a ler os despachos na caixa, como de hábito. Ao chegarem à estrada de contorno de Washington, Jack apenas olhava pela janela, um olhar perdido no espaço, acendendo um cigarro depois de outro. Clark chegou à conclusão de que não podia mais suportar.

— Problema em casa, Doc? — perguntou ele, suavemente, olhando para a estrada.

— Isso mesmo, mas é um problema meu.

— É verdade. As crianças estão bem?

— Não é nada com as crianças. Deixe-me em paz, está bem, John?

— Claro.

Clark concentrou-se em guiar, enquanto Ryan conferia as mensagens. *Qual pode ser o problema? Seja analítico*, disse Clark a si mesmo. *Pense direito*.

Seu chefe já se encontrava deprimido há um mês, mas a situação se agravara ultimamente — a notícia no jornal, aquele problema de Holtzman? Um problema familiar, mas que não envolvia as crianças. O que significava encrenca com a esposa. Clark fez a anotação mental de analisar essa parte e suas possíveis conseqüências, assim que chegasse ao escritório. Setenta minutos depois de pegar Ryan — o tráfego não era muito intenso naquela

manhã —, ele foi para a ampla biblioteca da CIA, e manteve o pessoal ali bastante ocupado. Não foi muito difícil. A Agência mantinha um arquivo especial para todas as matérias na imprensa que a envolviam, divididas em pastas, pelos autores. O problema tornou-se imediatamente evidente para Clark.

Holtzman falara sobre impropriedades financeiras e sexuais. E logo depois que a matéria saía...

— Merda! — sussurrou Clark para si mesmo.

Ele tirou cópias das matérias — eram quatro — e foi dar uma volta, a fim de desanuviar a cabeça. Uma das coisas boas em trabalhar na segurança, ainda mais designado para Ryan, era o fato de que não havia muito trabalho. Ryan quase não saía de Langley. Não costumava circular muito. Passeando pelos jardins, ele releu as matérias, e estabeleceu outra conexão. A matéria do domingo Ryan chegara cedo em casa naquele dia. Estava animado, falando em tirar uma licença logo depois da operação mexicana, aceitar o conselho de John para uma viagem à Flórida... mas na manhã seguinte parecia um cadáver. E saía de casa sem o jornal. A esposa devia estar lendo, e algo de terrível acontecera entre Ryan e a esposa. Isso parecia evidente. O suficiente para Clark.

Ele voltou ao prédio, submetendo-se à rotina normal de passar pelos portões controlados por computador, depois partindo à procura de Chavez, que se encontrava na ala nova. Foi encontrá-lo numa sala, estudando os horários de vôos.

— Ding, pegue seu paletó.

Dez minutos depois, estavam na estrada de contorno de Washington. Ding verificava um mapa.

— Já sei onde é — anunciou ele. — Broadway e Monument, perto da enseada.

Russell vestia um macacão. As fotos dos caminhões da ABC em Chicago saíram ótimas, e ele mandara um laboratório de Boulder ampliá-las para o tamanho de cartazes. Comparou-as com seu furgão — era exatamente o mesmo modelo de um furgão da rede — para calcular as medidas precisas. A tarefa seguinte não era fácil. Ele comprara uma dúzia de folhas grandes de plástico semi-rígido, e



começou a trabalhá-los para obter uma cópia precisa do logotipo da ABC. Ao terminar cada uma, ele grudava no lado do furgão, usando um lápis para escrever as letras. Precisou de seis tentativas antes de acertar. Russell usou uma faca para fazer as marcas de referência no furgão. Parecia uma pena estragar a pintura, mas ele lembrou a si mesmo que o veículo seria explodido, no final das contas, e não havia sentido em se mostrar sentimental por causa de uma máquina. De um modo geral, orgulhava-se de seus talentos artísticos. Não tivera a oportunidade de exercitá-los desde que aprendera um ofício na oficina da prisão, muitos anos antes. Depois que o logotipo fosse pintado, as letras pretas sobre a pintura branca, ninguém seria capaz de perceber a diferença.

O trabalho seguinte, naquele dia, foi procurar o serviço de trânsito local, a fim de obter placas comerciais para o furgão. Russell explicou que o usaria em sua empresa de eletrônica, instalando e fazendo a manutenção de sistemas telefônicos comerciais. Ele saiu com placas temporárias e a promessa de entrega das definitivas dentro de quatro dias úteis, o que lhe pareceu uma eficiência desnecessária. Obter a carteira de motorista foi ainda mais fácil. Os documentos de habilitação internacional que Ghosn providenciara, junto com o passaporte foram aceitos pelo Estado do Colorado. Depois de se submeter a um teste escrito ele obteve a carteira com fotografia. Seu único "erro" foi escrever um dado no lugar errado do formulário, mas o funcionário entregou outro para preenchimento. O primeiro foi para a lata de lixo. Ou assim pareceu. Na verdade, Russell guardou o formulário em branco no bolso do blusão.

O hospital Johns Hopkins não está localizado numa área das melhores. Como uma compensação por isso, a polícia da cidade de Baltimore o vigiava de uma maneira que lembrou a Clark o seu tempo no Vietnã. Ele encontrou uma vaga na Broadway, em frente à entrada principal. Depois, Clark e Chavez entraram, contornando a estátua de mármore de Jesus, que ambos acharam admirável, tanto no tamanho como na execução. Como o complexo era vasto, descobrir a parte certa foi um pouco difícil, mas dez minutos depois eles sentavam na ante-sala do consultório da professora Carolyne M.

Ryan no Instituto Oftalmológico Wilmer. Clark relaxou e ficou lendo uma revista, enquanto Chavez fixava os lascivos olhos escuros na recepcionista. A dra. Ryan apareceu às doze e trinta e cinco, carregando uma porção de documentos. Lançou um olhar de quem-são-vocês para os dois agentes da CIA, e entrou em sua sala sem dizer nada. Clark ficou impressionado. Ela sempre lhe parecera uma mulher muito atraente e distinta. Não agora. Seu rosto parecia até pior que o do marido. A situação estava mesmo escapando ao controle, refletiu Clark. Ele contou até dez, depois passou pela recepcionista boquiaberta para se iniciar em sua mais nova carreira, a de conselheiro matrimonial.

— O que deseja? — indagou Cathy. — Não tenho nenhuma consulta marcada para hoje.

— Madame, preciso de alguns minutos de seu tempo.

— Quem é você? Veio me interrogar a respeito de Jack?

— Meu nome é Clark. — Ele tirou do bolso da camisa o passe com foto da CIA, ligado a uma corrente de metal para pendurar no pescoço. — Pode haver algumas coisas que precisa saber.

Os olhos de Cathy se tornaram duros quase que no mesmo instante, a raiva prevalecendo sobre a mágoa.

— Já sei — disse ela. — Ouvi tudo.

— Não, madame, acho que não sabe. Este não é um bom lugar para conversar. Posso convidá-la para almoçar?

— Por aqui? As ruas não são absolutamente...

— Seguras?

Clark sorriu para mostrar como a alegação era absurda. Pela primeira vez, Caroline Ryan lançou um olhar profissional ao visitante. Ele era mais ou menos da altura de Jack, só que mais corpulento. Enquanto ela achara outrora o rosto do marido viril, o de Clark era rude. As mãos pareciam enormes e poderosas, e a linguagem do corpo proclamava que ele era capaz de enfrentar qualquer coisa. Mais impressionante ainda era sua atitude. O homem poderia intimidar praticamente qualquer pessoa, compreendeu Cathy mas se esforçava para parecer gentil, e conseguia, como os jogadores de futebol americano que às vezes apareciam no hospital para visitar as

crianças. *Um urso de pelúcia*, foi o que ela pensou. Não porque ele era assim, mas porque queria ser.

— Há um bom lugar na Monument Street.

— Ótimo.

Clark virou-se e pegou o casaco dela no cabideiro. Suspendeu-o quase que delicadamente para que Cathy vestisse. Chavez acompanhou-os quando saíram. Era muito menor do que Clark, embora mais ostensivamente perigoso, como um delinqüente juvenil que tentava se civilizar. Chavez seguiu na frente ao deixarem o hospital, precedendo-os pela calçada de uma maneira que era quase cômica. As ruas ali não eram o que ela considerava seguras — pelo menos não para uma mulher andando sozinha, embora o problema fosse maior à noite do que durante o dia —, mas Chavez avançava como um homem em combate. Encontraram logo o pequeno restaurante, e Clark conduziu a todos para um reservado no canto. Os dois homens sentaram de costas para a parede, a fim de observar qualquer ameaça que se aproximasse. Os dois estavam com o paletó desabotoado, mas externamente pareciam relaxados.

— Quem exatamente são vocês? — perguntou Cathy, achando que a história toda parecia um filme de segunda categoria.

— Sou o motorista de seu marido — respondeu John. — Sou um agente de campo, do tipo paramilitar. Estou na Agência há quase vinte anos.

— Não deveria contar essas coisas às pessoas. Clark limitou-se a sacudir a cabeça.

— Madame, ainda nem começamos a violar as leis. Agora, sou um agente de segurança e proteção. Ding Chavez aqui também.

— Olá, doutora Ryan. Meu verdadeiro nome é Domingo. — Ele estendeu a mão. — Também trabalho com seu marido. John e eu o levamos por toda a parte, protegemos em viagem, e tudo o mais.

— Os dois estão armados?

Ding Chavez pareceu quase embaraçado.

— Estamos, sim, madame.

Com isso, encerrava-se a parte aventureira do encontro, pensou Cathy. Era evidente que se encontrava na presença de dois homens duros, mas que tentavam se mostrar simpáticos com ela. E até

conseguiam. Só que isso não alterava seu problema. Cathy já ia dizer alguma coisa, mas Clark falou primeiro:

— Madame, parece haver um problema entre a senhora e seu marido. Não sei o que é... mas posso imaginar alguma coisa... só tenho certeza de que ele está profundamente magoado. O que é ruim para a Agência.

— Senhores, agradeço a preocupação, mas isso é um assunto particular.

— Tem toda a razão, madame — respondeu Clark, numa voz estranhamente polida. Ele tirou do bolso as cópias xerox das matérias de Holtzman— É este o problema?

— Não é da conta...

Cathy fechou a boca abruptamente.

— Foi o que pensei. Madame, nada disso é verdade. Isto é, a parte de impropriedade sexual. Não é absolutamente verdadeira. Seu marido dificilmente vai a qualquer lugar sem um de nós. Por causa do lugar em que trabalha e do cargo que ocupa, tem de indicar qualquer lugar a que vai... como um médico em visita domiciliar, entende? Se quiser, posso providenciar cópias do itinerário de seu marido, pelo prazo que desejar.

— Isso não pode ser legal.

— Não, provavelmente não é — concordou Clark. — E daí?

Ela queria muito acreditar, pensou Cathy, mas não podia, e era melhor explicar logo o motivo.

— A lealdade de vocês a Jack é fantástica... mas eu sei, entendem? Examinei os registros financeiros e sei de tudo sobre a mulher Zimmer, sei até sobre a criança!

— O que sabe exatamente?

— Sei que Jack estava presente no parto. Sei sobre o dinheiro, e como ele tentou esconder de mim e de todos os outros. E sei que ele está sendo investigado pelo governo.

— Como assim?

— Um investigador do governo esteve aqui no Hopkins! Fui informada!

— Doutora Ryan, não existe nenhuma investigação na CIA, nem no FBI. Isso é um fato.

— Então quem esteve aqui?

— Infelizmente, não sei.

Não era uma verdade total, mas Clark achou que a mentira não era pertinente ao assunto em discussão.

— Mas eu sei sobre Carol Zimmer! — insistiu Cathy.

— E o que sabe? — repetiu Clark, calmamente.

A resposta o surpreendeu, saindo quase como um grito:

— Sei que Jack tem uma relação extraconjugal, e ela é a mulher! Há uma criança envolvida, e Jack passa tanto tempo com ela que não tem tempo para mim, nem mesmo pode...

Ela parou de falar abruptamente, a pique de chorar. Clark esperou que ela se acalmasse. Seus olhos não se desviaram do rosto de Cathy por um instante sequer, e ele percebeu tudo, tão claramente como se estivesse impresso numa folha. Ding parecia apenas constrangido. Não tinha idade bastante para compreender.

— Vai me ouvir até o fim?

— Claro. Por que não? Já acabou, e só não fui embora por causa das crianças. Portanto, pode falar, apresentar sua conversa, dizer que ele ainda me ama e tudo o mais. Jack não tem coragem para me falar pessoalmente, mas tenho certeza de que ele tem alguma coisa a ver com isto.

O tom de Cathy era de extrema amargura.

— Em primeiro lugar, ele não sabe que estamos aqui. Se descobrir, provavelmente perderei meu emprego, mas isso não é tão importante assim. Sempre tenho minha aposentadoria. Além do mais, estou prestes a violar mais normas do que essa.

Clark fez uma pausa, antes de prosseguir:

— Carol Zimmer é viúva. Seu marido era o primeiro-sargento Buck Zimmer, da força aérea americana. Ele morreu no cumprimento do dever. Para ser mais preciso, morreu nos braços de seu marido. Sei disso porque estava presente. Buck levou cinco tiros no peito. Os dois pulmões foram atingidos. Levou cinco ou seis minutos para morrer. Deixou sete filhos... oito, contando com a criança que a esposa esperava. Buck não tinha conhecimento da última menina quando morreu. Carol queria fazer uma surpresa. O sargento Zimmer comandava um helicóptero de operações especiais da força

aérea. Levamos esse helicóptero para outro país, a fim de resgatar um grupo de homens do exército americano que realizava uma missão secreta.

— Eu era um deles, madame — anunciou Ding, para irritação de Clark. — Não estaria aqui se o Doc não tivesse interferido.

— Os soldados tiveram o apoio deste lado da operação deliberadamente cortado...

— Por quem?

— Ele já morreu — respondeu Clark, num tom que não deixava margem para qualquer dúvida. — Seu marido descobriu o que era uma operação ilegal. Ele e Dan Murray, do FBI, organizaram a operação de resgate. Foi terrível, muito difícil. Tivemos sorte de escapar vivos. Estou surpreso que nunca tenha notado coisa alguma... pesadelos, talvez?

— Jack não dorme direito... e às vezes...

— O doutor Ryan por pouco não teve a cabeça arreventada por uma bala... talvez dois ou três centímetros. Tivemos de resgatar um pelotão no alto de uma colina, e eles se encontravam sob ataque. Jack disparava uma metralhadora. Buck Zimmer estava na outra. Buck foi atingido quando levantávamos vôo, ficou gravemente ferido. Jack e eu tentamos salvá-lo, mas creio que nem vocês aqui no Hopkins poderiam fazer muita coisa. Foi uma coisa horrível. Ele morreu...

Clark fez uma pausa, e Cathy pôde perceber que ele não simulava a angústia.

— Ficou falando dos filhos. Preocupado com eles, como qualquer homem ficaria. Seu marido manteve Zimmer nos braços, e prometeu que cuidaria das crianças, que todas teriam instrução, a família não passaria necessidades. Madame, estou neste ofício há muito tempo, antes mesmo que a senhora aprendesse a guiar um carro. E nunca vi nada melhor do que Jack fez. Depois que voltamos, Jack cumpriu a promessa. Não estou surpreso que ele nada tenha lhe contado. Há algumas coisas na operação que nem mesmo eu conheço. Mas de uma coisa tenho certeza: se Jack dá sua palavra, ele cumpre. E eu ajudei. Trouxemos a família da Flórida para cá. Ele financiou um pequeno negócio. O filho mais velho já está na

universidade, em Georgetown, o segundo foi aceito no MIT. Esqueci de lhe contar, Carol Zimmer... Carol não é o seu nome. Ela nasceu no Laos. Zimmer tirou-a de lá quando o país virou um inferno, casou com ela, começaram a ter filhos um atrás do outro. Seja como for, ela é uma típica mãe asiática. Acha que a educação é uma dádiva do próprio Deus, e seus filhos estudam de verdade. E todos acham que seu marido é um santo. Vamos visitá-los pelo menos uma vez por semana, todas as semanas.

— Quero acreditar em você — murmurou Cathy. — E o bebê?

— Quer saber quando nasceu? Nós dois estávamos lá. Minha mulher ajudou no parto... Jack achava que não era certo entrar na sala, e eu nunca assisti a nenhum parto. E algo que me deixa apavorado. Por isso, ficamos na sala de espera, junto com os outros. Se quiser, posso apresentá-la à família Zimmer. Pode também confirmar a história com Dan Murray, no FBI, se achar que é necessário.

— Não criaria problemas para você?

Cathy compreendeu no mesmo instante que podia confiar em Murray. Ele era rigoroso nas questões morais; talvez por ter sido um policial.

— Não resta a menor dúvida de que perderia meu emprego. Creio que poderiam me processar... em termos técnicos, acabo de cometer um crime federal... mas duvido que chegue a esse ponto. Ding também perderia o emprego, porque não teve o bom senso de ficar de boca fechada, como eu mandei.

— Merda! — exclamou Ding, assumindo uma expressão embaraçada no instante seguinte. — Desculpe, madame. John, isso é uma questão de honra. Se não fosse pelo Doc, eu teria virado fertilizante numa colina colombiana. Conta mais do que um emprego, *mano*.

Clark estendeu uma ficha de arquivo.

— Aqui estão as datas da operação. Deve lembrar que Jack não compareceu ao funeral quando o almirante Greer morreu.

— É isso mesmo! Bob Ritter me telefonou, e...

— Foi quando tudo aconteceu. Pode confirmar com o senhor Murray.

— Santo Deus!

Cathy compreendeu tudo subitamente.

— É verdade, madame. Só tem lixo nessas notícias. Tudo não passa de uma mentira.

— Quem está fazendo isso?

— Não sei, mas vou descobrir. Doutora, há seis meses que venho observando seu marido desmoronar. Já vi a mesma coisa acontecer antes, em combate... passei algum tempo no Vietnã... mas isso é pior. Aquele Tratado do Vaticano, a maneira como o Oriente Médio foi pacificado. Jack teve uma grande participação nessa história, mas não vai receber nenhum crédito. Não sei exatamente qual foi o seu papel. Ele é muito bom em manter segredos. E isso é parte do seu problema. Guarda tudo. Se a pessoa faz isso demais, é como câncer, como ácido, ou qualquer coisa assim. Vai corroendo. É o que acontece com Jack, e essas invenções no jornal fizeram tudo piorar ainda mais. Tudo o que posso dizer é o seguinte: não conheço homem melhor do que seu marido, e olha que já conheci muita gente. Ele já demonstrou a sua força de caráter muito mais vezes do que pode imaginar, mas há pessoas que não gostam dele, e essas pessoas estão tentando destruí-lo de um jeito que Jack não pode enfrentar. É uma manobra suja e traiçoeira, mas ele não é o tipo de homem que pode suportar isso. Joga de acordo com a regras, entende? E é por isso que vem sendo corroído por dentro.

Cathy chorava agora. Clark entregou-lhe um lenço.

— Achei que devia saber. Se julgar que é necessário, quero que confirme o que eu lhe disse até onde pensar que precisa. A decisão é sua, e quero que aja sem se preocupar comigo, com Ding ou qualquer outra pessoa, está bem? Se perder meu emprego... que se dane. Já estou nisso há tempo demais.

— E os presentes de Natal?

— Para as crianças Zimmer? Ajudei a embrulhá-los. Seu marido não é capaz de embrulhar um presente, mas creio que já sabe disso. Também dei os meus presentes. Minhas filhas já são crescidas demais para se divertirem com presentes, e as crianças Zimmer são



maravilhosas. E uma beleza ser um tio — Clark arrematou com um sorriso.

— Tudo não passa de uma mentira?

— Não sei sobre a parte financeira, apenas sobre o resto. E tentaram atingir Jack por seu intermédio, a julgar pelo que acabou de dizer.

As lágrimas cessaram naquele momento. Cathy enxugou os olhos e levantou o rosto.

— Tem razão. Disse que não sabe quem está fazendo isso?

— Pretendo descobrir.

O comportamento de Cathy mudara por completo. Ali estava uma mulher e tanto.

— Quero que me avise quando descobrir. E também quero conhecer a família Zimmer.

— A que horas sai do trabalho?

— Preciso dar alguns telefonemas, verificar como estão meus pacientes... daqui a uma hora?

— Posso dar um jeito de levá-la até lá, mas talvez tenha de sair mais cedo. A família tem uma 7-Eleven a cerca de quinze quilômetros de sua casa.

— Sei que fica perto, mas não exatamente onde.

— Poderá me seguir.

— Então vamos embora.

Cathy tentou seguir na frente, mas não conseguiu. Chavez chegou primeiro na porta, e precedeu-a por todo o caminho de volta ao hospital. Ele e Clark decidiram esperar ali fora, respirar um pouco de ar fresco. Foi quando avistaram dois rapazes sentados em seu carro.

Era estranho, pensou John Clark, enquanto atravessava a rua. No início, Caroline Ryan se mostrara furiosa. Ele fora a voz da compreensão. Agora que ela se sentia muito melhor — embora também pior, sob outro aspecto —, ele absorvera toda a sua raiva. Era quase insuportável, e ali na sua frente havia um meio de descarregá-la.

— Saiam do carro, seus delinqüentes!

— Puxa, John! — exclamou Ding, por trás.

— Quem é você para me dar ordens? — disse um dos rapazes, virando-se a tempo de ver o homem que se aproximava.

Ele avistou a mão que agarrou seu ombro. Depois, o mundo rodopiou e um muro de tijolos aproximou-se de seu rosto muito depressa. Teve sorte, pois o rádio que segurava absorveu a maior parte do impacto.

— Filho da puta! — berrou o garoto, sacando uma faca.

Seu companheiro se encontrava a dois metros de distancia, e também sacou uma faca. Clark sorriu para eles.

— Quem é o primeiro?

O pensamento de vingar o rádio do carro teve uma morte rápida. Os garotos sabiam reconhecer o perigo.

— Tem sorte de que eu não esteja com meu revólver, cara!

— Podem deixar as facas também.

— Você é tira?

— Não, não sou um policial — respondeu Clark, adiantando-se com a mão estendida.

Chavez seguiu-o, com o paletó aberto, e os dois rapazes notaram. Largaram suas facas e desataram a correr.

— Mas o que está acontecendo aqui?

Clark virou-se, e avistou um guarda se aproximando, com um cachorro enorme, os dois plenamente alertas. Ele tirou do bolso seu passe da CIA.

— Não gostei da atitude deles. Chavez entregou as facas.

— Eles deixaram cair isto, senhor.

— Deveriam deixar essas coisas para nós.

— Tem toda razão, senhor — concordou Clark. — E um belo cachorro. O guarda guardou as facas no bolso.

— Tenham um bom dia — murmurou ele, afastando-se a especular sobre o que teria ocorrido.

— Para você também. — Clark fez uma pausa, virou-se para Chavez. — Puxa, foi muito bom.

— Pronto para a viagem ao México, John?

— Claro. Apenas detesto deixar qualquer coisa inacabada para trás, entende?

— E a quem você está querendo sacanear?

- Ainda não sei direito.
- Corta essa.
- Não posso ter certeza enquanto não conversar com o tal de Holtzman.
- Como quiser, cara. Gostei dela. É uma mulher e tanto.
- E verdade. Justamente o que ele precisa para se recuperar.
- Acha que ela vai ligar para o Murray?
- Isso tem alguma importância?
- Não. — Chavez correu os olhos pela rua. — Uma questão de honra, Mister C.
- Eu sabia que você compreenderia, Ding.

Jacqueline Zimmer era uma criança linda, pensou Cathy, segurando-a no colo. Queria outro filho, devia ter outro filho. Jack lhe daria, talvez outra menina, se tivessem sorte.

— Ouvimos falar muito a seu respeito — comentou Carol. — Não é médica?

— Sou, sim. Ensino a médicos. Sou professora de cirurgia.

— Meu filho mais velho precisa conhecê-la. Ele quer ser médico. Estuda em Georgetown.

— Talvez eu possa ajudá-lo um pouco. Permite que eu lhe faça uma Pergunta?

— Claro.

— Seu marido...

— Buck? Ele morreu. Não sei de tudo, só que ele morreu... uma coisa secreta, entende? Foi terrível para mim. — Carol falou num tom solene, mas sem dor ostensiva. Já superara isso. — Buck era um homem maravilhoso. E seu marido também é. Seja boa para ele.

— Eu serei — prometeu Cathy. — E podemos fazer com que isto seja um segredo?

— Como assim?

— Jack não sabe que eu tenho conhecimento de sua existência.

— É mesmo? Sei que há muitos segredos, mas... Está bem, eu compreendo. Isto também será um segredo.

— Conversarei com Jack. Acho que você precisa ir à nossa casa, conhecer nossos filhos. Mas, por enquanto, podemos manter em

segredo?

— Combinado. Faremos uma surpresa para ele?

— Certo. — Cathy sorriu, devolvendo a menina. — Tornarei a vê-la muito em breve.

Quando ela voltou ao estacionamento, Clark perguntou:

— Sente-se melhor, doutora?

— Obrigada.

— Pode me chamar de John.

— Obrigada, John.

Cathy ofereceu seu sorriso mais afetuoso desde que dera os presentes aos filhos no Natal.

— Não há de quê.

Ele seguiu para oeste, pela Rota 50. Cathy foi para leste, a caminho de casa. As articulações dos dedos das mãos estavam esbranquiçadas, de tanto que apertava o volante. A ira voltara agora. Na maior parte, sentia raiva de si mesma. Como pudera pensar aquilo de Jack? Fora muito tola, mesquinha, e repulsivamente egoísta. Mas, no fundo, não era culpa sua. Alguém estava agredindo sua família, concluiu ela, ao entrar na garagem. Foi para o telefone no mesmo instante. Ainda tinha mais uma coisa a fazer. Precisava ter certeza absoluta.

— Oi, Dan.

— Cathy! — exclamou Murray. — Como vai o negócio de olhos?

— Tenho uma pergunta para você.

— Pode falar.

Ela já decidira a melhor maneira de conduzir a conversa.

— Há um problema com Jack...

A voz de Murray tornou-se cautelosa:

— Que problema?

— Ele vem tendo pesadelos. — Não era uma mentira, mas o que Cathy disse em seguida era. — Algo sobre um helicóptero, e um tal de Buck... Não posso interrogá-lo a respeito, mas...

Murray interrompeu-a:

— Cathy, não posso falar sobre isso pelo telefone. É uma questão profissional'

— E mesmo?

— É, sim, Cathy. Sei alguma coisa a respeito, mas não posso contar a você. Sinto muito, mas é assim que tem de ser. Um segredo profissional.

Cathy insistiu, com um tom de alarme na voz.

— Não é algo que esteja acontecendo agora...

— Pertence ao passado, Cathy. Isso é tudo o que posso dizer. Se acha que Jack precisa de ajuda profissional, posso dar alguns telefonemas...

— Não, creio que não é necessário. O problema foi intenso há alguns meses, mas parece que está melhorando. Apenas fiquei preocupada, pensando que podia ser alguma coisa no escritório...

— Tudo pertence ao passado, Cathy. Juro.

— Tem certeza, Dan?

— Absoluta. Eu não brincaria com uma coisa assim.

E isso, Cathy sabia, era a verdade absoluta. Dan era tão honesto quanto Jack.

— Obrigada, Dan... muito obrigada — disse ela, em sua melhor voz médica, a que não deixava transparecer coisa alguma.

— De nada, Cathy.

Ao desligar, Murray se perguntou se não teria sido enganado de alguma forma. Não, ele concluiu, não havia a menor possibilidade de Cathy ter descoberto.

Se ele pudesse ver no outro lado da ligação encerrada, teria se surpreendido ao descobrir como estava enganado. Cathy sentou sozinha na cozinha, chorando pela última vez. Precisara conferir, não havia outra maneira de expurgar todas as emoções de sua alma, mas agora tinha certeza absoluta de que Clark dissera a verdade; alguém tentava destruir seu marido, e quem quer que fosse se mostrava disposto a lançar a mulher e os filhos contra ele. *Quem poderia odiar tanto um homem -para tentar ate' isso?*, ela especulou.

Quem quer que fosse, era seu inimigo. Quem quer que fosse, atacaria-a e à sua família tão friamente quanto aqueles terroristas, só que de um modo mais covarde.

E quem quer que fosse, pagaria por isso.

— Onde você esteve?

— Desculpe, Doc. Tive de tomar algumas providências. — Clark voltara passando pela seção de C&T. — Aqui está.

— O que é isto?

Ryan pegou a garrafa de cerâmica de Chivas Regal, do tipo mais caro, que não era transparente.

— E o nosso rádio. Fizeram quatro. Bom trabalho, não acha? Aqui está o receptor. — Clark estendeu uma vareta verde, quase da espessura de um canudo de coquetel, mas nem tanto. — Vai parecer uma haste para prender flores no lugar. Decidimos usar três. Os técnicos garantem que podem multiplicar as transmissões para o exterior, e por um motivo ou outro conseguirão reduzir o tempo de computador a um-por-um. Também disseram que se pudéssemos dispor de mais alguns meses, poderiam quase que reproduzir tudo no tempo real.

— O que temos já é suficiente. — O "quase" aqui e agora era melhor do que o perfeito tarde demais. — Já financiei projetos de pesquisas em quantidade suficiente.

— Concordo. E os testes de vôo?

— Amanhã, às dez horas.

— Ótimo. — Clark levantou-se. — Ei, Doc, que tal encerrar o trabalho por hoje? Parece exausto.

— Acho que você tem razão. Dê-me mais uma hora, e poderemos partir.

— Combinado.

Russell encontrou-os em Atlanta. Eles tinham feito uma escala na Cidade do México, de onde seguiram para Miami, onde o pessoal da alfândega estava muito interessado em drogas, mas não em negociantes gregos que abriam suas malas sem que lhes fosse pedido. Russell, que era agora Robert Friend, de Roggen, Colorado — e tinha a carteira de motorista para comprová-lo —, apertou as mãos dos dois, e ajudou-os a recolher a bagagem.

— Armas? — perguntou Qati.

— Não aqui. Tenho tudo de que precisa em casa.

— Algum problema?

— Nenhum. — Russell permaneceu em silêncio por um longo momento. — Talvez haja um.

— Qual? — indagou Ghosn, disfarçando o alarme, pois sempre se sentia nervoso quando pisava em solo estrangeiro, e aquela era sua primeira viagem à América.

— Faz muito frio no lugar para onde vamos. Talvez queiram comprar alguns casacos grossos.

— Isso pode esperar — decidiu o comandante. Qati sentia-se muito mal agora. A última aplicação de quimioterapia o deixara sem comer por quase dois dias. Por mais que ansiasse por algum alimento, o estômago se rebelava à mera vista das lanchonetes no aeroporto. — Quando partiremos?

— Dentro de uma hora e meia. Não é melhor comprarem algumas suéteres? Não estou brincando quando falo do frio. A temperatura deve estar por volta de zero no lugar para onde vamos.

— Zero? Não é tanto... — Ghosn hesitou. — Abaixo de zero, em graus centígrados?

Russell parou por um instante.

— Acho que é isso mesmo. Zero aqui significa algo diferente. Zero é muito frio, entendem?

— Está bem — concordou Qati.

Meia hora depois eles usavam grossas suéteres, por baixo das capas finas. O vôo da Delta para Denver, quase vazio, partiu no horário. Três horas mais tarde, eles desembarcaram de seu último jato, por algum tempo. Ghosn nunca vira tanta neve em sua vida.

— Mal consigo respirar — comentou Qati.

— Levará um dia para se acostumar com a altitude. Vocês devem agora ir buscar a bagagem. Vou pegar o carro e esquentá-lo.

Assim que Russell se afastou, Qati comentou:

— Se ele nos traiu, saberemos nos próximos minutos.

— Não nos traiu — assegurou Ghosn. — Pode ser um homem estranho, mas é leal.

— E um infiel, um pagão.

— Tem razão, mas também escutou um imã em minha presença. Pelo menos foi polido. Tenho certeza de que é leal.

— Veremos — murmurou Qati, encaminhando-se para o lugar em que se pegava a bagagem, exausto e ofegante.

Os dois olhavam ao redor enquanto andavam, à procura de olhos. Era sempre o indicador, olhos que vigiavam. Era difícil até para os mais profissionais deixar de olhar para seus alvos.

Pegaram a bagagem sem incidentes, e Marvin os aguardava. Não podia evitar que a lufada de ar os atingisse; embora rarefeito, era mais frio do que qualquer dos dois jamais experimentara. O calor dentro do carro foi muito bem-vindo.

— Como estão os preparativos?

— Tudo dentro do prazo, comandante — respondeu Russell.

Ele partiu. Os árabes ficaram impressionados com o vasto espaço aberto, a longa rodovia interestadual — acharam muito estranhas as placas de limite de velocidade — e a prosperidade óbvia da região. Ficaram também impressionados com Russell, que sem dúvida realizara um bom trabalho. Sentiram-se mais relaxados ao constatarem que ele não os traía. Não que Qati esperasse de fato por isso, mas sabia que sua vulnerabilidade aumentava à medida que se aproximavam da parte final do plano. O que era normal, ele também sabia.

A fazenda era de bom tamanho. Russell, atencioso, deixara-a aquecida, mas o que Qati mais notou, acima de tudo, foi a facilidade evidente de defesa, com um campo de fogo livre em todas as direções. Russell conduziu-os ao interior da casa, carregando as malas.

— Vocês devem estar exaustos — disse ele. — Por que não deitam um pouco? Estão seguros aqui.

Qati aceitou a sugestão. O que já não aconteceu com Ghosn. Ele e Russell foram para a cozinha. Ibrahim ficou feliz ao saber que Russell era um competente cozinheiro.

— Que carne é esta?

— Carne de veado. Sei que não comem porco... mas também têm problemas com veado?

Ghosn sacudiu a cabeça.

— Não, só que nunca comi.



— E saborosa, eu garanto. Encontrei-a no açougue local esta manhã. Um alimento dos nativos americanos. Era um veado macho. Há um rancheiro na região que cria os bichos comercialmente. Posso também procurar carne de búfalo.

— E o que é isso?

— Búfalo? Outra coisa que só se pode encontrar aqui. E o cruzamento de vaca com búfalo. E búfalo era o que meu povo costumava comer, a maior vaca que se pode imaginar! — Russell sorriu. — Uma boa carne magra, saudável e tudo mais. Mas a carne de veado é melhor, Ismael.

— Não deve me chamar assim — protestou Ghosn, cansado, pois fora um dia de vinte e sete horas para ele, contando os fusos horários.

— Providenciei documentos de identidade para você e o comandante—.

Russell tirou envelopes de uma gaveta, e jogou-os na mesa. — Os nomes são exatamente os que vocês queriam, certo? Só precisamos tirar as fotos e colar nos documentos. Tenho o equipamento para isso.

— Foi difícil de conseguir? Marvin soltou uma risada.

— Não. São coisas vendidas no comércio. Usei meu próprio documento como modelo, fiz as cópias, depois comprei os equipamentos necessários para falsificações de primeira classe. Muitas companhias usam passes com fotografia, e o equipamento é padronizado. Três horas de trabalho. Calculo que teremos o dia de amanhã e o seguinte para repassar tudo.

— Excelente, Marvin.

— Quer um drinque?

— Está se referindo a álcool?

— Ora, cara, eu o vi tomando uma cerveja com aquele alemão... como era mesmo o nome dele?

— Herr Fromm.

— E isso aí. Afinal, não é tão ruim quanto comer carne de porco, não é mesmo?

— Obrigado, mas eu passo... não é assim que vocês dizem?

— Passar num drinque? Pode ser. Como vai o Fromm?

Marvin fez a pergunta casualmente, olhando para a carne, que estava quase pronta.

— Muito bem — respondeu Ghosn, no mesmo tom casual. — Foi visitar a esposa.

— Em que exatamente vocês estavam trabalhando? — indagou Russell, servindo-se de uma dose de Jack Daniel's.

— Ele nos ajudou nos explosivos, acrescentando alguns efeitos especiais. E um especialista.

— Isso é ótimo.

Era o primeiro sinal esperançoso em alguns dias, talvez algumas semanas, pensou Ryan. O jantar foi ótimo, ainda mais porque ele chegou em casa a tempo de comer junto com as crianças. Era evidente que Cathy saíra mais cedo do trabalho, e tivera tempo de preparar uma boa refeição. O melhor de tudo, conversaram durante o jantar, não sobre muita coisa, mas conversaram. Depois, Jack ajudou-a a tirar a mesa. As crianças foram para a cama, e ficaram a sós.

— Desculpe ter me zangado com você — disse Cathy.

— Não tem problema. Acho que eu merecia.

Ryan estava disposto a dizer praticamente qualquer coisa para acalmar a situação.

— Não, Jack, eu estava errada. Sentia-me miserável, tinha eólicas, as costas doíam. O seu problema é que anda trabalhando demais, e bebendo demais. — Ela se adiantou para beijá-lo. — Fumando, Jack?

Ele ficou aturdido. Não esperava ser beijado. Mais do que isso, previa uma explosão se Cathy descobrisse que voltara a fumar.

— Desculpe, meu bem. Um dia horrível no escritório. Fraquejei. Cathy pegou suas mãos.

— Jack, quero que você diminua a bebida e procure descansar. Esse é o seu problema, aliado ao estresse. Vamos nos preocupar com o cigarro depois. Só peço que não fume na presença das crianças. Não tenho sido muito compreensiva, e também andei cometendo alguns erros, mas você precisa mudar. O que está fazendo é ruim para você e ruim para nós.

— Sei disso.

— Vá se deitar agora. Precisa dormir, mais do que qualquer outra coisa. Ser casado com uma médica tinha suas desvantagens. A principal era que não se podia argumentar. Jack beijou-a no rosto e obedeceu.

# 30

## SALÃO LESTE

Clark chegou na casa na hora marcada, e teve de fazer algo diferente. Esperou. Depois de dois minutos, já se dispunha a bater na porta, quando ela foi aberta. O dr. Ryan saiu, parou e virou-se para beijar a dra. Ryan, que o observou se afastar, lançando um sorriso radiante para o carro, quando o marido se encontrava de costas.

*Tudo certo!*, pensou Clark. Talvez ele tivesse se iniciado numa nova carreira. Jack também parecia em boas condições, e foi o que Clark lhe disse, assim que entrou no carro.

— E que fui despachado para a cama mais cedo. — Jack riu, largando o jornal no banco da frente. — E também esqueci de tomar um drinque.

— Mais dois dias assim, e pode voltar a ser humano.

— Talvez você tenha razão.

Mas ele acendeu um cigarro, para desgosto de Clark. E só depois ele compreendeu como Caroline Ryan era esperta. Uma coisa de cada vez. E sem dúvida uma mulher e tanto, pensou Clark.

— Está tudo pronto para o vôo de teste. As dez horas.

— Ótimo — disse Ryan, abrindo a caixa de despachos. — E um prazer aproveitá-lo num trabalho de verdade. Bancar o segurança deve ser muito chato para você.

— Tem seus momentos, senhor — respondeu Clark, entrando na Falcon's Nest Road.

Era outro dia tranqüilo nos despachos, e não demorou para que Ryan estivesse absorvido na leitura da edição matutina do *Post*.

Três horas depois, Clark e Chavez chegaram à base de Andrews da força aérea. Dois VC-20Bs já estavam programados para vôos de treinamento de rotina.

Os pilotos e tripulantes do 89º Grupo de Transporte Aéreo Militar — o "Grupo do Presidente" — seguiam um regime rigoroso de

manutenção da eficiência. Os dois aparelhos decolaram com poucos minutos de diferença e seguiram para leste, a fim de efetuar várias manobras para familiarizar dois novos co-pilotos com os procedimentos de controle de tráfego aéreo

— que os aviadores já conheciam de trás para a frente, é claro, mas isso era irrelevante.

Quase na popa, um sargento técnico da força aérea também fazia seu treinamento, com o sofisticado equipamento de comunicações que o avião transportava. Ele olhava de vez em quando para o civil que ali se encontrava, quem quer que fosse, falando para um vaso de flores ou um pequeno bastão verde. Há algumas coisas que um homem não deve compreender, refletiu o sargento. E estava absolutamente correto.

Duas horas mais tarde, os dois Gulfstreams tornaram a pousar em Andrews, e taxiam até o terminal VIP. Clark recolheu seus equipamentos e saiu para se encontrar com outro civil, que viajara no segundo avião. Os dois se encaminharam para seu carro, já conversando.

— Pude entender parte do que você disse... isto é, entender claramente

— informou Chavez. — Deve ter sido um terço, talvez um pouco menos.

— Muito bem, veremos o que os técnicos podem fazer com isso.

A viagem de volta a Langley demorou trinta e cinco minutos, e de lá Clark e Chavez foram a Washington, para um almoço tardio.

Bob Holtzman recebera o telefonema na noite anterior. A ligação fora feita para o telefone de sua casa que não constava da lista. Uma mensagem curta e brusca, mas que também despertara seu interesse. As duas horas da tarde ele entrou num pequeno restaurante mexicano em Georgetown, chamado Esteban's. A maioria dos executivos já fora embora, o restaurante tinha apenas um terço de ocupação, quase todos os fregueses eram estudantes da Universidade de Georgetown. Um aceno dos fundos lhe indicou para onde ir.

— Olá — disse Holtzman, sentando.

— Você é Holtzman?

— Isso mesmo. E quem são vocês?

— Dois amigos — respondeu o mais velho. — Não quer almoçar conosco?

— Boa idéia.

O mais jovem levantou-se e começou a inserir moedas na vitrola automática, que tocava música mexicana. Um momento depois, o repórter teve certeza de que seu gravador não seria capaz de registrar a conversa.

— Sobre o que desejam me falar?

— Andou escrevendo algumas matérias sobre a Agência — começou o mais velho. — O alvo das matérias é o vice-diretor, doutor John Ryan.

— Eu nunca disse isso — protestou Holtzman.

— Quem vazou toda essa merda para você estava mentindo. E uma armadilha.

— Quem disse?

— Até que ponto você é um repórter honesto? — Como assim?

— Se eu lhe dissesse alguma coisa extra-oficial, você publicaria?

— Depende da natureza da informação. Qual é exatamente sua intenção?

— O que estou querendo dizer, senhor Holtzman, é que posso provar que lhe contaram uma mentira, mas a prova nunca pode ser revelada. Poria em risco algumas pessoas. Também provaria que alguém o tem usado por motivos escusos. Quero saber quem é essa pessoa.

— Sabe que nunca posso revelar uma fonte. Isso viola nosso código de ética.

— Ética num repórter! — exclamou o homem, em voz apenas bastante alta para ser ouvido acima da música. — Gosto disso. Também protege as fontes que lhe mentem?

— Não, não fazemos isso.

— Muito bem. Neste caso, vou lhe contar uma pequena história mas a condição é que jamais revele o que direi. Vai respeitar essa condição?

— E se eu descobrir que está me enganando?

— Então terá o direito de publicar tudo. Não acha justo? — Clark obteve um aceno de cabeça. — Só quero que se lembre de que me sentirei muito infeliz se algum dia publicar, porque não estou mentindo. Mais uma coisa: não pode jamais usar o que vou lhe dizer como uma pista para suas próprias investigações.

— E pedir demais.

— Tem a reputação de ser um repórter honesto, senhor Holtzman, e muito inteligente. Há algumas coisas que não podem ser noticiadas... não, isso é um exagero. Digamos que há coisas que devem permanecer em segredo por muito tempo. Talvez por anos. O ponto a que quero chegar é o seguinte: você foi usado. Alguém o enganou para que publicasse mentiras, a fim de prejudicar outra pessoa. Não sou um repórter, mas se eu fosse, isso me deixaria irritado. E me irritaria porque é errado, e me irritaria porque alguém me tomou como otário.

— Já cheguei a essa conclusão. Muito bem, concordo com suas condições.

— Ótimo.

Clark relatou sua história. Levou dez minutos.

— E sobre a missão? Onde foi exatamente que o homem morreu?

— Sinto muito, companheiro, mas não posso responder. E é melhor esquecer qualquer tentativa de descobrir. Menos de dez pessoas conhecem a resposta. — A mentira de Clark era das mais hábeis. — Se alguém conseguir descobrir quem são, elas não falarão... não podem. Não são muitas as pessoas que voluntariamente vazam informações sobre a violação de leis.

— E a mulher Zimmer?

— Pode confirmar a maior parte dessa história. Onde ela mora, a empresa da família, onde a criança nasceu, quem se achava presente, quem foi o médico.

Holtzman verificou suas anotações.

— Há algo grande por trás disso tudo, não é? Clark fitava-o nos olhos.

— Tudo o que quero é um nome.

— O que fará com isso?

- Nada que o interesse.
- O que Ryan fará?
- Ele não sabe que estamos aqui.
- Não acredito.
- E a pura verdade, senhor Holtzman.

Bob Holtzman era repórter há muito tempo. Ouvira mentiras de peritos. Fora o alvo de mentiras muito bem organizadas e planejadas, o instrumento de vendetas políticas. Não gostava absolutamente dessa parte de seu trabalho. O desprezo que sentia pelos políticos derivava principalmente da disposição deles para violar qualquer norma. Sempre que um político quebrava a palavra empenhada, dizia as mentiras mais afrontosas, recebia dinheiro de um contribuinte e deixava a sala no mesmo instante para prestar algum serviço a esse contribuinte, isso era chamado de "apenas política". Estava errado, e Holtzman sabia disso. Ainda restava nele alguma coisa do idealista que se formara na faculdade de jornalismo de Columbia; é verdade que a vida o tornara um cético, mas era uma das poucas pessoas em Washington que ainda se lembrava de seus ideais e de vez em quando os lamentava.

— Presumindo que eu possa confirmar a história que me contou, qual será o meu proveito?

— Talvez apenas satisfação. Talvez nada mais do que isso. Duvido sinceramente que possa haver algo mais, mas o avisarei se houver.

— Apenas satisfação? — insistiu Holtzman.

— Nunca desejou se vingar de uma pessoa arrogante? — indagou Clark, jovialmente.

Holtzman ignorou a pergunta.

— O que você faz na Agência? Clark sorriu.

— Não devo lhe falar a respeito.

— Era uma vez, conta a história, uma alta autoridade soviética que desertou, diretamente da pista do aeroporto de Moscou.

— Ouvi essa história. Se algum dia a publicasse...

— Já sei, estragaria as nossas relações, não é mesmo?

— Há quanto tempo sabe?



— Tomei conhecimento pouco antes da última eleição. O presidente me pediu para não publicá-la.

— Fowler?

— Não, o que Fowler derrotou.

— E você concordou — murmurou Clark, impressionado.

— O homem tinha uma família, esposa e filha. Morreram num acidente de avião, como disse o comunicado á imprensa?

— Vai publicar a informação?

— Não posso, não por muitos anos, mas algum dia escreverei um livro..-

— Eles escaparam — informou Clark. — Está olhando para o cara que os tirou do país.

— Não acredito em coincidências.

— O nome da esposa é Maria, e a filha é Katryn.

Holtzman não reagiu, mas sabia que só um punhado de pessoas na Agência podia estar a par dos detalhes daquela história. Acabara de fazer sua pergunta de teste, e obtivera a resposta correta.

— Daqui a cinco anos, quero os detalhes da fuga.

Clark ficou em silêncio por um momento. Mas se o repórter estava disposto a violar uma norma, ele devia também aceitar.

— E justo. Negócio fechado.

— Essa não, John! — protestou Chavez.

— O homem precisa de uma compensação.

— Quantas pessoas conhecem os detalhes?

— Da operação? Não muitas. Sobre a minha parte... se está se referindo a todos os detalhes, talvez vinte, e apenas cinco continuam na Agência. Dez não trabalham mais na Agência.

— Quem são?

— Isso seria revelar coisas demais.

— Operações especiais da força aérea — sugeriu Holtzman. — Ou talvez a Força Tarefa 160 do exército, aqueles dois do forte Campbell, os que entraram no Iraque na primeira noite...

— Pode especular quanto quiser, mas não direi coisa alguma. Só tem uma coisa: quando eu lhe contar a minha parte, quero saber como descobriu que tivemos essa operação.

— As pessoas gostam de falar.

— É verdade. Temos um acordo, senhor?

— Se eu puder confirmar o que me contou, se tiver certeza de que não me mentiram, a resposta é sim. Revelarei a fonte. Mas deve prometer que essa informação nunca será vazada para a imprensa.

*E como a diplomacia*, refletiu Clark.

— Concordo. Ligarei para você dentro de dois dias. Pelo que isso vale, quero que saiba que é o primeiro repórter com quem já conversei.

— E o que achou? — indagou Holtzman, sorrindo.

— Acho que devo me ater aos agentes. — John fez uma pausa.

— Por falar nisso, você daria um bom agente.

— E sou um bom agente.

— A coisa é muito pesada? — perguntou Russell.

— Setecentos quilos... quase três quartos de uma tonelada.

— Então não tem problema. O furgão pode agüentar. Como vamos transferir do caminhão para o furgão?

A indagação fez Ghosn empalidecer.

— Não pensei nisso.

— Como foi embarcada?

— O caixote foi posto numa plataforma de madeira.

— Um estrado de carga? Levantaram com uma empilhadeira?

— Correto.

— Está com sorte. Vamos sair que lhe mostrarei uma coisa.

Russell levou o árabe para o frio. Dois minutos depois, ele viu que um dos galpões tinha uma plataforma de carga de concreto, e uma empilhadeira movida a gás, meio enferrujada. O único problema era o fato de que o caminho de terra se achava coberto de neve e lama congelada.

— Até que ponto a bomba é delicada?

— Todas as bombas são delicadas, Marvin — ressaltou Ghosn. Russell não pôde deixar de rir.

— Tem razão.

Eram dez horas mais cedo na Síria. O dr. Vladimir Moiseyevich Kaminiski acabara de começar a trabalhar, bem cedo, como era seu

costume. Professor na Universidade Estatal de Moscou, fora enviado à Síria para ensinar sua especialidade, os problemas respiratórios. Não era uma especialidade que convertesse um homem num otimista. Muito do que ele encontrava na União Soviética e também ali na Síria era câncer do pulmão, uma doença tão evitável quanto era letal.

O primeiro paciente do dia fora encaminhado por um clínico geral sírio, a quem ele admirava — fora treinado pelos franceses, e era bastante meticoloso — e também o único que lhe mandava casos interessantes.

Ao entrar na sala de exame, Kaminiski deparou com um homem que aparentava bom estado físico, de trinta e poucos anos. Um exame mais atento mostrou alguém de rosto pálido e contraído. A primeira impressão era de que se tratava de câncer, mas Kaminiski sempre fora um homem cuidadoso. Podia ser outra coisa, talvez uma doença contagiosa. O exame demorou mais tempo do que ele esperava, exigiu várias radiografias, e alguns testes adicionais, mas ele foi chamado à embaixada soviética antes que os resultados chegassem.

Clark precisou recorrer a toda a sua paciência, mas deixou passar quase três dias, na suposição de que Holtzman talvez ainda não tivera tempo de verificar sua história. Ele saiu de casa às oito e meia da noite, foi até um posto de gasolina. Mandou que o atendente enchesse o tanque — detestava fazer isso pessoalmente — e entrou na cabine telefônica.

— Alô? — disse Holtzman, atendendo o telefone que não constava da lista. Clark não se identificou.

— Teve a oportunidade de conferir os fatos?

— Tive, sim. Ou pelo menos a maioria. Parece que você estava certo. É irritante quando as pessoas mentem para a gente, não acha?

— Quem?

— Eu a chamo de Liz. O presidente a chama de Elizabeth. Quer uma informação adicional gratuita?

— Claro.

— Considere isso como prova de boa fé da minha parte. Fowler e ela se dão muito bem. Ninguém noticiou porque achamos que não e da conta do público.

— Parabéns para você — disse Clark. — Obrigado. Fico lhe devendo uma.

— Daqui a cinco anos, meu caro.

— Pode contar comigo.

Clark desligou. *Portanto*, pensou ele, *era mesmo quem eu pensei*. Pôs outra moeda no telefone. Teve sorte logo na primeira tentativa. Era uma voz de mulher.

— Alô?

— Doutora Caroline Ryan?

— Isso mesmo. Quem está falando?

— O nome que queria, madame, é Elizabeth Elliot, a assessora de segurança nacional do presidente.

Clark achou melhor não acrescentar a outra parte. Não era relevante à situação.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Obrigada.

Cathy desligou. Mandara Jack para a cama mais cedo outra vez. Ele estava se mostrando sensato. O que não era surpresa, pensou ela. Afinal, ele casou comigo.

A oportunidade poderia ser um pouco melhor. Poucos dias antes, ela planejava se esquivar a um jantar oficial, alegando o trabalho como uma desculpa, mas agora...

*Como vou fazer isso?*

— Bom dia, Bernie — disse Cathy Ryan, enquanto lavava as mãos, como sempre, até os cotovelos.

— Oi, Cath. Como vão as coisas?

— Muito melhor, Bernie.

— E mesmo?

Bernie Katz começou a se lavar também.

— É, sim.

— Fico contente em saber disso — murmurou Katz, hesitante. Cathy terminou de se lavar, fechou a torneira com o cotovelo.

— Bernie, descobri que minha reação foi exagerada.

— E o cara que veio me procurar? — perguntou Katz, de cabeça baixa.

— Não era verdade. Não posso explicar agora, talvez em outra ocasião. Preciso de um favor.

— Claro, o que é?

— Você pode fazer a substituição de córnea que marquei para a quarta-feira?

— Por quê?

— Jack e eu temos um jantar formal na Casa Branca amanhã. Um jantar para o primeiro-ministro da Finlândia, dá para acreditar? O procedimento é simples, sem complicações. Posso mandar a ficha para você esta tarde. Jenkins fará todo o procedimento... eu deveria apenas supervisionar.

Jenkins era um jovem e brilhante residente.

— Pode deixar comigo.

— Obrigada, Bernie. Fico lhe devendo — disse Cathy.

O *Carmen Vita* entrou em Hampton Roads com apenas uma hora de atraso. Virou para o porto e seguiu para o sul, passando pelos píeres da marinha. O comandante e o piloto se encontravam no lado de bombordo da cabine de comando, e observaram o porta-aviões que naquele momento deixava o cais. Algumas centenas de esposas e filhos acenavam em despedida para o *Theodore Roosevelt*. Dois cruzadores, dois contratorpedeiros e uma fragata já estavam em movimento. O piloto explicou que constituíam a escolta de "O Porrete", como o *TR* era chamado por sua tripulação. O comandante nascido na Índia soltou um grunhido, e voltou a se concentrar em seu trabalho. Meia hora depois, o navio se aproximava de seu píer, na extremidade do terminal Boulevard. Três rebocadores ajeitaram-no na posição. O navio mal atracara quando os guindastes começaram a transferir a carga.

— Roggen, Colorado? — repetiu o caminhoneiro. Ele abriu o guia rodoviário, procurou em 1-76 para encontrar o lugar certo. — Já descobri.

— Em quanto tempo pode chegar lá? — perguntou Russell.

— A partir do momento em que eu sair daqui? São quase três mil quilômetros. Uns dois dias. Talvez quarenta horas, se tiver sorte. Vai custar uma nota.

— Quanto? — indagou Russell. O caminhoneiro deu o preço. — Tem problema se eu pagar em dinheiro?

— Claro que não. Dou um desconto de dez por cento. O imposto de renda não toma conhecimento das transações em dinheiro.

— Metade adiantado. — Russell separou as notas. — A outra metade na entrega, mais uma gratificação generosa se conseguir chegar em quarenta horas.

— Parece uma boa. E o que farei com o contêiner?

— Pode trazê-lo de volta para cá. Teremos mais carga para transportar dentro de um mês — mentiu Russell. — Podemos fazer uma corrida regular para você.

— Seria ótimo.

Russell voltou para junto de seus amigos, e ficaram observando o processo de descarga, do conforto de um prédio de escritórios, com uma enorme garrafa térmica com café.

O *Teddy Roosevelt* deixou o porto em tempo recorde, alcançando vinte nós antes de chegar à bóia marítima. Já o primeiro avião circulava por cima, a vanguarda dos caças F-14 Tomcat, decolando da base aeronaval de Oceana. Assim que houve espaço de mar, o porta-aviões virou para o vento norte, a fim de iniciar as operações de vôo. O primeiro avião tinha o número Duplo-Zero, do comandante do grupo de esquadrilhas, Robby Jackson. Seu Tomcat pegou uma rajada por cima do leque, e por isso pegou o fio número dois ao pousar — foi "capturado" — para grande irritação de Jackson. O avião seguinte, pilotado pelo comandante Rafael Sanchez, fez um pouso perfeito, no fio de detenção número três. Os dois aparelhos taxiaram para fora da pista. Jackson deixou o caça e seguiu apressado para seu posto no Ninho do Abutre, no alto da superestrutura do porta-aviões, a fim de observar a chegada do resto de seus aviões, gra assim que começava a operação, com o comandante do grupo e os comandantes de cada esquadrilha

observando o pouso de seus aviões. Cada aterrissagem seria gravada em videoteipe, para possíveis críticas. O cruzeiro não começava muito bem, pensou Jackson, enquanto tomava um gole de sua primeira caneca de café a bordo do navio. Perdera o seu habitual grau de "OK", como lhe informara o chefe de pouso, com um brilho nos olhos.

— Ei, comandante, como estão os meus garotos? — perguntou Sanchez, sentando atrás de Robby.

— Não estão nada mal. Vejo que você continua melhorando seu recorde, Bud.

— Não é difícil, comandante. Basta ficar de olho no vento ao fazer a volta para o pouso. Percebi aquela rajada que o pegou. Deveria ter avisado.

— O orgulho precede a queda, Bud — comentou Robby.

Sanchez tinha dezessete "OKs" consecutivos. Setenta pousos tranqüilos depois, o *TR* tornou a virar para leste, iniciando o curso que formava um vasto círculo, a caminho do estreito de Gibraltar.

O caminhoneiro certificou-se de que o contêiner estava bem preso, depois entrou na cabine do caminhão diesel Kenworth. Ligou o motor e acenou para Russell, que acenou em resposta.

— Ainda acho que deveríamos segui-lo — comentou Ghosn.

— Ele notaria e se perguntaria o motivo — respondeu Marvin.

— E se alguma coisa sair errada, o que você faria? Encheria os buracos abertos na estrada? Não seguiu o navio, não é?

— Tem razão.

Ghosn olhou para Qati, dando de ombros. Foram pegar o carro para a viagem até Charlotte, de onde voariam direto para Denver.

Jack se aprontou cedo, como sempre, mas Cathy demorou. Era excepcional que ela se contemplasse no espelho e visse cabelos que pareciam pertencer a uma mulher real, em oposição à cirurgia que não se importava com essas coisas. Acarretara o desperdício de duas horas, mas havia preços que não se podia deixar de pagar. Antes de descer, Cathy tirou duas malas de seu armário e largou-as no meio do quarto.

— Pode prender isso para mim? — ela pediu ao marido.

— Claro, meu bem. — Ryan pegou o colar de ouro e ajeitou-o em torno do pescoço da mulher. Dera-o de presente no Natal anterior ao nascimento do pequeno Jack. Algumas boas recordações acompanhavam aquele colar. — Vire-se.

Ela obedeceu. O vestido longo era de seda azul, captando e refletindo a luz como vidro. Jack Ryan não era um homem que entendesse da moda feminina — compreender os russos era mais fácil para ele —, mas aprovava as novas regras, quaisquer que fossem. O azul do vestido e as jóias de ouro realçavam o viço da pele clara e o dourado dos cabelos da mulher.

— Está linda — murmurou ele. — Pronta, meu bem?

— Estou, sim, Jack. — Ela sorriu. — Pode esquentar o carro.

Cathy observou-o entrar na garagem, depois foi falar com a *baby sitter*. Pôs seu casaco de pele — os cirurgiões não se preocupam muito com os ativistas dos direitos dos animais — e seguiu ao encontro de Jack um minuto depois. Ele saiu da garagem de marcha à ré e afastou-se.

Clark tinha de rir. Ryan ainda não sabia coisa alguma sobre as técnicas de contravigilância. Ele esperou as luzes traseiras do carro desaparecerem por completo na curva da estrada, antes de se encaminhar para a casa de Ryan.

— E o senhor Clark? — perguntou a *baby sitter*.

— Isso mesmo.

— Estão no quarto.

Ela apontou o caminho.

— Obrigado.

Clark voltou um momento depois. Típico de mulher, pensou ele, todas exageram na hora de fazer as malas. Nem mesmo Caroline Ryan era perfeita.

— Boa noite.

— Boa noite — respondeu a *baby sitter*, já absorvida na televisão.

Leva apenas uma hora para se ir de carro de Annapolis, Maryland, até o centro de Washington. Ryan por pouco não bateu num carro oficial, mas a esposa insistira que fossem sozinhos. Deixaram a Pennsylvania Avenue, passaram pelo portão leste, onde



guardas uniformizados os orientaram para um estacionamento. A caminhonete parecia um pouco humilde entre os Caddys e Lincolns, mas Ryan não se importava com essas coisas. Os Ryan subiram pela encosta suave até a entrada de leste, onde o pessoal do Serviço Secreto conferiu seus convites contra a lista de convidados, e revistou-os. As chaves do carro de Jack acionaram o detector de metais, provocando um sorriso contrafeito.

Não faz diferença quantas vezes se vai lá, há sempre algo de magia numa visita à Casa Branca, ainda mais à noite. Ryan levou a esposa para oeste. Entregaram os casacos e pegaram os tíquetes numerados ao lado do pequeno cinema da Casa Branca, antes de continuarem. Na base da escada, encontraram as três repórteres sociais habituais, mulheres na casa dos sessenta anos, que observavam atentamente o rosto de cada convidado, enquanto tomavam anotações, e quase sempre pareciam com as bruxas de *Macbeth*, as bocas escancaradas e sorrisos insinuantes. Oficiais de todas as forças armadas vestiam seus uniformes de gala — que Ryan chamava de "uniformes de *maître*" — aguardando em fila para proporcionar a escolta devida. Como sempre, os fuzileiros se destacavam, com as faixas vermelhas. Um capitão lamentavelmente bonito gesticulou para que subissem a escada para o nível principal. Jack notou o olhar de admiração que ele lançou para sua esposa, e decidiu que a melhor reação era um sorriso. No alto da escada de mármore, uma tenente do exército conduziu para o Salão Leste. Foram anunciados para a sala — como se alguém estivesse escutando — e um criado de libré se aproximou no mesmo instante, com uma bandeja de prata cheia de drinks.

— Não esqueça que você está guiando, Jack — sussurrou Cathy.

Jack pegou uma água Perrier, Cathy um champanhe. O Salão Leste da Casa Branca é do tamanho de um pequeno ginásio. As paredes são de um branco-marfim, as falsas colunas ornamentadas com folhas douradas. Havia um quarteto de cordas num canto, junto com um piano de cauda, que era tocado, até que muito bem, pensou Jack, por um sargento do exército. Metade dos convidados já se encontrava ali, os homens de *black-tie*, as mulheres em longos.

Talvez houvesse pessoas que se sentissem à vontade naquelas reuniões sociais, refletiu Ryan, mas ele não era uma delas. Começou a circular, e logo encontrou o secretário de Defesa Bunker e sua esposa, Charlotte.

— Olá, Jack.

— Oi, Dennis. Conhece minha mulher?

— Caroline — disse Cathy, estendendo a mão.

— E então, Jack, o que você acha do jogo? Ryan riu.

— Sei como você e Brent Talbot têm brigado por causa disso.

Nasci em Baltimore. Alguém roubou nosso time.

— Não perderam grande coisa, não é mesmo? Este é o nosso ano.

— Mas os Vikings dizem a mesma coisa.

— Eles tiveram muita sorte de passar por Nova York.

— Os Raiders também lhe deram um susto, pelo que me lembro.

— Foi muita sorte deles — resmungou Bunker. — Mas nós os liquidamos no segundo tempo.

Caroline Ryan e Charlotte Bunker trocaram um olhar de mulher para mulher: *futebol!* Cathy virou-se e lá estava ela. A sra. Bunker tratou de se afastar, enquanto os homens conversavam sobre coisas de homens.

Cathy respirou fundo. Perguntou-se se aquele seria o momento certo e o lugar certo, mas não podia mais parar agora, assim como não podia desistir de uma cirurgia. Deixou Jack olhando para o outro lado, e atravessou o salão, em linha reta.

A dra. Elizabeth Elliot vestia-se de maneira quase idêntica à dra. Caroline Ryan. Os cortes e pregas eram um pouco diferentes, mas os trajes dispendiosos eram tão parecidos que uma editora de moda não poderia deixar de especular se haviam sido comprados na mesma loja. Um colar com três fiavras de pérolas adornava o pescoço de Elliot, que conversava com um casal. Ela virou a cabeça quando percebeu o vulto que se aproximava.

— Olá, doutora Elliot. Lembra-se de mim? — indagou Cathy, com um sorriso afável.

— Não. Deveria?

— Sou Caroline Ryan. Isso ajuda?

— Sinto muito — respondeu Liz, sabendo no mesmo instante quem ela era, mas não conhecendo mais nada que pudesse interessá-la. — Já conhece Bob e Libby Holtzman?

— Sempre leio suas matérias — disse Cathy, apertando a mão estendida de Holtzman.

— É sempre um prazer ouvir isso. — Holtzman notou a delicadeza do contato, e experimentou um sentimento de culpa subindo pelo braço. Era aquela a mulher cujo casamento ele atacara? — Esta é Libby.

— Sei que também é repórter — comentou Cathy.

Libby Holtzman era mais alta do que ela, e vestia um traje que realçava o busto amplo. Um dos dela vale os meus dois, pensou Cathy, fazendo um esforço para não suspirar. Libby tinha o tipo de busto em que os homens anseiam descansar a cabeça.

— Operou minha prima há cerca de um ano — disse Libby Holtzman. — A mãe dela afirma que você é a melhor cirurgia do mundo.

— Todos os médicos adoram ouvir isso.

Cathy chegou à conclusão de que ia gostar da sra. Holtzman, apesar de sua desvantagem física.

— Sei que é uma cirurgia, mas onde nos conhecemos? — indagou Liz Elliot, com o interesse distante que poderia demonstrar por um cachorro de *pedigree*.

— Em Bennington. No meu primeiro ano, você ensinava ciência política.

— É mesmo? Estou surpresa que ainda se lembre. Elliot deixou claro que ela própria não se lembrava.

— Não esqueci. Sabe como são essas coisas. — Cathy sorriu. — O primeiro ano do curso preparatório de medicina não é fácil. Temos de nos concentrar nas matérias importantes. Por isso, os cursos irrelevantes são postos de lado, sempre se tira boas notas.

A expressão de Elliot não se alterou.

— Nunca fui generosa com as notas.

— Era, sim. Bastava repetir tudo o que dizia.

O sorriso de Cathy era ainda mais largo. Bob Holtzman sentiu-se tentado a dar um passo para trás, mas conseguiu não se mexer. Os olhos de Libby se arregalaram, pois percebera os sinais mais depressa do que o marido. Uma guerra estava começando. E seria mais terrível do que a maioria.

— O que aconteceu com o doutor Brooks?

— Quem? — perguntou Liz. Cathy virou-se para os Holtzman.

— Os tempos eram muito diferentes nos anos setenta, não é mesmo? A doutora Elliot acabara de fazer o mestrado, e o departamento de ciência política era... era meio radical. Sabem como é, do tipo em voga na ocasião. Ela tornou a se virar. — Não é possível que tenha esquecido o doutor Brooks e o doutor Hemmings! Onde era mesmo a casa que partilhava com eles?

— Não me lembro.

Liz disse a si mesma para manter o controle. Aquilo terminaria em breve. Mas ela não podia se afastar.

— Não era na esquina do pecado, a cerca de três quadras do campus. Nós costumávamos chamá-los de Irmãos Marx — explicou Cathy, rindo. Brooks nunca usava meias... em Vermont! Devia pegar muitos resfriados por causa disso. Hemmings, por sua vez, nunca lavava os cabelos. Era um departamento sensacional. O doutor Brooks foi para Berkeley, como não podia deixar de ser, e creio que você também esteve lá, para concluir seu doutorado. Acho que gostava de trabalhar com ele. Como está Bennington agora?

— Tão boa quanto antes.

— Nunca voltei lá para as reuniões de ex-alunas — comentou Cathy.

— Também não vou lá há um ano.

— O que aconteceu com o doutor Brooks?

— Ele ensina em Vassar agora, se não me engano.

— Ah, quer dizer que ainda mantém contato com ele? E sou capaz de apostar que o doutor Brooks ainda tenta levar para a cama toda e qualquer mulher que conhece. O chamado radical-chique. Ainda o vê com frequência?

— Há uns dois anos que não nos encontramos.

— Jamais entendemos o que você viu neles — comentou Cathy.

— Ora, Caroline, nenhuma de nós era virgem naquele tempo. Cathy tomou um gole do champanhe.

— E verdade, os tempos eram diferentes, e fizemos muitas coisas estúpidas. Mas tive sorte. Jack me converteu numa mulher honesta.

*Na mosca!*, pensou Libby Holtzman.

— Algumas de nós não tiveram tempo.

— Não sei como consegue passar sem uma família. Acho que eu não poderia suportar a solidão.

— Pelo menos nunca tive de me preocupar com um marido infiel — declarou Elliot, a voz fria, encontrando sua própria arma, sem saber que não estava mais carregada.

Cathy assumiu uma expressão divertida.

— Tem razão, algumas mulheres devem se preocupar com isso. Mas não é o meu caso, graças a Deus.

— Como qualquer mulher pode ter tanta certeza?

— Só uma tola é insegura. Se você conhece seu homem, sabe o que ele pode e o que não pode fazer.

— E sente toda essa segurança?

— Claro.

— Dizem que a mulher é sempre a última a saber. Cathy inclinou a cabeça para o lado.

— Esta é uma discussão filosófica ou tenta me dizer alguma coisa pela frente, em vez de falar nas minhas costas?

*Santo Deus!* Bob Holtzman sentia-se como espectador de uma luta de boxe em disputa do título mundial.

— Eu lhe dei essa impressão? Então peço que me desculpe, Caroline.

— Não tem problema, Liz.

— Com licença, mas prefiro...

— Também me tornei uma "professora", doutora em medicina, Johns Hopkins. — Pensei que era uma professora-assistente.

A dra. Ryan acenou com a cabeça.

— É isso. Ofereceram-me uma cátedra na Universidade da Virgínia, mas teria de deixar a casa que tanto nos agrada, mudar as

crianças de escola sem falar no problema da carreira de Jack. Por tudo isso, achei melhor recusar.

— Acho que se limitou.

— Tenho minhas responsabilidades, e gosto de trabalhar no Hopkins. Estamos realizando um trabalho pioneiro, e é sempre bom se encontrar onde há ação. Deve ter sido muito mais fácil para você se transferir para Washington, sem nada para prendê-la em qualquer parte... e, além disso, o que há de novo na ciência política?

— Sinto-me bastante satisfeita com minha vida, obrigada.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — respondeu Cathy, percebendo a abertura e sabendo como explorá-la. — Sempre se pode constatar quando uma pessoa é feliz em seu trabalho.

— Também é feliz, professora?

— A vida não poderia ser melhor. Para ser franca, só há uma diferença real entre nós duas.

— E qual é?

Ali perto, Bunker disse:

— Não sei para onde foi minha mulher. Lá está a sua com Liz Elliot e os Holtzman. Sobre o que estarão conversando?

Cathy explicou, suavemente:

— Em casa, à noite, durmo com um homem. E o melhor de tudo é que nunca tenho de trocar as baterias.

Jack virou-se para olhar a mulher e Elizabeth Elliot, cujo colar de pérolas pareceu se tornar pardo diante dos seus olhos, de tanto que ela empalideceu. Sua esposa era mais baixa do que a assessora de segurança nacional, e parecia uma pigméia ao lado de Libby Holtzman, mas o que quer que estivesse acontecendo, Cathy se mantinha firme como a mamãe-ursa disposta a liquidar o inimigo, os olhos fixados em Elliot. Ele se adiantou para descobrir qual era o problema.

— Oi, querida.

— Oi, Jack — respondeu Cathy, sem desviar os olhos do alvo.

— Já conhece Bob e Libby?

— Oi.

Ryan apertou a mão dos dois, percebendo por suas expressões que algo momentoso ocorria ali. A sra. Holtzman parecia prestes a

explodir, mas depois respirou fundo e se controlou.

— Você é o homem afortunado que casou com esta mulher? — indagou Libby. O comentário fez com que Elliot desviasse os olhos primeiro da confrontação.

— Na verdade, acho que foi ela quem casou comigo — murmurou Jack, depois de mais um momento de confusão.

— Se me dão licença... — disse Elliot, deixando o campo de batalha, tão graciosamente quanto podia.

Cathy pegou Jack pelo braço e conduziu-o para o canto em que estava o piano.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Libby Holtzman ao marido. Ela tinha a impressão de que já sabia a maior parte. Seu esforço bem-sucedido para não cair na gargalhada quase a deixara sufocada.

— O problema, minha querida, é que violei uma regra ética. E quer saber de uma coisa?

— Você fez o que era certo — anunciou Libby. — Os Irmãos Marx? A esquina do pecado? Liz Elliot, a Rainha WASP Radical. É sensacional!

No canto, Cathy sussurrou para o marido:

— Jack, estou com uma terrível dor de cabeça. Não poderia ser pior.

— Tão terrível assim?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

— Não podemos ir embora antes de eu sentir náuseas?

— Ora, Cathy, não se pode abandonar uma recepção assim.

— Claro que se pode.

— Sobre o que você e Liz conversavam?

— Não gostei muito dela.

— Não é a única. Muito bem, vamos embora.

Jack encaminhou-se para a porta, com Cathy em seu braço. O capitão do exército na escada mostrou-se bastante compreensivo. Cinco minutos depois eles estavam lá fora. Jack ajudou a mulher a entrar no carro, e partiu em direção à Pennsylvania.

— Siga reto — disse Cathy.

— Mas...

— Siga em frente, Jack. — Era a sua voz de cirurgia, a que dizia às pessoas o que fazer. Passaram pelo Lafayette Park. — Vire à esquerda.

— Para onde vamos?

— Agora vire à direita... e entre no caminho de carro...

— Mas...

— Por favor, Jack — sussurrou Cathy.

O porteiro do Hay Adams Hotel ajudou Caroline a sair do carro. Jack entregou as chaves ao manobrista, depois entrou atrás da esposa. Observou o recepcionista entregar uma chave n Cathy, acompanhou-a até os elevadores. Subiram no elevador, foram para uma suíte de canto.

— Qual é o problema, Cathy?

— Jack, tem havido trabalho demais, crianças demais, e não o suficiente de nós. Esta noite, meu querido, há tempo para nós.

Ela enlaçou-o pelo pescoço, e não havia mais nada que o marido pudesse fazer além de beijá-la. Cathy pôs a chave na mão dele.

— E agora abra a porta, antes de assustarmos alguém.

— Mas o que...

— Cale-se, por favor, Jack.

— Está bem, querida.

Jack abriu a porta e entraram na suíte. Cathy ficou satisfeita ao constatar que suas instruções haviam sido cumpridas com perfeição, como só aquele excelente hotel podia providenciar. Havia um jantar leve na mesa, com uma garrafa gelada de Molt. Ela largou seu casaco no sofá, confiante de que tudo o mais seria como deveria.

— Pode servir o champanhe? Voltarei num instante. Talvez você queira tirar o paletó e relaxar — disse Cathy, olhando para trás, enquanto se encaminhava para o quarto.

— Está bem.

Jack não sabia o que acontecia, nem o que Cathy tencionava, mas também não se importava. Depois de largar o paletó em cima do casaco de pele de Cathy, ele tirou a proteção da rolha da garrafa de champanhe, torceu o arame até soltá-la. Serviu os dois copos, tornou a guardar a garrafa no balde de prata. Decidiu confiar no



champanhe sem prová-lo, foi até a janela, para contemplar a Casa Branca. Jack não a ouviu voltar à sala. Apenas sentiu a impressão de que havia alguma mudança no ar. Quando se virou, descobriu-a parada na porta do quarto.

Era a segunda vez que Cathy a usava, a camisola de seda branca que descia até os pés. A primeira fora na lua-de-mel. Ela avançou descalça pelo carpete, ao encontro do marido, deslizando pelo espaço como se fosse uma aparição.

— Sua dor de cabeça deve ter desaparecido.

— Mas ainda estou com sede — murmurou Cathy, sorrindo.

— Acho que posso resolver esse problema.

Ele pegou o copo e levou-o aos lábios de Cathy. Ela tomou um gole, passou para os lábios dele.

— Sente fome?

— Não.

Cathy encostou-se nele, pegando suas mãos.

— Eu amo você, Jack. Vamos?

Jack virou-a, e foi andando atrás dela, as mãos em sua cintura. A cama, ele constatou, estava preparada, a luz apagada, embora o clarão da iluminação da Casa Branca entrasse pelas janelas.

— Lembra da primeira vez... da primeira noite de nosso casamento? Jack riu.

— Lembro das duas ocasiões, Cathy.

— Esta será outra primeira vez, Jack.

Ela estendeu a mão para as costas do marido e soltou a faixa. Jack entendeu a deixa. Quando ele ficou nu, Cathy abraçou-o com todo o ardor de que era capaz, a seda da camisola farfalhando contra a pele dele.

— Vamos deitar.

— Você está mais linda do que nunca, Cathy.

— Eu não gostaria que ninguém roubasse você de mim.

Os dois se deitaram. Ele estava pronto, e Cathy também. Ela puxou a camisola até a cintura e montou no marido, depois deixou-a cair ao seu redor. As mãos de Jack encontraram seus seios. Cathy manteve-as ali, balançando para cima e para baixo, sabendo que

Jack não seria capaz de agüentar por muito tempo, mas ela também não poderia.

Nenhum homem pode ter tanta sorte, pensou Jack, fazendo um esforço, tentando se controlar; acabou fracassando, mas foi recompensado com um sorriso que quase explodiu seu coração.

— Nada mal — murmurou Cathy, um minuto depois, beijando as mãos do marido.

— Falta de prática.

— A noite é uma criança — disse ela, deitando ao seu lado. — E isso é o melhor que tive em algum tempo. Sente fome agora?

Ryan correu os olhos pelo quarto.

— Eu... ahn...

— Espere um instante. — Ela saiu da cama, logo voltou com um roupão que tinha o monograma do hotel. — Quero que fique aquecido.

O jantar transcorreu em silêncio. Não havia nada que precisasse ser dito, e durante a hora seguinte eles fingiram silenciosamente que tinham outra vez vinte e poucos anos, bastante jovens para experimentarem o amor, para explorá-lo como um lugar novo e maravilhoso, em que cada volta na estrada revelava algo que nunca fora visto antes. Já foi longe demais, disse Jack a si mesmo, mas descartou o pensamento de uma mente que por uma vez se encontrava despreocupada. A sobremesa foi devorada, ele serviu o que restava do champanhe.

— Tenho de parar de beber.

*Mas não esta noite.* Cathy esvaziou seu copo, largou-o em cima da mesa.

— Não faria mal nenhum se parasse, mas você não é um alcoólatra. Provamos isso na semana passada. Precisava de descanso, e teve o seu descanso. Agora, quero mais.

— Se ainda sobrou alguma coisa... Cathy levantou-se e pegou-o pela mão.

— Há muito mais de onde isso veio.

Desta vez, Jack assumiu o comando. Entrando no quarto, ele tirou a camisola dela pela cabeça, depois largou seu robe no chão, ao lado.

O primeiro beijo prolongou-se por uma eternidade. Ele levantou-a nos braços, ajeitou-a na cama. Estendeu-se ao seu lado. A urgência ainda não passara para nenhum dos dois. Não demorou muito para que Jack estivesse por cima, sentindo o calor de Cathy por baixo e ao seu redor. Ele se saiu melhor desta vez, controlando-se até que Cathy arqueou as costas, seu rosto assumindo a expressão que todo marido quer proporcionar à esposa. Ao final, ele estendeu os braços por baixo dela, levantou-a da cama, aninhou-a contra seu peito. Cathy adorava quando ele fazia isso, adorava a força de seu homem, quase tanto quanto a sua bondade. E depois acabou, Jack estendeu-se ao seu lado. Cathy puxou-o, aconchegando o rosto do marido contra seu peito lamentavelmente pouco volumoso.

— Nunca houve nada de errado com você — sussurrou ela, no ouvido do marido.

Ela não ficou surpresa com o que aconteceu em seguida. Conhecia seu homem muito bem, embora tivesse sido bastante tola para esquecer o fato. Esperava ser capaz de perdoar a si mesma por isso. Todo o corpo de Cathy tremia nos soluços dele. Apertou-o com força, sentindo as lágrimas de Jack em seus seios. Um homem tão maravilhoso, tão forte...

— Tenho sido um péssimo marido, e um péssimo pai.

Ela comprimiu o rosto contra o topo da cabeça de Jack.

— Nenhum de nós foi muito bom ultimamente... mas já passou, não é mesmo?

— Tem razão. — Ele beijou-a no seio. — Como a descobri?

— Você me ganhou, Jack. Na grande loteria da vida, você me tirou. F. eu tirei você. Acha que todos os casais merecem um ao outro? Os que eu conheço no trabalho não dão certo. Talvez eles não tentem, talvez simplesmente esqueçam.

*O que eu quase esqueci.*

— "Na riqueza e na pobreza, para o melhor e para o pior, na doença e na saúde, até que a morte nos separe." Lembra, Jack? Também fiz essa promessa. Sei como você pode ser bom, e sei que há bondade suficiente. Fui horrível com você na semana passada... e peço desculpas por toda as coisas que fiz. Mas já acabou.

O choro logo parou.

— Obrigado, meu bem.

— Eu é que agradeço, Jack.

Cathy passou um dedo pelas costas dele.

— Fala sério?

Ele virou a cabeça para fitá-la. Recebeu outro sorriso, do tipo gentil, que uma mulher guarda para o marido.

— Acho que sim. Talvez seja outra menina.

— Seria maravilhoso.

— E agora trate de dormir.

— Dentro de um minuto.

Jack levantou-se, foi ao banheiro, passou pela sala, antes de voltar ao quarto. Dez minutos depois estava imóvel na cama. Foi a vez de Cathy se levantar, ir ao banheiro. Antes de retornar à cama, ela cancelou o pedido de Jack para que fossem acordados cedo. Foi até a janela, contemplou a residência oficial do presidente dos Estados Unidos. O mundo nunca parecera mais lindo. Agora, se pudesse persuadir Jack a deixar de trabalhar para aquela gente...

O caminhoneiro fez uma parada para encher o tanque nos arredores *de* Lexington, Kentucky. Tomou café e comeu algumas panquecas — sempre achava o desjejum mais saboroso quando passava a noite acordado na estrada — depois continuou a viagem. A gratificação de mil dólares era um grande atrativo, e para garanti-la ele precisava atravessar o Mississippi antes da hora do *rush* em St. Louis.

**DANÇARINOS**

Ryan compreendeu que já era tarde quando o tráfego o acordou, e viu que uma claridade intensa entrava pelas janelas. Olhou para o relógio e descobriu que eram oito e quinze. Isso quase lhe provocou um ataque de pânico, mas era tarde demais para entrar em pânico, não é? Jack saiu da cama e entrou na sala, encontrando a mulher sentada à mesa, tomando café.

— Não tem trabalho hoje?

— Eu deveria atuar como assistente num procedimento que começou há poucos minutos, mas Bernie está me dando cobertura. Contudo, acho que você deve se vestir.

— Como irei para o trabalho? .— John estará aqui às nove.

— Certo.

Ryan foi para o banheiro, a fim de tomar uma chuveirada e fazer a barba. Na passagem, deu uma olhada no armário, descobrindo que havia ali, à sua espera, um terno, camisa e gravata. Era evidente que Cathy planejara tudo com o maior cuidado. Ele não pôde deixar de sorrir. Nunca pensara na esposa como uma mestra da conspiração. Às oito e quarenta, ele já se encontrava de banho tomado e barbeado.

— Sabe que tenho uma reunião no outro lado da rua às onze horas.

— Não, não sabia. Apresente meus cumprimentos àquela sacana da Elliot — disse Cathy, sorrindo.

— Também não gosta dela?

— Não há muito o que gostar. Ela foi uma péssima professora na escola. E não é tão inteligente quanto pensa. Tem grandes problemas de ego.

— Já notei. Ela não gosta muito de mim.

— Foi a impressão que eu tive. Tivemos uma pequena briga ontem à noite. Acho que eu venci.

— Qual foi o motivo?

— Ora, coisas de mulheres. — Cathy fez uma pausa. — Jack...

— O que é, meu bem?

— Acho que está na hora de você largar esse trabalho. Ryan olhou para seu prato de comida.

— Talvez você tenha razão. Tenho mais algumas coisas a fazer... mas assim que acabarem...

— Quanto tempo?

— Dois meses, no máximo. Não posso sair de um momento para outro, meu bem. Fui nomeado pelo presidente. E tive de ser confirmado pelo Senado, lembra? Não se pode pegar o paletó e ir embora... seria como deserção. Há normas que devem ser respeitadas.

Cathy acenou com a cabeça. Já impusera seu ponto de vista.

— Eu compreendo, Jack. Dois meses é um bom prazo. O que você gostaria de fazer?

— Poderia obter um trabalho de pesquisa praticamente em qualquer lugar, Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, Hermitage, talvez o Centro de Estudos Internacionais Avançados de Johns Hopkins. Conversei a respeito com Basil, quando estive na Inglaterra. Quando se alcança meu nível, torna-se Impossível o afastamento total. Hum... Eu poderia até escrever outro livro...

— Começaremos por umas longas férias, assim que as crianças saírem da escola.

— Pensei...

— A gravidez não estará exagerada na ocasião, Jack.

— Acha mesmo que aconteceu na noite passada? Cathy franziu os olhos, insinuante.

— O momento era o certo, e você teve duas chances, não é? Qual é o problema? Sente-se usado?

Jack sorriu.

— Já fui usado de maneiras piores.

— Vai me ver esta noite?

— Já lhe disse o quanto gosto daquela camisola?

— Meu vestido de noiva? E um pouco formal, mas causou o efeito desejado. Mas não acha que é uma pena que não tenhamos

mais tempo agora?

Jack decidiu que era melhor sair, enquanto ainda podia.

— Tem toda razão, meu bem, mas preciso trabalhar, e você também.

— Ah, que coisa horrível! — protestou Cathy, jovialmente.

— Não posso dizer ao presidente que cheguei atrasado porque estava trepando com minha esposa no outro lado da rua. — Jack adiantou-se para beijá-la. — Obrigado, meu bem.

— O prazer foi meu, Jack.

Ryan saiu pela porta da frente do hotel para deparar com Clark à sua espera. Ele entrou no carro.

— Bom dia, Doc.

— Oi, John. Você só cometeu um erro.

— Qual foi?

— Cathy sabia seu nome. Como?

— Você não precisa saber — respondeu Clark, estendendo a caixa de despachos. — Às vezes gosto de viver perigosamente.

— Tenho certeza de que você violou alguma lei.

— É isso aí. — Clark partiu. — Quando teremos a autorização para o trabalho no México?

— É o que vou tratar na Casa Branca.

— Às onze?

— Isso mesmo.

Era maravilhoso descobrir que a CIA podia funcionar sem a sua presença. Ryan chegou ao sétimo andar para encontrar todos em atividade. Até Marcus se encontrava em seu lugar.

— Pronto para a viagem? — perguntou Jack ao diretor.

— Estou, sim. Partirei esta noite. A estação do Japão já começou a providenciar o encontro com Lyalin.

— Por favor, Marcus, lembre-se de que ele é o agente Mushashi, e sua informação é Niitaka. Usar seu nome verdadeiro, mesmo aqui, é um péssimo hábito.

— Tem razão, Jack. Vai falar com o presidente em breve sobre aquela operação no México?

— Vou, sim.

— Gostei da maneira como você organizou tudo.

— Obrigado, Marcus, mas o crédito deve ir para Clark e Chavez. Aceita uma sugestão?

— Pode falar.

— Ponha-os de volta em Operações.

— Se eles forem bem-sucedidos nesta missão, o presidente vai concordar. E eu também.

— E justo.

Parecia muito fácil, pensou Jack, e especulou por quê.

O dr. Kaminiski repassou as radiografias e praguejou por seu erro na noite anterior. Parecia quase impossível, mas...

Não, não era possível. Não ali. Ou será que podia acontecer? Precisava fazer mais alguns exames, mas primeiro passou uma hora tentando localizar seu colega sírio. O paciente foi transferido para outro hospital, que tinha uma ala de isolamento. Mesmo que Kaminiski estivesse enganado, aquele homem precisava ficar em absoluto isolamento.

Russell ligou a empilhadeira, e demorou alguns minutos para entender os controles. Perguntou-se por que o proprietário anterior precisava de uma empilhadeira, mas a questão era irrelevante. Já havia pressão suficiente nos tanques de gás, e por isso também não precisava se preocupar com isso. Ele voltou à casa.

As pessoas no Colorado eram muito cordiais. Os distribuidores de jornais já haviam instalado uma caixa de entrega na entrada do rancho. Russell tinha o jornal da manhã para ler, enquanto tomava café. Um momento depois, ele refletiu como isso era agradável.

— Hum... — murmurou ele, subitamente.

— Qual é o problema, Marvin?

— Nunca vi nada igual antes. Os torcedores dos Vikings estão planejando um comboio... mais de mil carros e ônibus. Droga! Isso vai engarrafar as estradas.

Ele virou a página para ver o boletim meteorológico.

— Como assim?

— Eles devem seguir pela 1-76, para chegarem a Denver. Pode nos prejudicar um pouco. Queremos chegar por volta de meio-dia,



talvez um pouco depois... mais ou menos na mesma ocasião em que o comboio deve chegar...

— Comboio... o que isso significa? — indagou Qati. — Comboio contra o quê?

— Não é um comboio de verdade — explicou Russell. — Mais como... ahn... uma caravana de carros. Os torcedores de Minnesota virão em peso assistir à partida. Acho que o melhor é alugarmos um quarto de motel. Há um perto do aeroporto. Quando é o nosso vôo? — Ele fez uma pausa. — Puxa, não estou pensando direito, não é mesmo?

— Como assim? — perguntou Ghosn.

— O tempo — respondeu Russell. — Estamos no Colorado, em janeiro. E se tivermos outra nevasca?

Ele tornou a consultar o boletim meteorológico.

— Será difícil sair, é isso?

— Exatamente. Devemos reservar quartos, num dos motéis nas proximidades do aeroporto. Podemos ir para lá na noite anterior... ou reservarei os quartos para duas noites... não, três noites, a fim de que não desperte suspeitas. Só espero que ainda haja vagas.

Russell foi até o telefone, folheou as Páginas Amarelas, que estavam ao lado. Precisou de quatro tentativas para encontrar um quarto com camas duplas, num motel independente, a um quilômetro e meio do aeroporto. Tinha de garantir com um cartão de crédito, que conseguira não usar até agora. E a perspectiva não lhe agradava. Era mais um pedaço de papel que podia levar à sua descoberta.

— Bom dia, Liz. — Ryan entrou na sala e sentou. — Como está hoje? A assessora de segurança nacional não gostava de ser provocada, como qualquer outra pessoa. Travara uma pequena batalha com a mulher do filho da puta — na presença de repórteres! — e fora insultada publicamente. Se Ryan tinha ou não alguma coisa a ver com aquilo, devia ter dado boas risadas a respeito na noite passada. Pior do que isso, o que a sacana esquelética dissera também atingia Bob Fowler, não é mesmo? O presidente pensam assim, ao ser informado.

— Está pronto para a reunião?

— Claro.

— Então vamos embora.

Ela deixaria Bob cuidar daquele problema. Helen D'Agustino observou os dois entrarem no Gabinete Oval. Já tomara conhecimento da história, é claro. Um agente do Serviço Secreto ouvira tudo, e a violenta afronta à dra. Elliot já era o motivo de muitos risos discretos.

— Bom dia, senhor presidente — ela ouviu Ryan dizer, enquanto a porta era fechada.

— Bom dia, Ryan. Muito bem, pode começar.

— Senhor, o que planejamos é na verdade muito simples. Dois agentes da CIA estarão no México, no aeroporto, disfarçados como funcionários de manutenção. Farão os serviços normais, esvaziar cinzeiros, limpar banheiros. Antes de saírem, colocarão novos arranjos de flores no salão superior. E nos arranjos estarão escondidos microfones como este.

Ryan tirou do bolso uma haste de plástico e estendeu-a.

— Esses microfones transmitirão o que captarem para um segundo transmissor, escondido numa garrafa. Esse artefato transmitirá em EHF... frequência extremamente alta... de múltiplos canais para fora do avião. Três outros aviões voarão em cursos paralelos ao do 747 para receber os sinais. Um receptor adicional, com um gravador, ficará escondido no 747, servindo como apoio às conexões aéreas e também como cobertura para a operação. Se os microfones forem localizados, a impressão será de que se trata de uma iniciativa dos jornalistas que acompanham o primeiro-ministro. Não esperamos por isso, é claro. Teremos um pessoal em Dulles para recuperar os artefatos. De qualquer forma, a transmissão eletrônica será processada e as transcrições lhe serão apresentadas poucas horas depois do pouso do avião.

— Quais são as possibilidades de sucesso? — perguntou o chefe da assessoria presidencial, Arnold van Damm.

Ele não podia deixar de estar presente. A operação era essencialmente política. O risco era grande, mas a recompensa pelo sucesso valeria a pena.

— Senhor, não há garantias para operações desse tipo. Se algo for dito, é provável que saibamos o que foi, mas também é possível que ele nem discuta o assunto. O equipamento foi testado. Funciona. O agente de campo que vai dirigir a operação tem muita experiência. Já cuidou de outras questões delicadas.

— Por exemplo? — indagou Van Damm.

— Por exemplo, tirar da União Soviética a mulher e a filha de Gerasimov, há alguns anos — informou Ryan, explicando rapidamente.

— A operação vale o risco? — perguntou Fowler. Ryan ficou um pouco surpreso.

— Senhor, a decisão é sua.

— Mas pedi sua opinião.

— Vale, sim, senhor presidente. As informações que temos recebido de Niitaka indicam um considerável grau de arrogância da parte deles. Uma operação como esta pode levá-los à conclusão de que devem ser honestos conosco.

— Aprova a nossa política em relação ao Japão? — indagou Van Damm, tão surpreso quanto Ryan ficara um momento antes.

— Minha aprovação ou desaprovação é irrelevante, mas a resposta é sim. O chefe da assessoria presidencial estava visivelmente aturdido.

— Mas a administração anterior... Por que nunca nos disse?

— Nunca me perguntaram, Arnie. E não faço a política do governo, lembra? Sou um agente. Faço o que me mandam, desde que seja legal.

— Está convencido da legalidade da operação? — perguntou Fowler, com um sorriso mal reprimido.

— E o advogado, senhor presidente, não eu. Se não conheço os aspectos legais... e não conheço... devo presumir que não está me dando uma ordem para violar a lei.

— Esse é o melhor número de dança que já vi desde que o bale Kirov esteve no Centro Kennedy, no verão passado — comentou Van Damm, rindo.

— Ryan, você conhece todos os movimentos. Tem minha aprovação — disse Fowler, depois de uma breve pausa. — Se

obtivermos o que esperamos, o que faremos em seguida?

— Teremos de discutir o assunto com o pessoal do Departamento de Estado — interveio Liz Elliot.

— Isso seria potencialmente perigoso — ressaltou Ryan. — Os japoneses têm contratado muitas pessoas da seção de negociações comerciais. Devemos presumir que eles contam com pessoas lá dentro.

— Espionagem comercial? — indagou Fowler.

— Claro. E por que não? Niitaka nunca nos forneceu provas concretas a respeito, mas se um burocrata pensa em deixar o serviço público e passar a ganhar meio milhão por ano como representante deles... como já aconteceu com muitos... que melhor forma teria do que se oferecer como um valioso ganho em potencial? É a mesma coisa que um alto funcionário ou agente soviético nos fornecer informações como prova de sua boa fé. Entrega-se algo importante antes das negociações. Pode ser ilegal, mas não nos preocupamos muito com o problema. Por esse motivo, uma disseminação ampla da informação sobre a operação seria bastante perigosa. Sem dúvida, vai querer a opinião do secretário Talbot e de alguns outros, mas eu teria muito cuidado para evitar que a notícia se espalhe. Além disso, deve também lembrar que se disser ao primeiro-ministro que sabe o que ele falou... e se ele souber que só falou a respeito num lugar... corre o risco de comprometer essa técnica de obtenção de informações.

O presidente aceitou a observação apenas com um altear da sobrancelha.

— Não se pode dar a impressão de que o vazamento ocorreu no México? — perguntou Van Damm.

— É essa a trama óbvia — concordou Ryan.

— E se eu confrontá-lo com a informação? — indagou Fowler.

— E muito difícil ganhar de um *straight flush*, senhor presidente. E se isso algum dia vazar, o Congresso ficará furioso. É um dos meus problemas. Sou obrigado a discutir a operação com Al Trent e Sam Fellows. Sam vai concordar, mas Al tem razões políticas para detestar os japoneses.

— Eu poderia lhe dar uma ordem para não falar com ele...

— Senhor, essa é uma lei que não posso violar, qualquer que seja o motivo.

— Talvez eu tenha que lhe dar essa ordem — insistiu Fowler.

Ryan ficou surpreso de novo. Tanto ele quanto o presidente sabiam quais seriam as conseqüências de tal ordem. Justamente o que Cathy pensava. Podia ser um bom pretexto para deixar o serviço público.

— Mas talvez isso não seja necessário. Estou cansado de bancar o delicado com essa gente. Eles fizeram um acordo e vão cumpri-lo, ou terão de enfrentar um presidente muito irado. Pior do que isso, a idéia de que alguém pode subornar o presidente de um país de maneira tão venal é desprezível. Ah, como detesto a corrupção!

— Tem toda razão, chefe — comentou Van Damm. — Além do mais, os eleitores vão adorar.

— Aquele miserável... — murmurou Fowler, depois de um momento. Ryan não podia saber até que ponto a reação era genuína ou simulada. — Ele me diz que vem definir alguns detalhes, esclarecer outros, mas na verdade planeja romper um acordo. Veremos o que vai acontecer. Acho que está na hora de o homem aprender o que é jogo duro. — O discurso cessou. — Ryan, senti sua falta ontem à noite.

— Minha esposa estava com dor de cabeça, senhor. Tivemos de nos retirar. Sinto muito.

— Ela já se sente melhor agora?

— Já, sim, senhor. Obrigado.

— Pode acionar seu pessoal. Ryan levantou-se.

— Certo, senhor presidente.

Van Damm saiu com ele, e foram andando para a Entrada Oeste.

— Bom trabalho, Jack.

— Será que começaram a gostar de mim? — indagou Jack, irônico, pois a reunião transcorrera sem dificuldades.

— Não sei o que aconteceu ontem à noite, mas Liz ficou furiosa com sua mulher.

— Elas conversaram sobre alguma coisa, mas não sei o que foi.

— Jack, quer saber de tudo francamente?

Ryan sabia que o fato de Van Damm acompanhá-lo até a porta de saída era uma delicadeza excessiva, e o simbolismo era explícito.

— Quando, Arnie?

— Eu gostaria de dizer que é apenas uma questão política, não tem nada de pessoal, mas a verdade é que se trata de um problema pessoal. Sinto muito, Jack, mas acontece. O presidente vai dispensá-lo com todas as honras.

— Muita gentileza dele — comentou Ryan, calmamente.

— Eu tentei, Jack. Sabe que gosto de você. Essas coisas acontecem.

— Sairei sem problemas. Mas...

— Já sei. Nada de tiros pelas costas quando estiver saindo ou depois que se afastar. Será consultado periodicamente, talvez convidado a participar de algumas missões especiais de ligação. Terá uma demissão honrosa. Quanto a isso, Jack, tem a minha palavra de honra, e também a do presidente. Ele não é um mau sujeito, Jack. É um filho da puta inflexível e um bom político, mas também é um dos homens mais honestos que já conheci. Acontece apenas que vocês dois pensam de maneira diferente... e ele é o presidente.

Jack poderia comentar que o sinal de honestidade intelectual é a solicitação de pontos de vista divergentes. Mas limitou-se a dizer:

— Como eu falei, sairei discretamente. Já estou neste serviço há tempo suficiente. Chegou a hora de relaxar um pouco, sentir o perfume das rosas, brincar com as crianças.

— Assim é que se pensa. — Van Damm tocou no braço de Ryan. — Conclua essa missão e a declaração de despedida do chefe será cintilante. Até mandaremos Callie Weston escrevê-la.

— Você afaga a gente como um profissional, Arnie.

Ryan apertou a mão do chefe da assessoria presidencial e encaminhou-se Para seu carro. Van Damm ficaria surpreso se visse o sorriso em seu rosto.

— Precisa mesmo fazer assim?

— Apesar das divergências ideológicas, Elizabeth, ele serviu muito bem a seu país. Discordamos em muitas coisas, mas ele nunca me mentiu, e sempre tentou me dar bons conselhos.

Fowler olhava para o microfone de plástico, e subitamente se perguntou se estaria funcionando.

— Já lhe contei o que aconteceu ontem à noite.

— E obteve o que queria. Ele está de saída. Neste nível, não se expulsa uma pessoa pela porta afora. Deve-se demitir de uma maneira civilizada e honrosa. Qualquer outra forma é mesquinha, além de estupidez política. Concordo com você que ele é um dinossauro, mas até os dinossauros têm um bom lugar nos museus.

— Mas...

— Isso é tudo. Muito bem, você discutiu com a mulher dele ontem à noite. Lamento muito, mas que tipo de pessoa penaliza alguém pelo que sua mulher fez?

— Bob, tenho o direito de esperar seu apoio!

Fowler não gostou do comentário, mas reagiu com calma.

— E tem meu apoio, Elizabeth. Só que este não é o momento nem o lugar para uma discussão assim.

Marcus Cabot chegou à base Andrews da força aérea pouco depois do almoço, para seu vôo até a Coreia. As disposições eram mais luxuosas do que pareciam. O avião era um C-141B Starlifter, da força aérea americana, um quadrimotor de fuselagem estranha, lembrando uma serpente. A área de carga era essencialmente um *trailer*, completo, com cozinha, quartos e uma sala. Era também isolada, pois o C-141 é um avião barulhento, ainda mais na popa. Cabot passou pela porta da frente para conhecer a tripulação. O piloto era um capitão louro, de trinta anos. Na verdade, havia duas tripulações completas. O vôo seria longo, com uma escala para reabastecimento na base da força aérea em Travis, na Califórnia, além de três reabastecimentos em pleno ar, sobre o Pacífico. Seria também um vôo dos mais tediosos, e ele trataria de dormir tanto quanto pudesse. Cabot especulou se o serviço do governo realmente valia a pena, e saber que Ryan sairia em breve — Arnold van Damm lhe dera a notícia — não melhorava sua perspectiva. O diretor da CIA sentou, afivelou o cinto de segurança, e começou a ler os documentos de informações. Um sargento da força aérea lhe ofereceu um copo de vinho, que ele começou a tomar enquanto o avião taxiava para a decolagem.

John Clark e Domingo Chavez também embarcaram num avião, naquela tarde, num vôo para a Cidade do México. Era melhor chegar mais cedo <-' se aclimatar, na opinião do veterano agente. A Cidade do México era outra metrópole de elevada altitude, os problemas do ar rarefeito agravados pela poluição atmosférica. Os equipamentos da missão estavam acondicionados com todo o cuidado, e eles não esperavam problemas na passagem pela alfândega. Nenhum dos dois estava armado, pois isso não era necessário naquele tipo de missão.

\* \* \*

O caminhão deixou a rodovia interestadual exatamente trinta e oito horas e quarenta minutos depois de partir do terminal de carga em Norfolk. Aquele era o trecho mais fácil. Foram precisos quinze minutos e toda a habilidade do motorista para manobrar o caminhão até a plataforma de carga de concreto, junto do galpão. Um sol quente transformara o gelo em uma camada de quinze centímetros de lama pegajosa, que quase o impediu de concluir a manobra, mas ele conseguiu na terceira tentativa. O motorista saltou da cabine e encaminhou-se para a plataforma.

— Como se abre esta coisa? — perguntou Russell.

— Já vou mostrar. — O motorista parou para tirar a lama das botas, depois foi abrir a tranca do contêiner. — Precisa de ajuda para descarregar?

— Não. Pode deixar que cuido de tudo sozinho. Tem café na casa.

— Obrigado, senhor. Bem que estou precisando de uma xícara.

— Enquanto o homem se afastava, Russell comentou para Qati:

— Foi muito fácil.

Ele abriu o contêiner e deparou com um caixote grande, a palavra Sony impressa nos quatro lados, com flechas para indicar que lado devia ficar para cima, e a imagem de uma taça de champanhe, para indicar aos analfabetos que o conteúdo era delicado. Além disso, assentava sobre um estrado de madeira.



Marvin removeu as travas que prendiam o caixote no lugar, depois ligou a empilhadeira. O trabalho de retirar a bomba do contêiner e levá-la para o interior do galpão foi concluído em um minuto. Russell desligou a empilhadeira, estendeu uma lona por cima do caixote. Quando o motorista voltou, o compartimento de carga do caminhão já fora fechado.

— Aqui está sua gratificação — disse Marvin, entregando o dinheiro.

O motorista folheou as notas. Teria agora de levar o contêiner de volta a Norfolk, mas primeiro passaria pela parada de caminhões mais próxima, para oito horas de sono.

— Foi um prazer fazer negócio com o senhor. Disse que poderia ter outro trabalho para mim daqui a um mês, não é mesmo?

— E verdade.

— Pode me encontrar neste telefone. — O caminhoneiro entregou um cartão.

— Vai voltar imediatamente?

— Depois de descansar um pouco. Acabei de ouvir pelo rádio que deverá haver uma nevasca amanhã de noite. E das grandes, pelo que disseram.

— Nesta época do ano?

— Isso mesmo. Tenha um bom dia, senhor.

— E você tome cuidado — disse Russell, apertando a mão do motorista Mais uma vez.

— É um erro deixá-lo ir embora — comentou Ghosn para o comandante, em árabe.

— Não concordo. Afinal, o único rosto que ele viu foi o de Marvin.

— Tem razão.

— Já verificou tudo, Ismael?

— Não houve nenhum dano no caixote. Farei uma inspeção mais detalhada amanhã. Eu diria que estamos quase prontos.

— Ótimo.

— Quer a boa notícia ou a má notícia primeiro? — perguntou Jack.

— A boa primeiro — respondeu Cathy.

— Eles me pediram para renunciar ao cargo.

— E qual é a má notícia?

— É que nunca podemos nos afastar por completo. Vão querer que eu volte de vez em quando. Para consultas, essas coisas.

— E o que você quer?

— Esse trabalho entra no sangue da gente, Cathy. Gostaria de deixar o Hopkins, e ser apenas uma médica com um consultório, pacientes e remedinhas para prescrever?

— Quanto?

— Um ou duas vezes por ano, provavelmente. Em áreas especiais, sobre as quais tenho um profundo conhecimento. Nada regular.

— Muito bem, isso é justo... eu não poderia abrir mão de ensinar a jovens médicos. Quando você sai?

— Tenho duas operações que preciso terminar. E depois precisamos escolher alguém para o cargo...

*Poderiam ser os Foley, pensou Jack. Mas qual deles?*

— Com, sonar.

— Com, estou ouvindo — respondeu o navegador.

— Senhor, tenho um possível contato no curso dois-nove-cinco, muito fraco, mas reiterado.

— Estou indo. — Eram cinco degraus até a sala do sonar. — Mostre-me.

— Bem aqui, senhor.

O operador do sonar apontou uma linha na tela. Embora parecesse indefinida, era formada na verdade por pequenos pontos amarelos, numa frequência específica. A medida que a escala de tempo se deslocava na vertical, para cima, mais pontos continuavam a aparecer, regulares apenas porque pareciam formar uma linha vaga, meio indefinida. A única mudança na linha era um ligeiro desvio na direção.

— Ainda não posso determinar o que é — acrescentou o operador.

— Diga-me o que não é.

— Não é um contato de superfície, e também não creio que seja um ruído casual, senhor. — O suboficial traçou todo o percurso até quase o topo com um lápis-cera. — Bem aqui, senhor, cheguei à conclusão de que podia ser alguma coisa.

— O que mais você tem?

— Sierra-15 aqui é um mercante, seguindo para sudeste, e se afastando de nós... é um contato de terceira ZC que temos rastreado desde o último turno, e isso é tudo, senhor Pitney. Acho que está muito encapelado lá em cima para que os pescadores venham tão longe. O tenente Pitney bateu com um dedo na tela.

— Chame Sierra-16, e providenciarei o início do rastreamento. Como está a água?

— O canal profundo parece muito bom hoje, senhor. O ruído de superfície, no entanto, está um pouco forte. É difícil a definição.

— Mantenha-se atento.

— Claro, senhor.

O operador voltou a se concentrar na tela do sonar. O tenente Jeff Pitney voltou à sala de controle, pegou o telefone interno, e apertou o botão para o camarote do comandante.

— Gator falando, comandante. Temos um possível contato de sonar no curso dois-nove-cinco, muito fraco. Nosso amigo pode estar de volta, senhor... Certo, senhor. — Pitney desligou, e acionou o sistema de alto-falantes. — Grupo de rastreamento a postos.

O comandante Ricks apareceu um minuto depois, de tênis e macacão azul. Sua primeira parada foi na sala de controle, para verificar o curso, velocidade e profundidade. Depois, foi para a sala do sonar.

— Vamos ver o que temos aqui.

— A coisa tornou a me escapar, senhor — disse o operador, contrafeito. Ele usou um pedaço de papel higiênico... havia sempre um rolo por cima de cada tela... para apagar a marcação anterior, e riscou outra. — Creio que temos alguma coisa aqui, senhor.

— Espero que não tenha interrompido meu sono por nada — comentou Ricks. O tenente Pitney percebeu o olhar que os outros dois operadores de sonar trocaram.

— Está voltando, senhor. Se for um Akula, devemos captar um pequeno ruído de bomba no espectro aqui...

— O serviço de informações diz que ele está saindo de uma revisão — ressaltou Ricks. — Ivan está aprendendo a tornar seus barcos mais silenciosos.

— E possível... um lento desvio para o norte, direção atual dois-nove-sete.

Os dois sabiam que o dado podia variar até dez graus, em qualquer direção. Mesmo com os equipamentos de elevado custo no *Maine*, ainda eram bastante vagas as determinações de cursos a longa distância.

— Mais alguém por perto? — perguntou Pitney.

— O *Omaha* deve estar em algum lugar ao sul de Kodiak. Direção errada. Não é ele. Tem certeza de que não é um contato de superfície?

— Não há a menor possibilidade, comandante. Se fosse diesel, eu saberia, e se fosse vapor, eu também saberia. Não há vibração de ruído da superfície. Só pode ser um contato submerso, comandante. A única coisa que faz sentido.

— Pitney, estamos no dois-oito-um?

— Isso mesmo, senhor.

— Vire à esquerda para dois-seis-cinco. Teremos uma base melhor para análise do movimento do alvo. Tente obter uma estimativa de alcance antes de virarmos.

*Virar?*, pensou Pitney. *Mas os submarinos de espera não devem agir desse jeito!* Ele deu a ordem assim mesmo, é claro.

— Onde está a camada?

— A cinqüenta metros, senhor — informou o operador de sonar.

— E a julgar pelo ruído de superfície, há ondas de oito metros lá em cima.

— Então é bem provável que ele permaneça na profundidade para se livrar da turbulência.

— Droga, perdi-o de novo... veremos o que acontece quando a cauda tornar a esticar...

Ricks inclinou a cabeça para fora da sala do sonar e disse uma única palavra:

— Café.

Nunca lhe ocorreu que os operadores de sonar pudessem querer também. Houve mais cinco minutos de espera antes que os pontos recomeçassem a aparecer no lugar certo.

— Acho que ele está de volta — anunciou o operador do sonar.

— A direção parece agora três-zero-dois.

Ricks foi até a mesa de plotagem. O guarda-marinha Shaw fazia seus cálculos, junto com um contramestre.

— Deve estar a cem mil metros. Estou presumindo um curso nordeste, a partir do desvio de rumo, velocidade inferior a dez. Só pode ser cem mil metros ou mais.

Era um trabalho eficiente e rápido, pensaram Shaw e o suboficial. Ricks acenou com a cabeça bruscamente e voltou ao sonar.

— Firmando, recebendo agora alguns sinais na linha de cinqüenta hertz. Começa a cheirar como o senhor Akula, provavelmente.

— Você deve estar com um ótimo canal.

— Certo, comandante, muito bom e melhorando um pouco. A tempestade vai mudar isso, quando a turbulência alcançar nossa profundidade.

Ricks voltou ao controle.

— E então, senhor Shaw?

— A melhor estimativa é um-um-cinco mil metros, curso nordeste, velocidade cinco nós, talvez um ou dois a mais, senhor. Se sua velocidade for muito superior a isso, a distância é bem maior.

— Muito bem, vamos dar a volta gentilmente, seguindo à direita para zero-oito-zero.

— Leme à direita, cinco graus. Senhor, meu leme está à direita cinco graus, entrando em novo curso, zero-oito-zero.

— Certo.

Devagar, a fim de não dar uma volta muito grande no equipamento rebocado, o *Maine* reverteu o curso. Levou três minutos antes de se fixar na nova direção, fazendo algo que nenhum submarino de mísseis balísticos da esquadra americana jamais fizera

antes. O capitão-de-corveta Claggett apareceu na sala de controle um momento depois.

— Quanto tempo acha que ele vai manter esse curso? — perguntou Claggett a Ricks.

— O que você faria?

— Acho que o seguiria num padrão de escada, e meu desvio seria para o sul, não para o norte, revertendo como fizemos em Barents. Para o mar, certo? O intervalo entre as manobras será determinado pelo desempenho da cauda dele. E uma informação concreta que podemos adquirir, mas dependendo das indicações desse dado, teremos de tomar muito cuidado na maneira como o seguimos, não concorda?

— Não posso me aproximar a menos de trinta mil metros, sob quaisquer circunstâncias. Assim... vamos reduzir para cinqüenta mil, a fim de termos uma impressão melhor dele, depois chegar mais perto, na medida em que as circunstâncias permitirem. Um de nós deve estar aqui em todos os momentos, enquanto ele permanecer nas proximidades.

— Concordo. — Claggett acenou com a cabeça, fez uma pausa antes de acrescentar: — Como OP-02 pôde concordar com isso?

— Um mundo mais seguro agora, hem?

— Isso mesmo, senhor.

— Está com inveja porque os barcos de espera podem realizar um trabalho de ataque rápido?

— Senhor, acho que OP-02 teve um lapso, ou está tentando impressionar alguém com nossa flexibilidade ou algo assim.

— Não gosta disso?

— Não, comandante, não gosto. Sei que podemos fazer, mas acho que não devemos.

— Foi sobre isso que conversou com Mancuso?

— Como? — Claggett sacudiu a cabeça. — Não, senhor. Ele me perguntou, e respondi que podíamos fazer. E foi só. Não me cabe ainda discutir uma questão assim.

*Então sobre o que conversaram?*, Ricks sentiu vontade de perguntar. Mas é claro que não podia.

Os americanos eram um grande desapontamento para Oleg Kirilovich Kadishev. Só fora recrutado para obter boas informações internas sobre o governo soviético, e as fornecera por anos. Testemunhara profundas mudanças políticas em seu país, sabendo antes que ocorreriam, porque sabia quem era Andrei 11'ych Narmonov. E também sabia o que ele não era. O presidente de seu país era um homem de extraordinário talento político. Possuía a coragem de um leão e a agilidade tática de um mangusto. Era de um plano que ele carecia. Narmonov não tinha a menor idéia do lugar para onde seguia, e era essa sua fraqueza. Destruíra a antiga ordem política, eliminara o Pacto de Varsóvia através da inação, apenas por proclamar em alto e bom som, Urna única vez, que a União Soviética não interferiria na integridade Política de outros países, e assim agira com o conhecimento de que a única coisa que mantinha o marxismo era a ameaça da força soviética. Os comunistas da Europa Oriental haviam tolamente aceitado, julgando-se seguros no amor e respeito de seus povos, num dos mais colossais e menos compreendidos atos de demência da história. Mas o que tornava a ironia sublime em o fato de que Narmonov não era capaz de perceber a mesma coisa em seu próprio país, no qual se acrescentava mais uma variável, fatal.

O povo soviético — um termo que nunca tivera qualquer significado, é verdade — só se mantinha unido pela ameaça da força. Somente os canhões do Exército Vermelho garantiam que os moldávios, letões, tadziquistões e muitos outros seguissem a linha de Moscou. Amavam a liderança, comunista ainda menos do que seus bisavôs haviam amado os czares. E assim, enquanto desmontava o papel central do Partido na administração do país, Narmonov também eliminava sua capacidade de controlar o povo, mas não deixara para si mesmo qualquer instituição para se sobrepor ao que havia antes. O plano — numa nação que durante oitenta anos sempre tivera O Plano — simplesmente não existia. Por isso, inevitavelmente, quando o tumulto começara a substituir a ordem, não havia nada a fazer, nenhum rumo a apontar, nenhum objetivo por que se empenhar. As espetaculares manobras políticas de Narmonov, em última análise, eram inúteis. Kadishev percebia

isso. Por que também não era percebido pelos americanos, que haviam apostado tudo na sobrevivência de "seu homem" em Moscou?

O parlamentar de quarenta e seis anos soltou uma risada desdenhosa ao pensamento. Era o homem deles, não é mesmo? Advertira-os por anos, não quiseram escutá-lo, preferindo em vez disso usar seus relatórios para apoiar um homem que era rico em habilidade, mas desprovido de visão... e como um homem podia liderar sem visão?

Os americanos, sempre tolos, sempre cegos, ficaram surpresos com a violência na Geórgia e nos Estados bálticos. Na verdade, ignoravam a nascente guerra civil, que já se iniciara no arco das repúblicas meridionais. Meio milhão de armas militares haviam desaparecido na retirada do Afeganistão. A maior parte de rifles, mas também alguns *tanques!* O exército soviético não podia começar a enfrentar a situação. Narmonov lutava com o exército numa base cotidiana, como se fosse uma espécie de malabarista desesperado, mal conseguindo contê-lo, deslocando seu esforço de um ponto para outro, mantendo os pratos no ar, mas sempre por um triz. Será que os americanos não compreendiam que um belo dia todos os pratos cairiam ao mesmo tempo?

As conseqüências eram assustadoras para todos. Narmonov precisava de uma visão, precisava de um plano, mas não o tinha.

Kadishev tinha, e esse era todo o sentido de seu empenho. A União devia ser dissolvida. As repúblicas muçulmanas deviam se afastar. Os bálticos deviam se afastar. A Moldávia devia se afastar. A Ucrânia Ocidental devia se afastar... mas ele queria manter a parte oriental. Era preciso encontrar um meio de proteger os armênios, para que não fossem massacrados pelos muçulmanos locais, e também encontrar um meio de manter o acesso ao petróleo do Azerbaijão, pelo menos por tempo suficiente até que, com a ajuda do Ocidente, pudesse explorar todos os recursos da Sibéria.

Kadishev era um russo. Era parte de sua alma. A Rússia era a mãe da União; e como uma boa mãe, devia permitir que os filhos se afastassem, no momento oportuno. E o momento oportuno era agora. Isso deixaria um país que se estendia do Báltico ao Pacífico,



com uma população em grande parte homogênea e imensos recursos que mal estavam catalogados, muito menos aproveitados. Podia e deveria ser um país grande e forte tão poderoso quanto qualquer outro, rico em história e artes, líder nas ciências. Essa era a visão de Kadishev. Desejava liderar uma Rússia que fosse uma autêntica superpotência, amiga e associada dos outros países de herança européia. Era sua missão levar o país à luz da liberdade e prosperidade. Se isso implicava em descartar quase a metade da população e vinte e cinco por cento do território... que assim fosse.

Mas os americanos não ajudavam. E ele não compreendia o motivo. Eles não podiam deixar de perceber que Narmonov era uma rua sem saída, uma estrada que acabava abruptamente... ou talvez parasse à beira de um profundo abismo.

Se os americanos não podiam ajudar, então cabia a ele obrigá-los a ajudar. Fora por isso, em primeiro lugar, que ele se deixara ser recrutado por Mary Foley.

Amanhecia em Moscou, mas Kadishev era um homem que há muito se disciplinara a viver com um mínimo de sono. Ele datilografou seu relatório numa máquina antiga e pesada, mas silenciosa. Usava a mesma fita de algodão muitas vezes. Ninguém jamais poderia examinar a fita e descobrir o que fora escrito com ela, e o papel fora tirado do escritório central de suprimentos. Várias centenas de pessoas tinham acesso ao lugar. Como todos os jogadores profissionais, Kadishev era cuidadoso. Ao terminar, ele usou luvas de couro para limpar o papel de quaisquer impressões digitais que pudesse acidentalmente ter deixado. Depois, com as mesmas luvas, dobrou o papel e guardou no bolso do casaco. A mensagem seria entregue dentro de duas horas. Em menos de vinte, estaria em outras mãos.

O agente Vela não precisava se preocupar. O KGB tinha ordens de não importunar os delegados do povo. A jovem no vestiário tirou a mensagem do bolso do casaco, e pouco depois entregou-a a um homem cujo nome não conhecia. O homem deixou o prédio e seguiu para seu local de trabalho. Duas horas depois, a mensagem se

encontrava no bolso de um homem a caminho do aeroporto, onde embarcou no 747 para Nova York.

— Para onde desta vez, doutor? — perguntou o motorista.

— Fique dando voltas por aí.

— Como?

— Precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Sei que você é do KGB.

— Ora, doutor — respondeu o motorista, rindo —, sou apenas um motorista da embaixada.

— Sua ficha médica na embaixada é assinada pelo doutor Feodor Il'ych Gregoriev. Ele é um médico do KGB. Fomos colegas de turma. Posso continuar?

— Contou a alguém?

— Claro que não.

O motorista suspirou. Bom, o que podia fazer?

— Sobre o que deseja me falar?

— Você é... da diretoria do exterior do KGB? Não havia como evitar.

— Correto. Espero que o assunto seja importante.

— Pode ser. Preciso que alguém venha de Moscou. Estou tratando de um paciente com um problema nos pulmões muito estranho.

— Por que isso deveria me interessar?

— Já vi um problema similar antes... num operário de Beloyarski. Acidente industrial. Fui consultado.

— E o que é Beloyarski?

— É um lugar em que fabricam armas atômicas. O motorista reduziu a velocidade do carro.

— Fala sério?

— Pode ser outra coisa... mas os exames que preciso realizar agora são muito específicos. Se isso significa um projeto sírio, não teremos a cooperação necessária. Por isso, preciso que me sejam remetidos alguns equipamentos especiais de Moscou.

— Com que urgência?

— O paciente não vai a lugar nenhum, a não ser para baixo da terra. Infelizmente, seu estado é terminal.

— Preciso encaminhar o assunto pelo *Rezident*. E ele só voltará no domingo.

— Providencie o mais depressa que puder.

**ENCERRAMENTO**

— Posso ajudar? — perguntou Russell.

— Obrigado, Marvin, mas prefiro cuidar disso sozinho, sem distrações — respondeu Ghosn.

— Eu compreendo. Chame se precisar de alguma coisa.

Ibrahim pôs o agasalho mais grosso e saiu para o frio. A neve caía forte. Ele já vira neve no Líbano, é claro, mas nem de longe parecido com aquilo. A tempestade começara apenas meia hora antes, e já havia uma camada de neve de mais de três centímetros. O vento que soprava do norte era o mais intenso que já experimentara, penetrando até os ossos, enquanto ele caminhava pelos sessenta metros até o galpão. A visibilidade não passava de duzentos metros. Ghosn podia ouvir o tráfego na rodovia próxima, mas nem sequer podia ver as luzes dos veículos. Entrou no galpão por uma porta lateral, já lamentando o fato de a construção não ter aquecimento. Disse a si mesmo, com todo o vigor, que não podia permitir que tais coisas o afetassem.

O caixote que escondia o artefato de vistas casuais foi arrancado com a maior facilidade. Por baixo, havia uma caixa de metal, com mostradores e outros dispositivos, aparentemente de uma máquina comercial de videoteipe. A sugestão fora de Günther Bock, e a caixa de metal fora adquirida como ferro-velho de uma agência noticiosa de tevê síria, que adquirira um modelo mais novo. As portas de acesso embutidas na caixa de metal atendiam quase com perfeição ao propósito de Ghosn, e o amplo espaço vazio continha a bomba de vácuo, que podia ser necessária. Ghosn constatou no mesmo instante que não precisaria usá-la. O mostrador no invólucro da bomba indicava que não houvera qualquer vazamento de ar. Não chegava a ser uma surpresa — Ghosn era um soldador tão competente quanto garantira ao falecido Manfred Fromm —, mas foi gratificante para o jovem engenheiro. Ele

verificou em seguida as baterias. Havia três, todas novas, todas de níquel-cádmio, e todas plenamente carregadas, de acordo com o circuito de teste. O mecanismo de tempo ficava ao lado das baterias. Depois de se certificar de que os terminais estavam vazios, ele verificou o cronômetro — já acertado para o horário local — contra seu relógio, e constatou que um ou outro (provavelmente seu relógio) apresentava uma diferença de três segundos. Era mínima, não interferia em seus propósitos. Havia três copos dentro da caixa, para indicar qualquer manuseio mais rude, ainda intactos. Os transportadores haviam tomado todo o cuidado, como ele esperava.

— Você está pronta, minha amiga — murmurou Ghosn.

Ele fechou a porta de inspeção, certificou-se de que estava devidamente trancada, depois repôs a tampa do caixote. Soprou as mãos para esquentá-las, e voltou à casa.

— Como o tempo vai nos afetar? — perguntou-lhe Qati.

— Haverá outra tempestade logo depois desta. Devemos partir amanhã, ao final da tarde, antes que comece. A segunda será curta, talvez com uma camada de neve de quatro ou cinco centímetros, pelo que dizem. Se viajarmos entre as duas, não deveremos ter problemas na estrada. Depois, ficamos no motel e aguardamos o momento certo.

— Correto. E o furgão?

— Vou pintá-lo hoje, assim que os aquecedores forem ligados. É um trabalho que deve consumir apenas duas horas — informou Russell, enquanto terminava de tomar o café. — Já preparei todos os moldes. Embarcaremos a bomba depois que eu pintar, está bem?

— Quanto tempo leva para secar? — indagou Ghosn.

— Três horas, no máximo. Quero que a pintura fique perfeita, está bem?

— Claro, Marvin.

Russell soltou uma risada, enquanto recolhia a louça do desjejum.

— O que será que vão pensar as pessoas que fizeram aquele filme?

Ele virou-se para deparar com expressões de perplexidade nos rostos dos dois árabes.

— Günther não lhes contou? — Os rostos permaneceram impassíveis— Assisti ao filme pela televisão. *Black Sunday* (Domingo Negro). Um cara tem a idéia de matar todos os espectadores do Super Bowl, atirando de um pequeno dirigível...

— Está brincando — murmurou Qati.

— Não estou, não. No filme, eles tinham a bomba no fundo do dirigível mas os israelenses descobriram o que estava acontecendo, e os agentes da CIA chegaram lá no último instante... como geralmente acontece nos filmes. Com meu povo, era sempre a cavalaria que aparecia no último instante, a fim de exterminar os índios selvagens.

— O objetivo nesse filme era matar o estádio inteiro? — perguntou Ghosn.

— Ahn... acho que sim — respondeu Russell, pondo os pratos na máquina de lavar louça. — Nada igual ao que vamos fazer. — Ele virou-se. — Ei, não fiquem tão preocupados! A mera interrupção da cobertura de tevê vai irritar as pessoas como nem podem imaginar. E este estádio é coberto, entendem? A tal operação de um dirigível seria impossível. Seria preciso uma bomba atômica ou algo parecido para fazer a mesma coisa.

— Eis uma idéia — comentou Ghosn, com uma risada, especulando qual seria a reação.

— Uma idéia e tanto. Talvez até desencadeasse uma guerra nuclear de verdade... mas imagine qual é o povo que vive lá nas Dakotas, na área em que estão todas aquelas bases do comando aéreo estratégico? Acho que eu não seria capaz de entrar num jogo assim. — Russell despejou o detergente na máquina, e iniciou o ciclo de lavagem. — Mas o que exatamente vocês têm naquele caixote?

— Um composto explosivo muito compacto e potente. Causará inclusive alguns danos ao estádio.

— Foi o que pensei. Tirar a tevê do ar não será difícil... é uma merda bastante delicada... e só fazer isso... olha, posso garantir que terá um efeito que nem podem imaginar.

— Concordo, Marvin, mas gostaria de ouvir seu raciocínio a respeito — disse Qati.

— Nunca tivemos um autêntico ato terrorista destrutivo por aqui. Este mudará as coisas. As pessoas não se sentirão mais seguras. Vão instalar barreiras e dispositivos de segurança por toda parte. E as pessoas ficarão irritadas, começarão a pensar. Talvez percebam quais são os verdadeiros problemas. Não é esse o nosso objetivo?

— Claro que é, Marvin — respondeu Qati.

— Posso ajudá-lo na pintura? — perguntou Ghosn. Russell podia se tornar curioso, pensou Ibrahim, e isso seria inadmissível.

— Eu agradeceria.

— Deve prometer que vai ligar o aquecedor — sugeriu Ghosn, sorrindo-

— Pode contar com isso, cara, caso contrário a tinta não secará direito. Acho que está um pouco frio para você.

— Seu povo devia sofrer muito vivendo num lugar assim. Russell pegou o casaco e as luvas.

— Ora, esta é a nossa terra, lembra?

— Espera mesmo encontrá-lo? — indagou o *starpom*.

— Acho que temos uma boa possibilidade — respondeu Dubinin, inclinando-se sobre a carta. — Ele estará em algum lugar por aqui, bem distante das águas costeiras... há muitos pescadores com redes por lá... e ao norte desta área.

— Isso é ótimo, comandante. Temos apenas dois milhões de quilômetros quadrados para procurar.

— E cobriremos apenas dois terços disso. Falei que havia uma boa possibilidade, não uma certeza. Dentro de mais três ou quatro anos, teremos o RPV em que os projetistas vêm trabalhando, e poderemos enviar nossos receptores de sonar pelo canal de som profundo.

Dubinin referia-se à próxima etapa na tecnologia de submarino, um minissub-robô, que seria controlado da nave-mãe por um cabo de fibra ótica. Carregaria sensores e armas, e mergulhando a uma grande profundidade poderia descobrir qualquer coisa, se as condições de sonar na área de mil a dois mil metros fossem mesmo

tão boas quanto os teóricos sugeriam. Isso mudaria o jogo de uma maneira radical.

— Alguma coisa nos sensores de turbulência?

— Negativo, comandante — respondeu um tenente.

— Eu me pergunto se essas coisas valem o esforço — comentou o imediato.

— Funcionaram na última vez.

— Tínhamos o mar calmo lá em cima, na ocasião. E com que frequência o mar permanece calmo no Pacífico Norte durante o inverno?

— Ainda pode nos dizer alguma coisa. Devemos usar todos os nossos recursos. Por que não é otimista?

— O próprio Ramius só rastreou um Ohio uma vez, e isso aconteceu nos testes do construtor, quando eles tiveram problemas com a haste. E mesmo assim só conseguiu manter o contato por... quanto tempo foi? Setenta minutos?

— Pegamos este antes.

— Tem razão, comandante.

O *starpom* bateu com o lápis na carta. Dubinin pensou nas informações sobre o inimigo — os hábitos antigos eram difíceis de romper. Harrison Sharpe Ricks, oficial de carreira saído da academia naval, em seu segundo comando de um submarino de mísseis, um brilhante engenheiro e técnico, ao que se dizia, destinado a postos superiores. Um comandante duro e existe, muito respeitado em sua marinha. Ele cometera um erro antes, e era improvável que cometesse outro, concluiu Dubinin.

— Cinquenta mil metros, exatamente — informou o guarda-marinha Shaw.

— Esse cara não está se comportando como Ivan, o Louco — comentou Claggett.

— É que ele não espera ser caçado, não é mesmo? — disse Ricks.

— Acho que não, mas sua cauda não é tão boa quanto pensa.

O Akula efetuava um padrão de busca de escada. As longas etapas se situavam mais ou menos no vetor sudoeste-nordeste, e no



final de cada urna ele se deslocava para sudeste, antes de iniciar a etapa seguinte, com um intervalo aproximado entre as buscas de cinqüenta mil metros, em torno de vinte e cinco milhas náuticas. Isso resultava num alcance teórico de vinte quilômetros para o sonar rebocado dos russos. Ou pelo menos, pensou Claggett, o pessoal de informações diria isso.

— Acho que vamos nos manter a cinqüenta mil metros, apenas como medida de precaução — anunciou Ricks, depois de um momento de reflexão. — Esse cara está muito mais quieto do que eu esperava.

— Os ruídos de máquina diminuíram um bocado, não é? Se esse cara estivesse rastreando furtivamente, em vez de tentar cobrir terreno...

Claggett sentiu-se satisfeito porque o comandante voltava a falar como um engenheiro comedido. E não estava muito surpreso. Quando a pressão aumentava, Ricks voltava ao tipo, o que era ótimo para seu imediato, que não achava prudente brincar de ataque rápido com um submarino de mísseis de um bilhão de dólares.

— Ainda podemos manter o contato assim.

— Acha mesmo? Em quanto o desempenho de sua cauda vai melhorar com a redução da velocidade?

— Boa lembrança. Deve melhorar um pouco, mas o serviço de informações garante que com um dispositivo como o nosso, de cabo fino... provavelmente não muito. Mesmo assim, estamos obtendo um bom perfil desse pássaro, não é mesmo?

A pergunta de Ricks era retórica. Ele teria uma estrela de ouro em sua ficha por aquilo.

— O que acha.. MP? — perguntou Jack à sra. Foley.

A tradução se encontrava em sua mão. Ela optara pelo documento original, em russo.

— Fui eu que o recrutei, Jack. Ele é meu garoto.

Ryan olhou para o relógio; chegara a hora. Sir Basil Charleston era sempre pontual. O telefone direto tocou um instante depois.

— Ryan.

— Bas falando.

— Alguma novidade?

— Aquela coisa de que conversamos, pedimos a nosso homem para dar uma olhada. Absolutamente nada, meu caro.

— Nem mesmo que nossas impressões eram incorretas? — perguntou Jack, os olhos fechados, como se quisesse excluir a notícia.

— Correto, Jack, nem mesmo isso. Admito que acho um tanto curioso, mas é plausível, se não provável, que nosso homem não tomasse conhecimento.

— Obrigado por tentar, companheiro. Ficamos lhe devendo.

O telefone ficou mudo. Era a pior notícia possível, pensou Ryan. E ficou olhando para o teto por um momento.

— Os britânicos não conseguiram confirmar nem negar as alegações de Vela — anunciou ele. — Como isso nos deixa?

— É mesmo assim? — indagou Ben Goodley. — Tudo se reduz a uma *opinião*?

— Ben, se fôssemos tão hábeis em adivinhar o futuro, estaríamos ganhando, fortunas no mercado de ações — disse Ryan, bruscamente.

— Mas você ganhou! — ressaltou Goodley.

— Apenas tive sorte em algumas transações. — Ryan descartou o comentário. — O que você acha, Mary Pat?

A sra. Foley parecia cansada, mas também tinha um bebê com que se preocupar. Jack achava que ela não deveria se empenhar tanto.

— Tenho de defender meu agente, Jack. Você sabe disso. Ele é nossa melhor fonte de informações políticas. Capaz de conversar a sós com Narmonov. Por isso é tão valioso, e por isso suas informações sempre foram difíceis de confirmar... mas ele nunca errou, não é mesmo?

— O que me assusta é que ele começa a me convencer.

— E por que isso o assusta, doutor Ryan? Jack acendeu um cigarro.

— Porque conheço Narmonov. Esse homem poderia me fazer desaparecer numa noite fria, nos arredores de Moscou. Fizemos um acordo, trocamos um aperto de mão, e ponto final. E preciso ser um

homem muito confiante para agir assim. Se ele perdeu essa confiança, então... então toda a coisa pode desmoronar, depressa e de maneira imprevisível. E podem imaginar algo mais assustador do que isso?

Ryan correu os olhos pela sala.

— Dificilmente — concordou o chefe do departamento russo. — Acho que essa é uma conclusão inevitável.

— Concordo — acrescentou Mary Pat.

— Ben? — indagou Jack. — Acreditou nesse sujeito desde o início. O que ele diz, reforça sua posição desde Harvard.

O dr. Benjamin Goodley não gostava de ser acuado daquele jeito. Aprendera uma lição árdua mas importante em seus meses na CIA: uma coisa era formar uma opinião na comunidade acadêmica, discutir opções em torno de uma mesa de almoço com outros professores de Harvard, mas ali era diferente. Era com base naquelas opiniões que se formulava a política nacional. E isso, ele compreendia, era o que de fato significava ser capturado pelo sistema.

— Detesto dizer isso, mas mudei de idéia. Pode haver uma dinâmica aqui que não examinamos.

— E qual seria? — perguntou o chefe do departamento russo.

— Consideram apenas em termos abstratos. Se Narmonov cair, quem o substitui?

— Kadishev é uma das possibilidades, digamos uma chance em três o por aí — respondeu Mary Pat.

— Nos círculos acadêmicos... ou em quaisquer outros... isso não constitui um conflito de interesses?

— MP? — indagou Ryan, fitando-a.

— E daí? Quando ele mentiu antes para nós?

Goodley decidiu insistir na argumentação, fingindo que se tratava de uma discussão acadêmica.

— Senhora Foley, fui designado para procurar indicações de que Vela estava errado. Verifiquei tudo a que tive acesso. Só descobri uma pequena alteração no tom de seus relatórios, durante os últimos meses. A maneira como ele usa as palavras é sutilmente diferente. Suas declarações são mais positivas, menos especulativas

em algumas áreas. É possível que isso se ajuste aos seus relatórios... isto é, ao conteúdo deles... mas pode haver também outro significado.

— Baseia sua avaliação na maneira como ele põe os pingos nos is? — o chefe do departamento russo soltou uma risada desdenhosa.

— Garoto, não fazemos esse tipo de trabalho aqui.

— Tenho de levar o caso ao centro da cidade — interveio Ryan.

— Preciso comunicar ao presidente que achamos que ele está certo. Quero Andrews e Kantrowitz aqui para nos apoiarem. Alguma objeção? — Não havia nenhuma. — Muito bem, obrigado a todos. Ben, pode ficar por mais um momento? Mary Pat, tire um fim de semana prolongado. Isso é uma ordem.

— Ela sente eólicas, e eu quase não tenho dormido — explicou a sra. Foley.

— Então peça a Ed para cuidar do plantão noturno.

— Ed não tem seios. Sou eu que amamento, lembra?

— MP, nunca lhe ocorreu que amamentar é uma conspiração de homens preguiçosos? — indagou Ryan, sorrindo.

O olhar insidioso de Mary Pat encobriu seu bom humor.

— Tem razão... e sempre se manifesta por volta das duas horas da madrugada. Até segunda.

Goodley voltou à sua cadeira depois que os outros dois se retiraram.

— Muito bem, pode me dar um esporro agora. Jack acenou com a mão para que ele se acalmasse.

— Por que eu lhe daria um esporro?

— Por levantar uma idéia estúpida.

— Não tem nada de estúpida. Você foi o primeiro a sugeri-la. Vem fazendo um bom trabalho.

— Mas não encontrei o tesouro — resmungou Goodley.

— Mas pelo menos procurou nos lugares certos.

— Se essa possibilidade fosse real, qual seria a probabilidade de confirmá-la por intermédio de outras fontes?

— Pouco mais de meio a meio, talvez chegasse a sessenta por cento. Mary Pat estava certa. Ele tem nos fornecido informações que nem sempre podemos confirmar em outras fontes. Mas você

também tinha razão: ele se beneficia de estar correto. Tenho de levar o caso à Casa Branca antes do início do fim de semana. E depois falarei com Jack Kantrowitz e Eric Andrews para que peguem um avião e venham cá, para uma sessão de avaliação na próxima semana. Tem algum programa especial para o fim de semana, Ben?

— Não.

— Pois tem agora. Quero que repasse todas as suas anotações e nos prepare um estudo de posição, dos bons. — Ryan bateu com a mão na mesa. — Quero-o aqui na manhã de segunda-feira.

— Por quê?

— Porque você é intelectualmente honesto, Ben. Quando analisa alguma coisa, é para valer.

— Mas nunca concorda com as minhas conclusões!

— Não com muita frequência, mas os dados que apresenta para apoiar suas opiniões sempre são da maior qualidade. Ninguém está certo durante todo o tempo. E também ninguém está errado durante todo o tempo. O processo é importante, a disciplina intelectual, e nisso você é muito bom, doutor Goodley. Espero que goste de morar em Washington. Vou lhe oferecer um cargo permanente aqui. Estamos criando um grupo especial na diretoria de informações. Sua missão será a de assumir posições contrárias, uma equipe B interna, reportando-se diretamente ao vice-diretor. Você seria o segundo homem na seção russa. Acha que pode dar conta? Pense com todo o cuidado, Ben. Sofrerá a maior pressão da equipe A. Longas horas de trabalho, um salário medíocre, e não muita satisfação ao final do dia. Mas terá conhecimento de muitas coisas boas, e é possível que de vez em quando alguém lhe dispense alguma atenção. Seja como for, o estudo de posição que lhe pedi será como o exame de admissão... se estiver interessado. Não estou muito preocupado com as suas conclusões, mas quero algo que possa contrastar com as opiniões dos outros. Aceita ou não?

Goodley remexeu-se na cadeira, nervoso, hesitou antes de falar. Aquilo poderia abortar sua carreira? Mas não podia responder não. Ele deixou escapar o ar devagar, antes de murmurar:

— Há uma coisa que precisa saber.

— Pode falar.

— Quando a doutora Elliot me mandou para cá...

— Você deveria me criticar. Sei disso. — Ryan sorriu. — Não acha que fiz um bom trabalho de sedução?

— Houve mais do que isso, Jack... ela queria que eu realizasse uma investigação pessoal... procurasse coisas que ela pudesse usar contra você.

A expressão de Ryan se tornou muito fria.

— E o que mais?

Goodley corou, mas continuou:

— E eu obedeci. Examinei a sua ficha, e encontrei a investigação da CVM, dei algumas informações sobre suas operações financeiras... falei sobre a família Zimmer, essas coisas. — Goodley fez uma pausa. — E me envergonho do que fiz.

— Soube alguma coisa?

— A seu respeito? É um bom chefe. Marcus não passa de um idiota preguiçoso, só parece muito bem num terno. Liz Elliot é uma sacana bisbilhoteira e mesquinha, que gosta muito de manipular as pessoas. Ela me usou como um mero instrumento. E aprendi uma lição. Nunca mais farei isso Senhor, jamais me desculpei perante alguém desse jeito, mas achei que deveria saber. Tinha o direito de saber.

Ryan fitou os olhos do jovem por mais um momento, especulando se ele se retrairia, especulando o que haveria por trás. Ao final, apagou o cigarro e disse apenas:

— Cuide para que seja um bom estudo de posição, Ben.

— Terá o melhor de que eu for capaz.

— Acho que sim, doutor Goodley.

— E então? — perguntou o presidente Fowler.

— Senhor presidente, Vela informa que não resta a menor dúvida de que várias armas nucleares táticas desapareceram dos arsenais do exército soviético, e que o KGB conduz uma busca frenética.

— Onde?

— Por toda a Europa, inclusive na própria União Soviética. Ao que se supõe, o KGB é leal a Narmonov, ou pelo menos a maior

parte, na opinião do próprio... mas nosso homem diz que não tem tanta certeza. Os militares soviéticos decididamente não; ele diz que o golpe é uma séria possibilidade, mas Narmonov não está tomando providências concretas para enfrentá-lo. A possibilidade de chantagem é bastante real. Se este relatório estiver correto, há a possibilidade de uma rápida transferência de poder por lá, com conseqüências impossíveis de se avaliar.

— E qual é sua opinião? — indagou Dennis Bunker, muito sério.

— O consenso em Langley é de que a informação pode ser confiável. Começamos a efetuar uma verificação meticulosa dos dados relevantes. Os dois melhores consultores externos estão em Berkeley e Princeton. Estarão no escritório na segunda-feira, a fim de examinar nossos dados.

— Quando terá uma estimativa firme? — indagou o secretário Talbot.

— Depende do que se entende por firme. No início da próxima semana, teremos uma estimativa preliminar. "Firme" vai demorar mais algum tempo. Já tentei obter uma confirmação por intermédio de nossos colegas britânicos, mas eles nada descobriram.

— Onde as armas poderiam aparecer? — perguntou Liz Elliot.

— A Rússia é um vasto país — respondeu Ryan.

— O mundo é vasto — comentou Bunker. — Qual é a estimativa pior?

— Ainda não iniciamos esse processo — informou Jack. — Quando se fala em armas nucleares, as piores estimativas podem ser terríveis.

— Há algum motivo para desconfiar de uma ameaça dirigida contra nós — indagou Fowler.

— Não, senhor presidente. Os militares soviéticos são racionais, e isso seria um ato de loucura.

— Sua fé na mentalidade uniformizada é comovente — comentou Liz Elliot. — Acha mesmo que os deles são mais inteligentes do que os nossos?

— Eles agem quando lhes pedimos — interveio Dennis Bunker, bruscamente. — Gostaria que tivesse um pouco de respeito por eles, doutora Elliot.

— Vamos deixar essa discussão para outro dia — disse Fowler.

— O que eles poderiam ganhar por nos ameaçar?

— Nada, senhor presidente — respondeu Ryan.

— Concordo — acrescentou Brent Talbot.

— Eu me sentirei melhor quando aqueles SS-18s desaparecerem — ressaltou Bunker —, mas também acho que Ryan está certo.

— Quero uma estimativa sobre isso também — declarou Elliot.

— E quero bem depressa.

— Pois vai ter — prometeu Jack.

— E a operação no México?

— Já está tudo pronto, senhor presidente.

— Que história é essa? — indagou o secretário de Estado.

— Brent, acho que está na hora de você ser informado. Pode começar, Ryan. Jack relatou as informações anteriores e o conceito operacional. Levou vários minutos.

— Não posso acreditar que eles fossem capazes de fazer isso — disse Talbot. — Seria uma afronta.

— Então é por isso que você não vai ao jogo? — perguntou Bunker, sorrindo. — Brent, eu acredito que é possível. Quando ficarão prontas as transcrições do avião?

— Levando-se em consideração a diferença de fusos horários em Washington, mais o tempo de processamento... por volta das dez horas da noite.

— Nesse caso, você ainda pode ir ao jogo, Bob — disse Bunker. Era a primeira vez que Ryan ouvia alguém se dirigir ao presidente dessa maneira. Fowler sacudiu a cabeça.

— Receberei tudo em Camp David. Quero estar com a cabeça fresca para a reunião. Além do mais, a tempestade que acaba de atingir Denver pode estar aqui no domingo. Voltar á cidade poderia ser difícil, e o Serviço Secreto passou algumas horas explicando como as partidas de futebol americano podem ser ruins para mim... e falavam sério, é claro.

— Será uma grande partida — comentou Talbot.

— Qual é a vantagem que estão oferecendo? — indagou Fowler.

i< *Essa não!*, pensou Ryan.



— Três pontos para os Vikings — informou Bunker. — Aceitarei todas as apostas que puder.

— Voaremos até lá juntos — disse Talbot. — Só para que Dennis não tenha de pilotar o avião.

— Deixando-me nas colinas de Maryland. Bom, alguém precisa tomar tonta do governo. — Fowler sorriu; e Jack refletiu que ele tinha um sorriso estranho. — Vamos voltar ao trabalho. Disse que não é uma ameaça par, nós, Ryan?

— Permita que eu volte um pouco atrás, senhor. Primeiro, devo enfatizar que o relatório de Vela ainda não teve qualquer confirmação.

— Disse que a CIA o apóia.

— Há um consenso de opinião de que provavelmente é confiável. Estamos investigando isso com todo empenho. E o sentido do que falei antes.

— Muito bem — disse Fowler. — Se não é verdade, então não há nada com que nos preocuparmos, correto?

— Correto, senhor presidente.

— E se for?

— Então o risco é de chantagem política na União Soviética, e na pior das hipóteses uma guerra civil com o uso de armas nucleares.

— O que não seria nada bom... possíveis ameaças para nós?

— Não é provável nenhuma ameaça direta contra nós. Fowler recostou-se na cadeira.

— Creio que isso faz sentido. Mas quero uma estimativa a respeito *realmente* boa, o mais depressa que puder providenciar.

— Está bem. Pode ter certeza, senhor presidente, de que estamos investigando todos os aspectos desse desenvolvimento.

— Um bom relatório, doutor Ryan.

Jack levantou para se despedir. Era tudo mais civilizado, agora que haviam se livrado dele.

Os mercados haviam surgido espontaneamente, quase todos nos distritos orientais de Berlim. Os soldados soviéticos, que nunca haviam sido indivíduos dos mais livres, descobriam-se agora numa

cidade *ocidental* unida, que oferecia a cada um a oportunidade de escapar a pé, desaparecer por completo. O fato espantoso era que tão poucos aproveitassem, apesar dos controles a que ainda eram submetidos. Um cios motivos para isso era a disponibilidade de mercados ao ar livre. Os soldados soviéticos se surpreendiam com o desejo de alemães, americanos e muitos outros de comprar *souvenirs* do Exército Vermelho — cintos, os gorros de pele *shapka*, botas, uniformes completos, os mais diversos acessórios — e os idiotas ainda pagavam em dinheiro. E com moedas fortes, dólares, libras, marcos alemães, cujo valor na União Soviética era multiplicado por dez. Outras vendas, a compradores mais exigentes, incluíam artigos de grande volume, como um tanque T-80, mas isso implicara na conivência de um comandante de regimento, que explicara o desaparecimento em seu relatório como a destruição acidental de um veículo pelo fogo. O coronel ganhara um Mercedes 560SEL por isso, ainda restando muito dinheiro para o seu fundo de aposentadoria. As agências de informações ocidentais já haviam obtido tudo o que queriam àquela altura, deixando os mercados para os amadores e turistas; presumiam que os soviéticos toleravam tal situação pelo simples motivo de que precisavam de uma injeção de moedas fortes em sua economia, e não se importavam de obtê-las por preços de barganha. Os ocidentais costumavam pagar mais de dez vezes o custo real de produção. O curso de introdução ao capitalismo, pensavam alguns russos, daria resultados quando os soldados concluíssem o tempo de serviço, e recebessem baixa. Erwin Keitel abordou um soldado soviético, um primeiro-sargento.

— Bom dia — disse ele, em alemão.

— *Nicht spreche* — respondeu o russo. — Inglês? — Inglês está bem, certo?

— *Da*. — O russo acenou com a cabeça.

— Dez uniformes.

Keitel ergueu as mãos, a fim de que não houvesse qualquer dúvida quanto ao número.

— Dez?

— Dez, todos grandes, como eu. — Keitel poderia falar num russo perfeito, mas isso causaria mais problemas do que valia a

pena. — Uniformes de coronel, todos de coronel, entende?

— Coronel... *polkovnik*. Oficial de regimento, certo? Três estrelas aqui? O homem bateu em seus ombros.

— Isso mesmo. — Keitel confirmou com um aceno de cabeça.  
— Uniformes de tanque. Devem ser para tanque.

— Para que você quer? — perguntou o sargento, principalmente para ser polido, já que pertencia a um regimento de tanques, e assim não teria problemas para conseguir os uniformes.

— Fazer um filme... filme de televisão.

— Televisão? — Os olhos do russo se iluminaram. — Cintos?  
Botas?

— Quero também.

O sargento olhou para a esquerda e para a direita, antes de acrescentar, baixando a voz:

— Pistolas?

— Pode conseguir isso?

O russo sorriu, balançou a cabeça enfaticamente, para indicar que era um corretor sério.

— Custa muito dinheiro.

— Devem ser pistolas russas, pistolas boas.

— Posso arrumar.

— Quando?

— Uma hora.

— Quanto?

— Cinco pistolas, cinco mil marcos. Se quer dez, outros cinco mil. Keitel pensou que isso era um roubo. Ele tornou a levantar as mãos.

— Está bem, dez mil marcos. Eu pago. — Para demonstrar que falava sério, ele tirou do bolso um maço de notas de cem marcos, meteu uma no bolso do sargento. — Espero uma hora.

— Volto aqui, uma hora.

O sargento afastou-se, em passos rápidos. Keitel entrou na *Gasthaus* mais próxima, pediu uma cerveja.

— Se fosse ainda mais fácil —, comentou ele para um companheiro— eu diria que se tratava de uma armadilha.

— Já soube do tanque?

— O T-80? Já, sim. Por quê?

— Willi Heydrich comprou-o para os americanos.

— Willi? — Keitel balançou a cabeça. — Quanto ele ganhou?

— Quinhentos mil marcos ocidentais. Os americanos são uns idiotas. Qualquer um poderia ter armado o golpe.

— Mas eles não sabiam disso na ocasião.

O homem riu, amargamente. Quinhentos mil marcos fora o suficiente para que o ex-Oberst-Leutnant Wilhelm Heydrich abrisse um negócio — uma *Gasthaus*, como aquela — que lhe proporcionava uma vida muito melhor do que levava na Stasi. Heydrich fora um dos subordinados mais promissores de Keitel, e agora se vendera, desistira da carreira, virará as costas à sua herança política, convertera-se em mais um cidadão da nova Alemanha. Seu treinamento apenas servira como um meio, a maneira de demonstrar pela última vez seu desprezo aos americanos.

— E quanto levou o russo?

— O que fez o negócio? — O homem riu. — Dois *milhões* de marcos. Mas teve de pagar ao comandante da divisão, comprou seu Mercedes e guardou o resto no banco. A unidade voltou à União Soviética logo depois, e um tanque a mais ou a menos de uma divisão... É possível que a inspetoria nem tenha notado.

Tomaram mais uma rodada, olhando para a televisão por cima do balcão — um hábito repulsivo, pensou Keitel, adquirido dos americanos. Depois de quarenta minutos, ele saiu de novo, com seu companheiro sempre mantendo contato visual. No final das contas, sempre podia ser uma armadilha.

O sargento russo voltou antes de uma hora. Não carregava coisa alguma, mas exibia um sorriso.

— Onde está? — perguntou Keitel.

— Caminhão, depois da... O homem gesticulou.

— *Ecke?* Esquina?

— *Da*, essa palavra, esquina. *Um die Ecke*.

O russo acenou com a cabeça enfaticamente. Keitel acenou para seu companheiro, que foi buscar o carro. Ele sentiu vontade de perguntar quanto o sargento teria de dar ao seu tenente, que

sempre ficava com uma parcela considerável de cada transação, mas isso era irrelevante.

O caminhão GAZ-69 do exército soviético se encontrava estacionado a um quarteirão de distância. Foi muito simples recuar o carro de ré até a traseira do veículo e abrir a mala. Antes da transferência, no entanto, Keitel examinou a mercadoria. Havia dez uniformes de camuflagem de combate, bem leves, mas de qualidade um pouco melhor, porque se destinavam a oficiais. Havia também boinas pretas com a estrela vermelha, além do emblema de regimento de tanques, de aparência um tanto antiquada. Nas ombreiras de cada uniforme havia as três estrelas de coronel. Havia também cintos e botas.

— *Pistolen?* — perguntou Keitel. Primeiro, os olhos esquadriharam a rua. Depois, dez caixas de papelão apareceram. Keitel apontou para uma, que foi aberta para revelar uma Makarov PM. Era uma automática de nove milímetros, copiada da alemã Walther PP. Os russos, num gesto de generosidade, haviam até acrescentado cinco caixas de munição.

— *Ausgezeichnet* — murmurou Keitel.

Ele pegou o dinheiro, contou noventa e nove notas de cem marcos.

— Obrigado — disse o russo. — Precisando de mais, me procure, certo?

— Obrigado.

Keitel apertou a mão do sargento e entrou no carro.

— Em que se transformou o mundo? — especulou o motorista, enquanto se afastava.

Apenas três anos antes, aqueles soldados seriam levados à corte marcial — talvez mesmo fuzilados — por aquilo.

— Enriquecemos a União Soviética no montante de dez mil marcos. O motorista soltou um grunhido.

— O custo de produção da "mercadoria" deve ter sido no máximo de dois mil marcos. Como é que eles chamam isso?

— Um "desconto de volume". — Keitel não sabia se ria ou não.

— Nossos amigos russos aprendem depressa. Ou talvez o *muzhik* não soubesse contar além de dez.

— E muito perigoso o que planejamos fazer.

— Isso é verdade, mas estamos sendo bem pagos.

— Acha que faço isso por dinheiro? — indagou o motorista, num tom ríspido.

— Nem eu. Mas se temos de arriscar nossas vidas, é melhor sermos recompensados por isso.

— Tem razão, coronel.

Nunca ocorreu a Keitel que realmente não sabia o que estava fazendo, que Bock não lhe contara tudo. Apesar de todo o seu profissionalismo, Keitel esquecera que lidava com um terrorista.

O ar estava espantosamente parado, pensou Ghosn. Ele jamais vira antes tanta neve. A tempestade prolongava-se por mais tempo do que se esperava, deveria continuar pelo menos por mais uma hora. Já havia uma camada de meio metro de neve, o que se acrescentava aos flocos ainda no ar para abafar os sons a um grau como ele jamais conhecera antes. Era um silêncio que se podia ouvir, refletiu Ghosn, de pé na varanda.

— Gosta disso, hem? — murmurou Marvin.

— Gosto, sim.

— Quando eu era menino, tínhamos tempestades enormes, maiores do que esta, houve até uma ocasião em que a neve se acumulou por um metro, e o frio era terrível, vinte ou trinta abaixo de zero. Você saía, e era como se estivesse em outro planeta, imaginava como seria um século antes, vivendo numa tenda com sua mulher e seus filhos, os cavalos lá fora, tudo limpo e puro, como deve ser. Era algo sensacional, não podia deixar de ser.

O homem era poético, mas tolo, pensou Ibrahim. Uma vida primitiva, a maioria das crianças morria antes de completar um ano de idade, passava-se fome no inverno porque não havia animais para caçar. Que forragem existia para os cavalos? Como resistiam sob a neve? Quantas pessoas e animais congelavam até a morte? Apesar de tudo, ele idolatrava essa vida. O que era um absurdo. Marvin tinha coragem. Tinha tenacidade, força e devoção, mas o fato é que não compreendia o mundo, não conhecia Deus, e vivia de

acordo com uma fantasia. Era lamentável. Ele poderia ser um valioso elemento.

— Quando partimos?

— Daremos umas duas horas para as turmas rodoviárias limparem as estradas. Você guia o carro... tem tração nas rodas dianteiras e não haverá problemas. Eu levo o furgão. E não há pressa, não é mesmo? Não queremos correr riscos.

— Tem razão.

— Vamos entrar antes de congelarmos.

— Eles têm mesmo um ar puro por aqui — comentou Clark, quando acabou de tossir.

— E de fato horrível — concordou Chavez.

Eles haviam alugado um pequeno apartamento, perto do aeroporto. Tudo de que precisavam foi guardado nos armários. Fizeram seus contatos. A turma de faxina habitual ficaria doente quando o 747 chegasse. Seria uma doença financeira, é claro. Não haveria a menor dificuldade para o acesso dos dois agentes da CIA. Os mexicanos não gostavam muito dos japoneses, pelo menos não dos representantes do governo, que consideravam mais arrogantes do que os americanos — o que era extraordinário, para um cidadão mexicano. Clark verificou a hora. Só mais nove horas, e poderia se livrar daquela poluição. Seria apenas, supostamente, uma breve visita de cortesia ao presidente mexicano, e depois o avião partiria para Washington, ao encontro de Fowler. O que tornaria tudo mais fácil para Clark e Chavez.

Eles partiram para Denver pouco depois de meia-noite. As turmas rodoviárias do Colorado haviam realizado o bom trabalho habitual. O que não pudera ser removido, fora coberto com sal e areia. Assim, precisaram apenas de mais quinze minutos para a viagem normal de uma hora. Marvin cuidou do registro no motel, pagando adiantado por três noites, em dinheiro, e pedindo um recibo para a prestação de contas. O recepcionista notou o logotipo da ABC no furgão, e ficou desapontado por ter dado quartos nos fundos. Se o furgão estacionasse na frente, ele poderia atrair mais fregueses. Assim que tudo foi resolvido, o recepcionista voltou a

cochilar diante de um aparelho de tevê. Os torcedores de Minnesota chegariam no dia seguinte, seria um bando turbulento e ruidoso.

\* \* \*

O encontro com Lyalin foi acertado com mais facilidade do que se podia esperar. A reunião de Cabot com o novo diretor da CIA coreana transcorreria muito mais tranqüila do que ele previa — os coreanos eram bastante profissionais —, permitindo-lhe voar para o Japão doze horas antes. O chefe da estação de Tóquio tinha um ponto de encontro predileto, uma casa de gueixas situada numa das inúmeras ruas secundárias sinuosas, a um quilômetro e meio da embaixada. Era um lugar seguro, fácil de se vigiar.

— Aqui está meu último relatório — disse o agente Mushashi, entregando o envelope.

— Nosso presidente está muito impressionado com a qualidade de suas informações — comentou Cabot.

— Assim como eu estou impressionado com o salário.

— Em que podemos ajudá-lo?

— Queria ter certeza de que me levam a sério.

— Claro que levamos — assegurou Marcus.

*Será que ele pensa que lhe pagamos milhões por pura diversão?* Era o primeiro encontro pessoal de Cabot com um agente. Embora tivesse sido instruído a esperar uma conversa desse tipo, ainda assim foi uma surpresa.

— Planejo desertar dentro de um ano, com minha família. O que exatamente farão por mim?

— Vamos ter várias sessões para obter todas as informações que possui, depois o ajudaremos a encontrar um bom lugar para viver e trabalhar.

— Onde?

— Em qualquer lugar que desejar, dentro de limites razoáveis.

Cabot conseguiu disfarçar sua irritação. Aquilo era trabalho para um subalterno.

— O que está querendo dizer como "limites razoáveis"?



— Não vamos deixar que more em frente da embaixada russa, no outro lado da rua. Qual é exatamente a sua intenção?

— Ainda não sei.

*Então por que levantou o assunto?*

— Que tipo de clima prefere?

— Quente, eu acho.

— Temos a Flórida, onde há muito sol.

— Pensarei a respeito. — O homem fez uma pausa. — Não estão mentindo para mim?

— Senhor Lyalin, sempre cuidamos bem de nossos hóspedes.

— Ótimo. Continuarei a enviar informações.

O homem se levantou e foi embora. Marcus Cabot fez um esforço para não praguejar, mas o olhar que lançou para o chefe da estação provocou uma risada.

— E a primeira vez que faz um contato delicado, certo?

— Quer dizer que isso é tudo? — indagou Cabot, mal podendo acreditar.

— Diretor, este é um negócio muito engraçado. Por mais estranho que possa parecer, foi muito importante o que acabou de fazer — explicou Sam Yamata. — Agora ele sabe que estamos de fato interessados nele. A referência ao presidente foi uma boa manobra, por falar nisso.

— Você é quem sabe. — Cabot abriu o envelope e começou a ler. — Santo Deus!

— Mais coisas sobre a viagem do primeiro-ministro?

— Isso mesmo, os detalhes que não tínhamos antes. Nome do banco, pagamentos a outras autoridades. Talvez nem precisemos do microfone no avião...

— Microfone num avião? — perguntou Yamata.

— Você nunca me ouviu dizer isso.

O chefe da estação acenou com a cabeça.

— Como poderia? Afinal, nunca esteve aqui.

— Preciso transmitir isso para Washington o mais depressa possível. Yamata olhou para o relógio.

— Nunca conseguirá chegar a tempo para o vôo direto.

— Mandaremos pelo fax seguro.

- Não estamos equipados para isso. Isto é, não a Agência.
- E o pessoal da ASN?
- Eles têm o equipamento, diretor, mas fomos advertidos sobre a segurança de seu sistema.
- O presidente precisa destas informações. Devem ser transmitidas de qualquer maneira. Faça-o sob a minha autoridade.
- Pois não, senhor.

## PASSAGENS

Era uma maravilha acordar numa hora decente — oito horas —, em casa, num sábado. Sem dor de cabeça. Era uma coisa que ele não fazia há meses. Planejava passar o dia inteiro em casa, sem fazer nada, apenas a barba, e mesmo assim porque iria à missa no final da tarde. Ryan logo descobriu que nas manhãs de sábado os filhos ficavam grudados na tevê, assistindo a diversos desenhos, inclusive sobre algumas tartarugas, de que ele já ouvira falar, mas nunca vira. E pensando bem, Ryan decidiu que também passaria a manhã ali.

— Como se sente esta manhã? — perguntou ele a Cathy, entrando na cozinha.

— Muito bem... ah, essa não!

O barulho que ela ouvira naquele momento era a campainha do telefone. Jack correu até a biblioteca para atender.

— Alô?

— Doutor Ryan, aqui é da sala de operações. Espadachim — disse o agente de plantão.

— Está bem. — Jack desligou. — Droga!

— Qual é o problema? — perguntou Cathy, da porta.

— Preciso sair. E por falar nisso, talvez tenha de trabalhar também amanhã.

— Para onde vai desta vez?

— Apenas ao escritório. Não planejo nenhuma viagem ao exterior.

— Deve nevar esta noite, talvez uma tempestade grande.

— Tudo bem. Posso passar a noite no escritório.

— Ficarei muito feliz quando você deixar o serviço para sempre.

— Pode me agüentar por mais uns dois meses?

— Dois meses?

— Caio fora em primeiro de abril. Combinado?

— Jack, não é que eu não goste do que você faz, mas acontece que...

— Já sei, o horário. Eu também não gosto. Já me acostumei à idéia de sair, voltar a ser uma pessoa normal. Preciso mudar.

Cathy submeteu-se ao inevitável, e voltou à cozinha. Jack vestiu trajes informais. Não era preciso usar terno nos fins de semana. Ele concluiu que podia dispensar a gravata, e decidiu guiar pessoalmente. Achava-se a caminho meia hora depois.

Era uma tarde gloriosa sobre o estreito de Gibraltar, a Europa ao norte, a África ao sul. A estreita passagem fora outrora uma serra, diziam os geólogos, e o Mediterrâneo uma bacia seca, até que o Atlântico o inundara. Aquele seria também o lugar ideal para se observar a cena, de dez mil metros de altitude.

E o melhor de tudo, ele não precisaria se preocupar naquele tempo com o tráfego aéreo comercial. Agora, tinha de se manter atento ao circuito aberto, para se certificar de que não havia nenhum avião comercial se aproximando de seu curso. Ou vice-versa, o que era mais honesto.

— Lá está nossa companhia — anunciou Robby Jackson.

— Nunca o vi antes, senhor — disse o tenente Walters.

A "companhia" era o porta-aviões soviético *Kuznetzov*, o primeiro porta-aviões genuíno da esquadra russa. Sessenta e cinco mil toneladas, trinta aviões de asas fixas, dez ou mais helicópteros. Era escoltado pelos cruzadores *Slava* e *Marechal Ustinov*, mais o que pareciam ser um contratorpedeiro da classe *Sovremenny* e dois da classe *Usaloy*. Seguiam para o leste, numa formação tática compacta, a cerca de trezentos e oitenta quilômetros do grupo de batalha do *TR*. Meio dia atrás, pensou Robby, ou meia hora, dependendo da maneira como se considerava.

— Vamos sobrevoá-los? — perguntou Walters.

— Não. Por que irritá-los?

— Parece que eles estão com pressa — comentou o RIO, olhando através de um binóculo. — Calculo que a velocidade é de vinte e cinco nós.

— Talvez estejam apenas tentando passar pelo estreito o mais depressa possível.

— Duvido muito, comandante. O que acha que eles estão fazendo aqui?

— A mesma coisa que nós, segundo o serviço de informações. Treinar, mostrar a bandeira, fazer amigos e influenciar pessoas.

— Nunca teve nenhuma confrontação?

— Tive, sim. Um Forger lançou um míssil de calor em minha esteira há alguns anos, mas consegui levar o Tom de volta. — Robby fez uma pausa — Disseram que foi um acidente, afirmaram que o piloto foi punido.

— Acreditou?

Jackson deu uma última olhada no grupo de batalha russo.

— Acreditei.

— Na primeira vez em que vi uma fotografia dessa coisa, eu pensei: aí está uma Cruz Naval que ainda não aconteceu.

— Trate de esfriar. Muito bem, já os avistamos. Vamos voltar.

Robby acionou o manche para voltar para leste. Fez uma manobra sem pressa, em vez da curva mais brusca que um piloto de caça mais jovem poderia experimentar. Por que forçar a fuselagem desnecessariamente?, Jackson teria pensado, se se desse ao trabalho de pensar em alguma coisa. No banco posterior, o tenente Henry "Shredder" Walters pensou que o comandante do grupo de esquadrilhas estava virando um velho.

Não tão velho assim. O comandante Jackson continuava alerta como sempre. Seu banco era levantado ao máximo possível, porque Jackson era de baixa estatura. Isso lhe proporcionava um bom campo de visão. Seus olhos se deslocavam num padrão constante, para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, checavam os instrumentos por um instante. Sua principal preocupação era o tráfego aéreo comercial, e também os aviões particulares, já que era o fim de semana, e as pessoas gostavam de sobrevoar o rochedo de Gibraltar para tirar fotografias. Um civil num Learjet, pensou Robby, podia ser mais perigoso do que um Sidewinder à solta...

— Santo Deus! Aproximando-se em nove!

O comandante Jackson virou a cabeça para a esquerda no mesmo instante. A quinze metros de distância havia um MiG-29 Fulcro-N, a nova variante naval do caça da superioridade aérea russa. O rosto com viseira do piloto o fitava. Robby constatou que havia quatro mísseis nas asas. O Tomcat tinha apenas dois no momento.

— Veio de baixo — acrescentou Shredder.

— Uma hábil manobra.

Robby aceitou a notícia com calma. O piloto russo acenou. Robby retribuiu o gesto.

— Porra! Se ele queria...

— Shredder, quer esfriar? Venho jogando com Ivan há quase vinte anos. Já interceptei mais Ursos do que as xoxotas que você conhece. Não somos táticos. Eu queria apenas voar até aqui para observar a formação deles. Aquele Ivan decidiu dar uma subida para nos olhar. É apenas uma questão de política de boa vizinhança.

Robby empurrou o manche para a frente, descendo por alguns metros com o avião. Queria observar a parte de baixo do russo. Não havia tanques de combustível extras, apenas os quatro mísseis, AA-11 "Archers", como a Otan os chamava. O gancho da cauda parecia mais frágil do que o usado pelos americanos em seus aviões, e ele se lembrou de relatórios sobre problemas de pouso dos russos. Mas a aviação de porta-aviões era novidade para eles, não é mesmo? Passariam anos para aprender todas as lições. Afora isso, o avião impressionava. Recém-pintado, no cinza suave que os russos usavam, em vez do cinza de alta tecnologia, que suprimia os raios infravermelhos, adotado pela marinha americana há alguns anos. A versão russa era mais bonita; a tinta da marinha americana era mais eficaz no encobrimento, embora proporcionasse aos aviões uma aparência de leprosos. Ele memorizou o número na cauda, a fim de transmitir ao pessoal de informações do grupo. Não pôde avistar nada do piloto. O capacete e a viseira cobriam o rosto, e o homem usava luvas. Quinze metros de aproximação era um pouco apertado, mas não chegava a constituir um problema. Provavelmente o russo tentava lhe mostrar que era bom, mas não louco. O que era bastante justo. Robby subiu para nivelar, e acenou para agradecer

ao russo por manter uma linha firme. Outra vez o gesto foi retribuído.

*Qual é o seu nome, rapaz?*, pensou Robby. Ele também se perguntou o que o russo pensava da bandeira de vitória pintada sob a cabine, por baixo da qual estava escrito, em letras pequenas, MiG-29, 17-1-91. *Não vamos ficar presunçosos por causa disso.*

O 747 pousou depois da longa travessia do Pacífico, para grande alívio da tripulação, Clark tinha certeza. Os vôos de doze horas deviam ser terríveis, refletiu o agente da CIA, ainda mais quando se alcançava uma nuvem de poluição ao final. O avião taxiou, fez uma volta, finalmente parou, próximo de uma área ocupada por uma banda militar, várias fileiras de soldados e civis, e o costureiro tapete vermelho.

— Depois de tanto tempo num avião, eu estou ansioso em fazer qualquer coisa inteligente — comentou Chavez, em voz baixa.

— Pois então lembre-se de nunca concorrer à presidência.

— Certo, Mister C.

A escada foi levantada, logo a porta se abriu. A banda começou a tocar alguma coisa — os agentes da CIA se encontravam muito longe para saber o que era. As equipes de tevê normais se adiantaram. O primeiro-ministro japonês foi recebido pelo ministro do exterior mexicano, escutou um breve discurso, também falou umas poucas palavras, passou em revista os soldados parados ali há noventa minutos, depois fez a primeira coisa sensata do dia. Embarcou numa limusine e seguiu para sua embaixada, a fim de tomar um banho de chuveiro — ou mais provavelmente, pensou Clark, um banho de imersão. Era bem provável que o método japonês constituísse a cura perfeita para uma viagem aérea, um longo banho de imersão com a água a 39o C. Tirava as rugas da pele e a rigidez dos músculos, pensou John. Era uma pena que os americanos ainda não tivessem aprendido isso. Dez minutos depois que o primeiro-ministro foi embora e os soldados se retiraram, quando o tapete vermelho já fora enrolado, o pessoal da manutenção foi chamado ao avião.

O piloto falou rapidamente com o chefe dos mecânicos. Um dos enormes Motores Pratt & Whitney estava esquentando um pouco.

Afora isso, ele não tinha qualquer problema. A tripulação partiu para o descanso. Três seguranças postaram-se ao redor do avião. Mais dois andavam pelo interior. Clark e Chavez entraram, mostrando seus passes ao guarda mexicano e ao japonês e começaram a trabalhar. Ding foi para os banheiros, demorando porque fora avisado de que os japoneses eram exigentes, faziam questão de latrinas impecáveis. Bastava farejar o ar no interior do avião para se descobrir que os cidadãos japoneses tinham permissão para fumar. Cada cinzeiro devia ser examinado, mais da metade precisava ser esvaziada e limpa. Era preciso recolher jornais e revistas. Outras pessoas da turma de faxina se encarregavam de passar o aspirador.

Seguindo para a frente, Clark verificou o armário de bebidas. Metade das pessoas a bordo devia ter chegado de ressaca, ele concluiu. Havia gente que bebia para valer no avião. Ele também ficou satisfeito ao constatar que o pessoal técnico de Langley adivinhara a marca de *scotch* que a JAL gostava de servir. Ao final, Clark subiu para o salão de estar, por trás da cabine de comando. Condição exatamente com o modelo de computador que ele examinara por horas, antes de viajar para a Cidade do México. Ao concluir o serviço de faxina, ele tinha certeza de que aquela operação seria muito fácil. Ajudou Ding com os sacos de lixo, e deixaram o avião a tempo de jantar. A caminho de seu carro, Clark entregou um bilhete a um agente da estação da CIA no México.

— Mas que merda! — exclamou Ryan. — Isto foi transmitido através do Departamento de Estado?

— Correto, senhor. O diretor Cabot deu ordens para usar uma linha de fax. Queria ganhar o tempo da transcrição.

— Sam Yamata não se deu ao trabalho de lhe explicar os meridianos e fusos horários?

— Acho que não.

Não havia sentido em esbravejar para o homem do departamento japonês. Ryan tornou a ler as páginas.

— Qual é sua opinião?

— Acho que o primeiro-ministro se encaminha para uma emboscada.



— Não seria uma pena? — murmurou Ryan. — Mande um mensageiro especial levar isto à Casa Branca. O presidente vai querer tomar conhecimento imediatamente.

— Certo.

O homem se retirou. Ryan ligou para operações.

— Como está Clark? — perguntou ele, sem qualquer preâmbulo.

— Ele diz que tudo bem. Está preparado para plantar o artefato. Os aviões de monitoramento se encontram de sobreaviso. Não temos conhecimento de qualquer alteração na agenda do primeiro-ministro.

— Obrigado.

— Quanto tempo pretende passar aqui?

Jack olhou pela janela. A neve já começara a cair.

—Talvez a noite inteira.

Tudo indicava que seria uma tempestade das grandes. A massa fria seguindo para o leste, procedente do Meio-Oeste, encontrava uma área de baixa pressão, subindo pela costa. As grandes nevascas na área de Washington sempre chegavam pelo sul, e o serviço nacional de meteorologia previa uma precipitação de dez a quinze centímetros, enquanto poucas horas antes a predição era de cinco a dez. Ele podia deixar o trabalho naquele momento, e tentar voltar pela manhã, ou passar a noite ali. Ficar, infelizmente, parecia a melhor opção.

Golovko também estava em seu escritório, embora em Moscou fossem oito horas mais tarde do que em Washington. Esse fato não contribuía para o humor de Sergei, que estava bastante irritado.

— E então? — perguntou ele ao plantonista no centro de comunicações.

— Tivemos sorte. Este documento foi enviado por fax da embaixada americana em Tóquio para Washington.

Ele entregou o papel, coberto quase todo por rabiscos incompreensíveis, algumas letras evidentes, mas desconexas, muitos traços de ruídos fortuitos, mas talvez vinte por cento fossem de inglês legível, inclusive duas frases completas e um parágrafo inteiro.

— E então? — repetiu Golovko.

— Mandei à seção japonesa para comentários, e eles me enviaram isto. — Outro documento foi estendido. — Assinalei o parágrafo.

Golovko leu o parágrafo em russo, depois comparou com o inglês.

— E uma péssima tradução. Como nosso documento foi enviado?

— Por um mensageiro da embaixada. Não foi transmitido porque duas das máquinas de codificação em Tóquio estavam sendo revisadas, e o *Rezident* achou que não era tão importante, por isso não havia pressa. Acabou na mala diplomática. Eles não penetraram em nossos códigos, mas apesar disso receberam esse material.

— Quem está trabalhando neste caso? Lyalin? Já sabia. — Golovko ligou em seguida para o oficial que chefiava o plantão na primeira diretoria. — Coronel, aqui é Golovko. Quero enviar uma mensagem urgente ao *Rezident* em Tóquio. Lyalin deve se apresentar em Moscou imediatamente.

— Qual é o problema?

— O problema é que temos outro vazamento.

— Lyalin é um oficial muito eficiente. Conheço o material que ele nos manda.

— E os americanos também. Mande a mensagem agora mesmo. Depois, quero tudo o que temos de Cardo em minha mesa. — Golovko desligou e olhou para o major, ainda de pé na frente de sua mesa. — Aquele matemático que calculou tudo isso... por Deus, como eu gostaria de tê-lo cinco anos antes!

— Ele passou dez anos formulando sua teoria do caos ordenado. Se algum dia seu trabalho for divulgado, ele ganhará a Medalha Planck. Aproveitou a obra de Mandelbrot na universidade de Harvard, na América, e de MacKenzie, em Cambridge, para...

— Aceito sua palavra por isso, major. Fiquei com dor de cabeça na última vez em que tentou me explicar essa bruxaria. Como vai o trabalho?

— A cada dia nos tornamos mais fortes. Só não conseguimos penetrar ainda no novo sistema da CIA, que está entrando em

operação. Parece que usa um novo princípio. Mas estamos trabalhando nele.

O presidente Fowler embarcou no helicóptero VH-3 dos fuzileiros antes que a nevasca piorasse. Pintado em verde-oliva por baixo, branco por cima, e pouco mais à guisa de registro, era o seu transporte pessoal, conhecido como Fuzileiros-Um. Elizabeth Elliot embarcou logo em seguida, os repórteres notaram. Dali a pouco teriam de publicar a história sobre os dois, alguns pensavam. Ou talvez o presidente resolvesse o problema para eles, casando com a sacana.

O piloto, um tenente-coronel do corpo de fuzileiros, acionou as duas turbinas à potência máxima, depois subiu devagar, virando para noroeste. Quase que no instante seguinte passou a voar pelos instrumentos, o que não lhe agradava. Um vôo às cegas, por instrumentos, não o incomodava. Mas um vôo às cegas, por instrumentos, com o presidente a bordo, o deixava aflito. Voar na neve era quase que a pior coisa que podia haver. Todas as referências visuais desapareciam. Olhar pelo pára-brisa podia converter o piloto mais experiente num homem desorientado e com náusea aérea numa questão de segundos. Por isso, ele passou a maior parte do tempo verificando os instrumentos. O helicóptero dispunha de todos os equipamentos de segurança, inclusive radar para evitar colisões, além de contar com a total atenção de dois veteranos controladores de tráfego aéreo. De uma forma invertida, até que aquela era uma maneira segura de voar. Com o céu claro, algum lunático com um Cessna podia tentar uma colisão em pleno ar com o Fuzileiros-Um. Manobrar para evitar tais possibilidades era um exercício constante do tenente-coronel, tanto no ar como no simulador de vôo na base aeronaval em Anacostia.

— O vento está ficando mais intenso do que eu esperava — comentou o co-piloto, um major.

— Pode se tornar um pouco turbulento quando alcançarmos as montanhas.

— Deveríamos ter partido um pouco mais cedo.

O piloto ligou o aparelho de comunicação interna, para falar com os dois agentes do Serviço Secreto lá atrás.

— Talvez seja necessário que todos afivalem o cinto de segurança. Pode haver alguma turbulência.

— Obrigado — respondeu Pete Connor.

Ele verificou se todos estavam com o cinto de segurança no lugar. Os passageiros eram veteranos de viagens aéreas, e não pareciam nem um pouco preocupados, mas ele preferia uma viagem tranqüila, como qualquer pessoa'. O presidente, ele viu, estava completamente relaxado, lendo revistas que haviam chegado minutos antes da partida. Connor também relaxou. Ele e D'Agustino adoravam Camp David. Uma companhia especial de fuzileiros proporcionava a segurança do perímetro. Era apoiada e reforçada pelos melhores sistemas de vigilância eletrônica que a América já construía. Ninguém deveria entrar ou sair de Camp David naquele fim de semana, à exceção talvez de um mensageiro da CIA, que seguiria de carro. Todos poderiam relaxar, inclusive o presidente e sua namorada, pensou Connor.

— Está piorando. É melhor avisar aos idiotas da meteorologia para estenderem a cabeça para fora da janela.

— Eles falaram em vinte centímetros.

— Aposto um dólar que vai a mais de trinta.

— Nunca apostei contra você em questões de tempo — lembrou o co-piloto.

— Está bancando o esperto, Scotty.

— O tempo deve melhorar amanhã.

— Só acreditarei nisso também depois que acontecer.

— A temperatura deve cair abaixo de quinze.

— *Nisso* eu acredito — disse o coronel, verificando a altitude, bússola e horizonte artificial. Ele tornou a olhar para fora, vendo apenas flocos de neve, agitados pelas pontas do rotor. — O que você considera visibilidade?

— Numa área mais clara... talvez trinta metros... talvez cinqüenta... — O major virou-se para o coronel, sorrindo. O sorriso cessou quando começou a pensar no gelo que poderia se acumular

na fuselagem; e ele murmurou para si mesmo: — Qual será a temperatura externa?

— Menos doze graus centígrados — respondeu o coronel, antes que o major pudesse verificar o termômetro.

— Subindo?

— Isso mesmo. Vamos descer um pouco, deve estar mais frio.

— Ah, esse tempo miserável de Washington!

Trinta minutos depois eles circularam sobre Camp David. Luzes estroboscópicas indicaram a posição do heliporto, pois não se podia ver melhor para baixo do que em qualquer direção. O co-piloto olhou para trás, a fim de conferir a situação da estrutura de pouso.

— Temos um pouco de gelo agora, coronel. Vamos descer logo, antes que aconteça algo terrível. Vento a trinta nós, em três-zero-zero.

— O VH-3 podia agüentar até duzentos quilos de gelo por minuto, nas condições de tempo certas... ou melhor, erradas.

— Malditos sejam aqueles sacanas da meteorologia. Muito bem, já estou com o campo enquadrado.

— Sessenta metros, velocidade relativa trinta — anunciou o major, lendo os indicadores. — Cinqüenta e vinte e cinco... trinta e menos de vinte... parece que está tudo bem... quinze e velocidade absoluta zero...

O piloto baixou o aparelho. A neve no chão começou a ser soprada pelo rotor, o que criou uma barreira branca. As referências, que haviam acabado de surgir, desapareceram no mesmo instante. Os tripulantes tinham a sensação de que se encontravam dentro de uma bola de pingue-pongue. Depois, Uma rajada de vento virou o helicóptero para a esquerda, ao mesmo tempo em que o inclinava. Os olhos do piloto deslocaram-se no mesmo instante para o horizonte artificial. Viu-o se inclinar, compreendendo que o perigo era grave e inesperado. Tratou de nivelar o aparelho, e baixou-o para o solo. Era melhor um pouso brusco, do que correr o risco de bater com o rotor nas árvores que ele não podia avistar. O helicóptero caiu como uma pedra... exatamente por um metro. Antes que os passageiros percebessem que havia algo errado, o helicóptero já se achava no solo e seguro.

— É por isso que o deixam transportar o Chefe — comentou o major.— Boa manobra, coronel.

— Acho que quebrei alguma coisa.

— Também acho.

O piloto ligou o sistema de comunicação interna.

— Desculpem o pouso brusco. Pegamos uma rajada de vento no último instante. Todos bem aí atrás?

O presidente já se levantara, inclinou-se para a cabine de comando.

— Tinha razão, coronel. Deveríamos ter partido mais cedo. O erro foi meu. Mas agora não importava, pensou Fowler. Ele queria muito aquele fim

de semana. O destacamento de Camp David abriu a porta do helicóptero. Um HMMWV fechado parou ao lado, a fim de que o presidente e sua comitiva não pegassem muito frio. Os tripulantes do helicóptero observaram-nos partir, depois foram verificar os danos.

— Foi o que pensei.

— O pino de controle? — O major inclinou-se para olhar. — Isso mesmo. O pouso fora bastante duro para partir o pino que controlava o absorvedor de choques hidráulico, no lado direito do trem de pouso. Teria de ser trocado.

— Vou verificar se temos algum de reserva — disse o piloto.

Dez minutos depois, ele estava surpreso por constatar que não havia nenhum. O que era irritante. Ele telefonou para a base aeronaval em Anacostia, pedindo o envio de algumas peças. Enquanto não chegassem, não havia nada que se pudesse fazer. Numa emergência, é claro, o aparelho ainda poderia voar. Um pelotão de fuzileiros ficou de guarda em torno do helicóptero, como sempre, enquanto outros homens circulavam pelo perímetro, vigiando o bosque que cercava a área de pouso.

— O que é, Ben?

— Este lugar não tem um dormitório? — perguntou Goodley. Ryan sacudiu a cabeça.

— Pode usar o sofá na sala de Nancy, se quiser. Como vai seu estudo?

— Passarei a noite inteira acordado. Mas pensei numa coisa.

— O que foi?

— Parece um pouco absurdo... mas ninguém verificou se nosso amigo Kadishev se encontrou de fato com Narmonov.

— Como assim?

— Narmonov passou a maior parte da semana passada fora de Moscou. Se não houve reunião, então o cara mentiu para nós, não é mesmo?

Jack fechou os olhos e inclinou a cabeça para o lado.

— Nada mal, doutor Goodley, nada mal.

— Temos o itinerário de Narmonov. Mandei verificarem agora o de Kadishev. Desde agosto passado. Se vamos fazer uma verificação, é melhor que seja ampla. Meu estudo de posição pode atrasar um pouco, mas isso só me ocorreu há pouco... esta manhã, para ser mais preciso. Passei o dia inteiro investigando. E mais difícil do que eu esperava.

Jack gesticulou para a tempestade lá fora.

— Parece que ficarei retido aqui por algum tempo. Quer ajuda?

— Parece-me uma boa idéia.

— Mas, primeiro, vamos comer alguma coisa.

Oleg Yurievich Lyalin embarcou em seu vôo para Moscou com sentimentos confusos. A convocação nada tinha de irregular. Era desconcertante que ocorresse logo depois de seu encontro com o diretor da CIA, mas provavelmente fora mero acaso. Devia se relacionar com as informações que transmitira a Moscou sobre a viagem do primeiro-ministro japonês aos Estados Unidos. Uma surpresa que não revelara à CIA envolvia as propostas japonesas à União Soviética para trocar alta tecnologia por petróleo e madeira. Essa negociação deixaria os americanos extremamente preocupados apenas alguns anos antes, e constituía a culminação de um projeto de cinco anos em que Lyalin se empenhara. Ele sentou na poltrona do avião e permitiu-se relaxar. Afinal, nunca traíra seu país, não é mesmo?

Os veículos de comunicação por satélite dividiam-se em dois grupos. Havia onze veículos da rede, todos estacionados junto ao muro do estádio. A duzentos metros de distância se encontravam outros veículos, menores, aparentemente para as ligações com emissoras de tevê regionais, em contraste com os caminhões maiores da rede. A primeira tempestade passara, e o que parecia uma divisão de tanques, em termos de equipamentos pesados, espalhava-se pela neve, a partir do vasto estacionamento do estádio.

Lá estava o lugar, pensou Ghosn, ao lado da unidade "A" da ABC. Havia cerca de vinte metros de espaço aberto. A ausência de segurança o surpreendeu. Ele contou apenas três carros da polícia, o suficiente para manter os bêbados a distância, impedindo que atrapalhassem o trabalho do pessoal da tevê. Os americanos sentiam-se muito seguros. Haviam domado os russos, esmagado o Iraque, intimidado o Irã, pacificado seu povo, e agora se mostravam tão relaxados quanto alguém podia ficar. Eles devem amar seu conforto, pensou Ibrahim. Até mesmo os estádios tinham telhados e aquecimento, a fim de evitarem os elementos da natureza.

— Aquelas coisas serão derrubadas como peças de dominó — comentou Marvin, do banco do motorista.

— Tem razão — concordou Ghosn.

— Percebe agora o que falei sobre a segurança?

— Errei ao duvidar de você, meu amigo.

— Mas é sempre bom ser cauteloso. — Russell iniciou outra volta pelo perímetro. — Entraremos por aquele portão ali, e continuaremos em frente.

Os faróis do furgão iluminavam os poucos flocos de neve daquela segunda tempestade. Fazia muito frio para nevar demais, explicara Russell. A massa de ar frio procedente do Canadá seguia para o sul. Esquentaria ao alcançar o Texas, largando sua umidade ali, em vez de Denver, que já tinha uma precipitação de meio metro, pelos cálculos de Ghosn. Os homens que limpavam as estradas eram muito eficientes. Como acontecia em tudo o mais, os americanos gostavam de seus confortos. Uma cidade fria — construir um estádio com cobertura. Neve nas estradas — removê-la. Palestinos —



comprá-los. Embora seu rosto não deixasse transparecer, ele nunca odiara os americanos tanto quanto naquele momento. Seu poder e arrogância eram ostensivos em tudo o que faziam. Protegiam-se contra tudo, não importava que fosse grande ou pequeno, sabiam que faziam isso, e tratavam de proclamá-lo, para si mesmos e para o mundo.

Oh, Deus, destrua-os!

O fogo estava quente e agradável. A cabana do presidente em Camp David era no estilo clássico americano, com toras grossas, uma por cima da outra, embora reforçadas, pelo lado de dentro, com fibra Kevlar, e tendo janelas de um policarbonato resistente, que podia deter uma bala. Os móveis eram uma mistura ainda mais curiosa do ultramoderno e do antigo confortável. Diante do sofá em que ele sentava, havia três impressoras das principais agências noticiosas, porque seus antecessores gostavam de acompanhar os despachos. Havia também três enormes aparelhos de televisão, um dos quais quase sempre sintonizado na CNN. Mas não naquela noite. Estava ligado no Cinemax. A pouco menos de um quilômetro de distância, havia uma antena discreta, que captava os sinais transmitidos por todos os satélites comerciais, além da maioria dos militares. Em consequência, tinha-se o acesso a todos os canais comerciais — inclusive de emissoras de segunda categoria, com as quais Fowler não perdia tempo —, criando o mais dispendioso e exclusivo sistema de cabo do mundo.

Fowler serviu-se de uma cerveja. A garrafa era de Dortmunder Union, uma popular cerveja alemã, trazida pela força aérea — o cargo de presidente proporcionava alguns privilégios úteis e extra-oficiais. Liz Elliot tomava um vinho branco francês, enquanto o presidente acariciava seus cabelos com a mão esquerda.

O filme era uma animada comédia romântica, que agradava a Fowler. A principal personagem feminina, na verdade, lembrava-o de Liz, na aparência e maneirismos. Um pouco vigorosa demais, um pouco dominadora, mas não sem um valor social redentor. Agora que Ryan se afastara — isto é, estava se afastando —, talvez as coisas se acalmassem.

— Não acha que trabalhamos muito bem?

— Tem toda a razão, Bob. — Ela fez uma pausa, tomando um gole de vinho. — Você tinha razão sobre Ryan. É melhor deixá-lo sair honrosamente.

*Contanto que ele saia, levando consigo aquela pequena megera com quem casou.*

— Fico contente em ouvi-la dizer isso. Ele não é um mau sujeito, apenas antiquado. Desatualizado.

— Obsoleto — acrescentou Liz.

— E verdade... Mas por que estamos falando sobre ele?

— Posso pensar em coisas melhores.

Ela virou o rosto na mão do presidente, e beijou-a.

— Eu também posso — murmurou Fowler, enquanto largava o copo na mesinha.

— As estradas estão cobertas — informou Cathy. — Acho que você tomou a decisão certa.

— Também acho. Acaba de ocorrer um acidente aqui na estrada, perto do portão principal. Estarei em casa amanhã de noite. Se o tempo não melhorar, pegarei um dos carros com tração nas quatro rodas que eles guardam lá embaixo.

— Onde está John?

— Não se encontra aqui neste momento.

— Ahn...

*O que Clark estaria fazendo?*

— Já que estou aqui, posso muito bem aproveitar para trabalhar um pouco. Ligo para você de manhã.

— Certo. Até amanhã.

Depois de desligar, Jack comentou para Goodley:

— Este é um dos aspectos de meu cargo de que não sentirei saudade. Muito bem, o que já descobriu?

— Conseguimos confirmar todas as reuniões durante o mês de setembro.

— Parece que você está prestes a cair. Há quanto tempo está acordado?

— Desde ontem, eu acho.

— Deve ser maravilhoso ainda estar na casa dos vinte anos. Durma um pouco no sofá lá fora.

— E você?

— Quero ler de novo este material. — Jack bateu com a mão na pasta em cima de sua mesa. — Você ainda não tem autorização para saber o que está aqui. Vá dormir um pouco.

— Até amanhã.

Goodley saiu da sala, fechando a porta. Jack começou a ler os documentos de Niitaka, mas logo perdeu a concentração. Trancou a pasta na escrivaninha, e foi se acomodar no sofá de sua sala, mas o sono não veio. Depois de alguns minutos a olhar para o teto, Ryan chegou à conclusão de que era melhor olhar para alguma coisa menos chata. Ligou a tevê. Acionou o controle remoto para sintonizar algum canal de notícias, mas apertou o botão errado e descobriu-se a ver o final de um comercial sobre o Canal 20, uma emissora independente de Washington. Quase corrigiu o erro quando o filme recomeçou. Esperou um momento. Gregory Peck e Ava Gardner... preto-e-branco... Austrália.

— É isso mesmo — murmurou ele.

Era *On the Beach* (A hora final). Há anos que não via esse filme, um clássico da Guerra Fria, de... Nevil Shute, não era? Sempre valia a pena assistir a um filme de Gregory Peck. E ainda por cima com Fred Astaire.

As conseqüências de uma guerra nuclear. Jack ficou surpreso ao perceber como se sentia cansado. Vinha dormindo bem ultimamente e...

... ele pegou no sono, mas não completamente. Como às vezes lhe acontecia o filme entrou em sua mente, embora o sonho fosse a cores, o que era melhor do que a cópia em preto-e-branco na televisão. Depois dessa conclusão, sua mente decidiu ver todo o filme. Por dentro. Jack Ryan começou a assumir vários papéis. Guiou a Ferrari de Fred Astaire no sangrento e último Grand Prix da Austrália. Seguiu para São Francisco no *Sawfish*, SSN-623 (mas sua mente protestou que 623 era o número de outro submarino, o *Nathan Hale*). E o sinal Morse, a garrafa de Coca na janela, que nada tinha de engraçado, porque significava que ele e a mulher

teriam de tomar aquele chá, mas ele não queria fazer isso, porque significava que teria de pôr a pílula na mamadeira do bebê, o que a mulher não faria — compreensível, já que sua mulher era médica — e ele precisava assumir a responsabilidade, pois era quem sempre o fazia, e não era uma pena que tivesse de deixar Ava Gardner na praia, observando-o partir, a fim de que ele e seus homens pudessem morrer em casa, se conseguissem chegar, o que provavelmente não aconteceria, e as ruas estavam vazias demais agora. Cathy, Sally e o pequeno Jack estavam todos mortos agora, e a culpa era sua, porque fizera com que tomassem suas pílulas, a fim de não morrerem de outra coisa, que era ainda pior, mas ainda assim isso era estúpido e errado, embora não houvesse opção, mas nesse caso podia usar um revólver e acabar tudo mais depressa.

— Mas que merda!

Jack sentou no sofá, como se fosse impulsionado por uma mola de aço. Olhou para as mãos, que tremiam muito, até compreender que a mente se encontrava agora sob controle consciente, e murmurou para si mesmo:

— Você acaba de ter um pesadelo, e este não foi o helicóptero com Buck e John. Foi pior.

Ryan estendeu a mão para o maço, acendeu um cigarro, levantou-se em seguida. A neve ainda caía. As máquinas de remoção não conseguiam acompanhar o ritmo, lá no estacionamento. Levava tempo para se livrar de um sonho assim, assistir à família morrer daquele jeito. Coisas terríveis. *Preciso escapar deste lugar!* Havia lembranças demais, e nem todas eram boas. O cálculo errado que fizera antes do ataque à sua família, o tempo no submarino, ser deixado na pista do aeroporto de Sheremetyevo, olhando o velho Sergei Nikolayevich pelo lado errado de uma pistola, e o pior de tudo, a saída de helicóptero da Colômbia. Era demais. Chegara o momento de partir. Fowler e Liz Elliot estavam lhe fazendo um favor, não é mesmo?

Quer soubessem ou não.

Era um mundo lindo o que se estendia lá fora. Ele fizera a sua parte. Deixara-o um pouco melhor, e também ajudara outros a fazerem mais. O filme que acabara de viver, no final das contas,

podia mesmo acontecer, de um jeito ou de outro. Mas não agora. Estava tudo limpo e branco lá fora, as luzes do estacionamento proporcionavam uma iluminação apenas suficiente, uma aparência melhor do que a habitual. Ele cumprira a sua parte. Agora, era a vez de outra pessoa tentar as coisas mais fáceis.

— E isso mesmo.

Jack soprou a fumaça para a janela. Primeiro, teria de romper outra vez aquele antigo hábito. Cathy insistiria. E depois? Depois, férias prolongadas, no próximo verão, talvez voltar à Inglaterra... quem sabe de navio, em vez de avião? Circular de automóvel pela Europa, talvez durante todo o verão. Ser um homem livre de novo. Passear pela praia. Mas depois teria de arrumar um emprego, fazer alguma coisa. Annapolis... não, isso era inaceitável. Alguma empresa particular? Talvez ensinar? Quem sabe em Georgetown?

Curso de espionagem. Jack riu. Era isso, ensinaria como fazer todas aquelas coisas ilegais.

Como James Greer conseguiu resistir por tanto tempo neste meio tão ordinário? Como controlava a tensão? Era uma lição que nunca transmitira.

— Ainda precisa dormir, meu caro — lembrou Jack a si mesmo. E desta vez se certificou de que a televisão estava desligada.

## DISPOSIÇÃO

Ryan ficou surpreso ao constatar que a nevasca ainda não parará. A platibanda além da janela de sua sala, no último andar, tinha mais de meio metro de neve empilhada, e as equipes de manutenção não conseguiam acompanhar o ritmo naquela noite. Um vento forte soprava, espalhando a neve pelas estradas e estacionamentos, mais depressa do que se podia removê-la, e até a neve que retiravam sempre acabava sendo soprada para outro lugar inconveniente. Há muitos anos que uma tempestade assim não atingia a área de Washington. Os cidadãos locais já se encontravam além do pânico, entravam no desespero, pensou Jack. O resfriado do confinamento devia estar se alastrando. Os estoques de alimentos não seriam facilmente repostos. Alguns maridos e algumas esposas já deviam estar olhando para os cônjuges, e especulando se ficariam com a carne muito dura, depois de cozidos... Era um motivo para rir, pensou ele, enquanto ia buscar água para a cafeteira. Ao deixar a sala, foi sacudir o ombro de Ben Goodley.

— Acorde, doutor Goodley.

Os olhos se abriram lentamente.

— Que horas são?

— Sete e vinte. De que parte da Nova Inglaterra você veio?

— New Hampshire, lá no norte, uma cidade chamada Littleton.

— Pois dê uma olhada pela janela, e vai se lembrar de sua terra. Quando Jack voltou com a água, o homem mais moço já se encontrava de pé, junto da janela.

— Parece que temos quase meio metro lá fora, talvez mais. Qual é o problema? Do lugar de onde venho, chamam isso de pequena nevasca.

— Em Washington, chamamos de Era Glacial. Aprontarei o café em poucos minutos.

Ryan entrou em sua sala. Decidiu ligar para o centro de segurança no saguão.

— Qual é a situação?

— As pessoas estão telefonando para avisar que não podem vir. Mas não faz muita diferença... a maioria do pessoal do turno da noite não conseguiu sair. A G. W. Parkway foi fechada. A rodovia de contorno também, no lado de Maryland, além da ponte Wilson... mais uma vez.

— Extraordinário. Muito bem, é importante, por isso preste muita atenção... tudo isso significa que qualquer pessoa que conseguir chegar aqui é treinada pelo KGB. Fuzile-as. — Até Goodley, a três metros de distância, pôde ouvir a risada pelo telefone. — Mantenha-me informado sobre a situação do tempo. E me reserve um veículo de tração nas quatro rodas, o GMC, caso eu tenha de ir a algum lugar.

Jack desligou e olhou para Goodley, acrescentando:

— O cargo tem seus privilégios. Além do mais, temos alguns veículos assim.

— E as pessoas que precisarem vir?

Jack observava o café que começava a sair da máquina.

— Se a G. W. e a rodovia de contorno estão fechadas, isso significa que dois terços de nosso pessoal não conseguirão chegar aqui. Agora entende por que os russos investem tanto dinheiro em programas de controle meteorológico.

— Será que ninguém por aqui se preocupa...

— Não. As pessoas fingem que a neve é uma coisa que só acontece nas encostas para esqui. Se não parar em breve, teremos de esperar até quarta-feira antes que qualquer coisa comece a se mexer nesta cidade.

— A situação fica tão ruim assim por aqui?

— Vai descobrir pessoalmente, Ben.

— E deixei meus esquis em Boston...

— Não batemos com tanta força assim — protestou o major.

— Major, a placa disjuntora parece discordar — respondeu o chefe dos mecânicos. Ele empurrou para a posição a pequena placa

preta de plástico, que hesitou por um momento, depois tornou a saltar para fora. — Por causa disso, o rádio não funciona, nem o sistema hidráulico. Lamento, senhor, mas estamos retidos no solo.

Os pinos amortecedores para o trem de pouso haviam chegado às duas horas da madrugada, na segunda tentativa. A primeira tentativa, malograda, fora de carro, até que alguém concluía que só um veículo militar conseguiria alcançar Camp David. As peças vieram num HMMWV, que também se atraía, por causa dos muitos carros parados nas estradas entre Washington e Camp David. Os reparos no helicóptero deveriam começar dentro de uma hora — não eram tão difíceis assim —, mas de repente se descobrira que havia outros problemas, mais complicados.

— E então? — perguntou o major.

— Provavelmente alguns fios soltos no interior. Mas preciso retirar a placa, senhor, inspecionar tudo. É um dia inteiro de trabalho, no mínimo. É melhor avisar para prepararem um helicóptero de apoio.

O major olhou para fora. Era mesmo um dia em que não gostaria de voar.

— Não devemos mesmo partir até amanhã de manhã. Quando ficará pronto?

— Se eu começar agora... talvez por volta de meia-noite.

— Coma alguma coisa primeiro. Providenciarei o pássaro de apoio.

— Certo, major.

— E pedirei que façam uma ligação elétrica aqui, para que possa usar um aquecedor e um rádio.

O major sabia que o mecânico era de San Diego. Ele retornou à cabana. o heliporto ficava num ponto mais alto, e o vento tentava remover toda a neve que caía ali. Por isso, só havia quinze centímetros com que se preocupar. Lá embaixo, porém, a neve já se acumulava a um metro de altura. Os fuzileiros circulando pelo bosque deviam estar achando ótimo, pensou o major.

— Qual é o problema? — indagou o piloto, enquanto fazia a barba.



— O painel disjuntor está com defeito. O mecânico diz que precisa do dia inteiro para consertá-lo.

— Não batemos com tanta força assim — protestou o coronel.

— Eu já disse isso. Quer que eu faça a ligação?

— Pode fazer. Já verificou o placar de ameaça?

— O mundo está em paz, coronel. Já chequei.

O "placar de ameaça" era basicamente uma expressão. O nível de alerta das agências do governo que lidavam com diversos problemas dependia do nível esperado de perigo no mundo. Quanto maior o perigo possível, mais recursos ficavam de sobreaviso para enfrentá-lo. No momento, não havia qualquer ameaça percebida aos Estados Unidos da América, e isso significava que apenas uma aeronave era mantida de prontidão para dar apoio ao VH-3 do presidente. O major ligou para Anacostia.

— Mantenham o ponto-dois preparado. O ponto-um está com problemas elétricos... Não precisa, podemos cuidar de tudo aqui. Deve ficar pronto por Volta de meia-noite. Certo. Adeus.

O major desligou no momento em que Pete Connor entrava na cabana.

— Qual é o problema?

— O pássaro quebrou — respondeu o coronel.

— Acho que não batemos com tanta força — ressaltou Connor.

— Bom, isso torna a conclusão oficial — comentou o major. — Só a porra do helicóptero acha que batemos com muita força.

— O pássaro de apoio foi posto em alerta — informou o coronel, ao terminar de se barbear. — Sinto muito, Pete. Um problema elétrico, talvez não tenha nada a ver com o pouso. O apoio pode chegar aqui em trinta e cinco minutos. O placar de ameaça está em branco. Alguma coisa de que precisemos saber?

Connor balançou a cabeça.

— Não, Ed. Não estamos a par de nenhuma ameaça em particular.

— Posso trazer o pássaro de apoio para cá, mas isso implicaria em deixá-lo exposto ao tempo. Podemos cuidá-lo melhor em Anacostia. A decisão é sua.

— Pode deixá-lo lá.

— O Chefe ainda quer assistir ao jogo aqui, certo?

— Certo. Teremos um dia de folga. Partiremos para Washington amanhã, por volta das seis e meia. Algum problema?

— Não. O helicóptero será consertado muito antes.

— Ótimo.

Connor saiu, voltou à sua cabana.

— Como está a situação lá fora? — perguntou Daga, quando ele entrou.

— Mais ou menos como parece — respondeu Pete. — O helicóptero quebrou.

— Eu gostaria que eles fossem mais cuidadosos — comentou a agente especial Helen D'Agustino, enquanto escovava os cabelos.

— Não foi culpa deles.

Connor pegou o telefone, e ligou para o centro de comando do Serviço Secreto, localizado alguns quarteirões a oeste da Casa Branca.

— Aqui é Connor. O helicóptero está retido aqui, com um problema mecânico. O aparelho de apoio ficará em Anacostia, por causa das condições do tempo. Qualquer coisa no placar que eu precise saber?

— Não, senhor — respondeu o agente de plantão.

Em seu quadro de situação, ele podia constatar que o presidente dos Estados Unidos — designado "Potus" em sua tela — se encontrava em Camp David. o espaço destinado à primeira-dama dos Estados Unidos — "Flotus" — estava vazio. O vice-presidente permanecia em sua residência oficial, no terreno do Observatório Naval, perto da Massachusetts Avenue, junto com a família.

— Tudo está calmo e tranquilo, até onde podemos saber, senhor.

— Como estão as estradas por aí? — perguntou Pete.

— Muito ruins. Todos os nossos Carryall estão empenhados em resgatar pessoas.

— Temos de agradecer à Chevrolet por isso. — Como o FBI, o Serviço Secreto usava os enormes caminhões Chevy, com tração nas quatro rodas. Blindado e com a eficiência de combustível de um

tanque, o Carryall era capaz de fazer coisas que só um tanque podia superar. — Tudo bem, aqui em cima está agradável e aconchegante.

— Aposto que os fuzileiros ficaram com os *cojones* congelados.

— Qual é a situação em Dulles?

— O primeiro-ministro deve chegar às dezoito horas. Os caras em Dulles informam que mantêm uma pista aberta neste momento. Esperam ter tudo limpo à tarde. A tempestade já começou a diminuir por aqui, finalmente, gabe, o mais engraçado...

— Já sei. — Connor não precisava ouvir o resto. O mais engraçado era que um tempo assim facilitava o trabalho do Serviço Secreto.

— Muito bem, você sabe onde nos encontrar.

— Claro. Até amanhã, Pete.

Connor olhou para fora ao ouvir o barulho. Um fuzileiro guiava um limpa-neve, tentando manter abertos os caminhos entre as cabanas. Outros dois trabalhavam na estrada. Parecia um tanto estranho. Os equipamentos eram pintados com o padrão de camuflagem de bosque do Pentágono, em manchas verdes e marrons, mas os fuzileiros vestiam-se de branco. Havia até protetores brancos para seus rifles M-16A2. Se alguém tentasse entrar ali hoje, logo descobriria, tarde demais, que a força de guarda do perímetro se tornara completamente invisível, e todos aqueles fuzileiros eram veteranos de combate. Em ocasiões assim, até o Serviço Secreto podia relaxar, o que raramente acontecia. Houve uma batida na porta. Daga foi atender.

— Os jornais da manhã, madame — anunciou o cabo dos fuzileiros. Depois de fechar a porta, D'Agustino comentou:

— Sabe, às vezes eu penso que os caras que entregam essas coisas são as únicas pessoas com as quais se pode realmente contar.

— E os fuzileiros? — indagou Pete, rindo.

— Com eles também.

— Mudança de aspecto em Sierra-16! — avisou o operador de sonar.

— Alvo está virando para a esquerda!

— Certo — respondeu Claggett. — Senhor Pitney, o comando é seu.

— Certo, senhor, o comando é meu — respondeu o navegador, enquanto o imediato seguia para a sala de sonar.

O grupo de rastreamento se achava de prontidão, esperando para recomeçar seus cálculos.

— Bem aqui, senhor. — O operador de sonar encostou o lápis na tela. — Tem o aspecto de uma viga agora. Com, sonar, direção é agora um-sete-zero, alvo vindo para a esquerda. Nível de ruído irradiado é constante, estimativa de velocidade do alvo permanece inalterada.

— Obrigado.

Era a terceira volta assim que eles observavam. A estimativa de Claggett parecia correta. O russo conduzia uma busca metódica, tradicional — e muito hábil — naquela área de patrulha, exatamente como os 688s faziam, à procura de submarinos russos. O intervalo entre os degraus daquela escada parecia se situar em torno dos quarenta mil metros.

— Imediato, a nova bomba que eles usam agora é uma beleza — comentou o operador de sonar. — O ruído caiu muito, e o otário está desenvolvendo dez nós, segundo o grupo de rastreamento.

— Mais uns dois anos e teremos de nos preocupar com esses caras.

— Transiente, transiente... transiente mecânico em Sierra-16, direção agora é um-seis-quatro, ainda desviando para a esquerda. Velocidade constante — O suboficial circulou o *bip* de ruído na tela. É possível, senhor, mas eles ainda têm muito o que aprender.

— Distância para o alvo é agora de quatro-oito mil metros.

— Senhor Pitney, vamos aumentar um pouco a distância — determinou o imediato. — Vire para a direita.

— Certo, senhor. Timoneiro, leme à esquerda cinco graus, entrando em novo curso, dois-zero-quatro.

— Virando para outra etapa? — indagou o comandante Ricks, entrando na sala do sonar.

— Exato, comandante. Parece que as etapas são bastante regulares.

— Um filho da puta metódico, hem?

— Virou com uma diferença de dois minutos de nossa estimativa — informou Claggett. — Acabei de ordenar um desvio à direita, para manter a distância.

— Muito bem.

Ricks estava adorando a situação. Não estivera a bordo de um barco de ataque rápido desde o seu primeiro cruzeiro. Brincar de pegar com os submarinos russos era algo que não fizera nos últimos quinze anos. Nas raras ocasiões em que os ouvira desde então, sua ação sempre fora a mesma: rastrear pelo tempo suficiente para determinar o curso do outro submarino, depois virar numa perpendicular ao barco, e se afastar até que os ruídos se tornassem casuais.

E verdade que o jogo mudara um pouco. Não era mais tão fácil como antes. Os submarinos russos se tornavam mais silenciosos. O que fora uma tendência inconveniente uns poucos anos antes, convertia-se depressa num autêntico problema. E talvez fosse necessário mudar a maneira de agir...

— E se isto se tornar a tática normal, imediato?

— Como assim, comandante?

— Do jeito como esses caras estão se tornando silenciosos, talvez seja esse o movimento mais esperto.

— Hem?

Claggett sentia-se completamente perdido.

— Se você está rastreando o cara, pelo menos sempre sabe onde ele se encontra. Pode até lançar uma bóia Slot, e pedir ajuda aos acessórios. Pense um pouco. Eles estão mesmo ficando muito quietos. Se você rompe o contato assim que detecta o cara, como vai saber que não o encontrará de novo? Assim, em vez disso, rastreamos a uma distância segura, e ficamos de olho nele.

— Ahn... parece uma boa idéia, comandante, mas o que acontece se o outro cara nos farejar? Ou se apenas inverter o curso, e recuar em alta velocidade?

— Um bom ponto. Neste caso, podemos rastreá-lo pelo quarto, em vez de pela popa apenas... o que tornará menos provável uma aproximação acidental. Seguir direto pela popa é uma medida

defensiva lógica, mas ele não pode abrir buracos por todo o oceano, não é mesmo?

*Santo Deus, esse cara está tentando desenvolver táticas...*

— Senhor, avise-me se conseguir vender isso a OP-02.

— Em vez de seguir pela popa, passarei a manter agora o seu quarto norte. De qualquer forma, isso nos proporciona um melhor desempenho de cauda. E deve ser mais seguro.

Essa parte fazia sentido, pensou Claggett.

— A decisão é sua, comandante. Mantemos cinqüenta mil metros?

— Claro. Ainda queremos ser um pouco cautelosos.

A segunda tempestade, como estava previsto, não foi muito forte, constatou Ghosn. Havia um pouco de polvilho — parecia que era esse o termo que usavam — nos veículos e no estacionamento. Nem chegava a incomodar, embora fosse igual à mais forte nevasca que ele já testemunhara no Líbano.

— Vamos fazer o desjejum? — indagou Marvin. — Detesto trabalhar de barriga vazia.

O homem era mesmo extraordinário, pensou Ibrahim. Não demonstrava o menor nervosismo. Ou era muito bravo, ou... alguma outra coisa. Ghosn considerou o problema. Russell matara o policial grego sem pestanejar, ensinara uma lição brutal a um dos instrutores de combate da organização, exibira suas proezas com armas de fogo, e se mostrara absolutamente desdenhoso ao perigo quando descobriram a bomba israelense. Havia algo faltando naquele homem, concluiu Ghosn. Não sentia medo, e os homens assim não eram normais. Não que fosse capaz de controlar o medo, como a maioria dos soldados aprendia a fazer. O medo simplesmente não existia. Seria apenas uma tentativa de impressionar as pessoas? Ou seria real? Era mais provável que fosse real, refletiu Ghosn; e neste caso, aquele homem era mesmo louco, por isso mesmo mais perigoso do que útil. Pensar assim tornava as coisas mais fáceis para Ghosn.

O motel tinha uma pequena lanchonete, mas não oferecia serviço de quarto. Todos os três saíram para o frio, a fim de comer

alguma coisa. No caminho, Russell comprou um jornal para ler as notícias sobre o jogo.

Qati e Ghosn precisaram apenas de uma olhada na lanchonete para encontrar mais um motivo de ódio aos americanos. Eles comiam ovos com *bacon* ou presunto, e panquecas com salame... em todos os três casos, produtos do mais impuro dos animais, o porco. Os dois sentiram repugnância pela vista e o cheiro dos produtos de porco. Marvin não ajudou quando pediu a mesma coisa, tão inconscientemente quanto o pedido de café. O comandante, Ghosn notou, pediu mingau de aveia, e no meio da refeição empalideceu subitamente, e deixou a mesa.

— Qual é o problema com ele? — perguntou Russell. — Está doente?

— Isso mesmo, Marvin, ele está muito doente.

Ghosn olhou para o *bacon* gorduroso no prato de Russell, e compreendeu que o cheiro embrulhara o estômago de Qati.

— Espero que ele tenha condições de guiar.

— Isso não será problema.

Ghosn se perguntou se isso era mesmo verdade. Claro que era, ele assegurou a si mesmo, o comandante já passara por coisas piores... mas tal fanfarronada era para outras ocasiões, não para um momento como aquele. Mas como nunca houvera outro momento assim, o comandante faria o que tinha de ser feito. Russell pagou o desjejum em dinheiro, deixando uma gorjeta generosa, porque a garçonete parecia uma índia americana.

Qati estava muito pálido quando voltaram aos quartos, enxugando o rosto, depois de um longo acesso de náusea.

— Quer que eu providencie alguma coisa para você? — perguntou Russell. — Leite, ou outra coisa boa para seu estômago?

— Não agora, Marvin, mas obrigado.

— Como quiser.

Russell abriu o jornal. Não havia outra coisa a fazer, durante as próximas horas, senão esperar. A vantagem naquela manhã, ele viu, era de seis e meio para Minnesota. Ele decidiu que se alguém quisesse apostar, ficaria com os Vikings e abriria mão da vantagem.

O agente especial Walter Hoskins, no comando do grupo anticorrupção e formação de quadrilha da divisão de campo de Denver, sabia que perderia o jogo, apesar de a esposa lhe ter dado um ingresso, como presente de Natal. Vendera-o por duzentos dólares. Hoskins tinha muito trabalho a fazer. Uma informante confidencial estivera na festa anual da liga na noite anterior. Essa festa — como as que antecederiam o Derby de Kentucky — sempre atraía os ricos, poderosos e importantes. E a da noite anterior não fora exceção. Os senadores federais do Colorado e Califórnia, vários deputados, governadores de estados, e cerca de mais trezentos convidados haviam comparecido. A informante sentara à mesa com o governador do Colorado, senadores e a deputada do terceiro distrito, todos alvos de sua investigação de corrupção. A bebida correria, e no *vinho* havia a quantidade habitual de *veritas*. Fora feito um acordo. A represa seria construída. Os subornos foram acertados. Até o diretor da seção local do Sierra Club se achava na lista. Em troca de um vultoso donativo da empreiteira e de um novo parque a ser autorizado pelo governador, os ecologistas esqueceriam suas objeções ao projeto. O mais lamentável, pensava Hoskins, era que a região realmente precisava do projeto. Seria bom para todos, inclusive os pescadores locais. Os subornos é que tornavam tudo ilegal. Ele teria uma opção entre cinco estatutos federais que se aplicavam ao caso, o pior de todos, a lei Rico, que tratava da organização para suborno e corrupção, aprovada vinte anos antes, sem que ninguém pensasse na ocasião que sua extensão podia ser tão ampla. Ele já metera um governador numa penitenciária federal, e acrescentaria mais quatro autoridades eleitas. O escândalo abalaria os meios políticos do Colorado. A informante em questão era a assessora pessoal do governador, uma jovem idealista que decidira oito meses antes que a situação passara dos limites aceitáveis. As mulheres sempre tinham mais facilidade para levar um equipamento de transmissão escondido, ainda mais se possuíam seios grandes, como aquela. O microfone se ajustava no sutiã, e a localização garantia a qualidade do som. Era também um local seguro, porque o governador já experimentara os encantos da



jovem, e não os achara a seu gosto. O velho ditado era correto: não havia fúria maior que a de uma mulher desprezada.

— O que tem a me dizer? — perguntou Murray, irritado por se encontrar no escritório em mais um domingo.

Ele tivera de viajar no metrô, que agora fora fechado. Talvez ficasse retido ali durante o dia inteiro.

— Dan, já temos o suficiente para uma ação judicial, mas quero esperar até a entrega do dinheiro para efetuar as prisões. A informante nos entregou tudo. Neste momento, estou fazendo a transcrição, pessoalmente.

— Pode mandar por fax?

— Assim que acabar. Dan, pegamos todos pelos colhões, todos eles.

— Vamos acabar erguendo uma estátua a você, Walter — comentou Murray, esquecendo sua irritação.

Como a maioria dos policiais de carreira, ele abominava a corrupção pública, quase tanto quanto abominava os seqüestradores.

— A transferência para cá foi a melhor coisa que me aconteceu, Dan. — Hoskins soltou uma risada pelo telefone. — Talvez eu concorra a uma das vagas ao Senado.

— O Colorado pode escolher gente pior.

*Desde que você nunca carregue uma arma para parte alguma,* pensou Dan, um tanto agressivo. Embora Walt não fosse grande coisa numa ação de força, a outra parte de sua avaliação no ano anterior também era correta: Hoskins era um brilhante investigador, um mestre do xadrez que se comparava até a Bill Shaw. Só não era capaz de efetuar pessoalmente uma prisão. Neste caso, porém, corrigiu-se Murray, não seria tão difícil. Afinal, os políticos escondiam-se por trás de advogados e secretários de imprensa, não de armas.

— O que me diz do promotor federal?

— E um garoto competente e esperto, Dan. Integra nossa equipe. O apoio do Departamento de Justiça não faria mal algum, mas a verdade é que ele pode cuidar de tudo sozinho, se for necessário.

— Ótimo. Mande-me a transcrição assim que ficar pronta.

Murray acionou os botões no telefone, e ligou para a casa de Shaw, em Chevy Chase.

— Bill, sou eu, Dan — disse. — Hoskins acertou no alvo ontem à noite. Diz que tem tudo gravado... os cinco alvos principais fecharam o acordo durante o jantar.

— Será que compreende que talvez tenhamos de promover o cara agora? — lembrou o diretor do FBI, com uma risada.

— Promova-o a assistente do vice-diretor — sugeriu Dan.

— Isso não vai mantê-lo longe das encrencas. Acha que preciso ir?

— Não há necessidade. Como está a situação por aí?

— Estou pensando em instalar uma pista de esqui na entrada da casa. Parece que as estradas estão péssimas.

— Vim no metrô, que foi fechado logo em seguida... gelo nos trilhos ou algo parecido.

— Washington, D.C., a Cidade do Pânico — comentou Shaw.

— Muito bem, senhor Murray, planejo relaxar e assistir ao jogo.

— E eu, senhor Shaw, renunciarei a meus prazeres pessoais e ficarei trabalhando pela maior glória do serviço.

— Ótimo. Gosto de dedicação em meus subordinados. Além do mais, meu neto está aqui — informou Shaw, observando a nora dar a mamadeira ao menino.

— Como vai Kenny Júnior?

— É bem possível que ainda consigamos transformá-lo num agente. A menos que você precise de mim, Dan...

— Bill, divirta-se com o garoto, mas não se esqueça de devolvê-lo quando ele sujar a fralda.

— Claro. Mantenha-me informado. Falarei pessoalmente com o presidente sobre esse caso.

— Espera algum problema?

— Não. Ele é muito firme em matéria de corrupção.

— Voltaremos a nos falar.

Murray deixou sua sala, encaminhando-se para o centro de comunicações. Encontrou o inspetor Pat o'Day seguindo pelo mesmo caminho.

— Eram seus aqueles cães de trenó que estavam no estacionamento, Pat?

— Algumas pessoas dirigem carros decentes. — o'Day tinha uma *pickup* com tração nas quatro rodas. — A cancela da rua 9 está congelada na posição, por falar nisso. Mandei que deixassem a outra arriada.

— O que veio fazer aqui?

— Tenho o turno no centro de comando. Meu substituto mora em Frederick. Não espero vê-lo antes da metade da quinta-feira. A 1-270 ficará fechada até a primavera, eu acho.

— Esta é uma cidade triste quando neva.

— Nem me fale.

O último posto de campo de o'Day fora no Wyoming, e ele ainda sentia saudade das caçadas que fazia por lá.

Murray comunicou ao pessoal do centro de comunicações que o fax que chegaria de Denver era material secreto. Ninguém além dele poderia vê-lo, pelo menos por enquanto.

— Não consigo combinar este — disse Goodley, depois do almoço.

— Qual deles?

— O primeiro que nos abalou... não, desculpe, o segundo. Não é possível conciliar as agendas de Narmonov e Vela.

— O que não significa necessariamente coisa alguma.

— Sei disso. Mas há um fato estranho. Lembra o que eu disse sobre as diferenças lingüísticas em seus relatórios?

— Lembro, sim, mas meu russo é muito precário. Não posso perceber as nuances, como você.

— Este é o primeiro relatório em que aparecem, e também o primeiro em que não consigo me convencer de forma incontestável que os dois se encontraram de fato. — Goodley fez uma pausa. — Acho que pode haver alguma coisa aqui.

— Não se esqueça de que terá de vender sua opinião ao departamento russo.

— Não vai ser fácil.

— Tem toda a razão, Ben. Trate de encontrar alguma coisa para apoiar sua posição.

Um dos homens da segurança ajudou Clark com a caixa de garrafas. Ele renovou o estoque do bar, depois subiu para o nível superior com as quatro garrafas restantes de Chivas. Chavez foi atrás, com as flores. John Clark pôs as garrafas nos devidos lugares, correu os olhos pelo compartimento, a fim de se certificar de que estava tudo em ordem. Ajeitou algumas coisas, para demonstrar sua competência. A garrafa com o transmissor tinha a tampa rachada. Isso deveria fazer com que ninguém tentasse abri-la, pensou ele. Era muito esperta a turma de C&T. As coisas simples geralmente funcionavam melhor.

Os arranjos de flores tinham de ser presos nos lugares. Eram quase todos de rosas brancas, das mais bonitas, pensou Chavez, e as pequenas hastes verdes que as seguravam pareciam se integrar com perfeição. Ding desceu em seguida, foi até os banheiros na frente. Largou na lata de lixo de um deles um pequeno gravador, de fabricação japonesa, depois de verificar que funcionava direito. Encontrou Clark na base da escada em espiral, e os dois deixaram o avião. A turma avançada da segurança começava a chegar no momento em que eles desapareceram no nível inferior do terminal.

Lá dentro, descobriram uma sala vazia com chave, e usaram-na para trocar de roupa. Saíram vestidos como executivos, os cabelos penteados, óculos escuros.

— E sempre tão fácil assim, Mister C?

— Não.

Os dois se encaminharam para o lado oposto do terminal. Desse jeito, ficavam a quase um quilômetro do 747 da JAL, mas com uma linha de visão direta. Também podiam avistar um jato executivo Gulfstream-IV, disfarçado como avião particular. Deveria decolar pouco antes do avião japonês, mas seguiria um curso divergente. Clark tirou um *walkman* Sony da pasta, inseriu uma fita cassete, ajeitou os fones nos ouvidos. Na verdade, ele ouvia os murmúrios dos seguranças no avião, e a fita gravava as palavras, enquanto seus olhos se concentravam num livro. Era uma pena que não entendesse

japonês, pensou Clark. Como acontecia na maioria das operações secretas, o principal elemento estava instalado por ali, sem fazer nada, enquanto esperava que algo ocorresse. Clark levantou os olhos para ver o tapete vermelho ser desenrolado outra vez, os soldados entrando em formação, um pequeno palanque sendo armado. Devia ser um pé-no-saco para as pessoas que tinham de cuidar dessas coisas, pensou ele.

As coisas aconteceram rapidamente. O presidente do México acompanhou o primeiro-ministro japonês até o avião, apertou sua mão efusivamente na base da escada. Isso poderia ser uma evidência, pensou Clark. Havia no gesto uma exultação pelo trabalho bem-feito, mas também tristeza pela compreensão de que tais coisas aconteciam de fato. A comitiva subiu a escada, a porta foi fechada, a escada removida, e o 747 ligou os motores.

Clark ouviu a conversa aumentar no salão superior do avião. Depois, no entanto, a qualidade do som se deteriorou por completo, quando os motores foram acionados. Clark observou o Gulfstream começar a taxiar. O 747 entrou na pista dois minutos depois. Fazia sentido. Era preciso ter o cuidado de despachar os aviões menores para o céu antes da partida de um jumbo. Os enormes corpos alados deixavam uma esteira de turbulência que podia ser perigosa. Os dois agentes da CIA permaneceram no balcão de observação até que o avião da JAL decolou. O trabalho deles estava concluído.

No ar, o Gulfstream subiu para a altitude de cruzeiro de doze mil metros, num curso zero-dois-seis, a caminho de New Orleans. O piloto reduziu um pouco a velocidade, instruído pelos homens lá atrás. A direita, o 747 nivelava na mesma altitude, no curso zero-três-um. No interior do avião maior, a falsa garrafa de *scotch* estava virada para a janela, e suas transmissões em EHF se irradiavam na direção dos receptores no Gulfstream. A faixa em que o sistema operava era das mais favoráveis, garantindo um bom sinal, e nada menos de dez gravadores se encontravam em funcionamento, dois para cada canal na faixa. O piloto desviou seu curso para leste, ao máximo que podia, até que os dois aviões se encontravam sobre o mar, depois tomou a virar para oeste, enquanto um segundo avião, um EC-135, que tivera alguma dificuldade para decolar da base da

força aérea em Tinker, Oklahoma, assumia sua posição, cinqüenta quilômetros a leste e seiscentos metros abaixo do maior produto da Boeing.

O primeiro avião pousou em New Orleans, descarregou seus homens e equipamentos, reabasteceu e decolou para retornar à Cidade do México.

Clark se encontrava na embaixada. Um dos seus acréscimos à operação era um homem que falava japonês da diretoria de informações da Agência. Raciocinando que sua recepção de teste seria útil para determinar a eficácia do sistema, ele concluía também que seria melhor ainda ter uma leitura imediata do que fora dito. Achava que era uma boa demonstração de iniciativa operacional. O tradutor não se apressou, escutou a gravação três vezes, antes de começar a bater a transcrição. Ele produziu menos de duas páginas; e se irritou porque Clark lia por cima de seu ombro.

— "Gostaria que fosse tão fácil assim fazer um acordo com a oposição na Dieta" — leu Clark, em voz alta. — "Só precisamos cuidar também de alguns de seus amigos."

— Parece que temos o que procurávamos — comentou o tradutor.

— Onde está seu homem de comunicações? — perguntou Clark ao chefe da estação.

— Posso fazer tudo pessoalmente.

Era mesmo muito fácil. O chefe da estação transcreveu as duas páginas datilografadas num computador. Ligada ao computador, havia uma pequena máquina, que parecia de videodisco. No disco grande, havia literalmente bilhões de números digitais casuais. Cada letra que ele batia era convertida ao acaso em outra coisa, e transmitida para a sala Mercury, em Langley. Ali, o sinal recebido foi gravado. Um técnico em comunicações selecionou o disco apropriado no depósito de segurança máxima, inseriu-o em sua própria máquina, e apertou um botão. Em poucos segundos, uma impressora a *laser* gerou as duas páginas da mensagem, em texto claro. Foram postas num envelope lacrado, entregue a um mensageiro, que o levou à sala do vice-diretor, no sétimo andar.

— Doutor Ryan, o despacho pelo qual esperava.

— Obrigado. — Jack assinou o recibo. — Doutor Goodley, terá de me dar licença por um momento.

— Não tem problema.

Ben voltou a se concentrar em sua pilha de documentos. Ryan abriu o envelope, tirou o despacho, leu-o devagar, com todo o cuidado, duas vezes. Depois, pegou o telefone e pediu uma linha segura para Camp David.

— Centro de comando — respondeu uma voz.

— Aqui é o doutor Ryan, em Langley. Preciso falar com o Chefe.

— Espere um momento, senhor — respondeu o suboficial.

Ryan acendeu um cigarro. Um instante depois, outra voz entrou na linha:

— Aqui é o presidente.

— Senhor presidente, aqui é Ryan. Tenho um fragmento da conversa no 747.

— Tão cedo?

— Foi gravada antes de os motores serem ligados, senhor. Temos uma voz não identificada... achamos que é do primeiro-ministro... dizendo que fechou o acordo.

Ryan leu três linhas.

— Aquele filho da puta! — murmurou o presidente. — Com uma evidência assim, eu poderia processar um homem.

— Achei que ia querer saber o mais depressa possível, senhor. Posso mandar por fax a transcrição inicial. Teremos a completa por volta das nove horas da noite.

— Será ótimo ter alguma coisa para ler depois do jogo. Muito bem, pode mandar.

A ligação foi cortada.

— Não há de quê, senhor — disse Jack para o telefone.

— Está na hora — anunciou Ghosn.

— Muito bem.

Russell levantou-se e vestiu um grosso casaco. Faria muito frio lá fora. A temperatura máxima prevista era de quatorze abaixo de zero, e ainda nem haviam chegado lá. Um vento nordeste cortante soprava de Nebraska, onde fazia ainda fiais frio. A única coisa boa

era o céu claro que causava. Denver também é uma cidade com problemas de poluição, agravada pelas inversões de temperatura no inverno. Naquele dia, no entanto, o céu se achava literalmente sem nuvens e Marvin pôde avistar a oeste jatos de neve sendo soprados dos picos da Front Range, parecendo estandartes brancos ao vento. Era sem dúvida auspicioso, e o céu claro significava que os vôos de Stapleton não seriam protelados, como ele temera poucos dias antes. Ele ligou o furgão, ensaiando suas falas e repassando o plano, enquanto deixava o motor esquentar. Marvin virou-se para olhar a carga. Quase uma tonelada de superexplosivos, dissera Ibrahim. Deixaria os americanos furiosos. Ele foi até o carro alugado, ligou-o também, pôs o aquecedor no máximo. Era uma pena que o comandante Qati se sentisse tão mal. Talvez fossem os nervos, pensou Russell.

Eles saíram poucos minutos depois. Ghosn sentou ao lado de Marvin. Também estava nervoso.

— Pronto, cara?

— Pronto.

— Então vamos embora.

Russell engrenou o furgão em marcha à ré, deixou o estacionamento. Avançou ao chegar à rua, verificando se o carro alugado vinha atrás.

A viagem até o estádio demorou apenas alguns minutos, sem qualquer contratempo. O policiamento era reforçado, e Russell percebeu que Ghosn observava atentamente os guardas. Ele não estava preocupado. Os guardas só se encontravam ali para o controle do tráfego, no final das contas, e se limitavam a olhar, já que o movimento maior ainda não começara. Faltavam quase seis horas para o jogo. Marvin entrou no estacionamento pelo acesso da imprensa, e havia ali um guarda com o qual precisava falar. Qati já ficara para trás, agora dava voltas a alguns quarteirões de distância. Marvin parou o furgão e baixou sua janela.

— Oi — disse ele ao guarda.

O guarda Peter Dawkins, da polícia municipal de Denver, já sentia muito frio, apesar de ter nascido no Colorado. Fora designado



para vigiar o portão da imprensa e dos VIPs, só porque era novo na polícia. Os mais velhos se encontravam em postos mais quentes.

— Quem é você? — perguntou Dawkins.

— Equipe técnica — respondeu Russell. — Este não é o portão da imprensa?

— É, sim, mas você não consta da minha relação.

Havia uma quantidade limitada de vagas disponíveis no estacionamento VIP, e Dawkins não podia permitir a entrada de mais ninguém.

— A máquina de videoteipe na unidade A ali quebrou — explicou Russell acenando com a mão. — Tivemos de trazer a reserva.

— Ninguém me disse nada — protestou o guarda.

— Ninguém também me disse nada até seis horas da noite de ontem. Tivemos de trazer essa droga de Omaha.

Russell brandiu a prancheta, de forma um tanto vaga. Fora de vista, na parte traseira do furgão, Ghosn mal ousava respirar.

— Por que não trouxeram de avião?

— Porque o serviço de carga não funciona aos domingos, cara, e porque essa porcaria é grande demais para passar pela porta de um Lear. Não estou me queixando, cara. Sou da equipe técnica de Chicago, certo? Sou um homem da rede. Recebo três vezes e meia a mais por esta merda, longe de casa, evento especial, horas extras no fim de semana.

— Parece uma boa grana — comentou Dawkins.

— Melhor do que o pagamento por uma semana de trabalho normal, cara. Continue falando, seu guarda. — Russell sorriu. — Ganho um dólar e quinze centavos por minuto, entende?

— Vocês devem ter um sindicato sensacional.

— E temos mesmo! — exclamou Marvin, rindo.

— Sabe para onde tem de ir?

— Claro.

Russell tornou a partir. Ghosn deixou escapar um longo suspiro, enquanto o furgão recomeçava a avançar. Escutara atentamente cada palavra, convencido de que alguma coisa desastrosa iria acontecer.

Dawkins observou o furgão se afastar. Verificou a hora, e fez uma anotação em sua prancheta. Por algum motivo, o capitão queria que ele registrasse todos os veículos que passassem pelo portão. Não fazia sentido para Dawkins, mas as idéias do capitão nem sempre faziam sentido, não é mesmo? Ele levou um momento para compreender que o furgão da ABC tinha placas do Colorado. Era estranho, pensou ele, no momento em que um Lincoln Town Car se aproximava. Este constava de sua lista. Era o carro do presidente da liga de futebol americano. Os VIPs deveriam chegar muito cedo, ao que tudo indicava, pensou Dawkins, a fim de se instalarem em seus camarotes e começarem a beber. Ele também participara da segurança na festa oferecida pelo presidente da liga na noite anterior, e observara todos os palhaços ricos do Colorado tomarem um porre, junto com vários políticos e outros VIPs — quase todos idiotas, pensava o jovem guarda, depois de observá-los — de todos os cantos da América. Ele refletiu que, no final das contas, era bem possível que Hemingway estivesse certo: os ricos apenas têm mais dinheiro.

A duzentos metros de distância, Russell estacionou o furgão, puxou o freio de mão, e deixou o motor ligado. Ghosn começou a trabalhar na traseira. O jogo estava marcado para quatro e vinte, horário local. Os grandes acontecimentos sempre atrasam um pouco, calculara Ibrahim. Por isso, presumira o início da partida às quatro e meia. Acrescentara mais meia hora, fixando o T-Zero para as cinco horas, pelo horário das Montanhas Rochosas. Afinal, os números arbitrários sempre tinham zeros, e o momento certo da detonação fora fixado semanas antes: exatamente na primeira hora depois do jogo começar.

O artefato não contava com um equipamento antiinterferência sofisticado. Havia apenas dispositivos toscos, um em cada porta de acesso, mas não houvera tempo de preparar nada mais complicado; e talvez fosse melhor assim, refletiu Ghosn. O vento nordeste forte balançava o furgão, e um dispositivo mais delicado poderia não ser uma boa idéia.

E também não era, ele compreendeu tardiamente, apenas trancar a porta do furgão... *O que mais você deixou de levar em*

*consideração?* Ghosn lembrou a si mesmo que os momentos assim sempre despertavam os pensamentos mais assustadores. Repassou rapidamente tudo o que fizera até aquele momento. Não havia nada que não tivesse sido verificado cem vezes ou mais. Estava tudo pronto. Claro que estava. Ele não passara meses em cuidadosos preparativos para chegar àquele ponto?

O engenheiro fez uma última conferência dos circuitos de teste. Todos em perfeita ordem. O frio não afetara tanto assim as baterias. Ele ligou os fios ao cronômetro... ou tentou. As mãos estavam rígidas do frio, e tremiam na emoção do momento. Ghosn parou. Demorou um pouco para recuperar o controle, fez as ligações na segunda tentativa, apertou as porcas para mantê-las bem firmes.

E ponto final. Ghosn fechou a porta de acesso, acionando o mecanismo simples contra interferências, e afastou-se do artefato. Não, ele disse a si mesmo, não é mais um "artefato".

— Já acabou? — perguntou Russell.

— Já, sim, Marvin — respondeu Ghosn, voltando ao banco do passageiro.

— Então vamos embora.

Marvin observou o homem mais jovem saltar, estendeu a mão e trancou a porta. Deixou o furgão pelo lado do motorista, e também trancou sua porta. Foram andando para oeste, passaram pelos enormes caminhões da rede, com suas antenas parabólicas. Cada uma devia valer milhões, pensou Marvin, e cada uma seria destruída, junto com os repórteres da tevê, iguais aos que converteram a morte de seu irmão num evento esportivo. Matá-los não o preocupava, nem um pouco. Um momento depois, a massa do estádio protegeu-os do vento. Continuaram a atravessar o estacionamento, passando pelos torcedores que chegavam mais cedo e os carros que entravam ali, muitos de Minnesota, lotados de fãs, bem agasalhados, carregando pacotes de amendoins e usando chapéus, alguns adornados com chifres.

Qati e o carro alugado esperavam numa rua transversal. Ele se afastou do banco do motorista, deixando Marvin sentar ao volante. O tráfego era cada vez mais intenso agora, e Russell, para evitar o

pior, resolveu tomar um caminho alternativo, cujo reconhecimento efetuara no dia anterior.

— No fundo, é uma pena interromper um jogo desses — comentou ele.

— Como assim? — perguntou Qati.

— Esta é a quinta vez que os Vikings chegam ao Super Bowl. E agora tudo indica que vão vencer. O tal garoto Wills é o melhor que aparece desde Sayers, e por nossa causa ninguém verá a vitória. Uma pena.

Russell balançou a cabeça e sorriu da ironia da situação. Nem Qati nem Ghosn se deram ao trabalho de responder, mas Russell também não esperava uma resposta. Afinal, eles não tinham muito senso de humor, não é mesmo? O estacionamento do motel estava quase vazio. Todos ali deviam ser torcedores de um dos times, pensou Marvin, enquanto abria a porta.

— Tudo preparado?

— Tudo.

Ghosn trocou um olhar com o comandante. Era uma pena, mas não havia outro jeito.

O quarto ainda não fora arrumado, mas isso não tinha a menor importância. Marvin entrou no banheiro, fechando a porta. Quando saiu, deparou com os dois árabes de pé ali.

— Prontos?

— Prontos — respondeu Qati. — Pode pegar minha mala, Marvin? Russell virou-se, estendendo a mão para a mala na prateleira de metal.

Não ouviu a barra de aço que o atingiu na nuca. O corpo baixo, mas poderoso, tombou para o carpete ordinário. Qati batera com força, mas não o suficiente para matar, ele compreendeu. Enfraquecia mais e mais a cada dia que passava. Ghosn ajudou-o a arrastar o corpo para o banheiro, onde o estenderam com o rosto para cima. O motel era ordinário, e o banheiro pequeno demais para seus propósitos. Esperavam deixar o corpo na banheira, mas não havia espaço suficiente para dois homens ficarem de pé ali dentro. Por isso, Qati simplesmente ajoelhou-se ao lado do americano. Ghosn deu de ombros, em desapontamento, e pegou uma toalha.

Enrolou-a no pescoço de Russell. O homem estava mais atordoado do que inconsciente, suas mãos começavam a se mexer. Ghosn tinha de agir depressa. Qati entregou-lhe o facão de carne que tirara da lanchonete depois do jantar, na noite anterior. Ghosn cortou fundo o lado do pescoço de Russell, logo abaixo do ouvido direito. O sangue esguichou como se saísse de uma mangueira, e Ibrahim comprimiu a toalha contra o corte, a fim de evitar que sujasse suas roupas. Depois, fez a mesma coisa na carótida no lado esquerdo. Os dois comprimiram a toalha, quase como se pudessem assim estancar o fluxo de sangue.

Foi nesse instante que os olhos de Marvin se abriram por completo. Não havia compreensão neles, não havia tempo para compreender o que estava acontecendo. Seus braços se mexeram, mas cada homem usou todo o peso do corpo para imobilizá-los, e assim evitar que o americano fizesse qualquer coisa. Ele não falou, embora a boca se abrisse; e depois de um último olhar acusador para Ghosn, os olhos se tornaram vagos por um instante, antes de revirarem. A esta altura, Qati e Ghosn recuaram, a fim de evitar o sangue, que escorria pelos sulcos entre os ladrilhos do banheiro. Ibrahim puxou a toalha. O sangue escorria agora num filete, não era mais um problema. A toalha, no entanto, ficara completamente encharcada. Ele jogou-a na banheira. Qati estendeu-lhe a outra toalha.

— Espero que Deus seja misericordioso com ele — murmurou Ghosn.

— Ele era um pagão.

Era tarde demais para recriminações.

— E culpa dele jamais ter encontrado um homem santo?

— Vamos nos lavar logo — disse Qati.

Havia duas pias no lado de fora do banheiro. Cada um ensaboou as mãos de forma metódica, verificando se havia manchas de sangue nas roupas. Não havia nenhuma.

— O que acontecerá a este lugar quando a bomba explodir? — perguntou Qati.

Ghosn pensou a respeito por um momento.

— Tão perto assim... ficará fora da bola de fogo, mas... — Ele foi até a janela, puxou as cortinas por alguns centímetros. O estádio era visível dali e uma linha de visão direta tornava fácil prever o que aconteceria. — A pulsação térmica vai incendiar tudo, e depois a onda de choque derrubará o prédio. Não restará coisa alguma.

— Tem certeza?

— Absoluta. Os efeitos da bomba são fáceis de prever.

— Ótimo.

Qati pegou todos os documentos de viagem e identificação que ele e Ghosn haviam usado até aquele momento. Teriam de passar pela inspeção da alfândega, e já haviam desafiado o destino em demasia. Os documentos em excesso foram jogados numa lata de lixo. Ghosn pegou as malas e levou-as para o carro. Revistaram o quarto mais uma vez. Qati entrou no carro. Ghosn fechou a porta pela última vez, deixando o aviso de "Favor não incomodar" pendurado na maçaneta. Foi uma viagem curta até o aeroporto, e o avião deles decolaria duas horas depois.

O estacionamento encheu rapidamente. A três horas do início da partida, para grande surpresa de Dawkins, o estacionamento VIP já se encontrava lotado. O show preliminar começara. Ele podia ver uma equipe de tevê circulando pelo estacionamento, entrevistando os torcedores dos Vikings, que ocupavam metade da área, fazendo uma grande festa, um piquenique improvisado. Nuvens brancas de vapor subiam de churrasqueiras. Dawkins sabia que os torcedores dos Vikings eram meio doidos, mas aquilo era absurdo. Só precisavam entrar no estádio, se queriam comer alguma coisa. Havia lá dentro todas as comidas e bebidas disponíveis, que podiam ser consumidas num ambiente aquecido, todos sentados em almofadas, mas não... eles preferiam proclamar que eram durões, numa temperatura que deveria estar uns quinze graus abaixo de zero. Dawkins era esquiador, e pagara seus estudos no colégio como membro de uma patrulha de esqui, numa das encostas de Aspen. Conhecia o frio e sabia a importância do calor. Nada podia impressionar o frio. O frio e o vento não notavam.

— Como estão as coisas, Pete? Dawkins virou-se.

— Nenhum problema, sargento. Todos na lista já chegaram.

— Vou substituí-lo por alguns minutos. Entre e se aqueça um pouco. Pode tomar um café na cabine de segurança, logo depois da entrada.

— Obrigado.

Dawkins sabia que precisava de alguma coisa. Passaria todo o jogo ali fora, patrulhando o estacionamento para impedir que roubassem qualquer coisa. Policiais à paisana vigiavam punquistas e cambistas, mas a maioria entraria para assistir ao jogo. Dawkins só contava com um rádio. Mas era de se esperar, pensou ele. Tinha menos de três anos na polícia. Ainda era quase um novato. O jovem guarda subiu pela rampa na direção do estádio, passando pelo furgão da ABC a que dera passagem. Deu uma olhada no interior e viu a máquina Sony. Era estranho, não estava ligada a coisa alguma. Ele se perguntou onde estariam os técnicos, mas tomar um café era mais importante agora. Até as roupas de baixo de polipropileno tinham seus limites, e Dawkins sentia um frio como não se lembrava de jamais ter experimentado antes.

Qati e Ghosn devolveram o carro à agência locadora, e embarcaram no ônibus de cortesia para o terminal, onde despacharam a bagagem para o Vôo, depois foram verificar como estava a situação. Descobriram que o MD-80 da American, para Dallas—Fort Worth, estava atrasado. O tempo no Texas, explicou a recepcionista no balcão. Havia gelo nas pistas, da tempestade que contornara Denver na noite anterior.

— Preciso pegar uma conexão para o México — disse Ghosn. — Pode fazer a reserva através de outra cidade?

— Temos um vôo para Miami, no mesmo horário do seu vôo para Dallas. Posso fazer uma reserva para a conexão em Miami. — A jovem bateu os dados em seu terminal. — Haverá uma espera de uma hora. Ora, tudo bem, é apenas uma diferença de quinze minutos para a Cidade do México.

— Pode providenciar, por favor? Tenho de fazer a conexão.

— As duas passagens?

— Isso mesmo. Sinto muito.

— Não tem problema.

A jovem sorriu, olhando para o computador. Ghosn se perguntou se ela sobreviveria ao evento. As enormes janelas de vidro eram viradas para o estádio, e mesmo àquela distância a onda de choque... talvez, concluiu ele, se a moça se abaixasse depressa. Mas ela já estaria ofuscada pelo clarão. Aqueles olhos escuros tão bonitos... Era uma pena.

— Tudo acertado — anunciou ela. — Pode deixar que providenciarei a transferência da bagagem.

Ghosn tinha dúvidas quanto a isso.

— Obrigado.

— O portão é naquela direção.

— Obrigado de novo.

A recepcionista observou-os se afastarem. Até que o rapaz era atraente, pensou ela, mas seu irmão mais velho — ou seria o chefe? — parecia muito azedo. Talvez ele não gostasse de voar.

— E então? — indagou Qati.

— O vôo de conexão se ajusta mais ou menos ao que tínhamos previsto. Vamos perder quinze minutos no México. O problema do tempo é localizado. Mão deve haver outras dificuldades.

O terminal estava quase vazio. As pessoas que desejavam sair de Denver esperavam por vôos posteriores, a fim de poderem assistir ao jogo pela tevê, e o mesmo parecia acontecer com os vôos que chegavam. Não havia mais que vinte pessoas no salão de partida.

— Não consigo conciliar as agendas também aqui — anunciou Goodley

— Na verdade, eu quase diria que temos algo suspeito.

— Como assim? — perguntou Ryan.

— Narmonov só esteve em Moscou durante dois dias na semana passada, segunda e sexta. Passou a terça, quarta e quinta na Letônia, Lituânia e Ucrânia Ocidental, depois foi a Volgogrado, para uma reunião política local. A sexta-feira está excluída, porque foi o dia em que a mensagem chegou, certo? Mas na segunda nosso amigo passou praticamente o dia inteiro no Congresso. Não creio



que tenham se encontrado na semana passada, mas a mensagem insinua que houve uma reunião. Creio que temos uma mentira aqui.

— Mostre-me tudo.

Goodley espalhou seus dados sobre a mesa de Ryan. Juntos, repassaram as datas e itinerários.

— Muito interessante... — murmurou Ryan, depois de alguns minutos.

— Aquele filho da puta!

— Persuasivo? — indagou Goodley.

— Completamente? — O vice-diretor balançou a cabeça. — Não.

— Por que não?

— É possível que nossos dados sejam incorretos. É possível que eles tenham se encontrado em segredo, talvez no último domingo, quando Andrei Il'yich saiu de sua *dacha*. Uma andorinha não faz verão. — Jack acenou com a cabeça para a neve lá fora. — Precisamos de uma verificação meticulosa disso tudo, antes que possa seguir adiante, mas o que você já descobriu é muito interessante, Ben.

— Mas...

— E preciso ir devagar nessas coisas — explicou Jack. — Não se recusa todo o trabalho de um agente valioso com base em dados equívocos... e não acha que isso é equívoco?

— Tecnicamente, sim. Acha que ele virou?

— Tornou-se um agente duplo? — Ryan sorriu. — Está pegando o jargão, doutor Goodley. Responda você mesmo à pergunta.

— Se ele tivesse virado um agente duplo contra nós, não mandaria esse tipo de informações. Não gostariam de nos enviar dados assim, a menos que elementos dentro do KGB...

— Pense com todo o cuidado, Ben — advertiu Jack.

— Ahn... tem razão. Isso também os comprometeria, não é mesmo? Não é provável. Se ele tivesse virado, os dados seriam diferentes.

— Exatamente. Se você está certo, se ele vem nos enganando, a explicação mais provável é a sua. Ele pode se beneficiar da desgraça política de Narmonov. Ajuda pensar como um policial

nesses casos. Quem lucra... quem tem um motivo, esse é o teste que se aplica aqui. A melhor pessoa para analisar esses dados é Mary Pat.

— Vamos chamá-la?

— Num dia assim?

Qati e Ghosn embarcaram no vôo à primeira chamada, ocupando suas poltronas na primeira classe e afivelando os cintos de segurança. Dez minutos depois o avião afastou-se do portão, taxiou para a extremidade da pista, fora uma troca das mais convenientes, pensou Ghosn. O vôo para Dallas ainda nem fora chamado. Dois minutos mais tarde, o avião decolou, indo para sudeste, na direção do clima mais quente da Flórida.

A criada já tinha um péssimo dia. A maioria dos hóspedes saíra tarde, ela estava atrasada no serviço. Soltou um grunhido de desapontamento ao ver o cartão pendurado na maçaneta, mas não havia nada na porta do outro quarto, ligado àquele, e ela pensou que podia ser um engano. O outro lado do cartão era o aviso de "Arrume o quarto AGORA", e os hóspedes muitas vezes se enganavam. Primeiro, ela entrou no quarto que não tinha qualquer aviso. Foi fácil. Só uma das camas fora usada. Ela tirou as roupas de cama e pôs outras, limpas, com a rapidez que derivava de fazer o mesmo trabalho cinqüenta vezes por dia. Depois verificou o banheiro, trocou as toalhas sujas, pôs um novo sabonete na pia, esvaziou a lata de lixo no saco pendurado em seu carrinho. Agora, precisava tomar uma decisão — se entrava ou não no outro quarto. O aviso na maçaneta dizia que não, mas se não queriam ser incomodados, por que não haviam pendurado nada na porta do outro quarto? Devia pelo menos dar uma olhada. Se houvesse alguma coisa importante ali, ela trataria de ir embora. A arrumadeira espiou pela porta de ligação entre os dois quartos, avistou apenas duas camas desarrumadas, de uma maneira normal. Não havia roupas no chão. Na verdade, o quarto se encontrava em tão boa ordem naquele dia quanto no anterior. Ela estendeu a cabeça pela porta, olhou na direção das pias. Também não havia nada de

anormal ali. E resolveu limpar o quarto. Foi para trás de seu carrinho, empurrou-o pela porta. Fez as camas, depois voltou para...

Como não percebera aquilo antes? As pernas de um homem. O quê? Ela se adiantou e...

O gerente levou alguns minutos para acalmá-la o suficiente, a fim de entender o que ela dizia. Graças a Deus, pensou ele, não havia hóspedes naquele lado do motel no momento; todos haviam saído para assistir ao jogo. O jovem respirou fundo, saiu da recepção, passou pela lanchonete, deu a volta para os fundos do motel. A porta trancava automaticamente ao ser fechada, mas ele tinha uma chave-mestra.

— Santo Deus! — balbuciou ele.

Pelo menos estava preparado para a cena. O gerente não era tolo. Não tocou em nada, passou pelo quarto anexo para sair. O telefone em sua mesa tinha todos os números de emergência escritos num pequeno cartão. Ele "sou o segundo.

— Polícia.

— Quero comunicar um assassinato — disse o gerente, tão calmamente quanto podia.

O presidente Fowler largou o fax na mesa do canto e balançou a cabeça.

— E realmente inacreditável que ele possa tentar algo tão clamoroso.

— O que vai fazer? — perguntou Liz.

— Temos de confirmar, é claro, mas creio que não será difícil. Brent voará de volta do jogo esta noite. Quero-o em meu gabinete amanhã bem cedo para consultá-lo, mas acho que vamos confrontá-lo com a situação. Se ele não gostar, que se dane. Isso é coisa da Máfia.

— Você se irrita de fato com uma coisa assim, não é? Fowler abriu uma garrafa de cerveja.

— Uma vez promotor, sempre promotor. Um bandido é um bandido.

O 747 da JAL pousou no aeroporto internacional Dulles três minutos antes do previsto. Em razão do tempo, e com a aprovação

do embaixador japonês, a cerimônia de chegada foi abreviada. Além do mais, a característica de uma chegada realmente importante em Washington era a informalidade. Era um dos costumes locais que o embaixador explicara no antecessor do atual primeiro-ministro. Depois de uma breve mas sincera saudação do subsecretário de Estado Scott Adler, a comitiva oficial embarcou em todos os veículos com tração nas quatro rodas que a embaixada conseguira providenciar, em prazo tão curto, e seguiu para o Madison Hotel, a poucos quarteirões da Casa Branca. A informação era de que o presidente se encontrava em Camp David, e só voltaria a Washington na manhã seguinte. O primeiro-ministro japonês, ainda sofrendo dos efeitos persistentes da viagem, decidiu aproveitar para dormir por mais algumas horas. Ainda não tirara o casaco quando outra equipe de faxina entrou em seu avião. Um homem pegou as garrafas não usadas, inclusive a que tinha a tampa rachada. Outro esvaziou as latas de lixo dos diversos banheiros num enorme saco. Pouco depois, estavam a caminho de Langley. Todos os aviões de rastreamento, à exceção do primeiro, pousaram na base de Andrews da força aérea, onde os tripulantes também iniciaram um período de descanso compulsório — neste caso, no clube dos oficiais da base. As gravações foram despachadas para Langley de carro, chegando depois do gravador recuperado em Dulles. O aparelho que viera no 747 tinha a melhor qualidade de som, e os técnicos começaram a trabalhar primeiro nessa gravação.

O Gulfstream voltou à Cidade do México, também no horário. Taxiou para o terminal civil, e os três tripulantes — eram da força aérea, embora mais ninguém soubesse disso — decidiram entrar para jantar. Como eram da força aérea, deviam fazer um repouso. Clark ainda se encontrava na embaixada, e planejava assistir ao primeiro quarto do jogo, pelo menos, antes de voltar a Washington e toda aquela maldita neve.

— Tome cuidado ou vai acabar dormindo durante a partida — advertiu a assessora de segurança nacional.

— É apenas a minha segunda garrafa de cerveja, Elizabeth — respondeu Fowler.

Havia uma geladeira ao lado do sofá, e uma grande bandeja de prata com salgadinhos. Elliot ainda achava aquilo incrível. J. Robert Fowler, presidente dos Estados Unidos, tão inteligente e determinado sob todos os aspectos possíveis, era um fanático torcedor do futebol americano, e sentava ali como uma pessoa comum, à espera do início do jogo.

— Descobri um defeito, mas o outro é um filho da puta — disse o chefe da manutenção. — Não consigo localizá-lo, coronel.

— Entre e se esquite um pouco — disse o piloto. — Já estive lá fora por tempo demais.

— Alguma operação relacionada com drogas, posso apostar — comentou um detetive, ainda jovem.

— Então são amadores — ressaltou seu parceiro.

O fotógrafo já batera os quatro rolos de filme habituais, e agora os homens da patologia metiam o corpo num saco plástico, a fim de transportá-lo para o necrotério. Não podia haver muita dúvida sobre a causa da morte. Era um crime bastante brutal. Parecia que os assassinos — tinham de ser dois, o detetive mais experiente já concluía — haviam imobilizado os braços da vítima, antes de cortarem sua garganta, e depois observaram-no sangrar até a morte, usando toalhas para evitar que suas roupas ficassem manchadas. Talvez estivessem cobrando alguma dívida. Talvez aquele homem tivesse enganado os outros, talvez fosse uma queima de arquivo, ou o acerto de antigos ressentimentos. Era evidente que não se tratava de um crime passional; fora cruel e calculista demais para isso.

Os detetives, no entanto, acharam que estavam com sorte. A carteira da vítima ainda se encontrava em seu bolso. Tinham sua identidade, e mais do que isso, dois outros jogos completos de documentos, que estavam agora sendo verificados. Os registros do motel tinham as placas dos dois veículos associados àqueles quartos,

que também eram conferidos, nos computadores do departamento de trânsito.

— O cara é um índio — informou o representante da patologia, quando 'Oram buscar o corpo. — Um índio americano.

— Já vi esse rosto em algum lugar... — murmurou o detetive mais jovem. — Esperem um instante.

Alguma coisa atraía sua atenção. Ele desabotoou a camisa do homem revelando a parte superior de uma tatuagem.

— Ele já cumpriu pena — declarou o detetive mais velho. A tatuagem no peito do homem era tosca, feita com lápis e saliva, e mostrava algo que ele já vira antes. — Ei, isto significa alguma coisa...

— A Sociedade dos Guerreiros!

— É isso mesmo! Os federais andaram investigando... lembra? Aquele tiroteio em Dakota do Norte no ano passado? — O detetive mais velho pensou por um momento. — Quando obtivermos as informações sobre os veículos despache tudo para Washington. Muito bem, podem levar o corpo agora.

Depois que o corpo foi removido, o detetive mais velho disse a seu parceiro:

— Pode trazer a arrumadeira e o gerente.

O inspetor Pat O'Day teve a sorte de estar de plantão no centro de comando do FBI, sala 5005 do edifício Hoover. A sala tinha um formato insólito, mais ou menos triangular, com as mesas da equipe de comando no vértice, e os monitores na parede comprida. Era um dia tranquilo — prevalecia um tempo adverso em metade do país, o que constitui um obstáculo maior ao crime do que qualquer agência policial — e por isso uma das telas mostrava o estádio em Denver, com as equipes se alinhando para o início da partida. No momento em que os Vikings ganharam o sorteio com a moeda, optando pela recepção, uma jovem do centro de comunicações entrou na sala, com alguns faxes enviados pela polícia de Denver.

— Um caso de homicídio, senhor. Eles acham que podemos saber quem é este homem.

A qualidade das fotografias em carteiras de motorista não é do tipo que impressione um profissional, e despachá-las por fax não melhorava em nada. O'Day examinou atentamente a foto por alguns segundos, já quase concluía que não conhecia o rosto, quando se lembrou de alguma coisa do tempo que passara em Wyoming.

— Já vi esse cara antes... índio... Marvin Russell? — Ele virou-se para outro agente. — Sam, você conhece este sujeito?

— Não.

O'Day examinou o resto dos faxes. Quem quer que fosse, estava morto, a garganta cortada, informava a polícia de Denver. "Morte provavelmente relacionada com drogas" era a avaliação inicial dos detetives locais. Não fazia sentido? John Russell envolvera-se com o tráfico de drogas. O outro dado inicial era o de que havia mais documentos de identidade na cena do crime, mas as carteiras de motorista eram falsificadas — boas falsificações, ressaltava a mensagem. Contudo, eles descobriram que um furgão fora registrado em nome da vítima, e um carro que lá estivera pertencia a uma locadora, e fora alugado por Robert Friend, o mesmo nome na carteira de motorista da vítima-A polícia de Denver procurava agora pelos veículos, e queria saber se o FBI tinha alguma informação útil sobre a vítima e prováveis associados.

— Entre em contato com eles e peça para mandarem por fax as fotos dos outros documentos de identidade.

— Pois não, senhor.

Pat observou os dois times se prepararem para o início da partida, depois pegou o telefone.

— Dan? Pat. Quer descer até aqui? Acho que um velho amigo nosso pode ter aparecido morto... Não, não esse tipo de amigo.

Murray entrou na sala a tempo de assistir ao início da partida, o que teve precedência sobre os faxes. Minnesota levou a bola à linha de vinte e quatro jardas, e seu ataque começou a trabalhar. A rede de tevê no mesmo instante cobriu a tela com todos os tipos de informações inúteis, a fim de que os espectadores não pudessem ver os jogadores.

— Não acha que parece Marvin Russell? — perguntou Pat.

— Claro que parece. Onde ele está? O'Day acenou para a tela de tevê.

— Acreditaria que ele está em Denver? Encontraram-no há cerca de noventa minutos, com a garganta cortada. A polícia local acha que é um crime relacionado com drogas.

— Era o que fazia o irmão. Que mais?

Murray tirou os faxes da mão de O'Day. Tony Wills pegou o primeiro passe, avançando com a bola por cinco jardas, até ser derrubado. Na segunda ofensiva, os dois viram Wills pegar um passe de vinte jardas.

— Esse garoto é sensacional — comentou Pat. — Lembro de ter assistido a um jogo em que Jimmy Brown...

Bob Fowler começara a tomar sua terceira cerveja da tarde, desejando estar no estádio, em vez de assistir ao jogo pela televisão. Era verdade que o Serviço Secreto ficaria frenético, e a segurança seria tão reforçada que os torcedores ainda estariam tentando entrar. O que não era nada bom em termos políticos, não é mesmo? Liz Elliot, sentada ao lado do presidente, sintonizou um dos outros aparelhos de tevê em HBO, a fim de pegar um filme. Ajeitou os fones nos ouvidos, a fim de poder escutar sem incomodar o presidente. Não fazia sentido, pensou ela, absolutamente nenhum. Como aquele homem podia se mostrar tão entusiasmado com um jogo para meninos?

Pete Dawkins concluiu seus deveres antes da partida ao estender uma corrente pelo portão que vigiava. Quem quer que tentasse entrar agora, teria de usar um dos dois portões que continuariam abertos, mas fortemente vigiados. No último Super Bowl, uma hábil quadrilha de ladrões vagueara pelos estacionamentos, fugindo com duzentos mil dólares em equipamentos dos carros estacionados — principalmente toca-fitas e rádios — mas isso não ia acontecer em Denver. Ele começou sua ronda, junto com três outros guardas. Ficara acertado que circulariam por toda parte, em vez de se manterem em posições específicas. Fazia frio demais para isso. O movimento pelo menos os



manteria aquecidos. Dawkins sentia as pernas rígidas como papelão, e andar faria com que relaxassem. Ele não esperava impedir qualquer crime. Que ladrão de carro seria tão estúpido para agir com quinze graus abaixo de zero? Não demorou muito para que se encontrasse na área ocupada pelos torcedores de Minnesota. Não restava a menor dúvida de que eles eram organizados. Todas as comemorações no estacionamento haviam terminado a tempo. As cadeiras de gramado haviam sido guardadas, e eles limparam tudo. Exceto por algumas poças de café congelado, ninguém poderia adivinhar que eles tinham feito qualquer coisa ali. Talvez os torcedores de Minnesota não fossem tão idiotas assim, no final das contas.

Dawkins tinha um rádio ligado no ouvido. Escutar um jogo pelo rádio era como fazer sexo de roupa, mas pelo menos ele sabia o motivo das aclamações. Minnesota marcou primeiro. Wills foi o responsável, partindo pelo lado esquerdo da linha de quinze jardas. A primeira ofensiva dos Vikings levara apenas sete lances e quatro minutos e cinquenta segundos. Minnesota parecia irresistível naquele dia.

— Dennis deve estar sofrendo — comentou Fowler.

Liz não o ouviu, concentrada em seu filme. Logo depois, o secretário de Defesa teve motivos para sofrer ainda mais. A nova partida saiu da linha de cinco jardas, e o jogador dos Chargers que faria o passe correu de volta até quarenta... mas ali se atrapalhou e um Viking caiu em cima da bola.

— Dizem que Marvin era um filho da puta esperto. Olhe só para os números nas outras carteiras... à exceção dos dois primeiros dígitos, são iguais... Aposto que ele arrumou... alguém lhe forneceu... uma máquina de identificação.

— Passaportes e tudo o mais — acrescentou Pat O'Day, observando Tony Wills avançar de novo por oito jardas. — Se não encontrarem um meio de segurar esse garoto, o jogo vai ser muito fácil.

— Que tipo de passaportes?

— Não disseram. Já pedi mais informações. Enviarão as fotos por fax assim que voltarem ao escritório.

Em Denver, os computadores funcionavam a toda. A locadora do carro foi identificada, e uma verificação em seu sistema revelou que o veículo fora devolvido no aeroporto internacional de Stapleton, poucas horas antes. Era uma pista quente, e os detetives seguiram do motel direto para lá, depois de tomarem os depoimentos das duas primeiras "testemunhas". As descrições dos outros dois combinavam com as fotos nos passaportes. Esses documentos se encontravam a caminho da chefatura. Eles sabiam que o FBI já clamava por mais informações. O que fazia parecer cada vez mais com um importante caso de drogas. E os dois detetives especulavam onde estaria o furgão da vítima.

Dawkins concluiu a primeira ronda do estádio no momento em que Minnesota fazia seu segundo *touchdown*. Outra vez fora Wills, agora com uma passagem de quatro jardas. O cara já tinha cinqüenta e uma jardas de avanço e duas recepções. Dawkins descobriu-se a olhar para o furgão da ABC a que dera passagem. Por que as placas do Colorado? Eles disseram que eram de Chicago, e que traziam um aparelho de reserva de Omaha. Mas o furgão estava pintado com as cores oficiais da rede. As emissoras de tevê locais não pertenciam à rede. Todas eram associadas a alguma rede, mas os letreiros pintados nos lados eram próprios. Era uma coisa sobre a qual devia falar com o sargento. Dawkins circulou o registro em sua prancheta, pôs um ponto de interrogação ao lado. Foi para a cabine da segurança.

— Onde está o sargento?

— Foi dar uma volta pelo estacionamento — informou o guarda de plantão ali. — O idiota apostou vinte dólares nos Chargers, e acho que não está agüentando.

— Vou perguntar se ele não quer apostar mais um pouco — comentou Dawkins, sorrindo. — Para que lado ele foi?

— Para o norte, eu acho.

— Obrigado.

Os Vikings deram o chute de reinício da partida, com o placar em quatorze a zero. O mesmo jogador pegou a bola, desta vez na linha final de três jardas. Ignorou o conselho do homem de guarda para baixar a bola, e disparou como um raio para o meio do campo. Desvencilhou-se de um bloqueio na linha de dezesseis jardas, aproveitou uma confusão dos defensores, desviou-se para a lateral do campo. Quinze jardas depois, era evidente que só o chutador tinha a chance de detê-lo, só que ele era lento. A cento e três jardas, era o avanço mais longo de defesa na história do Super Bowl. O placar passou para quatorze a sete.

— Sente-se melhor agora, Dennis? — perguntou o secretário de Estado ao secretário de Defesa.

Bunker largou a xícara de café. Decidira não beber. Queria estar completamente sóbrio quando recebesse o Troféu Lombardi do presidente da liga.

— Claro. Agora, só precisamos descobrir uma maneira de deter o seu garoto.

— Boa sorte.

— O garoto é sensacional, Brent. E como corre!

— Não é apenas um bom atleta. Também é inteligente, e tem um bom coração.

— Se você o educou, Brent, sei que ele é esperto — declarou Bunker, generoso. — Mas eu bem que gostaria que ele distendesse a panturrilha neste momento.

\* \* \*

Dawkins encontrou o sargento poucos minutos depois.

— Tem alguma coisa esquisita, sargento.

— O que é?

— Aquele veículo... o furgão branco na extremidade leste da fila, com "ABC" pintado. Placas comerciais do Colorado, mas supostamente é de Chicago ou Omaha. Ao chegarem, eles disseram que traziam um aparelho de videoteipe para substituir outro que quebrara, mas quando passei por lá, há poucos minutos constatei que não estava ligado a coisa alguma, e os caras desapareceram.

— O que está querendo dizer, Pete?

— Acho que pode ser uma boa idéia dar uma olhada.

— Muito bem, cuidarei disso. Darei uma olhada ao passar. — O sargento verificou o número da placa na prancheta. — Eu ia ajudar o pessoal da Wells Fargo na plataforma de carga. Faça isso por mim, certo?

— Claro, sargento.

Dawkins afastou-se. O sargento ligou seu rádio Motorola.

— Tenente Vernon, aqui é o sargento Yankevich. Pode se encontrar comigo na área da tevê?

Yankevich começou a voltar para o sul, contornando o estádio. Levava seu rádio pessoal, mas carecia de fone para o ouvido. San Diego conteve os Vikings. Minnesota chutou — um grande chute, que exigira uma defesa extraordinária na linha de trinta jardas dos Chargers. Talvez seu time ainda pudesse empatar o jogo. Só era preciso que alguém fuzilasse o garoto Wills, pensou o sargento, furioso.

O guarda Dawkins encaminhou-se para a extremidade norte do estádio, avistou um carro blindado da Wells Fargo estacionado no nível inferior da plataforma de carga. Um homem carregava sacos que deviam estar cheios de moedas.

— Qual é o problema?

— O motorista bateu com o joelho, foi fazer um curativo. Pode me dar uma ajuda?

— Dentro ou fora? — perguntou Dawkins.

— Você entra e me entrega os sacos, certo? Tome cuidado, porque esses sacos são um bocado pesados.

— Entendido.

Dawkins entrou. O interior do carro blindado estava cheio de prateleiras, contendo inúmeros sacos com moedas, a maioria de um quarto de dólar, ao que parecia. Ele levantou um, e era mesmo tão pesado quanto o homem dissera. O guarda ajeitou a prancheta no cinto, e começou a trabalhar, levando os sacos para a plataforma de carga, onde o homem da Wells Fargo os ajeitava num carrinho de mão. Só mesmo o sargento para lhe arrumar um serviço pesado como aquele.

Yankevich encontrou-se com o tenente no portão da imprensa. Os dois se encaminharam para o furgão estranho. O tenente deu uma olhada no interior.

— Uma caixa grande, com a palavra "Sony" escrita... espere um instante. Diz que é um aparelho comercial de videoteipe.

O sargento Yankevich relatou a seu superior tudo o que Dawkins lhe contara.

— Provavelmente não é nada, mas...

— Tem razão... Mas vou procurar o cara da ABC. E chamarei o pelotão de bombas. Fique aqui, de olho no furgão.

— Tenho um pé-de-cabra no meu carro. Se quiser, posso entrar com a maior facilidade.

Todo policial sabe como arrambar um carro.

— É melhor não. Vamos deixar o pelotão de bombas cuidar disso... além do mais, provavelmente é mesmo o que parece ser. Se eles vieram substituir um aparelho quebrado... ora, é possível que o quebrado tenha sido consertado a tempo, e não precisaram mais do reserva.

— Certo, tenente.

Yankevich entrou no estádio, a fim de tomar outra xícara de café para se manter aquecido, depois tornou a sair para o ar livre, que tanto amava. O sol se punha por trás das Montanhas Rochosas, e mesmo com a temperatura tão abaixo de zero, um vento gelado soprando, sempre era um lindo espetáculo para se contemplar. O sargento da polícia passou pelos caminhões de transmissão da rede, a fim de observar a luminosa bola alaranjada mergulhar através de uma nuvem em movimento. Algumas coisas eram melhores do que o futebol americano. Depois que a última beirada do sol desapareceu atrás da cordilheira, ele virou-se, decidido a examinar outra vez a caixa dentro do furgão. Jamais chegaria a fazê-lo.

## TRÊS SACUDIDELAS

O cronômetro no lado de fora do invólucro da bomba chegou a 5:00:00, e as coisas começaram a acontecer.

Primeiro, os capacitores de alta voltagem começaram a carregar, e foram ateadas as pequenas cargas incendiárias junto dos depósitos de trítio, nas extremidades da bomba. As cargas acionaram pistões, forçando o trítio pelos estreitos tubos de metal. Um tubo levava à primária, outro à secundária. Não havia pressa aqui, e o objetivo era misturar os vários compostos de lítio-deutérico com os átomos de trítio, propensos à fusão. O tempo transcorrido foi de dez segundos.

Às 5:00:10, o cronômetro transmitiu um segundo sinal. Tempo Zero.

Os capacitores descarregaram, enviando um impulso por um fio para uma rede divisória. A extensão do primeiro fio era de cinquenta centímetros. O percurso foi concluído em um nanossegundo e dois terços. O impulso alcançou uma rede divisória, usando disjuntores de criptônio — cada um dispunha de um mecanismo pequeno e excepcionalmente rápido, usando o gás criptônio auto-ionizado e radiativo para determinar a descarga, com extraordinária precisão. Usando a compressão de pulsação para concentrar a amperagem, a rede dividiu o impulso por setenta fios diferentes, cada um dos quais tinha exatamente um metro de comprimento. Os impulsos retransmitidos precisaram de três décimos de uma sacudidela (três nanossegundos) para percorrer essa distância. Todos os fios deviam ter o mesmo comprimento porque todos os setenta blocos explosivos precisavam detonar no mesmo instante. Com os disjuntores de criptônio e pelo expediente simples de cortar cada fio com a mesma extensão, isso era fácil de se conseguir.

Os impulsos alcançaram os detonadores ao mesmo tempo. Cada bloco explosivo tinha três detonadores separados, e nenhum

deles falhou. Os detonadores eram pequenos filamentos de fio, bastante finos para que a corrente os explodisse. O impulso foi transferido para os blocos explosivos, e o processo de detonação física começou 4,4 nanossegundos depois que o sinal foi transmitido pelo cronômetro. O resultado não foi uma explosão, mas sim uma implosão, já que a força explosiva se encontrava quase toda focalizada para dentro.

Os blocos explosivos eram na verdade laminados muito sofisticados de dois materiais, cada um temperado com poeira de metais leves e pesados. A camada externa em cada bloco era um explosivo relativamente lento, com uma velocidade de detonação pouco acima de sete mil metros por segundo. A onda explosiva em cada um expandiu-se radialmente, a partir do detonador, alcançando depressa a beira do bloco. Como os blocos eram detonados de fora para dentro, a frente do choque viajou para o interior, através dos blocos. A fronteira entre os explosivos lentos e os rápidos continha bolhas — chamadas de vácuos — que começaram a alterar a onda de choque do formato esférico para o plano, focalizando-a para se ajustar com exatidão a seu alvo metálico, chamados "propulsores".

O "propulsor" em cada caso era uma peça de tungstênio-rênio moldada com todo o cuidado. Cada um deles foi atingido por uma onda de choque avançando a mais de nove mil e oitocentos metros por segundo. Dentro do tungstênio-rênio, havia uma camada de um centímetro de berílio. Além disso, havia uma espessura de um milímetro de urânio 235, que, embora fino, pesava quase tanto quanto o berílio, muito mais grosso. Toda a massa metálica se deslocava por um vácuo, e como a explosão era focalizada sobre um ponto central, a velocidade real de aproximação dos segmentos opostos da bomba foi de dezoito mil e seiscentos metros por segundo.

O alvo central dos explosivos e dos projéteis metálicos era uma massa de dez quilos de plutônio radiativo 239. Tinha o formato de um copo grande, cuja parte superior fora entortada para fora e para baixo, na direção da base, criando duas paredes de metal paralelas. Normalmente mais denso do que o chumbo, o plutônio foi

comprimido ainda mais pela pressão de um milhão de atmosferas da implosão. Isso tinha de ser feito bem depressa. A massa de plutônio 239 também incluía uma pequena mas perturbadora quantidade de plutônio 240, que era ainda menos estável e propenso à pré-ignição. As superfícies externa e interna eram unidas, e viradas na direção do centro geométrico da arma.

O ato externo final veio de um artefato chamado "zíper". Acionado pelo terceiro sinal do cronômetro eletrônico ainda intacto, o zíper era um acelerador de partículas em miniatura, um miniciclotron compacto, que tinha uma semelhança extraordinária com um secador de cabelos manual. Disparou os átomos de deutério para um alvo de berílio. Foram gerados nêutrons viajando a dez por cento da velocidade da luz em vastas quantidades, percorrendo um tubo de metal para o centro da primária, conhecido como poço. Os nêutrons deviam chegar lá no momento exato em que o plutônio alcançava a metade de sua densidade máxima.

Normalmente um material pesando mais ou menos o dobro de uma massa equivalente de chumbo, o plutônio já estava dez vezes mais denso do que isso, e ainda acelerando para dentro. O bombardeio de nêutrons entrou numa massa de plutônio ainda se comprimindo.

Fissão.

O átomo de plutônio possui um peso atômico de 239, o número combinado de nêutrons e prótons no núcleo atômico. O que começou, aconteceu em milhões de lugares literalmente ao mesmo tempo, mas cada evento era exatamente o mesmo. Um "lento" nêutron invasor passou bastante perto de um núcleo de plutônio para cair sob a Força Nuclear Intensa que mantém unidos os núcleos atômicos. O nêutron foi sugado para o centro do átomo, mudando o estado de energia do núcleo anfitrião e passando-o para um estado instável. O núcleo atômico antes simétrico começou a girar vertiginosamente e foi dilacerado pelas flutuações de força. Na maioria dos casos, um nêutron ou próton desaparece por completo, convertido em energia, de acordo com a lei de Einstein,  $E = MC$ . A energia que resultou do desaparecimento das partículas foi liberada sob a forma de radiação gama e X, ou qualquer outra das trinta e



tantas rotas menos importantes. Finalmente o núcleo atômico liberou dois ou três nêutrons adicionais. Essa era a parte importante. O processo que exigia apenas um nêutron para começar liberou dois ou três mais, cada um viajando a mais de dez por cento da velocidade da luz — trinta e dois mil quilômetros por segundo — através do espaço ocupado por uma massa de plutônio com duzentas vezes a densidade da água. A maioria das partículas atômicas recém-liberadas encontrou alvos para atingir.

Uma reação em cadeia significa simplesmente que o processo se alimenta de si mesmo, que a energia liberada é suficiente para continuar o processo sem ajuda externa. A fissão do plutônio prosseguiu em etapas conhecidas como "duplicações". A energia liberada em cada etapa era o dobro da etapa anterior, e cada etapa subsequente era dobrada. O que começou como uma trivial quantidade de energia e apenas um punhado de partículas libertas, dobrou e redobrou, os intervalos entre as etapas sendo medidos em frações de nanossegundos. O índice de crescimento — isto é, a aceleração da reação em cadeia — é chamado de "Alfa", e constitui a variável mais importante no processo de fissão. Um Alfa de 1 000 significa que o número de duplicações por microssegundo é um vasto número,  $2^{1000}$  — o número dois multiplicado por si mesmo *mil* vezes. No pique da fissão — entre  $2^{50}$  e  $2^{53}$  — a bomba estaria gerando dez trilhões de watts de força, cem mil vezes a capacidade de geração de eletricidade do mundo inteiro. Fromm projetara a bomba para fazer justamente isso... e era apenas dez por cento da carga total projetada. A secundária ainda não fora afetada. Nenhuma parte dela fora tocada pelas forças a poucos centímetros de distância.

Mas o processo de fissão mal começara.

Alguns raios gama, viajando à velocidade da luz, estavam fora do invólucro da bomba, enquanto o plutônio ainda era comprimido pelos explosivos. Até as reações nucleares levam algum tempo. Outros raios gama começaram a colidir com a secundária. A maioria dos gamas passava por uma nuvem de gás que apenas uns poucos microssegundos antes fora os blocos explosivos químicos, esquentando muito além das temperaturas que as substâncias

químicas por si só poderiam alcançar. Formada por átomos muito leves, como carbono e oxigênio, essa nuvem emitiu uma vasta quantidade de raios X "suaves", de baixa frequência. Até este ponto, o artefato funcionava exatamente como Fromm e Ghosn haviam planejado.

O processo de fissão tinha sete nanossegundos — 0,7 sacudidela — quando algo saiu errado.

A radiação do plutônio em fissão atingiu o trítio impregnado de lítio-deutérico, que ocupava o centro do poço. O motivo pelo qual Manfred Fromm deixara o trítio para o final estava em seu conservantismo como engenheiro básico. O trítio é um gás instável, com uma vida média de 12,3 anos, significando que uma quantidade de trítio puro, depois desse prazo, será composta de metade de trítio e metade de  $\text{He}^3$ . Conhecido como "hélio-três", o  $\text{He}^3$  é uma forma desse segundo dos elementos mais leves cujo núcleo carece de um nêutron extra, e anseia por outro. Ao se filtrar o gás através de um bloco fino de paládio, o  $\text{He}^3$  seria facilmente separado, mas Ghosn não sabia disso. Em consequência, mais de um quinto do trítio era o material errado. E dificilmente poderia ser um material pior.

O intenso bombardeio da reação de fissão adjacente cauterizou o composto de lítio. Normalmente um material com a metade da densidade do sal, o lítio foi comprimido a um estado metálico que superava a densidade do núcleo da Terra. O que começou, na verdade, foi uma reação de fusão, embora pequena, liberando grandes quantidades de novos nêutrons, e também convertendo muitos dos átomos de lítio em mais trítio, que se rompeu — "fundiu" — sob a pressão intensa, para liberar ainda mais nêutrons. Os nêutrons adicionais gerados deveriam invadir a massa de plutônio, aumentando o Alfa e causando pelo menos uma duplicação da carga de fissão da arma. Esse fora o primeiro método de aumentar a potência das armas nucleares da segunda geração. Mas a presença do  $\text{He}^3$  envenenou a reação, retendo quase um quarto dos nêutrons de alta energia em átomos de hélio, inutilmente estáveis.

Por vários nanossegundos mais, isso não teve importância. O plutônio ainda aumentava seu índice de reação, ainda duplicava,

ainda expandia seu Alfa, num ritmo que só podia ser expresso em termos numéricos.

A energia estava agora fluindo para a secundária. Os canudos com revestimento metálico se converteram em plasma, pressionando para dentro, sobre a secundária. A energia radiante, em quantidades não encontradas na superfície do Sol, vaporizou-se, mas também foi refletida nas superfícies elípticas, transmitindo ainda mais energia à montagem da secundária, conhecida como Holraum. O plasma dos canudos imolados foi pressionado para o interior, na direção do segundo depósito de compostos de lítio. As barbatanas do denso urânio 238, por fora do poço da secundária, também se transformaram em plasma denso, impelido para o interior pelo vácuo, depois atingindo e comprimindo o continente tubular de mais urânio 238, em torno do recipiente central, que continha a maior quantidade de lítio-deutérico/trítio. As forças eram tremendas, e a estrutura foi submetida a um grau de pressão maior do que um núcleo estelar saudável.

Mas não foi o suficiente.

A reação da primária já diminuía. Faminta de nêutrons pela presença do He venenoso, a força explosiva da bomba começou a romper a massa de reação, assim que as forças físicas alcançaram seu equilíbrio. A reação em cadeia atingiu um momento de estabilidade, finalmente incapaz de manter seu ritmo geométrico de expansão; as duas últimas duplicações da reação em cadeia se perderam por completo, e o que deveria ser uma carga total da primária de setenta mil toneladas de TNT foi reduzida pela metade, outra vez pela metade, e acabou com uma carga total de onze mil e duzentas toneladas de alto explosivo.

O projeto de Fromm fora tão perfeito quanto as circunstâncias e os materiais permitiam. Era possível uma arma equivalente com o tamanho de menos de um quarto, mas suas especificações eram mais do que adequadas. Fora planejado um fator de segurança maciço no cálculo da carga de energia. Até mesmo uma carga de trinta quilotons seria suficiente para acender a "vela de ignição" na secundária, iniciando uma "queima" de fusão máxima, mas acontece

que não alcançou trinta quilotons. Aconteceu com a bomba o que se chamava de "chabu".

Mas foi um chabu equivalente a onze mil e duzentas toneladas de TNT. Isso podia ser representado por um cubo de altos explosivos com vinte e dois metros de altura, vinte e dois de comprimento, e vinte e dois de espessura, tanto quanto podia ser carregado por quase quatrocentos caminhões, ou um navio de porte médio — mas explosivos convencionais nunca poderiam ser detonados nem de longe com aquela eficiência mortífera; na verdade, uma explosão convencional dessa magnitude é uma impossibilidade prática. Apesar de tudo isso, ainda era um chabu.

Por enquanto, nenhum efeito físico perceptível sequer deixara o invólucro da bomba, muito menos do furgão. O revestimento de aço permanecia em cada parte intacto, mas isso mudaria rapidamente. A radiação gama já escapara, junto com os raios X, mas eram invisíveis. A luz visível ainda não deixara a nuvem de plasma, que apenas três "sacudidelas" antes era quinhentos quilos de equipamentos altamente sofisticados... e, no entanto, tudo o que tinha de acontecer, já ocorrera. Só restava agora a distribuição da energia já liberada pelas leis naturais, que não conheciam nem se importavam com os propósitos de seus manipuladores.

## EFEITOS DA ARMA

O sargento Ed Yankevich deveria ser o primeiro a notar o que estava acontecendo. Seus olhos fixavam-se no furgão, ele caminhava nessa direção a menos de quinze metros de distância, mas o sistema nervoso humano funciona em milissegundos, nunca mais depressa.

A primeira radiação alcançou o policial. Eram raios gama, que são na verdade fótons, a mesma coisa de que são constituídas as ondas de luz, só que muito mais fortes. Já atacavam também o corpo do caminhão, fazendo com que a chapa de aço fluorescesse como néon. Imediatamente atrás dos gama, vieram os raios X, também compostos de fótons, mas menos ativos. A diferença se perdeu para Yankevich, que seria o primeiro a morrer. A intensa radiação foi absorvida mais depressa por seus ossos, que num instante se esquentaram para a incandescência, ao mesmo tempo em que os neurônios de seu cérebro eram excitados como se cada um se tornasse uma lâmpada. O sargento Yankevich, na verdade, foi incapaz de notar qualquer coisa. Literalmente desintegrou, explodiu de dentro, pela fração mínima de energia que seu corpo fora capaz de absorver, enquanto o resto passava por ele. Mas os raios gama e X seguiam em todas as direções possíveis, à velocidade da luz, e o efeito seguinte não fora previsto por ninguém.

Perto do furgão, cujo corpo estava agora sendo reduzido a fragmentos de metal moleculares, havia uma unidade de satélite "A" da ABC. No interior estavam várias pessoas, que não teriam tempo de saber seu destino, da mesma forma que o sargento Yankevich. O mesmo se podia dizer sobre os sofisticados e caros equipamentos elétricos no caminhão. Mas na parte posterior desse veículo, apontando para cima e para o sul, havia uma enorme antena parabólica, não muito diferente do tipo que é usado no radar. No centro dessa antena, como o estame de uma flor, ficava o guia de

onda, essencialmente um tubo de metal com um corte transversal quadrado, cujas dimensões internas eram mais ou menos do comprimento de onda do sinal que agora transmitia para um satélite, trinta e seis mil quilômetros acima do equador.

O guia de onda da unidade A, e logo depois cada um dos onze caminhões alinhados para oeste, foi atingido pelos raios gama e X. No processo, os elétrons foram explodidos dos átomos de metal — em alguns casos, os guias eram revestidos com uma camada de ouro, o que acentuava o processo — que irradiaram sua energia no mesmo instante, sob a forma de fótons. Esses fótons formaram ondas, cuja frequência era mais ou menos a dos transmissores de ligação com o satélite. Havia uma diferença: nenhum dos caminhões de ligação transmitia em mais do que mil watts de frequência de rádio, e na maioria dos casos era muito menos. A transferência de energia do guia de onda da unidade A, no entanto, liberou quase um milhão de watts de energia, em uma breve pulsação orgásmica, que terminou em menos de um microssegundo, enquanto a antena e o caminhão associado eram também vaporizados pela frente cauterizante de energia. A que desapareceu em seguida foi a unidade "B" da ABC, depois a TWI. A NHK, que transmitia o Super Bowl para o Japão, tinha o quarto caminhão na fila. Havia mais oito. Todos foram destruídos. Esse processo levou aproximadamente quinze "sacudidelas". Os satélites para os quais transmitiam se encontravam a uma longa distância. A energia levaria aproximadamente um oitavo de segundo para cobrir a distância, uma eternidade relativa.

O que emergiu em seguida da explosão — o furgão era agora parte dela — foi a energia de luz e calor. O primeiro jato de luz escapou pouco antes que a bola de fogo em expansão o bloqueasse. A segunda onda escapou logo depois, irradiando-se em todas as direções. Isso gerou a pulsação de duas fases, que é característica das detonações nucleares.

O efeito de energia seguinte foi a onda de choque. Isso era, na verdade, um efeito secundário. O ar absorveu grande parte dos raios X suaves, queimando-se numa massa opaca, que continha a radiação eletromagnética adicional, transformando-a em energia

mecânica, que se expandiu por várias vezes à velocidade do som; mas antes que essa energia tivesse uma oportunidade de danificar qualquer coisa, eventos mais distantes já estavam ocorrendo.

A ligação de vídeo primária da ABC era um cabo de fibra ótica — um cabo de terra de alta qualidade — que passava pelo caminho A, e foi cortado antes mesmo que o estádio fosse atingido. A ligação de apoio era feita através do satélite Telstar 301, enquanto a Costa do Pacífico era atendida pelo Telstar 302. A ABC usava os vínculos primários Net-1 e Net-2 em cada satélite. O Telstar 301 também era usado pela Trans World International, que tinha os direitos internacionais de transmissão concedidos pela liga para a maior parte da Europa, mais Israel e Egito. A TWI enviava o mesmo sinal de vídeo para todos os seus clientes europeus, e também oferecia condições para ligações de áudio separadas, nas várias línguas européias, o que geralmente significava mais de uma ligação de áudio por país. A Espanha, por exemplo, tinha cinco dialetos, cada um dos quais com seu próprio canal de áudio. A NHK, transmitindo para o Japão, usava tanto o satélite JISO-F2R quanto sua ligação regular em tempo integral, o Westar 4, que era possuído e operado pela Hughes Aerospace. A tevê italiana usava o Major Path 1 do satélite Teleglobe (pertencente ao conglomerado Intelsat) para transmitir imagens a seus telespectadores, mais os de Dubai e os israelenses que não gostassem da transmissão pela TWI e Telstar. O Major Path 2 da Teleglobe era reservado para servir à maior parte da América do Sul. Também presentes, direto no estádio ou a uma curta distância, estavam a CNN, a divisão de jornalismo da própria ABC, a divisão de jornalismo da CBS, e a ESPN. As emissoras locais de Denver tinham seus próprios caminhões de satélite ali, seu uso em geral alugado para outras emissoras.

Havia um total de trinta e sete caminhões de ligação ativa com satélite, usando transmissores de microondas ou faixa-Ku, gerando um total de quarenta e oito sinais ativos de vídeo, e cento e sessenta e oito sinais ativos de áudio, todos atendendo a mais de um bilhão de fãs esportivos, em setenta e um países, quando se desencadeou o fluxo de raios gama e X. Na maioria dos casos, o impacto gerou um sinal nos guias de onda, mas em seis caminhões

os próprios tubos foram iluminados primeiro, e irradiaram uma gigantesca pulsação exatamente nas frequências apropriadas. Até isso, porém, era irrelevante, As ressonâncias e outras irregularidades inconseqüentes dentro dos guias de onda significavam que amplos segmentos das frequências de satélite foram ocupadas por piques de ruído. Todos os satélites de comunicações orbitando sobre o Hemisfério Ocidental, à exceção de dois, estavam sendo usados pelas equipes de tevê em Denver. O que aconteceu com eles pode ser explicado de maneira simples. Suas antenas sensíveis eram projetadas para receber bilionésimos de watts. Em vez disso, foram subitamente bombardeadas entre mil e dez mil vezes mais do que isso, através de numerosos canais separados. Esse impulso provocou uma sobrecarga em igual número de amplificadores, dentro dos satélites. O *software* de computador controlando os satélites registrou isso, e começou a ativar interruptores de isolamento, a fim de proteger os equipamentos sensíveis do pique. Se o incidente afetasse apenas um desses receptores, o serviço seria restaurado imediatamente e nada mais teria acontecido, mas os satélites comerciais de comunicações são artefatos de alto custo, exigindo centenas de milhões de dólares para a construção e mais outras centenas de milhões para lançamento em órbita. Quando mais cinco receptores registraram piques, o software automaticamente começou a fechar os circuitos, a fim de evitar possíveis danos mais graves a todo o satélite. Quando vinte ou mais foram afetados, o software deu o passo adicional de desativar todos os circuitos, e em seguida transmitiu um sinal de emergência para sua estação de comando no solo, informando que algo muito grave acabara de ocorrer. O software de segurança em todos os satélites era constituído por variações de um único e cauteloso programa, projetado para salvaguardar bilhões de dólares em equipamentos quase insubstituíveis. Numa fração de tempo, uma parcela considerável das comunicações por satélite no mundo deixou de existir. Todos os sistemas de comunicações e a televisão a cabo foram interrompidos, antes mesmo que os técnicos que controlavam suas operações soubessem que algo desastroso ocorrera.



Pete Dawkins estava descansando por um momento. Pensava que protegia o carro blindado. O homem da Wells Fargo entregava naquele momento mais algumas dezenas de quilos de moedas de vinte e cinco centavos, e o guarda sentara dentro do carro, encostado nas prateleiras cheias de sacos com moedas, escutando seu rádio. Os Chargers se organizavam para uma nova investida na linha de quarenta e sete jardas dos Vikings. Nesse momento, o céu escurecendo lá fora tornou-se de um amarelo incandescente, depois vermelho — não o vermelho suave de um pôr-do-sol, mas um violeta intenso, que era muito mais brilhante do que essa cor poderia ser. Sua mente mal teve tempo de registrar o fato quando foi invadida por um milhão de outras coisas, tudo ao mesmo tempo. A terra se ergueu por baixo dele. O carro blindado foi jogado para cima e para o lado, como um brinquedo chutado por uma criança. A porta traseira foi fechada, como se atingida por um canhão. O corpo do carro resguardou-o da onda de choque... assim como a massa do estádio, embora Dawkins não tivesse tempo para compreender isso. Mesmo assim, ele foi quase ofuscado pelo clarão que o alcançou, e ensurdecido pela onda de superpressão que passou, como a mão de um gigante a esmagá-lo. Se Dawkins estivesse menos desorientado, poderia pensar em terremoto, mas nem mesmo essa idéia lhe ocorreu. Só a sobrevivência prevaleceu. O ruído ainda não cessara, nem o tremor, quando ele compreendeu que se encontrava preso dentro de um veículo cujo tanque podia conter até cinquenta galões de gasolina. Ele piscou os olhos para desanuviá-los, começou a rastejar para sair pelo pára-brisas espatifado, na direção do ponto mais claro que podia avistar. Não notou que os dorsos de suas mãos pareciam piores do que qualquer queimadura de sol que já sofrera. Não percebeu que não podia ouvir coisa alguma. Tudo o que lhe importava, naquele momento, era sair para a luz.

Nos arredores de Moscou, numa casamata sob sessenta metros de concreto, fica o quartel-general de Voyska PVO, o serviço soviético de defesa aérea. Uma instalação nova, fora projetada de maneira muito parecida com suas equivalentes ocidentais, na forma de um anfiteatro, já que essa configuração permitia que um número

máximo de pessoas visse os dados exibidos na parede grande, que apareciam nos mapas necessários para o cumprimento de seus deveres. Eram 03:00:13, horário local, de acordo com o relógio digital por cima das telas, 00:00:13 Tempo Zulu (Meridiano de Greenwich), 19:00:13 em Washington, D.C.

O chefe do plantão era o general Ivan Grigoriyevich Kuropatkin, um ex-piloto de caça — ele diria "atual" — agora com cinqüenta e um anos. Fazia o plantão no sistema normal de rotação. Como general, poderia ter optado por um horário mais conveniente, mas a nova organização militar soviética devia ser baseada no profissionalismo, e os oficiais profissionais, em sua opinião, tinham de dar o exemplo. Ao seu redor, estava a equipe de batalha habitual, composta por coronéis, majores, e mais um sortimento de capitães e tenentes, para as funções subalternas.

A função de Voyska PVO era alertar a União Soviética contra qualquer ataque. Na era dos mísseis e na ausência de uma defesa efetiva contra os mísseis balísticos — os dois lados ainda trabalhavam nisso —, seu dever era mais alertar do que defender. Kuropatkin não gostava disso, mas também não podia mudar esse fato. Em órbita geossíncrona sobre a costa do Peru havia dois satélites, chamados Águia I e II, cuja missão era vigiar os Estados Unidos e avistar um lançamento de míssil, assim que saísse do silo. Os mesmos satélites podiam também indicar um lançamento de SLBM do golfo do Alasca, embora a cobertura de um ponto tão ao norte dependesse do tempo, que no momento era o pior possível. A visualização dos satélites em órbita encontrava-se no espectro infravermelho, medindo principalmente o calor. A imagem era apresentada como a câmera a percebia, sem linhas de definição ou outros dados gerados por computador, que na opinião dos projetistas russos só serviam para atravancar a tela, sem necessidade. Kuropatkin não estava olhando para a tela, mas sim para um oficial subalterno, que efetuava algum cálculo, quando algo atraiu sua atenção. Ele desviou o olhar automaticamente, sem pensamento consciente, e levou um segundo para compreender o motivo. Havia um ponto branco no centro da tela.

— *Nichevo...* — Ele descartou no mesmo instante essa possibilidade, e ordenou: — Isole e aproxime.

O coronel que operava os controles, sentado ao seu lado, já fazia isso.

— Região central dos Estados Unidos, general. Assinatura térmica dupla, uma provável detonação nuclear — informou o coronel, mecanicamente, o julgamento profissional prevalecendo sobre a negativa intelectual.

— Coordenadas.

— Trabalhando nisso, general.

A distância do centro para o satélite acarretava algum atraso. Quando a lente telescópica do satélite começou a se movimentar, a assinatura térmica da bola de fogo já se expandia rapidamente. A impressão imediata de Kuropatkin foi a de que não podia ser um equívoco; e por mais quente que fosse a imagem, o que se materializou em seu estômago foi um punho de gelo.

— Centro dos Estados Unidos, parece a cidade de *Densva*.

— Denver? Mas o que tem em Denver? — indagou Kuropatkin.  
— Descubra.

— Pois não, general.

Kuropatkin já estendia a mão para o telefone. Era uma linha direta com o Ministério da Defesa, e também com a residência do presidente soviético. Ele falou depressa, mas com bastante clareza:

— Atenção: aqui é o general Kuropatkin, no centro PVO de Moscou. Acabamos de registrar uma detonação nuclear nos Estados Unidos. Repito: acabamos de registrar uma detonação nuclear nos Estados Unidos.

Uma voz na linha praguejou. Devia ser o oficial de plantão do presidente Narmonov. A outra voz, no Ministério da Defesa, foi mais controlada:

— Até que ponto pode ter certeza?

— Assinatura térmica dupla — respondeu Kuropatkin, espantado com a própria frieza. — Estou observando agora a expansão da bola de fogo. E mesmo um evento nuclear. Liguei para dar mais informações assim que as obtiver... o que é?

O major a quem Kuropatkin dirigiu a pergunta explicou:

— General, Águia II recebeu um pique de energia, quatro das ligações de SHF foram interrompidas momentaneamente, e outra desapareceu por completo.

— Como isso aconteceu?

— Não sei.

— Descubra.

A imagem apagou no momento em que San Diego se preparava para uma investida na linha de quarenta e sete jardas. Fowler terminou de tomar a quarta cerveja da tarde e largou o copo, irritado. Maldito pessoal de tevê!

Alguém provavelmente tropeçara num plugue, e com isso ele perdia uma jogada ou duas, no que parecia um jogo sensacional.

Devia ter ido ao estádio, apesar dos protestos do Serviço Secreto. Ele virou o rosto para ver o que Elizabeth assistia, mas a outra tela também apagara. Um dos fuzileiros teria cortado o cabo com o limpa-neve? Era muito difícil arrumar bons servidores, lamentou o presidente. Não, não fora isso o que acontecera. A filiada da ABC — o Canal 13 de Baltimore, WJZ — apresentou o gráfico de "Dificuldade na Rede — Aguarde, por Favor", enquanto o canal de Elizabeth só emitia agora ruídos. Era muito estranho. Como qualquer homem que costuma assistir televisão, Fowler pegou o controle remoto e mudou os canais. A CNN estava fora do ar também, mas as emissoras locais de Baltimore e Washington não estavam. Ele já começara a especular o que isso podia significar quando ouviu a campainha de um telefone. Era um som estridente, de um dos quatro aparelhos que ficavam na prateleira inferior da mesinha de café, na frente de seu sofá. Ele estendeu a mão para atender, antes de compreender que aparelho era, e esse atraso na percepção lhe provocou um calafrio. Era o telefone vermelho, do Comando da Defesa Aeroespacial Norte-Americano, o Norad, na montanha Cheyenne, Colorado.

— Aqui é o presidente — disse Fowler, numa voz ríspida, subitamente assustado.

— Senhor presidente, aqui é o general Joe Borstein. Estou no comando do plantão no Norad. Senhor, acabamos de registrar uma

detonação nuclear na região central dos Estados Unidos.

— O quê? — disse o presidente, depois de uma pausa de dois ou três segundos.

— Senhor, houve uma explosão nuclear. Estamos verificando o local exato, mas parece que foi na área de Denver.

— Tem certeza? — indagou o presidente, fazendo um esforço para manter a calma.

— Estamos conferindo nossos instrumentos agora, senhor, mas temos certeza. Não sabemos o que aconteceu, como foi possível, mas houve uma explosão nuclear. Recomendo que se retire imediatamente para um lugar seguro, enquanto tentamos determinar o que aconteceu.

Fowler levantou os olhos. A imagem não se alterara em nenhuma tela de tevê, e agora campainhas de alarme soavam por todo o conjunto presidencial.

A base da força aérea em Offutt, nos arredores de Omaha, Nebraska, fora outrora conhecida como forte Crook. O antigo posto de cavalaria tinha um esplêndido conjunto, embora anacrônico, de casas de tijolos vermelhos para seus oficiais mais graduados, com estábulos atrás para os cavalos de que não mais precisavam, e na frente uma área plana de exercícios, com tamanho suficiente para manobras de um regimento de cavalaria. A cerca de um quilômetro e meio dali, ficava o quartel-general do comando aéreo estratégico, o SAC, um prédio muito mais moderno, tendo na frente sua própria antigüidade, uma Fortaleza Voadora B-17, da Segunda Guerra Mundial. Também fora do prédio, mas abaixo da superfície, situava-se o novo posto de comando concluído em 1989. Uma sala ampla, que fora construída, gracejavam os gozadores locais, porque a versão de Hollywood de tais centros era melhor que a instalação original, o que levava a força aérea a alterar sua realidade, a fim de ajustá-la à imagem da ficção.

O general Chuck Timmons, subchefe do estado-maior (operações), aproveitara a oportunidade para cumprir seu plantão ali, em vez de permanecer em seu gabinete lá em cima, e assistia ao Super Bowl em uma das oito enormes telas de tevê, mas em duas

das outras havia imagens de tempo real do programa de satélites da defesa, e ele percebeu o duplo clarão em Denver ao mesmo tempo que todos os outros. Timmons largou o lápis com que trabalhava. Por trás de sua área de estado-maior de combate, havia diversas salas envidraçadas, em dois níveis, que abrigavam cerca de cinqüenta pessoas de apoio, mantendo o SAC em operação vinte e quatro horas por dia. Timmons levantou seu fone e apertou o botão para o oficial de informações.

— Estou vendo, senhor.

— Possível equívoco?

— Negativo, senhor. Os circuitos de teste garantem que o pássaro continua em perfeitas condições.

— Mantenha-me informado. — Timmons virou-se para seu assistente. — Chame o Chefe para cá. Alerta todo mundo. Quero uma equipe de ação de emergência e um estado-maior de batalha completo... e quero agora!

Ele fez uma pausa, antes de acrescentar para seu oficial de operações:

— Avise Espelho imediatamente! Quero as esquadrilhas prontas para a decolagem, e quero um alerta imediato transmitido a todos!

Numa sala envidraçada, por trás do general e um pouco à esquerda, um sargento apertou alguns botões. O SAC há muito que deixara de manter aviões no ar vinte e quatro horas por dia, mas trinta por cento de seus aviões ainda mantinham um estado de alerta permanente. A ordem para alertar as esquadrilhas foi enviada por terra, usando uma voz gerada por computador, porque se chegara à conclusão de que um ser humano podia ficar excitado e engrolar as palavras. A transmissão das ordens levou cerca de vinte segundos, e os oficiais de operações nas esquadrilhas alertadas entraram em ação no mesmo instante.

No momento, havia dois grupos de esquadrilhas em estado de alerta, o 416º na base Griffiss da força aérea, em Rome, estado de Nova York, que usava o B-52, e o 384º, que usava o B-1B, decolando da base McConnell da força aérea, não muito distante, no Kansas. Na segunda, os tripulantes nas salas de prontidão, quase todos assistindo também ao Super Bowl, saíram correndo pelas

portas, a fim de embarcarem nos veículos à espera, que os levariam aos aviões. O primeiro homem de cada tripulação de quatro acionou o botão de ligação de emergência no nariz do aparelho, depois correu na direção da popa, a fim de subir pela escada de acesso ao avião. Antes mesmo dos tripulantes se encontrarem em seus postos, com o cinto de segurança afivelado, os motores já funcionavam. As equipes do solo removeram as travas de segurança de bandeira vermelha. Sentinelas armados com rifles afastaram-se dos aviões, apontando suas armas para o perímetro externo a fim de enfrentar qualquer possível ameaça. Até aquele momento, ninguém sabia que se tratava de algo mais que um exercício num momento inoportuno. Em McConnell, o primeiro avião a se deslocar foi o B-1B do comandante do grupo de esquadrilhas. Um homem atlético, de quarenta e cinco anos o coronel contava também com a vantagem de ter seu avião estacionado mais perto do centro de alerta. Assim que todos os quatro motores operavam a toda potência e o caminho ficou limpo, ele soltou os freios e começou a taxiar para a extremidade da pista. Isso levou dois minutos, e ele recebeu a ordem de aguardar quando chegou lá.

Em Offutt, o alerta KC-135 não teve tais restrições. Chamado "Espelho", o Boeing 707 convertido — e com vinte e cinco anos de fabricação — levava a bordo um oficial general e um estado-maior de batalha completo, embora reduzido. Decolou para a escuridão que se adensava. Os rádios e ligações de comando a bordo entraram em funcionamento, sem que o general no comando soubesse o que estava acontecendo. Por trás dele, no solo, mais três aparelhos idênticos se preparavam para alçar vôo.

— Qual é o problema, Chuck? — perguntou o comandante do SAC, entrando na sala, em roupas informais, os sapatos ainda desamarrados.

— Uma detonação nuclear em Denver, assim como alguns problemas nas ligações com os satélites de comunicações, o que acabamos de descobrir. Posicionei o avião de alerta. Espelho acaba de decolar. Ainda não sabemos o que aconteceu, mas Denver explodiu.

— Ponha todos no ar — ordenou o comandante do SAC.

Timmons gesticulou para um oficial de comunicações, que transmitiu a ordem. Vinte segundos depois, o primeiro B-1B disparava pela pista em McConnell.

Não era um momento para etiquetas. Um capitão dos fuzileiros abriu a porta da cabana do presidente, e entregou dois *parkas* brancos a Fowler e Elliot, antes mesmo que o primeiro agente do Serviço Secreto aparecesse.

— Vista agora, senhor! — recomendou ele. — O helicóptero ainda está quebrado, senhor.

— Para onde?

Pete Connor chegou com o casaco ainda desabotoado, a tempo de ouvir o que dissera o fuzileiro.

— Para o posto de comando, a menos que decida diferente. O helicóptero está quebrado. — Ele tornou a olhar para o presidente, e quase gritou: — Vamos embora, senhor!

— Bob! — exclamou Elliot, alarmada.

Ela não sabia o que o presidente ouvira pelo telefone, mas podia ver que ele ficara pálido e nauseado. Os dois vestiram os *parkas* e saíram. Viram que um pelotão completo de fuzileiros tomara posição, os homens estendidos na neve, os rifles carregados apontados para o perímetro. Mais seis montavam guarda em torno do helicóptero, que tinha o motor ligado, em ponto neutro.

Na base aeronaval de Anacostia, em Washington, a tripulação do Fuzileiro Dois — não seria o Fuzileiro Um até que o presidente embarcasse — levantou vôo em meio a uma assustadora nuvem de neve, mas em poucos segundos o aparelho se elevou acima do efeito solo, e eles passaram a ter uma relativa visibilidade. O piloto, um major, virou o helicóptero para noroeste, especulando sobre o que estaria acontecendo. As únicas pessoas que sabiam de alguma coisa, também sabiam que não sabiam de muita coisa. Por alguns minutos, isso não teria importância. Como acontece em qualquer organização, as reações a uma súbita emergência eram planejadas com antecedência, e haviam sido bem ensaiadas, para que tudo



corresse direito e atenuasse o pânico que poderia derivar da indecisão combinada com o perigo.

— O que está acontecendo em Denver que eu preciso saber? — indagou o general Kuropatkin, em seu centro de comando subterrâneo, nos arredores de Moscou.

— Nada, ao que eu saiba — respondeu o oficial de informações, com toda a honestidade.

*O que é uma grande ajuda*, pensou o general. Ele pegou o fone da linha direta com o serviço militar de informações soviético, o GRU.

— Centro de Operações e Vigilância — disse uma voz.

— Aqui é o general Kuropatkin, do PVO de Moscou.

— Já sei o motivo de sua ligação — garantiu o coronel do GRU.

— O que está acontecendo em Denver? Há ali algum depósito de armas nucleares, ou algo parecido?

— Não, general. O arsenal das Montanhas Rochosas fica próximo. É um centro de armas químicas, em processo de desativação. Está sendo convertido num quartel para a reserva do exército americano... eles a chamam de Guarda Nacional... com tanques e equipamentos mecanizados. Nos arredores de Denver, há Rocky Flats. Fabricavam componentes de armas ali, mas...

— Onde exatamente? — perguntou Kuropatkin.

— A noroeste da cidade. Creio que a explosão foi na parte meridional de Denver, general.

— Correto. Continue.

— Rocky Flats também se encontra em processo de desativação. Que seja do nosso conhecimento, não há mais componentes de armas ali.

— Eles transportam armas por lá? *Preciso saber de alguma coisa!* O general finalmente começava a ficar nervoso.

— Não tenho mais nada a dizer. Também estamos no escuro. Talvez o KGB saiba de alguma coisa, mas nós não sabemos.

Não se podia fuzilar um homem por sua honestidade, Kuropatkin sabia. Ele fez uma ligação por outra linha. Como a

maioria dos soldados profissionais, Kuropatkin não gostava de espiões, mas aquela ligação era indispensável.

— Segurança do Estado, centro de comando — disse uma voz de homem.

— Departamento americano, o oficial de plantão.

— Aguarde um momento.

Houve os estalidos habituais na linha, e logo uma voz de mulher atendeu:

— Departamento americano.

— Aqui é o general Kuropatkin, do PVO de Moscou. Preciso saber o que está acontecendo na cidade de Denver, na região central dos Estados Unidos.

— Muito pouco, eu creio. Denver é uma cidade grande, e um importante centro administrativo do governo americano, o segundo maior depois de Washington, na verdade. E o final da tarde de domingo ali, e muito pouco deve estar acontecendo. — Kuropatkin pôde ouvir a mulher virando páginas. — Ah, sim...

— O que é?

— A partida final do campeonato de futebol americano. Está sendo disputada no novo estádio de Denver, uma estrutura coberta, se não me engano.

Kuropatkin fez um esforço para não xingar a mulher por essa irrelevância.

— Não é *disso* que estou precisando. Há agitação civil, qualquer distúrbio ou problema neste momento? Um arsenal qualquer, uma base secreta que eu não conheça?

— General, tudo o que temos está à sua disposição. Qual a natureza de sua investigação?

— Houve uma explosão nuclear lá.

— Em Denver?

— Isso *mesmo!*

— Onde exatamente? — perguntou a mulher, mais controlada do que o general.

— Espere um instante. — Kuropatkin virou-se. — Preciso as coordenadas da explosão, e preciso agora!

— Trinta e nove graus e quarenta minutos latitude norte, cento e cinco graus e seis minutos longitude oeste. Esses números são aproximados — acrescentou o tenente na mesa de recepção do satélite. — Nossa definição não é muito boa no espectro infravermelho, general.

Kuropatkin repetiu os dados, e a mulher disse:

— Espere um momento. Preciso pegar um mapa.

Andrei Il'ych Narmonov estava dormindo. Eram três e dez da madrugada em Moscou. O telefone despertou-o, e um instante depois a porta de seu quarto foi aberta. Narmonov quase entrou em pânico ao segundo evento. Ninguém jamais entrava em seu quarto sem permissão. Era o major Pavel Khrulev, do KGB, o subchefe do destacamento de segurança pessoal do presidente.

— Presidente, há uma emergência.

— Qual é o problema, Pasha?

— Houve uma explosão nuclear na América.

— O quê... quem?

— Isso é tudo o que sabemos. Devemos ir imediatamente para o centro de comando. O carro está esperando. Não perca tempo em se vestir.

Khrulev entregou-lhe um roupão.

Ryan apagou o cigarro, ainda irritado com o aviso de "Dificuldade Técnica — Aguarde, por Favor", que o impedia de assistir ao jogo. Goodley entrou na sala com duas latas de Coca. O jantar já fora encomendado.

— Qual é o problema? — perguntou Goodley.

— A imagem apagou.

Ryan pegou sua Coca e abriu-a.

No quartel-general do SAC, uma tenente-coronel, na extrema esquerda da terceira fila de postos de batalha, consultou o índice de controle de tevê. A sala tinha oito telas de tevê, dispostas em duas fileiras horizontais, quatro em cada uma. Podia-se sintonizar mais de cinquenta imagens individuais, e a mulher era uma oficial de

informações, cujo primeiro instinto foi o de verificar os canais noticiosos. Uma rápida manipulação do controle indicou que estavam fora do ar tanto a CNN quanto a sua subsidiária, a CNN Headline News. O sistema também permitia o acesso a outros canais de cabo, e ela passou a verificá-los. A HBO estava fora do ar. A ESPN estava fora do ar. Ela consultou seu índice, e concluiu que pelo menos quatro satélites não estavam funcionando. A esta altura, ela levantou e aproximou-se do comandante do SAC.

— Senhor, algo muito estranho está acontecendo.

— O que é? — indagou o comandante, sem se virar.

— Pelo menos quatro satélites comerciais não funcionam. Isso inclui um Telstar, um Intelsat e um pássaro da Hughes. Todos fora do ar.

Esse aviso fez o comandante do SAC voltar-se.

— O que mais pode me dizer?

— Senhor, o Norad informa que a explosão foi na área metropolitana de Denver, muito próxima do Skydome, onde se jogava o Super Bowl. O secretário de Estado e o secretário de Defesa assistiam ao jogo, senhor.

— Santo Deus, é isso mesmo!

Na base de Andrews da força aérea, o Posto de Comando Aéreo de Emergência Nacional — PCAEN — assumiu posição na rampa, com dois dos quatro motores funcionando, esperando que alguém chegasse para que a tripulação pudesse decolar.

O comandante Jim Rosselli se encontrava de serviço há apenas uma hora quando o pesadelo começou. Ele sentou na sala de administração de crise, desejando que um almirante estivesse presente. O que não aconteceria. Enquanto sempre havia um general ou almirante em plantão permanente no centro nacional de comando militar, o degelo entre Leste e Oeste e a redução do Pentágono determinaram que um oficial general ficaria sempre disponível, mas o trabalho administrativo cotidiano seria conduzido por comandantes e coronéis. Poderia ser pior, pensou Rosselli. Pelo

menos ele sabia que tinha uma porção de armas nucleares à sua disposição.

— Mas que merda está acontecendo? — indagou o tenente-coronel Richard Barnes à parede, pois sabia que Rosselli não tinha a menor idéia.

— Rocky, podemos deixar isso para outra ocasião? — pediu Rosselli, calmamente.

Sua voz mantinha um controle absoluto. Nunca se poderia imaginar, de olhar ou escutar o comandante, que ele se sentia nervoso, mas as mãos do ex-comandante de submarino estavam tão suadas que criaram, ao serem esfregadas na calça, uma mancha úmida, disfarçada pelo tecido azul-marinho.

— Está bem, Jim.

— Ligue para o general Wilkes, vamos trazê-lo para cá.

— Certo.

Barnes apertou um botão no telefone seguro, ligando para o general Paul Wilkes, um ex-piloto de bombardeiro que morava na área residencial da base de Bolling da força aérea, em frente ao aeroporto nacional, no outro lado do Potomac.

— Alô? — disse Wilkes, em tom ríspido.

— Barnes falando, senhor. Precisamos de sua presença no posto de comando imediatamente.

Era tudo o que o coronel precisava dizer. "Imediatamente" é uma palavra que possui um significado especial para um aviador.

— A caminho. — Wilkes desligou e murmurou para si mesmo: — Graças a Deus pelo carro de tração nas quatro rodas.

Ele vestiu um *parka* de inverno verde-oliva, e saiu pela porta sem se preocupar em calçar botas grossas. Seu carro pessoal era um Toyota Land Cruiser, que ele gostava de guiar pelos campos. Pegou no mesmo instante, e ele saiu de marcha à ré, avançando com dificuldade pelas ruas ainda cobertas de neve.

A sala presidencial de crise em Camp David era um resquício anacrônico dos velhos tempos difíceis, ou pelo menos Bob Fowler assim pensara, ao vê-la pela primeira vez, mais de um ano antes. Construída durante a administração Eisenhower, fora projetada para

resistir a um ataque nuclear, numa época em que a precisão de um míssil era medida em quilômetros, em vez de metros. Escavada no granito das montanhas Catoclin, na região ocidental de Maryland, tinha uma sólida proteção de vinte metros por cima, e até cerca de 1975 fora um abrigo dos mais seguros, de sobrevivência garantida. Com cerca de dez metros de largura e doze de comprimento, com um pé-direito de três metros, era guarnecida por doze pessoas, quase todos técnicos em comunicações da marinha, sendo que seis eram praças. O equipamento não era tão moderno quanto o que havia no PCAEN, ou em algumas outras instalações que o presidente poderia usar. Ele sentou diante de um painel, cuja configuração parecia com a Nasa na década de 1960. Havia até um cinzeiro embutido no tampo da mesa. A sua frente, havia diversas telas de televisão. A cadeira era confortável, embora a situação não o fosse. Elizabeth Elliot ocupou a cadeira ao seu lado.

— Muito bem — disse o presidente J. Robert Fowler —, o que está acontecendo afinal?

Ele constatou que o oficial no comando ali era um capitão-de-corveta da marinha. O que não era muito promissor.

— Senhor, seu helicóptero está retido, com um problema mecânico. Um segundo helicóptero dos fuzileiros já se encontra a caminho, a fim de levá-lo ao PCAEN. Temos os comandantes do SAC e Norad na linha. Estes botões aqui oferecem uma linha direta para todos os principais comandos.

O capitão-de-corveta referia-se aos comandantes-em-chefe dos mais importantes comandos das forças armadas, os Cincs: o comandante-chefe do Atlântico era o almirante Joshua Parker, da marinha americana; havia também o comandante-em-chefe das forças na área do Pacífico, os dois postos tradicionalmente reservados à marinha. O comandante-em-chefe do sul era baseado no Panamá, o comandante-chefe das forças no Oriente Médio ficava em Bahrain, e o comandante-em-chefe de todas as forças ficava no forte McPherson, em Atlanta, Geórgia. Esses três postos eram tradicionalmente ocupados pelo exército. Havia outros ainda, incluindo o supremo comandante aliado na Europa, o principal oficial militar da Otan, que no momento era um general de quatro estrelas

da força aérea. Pelo sistema existente de comando, os chefes de cada serviço não tinham uma autoridade de comando real. Em vez disso, assessoravam o secretário de Defesa, que por sua vez aconselhava o presidente. As ordens presidenciais eram transmitidas do presidente através do secretário de Defesa, diretamente para os comandantes-em-chefe.

Mas o secretário de Defesa...

Fowler olhou para o botão com a indicação de Norad e apertou-o.

— Aqui é o presidente. Estou em meu centro de comunicações em Camp David.

— Senhor presidente, aqui ainda é o general Borstein. O Cinc-Norad não se encontra aqui no momento, senhor. Foi a Denver, para assistir ao Super Bowl. Senhor presidente, é meu dever comunicar que nossos instrumentos situam a detonação dentro ou bem próximo do estádio Skydome, em Denver. Parece provável que os secretários Bunker e Talbot estejam mortos, assim como o Cinc-Norad.

— Certo.

Não havia emoção na voz de Fowler. Ele já chegara àquela conclusão.

— O subcomandante do Norad está viajando neste momento. Serei o oficial mais graduado do Norad por algumas horas, até que alguém mais graduado consiga voltar.

— Muito bem. Agora: que diabo está acontecendo?

— Não sabemos, senhor. A detonação não foi precedida por nenhuma anormalidade. Não houve... repito, senhor, não houve nenhum míssil rastreado antes da explosão. Tentamos entrar em contato com os controladores de tráfego aéreo no aeroporto internacional de Stapleton, a fim de pedir para verificarem suas fitas de radar para um possível veículo aéreo de lançamento da arma. Não registramos a aproximação de coisa alguma, em nenhuma de nossas telas.

— Teriam registrado a aproximação de um avião?

— Não necessariamente, senhor — respondeu o general Borstein.

— É um bom sistema, mas há meios de evitá-lo, em particular se for usado um único avião. De qualquer forma, senhor presidente, há algumas coisas que precisamos fazer imediatamente. Podemos falar a respeito por um momento?

— Claro.

— Senhor, com a minha autoridade de comando de Cinc-Norad em exercício, pus todo o meu comando em Alerta Um. Como sabe, o Norad tem essa autoridade, assim como também tem a autoridade para lançamentos nucleares, apenas com propósitos defensivos.

— Não vai lançar nenhuma arma nuclear sem a minha autorização — disse Fowler, incisivo.

— Senhor, as únicas armas nucleares que temos em nosso estoque estão guardadas — respondeu Borstein, a voz extraordinariamente mecânica, na opinião das pessoas de uniforme que o escutavam. — Proponho que iniciemos uma conferência com o Cinc-SAC.

— Certo — concordou Fowler.

A ligação foi efetuada no mesmo instante.

— Senhor presidente, aqui é o Cinc-SAC — anunciou o general Peter Fremont, da força aérea, em tom profissional.

— O que está acontecendo?

— Senhor, não sabemos, mas há algumas coisas que devem ser feitas imediatamente.

— Continue.

— Senhor, recomendo que todas as nossas forças estratégicas sejam colocadas de imediato no mais alto nível de alerta. Recomendo o Alerta Dois. Se estamos sofrendo um ataque nuclear, devemos posicionar nossas forças na prontidão máxima. Isso nos permitirá reagir a um ataque com o maior efeito possível. Pode também ter o efeito de dissuadir quem quer que tenha provocado essa explosão, levando-o a mudar de idéia em suas intenções. Se me permite acrescentar algo, senhor, devemos também aumentar a prontidão geral. Se não por outro motivo, a disponibilidade de unidades militares pode ser muito útil para prestar ajuda e reduzir o possível pânico civil. Recomendo o Alerta Três para as forças convencionais.



— É melhor fazer isso seletivamente, Robert — disse Liz Elliot.

— Eu ouvi... quem está falando? — indagou Borstein.

— Aqui é a assessora de segurança nacional — respondeu Liz, a voz alta demais.

Ela estava tão pálida quanto a blusa de seda branca. Fowler ainda mantinha o controle. Elliot se esforçava para manter também.

— Não nos conhecemos, doutora Elliot. Infelizmente, nosso sistema de comando e controle não nos permite fazer isso seletivamente... pelo menos não muito depressa. Transmitindo o alerta agora, no entanto, podemos ativar todas as unidades, depois selecionar as unidades de que precisamos, que já estarão de prontidão. Com isso, ganharemos no mínimo uma hora. E a minha recomendação.

— Concordo — acrescentou o general Fremont.

— Muito bem, façam isso — autorizou Fowler.

Parecia o mais sensato.

As comunicações foram efetuadas por canais separados. O comandante do SAC cuidou das forças estratégicas. A primeira mensagem de ação de emergência usou a mesma voz robótica que já alertara os grupos de esquadrilhas do SAC. As bases de bombardeiros já sabiam que se encontravam em alerta, mas o comunicado de Alerta Dois tornou tudo oficial e mais sinistro. Cabos de terra de fibra ótica transmitiram um aviso similar ao sistema de rádio de frequência extremamente baixa da marinha, localizado na região da Península Superior de Michigan. Esse sinal teve de ser transmitido por Morse mecânico. A natureza desse sistema de rádio só lhe permitia transmitir os sinais muito devagar, mais ou menos como a velocidade de um datilógrafo noviço, e funcionava como uma deixa, avisando aos submarinos que aflorassem à superfície, para uma mensagem mais detalhada, que seria enviada através de rádio ligado por satélites.

Em King's Bay, na Geórgia; Charleston, na Carolina do Sul; Groton, em Connecticut, e em três outras localidades no Pacífico, os sinais por cabos de terra e satélite foram recebidos pelos oficiais de plantão das flotilhas de submarinos de mísseis, a maioria a bordo de

um submarino tender. Dos trinta e seis submarinos de mísseis americanos em serviço no momento, dezenove se encontravam no mar, em "patrulha de dissuasão", como se dizia. Dois estavam em revisão no estaleiro, indisponíveis. Os demais se encontravam ligados a tênderes, à exceção do *Ohio*, atracado em Bangor. Todos tinham tripulações reduzidas, e nenhum tinha seu comandante a bordo, ao final daquela tarde de domingo. O que não tinha importância. Todos os submarinos de mísseis contavam com duas tripulações, e em qualquer caso um dos dois comandantes sempre se mantinha a uma distância máxima de trinta minutos de seu comando. Todos carregavam *bips*, que soaram quase que no mesmo instante. As tripulações de plantão a bordo de cada submarino iniciaram os preparativos para uma saída imediata. O oficial de plantão em cada submarino passara por um teste rigoroso, exigido para que um submarinista pudesse ser considerado como "qualificado para o comando". As ordens operacionais eram claras: quando aquele tipo de alerta era transmitido, deviam sair para o mar o mais depressa possível. A maioria pensou que era um exercício, mas os exercícios para as forças estratégicas eram sempre uma coisa séria. Já havia rebocadores ligando seus diesels para afastar os submarinos de mísseis dos tênderes. As turmas no convés recolhiam os cabos de segurança, enquanto os homens nos tênderes desciam pelas escadas. A bordo, oficiais e assistentes verificavam quem se encontrava no barco. A verdade é que aqueles navios de guerra, como acontece com todos os outros, tinham um excesso de tripulação. Podiam muito bem navegar e operar com a metade da tripulação normal, se fosse necessário. O Alerta Dois significava que tinham de fazer isso.

O comandante Rosselli e o estado-maior do centro nacional de comando militar cuidaram das forças convencionais. Gravações prévias foram transmitidas para cada unidade. No exército, isso significava o nível de divisão. Na força aérea, era o nível de grupo de esquadrilhas, e na marinha o nível de esquadra. As forças convencionais entravam em Alerta Três. O comandante Rosselli e o coronel Barnes falaram pessoalmente com os níveis mais altos de

comando. Mesmo em contato com oficiais de três estrelas, tendo pelo menos vinte e cinco anos de serviço, foi necessário ressaltar o seguinte para cada um: *Não, senhor, isto não é, repito, não é um exercício.*

As unidades militares americanas no mundo inteiro entraram em alerta no mesmo instante. Como era de se esperar, as unidades que normalmente mantinham os mais altos níveis de alerta reagiram mais depressa. Uma dessas foi a Brigada de Berlim.

**EFEITOS HUMANOS**

— Comandante, temos uma mensagem de ação de emergência no ELF.

— O quê? — indagou Ricks, virando-se da mesa de carta.

— Mensagem de ação de emergência, comandante — repetiu o oficial de comunicações, entregando-lhe o código curto.

— Um grande momento para um exercício! — Ricks balançou a cabeça. — Postos de combate. Alerta Um.

Um suboficial ligou no mesmo instante o 1-MC e fez o anúncio:

— Alojamentos gerais, alojamentos gerais, todos os homens em seus postos de combate.

Soou em seguida um alarme eletrônico, um meio seguro de acabar com os sonhos mais fascinantes.

— Senhor Pitney — disse Ricks —, profundidade de antena.

— Certo, comandante. Oficial de mergulho, profundidade um-oito metros.

— Profundidade um-oito metros, senhor. Timoneiro, dez graus para cima nos planos de fluxo.

— Dez graus para cima nos planos de fluxo, senhor. — O jovem tripulante, pois o serviço no timão é sempre designado para os mais novos, puxou a engrenagem. — Senhor, meus planos estão dez graus para cima.

— Muito bem.

Mal isso acontecera quando pessoas entraram apressadas na sala de controle. O chefe-do-barco — o mais graduado praça no *Maine* — assumiu seu posto de combate, no painel de tubulação hidráulica, pois era o principal oficial de mergulho do submarino. O capitão-de-corveta Claggett entrou para assessorar o comandante. Pitney, o navegador do barco, já se encontrava em seu posto, que era o de oficial de controle. Vários praças sentaram diante dos painéis de armamentos. Na popa, oficiais e praças assumiram suas

posições, em lugares tão diferentes quanto o centro de controle de mísseis, CCM, responsável pela situação dos vinte e quatro mísseis Trident do *Maine*, e a sala de equipamento auxiliar, que cuidava principalmente do motor diesel de reserva do barco.

Na sala de controle, o homem das comunicações internas no plantão chamou todos os compartimentos, à medida que se reportavam como guarnecidos e prontos.

— O que está acontecendo? — perguntou Claggett a Ricks.

O comandante estendeu-lhe a mensagem de ação de emergência.

— Exercício?

— Suponho que sim. E por que não? — indagou Ricks. — E um domingo, certo?

— Ainda agitado no teto?

Como se fosse uma deixa, o *Maine* começou a jogar. A marca de profundidade indicava oitenta e oito metros, e o maciço submarino balançou de repente dez graus para boreste. Por todo o barco, os homens reviraram os olhos e resmungaram. Não havia praticamente nenhum homem a bordo que não tivesse ficado perdido pelo menos uma vez. Era o ambiente perfeito para o enjôo do movimento. Sem referências externas — os submarinos se destacam por serem carentes de janelas e vigias — os olhos percebiam algo que obviamente não se mexia, enquanto os ouvidos internos informavam um movimento incontestável. A mesma coisa que afetara quase todos os astronautas do programa Apollo começou a afetar aqueles marujos. Inconscientemente, os homens sacudiam a cabeça de uma forma brusca, como se repelisses algum inseto incômodo. Todos torciam para que, independente do que tivessem de enfrentar — ninguém sabia ainda o que era, de Ricks para baixo — pudessem logo voltar ao lugar a que pertenciam, uma profundidade de cento e vinte metros, onde os movimentos do barco eram imperceptíveis.

— Nivelado em um-oito metros, senhor.

— Muito bem — respondeu Pitney.

— Piloto, sonar, contato perdido com Sierra-16. Ruído da superfície prevalece sobre tudo.

— Qual foi a última posição? — perguntou Ricks.

— Última direção foi dois-sete-zero, distância aproximada de quatro-nove mil metros — informou o guarda-marinha Shaw.

— Certo. Levantar a antena de UHF. Levantar periscópio.

O *Maine* estava agora com um jogo de vinte graus, e Ricks queria saber o motivo. O contramestre girou a roda de controle vermelha e branca, e o cilindro oleado subiu, impulsionado por energia hidráulica.

— Essa não! — exclamou o comandante, ao pôr as mãos nas alças.

Ele podia sentir o ímpeto do mar se lançando contra a parte superior exposta do instrumento. Inclinou-se para olhar.

— Temos um sinal em UHF chegando, senhor — avisou o oficial de comunicações.

— É incrível! — comentou Ricks. — Eu diria que temos um mar de dez metros, pessoal, quase tudo vagalhão, alguns quebrando por cima. Mas podemos disparar atrás, se for necessário.

Ele acrescentou a parte final quase como uma piada. Afinal, seria um exercício.

— Como está o céu? — indagou Claggett.

— Nublado... sem estrelas. — Ricks empertigou-se e ergueu as alças do periscópio para a posição. — Baixar periscópio. — Ele virou-se para Claggett. — Imediato, queremos voltar a rastrear nosso amigo assim que pudermos.

— Certo, comandante.

Ricks já ia pegar o fone para falar com o CCM. Queria dizer ao pessoal dos mísseis que o exercício deveria ser efetuado com o máximo de rapidez possível. O oficial de comunicações entrou no compartimento antes que ele tivesse tempo de apertar o botão.

— Comandante, isto não é um exercício.

— Como assim? — indagou Ricks, notando que o homem não parecia muito feliz.

— Alerta Dois, senhor. Ele entregou a mensagem.

— O quê? — Ricks leu a mensagem, que era sucinta e assustadoramente objetiva. — Mas o que está acontecendo?

Ele estendeu a mensagem para Claggett.

— Alerta Dois? Nunca entramos em Alerta Dois, não desde que estou na marinha... Lembro de um Alerta Três, mas ainda era um calouro na escola naval na ocasião...

Por todo o compartimento, os homens trocaram olhares. As forças armadas americanas têm cinco níveis de alerta, numerados de cinco a um. Alerta Cinco indicava operações normais em tempo de paz. Quatro era um pouco mais alto, determinando um guarnecimento mais intenso de certos postos, mantendo mais homens — em particular, pilotos e soldados — perto de seus aviões ou tanques, conforme fosse o caso. Alerta Três era muito mais sério. A esta altura, as unidades se tomavam plenamente guarnecidas, para disposição operacional. Em Alerta Dois, as unidades começavam a tomar posições, e esse nível era reservado para a ameaça iminente de guerra. Alerta Um era um nível a que as forças armadas americanas nunca haviam sido levadas. Nesse ponto, a guerra era considerada como algo mais do que uma ameaça. As armas eram carregadas e apontadas na expectativa das ordens para disparar.

Mas todo o sistema de alerta era mais fortuito do que se podia imaginar. Os submarinos, de um modo geral, mantinham um estado de alerta acima do normal, como parte das operações de rotina. Os submarinos de mísseis, sempre preparados para lançar seus pássaros numa questão de minutos, mantinham-se efetivamente em Alerta Dois durante todo o tempo. O comunicado do comando da flotilha apenas tornava a situação oficial, e muito mais sinistra.

— O que mais? — perguntou Ricks ao oficial de comunicações.

— Só isso, senhor.

— Temos alguma notícia, qualquer aviso de ameaça?

— Senhor, captamos o programa noticioso habitual ontem. Planejei sintonizar o próximo dentro de cinco horas... a fim de termos o resultado do Super Bowl. — O tenente fez uma pausa. — Senhor, não houve nada no noticiário, e nada oficial sobre qualquer crise.

— Então o que está acontecendo? — indagou Ricks, retórico. — Mas isso não importa, não é mesmo?

— Comandante — interveio Claggett —, para começar, acho que precisamos romper o contato com nosso amigo, em dois-sete-zero.

— Tem razão. Siga para nordeste, imediato. Ele não deve fazer outra volta tão cedo, e isso aumentará a distância que nos separa. Depois seguiremos para o norte, ampliando ainda mais a distância.

Claggett olhou para a carta, em grande parte por uma questão de hábito, a fim de verificar se a água era profunda. Era. Estavam na parte superior da grande rota circular de Seattle para o Japão. O *Maine* virou para bombordo. Uma volta à direita também seria fácil, mas daquela maneira começariam a se afastar de imediato do Akula que rastreavam há vários dias. Isso deixou o barco de costado para os vagalhões de dez metros não muito acima de suas cabeças, tornando o submarino um alvo para as forças naturais em ação. O jogo aumentou para quarenta graus. Por todo o submarino, os homens se seguraram para não perder o equilíbrio, seguraram equipamentos que se soltaram.

— Vamos mergulhar um pouco, comandante? — indagou Claggett.

— Dentro de poucos minutos. Vamos esperar para ver se há uma nova mensagem pelo canal do satélite.

Três toras do que fora outrora uma das árvores de folhagem permanente mais magníficas do Oregon se encontravam agora no Pacífico Norte, há várias semanas. As toras ainda eram verdes e pesadas ao caírem do *George McReady*. Desde que se tornaram mais um registro dos detritos flutuando no mar, as toras haviam absorvido mais água, e a pesada corrente de aço que as mantinha juntas mudou o que deveria ser uma flutuabilidade ligeiramente positiva para uma flutuabilidade neutra. Não podiam aflorar à superfície, pelo menos não naquelas condições de tempo. A pressão do mar frustrava qualquer tentativa de se elevar à luz do sol — que não existia no momento —, e as toras pairavam como pequenos dirigíveis, virando devagar, enquanto o mar envidava todos os esforços para partir a corrente.

Um operador de sonar auxiliar a bordo do *Maine* ouviu algo, em zero-quatro-um, quase à frente. Era um som estranho, ele pensou, metálico, como um tinido, só que mais profundo. Não era um navio,



ele concluiu, e também não era nada biológico. Quase que se perdia no ruído da superfície, e não se fixava num curso...

— Merda! — Ele ligou seu microfone. — Com, sonar... contato de sonar bem próximo.

— O quê?

Ricks correu para a sala do sonar.

— Não sei o que é, senhor, mas está bem próximo.

— Onde?

— Não dá para dizer, parece nos dois lados da proa... não é um barco... não tenho a menor idéia do que pode ser, senhor. O suboficial conferiu o ponto luminoso na tela, enquanto os ouvidos se esforçavam para identificar o som. — Não é uma fonte distante... está *perto*, senhor!

— Mas... — Ricks hesitou, virou-se, e gritou, num reflexo: — Mergulho de emergência!

Ele sabia que era tarde demais para isso. Por toda a sua extensão, o *Maine* reverberou como um tambor, no momento em que uma das toras bateu no domo de fibra de vidro por cima do equipamento de sonar na proa.

Havia três segmentos do que fora outrora uma árvore. O primeiro acertou axialmente na beira do domo do sonar, causando poucos danos, porque o submarino desenvolvia apenas uns poucos nós, e tudo em seu casco fora construído para a resistência. O barulho foi terrível. A primeira tora foi desviada para o lado, mas havia mais duas, e a do meio bateu no casco uma vez, no lado de fora da sala de controle.

O timoneiro reagiu no mesmo instante à ordem do comandante, empurrando para baixo a alavanca do controle. A popa do submarino ergueu-se para o curso das toras. O *Maine* tinha uma popa cruciforme. Havia um leme acima e abaixo da haste da hélice. A esquerda e à direita ficavam os planos de popa, que operavam como os estabilizadores de um avião. Na superfície externa de cada um havia outra estrutura vertical, que parecia com um leme auxiliar, mas era na verdade uma armação para sensores de sonar. A corrente entre duas das toras atingiu essa parte. Duas toras eram externas, e uma interna. A interna era bastante comprida para atingir a hélice

girando. O barulho resultante foi o pior que os tripulantes já tinham ouvido. A hélice de sete pás do *Maine* era feita de uma liga de manganês e bronze, moldada em sua configuração quase perfeita ao longo de um período de sete meses. Era imensamente forte, mas não tão forte assim. As pás no formato de cimitarras atingiram as toras, uma depois de outra, como uma serra lenta e ineficiente. Cada impacto denteou as beiras externas. O oficial na sala de manobra, na popa, já decidira parar a haste, antes mesmo que chegasse a ordem para isso. Na parte externa do casco, a menos de trinta metros de seu posto, ele ouviu os guinchos do metal pressionado, enquanto a armação de sonar era arrancada do plano de popa de boreste, junto com o encaixe adicional que segurava o equipamento de sonar rebocado do submarino. A esta altura, as toras, uma delas bastante estilhada, caíram para a esteira do submarino, e o pior do ruído cessou.

— Mas que porra aconteceu? — indagou Ricks, quase gritando.

— A cauda se foi, senhor — respondeu um operador de sonar.  
— Acabamos de perder a cauda. Equipamento lateral direito está danificado, senhor.

Ricks já deixara a sala. O suboficial falava para si mesmo.

— Piloto, sala de manobra — dizia um alto-falante. — Alguma coisa se chocou com toda a força contra a hélice. Estou verificando danos na haste neste momento.

— Planos de popa estão danificados, senhor — anunciou o timoneiro. — Reação lenta nos controles.

O chefe-do-barco afastou o jovem do timão, e ocupou seu lugar. Devagar, com todo o cuidado, ele acionou a roda de controle.

— Sistema hidráulico danificado, ao que parece. As aletas de estabilização parecem funcionar. — As aletas eram elétricas. Ele virou o timão para a esquerda e para a direita. — O leme está bem, senhor.

— Fixe os planos de popa em neutro. Dez graus para cima nos planos de fluxo.

Essa ordem foi dada pelo imediato.

— Certo, senhor.

— Mas o que foi isso? — perguntou Dubinin.

— Metálico... um enorme transiente mecânico, na direção zero-cinco-um. — O oficial bateu no ponto luminoso em sua tela. — Freqüência baixa, como um tambor... mas este ruído aqui tem uma estridência muito maior. Ouvi pelos meus fones, parecia uma metralhadora. Espere um instante... — O tenente Rykov pensou rapidamente. — A freqüência... isto é, o intervalo dos impulsos... era um ritmo de pás, uma hélice... a única coisa que podia ser...

— E agora? — indagou o comandante.

— Desapareceu por completo.

— Quero todo o pessoal do sonar de serviço. — O comandante Dubinin voltou ao controle. — Vamos mudar. Novo curso, zero-quatro-zero. Velocidade dez.

Conseguir um caminhão do exército soviético fora muito simples. Eles o roubaram, junto com um carro oficial. Passava um pouco de meia-noite em Berlim, e as ruas se achavam vazias, já que era a noite de domingo. Berlim é uma cidade tão animada quanto qualquer outra do mundo, mas a segunda-feira é dia de trabalho, e o trabalho é uma coisa que os alemães levam muito a sério. O pouco movimento existente era das pessoas que saíam tarde da *Gasthaus* local, ou talvez alguns trabalhadores, cujos serviços exigem um funcionamento vinte e quatro horas por dia. O que importava, porém, era o fato de o movimento ser mínimo, o que lhes permitiu alcançar seu destino dentro do prazo.

Ali existira um muro, pensou Günther Bock. Num lado, ficava o destacamento americano de Berlim, e no outro um destacamento soviético, cada um dispendo de uma área pequena mas bastante usada para exercícios, diante de seus alojamentos. O muro desaparecera, deixando apenas um gramado entre as duas forças mecanizadas. O carro oficial parou diante do portão do quartel soviético. A sentinela ali era um terceiro-sargento de vinte anos, com espinhas no rosto e um uniforme desmazelado. Seus olhos se arregalaram um pouco ao avistarem as três estrelas nas ombreiras de Keitel.

— Sentido! — berrou Keitel, num russo perfeito. O rapaz obedeceu. — Venho do alto comando para efetuar uma inspeção de prontidão sem aviso. Não deve comunicar nossa chegada a ninguém. Entendido?

— Entendido, coronel!

— Vamos embora... e trate de arrumar esse uniforme antes que eu volte, ou vai parar na fronteira chinesa! — Uma pausa, e Keitel gritou para Bock, ao volante: — Mexa-se!

— *Zu Befehl, Herr Oberst* — respondeu Bock, depois de dar partida no carro. Era de fato engraçado. Havia uns poucos aspectos divertidos na situação.

Uns poucos. Mas era preciso ter o senso de humor certo para percebê-los. O quartel-general do regimento ficava num prédio antigo, outrora usado pela Wehrmacht de Hitler, que os russos haviam usado mais do que conservado. Tinha o jardim usual na frente, e no verão podia-se ver as flores dispostas para reproduzir o emblema da unidade. Aquele era um regimento blindado de guarda, embora seus soldados não dessem muita importância à sua história, a julgar pelo sentinela no portão. Bock parou na frente da porta. Keitel e os outros desembarcaram dos veículos, e passaram pela porta, como deuses de mau humor.

— Quem é o oficial de plantão neste bordel? — berrou Keitel.

Um cabo apontou. Os cabos não questionam as ordens de um oficial superior. O oficial de plantão, eles descobriram, era um major, talvez com trinta anos de idade.

— O que é isto? — perguntou o jovem oficial.

— Sou o coronel Ivanenko, da inspetoria-geral. Isto é uma inspeção de prontidão operacional sem aviso prévio. Qual é o seu estado de prontidão, major? — Keitel falava sem dar ao homem uma oportunidade de respirar. O major parou em pleno ar a mão estendida para o telefone, sem saber que ordem deveria obedecer primeiro. — *E então?*

— Nossa prontidão está de acordo com as normas da unidade, coronel Ivanenko.

— Terá uma oportunidade de provar isso! — Keitel virou-se para um dos seus homens. — Anote o nome deste menino!

A menos de dois mil metros de distância, eles podiam ver luzes acendendo na base americana, no que fora até bem pouco tempo atrás Berlim Ocidental.

— Eles também estão realizando um exercício — disse Keitel/Ivanenko. — Ótimo! Temos de ser mais rápidos do que eles.

— O que é isto?

O comandante do regimento, também um coronel, entrou na sala, com os botões da túnica ainda desabotoados.

— Isto parece um espetáculo lamentável! — trovejou Keitel. — Isto é uma inspeção de prontidão sem aviso. Tem um regimento a comandar, coronel. Sugiro que cumpra seus deveres sem fazer mais perguntas.

— Mas...

— *Mas o quê?* — indagou Keitel. — *Não sabe o que é uma inspeção de prontidão?* Havia um fato importante quando se lidava com os russos, pensou Keitel.

Eles eram arrogantes, autoritários, e odiavam os alemães, apesar do quanto protestassem o contrário. Por outro lado, quando intimidados, eram previsíveis. O posto que ele assumira não era superior ao daquele homem, mas falava mais alto, e isso era tudo de que precisava.

— Vou lhe mostrar o que meus homens podem fazer.

— Estaremos lá fora para observar — assegurou Keitel.

— Doutor Ryan, é melhor descer até aqui.

A ligação foi cortada no mesmo instante.

— Está bem.

Jack pegou o cigarro e desceu para a sala 7-F-27, o centro de operações da CIA. Localizada no lado norte do prédio, era equivalente às salas de operações de muitas outras agências do governo. No centro da sala de seis por nove metros, depois que se passava pela porta com tranca de código, havia uma mesa redonda grande, com uma estante giratória no meio e seis cadeiras ao redor. Cada assento tinha placas por cima para indicar a função: Oficial de Plantão, Imprensa, África—América Latina, Europa—União Soviética, Oriente Próximo—Terrorismo, e Ásia Meridional—Ásia Oriental—

Pacífico. Os relógios na parede indicavam as horas em Moscou, Pequim, Beirute, Trípoli, e no Meridiano de Greenwich. Havia uma sala de reuniões adjacente, que dava para o pátio interno da CIA.

— Qual é o problema? — perguntou Jack, ao chegar, com Goodley em sua esteira.

— Segundo o Norad, um artefato nuclear acaba de explodir em Denver.

— Espero que isso seja uma piada sem graça! — exclamou Jack. O que era também um reflexo. Antes que o homem tivesse tempo de acrescentar qualquer coisa, Ryan sentiu o estômago embrulhado. Ninguém fazia piadas desse tipo.

— Eu gostaria que fosse — disse o oficial de plantão.

— O que sabemos?

— Não muita coisa.

— Alguma coisa? Placar de ameaça? — Outra vez, era um reflexo. Se houvesse alguma coisa anterior, ele já teria sabido. — Muito bem... onde está Marcus?

— Voltando para casa, no C-141, em algum lugar entre o Japão e as Aleútas. E o senhor que assume — disse o homem, agradecendo a um Deus beneficente por não designá-lo para essa função. — O presidente está em Camp David. O secretário de Defesa e o secretário de Estado...

— Mortos? — perguntou Ryan.

— É o que tudo indica, senhor. Ryan fechou os olhos.

— Santo Deus! E o vice-presidente?

— Em sua residência oficial. Aconteceu há apenas três minutos. O oficial de plantão no CNCM é um certo comandante James Rosselli. O general Wilkes está a caminho. Eles... isto é, o presidente acaba de ordenar o Alerta Dois em nossas forças estratégicas.

— Alguma coisa dos russos?

— Nada fora do normal. Há um exercício regional de defesa aérea em andamento na Sibéria Oriental. Isso é tudo.

— Alerta todas as estações. Avise que quero saber de qualquer coisa que eles possam ter... absolutamente qualquer coisa. Devem consultar todas as fontes que puderem, o mais depressa possível. —

Jack fez uma pausa. — Como podemos ter certeza de que realmente aconteceu?

— Senhor, dois satélites registraram o clarão. Temos um KH-11 que será ouvido dentro de vinte minutos, e já determinei ao NPIC que focalizasse todas as câmeras em Denver. O Norad garante que não resta a menor dúvida de que foi uma detonação nuclear, mas não há notícias sobre carga ou dano. A explosão parece ter ocorrido na área imediata do estádio... como em *Black Sunday*, senhor, só que real. Não é definitivamente um exercício, se estamos pondo as forças estratégicas em Alerta Dois, senhor.

— Rastreamento de míssil balístico chegando, lançamento por avião?

— Negativo no primeiro caso, senhor, não houve aviso de lançamento, nenhum rastreamento de míssil no radar.

— Não poderia ser um SBFO? — perguntou Goodley. Uma arma podia ser lançada de um satélite. Era esse o propósito do Sistema de Bombardeio Fracional-Orbital.

— Também seria registrado — respondeu o oficial de plantão. — Já perguntei. Sobre o lançamento por avião, eles ainda não sabem. Estão tentando verificar as fitas do controle de tráfego aéreo.

— Ou seja, ainda não sabemos porra nenhuma.

— Correto.

— O presidente já entrou em contato conosco? — perguntou Ryan.

— Não, mas temos uma linha aberta ali. Ele está em companhia da assessora de segurança nacional.

— Roteiro mais provável?

— Eu diria terrorismo. Ryan balançou a cabeça.

— Eu também. Vou me instalar na sala de reuniões. Quero todos os diretores de departamentos aqui, imediatamente. Se precisar de helicópteros para buscá-los, dê a ordem.

Ryan passou para a outra sala, deixando a porta aberta.

— Tem certeza de que me quer aqui? — indagou Goodley.

— Tenho, sim, e quando tiver uma idéia, pode expressá-la em voz alta. Eu tinha me esquecido do SBFO.

Jack pegou o fone e apertou o botão do FBI.

— Centro de comando.

— Aqui é da CIA, vice-diretor Ryan. Quem está falando?

— Inspetor Pat O'Day. Tenho o vice-diretor Murray aqui. Está no alto-falante, senhor.

— Fale comigo, Dan.

Jack ligou também o alto-falante de seu telefone. Um funcionário do plantão entregou-lhe uma xícara de café.

— Não sabemos de nada. Nenhuma pista, Jack. Pensando em terroristas?

— No momento, parece a alternativa mais plausível.

— Até que ponto pode ter certeza disso?

— Certeza? — Ryan sacudiu a cabeça para o telefone, sob as vistas de Goodley. — O que significa "certeza", Dan?

— Entendo. Ainda estamos também tentando entender o que aconteceu por lá. Nem mesmo consigo sintonizar a CNN na tevê.

— Como?

— Um dos meus homens de comunicações informa que todos os satélites saíram do ar — explicou Murray. — Não sabia disso?

— Não. — Jack mandou que Goodley voltasse ao centro de operações para verificar esse ponto. — Se isso for verdade, pode eliminar a possibilidade de terrorismo. Oh, Deus, é assustador!

— É verdade, Jack. Já verificamos. Goodley voltou à sala, informando:

— Eles calculam que dez satélites de comunicações comerciais deixaram de funcionar. Mas todos os pássaros da defesa continuam em operação. Não temos problemas com as nossas comunicações.

— Descubra o cara mais alto de C&T que puder encontrar... ou alguém de comunicações... e pergunte o que poderia apagar os satélites. Agora! — Jack voltou a falar com Dan: — Onde está Shaw?

— A caminho. Deve demorar um pouco, do jeito que estão as estradas.

— Dan, eu lhe transmitirei tudo o que tivermos aqui.

— E vice-versa.

Desligaram. O pior de tudo era que Ryan não sabia o que fazer em seguida. Sua função era obter dados e encaminhá-los ao presidente, mas não dispunha de dados. As informações disponíveis



entrariam pelos circuitos militares. A CIA fracassara de novo, disse Ryan a si mesmo. Alguém fizera algo a seu país, e ele não avisara a ninguém. Pessoas estavam mortas porque sua agência falhara na missão de que fora incumbida. Ryan era o vice-diretor, o homem que dirigia de fato a organização, para o político preguiçoso que era seu superior. O fracasso era pessoal. Um milhão de pessoas mortas, talvez, e ali estava ele, sozinho numa elegante sala de reuniões, olhando para uma parede em que não havia coisa alguma. Ele procurou o botão do Norad e apertou-o.

— Norad — disse uma voz.

— Aqui é da CIA, centro de operações, vice-diretor Ryan falando. Preciso de informações.

— Não temos muita coisa, senhor. Achemos que a bomba explodiu nas proximidades imediatas do Skydome. Estamos tentando estimar a carga, mas ainda não temos nada a respeito. Um helicóptero foi despachado da base de Lowry da força aérea.

— Vai me manter informado?

— Claro, senhor.

— Obrigado.

Era uma grande ajuda, pensou Ryan. Agora, ele sabia que mais alguém também não sabia de nada.

Não havia nada de mágico numa nuvem em forma de cogumelo, como sabia Mike Callaghan, chefe de batalhão do corpo de bombeiros de Denver. Ele já vira uma antes, quando ainda era um novato. Fora na fábrica de Burlington, nos arredores da cidade, em 1968. Um vagão com propano pegara fogo, ao lado de outro carregado com bombas, que seguia para o terminal de munições da marinha, em Oakland, Califórnia. O chefe na ocasião tivera o bom senso de ordenar que todos os bombeiros recuassem quando o tanque de gás se rompera, e a meio quilômetro de distância puderam observar a explosão de cem toneladas de bombas, um espetáculo infernal. Também houvera naquele caso uma nuvem em forma de cogumelo. Uma enorme massa de ar quente se elevava, em remoinho, assumindo uma forma anular. Criava uma corrente

ascendente, atraindo o ar para cima, para seu centro aberto, constituindo a haste do cogumelo...

Só que aquela era muito maior.

Ele estava ao volante de seu carro de comando, pintado de vermelho, seguindo o primeiro alarme, três unidades de bombeamento Seagrave, um caminhão com escada móvel, e duas ambulâncias. Era uma reação inicial deficiente. Callaghan pegou o rádio e ordenou um alarme geral. Em seguida, mandou que seus homens se adiantassem.

Oh, Deus, o que aconteceu aqui?

Não podia ser aquilo... a maior parte da cidade ainda se encontrava intacta.

O chefe Callaghan não sabia muita coisa, mas sabia que havia um incêndio a combater e pessoas a resgatar. No momento em que seu carro deixou a última rua transversal, entrando na avenida que levava ao estádio, ele avistou a principal massa de fumaça. O estacionamento, é claro. Só podia ser. A nuvem de cogumelo era soprada rapidamente para sudoeste, na direção das montanhas. O estacionamento era uma massa de chamas, gasolina e óleo queimando, fragmentos de veículos. Uma rajada de vento mais forte soprou, dissipando a fumaça apenas por um instante, o suficiente para que ele pudesse constatar que houvera um estádio ali... umas poucas partes ainda restavam... não intactas, mas permitindo perceber o que existira ali... até poucos minutos atrás. A primeira unidade de bombeamento parou ao lado de um hidrante. Havia bastante água ali. O estádio contava com um sistema de *sprinkler*, alimentado por tubulações de alta pressão, ao redor de toda a estrutura.

Ele parou seu carro ao lado do enorme Seagrave, saltou e subiu no caminhão. Algum material estrutural pesado — a cobertura do estádio, ele supôs — estava no estacionamento, à sua direita. Outra parte caíra a meio quilômetro de distância, no estacionamento felizmente vazio de um *shopping center*. Callaghan usou seu rádio portátil para determinar que a próxima onda de unidades de resgate verificasse o *shopping center* e a área residencial que ficava além. Os incêndios menores teriam de esperar. Havia pessoas no estádio

que precisavam de ajuda, mas seus bombeiros teriam de avançar por duzentos metros de carros em chamas para alcançá-las...

Foi nesse momento que ele levantou os olhos para avistar um helicóptero azul de busca e salvamento da força aérea. O UH-1H pousou a trinta metros de distância. Callaghan correu em sua direção. O oficial a bordo era um major do exército.

— Callaghan — disse ele. — Chefe do batalhão de bombeiros.

— Griggs — respondeu o major. — Quer dar uma olhada na situação lá de cima?

— Claro que quero.

— Certo.

Callaghan embarcou, o major falou pelo microfone, o helicóptero alçou vôo. Callaghan pegou o cinto de segurança, mas não o afivelou.

Não levou muito tempo. O que parecia ser uma muralha de fumaça do nível da rua tornou-se colunas separadas de fumaça preta e cinza lá de cima. Talvez a metade dos carros pegara fogo. Ele poderia usar uma das pistas de acesso para chegar mais perto, embora uma parte estivesse bloqueada por destroços e carros em chamas. Olhando para baixo, Callaghan pôde avistar uma massa de asfalto derretido, uma parte ainda luzindo vermelha. O único ponto de que não se elevava fumaça era a extremidade sul do estádio, que parecia brilhar, embora ele não soubesse por quê. Parecia uma cratera o que podiam avistar, embora fosse difícil calcular suas dimensões, já que só conseguiam ver algumas partes de cada vez. Foi preciso um longo exame para determinar que partes da estrutura do estádio permaneciam de pé, talvez quatro ou cinco seções, concluiu Callaghan. Devia haver pessoas vivas ali.

— Muito bem, já vi o suficiente — disse Callaghan a Griggs. O oficial entregou-lhe um jogo de fones de ouvido, a fim de poderem conversar direito.

— O que é isto?

— Exatamente o que parece, até onde posso saber — respondeu Griggs— O que você precisa?

— Guindastes. Provavelmente há pessoas vivas no que restou do estádio. Precisamos resgatá-las. Mas o que fazer... com a

radiação?

O major deu de ombros.

— Não sei. Assim que sair daqui, vou buscar uma equipe em Rocky Flats. Trabalho no arsenal, e sei muito pouco a respeito, mas há especialistas em Rocky Flats. Preciso trazê-los para cá o mais depressa possível. Falarei com o pessoal da guarda no arsenal, traremos equipamento pesado para cá num instante. Mantenha seus homens contra o vento. Devem permanecer neste lado. Não tente se aproximar por qualquer outra direção, entendido?

— Entendido.

— Instale um posto de descontaminação aqui mesmo, onde estão seus carros. Quando as pessoas saírem faça com que tirem as roupas e dê-lhes um banho. Entendido? — O helicóptero tornou a pousar, e o major acrescentou: — E depois despache-as para o hospital mais próximo. Sempre contra o vento... não se esqueça de que tudo deve ir para nordeste, na direção contrária ao vento, como medida de segurança.

— E a precipitação radiativa?

— Não sou um especialista, só posso lhe dizer o melhor que sei. Tudo indica que foi uma explosão pequena. A sucção da bola de fogo e o vento de superfície devem ter afastado daqui a maior parte da radiatividade. Nem toda, mas a maior parte. Não deve haver qualquer problema de explosão, pelo menos por cerca de uma hora. Até lá, já estarei com os especialistas aqui, e eles poderão informá-lo com certeza. E o melhor que posso fazer no momento, chefe. Boa sorte.

Callaghan saltou e correu. O helicóptero decolou e seguiu para noroeste, na direção de Rocky Flats.

— E então? — perguntou Kuropatkin.

— General, medimos a carga pelas emissões inicial e residual de calor. Há alguma coisa estranha, mas meu melhor cálculo se situa entre cento e cinquenta e duzentos quilotons.

O major mostrou os cálculos a seu comandante.

— O que é estranho?

— A energia do clarão inicial foi reduzida. Isso pode significar que havia algumas nuvens no caminho. O calor residual é bastante

elevado. Foi uma detonação de monta, comparável a uma ogiva tática bem grande ou uma estratégica pequena.

— Aqui está o livro do alvo — disse um tenente.

Era justamente isso, um volume pequeno, encadernado em pano, cujas páginas grossas eram mapas desdobráveis. Era destinado ao uso para avaliação de danos num ataque. O mapa da área de Denver tinha uma cobertura de plástico, que indicava os alvos de mísseis estratégicos soviéticos. Um total de oito pássaros estavam apontados para a cidade, cinco SS-18s e três SS-19s, com nada menos de sessenta e quatro ogivas e vinte megatons de carga. Alguém achava que Denver era um alvo importante, pensou Kuropatkin.

— Estamos presumindo uma explosão no solo? — indagou.

— Correto — respondeu o major. Ele usou um compasso para desenhar um círculo, o centro no complexo do estádio. — Um artefato de duzentos quilotons teria um raio de choque letal nesta extensão...

O mapa tinha uma codificação de cores. As estruturas difíceis de derrubar eram marrons. As residências eram amarelas. O verde indicava prédios comerciais e outros, considerados alvos fáceis de destruir. O estádio era verde, assim como quase tudo em suas proximidades. Dentro do raio letal, havia centenas de casas e pequenos prédios de apartamentos.

— Quantas pessoas no estádio?

— Liguei para o KGB, pedindo uma estimativa — informou o tenente. — É uma estrutura fechada... com um telhado. Os americanos gostam de conforto. A capacidade total é de mais de sessenta mil espectadores.

— Santo Deus! — balbuciou o general Kuropatkin. — Sessenta mil ali... pelo menos outras cem mil pessoas dentro deste raio. Os americanos devem estar enlouquecidos a esta altura.

*E se eles pensarem que fomos nós...*

— E então? — perguntou Borstein.

— Fiz os cálculos três vezes — respondeu o capitão. — A melhor estimativa é de cento e cinquenta quilotons, senhor.

Borstein esfregou o rosto.

— Oh, Deus! Contagem de baixas?

— Duzentas mil, com base na projeção de computador e uma rápida análise dos mapas que temos no arquivo. Se alguém está pensando num artefato terrorista, senhor, acho que se engana. É grande demais para isso.

Borstein ligou a linha de conferência para o presidente e o comandante do SAC.

— Temos aqui os primeiros números.

— Muito bem, estou esperando — disse o presidente, olhando para o aparelho.

— A estimativa inicial da carga é de cento e cinquenta quilotons.

— Tão grande assim? — indagou o general Fremont.

— Conferimos os números três vezes.

— Baixas? — perguntou em seguida o comandante do SAC.

— Na casa de duzentos mil mortos iniciais. Acrescente-se mais cinquenta mil dos efeitos retardados.

O presidente Fowler recuou, como se tivesse levado um tapa no rosto. Durante os últimos cinco minutos, ele negara tanto quanto pudera. Agora, a mais importante de todas as negativas não tinha mais sentido. Duzentos mil mortos. Seus cidadãos, as pessoas que ele jurara preservar, proteger e defender.

— O que mais? — indagou quase sem voz.

— Não entendi — disse Borstein. Fowler respirou fundo.

— O que mais você tem?

— Senhor, nossa impressão é de que se trata de uma carga grande demais para um artefato terrorista.

— Tenho de concordar com isso — acrescentou o comandante do SAC. — Um artefato nuclear improvisado, o que podemos esperar de terroristas sem qualquer sofisticação, não poderia ultrapassar vinte quilotons. Isto parece uma arma de múltiplos estágios.

— Como assim? — murmurou Elliot.

— Um artefato termonuclear — explicou o general Borstein. — Uma bomba H.

— Ryan aqui. Com quem estou falando?

— Major Fox, no Norad, senhor. Temos um cálculo inicial para a carga e baixas.

O major leu os números da bomba.

— Grande demais para uma arma terrorista — comentou um homem da diretoria de Ciência & Tecnologia.

— E o que achamos, senhor.

— Baixas? — perguntou Ryan.

— O número provável de mortes imediatas é de duzentas mil. Isso inclui as pessoas no estádio.

*Preciso acordar*, Ryan disse a si mesmo, com os olhos fechados. *Isto só pode ser a porra de um pesadelo, e vou despertar a qualquer momento.* Mas ele abriu os olhos, e nada mudara.

Robby Jackson estava sentado na cabine do comandante do porta-aviões, Ernie Richards. Os dois escutavam o jogo, mas sem prestar muita atenção, preferindo discutir as táticas para um jogo de guerra iminente. O grupo de batalha do *Theodore Roosevelt* se aproximaria de Israel pelo oeste, simulando um inimigo no ataque. O inimigo neste caso seriam os russos. Parecia bastante improvável, é claro, mas era preciso fixar algumas regras. Os russos, neste caso, seriam bastante hábeis. O grupo de batalha seria dispersado para dar a impressão de que eram navios mercantes, em vez de manter uma formação tática. A primeira onda de ataque seria de caças e bombardeiros, ostentando registros "internacionais". Tentariam se aproximar do aeroporto internacional Ben Gurion como pacíficos aviões comerciais, a melhor maneira de penetrar no espaço aéreo israelense sem aviso. O pessoal de operações de Jackson já providenciara os horários da aviação comercial, e examinava os fatores de tempo, a fim de que o primeiro ataque parecesse tão plausível quanto possível. As chances contrárias eram muito grandes. Não se esperava que o *TR* pudesse conseguir mais do que irritar a força aérea israelense e o novo contingente da força aérea americana baseado no país. Mas Jackson gostava de enfrentar chances desfavoráveis.

— Aumente o rádio, Rob. Esqueci qual é o placar.

Jackson inclinou-se por cima da mesa e aumentou o volume, mas só saiu música. O porta-aviões dispunha de um sistema interno de tevê, além de estar sintonizado com a emissora de rádio das forças armadas.

— Talvez a antena tenha quebrado — sugeriu o comandante do grupo de esquadrilhas.

Richards soltou uma risada.

— Num momento como este? Eu poderia ter um motim a bordo.

— O que ficaria ótimo em sua folha de serviço, não acha? Alguém bateu na porta.

— Entre! — gritou Richards.

Era um suboficial, que estendeu uma prancheta.

— Mensagem urgente, senhor.

— Alguma coisa importante? — perguntou Robby.

Richards entregou-lhe a mensagem, depois levantou o fone e apertou o botão para a ponte de comando.

— Alerta geral.

— Mas o que é isso? — murmurou Jackson. — Alerta Três... por quê?

Ernie Richards, um ex-piloto de caça, tinha uma reputação um tanto excêntrica. Reinstituíra a antiga prática da marinha de toques de corneta para anunciar os exercícios. Neste caso, o sistema de alto-falantes irradiou os acordes iniciais do frenético chamado às armas de John Williams em *Guerra nas estrelas*, seguindo-se a sirene eletrônica usual.

— Vamos embora, Rob.

Os dois desceram correndo para o centro de informações de combate.

— O que pode me dizer? — indagou Andrei Il'yich Narmonov.

— A bomba tinha uma força de quase duzentos quilotons. Isso significa um artefato grande, uma bomba de hidrogênio — explicou o general Kuropatkin. — A contagem de mortos passará de duzentos mil. Também temos indicações de uma forte pulsação eletromagnética, que atingiu um dos nossos satélites.



— O que poderia ser a causa disso?

A pergunta foi de um dos assessores militares de Narmonov.

— Não sabemos.

— Temos armas nucleares desaparecidas? — perguntou o presidente.

— Absolutamente não — respondeu uma terceira voz.

— Mais alguma coisa?

— Com sua permissão, eu gostaria de ordenar que Voyska PVO entre num estado de alerta superior. Já temos um exercício de treinamento na Sibéria Oriental.

— É um exercício de provocação? — indagou Narmonov.

— Não, é totalmente defensivo. Nossos aviões de interceptação não podem alcançar ninguém além de umas poucas centenas de quilômetros de nossas fronteiras. Por enquanto, manterei todos os aviões dentro do espaço aéreo soviético.

— Está certo. Pode determinar um grau maior de alerta.

Em seu centro de controle subterrâneo, Kuropatkin limitou-se a apontar para outro oficial, que pegou um telefone. O sistema soviético de defesa aérea já estava preparado; em um minuto, mensagens de rádio estavam sendo transmitidas, e radares de longo alcance foram acionados por toda a periferia do país. Tanto as mensagens quanto os sinais de radar foram imediatamente detectados por instrumentos da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos, no solo e em órbita.

— Mais alguma coisa que eu deva fazer? — perguntou Narmonov a seus assessores.

Um representante do Ministério do Exterior respondeu por todos:

— Acho que não fazer nada é a melhor coisa. Quando Fowler quiser falar conosco, tomará a iniciativa. Ele já tem problemas demais sem a nossa interferência.

O MD-80 da American Airlines pousou no aeroporto internacional de Miami, e taxiou até o terminal. Qati e Ghosn levantaram-se de suas poltronas na primeira classe e deixaram o avião. A bagagem seria transferida automaticamente para o voo de conexão, mas nenhum dos dois estava muito preocupado com isso.

Ambos sentiam-se nervosos, embora menos do que se poderia esperar. A morte era algo que aceitavam como uma possibilidade permanente naquela missão. Se sobrevivessem, tanto melhor. Ghosn não entrou em pânico até constatar que não havia nenhuma atividade anormal. Deveria haver, pensou ele. Encontrou um bar, e olhou para o habitual aparelho de televisão suspenso. Estava sintonizado numa emissora local. Não havia cobertura do jogo. Ele debateu consigo mesmo se deveria perguntar a respeito, mas decidiu não fazê-lo. Foi uma boa decisão. Teve de esperar apenas um minuto para ouvir outra voz indagando qual era o placar.

— Estava quatorze a sete para os Vikings — respondeu alguém.

— Mas depois a droga do sinal desapareceu.

— Quando?

— Há cerca de dez minutos. E estranho que ainda não tenha voltado.

— Será que houve um terremoto, como naquela decisão em San Francisco?

— Seu palpite vale tanto quanto o meu, cara — respondeu o *bartender*. Ghosn levantou-se e seguiu para o salão de partida.

— O que a CIA tem? — perguntou Fowler.

— Nada no momento, senhor. Estamos colhendo dados, mas sabe que tudo o que temos... espere um momento. — Ryan pegou a mensagem que o oficial de plantão lhe estendia. — Senhor, tenho uma mensagem urgente da ASN. O sistema russo de defesa aérea acaba de entrar num estado superior de alerta. Todos os radares estão sendo acionados, e há um grande movimento pelo rádio.

— O que isso significa? — indagou Liz Elliot.

— Talvez eles estejam com medo de que alguém os ataque.

— Mas que droga, Ryan! — explodiu Fowler.

— Peço que me desculpe, senhor presidente, mas não foi um comentário irreverente. É literalmente verdadeiro. O Voyska PVO é um sistema de defesa, como o nosso Norad. Nossos sistemas de defesa aérea e aviso se encontram agora no mais alto grau de alerta. E os deles também. E apenas um movimento defensivo. Eles devem saber o que nos aconteceu. Quando há um problema desse tipo, é natural acionar suas defesas, exatamente como fizemos.

— É potencialmente perturbador — disse o general Borstein, no quartel-general do Norad. — Ryan, você esquece que nós é que fomos atacados, e não eles. Agora, antes que sequer se dêem ao trabalho de entrar em contato conosco, tratam de aumentar seu nível de alerta. Acho isso um pouco inquietante.

— Ryan, o que me diz sobre aqueles relatórios de armas nucleares soviéticas desaparecidas? — perguntou Fowler. — Poderiam se ajustar a esta situação?

— *Que armas nucleares desaparecidas?* — indagou o comandante do SAC.

— Por que não fui informado a respeito?

— Que tipo de armas nucleares? — perguntou Borstein, um momento depois.

— Era um relatório sem confirmação de um agente de infiltração. Não há detalhes. — Uma pausa, e Ryan compreendeu que tinha de continuar.

— O resumo da informação recebida é o seguinte: fomos avisados de que Narmonov tem problemas políticos com seus militares; eles não estão satisfeitos com os atos de Narmonov; que na retirada da Alemanha, uma quantidade não especificada de armas nucleares... provavelmente táticas... desapareceram; que o KGB está conduzindo uma operação para determinar o que falta, se é que falta alguma coisa. Pela informação, Narmonov preocupa-se com a possibilidade de ser o alvo de chantagem política, e que essa chantagem pode ter uma dimensão nuclear. Mas, e devo enfatizar o mas, fomos totalmente incapazes de confirmar esses relatórios, apesar de reiteradas tentativas, e estamos analisando a possibilidade de nosso agente estar mentindo.

— Por que não nos disse isso? — perguntou Fowler.

— Senhor presidente, estamos neste momento no processo de formular nossas avaliações. O trabalho ainda se encontra em andamento, senhor, aproveitamos o fim de semana para isso.

— Com toda a certeza, não foi uma de nossas armas — interveio o general Fremont, veemente. — E também não foi uma bomba de terroristas, por ser grande demais. E agora você nos diz

que os russos podem ter armas nucleares desaparecidas. Isso é mais do que inquietante, Ryan.

— E poderia explicar o aumento do nível de alerta no PVO — acrescentou Borstein, num tom sinistro.

— Vocês dois estão querendo me dizer que pode ter sido um artefato soviético? — perguntou o presidente.

— Não são muitas as potências nucleares — respondeu Borstein primeiro.

— E a carga deste artefato é grande demais para amadores.

— Esperem um pouco — protestou Jack. — É preciso lembrar que os fatos de que dispomos ainda são muito escassos. Há uma diferença entre informação e especulação. Não se pode esquecer isso.

— Qual a potência das armas nucleares táticas soviéticas? — perguntou Liz Elliot.

Foi o comandante do SAC quem respondeu:

— Quase como as nossas. Eles têm armas de um quiloton para disparos de artilharia, e também contam com ogivas de até quinhentos quilotons, as sobras das SS-20s que desativaram.

— Em outras palavras, a carga desta explosão se enquadra nos tipos de ogivas que os soviéticos podem ter perdido?

— Correto, doutora Elliot — respondeu o general Fremont.

Em Camp David, Elizabeth Elliot recostou-se na cadeira e virou-se para o presidente. Falou bastante baixo para que o fone não captasse suas palavras:

— Robert, você deveria estar nisso junto com Brent e Dennis.

Era estranho que esse pensamento ainda não tivesse passado por sua mente, refletiu Fowler. Ele também se recostou e murmurou:

— Não, não posso acreditar que os russos tentassem algo assim.

— Como? — disse uma voz pelo alto-falante.

— Espere um instante — disse Fowler, muito baixo.

— Não entendi o que disse, senhor presidente.

— *Eu disse para esperar um instante!* — gritou Fowler. Ele pôs a mão sobre o microfone. — Elizabeth, nosso dever é assumir o

controle da situação, e é o que faremos. Vamos tentar pôr de lado a questão pessoal neste momento.

— Senhor presidente, quero que siga o mais depressa possível para o PCAEN — disse o comandante do SAC. — A situação pode ser muito grave.

— Se queremos assumir o controle, Robert, temos de agir depressa. Fowler virou-se para o oficial da marinha de pé ao seu lado.

— Quando o helicóptero deve chegar?

— Dentro de vinte e cinco minutos, senhor, depois mais trinta para levá-lo ao PCAEN, em Andrews.

— Quase uma hora... — Fowler olhou para o relógio na parede, como as pessoas fazem quando sabem que horas são, sabem quanto tempo levará para fazer alguma coisa, mas mesmo assim olham para o relógio. — As ligações de rádio no helicóptero não são suficientes. Mande o helicóptero levar o vice-presidente Durling ao PCAEN. General Fremont?

— Estou ouvindo, senhor presidente.

— Não há PCAENs extras?

— Há, sim, senhor.

— Estou mandando o vice-presidente no primário. Pode mandar um de reserva para cá. Não poderia pousar em Hagerstown?

— Claro, senhor. Podemos usar a pista da Fairchild-Republic, onde costumavam fabricar os A-10s.

— Muito bem, faça isso. Levaria uma hora para chegar a Andrews, e não posso desperdiçar essa hora. É meu dever resolver tudo, e preciso dessa hora.

— Isso é um erro, senhor.

Fremont falou em sua voz mais fria. Levaria duas horas para levar o avião à região central de Maryland.

— Pode ser, mas é o que vou fazer. Este não é um momento para eu fugir. Por trás do presidente, Pete Connor e Helen D'Agustino trocaram um olhar desolado. Não tinham ilusões sobre o que aconteceria se fosse desfechado um ataque nuclear contra os Estados Unidos. A mobilidade era a melhor defesa do presidente, e ele acabara de renunciar a isso.

A mensagem de rádio de Camp David foi transmitida imediatamente. O helicóptero presidencial cruzava a rodovia de contorno de Washington no momento, fez a volta e seguiu para sudeste. Pousou no terreno do Observatório Naval dos Estados Unidos. O vice-presidente Roger Durling e sua família embarcaram. Nem se deram ao trabalho de afivelar os cintos de segurança. Agentes do Serviço Secreto, com suas submetralhadoras Uzi apontadas para fora, ajoelharam-se no interior do aparelho. Durling sabia apenas o que o destacamento do Serviço Secreto lhe contara. Disse a si mesmo que tinha de relaxar, manter o controle. Olhou para o filho mais novo, um menino de apenas quatro anos. Ter essa idade de novo, ele pensara no dia anterior, ter essa idade de novo e poder crescer num mundo em que não mais existia a possibilidade de uma grande guerra. Todos os horrores de sua juventude, a crise dos mísseis cubanos que marcara seu primeiro ano na universidade, o serviço militar como líder de pelotão no 82º Aerotransportado, um ano do qual passara no Vietnã. A experiência da guerra convertera Durling num excepcional político liberal. Não fugira da guerra. Correria os riscos, ainda lembrava os dois homens que haviam morrido em seus braços. E no dia anterior olhara para o filho e agradecera a Deus porque ele não conheceria nada disso.

E, agora, acontecia aquele horror. O filho não tinha percepção suficiente para imaginar que se tratava de algo mais além de um passeio de helicóptero de surpresa, e ele adorava voar. A esposa sabia, e as lágrimas escorriam por suas faces enquanto o fitava.

O VH-3 dos fuzileiros pousou a cinquenta metros do avião. O primeiro agente do Serviço Secreto saltou, deparando com um pelotão da polícia de segurança da força aérea protegendo o caminho até a escada. O vice-presidente foi quase arrastado, enquanto um corpulento agente pegava seu filho caçula e corria para longe. Dois minutos depois, antes mesmo que as pessoas tivessem tempo de afivelar os cintos de segurança, o piloto do Posto de Comando Aéreo de Emergência Nacional — o PCAEN — acelerou os motores e disparou pela pista zero-um esquerda. Seguiu para o leste, na direção do oceano Atlântico, onde um KC-10 de

abastecimento já dava voltas, pronto para encher os tanques do Boeing.

— Temos um grande problema aqui — disse Ricks, na sala de manobra. O *Maine* acabara de tentar se deslocar. A qualquer velocidade acima de três nós, a hélice guinchava como uma alma penada. A haste estava um pouco torta, mas conviveriam com isso por algum tempo.

— Todas as sete pás devem estar danificadas. Se tentarmos desenvolver alguma coisa acima de três, faremos esse ruído. Acima de cinco, perderemos os rolamentos da haste em poucos minutos. O motor de popa pode nos proporcionar dois ou três nós, mas também é barulhento. Comentários?

Não houve nenhum. Ninguém a bordo duvidava da competência de Ricks como engenheiro. — Opções?

— São bem escassas, não é? — murmurou Claggett.

O *Maine* tinha de permanecer próximo da superfície. Naquele nível de alerta, devia estar preparado para o lançamento em poucos minutos. Normalmente, poderiam descer para uma profundidade maior, quanto menos não fosse para diminuir o horrível balanço que o barco tinha agora, da turbulência na superfície, mas a velocidade reduzida tornaria a subida demorada demais.

— Qual a proximidade do *Omaha*? — indagou o engenheiro-chefe.

— Provavelmente num raio de cento e cinqüenta quilômetros, e há P-3s em Kodiak... mas ainda temos que nos preocupar com o Akula aqui por perto — disse Claggett. — Senhor, podemos permanecer aqui e esperar.

— Não. Temos um submarino de mísseis avariado. Precisamos de ajuda.

— Isso implicaria em irradiar — ressaltou o imediato.

— Usaremos uma bóia Slot.

— A dois nós através da água, senhor, isso não nos adiantaria muito tempo. Comandante, irradiar é um erro.

Ricks olhou para seu engenheiro-chefe, que disse:

— Agrada-me a idéia de ter um amigo por perto.

— A mim também — murmurou o comandante.

Não demorou muito. A bóia alcançou a superfície em segundos, e no mesmo instante começou a irradiar uma mensagem curta, em UHF. Estava programada para manter a transmissão por horas.

— Vamos ter um pânico nacional em nossas mãos — disse Fowler. Aquela não era a sua observação mais perceptiva. Havia um pânico crescente em seu próprio centro de comando, e ele sabia disso. — Há alguma coisa vindo de Denver?

— Nada em qualquer canal comercial de tevê ou rádio, ao que se saiba — respondeu uma voz do Norad.

— Muito bem, fiquem de sobreaviso.

Fowler examinou o painel, e apertou outro botão.

— Centro de comando do FBI. Inspetor O'Day falando.

— Aqui é o presidente — disse Fowler, desnecessariamente, pois era uma linha direta e a luz no painel no FBI tinha a indicação devida. — Quem está no comando aí?

— Sou o vice-diretor Assistente Murray, senhor presidente. Sou o mais graduado aqui no momento.

— Como estão suas comunicações?

— Estão bem, senhor. Temos acesso aos satélites de comunicações militares.

— Uma coisa com que temos de nos preocupar é com o pânico nacional. Para evitar isso, quero que mande pessoas às sedes de todas as redes de tevê. Quero que seu pessoal explique que não podem transmitir coisa alguma a respeito. Se necessário, está autorizado a usar a força para impedir. Murray não gostou da ordem.

— Senhor presidente, isso é contra...

— Conheço a lei, está bem? Já fui promotor. Isso é necessário para preservar a vida e a ordem, e assim será feito, senhor Murray. É uma ordem presidencial. Cumpra-a.

— Sim, senhor.



## PRIMEIROS CONTATOS

As diversas operadoras de satélites de comunicações eram companhias independentes e muitas vezes concorrentes implacáveis, mas não eram inimigas. Havia acordos entre elas, informalmente chamados de tratados. Sempre existia a possibilidade de que um satélite ou outro pudesse deixar de funcionar, em decorrência de um colapso interno ou colisão com detritos espaciais, que se tornavam uma preocupação cada vez maior. Por isso, havia acordos de assistência mútua, especificando que no caso de uma operadora perder seu pássaro, as outras assumiriam seus encargos, assim como jornais na mesma cidade tradicionalmente concordavam em partilhar suas gráficas, no caso de um incêndio ou desastre natural. Para apoiar esses acordos, havia linhas em aberto entre as sedes das diversas corporações. A Intelsat foi a primeira a ligar para a Telstar.

— Bert, acabamos de perder dois pássaros — comunicou o engenheiro de plantão na Intelsat, com a voz um tanto abalada. — O que aconteceu?

— Nós perdemos três, e a Westar 4 e a Teleglobe também perderam. Tivemos uma falha total do sistema aqui. Estamos efetuando uma verificação agora... e vocês?

— O mesmo ocorreu aqui, Bert. Alguma idéia?

— Nenhuma. Estamos falando em nove pássaros desativados, Stacy. Uma tremenda merda! — O homem fez uma pausa. — Idéias? Espere um instante, está chegando alguma coisa... Muito bem, é *software*. Estamos interrogando 301 agora... eles tiveram uma sobrecarga... Santo Deus! 301 teve uma sobrecarga de mais de cem frequências! Alguém acaba de tentar nos torrar!

— E o que também parece aqui. Mas quem?

— Pode estar certo de que não foi um curto... seria preciso alguns megawatts para fazer isso em apenas um canal.

— E exatamente o que estamos recebendo aqui, Bert. Ligações telefônicas, tudo sofreu um pique ao mesmo tempo. Tem pressa em ligá-los de novo?

— Está me gozando? Tenho equipamentos lá em cima no valor de um bilhão. Até descobrir o que os atingiu, vão permanecer desligados. Meu vice-presidente está na linha neste momento. O presidente está lá em Denver.

— O meu também, mas meu engenheiro-chefe está retido pela neve. E não tenho a menor intenção de arriscar o meu pescoço. Acho que devemos cooperar neste caso, Bert.

— Nem precisa discutir comigo, Stacy. Vou ligar para Fred Kent na Hughes, e ver o que ele pensa. Levarei algum tempo para revisar tudo e fazer uma conferência total dos sistemas. Permanecerei desligado até saber... e saber com certeza absoluta... o que aconteceu. Temos uma indústria a proteger, cara.

— Concordo. Não ligarei os meus enquanto não voltar a falar com você.

— Pode me manter informado de qualquer coisa que descobrir?

— Claro, Bert. Voltarei a entrar em contato com você dentro de uma hora, de qualquer maneira.

A União Soviética é um vasto país, o maior do mundo, tanto em área quanto na extensão de suas fronteiras. Todas essas fronteiras são guardadas, já que tanto o atual país como todos os seus precursores foram invadidos muitas vezes. As defesas de fronteira incluem o óbvio — concentrações de tropas, aeroportos e postos de radar — e também o sutil, como antenas de recepção de rádio. As últimas se destinam à escuta radiofônica e outras emissões eletrônicas. As informações são passadas por cabo de terra ou microondas ao Centro Moscou, o quartel-general do Comitê de Segurança do Estado, o KGB, na praça Dzerzhinski, 2. A Oitava Diretoria do KGB cuida das comunicações e da segurança das comunicações. Possui uma história longa e eminente, beneficiando-se de outra tradicional força russa, o fascínio pela matemática teórica. A relação entre códigos e matemática é lógica, e a mais recente manifestação disso era o trabalho de um gnomo barbudo, na

casa dos trinta anos, que se fascinara pela obra de Benoit Mandelbrot, da Universidade de Harvard, o homem que efetivamente inventou a geometria fracionária. Reunindo essa obra ao trabalho de MacKenzie sobre a Teoria do Caos, na Universidade de Cambridge, Inglaterra, o jovem gênio russo inventara um método teórico genuinamente novo de considerar as fórmulas matemáticas. De um modo geral, as poucas pessoas que compreendiam o que ele dizia sempre admitiam que seu trabalho valia sem dúvida uma Medalha Planck. Fora um acidente histórico o fato de seu pai ser um general na diretoria de guardas de fronteira do KGB, e por isso o Comitê de Segurança do Estado prontamente tomara conhecimento de seu trabalho. O matemático tinha agora tudo o que uma pátria agradecida podia oferecer, e algum dia, era bem provável, também receberia a Medalha Planck.

Ele precisara de dois anos para converter sua abertura teórica em algo prático, mas quinze meses antes realizara a sua primeira "recuperação" do código mais seguro do Departamento de Estado americano, conhecido como Stripe. Seis meses depois, ele provara de maneira conclusiva que era similar na estrutura a tudo o que os militares americanos usavam. O cruzamento com outra equipe de criptoanalistas, que tinham acesso ao trabalho da rede de espionagem Walker, e com o trabalho ainda mais importante realizado por Pelton, resultará na penetração sistemática dos sistemas de codificação americanos, apenas seis meses antes. Ainda não era uma coisa perfeita. De vez em quando era impossível decifrar os procedimentos, trocados todos os dias. Às vezes transcorria até uma semana sem que conseguissem recuperar qualquer coisa, mas também podia-se passar três dias recuperando mais da metade das mensagens interceptadas, e os resultados melhoravam mês a mês. O maior problema, na verdade, parecia ser o de não contarem com os computadores para realizar todo o trabalho necessário. A Oitava Diretoria se empenhava ativamente em treinar mais lingüistas para cuidarem de todas as mensagens recebidas.

Sergei Nikolayevich Golovko fora despertado de um sono profundo e levado de carro a seu gabinete, acrescentando seu nome

ao de todas as pessoas no mundo inteiro que se encontravam chocadas, numa sobriedade assustada. Um homem da Primeira Diretoria durante toda a sua carreira, tinha a função de analisar a mente coletiva americana, e aconselhar seu presidente sobre o que estava acontecendo. As decodificações passando por sua mesa constituíam o instrumento mais útil.

Ele tinha nada menos que trinta dessas mensagens, que se resumiam em dois fatos. Todas as forças estratégicas eram ordenadas para o Alerta Dois, e todas as forças convencionais entravam no Alerta Três. O presidente americano estava em pânico, pensou o primeiro vice-presidente do KGB. Não havia outra explicação. *Seria possível que ele achasse que a União Soviética cometera aquela infâmia?* Era o mais assustador pensamento de sua vida.

— Outra mensagem, esta naval — anunciou o mensageiro. Golovko só precisou dar uma olhada.

— Transmita isso imediatamente para a marinha.

Ele precisava comunicar tudo ao presidente Narmonov. Pegou o telefone.

Por uma vez, a burocracia soviética trabalhou depressa. Minutos depois, um sinal de frequência extremamente baixa foi transmitido, e o submarino *Almirante Lunin* aflorou à superfície para receber a mensagem completa. O comandante Dubinin leu à medida que saía da impressora.

SUBMARINO AMERICANO MAINE INFORMA LOCAÇÃO COMO 50D-55M-09sN 153D-01M-23sW. HÉLICE AVARIADA POR COLISÃO DE CAUSA DESCONHECIDA.

Dubinin deixou a Sala de Comunicações, e foi para a mesa de cartas.

— Onde estávamos quando captamos aquele transiente?

— Aqui, comandante, e a direção era esta.

O navegador traçou a linha com seu lápis. Dubinin balançou a cabeça, estendendo a mensagem.

— Dê uma olhada nisto.

— O que acha que ele está fazendo?

— Ficaré perto da superfície. Portanto... vamos subir, permanecer logo abaixo da camada, e nos deslocarmos depressa. O ruído de superfície fará o diabo com o sonar. Quinze nós.

— Será que ele estava nos seguindo?

— Não acha que demorou demais para chegar a essa conclusão? — Dubinin avaliou a distância para o alvo. — Muito orgulhoso, este aqui. Veremos. Sabe que os americanos se gabam de tirar fotografias do casco? Pois agora, meu jovem tenente, será a nossa vez!

— O que significa isso? — perguntou Narmonov a Golovko.

— Os americanos foram atacados por forças desconhecidos, o ataque foi sério, causando grande perda de vidas — respondeu Golovko, pelo telefone seguro. — Deve-se esperar que aumentem sua prontidão militar. Uma grande consideração será a manutenção da ordem pública.

— E que mais?

— E, infelizmente, todas as suas armas estratégicas por acaso estão apontadas para a *Rodina*.

— Mas não tivemos nada a ver com isso! — protestou o presidente soviético.

— Correto. Deve compreender que tais reações são automáticas, preparadas com antecedência, tornando-se quase um reflexo. A partir do momento em que se é atacado, passa-se a ter extrema cautela. Os contramovimentos são planejados antes, a fim de que se possa agir depressa, enquanto se aplica toda a capacidade intelectual na análise do problema, sem distrações adicionais e desnecessárias.

O presidente soviético virou-se para seu ministro da Defesa.

— O que devemos fazer?

— Aconselho um aumento no nível de alerta. Defensivo apenas, é claro. Afinal, quem quer que desfechou esse ataque, pode tentar também nos atacar.

— Aprovado — disse Narmonov, bruscamente. — O alerta máximo em tempo de paz.

Golovko franziu o cenho. Escolhera a palavra com todo o cuidado: reflexo.

— Posso fazer uma sugestão?

— Claro — respondeu o ministro da Defesa.

— Se possível, talvez seja melhor informar às nossas forças o motivo para o alerta. Pode atenuar o choque da ordem.

— E uma complicação desnecessária — ponderou o ministro.

— Os americanos não fizeram isso, o que quase certamente foi um erro — insistiu Golovko. — Por favor, considere o estado de espírito de pessoas arrancadas subitamente de operações de rotina de tempo de paz para um alerta máximo. Só exigirá algumas palavras adicionais... e essas poucas palavras podem ser importantes.

— Boa idéia — disse Narmonov. E acrescentou em seguida, para o ministro da Defesa: — Faça isso.

Depois de uma pausa, o presidente soviético comentou:

— Muito em breve teremos um contato dos americanos pela Linha Quente. o que eles vão dizer?

— É difícil prever, mas o que quer que seja, devemos ter uma resposta preparada, apenas para acalmar as coisas, para garantir que eles saibam que não tivemos nada a ver com isso.

Narmonov balançou a cabeça. Fazia sentido.

— Comece a trabalhar nisso.

Os operadores da agência soviética de comunicações de defesa resmungaram diante da mensagem que deviam despachar. Para facilidade de transmissão, a essência da mensagem podia ser contida num único grupo de código de cinco letras, que podia ser transmitido, decifrado e compreendido num instante por todos os destinatários, mas isso não era possível agora. As frases adicionais precisavam ser editadas, para evitar que a transmissão fosse longa demais. Um major cuidou disso, recebeu a aprovação de seu superior, um general, e enviou a mensagem para não menos que trinta centros de comunicações. A mensagem foi ainda mais alterada para se aplicar a serviços militares específicos.

O *Almirante Lunin* mantinha o novo curso há apenas cinco minutos quando recebeu uma segunda mensagem pela frequência extremamente baixa. O oficial de comunicações levou-a correndo para a sala de controle.

ALERTA GERAL NÍVEL DOIS. HOUE UMA DETONAÇÃO NUCLEAR DE ORIGEM DESCONHECIDA NOS ESTADOS UNIDOS. FORÇAS ESTRATÉGICAS E CONVENCIONAIS AMERICANAS FORAM ALERTADAS PARA POSSÍVEL GUERRA. TODAS AS FORÇAS NAVAIS DEVEM SAIR PARA O MAR IMEDIATAMENTE. ADOTEM TODAS AS MEDIDAS PROTETORAS NECESSÁRIAS.

— Será que o mundo enlouqueceu? — murmurou o comandante, ao ler a mensagem. Não houve resposta. — Isto é tudo?

— É, sim. Não houve aviso para levantar a antena.

— Não são instruções apropriadas — ressaltou Dubinin. — "Todas as medidas protetoras necessárias"? O que estão querendo dizer com isso? Proteger a nós mesmos, proteger a pátria... o que eles querem dizer?

— Comandante — interveio o *Starpom* —, o Alerta Geral Dois contém suas próprias regras de ação.

— Sei disso, mas será que se aplicam neste caso?

— Por que outro motivo nos mandariam a mensagem?

Um nível de Alerta Geral Dois era algo sem precedentes para os militares soviéticos. Significava que as regras de ação não eram as de uma guerra, mas também não eram as que se observavam em tempo de paz. Dubinin, como todos os outros comandantes de barcos soviéticos, compreendia plenamente seus deveres, mas as implicações da ordem pareciam assustadoras demais. O pensamento logo passou, no entanto. Ele era um oficial da marinha. Recebera suas ordens. Quem quer que dera aquelas ordens, devia compreender a situação melhor do que ele. O comandante do *Almirante Lunin* empertigou-se e virou-se para seu imediato.

— Aumente a velocidade para vinte e cinco nós. Todos em seus postos de combate.

Aconteceu tão depressa quanto os homens conseguiram se deslocar. o escritório do FBI em Nova York, instalado no Edifício Federal Jacob Javits, na extremidade meridional de Manhattan, despachou seus homens para o norte, uma operação facilitada pelo pouco tráfego no domingo. Os carros sem qualquer identificação e muito potentes seguiram para as sedes das diversas redes de televisão. O mesmo ocorreu em Atlanta, onde os agentes deixaram o Edifício Martin Luther King e foram para a sede da CNN. Em cada caso, não menos de três agentes entraram nas salas de controle principais e impuseram a determinação: nada sobre Denver podia ser transmitido. Em nenhum caso, os funcionários das redes sabiam o motivo para isso, pois se preocupavam apenas em restabelecer o contato. A mesma coisa aconteceu no Colorado. Ali, sob as ordens do agente especial no comando, Walter Hoskins, os agentes da divisão de campo local invadiram todas as filiais das redes, assim como a companhia telefônica, onde cortaram todas as linhas de longa distância, apesar dos furiosos protestos dos funcionários da Bell. Mas Hoskins cometera um erro, decorrente do fato de não gostar muito de assistir televisão.

A Kold era uma emissora independente, que tentava se tornar também uma superemissora. Como a TBS, a WWOR e umas poucas outras, tinha sua própria linha de satélite, a fim de cobrir uma área ampla. Uma ousada jogada financeira, ainda não compensadora para os investidores, que dirigiam a emissora com um orçamento reduzido, de um prédio antigo e quase sem janelas na zona nordeste da cidade. A emissora usava um dos satélites canadenses da série Anik, e alcançava o Alasca, Canadá, e a região centro-norte dos Estados Unidos relativamente bem com sua programação, constituída em grande parte por antigos programas das redes.

O prédio da Kold fora outrora a emissora de televisão da primeira rede em Denver, sendo construído no padrão exigido pela Comissão Federal de Comunicações, na década de 1930: concreto monolítico reforçado, capaz de resistir a um ataque inimigo com bombas — as especificações eram anteriores às armas nucleares. As únicas janelas eram nas salas executivas, no lado sul do prédio. Só dez minutos depois do evento é que alguém passou pela porta



aberta da sala do gerente de programação. Parou bruscamente, virou-se e voltou correndo para o departamento de jornalismo. Um minuto depois, um cinegrafista subiu pelo elevador de carga para o telhado. A imagem passou para a sala de controle e foi enviada para o satélite Anik, que não fora afetado pela explosão e transmitia uma reprise de *The Adventures of Dobbie Gillis* para o Alasca, Montana, Dakota do Norte, Idaho e três províncias canadenses. Em Calgary, Alberta, uma repórter do jornal local, que jamais superara sua Paixão por Dwayne Hickman, ficou espantada com a imagem e a voz em *over*, e telefonou no mesmo instante para sua redação. Seu relato ofegante foi retransmitido prontamente pela Reuters. Pouco depois, a CBC retransmitia a imagem para a Europa, através de um dos seus satélites Anik, não afetados. A esta altura, dois agentes do FBI em Denver já entravam no prédio da Kold. Impuseram a censura aos jornalistas, que protestaram com a Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos, um argumento que não é tão convincente quanto homens armados que desligam a energia de seus transmissores. Os agentes do FBI pelo menos pediram desculpas. Nem precisariam se incomodar. O que fora desde o início uma missão absurda, era agora um exercício de inutilidade.

— Mas, afinal, o que está acontecendo? — perguntou Richards a seu estado-maior.

— Não temos a menor idéia, senhor — respondeu o oficial de comunicações, contrafeito. — Não foi apresentado nenhum motivo para o alerta.

— Isso não nos deixa alternativa, não é mesmo?

Era uma questão retórica. O grupo de batalha do *TR* passava por Malta, e se encontrava agora ao alcance de alvos na União Soviética. O alerta exigia que os Intruders A-6E decolassem, subissem rapidamente para a altitude de cruzeiro, com combustível suficiente para alcançar seus alvos, na península de Kerch ou nas áreas próximas. Apenas um ano antes, nenhum porta-aviões americano, embora todos carregassem uma quantidade considerável de bombas termonucleares, integrava o PUOI — Plano Único de Operações Integradas —, que era a programação para arrasar a União Soviética. A redução dos mísseis estratégicos . — quase todos

baseados em terra, nos Estados Unidos — diminuía de forma radical a quantidade de ogivas disponíveis; e como todos os planejadores, em qualquer lugar, o estado-maior conjunto de planejamento de alvos estratégicos, que partilhava o quartel-general do SAC, tentara compensar essa escassez por todos os meios possíveis. Em decorrência, sempre que um porta-aviões se encontrava ao alcance de alvos soviéticos, passava a se integrar ao PUOI. No caso do *Theodore* Roosevelt, significava que a partir do momento em que passasse a leste de Malta, deixava de ser uma força convencional, e se tornava uma força nuclear estratégica. Para cumprir essa missão, o *TR* transportava cinquenta bombas nucleares de gravidade B-61-Mod-8, num paiol especial, fortemente guardado. A B-61 tinha um mecanismo de opção de fusão, chamado Fufo, que selecionava uma carga explosiva variando de dez a quinhentos quilotons. As bombas tinham três metros e meio de comprimento, trinta centímetros de diâmetro, pesavam apenas trezentos quilos, e possuíam uma forma aerodinâmica para cortar a resistência do ar. Cada A-6E podia transportar duas bombas, com tanques de combustível auxiliares, a fim de permitir um raio de combate superior a mil e quinhentos quilômetros. Dez daquelas bombas eram o equivalente explosivo a toda uma esquadrilha de mísseis Minuteman. Os alvos determinados eram navais, sob o princípio de que as pessoas matam com mais freqüência os amigos, ( ou pelo menos colegas, em vez de estranhos totais. Um dos objetivos, por exempla era reduzir o estaleiro Nikolaiev, no rio Dnieper, a uma poça radiativa. Era o lugar diga-se de passagem, em que fora construído o porta-aviões soviético *Kuznetzov*.

O problema adicional de Richards era o fato de que o comandante do grupo de batalha, um almirante, voara até Nápoles para uma reunião com o comandante da Sexta Esquadra dos Estados Unidos. Richards teria de tomar as decisões pessoalmente.

— Onde está nosso amigo? — perguntou ele.

— Mais ou menos a quatrocentos quilômetros — informou o oficial de operações. — Bem perto.

— Vamos lançar os aviões no ar, comandante — propôs Jackson. — Levarei dois e sobrevoarei esta área, a fim de vigiar a

porta dos fundos.

Ele indicou a posição no mapa.

— Mantenha o controle, Rob.

— Não se preocupe, Ernie.

Jackson ligou para a sala de prontidão.

— Quem está preparado? — Ele escutou por um momento. — Ótimo. Jackson saiu para pegar o traje de vôo e o capacete. Assim que ele se retirou, Richards disse:

— Senhores, como estamos agora a leste de Malta, passamos a fazer parte do PUOI. Portanto, somos uma força estratégica, não mais convencional, e o Alerta Dois se aplica a nós. Se alguém aqui precisa se lembrar das normas de contato do Alerta Dois, é melhor fazer isso logo. Qualquer coisa que possa ser interpretada como uma ameaça a nós pode ser atacada e destruída, sob a minha autoridade como comandante do grupo de batalha. Perguntas?

— Senhor, não sabemos o que está acontecendo — ressaltou o oficial de operações.

— Tem razão. Tentaremos pensar primeiro, mas vamos agir em conjunto. Algo de ruim está acontecendo, e nos encontramos em Alerta Dois.

Era uma noite clara no convés de vôo. Jackson deu as instruções ao comandante Sanchez e aos respectivos RIOs, e depois todos se encaminharam para os dois Tomcats, à espera nas catapultas. Jackson e Walters embarcaram. o chefe de vôo ajudou os dois a se afivelarem no assento, depois desceu e removeu a escada. O comandante Jackson efetuou a seqüência de decolagem, observando os instrumentos. O F-14D estava armado com quatro mísseis Phoenix guiados por radar, além de quatro Sidewinders infravermelhos.

— Pronto aí atrás, Shredder? — perguntou Jackson.

— Podemos partir, Spade — respondeu Walters.

Robby empurrou o manete para ponto morto, depois virou para *détente*, e ligou o jato de empuxo adicional. Fez um sinal para o oficial de catapulta, avisando que estava pronto. O oficial olhou pelo convés para se certificar de que estava livre, e bateu continência para o outro piloto.

Jackson piscou as luzes de vôo em resposta, baixou a mão para o manche, e inclinou a cabeça para trás, contra o descanso. Um segundo depois, o oficial de catapulta acendeu o bastão luminoso e encostou-o no convés. Um suboficial apertou o botão de disparo, e o vapor entrou no mecanismo da catapulta.

Apesar de todos os seus anos no ofício, os sentidos de Jackson nunca pareciam ser bastante rápidos. A aceleração da catapulta quase lhe revirou os globos oculares. O brilho difuso das luzes do convés desapareceu em sua esteira. A popa do avião assentou, eles estavam no ar. Jackson verificou se estavam mesmo voando, antes de desligar o jato de empuxo adicional, depois recolheu o trem de aterrissagem e os flapes, iniciando a lenta subida para a altitude de cruzeiro. Passava por trezentos metros quando "Bud" Sanchez e "Lobo" Alexander surgiram ao seu lado.

— Lá se vão os radares — anunciou Shredder, observando seus instrumentos. Todo o grupo de batalha do *TR* suspendeu cada emissão numa questão

de segundos. Agora, ninguém poderia rastreá-los por seus ruídos eletrônicos. Jackson acalmou-se. O que quer que estivesse acontecendo, não podia ser tão ruim, não é mesmo? Era uma noite clara e bonita, quanto mais alto ele subia, mais clara se tornava, através da cobertura panorâmica do caça. As estrelas eram discretos pontos de luz, e a cintilação cessou quando chegaram a nove mil metros de altitude. Ele podia avistar luzes estroboscópicas distantes de aviões comerciais, e as linhas costeiras de meia dúzia de países. Uma noite assim, pensou ele, podia transformar um camponês num poeta. Fora para momentos como aquele que ele se tornara um piloto. Virou para oeste, com Sanchez em sua ala. Havia muitas nuvens naquela direção, Jackson percebeu no mesmo instante. Não poderia avistar tantas estrelas.

— Muito bem — disse Jackson —, vamos ter uma imagem rápida.

O RIO, como era chamado o oficial de interceptação de radar, acionou seus sistemas. O F-14D acabara de ser equipado com um novo radar fabricado pela Hughes, conhecido como BPI, para "baixa probabilidade de interceptação". Embora usando menos potência

que o sistema AWG-9 que substituíra, o BPI combinava uma sensibilidade maior com uma possibilidade muito menor de ser captado pelo receptor de ameaça de outro avião. Também oferecia um desempenho inferior muito maior.

— Lá estão eles — informou Walters. — Uma formação circular.

— Eles têm alguma coisa no ar?

— Tudo o que vejo está lá embaixo.

— Certo... alcançaremos nossa posição dentro de poucos minutos.

Oitenta quilômetros atrás, um avião de radar E-1C Hawkeye estava sendo lançado da catapulta número dois. Dois aviões de abastecimento KA-6 também foram lançados, além de mais caças. Os aviões de abastecimento chegariam em breve à posição de Jackson, a fim de encher seus tanques, permitindo-lhe permanecer no ar por mais quatro horas. O E-2C era o mais importante. Subiu à plena potência militar, virando para o sul, a fim de se posicionar a oitenta quilômetros da nave-mãe. Assim que alcançou a altitude de sete mil e quinhentos metros, o radar de vigilância foi ligado, e a equipe a bordo de três operadores começou a registrar os contatos. Os dados eram enviados por ligação digital para o porta-aviões, e também para o oficial de

combate aéreo do grupo, que se encontrava num cruzador da classe Aegis, o *Thomas Gates*, cujo código de chamada era "Stetson".

— Nada demais, comandante.

— Muito bem, estamos na posição. Vamos circular e procurar. Jackson virou seu avião numa curva fechada para a direita, com Sanchez em formação.

O Hawkeye avistou-os primeiro. Estavam quase que diretamente abaixo de Jackson e seus dois Tomcats, escapando pelo momento à detecção de cone de seus radares.

— Stetson, aqui é Falcão Dois, temos quatro pontos no mostrador, na direção dois-oito-um, a cento e cinquenta quilômetros. A referência de distância era em relação à posição do *TR*.

— IFF?

— Negativo. A velocidade deles é de seiscentos e cinqüenta, altitude duzentos, curso um-três-cinco.

— Amplifique — pediu o oficial de combate aéreo.

— Estão numa formação folgada de quatro dedos, Stetson — respondeu o controlador em Hawkeye. — A estimativa é de caças táticos.

— Peguei alguma coisa — informou Shredder a Jackson, um momento depois. — Parece que são dois... não, quatro aviões, seguindo para sudeste.

— De quem são?

— Não são dos nossos.

No centro de informações de combate no *TR*, ninguém tinha ainda a menor idéia do que estava acontecendo, mas o pessoal de informações se empenhava ao máximo para descobrir. O que já sabiam, àquela altura, era que a maioria dos canais noticiosos via satélite se encontrava fora do ar, embora todas as ligações de satélites militares continuassem a funcionar. Uma nova varredura eletrônica do espectro de satélites mostrou que muitos dos circuitos de vídeo se encontravam inexplicavelmente inativos, assim como as ligações telefônicas. O pessoal de comunicações era tão viciado em canais de alta tecnologia que foram precisos os serviços de um operador de rádio de terceira classe para sugerir uma verificação nas faixas de ondas curtas. A primeira que encontraram no ar foi a BBC. O locutor falava com a segurança discreta pela qual a BBC era famosa:

— A Reuters informa uma detonação nuclear na região central dos Estados Unidos. Uma emissora de televisão de Denver, Colorado, a Kold, transmitiu via satélite a imagem de uma nuvem de cogumelo sobre a cidade, enquanto uma voz informava a ocorrência de uma tremenda explosão. A Kold se encontra agora fora do ar, e as tentativas de fazer contato com Denver pelo telefone ainda não tiveram êxito. Por enquanto, não houve nenhum comentário oficial sobre o incidente.

— Santo Deus! — murmurou alguém, por todos.

O Comandante Richards correu os olhos por seu estado-maior.

— Agora sabemos por que estamos em Alerta Dois. Vamos lançar mais

alguns caças no ar. Os F-18s à proa, os F-14s à popa. Quero quatro A-6s carregados com B-61s e informados sobre os alvos de PUOI. Uma esquadrilha de F-18s equipadas com mísseis antinavios, e vamos começar a planejar um Ataque Alfa ao grupo de batalha do *Kuznetsov*.

— Comandante — interveio um operador —, Falcão informa que há quatro aviões táticos no ar.

Richards só precisou se virar para avistar a tela tática principal, com um metro de largura. Os quatro novos contatos apareciam como um V invertido, com vetores de curso. O ponto mais próximo de contato era a cerca de trinta quilômetros, ao alcance fácil dos mísseis ar-superfície.

— Mande Spade identificar esses bandidos imediatamente!

— ... aproximar e identificar — foi a ordem transmitida pelo controle de vôo em Hawkeye.

— Entendido — respondeu Jackson. — Bud, vamos nos separar.

— Entendido.

O comandante Sanchez virou seu manche para a esquerda, a fim de aumentar a distância entre seu caça e o de Jackson. Conhecida como "Dupla Livre", a formação permitia que um avião apoiasse o outro, ao mesmo tempo em que impedia que fossem atacados simultaneamente. Enquanto ele se afastava, os dois aviões inclinaram o nariz para baixo e mergulharam. Em poucos segundos, passaram por Mach-Um.

— Alinhamento do alvo — disse Shredder a seu piloto. — Estou acionando o sistema de tevê.

O Tomcat dispunha de um equipamento de identificação simples. Era uma câmera de televisão com lente telescópica, que operava tanto à luz do dia quanto à noite. O tenente Walters enquadrou a tevê no sistema de radar, e em poucos segundos tinha quatro pontos, que aumentavam rapidamente, à medida que os Tomcats os alcançavam.

— Configuração dupla de leme.

— Falcão, aqui é Spade. Informe que já temos o visual, mas nenhuma identificação. Estamos nos aproximando.

O major Pyotr Arabov não se sentia mais tenso do que o habitual. Um piloto instrutor ensinava a três líbios as complexidades do vôo noturno sobre o mar. Haviam efetuado uma volta sobre a ilha italiana de Pantelleria trinta minutos antes, e agora seguiam para Trípoli, de volta à base. A formação de vôo noturno era difícil para os três líbios, embora cada um tivesse mais de trezentas horas de experiência. Além do mais, o vôo sobre o mar era o mais difícil. Por sorte, haviam escolhido uma excelente noite para o exercício. O céu estrelado lhes proporcionava uma boa referência de horizonte. Era melhor aprender primeiro a maneira fácil, refletiu Arabov, e naquela altitude. Um autêntico exercício tático, a cem metros e com uma velocidade superior, numa noite nublada, podia ser bastante perigoso. Ele não se sentia mais impressionado do que a marinha americana ficara, em diversas ocasiões, com a habilidade aérea dos líbios, mas eles pareciam ansiosos em aprender, o que já era alguma coisa. Além disso, seu país rico em petróleo aprendera a lição com os iraquianos, e chegara à conclusão de que se queria ter uma força aérea, então era melhor que fosse bem treinada. Isso significava que a União Soviética poderia vender muitos outros MiG-29s, apesar das vendas na região de Israel terem caído muito nos últimos meses. Também significava que o major Arabov estava recebendo parte de seu pagamento em moedas fortes.

O piloto instrutor olhou para a esquerda e para a direita, a fim de verificar se a formação estava... não exatamente certa, mas pelo menos aproximada. Os aviões tinham um desempenho lento, com dois tanques de combustível sob cada asa. Cada tanque tinha barbatanas de estabilização, e parecia de fato com uma bomba.

— Eles estão carregando alguma coisa, comandante. E, com certeza, são MiG-29s.

— Certo. — Jackson conferiu sua tela, depois ligou o rádio. — Aqui é Spade. Câmbio.

— Pode falar.



O circuito de rádio digital permitiu que Jackson reconhecesse a voz do comandante Richards.

— Comando, identificamos os alvos. Quatro MiG-29s. Parecem ter cargas por baixo das asas. Curso, velocidade e altitude inalteradas.

Houve uma breve pausa.

— Liquide os bandidos.

Jackson ergueu a cabeça abruptamente.

— Diga de novo, comando.

— Spade, aqui é comando: liquide os bandidos. Acuse o recebimento. *Ele os chamou de "bandidos", pensou Jackson. E sabe mais do que eu.*

— Entendido. Partindo para o contato agora. Câmbio e desligo.

— Jackson ligou o rádio para seu companheiro. — Bud, siga-me.

— Merda! — murmurou Shredder. — Recomendo o lançamento de dois Phoenix, para o par à esquerda e o par à direita.

— Certo — respondeu Jackson.

Ele ajustou o controle de armamentos na extremidade do manche para AIM-54. O tenente Walters programou os mísseis para manterem seus radares quietos, até chegarem a apenas um quilômetro e meio do alvo.

— Pronto. Distância é de cinco mil. Os pássaros podem ser lançados.

A tela na altura da cabeça de Jackson mostrava a simbologia correta. Um *bip* nos fones indicava que o primeiro míssil estava pronto para ser disparado. Ele apertou o gatilho uma vez, esperou um segundo, apertou de novo.

— Merda! — murmurou Michael "Lobo" Alexander, a quase um quilômetro de distância.

— Você sabe o que tem de ser feito! — gritou Sanchez.

— O céu está claro. Não vejo coisa alguma ao nosso redor.

Jackson fechou os olhos, a fim de resguardar tanto quanto possível a visão, contra as chamas de descarga amareladas dos mísseis. Eles se afastaram depressa, acelerando a cerca de cinco mil quilômetros horários, quase um quilômetro e meio por segundo.

Jack observou-os partirem para o alvo, enquanto posicionava seu avião para outro disparo, se os Phoenixes não funcionassem direito.

Arabov efetuou outra checagem dos instrumentos. Não havia nada de anormal. Seus receptores de ameaça mostravam apenas radares de busca aérea, embora um registro tivesse desaparecido poucos minutos antes. Afora isso, era uma missão de treinamento das mais rotineiras, reta e nivelada, num curso direto para um ponto fixo. Seus receptores de ameaça não haviam captado o radar BPI que o rastreava, durante quatro dos últimos cinco minutos. Mas captou o sinal potente de radar num míssil Phoenix.

Uma luz vermelha de alerta acendeu, e um som estridente atingiu sua audição. Arabov baixou os olhos para conferir os instrumentos. Pareciam estar funcionando direito, mas aquilo não era... e seu movimento seguinte foi virar a cabeça. Teve tempo apenas de avistar uma meia-lua amarela e uma trilha de fumaça fantasmagórica, depois um clarão.

O Phoenix visava o par da direita, explodiu a poucos metros deles. A ogiva de sessenta quilos encheu o ar com fragmentos em alta velocidade, que acertaram os dois MiGs. O mesmo aconteceu com o par da esquerda. O ar foi ocupado por uma nuvem incandescente de combustível explodindo e fragmentos de aviões. Três pilotos morreram na explosão. Arabov foi disparado do caça em desintegração pelo assento ejetado, cujo pára-quedas abriu a apenas sessenta metros acima do mar. Já inconsciente do inesperado choque da ejeção, o major russo foi salvo pelos sistemas que antecipavam as lesões. Um colete inflável manteve sua cabeça acima da superfície, um rádio em UHF começou a transmitir para o helicóptero de resgate mais próximo, e uma potente lanterna estroboscópica azul-clara se pôs a piscar na escuridão. Ao seu redor, havia apenas algumas manchas ralas de combustível ardendo, e mais nada.

Jackson observara todo o processo. Era bem provável que tivesse marcado um recorde. Quatro aviões com uma única salva de mísseis. Mas não houvera qualquer habilidade envolvida. Como

acontecera com sua vítima iraquiana, eles nem sabiam de sua presença. Qualquer novato inexperiente poderia fazer a mesma coisa. Era assassinato, não guerra — que guerra?, ele se perguntou; havia alguma guerra? — e ele nem ao menos sabia por quê.

— Quatro MiGs liquidados — disse ele pelo rádio. — Comando, aqui é Spade, liquidados os quatro. Voltando à posição anterior, precisamos de combustível.

— Entendido, Spade, o abastecimento está a caminho. Registramos a manobra.

Walters indagou:

— Ei, Spade, o que está acontecendo?

— Eu bem que gostaria de saber, Shredder.

*Será que disparei o primeiro tiro numa guerra? Mas que guerra?*

Apesar de toda a confusão anterior, o regimento blindado de guarda era uma unidade russa das mais eficientes, entre todas as que Keitel já conhecera. Os tanques de combate T-80 pareciam um pouco com brinquedos, pelos painéis blindados afestoados na torre e casco, mas eram também veículos de aparência ameaçadora, com seus canhões de 125 mm, muito compridos que não deixavam a menor dúvida sobre sua identidade e propósito. A suposta equipe de inspeção circulava em grupos de três. Keitel tinha a missão mais perigosa, já que era acompanhado pelo comandante do regimento. Keitel — "Coronel Ivanenko" — conferiu o relógio, andando por trás do coronel de verdade. A apenas duzentos metros de distância, Günther Bock e outros dois ex-oficiais da Stasi aproximaram-se da guarnição de um tanque. Os homens embarcavam no veículo quando eles chegaram.

— Parem! — ordenou um dos alemães.

— Pois não, coronel — respondeu o sargento que comandava o tanque.

— Desçam todos. Vamos inspecionar seu veículo.

O comandante, o artilheiro e o piloto se postaram na frente de seu tanque, enquanto as guarnições dos outros assumiam seus postos no interior. Bock esperou que os tanques vizinhos fossem fechados, depois fuzilou os três russos com uma automática munida

de silenciador. Os três cadáveres foram empurrados para baixo do tanque. Bock ocupou o lugar do artilheiro, examinou os controles, sobre os quais obtivera algumas informações. A apenas mil e duzentos metros de distância, estacionados num ângulo reto em relação a seu tanque, havia mais de cinquenta tanques americanos M1A1, cujas guarnições também embarcavam naquele momento.

— Força ligada — informou o piloto, enquanto o motor diesel pegava, junto com os outros.

Bock ligou o sistema bélico, depois apertou o botão para carregar automaticamente, a culatra do canhão do tanque abriu, a primeira granada foi empurrada para a posição, depois a carga propulsora. A culatra fechou no instante seguinte. Era muito fácil, pensou Bock. Ele acionou o visor e apontou para um tanque americano. Era também muito fácil fazer a mira. A área em que se encontravam os tanques americanos estava toda iluminada, como se fosse um estacionamento, para que se pudesse avistar os invasores sem qualquer dificuldade. O *laser* lhe forneceu a distância, e Bock levantou o canhão para a posição apropriada. Calculou o vento em zero. Era uma noite calma. Bock olhou para o relógio, esperou que o ponteiro chegasse no doze. E depois puxou o gatilho. O T-80 de Bock balançou para trás, junto com três outros tanques. Dois terços de um segundo depois, a granada atingiu a torre do tanque americano. Os resultados foram impressionantes. Ele acertara o compartimento de munição, na parte posterior da torre. As quarenta granadas que havia ali explodiram ao mesmo tempo. Os painéis de explosão fizeram com que a maior parte se projetasse para cima, mas as portas de incêndio no interior do veículo já haviam sido explodidas pela granada, e a tripulação foi incinerada em seus assentos, enquanto o tanque de dois milhões de dólares se transformava num vulcão verde e marrom, junto com dois outros.

Cem metros ao norte, o comandante do regimento parou de repente, no meio de uma frase, virando-se na direção da explosão, com uma expressão de incredulidade.

— Mas o que está acontecendo aqui? — ele ainda conseguiu gritar, antes que Keitel lhe acertasse um tiro na nuca.

Bock já disparara uma segunda granada na caixa do motor de outro tanque, e carregava uma terceira. Sete M1A1s já queimavam antes que o primeiro artilheiro americano tivesse tempo de carregar uma granada. A enorme torre virou, enquanto os comandantes dos tanques gritavam ordens para seus pilotos e artilheiros. Bock percebeu o movimento, e mirou em sua direção. Errou o alvo, o disparo passando muito à esquerda, mas indo atingir outro Abrams, por trás do primeiro. O americano também disparou, mas errou o alvo, porque o artilheiro estava nervoso. Sua segunda granada foi carregada no mesmo instante, e desta vez ele explodiu um T-80 perto daquele em que se encontrava Bock. O alemão resolveu deixar aquele americano em paz.

— Estamos sendo atacados... comecem a disparar! — gritavam os comandantes de tanques soviéticos.

Keitel correu para o veículo de comando.

— Sou o coronel Ivanenko. Seu comandante está morto... tratem de avançar! Liquidem aqueles doidos enquanto ainda nos resta um regimento!

O oficial de operações hesitou, pois não tinha a menor idéia do que estava acontecendo, apenas podia ouvir as explosões. Mas as ordens partiam de um coronel. Ele levantou seu rádio, ligou para o circuito de comando do batalhão, e transmitiu a ordem.

Houve o momento de hesitação que era de se esperar. Pelo menos dez tanques americanos se achavam em chamas agora, mas quatro respondiam aos disparos. E depois toda a linha soviética abriu fogo, e três dos tanques americanos ativos foram destruídos. Os que se encontravam protegidos pela linha da frente começaram a soltar fumaça e manobrar, principalmente para trás, enquanto os tanques soviéticos avançavam. Keitel ficou observando, na maior admiração, enquanto os T-80s soviéticos partiam para a ofensiva. Sete permaneceram parados, dos quais quatro estavam em chamas. Mais dois explodiram antes de cruzarem a linha em que outrora existia um muro.

Valia a pena, pensou Keitel, só por aquele momento. Qualquer que fosse o plano de Günther, valia a pena só de ver americanos e russos se matando uns aos outros.

O almirante Joshua Painter chegou ao quartel-general do comando do Atlântico bem a tempo de receber o despacho do *Theodore Roosevelt*.

— Quem está no comando aí?

— Senhor, o comandante do grupo de batalha voou para Nápoles. O oficial mais graduado é o comandante Richards. Ele disse que quatro MiGs se aproximavam, armados, e mandou derrubá-los, como uma ameaça em potencial ao grupo, já que estamos em Alerta Dois.

— De onde eram os MiGs?

— Podiam ser do grupo do *Kuznetzov*, senhor.

— Espere um instante... você disse Alerta Dois?

— O TR se encontra a leste de Malta agora, senhor, o PUOI entra em vigor — explicou o oficial do centro de operações.

— Alguém sabe o que está acontecendo?

— Eu não faço a menor idéia — respondeu o oficial.

— Ponha Richards na linha. — Painter fez uma pausa. — Qual é a situação da esquadra?

— Todos os barcos no mar têm ordens de se prepararem para o combate, senhor. Isso é automático.

— Mas por que estamos em Alerta Três aqui?

— Não nos informaram isso, senhor.

— Fabuloso!

Painter puxou a suéter por cima da cabeça, enquanto gritava por um café.

— *Roosevelt* na linha dois, senhor. Painter apertou o botão.

— Aqui é Cinclant.

— Richards falando, senhor.

— O que está acontecendo?

— Senhor, estamos aqui em Alerta Dois há quinze minutos. Tivemos uma aproximação de MiG-29s e ordenei que fossem derrubados.

— Por quê?

— Pareciam estar armados, senhor, e captamos uma transmissão de rádio sobre a explosão.

Painter ficou frio no mesmo instante.

— Que explosão?

— Senhor, a BBC informa que houve uma detonação nuclear em Denver. A emissora de tevê local que originou a informação, eles dizem, está agora fora do ar. Com esse tipo de informação, resolvi ordenar a ação. Sou o oficial mais graduado presente. É o meu grupo de batalha. E a menos que queira fazer mais perguntas, senhor, tenho coisas a fazer aqui.

Painter sabia que não podia atrapalhar o comandante.

— Use a cabeça, Ernie. Use a porra de sua cabeça.

— Certo, senhor. Câmbio e desligo. O rádio emudeceu.

— Explosão nuclear? — murmurou o oficial de informações.

Painter tinha uma linha quente para o CNCM, o Centro Nacional de Comando Militar. Ativou-a.

— Aqui é Cinclant.

— Comandante Rosselli, senhor.

— Tivemos uma explosão nuclear?

— Afirmativo, senhor. Na área de Denver. O Norad avalia a carga em poucas centenas, com um número elevado de baixas. Isso é tudo o que sabemos. Ainda não transmitimos o aviso a todos.

— Pois tenho uma coisa que você precisa saber: o *Theodore Roosevelt* acaba de interceptar e destruir quatro MiG-29s em aproximação. Mantenha-me informado. A menos que seja ordenado em contrário, estou lançando ao mar todos os barcos.

Bob Fowler já estava na terceira xícara de café. Censurava a si mesmo por ter bebido aquelas quatro cervejas alemãs, muito fortes, como se fosse um homem comum, e um de seus receios era o de que as pessoas ali pudessem sentir seu hálito de álcool. O cérebro lhe dizia que seus processos de pensamento podiam ter sido afetados pelo álcool, mas tomara as cervejas ao longo de um período de horas, e o tempo mais o café expurgariam os efeitos de seu organismo, o que talvez já tivesse ocorrido, ou ocorreria em breve.

Pela primeira vez, ele sentiu-se grato pela morte da esposa, Marian. Permanecera ao lado do leito, assistira sua amada esposa

morrer. Sabia o que eram o sofrimento e a tragédia, e por mais terrível que fosse a morte de todas aquelas pessoas em Denver, ele disse a si mesmo, precisava pôr o pensamento de lado, e se concentrar em evitar mais mortes.

Até agora, refletiu Fowler, as coisas haviam corrido bem. Ele agira depressa para impedir que a notícia se espalhasse. Um pânico nacional era algo de que não precisava. Seus serviços militares se encontravam no mais alto nível de alerta, o que preveniria ou deteria qualquer ataque adicional, pelo menos por um prazo indefinido.

— Muito bem — disse ele, pela linha de conferência com o Norad e SAC —, vamos resumir o que aconteceu até agora.

Norad respondeu:

— Senhor, tivemos uma única detonação nuclear, na ordem da centena de quilotons. Ainda não há informações do local. Nossas forças estão entrando em estado de alerta. As comunicações por satélite foram interrompidas...

— Por quê? — indagou Elizabeth Elliot, numa voz mais nervosa que a de Fowler. — O que poderia ter causado isso?

— Não sabemos. Uma detonação nuclear no espaço poderia fazê-lo, por causa da pulsação eletromagnética. Quando um artefato nuclear explode numa elevada altitude, a maior parte de sua energia é liberada sob a forma de radiação eletromagnética. Os russos conhecem melhor do que nós os efeitos práticos de tais explosões; dispõem de dados empíricos de seus testes em Novaya Zemlya, na década de 1960. Mas não temos qualquer indício de uma explosão assim, e deveríamos ter notado. Portanto, um ataque nuclear aos satélites é bastante improvável. A possibilidade seguinte é uma emissão maciça de energia eletromagnética de uma fonte no solo. Os russos aplicaram muito dinheiro numa pesquisa de armas de microondas. Possuem um navio no Pacífico Oriental com inúmeras antenas a bordo. É o *Yuri Gagarin*. É classificado como um navio de apoio aos eventos espaciais, e quatro das antenas são enormes. Encontra-se no momento a cerca de quinhentos quilômetros da costa do Peru, à vista dos satélites avariados. Supostamente, o navio realiza operações de apoio à estação espacial Mir. Além disso, não podemos arriscar mais nenhum palpite. Tenho um oficial



conversando neste momento com a Hughes Aerospace, para saber o que eles acham. Ainda estamos tentando obter as fitas de radar de Stapleton, a fim de verificar se um avião poderia ter lançado a bomba. Também aguardamos as primeiras informações das equipes de resgate e outras que foram enviadas ao local da explosão. Isso é tudo o que tenho.

— Nós temos dois grupos de esquadrilhas no ar neste momento, e mais estão decolando enquanto eu falo — informou em seguida o comandante do SAC. — Todos os meus grupos de esquadrilhas equipados com mísseis entraram em alerta. Meu subcomandante se encontra no ar, no Espelho Auxiliar Oeste, e outro PCAEN se prepara para decolar, a fim de ir buscá-lo, senhor.

— Alguma coisa acontecendo na União Soviética?

— Eles estão aumentando o nível de defesa aérea, como já informamos — respondeu o general Borstein. — Estamos captando outras atividades de rádio, mas nada que possamos definir por enquanto. Não há qualquer indicação de um ataque aos Estados Unidos.

— Certo. — O presidente deixou escapar um suspiro de alívio. A situação era crítica, mas ainda não escapara ao controle. Só precisava esclarecer tudo, para agir em seguida. — Vou abrir a linha direta com Moscou.

— Muito bem, senhor — respondeu o Norad.

Um suboficial da marinha estava sentado a duas cadeiras do presidente Fowler. Seu terminal de computador já se encontrava iluminado.

— Terá de vir até aqui, senhor presidente — disse ele. — Não posso transferir minha imagem para sua tela.

Fowler deslizou em sua cadeira giratória pelos dois metros e meio que o separavam do suboficial.

— Senhor, devo explicar como funciona. Eu bato o que diz aqui, e é transmitido diretamente pelos computadores do CNCM no Pentágono... tudo o que eles fazem é codificar... mas quando os russos respondem, chega na sala da Linha Quente em russo, é traduzido ali, e depois enviado para o Pentágono. Há um centro de apoio no forte Ritchie, caso aconteça algum problema no Pentágono.

Temos um cabo de terra e duas ligações por satélite separadas, senhor. Posso datilografar tão depressa quanto o senhor falar.

O nome no crachá do suboficial era *Orontia*, e Fowler não foi capaz de determinar qual era a sua origem. Tinha pelo menos uns dez quilos de excesso de peso, mas parecia calmo e competente. Fowler se contentaria com isso. O suboficial Orontia também tinha um maço de cigarros ao lado de seu teclado. O presidente roubou um, ignorando os avisos de que era proibido fumar, pendurados em todas as paredes. Orontia acendeu o cigarro com um Zippo.

— Tudo pronto, senhor.

O suboficial Pablo Orontia lançou um olhar de esguelha para seu supremo comandante. O olhar não traía o fato de que nascera em Pueblo, no Colorado, e ainda tinha família ali. O presidente resolveria tudo, era esse o trabalho dele. O seu, Orontia raciocinava, era fazer o melhor de que fosse capaz para ajudar o presidente. Servira a seu país em duas guerras e muitas outras crises, principalmente como o sinalizador de um almirante em porta-aviões, e agora ignorava os próprios sentimentos, como fora treinado a fazer.

— Prezado presidente Narmonov...

O comandante Rosselli assistiu à primeira transmissão para valer pela Linha Quente desde sua chegada em Washington. A mensagem foi passada para o IBM-PC/AT e codificada, depois o operador apertou o botão para transmiti-la. Devia voltar à sua mesa, pensou Jim, mas o que acontecia podia ser vital para o que estava fazendo.

COMO PROVAVELMENTE JÁ FOI INFORMADO, HOUE UMA GRANDE EXPLOSÃO NA PARTE CENTRAL DE MEU PAÍS. RECEBI O COMUNICADO DE QUE FOI UMA EXPLOSÃO NUCLEAR, E QUE A PERDA DE VIDAS É ELEVADA.

O presidente Narmonov leu a mensagem em voz alta para seus assessores e acrescentou:

— Mais ou menos o que podia esperar. Mandem nossa resposta.

— Santo Deus, que rapidez! — comentou o coronel do exército de plantão, iniciando a tradução no mesmo instante.

Um sargento dos fuzileiros datilografou a versão em inglês, que foi automaticamente transmitida para Camp David, forte Ritchie e o Departamento de Estado. As impressoras produziram quase que no mesmo instante cópias no papel, que foram enviadas para o SAC, Norad, e as agências de informações, através de impressora de fac-símile.

AUTENTICADOR: TABELA TABELA TABELA

RESPOSTA DE MOSCOU

PRESIDENTE FOWLER:

REGISTRAMOS O EVENTO. POR FAVOR, ACEITE NOSSAS MAIS PROFUNDAS CONDOLÊNCIAS E AS DE TODO O POVO SOVIÉTICO. COMO UM ACIDENTE ASSIM FOI POSSÍVEL?

— Acidente? — murmurou Fowler.

— A resposta foi muito rápida, Robert — comentou Elliot, no mesmo instante. — Rápida demais. O inglês dele não é dos melhores. A mensagem tinha de ser traduzida, e se demora algum tempo para ler uma mensagem assim. Já deviam ter a resposta pronta... preparada com antecedência... o que isso significa?

Liz quase que falou para si mesma, enquanto Fowler formulava sua mensagem seguinte. *O que esta acontecendo aqui? Quem está fazendo isso, e por quê?*

PRESIDENTE NARMONOV:

LAMENTO INFORMÁ-LO DE QUE A EXPLOSÃO NÃO FOI UM ACIDENTE. NÃO HÁ NENHUM ARTEFATO NUCLEAR AMERICANO NUM RAIOS DE CENTO E CINQUENTA QUILOMETROS, NEM HAVIA QUALQUER ARMA AMERICANA EM TRÂNSITO NA ÁREA. FOI UM ATO DELIBERADO DE FORÇAS DESCONHECIDAS.

— Ora, isso não é surpresa — comentou Narmonov. Ele se deu os parabéns por prever corretamente a primeira mensagem da

América, e ordenou ao operador: — Mande a resposta seguinte.

Virando-se para seus assessores, o presidente russo acrescentou:

— Fowler é um homem arrogante, com a fraqueza da arrogância, mas não é nenhum tolo. Ficará bastante emocionado com a ocorrência. Precisamos acalmá-lo. Se ele for capaz de manter o controle emocional, sua inteligência lhe permitirá manter o controle da situação.

— Meu presidente — disse Golovko, que acabara de chegar ao centro de comando —, acho que isso é um erro.

— Como assim? — indagou Narmonov, um pouco surpreso.

— E um erro moldar suas palavras pelo que pensa do homem, seu caráter e estado mental. As pessoas mudam sob pressão. O homem no outro lado da linha telefônica pode não ser o mesmo homem com quem se encontrou em Roma.

O presidente soviético descartou essa possibilidade.

— Não creio. As pessoas assim nunca mudam. Temos muitos iguais por aqui. Venho lidando com gente igual a Fowler por toda a minha vida.

**PRESIDENTE FOWLER:**

**SE ISSO FOI MESMO UM ATO DELIBERADO, ENTÃO É UM CRIME SEM PRECEDENTES NA HISTÓRIA HUMANA. QUE LOUCO FARIA ALGO ASSIM, E COM QUE PROPÓSITO? TAL AÇÃO PODERIA MUITO BEM LEVAR A UMA CATÁSTROFE GLOBAL. DEVE ACREDITAR QUE A UNIÃO SOVIÉTICA NÃO TEVE NADA A VER COM ESSE ATO INFAME.**

— Depressa demais, Robert — comentou Elliot. — Será que deve acreditar? O que esse cara está tentando dizer?

— Elizabeth, você está imaginando coisas — respondeu Fowler.

— As respostas estavam preparadas, Robert! Absolutamente prontas! Ele está respondendo depressa demais. Já tinha tudo previsto. Isso significa alguma coisa.

— O quê, por exemplo?

— Por exemplo, nós deveríamos ter ido ao jogo, Robert! Tenho a impressão de que essas mensagens foram moldadas para outra pessoa... como Durling. E se a bomba tivesse atingido você também, junto com Brent e Dennis?

— Tenho de deixar tal pensamento de lado, e já lhe disse isso!  
— protestou Fowler, irritado. Ele fez uma pausa, respirou fundo. Não podia permitir que a ira o dominasse. Precisava permanecer calmo.  
— Escute, Elizabeth...

— Não pode deixar de lado! Tem de considerar essa possibilidade, porque se foi planejado, isso nos diz algo sobre o que está acontecendo.

— A doutora Elliot tem razão — disse o Norad, pela linha aberta do telefone. — Senhor presidente, está totalmente correto ao se distanciar desse evento no sentido emocional, mas deve considerar todos os aspectos possíveis do conceito operacional que talvez tenha sido utilizado neste caso.

— Sou obrigado a concordar com essa posição — acrescentou o comandante do SAC.

— O que devo fazer então? — perguntou Fowler.

— Senhor — disse o Norad —, também não me agrada essa história de "deve acreditar". Pode ser uma boa idéia avisá-lo de que estamos dispostos a nos defender.

— E isso mesmo — concordou o general Fremont. — E ele já sabe disso, de qualquer maneira, se seu pessoal está trabalhando direito.

— Mas o que acontece se ele encarar nosso nível de alerta como uma ameaça?

— Não farão isso, senhor — garantiu o Norad. — É o que qualquer um faria num caso assim. A liderança militar soviética é muito profissional.

A dra. Elliot remexeu-se na cadeira ao ouvir esse comentário, notou Fowler.

— Muito bem, direi a ele que alertamos nossas forças, mas que não temos intenções agressivas.

PRESIDENTE NARMONOV:

NÃO TEMOS QUALQUER MOTIVO PARA SUSPEITAR DE ENVOLVIMENTO SOVIÉTICO NESTE INCIDENTE. CONTUDO, DEVEMOS AGIR COM PRUDÊNCIA. FOMOS VÍTIMAS DE UM ATAQUE INSIDIOSO, E DEVEMOS ADOTAR AS AÇÕES NECESSÁRIAS PARA NOS PROTEGERMOS CONTRA OUTRO. POR ISSO, COLOQUEI NOSSAS FORÇAS ARMADAS NUM ALERTA DE PRECAUÇÃO. ISSO É TAMBÉM NECESSÁRIO PARA A MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA, E PARA AJUDAR NAS OPERAÇÕES DE RESGATE. TEM A MINHA GARANTIA PESSOAL DE QUE NÃO EFETUAREMOS QUALQUER AÇÃO OFENSIVA SEM JUSTA CAUSA.

— Isso é tranqüilizador — comentou Narmonov, secamente. Foi muita gentileza dele nos informar sobre o alerta.

— Nós sabemos, e ele deve saber que já sabemos — observou Golovko.

— Ele não sabe até que ponto estamos a par de seu alerta — interveio o ministro da Defesa. — Não pode saber que violamos seus códigos. O nível de alerta de suas forças é mais do que precautório. As forças estratégicas americanas não entram nesse nível de alerta desde 1962.

— E isso mesmo? — perguntou Narmonov.

— General, isso não é tecnicamente verdadeiro — protestou Golovko. — O nível normal de prontidão é bastante elevado para as forças estratégicas, mesmo quando a posição militar é de Condição de Defesa Cinco. A mudança a que se refere é irrelevante.

— Isso é verdade? — indagou Narmonov. O ministro da Defesa deu de ombros.

— Depende da maneira como se considera. A força de foguetes baseados em terra sempre mantém um nível de alerta superior ao nosso, por causa das necessidades menores de manutenção de seus foguetes. O mesmo acontece com os submarinos deles, que passam muito mais tempo no mar do que os nossos. A diferença técnica pode ser mínima, mas a diferença psicológica não é. A elevação do nível de alerta informa ao pessoal deles que algo horrível está ocorrendo. Creio que isso é significativo.

— Pois eu não! — insistiu Golovko.

*Isso é ótimo, pensou Narmonov. Dois dos meus principais assessores não são capazes de concordar sobre um ponto tão importante...*

— Precisamos responder — disse o ministro do Exterior.

PRESIDENTE FOWLER:

REGISTRAMOS A ELEVAÇÃO DE SEU NÍVEL DE ALERTA. COMO A MAIORIA DE SUAS ARMAS ESTÁ APONTADA PARA A UNIÃO SOVIÉTICA, DEVEMOS TAMBÉM ADOTAR PRECAUÇÕES. SUGIRO QUE É VITAL QUE NENHUM DE NOSSOS DOIS PAÍSES EFETUE QUALQUER AÇÃO QUE POSSA PARECER UMA PROVOCAÇÃO.

— Essa é a primeira mensagem que não estava pronta de antemão — comentou Elliot. — Primeiro ele diz "eu não fiz isso", agora afirma que é melhor nós não o provocarmos. O que ele está realmente pensando?

Ryan examinou os faxes das seis mensagens. Entregou-os a Goodley.

— Diga-me o que você acha.

— Pura perfumaria. Parece que todo mundo está empenhado num jogo de muita cautela, e é isso mesmo que eles deveriam fazer. Alertamos nossas forças como uma precaução, eles fazem a mesma coisa. Fowler disse que não temos razão para acreditar que eles são os responsáveis... isso é ótimo. Narmonov diz que os dois lados devem manter o controle, evitando provocar o outro lado... o que também é ótimo. Até agora, tudo bem.

— Concordo — comentou o oficial de plantão.

— Portanto, temos unanimidade — acrescentou Jack. *Graças a Deus, Bob. Eu não sabia que você tinha essa capacidade.*

Rosselli voltou à sua mesa. Muito bem, a situação parecia mais ou menos sob controle.

— Onde é que você se meteu? — perguntou Rocky Barnes.

— Estava na sala da Linha Quente. As coisas parecem sob controle.

— Não estão mais, Jim.

O general Paul Wilkes estava quase chegando. Levara cerca de vinte minutos para ir de sua casa à 1-295 e de lá para a 1-395, uma distância total inferior a oito quilômetros. As máquinas de remoção de neve mal haviam alcançado aquela área, e agora fazia tanto frio que a neve salpicada com sal estava de qualquer forma se transformando em gelo. E o pior de tudo era que os poucos motoristas de Washington que haviam se arriscado a sair com aquele tempo procuravam demonstrar sua habilidade habitual ao volante. Mesmo aqueles em veículos com tração nas quatro rodas se comportavam como se a tração adicional os tornasse imunes às leis da física. Wilkes acabara de passar pela South Capitol Street, e agora descia a rampa para a saída da Maine Avenue. A sua esquerda, algum maníaco num Toyota o ultrapassava, e de repente deu uma guinada para a direita, a fim de pegar a saída para o centro da cidade. O Toyota derrapou de lado numa área de gelo, a tração nas rodas dianteiras não foi capaz de segurá-lo. Não havia possibilidade de evitar a colisão. Wilkes virou o carro de lado, a uma velocidade aproximada de vinte e cinco quilômetros horários.

— Mas que droga! — gritou o general.

Ele recuou um pouco, começou a manobrar para contornar o outro Toyota, antes mesmo que seu motorista pudesse saltar. Não olhou pelo espelho retrovisor. Ao mudar de faixa de rolamento, foi atingido pela traseira por um caminhão com reboque, que desenvolvia uma velocidade de quarenta quilômetros horários. Foi o suficiente para jogar o carro do general sobre a divisória de concreto, em cima de outro carro. Wilkes teve morte instantânea.



# 39

## ECOS

Elizabeth Elliot olhava sem ver para a parede no outro lado, enquanto tomava seu café. Era a única coisa que fazia sentido. Todas as advertências que haviam recebido e ignorado. Os militares soviéticos se achavam empenhados numa luta pelo poder, e o ataque a Bob Fowler era parte do plano. *Deveríamos ter ido ao jogo, pensou ela. Bob queria ir, e todos esperavam que ele fosse, porque Dennis Bunker era o dono de um dos times. Eu também teria comparecido. Podia estar morta agora. Se queriam matar Bob, então também queriam me matar...*

PRESIDENTE NARMONOV:

FICO SATISFEITO POR CONCORDARMOS SOBRE A NECESSIDADE DE CAUTELA E RAZÃO. DEVO AGORA CONFERENCIAR COM MEUS ASSESSORES, A FIM DE QUE POSSAMOS DETERMINAR A CAUSA DESTE HORRÍVEL EVENTO, E TAMBÉM INICIAR AS OPERAÇÕES DE RESGATE. EU O MANTEREI INFORMADO.

A resposta foi quase que imediata:

PRESIDENTE FOWLER:

FICAREMOS À ESPERA.

— Foi muito simples — comentou o presidente, olhando para a tela.

— Acha mesmo? — perguntou Elliot.

— O que está querendo me dizer?

— Robert, tivemos uma explosão nuclear num lugar em que você deveria estar presente. Esse é o primeiro ponto. O segundo: recebemos informações sobre o desaparecimento de armas

nucleares soviéticas. Terceiro: como podemos ter certeza de que é realmente Narmonov quem se encontra no outro lado desse *modem* de computador?

— O quê?

— Nossas melhores informações sugerem a possibilidade de um *coup d'état* na Rússia, não é? Mas agimos agora como se essas informações não existissem,  *muito embora* tenha explodido aqui o que pode muito bem ser uma arma nuclear tática... exatamente o que pensamos que desapareceu. Não estamos considerando todas as dimensões potenciais neste caso. — A dra. Elliot virou-se para o telefone. — General Borstein, qual a dificuldade para se introduzir um artefato nuclear nos Estados Unidos?

— Com nossos controles de fronteira, seria uma brincadeira de criança — respondeu o Norad. — O que está querendo dizer, doutora Elliot?

— Estou dizendo que há algum tempo dispomos de informações concretas de que Narmonov enfrenta dificuldades políticas... que seus militares se rebelam, e que há uma dimensão nuclear na crise. E se eles tiverem dado um golpe? Uma noite de domingo... a madrugada de segunda-feira... é uma ótima ocasião, porque todos estão dormindo. Sempre presumimos que o elemento nuclear era para a chantagem interna... mas não é possível que a operação fosse mais ampla e hábil? E se eles calcularam que podiam decapitar nosso governo, a fim de impedir nossa interferência em seu golpe? Muito bem, a bomba explode, e Durling se encontra no PCAEN... como acontece neste momento... e os golpistas falam com ele. Podem prever o que vamos pensar, e preparam com antecedência suas declarações para a Linha Quente. Entramos em alerta automático... e eles também, entendem? Não podemos mais interferir com o golpe, por qualquer meio.

— Senhor presidente, antes de avaliar essa possibilidade, acho que precisa de alguma opinião externa, da comunidade de informações — disse o comandante do SAC.

Outro telefone tocou. O operador atendeu.

— Senhor presidente, é do CNCM.

— Quem está falando? — perguntou Fowler.

— Senhor, aqui é o comandante Jim Rosselli, no Centro Nacional de Comando Militar. Temos duas informações de contato entre forças americanas e soviéticas. O *Theodore Roosevelt* informa que eles derrubaram quatro aviões MiG-29s russos que se aproximavam...

— O quê? Por que fizeram isso?

— Senhor, pelas normas de contato, o comandante de um navio tem o direito de tomar a iniciativa de uma ação de defesa, a fim de proteger seu comando. O *Theodore Roosevelt* se encontra agora em Alerta Dois, e à medida que o nível de alerta muda, há mais amplitude no que se pode fazer, e quando se pode entrar em ação. O segundo contato, senhor, é o seguinte: há uma informação ainda não confirmada de troca de tiros entre tanques russos e americanos em Berlim. Saceur diz que a mensagem de rádio foi interrompida... cortada, senhor. Antes disso, um capitão do exército americano informou que tanques soviéticos estavam atacando a Brigada Berlim, em sua base no sul da cidade, e que um dos nossos batalhões de tanques acabara de ser destruído, senhor. O batalhão foi atacado em seu acampamento por uma força soviética posicionada em frente. Essas duas coisas... os dois eventos... foram quase simultâneos. A diferença foi de apenas dois minutos, senhor presidente. Estamos tentando restabelecer contato com Berlim neste momento, através do Saceur em Mons, Bélgica.

— Santo Deus! — murmurou Fowler. — Elizabeth, isso se ajusta a seu roteiro?

— Pode demonstrar que eles não estão brincando, que falam sério quando nos avisam que não vão admitir qualquer interferência.

A maior parte das forças americanas conseguira escapar de sua base. O oficial mais graduado no local tomara a decisão imediata de fugir para cobertura nos bosques e ruas residenciais em torno da base da brigada. Era um tenente-coronel, o subcomandante da brigada. O coronel que comandava a brigada não fora encontrado em parte alguma, e o subcomandante considerava agora suas opções. A brigada contava com dois batalhões de infantaria mecanizada e um de tanques. Do último, apenas nove dos cinquenta

e dois M1A1s haviam escapado. Ele podia avistar o clarão dos outros, ainda em chamas na base.

Um Alerta Três surgia inesperadamente, e minutos depois acontecia aquilo. Mais de quarenta tanques e cem homens perdidos, fuzilados sem qualquer aviso prévio. Mas ele cuidaria para que não ficasse assim.

A Brigada Berlim se encontrava ali há muito tempo, antes mesmo de seu nascimento. Havia posições defensivas espalhadas pela área. O tenente-coronel despachou seus tanques restantes para essas posições, e ordenou que os carros de combate Bradley disparassem uma rajada de mísseis TOW-2.

Os tanques russos haviam avançado pela base americana e parado. Não tinham ordens adicionais. Os comandantes de batalhões ainda não se encontravam no controle de suas formações, deixados para trás pela disparada frenética dos T-80s através da linha, e o comandante do regimento não era encontrado em parte alguma. O subcomandante também desaparecera. Ao constatar isso, o comandante de batalhão mais graduado seguiu em seu tanque para o quartel-general do regimento, já que devia assumir o comando. Era espantoso, pensou ele. Primeiro a inspeção de prontidão, depois o alerta de Moscou, e logo em seguida os americanos começavam a disparar. Ele não tinha a menor idéia do que estava acontecendo. Até os alojamentos e os prédios administrativos ainda continuavam iluminados, ele percebeu. Alguém teria de apagar as luzes. Seu T-80 estava iluminado por trás, como se estivesse num estande de tiro.

— Comando do tanque, duas horas, delineado contra o céu, deslocando-se da esquerda para a direita — avisou um sargento a um cabo.

— Identificado — respondeu o artilheiro, pelo interfone.

— Fogo.

— Certo. O cabo apertou o gatilho. O TOW-2 foi disparado, puxando em sua esteira um fio fino de controle. O alvo se encontrava a cerca de dois mil e quinhentos metros de distância. O artilheiro manteve a mira no alvo, guiando o míssil antitanque. Levou

oito segundos para chegar, e o artilheiro experimentou a satisfação de ver a detonação bem no meio da torre.

— Alvo — disse o comandante do Bradley, indicando um impacto direto. — Cessar fogo. E agora vamos procurar outro desses filhos da puta... dez horas, tanque, virando a esquina!

A torre deslocou-se para a esquerda.

— Identificado!

— Muito bem, o que a CIA acha disso? — perguntou Fowler.

— Senhor, devo repetir mais uma vez que só dispomos de informações dispersas e desconexas — respondeu Ryan.

— O *Roosevelt* tem um grupo de batalha de porta-aviões soviético a poucas centenas de quilômetros por trás, e contam com MiG-29s — informou o Almirante Painter.

— Estão ainda mais próximos Líbia, e nosso amigo coronel possui uma centena do mesmo avião.

— Voando sobre o mar à meia-noite? — indagou Painter. — Quando foi a última vez que você soube dos líbios fazendo isso... e a trinta e tantos quilômetros de um dos nossos grupos de batalha?

— E o que pode dizer de Berlim? — acrescentou Liz Elliot.

— Não sabemos ainda! — Ryan fez uma pausa, respirou fundo. — Devemos lembrar que não sabemos de muita coisa.

— Ryan, e se Vela estiver certo? — perguntou Elliot.

— Como assim?

— E se neste momento estiver ocorrendo um golpe militar por lá, e eles explodiram uma bomba aqui para nos decapitar, evitando qualquer interferência?

— Isso é um absurdo total — respondeu Jack. — Correr o risco de uma guerra? Por que se exporiam a isso? O que nós faríamos se houvesse um golpe? Atacaríamos?

— Seus militares podem pensar que faríamos isso — insistiu Elliot.

— Discordo. Acho que Vela pode ter mentido para nós desde o início nessa questão.

— Está inventando isso? — indagou Fowler."

Começava a ocorrer agora ao presidente que era possível que fosse ele o verdadeiro alvo da bomba, que o modelo teórico de Elizabeth para o plano russo era a única coisa que fazia sentido.

— Não, senhor! — protestou Ryan, em tom brusco, indignado.  
— Sou o *falcão* aqui, lembra? Os militares russos são muito inteligentes para tentarem algo assim. O risco é grande demais.

— Então explique os ataques às nossas forças! — disse Elliot.

— Não sabemos com certeza se houve ataques às nossas forças.

— Quer dizer que agora você acha que nosso pessoal está mentindo? — perguntou Fowler.

— Senhor presidente, não está considerando todos os aspectos. Muito bem, vamos presumir que há um golpe em andamento na União Soviética... não aceito essa hipótese, mas vamos presumi-la, certo? O propósito de explodir a bomba aqui, como diz, é evitar nossa interferência. Muito bem. Então por que atacar nossas forças militares, se eles querem que fiquemos de braços cruzados?

— Para mostrar que falam sério! — respondeu Elliot.

— Isso é loucura! Equivale a nos dizer que foram mesmo eles que explodiram a bomba aqui. Acha que eles esperariam que não reagíssemos a um ataque nuclear? — Uma pausa e Ryan respondeu à própria pergunta: — *Não faz o menor sentido!*

— Então me dê alguma coisa que faça — disse Fowler.

— Senhor presidente, estamos nos estágios iniciais de uma crise. As informações que recebemos até agora são dispersas e confusas. Até sabermos mais, é perigoso tentar encontrar um roteiro para os fatos.

Fowler olhou furioso para o telefone.

— Sua função é me informar sobre o que está acontecendo, não me dar lições sobre administração de crise. Quando tiver alguma coisa que eu possa aproveitar, volte a me procurar!

— Mas, afinal, o que eles estão pensando? — indagou Ryan.

— Há alguma coisa que eu não saiba? — perguntou Goodley, parecendo tão alarmado quanto Jack se sentia.

— Por que você deveria ser diferente do resto de nós? — disse Jack, em tom ríspido, para se arrepende no instante seguinte. —

Seja bem-vindo ao clima de administração de crise. Ninguém sabe porra nenhuma, mas mesmo assim se espera que você tome boas decisões. Só que não é possível, simplesmente não é possível.

— O problema com o porta-aviões me assusta — comentou o homem de C&T.

— Errado. Se derrubamos apenas quatro aviões, não passa de um punhado de pessoas — ressaltou Ryan. — O combate de terra é diferente. Se está sendo mesmo travada uma batalha em Berlim, isso é a coisa assustadora, quase tão ruim quanto um ataque a uma de nossas posições estratégicas. Vamos ver se conseguimos fazer contato com Saceur.

Os nove tanques M1A1 sobreviventes seguiam para o norte, por uma avenida de Berlim, junto com um pelotão dos veículos de combate Bradley. Os lampiões estavam acesos, pessoas espiavam pelas janelas, e no mesmo instante ficou patente para alguns espectadores que não era um mero exercício o que estava acontecendo ali. Todos os tanques avançavam sem o mecanismo de controle de velocidade nos motores, e todos poderiam ser presos nos Estados Unidos por violarem o limite nacional de velocidade nas rodovias interestaduais. Um quilômetro e meio ao norte da base, os tanques viraram para leste. A formação era conduzida por um veterano subtenente que conhecia Berlim muito bem — aquele era o seu terceiro período de serviço na cidade outrora dividida —, o suficiente para se lembrar de uma posição perfeita, se os russos não chegassem lá primeiro. Havia um local em obras. Estava sendo construído um memorial ao Muro e suas vítimas, depois de uma longa concorrência. Dava para quartéis americanos e russos, que seriam em breve desocupados, e os tratores haviam empilhado uma grande quantidade de terra, por cima da qual ficaria o monumento. Mas ainda não havia nada ali, apenas uma rampa de terra. Os tanques soviéticos circulavam em torno dos objetivos, provavelmente esperando que sua infantaria aparecesse, ou algo parecido. Eram alvejados por disparos de TOW dos Bradleys, e respondiam atirando para o bosque.

— Oh, Deus, eles vão matar aqueles homens nos Bradleys — disse o comandante da unidade, um capitão, cujo tanque era o único sobrevivente de sua companhia. — Muito bem, tomem suas posições.

Isso levou mais um minuto. Depois, os tanques ficaram com os cascos protegidos pela terra, só as torres aparecendo.

— Muito bem, podem começar a atirar! Fogo à vontade!

Todos os nove tanques dispararam ao mesmo tempo. A distância era de um pouco mais de dois mil metros, e o elemento surpresa foi precioso. Cinco tanques russos foram destruídos na primeira rajada, e mais seis na segunda, enquanto os tanques Abrams disparavam rapidamente.

Nas árvores, junto com os Bradleys, o subcomandante da brigada observou a extremidade norte da linha russa se esfacelar. Era a única palavra para descrever o que acontecia, pensou ele. Os tripulantes dos tanques eram todos veteranos, e agora eles contavam com a vantagem. O batalhão russo mais ao norte tentou ocupar outra posição, mas era evidente que um dos Bradleys acertara seu comandante, e reinava a maior confusão ali. Por que os russos não haviam prosseguido no ataque foi uma questão que surgiu no fundo de seu cérebro, mas isso era algo que deveria deixar para o relatório depois da ação. Naquele momento, o importante era que os russos levavam a pior, o que era ótimo para ele e seus homens.

— Senhor, tenho o Sétimo Exército na linha. Um sargento entregou-lhe um microfone.

— O que está acontecendo aí?

— General, aqui é o tenente-coronel Ed Long. Acabamos de ser atacados pelo regimento que estava posicionado à nossa frente. Sem qualquer aviso, eles simplesmente avançaram como Jeb Stuart. Conseguimos detê-los, mas Perdi a maior parte dos meus tanques. Precisamos de ajuda.

— Perdas?

— Senhor, perdi mais de quarenta tanques, oito Bradleys, e pelo menos duzentos homens.

— Oposição?



- Um regimento de tanques. Mais nada ainda, mas eles têm muitos amigos, senhor. Também estou precisando de alguns.
- Verei o que posso fazer.

O general Kuropatkin conferiu seu painel de situação. Cada sistema de radar que não se encontrava em reparos já entrara em operação. As informações via satélite indicavam que duas bases do SAC estavam vazias. Isso significava que seus aviões se achavam agora no ar e voando na direção da União Soviética, junto com os aparelhos de abastecimento KC-135. As bases de mísseis americanos também estariam em alerta total. Os satélites soviéticos da série Águia dariam o aviso de lançamento, anunciando que restavam a seu país apenas trinta minutos para viver. Trinta minutos, pensou o general. Trinta minutos e a razão do presidente americano eram tudo o que se interpunha entre a vida e a morte para seu país.

— Atividade aérea aumentando sobre a Alemanha — avisou um coronel. — Avistamos alguns caças americanos saindo de Ramstein e Bitburg, seguindo para leste. Total de oito.

— O que temos sobre os caças americanos Stealth?

— Há uma esquadrilha... dezoito aparelhos... em Ramstein. Supostamente os americanos realizam uma demonstração, para possível venda a seus aliados da Otan.

— Eles poderiam estar no ar neste momento... e carregando armas nucleares, diga-se de passagem — comentou Kuropatkin.

— Correto. Cada avião pode transportar duas armas, do tipo B-61. Com uma elevada altitude de cruzeiro, poderiam alcançar Moscou antes que os percebêssemos...

— E com seus visores de bombas... poderiam lançar as bombas com precisão em qualquer alvo que escolhessem... duas horas e meia depois da decolagem... oh, Deus...

Com um módulo de penetração na terra, a bomba poderia ser lançada bastante perto para destruir o abrigo do presidente. Kuropatkin pegou o telefone.

— Preciso falar com o presidente.

— O que é, general?

— Temos indicações de atividade aérea americana sobre a Alemanha.

— Há mais do que isso. Um regimento de guardas em Berlim informa estar sendo atacado por tropas americanas.

— Isso é uma loucura!

*E a informação chegou apenas cinco minutos depois que meu amigo Fowler prometeu que não tomaria qualquer iniciativa que pudesse ser considerada como uma provocação-*

— Fale depressa. Já tenho muitos problemas a resolver aqui.

— Presidente Narmonov, há duas semanas uma esquadrilha dos caças americanos Stealth F-117A chegou à base aérea de Ramstein, ostensivamente para

uma demonstração aos aliados da Otan. Os americanos disseram que queriam vendê-los. Cada um desses aviões pode levar duas armas de meio megaton.

— E que mais?

— Não posso detectá-los. Eles são virtualmente invisíveis a tudo o que temos.

— O que está querendo me dizer?

— A partir do momento em que deixam a base, sendo reabastecidos em pleno ar, podem alcançar Moscou em menos de três horas. Não teríamos mais aviso do que o Iraque teve.

— E eles são mesmo eficazes?

— Um dos motivos pelos quais deixamos tantos homens no Iraque foi para observar atentamente do que os americanos são capazes. Nosso pessoal nunca viu esse avião americano numa tela de radar, nem nos nossos nem nos franceses que Saddam possuía. Isso comprova sua eficiência.

— Mas por que eles haveriam de fazer tal coisa? — perguntou Narmonov.

— Por que atacariam nosso regimento em Berlim? — indagou o ministro da Defesa, como resposta.

— Pensei que este lugar fosse à prova de qualquer arma no arsenal deles.

— Não contra uma bomba nuclear de gravidade, lançada com alta precisão. Só estamos a cem metros de profundidade — explicou

o ministro da Defesa.

*Na batalha antiga entre ogiva e blindagem, a ogiva sempre vence...*

— Vamos voltar a Berlim — disse Narmonov. — Sabemos com exatidão o que está acontecendo ali?

— Não. As informações disponíveis são de oficiais inferiores apenas.

— Mande alguém lá para descobrir. Diga a nosso pessoal para recuar, se puder fazê-lo com segurança... e para só efetuar ações defensivas. Alguma objeção?

— Nenhuma. E o mais prudente.

O Centro Nacional de Informações Fotográficas — CNIF — fica localizado no arsenal de marinha em Washington, num dos vários prédios sem janelas que abrigam atividades secretas do governo. No momento, eles tinham em órbita um total de três satélites fotográficos KH-11 e dois de imagens de radar KH-12 "Lacrosse". Em 00:26:46, Hora Zulu, um dos KH-11s chegou a uma distância ótica de Denver. Todas as suas câmeras focalizaram a cidade, em particular a zona sul. As imagens foram transmitidas no tempo real para o forte Belvoir, na Virgínia, e de lá enviadas para o CNIF, por um cabo de fibra ótica. No CNIF, foram registradas em videoteipe de duas polegadas. A análise começou no mesmo instante.

O avião era um DC-10. Qati e Ghosn foram outra vez para a primeira classe, satisfeitos e espantados com sua sorte. A notícia vazara poucos minutos antes de o vôo ser chamado. A partir do momento em que a informação fora divulgada Pela Reuters, era inevitável que se espalhasse. A AP e a UPI a retransmitiram, e todas as emissoras de televisão eram assinantes das agências noticiosas. Surpresas pelo fato de as redes ainda não terem transmitido boletins especiais, as afiliadas locais tomaram a iniciativa de transmitir a notícia. Em tudo aquilo, o que mais surpreendeu Qati foi o silêncio. Enquanto a notícia se espalhava como uma onda pelo terminal, o que ficava em sua esteira não era pânico e gritos, mas um silêncio lúgubre, o que permitia ouvir com a maior facilidade os chamados

de vôo e outros ruídos de fundo, normalmente abafados pela cacofonia de vozes em áreas públicas. Era assim que os americanos enfrentavam a tragédia e a morte, pensou o comandante. A falta de paixão o surpreendeu.

Mas, de qualquer forma, tudo ficou para trás. O DC-10 acelerou pela pista e decolou. Poucos minutos depois, sobrevoava águas internacionais, seguindo para um país neutro e a segurança. Mais uma conexão, pensaram os dois homens, cada um absorto em seu próprio silêncio. Mais uma conexão, e desapareceriam por completo. Quem poderia imaginar tanta sorte?

— As emissões infravermelhas são extraordinárias — comentou em voz alta o fotoanalista. Era a sua primeira detonação nuclear. — Tenho danos e incêndios secundários até um quilômetro e meio do estádio. Não muita coisa do próprio estádio. Fumaça demais e interferências. Na próxima passagem, se tivermos sorte, deveremos ter algumas imagens mais definidas.

— O que pode nos dizer sobre a contagem de baixas? — indagou Ryan.

— E inconclusivo o que tenho. As imagens apresentam muita fumaça, que obscurece tudo. Os níveis infravermelhos são impressionantes. Muitos incêndios na área imediatamente ao redor do estádio. Carros, eu acho, com os tanques pegando fogo.

Jack virou-se para o funcionário mais graduado de Ciência e Tecnologia.

— Quem temos lá em cima, na seção de fotografia?

— Ninguém. Estamos no fim de semana, lembra? Deixamos que o CNIF cuide de todo o trabalho no fim de semana, a menos que estejamos prevendo algo importante.

— Quem é o melhor?

— Andy Davis, mas ele mora em Manassas. Jamais conseguiria chegar aqui.

— Droga. — Ryan tornou a pegar o telefone, e pediu ao CNIF: — Mande-nos as dez melhores fotos que você tiver.

— Vai recebê-las dentro de dois ou três minutos.

— Temos alguém para avaliar os efeitos da bomba?

— Eu cuido disso — respondeu o homem de C&T. — Já fui da força aérea. E trabalhava no serviço de informações do SAC.

— Pois então trate de se apressar.

Os nove tanques Abrams já haviam destruído quase trinta dos T-80s russos. Os soviéticos desviaram-se para o sul, também à procura de cobertura. Seus disparos de resposta atingiram outros três M1A1s, mas agora as chances

eram mais iguais. O comandante do destacamento de tanques americanos enviou seus Bradleys para leste, a fim de efetuarem um reconhecimento. Como acontecera na primeira passagem, havia pessoas observando-os, mas a maioria se postava em janelas agora às escuras. Os lampiões acesos preocuparam o comandante de um Bradley, que pegou um rifle e começou a acertá-los, para horror dos berlinenses que tinham a coragem de observar.

— *Was nun?* — perguntou Keitel. O que agora?

— Agora, temos de sair daqui correndo e desaparecer — respondeu Bock. — Nosso trabalho está feito.

Ele virou o volante para a esquerda. Uma fuga pelo norte parecia a melhor perspectiva. Abandonariam o carro e o caminhão, trocariam de roupa, e sumiriam. Podiam até sobreviver a tudo aquilo, pensou Bock. Não seria sensacional? Mas seu principal pensamento era o de que vingara Petra. Os americanos e russos é que haviam provocado a morte dela. Os alemães não passavam de peões dos grandes jogadores, e os grandes jogadores pagavam agora, Bock disse a si mesmo, pagavam agora e ainda pagariam muito mais. A vingança, no final das contas, não era um prato tão frio, não é mesmo?

— Carro militar russo e um caminhão GAZ — anunciou o artilheiro.

— Prepare o canhão. — O comandante do veículo blindado levou algum tempo para identificar os alvos que se aproximavam. — Espere...

— Adoro matar oficiais... — O artilheiro focalizou o visor do canhão de 25 mm. — No alvo, sargento.

Apesar de toda a sua experiência como terrorista, Bock não era um soldado. Pensou que a massa escura e quadrada, a dois quarteirões de distância, fosse um caminhão. Seu plano dera certo. O alerta americano, num momento tão oportuno, só podia significar que Qati e Ghosn haviam realizado seu trabalho exatamente como ele previra, cinco meses antes. Seus olhos se deslocaram ao avistarem o que parecia um clarão, acompanhado por uma risca luminosa, que passou por cima de sua cabeça.

— Fogo... destrua-os!

O artilheiro já fixara a arma em fogo rápido. O canhão de 25 mm era maravilhosamente acurado, e as balas luminosas permitiam uma fácil aproximação do alvo. A primeira rajada atingiu o caminhão. Podia haver soldados armados ali, ele raciocinou. Primeiro, acertou o bloco do motor, espatifando-o, depois atingiu a cabine e a área de carga. O caminhão parou no mesmo instante, arriando, os dois pneus da frente furados, as rodas de metal abrindo sulcos no asfalto. A esta altura, o artilheiro já mirava o carro, disparando uma rajada curta. O alvo perdeu o controle, foi bater num BMW estacionado. Apenas como uma confirmação, o artilheiro tornou a acertar o carro, depois o caminhão. Alguém conseguira escapar do caminhão, provavelmente já ferido, a julgar pela maneira como se movimentava. Mais dois disparos de 25 mm liquidaram o assunto.

O comandante do carro de combate seguiu adiante. Não se pode permanecer no local em que se matou. Dois minutos depois, eles encontraram outro ponto de vigilância. Carros da polícia disparavam pelas ruas, as luzes azuis faiscando. Um deles parou a poucas centenas de metros do Bradley, recuou e se afastou, observado pelo comandante americano do veículo. Ele sempre soubera que os policiais alemães eram espertos.

Cinco minutos depois que o Bradley partiu para outro quarteirão, o primeiro berlinense, um médico de coragem excepcional, saiu pela porta da frente de sua casa e foi até o carro militar russo. Os dois homens ali estavam mortos, os troncos crivados pelos fragmentos dos disparos, mas os rostos se

mantinham intactos, exceto pelo sangue. A destruição no caminhão era ainda maior. Um dos homens ali podia ter sobrevivido por alguns minutos, mas já era tarde demais quando o médico chegou. Ele estranhou que todos usassem uniformes de oficiais russos. Sem saber o que fazer, o médico chamou a polícia. Só mais tarde é que soube como fora ínfima sua compreensão dos fatos.

— Eles não estavam exagerando sobre a assinatura infravermelha — comentou o homem de C&T. — Deve ter sido uma bomba e tanto. Mas os danos são esquisitos... hum...

— O que está querendo sugerir, Ted? — indagou Ryan.

— Os danos no solo deveriam ser piores... devia haver sombras e reflexos. — Ele levantou os olhos. — Desculpe. As ondas de choque não passam através das coisas... como um morro, por exemplo. Devia haver reflexos e sombras aqui, isso é tudo. Estas casas não deveriam mais existir.

— Ainda não estou entendendo — disse Ryan.

— Há sempre anomalias em casos como este — explicou Ted Ayres. — Voltarei a procurá-lo assim que chegar a algumas conclusões, certo?

Walter Hoskins estava sentado em sua sala porque não sabia o que mais fazer, e tinha de atender aos telefonemas, por ser o agente mais graduado ali. Só precisava se virar para avistar o lugar em que outrora se erguia o estádio. A mortalha de fumaça pairava a apenas oito quilômetros de suas janelas, uma das quais ficara com o vidro rachado. Parte dele especulava se deveria enviar uma equipe ao local, mas não tinha tais ordens. Virou-se na cadeira para olhar de novo, espantado porque a janela continuava quase intacta. Afinal, fora supostamente uma bomba nuclear, a apenas oito quilômetros. O resto da nuvem se encontrava agora perto das Montanhas Rochosas, ainda bastante intacta para se perceber o que fora, e por trás havia uma esteira de fumaça negra dos incêndios na área. A destruição devia ser..-

... muito maior. Muito maior? Mas que pensamento absurdo! Sem nada para fazer, Hoskins pegou o telefone e discou para Washington.

— Quero falar com Murray.

— Pronto, Walt.

— Está muito ocupado?

— Não muito, para dizer a verdade. Como estão as coisas no seu lado?

— Fechamos as emissoras de tevê e a companhia telefônica. Espero que o presidente esteja presente quando eu tiver de explicar isso ao juiz.

— Walt, este não é o momento...

— Não foi por isso que liguei.

— Então o que quer me dizer?

— Posso ver daqui, Dan — murmurou Hoskins, numa voz que era quase sonhadora.

— Qual é a gravidade?

— Para ser franco, só posso avistar a fumaça. A nuvem de cogumelo se encontra agora sobre as montanhas, toda alaranjada... bastante alta para refletir o pôr-do-sol. Posso ver pequenos incêndios. Iluminam a fumaça na área do estádio. Dan...

— O que é, Walt?

O homem parecia em estado de choque, pensou Murray.

— Uma coisa estranha.

— O que é estranho?

— Minhas janelas nem quebraram. Estou a apenas oito quilômetros do local, e só um dos vidros ficou rachado. Não acha estranho? — Hoskins fez uma pausa. — Tenho aqui as coisas que você disse que queria, as fotografias e o resto.

Hoskins folheou os documentos na caixa de entrada em cima de sua mesa, antes de acrescentar:

— Marvin Russell escolheu um dia agitado para morrer. Seja como for, estou com aqueles passaportes que você queria. Isso é importante?

— Pode esperar.

— Está bem. Hoskins desligou.

— Walt está perdendo o controle, Pat — comentou Murray.

— E o culpa por isso? — indagou O'Day. Dan sacudiu a cabeça.

— Não...



— Se a situação se agravar... — murmurou Pat.

— Sua família está longe?

— Não muito.

— Oito quilômetros — acrescentou Murray.

— Como?

— Walt disse que seu escritório fica a oito quilômetros do local, pode ver tudo de lá. E suas janelas nem quebraram.

— Essa não! — protestou O'Day. — Ele deve mesmo ter perdido o juízo. Oito quilômetros é perto demais.

— Como assim?

— O Norad disse que a bomba teve uma potência de no mínimo cem quilotons. Quebraria todas as janelas por uma longa distância. E preciso apenas meia libra de excesso de pressão para arrebentar um vidro.

— Como sabe?

— Fui da marinha... serviço de informações, lembra? Tive de avaliar, em uma ocasião, as distâncias de danos para as armas nucleares táticas russas. Uma bomba de cem quilotons a oito quilômetros não vai desintegrá-lo, mas destruirá tudo na superfície, ateará pequenos incêndios, uma coisa terrível.

— Cortinas pegariam fogo?

— Deveriam pegar — respondeu O'Day. — E isso mesmo, cortinas comuns pegariam fogo, ainda mais se forem escuras.

— Walt não está tão abalado que deixaria de comunicar um incêndio no escritório...

Murray pegou seu telefone para Langley.

— O que é, Dan? — perguntou Jack.

— Qual o número que você tem para o tamanho da explosão?

— Segundo o Norad, cento e cinqüenta, talvez duzentos quilotons, a dimensão de uma grande arma tática ou uma pequena estratégica. Por quê? No outro lado da mesa, o homem de C&T levantou os olhos das fotos.

— Acabei de falar com o meu agente no comando em Denver. Ele pode ver a área do estádio do escritório... a oito quilômetros de distância, Jack. E só tem uma vidraça rachada.

— Impossível! — exclamou o homem de C&T.

— Como assim? — perguntou-lhe Ryan.

— A oito quilômetros de distância — explicou Ted Ayres —, só a pulsação térmica deveria fritar tudo, e a onda de choque com certeza acabaria com todas as vidraças.

Murray ouviu isso.

— Foi o que um cara aqui disse. Meu agente em Denver pode estar um pouco... abalado, mas não deixaria de perceber um incêndio em sua mesa, não é?

— Já temos alguma informação do pessoal no local? — perguntou Jack a Ayres.

— Ainda não. A equipe do Nest se encontra a caminho, mas as imagens nos dizem muita coisa, Jack.

— Dan, pode mandar alguém ao local o mais depressa possível? — indagou Ryan.

— Vou providenciar.

— Hoskins.

— Dan Murray, Walt. Mande alguns homens ao local o mais depressa que puder. Você permanece aí para coordenar.

— Certo.

Hoskins deu as ordens necessárias, especulando até que ponto estaria arriscando a vida de seus homens. Depois, sem mais nada para fazer examinou a pasta em sua mesa. Marvin Russell, ele pensou, mais um criminoso que morria por sua estupidez. Traficantes de drogas. Será que eles nunca aprendiam?

Roger Durling sentiu-se grato quando o PCAEN desligou-se do avião de abastecimento. O 747 adaptado tinha um vôo suave, mas não quando se encontrava nas proximidades de um KC-10. Foi uma coisa que só seu filho apreciou. A bordo, na sala de reuniões, estavam um general da força aérea, um comandante da marinha, um major dos fuzileiros, e quatro outros oficiais de estado-maior. Todos os dados recebidos pelo presidente eram transmitidos também, automaticamente, para o PCAEN, inclusive as transcrições da Linha Quente.

— E ótimo o que eles dizem, mas seria muito melhor saber o que todos estão pensando.

— E se for mesmo um ataque russo? — indagou o general.

— Por que eles fariam isso?

— Ouviu a conversa entre o presidente e a CIA, senhor.

— Ouvi, sim, mas acho que o tal de Ryan tem razão — declarou Durling. — Nada disso faz sentido.

— E quem disse que o mundo tinha de fazer sentido? O que acha dos contatos no Mediterrâneo e em Berlim?

— E um problema da disposição de forças. Nós entramos em alerta, eles entraram em alerta, as forças se encontram muito próximas, alguém perde o controle. Foi o que aconteceu quando Gavrilo Prinzip atirou no arquiduque. Um acidente ocorre, e depois as coisas se sucedem, incontroláveis.

— É por isso que temos a Linha Quente, senhor vice-presidente.

— É verdade — admitiu Durling. — E, até agora, parece que está funcionando.

Eles avançaram pelos primeiros cinqüenta metros com facilidade, mas depois se tornou mais difícil, e logo era impossível seguir adiante. Callaghan contava com um total de cinqüenta bombeiros para abrir caminho até o local, com mais cem proporcionando o apoio necessário. Determinara que um jato contínuo de água fosse lançado sobre os homens e mulheres. Se não por qualquer outra coisa, fora seu raciocínio, pelo menos lavaria qualquer precipitação, poeira ou outra coisa que houvesse ali de seu pessoal, despejando tudo pelos bueiros... isto é, o que não congelasse antes. Os homens na frente estavam cobertos por gelo, que formava uma camada transparente em seus casacos.

O problema maior estava nos carros. Havia sido arremessados como brinquedos, agora se achavam de lado, com as rodas para cima, vazando gasolina que se acumulava em poças em chamas, abastecidas mais depressa do que se consumiam. Callaghan mandou que um caminhão se adiantasse. Um de cada vez, seus homens prenderam cabos nos carros avariados, e o caminhão os arrastava, mas era um serviço lento demais. Levaria uma eternidade para

chegar ao estádio. E havia pessoas vivas ali. Ele tinha certeza. Não podia deixar de haver. Callaghan ficou parado, observando os trabalhos, fora da água que respingava, sentindo-se culpado por estar mais aquecido que seu pessoal. Virou-se quando ouviu o barulho de um enorme motor diesel.

— Olá. — Era um homem vestindo um uniforme de coronel do exército americano. O nome no crachá da *parka* era Lyle. — Ouvi dizer que precisa de equipamento pesado.

— O que você tem?

— Tenho três tanques do corpo de engenharia, os M728s, que estão chegando. E mais uma coisa.

— O quê?

— Cem trajes MOPP, que são usados contra a guerra química. Não são perfeitos, mas são melhores do que as roupas do seu pessoal. E mais quentes também. Por que não chama os homens e manda que troquem de roupa logo? O caminhão está ali.

O coronel apontou. Callaghan hesitou por um instante, mas concluiu que não podia rejeitar a oferta. Chamou sua equipe e ordenou que vestissem o traje militar. O coronel Lyle entregou-lhe um traje.

— Foi uma boa idéia lançar água em cima dos homens, deve manter a poeira e o resto no chão. O que mais quer que a gente faça?

— Não dá para ver daqui, mas ainda resta alguma estrutura no local. Acho que pode haver sobreviventes. Tenho de descobrir. Pode nos ajudar a remover esses carros?

— Claro.

O coronel levantou seu rádio e ordenou que o primeiro veículo se aproximasse. O M728, Callaghan constatou, era essencialmente um tanque com uma placa de trator na frente, e uma enorme estrutura em forma de A, com um guincho, por cima da torre. Havia até um canhão de cano curto e aparência estranha.

— Não será um serviço dos mais limpos. Pode aceitar?

— Que se dane tudo... só quero chegar lá o mais depressa possível.

— Certo. — Lyle foi até um interfone na parte esquerda da traseira do veículo, e deu a ordem: — Abram uma passagem.

O piloto acelerou o motor, no momento em que os primeiros bombeiros voltavam. Ele tentou evitar as mangueiras, mas assim mesmo cortou oito linhas. A placa foi baixada, e o tanque avançou para a massa de carros em chamas a uma velocidade de trinta quilômetros horários. Abriu uma passagem, com cerca de nove metros. O tanque recuou, começou a alargá-la.

— Oh, Deus! — murmurou Callaghan. — O que você sabe sobre radiação?

— Não muita coisa. Falei com os caras do Nest antes de vir para cá. Eles devem estar chegando. Até lá... — Lyle deu de ombros.

— Acha mesmo que ainda há gente viva ali?

— Parte da estrutura continua de pé. Vi do helicóptero.

— Fala sério?

— Claro. Vi tudo.

— Mas isso é impossível. Os caras do Norad dizem que foi das grandes.

— O quê? — gritou Callaghan, por cima do barulho do tanque.

— A bomba! Eles garantem que foi das grandes. Nem deveria haver um estacionamento aqui.

— Está querendo dizer que foi *pequena*?

Callaghan olhava para o coronel como se ele estivesse louco.

— Isso mesmo. — Lyle fez uma pausa. — Se ainda há pessoas vivas por lá... Ele correu para o tanque e pegou o telefone. Um momento depois, o M728

parou.

— Qual é o problema?

— Se há sobreviventes, podemos esmagar alguém desse jeito. Eu apenas disse a ele para ir mais devagar. Puxa, tem toda a razão. E pensei que você tinha enlouquecido.

— Como assim? — indagou Callaghan, acenando para que seus bombeiros jogassem água no tanque também.

— Pode haver sobreviventes. A bomba era muito menor do que me disseram pelo telefone.

— *Maine*, aqui é o Demônio do Mar Um-Três — chamou o Orion P-3C. — Estamos a cerca de quarenta minutos de sua posição. Qual é o problema?

— Temos avarias na hélice e na haste, além de um Akula nas proximidades, última posição cinco-zero mil metros sudoeste — respondeu Ricks.

— Entendido. Vamos ver se conseguimos afastá-lo. Informaremos quando alcançarmos a posição. Desligo.

— Comandante, podemos fazer três nós, vamos seguir para o norte, aumentar a distância ao máximo possível — propôs Claggett.

Ricks sacudiu a cabeça.

— Não. Ficaremos quietos.

— Senhor, nosso amigo deve ter captado o transiente da colisão. E virá nesta direção. Perdemos nosso melhor sonar. O movimento mais certo é nos evadirmos da melhor forma possível.

— Não. O melhor movimento é permanecermos quietos.

— Então pelo menos lance um MOSS.

— Isso faz sentido, senhor — apoiou o oficial bélico.

— Certo. Programe-o para parecer como estamos agora, e lance num curso sul.

— Certo.

O tubo de torpedo número três do *Maine* continha um MOSS, o simulador de submarino móvel. Era essencialmente um torpedo modificado, contendo um aparelho de sonar ligado a um gerador de ruído, em vez de uma ogiva. Irradiaria o som de um submarino da classe Ohio, e era projetado até para imitar um barco avariado. Como o dano na haste era um dos poucos motivos para que um Ohio fizesse ruídos, essa opção já fora programada. O oficial bélico selecionou a gravação de ruído mais apropriada, e lançou o torpedo poucos minutos depois. O MOSS seguiu para o sul, e começou a irradiar a dois quilômetros de distância.

O céu limpava sobre Charleston, Carolina do Sul. O que caíra como neve na Virgínia e Maryland, fora principalmente granizo ali. O sol da tarde já removera quase todos os vestígios, devolvendo a cidade a seu estado anterior. Enquanto o almirante que comandava

o Grupo de Submarinos Seis observava do tender, dois de seus submarinos de mísseis balísticos começaram a descer pelo rio Cooper, a caminho do mar e da segurança. Ele não era o único a observar. Mais de trezentos quilômetros acima de sua cabeça, um satélite de reconhecimento soviético efetuava uma passagem naquele momento, continuando a subir pela costa, até Norfolk, onde o céu também limpava. O satélite enviou as imagens para o centro de informações russo, na extremidade ocidental de Cuba. De lá, foram prontamente retransmitidas por um satélite de comunicações. A maioria dos satélites russos usava órbitas polares, não sendo afetados pela emissão eletromagnética. As imagens chegaram a Moscou numa questão de segundos.

— O que é? — perguntou o ministro da Defesa.

— Temos imagens de três bases navais americanas. Submarinos de mísseis estão saindo para o mar em Charleston e King's Bay.

— Obrigado.

O ministro da Defesa desligou o telefone. Outra ameaça. Ele deu a informação ao presidente Narmonov.

— O que isso significa?

— Significa que a ação militar dos americanos não é apenas defensiva. Alguns desses submarinos levam o míssil Trident D-5, que possui uma capacidade de ataque inicial. Lembra como os americanos se mostraram interessados em nos pressionar para eliminar o SS-18?

— Claro que lembro. Em troca, eles estão removendo uma grande parte de seus Minutemen. E daí?

— E daí que eles não precisam de mísseis baseados em terra para desfechar uma ofensiva inicial. Podem fazer isso de submarinos. Nós não podemos. Dependemos de nossos ICBMs baseados em terra.

— E os nossos SS-18s?

— Estamos removendo as ogivas de alguns neste exato momento. Se algum dia eles aparecerem naquela oficina de desativação, vão constatar que estamos cumprindo o tratado... é a pura verdade, só que os malditos americanos se recusam a admitir.

— O ministro da Defesa fez uma pausa. Narmonov não estava

entendendo. — Em outras palavras, enquanto eliminamos alguns de nossos mísseis mais acurados, os americanos conservam. Passamos a ficar em desvantagem estratégica.

— Não dormi muito, e meu raciocínio é um pouco lento — disse Narmonov, incisivo. — Você *concordou* com esse tratado há apenas um ano, e agora me diz que nos encontramos ameaçados por causa disso?

*São todos iguais*, pensou o ministro da Defesa. *Nunca escutam, jamais prestam atenção. Pode-se dizer uma coisa até' cem vezes, mas nem assim eles escutam!*

— A eliminação de tantos mísseis e ogivas muda a correlação de forças...

— Essa não! — protestou Narmonov. — Ainda somos iguais sob todos os aspectos!

— Não é essa a questão. O fator importante é a relação entre o número de lançadores... e sua vulnerabilidade relativa... e o número de ogivas disponíveis, nos dois lados. Ainda podemos atacar primeiro e eliminar os mísseis americanos baseados em terra. É por isso que eles estão dispostos a eliminar metade dos seus. Mas a maioria das ogivas americanas se encontra no mar, e agora, pela primeira vez, esses mísseis lançados do oceano são totalmente apropriados para um primeiro ataque arrasador.

— Kuropatkin, ouviu tudo? — indagou Narmonov.

— Ouvi, sim. O ministro da defesa está correto. A dimensão adicional, se posso falar assim, é que a redução no número de lançadores alterou a proporção global de lançadores-para-ogivas. Pela primeira vez em uma geração, é possível um ataque inicial realmente desarmante, ainda mais se os americanos forem capazes de decapitar nosso governo ao primeiro golpe.

— E poderiam fazer isso com os caças Stealth que levaram para a Alemanha — arrematou o ministro da Defesa.

— Esperem um pouco. Estão querendo me dizer que Fowler explodiu sua própria cidade como um pretexto para nos atacar? Que loucura é essa?

O presidente soviético começava a compreender agora o que era o medo. O ministro da Defesa falou devagar e incisivo:



— E irrelevante quem detonou a arma. Se Fowler achar que foi coisa nossa, tem a capacidade de agir contra nós. Camarada presidente, precisa compreender o seguinte: em termos técnicos, nosso país se encontra à beira da aniquilação. Menos de trinta minutos separam de nós seus mísseis baseados em terra. Vinte minutos para os mísseis lançados do mar, e apenas duas horas para aqueles bombardeiros táticos invisíveis, que seriam sua manobra inicial mais vantajosa. Tudo o que nos separa da destruição é o estado mental do presidente Fowler.

— Eu compreendo. — O presidente soviético ficou em silêncio por meio minuto. Olhou para o quadro de situação na parede. Quando voltou a falar, a voz revelava a ira que deriva do medo: — O que propõe que devemos fazer... atacar os americanos? Não farei isso.

— Claro que não, mas seria bom colocar nossas forças estratégicas em estado de alerta total. Os americanos saberão disso, e chegarão à conclusão de que não será possível um ataque inicial desarmante. Poderemos então manter o impasse, dando tempo para que a razão prevaleça.

— Golovko?

O vice-presidente do KGB sentiu um calafrio.

— Sabemos que eles estão em alerta total. É possível que a mesma atitude de nossa parte seja interpretada como uma provocação.

— Se não o fizermos, estaremos oferecendo um alvo dos mais convidativos — O ministro da Defesa mantinha-se inumanamente calmo, talvez o único homem que se encontrava em pleno controle de si mesmo. — Sabemos que o presidente americano está sob grande tensão, que perdeu muitos milhares de seus cidadãos. Ele pode ordenar um ataque sem pensar. E bem menos provável que venha a fazer isso se souber que temos condições de responder à altura. Não podemos correr o risco de demonstrar fraqueza num momento como este. A fraqueza sempre convida ao ataque.

Narmonov correu os olhos pela sala, à procura de uma opinião discordante. Não havia nenhuma.

— Muito bem, faça isso — disse ele a seu ministro da Defesa.

— Ainda não recebemos nenhuma notícia de Denver — disse Fowler, esfregando os olhos.

— Eu não esperaria muito — respondeu o general Borstein.

O posto e comando do Norad fica literalmente dentro de uma montanha. O túnel de acesso tinha uma série de portas de aço para amortecer os choques. As estruturas internas eram projetadas para sobreviver a qualquer coisa que pudesse ser lançada. Molas para absorver os choques e bolsas de ar comprimido isolavam as pessoas e máquinas dos pisos de granito. Por cima, havia tetos de aço para deter fragmentos de rocha que pudessem se desprender numa explosão próxima. Borstein não esperava sobreviver a um ataque. Havia todo um regimento de mísseis soviéticos SS-18 Mod 4 reservado para a destruição de seu posto e uns poucos outros. Em vez de dez ou mais MIRVs, esses mísseis tinham uma única ogiva, de vinte e cinco megatons, cuja única missão militar plausível era transformar a montanha Cheyenne no lago Cheyenne. Era um pensamento dos mais agradáveis. Borstein era um piloto de caça por ofício. Começara no F-100, chamado de "Huno" por seus pilotos, passara para os F-4 Phantoms, e comandara uma esquadrilha de F-15 na Europa. Sempre fora um oficial tático, de cachecol e óculos protetores: ligue o motor, solte o freio, o primeiro a subir é o líder. Borstein franziu a testa ao pensamento. Não era bastante velho para recordar aqueles tempos. Seu trabalho agora era a defesa aérea continental, impedir que inimigos destruíssem seu país. Fracassara. Uma parcela considerável da América fora explodida, junto com seu chefe, e ele não sabia por quê, como ou por quem. Borstein não era um homem acostumado ao fracasso, mas era o fracasso que podia ver na tela de situação.

— General! — chamou um major.

— O que é?

— Estamos captando muito tráfego de rádio e microondas. A primeira impressão é que Ivan está alertando seus regimentos de mísseis. A mesma coisa em algumas bases navais. Mensagens urgentes partindo de Moscou.

— Oh, Deus! — exclamou Borstein, tornando a pegar seu telefone.

\* \* \*

— Nunca fizeram isso? — indagou Elliot.

— Pode parecer estranho, mas é verdade — garantiu Borstein.  
— Nem mesmo durante a crise dos mísseis cubanos os russos puseram seus ICBMs em alerta.

.— Não acredito — protestou Fowler. — Nunca?

— O general está certo — disse Ryan. — O motivo para isso é que o sistema telefônico deles sempre foi historicamente precário. Acho que finalmente o ajeitaram o suficiente...

— Como assim?

— Senhor presidente, é tudo uma questão de detalhes. Envia-se mensagens de alerta por voz... nós fazemos assim, e os soviéticos também. O sistema telefônico russo é péssimo, e não se vai querer um sistema tão deficiente para ordens dessa importância. É por isso que eles têm investido tanto dinheiro para melhorá-lo, assim como nós também investimos em nossos sistemas de comando e controle. Eles usam muitos cabos de fibra ótica agora, assim como nós, além de diversas estações retransmissoras de microondas novas. E assim que estamos captando suas mensagens, através da dispersão das retransmissoras de microondas.

— Mais dois anos, e eles só estarão usando cabos de fibra ótica, nunca saberemos — acrescentou o general Fremont. — Não gosto disso.

— Nem eu — declarou Ryan —, mas também não estamos em Alerta Dois?

— Eles não sabem disso — interveio Liz Elliot. — Não lhes contamos.

— A menos que estejam interceptando nossas mensagens. Já falei que temos informações de que eles penetraram em nossos sistemas de codificação.

— A ASN diz que você está louco.

— Talvez eu esteja, mas a ASN já se enganou antes.

— Em sua opinião, qual é o estado mental de Narmonov? *Tão apavorado quanto eu?*, especulou Ryan.

— Senhor, não temos como saber.

— E nem mesmo sabemos se é de fato quem está lá — interveio Elliot.

— Rejeito sua hipótese, Liz — disse Ryan, bruscamente, pela linha de conferência. — A única coisa que tem para apoiar essa idéia vem de nossa agência, e nós próprios temos dúvidas a respeito.

*Por Deus, como me arrependo de ter encaminhado aquele relatório!*, pensou Ryan.

— Pare com isso, Ryan! — gritou Fowler em resposta. — Preciso de fatos agora, não de discussões, entendido?

— Senhor, continuo a ressaltar que ainda não dispomos de informações suficientes para basear qualquer decisão.

— Porra nenhuma! — murmurou o coronel ao lado do general Fremont.

— Como assim? — perguntou o comandante do SAC, fitando-o.

— A doutora Elliot está certa, senhor. O que ela disse antes faz sentido. Eles ouviram nesse momento uma voz anunciar:

— Senhor presidente, temos uma mensagem chegando pela Linha Quente.

PRESIDENTE FOWLER:

ACABAMOS DE RECEBER O COMUNICADO DE QUE UMA UNIDADE DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS EM BERLIM ATACOU UMA UNIDADE SOVIÉTICA, SEM QUALQUER AVISO. AS BAIXAS INFORMADAS SÃO GRANDES. POR FAVOR, EXPLIQUE O QUE ESTÁ ACONTECENDO.

— Oh, merda! — murmurou Ryan, olhando para o fax.

— Preciso de opiniões, pessoal — disse Fowler, pela linha de conferência.

— A melhor coisa é dizer que não temos conhecimento desse incidente — sugeriu Elliot. — Se admitirmos o conhecimento, teremos de assumir alguma responsabilidade.

— Esta é a pior ocasião para mentir — protestou Ryan, com veemência. Até ele achou que estava exagerando. *Não vão escutá-lo se começar a gritar, Jack...*

— Diga isso a Narmonov! — gritou Elliot em resposta. — Já esqueceu que eles nos atacaram?

— É o que dizem os relatórios, mas...

— Ryan, está insinuando que nosso pessoal mentiu? — berrou Borstein, da montanha Cheyenne.

— Não, general, mas em ocasiões como esta as informações são incertas, e sabe disso tão bem quanto eu!

— Se negarmos o conhecimento, podemos evitar a necessidade de assumir uma posição da qual talvez tenhamos de recuar, e evitaremos desafiá-los por enquanto — insistiu a assessora de segurança nacional.

— Por que estão levantando esse problema agora?

— Senhor presidente, já foi um promotor — disse Ryan. — Sabe como podem ser inconfiáveis os relatos de testemunhas. Narmonov pode estar fazendo a pergunta de boa fé. Meu conselho é responder honestamente.

Jack olhou para Goodley, que lhe fez o sinal do polegar levantado.

— Robert, não estamos lidando com civis, mas sim com soldados profissionais, e eles devem ser bons observadores — reagiu Elliot.

— Narmonov nos acusa de uma coisa que não fizemos. As tropas soviéticas não iniciam operações de combate sem ordens. Portanto, ele deve saber que sua acusação é falsa. Se admitirmos o conhecimento, daremos a impressão de que admitimos que sua acusação é verdadeira. Não sei qual é o jogo dele... de quem quer que esteja no outro lado da linha... mas se simplesmente dissermos que não sabemos do que ele está falando, ganharemos algum tempo.

— Discordo com vigor — disse Jack, tão calmamente quanto podia.

PRESIDENTE NARMONOV:

COMO SABE, ESTOU PREOCUPADO PRINCIPALMENTE COM OS EVENTOS DENTRO DE NOSSAS PRÓPRIAS FRONTEIRAS. AINDA NÃO TENHO INFORMAÇÕES DE BERLIM. OBRIGADO POR SUA INDAGAÇÃO. ACABEI DE ORDENAR QUE MEU PESSOAL INVESTIGUE O QUE ESTÁ OCORRENDO.

— Opiniões?

— O filho da puta está mentindo — disse o ministro da Defesa.

— O sistema de comunicações deles é bom demais para que ainda ignorem o fato.

— Robert, Robert, por que você mente quando eu sei que está mentindo...? — murmurou Narmonov, de cabeça baixa.

O presidente soviético tinha agora algumas questões para formular. Durante os últimos dois ou três meses, seus contatos com a América haviam se tornado um pouco frios. Quando solicitava créditos adicionais, ouvia evasivas. Os americanos exigiam o pleno cumprimento do acordo de redução de armas, mesmo sabendo qual era o problema, e embora ele tivesse dado sua palavra a Fowler, pessoalmente, de que tudo seria feito. O que mudara? Por que Fowler recuara em suas promessas? O que ele estava fazendo agora?

— É mais do que apenas uma mentira, é mais do que apenas esta mentira — comentou o ministro da Defesa, depois de um momento.

— Como assim?

— Ele enfatizou mais uma vez que seu interesse é resgatar as vítimas na área de Denver, mas sabemos que colocou suas forças estratégicas em alerta total. Por que não nos disse isso?

— Porque tem receio de considerarmos uma provocação...? — indagou Narmonov, as palavras soando vazias até para ele próprio.

— É possível — admitiu o ministro da Defesa. — Mas eles não estão a par de nosso sucesso em penetrar em seus códigos. Talvez pensem que esconderam isso de nós.

— Não — interveio Kuropatkin, de seu centro de comando. Devo discordar. Dificilmente poderíamos deixar de perceber alguns

indicadores. Eles devem saber que temos conhecimento de alguns aspectos de seu alerta estratégico.

— Mas nem todos. — O ministro da Defesa olhou para Narmonov. — Devemos enfrentar a possibilidade de que o presidente americano não está mais racional.

— A primeira vez? — indagou Fowler.

Elizabeth Elliot acenou com a cabeça. Estava muito pálida agora.

— Não é um fato muito conhecido, Robert, mas é verdade. Os russos nunca puseram suas forças de foguetes estratégicos em alerta. Até agora.

— E por que agora?

— Robert, a única coisa que faz sentido é que não é Narmonov quem está lá.

— Mas como podemos ter certeza?

— Não podemos. Tudo o que temos é esta ligação por computador. Não há ligação oral, nem visual.

— Oh, Deus...

# 40

## COLISÕES

— Ryan, como sabemos que é Narmonov quem está lá?

— Quem mais poderia ser, senhor presidente?

— Pare com isso, Ryan! Foi você mesmo quem me apresentou os relatórios!

— Precisa se acalmar, senhor presidente — disse Ryan, numa voz que também não era muito calma. — Tem razão, eu transmiti essa informação, mas também disse que não fora confirmada, e comuniquei há poucos minutos que temos motivos para acreditar que talvez não tenha o menor fundo de verdade.

— Não pode ver os seus próprios dados? Foi você quem nos avisou que podia haver algumas armas nucleares desaparecidas! — ressaltou Elliot. — Pois elas apareceram... e apareceram aqui, num lugar em que deveríamos estar!

*Oh, não, ela está ainda mais descontrolada do que ele!*, pensou Helen D'Agustino, trocando um olhar com Pete Connor, que tinha o rosto completamente branco. *As coisas estão acontecendo depressa demais.*

— Escute, Liz, não paro de repetir que nossas informações ainda são escassas. Não temos o suficiente para fazer qualquer julgamento mais objetivo.

— Mas por que eles entraram em alerta nuclear?

— Pelo mesmo motivo por que nós entramos! — gritou Ryan em resposta. — Talvez se os dois lados recuassem...

— Ryan, não me diga o que fazer — murmurou Fowler. — O que eu quero de você é informação. Nós tomamos as decisões aqui.

Jack afastou-se do telefone. Agora ele começa a perder o controle, pensou Goodley, observando Ryan, pálido e desesperado. O vice-diretor da CIA olhou pela janela, para o pátio e o enorme prédio quase vazio além. Respirou fundo algumas vezes, antes de voltar.



— Senhor presidente — disse Jack, com um controle tenso —, nossa opinião é de que o presidente Narmonov continua a manter o controle do governo soviético. Não conhecemos a origem da explosão em Denver, mas não há informações em nosso poder que nos levem a acreditar que era uma arma soviética. Nossa opinião é de que seria um ato de loucura dos soviéticos a realização de tal operação; e mesmo que os militares estivessem no poder... depois de um golpe sobre o qual não temos qualquer informação, senhor... tal erro de cálculo é improvável ao ponto de... a probabilidade é tão ínfima que se aproxima de zero, senhor. Esta é a posição da CIA.

— E Kadishev? — perguntou Fowler.

— Senhor, tivemos indicações ontem e hoje que sugerem que seus relatórios podem ser falsos. Não conseguimos confirmar um dos encontros que ele diz-

— Um? — interrompeu Elliot. — Não consegue confirmar um encontro?

— Quer me deixar falar? — gritou Jack, perdendo o controle outra vez. — Foi Goodley quem fez esse trabalho, não eu! — Ele fez uma pausa para respirar fundo. — O doutor Goodley notou algumas diferenças sutis na natureza dos relatórios, e decidiu verificá-los. Todos os relatórios de Kadishev se originaram supostamente de encontros pessoais com Narmonov. Num dos casos, não podemos conciliar as agendas de ambos. Não podemos ter certeza de que se encontraram. E se eles não se encontraram, então Kadishev é um mentiroso.

— Por acaso considerou a possibilidade de que eles tenham se encontrado em segredo? — indagou Elliot, em tom ácido. — Ou acha que um assunto como este seria tratado como uma questão de rotina? Acha que ele discutiria um possível golpe de Estado dentro de uma agenda normal?

— Continuo a dizer que essa informação nunca foi confirmada, nem por nós, nem pelos britânicos, nem por mais ninguém.

— Ryan, não se deve esperar que uma conspiração levando a um golpe militar, ainda mais num país como a União Soviética, seria tratada no maior sigilo? — perguntou Fowler.

— Claro.

— Então não esperaria necessariamente que fosse confirmada por outras fontes, não é? — pressionou Fowler, falando como um advogado num tribunal.

— Não, senhor — admitiu Ryan.

— Portanto, não é esta a nossa melhor informação?

— E, sim, senhor presidente, se for verdadeira.

— Diz que não tem nenhuma evidência concreta para confirmá-la?

— Correto, senhor presidente.

— Mas também não tem informações concretas para rejeitá-la, não é?

— Senhor, temos motivos...

— Responda à minha pergunta!

A mão direita de Ryan se contraiu com toda força.

— Não, senhor presidente, não temos nada de concreto.

— E durante os últimos anos ele não nos forneceu informações boas e confiáveis?

— Sim, senhor.

— Portanto, baseado nos antecedentes do senhor Kadishev, esta é a melhor informação disponível.

— Sim, senhor.

— Obrigado. Sugiro, doutor Ryan, que tente obter informações adicionais. Quando isso acontecer, voltarei a escutá-lo.

A linha foi cortada. Jack empertigou-se, lentamente. Sentia as pernas rígidas e doloridas da tensão do momento. Deu um passo na direção da janela, acendeu um cigarro.

— Estraguei tudo — murmurou ele para o mundo. — Oh, Deus, estraguei tudo...

— Não foi por culpa sua, Jack — disse Goodley.

Jack virou-se bruscamente.

— Não acha que vai ficar ótimo em minha lápide? "Não foi por culpa sua" que a porra do mundo explodiu!

— Pare com isso, Jack. A situação não é tão ruim assim.

— Acha mesmo? Não ouviu as vozes deles?

O porta-aviões soviético *Kuznetzov* não lançava os aviões à maneira de um porta-aviões americano. Em vez disso, sua proa tinha

uma configuração de rampa de esqui. O primeiro MiG-29 arremeteu de seu ponto de partida, subiu pela rampa inclinada e projetou-se no ar. Esse estilo de decolagem exigia muito dos pilotos e aviões, mas funcionava. Outro avião subiu também, e os dois seguiram para o leste. Mal haviam alcançado a altitude quando o líder do vôo percebeu um zumbido em seus fones.

— Parece um *bip* de emergência na frequência de alerta — disse ele ao seu ala. — E tenho a impressão de que é um dos nossos.

— Também acho. Leste-sudeste. É mesmo um dos nossos. Quem poderia ser?

— Não tenho a menor idéia.

O líder do vôo transmitiu a informação ao *Kuznetzov*, e recebeu instruções para investigar.

— Aqui é Falcão Dois — disse o Hawkeye. — Temos dois pontos se aproximando do porta-aviões russo, em vôo rápido, direção três-um-cinco, a quatro-zero-zero quilômetros do comando.

O comandante Richards olhou para sua tela de situação tática.

— Spade, aqui é o comando. Aproxime-se e obrigue-os a se afastarem.

— Entendido — respondeu Jackson.

Ele acabara de encher os tanques. Podia permanecer por mais três horas no ar, e ainda carregava seis mísseis.

— Obrigá-los a se afastarem? — murmurou o tenente Walters.

— Shredder, também não sei o que está acontecendo.

Jackson deu uma guinada no manche. Sanchez acompanhou-o, outra vez se afastando para uma distância considerável.

Os dois pares de aviões voavam em cursos recíprocos, numa velocidade de aproximação um pouco abaixo de mil e seiscentos quilômetros horários. Quatro minutos mais tarde, os dois Tomcats ativaram seus radares. Normalmente, isso alertaria os russos para a presença de caças americanos na área, e que essa área não podia mais ser tão saudável quanto antes. Mas os novos radares americanos eram furtivos, e não foram captados.

Só que isso não fez qualquer diferença. Poucos segundos depois, os russos ativaram seus próprios sistemas de radar.

\* \* \*

— Dois caças vindo em nossa direção!

O líder do vôo russo conferiu sua tela de radar e franziu o cenho. Os dois MiGs deveriam apenas estar protegendo sua força-tarefa. O alerta fora recebido, os caças subiram. Agora, ele se encontrava no que poderia ser uma missão de resgate, e não sentia o menor desejo de se meter em jogos com aviões americanos, ainda mais à noite. Sabia que os americanos sabiam de sua aproximação. Seu receptor de ameaças detectava as emanções de alerta dos americanos.

— Vire à direita — ordenou ele. — Vamos descer para mil metros, a fim (je procurar pelo *bip*).

Mas ele deixaria o radar ligado, a fim de indicar que não queria ser escarnekido.

— Eles estão se esquivando para a esquerda, descendo.

— Bud, você tem a vanguarda — disse Jackson.

Sanchez ainda tinha todos os seus mísseis. Robby cobriria sua cauda.

— Comando, aqui é Falcão Dois. Os pontos se aproximando viraram para o sul e mergulharam.

Enquanto Richards observava, os vetores de curso mudaram nos dois pontos em aproximação. Os cursos não convergiam para o grupo do *Roosevelt* no momento, mas poderiam chegar bem perto.

— O que eles estão fazendo?

— Não sabem onde estamos, não é? — ressaltou o oficial de operações. — Mas seus radares estão ligados.

— Procurando por nós?

— E o meu palpite.

— Agora sabemos de onde vieram os outros quatro.

O comandante Richards pegou o microfone para falar com Jackson e Sanchez.

— Derrube-os — foi a ordem.

Robby deu uma cobertura alta. Sanchez desceu, postando-se atrás e por baixo dos MiGs.

— Perdi os americanos.

— Esqueça-os. Estamos procurando um *bip* de resgate, lembra?

— O líder do vôo esticou o pescoço. — Aquilo não é uma luz estroboscópica? Na superfície, às duas horas?

— Já localizei.

— Vamos descer.

— Ação evasiva, para baixo e para a direita! — avisou Bud. — Fazendo contato agora.

Ele estava apenas dois mil metros atrás dos MiGs. Selecionou um SideWinder e alinhou o avião com o "cara do sul", o ala na esteira. Enquanto o Tomcat continuava a se aproximar, o piloto captou o som correto nos fones e disparou o míssil. O AIM-9M Sidewinder saltou de seu trilho de lançamento direto para o motor de boreste do MiG-29, que explodiu. Mal isso acontecera quando Sanchez disparou um segundo Sidewinder.

— Um derrubado.

— Mas o que é isso?

O líder do vôo percebeu o clarão pelo canto dos olhos, e virou a cabeça para avistar seu ala caindo à frente de uma trilha amarela. Puxou o manche para a esquerda, a mão no manete apertou o botão que soltava as aparas de despistamento, enquanto os olhos esquadrihavam a escuridão à procura do atacante.

O segundo míssil de Sanchez errou o alvo. Não tinha importância. Ele ainda se encontrava no curso, e a volta do MiG deixou-o bem na mira de seu canhão de 20mm. Uma rápida rajada rompeu parte da asa do MiG. O piloto mal teve tempo para se ejetar. Sanchez observou o pára-quedas se abrir. Um minuto depois, enquanto circulava por cima, ele verificou que os dois russos pareciam ter sobrevivido aos incidentes. O que era ótimo para Bud.

— Dois derrubados. Comando, tivemos dois pára-quedas... espere um instante, há três luzes estroboscópicas lá embaixo —

avisou Jackson.

Ele transmitiu a posição, e quase que no mesmo instante um helicóptero alçou vôo do *Theodore Roosevelt*.

— Spade, será que é sempre tão fácil assim? — perguntou Walters.

— Pensei que os russos fossem mais espertos — admitiu Jackson.

— E como o primeiro dia da temporada de caça aos patos.

Dez minutos depois, o *Kuznetsov* fez uma chamada pelo rádio para os seus dois MiGs, e não obteve resposta.

O helicóptero da força aérea voltou de Rocky Flats. O major Griggs desembarcou em companhia de cinco homens, todos vestidos em trajes protetores. Dois correram ao encontro do chefe Callaghan, perto dos tanques de demolição M728.

— Mais dez minutos, se tivermos sorte! — gritou o coronel Lyle, do alto do tanque na frente.

— Quem está no comando aqui? — perguntou um dos homens do Nest.

— Quem é você?

— Parsons, líder do grupo.

Laurence Parsons era o chefe do grupo de pesquisa nuclear de emergência/ o Nest, que estava de plantão naquele dia, e responsável por mais um fracasso. A função do grupo era localizar artefatos nucleares antes que explodissem. Três grupos assim eram mantidos em plantão vinte e quatro horas por dia, um nos arredores de Washington, outro em Nevada, e o terceiro recentemente ativado em Rocky Flats, para ajudar a compensar a desativação da instalação de fabricação de armas nucleares, nos arredores de Denver. Fora previsto, e claro, que eles nem sempre conseguiriam chegar a tempo. Ele estendeu para a frente um contador de radiação, e não gostou do que viu.

— Há quanto tempo seu pessoal está aqui?

— Há cerca de meia hora, talvez quarenta minutos. |— Mais dez minutos, e quero todo mundo longe daqui. Está recebendo Rems aqui, chefe.

— Não estou entendendo. O major disse que a precipitação radiativa...

— O que recebe é da ativação de nêutrons. Está quente aqui! Callaghan ficou arrepiado ao pensamento. Sua vida era ameaçada por

algo que não podia ver nem sentir.

— Pode haver pessoas lá dentro. Estamos quase chegando. i— Pois então trabalhe depressa... bem *depressa!*

Parsons e seu grupo começaram a voltar para o helicóptero. Tinham seu próprio trabalho a fazer. No helicóptero, encontraram um homem em trajes civis.

— Quem é você? — perguntou Parsons.

— FBI. O que aconteceu aqui?

— Adivinhe!

— Washington precisa de informações!

— Larry, está mais quente aqui do que no estádio! — anunciou outro membro do Nest.

— Faz sentido. Explosão no solo. — Parsons apontou. — No outro lado, contra o vento. A área mais próxima ficou resguardada.

— O que pode me dizer? — insistiu o agente do FBI.

— Não muita coisa — gritou Parsons, acima do barulho do rotor.

— Explosão no solo, carga abaixo de vinte quilotons, isso é tudo o que sei.

— E perigoso aqui?

— Claro que é! Precisamos nos instalar... onde?

— Que tal o Aurora Presbyterian Hospital, a uns três quilômetros contra o vento? — sugeriu um membro do Nest. — Em frente ao Aurora Mall. Não deve haver problemas por lá.

— Sabe onde fica? — perguntou Parsons.

— Claro.

— Pois então vamos embora! Ken, avise àquele pessoal para sair desta área. Aqui está vinte por cento mais quente do que lá perto. Precisamos recolher amostras. Ken, providencie para que esta área seja evacuada em dez minutos... quinze no máximo! Arraste-os à força, se for necessário. E comece por aqui!

— Certo.

O agente do FBI agachou-se quando o helicóptero levantou vôo. Os homens do Nest puseram-se a correr entre os caminhões dos bombeiros, acenando para que se afastassem. O agente decidiu fazer a mesma coisa. Depois de alguns minutos, ele entrou em seu carro e seguiu para nordeste.

— Merda! — exclamou o major Griggs. — Esqueci o problema dos nêutrons!

— Muito obrigado! — berrou Callaghan, acima do barulho do tanque.

— Mas está tudo bem, eles suspenderam em cem... e cem não faz mal a ninguém.

Callaghan ouviu o barulho dos veículos se afastando.

— E as pessoas lá dentro? — Ele foi procurar o interfone na traseira do tanque. — Escutem, ainda temos dez minutos, antes de precisarmos sair daqui! Vamos tentar mais uma vez chegar lá!

— Está bem — respondeu o comandante do tanque. — É melhor se afastar. Vou contar até dez.

Callaghan correu para um lado. O coronel Lyle saltou de cima do tanque e também correu. Dentro do veículo, o piloto recuou dez metros, acelerou o motor ao máximo, e soltou o freio. O M728 esmagou cinco carros, empurrando-os para o lado. Deslocava-se talvez a um quilômetro e meio por hora, mas nada o detinha. As lagartas arreventaram o asfalto, mas acabou passando pela barreira de destroços.

A área ao lado do estádio estava espantosamente intacta. A maior parte dos destroços da cobertura e da parte superior dos muros fora arremessada a centenas de metros de distância, mas ali havia apenas pequenas pilhas de fragmentos de tijolos e concreto. Seria demais para a passagem de um veículo com rodas, mas dava para os homens circularem. Os bombeiros avançaram e jogaram água em tudo. O asfalto ainda estava muito quente, e a água se transformou em vapor. Callaghan correu na frente do tanque, acenando para que seus homens seguissem pela esquerda e pela direita.



— Sabe o que isto parece? — disse um dos homens do Nest, enquanto o helicóptero sobrevoava o estádio em ruínas.

— Sei, sim, Chernobyl. Também havia bombeiros por lá. — Parsons tratou de afastar o pensamento e disse ao piloto: — Siga a favor do vento. Andy, o que você acha?

— Explosão no solo, e não foi nenhuma arma de cem quilotons, Larry, nem mesmo de vinte e cinco.

— Então o que distorceu a estimativa do Norad?

— O estacionamento. Asfalto, mais todos aqueles carros queimando... é o material preto perfeito... e até é *preto!* Fico surpreso de a pulsação térmica não ter sido maior... e tudo ao redor está branco da neve e gelo, não é? Eles tiveram um megarreflexo, mais um tremendo contraste de energia.

— Faz sentido, Andy — concordou Parsons. — Terroristas?

— E a minha aposta no momento, Larry. Mas precisamos recolher alguns resíduos para ter certeza.

Os sons da batalha se desvaneceram. O comandante do Bradley ouvia apenas tiros dispersos, e calculou que os russos haviam recuado um pouco, talvez mesmo até sua caserna. Fazia sentido, os tanques dos dois lados haviam sido bastante avariados, agora era uma batalha para a infantaria e seus veículos de combate. O pessoal da infantaria, ele sabia, era mais esperto que o dos tanques. O que provinha de se usar uma camisa como proteção, em vez de um palmo de ferro. A vulnerabilidade levava um homem a pensar. Ele trocou de posição mais uma vez. Era estranho como se operava, pensou, embora já tivesse praticado a manobra muitas vezes. O veículo aproximava-se de uma esquina, um homem saltava para espiar além.

— Nada, sargento. Tudo está... espere! A cerca de três quilômetros pela rua... — O soldado levantou um binóculo. — BDRM! O tipo com mísseis!

*Muito bem,* pensou o sargento, *deve ser a vanguarda de reconhecimento para a próxima onda.* Sua função era clara. O reconhecimento se dividia em duas partes. Devia encontrar o inimigo, mas também impedir que o inimigo descobrisse as coisas.

— Outro!

— Vamos entrar em ação. — Uma pausa e o sargento acrescentou para o artilheiro: — Alvos à direita.

— Estou pronto, sargento.

— Agora!

O Bradley avançou para o cruzamento. O artilheiro virou sua torre. Parecia uma galeria de tiro ao alvo. Havia dois carros blindados de reconhecimento BDRM se aproximando. O artilheiro mirou o líder, explodindo o lançador de mísseis antitanque que havia em cima. O BDRM desviou-se para a esquerda, indo bater em alguns carros estacionados. O artilheiro já transferia o fogo para o segundo, que deu uma brusca guinada para a direita, numa manobra evasiva, mas a rua era estreita demais para que pudesse escapar. O canhão automático do Bradley era um meio termo entre uma metralhadora e um canhão comum. O artilheiro pôde acompanhar os projéteis luminosos até o alvo, e teve a satisfação de observá-lo explodir. Mas...

— Recue depressa... agora! — berrou o sargento, pelo interfone. Havia um terceiro BDRM mais atrás. O Bradley mal conseguiu escapar.

Acabara de se refugiar atrás dos prédios quando um míssil passou pela rua em que estivera, puxando um fio fino em sua esteira. O míssil foi explodir a algumas centenas de metros de distância.

— É hora de partir, fazer a volta — anunciou o sargento. Ele ligou o rádio. — Aqui é Delta Três-Três. Fizemos contato com veículos de reconhecimento. Dois destruídos, mas o terceiro nos avistou. Temos mais amigos se aproximando, senhor.

— General, nós os empurramos de volta à linha, posso resistir contra o que tem aqui, mas estamos perdidos se vierem mais — disse o coronel Long. — Senhor, precisamos de ajuda!

— Certo. Mandarei algum apoio aéreo em dez minutos. E os veículos mais rápidos já estão a caminho.

— É um começo, senhor, mas preciso mais do que isso. O Saceur virou-se para seu oficial de operações.

— O que temos disponível?

— O segundo do 11º de Cavalaria, senhor. Está deixando a caserna neste momento.

— O que há entre eles e Berlim?

— Russos? Não muitos. Se avançarem depressa...

— Mande-os para Berlim.

O Saceur voltou à sua mesa, e pegou o telefone para falar com Washington.

— O que é agora? — perguntou Fowler.

— Senhor, parece que os russos estão mandando reforços para Berlim. Acabei de ordenar que o segundo batalhão do 11º de Cavalaria Blindada se deslocasse para a cidade como reforço. Também tenho aviões seguindo para lá, a fim de avaliar a situação.

— Tem alguma idéia do que eles pretendem?

— Nenhuma, senhor. Não faz o menor sentido, mas apesar disso nossos homens estão sendo mortos. O que os russos lhe dizem, senhor presidente?

— Perguntam por que os atacamos, general.

— Eles enlouqueceram?

*Ou será alguma outra coisa?*, especulou o Saceur. *Algo realmente assustador?* Uma voz de mulher entrou na linha, provavelmente a tal de Elliot, pensou o Saceur:

— General, quero deixar esse ponto bem claro. Tem certeza de que foram os soviéticos que iniciaram o ataque?

— Claro que tenho, madame! — respondeu o Saceur, veemente.

— O comandante da Brigada Berlim provavelmente está morto. O subcomandante é o tenente-coronel Edward Long. Conheço o garoto, sei que ele é bom. Long diz que os russos abriram fogo contra a brigada sem qualquer aviso, no momento em que entravam no alerta ordenado por Washington. Nem mesmo tinham os canhões carregados. Repito, madame, foram os russos que começaram a atirar, não resta a menor dúvida quanto a isso. Tenho permissão para enviar reforços?

— O que acontece se não enviá-los? — indagou Fowler.

— Neste caso, senhor presidente, terá cerca de cinco mil cartas para escrever.

— Muito bem, mande os reforços. Avise a Berlim para não efetuar nenhuma ação ofensiva. Estamos tentando controlar a situação.

— Desejo-lhe toda a sorte, senhor presidente, mas neste momento tenho um comando para exercer.

PRESIDENTE NARMONOV:

RECEBEMOS A INFORMAÇÃO DA EUROPA DE QUE UM REGIMENTO SOVIÉTICO DE TANQUES DESFECHOU UM ATAQUE CONTRA A NOSSA BRIGADA BERLIM, SEM AVISO. ACABEI DE FALAR COM O NOSSO COMANDANTE, E ELE CONFIRMA QUE É VERDADE. O QUE ESTÁ ACONTECENDO? POR QUE SUAS TROPAS ATACARAM NOSSOS SOLDADOS?

— Já recebemos alguma notícia de Berlim? — perguntou Narmonov. O ministro da Defesa balançou a cabeça.

— Ainda não. Os elementos da vanguarda de reconhecimento devem estar chegando lá agora. As comunicações pelo rádio são um desastre. Nossos rádios VHF funcionam precariamente em cidades, porque operam apenas na linha de visão. Nossas informações são fragmentadas, a maior parte é de comunicações táticas entre comandantes de subunidades. Não conseguimos fazer contato com o comandante do regimento. Talvez ele esteja morto. Afinal os americanos gostam de liquidar os comandantes primeiro.

— Quer dizer que não sabemos realmente o que está acontecendo?

— Não, mas tenho certeza de que nenhum comandante soviético abriria fogo contra os americanos sem causa justa!

Golovko fechou os olhos e praguejou baixinho. Agora o ministro da Defesa revelava tensão.

— Sergei Nikolayevich? — disse Narmonov.

— Não temos mais nada a informar do KGB. Pode esperar que todos os mísseis americanos baseados em terra estejam em alerta, assim como todos os submarinos de mísseis no mar. Calculamos que

os submarinos de mísseis americanos no porto sairão todos para o mar numa questão de horas.

— E nossos submarinos de mísseis?

— Um está deixando o cais neste momento. Os outros se preparam para sair também. Mas levarão a maior parte do dia para isso.

— Por que somos tão lentos? — perguntou Narmonov.

— Os americanos dispõem de duas tripulações completas para seus barcos. Nós temos apenas uma. Assim, é mais fácil para eles saírem a qualquer instante.

— Ou seja, as forças estratégicas deles estão quase que totalmente prontas, mas o mesmo não acontece com as nossas?

— Todos os nossos foguetes baseados em terra se encontram totalmente prontos.

— Presidente Narmonov, sua resposta para os americanos...?

— O que eu digo agora? — indagou Andrei H'yeh. Um coronel entrou na sala.

— Relatório de Berlim.

Ele entregou-o ao ministro da Defesa.

— Os americanos se encontram na parte leste da cidade. A primeira onda de carros de reconhecimento foi atacada. Quatro veículos, o oficial no comando foi morto em um deles. Respondemos ao fogo e destruimos dois veículos americanos... nenhum contato ainda com o nosso regimento. — O ministro da Defesa olhou para os outros. — O porta-aviões *Kuznetzov* informa que lançou uma patrulha de dois aviões. Detectaram um sinal de resgate pelo rádio e foram investigar. E se perdeu o contato. Há um grupo de batalha de porta-aviões americano a quatrocentos quilômetros de distância, e eles solicitam instruções.

— O que isso significa?

O ministro da Defesa verificou as horas indicadas no segundo despacho.

— Se nossos aviões não voltaram a esta altura, já se encontram quase sem combustível. Devemos presumir que os perdemos, causa desconhecida, mas a proximidade do porta-aviões americano é perturbadora... O que eles estão fazendo?

PRESIDENTE FOWLER:

TENHO CERTEZA DE QUE NENHUM COMANDANTE SOVIÉTICO ATACARIA TROPAS AMERICANAS SEM ORDENS, E NÃO HOUE NENHUMA ORDEM NESSE SENTIDO. ENVIAMOS TROPAS ADICIONAIS A BERLIM PARA INVESTIGAR, E FORAM ATACADAS POR SUAS FORÇAS, NA PARTE LESTE DA CIDADE, BEM LONGE DE SEU ACAMPAMENTO. O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

— Mas o que ele quer insinuar? O que eu estou fazendo? O problema é o que ele está fazendo! — explodiu Fowler.

Uma luz acendeu no painel do telefone. Era da CIA. O presidente apertou o botão, acrescentando uma nova ligação à linha de conferência.

— Isso depende de quem "ele" é — advertiu Elliot.

— O que é agora? — berrou Fowler para a ligação com a CIA.

— Senhor presidente, o que temos aqui é simples confusão.

— Ryan, não queremos análise, apenas informação! — gritou Liz.

— Tem alguma?

— Os soviéticos estão lançando ao mar todos os seus barcos nos portos da esquadra do norte. Um submarino de mísseis estaria também deixando o porto.

— E seus mísseis baseados em terra se encontram em estado de alerta total?

— Correto.

— E também acrescentam a isso seus submarinos de mísseis?

— Isso mesmo, senhor presidente.

— Tem alguma boa notícia?

— Senhor, a notícia é de que não há nenhuma notícia concreta neste momento, e por isso deve...

— Escute, Ryan, pela última vez: quero informações de você, e mais nada. Trouxe-me aquele material de Kadishev, e agora diz que era tudo mentira. Por que eu deveria acreditar em você agora?

— Senhor, quando apresentei o material, ressalvei que ainda não fora confirmado!

— Acho que temos a confirmação agora — ressaltou Liz. — General Borstein, se eles estão preparados, qual é exatamente a ameaça?

— A coisa mais rápida com que podem nos atingir é um ICBM. A suposição é de que um regimento de SS-18s se acha apontado para a área de Washington, e a maioria dos outros para as nossas bases de mísseis nas Dakotas, mais as bases de submarinos em Charleston, King's Bay, Bangor e as outras. O tempo de aviso será de vinte e cinco minutos.

— E seremos um alvo aqui? — indagou Liz.

— É uma suposição que se deve fazer, doutora Elliot.

— Ou seja, eles tentarão usar os SS-18s para terminar o que a primeira arma não conseguiu?

— Se foi obra deles, é isso mesmo.

— General Fremont, a que distância se encontra o PCAEN de apoio?

— Decolou há cerca de dez minutos, doutora Elliot. Chegará em Hagerstown dentro de noventa e cinco minutos. Há um bom vento favorável.

O comandante do SAC se arrependeu desse acréscimo quase que no mesmo instante.

— Portanto, se eles estão pensando num ataque, e o desfecharem dentro da próxima hora e meia, estaremos mortos aqui?

— Isso mesmo.

— Elizabeth, nossa função é evitar que isso aconteça, lembra?

— murmurou Fowler.

A assessora de segurança nacional olhou para o presidente. O rosto dela podia ser de vidro, de tão frágil que parecia. Não deveria ser assim. Ela era a principal conselheira do homem mais poderoso do mundo, num lugar de segurança suprema, protegidos por servidores devotados, mas a menos de trinta minutos do momento em que um russo anônimo e sem rosto tomaria uma decisão, talvez já a tivesse tomado, e nesse caso ela estaria morta. Morta, apenas um punhado de cinzas ao vento, com certeza não mais do que isso.

Tudo por que trabalhara, todos os livros, cursos e seminários, tudo acabaria num clarão ofuscante e aniquilador.

— Robert, nem mesmo sabemos com quem estamos falando — disse ela, a voz um pouco trêmula.

— De volta à mensagem deles, senhor presidente — interveio o general Fremont. — "Tropas adicionais para investigar." Senhor, isso parece significar reforços.

Um bombeiro novato encontrou o primeiro sobrevivente, rastejando pela rampa de concreto, do porão de carregamento. Era espantoso que ele conseguisse se mexer. As mãos tinham queimaduras de segundo grau, e ao se arrastar ele acrescentava a seus ferimentos fragmentos de vidro, concreto, e só Deus sabia mais o quê. O bombeiro pegou o homem nos braços — era um guarda — e carregou-o para o ponto de evacuação. Os dois caminhões-pipas que ainda se encontravam na área jogaram água nos dois. Em seguida, eles receberam ordem de tirar as roupas, e tomaram outra ducha. O guarda estava semiconsciente, mas arrancou uma folha da prancheta que levava, e durante toda a viagem de ambulância tentou dizer alguma coisa ao bombeiro que o acompanhava, mas este sentia muito frio, muito cansaço e muito medo para prestar atenção. Cumprira o seu dever, poderia ter perdido a vida no processo. Era demais para um garoto de vinte anos, que se limitou a olhar fixamente para o chão molhado da ambulância, enquanto estremecia por baixo do cobertor.

A entrada do estádio era encimada por um lintel de concreto, que fora fragmentado pela explosão, com um bloco enorme bloqueando o acesso. Um soldado do tanque desenrolou um cabo do guincho na torre, passando-o em torno desse bloco. Enquanto ele o fazia, o chefe Callaghan a todo instante olhava para o relógio. De qualquer forma, era tarde demais para desistir agora. Ele tinha de ir até o fim, mesmo que morresse no processo.

O cabo foi esticado, deslocando o fragmento de concreto. Milagrosamente, o resto da entrada não ruíra. Callaghan seguiu na frente, através dos escombros, seguido pelo coronel Lyle.



As luzes de emergência estavam acesas, e parecia que cada *sprinkler* funcionava. Era por aquela parte do estádio que o cano principal entrava ria estrutura, lembrou Callaghan, o que explicava a água caindo. Havia outros sons, do tipo que vinha de pessoas. Callaghan entrou no banheiro dos homens e encontrou duas mulheres, sentadas na água, os casacos cobertos pelo próprio vômito.

— Tirem-nas daqui! — gritou ele para seus homens. — Quero que sigam pelos dois lados, façam uma verificação rápida, e voltem para cá o mais depressa possível!

O próprio Callaghan verificou todos os reservados nos banheiros. Estavam desocupados. Outra revista não revelou mais nada. Haviam percorrido toda aquela distância para encontrar duas mulheres no banheiro errado. Apenas duas. Callaghan olhou para o Coronel Lyle, mas não havia nada a dizer. Os dois saíram para o pátio.

Callaghan levou um momento para perceber, embora estivesse bem à sua frente, um acesso ao nível inferior do estádio. Pouco tempo antes, a vista seria do lado sul do estádio e da cobertura, mas agora ele avistou as montanhas, ainda delineadas em laranja pelo distante sol poente. A abertura chamava-o, e ele subiu pela rampa, como se estivesse em transe.

Era uma cena do inferno. De alguma forma, aquele trecho fora resguardado da explosão. Havia talvez uns trezentos assentos ali, em grande parte ainda intactos, ainda com pessoas. Ou melhor, o que antes eram pessoas. Agora, não passavam de carne queimada, enegrecida, algo pior do que qualquer vítima de incêndio que ele já vira, em quase trinta anos como bombeiro. Pelo menos trezentos corpos ainda sentavam ali, olhando para o que antes fora o campo.

— Vamos embora, chefe — disse o coronel Lyle, puxando-o.

O homem perdera o controle, e Lyle viu que ele vomitava, por dentro da máscara contra gás. O coronel começou a arrastá-lo.

— E hora de partir. Não resta mais nada a fazer aqui. Já cumpriu o seu dever. Mais quatro pessoas ainda estavam vivas. Os bombeiros ajeitaram-nas em cima do tanque, que partiu no mesmo

instante para o ponto de evacuação. Os bombeiros restantes foram lavados com todo o cuidado, e também deixaram o local.

Talvez a única sorte do dia, pensou Larry Parsons, fosse a cobertura de neve. Atenuara os danos térmicos aos prédios adjacentes. Em vez de centenas de incêndios em residências, havia apenas uns poucos. E ainda melhor, o sol da tarde anterior fora bastante intenso para formar uma crosta nos quintais e telhados em torno do estádio. Parsons procurava por material nessa crosta. Ele e seus homens vasculhavam com cintilômetros. O fato quase inacreditável era que uma bomba nuclear convertia muito de sua massa em energia, mas a perda total de massa no processo era mínima. Além disso, a matéria é muito difícil de destruir, e agora ele procurava por resíduos do artefato. Era mais fácil do que se poderia imaginar. O material era escuro, sobre uma superfície plana e branca, e era também altamente radiativo. Ele tinha uma opção de seis pontos quentes, num raio de três quilômetros do estádio. Parsons ficara com o mais quente. Vestindo o traje protetor forrado de chumbo, ele caminhava por um gramado coberto de neve.

Provavelmente um casal idoso, pensou. Nenhuma criança construíra um boneco de neve ou se deitara para fazer anjos na neve. O som do contador aumentou... ali.

O resíduo era um pouco maior no tamanho do que partículas de poeira, mas havia muitos, provavelmente cascalho e material de pavimentação pulverizados do estacionamento, concluiu Parsons. Se ele estivesse com sorte, teriam sido sugados pelo centro da bola de fogo, com resíduos da bomba fixados neles. Se estivesse com sorte. Parsons recolheu uma boa quantidade, guardando num saco plástico. Entregou o saco a um companheiro, que meteu-o num balde de chumbo.

— Um material muito quente, Larry!

— Sei disso. Vamos pegar mais um pouco.

Ele recolheu outra amostra, guardou-a do mesmo jeito. Depois, levantou o rádio.

— Parsons falando. Encontraram alguma coisa?

— Três bons resíduos, Larry. Eu diria que é o suficiente para uma análise.

— Encontrem-se comigo no helicóptero.

— Já estou a caminho.

Parsons e seu parceiro se afastaram, ignorando os olhos arregalados que observavam por trás das janelas. Aquelas pessoas não eram sua preocupação no momento. Graças a Deus, pensou ele, que não o haviam bombardeado com perguntas. O helicóptero se encontrava no meio de uma rua, o rotor ainda girando.

— Para onde vamos? — perguntou Andy Bowler.

— Vamos para o centro de comando... o *shopping center*. Deve estar frio lá. Leve as amostras o mais depressa possível para o espectrômetro.

— Você deveria ir também.

— Não posso — respondeu Parsons, balançando a cabeça. — Preciso falar com Washington. Não foi o que eles nos informaram. Alguém errou, e tenho que informar isso. E é necessário um cabo de terra para a comunicação.

A sala de reuniões tinha pelo menos quarenta telefones, um dos quais era a linha direta de Ryan. A campainha eletrônica atraiu sua atenção. Ele apertou o botão que piscava e levantou o fone.

— Ryan.

— Jack, o que está acontecendo? — perguntou Cathy Ryan ao marido, com alarme na voz, mas não pânico.

— Como assim?

— A emissora de tevê local disse que uma bomba atômica explodiu em Denver. Estamos em guerra, Jack?

— Cathy, eu não posso... não, querida, não há nenhuma guerra, está bem?

— Mostraram uma imagem, Jack. Há alguma coisa de que eu precise saber?

— Já sabe de quase tudo que eu sei. Alguma coisa aconteceu. Não sabemos exatamente o quê, e estamos tentando descobrir. O presidente se encontra em Camp David, junto com a assessora de segurança nacional, e...

— Elliot?

— Isso mesmo. Estão falando com os russos neste momento. Meu bem, tenho trabalho a fazer.

— Devo levar as crianças para algum lugar?

A coisa apropriada, a mais honrosa e dramática, pensou Jack, era dizer à esposa para permanecer em casa, que deveriam partilhar os riscos com todos os demais, mas o fato é que não existia nenhum lugar

seguro, ao que ele soubesse. Ryan olhou pela janela, perguntando-se o que deveria dizer.

— Não.

— Liz Elliot está aconselhando o presidente?

— Está, sim.

— Jack, ela é uma pessoa mesquinha e fraca. Talvez seja inteligente, mas por dentro é fraca.

— Sei disso. Cathy, tenho realmente muita coisa a fazer aqui.

— Eu amo você.

— E eu também amo você, querida. Até mais tarde. Jack desligou e anunciou:

— A notícia já se espalhou, com imagens e tudo o mais.

— Jack! — Era o oficial de plantão. — A AP acaba de transmitir um despacho urgente: combates em Berlim entre forças americanas e soviéticas. A Reuters informa a explosão em Denver.

Jack pegou o telefone para falar com Murray.

— Está recebendo as informações das agências noticiosas?

— Eu sabia que não daria certo, Jack.

— O que não daria certo?

— O presidente nos mandou censurar as redes de tevê. Acho que deixamos um buraco em algum lugar.

— Incrível! Você deveria ter recusado, Dan.

— Eu tentei, entende?

Havia redundâncias demais, conexões demais. Dois satélites servindo aos Estados Unidos ainda permaneciam abertos e operando, assim como quase todo o sistema repetidor de

microondas que os precedera. As redes não funcionavam apenas a partir de Nova York e Atlanta.

O escritório da NBC em Los Angeles, depois de um telefonema sub-reptício do Rockefeller Center, assumiu o comando da rede. A CBS e a ABC fizeram a mesma coisa, passando a irradiar de Washington e Chicago, respectivamente. Os irados repórteres também comunicaram ao público que agentes do FBI mantinham como "reféns" os jornalistas no quartel-general das redes, no mais hediondo abuso já cometido contra a Primeira Emenda. A ABC estava indignada com a morte de sua equipe em Denver, mas isso era insignificante em comparação

com a extensão dos acontecimentos. A notícia se espalhou, e as linhas telefônicas para o escritório de imprensa da Casa Branca ficaram congestionadas. Muitos repórteres conheciam também o número direto para Camp David. Não houve qualquer declaração do presidente, o que só contribuía para agravar ainda mais a situação. A filiada da CBS em Omaha, Nebraska, só precisou mandar um repórter passar de carro pelo quartel-general do SAC para constatar a guarda reforçada e o campo sem aviões. Essas imagens seriam transmitidas para a nação inteira em poucos minutos, mas foram as equipes jornalísticas locais que realizaram o melhor e o pior trabalho. Não há praticamente nenhuma cidade nos Estados Unidos, grande ou pequena, que não tenha um quartel da Guarda Nacional ou uma base para reservistas. Ocultar a atividade em todas essas instalações seria a mesma coisa que tentar ocultar um sol nascente, e as agências noticiosas informaram a movimentação em toda parte. Só era preciso realçar esses informes com os poucos minutos da gravação da Kold em Denver, transmitida quase que continuamente agora, para explicar o que estava acontecendo, e por quê.

Os telefones do Aurora Presbyterian estavam todos ocupados. Parsons sabia que podia forçar que alguém lhe cedesse uma linha, mas era mais fácil correr para o outro lado, até um *shopping center*, em grande parte deserto. Ele encontrou um agente do FBI ali, usando um blusão azul de serviço, que proclamava sua identidade em letras enormes.

— Você é o cara do estádio?

Parsons tirara o capacete, mas ainda usava o casaco e a calça metálicos.

— Isso mesmo. Preciso de um telefone.

— Poupe as suas moedas.

Eles estavam na frente de uma loja de roupas masculinas. A porta tinha um alarme, mas parecia ordinário. O agente sacou seu revólver e disparou cinco tiros, espatifando o vidro.

— Pode entrar, companheiro.

Parsons correu para o balcão e pegou o telefone da loja, discando o número de seu quartel-general em Washington. Nada aconteceu.

— Para onde está ligando?

— Washington.

— As linhas interurbanas foram fechadas.

— Como assim? A companhia telefônica não pode ter sido afetada pela explosão.

— Fomos nós — explicou o agente. — Ordens de Washington.

— E quem foi o idiota que deu essa ordem?

— O presidente.

— Isso é demais! Preciso fazer uma ligação.

— Espere um pouco.

O agente pegou o telefone e ligou para seu próprio escritório.

— Hoskins.

— Aqui é Larry Parsons, o chefe do Nest. Pode transmitir uma mensagem a Washington?

— Claro.

— A bomba foi uma explosão no solo, com menos de quinze quilotons. Temos amostras do resíduo, que estão a caminho de Rocky Flats para uma espectroscopia. Sabe como transmitir isso?

— Darei um jeito.

— Obrigado. Parsons desligou.

— Tem pedaços da bomba? — perguntou o agente do FBI, incrédulo.

— Parece um absurdo, não é? Mas a precipitação é isso, resíduos da bomba que ficam grudados em partículas de terra.

— E daí?

— E daí que podemos descobrir muitas coisas com isso. Venha comigo. Os dois correram pela rua, na direção do hospital. Um agente do FBI, concluíra Parsons, era um homem útil para se ter ao lado.

— Jack, recebemos uma informação de Denver, por intermédio de Walt Hoskins. A bomba foi uma explosão no solo, com cerca de cinqüenta quilotons. Os caras do Nest recolheram resíduos, e vão examiná-los.

Ryan anotou os dados.

— Contagem de baixas?

— Não disseram.

O homem de C&T comentou:

— Cinqüenta quilotons... pouco em relação ao que os satélites indicaram, mas possível. Ainda assim, muito grande para ser coisa de terroristas.

O F-16C não era exatamente o ideal para aquela missão, mas era rápido. Quatro haviam deixado Ramstein apenas vinte minutos antes. Lançados no ar pelo Alerta Três inicial, seguiram para leste, na direção do que ainda era referido como a fronteira interna da Alemanha. Nem mesmo chegaram lá quando novas ordens os enviaram para a zona sul de Berlim, a fim de verificar o que ocorria na base da Brigada Berlim. Quatro F-15s de Bitburg se juntaram a eles, para uma cobertura superior. Todos os oito caças da força aérea americana levavam apenas mísseis ar-ar, com dois tanques extras de combustível cada, no lugar de bombas, para os F-16s, e compartimentos apropriados para os Eagles. De três mil metros de altitude, puderam avistar os clarões e explosões no solo. A formação de quatro se rompeu em duas de dois aviões, que baixaram para uma verificação mais próxima, enquanto os Eagles circulavam lá em cima. O problema, como se concluiu mais tarde, foi duplo. Primeiro, os pilotos sentiam-se surpresos demais com o rumo dos acontecimentos para considerar todas as possibilidades; além disso, havia o fato de que a perda de aviões americanos sobre o Iraque

fora tão ínfima que eles esqueceram que aquele era um lugar diferente.

O regimento de tanques russo dispunha de mísseis SA-8 e SA-11, além do complemento normal de veículos antiaéreos Shilka 23mm. O comandante da companhia antiaérea aguardara aquele momento, sem iluminar seus radares, bancando o esperto, ao contrário dos iraquianos, que esqueceram todas as precauções. Ele esperou até que os aviões americanos estivessem a mil metros, antes de dar sua ordem.

Mal os receptores de ameaça entraram em ação quando um enxame de mísseis subiu da beira leste do acampamento russo. Os Eagles, mais altos, tinham uma possibilidade muito maior de evasão. Os F-16 Fighting Falcons, descendo para a armadilha de SAM, não tinham quase nenhuma. Dois foram derrubados numa questão de segundos. Os outros dois esquivaram-se à primeira onda de SAMs, mas um deles foi apanhado no padrão fragmento da segunda onda de SA-11. O piloto conseguiu se ejetar, mas morreu quando caiu com um impacto grande demais no telhado de um prédio de apartamentos. O quarto F-16 escapou, em vôo rasante sobre os telhados, seguindo para oeste na aceleração máxima. Dois dos Eagles se juntaram a ele na fuga. Cinco aviões americanos caíram na cidade. Apenas um dos pilotos sobreviveu. Os aviões que escaparam transmitiram a notícia ao comandante das forças aéreas dos Estados Unidos na Europa, baseado em Ramstein. Ele já acionara doze F-16s armados. A próxima onda seria diferente.

PRESIDENTE NARMONOV:

ENVIAMOS ALGUNS AVIÕES A BERLIM PARA INVESTIGAR A SITUAÇÃO ALI. FORAM DERRUBADOS SEM AVISO POR MÍSSEIS SOVIÉTICOS. POR QUE FIZERAM ISSO?

— O que isso significa?

— "Derrubados sem aviso"? Mas há uma *batalha* na cidade, e foi por isso que mandaram os aviões para lá! O regimento tem defesas antiaéreas — explicou o ministro da Defesa. — São apenas foguetes de curto alcance e baixa altitude. Se os americanos



estivessem apenas observando de uma altitude segura... dez mil metros, por exemplo... não poderíamos sequer alcançá-los. Deviam estar mais baixo, provavelmente tentando dar apoio às tropas no solo com um ataque aéreo. E a única maneira pela qual poderíamos derrubá-los.

— Mas não temos informações?

— Não. Ainda não estabelecemos um contato.

— Então não vamos responder a esta mensagem.

— Isso é um erro — interveio Golovko.

— A situação já é bastante perigosa — declarou Narmonov, irritado. — Não sabemos o que está acontecendo por lá. Como posso responder quando ele alega dispor de informações que eu ainda não tenho?

— Se não responder, vai dar a impressão de que admite o incidente.

— Não admitimos nada! — gritou o ministro da Defesa. — Não poderíamos sequer fazer isso, a menos que eles estivessem nos atacando, e não temos certeza se aconteceu ou não.

— Pois então vamos dizer isso — sugeriu Golovko. — Talvez se eles compreenderem que também estamos confusos, também venham a compreender que...

— Mas eles não vão compreender, e não vão acreditar. Já nos acusaram de desfechar esse ataque, e não vão acreditar que não temos qualquer controle sobre a área.

Narmonov retirou-se para uma mesa no canto, e serviu-se de uma xícara de chá, enquanto seus conselheiros de Informações e Defesa trocavam... argumentos? Seria essa a palavra certa? O presidente soviético levantou os olhos para o teto. Aquele centro de comando datava da época de Stalin. Um desvio das linhas do metrô de Moscou, construído por Lazar Kaganovich, o judeu anti-semita que era o laçao de maior confiança de Stalin, ficava cem metros abaixo da superfície, mas agora seu pessoal lhe dizia que, no final das contas, não era de fato um lugar seguro.

O que Fowler estaria pensando?, especulou Narmonov. Não podia haver a menor dúvida de que o homem se encontrava abalado pelo assassinato de tantos cidadãos americanos, mas como era

possível que ele pensasse que os soviéticos eram responsáveis? E o que estava de fato acontecendo? Uma batalha em Berlim, uma possível confrontação entre forças navais no Mediterrâneo, tudo sem relação... ou será que não?

E isso importava? Narmonov olhou para um quadro na parede e compreendeu que não, que não importava. Ele e Fowler eram políticos, para o quais as aparências tinham mais peso do que a realidade, e as percepções eram mais importantes do que os fatos. O americano lhe mentira em Roma numa questão trivial. Estaria mentindo agora? Se estivesse, então nada dos últimos dez anos de progresso importava, não é? Fora tudo em vão.

— Como as guerras começam? — perguntou Narmonov a si mesmo, no canto, em voz baixa.

Na história, as guerras de conquista eram iniciadas por homens fortes, que desejavam se tornar ainda mais fortes. Mas já passara o tempo para homens de ambições imperiais. O último desses criminosos morrera, há não muito tempo. Tudo isso mudara no século 20. A Primeira Guerra Mundial fora desencadeada... como? Um assassino tuberculoso matara um palhaço tão desamado que sua própria família ignorara o funeral. Uma nota diplomática arrogante levara o Czar Nicolau II a se lançar em defesa de um povo que não amava, e depois os acontecimentos se tornaram inexoráveis. Nicolau ainda tivera uma última oportunidade, lembrou Narmonov. O último dos czares contara com a possibilidade de deter tudo aquilo, mas não o fizera. Se ao menos ele soubesse o que sua decisão pela guerra poderia acarretar, talvez encontrasse a força para impedi-la, mas em seu medo e fraqueza assinara a ordem de mobilização, que acabara com uma era e iniciara outra. Aquela guerra começara porque homens pequenos e assustados temiam menos a guerra do que a demonstração de fraqueza.

*Fowler é um homem assim, refletiu Narmonov. Orgulhoso, arrogante, um homem que mentiu numa coisa de menor importância, só para que eu não pensasse mal dele. Deve ter ficado furioso com as mortes. Temerá as mortes adicionais, mas temerá ainda mais uma demonstração de fraqueza. Meu país se encontra à mercê de um homem assim.*

Era uma intrincada armadilha aquela com que Narmonov se defrontava. A ironia poderia provocar um sorriso tenso e amargurado, mas em vez disso o presidente soviético limitou-se a largar a xícara de chá, pois seu estômago não agüentava mais o líquido quente e amargo. Ele também não podia demonstrar fraqueza, não é mesmo? Isso apenas encorajaria Fowler a mais irracionalidade. Parte de Andrei Il'yich Narmonov indagou se o que pensava de Jonathan Robert Fowler também não se aplicaria a si próprio... Mas precisava responder. Não fazer nada não seria uma demonstração de fraqueza?

— Não houve resposta? — perguntou Fowler.

— Não, senhor, nada ainda — respondeu Orontia, os olhos fixados na tela do computador.

— Oh, Deus! — murmurou o presidente. — Todas aquelas pessoas mortas! *É eu poderia ser uma delas*, refletiu Liz Elliot, o pensamento sempre lhe voltando

como ondas na praia, desabando, recuando, só para retornar de novo. *Alguém queria nos matar, e eu estava incluída. E não sabemos quem ou por quê...*

— Não podemos permitir que isso vá mais adiante.

*Nem mesmo sabemos o que estamos tentando impedir. Quem está fazendo isso? E por que estão fazendo isso?* Liz olhou para o relógio e calculou o tempo para a chegada do PCAEN. *Deveríamos ter partido no primeiro. Por que não pensamos em mandá-lo voar para Hagerstown, a fim de nos pegar? Estamos retidos aqui, num alvo perfeito, e se quiserem nos matar, desta vez conseguirão, não é?*

— Como podemos impedir? — indagou Liz. — Ele nem mesmo nos responde.

O Demônio do Mar Um-Três, um avião anti-submarino P-3C Orion, da base aeronaval de Kodiak, era sacudido pelo vento, voando em baixa altitude, a cerca de cento e cinquenta metros. Lançou a primeira de dez bóias sonoras Difar, quinze quilômetros a sudoeste da posição do *Maine*. Na traseira do avião, os operadores

de sonar estavam presos pelo cinto de segurança em suas cadeiras de encosto alto, a maioria com um saco de vômito à mão, enquanto tentavam encontrar algum sentido em suas telas. Vários minutos transcorreram antes que tudo se firmasse.

— Mas é o meu barco! — exclamou Jim Rosselli.

Ele ligou para Bangor, e pediu para falar com o comodoro Mancuso.

— Bart, o que aconteceu?

— O *Maine* informou uma colisão, avarias na haste e hélice. Há um P-3 indo ao seu encontro neste momento, e também mandamos o *Omaha* para lá. Essa é a boa notícia. A má notícia é que o *Maine* rastreava um Akula na ocasião.

— Fazia o quê?

— Harry me vendeu a idéia e OP-02 concordou, Jim. Tarde demais para se preocupar com isso agora. Deve estar tudo bem. O Akula se encontrava muito longe. Soube o que Harry fez com o *Omaha* no ano passado?

— Claro que soube, e achei que ele errou.

— Escute, deve estar tudo bem. Neste momento, Jim, cuido de despachar meus barcos. A menos que precise de mim para alguma coisa, tenho muito trabalho a fazer.

— Está bem.

Rosselli desligou, e Rocky Barnes perguntou-lhe:

— Qual é o problema?

Rosselli estendeu-lhe a mensagem.

— Meu antigo submarino, avariado no golfo do Alasca, e há um russo rondando por lá.

— Mas eles não são silenciosos? Foi você mesmo quem me disse. Os russos nem mesmo sabem onde estão.

— E verdade.

— Ânimo, Jim. É bem provável que eu conhecesse alguns daqueles pilotos de F-16 que foram derrubados em Berlim.

— Onde está Wilkes? — indagou Rosselli. — Já deveria ter chegado. Tem um bom carro.

— Não faço a menor idéia, cara. O que acha que está acontecendo?

— Não sei, Rocky.

— Temos uma mensagem longa chegando — anunciou o Suboficial Orontia. — Aqui está.

PRESIDENTE FOWLER:

NÃO TEMOS INFORMAÇÕES DE BERLIM SOBRE A QUESTÃO A QUE SE REFERIU. AS COMUNICAÇÕES FORAM INTERROMPIDAS. MINHAS ORDENS FORAM TRANSMITIDAS ÀS NOSSAS TROPAS, E SE TODOS OS COMANDOS AS RECEBERAM NÃO HAVERÁ QUALQUER AÇÃO, EXCETO EM LEGÍTIMA DEFESA. TALVEZ ELES SE SENTISSEM SOB ATAQUE POR SEUS AVIÕES, E AGIRAM PARA SE DEFENDER. SEJA COMO FOR, ESTAMOS TENTANDO NESTE MOMENTO RESTABELECEER O CONTATO COM AS TROPAS, MAS NOSSA PRIMEIRA TENTATIVA DE ALCANÇÁ-LAS FOI IMPEDIDA POR SOLDADOS AMERICANOS, QUE SE ENCONTRAVAM FORA DE SEU PERÍMETRO. VOCÊ NOS ACUSA DE ABRIR FOGO, MAS JÁ LHE DISSE QUE NOSSAS FORÇAS NÃO RECEBERAM TAL ORDEM. A ÚNICA INFORMAÇÃO CONCRETA DE QUE DISPOMOS É A DE QUE SUAS FORÇAS SE ENCONTRAVAM DENTRO DE NOSSA ÁREA DA CIDADE QUANDO HOUE A CONFRONTAÇÃO. SENHOR PRESIDENTE, NÃO POSSO CONCILIAR SUAS PALAVRAS COM OS FATOS DE QUE DISPOMOS. NÃO FAÇO ACUSAÇÕES, MAS TUDO O QUE

SEI ATÉ AGORA ME PERMITE GARANTIR QUE AS FORÇAS SOVIÉTICAS NÃO INICIARAM QUALQUER AÇÃO CONTRA AS FORÇAS AMERICANAS. DISSE-NOS QUE O ALERTA DE SUAS FORÇAS É APENAS DEFENSIVO, MAS TEMOS INDICAÇÕES DE QUE SUAS FORÇAS ESTRATÉGICAS SE ENCONTRAM NUM ESTADO DE ALERTA BASTANTE ALTO. DIZ QUE NÃO TEM MOTIVOS PARA ACREDITAR QUE SOMOS OS RESPONSÁVEIS PELA INFÂMIA, MAS A MAIORIA DE SUAS FORÇAS EM ALERTA ESTÃO MOBILIZADAS CONTRA MEU PAÍS. O QUE QUER QUE EU PENSE? PEDE PROVAS DE NOSSAS BOAS INTENÇÕES, MAS TODAS AS SUAS AÇÕES PARECEM INDICAR UMA AUSÊNCIA DE BOAS INTENÇÕES.

— Ele está fazendo ameaças — comentou Liz Elliot, no mesmo instante. — Quem quer que esteja por lá, é evidente que se encontra abalado. Isso é ótimo. Ainda podemos prevalecer.

— Ótimo? — disse o comandante do SAC. — Deve compreender que essa pessoa assustada a quem se refere tem uma porção de mísseis apontados para nós. Minha interpretação é diferente, doutora Elliot. Acho que temos um homem furioso por lá. E lançou nossas indagações de volta em nossa cara.

— O que está querendo dizer com isso, general?

— Ele diz que sabe que estamos em alerta. Muito bem, isso não é uma surpresa, mas também diz que as armas estão apontadas para ele. Acusa-nos agora de ameaçá-lo... com armas nucleares, senhor presidente. Isso é muito mais importante do que a luta insignificante em Berlim.

— Concordo — acrescentou o general Borstein. — Ele tenta nos pressionar, senhor. Perguntamos sobre alguns aviões perdidos, e ele joga tudo isso em cima de nós.

Fowler tornou a apertar o botão da CIA.

— Ryan, você pegou a última mensagem?

— Sim, senhor.

— O que acha do estado mental de Narmonov?

— Senhor, ele está um pouco irritado neste momento, e também muito preocupado com a nossa postura defensiva. Tenta encontrar uma saída para a crise.

— Não vejo assim. Ele está assustado.

— E quem não está? — indagou Jack. — *Claro* que ele está assustado, e o mesmo acontece com todo mundo.

— Escute, Ryan, mantemos o controle aqui.

— Eu nunca disse outra coisa, Liz — respondeu Ryan, reprimindo o que de fato pensava. — A situação é grave, e ele se mostra tão preocupado quanto nós. Tenta entender o que está acontecendo, assim como todos nós. O problema é que ninguém realmente sabe de coisa alguma.

— E quem é o culpado por isso? — indagou Fowler. — Não é esse o seu trabalho?

— É, sim, senhor presidente, e estamos trabalhando para descobrir os fatos. Há muita gente empenhada nisso.

— Robert, acha que é mesmo Narmonov? Conheceu o homem pessoalmente, passou algum tempo em sua companhia.

— Não sei, Elizabeth.

— É a única coisa que faz sentido...

— Liz, quem disse que qualquer coisa do que está acontecendo precisa fazer sentido? — perguntou Ryan.

— A arma foi das grandes, não é mesmo, general Borstein?

— É o que dizem nossos instrumentos.

— E quem tem bombas tão grandes?

— Nós, os russos, os britânicos, os franceses. Talvez os chineses tenham armas assim, mas não acreditamos; as deles são de um tamanho enorme. Israel tem ogivas com essa carga. E só. Índia, Paquistão e África do Sul também possuem, provavelmente, armas de fissão, mas não com potência suficiente para uma explosão assim.

— Essa informação é correta, Ryan? — perguntou Elliot.

— E, sim.

— Portanto, se não foi a Inglaterra, França ou Israel, quem pode ter sido?

— Mas que diabo, Liz! *Não sabemos com certeza, entende?* Não sabemos, e isto não é uma porra de mistério de Sherlock Holmes. Eliminar quem não foi não nos diz quem foi! Não se pode converter a ausência de informações numa conclusão.

— A CIA sabe de todos que possuem armas desse tipo? — indagou Fowler.

— Acho que sabemos, senhor.

— Até que ponto confia nessa informação?

— Até hoje, eu seria capaz de apostar minha vida nisso.

— Ou seja, mais uma vez não está me dizendo a verdade, não é? — comentou Fowler, friamente.

Jack levantou-se.

— Senhor, pode ser o presidente dos Estados Unidos, mas nunca mais me acuse de mentir! Minha esposa acaba de telefonar

para cá, perguntando se deve levar as crianças para algum lugar, e se acha que eu seria bastante estúpido para fazer qualquer jogo neste momento, senhor, então é a pessoa que está precisando de ajuda!

— Obrigado, Ryan. Isso é tudo. A linha foi cortada.

— Oh, Deus! — balbuciou o oficial de plantão.

Jack correu os olhos pela sala, à procura de uma cesta de lixo. Conseguiu alcançá-la bem a tempo. Caiu de joelhos e vomitou. Depois, pegou uma lata de Coca, lavou a boca, cuspiendo na cesta. Ninguém falou, até ele se levantar.

— Eles não compreendem — murmurou Jack. Ele se esticou, acendeu um cigarro. — Simplesmente não compreendem. E é tudo muito simples. Há uma diferença entre não saber de qualquer coisa e compreender que não sabe. Temos uma crise, e todos os participantes estão revertendo a seu tipo. O presidente pensa como um advogado, tentando manter a calma, fazendo o que sabe fazer, baseando-se nas evidências e tentando construir uma argumentação, interrogando as testemunhas, tentando simplificar tudo, empenhando-se em seu jogo. Liz está obcecada pelo fato de que poderia ter morrido, não consegue pôr isso de lado. Bom... — Ryan deu de ombros. — Acho que posso compreender isso. Já passei pela mesma coisa. Ela é uma cientista política, procurando por um modelo teórico, mas tudo se baseia em besteiras, não concorda, Ben?

— Deixou uma coisa de fora, Jack — ressaltou Goodley. Ryan balançou a cabeça.

— Não, Ben, apenas ainda não cheguei lá. Porque não sou capaz de controlar a porra do meu temperamento, eles não querem me escutar agora. Eu deveria saber, tive o aviso... até percebi que estava para acontecer... mas deixei que o temperamento explosivo me dominasse, mais uma vez. E quer saber a parte mais engraçada? Se não fosse por mim, Fowler ainda estaria em Columbus, Ohio, e Elliot continuaria a ensinar para jovens de rostos brilhantes em Bennington.

Jack foi até a janela outra vez. Estava escuro lá fora, e a sala iluminada convertia a vidraça num espelho.



— Do que está falando?

— Isso, senhores, é um segredo. Talvez seja o que escreverão em minha lápide: Aqui jaz John Patrick Ryan. Ele tentou fazer o que era certo... e vejam o que aconteceu. Eu me pergunto se Cathy e as crianças conseguirão...

— Pare com isso, pois a situação não é tão terrível assim — protestou o agente de plantão.

Mas todos os outros na sala sentiram um calafrio. Jack virou-se.

— Não é? Será que não percebe para onde tudo isso está nos levando? Eles não estão escutando ninguém. Simplesmente se recusam a escutar. Poderiam escutar Dennis Bunker ou Brent Talbot, mas ambos viraram poluição atmosférica, pequenos fragmentos da precipitação sobre o Colorado. Eu sou a coisa mais próxima de um conselheiro disponível neste momento, mas estou sendo ignorado.

## O CAMPO DE CAMLAN

O *Almirante Lunin* avançava depressa demais para ter absoluta segurança. O comandante Dubinin sabia disso, mas oportunidades como aquela não apareciam com freqüência. Aquela, na verdade, era a primeira, e o comandante se perguntava se não poderia também ser a última. Por que os americanos haviam entrado em alerta nuclear total... não se podia negar, é claro, que uma possível explosão nuclear em seu país era um problema da maior gravidade, mas eles podiam ser tão loucos a ponto de presumirem que um soviético faria tal coisa?

— Traga-me uma carta de projeção polar — pediu ele a seu contramestre.

Dubinin já sabia o que veria, mas aquele não era um momento para se basear apenas na memória, era uma ocasião para fatos concretos. A folha dura com um metro quadrado estava na mesa um momento depois. Dubinin pegou um compasso de ponta seca, e calculou a distância da posição estimada do *Maine* para Moscou e as bases de foguetes estratégicos na região central de seu país.

— E isso mesmo.

Não podia ser mais evidente.

— O que é, comandante? — perguntou o *starpom*.

— O *Maine*, de acordo com nossas informações, encontra-se no setor mais setentrional da área de patrulha dos submarinos de mísseis baseados em Bangor. Não acha que isso faz sentido?

— Tem razão, comandante, baseado no pouco que sabemos a respeito de seus padrões de patrulha.

— Ele leva o foguete D-5, vinte e quatro foguetes, com umas oito ogivas em cada um...

Dubinin fez uma pausa. Houvera um tempo em que era capaz de fazer esses cálculos mentalmente, num instante.

— Cento e noventa e duas ogivas, comandante — informou o imediato.

— Correto. Obrigado. E o total de quase todos os nossos SS-18s, menos os que estão sendo desativados pelo tratado. A acurácia do D-5 torna provável que essas ogivas destruam cento e sessenta de seus alvos, o que representa mais de um quinto de nossa contagem total de ogivas, e das mais acuradas, diga-se de passagem. Não é extraordinário?

— Acha mesmo que eles são tão bons assim?

— Os americanos não demonstraram sua precisão no Iraque? Pessoalmente, nunca duvidei da qualidade de suas armas.

— Comandante, sabemos que os foguetes D-5 dos submarinos americanos constituem a mais provável arma do ataque inicial...

— Continue seu pensamento. O *starpom* olhou para a carta.

— E isso mesmo. Este é o ponto mais próximo.

— Tem razão. O *Maine* é a ponta da lança apontada para o nosso país. — Dubinin bateu na carta com o compasso. — Se os americanos desfecharem um ataque, os primeiros foguetes partirão deste ponto, e dezenove minutos depois atingirão o alvo. Será que nossos camaradas nas forças de foguetes estratégicos podem responder com a mesma rapidez?

— Mas o que poderíamos fazer, comandante?

Dubinin tirou a carta da mesa, e guardou-a na gaveta aberta.

— Nada. Absolutamente nada. Não podemos atacar preventivamente sem ordens ou uma grave provocação, não é mesmo? Segundo as nossas melhores informações, ele pode lançar seus foguetes a intervalos de quinze segundos, talvez menos. O manual não é tão importante na guerra, não concorda? Digamos uns quatro minutos, do primeiro ao último. E preciso efetuar um ataque no padrão de escada do norte para evitar uma ogiva fratricida. O que não tem importância, se analisarmos a física do evento. Estudei isso quando estive em Frunze. Como nossos foguetes usam combustível líquido, não podem ser lançados durante o ataque. Mesmo que seus componentes eletrônicos pudessem resistir aos efeitos eletromagnéticos, a estrutura é muito frágil para suportar as forças físicas. Assim, a menos que possamos lançar com absoluta

confiança antes da queda das ogivas inimigas, nossa tática é se esquivar e lançar alguns minutos depois. Para nós, se ele é capaz de lançar em quatro minutos, isso significa que deveremos estar num raio de seis mil metros, ouvir o primeiro transiente de lançamento, e disparar nosso primeiro torpedo no mesmo instante, a fim de impedi-lo de lançar seu último foguete.

— Uma tarefa difícil.

O comandante sacudiu a cabeça.

— Uma missão impossível. A única coisa que faz sentido é destruí-lo antes que ele receba sua ordem de lançamento, mas não podemos fazer isso sem ordens, e não recebemos tais ordens.

— O que fazemos então?

— Não há muito que possamos fazer. — Dubinin inclinou-se sobre a mesa de cartas. — Vamos presumir que ele está avariado, e que temos uma definição de sua posição. Ainda precisamos detectá-lo. Se sua potência foi reduzida ao mínimo, será quase impossível ouvi-lo, ainda mais se estiver próximo do ruído de superfície. Se nos tornarmos ativos, o que pode impedi-lo de lançar um torpedo contra nós? Se isso acontecer, poderemos responder... e torcer para sobrevivermos. Nossa arma pode até atingi-lo, mas também pode errar o alvo. Se ele não disparar assim que escutar nosso sonar ativo... talvez possamos chegar bastante perto para intimidá-lo, forçá-lo a mergulhar. Nós o perderíamos de novo quando descesse além da camada... mas se pudermos forçá-lo a descer... e depois permanecermos em cima da camada, irradiando com nosso sonar ativo... talvez consigamos evitar que ele volte à profundidade de lançamento dos mísseis. — Dubinin franziu o cenho. — Não é um plano dos mais brilhantes. Se um deles o sugerisse... — ele apontou para os jovens oficiais que guarneciam o barco —... eu trataria de esfolá-los. Mas não imagino nada melhor. Você tem outra idéia?

— Comandante, isso nos torna vulneráveis demais ao ataque.

O plano podia ser descrito mais acuradamente como suicida, pensou o imediato, embora tivesse certeza de que Dubinin sabia disso.

— É verdade, mas se é o que precisamos para impedir que o filho da puta alcance uma profundidade de lançamento, é

exatamente o que proponho fazer. Não vejo alternativa.

PRESIDENTE NARMONOV:

POR FAVOR, COMPREENDA A POSIÇÃO EM QUE NOS ENCONTRAMOS. A ARMA QUE DESTRUIU DENVER ERA DE UMA POTÊNCIA E TIPO QUE TORNA BASTANTE IMPROVÁVEL QUE O CRIME TENHA SIDO COMETIDO POR TERRORISTAS. CONTUDO, NÃO TOMAMOS QUALQUER INICIATIVA DE RETALIAR CONTRA QUEM QUER QUE FOSSE. SE SEU PAÍS FOSSE ATACADO, TAMBÉM ALERTARIA SUAS FORÇAS ESTRATÉGICAS. FOI O QUE FIZEMOS COM AS NOSSAS, PONDO EM ALERTA TAMBÉM AS FORÇAS CONVENCIONAIS. POR RAZÕES TÉCNICAS, ERA NECESSÁRIO INICIAR UM ALERTA GLOBAL, EM VEZ DE UM ALERTA MAIS SELETIVO. MAS EM NENHUM MOMENTO DEI INSTRUÇÕES PARA INICIAR OPERAÇÕES OFENSIVAS. NOSSAS AÇÕES ATÉ ESTE MOMENTO FORAM APENAS DEFENSIVAS, E TEMOS DEMONSTRADO UMA CONSIDERÁVEL MODERAÇÃO.

NÃO TEMOS QUALQUER EVIDÊNCIA PARA SUGERIR QUE SEU PAÍS DESFECHOU UMA AÇÃO CONTRA NOSSA PÁTRIA, MAS FOMOS INFORMADOS DE QUE SUAS TROPAS EM BERLIM ATACARAM AS NOSSAS, E TAMBÉM ATACARAM AVIÕES QUE TENTAVAM INSPECIONAR A ÁREA. FOMOS TAMBÉM INFORMADOS DE QUE AVIÕES SOVIÉTICOS SE APROXIMARAM DE UM GRUPO DE BATALHA DE PORTA-AVIÕES AMERICANO, NO MEDITERRÂNEO. PRESIDENTE NARMONOV, EU O EXORTO A CONTROLAR SUAS FORÇAS. SE PUDERMOS ENCERRAR AS PROVOCAÇÕES, PODEREMOS ENCERRAR ESTA CRISE, MAS NÃO POSSO DIZER A MEU PESSOAL PARA NÃO SE DEFENDER.

— "Controlar suas forças"? Porra! — explodiu o ministro da Defesa. — Não fizemos absolutamente nada! E ele nos acusa de provocá-lo! Seus tanques é que invadiram Berlim Oriental, seus caças bombardeiros é que atacaram nossas forças ali, e ele acaba de confirmar o fato de que seus aviões no Mediterrâneo atacaram os nossos! Agora, esse louco arrogante diz que não devemos provocá-

lo! O que ele espera que a gente faça... sairmos correndo em qualquer lugar em que avistarmos um americano?

— Essa pode ser a atitude mais prudente no momento — comentou Golovko.

— Fugir como um ladrão de um guarda? — indagou o ministro da Defesa, sarcástico. — Pede que façamos isso?

— Sugiro que é uma possibilidade que deve ser considerada.

O vice-presidente do KGB era um homem que mantinha sua posição bravamente, pensou Narmonov.

— A parte importante da mensagem é a segunda frase — ressaltou o ministro do Exterior, numa análise ainda mais assustadora pelo seu tom objetivo. — Eles dizem que não acreditam que tenha sido um atentado terrorista. Neste caso, quem resta como o provável atacante? Ele acrescenta que a América *ainda* não retaliou contra ninguém. A declaração subsequente, de que não há evidências para sugerir que cometemos essa infâmia, é um tanto vã, em minha opinião, quando se coteja com o primeiro parágrafo.

— E fugir só servirá para deixar mais evidente para ele que somos os responsáveis — acrescentou o ministro da Defesa.

— "Mais evidente"? — indagou Golovko.

— Devo concordar com isso — interveio Narmonov. — Devo presumir agora que Fowler não está racional. Este comunicado não é de um homem com o raciocínio lúcido. Ele nos acusa, expressamente.

— Qual a natureza da explosão? — perguntou Golovko ao ministro da Defesa-

— Uma arma com essa potência é de fato grande demais para terroristas. Nossos estudos indicam que um artefato de primeira ou até segunda geração poderia ser fabricado por terroristas, mas a carga máxima seria com certeza inferior a cem... provavelmente menos de quarenta quilotons. Nossos instrumentos constatam que a explosão que ocorreu na América foi acima de cem. Isso significa uma arma de fissão de terceira geração, ou mais provavelmente um artefato de fusão de múltiplos estágios. E isso não é obra de amadores.

— Então quem poderia ter feito? — perguntou Narmonov. Golovko olhou para seu presidente.

— Não tenho a menor idéia. Descobrimos um possível projeto de bomba da RDA. Eles estavam produzindo plutônio, como todos sabem, mas temos bons motivos para acreditar que o projeto não progrediu muito. Também investigamos projetos em andamento na América do Sul. Também não chegaram a esse ponto. Israel possui essa capacidade nuclear, mas que motivo teria para fazer isso? Atacar seu próprio guardião? Se a China tivesse algo assim, seria mais provável que atacasse a nós. Possuímos a terra e os recursos de que eles precisam, e a América tem muito mais valor para eles como um parceiro comercial do que como um inimigo. Se fosse um projeto de uma nação-estado, apenas umas poucas teriam capacidade de realizá-lo, e os problemas de segurança operacional seriam praticamente insuperáveis. Se ordenasse ao KGB que fizesse isso, Andrei Il'ych, provavelmente não seríamos capazes. As características individuais necessárias para uma missão assim... e estou me referindo aos conhecimentos, inteligência e dedicação... não são qualidades que se encontram num psicótico; o assassinato nessa escala, podendo conduzir a uma crise como esta, exigiria uma personalidade doentia. O KGB não tem pessoas assim, por motivos óbvios.

— Ou seja, está me dizendo que não dispõe de informações, e que não pode encontrar nenhuma hipótese sensata para explicar os acontecimentos desta manhã?

— Exatamente, camarada presidente. Eu bem que gostaria de informar alguma coisa, mas não posso.

— Que tipo de conselho Fowler está recebendo?

— Não sei — admitiu Golovko. — Os secretários Talbot e Bunker morreram. Ambos assistiam à partida de futebol americano... o secretário de Defesa Bunker era o dono de um dos times. O diretor da CIA ainda se encontra no Japão, ou voltando de lá.

— O vice-diretor não é Ryan?

— Isso mesmo.

— Eu o conheço. Ele não é nenhum tolo.

— Não, não é, mas também está sendo afastado do cargo. Fowler não gosta dele, e soubemos que pediu a Ryan para renunciar. Portanto, não posso dizer quem assessora o presidente neste momento, à exceção de Elizabeth Elliot, a assessora de Segurança Nacional, com a qual nosso embaixador não ficou muito impressionado.

— Em suma, é bem provável que esse homem fraco e vaidoso não esteja recebendo bons conselhos de ninguém?

— Isso mesmo.

— O que explica muita coisa. — Narmonov recostou-se e fechou os olhos. — Portanto, sou o único que pode lhe dar bons conselhos, mas provavelmente ele pensa que fui eu quem destruiu sua cidade. Esplêndido.

Talvez fosse a análise mais penetrante da noite, só que estava errada.

PRESIDENTE FOWLER:

EM PRIMEIRO LUGAR, DISCUTI O ASSUNTO COM MEUS COMANDANTES MILITARES, E ELES ME GARANTIRAM QUE NENHUMA OGIVA ATÔMICA SOVIÉTICA DESAPARECEU.

SEGUNDO, JÁ NOS ENCONTRAMOS, VOCÊ E EU, E ESPERO QUE SAIBA QUE EU NUNCA DARIA UMA ORDEM TÃO CRIMINOSA COMO ESSA. TERCEIRO, TODAS AS NOSSAS ORDENS PARA AS FORÇAS MILITARES FORAM DE NATUREZA DEFENSIVA. NÃO AUTORIZEI NENHUMA AÇÃO OFENSIVA. QUARTO, TAMBÉM FIZ INDAGAÇÕES A NOSSOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES, E LAMENTO COMUNICAR QUE NÃO TEMOS A MENOR IDÉIA DE QUEM PODERIA TER COMETIDO ESSE ATO INUMANO. TRABALHAREMOS PARA DESCOBRIR ALGUMA COISA, E QUALQUER INFORMAÇÃO QUE OBTIVERMOS LHE SERÁ TRANSMITIDA DE IMEDIATO.

SENHOR PRESIDENTE, NÃO DAREI MAIS ORDENS ÀS MINHAS FORÇAS, DE QUALQUER NATUREZA, A MENOS QUE SEJAM PROVOCADAS. OS MILITARES SOVIÉTICOS ASSUMIRAM UMA POSTURA DEFENSIVA E ASSIM PERMANECERÃO.



— Oh, Deus! — bradou Elliot. — Quantas mentiras temos aqui! — Seu dedo começou a descer pela tela do computador. — Um, sabemos que eles têm ogivas desaparecidas. Isto é uma mentira. Dois, por que ressalta o fato de que foi realmente ele quem se encontrou com você em Roma? Por que se dar a esse trabalho, a menos que pense que desconfiamos que não é absolutamente Narmonov? Se fosse de fato ele, não faria isso, não precisaria, não é mesmo? Provavelmente é uma mentira. Três, sabemos que eles nos atacaram em Berlim. Isto é uma mentira. Quatro, ele fala no KGB pela primeira vez. E me pergunto o motivo. E se eles tiveram um plano de cobertura... depois de nos intimidarem... isso mesmo, depois de nos intimidarem, eles oferecem um plano de cobertura, e nós temos de aceitar. Cinco, agora ele está nos advertindo a não provocá-lo. Estão numa "postura defensiva", hem? E que postura!

Liz fez uma pausa.

— Robert, isto é pura e simplesmente uma farsa. Ele está tentando nos enganar.

— E assim que interpreto também. Alguém tem qualquer comentário a fazer?

— A declaração de não-provocação é inquietante — respondeu o comandante do SAC. O general Fremont observava seu painel de situação. Tinha agora noventa e seis bombardeiros no ar, e mais de uma centena de aviões de abastecimento. As bases de mísseis estavam preparadas. Os satélites do programa de apoio à defesa focalizavam suas câmeras telescópicas Cassegrain nas bases de mísseis soviéticas, em vez de oferecerem uma imagem ampla. — Senhor presidente, há algo que precisamos discutir neste momento.

— O que é, general?

Fremont explicou em sua voz profissional mais calma:

— Senhor, a redução das respectivas forças de mísseis estratégicos alterou os cálculos de um ataque nuclear. Antes, quando tínhamos mais de mil ICBMs, nem nós nem os soviéticos jamais esperávamos que um primeiro ataque desarmante fosse uma possibilidade estratégica genuína. Seria demais. A situação é diferente agora. Os avanços na tecnologia de mísseis, e mais a

redução no número de alvos fundamentais, agora significam que tal ataque é uma possibilidade teórica. Acrescente-se a isso o atraso soviético na desativação de seus SS-18s mais antigos no cumprimento do tratado de armas estratégicas, e temos o que pode ser uma postura estratégica da parte deles, em que tal ataque poderia ser uma opção atraente. Lembre-se de que temos reduzido nossos estoques de mísseis muito mais depressa do que eles. Sei que Narmonov lhe deu a garantia pessoal de que cumpriria todos os termos do tratado em mais quatro semanas, mas os regimentos de mísseis ainda se encontram ativos, até onde podemos saber. E se é correta essa sua informação de que Narmonov está sendo ameaçado por seus militares... nesse caso, senhor, a situação não é bastante clara?

— Deixe-a mais clara, general — pediu Fowler, em voz tão baixa que o comandante do SAC quase não ouviu.

— Senhor, o que acontece se a doutora Elliot está certa, se eles realmente esperassem que estivesse no jogo? Isto é, ao lado do secretário Bunker. Pela maneira como nosso sistema de controle e comando funciona, isso teria nos incapacitado. Não estou dizendo que eles atacariam, mas com certeza se encontrariam em condições para isso, ao mesmo tempo negando a responsabilidade pela explosão em Denver, a fim de... ora, a fim de anunciar a mudança em seu governo, de tal maneira que nos impeça, pela simples intimidação, de agir contra eles. O que já seria bastante terrível. Mas eles erraram o alvo, por assim dizer, não é? E o que pensam agora? Podem estar pensando que o senhor desconfia que são eles os culpados, e que se sente bastante furioso para retaliar, de uma maneira ou de outra. Se pensam assim, senhor, podem também pensar que sua melhor maneira de se protegerem é nos desarmarem o mais depressa possível. Senhor presidente, não estou dizendo que eles pensam assim, mas creio que é possível.

E uma noite fria se tornou ainda mais fria.

— E como podemos fazer para impedi-los de desfechar o ataque, general? — perguntou Fowler.

— Senhor, a única coisa que pode impedi-los de desfechar o ataque é a certeza de que não dará certo. Isso é ainda mais verdade

se estivermos lidando com seus militares. Eles são competentes. São inteligentes. São racionais. Pensam antes de agirem, como todos os bons soldados. Se souberem que estamos dispostos a disparar à primeira insinuação de um ataque, então esse ataque se torna inútil, em termos militares, e não será desfechado.

\* \* \*

— É um bom conselho, Robert — disse Elliot.

— O que o Norad acha? — indagou Fowler.

O presidente não refletiu que estava pedindo a um general de duas estrelas que avaliasse a opinião de um general de quatro estrelas.

— Senhor presidente, se queremos restabelecer alguma racionalidade na situação, essa parece ser a melhor maneira de se alcançar tal objetivo.

— Muito bem. O que propõe, general Fremont?

— Senhor, a esta altura, podemos aumentar a prontidão de nossas forças estratégicas para Alerta Um. A palavra de código para isso é Snapcount. A esta altura, estamos em prontidão máxima.

— Isso não seria uma provocação?

— Senhor presidente, não, não deve ser. Por dois motivos. Primeiro, já nos encontramos num alto estado de alerta, eles sabem disso, e não objetaram por qualquer meio, embora estejam obviamente preocupados. É o único sinal de racionalidade que constatamos até agora. Segundo, eles não saberão até lhes informarmos que aumentamos o alerta. E não precisamos lhes dizer, até que eles cometam uma nova provocação.

Fowler tomou um gole de mais uma xícara de café. Teria de ir em breve ao banheiro, ele compreendeu.

— General, vamos aguardar um pouco. Deixe-me pensar por alguns minutos.

— Certo, senhor.

A voz de Fremont não revelava qualquer desapontamento, mas a mil e quinhentos quilômetros de Camp David, o comandante do SAC virou-se para fitar seu oficial de operações.

— O que é? — perguntou Parsons.

Não havia mais nada que ele pudesse fazer no momento. Depois de dar seu telefonema urgente, e tendo concluído que os outros membros do Nest poderiam cuidar do trabalho de laboratório, ele decidira ajudar os médicos. Trouxera instrumentos para avaliar a exposição à radiação nos bombeiros e no punhado de sobreviventes, algo em que os médicos comuns não tinham muita experiência. A situação não era das mais animadoras. Das sete pessoas que haviam sobrevivido à explosão no estádio, cinco já apresentavam sinais de doença aguda da radiação. Parsons calculou o nível de exposição nelas entre quatrocentos e mais de mil Rems. Seiscentos era a exposição normalmente compatível com a sobrevivência, embora já houvesse sobreviventes de uma exposição superior, em decorrência de um tratamento drástico. Se é que se podia chamar de "sobrevivência" alguém viver por mais um ou dois anos com três ou quatro variedades de câncer aflorando em seu corpo. O último, felizmente, era o que parecia ter menos exposição. Ainda estava frio, embora tivesse as mãos e o rosto bastante queimados, mas não vomitara até agora. Também se encontrava completamente surdo.

Era um jovem, Parsons constatou. As roupas no saco ao lado de sua cama incluíam um revólver e um emblema... um guarda. Também segurava alguma coisa na mão. Ao levantar os olhos, o rapaz deparou com o agente do FBI je pé ao lado do chefe do Nest.

O guarda Pete Dawkins se encontrava num estado de choque profundo, quase insensato. Sua tremedeira era consequência do frio e umidade, o resultado de mais terror do que qualquer homem jamais enfrentara e sobrevivera. Sua mente se dividira em três ou quatro áreas separadas, todas operando por caminhos diferentes, em velocidades diferentes, e nenhuma particularmente sã ou coerente. O que sustentava parte de uma dessas áreas era o condicionamento. Enquanto Parsons passava algum instrumento pelas roupas que ele usara até pouco tempo antes, os olhos lesionados de Dawkins avistaram outro homem a seu lado, num blusão azul de plástico. Nas mangas e sobre o peito estavam impressas as letras "FBI". O jovem guarda ergueu-se abruptamente,

desligando-se do tubo de soro. Isso fez com que um médico e uma enfermeira o empurrassem para baixo, mas Dawkins resistiu com a força da loucura, estendendo a mão para o agente.

O agente especial Bill Clinton também se achava bastante abalado. Só a programação do plantão salvara sua vida. Também tinha um ingresso para o jogo, mas fora escalado para o plantão e o dera a um colega. Por causa desse infortúnio, que deixara o jovem agente consternado apenas quatro dias antes, sua vida fora poupada. Sentia-se atordoado com o que vira no estádio. Sua exposição à radiação — apenas quarenta Rems, segundo Parsons — o apavorava, mas Clinton também era um policial, e pegou o papel estendido por Dawkins.

— O que isto significa? — indagou Clinton, inclinando-se além de uma enfermeira, que tentava religar o tubo de soro em Dawkins.

— Furgão — balbuciou o homem, sem ter ouvido, mas sabendo qual era a pergunta. — Entrou... pedi ao sargento para verificar, mas... lado sul, junto dos caminhões da tevê. Furgão da ABC, pequeno, dois homens, deixei entrar. Não estavam na minha lista.

— Lado sul... isso significa alguma coisa? — perguntou Clinton a Parsons.

— Foi lá que ocorreu a explosão. — Parsons inclinou-se. — Como pareciam os dois homens?

Ele gesticulou para o papel, depois apontou para si mesmo e para Clinton.

— Brancos, na casa dos trinta anos, comuns... disseram que vinham de Omaha... com um aparelho de videoteipe. Achei estranho que viessem de Omaha... falei com o Sargento Yankevich... ele foi verificar, pouco antes.

— Este homem se encontra em péssimas condições — protestou um médico —, e tenho de...

— Não se meta! — ordenou Clinton. — Deu uma olhada no furgão? Dawkins apenas continuou a fitá-lo fixamente. Parsons pegou um pedaço

de papel e desenhou um furgão, para o qual apontou com o lápis. Dawkins acenou com a cabeça, à beira da inconsciência.

— Caixa grande, um metro, "Sony" inscrito... disseram que era um aparelho de videoteipe. Vinham de Omaha... mas...

Ele apontou para a lista. Clinton olhou.

— Placas do Colorado!

— Deixei entrar — balbuciou Dawkins, um instante antes de desmaiar.

— Caixa de um metro... — murmurou Parsons.

— Vamos embora.

Clinton saiu correndo do pronto-socorro. O telefone mais próximo era na recepção. Todos os quatro aparelhos ali estavam sendo usados. Clinton arrancou o fone da mão de um funcionário, desligou, esperou a linha.

— Mas que história é essa?

— Cale-se! — berrou o agente. — Preciso falar com Hoskins... Walt, aqui é Clinton, no hospital. Preciso que você verifique uma placa. Colorado E-R-P-cinco-dois-zero. Furgão suspeito no estádio. Dois homens chegaram nele, brancos, na casa dos trinta anos, de aparência comum. A testemunha é um guarda, mas agora ele desmaiou.

— Certo. Quem está com você?

— Parsons, o cara do Nest.

— Venha para cá... não, continue onde está, mas mantenha a linha aberta. — Hoskins deixou a linha aberta, e discou por outro ramal, de memória, para o departamento de trânsito do Colorado. — Aqui é do FBI. Preciso que verifique imediatamente uma placa. Seu computador funciona?

— Funciona, sim, senhor — respondeu uma mulher

— Edward Robert Paul Cinco Dois Zero.

Hoskins baixou os olhos para sua mesa. Por que aquela placa lhe parecia familiar?

— Certo. — Hoskins ouviu a mulher bater no teclado, e ela deu a informação um instante depois: — Aqui está. E um furgão novo, registrado no nome do senhor Robert Friend, de Roggen. Precisa do número da carta de habilitação do senhor Friend?

— Oh, Deus! — exclamou Hoskins.

— Como, senhor?

Ele leu o número do documento em sua mesa, e a mulher confirmou:

— Isso mesmo.

— Pode verificar os números de duas outras habilitações?

— Claro. — Hoskins disse os números, e a mulher logo informou : — O primeiro é um número incorreto... e o mesmo acontece com o segundo... espere um instante, esses números são...

— Já sei. Obrigado. — Hoskins desligou. — Muito bem, Walt, pense depressa...

Primeiro, ele precisava de mais informações de Clinton.

— Murray.

— Dan, aqui é Walt Hoskins. Acabamos de descobrir uma coisa que você precisa saber.

— Pode falar.

— Nosso amigo Marvin Russell estacionou um furgão no estádio. O cara do Nest diz que o lugar em que ele estacionou foi a área em que a bomba explodiu. Havia pelo menos um... não, espere um pouco... certo. Havia pelo menos um outro homem com Russell, e o terceiro devia estar guiando o carro alugado. Certo. Dentro do furgão, havia uma caixa grande. O furgão estava pintado como se fosse um veículo da ABC, mas Russell foi encontrado morto a três quilômetros do local. Portanto, ele deve ter abandonado o furgão e fugido. Dan, está parecendo que foi assim que a bomba chegou ao estádio.

— O que mais você tem, Walt?

— Tenho fotos de passaporte e outros documentos de identidade dos dois outros homens.

— Mande por fax.

— A caminho.

Hoskins seguiu para a sala de comunicações. No caminho, chamou outro agente e ordenou:

— Descubra os caras de homicídios de Denver que trabalham no caso Russell... e onde quer que estejam, ponha-os no telefone o mais depressa possível.

— Pensando em terrorismo outra vez? — indagou Pat O'Day. — Pensei que a bomba fosse grande demais para isso.

— Russell era suspeito de ser terrorista, e achamos que poderia... oh, merda! — exclamou Murray, abruptamente.

— O que foi, Dan?

— Diga ao arquivo que quero as fotos de Atenas que estão na ficha de Russell. — O vice-diretor assistente do FBI esperou que a ligação fosse feita. — Recebemos um pedido de informações dos gregos, um dos seus agentes foi assassinado, e nos mandaram algumas fotos. Pensei na ocasião que podia ser Marvin, mas... havia outro homem com ele no carro, se não me engano. Ele aparecia de perfil, eu acho...

— Fax chegando de Denver — anunciou uma mulher.

— Traga para cá — ordenou Murray.

— Aqui está a primeira página. O resto chegou num instante.

— Passagem de avião... bilhete de conexão. Pat... O'Day recebeu os faxes.

— Vou verificar agora mesmo.

— Ei, olhe só para isso!

— Rosto familiar?

— Parece... não é Ismael Qati? Não conheço o outro.

— O bigode e o cabelo estão errados, Dan. Um pouco magro demais. E melhor verificar se o arquivo tem alguma foto mais recente. Não vamos querer tirar conclusões precipitadas.

— Certo — disse Murray, já fazendo outra ligação.

— Boa notícia, senhor presidente — disse Borstein, do interior da montanha Cheyenne. — Temos um KH-11 passando pela região central da União Soviética. Está quase amanhecendo ali neste momento, com o tempo claro, para variar, e daremos uma boa olhada em suas bases de mísseis. O pássaro já foi programado. As imagens serão transmitidas imediatamente para cá e para Offutt.

— Mas não para cá — resmungou Fowler. Camp David nunca fora preparado para isso, um esquecimento lamentável, pensou Fowler. As imagens iam para o PCAEN, que era o lugar para onde ele



deveria ter ido, quando tivera essa oportunidade. — Relate-me tudo o que avistar.

— Claro, senhor — prometeu Borstein. — Deve ser muito útil para nós.

— Chegando agora, senhor — anunciou uma nova voz. — Aqui é o major Costello, do serviço de informações do Norad. Não poderíamos ter escolhido uma ocasião melhor. O pássaro vai passar bem perto de quatro regimentos, de sul para o norte, em Zhangiz Tobe, Alyesk, Uzhur e Gladkaya, todos bases de SS-18s, à exceção do último. Gladkaya tem SS-11s, mísseis antigos. Senhor, Alyesk é um dos lugares que eles deveriam estar desativando, mas ainda não o fizeram...

O céu da manhã era claro em Alyesk. A primeira luz começava a clarear o horizonte a nordeste, mas nenhum dos soldados das forças de foguetes estratégicos se deu ao trabalho de olhar. Estavam com semanas de atraso, e suas ordens atuais eram para corrigir essa deficiência. Era irrelevante que fosse quase impossível o cumprimento de tais ordens. Em cada um dos quarenta silos de lançamento havia um enorme caminhão com reboque. Os SS-18s — os russos chamavam-nos de FE-20s, para Foguete Estratégico, Número 20 — eram antigos, com mais de onze anos, sendo esse, na verdade, o motivo pelo qual os soviéticos concordaram em eliminá-los. Impulsionados por motores de combustível líquido, que eram, assim como os oxidantes, perigosos e corrosivos — dimetil hidrazine assimétrico e tetróxido de nitrogênio —, o fato de serem considerados "armazenáveis" era uma declaração relativa. Eram mais estáveis do que os combustíveis criogênicos, na medida em que não exigiam refrigeração, mas eram tóxicos ao ponto de se tornarem letais de uma forma quase instantânea ao contato humano, e eram necessariamente muito reativos. Uma salvaguarda era o isolamento dos mísseis em cápsulas de aço, ajustadas nos silos como imensos cartuchos, uma inovação soviética que protegia a delicada instrumentação no silo das substâncias químicas. O fato de os soviéticos se preocuparem com tais sistemas não era absolutamente — como os oficiais de informações americanos ressaltavam — uma

tentativa de tirar proveito de uma energia de impulsão superior, mas sim uma decorrência de não terem ainda desenvolvido um combustível sólido confiável e potente para seus mísseis, uma situação que só fora remediada pouco antes, com o novo SS-25. Embora inegavelmente grande e potente, o SS-18 — que para a Otan tinha o sinistro codinome de "Satã" — era irregular e de difícil manutenção, e as guarnições sentiam-se satisfeitas por se livrarem deles. Mais de um soldado das forças de foguetes estratégicos já morrera em acidentes de manutenção e treinamento, assim como os americanos também haviam perdido homens em seu míssil equivalente, o Titan-II. Todos os mísseis de Alyesk estavam marcados para destruição, e esse era o motivo para a presença dos homens e caminhões. Primeiro, porém, era preciso remover as ogivas. Os americanos podiam observar os mísseis no processo de destruição, mas as ogivas ainda eram as partes mais secretas dos artefatos. Sob os olhos vigilantes de um coronel, a tampa do nariz do foguete número 31 foi removida por um pequeno guincho, expondo os MIRVs. Cada um dos veículos de forma cônica, independente, tinha cerca de quarenta centímetros de extensão, com um comprimento de cento e cinquenta centímetros, afilando até uma ponta em agulha. Cada um representava também cerca de meio megaton de um artefato termonuclear de três estágios. Os soldados tratavam os MIRVs com todo o respeito que mereciam.

— Muito bem, estamos recebendo algumas imagens agora — Fowler ouviu o major Costello dizer. — Não há muita atividade... senhor, estamos focalizando apenas alguns silos, os que podem ser vistos melhor... há bosques por lá, senhor presidente, mas por causa do ângulo do satélite sabemos quais podem ser vistos claramente... muito bem, aqui está um, silo zero-cinco de Tobe... nada de anormal... o centro de comando fica perto... posso ver guardas patrulhando... mais do que o normal... vejo cinco... sete pessoas, podemos ver muito bem no infravermelho, senhor, faz bastante frio por lá. Nada mais. Nada mais de anormal, senhor... ótimo. Estamos agora chegando a Alyesk... ei!

— O que foi?

— Senhor, estamos olhando para quatro silos, por quatro câmeras diferentes...

— Aqueles são caminhões de serviço — disse o general Fremont, do centro de comando do SAC. — Caminhões de serviço em todos os quatro. As portas dos silos estão abertas, senhor presidente.

— O que isso significa?

Foi Costello quem respondeu:

— Senhor presidente, todos os mísseis são SS-18s, modelo dois, muito antigos. Já deveriam estar desativados a esta altura, mas isso não aconteceu. Temos agora cinco silos à vista, senhor, e todos os cinco estão com caminhões de serviço. Posso ver dois com pessoas ao redor, fazendo alguma coisa nos mísseis.

— O que é um caminhão de serviço? — perguntou Liz Elliot.

— São os caminhões usados para transportar os mísseis. Também levam as ferramentas usadas para trabalhar neles. E um caminhão por míssil... na verdade, mais de um. Tem guincho e escada, compartimentos para guardar as ferramentas e outras coisas... Jim, parece que eles tiraram a tampa do nariz... é isso mesmo! Lá estão as ogivas, iluminadas, e eles estão fazendo alguma coisa... eu gostaria de saber o quê!

Fowler quase explodiu. Era como escutar uma partida de futebol americano pelo rádio, e...

— O que tudo isso significa?

— Senhor, não podemos determinar... chegando a Uzhur agora. Não há muita atividade, Uzhur tem o novo modelo do SS-18, o cinco... sem caminhões posso ver outra vez as sentinelas. senhor presidente, eu diria que há mais do que a quantidade habitual de sentinelas. Gladkaya em seguida... mais uns dois minutos...

— Por que os caminhões estão lá? — indagou Fowler.

— Senhor, tudo o que posso dizer é que parece que estão trabalhando nos mísseis.

— Mas que droga! Fazendo o quê? — berrou Fowler.

A resposta foi muito diferente da voz calma que soara poucos minutos antes:

— Senhor, não há como saber isso.

— Pois então me diga o que sabe!

— Senhor presidente, como eu já disse, aqueles mísseis são antigos, precisam de uma manutenção intensiva, e estão programados para a destruição, mas há um atraso no processo. Observamos um aumento da segurança em todos os três regimentos de SS-18, mas em Alyesk cada míssil que avistamos tinha um caminhão de serviço e uma equipe de manutenção junto, e os silos se achavam abertos. Isso é tudo o que podemos dizer pelas imagens, senhor.

O general Borstein interveio:

— Senhor presidente, o major Costello já lhe disse tudo o que pode.

— General, garantiu-me que poderíamos obter alguma informação útil por essas imagens. O que temos?

— Senhor, pode ser significativo que haja tanta atividade em Alyesk.

— Mas não sabe que trabalho eles estão fazendo!

— Não, senhor, não sabemos — admitiu Borstein, contrafeito.

— Poderiam estar aprontando os mísseis para lançamento?

— É uma possibilidade, senhor.

— Santo Deus!

— Robert — murmurou a assessora de segurança nacional —, estou ficando muito assustada.

— Não temos tempo para isso, Elizabeth — disse Fowler, controlando-se. — Devemos manter o controle de nós mesmos e da situação. E devemos convencer Narmonov...

— Será que não entende, Robert? *Não é ele!* Isso é a única coisa que faz sentido! Não sabemos com quem estamos lidando!

— E o que podemos fazer?

— Não sei!

— Quem quer que seja, eles não querem uma guerra nuclear. Ninguém quer. Seria loucura demais.

O presidente falou em tom tranqüilizador, quase como um pai.

— Tem certeza disso, Robert? Tem certeza absoluta? Eles tentaram nos matar!

— Mesmo que seja verdade, devemos pôr isso de lado.

— Mas não podemos! Se eles se mostraram dispostos uma vez, poderão tentar de novo! Será que não entende?

Apenas uns poucos passos atrás, Helen d'Agustino compreendeu que interpretara Liz Elliot corretamente no verão passado. Era uma covarde tanto quanto era arrogante. E agora, com quem o presidente contava para aconselhá-lo?

Fowler levantou-se e foi para o banheiro. Pete Connor seguiu-o até a porta, porque os presidentes não podem fazer sequer essa viagem sozinhos. "Daga" olhou para a dra. Elliot. O rosto dela estava... o quê?, especulou a agente do Serviço Secreto. Além do medo. A agente D'Agustino também se sentia apavorada, mas não estava... não, isso era injusto. Ninguém pedia o seu conselho, ninguém queria que ela encontrasse algum sentido naquela confusão. Era evidente que nada fazia o menor sentido. Absolutamente nenhum. Pelo menos ninguém pedia sua opinião, mas também não era esse o seu trabalho. Essa função era de Liz Elliot.

— Tenho um contato aqui — anunciou um dos operadores de radar a bordo do Demônio do Mar Um-Três. — Bóia três, direção dois-um-cinco... contagem de pás agora... hélice única... contato de submarino nuclear! Não é americano, hélice não é americana!

— Peguei na quatro — avisou outro operador de sonar. — Avança com tudo, contagem de pás indica mais de vinte, talvez vinte e cinco nós, direção da minha bóia é três-zero-zero.

— Certo — disse o Tacco. — Tenho uma posição. Podem me dar o rumo?

— Direção agora é dois-um-zero! — respondeu o primeiro operador de sonar. — Ele está se deslocando!

Dois minutos depois, não restava mais qualquer dúvida de que o contato seguia na direção do *Maine*.

— Mas isso é possível? — indagou Rosselli.

A mensagem de rádio fora transmitida direto de Kodiak para o CNCM. O comandante da flotilha de patrulha não sabia o que fazer, e clamava por instruções.

— Como assim? — perguntou Barnes.

— Ele segue direto para o lugar em que se encontra o *Maine*. Como poderia saber sua posição?

— Como nós descobrimos?

— Bóia Slot, rádio... oh, não, será que o idiota manobrou no claro?

— Devemos comunicar ao presidente? — perguntou o coronel Barnes.

— Acho que sim. Rosselli pegou o telefone.

— Aqui é o presidente.

— Senhor, aqui é o comandante Jim Rosselli, no Centro Nacional de Comando Militar. Temos um submarino avariado no golfo do Alasca, o *Maine*, um barco de mísseis da classe Ohio. Senhor, ele está com a haste da hélice danificada e não pode manobrar. Há um submarino de ataque soviético seguindo em sua direção, a cerca de vinte quilômetros de distância. Temos um avião P-3C Orion rastreando o russo neste momento. Ele solicita instruções, senhor.

— Pensei que eles não podiam rastrear nossos submarinos de mísseis.

— Senhor, ninguém pode, mas neste caso devem ter usado sensores de direção para localizar o submarino, no momento em que transmitiu pelo rádio o pedido de ajuda. O *Maine* é um submarino de mísseis, parte do PUOI, e se encontra sob as normas de contato do Alerta Dois. O mesmo acontece com o Orion que lhe dá proteção. Eles querem saber o que fazer, senhor.

— Até que ponto o *Maine* é importante? — perguntou Fowler. Foi o general Fremont quem respondeu:

— Senhor, esse submarino é parte do PUOI, uma parte destacada, com mais de duzentas ogivas, bastante precisas. Se os russos conseguirem tirá-lo de combate, sofreremos um grande desfalque.

— Até que ponto?

— Senhor, deixará um furo enorme em nosso plano de guerra. O *Maine* leva o míssil D-5, incluído nas operações de contraforça. Seus alvos são bases de mísseis e centros de comando e controle.

Se algo lhe acontecer, levaremos horas para cobrir o buraco no plano.

— Comandante Rosselli, você é da marinha, certo?

— Sou, sim, senhor presidente... e devo acrescentar que era o comandante da tripulação Ouro do *Maine* até poucos meses atrás.

— De quanto tempo dispomos antes de tomar uma decisão?

— Senhor, o *Akula* se aproxima a vinte e cinco nós, no momento se encontra a cerca de vinte mil metros de nosso barco. Em termos técnicos, já está no alcance de torpedo.

— Quais são minhas opções?

— Pode ordenar um ataque ou não ordenar um ataque — respondeu Rosselli.

— General Fremont?

— Senhor presidente... não, comandante Rosselli?

— Pois não, general?

— Qual a certeza de que os russos estão seguindo direto para o nosso barco?

— O sinal é bastante positivo, senhor.

— Senhor presidente, acho que temos de proteger nossos equipamentos. Os russos ficarão contrariados com o ataque a um de seus barcos, mas é um submarino de ataque, não um estratégico. Se nos contestarem neste caso, teremos como explicar. Mas eu gostaria de saber por que deram uma ordem dessas a seu barco. Deviam saber que isso nos deixaria alarmados.

— Comandante Rosselli, tem minha autorização para o avião atacar e destruir o submarino.

— Certo, senhor. — Rosselli pegou o outro telefone. — Urso Pardo, aqui é Cabeça de Mármore. — Era o codinome atual do CNCM. — O supremo comandante aprova, repito *aprova* seu pedido. Responda.

— Cabeça de Mármore, aqui é Urso Pardo, recebemos o aviso de que a solicitação para combate foi aprovada.

— Afirmativo.

— Entendido. Desligo.

O Orion fez a volta. Até os pilotos sentiam agora os efeitos do tempo. Em termos técnicos, ainda eram pequenos, mas o teto baixo e o mar agitado faziam com que voassem por um corredor imenso e turbulento. O que era a má notícia. A boa notícia era o fato de o contato estar se comportando com a maior estupidez, correndo muito depressa, abaixo da camada, tornando um alvo quase impossível de errar. O Tacco na popa informava durante todo o tempo o curso do Akula.

Projetando-se da cauda do Lockheed Electra adaptado havia um artefato muito sensível, o detector de anomalias magnéticas. Informava as variações no campo magnético da Terra, como as causadas pela massa metálica de um submarino.

— Lançando fumaça! — gritou o operador de sistemas. Ele apertou um botão para lançar uma bóia de fumaça, ao mesmo tempo em que o piloto virava à esquerda, para dar outra volta, e soltar uma segunda bóia. Completou-a e tornou a virar à esquerda, para mais uma volta, e outra bóia.

— Como está a situação aí atrás? — indagou o piloto.

— Contato sólido, submarino nuclear, positivo russo. Acho que devemos atacar agora.

— Concordo — disse o piloto.

— Que Deus nos ajude! — murmurou o co-piloto.

— Abrir as portas.

— Portas abertas. Travas de segurança soltas, a arma em posição de disparo.

— Tudo pronto — anunciou o Tacco. — Preparar para o lançamento. Foi muito fácil. O piloto alinhou pelas bóias de fumaça, que formavam

uma fileira quase em linha reta. Passou pela primeira, depois a segunda, a terceira...

— Lançando agora! Torpedo lançado!

O piloto aumentou a potência, e subiu por algumas dezenas de metros. O torpedo Mark 50 teve a descida retardada por um pequeno pára-quedas, que se soltava automaticamente, quando o peixe batia na água. A nova arma, muito sofisticada, era impulsionada por um sistema quase silencioso, em vez de hélice, e



fora programada para permanecer oculta até alcançar a profundidade do alvo de cento e cinquenta metros.

Já era tempo de reduzir a velocidade, pensou Dubinin, só mais uns poucos milhares de metros. Sua manobra, ele sentia, fora ótima. Parecia uma suposição razoável que o submarino de mísseis americano permaneceria próximo da superfície. Se ele calculara direito, ao avançar por baixo da camada — mantinha uma profundidade de cento e dez metros —, o ruído da superfície impediria que os americanos o ouvissem, e poderia conduzir o resto da busca com mais cautela. Já estava prestes a se dar os parabéns por uma boa decisão tática.

— Sonar de torpedo na proa a boreste! — gritou o tenente Rykov, do sonar.

— Leme à esquerda! Flanco à frente! Onde está o torpedo?

— Angulo de depressão quinze! Abaixo de nós!

— Subida de emergência! Elevação total nos planos! Novo curso três-zero-zero! Dubinin correu para a sala do sonar.

— O que está acontecendo? Rykov estava muito pálido.

— Não consigo ouvir a hélice... apenas o sonar... se afastando... não, é uma aquisição agora!

— Contramedidas... três... agora! — ordenou Dubinin.

— Latas lançadas!

Os operadores de contramedidas do *Almirante Lunin* lançaram rapidamente três latas de quinze centímetros de material que gerava gás. Serviam para encher a água com bolhas, constituindo um alvo para o torpedo, só que parado. O Mark 50 já registrara a presença do submarino, e focalizava o alvo.

— Passando por cem metros! — gritou o *Starpom*. — Velocidade vinte e oito nós!

— Nivele em quinze, e não tenha medo de virar o costado para as ondas e aflorar!

— Entendido! Vinte e nove nós!

— Perdi o contato — anunciou Rykov, levantando os braços em frustração. — A curva no cabo de reboque prejudicou a recepção.

— Então devemos ser pacientes — disse Dubinin.

Não era muito animador, mas a equipe do sonar adorou-o por isso.

— O Orion acaba de atacar o barco se aproximando, senhor, captei um sonar ultra-sônico, muito fraco, na direção dois-quadro-zero. É um dos nossos, senhor, um Mark 50.

— Isso deve cuidar dele — murmurou Ricks. — Graças a Deus.

— Passando por cinquenta metros, começando a nivelar, dez graus nos planos. Velocidade trinta e um.

— Contramedidas não funcionaram... — disse Rykov.

O cabo do sonar rebocado esticava-se agora, e o torpedo continuava na esteira.

— Não há ruídos de hélice?

— Nenhum... Eu deveria ouvir alguma coisa a esta velocidade.

— Deve ser um dos novos...

— O Mark 50? Dizem que é um peixe muito esperto.

— E o que veremos. Yevgeni, lembra da ação de superfície? — indagou Dubinin, sorrindo.

O *starpom* fez um trabalho magnífico para manter o controle, mas o mar

com ondas de dez metros garantia que o submarino afloraria a superfície, assim que fosse envolvido pela força das ondas e correntezas. O torpedo se encontrava a apenas trezentos metros atrás quando o Akula nivelou. O torpedo anti-submarino americano Mark 50 não era apenas uma arma esperta, mas "brilhante". Identificara e ignorara as contramedidas ordenadas por Dubinin poucos minutos antes, e agora, usando um potente sonar ultra-sônico, procurava pelo submarino, a fim de concluir sua missão. Mas neste ponto as leis da física interferiram em favor dos russos. De um modo geral, acredita-se que o sonar se reflete no casco de metal de um barco, mas isso não é verdade. Em vez disso, o sonar é refletido pelo ar dentro de um submarino, ou mais exatamente no limite entre a água e o ar, através do qual a energia do som não pode passar. O Mark 50 estava programado para identificar esses limites ar-água como embarcações. Ao se projetar no encalço de sua presa, o torpedo começou a divisar imensas formas de embarcações,

estendendo-se até onde seu sonar podia alcançar. Eram as ondas. Embora a arma fosse programada para ignorar uma superfície plana, e assim evitar um problema chamado "captura de superfície", seus projetistas não haviam considerado o aspecto de um mar agitado. O Mark 50, a mais próxima dessas formas, disparou em sua direção... e saltou pelo ar, como um salmão aflorando acima da superfície. Foi se chocar contra a parte posterior da onda seguinte, recuperou a mesma forma de alvo... e tornou a saltar. Desta vez o foguete caiu num ângulo menor. As forças dinâmicas fizeram com que se virasse e seguisse para o norte, contra o corpo de uma onda, sentindo enormes embarcações à esquerda e direita. Virou para a esquerda, saltou pelo ar mais uma vez, só que agora atingiu a onda seguinte com impacto suficiente para acionar seu detonador de contato.

— Foi por pouco! — exclamou Rykov.

— Não foi tão perto assim, talvez mil metros, provavelmente mais. — O comandante inclinou-se para a sala de controle. — Reduzir para cinco nós, baixar para trinta metros.

— Nós o acertamos?

— Não sei, senhor — respondeu o operador. — Ele subiu às pressas, o peixe seguiu em seu encalço, circulou-o... — O homem do sonar indicava os movimentos com o dedo na tela. — Explodiu aqui, próximo do lugar em que o Akula desapareceu entre o ruído da superfície. Não dá para ter certeza... não houve ruídos de desintegração, senhor. Tenho de dizer que erramos o alvo.

— Direção e distância para o alvo? — indagou Dubinin.

— Mais ou menos nove mil metros, direção zero-cinco-zero — respondeu o *starpom*. — Qual é o plano agora, comandante?

— Vamos localizar e destruir o alvo — anunciou o comandante Valentin Borissovich Dubinin.

— Mas...

— Fomos atacados. Aqueles desgraçados tentaram nos matar!

— Foi uma arma aérea — ressaltou o imediato.

— Não ouvi nenhum avião. Fomos atacados. E vamos nos defender.

— E então?

O inspetor Pat O'Day anotava tudo rapidamente. A American Airlines, como todas as grandes empresas aéreas, tinha as informações sobre passagens no computador. Com o número da passagem e os números dos vôos, podia-se rastrear qualquer um.

— Certo — disse ele à mulher no outro lado da linha. — Espere um instante.

O'Day virou-se para Murray.

— Dan, havia apenas seis passageiros de primeira classe naquele vôo de Denver para Dallas—Fort Worth. O vôo estava quase vazio... mas foi cancelado por causa da neve e gelo em Dallas. Temos os nomes de dois passageiros de primeira classe que trocaram para um vôo até Miami. A conexão em Dallas era para a Cidade do México. Os dois que mudaram para Miami também fizeram reservas num DC-10 que seguiria de lá para a Cidade do México. Esse avião já decolou, está a uma hora do México.

— Podem fazê-lo voltar?

— Eles dizem que é impossível, por causa do combustível.

— Uma hora... merda!

O'Day passou a mão enorme pelo rosto. Tão apavorado quanto todas as outras pessoas nos Estados Unidos — mais ainda, já que todos no centro de comando tinham um motivo conhecido para o medo —, o inspetor Patrick Sean O'Day tentava com todo o empenho esquecer o resto, e concentrar-se em seu trabalho. As evidências ainda eram muito escassas e circunstanciais para serem consideradas como uma prova concreta. Ele já testemunhara coincidências demais em seus vinte anos no FBI. E também testemunhara muitos casos importantes serem esclarecidos por indícios ainda menores. Era preciso aproveitar o que se tinha, e aquilo era a única coisa de que dispunham.

— Dan, eu...

Uma mensageira chegou do arquivo. Entregou duas pastas a Murray. O vice-diretor assistente abriu primeiro a pasta de Russell,

procurando a fotografia de Atenas. Em seguida, pegou a foto mais recente de Ismael Qati. Pôs as duas ao lado das fotos dos passaportes, que haviam acabado de ser enviadas de Denver por fax.

— O que acha, Pat?

— O passaporte deste aqui não parece muito com o senhor Qati... os malares e olhos combinam, o bigode não. E está perdendo os cabelos, se é mesmo ele...

— O que me diz dos olhos?

— Os olhos combinam, Dan, o nariz... ora, é mesmo ele. Quem é esse outro homem?

— Não temos o nome, apenas as fotos de Atenas. Pele clara, cabelos escuros, bem-cuidado. O corte do cabelo combina. — Murray verificou os dados descritivos na habilitação e passaporte. — Altura, um cara pequeno, compleição... tudo se ajusta, Pat.

— Concordo, acho que a semelhança é de oitenta por cento. Quem é o nosso adido legal no México?

— Bernie Montgomery... oh, não! Ele veio a Washington para conversar com Bill.

— Não podemos tentar por Langley?

— Boa idéia. — Murray levantou o telefone para a CIA. — Onde está Ryan?

— Aqui estou, Dan. Qual é o problema?

— Temos alguma coisa. Primeiro, um sujeito chamado Marvin Russell, um índio sioux, membro da Sociedade dos Guerreiros, desapareceu no ano passado, em algum lugar da Europa, pelo que calculamos. Apareceu com a garganta cortada em Denver hoje. Havia duas pessoas com ele, que deixaram a cidade de avião. Temos a fotografia de um, mas sem nome. O outro pode ser Ismael Qati.

*Aquele filho da puta!*

— Onde eles estão?

— Achamos que a bordo de um vôo da American Airlines de Miami para a Cidade do México, passagens de primeira classe, a cerca de uma hora do terminal.

— E você acha que existe uma ligação?

— Um veículo registrado em nome de Robert Friend, de Roggen, Colorado, uma identidade falsa de Marvin Russell, estava no estacionamento do estádio. Temos as identidades falsificadas dos outros dois, provavelmente Qati e o desconhecido, encontradas no local do crime. Temos o suficiente para efetuar uma prisão por suspeita de homicídio.

Essa é ótima, pensou Ryan. Se a situação não fosse tão dramática, ele poderia até rir.

— Homicídio, hem? Vai tentar efetuar a prisão?

— A menos que você tenha uma idéia melhor. Ryan ficou calado por um momento.

— Talvez eu tenha. Espere um momento. — Ele pegou outro telefone e discou para a embaixada dos Estados Unidos na Cidade do México. — Aqui é Ryan. Quero falar com o chefe da estação. Tony? Jack Ryan falando. Clark ainda está aí? Ótimo. Ponha-o na linha.

— Por Deus, Jack, o que... Ryan não o deixou continuar:

— Cale a boca e escute, John. Tenho uma coisa para você fazer. Duas pessoas vão desembarcar no aeroporto daí, num vôo da American, procedente de Miami, mais ou menos dentro de uma hora. Mandaremos as fotos por fax em poucos minutos. Achamos que eles podem estar envolvidos no que aconteceu.

— Quer dizer que foi uma operação terrorista?

— É o nosso melhor palpite, John. Queremos esses dois, e queremos depressa.

— Pode haver algum problema com a polícia local, Jack — advertiu Clark. — Não posso mandar e desmandar por aqui.

— O embaixador está aí?

— Acho que sim.

— Transfira a ligação para ele e espere.

— Certo.

— Gabinete do embaixador — disse uma voz de mulher.

— Aqui é da CIA. Preciso falar com o embaixador imediatamente.

— Pois não.

A secretária tinha uma voz fria, pensou Jack.

- O que deseja?
- Senhor embaixador, aqui é Jack Ryan, vice-diretor da CIA...
- Esta é uma linha telefônica aberta.
- Sei disso! Cale-se e escute. Duas pessoas vão chegar ao aeroporto da Cidade do México, num vôo da American Airlines, procedente de Miami. Precisamos detê-las e trazer de volta para cá o mais depressa possível.
- Gente nossa?
- Não. Achamos que são terroristas.
- Isso significa prendê-los, recorrer ao sistema judiciário legal, e...
- *Não temos tempo para isso!*
- Não podemos impor nada aqui, Ryan. Eles não admitiriam.
- Senhor embaixador, quero que ligue agora para o presidente do México, e quero que lhe diga que precisamos de sua cooperação... é uma questão de vida ou morte, entende? Se ele não concordar imediatamente, quero que lhe diga o seguinte... acho melhor anotar. Diga a ele que sabemos de tudo sobre o seu plano de aposentadoria. Entendido? *Sabemos de tudo sobre o seu plano de aposentadoria.*
- O que isso significa?
- Significa que deve dizer exatamente isso, está bem?
- Escute, não gosto de me envolver em manobras escusas, e...
- Senhor embaixador, se não fizer exatamente o que estou lhe dizendo, mandarei um dos meus homens deixá-lo inconsciente, e depois dar o telefonema.
- Não pode me ameaçar desse jeito!
- Pois acabei de fazê-lo, companheiro, e se acha que estou brincando, então tente me desafiar!
- Calma, Jack — advertiu Ben Goodley. Ryan desviou os olhos do telefone.
- Senhor, peço desculpas. A situação é muito tensa aqui, um artefato nuclear explodiu em Denver, e essa pode ser a nossa melhor pista. Não há tempo para delicadezas. Por favor, coopere comigo. *Por favor.*
- Está certo.

Ryan deixou escapar um suspiro de alívio.

— Ótimo. Diga a ele que um dos nossos homens, o senhor Clark, estará no escritório de segurança do aeroporto dentro de poucos minutos. Senhor embaixador, não tenho palavras para enfatizar como isso é importante. Por favor, cuide disso agora.

— Combinado — respondeu o diplomata de carreira. — Mas é melhor você acalmar as coisas por aí.

— É o que estamos tentando, senhor. Com todo o afinco. Por favor, peça à sua secretária para transferir a ligação para o chefe da estação. Obrigado. — Ryan olhou para Goodley, enquanto esperava que a transferência fosse feita, e murmurou: — Quero que me dê uma porrada na cabeça se achar que é necessário, Ben.

— Clark falando.

— Estamos mandando algumas fotos por fax, junto com os nomes e os números das passagens. Fale com o chefe de segurança do aeroporto antes de agarrá-los. Ainda está com o avião aí?

— Estou.

— Depois que agarrá-los, meta-os no avião e venha para cá o mais depressa possível.

— Certo, Jack. Já estamos a caminho.

Ryan desligou, e apertou o botão para falar com Murray.

— Mande todas as informações de que você dispõe para o chefe de nossa estação no México, por fax. Mandei dois agentes para o local, dos bons, Clark e Chavez.

— Clark? — repetiu Murray, enquanto encarregava Pat O'Day de despachar tudo por fax. — Não é o mesmo que...

— Exatamente.

— Desejo a ele toda a sorte do mundo.

O problema tático era complexo. Dubinin tinha um avião anti-submarino por cima, e não podia se dar ao luxo de cometer um único erro. Em algum lugar à sua frente, havia um submarino de mísseis americano que ele tencionava destruir. Dera essa ordem para se proteger, raciocinou o comandante. Fora alvejado com uma arma viva. Isso mudava a situação por completo. Deveria entrar em contato pelo rádio com o comandante de sua flotilha, pedindo



instruções, ou pelo menos anunciar suas intenções, mas com um avião por cima isso seria suicídio, e ele já chegara bem perto da morte por um dia. O ataque ao *Almirante Lunin* só podia significar que os americanos planejavam um ataque a seu país. Haviam violado o principal código internacional: os mares eram livres para a passagem de todos. Atacaram-no em águas internacionais, antes que ele se aproximasse o bastante para cometer qualquer ato hostil. Portanto, alguém achava que havia um estado de guerra. Muito bem, pensou Dubinin, que assim seja.

O sonar rebocado do submarino se encontrava muito abaixo do nível do barco, e os operadores de sonar se concentravam agora como nunca antes.

— Contato! — avisou o tenente Rykov. — Contato de sonar, direção um-um-três, hélice única... ruidosa, parece um submarino avariado...

— Tem certeza de que não é um contato de superfície?

— Positivo... o tráfego de superfície fica bem ao sul deste curso, por causa das tempestades. O som é com certeza característico de um submarino nuclear... ruidoso, como se houvesse alguma avaria... seguindo para o sul... direção um-um-cinco agora.

Valentin Borissovich virou-se e gritou para a sala de controle:

— Distância estimada para posição informada do alvo?

— Sete mil metros!

— Um disparo muito longo... seguindo para o sul... velocidade?

— Difícil determinar... menos de seis nós, com certeza... há um ritmo de pás, mas é fraco, não dá para uma contagem.

— Talvez não consigamos fazer mais do que um disparo — murmurou Dubinin, para si mesmo. Ele voltou à sala de controle. — Armas! Preparem um torpedo num curso um-um-cinco, busca inicial à profundidade de setenta metros, ponto de ativação... quatro mil metros.

— Certo. — O tenente fez os ajustes apropriados em seu painel. — Armar tubo um... arma está quente, tudo pronto. Porta externa fechada, comandante.

Dubinin virou-se para fitar o imediato. Normalmente um homem muito sóbrio — mal bebia até mesmo em jantares cerimoniais —, o

*starpom* acenou com a cabeça em aprovação. O comandante não precisava de sua aprovação, mas ele sentiu-se grato mesmo assim.

— Abrir porta externa.

— Porta externa aberta.

O oficial bélico removeu a cobertura de plástico do botão de disparo.

— Fogo!

O tenente apertou o botão.

— A arma está livre.

— Piloto, sonar! Transiente, transiente, direção um-sete-cinco...  
*torpedo na água na direção um-nove-cinco!*

— A frente a toda potência! — gritou Ricks para o timoneiro.

— Comandante! — berrou Claggett. — Suspenda essa ordem!

— Como? — O jovem no timão tinha apenas dezenove anos, e nunca ouvira a ordem de um comandante ser contestada. — O que devo fazer, senhor?

— Comandante, se acelerar desse jeito, perderemos a haste em cerca de quinze segundos!

— Merda! Tem razão. — Ricks estava rosado, sob as luzes de combate vermelhas na sala de controle. — Avise à casa de máquinas para desenvolver a maior velocidade segura, timoneiro, leme à direita dez graus, siga para o norte, novo curso zero-zero-zero.

— Leme dez graus à direita, senhor. — A voz do rapaz tremia enquanto virava o timão. O medo é contagioso como a praga. — Senhor, meu leme está dez graus à direita, entrando em novo curso zero-zero-zero. Ricks engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Muito bem.

— Piloto, sonar, direção do torpedo é agora um-nove-zero, torpedo passando da esquerda para a direita, torpedo não emite ruído neste momento.

— Obrigado — respondeu Claggett.

— Sem a nossa cauda, vamos perdê-lo num instante.

— Isso é verdade, comandante. Que tal avisarmos o Orion sobre o que está acontecendo?

— Boa idéia. Levante a antena.

— Demônio do Mar Um-Três, aqui é o *Maine*.

— *Maine*, aqui é Um-Três, ainda estamos avaliando o torpedo que lançamos...

— Um-Três, temos um torpedo na água um-oito-zero. Errou o alvo. Inicie outro padrão de busca ao sul de nossa posição. Acho que esse pássaro está captando nosso Moss.

— Entendido. A caminho.

O Tacco comunicou a Kodiak que havia agora uma batalha real em andamento.

— Senhor presidente — disse Ryan —, podemos ter informações úteis. Jack sentava na frente do fone, as mãos espalmadas sobre a mesa, bastante

úmidas para deixar marcas no tampo de fórmica. Goodley percebeu-o. Apesar de tudo, porém, ele invejava a capacidade de controle de Ryan.

— O que é? — indagou Fowler, em tom ríspido. Ryan baixou a cabeça ao tom da indagação.

— Senhor, o FBI acaba de nos comunicar que tem informações sobre a presença de dois terroristas suspeitos, talvez três, em Denver hoje. Dois deles estariam num avião, a caminho da Cidade do México. Tenho homens ali, senhor, e vamos tentar capturá-los.

— Espere um pouco — disse Fowler. — Sabemos que não foi um ato terrorista.

— Ryan, aqui é o general Fremont. Como essa informação foi obtida?

— Não estou a par de todos os detalhes, mas eles obtiveram informações sobre um automóvel... um furgão, eu acho, que se encontrava no local. Verificaram o número da placa e o proprietário... o proprietário apareceu morto, procuramos os outros dois por suas passagens de avião e...

— Pare aí! — interrompeu o comandante do SAC. — Como alguém pode saber disso... um sobrevivente do local da bomba? Pelo amor de Deus, homem, foi uma arma de cem quilotons...

— General, o número mais provável que temos agora... veio do FBI... é cinqüenta quilotons e...

— O FBI? — indagou Borstein, do Norad. — O que eles podem saber sobre isso? Mesmo assim, uma arma de cinqüenta quilotons não deixaria sobreviventes num raio de mais de um quilômetro e meio. Senhor presidente essa não pode ser uma boa informação.

Foi nesse instante que Ryan ouviu outra voz na mesma linha:

— Senhor presidente, aqui é o CNCM. Acabamos de receber uma mensagem de Kodiak. Aquele submarino soviético está atacando o *Maine*. Há um torpedo na água. O *Maine* tenta escapar.

Jack ouviu alguma coisa, não entendeu direito o quê, pela linha.

— Senhor — disse Fremont no mesmo instante —, este é um desenvolvimento dos mais ameaçadores.

— Sei disso, general — falou o presidente, em voz tão baixa que mal dava para ouvir. — General... Snapcount.

— Mas o que é isso? — murmurou Goodley.

— Senhor presidente, isso é um erro. Temos uma informação concreta aqui. Queriam informações de nós e agora as temos! — Ryan estava gritando, quase perdendo o controle outra vez. As mãos espalmadas se contraíram em punhos. Jack fez um tremendo esforço para recuperar o controle. — Senhor, trata-se de um indicador autêntico.

— Ryan, tenho a impressão de que você esteve me mentindo e enganando durante o dia inteiro — disse Fowler, numa voz que quase não parecia mais humana, cortando a linha pela última vez.

O sinal de alerta final foi enviado simultaneamente por mais de uma dúzia de circuitos. A duplicação de canais, sua função conhecida, a brevidade da mensagem, e o padrão de codificação idêntico revelaram muita coisa aos soviéticos, antes mesmo que o sinal captado passasse por seus computadores. Quando a palavra saiu, foi reproduzida no centro de comando do Kremlin apenas uns poucos segundos depois. Golovko tirou o despacho da máquina, e disse simplesmente:

— Snapcount.

— O que é isso? — perguntou o presidente Narmonov.

— Uma palavra de código. — Os lábios de Golovko ficaram branco de repente. — É um termo do futebol americano, se não me engano. Significa o conjunto de números usados antes que o... o *quarterback* pegue a bola para iniciar uma partida.

— Não estou entendendo — disse Narmonov.

— Houve um tempo em que os americanos usavam o termo Pistola Engatilhada para indicar a total prontidão estratégica. O significado é evidente para todos, não é? — O vice-presidente do KGB fez uma pausa, e depois acrescentou, como se estivesse num sonho: — Essa expressão, para um americano, significaria a mesma coisa. Só posso concluir que...

— E isso mesmo.

## ÁSPIDE E ESPADA

PRESIDENTE NARMONOV:

ENVIO-LHE ESTA MENSAGEM, OU A SEU SUCESSOR, COMO UMA ADVERTÊNCIA.

ACABAMOS DE RECEBER UM COMUNICADO DE QUE UM SUBMARINO SOVIÉTICO ESTÁ NESTE MOMENTO ATACANDO UM SUBMARINO DE MÍSSEIS AMERICANO. UM ATAQUE CONTRA NOSSAS FORÇAS ESTRATÉGICAS NÃO SERÁ TOLERADO, E SERÁ INTERPRETADO COMO O PRECURSOR DE UM ATAQUE E CONTRA OS ESTADOS UNIDOS.

DEVO AINDA AVISÁ-LO DE QUE NOSSAS FORÇAS ESTRATÉGICAS SE ENCONTRAM EM SEU ESTADO DE MÁXIMA PRONTIDÃO. ESTAMOS PREPARADOS PARA NOS DEFENDERMOS.

SE FALA SÉRIO EM SEUS PROTESTOS DE INOCÊNCIA, EXORTO-O A SUSPENDER TODOS OS ATOS AGRESSIVOS, ENQUANTO AINDA HÁ TEMPO.

— "Sucessor"? Mas o que isso significa? — Narmonov virou-se por um momento, depois olhou para Golovko. — O que está acontecendo? Fowler está doente? Enlouqueceu? O que se passa? E que história é essa de submarino?

Quando ele acabou de falar, sua boca permaneceu aberta, como um peixe fogado. O presidente soviético respirava aos sorvos agora.

— Recebemos um comunicado sobre um submarino de mísseis americano avariado no leste do Pacífico, e mandamos um submarino para investigar, mas esse submarino não tem autorização para atacar — disse o ministro da Defesa.

— Há alguma circunstância em que nossos homens poderiam fazer isso?

— Não. Sem autorização de Moscou, eles só podem agir em autodefesa.

— O ministro desviou o rosto, incapaz de suportar o olhar de seu presidente. Não sentia o menor desejo de falar mais nada, mas também não tinha opção.

— Acho que esta não é mais uma situação controlável.

— Senhor presidente...

Era um subtenente do exército. Ele abriu sua pasta... "o futebol"... e tirou lá de dentro um caderno espiral. A primeira divisão era margeada de vermelho. Fowler virou a página, que dizia:

SIOP

OPÇÃO DE GRANDE ATAQUE

\*\*SKYFALL\*\*

— Mas o que é Snapcount? — indagou Goodley.

— É o alerta máximo, Ben. Significa que a pistola está engatilhada e apontada, já se pode sentir a pressão no gatilho.

— Mas como nós...

— Pare com isso, Ben! Não importa como chegamos, o fato é que estamos neste ponto. — Ryan levantou-se, começou a andar de um lado para outro. — E melhor começarmos a pensar muito depressa, pessoal.

O oficial de plantão foi o primeiro a se manifestar:

— Precisamos fazer Fowler compreender...

— Ele não pode compreender — disse Goodley, bruscamente. — Não pode compreender se não quer escutar.

— Os secretários de Estado e Defesa saíram de cena... ambos mortos — ressaltou Ryan.

— O vice-presidente... no PCAEN.

— Boa lembrança, Ben... temos um botão para lá... aqui! Ryan apertou-o.

— PCAEN.

— Aqui é da CIA, vice-diretor Ryan. Preciso falar com o vice-presidente.

— Espere um momento, senhor. Foi um momento bem curto.

— Aqui é Roger Durling. Olá, Ryan.

— Olá, senhor vice-presidente. Temos um problema aqui.

— E qual é? Estamos recebendo as mensagens pela Linha Quente. São meio tensas, mas tudo corria bem até vinte minutos atrás. O que saiu errado?

— Senhor, o presidente está convencido de que houve um golpe de Estado na União Soviética.

— O quê? E de quem é a culpa por isso?

— Minha, senhor — admitiu Ryan. — Fui eu quem forneceu essa informação. Mas, por favor, deixe isso de lado. O presidente não quer me escutar.

Jack ficou surpreso ao ouvir uma risada breve e amarga.

— Eu compreendo. Bob também não gosta de me escutar.

— Senhor, precisamos fazê-lo nos escutar. Temos informações agora que indicam que pode ter sido um ato terrorista.

— Que informações são essas?

Jack relatou tudo em cerca de um minuto, e Durling comentou:

— E bastante superficial.

— Pode ser superficial, senhor, mas é tudo o que temos, e é muito melhor do que qualquer outra coisa.

— Certo. Faça uma pausa. Neste momento, quero sua avaliação sobre a situação.

— Senhor, minha melhor impressão é de que o presidente se engana, que é mesmo Andrei Il'yich Narmonov quem se encontra por lá. Está amanhecendo em Moscou. O presidente Narmonov sofre com a falta de sono, sente-se tão apavorado quanto nós... e por sua última mensagem, especula se o presidente Fowler enlouqueceu ou não. É uma péssima combinação. Temos informações sobre contatos isolados entre forças americanas e soviéticas. Só Deus sabe o que realmente aconteceu, mas os dois lados interpretam esses incidentes como atos agressivos. O que de fato acontece é apenas o caos... forças avançadas se esbarrando, mas só estão atirando por causa dos níveis de alerta nos dois lados. E o que se poderia chamar de efeito cascata.

— Concordo com tudo isso. Continue.



— Alguém precisar recuar, e o mais depressa possível, senhor. Deve falar com o presidente. Ele não atende mais minhas ligações. Talbot e Bunker estão mortos, e não há mais ninguém que ele escute.

— O que me diz de Arnie van Damm?

— Puta merda! — berrou Jack. — Como pudera esquecer de Van Damm? Onde ele está?

— Não sei. Posso mandar o Serviço Secreto descobrir num instante. E o que me diz de Liz?

— Foi ela quem teve a brilhante idéia de que não é mais Narmonov quem está no comando.

— Mas que desgraçada! — Durling se empenhara a fundo e investira um grande capital político para pôr Charlie Alden naquele cargo. — Muito bem, tentarei falar com ele. Aguarde.

— Certo.

— O vice-presidente está chamando, senhor. Linha seis. Fowler apertou o botão.

— Fale depressa, Roger.

— Bob, você precisa recuperar o controle da situação.

— *O que pensa que estou tentando fazer?*

Durling sentava numa poltrona de couro de encosto alto no avião. Fechou os olhos. O tom da resposta dizia tudo.

— Bob, você agravou a situação, em vez de melhorar. Precisa recuar por um momento. Respire fundo, dê uma volta pela sala... pense! Não há motivo para se imaginar que os russos tenham feito isso. Acabei de falar com a CIA, e eles disseram...

— Falou com Ryan?

— Isso mesmo. Ele me deu algumas informações e...

— Ryan vem mentindo para mim.

— Porra nenhuma, Bob. — Durling manteve a voz calma e razoável. Era o que chamava de sua voz de médico da roça. — Ele é profissional demais para isso.

— Sei que suas intenções são boas, Roger, mas não tenho tempo para psicanálise. Enfrentamos o que pode ser um ataque nuclear prestes a ser desfechado contra nós. A boa notícia, eu

suponho, é de que você vai sobreviver. Eu lhe desejo toda sorte possível, Roger. Espere... está chegando uma mensagem pela Linha Quente.

PRESIDENTE FOWLER:

AQUI É ANDREI IL'YCH NARMONOV SE COMUNICANDO COM VOCÊ.

A UNIÃO SOVIÉTICA NÃO COMETEU ATOS AGRESSIVOS CONTRA OS

ESTADOS UNIDOS. ABSOLUTAMENTE NENHUM. NÃO TEMOS O MENOR

INTERESSE EM PREJUDICAR SEU PAIS. DESEJAMOS APENAS SER DEIXADOS EM PAZ, VIVER EM PAZ.

NÃO AUTORIZEI NENHUMA AÇÃO CONTRA QUALQUER FORÇA OU CIDADÃOS AMERICANOS, MAS APESAR DISSO NOS AMEAÇA. SE NOS ATACAR, DEVEMOS ENTÃO ATACÁ-LOS TAMBÉM, E MILHÕES DE PESSOAS VÃO MORRER. SERÁ TUDO POR UM ACIDENTE?

A OPÇÃO É SUA. NÃO POSSO IMPEDI-LO DE AGIR DE FORMA IRRACIONAL. ESPERO QUE RECUPERE O CONTROLE PESSOAL. HÁ VIDAS DEMAIS EM RISCO PARA QUE QUALQUER UM DE NÓS DOIS AJA DE MANEIRA IRRACIONAL.

— Pelo menos ainda há gente tentando ser racional — ressaltou Goodley.

— O que tornaria a situação muito melhor. Mas essa mensagem vai atirá-lo

— garantiu Ryan. — Provocará uma explosão. Não se pode dizer a uma pessoa irracional que está perdendo o controle.

— Ryan, aqui é Durling.

Ryan apertou o botão no mesmo instante.

— Pois não, senhor vice-presidente.

— Ele não... não quis me escutar, e depois chegou essa nova mensagem, a reação dele foi a pior possível.

— Pode abrir um canal com o SAC, senhor?

— Não, infelizmente não. Eles estão numa linha de conferência com o Norad e Camp David. Parte do problema, Jack, é que o presidente sabe que é vulnerável ali e receia... bem...

— Não estamos todos com medo?

Houve silêncio por um momento, e Ryan especulou se Durling sentia-se culpado por se encontrar num lugar de relativa segurança.

Em Rocky Flats, as amostras dos resíduos foram colocadas num espectrômetro de raios gama. Levou mais tempo do que se esperava, por causa de um pequeno problema no equipamento. Os operadores postaram-se atrás de um escudo, e usaram luvas de borracha forradas com chumbo, e tenazes com um metro de comprimento para tirar as amostras do balde de chumbo, depois esperaram que o técnico ativasse a máquina.

— Certo... as amostras são mesmo quentes.

A máquina tinha duas telas, uma num tubo de raios catódico, com uma impressora de apoio. Media a energia dos fotoelétrons gerados pela radiação gama dentro do instrumento. O estado de energia preciso desses elétrons identificava o elemento e o isótopo da fonte. Os resultados eram apresentados como linhas na tela gráfica. A intensidade relativa das várias linhas de energia — mostradas pela altura — determinava as proporções. Uma medição mais meticulosa exigiria a inserção da amostra num pequeno reator para reativação, mas aquele sistema era bastante bom por enquanto. O técnico apertou o botão para o canal beta.

— Ei, olhem só para a linha de trítio! Qual foi mesmo a potência que disseram?

— Menos de quinze.

— Pois tinha uma tremenda carga de trítio... olhe só para isto!  
— O técnico, que fazia o mestrado, escreveu uma anotação em seu bloco, e tornou a ligar o canal gama. — Muito bem... plutônio, temos um pouco de 239, 240; netúnio, amerício, gadolínio, cúrio, promécio, urânio, um pouco de U-235, um pouco de 238... Eu... era uma arma sofisticada, pessoal.

— Chabu — disse um dos homens do Nest, lendo os números.

— Estamos examinando os restos de um chabu. Não foi uma explosão completa. Todo esse trítio... Ei, deveria ter dois estágios, isso é demais para uma arma de fissão primária... é uma porra de uma bomba-H!

O técnico ajustou os controles para sintonizar melhor a tela.

— Reparem na mistura 239/240...

— Peguem o livro!

Na prateleira em frente ao espectrômetro, havia um caderno espiral, com capa vermelha de vinil.

— Rio Savannah — disse o técnico. — Eles sempre tiveram esse problema com o gadolínio... Hanford opera de outra maneira... sempre parecem gerar promécio demais.

— Você ficou louco?

— Confie em mim — disse o técnico. — Minha tese é sobre os problemas de contaminação nas usinas de plutônio. Aqui estão os números!

Ele leu os dados. Um homem do Nest deu uma olhada no índice, depois voltou à página.

— Está perto! Muito perto! Diga de novo o gadolínio!

— Zero vírgula zero cinco oito vezes dez para o menos sete, mais ou menos vírgula zero zero dois.

— Santa Mãe de Deus! O homem virou o livro.

— Rio Savannah... Não é possível!

— É de 1968. Foi um ano ótimo. É coisa nossa. A porra do plutônio era nosso.

O mais graduado membro do Nest piscou os olhos, dissipando a incredulidade.

— Muito bem, ligue-me para Washington.

— Não posso — respondeu o técnico, enquanto revisava seus registros. — As ligações interurbanas estão suspensas.

— Onde está Larry?

— No Aurora Presbyterian, trabalhando com os caras do FBI. Pus o número em cima do telefone no canto. Acho que ele se comunica com Washington por intermédio deles.

— Murray.

— Hoskins... acabei de receber uma informação de Rocky Flats. Dan, isto parece absurdo, mas os caras do Nest dizem que a arma usou plutônio americano. Pedi que confirmasse, e ele confirmou... e comentou que também tivera a mesma dúvida. O plutônio saiu da usina DOE, no rio Savannah, produzido em fevereiro de 1968, reator K. Eles têm tudo a respeito, o homem me disse que pode até determinar de que parte do reator K... parece incrível para mim, mas ele é a porra do técnico.

— Walt, como vou fazer que alguém acredite nisso?

— Estou apenas repetindo o que o homem me disse, Dan.

— Preciso falar com ele.

— Já esqueceu que as ligações interurbanas foram suspensas? Posso trazê-lo para cá em poucos minutos.

— Pois então faça isso... e depressa!

— O que é, Dan?

— Jack, o pessoal do Nest acaba de se comunicar com o nosso escritório em Denver. O material na bomba era americano.

— O quê?

— Foi a reação de todos nós, Jack, de incredulidade total. Os caras do Nest recolheram amostras e analisaram, e garantem que o urânio... não, plutônio... saiu do rio Savannah, em 1968. O líder do Nest está indo para o escritório de Denver neste momento. As ligações interurbanas estão interrompidas, mas posso usar nosso sistema, e você falará com ele diretamente.

Ryan olhou para o homem de Ciência & Tecnologia.

— O que acha?

— Rio Savannah... eles tiveram problemas ali, cerca de meia tonelada MI.

— MI?

— Material inexplicado... material perdido.

— Terroristas — disse Ryan, positivo.

— Começa a fazer sentido — concordou C&T.

— Oh, Deus, e ele não quer mais me ouvir! Mas ainda havia Durling.

— É difícil acreditar — disse o vice-presidente.

— Senhor, é um dado concreto, confirmado pelo pessoal do Nest em Rocky Flats, um dado científico. Pode parecer uma loucura, mas é um fato objetivo. — *Oh, Deus, assim espero!*, Durling pôde ouvir Ryan pensando. — Senhor, não resta mais a menor dúvida de que não foi uma arma russa... isso é o importante. Temos certeza de que não era uma arma soviética. Diga isso ao presidente imediatamente!

— Certo.

Durling acenou com a cabeça para o sargento da força aérea que cuidava das comunicações.

— O que é, Roger? — disse o presidente.

— Senhor, acabamos de receber uma informação importante.

— O que é agora?

O presidente parecia exausto.

— Veio da CIA, mas eles souberam pelo FBI. O Nest em Rocky Flats identificou o material da bomba como não sendo russo. Eles acham que o material da bomba é americano.

— Mas isso é um absurdo! — protestou Borstein. — Não temos nenhuma arma desaparecida! Cuidamos muito bem dessas coisas!

— Roger, você recebeu essa informação de Ryan, não é?

— Isso mesmo, Bob.

Durling ouviu um longo suspiro do outro lado da linha.

— Obrigado.

A mão do vice-presidente tremia quando levantou o outro fone.

— Ele não quis aceitar.

— Mas tem de aceitar, senhor! E a verdade!

— Não tenho mais idéia nenhuma. Você estava certo, Jack, ele não quer escutar mais ninguém agora.

— Nova mensagem na Linha Quente, senhor. Jack foi ler:

**PRESIDENTE NARMONOV:**

**ACUSA-ME DE IRRACIONALIDADE. TEMOS DUZENTOS MIL MORTOS, UM ATAQUE ÀS NOSSAS FORÇAS EM BERLIM, UM ATAQUE À NOSSA MARINHA, NO MEDITERRÂNEO E NO PACÍFICO...**

— Ele está quase começando! Oh, Deus! Temos a informação de que precisa para interromper essa loucura, e ele...

— Não tenho mais idéias — repetiu Durling, pela linha direta.

— As mensagens pela Linha Quente estão agravando a situação, em vez de melhorar, e...

— Parece que é esse o problema fundamental, não é? — Ryan levantou os olhos. — Ben, você é um bom motorista na neve?

— Sou, sim, mas...

— Pois *então vamos embora!*

Ryan saiu correndo da sala. Pegaram um elevador para o térreo. Ryan correu para a sala da segurança.

— As chaves do carro!

— Aqui estão, senhor!

Um jovem muito assustado entregou as chaves. A segurança da CIA mantinha seus veículos junto do estacionamento VIP. O GMC Jimmy azul, com tração nas quatro rodas, estava destrancado.

— Para onde vamos? — indagou Goodley, enquanto entrava pela porta do motorista.

— Para o Pentágono... entrada do rio... e temos de chegar lá o mais depressa possível.

\* \* \*

— O que aconteceu? O torpedo circulara alguma coisa, mas não explodira, e acabou ficando sem combustível.

— Não havia massa suficiente para acionar o detonador magnético... e era pequeno demais para o impacto direto... devia ser um chamariz — explicou Dubinin. — Onde está a primeira mensagem interceptada?

Um marujo entregou, e o comandante leu em voz alta:

— "*Hélice avariada por colisão.*" Oh, merda! Estávamos rastreando um motor com defeito, não uma hélice avariada! — Dubinin bateu com o punho na mesa de cartas, com força suficiente para arrancar sangue. — Vamos para o norte, com o sonar ativo!

— Com, sonar, temos um sonar ativo de baixa freqüência na direção um-nove-zero.

— Preparem as armas!

— Senhor, se ligarmos o motor de popa, teremos mais dois ou três nós — sugeriu Claggett.

— Ruidoso demais! — berrou Ricks.

— Senhor, estamos próximo da superfície. As freqüências altas do motor de popa não terão muita importância aqui em cima. O sonar ativo dele é de baixa freqüência, e pode nos detectar de qualquer maneira, quer estejamos ruidosos ou não. O que precisamos agora é de distância, senhor, pois se ele chegar muito perto o Orion não poderá nos dar apoio.

— Temos de destruí-lo.

— Não é uma boa idéia, senhor. Estamos agora em Snapcount, e a prioridade é disparar, se chegarmos a esse ponto. O lançamento de uma unidade na água nos dirá onde devemos procurar. Comandante, precisamos de distância para ficarmos livres de seu sonar ativo, e não podemos nos arriscar a um disparo.

— *Não!* Oficial de armamentos, preparar para o lançamento.

— Certo, senhor.

— Comunicações, peça ao Orion para nos prestar alguma ajuda!

— Este é o último, coronel.

— Foi bastante rápido — comentou o comandante do regimento.

— Os homens estão adquirindo cada vez mais prática — ressaltou o major, parado ao seu lado, enquanto a décima e última ogiva era retirada do SS-18, em Alyesk. — Tome cuidado com isso, sargento.

Era o gelo que aumentava o perigo. Poucos minutos antes, alguma neve fora soprada para a cápsula do míssil. O movimento de botas a esmagara e derretera, mas as temperaturas muito abaixo de zero haviam recongelado tudo, numa camada de gelo fina como papel, quase invisível. O sargento se encontrava no processo de recuar no passadiço desmontável quando escorregou, e sua chave



de fenda caiu. Bateu na grade, girando por um momento. O sargento ainda tentou agarrá-la, mas não conseguiu.

— *Corram!* — berrou o coronel.

O sargento não precisava de qualquer estímulo. O cabo no guincho afastou a ogiva para o lado, e pulou lá de cima. Todos sabiam que tinham de correr contra o vento.

A ferramenta quase conseguiu cair até o fundo, mas bateu numa saliência interna e foi projetada para o lado, abrindo sulcos na cobertura do primeiro estágio em dois lugares. A cobertura do míssil era também do seu tanque, e tanto o combustível quanto o oxidante foram liberados. As duas substâncias químicas formaram pequenas nuvens — apenas uns poucos gramas de cada estavam vazando — mas eram hipergólicas. Pegaram fogo ao contato. Isso aconteceu dois minutos depois que a chave de porca iniciou sua queda.

A explosão foi bastante forte. Jogou o coronel no chão, a mais de duzentos metros do silo. Instintivamente, ele rolou para trás de um pinheiro enorme, enquanto a onda de pressão passava. Um momento mais tarde, o coronel olhou para o silo, encimado por uma coluna de fogo. Todos os seus homens haviam conseguido escapar... um milagre, pensou ele. O pensamento seguinte refletia o humor que tantas vezes acompanha uma fuga por um triz da morte: *Bom, e menos um míssil para os americanos nos aporrinharem!*

O programa de satélites de apoio da defesa tinha sensores focalizados nas bases russas de mísseis. O impulso de energia era inconfundível. O sinal foi transmitido para Alice Springs, na Austrália, e de lá para um satélite de comunicações da força aérea americana, que o retransmitiu para a América do Norte. Levou pouco mais de meio segundo.

— Possível lançamento... possível lançamento em Alyeska!

Naquele momento, tudo mudou para o general Joe Borstein. Seus olhos focalizavam a tela, e seu primeiro pensamento foi de que acontecera, apesar de tudo, de todas as mudanças, todo o progresso, todos os tratados, de alguma forma acontecera, e ele assistia, continuaria ali para assistir tudo, até o final, quando o SS-18 com seu nome atingisse a montanha Cheyenne. Não era a mesma

coisa que lançar bombas na ponte Paul Doumer, ou atacar jatos sobre a Alemanha. Aquilo era o fim da vida. A voz de Borstein soou áspera:

— Vejo apenas um... e onde está o pássaro?

— Não há pássaro, não há pássaro, não há pássaro — anunciou uma capita. — Mais parece uma explosão. Não há pássaro, não há pássaro. Isto não é um lançamento. Repito, não é um lançamento.

Borstein percebeu que suas mãos tremiam. Não acontecera isso quando fora alvejado, nem quando seu avião caíra em Edwards, nem quando pilotava cruzando chuvas de granizo. Ele correu os olhos por seu pessoal, e viu em seus rostos a mesma coisa que acabara de sentir no fundo do estômago. De certa forma, até aquele momento fora como assistir a um filme de terror apavorante, só que agora não era mais um filme. Ele pegou o telefone para o SAC, e desligou a Linha Dourada para Camp David.

— Pete, você pegou isso?

— Claro, Joe.

— Acho melhor... ahn... acalmarmos a situação, Pete. O presidente está perdendo o controle.

O comandante do SAC hesitou por um instante, antes de responder:

— Eu quase perdi, mas acabei de recuperar.

— Posso entender, Pete.

— O que foi isso?

Borstein restabeleceu a ligação com Camp David.

— Senhor presidente, foi uma explosão, nós achamos, na base de mísseis de Alyesk. Tivemos um momento de susto aqui, mas não há nenhum pássaro no ar... repito, senhor presidente, não há pássaros voando neste momento. Foi com certeza um alarme falso.

— O que significa?

— Não sei, senhor. Talvez... eles estavam cuidando dos mísseis, senhor, é possível que tenha ocorrido um acidente. Já aconteceu antes... tivemos os mesmos problemas com o Titan-II.

— O general Borstein está correto — confirmou o comandante do SAC, muito solene. — Foi por isso que nos livramos do Titan-II... Senhor presidente...

— O que é, general?

— Senhor, recomendo que tentemos esfriar um pouco a situação.

— E como podemos fazer isso? — indagou Fowler. — E se a explosão foi relacionada com a atividade de alerta?

A viagem pela George Washington Parkway transcorreu sem contratempos. Embora a pista estivesse coberta de neve, Goodley dirigia em uma velocidade firme de quase setenta quilômetros horários, com tração nas quatro rodas, sem perder o controle uma única vez, contornando carros abandonados como se fosse um piloto de corridas em Daytona. Chegou à entrada do rio do Pentágono. O guarda civil ali era agora apoiado por um soldado, cujo rifle M-16 estava com certeza carregado.

— CIA! — disse Goodley.

— Espere. — Ryan estendeu-lhe seu cartão magnético. — Na fenda. Acho que vai funcionar aqui também.

Goodley obedeceu. O cartão magnético de alto nível de Ryan tinha o código eletrônico certo para o mecanismo de segurança. O portão abriu e a cancela levantou, dando passagem. O soldado acenou com a cabeça. Se o passe funcionava, tudo devia estar certo, não é?

— Siga direto para a primeira porta.

— Onde estaciono?

— Deixe lá mesmo! Vai entrar comigo.

A segurança naquela porta também fora reforçada. Jack tentou passar

pelo detector de metal, mas foi detido pelas moedas que levava no bolso. Jogou-as no chão, num acesso de raiva.

— CNM?

— Venha comigo, senhor.

A entrada para o Centro Nacional de Comando Militar era barrada por uma parede de vidro à prova de bala, por trás da qual se postava uma sargento negra, armada com um revólver.

— CIA... preciso entrar.

Ryan passou seu cartão magnético pela fenda, e outra vez funcionou.

— Quem é o senhor? — perguntou um suboficial da marinha.  
— Vice-diretor da CIA. Leve-me para quem está no comando aqui.

— Siga-me, senhor. O homem que procura é o comandante Rosselli.

— *Comandante?* Não há nenhum oficial-general aqui?

— O general Wilkes sumiu, senhor. Não sabemos onde ele está.

O suboficial passou por uma porta. Ryan avistou um comandante da marinha e um tenente-coronel da força aérea, um quadro de situação e uma bateria de telefones com várias linhas.

— Você é Rosselli?

— Isso mesmo... e quem é você?

— Jack Ryan, vice-diretor da CIA.

— Escolheu um péssimo lugar para vir, companheiro — comentou o coronel Barnes.

— Alguma coisa mudou?

— Acabamos de observar o que parecia ser o lançamento de um míssil da Rússia...

— Oh, Deus!

— Nenhum pássaro subiu, talvez tenha sido uma explosão no silo. Tem alguma coisa de que precisamos saber?

— Preciso de uma linha para o centro de comando do FBI, e de conversar com vocês dois.

Dois minutos depois, Rosselli exclamou:

— Mas isso é um absurdo!

— É possível. — Ryan levantou o fone. — Dan, Jack falando.

— Onde você se meteu, Jack? Acabei de ligar para Langley.

— Estou no Pentágono. O que tem sobre a bomba?

— Fique na linha. Farei uma ligação com o doutor Larry Parsons. Ele é o chefe do Nest. Pronto, pode falar.

— Aqui é Ryan, vice-diretor da CIA. O que tem a me dizer?

— A bomba foi fabricada com plutônio americano. Não resta mais qualquer dúvida a respeito. Eles conferiram as amostras quatro vezes. Usina do rio Savannah, fevereiro de 1968, reator K.

— Tem certeza? — perguntou Jack, desejando com a maior ansiedade que a resposta fosse afirmativa.

— Absoluta. Por mais absurdo que possa parecer, o material era nosso.

— E que mais?

— Murray me disse que vocês tiveram problemas com a estimativa da potência. Pois já tenho esse dado. Foi um artefato pequeno, menos de quinze... uma potência de *um-cinco* quilotons. Há sobreviventes do local... não muitos, mas eu os vi pessoalmente, certo? Não sei o que distorceu a estimativa inicial, mas eu estive no local e posso garantir que foi uma bomba pequena. Também parece que ocorreu um chabu. Estamos tentando agora descobrir mais a respeito... mas essa é a parte importante, certo? O material da bomba era definitivamente americano. Uma certeza de cem por cento.

Rosselli inclinou-se para verificar se aquela linha era mesmo a segura para o quartel-general do FBI.

— Espere um instante. Senhor, aqui é o comandante Jim Rosselli, da marinha dos Estados Unidos. Tenho um mestrado em física nuclear. Apenas para me certificar de que é isso mesmo que estou ouvindo, quero que me dê as proporções de 239/240, certo?

— Espere um instante... Lá vai: 239 era nove oito vírgula nove três; 240 é zero vírgula quatro cinco. Quer também os elementos residuais?

— Não, isso é suficiente. Obrigado, senhor. — Rosselli levantou os olhos e acrescentou, em voz baixa: — Ou ele está dizendo a verdade, ou é um mentiroso muito esperto.

— Fico contente que concorde, comandante. Preciso que faça uma coisa.

— O quê?

— Tenho de entrar na Linha Quente.

— Não posso permitir.

— Comandante, tem acompanhado as mensagens?

— Não. Rocky e eu não tivemos tempo. Temos três batalhas separadas ocorrendo e...

— Pois vamos dar uma olhada.

Ryan nunca estivera ali antes, o que lhe pareceu estranho. As cópias impressas das mensagens eram guardadas numa prancheta.

Havia seis pessoas, e todas se achavam muito pálidas.

— Por Deus, Ernie... — murmurou Rosselli.

— Alguma coisa recentemente? — perguntou Jack.

— Nada desde que o presidente mandou a última, há cerca de vinte minutos.

— Tudo corria bem quando estive aqui logo depois que... oh, não! — balbuciou Rosselli, ao ler a última mensagem.

— O presidente perdeu o controle — declarou Jack. — Recusa-se a aceitar informações de mim, recusa-se a escutar o vice-presidente Durling. O que tenho a propor é muito simples. Conheço pessoalmente o presidente Narmonov. Ele me conhece. Com o que o FBI nos informou, com o que acaba de ouvir, comandante, acho que poderei fazer alguma coisa. Senão...

— Senhor, não é possível — insistiu Rosselli.

— Por quê?

Embora o coração estivesse disparado, Jack fazia um esforço para controlar a respiração. Precisava manter a calma agora, toda a calma que pudesse.

— Senhor, todo o princípio desta linha é que apenas duas pessoas podem...

— Uma delas, talvez as duas agora, não está agindo com a plena razão. Pode entender qual é a situação, comandante. Não posso obrigá-lo a fazer isso. Apenas lhe peço para pensar. Usou a cabeça um momento atrás. Pois use de novo.

— Senhor, vão nos prender por fazer isso — protestou o supervisor da Linha Quente.

— É preciso estar vivo para ser preso — disse Jack. — Estamos em Snapcount neste momento. Sabem o que isso significa. Comandante Rosselli, é o oficial mais graduado presente. Faça a chamada.

— Quero ver tudo o que puser na máquina, antes da transmissão.

— E justo. Posso bater as mensagens pessoalmente?

— Está bem. Você bate, e será codificado antes da transmissão.

Um sargento dos fuzileiros cedeu seu lugar para Ryan. Jack sentou e acendeu um cigarro, ignorando os cartazes que proibiam o

vício.

ANDREI IL'YCH, bateu Ryan, devagar, Aqui É JACK RYAN AINDA ACENDE PESSOALMENTE A LAREIRA NA DACHA?

— Certo?

Rosselli acenou com a cabeça para o sargento ao lado de Ryan.

— Transmita.

— O que é isso? — indagou o ministro da Defesa.

Quatro homens se inclinavam sobre o terminal. Um major do exército soviético traduziu.

— Há alguma coisa errada aqui — disse o oficial de comunicações. — Isto é...

— Responda o seguinte: "Ainda lembra quem enfaixou seu joelho?"

— O quê?

— Transmita! — ordenou Narmonov. Eles esperaram dois minutos.

SEU SEGURANÇA ANATOLI ME AJUDOU, MAS MINHA CALÇA FICOU RASGADA.

— É Ryan.

— Certifique-se — disse Golovko.

O tradutor olhou para a tela.

— Diz aqui: "E nosso *amigo está passando bem?*"

Ryan bateu:

ELE RECEBEU UM SEPULTAMENTO HONROSO EM CAMP DAVID.

— Mas o que isso significa? — indagou Rosselli.

— Não há vinte pessoas no mundo que saibam desse fato — explicou Ryan. — Ele está verificando se sou mesmo eu.

Os dedos de Jack pairavam sobre o teclado.

— Parece pura besteira.

— É besteira, mas prejudica a alguém?  
— Transmita.

— Mas que história é essa? — berrou Fowler — Quem está fazendo isso...?

— Senhor, temos uma mensagem do presidente. Ele está nos ordenando...

— Ignore — disse Jack, friamente.

— Mas não posso!

— Comandante, o presidente perdeu o controle. Se permitir que ele me desligue, sua família, minha família, muita gente vai morrer. Seu juramento é à Constituição, comandante, não ao presidente. Examine de novo as mensagens e me diga se estou errado!

— De Moscou — disse o tradutor. — *"Ryan, o que está acontecendo?"*

PRESIDENTE NARMONOV:

FOMOS VÍTIMAS DE UM ATO TERRORISTA. HÁ MUITA CONFUSÃO POR AQUI, "MAS TEMOS AGORA PROVAS CONCRETAS SOBRE A ORIGEM DA ARMA. TEMOS CERTEZA ABSOLUTA DE QUE A ARMA NÃO ERA SOVIÉTICA. REPITO, TEMOS CERTEZA ABSOLUTA DE QUE A ARMA NÃO ERA SOVIÉTICA. ESTAMOS NESTE MOMENTO TENTANDO PRENDER OS TERRORISTAS. É POSSÍVEL QUE ESTEJAM EM NOSSO PODER DENTRO DE POUCOS MINUTOS.

— Transmita o seguinte: "Por que seu presidente me acusou de fazer isso?" Houve outra pausa de dois minutos.

PRESIDENTE NARMONOV:

FOMOS VÍTIMAS DE UMA GRANDE CONFUSÃO POR AQUI. RECEBEMOS INFORMAÇÕES SOBRE UMA CRISE POLÍTICA NA UNIÃO SOVIÉTICA. ESSAS INFORMAÇÕES ERAM FALSAS, MAS NOS CAUSARAM A MAIOR CONFUSÃO. ALÉM DISSO, OS OUTROS INCIDENTES TIVERAM UM EFEITO INCENDIÁRIO SOBRE OS DOIS LADOS.



— Isso é verdade.

— Pete, mande seu pessoal até lá o mais depressa que puder e prendam aquele homem!

Connor não podia dizer não, apesar do olhar que recebeu de Helen D'Agustino. Ligou para a sede do Serviço Secreto e transmitiu a mensagem.

— Ele pergunta: "*O que... o que você sugere?*"

PEÇO QUE CONFIEM EM NÓS E PERMITAM QUE CONFIEMOS EM VOCÊS. DEVEMOS AMBOS RECUAR DESTA CRISE. SUGIRO QUE TANTO VOCÊS QUANTO NÓS DEVEMOS REDUZIR OS NÍVEIS DE ALERTA DE NOSSAS FORÇAS ESTRATÉGICAS E DAR ORDENS PARA QUE TODAS AS TROPAS SE MANTENHAM EM SUA POSIÇÃO, OU SE AFASTEM DE QUALQUER UNIDADE SOVIÉTICA OU AMERICANA NAS PROXIMIDADES, E SE POSSÍVEL QUE TODOS OS COMBATES SEJAM SUSPENSOS IMEDIATAMENTE.

— E então? — indagou Ryan.

— Pode transmitir.

— Pode ser uma armadilha? — indagou o ministro da Defesa. — Não é possível que seja uma armadilha?

— Golovko?

— Acredito que é mesmo Ryan, e creio que ele é sincero... mas será que ele pode persuadir seu presidente?

O presidente Narmonov afastou-se por um momento, pensando na história, pensando em Nicolau II.

— Se reduzirmos o alerta de nossas forças...?

— Então eles poderão nos atacar, e nossa capacidade de retaliação estará reduzida à metade!

— Metade é suficiente? — perguntou Narmonov, avistando a saída, inclinando-se em sua direção, rezando para que a abertura fosse verdadeira. — Metade é suficiente para destruí-los?

— Bom... — O ministro da Defesa acenou com a cabeça. — Sem dúvida. Temos mais do que o dobro da quantidade necessária para destruí-los. E o que chamamos de sobremorte.

— Senhor, a resposta dos soviéticos é a seguinte: *"Ryan: Por ordem minha, enviada enquanto você recebe esta mensagem, as forças estratégicas soviéticas estão reduzindo seu nível de alerta. Manteremos nosso alerta defensivo por enquanto, mas reduziremos para um nível inferior o alerta das forças ofensivas, ainda assim mais alto que os padrões de tempo de paz. Se vocês acompanharem nossa iniciativa, proponho uma redução por etapas, ao longo das próximas cinco horas."*

Jack baixou a cabeça para o teclado, chegando a encostar em algumas teclas, os caracteres aparecendo na tela.

— Podem me dar um copo d'água? Estou com a garganta seca.

— Senhor presidente... — murmurou Fremont.

— O que é, general?

— Independente de como isso aconteceu, senhor, acho que é uma boa idéia.

Parte de Bob Fowler queria jogar a xícara de café na parede, mas ele se conteve. Não tinha importância, não é? Tinha, mas não desse jeito.

— O que recomenda?

— Senhor, só para termos certeza, esperamos até haver uma prova concreta da redução do nível de alerta deles. Quando isso acontecer, podemos recuar também. Para começar... de imediato... podemos revogar Snapcount, sem qualquer redução de nossa prontidão.

— General Borstein?

— Concordo com essa posição, senhor — respondeu a voz do Norad.

— General Fremont, aprovado.

— Obrigado, senhor presidente. Providenciaremos imediatamente. — O general Peter Fremont, da força aérea dos Estados Unidos, chefe do SAC, o comando aéreo estratégico, virou-

se para seu subchefe de operações, acrescentando: — Mantenha o alerta, os pássaros de prontidão, mas traga-os de volta ao solo. Os mísseis não ficarão mais engatilhados.

— Contato... direção três-cinco-dois... distância sete mil e seiscentos metros. Há vários minutos que eles esperavam por isso.

— Preparar tudo. Sem fios, ponto de ativação a quatro mil metros da saída.

Dubinín levantou os olhos. Não sabia por que o avião lá em cima ainda não desfechava outro ataque.

— Preparado! — anunciou o oficial bélico, um momento depois.

— Fogo! — ordenou Dubinín.

— Comandante, mensagem urgente chegando! — avisou o oficial de comunicações.

— É a mensagem que anuncia o fim do mundo. — O comandante suspirou. — Mas pelo menos efetuamos nossos disparos, não é?

Seria maravilhoso pensar que aquela ação salvaria vidas, mas ele sabia que não era bem assim. Apenas permitiria que as forças soviéticas matassem mais americanos, o que não era a mesma coisa. Tudo nas armas nucleares era terrível.

— Vamos mergulhar mais? Dubinín balançou a cabeça.

— Não. Eles parecem ter mais problemas com a turbulência da superfície do que eu esperava. É possível que fiquemos mais seguros aqui. Vamos para zero-nove-zero. Suspenda o radar ativo. Aumentar a velocidade para dez nós.

Outro ruído no rádio.

— Temos a mensagem... grupo de cinco letras: "Suspenda todas as hostilidades!"

— Profundidade de antena! Depressa!

A polícia mexicana mostrou-se extremamente cooperativa, e o espanhol de Clark e Chavez ajudou bastante. Quatro detetives à paisana da polícia federal aguardavam com os dois agentes da CIA no salão, enquanto quatro policiais uniformizados, com armas automáticas leves, ocupavam posições discretas nas proximidades.

— Não temos pessoal suficiente para fazer isso direito — comentou o chefe do destacamento mexicano, preocupado.

— É melhor prendê-los fora do avião — disse Clark.

— *Muy bien, señor*. Acha que eles podem estar armados?

— Não creio. Armas podem ser perigosas quando se está viajando.

— Isto tem alguma coisa a ver com... Denver? Clark virou-se e acenou com a cabeça.

— Achamos que sim.

— Será interessante ver como são esses homens.

O detetive referia-se a conhecê-los pessoalmente, pois já vira as fotografias. O DC-10 parou junto do portão, e cortou a potência de três motores. Avançou mais alguns metros, a fim de alinhar a porta.

— Eles viajam na primeira classe — informou John, desnecessariamente.

— *Si*. A companhia diz que há quinze passageiros de primeira classe, e foram avisados para esperarem em seus lugares por um momento. Como pode perceber, senhor Clark, conhecemos o nosso ofício.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Perdoe-me se dei essa impressão, *teniente*.

— Você é da CIA, não é?

— Não tenho permissão para dar esse tipo de informação.

— Neste caso, claro que é. O que vão fazer com eles?

— Conversaremos.

O atendente abriu a porta do jato. Dois agentes da polícia federal mexicana postaram-se á esquerda e à direita da porta, os paletós abertos. Clark rezou para que não houvesse tiroteio. Os passageiros começaram a desembarcar, e as saudações habituais foram gritadas da área de espera.

— Bingo! — murmurou Clark.

O tenente mexicano ajeitou a gravata, o sinal para os homens na porta. Eles deixaram os dois últimos passageiros da primeira classe saírem. Qati estava pálido, parecia doente, Clark notou. Talvez o vôo tivesse sido péssimo. Ele passou por cima da corda da

barreira. Chavez acompanhou-o, sorrindo e se dirigindo a um passageiro, que os fitava na maior perplexidade.

— Ernesto! — gritou John, avançando para o homem.

— Acho que está enganado...

Clark passou direto pelo homem que chegava de Miami. Ghosn foi lento na reação, entorpecido pelo vôo, relaxado pelo pensamento de que haviam escapado. Foi derrubado por trás antes que pudesse fazer qualquer movimento. Outro policial encostou o cano de um revólver em sua nuca. Foi algemado, antes de ser levantado.

— Essa não! — exclamou Chavez. — Você é o cara com os livros! Já nos encontramos antes, meu querido!

— Qati... — disse John ao outro prisioneiro. Os dois já haviam sido revistados. Não estavam armados. — Há anos que venho querendo encontrá-lo.

Clark pegou as passagens. A polícia recolheria a bagagem. Deixaram o local rapidamente. Os outros passageiros não saberiam que acontecera qualquer coisa de anormal até serem informados por parentes e amigos, poucos minutos depois.

— Um bom trabalho, tenente — comentou Clark.

— Como eu disse, conhecemos nosso ofício.

— Pode pedir a alguém para telefonar para a embaixada, e avisar que capturamos os dois vivos?

— Claro.

Os oito homens esperaram numa pequena sala, enquanto a bagagem era recolhida. Podia haver alguma prova ali, e não havia tanta pressa assim. O tenente da polícia mexicana examinou atentamente os rostos dos terroristas, mas nada viu de mais ou menos humano do que já encontrara nos rostos de centenas de assassinos. Era um tanto desapontador, embora ele fosse um policial bastante competente para saber que não deveria esperar por algo muito diferente. A bagagem foi revistada, mas além de algumas receitas médicas — foram conferidas e verificou-se que não eram de narcóticos — nada havia de anormal. A polícia emprestou um furgão para a ida até o Gulfstream.

— Espero que tenha apreciado sua estada no México — disse o tenente, ao se despedir.

— Mas o que está acontecendo aqui? — perguntou o piloto. Ele estava a paisana, mas era um major da força aérea.

— Explicarei de uma maneira bem simples — respondeu Clark. — Vocês, escoteiros do ar, levarão o avião até Andrews. O senhor Chavez e eu vamos entrevistar estes dois cavalheiros lá atrás. Não devem olhar, nem ouvir, nem pensar a respeito de qualquer coisa que aconteça lá atrás.

— Mas...

— Isso é um *pensamento*, major. E não quero que tenha qualquer *pensamento* a respeito. Preciso explicar de novo?

— Não, senhor.

— Então vamos sair logo daqui.

O piloto e o co-piloto foram para a frente. Os dois técnicos em comunicações sentaram diante de seus painéis, e puxaram a cortina que os separava da cabine principal.

Clark virou-se para ver seus dois hóspedes trocando um olhar. Isso não era bom. Ele tirou a gravata de Qati, passou-a por cima de seus olhos. Chavez fez a mesma coisa com o outro prisioneiro. Em seguida, os dois foram amordaçados. Clark foi até a frente do avião para pedir tampões para ouvido. Ao final, sentaram os prisioneiros tão apartados quanto as dimensões da cabine permitiam. John esperou que o avião decolasse antes de fazer qualquer coisa. Desprezava a tortura, mas precisava de informações agora, e estava disposto a fazer qualquer coisa para obtê-las.

— Torpedo na água!

— Oh, Deus, está bem atrás de nós! — Ricks virou-se. — Melhor velocidade possível, à esquerda para dois-sete-zero! Imediato, responda ao disparo!

— Certo, senhor! — gritou Claggett. — Um-oito-zero, ponto de ativação mil, profundidade de busca inicial sessenta.

— Pronto!

— Fogo!

— Três disparado, senhor.

Era uma tática padrão. O torpedo disparado na direção recíproca pelo menos forçava o inimigo a cortar os fios de controle

de sua arma. Ricks já estava no sonar.

— Perdi o transiente de lançamento, senhor, e também não peguei o peixe de imediato. Ruído de superfície...

— Será que ele mergulhou? — perguntou Ricks a Claggett.

— Esse ruído de superfície pode ser o nosso maior amigo.

— Muito bem, Claggett... você estava certo antes, eu deveria ter acionado o motor de popa.

— Mensagem urgente, senhor... Snapcount foi cancelado.

— Cancelado? — repetiu Ricks, incrédulo.

— Isso mesmo, senhor, cancelado.

— Não é uma boa notícia? — murmurou Claggett.

— Mas o que é isto? — perguntou o Tacco a si mesmo, pois a mensagem na sua mão não fazia o menor sentido.

— Senhor, finalmente localizamos o desgraçado.

— Mantenha o nosso curso.

— Mas ele disparou contra o *Maine*, senhor!

— Sei disso, mas não posso atacá-lo.

— Isso é um absurdo, senhor!

— Também acho — respondeu o Tacco, o oficial tático.

— Velocidade?

— Seis nós, senhor... sala de manobra informa que os rolamentos da haste se encontram em péssimas condições, senhor.

— Se forcarmos mais...

Ricks franziu o cenho, enquanto Claggett acenava com a cabeça.

— ... tudo pode se arrebentar. Acho que chegou o momento de recorrer a algumas contramedidas.

— Cuide disso.

— Sala de operações, lançar uma cortina de dispersão. — Claggett virou-se. — Não temos a velocidade necessária para efetuar uma volta eficiente.

— Calculo que a chance é meio a meio.

— Podia ser pior. Por que acha que cancelaram Snapcount? — indagou o imediato, sem desviar os olhos da tela do sonar.

— Creio que o perigo de guerra acabou... Não cuidei disso muito bem, não é?

— Mas que merda, comandante, quem poderia saber?

Ricks virou-se.

— Obrigado, imediato.

— O torpedo está agora ativo, irradiando e escutando, na direção um-seis-zero.

— Torpedo americano Mark 48, direção três-quatro-cinco, acaba de se tornar ativo!

— A frente com tudo, manter o curso — ordenou Dubinin.

— Contramedidas? — indagou o *starpom*. O comandante sacudiu a cabeça.

— Não, não... estamos próximos de seu alcance de alvo... e isso seria um motivo para que virasse em nossa direção. As condições da superfície ajudarão. Afinal, não deveríamos travar batalhas em tempo ruim. Afeta os instrumentos.

— Comandante, tenho um sinal de satélite... é uma mensagem para todas as forças: "Suspende o contato e recuar de quaisquer forças hostis, só agir em autodefesa."

— Serei levado à corte marcial — comentou Valentin Borissovich Dubinin, em voz baixa.

— Não fez nada de errado. Reagiu corretamente a cada...

— Obrigado. Espero que preste esse testemunho.

— Mudança no sinal, mudança na situação... o torpedo acaba de se desviar para oeste, afastando-se de nós — anunciou o tenente Rykov.

— A primeira volta programada devia ter sido para a direita.

— Graças a Deus não foi para a esquerda. Acho que vamos sobreviver. E agora, se ao menos a nossa arma pudesse errar o alvo...

— Senhor, continua a se aproximar. O torpedo deve estar em aquisição... e continua ativo.

— Menos de dois mil metros — disse Ricks.

— Isso mesmo — confirmou Claggett.

— Tente mais algumas contramedidas... sem parar.



A situação tática se agravava. O *Maine* não se deslocava com velocidade suficiente para assumir um curso evasivo que valesse a pena. As contramedidas enchiam o mar com bolhas, que podiam atrair o torpedo russo para um desvio — a única esperança real deles —, mas o fato terrível era que o peixe, ao passar por elas, podia encontrar o *Maine* de novo com seu sonar. Talvez uma cortina contínua daqueles alvos falsos saturasse o sensor. Era a melhor possibilidade que tinham agora.

— Vamos mantê-lo perto da superfície — acrescentou Ricks. Claggett olhou para ele, e acenou com a cabeça em compreensão.

— Não está funcionando, senhor... perdi o peixe, invisível agora!

— Levaram o barco à superfície — determinou Ricks. — Subida de emergência!

— Captura de superfície?

— E agora não tenho mais idéia, imediato.

— Virar à esquerda, paralelo ao mar?

— Certo. Faça isso. Claggett assumiu o comando.

— Levantar periscópio! — Ele deu uma rápida olhada e conferiu o curso do submarino. — Virar à esquerda para novo curso zero-cinco-cinco!

O *Maine* aflorou pela última vez num mar com ondas de dez metros, numa escuridão quase total. O casco circular se espojava nas ondas, foi lento para se virar.

As contramedidas haviam sido um erro. Embora o torpedo russo estivesse com o sonar ativo, era principalmente um seguidor de esteira. Seu sensor procurava bolhas, e a sucessão de contramedidas criara uma trilha perfeita, que cessou de repente. Quando aflorou, o *Maine* deixou o fluxo de bolhas. Outra vez os fatores envolvidos foram técnicos. A turbulência da superfície confundiu o sensor que seguia a esteira, e o torpedo iniciou o padrão programado de busca circular, pouco abaixo da superfície. Na terceira volta, encontrou um eco excepcionalmente forte, em meio às formas confusas por cima. O torpedo virou para se aproximar, agora ativando o sistema de detonação de influência magnética. A arma russa era menos sofisticada que o Mark 50 americano. Não podia subir além de vinte metros de profundidade, e assim não foi

atraída à superfície. O campo magnético ativo gerado foi projetado como uma teia de aranha invisível, e quando essa rede foi afetada pela presença de uma rede metálica...

A ogiva de mil quilos explodiu a quinze metros da popa já avariada do *Maine*. O submarino de vinte mil toneladas estremeceu como se tivesse sofrido uma colisão. Um alarme soou no mesmo instante:

— *Inundação, inundação, inundação na casa de máquinas!*

Ricks pegou o telefone.

— Muito grave?

— Tire todo mundo, senhor!

— Abandonar o barco! Pegar equipamento de sobrevivência!

Transmitir a mensagem: avariado e afundando, e dar nossa posição!

— Comandante Rosselli! Mensagem urgente chegando!

Ryan levantou os olhos. Tomara sua água, seguida por algo mais gelado e gasoso. Qualquer que fosse a mensagem, o oficial da marinha poderia cuidar.

— É o senhor Ryan? — indagou um homem de terno, com mais dois logo atrás.

— Doutor Ryan. Sou eu.

— Serviço Secreto, senhor. O presidente ordenou que viéssemos até aqui para prendê-lo.

Jack soltou uma risada.

— Por que motivo?

O agente se mostrou contrafeito no mesmo instante.

— Ele não disse, senhor.

— Não sou um policial, mas meu pai era. Acho que não pode me prender sem uma acusação. A lei, sabia? A Constituição. "Preservar, proteger e defender."

O agente ficou num dilema. Tinha ordens de alguém a quem devia obedecer, mas era profissional demais para violar a lei.

— Senhor, o presidente disse...

— Vamos fazer uma coisa. Continuarei sentado aqui, você pode falar com o presidente por aquele telefone, e descobrir qual é a acusação. Não vou sair daqui.

Jack acendeu outro cigarro e levantou outro telefone.

— Alô?

— Oi, meu bem.

— Jack, o que está acontecendo?

— Está tudo bem. Fiquei um pouco tenso, mas temos tudo sob controle agora, Cath. Acho que ficarei retido aqui por algum tempo, mas está tudo bem, Cathy, juro.

— Tem certeza?

— Preocupe-se apenas com esse novo bebê, não há mais nenhum outro problema. E isso é uma ordem.

— Estou atrasada, Jack. Apenas um dia, mas...

— Ótimo. — Ryan recostou-se na cadeira, fechou os olhos, sorriu satisfeito. — Quer uma menina, não é?

— Quero, sim.

— Então acho que eu também quero. Meu bem, ainda estou ocupado por aqui, mas juro que você já pode relaxar. Até mais tarde. Ele desligou. — Fico contente por ter me lembrado de fazer isso.

— Senhor, o presidente quer lhe falar. O agente estendeu o fone para Ryan.

*O que o faz pensar que quero falar com ele?*, Jack quase perguntou. Mas isso não seria uma atitude profissional. Ele pegou o fone.

— Ryan falando, senhor.

— Diga-me o que sabe — pediu Fowler, bruscamente.

— Senhor presidente, se me der mais uns quinze minutos, poderei apresentar um relato mais completo. Dan Murray, no FBI, sabe de tudo o que eu sei, e neste momento preciso entrar em contato com dois agentes. Está bem assim, senhor?

— Está.

— Obrigado, senhor presidente. — Ryan devolveu o fone, e fez uma ligação para o centro de operações da CIA. — Aqui é Ryan. Clark efetuou a captura?

— Senhor, esta é uma linha insegura.

— Não importa... responda à pergunta.

— Sim, senhor. Estão voando para cá neste momento. Não temos uma ligação direta com o avião, senhor. É da força aérea.

— Quem é o melhor homem para avaliar a explosão?

— Espere um momento. — O oficial de plantão transferiu a pergunta para o homem de Ciência & Tecnologia. — Ele diz que é o doutor Lowell, em Lawrence-Livermore.

— Traga-o para cá. A base aérea mais próxima deve ser a de Travis. Providencie o avião mais rápido.

Ryan desligou essa linha, e virou-se para o oficial mais graduado da Linha Quente.

— Há um VC-20 seguindo para Andrews, procedente da Cidade do México. Tenho dois agentes e dois... e duas outras pessoas a bordo. Preciso entrar em contato com esse avião. Peça a alguém para providenciar, por favor.

— Não posso fazer isso daqui, senhor. Terá de usar a sala de reuniões, no outro lado.

Ryan levantou-se, perguntando aos agentes do Serviço Secreto:

— Querem vir comigo?

Difícilmente poderia ser mais amargo, pensou Qati, mas um momento depois compreendeu que isso não era verdade. Há um ano que encarava a morte, e a morte por qualquer causa ainda era a morte. Se tivesse escapado... mas não escapara.

— Muito bem, vamos conversar.

— Não compreendo — disse Qati, em árabe.

— Tenho alguma dificuldade com o seu sotaque — respondeu Clark, sentindo-se muito esperto. — Aprendi a língua com um saudita. Fale devagar, por favor.

Qati permitiu-se ficar momentaneamente abalado pelo uso de sua língua natal. Decidiu responder em inglês, para demonstrar sua astúcia.

— Nunca lhe direi coisa alguma.

— Claro que vai dizer.

Qati sabia que tinha de resistir por tanto tempo quanto agüentasse. Valeria o preço.

## A VINGANÇA DE MODRED

Dubinin não tinha muita opção. Assim que se certificou de que o torpedo americano não mais o atingiria, levantou a antena para o satélite e transmitiu seu relatório. O Orion americano lançou bóias sonoras ativas ao seu redor, mas não o atacou, confirmando sua impressão de que cometera um crime pouco diferente de homicídio. Assim que o sinal foi recebido, ele fez a volta e seguiu na direção da explosão. Um marujo não poderia agir de outra forma.

PRESIDENTE FOWLER:

LAMENTO INFORMAR QUE UM SUBMARINO SOVIÉTICO, DEPOIS DE SER ATACADO, CONTRA-ATACOU UM SUBMARINO AMERICANO, POSSIVELMENTE AVARIANDO-O. PARECE QUE ISSO OCORREU POUCO ANTES DE EU TRANSMITIR A ORDEM DE RECUO. NÃO APRESENTO DESCULPAS POR ESSE ERRO. O INCIDENTE SERÁ INVESTIGADO, E SE OS FATOS JUSTIFICAREM, O COMANDANTE DE NOSSO SUBMARINO SERÁ PUNIDO COM TODO O RIGOR.

— E agora?

— Senhor presidente, acho que devemos acusar o recebimento da mensagem, agradecer e deixar isso de lado — respondeu Jack.

— Concordo. Obrigado.

A linha ficou muda de novo.

— Era o meu barco! — exclamou Rosselli.

— Lamento por isso — disse Ryan. — Já passei algum tempo em submarinos... com Bart Mancuso, diga-se de passagem. Por acaso o conhece?

— Ele é o comandante da flotilha em Bangor. Ryan virou-se.

— É mesmo? Eu não sabia. Sinto muito, comandante, mas o que mais podíamos fazer?

— Eu compreendo — murmurou Rosselli. — Com um pouco de sorte, talvez consigam resgatar a tripulação...

Jackson estava quase sem combustível, pronto para voltar. O *Theodore Roosevelt* tinha outra esquadrilha se preparando para decolar quando chegaram as novas ordens. O grupo de batalha imediatamente aumentou a velocidade, a fim de ampliar a distância entre as formações russa e americana. Não parecia a Jackson que estavam fugindo. O Hawkeye advertiu que os navios russos viravam para oeste... talvez a favor do vento, para o lançamento de aviões. Mas embora quatro caças já estivessem no ar, limitavam-se a orbitar sobre seu grupo de batalha, que continuou a seguir para oeste. Os radares de busca estavam ligados, mas os radares de mísseis desligados. Isso, ele sabia, era um sinal esperançoso.

*E assim termina a minha segunda guerra*, pensou Jackson, *se é que foi mesmo uma guerra...* Ele virou seu Tomcat, com Sanchez na ala. Outros quatro F-14s orbitariam ali, só para ficar de olho nas coisas, durante as próximas horas.

Jackson alcançou o porta-aviões bem a tempo de ver um helicóptero de resgate pousando na proa. Quando ele saiu do avião, já havia três homens no hospital do navio. Ele desceu para verificar quem eram, e o que acontecera. Poucos minutos depois, sabia que não pintaria mais nenhuma bandeira de vitória em seu avião. Não por algo assim.

A situação em Berlim se acalmou muito mais depressa do que qualquer um poderia imaginar. A coluna de reforço do 11º Regimento de Cavalaria Blindada percorrera apenas trinta quilômetros quando chegou a ordem de parar, e saiu da auto-estrada para esperar. Dentro de Berlim, a brigada americana recebeu o

comunicado primeiro, recuando para a parte oeste de seu setor. Os russos avançaram mais um pouco com a infantaria desmontada, a fim de descobrir o que estava acontecendo, mas logo permaneceram em suas posições, tensamente, sem ordens para reiniciar o ataque. Não demorou muito para que toda a área fosse

ocupada por carros da polícia, para grande perplexidade dos soldados. Vinte minutos depois que os americanos começaram a recuar, as comunicações com Moscou foram restabelecidas, e os russos também recuaram, para suas posições defensivas. Diversos cadáveres inexplicáveis foram encontrados, inclusive os do comandante e do subcomandante do regimento, além de três homens da guarnição de um tanque, todos mortos com tiros de revólver. Mas a descoberta mais importante foi a de um policial de Berlim, o primeiro a examinar o caminhão e o carro oficial destruídos pelo canhão de 25 mm de um Bradley. Os "russos" estavam todos mortos, mas nenhum tinha a placa de identidade. O policial pediu ajuda, que foi enviada prontamente. Dois dos rostos pareciam familiares ao policial, embora não conseguisse se lembrar de onde os conhecia.

— Jack...

— Oi, Arnie. Sente-se.

— O que aconteceu, Jack?

Ryan balançou a cabeça. Seu estado mental era de confusão. A razão lhe dizia que sessenta mil pessoas haviam morrido, mas apesar disso o alívio por ter evitado algo cem vezes pior deixara-o meio inebriado.

— Ainda não sei direito, Arnie. Você já conhece a parte importante.

— O presidente está uma fera. Um grunhido.

— Devia tê-lo ouvido há duas horas. Ele perdeu o controle, Arnie.

— Foi tão grave assim?

Jack confirmou com um aceno de cabeça.

— Foi, sim. — Uma pausa. — Talvez pudesse acontecer com qualquer um, talvez não se possa esperar que um homem agüente tal coisa, mas... mas era a função dele.

— Sabe, ele me disse uma ocasião que se sentia grato a Reagan e aos outros por causa das mudanças, pelo fato de que algo assim não era mais possível.

— Enquanto essas armas existirem, Arnie, sempre será possível.

— Defende o desarmamento?

Ryan levantou os olhos. A vertigem já passara.

— Perdi as ilusões há muito tempo. Só estou dizendo que é possível, e por isso é sempre melhor pensar a respeito. Ele não pensava. Nem sequer se interessava pelos jogos de guerra que promovíamos. Estava convencido demais de que nunca aconteceria. Pois aconteceu, não é?

— Como Liz se saiu?

— Não me pergunte. O Chefe precisava de bons conselhos, e não obteve nenhum dela.

— E de você?

— Ele não quis me escutar, e acho que foi em parte por culpa minha.

— Mas já acabou. Jack tornou a acenar com a cabeça.

— Tem razão, já acabou.

— Ryan, ligação para você.

Jack pegou o telefone.

— Ryan falando. Certo. Fale mais devagar. — Ele escutou por vários minutos, tomando anotações. — Obrigado, John.

— O que era?

— Uma confissão. O helicóptero está pronto?

— A espera — respondeu um dos agentes do Serviço Secreto. — No outro lado.

O helicóptero era um VH-60. Ryan embarcou e afivelou o cinto de segurança, acompanhado por Van Damm e três agentes. O helicóptero levantou vôo no mesmo instante. O céu começava a clarear. O vento ainda era forte, mas já se podiam avistar estrelas a oeste.

— Onde está o vice-presidente? — perguntou Van Damm.

— No PCAEN — respondeu um agente. — Lá permanecerá por mais seis horas, até termos certeza de que acabou mesmo.

Jack nem ouviu. Usava os protetores de ouvidos, recostou-se e ficou olhando para o espaço. O helicóptero tinha até um bar, ele viu. Era uma ótima maneira de viajar.

— Eles queriam iniciar uma guerra nuclear? — indagou Chavez.



— Foi o que disseram.

Clark lavou as mãos. Não fora tão ruim assim. Quebrara apenas quatro dedos de Qati. Era a maneira como se trabalhava os dedos quebrados que realmente importava. Ghosn — sabiam agora o seu nome — exigira um pouco mais de esforço, mas as duas histórias eram quase idênticas.

— Também ouvi, mas...

— É isso aí. Uns filhos da puta ambiciosos, hem?

Clark pôs alguns cubos de gelo num saco, e voltou para ajeitar sobre a mão de Qati. Já obtivera as informações, e não era um sádico. A iniciativa mais sensata, ele pensou, seria empurrá-los para fora do avião, aqui e agora, mas não lhe cabia a decisão. Os dois terroristas estavam algemados em seus assentos. Clark sentou numa poltrona mais atrás, a fim de poder vigiá-los. A bagagem também se encontrava ali. Ele decidiu revistá-la, agora que dispunha de tempo.

— Olá, Ryan — disse o presidente, sem se levantar. — Oi, Arnie.

— Um dia horrível, Bob — murmurou Van Damm.

— Péssimo. — O homem envelhecera. Parecia um clichê, mas era verdade. A pele estava amarelada, as olheiras profundas e escuras. Embora fosse normalmente um homem impecável, Fowler tinha agora os cabelos desgrenhados. — Ryan, você os pegou?

— Dois agentes nossos os capturaram na Cidade do México. Seus nomes são Ismael Qati e Ibrahim Ghosn. Sabe quem é Qati. Nós o procuramos há muito tempo. Ele participou de atentados a bomba em Beirute, de dois seqüestras de avião, e muitas outras coisas, principalmente contra Israel. Ghosn é um dos seus homens, engenheiro por profissão. Conseguiram de alguma forma fabricar a bomba.

— Com o patrocínio de quem? — perguntou o presidente.

— Nós... isto é, o nosso homem... teve de se empenhar para lhes arrancar essa informação. Senhor, isso é uma violação técnica...

Os olhos de Fowler faiscaram, adquirindo vida.

— Eu os perdô! Diga logo!

— Senhor, eles disseram que a... ahn... operação foi financiada e apoiada pelo Aiatolá Mahmoud Haji Daryaei.

— Irã.

Não era uma pergunta, era uma afirmação. Os olhos de Fowler tornaram-se mais animados.

— Correto. Como sabe, o Irã não se sente muito satisfeito pelo fato de nossas ações no golfo terem dado certo, e... Senhor, segundo o nosso pessoal, eles disseram o seguinte: era um plano em duas partes. A parte um era a bomba em Denver. A parte dois era um incidente em Berlim. Havia outro homem trabalhando com eles, Günther Bock, que pertencia à Facção do Exército Vermelho. Sua esposa foi presa pelos alemães no ano passado, e posteriormente se enforcou. O objetivo, senhor presidente, era nos levar e aos russos a uma guerra nuclear... ou pelo menos deteriorar tanto nossas relações que a situação no golfo reverteria ao caos. Isso serviria aos interesses do Irã... ou assim Daryaei pensa.

— Como eles obtiveram a arma?

— Disseram que é israelense... era israelense. E evidente que foi perdida em 1973. Temos de confirmar isso com os israelenses, mas faz sentido. O plutônio saiu do rio Savannah, e provavelmente é parte de uma grande quantidade que desapareceu há alguns anos. Há muito que desconfiávamos que a primeira geração de armas nucleares israelenses fora fabricada com material obtido aqui.

Fowler levantou-se.

— Está me dizendo que foi esse mulo doido quem fez isso... e matar cem mil americanos não era suficiente? *Ele queria também desencadear unia guerra nuclear!*

— Essa é a informação, senhor.

— Onde ele está?

— Para ser franco, senhor presidente, sabemos muita coisa a seu respeito. Ele tem apoiado vários grupos terroristas, como já sabe. Foi a voz islâmica mais alta contra o Tratado do Vaticano, mas perdeu bastante prestígio quando o plano começou a dar certo, e isso não contribuiu em nada para melhorar sua disposição. Daryaei vive em Qum, no Irã. Sua facção política vem perdendo algum poder, e já houve um atentado contra sua vida.

— A história deles é plausível?

— É, sim, senhor presidente.

— Acha que Daryaei seria capaz de tal coisa?  
— Oficialmente, senhor, tenho de responder que sim.  
— Onde ele mora em Qum?  
— E esse o problema. Ele se muda a todo instante. Quase foi morto no ano passado, e aprendeu com isso. Nunca dorme no mesmo lugar duas vezes, pelo que fomos informados. Permanece na mesma parte da cidade, mas não posso indicar uma localização melhor do que mais ou menos dois quilômetros.  
— Foi ele quem fez isso?  
— É o que parece, senhor presidente. São os nossos melhores dados.  
— Mas não pode localizá-lo por menos que um raio de dois quilômetros.  
— Isso mesmo, senhor.  
Fowler refletiu a respeito por alguns segundos, antes de falar; mas quando se manifestou, o sangue de Ryan se transformou em gelo.

PRESIDENTE NARMONOV:  
CAPTURAMOS OS TERRORISTAS E DETERMINAMOS A  
EXTENSÃO DA OPERAÇÃO...

— Isso é possível?  
— Eu diria que sim — respondeu Golovko. — Daryaei é um fanático. E odeia os americanos.  
— Aqueles *bárbaros*, tentaram nos levar a...  
— Vamos deixar que eles cuidem do problema como quiserem  
— aconselhou Golovko. — Foram eles que sofreram as piores perdas.  
— Sabe o que ele vai querer fazer?  
— Sei, sim, camarada presidente, como você também sabe.

PRESIDENTE FOWLER:  
NA DEPENDÊNCIA DO EXAME DAS PROVAS, ACEITAREI SUA  
ÚLTIMA MENSAGEM COMO UM FATO. LAVAMOS AS NOSSAS MÃOS  
NESTE CASO. QUALQUER QUE SEJA A AÇÃO QUE JULGAR

NECESSÁRIA, NÃO VAMOS OBJETAR, NEM AGORA, NEM NO FUTURO. AQUELES LOUCOS ESTAVAM DISPOSTOS A NOS DESTRUIR. AO INFERNO COM ELES.

— Por Deus, Andruska! — murmurou Ryan isso e *uma declaração expressa!* O presidente Fowler leu a mensagem na tela sem dizer nada. Ryan ficara com a impressão de que Narmonov mantivera o controle de suas emoções, mas agora o inverso parecia verdadeiro. Fowler sentou em sua cadeira, firme como uma rocha, correndo os olhos calmos pela sala.

— O mundo aprenderá uma lição com isso — disse ele. — Cuidarei para que ninguém jamais tente algo assim de novo.

Outra linha se acendeu.

— Senhor presidente, é do FBI.

— Pode falar.

— Senhor presidente, aqui é Murray. Acabamos de receber uma mensagem urgente da *Bundeskriminalamt...* é a polícia criminal federal alemã. Encontraram o corpo de um certo Günther Bock na parte oriental de Berlim, vestido no uniforme de um coronel do exército russo. Havia nove outros homens vestidos da mesma forma, um dos quais, ao que tudo indica, era um ex-coronel da Stasi. As informações que recebemos de Qati e do outro estão confirmadas por esse lado, senhor.

— Murray, quero uma opinião. Você acredita nas confissões?

— Falando em termos gerais, senhor, quando apertamos esses homens, eles cantam como canários. Não é igual à Máfia, não existe a lei da *omertà*.

— Obrigado, senhor Murray. — Fowler olhou para Ryan. — O que acha?

— Parece que as informações deles são verdadeiras.

— Ou seja, concordamos por uma vez. — Fowler apertou o botão para o SAC. — General Fremont?

— Pois não, senhor presidente?

— Em quanto tempo pode alterar o alvo de um míssil? Quero atacar uma cidade no Irã.

— O quê?

— Deixarei o vice-diretor Ryan explicar.

— Mas que filhos da puta! — gritou Fremont, para todos na sala.

— Tem toda a razão, general, e tenciono pegar o homem que foi o responsável por isso, e pegá-lo de tal maneira que dará um recado que ninguém jamais esquecerá. O líder do Irã cometeu um ato de guerra contra os Estados Unidos da América. Tenciono responder exatamente na mesma proporção de seu ato. Quero que um míssil seja apontado para Qum. Quanto tempo vai demorar?

— Dez minutos pelo menos, senhor. Preciso... ahn... verificar com meu pessoal de operações. — O comandante do SAC baixou a alavanca de seu microfone. — Oh, Deus!

— Pete — disse o subcomandante de operações —, ele está certo. O filho da puta quase matou a todos nós... a nós e aos russos! Pelo benefício político!

— Não gosto disso...

— Mas tem de apontar o pássaro. Sugiro um Minuteman-III, de Minot. As três ogivas destruirão a cidade. Precisarei de dez minutos. Fremont acenou com a cabeça.

— Pode esperar um pouco, senhor presidente.

— Não, não vou esperar. Sabe o que eles fizeram, Ryan, sabe por que eles o fizeram. Foi um ato de guerra...

— Um ato de terrorismo, senhor.

— O terrorismo patrocinado pelo Estado é guerra... você mesmo disse isso num ensaio há seis anos!

Jack não sabia que Fowler lera seu trabalho, e ficou surpreso ao ser bombardeado com seu próprio argumento.

— E verdade, senhor, eu disse isso, mas...

— Aquele *santo homem* tentou matar... mais do que isso, matou milhares de americanos, e tentou nos levar e aos russos a matar mais duzentos milhões! E quase conseguiu!

— Isso também é verdade, senhor, mas...

Fowler levantou a mão para interrompê-lo, e continuou a falar, com a voz plácida de um homem que já tomara sua decisão:

— Foi um ato de guerra. Responderei da mesma forma. Já está decidido. Sou o presidente. Sou o comandante-em-chefe. Sou eu quem avalia e age em defesa da segurança dos Estados Unidos. E decido o que os militares deste país devem fazer. Aquele homem exterminou milhares de cidadãos de nosso país, usando uma arma nuclear. Já decidi que responderemos da mesma forma. Pela Constituição, é o meu direito e meu dever.

— Senhor presidente — interveio Van Damm —, o povo americano... A ira de Fowler aflorou, mas apenas por um breve instante.

— *O povo americano vai exigir que eu faça isso!* Mas esse não é o único motivo. Tenho de agir. Tenho de responder... para ter certeza de que nunca mais acontecerá!

— Por favor, senhor, pense bastante.

— Já pensei, Arnold.

Ryan olhou para Pete Connor e Helen D'Agustino. Os dois ocultavam seus sentimentos com uma extraordinária habilidade. O resto da sala aprovava a decisão de Fowler, e Jack já sabia que não era o homem mais indicado para argumentar com o presidente. Ele olhou para o relógio, e se perguntou o que aconteceria em seguida.

— Senhor presidente, aqui é o general Fremont.

— Estou ouvindo, general.

— Senhor, apontamos um míssil Minuteman-III, em Dakota do Norte, para o alvo especificado. Eu... pensou bastante a respeito, senhor?

— General, sou o seu comandante-em-chefe. O míssil está pronto para ser lançado?

— A seqüência de lançamento levará cerca de um minuto, senhor, a partir do momento em que der a ordem.

— A ordem está dada.

— Senhor, não é tão simples assim. Preciso de uma confirmação de identidade. Foi informado sobre o procedimento, senhor.

Fowler tirou sua carteira do bolso e removeu um cartão de plástico, muito parecido com um cartão de crédito. Havia nele dez grupos diferentes de oito algarismos. Apenas Fowler sabia qual deveria ler.

— Três-Três-Seis-Zero-Quatro-Dois-Zero-Nove.

— Senhor, confirmo seu código de identificação. Agora, senhor presidente, a ordem deve ser confirmada.

— Como?

— Aplica-se a regra de dois homens, senhor. No caso de um ataque aberto, posso ser o segundo homem, mas como não é o que ocorre agora, alguém em minha lista deve confirmar a ordem.

— O chefe da minha assessoria está aqui ao meu lado.

— Negativo, senhor. A norma é de só incluir na lista uma autoridade eleita ou alguém aprovado pelo Congresso... isto é, pelo Senado... para um posto no gabinete.

— Eu estou na lista — disse Ryan.

— E o doutor Ryan, vice-diretor da CIA?

— Correto, general.

— Vice-diretor Ryan, aqui é o comandante do SAC — disse o general Fremont, numa voz estranhamente parecida com a robótica que era usada para transmitir as ordens do SAC. — Senhor, recebi uma ordem de lançamento nuclear. Preciso que confirme essa ordem, mas primeiro devo verificar também sua identidade. Pode fazer o favor de ler seu código de identificação?

Jack pegou o cartão e leu seu grupo de código. Podia ouvir Fremont ou um de seus homens folhear as páginas de um livro.

— Senhor, confirmo sua identificação como doutor John Patrick Ryan, vice-diretor da CIA.

Jack olhou para Fowler. Se não o fizesse, o presidente recorreria a outra pessoa. Era realmente simples assim, não é? E se Fowler estava errado... mas será que ele estava mesmo errado?

— A responsabilidade é minha, Jack — disse Fowler, parado ao lado, pondo a mão no ombro de Ryan. — Você só precisa confirmar.

— Doutor Ryan, aqui é o comandante do SAC. Repito, senhor, recebi uma ordem de lançamento nuclear do presidente, e preciso da confirmação.

Ryan olhou para seu presidente, depois inclinou-se para o microfone. Fez um esforço para que a respiração acelerada lhe permitisse falar:

— Comandante do SAC, aqui é John Patrick Ryan. Sou o vice-diretor da CIA. — Jack fez uma pausa, depois acrescentou, rapidamente: — Senhor, *não* confirmo essa ordem. Repito, general, essa *não é* uma ordem de lançamento válida. Acuse o recebimento imediatamente!

— Senhor, registro negativa para a ordem.

— Correto — disse Jack, a voz se tornando mais forte. — General, é meu dever informá-lo de que, em minha opinião, o presidente não está, repito, não está no pleno domínio de suas faculdades. Recomendo que leve isso em consideração, se for tentada outra ordem de lançamento.

Jack comprimiu as mãos sobre a mesa, respirou fundo, e empertigou-se bruscamente. Fowler foi lento para reagir, mas logo aproximou o rosto de Jack.

— Ryan, eu lhe ordeno...

As emoções de Jack explodiram uma última vez:

— A fazer o quê? Matar cem mil pessoas... e por quê?

— O que eles tentaram fazer...

— O que você quase permitiu que fizessem! — Jack espetou um dedo no peito do presidente. — Foi você quem armou toda essa confusão! Foi você quem nos levou à beira do abismo... e agora o verdadeiro motivo para que se mostre disposto a massacrar uma cidade inteira é a sua raiva, porque se sente com o orgulho ferido, e quer se vingar. Quer mostrar a eles que ninguém pode fazer uma coisa assim com você! *Não é esse o verdadeiro motivo? NÃO É?*

Fowler empalideceu. Ryan baixou a voz para acrescentar:

— Precisa de um motivo melhor do que esse para matar pessoas. E falo com conhecimento de causa. Tive de fazer isso. Já matei pessoas. Quer esse homem morto, nós podemos fazer isso, mas eu não vou ajudá-lo a matar mais cem mil pessoas apenas para liquidar o único homem de quem quer se vingar.

Ryan recuou. Largou seu cartão de identificação em cima da mesa e deixou a sala.

— Santo Deus! — murmurou Chuck Timmons.



Haviam ouvido a discussão pelo microfone quente. Todos no quartel-general do SAC ouviram.

— E isso mesmo, agradeça a Ele — disse Fremont. — Mas, primeiro, vamos desativar aquele míssil!

O chefe do comando aéreo estratégico teve de pensar por um momento. Não podia se lembrar se o Congresso se encontrava ou não em sessão, mas isso era irrelevante. Ele mandou que seu oficial de comunicações ligasse para os presidentes das duas casas e para os presidentes dos comitês das forças armadas no Senado e na Câmara. Quando todos os quatro estivessem na linha, ele providenciaria uma ligação de conferência para o vice-presidente, que ainda se encontrava a bordo do PCAEN.

— Jack...

Ryan virou-se.

— O que é, Arnie?

— Por quê?

— E por isso que se usa a norma dos dois homens. Há cem mil pessoas naquela cidade... provavelmente mais, não me lembro de seu tamanho. — Jack olhou para o céu claro e frio lá fora. — Não posso arcar com esse peso em minha consciência. Se precisamos de Daryaei morto, há outros meios. — Jack soprou a fumaça para o vento. — E o filho da puta estará igualmente morto.

— Acho que você tinha razão. Quero que saiba disso. Jack virou-se.

— Obrigado, senhor. — Uma pausa prolongada. — Onde está Liz, por falar nisso?

— Continua na cabana, sob sedativos. Ela não se mostrou à altura da situação, não é?

— Arnie, ninguém esteve hoje. Acima de tudo, tivemos sorte. Pode dizer ao presidente que minha renúncia entra em vigor... a partir de sexta-feira, eu acho. Um dia tão bom quanto outro qualquer. Alguém mais terá de sugerir quem pode ser meu substituto.

O chefe da assessoria permaneceu em silêncio por um momento, depois abordou a questão principal:

— Sabe o que começou, não é?

— Uma crise constitucional, Arnie? — Jack jogou a ponta do cigarro na neve. — Não é a minha primeira, Arnie, não é a minha primeira. E, agora, preciso pegar aquele helicóptero para voltar a Andrews.

— Pode deixar que cuidarei disso.

Haviam acabado de entrar no espaço aéreo americano quando um pensamento ocorreu a John Clark. Havia medicamentos na bagagem de Qati. Um deles era Prednizona, e outro era Compazina. Prednizona era um esteróide... usado com freqüência para atenuar os efeitos adversos de... Clark levantou-se e foi examinar Qati. Embora ainda vendado, dava para perceber que o homem estava diferente de suas fotos mais recentes, mais magro, os cabelos... o homem tinha câncer, concluiu Clark. O que isso podia significar? Ele foi para o rádio e transmitiu a informação.

O Gulfstream chegou com alguns minutos de atraso. Ryan foi despertado no sofá do salão VIP, no setor sul do complexo de Andrews. Murray estava ao seu lado, ainda acordado. Três veículos do FBI aguardavam ali. Clark, Chavez, Qati e Ghosn foram embarcados neles, e o comboio de carros com tração nas quatro rodas seguiu para Washington.

— O que vamos fazer com eles? — perguntou Murray.

— Tenho uma idéia, mas primeiro precisamos providenciar uma coisa.

— O quê, exatamente?

— Tem uma sala de interrogatório no Edifício Hoover?

— Não, mas temos no escritório local de Washington — respondeu Murray. — Seu agente disse a declaração de Miranda para eles?

— Claro. Mandei que ele fizesse isso, um momento antes de começar a arrancar seus colhões.

Ryan virou a cabeça ao ouvir um ruído alto. O PCAEN pousava na mesma pista zero-um de onde decolara, cerca de dez horas antes. Deviam ter cancelado os sistemas estratégicos mais cedo do que o previsto, pensou Jack.

O *Almirante Lunin* aflorou à superfície, em meio às bóias de iluminação e fumaça lançadas pelo P-3. Era longe demais para a ajuda de um avião de resgate, pelo menos com aquele tempo. O mar ainda não se acalmara, e a claridade era precária, mas o barco de Dubinin era o único na área, e ele fez o melhor que podia para iniciar as operações de resgate.

\* \* \*

A sala de interrogatório tinha três metros por três, com uma mesa ordinária e cinco cadeiras também ordinárias. Não havia o espelho que permitia a visão pelo outro lado. Há muito que esse expediente fora superado. Em vez disso, dois cabos de fibra ótica saíam da sala e se ligavam a câmeras, um do interruptor de luz, e o outro do que parecia ser um buraco de prego no umbral.

Os dois terroristas foram sentados, parecendo ainda pior pelo cansaço. Os dedos quebrados de ambos constituíam uma ofensa para a ética profissional do FBI, mas Murray decidiu ignorar o problema. Clark e Chavez saíram para buscar café.

— Como já devem ter compreendido — disse Ryan —, vocês fracassaram. Washington ainda existe.

— E Denver? — perguntou Ghosn. — Já sei sobre Denver.

— Tem razão, conseguiram fazer alguma coisa ali, mas as partes culpadas já pagaram.

— Como assim? — indagou Qati.

— Qum não existe mais. Seu amigo Daryaei está agora explicando seus crimes a Alá.

Eles estavam cansados demais, pensou Ryan. A fadiga era a pior inimiga dos homens, ainda mais do que a dor persistente na mão de Qati. O terrorista não demonstrou qualquer horror. E seu erro seguinte foi ainda pior.

— Vocês converteram em inimigo todo o Islã. Tudo o que fizeram para promover a paz na região não valerá mais nada por causa disso!

— Era esse seu objetivo? — perguntou Ryan, com uma surpresa considerável, um pouco recuperado com as duas horas de sono que tivera. — Era isso o que vocês queriam? Oh, meu Deus!

— Seu deus? — murmurou Qati, desdenhoso.

— O que houve com Marvin Russell? — perguntou Murray.

— Nós o matamos — respondeu Qati. — Ele era um mero infiel. Murray olhou para Ghosn.

— E verdade? Mas ele não era um hóspede em seu acampamento?

— Ele passou alguns meses conosco. A ajuda do idiota era indispensável.

— E vocês o assassinaram.

— Isso mesmo, junto com mais duzentas mil pessoas.

— Não há um versículo no Corão que diz mais ou menos o seguinte: "Se um homem entra em sua tenda e come seu sal, mesmo que seja um infiel, você o protegerá"? — indagou Jack.

— Citou errado... e que importância dá ao Corão?

— Pode ter uma surpresa e tanto.

## A BRISA NOTURNA

A ligação seguinte de Ryan foi para Arnie van Damm. Explicou o que descobrira.

— Santo Deus! Quer dizer que eles estavam dispostos a...

— Isso mesmo, e quase deu certo — confirmou Ryan, a voz rouca. — Muito hábil, não é?

— Contarei a ele.

— Tenho de informar isso, Arnie. Não posso deixar de contar ao vice-presidente.

— Eu compreendo.

— Só mais uma coisa.

— O que é?

O pedido de Ryan foi aprovado em grande parte porque ninguém tinha uma idéia melhor. Depois que os dois terroristas tiveram as mãos tratadas, foram levados para celas separadas na sede do FBI.

— O que você acha, Dan?

— E... ora, Jack, onde estão as palavras para algo assim?

— O homem tem câncer — disse Clark. — E pensa que se tem de morrer... por que não uma porção de outras pessoas também? Um filho da puta devotado, não acham?

— Não temos um estatuto federal de pena de morte, não é?

— Não, e o Colorado também não tem. — Murray demorou um momento para compreender onde Ryan queria chegar. — Ahn...

Golovko teve uma considerável dificuldade para descobrir Ryan pelo telefone. O relatório do dr. Moiseyev em sua mesa, em meio a todas as outras coisas, o deixara confuso, mas foi fácil marcar o encontro, depois que soube dos planos de Jack.

Talvez a única boa notícia da semana fosse o resgate. O *Almirante Lunin* entrou no porto de Kodiak ao amanhecer. Descarregou seus hóspedes no píer. Da tripulação de cento e cinqüenta e sete pessoas do *Maine*, talvez uma centena conseguira escapar antes que o submarino fosse tragado pelo mar. Dubinin e seus tripulantes haviam resgatado oitenta e um americanos, e recuperado onze corpos, um dos quais era o do comandante Harry Ricks. Os profissionais consideraram que fora um feito extraordinário de habilidade náutica, embora os meios de comunicações deixassem de cobrir a história antes que o submarino soviético voltasse ao mar. Um dos primeiros a telefonar para casa foi o guarda-marinha Ken Shaw.

\* \* \*

Acompanhando-os no vôo que partiu de Andrews estava o dr. Woodrow Lowell, do laboratório Lawrence-Livermore, um homem enorme e barbudo, conhecido pelos amigos como Vermelho, por causa dos cabelos. Ele passara seis horas em Denver, avaliando o padrão dos danos.

— Tenho uma pergunta — disse-lhe Jack. — Como as estimativas da potência puderam ser tão exageradas? Isso quase nos fez pensar que os russos eram culpados.

— Era um estacionamento — respondeu Lowell. — Feito de macadame, uma mistura de cascalho e asfalto. A energia da bomba liberou vários complexos de hidrocarbonos da camada superior da pavimentação, ateando-lhe fogo... como se fosse uma enorme bomba explosiva, usando o ar como combustível. O resultado foi uma frente de chama com o dobro da bola de fogo nuclear. Acrescente-se a isso o fato de que a cobertura de neve refletiu uma grande parte da energia, e se tem um vasto aumento da aparente energia liberada. Teria enganado qualquer um. Depois, a pavimentação teve outro efeito. Irradiou o calor residual muito depressa. Em suma, a assinatura de energia foi muito maior do que a potência justificava. E agora você quer ouvir a má notícia?

— Claro.

— A bomba foi um chabu.

— O que isso significa?

— Significa que deveria ter sido muito maior, e não sabemos por quê. Os resíduos da bomba estavam impregnados de trítio. A carga projetada era pelo menos dez vezes maior.

— Está querendo dizer...

— Isso mesmo. Se funcionasse direito...

— Ou seja, tivemos sorte, não é?

— Se chama a isso de sorte, é verdade.

Jack conseguiu, de alguma forma, dormir durante a maior parte do voo.

O avião pousou em Beersheba na manhã seguinte. Militares israelenses estavam à espera, e conduziram todos para Jerusalém, em comboio. A imprensa descobrira alguma coisa do que estava acontecendo, mas não o suficiente para incomodá-los, não numa base segura da força aérea israelense. Isso só ocorreria mais tarde. O príncipe Ali ibn Sheik aguardava na frente do prédio VIP.

— Alteza. — Jack cumprimentou-o com um aceno de cabeça. — Obrigado por ter vindo.

— Como eu poderia deixar de vir?

Ali estendeu-lhe um jornal. Jack deu uma olhada na manchete.

— Não pensei que permaneceria em segredo por muito tempo.

— Quer dizer que é verdade?

— E, sim, senhor.

— E você impediu?

— Impedi? — Ryan deu de ombros. — Eu apenas não... Era uma mentira, Ali. Tive sorte de adivinhar... não, isso não é verdade. Só mais tarde é que fui saber. Acontece apenas que eu não podia acrescentar meu nome a uma

coisa assim, isso é tudo. Mas agora já não tem mais importância, Alteza. Há algumas coisas que preciso fazer. Vai nos ajudar?

— Com qualquer coisa, meu amigo.

— Ivan Emmettovich! — chamou Golovko. Apontando para Ali, ele acrescentou: — Sua Alteza Real.

— Sergei Nikolayevich, A vi.

O russo aproximou-se com Avi Ben Jakob ao seu lado.

— Jack — disse Clark —, não deveriam escolher um lugar melhor? Um disparo de morteiro poderia fazer um grande estrago, entende?

— Venham comigo — convidou Avi, levando-os para o interior da construção.

Golovko informou-os sobre o que tinha acontecido.

— O homem ainda está vivo? — perguntou Ben Jakob.

— Sofrendo todas as dores do inferno, mas permanecerá vivo por mais alguns dias.

— Não posso ir a Damasco — ressaltou Avi.

— Nunca nos contaram que haviam perdido uma arma nuclear — disse-lhe Ryan.

— Como assim?

— Sabe muito bem o que estou querendo dizer. A imprensa ainda não descobriu, mas acabará sabendo de tudo dentro de um ou dois dias. Nunca nos informaram o que perderam por lá, Avi. Compreende o que isso poderia ter significado para nós?

— Presumimos que desaparecera para sempre. Bem que a procuramos, mas em vão.

— Uma questão de geologia — explicou o dr. Lowell. — As colinas de Golan são vulcânicas, com muita rocha basáltica, o que acarreta uma contagem de solo alta, e é muito difícil procurar num lugar... mas ainda assim deveriam ter nos informado. Temos alguns recursos novos em Livermore, coisas que só são do conhecimento de poucas pessoas.

— Lamento muito, mas agora está feito — disse o general Ben Jakob. — Quer dizer que vão voar para Damasco?

Usaram o avião do príncipe Ali, um Boeing 727 particular, cuja tripulação, Jack soube, era exclusivamente composta por ex-pilotos da esquadrilha presidencial. Era ótimo viajar de primeira classe. A missão era secreta, e os sírios cooperaram. Representantes das embaixadas americana, soviética e saudita participaram de uma breve reunião no Ministério do Exterior sírio, e depois foram para o hospital.



Ele fora um homem poderoso, Jack podia perceber, mas agora se consumia como um cadáver, carne podre. Apesar do tubo de oxigênio por baixo do nariz, a pele estava quase azul. Todos os visitantes tinham de usar equipamento protetor, e Ryan teve o cuidado de se manter recuado. Ali conduziu o interrogatório.

— Sabe por que estou aqui?

O homem acenou com a cabeça.

— Como espero que vá se encontrar com Alá, deve me contar tudo o que sabe.

A coluna do 10º Regimento de Cavalaria Blindada correu do Negev para a fronteira do Líbano. Por cima, seguia uma esquadrilha completa de F-16s e outra de Tomcats, do *Theodore Roosevelt*. O exército sírio também dispôs as suas tropas, embora sua força aérea permanecesse fora do ar. O Oriente Médio aprendera sua lição com o poderio aéreo americano. A exibição de força era maciça e inequívoca. O resto do mundo estava excluído: ninguém mais podia se intrometer. Os veículos avançaram pelo território pequeno e maltratado, acabaram encontrando a estrada para um vale. O local fora assinalado no mapa por um homem agonizante, ansioso em salvar o que restava de sua alma, e apenas uma hora de trabalho foi necessária para se determinar o ponto exato. Engenheiros militares descobriram a entrada e desarmaram as armadilhas, depois acenaram para que os outros entrassem.

— Deus Todo-Poderoso! — murmurou o dr. Lowell, iluminando o compartimento às escuras com uma potente lanterna.

Os técnicos militares espalharam-se pelo compartimento, verificando os fios em cada máquina, verificando cada gaveta de cada mesa, antes de permitirem que os outros se adiantassem. Lowell começou a trabalhar. Encontrou um jogo de plantas, e levou-as para fora, a fim de examiná-las à luz do dia. Depois de quinze minutos de silêncio total, ele comentou:

— Nunca imaginei que fosse tão fácil assim. Tínhamos a ilusão de que era preciso... — Ele fez uma pausa. — Ilusão, essa é a palavra certa.

— O que está querendo dizer?

— Deveria ser um artefato de quinhentos quilotons.

— Ou seja, se tudo saísse direito, não teríamos a menor dúvida de que era coisa dos russos — disse Jack. — E ninguém poderia evitar as conseqüências. Não estaríamos aqui agora.

— Tem razão. Acho que precisamos reajustar nossas estimativas.

— Doc, encontramos uma coisa que pode ser importante — informou um oficial do exército.

O dr. Lowell entrou. Voltou um momento depois para vestir o traje protetor.

— Tão grande assim? — murmurou Golovko, olhando para as plantas.

— Eles eram muito competentes. Pode imaginar como foi difícil para mim persuadir o presidente de que... desculpe. Não fui eu, não é mesmo? Se a explosão fosse tão grande assim, até eu teria acreditado no relatório secreto.

— Que relatório? — indagou Golovko.

— Podemos tratar de um assunto particular? — pediu Jack.

— Se você quiser.

— Estão com alguém que queremos.

— Lyalin?

— O próprio.

— Ele traiu seu país. E pagará por isso.

— Em primeiro lugar, Sergei, ele jamais nos deu qualquer coisa que pudéssemos usar contra vocês. Só recebemos informações de Cardo, a rede japonesa de Lyalin. Segundo, se não fosse por ele e o que nos forneceu, talvez não estivéssemos aqui agora. Deveriam soltá-lo.

— Em troca do quê?

— Temos um agente que nos disse que Narmonov estava sendo chantageado por seus militares, e que estes usavam algumas armas nucleares táticas desaparecidas para fazer ameaças. Foi por isso que desconfiamos que a arma podia ser de vocês.

— Mas isso é uma mentira!

— Ele foi muito convincente — continuou Ryan. — Eu mesmo quase acreditei. O presidente e a doutora Elliot acreditaram, e foi

por isso que a situação se deteriorou tanto em nosso lado. Eu ficaria contente se o filho da puta pagasse por isso... mas seria trair uma confiança... Lembra-se da conversa em meu escritório, Sergei? Se quiser o nome, terá de dar alguma coisa em troca.

— Esse homem será fuzilado — prometeu Golovko.

— Não pode fazer isso.

— Por que não?

— Nós já o cortamos, e tudo o que ele fez foi mentir para nós. Se nos forneceu informações que não eram verdadeiras, isso não constitui espionagem, nem mesmo em seu país, não é? Melhor não matá-lo. Vai compreender, se chegarmos a um acordo.

O vice-presidente do KGB pensou por um momento.

— Pode ficar com Lyalin... dentro de três dias. Tem minha palavra, Jack.

— Nosso homem tinha o codinome de Vela. Oleg Kirilovich...

— Kadishev? *Kadishev!*

— Ficou desapontado? Devia ver pelo meu lado.

— É a verdade... sem qualquer jogo, Ryan?

— E a pura verdade. Tem minha palavra de honra. Eu não me importaria se ele fosse fuzilado, mas é um político, e neste caso não cometeu espionagem, não é? Façam alguma coisa criativa com ele. Por exemplo, mandem-no ser o pegador de cachorros vira-latas em algum lugar remoto.

Golovko balançou a cabeça.

— Uma boa idéia.

— É um prazer fazer negócios com você, Sergei. É uma pena a decisão sobre Lyalin.

— Como assim?

— As informações que ele nos fornecia... a nós dois... eram muito valiosas para se perder...

— Não entramos em acordos a esse ponto, Ryan, mas admiro seu senso de humor.

O dr. Lowell saiu da estrutura nesse momento, carregando um balde de chumbo.

— O que tem aí?

— Acho que é um pouco de plutônio. Querem dar uma olhada mais de perto? Podem acabar como nosso amigo em Damasco. — Lowell entregou o balde a um soldado, e acrescentou para o comandante dos técnicos militares: — Tirem tudo, encaixotem, e despachem. Quero examinar cada coisa. Não esqueçam nada.

— Certo, senhor — respondeu o coronel. — E a amostra?

Quatro horas depois eles estavam em Dimona, o centro de "pesquisa" nuclear israelense, onde havia um espectrômetro de raios gama. Enquanto os técnicos realizavam o teste, Lowell tornou a examinar as plantas, balançando a cabeça. Para Ryan, os desenhos pareciam diagramas de um chip de computador, ou qualquer outra coisa igualmente incompreensível.

— E grande e pesada. As nossas têm menos de um quarto desse tamanho... mas sabe quanto tempo levamos para construir alguma coisa com esse tamanho e potência? — Lowell levantou o rosto. — Dez anos. Eles conseguiram fazê-lo numa caverna, em cinco meses. O que acha do progresso, doutor Ryan?

— Eu não sabia. Sempre achamos que podia ser um artefato de terroristas... mas qual foi o problema?

— Provavelmente alguma coisa com o trítio. Tivemos dois chabus nos anos cinqüenta, por contaminação de hélio. Não são muitas as pessoas que sabem disso. Esse é o meu melhor palpite. O projeto precisa de uma análise adicional... vamos fazer um modelo em computador... mas à primeira vista parece muito competente... oh, obrigado.

Lowell pegou o impresso de computador do espectrômetro entregue pelo técnico israelense. Sacudiu a cabeça e murmurou:

— Rio Savannah, reator K, 1968... foi um ano excelente.

— Tem certeza?

— Absoluta. Os israelenses me informaram qual foi o tipo de arma que perderam, a massa de plutônio... e está tudo aqui. — Lowell bateu com os dedos nas plantas. — E isso é tudo.

— Até a próxima vez — murmurou Ryan.

Sempre um estudioso da lei e de sua aplicação, o vice-diretor assistente do FBI, Daniel E. Murray, acompanhou os procedimentos com interesse. Estranhou um pouco que eles usassem sacerdotes em vez de advogados, mas não fazia muita diferença. O julgamento demorou apenas um dia. Foi escrupulosamente justo e admiravelmente rápido. A sentença também não perturbou Murray.

Eles voaram para Riad no avião do príncipe Ali, deixando o transporte da força aérea americana em Beersheba. Não haveria qualquer pressa inadequada na aplicação da sentença. Tinha de haver tempo para a oração e o arrependimento, e ninguém queria dar um tratamento que fosse diferente de um caso mais corriqueiro. Também dava tempo para as pessoas sentarem e refletirem, e no caso de Ryan para passar por outra surpresa. O príncipe Ali conduziu o homem aos aposentos de Ryan.

— Sou Mahmoud Haji Daryaei — anunciou o homem, desnecessariamente. Jack conhecia aquele rosto muito bem, de sua ficha na CIA. Também sabia

que a última vez em que Daryaei falara com um americano fora no tempo em que Mohammed Reza Pahlavi ainda era o soberano do Irã.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou Ryan. Ali assumiu o encargo de intérprete entre os dois.

— É verdade? Desejo saber se é verdade o que me contaram.

— É, sim, senhor, é verdade.

— Por que eu deveria acreditar em você?

O homem beirava os setenta anos, o rosto todo enrugado, olhos pretos e irados.

— Então por que me fez a pergunta?

— A insolência não me agrada.

— Ataques contra cidadãos americanos também não me agradam — reagiu Ryan.

— Não tive nada a ver com a bomba, e você sabe disso.

— Sei agora. Posso fazer uma pergunta? Se eles lhe pedissem ajuda, você daria?

— Não.

— Por que eu deveria acreditar nisso?

— Massacrar tantas pessoas, mesmo sendo infiéis, é um crime perante Deus.

— Além disso, sabe como reagiríamos a um atentado assim.

— Acusa-me de ser capaz de tal coisa?

— Você nos acusa de tais coisas regularmente. Mas, neste caso, estava enganado.

— Você me odeia.

— Não sinto nenhum amor por você — admitiu Ryan, prontamente. — E inimigo de meu país. Tem apoiado os que matam meus concidadãos. Demonstra prazer pela morte de pessoas que jamais conheceu.

— E, no entanto, recusou-se a permitir que seu presidente me matasse.

— Isso é incorreto. Recusei-me a permitir que meu presidente destruísse a cidade.

— Por quê?

— Se se considera realmente um homem de Deus, como pode fazer tal pergunta?

— Você é um descrente!

— Errado. Creio tanto quanto você, só que de uma maneira diferente. Será que somos tão diferentes assim? O príncipe Ali acha que não. A paz entre nós o assusta tanto assim? Ou teme a gratidão mais do que o ódio? Seja como for, perguntou-me por quê, e vou responder. Pediram-me que ajudasse na morte de pessoas inocentes. Eu não poderia viver com esse peso na consciência. Foi apenas isso. Mesmo a morte daqueles que eu poderia considerar descrentes. E tão difícil assim para você compreender?

O príncipe Ali fez um comentário que não se deu ao trabalho de traduzir, talvez uma citação do Corão. Parecia uma frase elegante e poética. O que quer que fosse, Daryaei acenou com a cabeça, e falou pela última vez a Ryan:

— Pensarei a respeito. Adeus.

Durling se instalou na cadeira pela primeira vez. Arnold van Damm sentou no outro lado da sala.

— Cuidou muito bem de tudo.  
— Havia outra coisa que pudéssemos fazer?  
— Acho que não. Quer dizer que é hoje?  
— É, sim.  
— Ryan é que está tratando do assunto? — perguntou Durling, olhando os sumários de situação.  
— Isso mesmo. Parecia o mais indicado.  
— Quero vê-lo assim que ele voltar.  
— Não sabia? Ele pediu demissão. A partir de hoje, está fora.  
— Essa não!  
— Ele está fora — repetiu Arnie. Durling apontou um dedo para o homem.  
— Antes de você ir embora, avise a Ryan que o quero em meu gabinete. Pois não, senhor presidente.

As execuções foram ao meio-dia, no sábado, seis dias depois da explosão da bomba. Ghosn e Qati foram levados à praça do mercado, onde uma multidão se concentrava. Concederam aos dois algum tempo para orar. Pela primeira vez Jack era o espectador de algo assim. Murray permaneceu imóvel, o rosto impassível. Clark, Chavez e mais um bando de seguranças observavam a multidão.

— Parece tão irrelevante... — murmurou Ryan, quando o evento começou.

— Mas não é — declarou o príncipe Ali, solene. — O mundo aprenderá com isso. Muitos aprenderão. E a justiça acontecendo. É a lição.

— E que lição... — Ryan virou-se para olhar seus companheiros no alto do prédio. Tivera tempo para refletir, e tudo o que via agora... era o quê? Ele não sabia. Fizera o seu trabalho, mas o que significava tudo aquilo? — A morte de sessenta mil pessoas que nunca deveriam ter morrido acaba com guerras que nunca deveriam ter ocorrido? E assim que se faz a história, Ali?

— Todos os homens morrem, Jack. *Insh-Alá*, nunca mais em números tão grandes. Você evitou que algo pior acontecesse. Pelo que fez, meu amigo... que as bênçãos de Deus o acompanhem.

— Eu teria confirmado a ordem de lançamento — admitiu Avi, a voz constrangida em sua franqueza. — E depois? Teria estourado os miolos? Quem pode saber? De uma coisa tenho certeza: eu não teria a coragem para dizer não.

— Nem eu — acrescentou Golovko.

Ryan não disse nada, enquanto tornava a olhar para a praça. Perdera a primeira execução, mas tudo bem.

Mesmo Qati sabendo o que estava para ocorrer, não fez diferença. Como acontece com tantas coisas na vida, tudo foi controlado pelo reflexo. Um soldado espetou seu flanco com uma espada, apenas o suficiente para arranhar a pele. No mesmo instante, Qati arqueou as costas, o pescoço estendeu-se, numa contração involuntária. O capitão das forças especiais sauditas já começara a baixar a espada. Ele devia ter praticado, refletiu Jack, um momento depois, porque a cabeça de Qati foi cortada com um único golpe. Caiu a cerca de um metro de distância, e depois o corpo arriou, o sangue esguichando dos vasos abertos. Ryan ainda pôde observar os braços e pernas se contraindo contra as cordas, mas isso também era puro reflexo. O sangue era bombeado para fora do corpo num ritmo firme, enquanto o coração de Qati continuava a funcionar, empenhando-se em preservar uma vida que já acabara. Ao final, isso também parou, e tudo o que restava de Qati eram partes separadas e uma mancha escura no solo. O capitão saudita limpou a espada no que parecia ser uma peça de seda, guardou-a na bainha de ouro, e se afastou por uma passagem aberta pela multidão.

As pessoas não exultavam. Na verdade, não havia qualquer ruído. Talvez um suspiro coletivo, algumas orações murmuradas pelos mais devotos entre os presentes; por que almas aquelas orações eram oferecidas, só aquelas pessoas e seu Deus podiam saber. Os que estavam na primeira fila começaram a se retirar. Uns poucos que não haviam conseguido ver direito o evento chegaram à cerca para dar uma olhada, mas ali permaneceram apenas por um instante, antes de irem embora. Depois do intervalo prescrito, as partes do corpo seriam recolhidas e teriam um sepultamento apropriado, de acordo com a religião que ambos haviam profanado.



Jack não sabia que emoção deveria sentir. Já vira demais a morte. E sabia disso. Mas aquelas mortes não afetavam seu coração, e agora ele especulou e se preocupou um pouco com isso.

— Perguntou-me como se faz a história, Jack — disse Ali. — Pois acaba de testemunhar.

— Como assim?

— Não precisa que lhe expliquemos — respondeu Golovko.

*Os homens que iniciaram uma guerra, ou tentaram, executados como criminosos na praça do mercado, pensou Jack. Não era um mau precedente.*

— Talvez você tenha razão, talvez isso faça com que as pessoas pensem duas vezes, antes de tentarem de novo.

*Essa é uma idéia cujo momento chegou.*

— Em todos os nossos países — disse Ali —, a espada é o símbolo da justiça... talvez um anacronismo, de uma época em que os homens agiam como homens. Mas uma espada ainda tem sua utilidade.

— E precisa, sem dúvida — comentou Golovko.

— Quer dizer que deixou mesmo o serviço do governo, Jack? indagou Ali, depois de um momento.

Ryan virou-se, desviando o olhar da cena, como todos os outros.

— E verdade, Alteza.

— E, portanto, aquelas tolas leis de "ética" não mais se aplicam. Ótimo. Ali voltou-se para o outro lado. O oficial das forças especiais apareceu como se fosse por um passe de mágica. A saudação que ofereceu ao príncipe Ali era do tipo que deixaria Kipling impressionado. A espada foi estendida. A bainha era de ouro, incrustada com pedras preciosas. O punho era de ouro e marfim, e podia-se perceber que algumas partes haviam sido desgastadas por gerações de mãos poderosas. Era com certeza a arma de um rei.

— Esta espada tem trezentos anos — declarou Ali, tornando a virar-se para Ryan. — Foi empunhada na guerra e na paz por meus ancestrais. Tem até um nome... "Brisa Noturna" é a melhor tradução que posso fazer. Significa mais do que isso, é claro. Gostaríamos que ficasse com ela, doutor Ryan, como uma lembrança daqueles que

morreram... e daqueles que não morreram por sua causa. Sua Majestade acha que a espada já matou gente demais.

Ryan pegou a cimitarra que o príncipe lhe estendia. A bainha de ouro estava lascada de gerações de tempestades de areia e batalhas, mas Ryan constatou que seu reflexo não era tão horrivelmente distorcido como poderia rezear. A lâmina, ele descobriu, ao puxá-la parcialmente da bainha, era brilhante como um espelho, ainda ondulada do trabalho do ferreiro de Damasco que moldara o aço para aquele propósito terrível e eficaz. Era uma dicotomia, pensou Ryan, sorrindo sem saber, que algo tão bonito pudesse ter um propósito tão terrível. Uma ironia. E, no entanto...

Ele guardaria a espada, seria pendurada num lugar de honra, de vez em quando a olharia, a fim de se lembrar o que ele e aquela espada haviam feito. E talvez...

— Já matou o suficiente? — Ryan tornou a empurrar a espada para a bainha, deixou-a cair a seu lado. — E verdade, Alteza. Acho que isso acontece com todos nós.

# POSFÁCIO

Agora que já contei a história, algumas coisas precisam ser esclarecidas. Todo o material neste romance relacionado com tecnologia e fabricação de armas pode ser encontrado facilmente em dezenas de livros. Por motivos que espero sejam óbvios para o leitor, certos detalhes técnicos foram alterados, sacrificando a plausibilidade no interesse da obscuridade. Isso foi feito para salvar minha consciência, não em qualquer expectativa razoável de que possa fazer alguma diferença.

O Projeto Manhattan, na Segunda Guerra Mundial, ainda representa a mais extraordinária congregação de talento científico na história humana, jamais igualado, e algo que talvez nunca venha a ser superado. O projeto extremamente dispendioso abriu novas áreas científicas e produziu numerosas descobertas adicionais. A moderna teoria do computador, por exemplo, surgiu em grande parte da pesquisa relacionada com a bomba, e os primeiros computadores, com uma enorme estrutura, foram usados principalmente para projetar a arma.

Fiquei primeiro perplexo, depois atordoado, quando minha pesquisa revelou como a execução de tal projeto pode ser fácil hoje. Sabe-se, de um modo geral, que os segredos nucleares não são tão seguros quanto gostaríamos — na verdade, a situação é pior do que até mesmo as pessoas bem-informadas podem avaliar. O que exigiu bilhões de dólares na década de 1940, é muito mais barato hoje. Um moderno computador pessoal tem mais potência e confiabilidade do que o primeiro Eniac, e os "hydrocodes" que permitem a um computador testar e confirmar o projeto de uma arma são duplicados com facilidade. As máquinas operatrizes usadas para a fabricação de componentes estão disponíveis para qualquer um. Quando pedi expressamente as especificações das próprias máquinas usadas em Oak Ridge e outros lugares, recebi todas as informações no dia seguinte. Alguns componentes de alta especialização, projetados expressamente para a fabricação da bomba, podem ser encontrados agora em alto-falantes de aparelhos estereofônicos. O fato puro e simples é que um indivíduo bastante

rico poderia, ao longo de um período de cinco a dez anos, produzir um artefato nuclear de múltiplos estágios. A ciência está toda no domínio público, e permite apenas uns poucos segredos.

O lançamento de tal artefato é brincadeira de criança. Eu poderia basear essa declaração em "amplas conversas" com várias agências policiais e de segurança, mas não leva muito tempo para uma pessoa dizer: "Está brincando?" Ouvi essa frase mais de uma vez. Provavelmente nenhum país — e com certeza nenhuma democracia liberal — pode garantir suas fronteiras contra tal ameaça.

Portanto, é esse o problema. Qual pode ser a solução? Para começar, os controles internacionais sobre o tráfego de materiais nucleares e sua tecnologia devem ser mais eficazes do que a piada que constituem no momento. As armas nucleares não podem ser desinventadas, e pessoalmente acho que a energia nuclear é uma alternativa segura e ecológica ao uso de combustíveis fósseis, mas qualquer instrumento deve ser usado com cuidado, e este instrumento permite abusos terríveis demais para que possamos ignorá-los.

— *Peregrine Cliff*, fevereiro de 1991.